CANCIONEIRO DA AJUDA

EDIÇÃO CRITICA E COMMENTADA

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS
DOUTORA EM PHILOSOPHIA (Hon. caus.).

VOLUME II

INVESTIGAÇOES BIBLIOGRAPHICAS, BIOGRAPHICAS
E HISTORICO-LITTERARIAS.

HALLE A. S.
MAX NIEMEYER
1904.

A

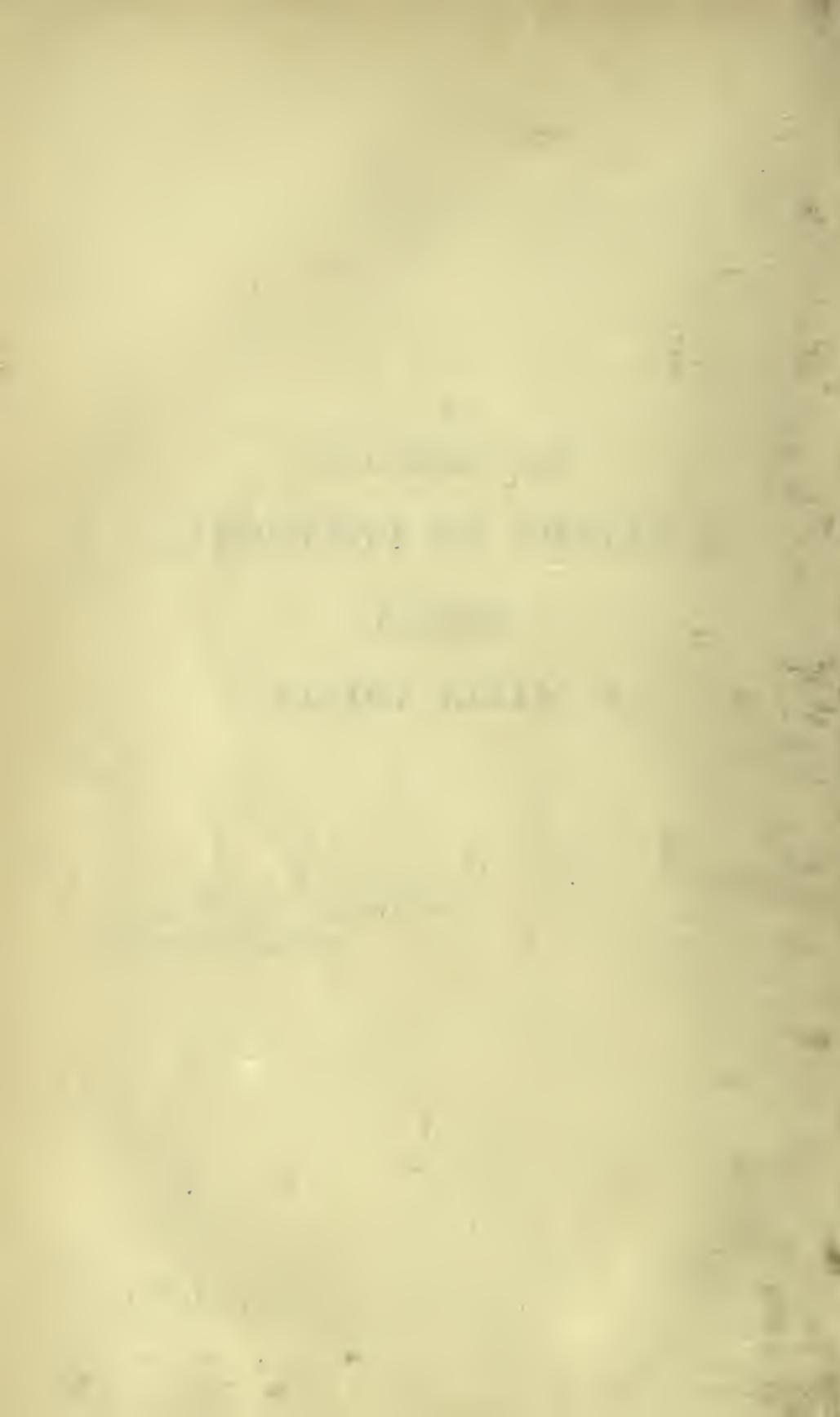
SUA MAJESTADE

A RAINHA DE PORTUGAL,

SENHORA

D. MARIA AMELIA

COMO PROVA DO MAIS PROFUNDO
RESPEITO E GRATIDÃO

A AUTORA.

Resenha Bibliographica.

Suum cuique.

O Cancioneiro que publico em edição critica, precioso documento da historia social e litteraria da peninsula nos sec. XIII e XIV, já foi impresso. Coube-lhe até a vantagem de ser o primeiro entre os escriptos medievaes portugueses, tirados a lume na fecunda revisão das litteraturas romanicas, iniciada no 1° quartel d'este seculo. Da edição feita em 1823, e de outra posterior, occuparam-se numerosos e illustres escriptores, entre nacionaes e estrangeiros, que todos reconheceram nas poesias que encerra, o estylo dos trovadores provençaes. Todos foram tambem unanimes em referí-los á primeira época da litteratura, chamada Era de D. Denis, unico monarca a respeito do qual sempre tinham corrido vagos boatos litterarios.

Sobre os limites d'essa era, o auctor ou os auctores do Cancioneiro, suscitou-se todavia longa e douta controversia, de curiosa evolução, visto que os litigantes tiveram de modificar as suas opiniões, á medida que foram surgindo, de 1843 para cá, noticias pormenorizadas sobre outras collecções de versos gallaïco-portugueses, descobertas na Italia e que derramaram luz cada vez mais intensa sobre os textos da compilação anonyma.

Cumpre-me por isso principiar, registando as publicações mais notaveis, relativas a todos esses monumentos, para melhor orientação do leitor, e dar conta, resumidamente, tanto dos serviços prestados, como dos pareceres emittidos por mestres como Raynouard e Diez, e eruditos eminentes como Bellermann, Varnhagen, Wolf, Storck; João Pedro Ribeiro, Ribeiro dos Santos, Rivara, Alexandre Herculano, F. Adolpho Coelho, Theophilo Braga; Ernesto Monaci, Cesare de Lollis; Paul Meyer, Alfred Jeanroy; Henry R. Lang, e varios outros, que se occuparam dos trovadores de cá. A fim de não inculcar ideias menos exactas na mente de quem me lêr,

preferi todavia dar a esta exposição caracter não meramente pragmatico.

Por conveniencia practica poderiamos dividir a historia da exploração em tres periodos. O 1° abrange quasi meio seculo, de 1800—1849; o 2do alcança até 1875; o 3° deverá expirar no anno em que sahirem estas paginas.

§ 2. Completamente occulto por espaço de seculos, e encoberto mesmo depois de haver dado entrada numa bibliotheca official da metropole, a do Real Collegio dos Nobres, o vetusto monumento foi tirado do seu esconderijo no começo do nosso seculo por um intelligente reitor d'aquella casa, e do Conselho de S. M.

Ao Dr. Ricardo Raymundo Nogueira, lente jubilado na faculdade de leis e homem de grande influencia, por ter sido um dos governadores de Portugal, emquanto D. João VI, assustado com a invasão napoleonica, estacionava no Rio de Janeiro, cabe o merito de haver chamado, com fervor desinteressado, a attenção dos circulos mais cultos de Lisboa, i. é. da Academia Real das Sciencias, para estes textos de poesia vulgar. Entre os sabios e curiosos que manusearam o volume na livraria do Collegio, graças á sua obsequiosa amabilidade, nomearei apenas aquelles dois que confessaram publicamente os favores recebidos, e a elles responderam com factos.

§ 3. Foi o primeiro Antonio Ribeiro dos Santos, activo veterano das lettras (1745—1818), o qual condensou, penso que no ultimo decennio da sua vida, as suas rapidas investigações num capitulo de uma *Historia da poesia portuguesa*, trabalho de compilação que se conserva inedito na Bibliotheca Nacional de Lisboa, cujo director fôra.[1]

Do segundo, o allemão Christian Friedrich Bellermann, a quem o codice e tambem o ms. de Ribeiro dos Santos foram franqueados em 1819, terei de fallar mais tarde, porque guardou na gaveta os fructos das suas vigilias portuguesas, muito além dos classicos nove annos do poeta.

1°. A. R. dos Santos, *Memorias da Poesia em Portugal, com uma breve noticia de dous Cancioneiros até agora desconhecidos.* —

---

1) Quanto ao seu saber lingüistico bastará lembrar que, ignorando por completo o methodo scientifico, pretendia reconhecer no português um dialecto celtico moderno. Com relação ás cinco reliquias da litteratura portuguesa vid. p. 10.

4 Vol. in 4[to]. — Cap. II: *Da Poesia portuguesa no sec. XIII. Noticia de um Cancioneiro inedito.* — Antes de 1818.[1])

Neste estudo o auctor descreve rapidamente o codice, com alguns descuidos que posteriormente teem sido repetidos freqüentes vezes (como o de chamar maiuscula a lettra). Em seguida dá ideia do seu valor litterario, na previsão que não seriam inuteis as noticias que fornecia pela primeira vez. Os primeiros ramos de cada trova ou rimance são, segundo elle, menos versos do que prosa, porque não guardam regularidade alguma de medida. Parecem obra muito archaïca, pela linguagem, que é o dialecto português-galliziano, fallado na provincia de Entre Douro e Minho nos primeiros seculos da monarchia. Trazem bastantes termos e modos de dizer, extinctos de ha muito, mas de que ha exemplos no Poema do Cid, nos versos de Berceo e nas Cantigas de Alfonso o Sabio. Cotejada com a do Cancioneiro de Resende, a versificação é muito mais irregular e rude. Divisam-se nella os esboços de uma poesia nascente, producção do seculo XII ou XIII. Julga o relator que as canções são todas de um unico poeta, tambem a uma só dama que amava extremamente e de quem era mal correspondido. Fallando quasi sempre do mesmo assumpto, varia engenhosamente as suas ideias, com fecundidade de invenções. Para demonstração, Ribeiro dos Santos aproveita trechos, que parecem relacionar-se com episodios do romance do poeta: a cantiga da monja de Nogueira; as que teem allusões ás tres damas de nome Joanna, Sancha ou Maria; á filha de Dom Paay Moniz; a Santarem; á sua estada fóra de Hespanha, etc. No fim copia as poesias da 1ª e da ultima folha. Da Carta-proemio do Marquês de Santilhana ao Condestavel de Portugal, em que pela primeira vez se havia tratado da antiga lyrica peninsular[2]) e da preponderancia da Galliza na peninsula até ao sec. XII, já dissera num capitulo anterior.[3])

---

1) Bibl. Nac.: *Obras de Ribeiro dos Santos*, Vol. XIX p. 178—183. O capitulo que se refere ao segundo Cancioneiro inedito foi por mim publicado recentemente. Vid. *Uma Obra Inedita do Condestavel de Portugal*, Madrid 1899. — *Extracto del Homenaje á Menéndez y Pelayo en el año vigesimo de su profesorado. Estudios de erudicion española.* — Cf. Innoc. da Silva, *Dicc. Bibliogr.*, Vol. I p. 254 No. 1384; e 1354.

2) Vid. Cap. II 94 e Cap. V.

3) *Memorias de Litteratura*, Vol. VIII p. 246: *Da Poesia portuguesa nos sec. XII e XIII.* — Contém noções justas, de mistura com apreciações falsas.

§ 4. É desconhecida a data exacta d'este primeiro ensaio, destinado certamente a sahir nas *Memorias de Litteratura* da Academia, onde Ribeiro dos Santos, um dos socios fundadores, havia publicado varios estudos desde 1779. Ignoro por tanto se é anterior ou posterior á resolução d' este estabelecimento scientifico de publicar o Cancioneiro.

Em Junho de 1815 os academicos já tinham incumbido á commissão da lingua portuguesa, continuadora eleita do mal fadado Diccionario, a reimpressão do Cancioneiro de Resende, com a clausula estranha de, compilando-o em melhor ordem, „inserir nos logares competentes (!) as poesias do outro, mais antigo, existente na Livraria do Collegio dos Nobres", obtida a auctorização prévia do Governo.

Deu parte d' este singularissimo intento o Secretario da Academia, asseverando: „que d' estes nossos Cancioneiros e dos Romanceiros de Hespanha se vê que nenhum povo na Europa cultivou tanto e tão cedo, como o das Hespanhas, esta nova poesia de trovas e romances!" E ainda, „que D. Denis fôra pulidor e enriquecedor da lingua, compondo versos e trovas que emparelham, se não excedem as dos poetas provençaes". Vae sem dizer que o informador nunca lera uma só linha do trovador coroado, repetindo simplesmente os dizeres da fama, — deusa que os academicos de então acatavam ainda com exagerada boa fé.[1])

2°. José Bonifacio de Andrada e Silva, — *Discurso contendo a historia da Academia Real das Sciencias desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815;* em *Historia e Memorias da Acad. R. das Sciencias,* Vol. IV, Parte 2ª p. 14. — Anno 1816.[2])

§ 5. O inexequivel plano gorou-se. É verdade que a licença foi concedida. Um anno depois, na sessão publica de 24 de Junho, relatava-se que o reitor do Collegio se havia encarregado de obter a faculdade para entregar o Cancioneiro, e que o Snr. João da Cunha Taborda se offerecera para o copiar, ficando com a incumbencia de dirigir os trabalhos Joaquim José da Costa de Macedo.

3°. Francisco de Mello Franco, — *Discurso recitado etc.* em *Hist. e Mem. da Acad. R.,* Vol. V, Parte 1ª p. XXIV. — Anno de 1817.

---

1) In petto considerava muito provavelmente como trabalho individual de D. Denis o Cancioneiro do Collegio dos Nobres.

2) Nos *Discursos* anteriores não encontrei referencias ao Cancioneiro.

§ 6. Passados mais dois annos, dava-se a copia como prompta. Louvando os socios, o conferente dizia: „Já colhemos novos fructos d'este seu louvavel zelo, possuindo acabadas as copias do Cancioneiro Velho que existia (sic) na Livraria do Real Collegio dos Nobres e de que já se deu parte em outra sessão publica."

4°. J. B. de Andrada e Silva, — *Discurso historico recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1818;* em *Hist. e Mem. da Acad.,* Vol. VI, Parte 1ª p. V. — Anno 1819.

§ 7. Mas emquanto a douta corporação, em continuas mudanças de casa e vagarosos aprestes perdia não só o tempo, mas... até o treslado do codice, um nobre estrangeiro, que havia residido muitos annos em Portugal como Embaixador do governo britannico, teve influencia e curiosidade sufficiente para mandar tirar um novo treslado. Pode ser tambem que adquirisse outro, executado a pedido de um seu conterraneo, parente de Herbert Hill, membro dos mais intelligentes da feitoria inglesa de Lisboa. Fallo de Robert Southey, o notavel poeta e historiador,[1] enthusiasta pelas cousas de Portugal e Hespanha desde a sua viagem através da peninsula (1795—96).[2] Mas ainda não contente de poder incorporar um apographo do Cancioneiro na sua opulenta livraria, Lord Charles Stuart de Rothesay[3] o fez imprimir á sua custa em Paris, na typographia particular da embaixada. Está claro que sem intuito commercial. Os 25 exemplares de que dizem constava a edição, foram distribuidos entre outros tantos homens de sciencia, seus amigos de França e Portugal.[4]

5°. *Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa.* Impresso á custa de Carlos

---

1) É Grüzmacher que affirma (*Jahrbuch* VI 352) ter visto na Bibliotheca de Berlim a cópia de que Lord Stuart se serviu, tirada por ordem de Southey, ignoro quando. A acquisição foi feita provavelmente em 1855, no leilão da livraria de Lord Stuart. — Cf. Diez, *Kunst- und Hofpoesie* p. 16.

2) Sobre a descripção da sua viagem v. Foulché-Delbosc, *Revue hispanique* V, No. 208.

3) Rothsoy, Rothsey, Rothsay são formas inexactas, que occorrem freqüentemente na litteratura que historio aqui.

4) O exemplar de que me servi pertence á Bibl. Real da Ajuda. Posteriormente tive outro á mão para verificações, proveniente do espolio de um bibliophilo portuense, o Dr. Vieira Pinto, e propriedade do illustre poeta Joaquim de Araujo.

Stuart Socio da Acad. Real de Lisboa. Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britanica. Em 4to gr. — 1823.[1])

§ 8. O rarissimo volume consta de 72 folhas, sendo de preliminares e innumeradas as tres primeiras i. é. o frontispicio, uma curta *Noticia do Ms.*, e um imperfeito fac-simile. Encerram o texto as 69 que seguem, numeradas de 41—108, tendo intercalada entre a 102^a e 103^a outra que no original precedia a primeira, como folha de guarda; com mais uma, innumerada, no fim. A estranha paginação representa a que constituia a do Cancioneiro, precedido (como contar-se-ha) de 39 folhas de um Nobiliario e mais a folha avulsa a que acabo de referir-me.

Lord Stuart estava de fé que a reproducção manuscripta era não só integral e fidedigna, mas rigorosamente diplomatica, e tinha dado ordens para a impressão o ser tambem. Infelizmente, a realização não correspondeu por inteiro ao ideal planeado. O amanuense paleographo, encarregado da cópia (quem quer que fosse) não leu sempre bem, por não comprehender sufficientemente os textos, de modo que os crivou de erros.[2]) Tampouco imitou com rigor a disposição graphica das cantigas de sorte a produzir pelo menos um decalque materialmente fiel do Ms. De genio economico, supprimiu as paginas e meias paginas em branco, assim como os claros entre cantigas e estrophes, e transferiu fragmentos e poesias inteiras de uma columna para outra. D'este modo alterou o aspecto geral e reduziu a paginação em 7 folhas, das 75 de que então constava o velho pergaminho, (numeradas de 41—114, com exclusão das duas colladas contra a capa e que hoje estão numeradas 115 e 116). Imprimiu como principios de cantiga certos remates, originariamente providos de toadilha musical independente, que accompanham algumas composições; não reparou nas vinhetas es-

1) No catalogo da Livraria de Lord Stuart, rica de 4323 lotes, o apographo (No. 583) tem o titulo *Cancioneiro inedito em Portuguez-Galliziano que parece ser obra do sec. XIII, ms., being a faithful transcript from the original in the library of the Real Collegio dos Nobres at Lisbon.* — O exemplar impresso é No. 494. — Vid. *Catalogue of the valuable library of the late right honourable Lord Stuart de Rothesay, including many illuminated and important manuscripts, chiefly collected during many years residence as british ambassador at the courts of Lisbon, Madrid, The Hague, Paris, Vienna, St. Petersburg and Brazil, which will be sold by auction . . . . on thursday the 31st day of May 1855.*

2) Não reproduzo a lista que organizei, mas ponho-a á disposição de quem tiver interesse em vê-la.

boçadas ou projectadas, que se notam de longe em longe; e dividiu mal os grupos de poesias. D'esta arte illudiu os criticos, que da continuação quasi ininterrupta dos textos tiraram illações a favor de um só auctor. Confiados na absoluta fidelidade paleographica da reproducção, deixaram tambem d'ahi em deante de recorrer ao original!

§ 9. Eis a lista das principaes divergencias na disposição graphica e typographica:

F. 48ᵛ. — Os cinco versos collocados por Stuart na col. 2ª deviam estar na 1ª, enchendo ahi as linhas 14—30, mas com intervallos de tres, reservadas á notação musical.

F. 53. — Antes das palavras da cantiga 58 *Por Deus* haviam de estar em branco 17 linhas, destinadas para uma vinheta. O texto principia no original na linha 21. A 1ª columna termina em desanpar. A 2ª apresenta por isso um aspecto totalmente diverso: duas estrophes e meia espessas, e no fim a estrophe inicial da cantiga 59 com os intervallos competentes.

F. 53ᵛ. — Ainda aqui o agrupamento differe; não ha espaços em branco entre as coplas. A estrophe inicial do No. 60 pertence ainda á 1ª col. Antes da cantiga 61ª ha um vacuo onde caberia perfeitamente a estrophe supplementar que se encontra em outro cancioneiro português (O Cancioneiro Colocci-Brancuti).

F. 54. — Falta a indicação do espaço reservado para a vinheta.

F. 54ᵛ. — Esta meia-folha devia estar vazia. —

De 54ᵛ a 64ᵛ temos portanto um adiantamento de meia-folha.

F. 55. — Não se apontou a existencia da vinheta. —

De 65 a 75 lavra differença na importancia de uma folha inteira, por Lord Stuart não têr deixado em branco o verso da f. 65.

De 75 a 78 ha differença na importancia de folha e meia pela mesma razão: a f. 76ᵛ está em branco no original.

De 78ᵛ a 81 ha differença de duas folhas, porque 80ʳ está em branco no original.

De 81ᵛ a 84 a differença é de tres, por 83ᵛ e 84ʳ estarem em branco no original.

De 84ᵛ a 85ᵛ ella é de tres e meia, por 87ᵛ estar em branco; na 86ᵛ de quattro, por 88ᵛ estar em branco; de 86ᵛ a 89ᵛ de $4^1/_2$ por 90ᵛ estar em branco; de 90 a 94 de cinco, por causa de 94ᵛ; de 94ᵛ a 100 de $5^1/_2$ por causa de 99ᵛ; de 100ᵛ a 103ᵛ de seis por causa de 103; de 104 a 108 de $6^1/_2$ por causa de 109; em

108^{v} de 7 por 114^{v} estar em branco. A ultima folha innumerada (a 116^{a}) foi descollada da pasta direita, á qual servira de forro. A 115^{a}, pegada na outra metade da pasta, não foi aproveitada para a edição.

A lista junta dará ao leitor ideia mais adequada das alterações numericas:

Num. de Stuart	Num. do original	Num. de Stuart	Num. do original	Num. de Stuart	Num. do original
41	41	64	v	87	91^{v}
v	v	v	65	v	92
42	42	65	66	88	v
v	v	v	v	v	93
43	43	66	67	89	93^{v}
v	v	v	v	v	94
44	44	67	68	90	95
v	v	v	v	v	v
45	45	68	69	91	96
v	v	v	v	v	v
46	46	69	70	92	97
v	v	v	v	v	v
47	47	70	71	93	98
v	v	v	v	v	v
48	48	71	72	94	99
v	v	v	v	v	100
49	49	72	73	95	v
v	v	v	v	v	101
50	50	73	74	96	v
v	v	v	v	v	102
51	51	74	75	97	v
v	v	v	v	v	102^{a}
52	52	75	76	98	v
v	v	v	77	v	103
53	53	76	v	99	v
v	v	v	78	v	104
54	54	77	v	100	v
v	55	v	79	v	105^{v}
55	v	78	v	101	106
v	56	v	80	v	v
56	v	79	81	102	107
v	57	v	v	v	v
57	v	80	82	103	108
v	58	v	v	v	v
58	v	81	83	104	109^{v}
v	59	v	84^{v}	v	110
59	v	82	85	105	110^{v}
v	60	v	v	v	111
60	v	83	86	106	v
v	61	v	v	v	112
61	v	84	87	107	v
v	62	v	88	v	113
62	v	85	v	108	v
v	63	v	89	v	114
63	v	86	90	109	116
v	64	v	91		

§ 10. O prefacio informa incompletamente e nem sempre seguramente sobre o codice, cingindo-se, como o leitor reconhecerá, em alguns pontos ás opiniões de Ribeiro dos Santos, que não nomeia. Diz que o Cancioneiro está interpolado: começando de apparecer na primeira folha, como parte de obra antecedente (quer dizer que principia com a folha numerada 102ª)[1]) é logo interrompido por um Nobiliario que se mette de permeio,[2]) tornando a apparecer depois de elle acabado. O Cancioneiro é talvez do tempo de D. Denis, sendo o Nobiliario mais moderno. A lettra, que é maiuscula (sic), parece ser do sec. XIV ou XV. O idioma, mais antigo que os caracteres, é do sec. XIII, e decerto anterior ao reinado do monarca-trovador. As primeiras estrophes são prosa; as seguintes são realmente versos com medidas assaz certas e regulares.

§ 11. Em substituição d'esta *Noticia* (ou como *Post-scriptum*) costuma accompanhar os exemplares de Stuart uma *Advertencia*, um pouco mais extensa, impressa em 1824 ou 1825 em folha solta.[3]) Ambas são obra de um benemerito luso-francês, intelligente e sympathico industrial, que nas horas vagas se dedicava a assumptos litterarios.[4]) Socio da Academia, em cuja fundação ajudára ao Duque de Lafões, relacionado com Raynouard, cuja *Ode a Camões* traduziu, Timotheo Lecussan Verdier viveu expatriado em Paris de 1819—1823, dirigindo ahi edições de livros portugueses.

Na *Advertencia* amplia e detalha um pouco a descripção do codice, emendando tacitamente alguns erros, e repetindo outros. Do aggregado de duas obras tão diversas em assumpto e estylo, como o Nobiliario e o Cancioneiro, tira a conclusão surprehendente... que não são coevas, nem mereceram a quem as juntou egual apreço!

---

1) Affirma o editor que esta folha de guarda se acha na impressão a fol. 103. Como se vê da tabella comparativa, deveria ter dicto „depois de fol. 102 do original."

2) Diz que o Nobiliario vae de fol. 5—40. Leia-se: de fol. 2—40.

3) A noticia foi distribuida antes da transferencia do Cancioneiro para a Bibliotheca da Ajuda.

4) Vid. *Panorama*, 2ª Serie; Vol. I p. 407; *Dicc. Bibliogr.* de Inn. da Silva Vol. II p. 317 e Vol. VII p. 370—374; Visconde de Juromenha, *Obras de Camões*, Vol. I p. 213; e principalmente *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias* 1849 p. 50. Ahi se affirmou perante a Academia inteira que Lord Stuart aproveitou os talentos e conhecimentos da lingua portuguesa de que dispunha o francês Lecussan Verdier,

Algumas poucas canções parecem vertidas de trovas provençaes. Na linguagem encontram-se gallicismos. O metro predominante prova que Faria e Sousa tinha plena razão ao insurgir-se contra os que reivindicavam para o quinhentista Garcilasso a introducção dos hendecasyllabos na peninsula. Aponta para as notas ao Nobiliario do Conde de Barcellos, nas quaes o mesmo polygrapho chamára em 1646 (Madrid) a attenção do publico para seis trovadores, mencionados naquellas prosas antigas „de quasi 400 annos uns, e de mais de 300 outros".[1])

Allega que muito mais antigos eram os versos de *Gonçalo Hermigues,* excellente poeta português, que florescia pelos annos de Christo 1090. Infeliz lembrança, porque aquella daninha entidade legendaria (de braço dado com *Egas Moniz, Mendo Vasques de Briteiros,* e mais personagens fabulosas, em cujo nome os falsarios do »tempo das mudanças« haviam espalhado metros, rimas, vocabulos e pensamentos estupendos) tornou a levantar a cabeça com dobrado arrojo, desde que pelo cancioneiro ficou provada a existencia d'aquella antiga poesia gallaïco-portuguesa, a cujas invenções subtis e graciosas palavras o Marquês de Santilhana se referira no sec. XV.[2])

§ 12. Os artigos dedidados por sabios forasteiros e nacionaes á publicação de Lord Stuart, dos quaes tenho noticia, são os seguintes:

6°. Raynouard no *Journal des Savants* p. 485—495 do mes de Agosto de 1825.

7°. Diez na Revista *Berliner Jahrbücher für wissenschaftliche Kritik.* No. 21 e 22. — Fevereiro de 1830.

8°. João Pedro Ribeiro, *Reflexões filologicas.* No. 2 p. 5. Coimbra 1835; e No. 5 p. 18. 1836.

---

1) Vid. Cap. V.

2) O principal culpado foi por ventura Ribeiro dos Santos. Tendo se occupado longamente d' estas reliquias apocryphas em cuja authenticidade acredita, as commentou „com muita erudição" numa das suas Memorias: *Dos mais antigos monumentos da poesia portugueza nos sec. XII e XIII.* no *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras.* Vol. 1836, No. 2. Rivara enalteceu-as, no *Panorama,* 2ᵈᵃ Serie, Vol. I p. 406. Costa e Silva no seu *Ensaio* tece elogios a algumas, regeitando outras. Th. Braga defendeu-as repetidas vezes de 1867 até hoje, introduzindo-as no seu Cancioneiro popular. E ainda neste anno de Jesu-Christo continuam em Portugal e Galliza a impôl-as á devoção dos leigos, em livros de instrucção official e extra-official. A critica illustrada de J. Pedro Ribeiro, Diez e alguns outros sabios ainda não surtiu effeito. Por isso mesmo é dever meu tornar sempre de novo ao assumpto.

9°. Joaq. H. da Cunha Rivara, no *Panorama*, 2^da^ Serie. Vol. I p. 406. Lisboa 1842.

10°. J. da Cunha Neves Carvalho Portugal, *Noticias de alguns trovadores portugueses e gallegos nos primeiros seculos da monarchia e de suas poesias, considerados como elementos de progresso*, no *Panorama*, 2^da^ Serie. Vol. III p. 72—78 e 325—340. — Anno 1844.[1])

§ 13. O precursor de Diez restringiu-se a accentuar a importancia lingüistica e litteraria dos novos textos romanicos, considerando-os anteriores ao Conde de Barcellos, e muito provavelmente da época de D. Denis.

§ 14. O mestre, a cujo alcance não estava nenhum dos exemplares (a ponto de se vêr obrigado a mandar tirar um treslado sobre o de Raynouard) baseando-se na notavel monotonia das 260 canções, suppõe, como Ribeiro dos Santos, que todas seriam de um só auctor, cujo nome, inscripto no principio do codice, se perdeu. Se fossem varios os poetas, encontrariamos seus nomes á frente do cancioneiro parcial de cada um, tal qual acontece nas compilações da Provença e Allemanha e nos cancioneiros peninsulares dos seculos XV e XVI. Diez aventa ainda a hypothese que o auctor seria o Joan Coelho, nomeado em uma das trovas;[2]) e refere certa allusão a um Rei de Castella e Leon[3]) a Alfonso X., o liberal fautor da musa provençalesca.

§ 15. Á primeira these sobre a unidade das cantigas adheriu o auctor das *Dissertações chronologicas*, dirigindo, além d'isso, observações sensatas sobre a importancia do cancioneiro aos continuadores do Diccionario da Academia. Distinguindo entre a idade do pergaminho, que suppõe do sec. XIV, e a do auctor, que colloca no sec. XIII, João Pedro Ribeiro fixa as datas 1230—1252, por julgar devam referir-se a Fernando III. as allusões ao soberano de Castella e Leon. Aponta concordancias entre o vocabulario das trovas e os documentos do reinado de Affonso III. e propõe uma

---

1) Desconheço um artigo do grande romancista e diplomata hespanhol D. Juan Valera que dizem escripto em 1827. Tambem não vi outro de Silva Leal, datado de 1843 que encontrei citado. Villemain no *Cours de littérature française*, Bruxelles 1840 (p. 677) suppõe o Cancioneiro descoberto por Lord Stuart na Bibliotheca de Coimbra! Ainda ha mais vestigios do interesse que a publicação despertou entre os cultores das lettras como p. ex. a Carta do Bispo-Conde Fr. Francisco de S. Luiz ao Dr. Ant. Nunes de Carvalho que transcrevo nos *Documentos*.

2) **CA 89.**

3) **CA 256.**

serie de emendas. Com todo o direito taxa de mediocre paleographo o que transcreveu o texto a favor de Lord Stuart.

§ 16. Rivara, o activo director da Bibliotheca Eborense, adopta o mesmo parecer. Conta que houve quem reparasse no titulo *Cancioneiro*, como improprio para obra de um unico auctor. Prova que certas palavras archaïcas, como chus (= plus), freqüentes ainda em escripturas do principio do sec. XIV, não se encontram facilmente depois de 1330. E faz-se eco da opinião geral que lamentava a raridade da edição privilegiada e a nimia fidelidade da reproducção, censurando o editor por ter conservado todas as abbreviaturas e não separar palavras conjugadas, nem ligar as que andavam repartidas em syllabas, para a solfa, embaraçando d'este modo inutilmente a leitura. Finalmente exprimiu o voto que outra edição substituisse de prompto aquella raridade bibliographica.

§ 17. Prestando ouvido attento a estas vozes João da Cunha Neves Portugal preparou-se a realizar o justo desejo. Estudou as litteraturas romanicas, com affinco, mas naturalmente sem conhecimento bastante dos problemas philologicos e litterarios.[1]) No seu ensaio disserta tanto sobre a origem commum como sobre a admiravel semilhança das linguas neo-latinas. Apresenta amostras poeticas das principaes, comparando-as com algumas das trovas gallaïco-portuguesas. Com relação á idade do Cancioneiro, declarado por Verdier muito anterior ao Conde D. Pedro de Barcellos, tanto pela linguagem como pelo estylo e metros, conclue que o auctor da collecção, ou ao menos da maior parte d'ella, com bom fundamento se podia suppôr do tempo de Sancho I de Portugal.

§ 18. Além d'estes estudos impressos existe outro inedito que merece registar-se, escripto entre 1825 e 1847,[2]) por D. João da Annunciada († 1847).

11°. D. João da Annunciada, *Historia da Litteratura poetica portugueza desde as origens até Miguel do Couto Guerreiro.* — Ms. da Bibl. d'Evora, 556 pag. in 4to. Vid. Cap. XXVIII p. 150—194. — Escripto entre os annos de 1825 e 1847.

Conego regrante de S^{to} Agostinho, e depois da extincção das ordens monasticas conego da Sé de Evora,[3]) este erudito muito

1) Tambem presta fé á authenticidade dos versos de Gonçalo Hermigues.

2) Devo o conhecimento d'este trabalho ao meu bom amigo o Dr. J. Leite de Vasconcellos que o descobriu na Bibl. de Evora em Maio de 1899.

3) Inn. da Silva, *Diccionario Bibliographico.* Vol. III p. 285.

relacionado com Lord Stuart (que antes de embarcar para o Brasil lhe deu, em mão propria, um exemplar da edição), e tambem com Raynouard, o qual lhe enviava as suas obras — escreveu um extenso tratado de litteratura patria. Um dos capitulos é uma dissertação sobre o Cancioneiro. Alli discute o titulo, assentando que, visto o gallego e o português pouco ou nada terem differido entre si até ao sec. XIV, tanto lhe convinha a epigraphe *Cancioneiro português-galliziano*, como a de *Cancioneiro galliziano-português*, mas que o mais apropriado seria: *Gaia-Sciencia dos trovadores portugueses*. Quanto ás obscuridades do texto separa as materiaes (como divisão de conglomerados graphicos de palavras, orthographia, ponctuação, hyphens etc.) das de ordem syntactica, de estylo e de lexico. Offerece em seguida a interpretação de 400 vocabulos e expressões, coordenadas alphabeticamente, acertando umas vezes e outras não.[1]) Com relação ao assumpto, caracteriza o cancioneiro num estylo bastante retorcido como pobrissimo de ideias, falto de conhecimentos, quanto pode ser.

»*Nenhum facto historico, sagrado ou profano, nem descripção geographica, nem allusão mythologica alli se encontra; todo elle consiste num dizer repetido, intimado, paraphraseado de mil formas e maneiras; o desprezo da dama é o maior tormento do amante porque o amor pelo bem amado cresce no amante á medida das suas prendas; a desconfiança ou receio de o não gozar augmenta a violencia do sentimento. Não valem amigos; a existencia torna-se dura, a morte suave; quer-se ser insensivel, porém o bom parecer da dama o não permitte, quer-se morrer, mas não se pode; d'aqui as invectivas contra Amor, as maldições ao dia em que se foi nado, ao dia em que primeiro se viu a dama e ella agradou; d'aqui os desejos de ensandecer, as blasfemias contra Deus que não tem poder sobre as vontades; d'aqui finalmente a necessidade de se ter odio a si proprio por se ver desamado.*«

Suppõe que não seriam muitos os auctores do Cancioneiro, mas um só, e natural de Portugal por causa das allusões geographicas a Santa Vaia, a Maia, o Porto, Villa Nova de Gaia. Inclina-se

---

1) Eis alguns exemplos: *beeyga*, composto de *bem* e *igar* = *iguala!* — *cha*, o mesmo que *ca!* — *endoado*, dorido, sentido; usa Jorge Ferreira! — *fiuz*, confiança; mui usada! — *sentirigo*, ou he palavra imaginada ou sinonimo de Santarem!

a crêr que esse auctor unico fosse o trovador João Soares de Paiva, da era de 1230.

§ 19. Devemos um logar á parte ao já mencionado Christiano Frederico Bellermann por ter colhido os materiaes para o seu importante estudo sobre os velhos cancioneiros portuguêses nos proprios manuscriptos e em impressões raras, durante a sua estada em Portugal de 1818—1825.

12º. Dr. Christian Friedrich Bellermann, *Die alten Liederbücher der Portugiesen oder Beiträge zur Geschichte der portugiesischen Poesie vom 13. bis zum Anfang des 16. Jahrhunderts nebst Proben aus Handschriften und alten Drucken.* — Berlin 1840.[1])

No juizo que formula sobre o valor artistico da obra, preciosa, sim, mas que ainda assim não nos indemniza senão muito imperfeitamente dos Cancioneiros perdidos de D. Denis e seus cortesãos, documenta tino critico e fervorosa sympathia. E diz:

»*Nestas cantigas não ha vestigio d'aquella lucta entre o raciocinio frio e a paixão amorosa que se nota posteriormente em tantas poesias peninsulares, lucta na qual o namorado acaba sempre por sacrificar o melhor do seu sentimento ás subtilezas da razão. Para o nosso poeta o amor é o que existe de mais sagrado e sublime; não se revolta contra o seu poderio, posto que por elle soffra e morra. Por isso mesmo os seus versos parecem nascer de sentimentos reaes .... Apesar de uma grande monotonia, ha ahi verdadeira e intima poesia affectiva, que brota de um coração commovido,*[2]) *o que lhes dá certa vehemencia que se impõe, um valor duradouro e a primazia sobre as composições lyricas, recolhidas nos cancioneiros impressos da peninsula.*«

Bellermann reproduz 21 poesias, em lição critica geralmente boa, traduzindo quatro, lindamente.[3]) Como se vê da passagem citada, estava persuadido, como os mais, que um unico poeta foi auctor de todas ou quasi todas as trovas. Em harmonia com Ribeiro dos Santos tenta reconstruir a historia do namorado, juntando todas as allusões e referencias a localidades peninsulares, pondo porém de parte, como não pertencentes ao cyclo principal, i. é. ao romance do auctor, alguns versos alegres e os que se referem a certa

---

1) Vid. p. 8—14; 46—47 e 55.

2) O sublinhado é meu.

3) As poesias traduzidas estão na nossa edição numeradas 189, 99, 275 e 91; as simplesmente transcriptas: 137, 48, 295, 236, 247, 181, 251, 33, 256, 198, 243, 110, 116, 269, 47, 183, 306.

D. Leonor.[1]) Collocando-o na segunda metade do sec. XIII frisa a imitação provençal de que é prova segura o decasyllabo jambico. Fallando do Conde de Barcellos, aventa, mas regeita como indecisa a hypothese, suscitada naturalmente pela juncção do Cancioneiro com o Nobiliario e pela menção do logar Barcellos em uma das Cantigas.[2]) Recorda tambem o trovador gallego João Soares de Paiva, a cujos amores infelizes com uma infanta de Portugal o Marquês de Santilhana havia alludido; sem comtudo pretender identificá-lo com o auctor das cantigas.

Na descripção do codice affasta-se um tanto (não muito) de Ribeiro dos Santos e Lecussan Verdier. É, por exemplo, o primeiro que menciona as miniaturas e vinhetas.[3]) Ao propagar a falsa noticia sobre a lettra maiuscula do codice, fiou-se (supponho eu) mais nas indicações alheias, impressas, do que na sua memoria e mesmo nos apontamentos por elle proprio colhidos, vinte annos antes.[4]) E tal reserva comprehende-se.

§ 20. Sobre este trabalho consciencioso baseia-se um estudo notavel de Fernando Wolf, o principe dos hispanizantes de então, o qual por meio de uma conjectura suggestiva, ahi enunciada, veio a ser o iniciador de um novo periodo de investigações, muito mais fecundo que o primeiro.

13°. Ferdinand Wolf, em *Hallische Litteratur-Zeitung* No. 87—91 (i. é. Vol. II p. 82—86, 89—112, 117—120); e *Nachschrift* a col. 214—216 da Miscellanea do dito jornal.[5])

Foi no Post-Scriptum que o sabio Viennense, fundando-se nos famigerados dizeres de Duarte Nunes de Leão sobre a actividade litteraria de D. Denis e sobre o achado, em Roma, no sec. XVI de um Cancioneiro com obras do monarca, accentuou a urgencia de se fazerem buscas na Bibliotheca do Vaticano, dizeres aos quaes

---

1) **CA 198** *Por Deus! ay Dona Leonor.*

2) **CA 236.**

3) Vid. von Schack, *Geschichte der dramatischen Litteratur und Kunst in Spanien*, Vol. I p. 96.

4) Creio que o estudo foi redigido com bastante antecedencia a 1840. Pelo menos Bellermann não estava informado da suppressão do Collegio dos Nobres, nem da transferencia do Codice, nem ainda do achado das folhas soltas em Evora. O projecto da Academia, de publicar o Cancioneiro, a que elle se refere, deve portanto ser o de 1814.

5) O artigo de Wolf foi traduzido por Edelstand du Méril no *Journal des Savants de Normandie* p. 30—51 e 79—95.

Bellermann havia vagamente alludido na sua memoria, e que terei de transcrever mais tarde.[1])

§ 21. O illustre slavista Kopitar encarregou-se, a pedido de Wolf, de promover essas pesquisas, mas como, executadas frouxamente pelos empregados do Vaticano, não surtissem o effeito desejado, fallou do seu proposito e das suas tentativas infructuosas a um franciscano português, o Padre J. I. Roquete. Este, valendo-se da influencia de outro Embaixador português, o Visconde da Carreira, conseguiu que os Custodes, renovando a campanha com mais interesse, descubrissem o importantissimo codice 4803, um verdadeiro thesouro, no qual, a par do Cancioneiro procurado de D. Denis, surgia, em torno do monarca, uma pleiada brilhante de mais de 100 poetas, com um peculio de 1200 e tantas poesias gallaïco-portuguesas.[2])

Parece que Wolf planeou editá-lo. Adolpho Tobler, então um novel romanista, mas de ha muito uma das glorias mais resplandescentes da nova sciencia, coordenou logo a lista dos trovadores, a instancias do professor de Vienna, penso que em 1847.

§ 22. Mas antes que este chegasse a realizar o seu intento, um brasileiro, bem recommendado, conseguiu por empenhos diplomaticos que lhe fossem extractadas as poesias de D. Denis, o melhor e mais fecundo dos poetas ahi representados, e ainda então, na mente de muitos, o primeiro que em Hespanha metrificára em rima, á imitação dos Avernos e Limosinos.

14º. Dr. Caetano Lopes de Moura, *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz, pela primeira vez impresso sobre o manuscripto Vaticano com algumas notas illustrativas e uma prefação historico-litteraria.* — Paris, Aillaud, 1847.

A edição é defeituosissima *(in wissenschaftlicher Hinsicht sehr ärmlich)*, tão illegivel como a do Collegio dos Nobres, não só para os menos versados em paleographia. O trabalho de Caetano

---

1) Vid. § 110.

2) Pode ser que a existencia do Codice não fosse absolutamente desconhecida. A copia que possue um mysterioso Grande de Hespanha é do sec. XVIII, segundo a unica testemunha que a viu. Mas como esta, o auctor das *Trovas* e do *Cancioneirinho*, se engana freqüentemente nos seus calculos e nas suas conjecturas, a decisão resta duvidosa. Vid. *Cap. V.*

Pelo mesmo motivo teremos de pôr de remissa o que Varnhagen diz a respeito de Mayans y Siscar (ou outro bibliophilo hespanhol) no opusculo *Th. Braga e os antigos Romanceiros de Trovadores* p. 22.

Lopes de Moura, que de modo algum estava preparado para a difficil empresa, restringe-se a um punhado de notas e a uma Introducçãosinha, na verdade um pouco mais ampla e succulenta do que fôra a de Lecussan Verdier. Na impressão do texto tambem foi muito infeliz. Innumeras passagens estão faltas de sentido, de deturpadas que vão. Nem mesmo separou e numerou as poesias. A descripção do codice é pouco exacta. Sendo a lettra do principio do sec. XVI ou fins do anterior, data-a dos principios do XV, provocando d'este modo muitas conjecturas erroneas. Comprehende-se que adoptasse a ideia de possuirmos no codice vaticano se não o mesmo volume, pelo menos copia antiga d'aquelle que o Marquês de Santilhana disse haver visto, sendo moço, em casa de sua avó.

Não leu as trovas todas, mas notou varios nomes de auctores. Communica tambem alguns dados sobre D. Denis, seu pae Affonso III, e varios personagens historicos, que se distinguiram como trovadores (Fernão Fernandes Cogominho 1261; João Lobeira 1278; Diogo Lopes de Bayão 1264). Folheando o volume, descobriu uma das cantigas do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, attribuida a certo poeta, cujo nome lhe parecia ser Joan Vaz (erro por Juan Vaasques).[1])

§ 23. É natural que a descoberta do Cancioneiro da Vaticana alvoroçasse o mundo scientifico e que o eco se repercutisse no seio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tanto mais que um renascimento vivaz dos estudos historicos parecia então querer desabrochar em Portugal, sob o impulso individual mas vigoroso de um verdadeiro cultor da sciencia.

Eis os factos relativos aos Cancioneiros, que ahi tinham occorrido desde 1823, e que devo registar aqui, embora o seu verdadeiro logar seja no capitulo seguinte. Pouco depois da publicação de Lord Stuart, o governo mandou transferir o original para a Bibliotheca Real da Ajuda, onde ficou depositado e para onde mandou recolher posteriormente mais onze folhas desmembradas que appareceram em Evora. Naquelle deposito estava por tanto, quando Alexandre Herculano, ao aceitar em 1839 o cargo de Bibliothecario d'El-Rei D. Fernando, ficou incumbido de desempenhar identica funcção na Livraria da Ajuda. Debaixo da sua egide

1) **CA 242.**

começou para a maltratada reliquia, entrada finalmente em porto de salvação, apos seis seculos de abandono, um periodo de bonança e ao mesmo tempo de actividade fecunda, posto que lenta, indirecta, e exercida quasi inteiramente por forasteiros.

Além de prevenir a sua imminente e progressiva deterioração e de a tornar accessivel aos estudiosos, a medida do Governo surtiu outro efeito ideal, de maior alcance.

Desculpe o leitor se abro aqui um parenthese. Sem ella, Portugal talvez não contasse entre as suas obras-primas as *Narrativas Historicas*, o *Eurico* e o *Monge de Cister.* O torso grandioso da *Historia de Portugal*, porventura não estaria esculpido e neste caso a lingua e a litteratura do pais, vigorosamente retemperadas por essas e outras creações magistraes, executadas ou promovidas por Herculano, não seriam o que hoje são. De 1832—1851 o »mestre de todos nós«, como Oliveira Martins e Anthero de Quental costumavam appellidá-lo, teve de folhear innumeras vezes, em leitura assidua, as laudas do volume em que estão, par a par, os restos do Livro de Linhagens e o Cancioneiro, obras muito diversas, mas que se completam e explicam de um modo feliz, com relação á historia da civilização patria. Tanto para poder editar os cadastros da fidalguia nos *Monumentos historicos de Portugal,* cujo fundador e editor era, como para poder crear o romance, a novella e o conto historico, e ainda para desenhar os quadros de historia nacional até 1279, Herculano teve de arrancar os seus mais intimos arcanos a ambas as obras, compenetrando-se do espirito da Idade Media que nellas respira e falla.

Com relação aos trabalhos da Academia e em especial quanto ás publicações da secção de lingua e litteratura, é verdade que não conseguiu organizá-las, de modo a logo lhes imprimir direcção superior e fundar escola. Nas noticias que seguem neste capitulo e no seguinte, veremos todavia que nunca deixou de interessar-se pelos que tomavam sobre si o encargo de publicar o Cancioneiro e que os auxiliou sempre generosamente.

§ 24. Sob a impressão produzida pelo apparecimento do codice da Vaticana e o trabalho imperfeito de Lopes de Moura, irritada por ventura tambem por boatos surdos sobre os emprehendimentos individuaes de um energico erudito, vindo de fóra parte, o qual estava decidido a publicar com o apoio de Herculano

uma edição critica do Cancioneiro de Lisboa, e em seguida o de Roma, a illustre corporação começou a agitar-se, cogitando sobre o compromisso mallogrado de 1814. Uma sessão litteraria foi convocada para 25 de Abril de 1849. Neves Portugal formulou então uma proposta positiva para a impressão official do »texto mais valioso da litteratura patria«, declarando-a inadiavel.

15°. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, *Proposta para a impressão do antigo Cancioneiro do extincto Collegio dos Nobres*, impressa nas Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Vol. I p. 48—54. — Lisboa 1849.

Criticando mais uma vez a edição de Lord Stuart de inintelligivel pela sua fidelidade formal, e roçando pelas obscuridades do idioma mixto ou »artificialmente composto« em que, segundo elle, as trovas estão escriptas, asseverou que, tendo continuado a occupar-se da lingua e litteratura provençal e francesa, conseguira dar-lhes sentido corrente. Prometteu um glossario »razoado«, offerecendo á Academia os seus serviços para tudo o mais.

§ 25. Esta proposta havia de ser tomada em consideração logo na primeira assemblea de Effectivos. E realmente pouco mais tarde, a 16 de Maio, discutiram-na, assentando que a Classe de Sciencias moraes e bellas lettras nomeasse uma commissão, entrando o proprio auctor do plano, afim de tratarem do modo de a levar a efeito e apresentando mais tarde o seu parecer aos consocios.[1])

Em Julho (11), o director podia participar que para membros da commissão foram nomeados, além de Cunha Neves, Alexandre Herculano e o secretario perpetuo da Academia.[2]) Apos ainda meio-anno (em 19 de Dez.)[3]) . . . ficou finalmente decidido . . . copiar-se mais uma vez o manuscripto da Ajuda!

§ 26. Quando tornaram a reunir a 10 de Outubro, alguem teve de confessar tacitamente que a receada iniciativa particular havia, ainda d'esta vez, tomado a dianteira ao primeiro instituto scientifico do pais. — O innominado depositou sobre a mesa, entre outros donativos, um livrinho de apparencia muito modesta, dado á luz por Francisco Adolfo de Varnhagen, encarregado de negocios

1) *Actas das Sessões* I p. 91.
2) Ib. 239.
3) Ib. 421. Veja-se a Portaria do Governo, publicada no Diario de 15 de Agosto de 1849 (No. 191).

da legação do Brasil na côrte de Madrid.[1]) O »livrinho«, de que logo fallarei, era a ambicionada edição »critica« do Cancioneiro.

§ 27. As peripecias posteriores conservaram-se e conservam-se encobertas aos olhos dos profanos. Parece todavia que os desejos platonicos e as esperanças bretonicas de verem surgir por entre os confrades um campeão salvador não se extinguiram por completo. Da ordem de tirar copia já disse.[2]) Ha quem affirme que entre 1855 e 1865 os Academicos resolveram imprimir no Corpo historico, intitulado Portugaliæ Monumenta Historica, os antigos Cancioneiros todos, como complemento organico e imprescindivel dos Nobiliarios (publicados de 1859 a 1861),[3]) ou pelo menos o manuscripto de Roma, mas que não conseguiram obter o treslado.[4]) Segundo outros, tratava-se apenas do Cancioneiro da Ajuda,[5]) numa edição independente d'aquella magna collecção historica. Um apographo d'èst'ultimo, que existe no Archivo da Academia (de mão e lettra do benemerito paleographo João Pedro da Costa Basto) estava, dizem, destinado a este fim. Ignoro todavia, quando se tirou. Talvez perto de 1870, visto que então constava a Varnhagen[6]) haver uma sabia corporação, por todos os titulos habilitada, que se propunha editar o Cancioneiro do Vaticano, e premeditava tambem nova impressão do Cancioneiro da Ajuda.

Seguiu-se um longo silencio, interrompido só nestes ultimos annos, como contarei no fim d'esta Resenha.

O que se passou fóra do recinto do antigo convento de Jesus explica e justifica até certo ponto a inactividade dos Academicos.

---

1) *Actas das Sessões* I 297.

2) J. da Cunha Neves Portugal morreu em 1856.

3) Th. Braga numa *Proposta para a impressão dos Cancioneiros Trobadorescos Portuguezes* (No. 74 d'este elenco) affirma que a copia diplomatica do **CA**, existente na Academia, era destinada ao Corpo dos Scriptores.

4) F. A. Coelho assim o imprimiu na *Bibliographia Critica* (p. 188).

5) Veja-se o parecer de I. F. Silveira da Motta, A. C. Teixeira de Aragão, Henrique da Gama Barros sobre *a Proposta* a que alludo na nota 3. Nelle affirmam a p. 8 que nenhum dos academicos encarregados da publicação dos P. M. H. pensou em incluir os Cancioneiros na collecção, porque nenhum os considerava narrativas historicas. E de facto em 1874, a secção de Historia e Archeologia, tendo de pronunciar-se sobre aquella publicação, nem sequer fallou dos Cancioneiros.

6) Vid. §§ 38 e 39.

§ 28. O volume, depositado em 1849 na mesa da Academia, tem o titulo seguinte:

16°. *Trovas e Cantares de um Codice do XIV seculo ou antes mui provavelmente o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos.* — Com dois fac-similes. — Madrid, 339 pag. in 16°. 1849.

A Introducção (de XLII pg.) é datada de 16 de Julho do mesmo anno. Seguem as Trovas e os Cantares com numeração até 286. Um 1° Supplemento de *a—i* contém as poesias »que ficaram sem collocação, por haver duvidas para esta; ou por parecerem estranhas ao assumpto geral das outras«. Um 2do Supplemento, de *j—s*, encerra »os troços que parecem fragmentos (i. é. principios) de cantares ou que evidentemente o são.« Num 3° Suppl. de *t—z* vão incluidos »troços que manifestamente são os finaes de varios cantares«. Um *Romance do Conde de Barcellos,* da lavra de Varnhagen, forma o 1ro Appendice. O 2do consta da uma Tabella comparativa das Cantigas com os logares em que se acham na publicação de Stuart. O 3ro abrange varias composições em dialecto gallego. O 4to é um glossario de algumas vozes antiquadas. Uma advertencia final, na qual se emendam varios erros de separação das cantigas, informa que haviam de seguir-se notas elucidativas, mas que o auctor preferia reservá-las para o futuro. Segue finalmente a lista de erratas.

Bastarâ este indiculo para convencer da somma de trabalho, gasto nesta edição (que Varnhagen ainda assim chama modestamente »de ensaio e estudo«) e da sua valia superior, comparada com as publicações de Lord Stuart e Lopes de Moura.

Ás 260 Cantigas da impressão de 1823 juntara mais 42, tiradas das 11 folhas avulsas, vindas de Evora,[1]) e copiadas por Herculano. Na leitura do texto não faltam signaes de methodo critico, embora, de modo algum, se possa considerar isento de erros, ás vezes bem estranhos.[2]) O que embaraçou e em parte annullou os esforços do editor foi a ideia antiga e preconcebida de o Can-

---

1) O têrmos por junto um peculio de 312, em logar de 302 (260+42) resulta de pequenos erros de calculo de Varnhagen. A cantiga numerada 6 nas trovas é, p. ex. a f i i n d a da antecedente; e o fragmento *x.* é o final da 172.

2) A lista dos erros de leitura, que coordenei em 1877, consta de muitas centenas de exemplos. Os principaes já foram notados por Diez a p. 139—142 da obra registada aqui sob o No. 22. — Cf. Cap. III.

cioneiro ser obra de um só auctor, e todas as poesias dirigidas a uma unica dama. Collocando-se neste ponto de vista falso, mas então geralmente aceite, resolveu dar nova ordem »logica e natural« ás cantigas, a fim de reconstituir o romance do trovador. Para legitimar a ousada tentativa forjou a lenda de estarem baralhadas tumultuariamente as folhas do velho pergaminho. Um simples exame material dos cadernos e do seu nexo, feito conscienciosamente, tê-lo-hia desilludido, persuadindo-o do contrario.

Mais coherente e justificado era o presupposto que equipara o Cancioneiro da Ajuda ao Livro das Cantigas do Conde de Barcellos, visto esse livro ser, além do Cancioneiro de D. Denis e do de Alfonso o Sabio, o unico de que temos noticia antiga e authenticada. A conjectura já fôra, de resto, formulada por Bellermann, com toda a reserva; e podia-se, e ainda hoje se poderia defender, comtanto que se procure no Livro das Cantigas, não um album com versos do Conde, mas antes uma compilação feita por sua ordem e sob a sua direcção.[1] No sentido em que Varnhagen a tomava, a attribuição é fundamentalmente falsa, sendo tambem mera phantasia a identificação da supposta dama do trovador com a Rainha D. Maria, filha de Affonso IV. de Portugal e esposa do Rei de Castella Alfonso XI.

Apesar d'estes e d'outros graves defeitos, o volume de Varnhagen prestou ás lettras um serviço deveras valioso, tornando accessivel a muitos os textos de que até então haviam tido o monopolio sómente os 25 eleitos de Lord Stuart.

§ 29. Todos os que deram conta das Trovas assim o reconheceram. O primeiro artigo de que tenho noticia, sahiu num jornal pouco conhecido.

17°. *Revista popular,* Vol. II p. 201 No. 25. — Lisboa, 1849.

O anonymo auctor concede a Varnhagen largas vantagens sobre o predecessor, por apresentar bastantes versos ineditos, estando todos dispostos em melhor ordem e mais intelligiveis.

§ 30. O segundo a tomar a palavra era socio da Academia.

18°. José Maria da Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes.* Vol. I, cap. 7—9. Lisboa, 1850.

---

1) Cf. Cap. V.

Este historiador da litteratura patria aventa algumas duvidas a respeito dos novos resultados, principalmente quanto á attribuição das cantigas a um só poeta e tambem quanto á ordem dada ás trovas, mas sem bastante conhecimento de causa.[1])

§ 31. Os accrescentos promettidos por Varnhagen foram publicados ao cabo de um anno incompleto no mesmo formato e typo, como continuação do volume, e com a epigraphe seguinte:

19°. *Post Scriptum: Notas* (p. 339—368). Madrid, 1850.

Depois de novo confronto da sua impressão com o original, tendo emprehendido uma excursão á Galliza onde estudou a lingua viva, o futuro Visconde de Porto Seguro, já então socio livre da Academia,[2]) encontrava-se habilitado a emendar e explicar varias passagens. Rebate tambem as observações criticas de contradictores como Costa e Silva, tentando reforçar a sua argumentação. Refere-se á inscripção Rei D. Diniz (ou antes Rey Dõ Denis), na orla inferior do codice,[3]) que primeiro desprezára ou não vira, opinando que ella indica, não o auctor, mas o possuidor do volume, o qual portanto julga anterior ao anno 1325. Falla das 16 vinhetas (a que Bellermann se referira) sem comtudo comprehender a sua significação. E communica mais escriptos em dialecto gallego.

§ 32. A opinião geral dos Portuguezes sobre as publicações de Varnhagen acha-se condensada nos artigos do *Diccionario Bibliographico.* Segundo Innocencio da Silva o estudioso brasileiro conseguiu não só dar ás *Trovas* o agrupamento e o nexo que lhes faltam no codice original, mas illustrou este sobre todas as especies que podem interessar-nos, tornando inutil a publicação de Lord Stuart.

20°. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico portuguez,* Vol. II p. 320. Lisboa 1859.[4])

§ 33. O que de melhor se escreveu a respeito do Cancioneiro é obra de tres sabios estrangeiros: o grande hispanista austriaco Fernando Wolf; o fundador da philologia romanica, Frederico Diez; e Milá y Fontanals, o primeiro representante d'esta sciencia

1) Cf. Inn. da Silva, *Dicc. Bibl.* VII, 389.
2) *Actas das Sessões da Acad. R. das Sciencias de Lisboa,* Vol. III p. 38, 39, 40.
3) Nos Capp. III e V hei de tratar da inscripção: Rey Dõ Denis.
4) No mesmo vol. ha artigos sobre a ed. de Lord Stuart a p. 25 No. 107 e p. 317 No. 381.

na peninsula. Elles resumiram em dissertações concisas, mas substanciaes, tudo quanto os fragmentos publicados podiam revelar a mestres competentes e perspicazes sobre a actividade litteraria de Alfonso X, D. Denis e o supposto auctor do Cancioneiro da Ajuda.

21°. Ferdinand Wolf, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugicsischen National-Litteratur.* — No. IV. *Zur Geschichte der portugiesischen Litteratur im Mittelalter,* especialmente pag. 709—716. — Berlin, 1859.[1])

22°. Manuel Milá y Fontanals, *De los trovadores en España.* — Parte IV: *Influencia provençal en España.* Capitulo 3: *Trovadores gallego-portugueses* (p. 492 da 1ª e p. 521 da 2ᵈᵃ edição, a qual citarei). — Barcelona 1861.

§ 34. O artigo de Wolf é nova edição accrescentada do estudo publicado em 1843. O auctor acha quasi indubitaveis os resultados de Varnhagen e dignos de serem expostos detalhadamente ao publico allemão. — Na persuasão erronea que o Cancioneiro da Ajuda era posterior ao Cancioneiro de D. Denis[2]) estabelece que a imitação provençalesca predomina ahi, tanto no assumpto exclusivamente palaciano dos poetas que trobam d'amor por sas senhores, como no metro, decasyllabo jambico, faltando os generos semi-populares, com rhytmos de dança briosa e ligeira, que approximam os cantares de amigo de D. Denis á poesia da França do Norte e documentam ao mesmo tempo certo contacto com a musa do povo.

§ 35. O acume critico do illustre peninsular é notavel. Aproveitando, além do volume de Varnhagen, os escriptos de Bellermann, Diez e Wolf e uns artigos de Morayta sobre Alfonso o Sabio,[3]) traçou um quadro exacto, embora incompleto, da evolução da lyrica gallaïco-portuguesa desde a 2ª metade do sec. XIII até 1458. Como Wolf, distingue entre os cantares á maneira popular, de assumpto e forma pouco grave, com rimas imperfeitas (cuja analogia com a primitiva poesia do Norte da França põe em evidencia) e entre os versos palacianos com pretensões cavalheirescas que ostentam estrophes, consonancias e tornadas segundo a moda da Provença, ser-

---

1) Cf. *Jahrbuch* VI p. 99—100, onde se lê um relatorio de F. Wolf sobre o *Historia critica de la literatura española* de *A. de los Rios.* Vol. III e IV.

2) D'aqui em deante designarei o Cancioneiro da Ajuda com as siglas **CA** e o de D. Denis com as siglas **CD**.

3) Miguel Morayta occupou-se das *Cantigas de Maria* na revista denominada primeiro: *La Discusion* e mais tarde *La Razon*, Sept. e Out. de 1856. — Nunca alcancei vê-la.

vindo-se mesmo de vocabulos e modismos limosinos. Quanto aos schemas metricos, chega ao resultado que cá e lá abundam formas analogas, não sendo facil todavia achá-las completamente iguaes. Nota a gerarchia dos trovadores (na falsa fé, de resto, que tambem Affonso IV de Portugal e um seu filho, chamado D. Denis, como o avô, haviam poetado). Accentua a ausencia de toda a erudição escolastica. Com respeito ao Conde de Barcellos aceita as razões de Varnhagen por muito boas. Com criterio superior ventila finalmente o duplo problema, quaes seriam as causas que tornaram a lingua gallega vehiculo da lyrica hespanhola? e quaes as causas da existencia de uma escola poetica em Portugal, com antecedencia á castelhana, assim como da sua cultura, não sómente por gallegos e portugueses, mas tambem por castelhanos? — problema de que terei de occupar-me mais tarde, voltando então ás theorias de Milá y Fontanals.

§ 36. Segue-se um livro magistral, que todo elle versa sobre a primeira epoca da poesia palaciana em Portugal, admiravel synthese historica sobre as suas origens, sua evolução e o rasto que deixou.

23°. Friedrich Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie.* Bonn, E. Weber 1863. 142 pag.

Temos ahi a analyse cuidadosa das formas poeticas; um estudo fundamental sobre a lingua; uma fina caracterização, tanto das poesias puramente provençalescas como das de feitio popular; contribuições valiosas á critica dos textos — tudo elaborado com igual competencia. Diez aponta tambem concordancias com um poeta do Meio-Dia da França,[1]) confessando todavia não haver descoberto nem uma só trova que fosse versão integral ou imitação directa de outra estrangeira. De passagem propõe uma excellente explicação da graphia *lh*, *nh*, que Portugal, a seu vêr, adoptou dos provençaes.

Quanto ao nosso Cancioneiro mostra que dois versos, não comprehendidos pelo editor, estão redigidos ou em francês archaïco perfeito, ou em provençal. Com relação ao auctor, a argumentação de Varnhagen não o convenceu: »Zur Ueberzeugung führt seine Hypothese noch nicht.« Indicando os lados fracos do systema, a difficuldade de interpretarmos bem essa lyrica essencialmente subjectiva, estabelece que entre as cantigas assignadas pelo Conde, conservadas no codice de Roma (de que mandara formar

1) Uc de Saint-Cire.

o Indice para seu uso), não ha nenhuma que se ache no de Lisboa. Aponta tambem para João Vaz, compositor de uma dos cantigas do **CA**, segundo Lopes de Moura — circumstancias que, se não destroem, abalam a construcção de Varnhagen. Ao copiar e traduzir em verso uma serie de cantigas, seis das quaes pertencem á nossa collecção,[1]) tem em mira mostrar a pobreza extrema — die Gedankenleere — e o convencionalismo incolor dos aulicos portugueses.

»*Se de um lado é certo que as raizes d' esta poesia estão na outra vertente dos Pyreneus e que a technica é alheia, é positivo tambem que os portuguêses não fizeram esforço algum para compenetrar-se da totalidade das ideias que animam os trovadores provençaes, nem para imitar o seu estylo. Faltou-lhes a vontade ou o talento para competir com elles; ou faltaram-lhes as condições particularmente propicias da vida no Sul da França...*

No territorio provençalesco a poesia artistica, efflorescencia espontanea da poesia popular, tinha base nacional. A de Portugal, é, pelo contrario, uma planta exotica, de estufa. Brotando e crescendo apressadamente, murchou com egual rapidez, sem lançar sementes fecundas no solo. Os seus cultores não desconheciam esta circumstancia. Por isso procuraram nacionalizá-la, approximando a nova arte dos generos e da maneira indigena do povo. D' ahi a predilecção pelo refran, a forma dialogada e, o que é de mais peso, a imitação do estylo vulgar. D' ahi tambem a renuncia a pensamentos peregrinos e a todas as especies que não teriam correspondido a nenhuma realidade na vida da nação.«

Como traço mais saliente nota a esphera limitadissima das ideias que o poeta português percorre; a repetição, até á saciedade, dos mesmos dizeres typicos; a falta de imagens e de adornos rhetoricos; a extrema singeleza da phrase.

Escuso analysar aqui o que ha de demasia nestas considerações. A nossa exposição irá desfazendo-as pouco a pouco, substituindo-as por outras mais idoneas e menos exclusivas.

§ 37. Um passo àvante na descoberta dos verdadeiros auctores, representados no **CA**, e na demolição das theorias de Varnhagen, foi dado pelo romanista W. Grüzmacher, que tivera occasião de inspeccionar rapidamente o codice Vaticano 4803. Sem haver á mão

---

1) **CA 74, 185, 251, 229, 99** e **48**.

um exemplar das *Trovas*, mas guardando bem fixadas na memoria as observações criticas de Diez, procurou ahi cantigas identicas ás do **CA**, e encontrou quatro, sendo duas de Pero Barroso[1]) outras tantas de Pedron ou, como eu o chamo, Pedr' Annes Solaz.[2]) Além d'isso transcreveu com varias outras cantigas, uma do Conde de Barcellos.

24°. W. Grüzmacher, *Zur galicischen Liederpoesie im Jahrbuch für romanische und englische Litteratur.* Band VI p. 351—361. — Leipzig, 1865.

§ 38. Varnhagen que sempre procedeu com incontestavel boa fé, desinteresse, e verdadeiro talant de bien fere, alvoroçado com a primeira noticia de Moura sobre João Vaz e mais ainda com o achado de Grüzmacher, havia entretantó explorado em Madrid uma copia do Codice Vaticano, resguardada em casa de um Grande, seu amigo, a qual mandou tresladar, para no anno seguinte (1858) a collacionar na Bibliotheca do Papa com o codice 4803. Nestes actos descobriu 50 das canções anonymas do **CA**, assignadas por 13 trovadores diversos,[3]) com pequenas variantes de texto, que permittiam restaurá-las e completá-las. Em presença de factos tão convincentes, renunciou á opinião errada de considerar o **CA** como obra do Conde de Barcellos, sustentando embora, e com razão, a possibilidade de o Livro das Cantigas ter sido uma miscellanea de trovas suas e alheias. — O quanto lhe custou largar a ideia antiga, reconhece-se pela nova e injustificavel hypothese que considera o Conde de Barcellos como plagiario que se houvesse apropriado todas

---

1) **CA 222** e **223**.

2) **CA 282** e **283**.

3) Ha engano na conta. Na realidade, as cantigas que assignala são apenas 49. Temos 8 de Fernam Velho **CA 257—264**.

8. de João de Guilhade 229—234, 240 e 228. O No. 235 (= Trovas 243) não esta no **CV**; No. 240 é de Estevam Froyam.
8. de Vasco Rodrigues de Calvelo 293—301, com exclusão da 299.
4. de João Vasques 242—245.
5. de Pero da Ponte 288—292.
2. de Pedr' [Annes] Solaz 282—283.
2. de Pero Barroso 222—223.
2. de Affonso Lopes de Bayão 224—225.
2. de Mem Rodrigues Tenoiro 226—227.
3. de Pay Gomes Charinho 246, 248, 255.
1. de Ayres Vaz 213.
1. de João de Aboim 184.
3. de Roy Fernandes 308—310.

essas cantigas alheias, supprimindo os nomes! É pura phantasia tambem quanto se diz a respeito da sua qualidade de rimante d'El-Rei e suas relações com Alfonso XI. Nem soube abandonar o erro que as poesias se acham no **CA** numa confusão caotica. Concede apenas que nas partes em commum a ambos os codices, as folhas não soffreram transtorno! Tão pouco se resolveu a aceitar algumas emendas e apreciações de todo o ponto seguras do »Snr Dietz« (sic!), posto que se mostre benevolamente disposto a considerá-lo como primeira auctoridade nestas materias. O modo de ver de F. Wolf tambem lhe mereceu reparos.

25°. *Novas Paginas de Notas ás Trovas e Cantares i. é. á edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, attribuido ao Conde de Barcellos.* Paginadas de 373—306. — Vienna, impressa de C. Gerold, filho. (s. d. Creio que 1868 ou 1870).[1])

§ 39. Simultaneamente o diplomata brasileiro publicava uma parte das cantigas do **CV**[2]) (50 composições das mais caracteristicas, extrahidas do apographo madrileno) numa edição meritoria, ainda que a escolha não satisfizesse plenamente os desejos dos estudiosos, nem a impressão agradasse a todos, pela bizarra esquisitice do typo empregado.

26°. *Cancioneirinho das Trovas Antigas colligidas de um grande cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano.* — Precedido de uma noticia critica... com uma lista de todos os trovadores que comprehende etc. Vienna, typogr. da Côrte 1870 (170 pag.).

Ha nova edição mais correcta de 1872. — O texto de ambas deixa muito a desejar.[3]) O que se diz na noticia critica a respeito do **CA** é pouca cousa. O codice-pae do apographo de Roma constava outr'ora de 300 folhas, mas já estava falto das primeiras 102 quando d'elle foi tirada copia, facto que levou ao espirito de Varnhagen a suspeita que poderiam ser d'estas 102 as que no Cancioneiro de Lisboa ainda subsistem. Oppõe-se porém, como reconheceu e não sonega, o argumento de ahi não irem designados

---

1) Vid. Innoc. da Silva (*Dicc. Bibl.*, Vol. IX p. 243) que notifica apenas a mudança de opinião de Varnhagen.

2) D'ora em deante designarei tambem o Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano pela sigla **CV**.

3) A lição de Varnhagen apresenta variantes tão profundas que alguns criticos tiveram melindre de as attribuir a erros de leitura, preferindo acreditar em divergencias fundamentaes entre o codice de Roma e o do Grande hespanhol. V. *Zeitschrift* I, 185—188. Não partilho esta opinião. Vid. Cap. V.

pelos seus nomes os trovadores. Continua jurando no desconjunctamento experimentado por varios cadernos do cancioneiro lisbonense, assim como na eliminação voluntariosa dos nomes dos poetas pelo compilador Conde de Barcellos, que, segundo elle, desejava passar por auctor de todas!

Falla agora de 53 Cantigas repetidas no **CA**, sem manifestar quaes as tres a accrescentar á lista impressa nas *Novas Paginas*. Pensa tambem que o principesco rhapsodista d' El-Rei D. Denis excluiu propositadamente da sua miscellanea todas as cantigas de maldizer e as que não eram portuguesas pelo assumpto. Transcreve o catalogo dos trovadores do **CV**, por elle composto segundo os seus proprios extractos, sobre as rubricas do codice, e indica o numero de poesias que competem a cada um. Neste pormenor, e em outros, affasta-se da resenha que fôra publicada por F. Wolf.[1]) Reduz p. ex. os poetas a 116.[2])

§ 40. No mesmo anno um moço português, que mal deixára os bancos da Universidade, iniciava com impeto juvenil os seus estudos sobre a litteratura gallaïco-portuguesa, lançando no mercado, com pequenos intervallos, nada menos de quatro escriptos em que expunha theorias geraes e lucubrações engenhosas sobre pontos especiaes. O primeiro é intitulado:

27°. Theophilo Braga, *Introducção á historia da litteratura portugueza.* — Porto, Imprensa portugueza, 1870.

A pag. 110—136 encontramos no cap. III, dedicado ás *Epopeas da Edade Media em Portugal*, uma 2[da] parte sobre a influencia da lingua d'oc, em que se trata: a) *Da Escola galleziana* (1112—1279), b) *Da Escola jogralesca* (1279—1357).

§ 41. O segundo é muito mais explicito.

28°. *Cancioneiros provençaes: Trovadores galecio-portuguezes.* — Porto, Impr. port. 1871. 345 pag.

Eis o elenco dos capitulos: I. *Origem e diffusão da poesia provençal na Europa moderna.* — II. *Cyclo italo-provençal ou galeziano.* — III. *A eschola portugueza e o Cancioneiro da Ajuda.* —

---

1) Um poeta *Pereda* não existe. É erro. Leia-se: Pero da [Ponte]. Os auctores, aos quaes nas tenções cabe o segundo logar, não foram citados. São uns 8 ou 9.

2) Cf. na *Romania* I, 119 o artigo de Paul Meyer com observações importantes sobre as poesias de caracter popular; e no *Dicc. Bibl.* o Vol. IX pag. 15.

IV. *O cyclo dionisio e o Cancioneiro da Vaticana.* — V. *Os bastardos de D. Diniz.* — *Formação dos Cancioneiros provençaes.* — VI. *A eschola jogralesca e o Cancioneirinho de trovas antigas.* — VII. *A eschola historica e a batalha do Salado.* — VIII. *Decadencia da poesia provençal e introducção das ficções bretãs.* — IX. *Origem da Eschola hespanhola em Portugal.* — X. *Extincção e descoberta da tradição provençal portugueza. Catalogo dos trovadores portuguezes do sec. XII a XIV.*

§ 42. Em seguida publicou:

29°. *Theoria da historia da litteratura portugueza.* Ibi. 1872.

A Secção II trata das formas lyricas. O § 1° é dedicado á escola provençal, que divide em quatro periodos: 1. *Cyclo italo-provençal;* 2. *Cyclo galeziano;* 3. *Cyclo jogralesco ou dionisio;* 4. *Segundo periodo da escola galeziana* (sec. XV).[1])

§ 43. Ha 2ª edição, um tanto modificada, da *Theoria*:

30°. *Ensaio sobre a litteratura portugueza,* servindo de introducção ao *Diccionario portuguez* de Frei Domingos Vieira. Vol. I p. CCIX—CCXLVIII. — Porto, 1873.[2])

§ 44. Todos os que se occupam de Portugal conhecem as qualidades e os defeitos do incansavel historiador da litteratura patria: a rapidez com que Theophilo Braga trabalha, como verdadeiro repentista, combinando com facilidade extrema noções de historia, philosophia, litteratura, ethnographia e lingüistica, sem as joeirar; o modo como transforma pallidos indicios em provas inconcussas; o seu patriotico empenho de revelar manifestações characteristicas do genio nacional; o *quid divinatorium* de poeta, que o inspira e torna ás vezes singularmente perspicaz nesta empresa; a sua ancia impulsiva de affirmar, mesmo á falta completa de dados seguros; o costume de synthetisar e tirar corollarios de proposições não demonstradas; a sua desordenada exposição, cheia de repetições e contradições, mal dissimulada sob um simulacro de plano; a sua indifferença contra a arte de compôr e limar; o costume de entremear observações justas e plausiveis com hypotheses surprehendentes pela sua ousadia; a desharmonia curiosa que lavra, não raro, entre

---

1) V. *Bibliographia Critica*, p. 129—148 e especialmente p. 140—143.

2) No *Manual da Historia da Litteratura portuguesa,* (Porto, 1875) o cap. II *(Os trovadores portugueses)* é um resumo dos trabalhos supracitados, augmentado com algumas noticias novas, hauridas na obra No. 32 da lista que aqui vou apresentando.

a these geral e os exemplos elucidativos; e ainda a franqueza com que regeita opiniões menos justificadas, substituindo-as por outras, logo que reconhece o erro.

De tudo isto ha nos escriptos citados, difficillimos de analysar e criticar sem injustiça, porque nestes primeiros trabalhos predominam as conjecturas e generalizações prematuras. O tentamen de historiar a primeira epoca da lyrica peninsular, quando mal se dispunha da quarta parte dos restos conservados (i. é. perto de 500 poesias), partindo de mais a mais de quem conhecia imperfeitamente a epoca trovadoresca das litteraturas estrangeiras, devia forçosamente falhar, se ainda hoje, depois de vinte annos de trabalho arduo da parte de alguns sabios estrangeiros, tantos problemas principaes aguardam solução definitiva.

A divisão dos poetas em *escola galleziana* e *escola jogralesca* é quasi tão arbitraria como a collocação da primeira no reinado de Affonso III e da segunda nos dias de D. Denis. Arbitraria é tambem a tentativa de procurar os representantes de uma no **CA**, e os da outra no **CV**, sem mais motivo que não seja a confusão da antiguidade relativa do manuscripto vaticano e do cancioneiro de Lisboa com a antiguidade das composições que encerram. Igualmente gratuita era a invenção de um primeiro periodo *italo-provençal* dentro dos limites da Galliza, com canções artisticas do tempo de Sancho I, quando nada de positivo confirmava esta hypothese em 1870, servindo-lhe de unica base a vinda de uma princesa italiana (leia-se de Saboia) para primeira rainha de Portugal e o nome *Podestade*, descoberto nos Nobiliarios[1]) e aceite como prova de que o espirito municipal da Italia se communicára a Portugal. Injustificada é a affirmação que a poesia da Provença, se entrou na peninsula pela Galliza, não veio pelo caminho directo, mas por via da Italia, provando-se a asserção unicamente pela viagem, de resto problematica a Portugal de alguns dos primeiros trovadores provençaes, que haviam passado o melhor da sua vida na Italia, como Marcabrun, Gavaudan, Peire Vidal.

Outras affirmações são suggestivas, embora arriscadas. Sabendo que o dialecto de Poitou, de onde irradiou a lyrica medieval, era intermediario entre o francês e o provençal, Th. Braga designou a Galliza como região intermediaria entre as provincias hespanholas,

---

1) P. M. H., *Script.* 145 e 260.

chamando-a a *Provença da peninsula*, e o galliziano como iniciador da arte aulica, a *nossa lingua-d'oc*. No dia em que primeiro conheceu as canções de Thibaut de Champagne e Navarra estabelece que devem ser ellas o molde sobre que se acham vasadas as canções de amor dos trovadores portugueses. Ao ler na obra de Herculano o quadro dos graves disturbios que inquietaram o reinado de Sancho II, persuadiu-se que o desenvolvimento da poesia em Portugal fôra impossivel até 1245. O casamento de Affonso III com D. Brites do Castella foi sufficiente para concluir que só a datar de 1253 a lingua portuguesa se tornou commum á poesia das duas côrtes. Da fixação dos annos 1264—1278 para as *Cantigas de Santa Maria* de Alfonso X, proposta em Castella, resultava, a seu ver, que só d'ahi em deante os castelhanos começaram a metrificar em português, desligando-se então os trovadores de cá da escola poetica da Galliza.

Etymologias impossiveis[1]) e uma interpretação phantasiosa de certas palavras[2]) e poesias servem de ponto de partida para construcções complicadas. A cantiga (de Alfonso X) com o refram *non ven al Maio!* é datada de 1212 porque os aprestes para a batalha das Navas se fizeram em Maio! — Toda uma escola historica e maritima foi ideada, unicamente porque Varnhagen, pensando no rio onde se dera em 1340 a gloriosa batalha de Tarifa, imprimira Rio Salado em logar de *rio salido*.[3])

Da importancia das cantigas de caracter popular Th. Braga ainda então não formava ideia clara. Tambem não distinguia entre

1) Vid. p. ex. a explicação do vocabulo *segrel* (*Trovad.* 152); *guarvaya* (*Theoria* 57); *solao* (*Trovad.* 249); *liria* (ib. 256); *mallada* (*Theor.* 59).

2) P. ex. a discussão dos nomes de logar *Santarem* (*Trovad.* 66—69 e 147); *Segovia* (Ib. 105); *España* (Ib. 129); *Gaya* (Ib. 226).

3) Ainda hoje Th. Braga sustenta a mesma these (fundada num erro de leitura de Varnhagen) posto que o emendasse na edição restituida. — Vid. *Cancioneirinho*, Cant. XII = **CV 760** de Joan Zorro: *Pela ribeira do rio salado*. Em consonancia com *amigo!* — *Riosalido* é um dos hispanismos gallegos por *rio sahido*, e não nome de logar. Ha uma povoação assim chamada, situada num ribeiro do mésmo nome, affluente do Henares, na provincia de Guadalajara (bisp. de Siguenza). Vid. D. Juan Manual, *El Libro dela Caza* ed. Baist, p. 88, 4, 5, 16. — Mas a primeira opinião é a verdadeira, conforme resulta do verso parallelo *Pela ribeira do rio levado*. Ambos os termos, repetidos varias vezes no Cancioneiro, p. ex. **CV 886**, indicãm volume de agua fóra do commum, na foz do Tejo ou do Douro. Provavelmente qualquer das chamadas *marés vivas*, de agosto e setembro, tempo dos banhos, ou alguma inundação primaveril.

a valia verdadeira dos poetas e o brilho nobiliarchico de certos nomes. Censurava p. ex. Varnhagen por nos ter dado uma só poesia de D. Affonso Sanches, bastardo de D. Denis, e muitos versos de jograes ignotos! Aos generos cultivados por estes populares allude vagamente (*Trovadores* p. 159 e 186), acolhendo da carta do Marquês de Santilhana as designações *serrana* (ou menos exactamente *serranilha*) e *dizer*, e das obras de alguns quinhentistas o titulo obscuro de *solao*.

Acertada e fecunda era a tentativa de procurar nos nobiliarios nacionaes e em documentos historicos os nomes, em grande parte aristocraticos, do catalogo de trovadores impresso por Wolf e Varnhagen, alguns dos quaes já haviam sido, de resto, identificados por Lopes de Moura.[1]) Está claro que tambem nesta parte do seu trabalho Th. Braga nem sempre podia escolher bem entre differentes homonymos, por ainda não conhecer as obras dos poetas e as allusões historicas que nellas se escondem.

Com relação ao **CA** relevarei um unico, aliás muito pequeno erro de facto, e esse sómente porque o auctor o repete ainda hoje com singular teimosia,[2]) illudindo sempre de novo os criticos que se inspiram nas suas obras.[3]) Falla conseqüentemente de vinte e quatro folhas soltas, encontradas em Evora, sendo ellas onze. Vinte e quatro eram as poesias, d'ellas extrahidas, e collocadas á frente das *trovas*,[4]) na edição madrilena.

§ 45. Varnhagen ficou descontente com algumas censuras que o novel e impetuoso escriptor lhe dirigira redonda e resolutamente, a pesar de este se ter visto obrigado a citá-lo continuamente e a construir sobre as bases por elle lançadas. Desafogou num folheto em forma de libello, predizendo a Th. Braga que tambem elle ver-se hia obrigado a rectificar muito erro no decurso da sua carreira litteraria.

31°. *Th. Braga e os antigos Romanceiros de Trovadores: Provarás para se juntarem ao processo.* 24 pag. — Vienna, Gerold, 1872.

---

1) É meritorio o que apurou a respeito de Barroso, Charinho, Aboim, Bayão, Lobeira.

2) *Trovadores* p. 86, 93 e 225; *Theoria* 3ª ed. p. 198; *Era Nova* I 613; *Zeitschrift* I 45 e 188; *Canc. Vat. Rest.* p. XCV e LXXXI; *Rev. de Estudos Livres* II 608; *Curso* 87.

3) Menendez Pelayo, *Antologia* III 47; Marques de Valmar, *Cantigas de Maria* I 9.

4) *Trovas* e *Cantares* p. 15; Diez, *Kunst- und Hofpoesie* 19.

Varnhagen condemna a façanha de querer formar as biographias dos principaes trovadores sem conhecer as suas obras. Sustenta que sendo de maior antiguidade a escriptura do codice de Lisboa, ainda assim devia ser de data anterior o original do da Vaticana, ou pelo menos partes d'elle, visto trazer nomes de trovadores; e crê que este ultimo foi formado da reunião de varios cancioneiros menores. Acha malaventurada a pretenção de datar de 1212 a cantiga *non ven al Maio.* Censura Braga por citar sómente a lista de trovadores de Wolf, uma vez que tirou da sua a indicação das cantigas de cada auctor. E amesquinha de novo a parte que coube ao erudito allemão na descoberta do cod. 4803, reivindicando a gloria toda para Lopes de Moura.

§ 46. Os volumes de Th. Braga, ricos em boa doutrina historica, apreciações ingenhosas e affirmações estimulantes, fructificaram. Tem-se dito que foi a leitura dos *Trovadores galecio-portugueses* que interessou um philologo italiano a ponto de se erigir em protector generoso dos estudos luso-provençaes, offertando a esta nação os seus primeiros e mais importantes monumentos poeticos em um magnifico volume. E a affirmação não tem nada de estranho.

Fallo de Ernesto Monaci, um dos fundadores da *Rivista di filologia romanza* (1872), chamado nos ultimos dias de 1870 para iniciar a cadeira de litteraturas romanicas na Universidade de Roma. A 11 de Março de 1872 teve pela primeira vez entre mãos o *Cancioneiro português da Bibliotheca do Vaticano*, tomando a resolução de lhe dar publicidade. Em principios do anno seguinte o ms. já estava no prélo.

§ 47. Durante a execução apresentou dois pequenos ensaios, como precursores da impressão integral do codice 4803, esperada desde 1843 no mundo scientifico.[1])

32°. Ernesto Monaci, *Canti antichi portoghesi tratti dal codice vaticano 4803 con traduzione e note,* a cura di E. M. XI—32 pp. — Imola, Galeti 1873.

Estes *cantos antigos* são uma d'aquellas lindas *plaquettes* que os lettrados d'Italia costumam offerecer aos amigos no dia do noivado. Abrange apenas doze florões extrahidos do **CV**, sendo ineditos uns

1) Não foi, por tanto, o applauso com que foram acolhidas pelos doutos de todos os paises essas primicias do seu trabalho que levou Monaci a realizar a ardua tarefa de reproduzir em impressão paleographica o Cancioneiro todo.

oito. Quasi todas (I—IX, e mais duas, intercaladas nas notas) são de feição popular, colhidas entre os *cantares de amigo*, já reconhecidos com intuição segura como verdadeiros typos da poesia nacional primitiva por Diez que os approximara de algumas canções, introduzidas por Gil Vicente nos seus autos.[1]) Na Introducção, Monaci quebra lanças pela origem puramente indigena d'estes versos, differentes das canções palacianas pelo espirito que os anima, pelo metro e rhythmo, as consonancias, a linguagem ingenua, vocabulos archaïcos e pelo notavel caracteristico de sempre sahirem da bocca de mulheres-donzellas e namoradas. O italiano insurge-se contra o romanista parisiense Paul Meyer porque, ao dar conta do *Cancioneirinho* de Varnhagen[2]) havia assentado que esses cantos, feitos sobre typos populares, eram, ainda assim, obra de lettrados, cujos nomes trazem, sendo talvez mais tarde aprendidos e cantados pelo vulgo, pelo motivo de andarem impregnados de verdadeiros sentimentos populares, como aconteceu na Provença ás poesias de Guiraldo de Bornelh. Monaci, por não concordar com esta hypothese, adopta e sublinha a opinião de Braga que os proprios cantos que possuimos, foram colhidos, em forma mais rude e agreste, da bocca do povo e retocados pelos trovadores dionysios com tanta fidelidade que até conservaram intactas as assonancias.[3])

§ 48. A ligeira divergencia entre os dois eruditos, resultado da vaga interpretação que então ainda se dava ao termo *poesia popular*, resolveu-se em harmonia, quando P. Meyer, dando a boa vinda aos *Cantos,* detalhou novamente o seu modo de ver, sustentando ao mesmo tempo o caracter e a origem popular do *genero,* e a forma litteraria da *especie.*

Como no primeiro artigo, affirma a semelhança que existe entre as poesias portuguesas de genero popular e as *ballettes* francesas e *balladas* provençaes. Não conclue todavia que haja imitação, mas unicamente que umas e outras são concebidas segundo um typo

1) Diez apontara apenas duas nas obras do Planto português II, 481 e III, 270.

2) *Romania* I, 119—123 e II, 265. Duvidando mesmo da existencia de uma poesia popular no Occidente da peninsula, o critico francês dissera: »*supposé même qu'il en existât en Galice ou en Portugal, il est peu probable qu'on se fût donné la peine de les écrire.*«

3) *Trovadores,* 159 e 186.

tradicional, commum a diversas populações romanicas, sem que se possa fixar a região onde nasceram.[1])

33º. Paul Meyer, *Romania* II p. 265. Paris, 1873.

§ 49. Nestes principios de debate sobre um dos problemas mais importantes, ligados á lyrica medieval, tomaram parte Th. Braga e F. Ad. Coelho. O primeiro, nacionalista convicto, continuou firme no seu posto. Partindo da dança Bailemos já todas, todas ay amigas, que nos foi conservada em duas redacções muito parecidas, mas com attribuição a dois poetas diversos, ambos gallegos, sendo clerigo um e o outro jogral (**CV 462** e **761**), contesta o direito de classificarmos qualquer dos dois como plagiario e defende a these que ambos se serviram de uma velha lettra popular, a qual limaram e ensoaram apenas. Aponta mais algumas *serranas*, de caracter archaïco nas obras de Gil Vicente, notando a persistencia do typo, e opina que sendo plebeus os trovadores que assignam as mais ingenuas *serranilhas*, está provada a communhão directa com o povo. Segundo elle esses jograes cantaram no tempo da *flor*, sendo por isso aggredidos por D. Denis (**CV 127**), o que é evidentemente erroneo, visto o rei dirigir as suas aliás injustificadas censuras contra os provençaes que celebraram com dôce jubilo a primavera e os seus encantos:

Proençaes soen mui ben trobar
e dizen elles que é con amor.[2])

No mesmo artigo Th. Braga adopta para as cantigas archaïcas, começando com um *Ay* doloroso, o termo *cantar guayado,* colhido nos autos de Gil Vicente.[3])

34º. *Bibliographia critica de historia e litteratura.* Vol. I p. 248. Porto 1873—1875.

§ 50. O termo *canto de ledino* foi logo depois proposto por F. Ad. Coelho para os canticos de romaria. Funda-se, como é sabido, na decantada estrophe do *Chrisfal* em que o poeta ouve a sua pastora ou *serrana* entoar os versos:

---

1) Fallando dos poetas que cultivaram o genero popular, dizia: »*Ils tiennent une place tout-à-fait indépendante dans la poésie du moyen-âge.*«

2) A mesma interpretação arbitraria foi posteriormente repetida no *Manual de litter. port.* 43. — Canello emendou-a nos *Saggi* p. 220 n. 1.

3) Vid. Gil Vicente III, 143 (e naõ 243, conforme se diz nas obras de Braga).

Yo me iba, la mi madre,
a Santa Maria del Pino.

E entrou em lugar de *delledino,* na então nova edição de Braga, onde os versos citados apparecem depois do trecho:

tendo parecer divino,
para que melhor lhe quadre,
cantou canto de ledino

restauração feliz, segundo uns, ou interpretação arbitraria, segundo outros.[1])

Além d' isto, o circumspecto erudito observa judiciosamente que os cantares de amigo de D. Denis e seus cortesãos podiam muito bem ter passado para a bocca do povo, mesmo se fossem feitos sobre typos franceses e provençaes, logo que no espirito e na forma correspondessem, como effectivamente correspondem, ao ingenuo pensar e sentir das massas; e lembra o exemplo quasi hodierno de Goethe e Heine. Entendia por isso que se tornava necessaria a comparação minuciosa entre as composições de caracter popular do **CV** e de Gil Vicente, e as lyricas medievaes francesas.

35°. *Bibliographia critica* p. 318—320.

§ 51. Achando digno de louvor o modo de ver do benemerito introductor da philologia comparada em Portugal, que lhe ia revendo as provas do Cancioneiro, e fazendo propostas de restituições, Ernesto Monaci consagrou publicamente o termo *canto de ledino*[2]) ao publicar um segundo ramilhete de trovas de amigo, composto de 17 canticos de romaria (**CV 734—748, 750** e em nota o No. **749**).

36°. E. Monaci, *Cantos de ledino tratti dal grande canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana.* Halle a. S., Typ. Karras, 1875.[3])

Nada posso dizer a respeito da restituição do texto nestas poesias, porque, apesar de esforços reiterados, não consegui vêr nenhum exemplar d' esta raridade bibliographica. Nos *Canticos*

---

1) *Romania* II, 152; *Revue critique* II, 136 e 137.

2) Vid. *Revista lusitana*, III, 353 e V, 55. — Groeber's *Grundriss* II b 149 e 152 e *Kritischer Jahresbericht* IV, 2, 218. O termo propagado por Braga no *Manual* p. 45 e nas *Questões* p. 30 foi adoptado por Canello, *Saggi* 217, e por Menendez y Pelayo nos Prologos á *Antologia Lirica.*

3) Desconheço o artigo que Th. Braga dedicou em 1875 aos Cantos de ledino no diario portuense a *Actualidade;* julgo todavia que o possuimos reimpresso na miscellanea intitulada *Questões de litteratura e arte portugueza* p. 29—39.

Antigos é geralmente boa, muito superior á que o diplomata brasileiro havia apresentado.[1]) Ficou assim dada a prova incontestavel de que Monaci estava preparado a dotar este pais com a edição critica do cancioneiro todo.

§ 52. Pouco depois elle sahiu á luz.

37°. *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana* messo a stampa da E. Monaci con una prefazione, con fac-sim. e con altre Illustrazioni. Halle a. S., Max Niemeyer Editore, 1875.[2])

Se Monaci preferiu todavia dar edição rigorosamente diplomatica, reproduzindo o codice pagina a pagina, linha a linha, com representação de todas as siglas, escripturas diversas, numeração e paginação antiga, foi porque este, unico e insubstituivel, como então se pensava, está escripto em papel inferior e com tinta corrosiva, exposto por tanto a rapida destruição. Em vista da copia, escripta em fins do sec. XV ou principio do sec. XVI (quando o original já estava incompleto) por mão de um italiano, cuidadoso sim, mas pouco atilado, que o deturpou a ponto de resistir freqüentes vezes a toda a tentativa de restauração e interpretação, Monaci pensou tambem que uma edição critica, definitiva, era empresa para o futuro. Empresa de tal ordem que sómente se poderia realizar ao cabo de longos e variadissimos estudos, tendo os doutos deante de si o edificio em ruinas, sem que o trabalho critico tivesse apagado vestigio algum das vicissitudas por que o codice passou. A meu ver procedeu bem, uma vez que a reproducção heliotypica ultrapassa as posses de um particular. Não se contentou, porém, com a reimpressão paleographica. Prestou aos deturpados textos os primeiros soccorros de que careciam. Escreveu

---

1) Hoje é facil restabelecer algumas leituras, então duvidosas, dando aos vocabulos a boa orthographia e orthoepia, e ás estrophes a sua verdadeira forma: I, 8 leia-se *comigo* — Entre 12 e 13 introduza-se: *Vos preguntades polo voss' amigo* | *E eu bem vos digo que é san' e vivo* — II, 1 *Amad' e meu amigo* — 5 *Amigo' e meu amado* — 11 e 17 *baiosinho.* Depois de 20 *Selad' o bel cavalo, Valha Deus! Treide vos, ay amado E guisade d' andar* — III 3, 9 e 15 *quen* — 9 *louçana, louçanas* — V 11 *endõado* — VI 11 *dona virgo* — VII 7 *e mãer* (manere) — IX 6, 12 e 18 *este cantar.* — XI 9 *per* — 15 *dig'* — XII 4 *falasse* — 7 *poncela* — 23 *temi* — 34 *do Sar.* Algumas rectificações como XI, 2 *pelo caminho frances* já têem sido propostas por Monaci nas Notas á ed. integral.

2) É o vol. I da collecção: *Communicazioni dalle Biblioteche di Roma e da altre biblioteche per lo studio delle lingue e delle letterature romanze, a cura di Ernesto Monaci.*

notas que contêem numerosas propostas de restituição, um catalogo dos principaes erros do copista, uma tabella das abbreviaturas, e um indice onomastico,[1]) não só dos trovadores, mas tambem dos nomes proprios de pessoas e logares que occorrem nas cantigas.[2]) Numa concisa introducção esboça a historia da litteratura provençalesca em Portugal, fallando da voga que a poesia teve nos paços regios; o rapido declinar logo que lhe faltou o favor dos grandes; o esquecimento em que cahiu durante a epoca hespanhola e a da Renascença italiana, restando apenas a vaga tradição do talento de D. Denis, fixada pelo Marquês de Santilhana no sec. XV, e renovada no XVII por Duarte Nunes de Leão. Faz a resenha dos auctores que o precederam na publicação de alguns textos do **CV**; descreve o codice e expõe os resultados das importantes investigações sobre as fontes e sua historia, a que procedeu.

Notando que outra mão, diversa da dos amanuenses, escrevera algumas rubricas, introduzindo uma paginação remissiva a outro codice, assim como notas marginaes, que são testemunho de conhecimentos pouco vulgares de linguas e litteraturas neo-latinas, examinou os caracteres e reconheceu a lettra do grande humanista Angelo Colocci. Á procura de manuscriptos seus teve a boa fortuna de encontrar no Cod. Vat. 3217 um autographo precioso que, representando um catalogo de auctores portugueses, incluia todos os nomes do **CV**, accompanhados de algarismos de 1—1675, e era evidentemente o indice de outro cancioneiro mais completo, muito semelhante, embora apparentemente diverso em algumas attribuições.

Concluiu então que tambem o **CV** fôra copiado (com destino ás suas collecções) por ordem do erudito italiano († 1549), o qual havia reunido antes de 1527 uma magnifica livraria, e sempre documentou vivo interesse pela poesia italiana e as suas relações com a da Provença, Catalunha e Hespanha.[3]) Embora vandalizadas no saque de Roma, as suas collecções abrangiam ainda mais de 500 codices quando Fulvio Orsini as comprou aos herdeiros do humanista (em

---

1) *Note* p. 427—440; *Abbreviature* 441—448; *Indice onomastico* 449—456.

2) É evidente que, derivado de textos ainda não passados pela craveira da critica, este Onomastico, devia encerrar muitos nomes phantasticos: *Sogar, Teleuco, Lelia-Doura, Dona Ugo, Vella, Macoli, Moraz, Novel, Gonis* etc.

3) Existe p. ex. uma carta de Colocci que manifesta com quanta diligencia procurava um manuscripto das rimas de Folquet de Marselha.

1555 ou 1558), conforme consta do inventario então elaborado (Cod. Vat. 3958), e tambem quando, depois da morte d'este possuidor († 1600), passaram, como legado, para a Bibliotheca do Vaticano. Indagando neste inventario quaes titulos se podiam referir aos cancioneiros portugueses, Monaci achou duas vezes indicado um *libro spagnuolo di romanze* (Caixa 6 No. 18 e 41). O titulo é assaz vago, na verdade; *spagnuolo* póde porém entender-se como *português*, segundo um uso muito vulgarizado no sec. XVI;[1]) e *romanze* podia designar poesias em vulgar.[2]) Mas ainda que um dos dois fosse realmente o cod. 4803, o segundo não apparecia. Por isso Monaci opinava então que um dos codices não escapou á soldadesca infrene do condestavel de Bourbon, sendo queimado ou, mais provavelmente, levado como presa por algum amigo de antigualhas patrias.

Quanto á identidade do **CV** com o volume visto por Santilhana perto de 1400 em casa de sua avó; sobre a hypothese aventuradissima, ideada por Braga, segundo a qual o Cardeal de Albornoz teria doado um livro gallaïco-português ao collegio hispanico, por elle fundado em Bolonha; e sobre a identidade de ambos os volumes com o Cancioneiro de D. Denis, achado em Roma em vida de D. João III, o sabio professor italiano não se pronunciou. — Apènas reflexiona: »que maravilha seria, se Duarte Nunes de Leão visse depois do saque, em Portugal, o codice achado em Roma!« — conjectura de que terei de tratar em capitulos posteriores.

Na falta do segundo codice, Monaci dá-nos, como appenso valioso, o *Indice*, marcando por meio da apposição de numeros seguidos, todas as partes que se acham no **CV**.[3])

Com relação ás cantigas em commum ao **CA** e **CV** não vae além do que já fôra estabelecido por Varnhagen. Remettendo 48

---

1) É verdade que em outro autographo de Colocci (Vaticana 4817) ha um apontamento em que se emprega a designação *portoghesi*. E diz: *Messer Octaviano di Messer Barberino ha il libro di portoghesi, quel da Ribera l' ha lassato* — allusão escura, cuja significação ainda nenhum achado feliz nos tem revelado.

2) O cod. 3793, que primeiro fôra do Cardeal Bembo e depois de Colocci, é um cancioneiro italiano, intitulado simplesmente: *De varie romanze volgare.*

3) *Catalogo di autori portoghesi compilato da Angelo Colocci sopra un antico canzoniere hoggi ignoto, e riprodotto secondo l' autografo esistente nell cod. vat. 3217.*

vezes ás *Trovas* d'este editor extracta as variantes das cantigas seguintes:

CV	= CA	Tr		
2— 3	222—223	231—232	de Pero Barroso	(2)
5— 6	224—225	233—234	D. Affonso Lopes de Bayão	(2)
11—12	226—227	235—236	Mem Rodrigues Tonoiro	(2)
29 e 38	228	y	João de Guilhade	(7)
30—36	229—234	230—242		
(os Nos 31 e 32 são uma só composição)				
40	240	248	de [Estévam Froyam]	(1)
42—45	242—245	272—275	João Vasques	(4)
46—53	257—264	92—99	Fernam Velho	(8)
279	184	271	D. João de Aboim	(1)
395	246	276	Pay Gomes Charinho	(3)
400	248	278		
428	255	285		
485—487	308—310	m. n. o.	Roy Fernandes de Santiago	(3)
566—570	288—292	112—116	Pero da Ponte	(5)
579	300	a	Vasco Rodrigues de Calvelo	(8)
580	298	265		
581	301	b		
582—586	293—297	117—118 e 262—264		
824—825	282—283	123—124	Pedr' Annes Solaz	(2)
				(48) [1]

§ 53. A obra foi acolhida com os devidos louvores. Mas naturalmente o estudo aprofundado de um livro que fazia resurgir uma litteratura inteira, deturpadissima, não podia fructificar sem grandes delongas. Os que fallaram d'ella sem tardança restringiram-se a annunciá-la. Gabando o methodo, lastimando o mau estado do texto, não deixaram de acentuar o diminuto valor poetico da parte provençalesca, parando, pelo contrario, com certo prazer, em face das composições de caracter popular.

§ 54. Neste sentido não faz excepção um compatriota de Monaci que dedicou ao Cancioneiro uma dissertação um pouco mais extensa,

1) Por descuido, Monaci ommittiu a referencia á Trova **CV** 55 = **CA** 213 = **Tr** 187 de Ayras Veaz (1). Nem descobriu que ha a mais as seguintes concordancias, além das que Varnhagen distrinçára:

CV	= **CA**	**Tr f**		
480	307		Martim Moxa	(1)
563—565	285—287	126—127	Fernão Padrom	(3)
1061	68	253	João de Gaya	(1)

Todas ellas, menos a de Moxa, que descobri ultimamente, foram um pouco mais tarde apontadas por Th. Braga, nas obras No. 40 e 41. São por junto 54 poesias de 16 (respectivamente 17) trovadores. A poesia **CV 677** de Pero d'Armea não é variante da 48 do **CA** de Martim Soares, conforme entendia Th. Braga (*Zeitschrift* I 183). Trata-se, pelo contrario, de duas elaborações differentes sobre o mesmo thema.

dando especimens dos tres generos principaes, *cantigas de amor, de amigo e de escarnho,*[1]) em lição regularizada, e tentou resolver o problema lingüistico, já ventilado por Milá y Fontanals.

38°. U. A. Canello, *Il Canzoniere portughese della Vaticana, publicato da E. Monaci.* — Pag. 213—244 do vol. *Saggi di Critica Litteraria.* — Bologna, 1880.

Segundo Canello a razão porque á Galliza (ou a Portugal) coube na creação de uma lyrica hispanica o papel representado na Italia pela Sicilia foi que ambos os paises (quero dizer a Galliza e a Sicilia) se achavam muito affastados da Provença, fallando uma lingua diversa em demasia para que os seus habitantes podessem aprender a poetar em provençal, como aconteceu na Catalunha e Italia do Norte. Não duvida que antes de um impulso partir da côrte, i. é. (a seu ver) antes que Alfonso X de Castella e Bonifacio Calvo de Genova se lembrassem de metrificar em gallego, uma florescente poesia popular e mesmo uma escola de *dezidores* nacionaes já preexistia no Occidente, em dias de Affonso III, ideia justa e digna de louvor. No proposito de assignalar os precursores aponta para um velho segrel Bernaldo de Bonaval, mencionado pelo Rei de Castella e Leon, como objecto de censuras (**CV** 70) e que, segundo elle, fôra tratado por Colocci, no Indice, de *primeiro trovador.*[2]) Em busca de traços caracteristicos nos versos d'este poeta releva alguns de medida grande (7 + 5 syl.), que lhe parecem rhythmicamente diversos dos da lyrica provençal e da gallaïco-portuguesa do tempo de D. Denis, notando que elles se assemelham ao antigo verso epico francês, com accento na 6ta, e cesura depois da 7ma, supra-numeraria. Tal anomalia leva-o a crêr que temos ahi ensaios primitivos de um

---

1) Nas palavras que dedica aos generos principaes esconde-se um equivoco, que não deixa de ter a sua graça. Na rúbrica das cantigas **CV 908** e **1041** acha-se empregada a formula: *esta cantiga de cima,* o que quer dizer: *supradicta.* O critico italiano, porém, explica *cima* por *monte,* comparando taes versos de maldizer, que attribue a rusticos serranos de Portugal, com as *satyras* primitivas do mundo latino, reconhecendo nellas invenções de *satyros* = rusticos boçaes *(rozzi abitatori dei boschi)*! — Escuso dizer que a expressão *cantiga de cima* é empregada a miudo, com relação a generos variados, embora todos façam parte do Cancioneiro de burlas.

2) Para a respectiva rúbrica: *en esta folha adeante se começan as cantigas de amor pª myta trobador Bernal de Bonaval* Canello propõe a leitura *por o muyto antigo trobador.* Cf. Parte III, Biogr. XXXV, onde exponho as minhas ideias.

jogral gallego que procurava crear alguma cousa nova como os sapphicos dos hymnos latinos, pela juxtaposição de versos curtos populares. Em seu tempo voltarei a fallar d'esta hypothese.[1])

§ 55. O unico escriptor que se apossou em breve prazo da vasta materia e teve a soberba coragem de expôr á publicidade os resultados colhidos, como quem tem pressa de cumprir um dever de honra nacional, foi o auctor dos *Trovadores gallizianos*. Preparou-se para a empresa com rapidas incursões no campo da poesia popular gallega[2]) e no da ethnographia comparada, onde os estudos de Oppert e Lenormant o encantaram, a ponto de o transformar em defensor enthusiasta do genio lyrico da raça turaniana. D'ahi em deante procurou e encontrou ecos dos hymnos accadicos da Assyria na poesia da Aquitania e na provincia hespanhola onde fulguraram as primeiras scintillações da poesia peninsular. Logo em 1876 começou a publicar amostras da sua reconstrucção, accompanhadas de noções rudimentares de metrica e poetica.

39°. Th. Braga, *Antologia portugueza: Trechos selectos coordenados sob a classificação dos generos litterarios e precedidos de uma Poetica historica portugueza.* Porto, Magalhães & Moniz, 1876.[3])

Neste livro Theophilo Braga emprega arbitrariamente uma terminologia em parte boa, em parte muitissimo discutivel, colhida nos cancioneiros, em Gil Vicente, no *Chrisfal*, nas poeticas provençaes, ou na litteratura castelhana, sem definição segura e clara dos generos e das especies.[4])

§ 56. Logo depois, offereceu ao professor Gustav Gröber, que sollicitara um parecer sobre a obra de Monaci para a nova revista *Zeitschrift für romanische Philologie*, outro estudo, intitulado:

---

1) Vid. Parte IV.

2) *Sobre a poesia popular da Galliza* em *Riv. fil. rom.* II, 129—143 (1876). Este artigo teve segunda edição ampliada como cap. III de um tradado da *Poesia moderna portugueza*, que serve de introdução ao *Parnaso portuguez*, Lisboa, 1877; e terceira edição nas *Questões de litteratura e arte port.*, Lisboa, 1881, sob o titulo: *Fontes poeticas gallegas.*

3) No. 3, 5—40 e 42—64. Cf. W. Storck em *Zeitschrift* I, 453.

4) *Canto de ledino, alvorada, cantar guayado, dizer, praga, sirvente, salutz, barcarola, pastorela, seguidilha, devinalh, noellaire, planh, jocs partitz, jocs enamoratz, ballada, bailata, descorts, canção á franceza, donaire, lira, solao, cobla monorima, refren, tenção, fado, chacota de terreiro, chacoula, aravia, areyto.*

40°. *O Cancioneiro da Vaticana e suas relações com outros cancioneiros dos sec. XIII e XIV.* Em *Zeitschrift* Vol. I p. 41—57 e 179—190. Datado: 23 de Septembro de 1876.

É apenas um capitulo de um trabalho mais extenso, destinado a substituir o primeiro livro sobre os Trovadores e a accompanhar o texto completo do cancioneiro restaurado, já então prompto em manuscripto.

§ 57. No anno seguinte o incansavel publicista dava á luz a obra inteira.

41°. *Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição critica restituida sobre o texto diplomatico de Halle, accompanhada de um Glossario e de uma Introducção sobre os trovadores e Cancioneiros portuguezes.* Por Th. Braga, Prof. etc. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.

Impellia-o o duplo desejo, desinteressado, de ser o primeiro a desvendar a riqueza dos filões entreabertos da nova mina, assim como a fertilidade das theorias turanianas, e de se mostrar grato aos desejos de Monaci, expressos nas palavras: *Voglia il cielo che, tornato il libro in Portogallo, diventi presto oggetto di studj novelli!* Não se recordava que uma 2ª edição popularizada ou »de texto legivel«, seguindo tão de perto a impressão diplomatica[1]), devia necessariamente prejudicar a sua venda. Esquecia que Monaci dissera tambem: *una edizione critica definitiva di questo monumento é impresa di tal natura, che, a mio credere, soltanto i dotti del paese potranno dopo lunghi e molteplici studj portare a compimento!*[2]) Esquecia

1) Possuo as provas de que este receio incommodou não pouco o illustre italiano e tambem o editor allemão, o qual não se poupara a sacrificios importantes. Sem razão! porque apesar dos serviços que a redacção »restabelecida« de Th. Braga prestou, o texto diplomatico continua sendo a base indispensavel dos estudos scientificos e da futura edição definitiva.

2) Como não posso deixar de fazer opposição a miudo ás doutrinas e ao methodo do sabio professor, que me honra com a sua amizade e confiança, seja-me licito fazer uma vez a sua apologia, applicando-lhe as palavras que Scherer dedicou um dia a Jakob Grimm: »*Quem não ousou não ganhou nem perdeu.* — É preciso que tenha a coragem de errar quem cultiva terrenos virgens. Trabalhos esmerados e circumspectos, acabados em todas as minucias, até aos ultimos pontinhos sobre os *ii*, tão perfeitos que seja preciso medí-los pela bitola mais alta, mostram as culminancias a que se pode e deve elevar o trabalho do investigador. Mas ao mesmo tempo, obras assim feitas teem um caracter severo de intangibilidade que repelle, descorçôa, humilha e abate. Outras ha, pelo contrario, e das mais bellas que existem, cheias de imperfeições, lacunas e temeridades, porque deixam livre a escolha entre varios pareceres sobre o mesmo assumpto, mas que irradiam um fluido suggestivo e estimulante, provocando-nos a

que ao clamar por esta collaboração, estava persuadido que muitos annos se gastariam no apparelhar de materiaes, a elaboração da grammatica archaïca, o glossario, estudos biographicos, a revisão parcial da obra dos melhores trovadores, como D. Denis, João de Guilhade, João Ayres de Santiago, Pero da Ponte, Martim Soares, tudo isso depois que fosse impressa a edição critica do pergaminho do sec. XIV, cuja linguagem e orthographia havia de dar ideia exacta do que fôra o manuscripto-pae dos apographos italianos, e servir de padrão aos restituidores.

O plano ideal de Th. Braga, que se abalançara ao commettimento sem delongas, as quaes na sua mente sempre prejudicam a sciencia, era, de resto, excellente — abstracção feita da preparação philologicamente insufficiente a que já me referi. No Prologo, que é um libello vehemente contra a inercia da Academia e ao mesmo tempo documenta o seu proprio enthusiasmo, o auctor expõe o que a sua edição havia de contêr.

1ª. Uma longa introducção sobre a historia da poesia provençal portuguesa, deduzida do texto do cancioneiro; e um estudo da historia externa sobre a filiação dos differentes cancioneiros dos sec. XIII e XIV, com os quaes o **CV** tem intima relação.

2º. O texto das 1205 Canções, restituido, emquanto á lingua, á da epoca em que foi escripto o cancioneiro, pelos processos criticos mais rigorosos; emquanto á poetica, fixando-lhe a sua justa metrificação e a forma estrophica segundo os dados comparativos da poetica provençal.

3º. Um glossario de todas as palavras archaïcas, empregadas no Cancioneiro; e noticias biographicas dos trovadores portugueses.

Seria bello, se a excecução correspondesse ao plano promettido. A Introducção (á qual pertencem, como é natural, as biographias, nomeadas no elencho em ultimo logar; ou antes algumas simples notas biographicas) compõe-se de seis capitulos: I. *Origem e diffusão da poesia provençal na Europa moderna.* — II. *Periodo italo-provençal* (1114(!)—1245). — III. *A poesia provençal na côrte de D. Affonso III: Periodo limosino* (1246—1279). — IV. *A poesia*

---

continuar na exploração, convencidos que a abundancia dos veios nem de longe ficou exhaurida.« — Os trabalhos de Th. Braga (embora não attinjam o vasto alcance dos de Jakob Grimm) são d'estes »germinaes« fecundos que evocam o poder critico e creador de outros, diversamente dotados.

provençal na côrte de Diniz: periodo limosino[1]) (1279—1325). — V. *O* **CV** *e suas relações com outros cancioneiros dos sec. XIII e XIV.* — VI. *O elemento tradicional no* **CV**.

As linhas geraes constructivas são, bem se vê, as mesmas do estudo anterior. Apenas ha accrescentos numerosos, trechos extrahidos das poesias do **CV**, e notas historicas que servem de subsidio util para a illustração de differentes allusões e referencias. A identificação dos poetas falha muitas vezes. Os reis Affonso III e IV são aprensentados como poetas. Os versos do Sabio de Castella são attribuidos, metade ao Leonês Affonso IX, e metade a Alfonso XI.[2]) Nos estudos comparativos, os modelos directos, franceses e provençaes, e as concordancias de forma e fundo teem parte muito diminuta, emquanto analogias não só com hymnos accadicos, mas ainda com disticos chineses (realmente notaveis e de indubitavel interesse) alargam o horizonte e dão prova da fina intuição com que Th. Braga anticipa factos que carecem ainda de demonstração scientifica. Hypotheses e affirmações arriscadas alternam com observações excellentes.[3])

Na critica do texto a genialidade do seu espirito serviu não sei se direi de auxilio, se de estorvo, uma vez que lhe produziu a illusão de que nem uma só cantiga, por mais deturpada que fosse, resistiu aos processos a que a sugeitou, sendo positivo, que difficilmente se encontrará uma duzia que satisfaça em absoluto. Basta apontar os numeros 19, 63, 74, 208, 215, 261, 387, 410, 460, 461 e 770 para indicar quão longe ficou do *desideratum*.[4])

---

1) Julgo que ha aqui um erro e que o auctor queria dizer *periodo gallego*. A p. LXIV lê-se: »É por isso que á primeira influencia por via da Galliza sobre o gosto poetico, chamamos *escola limosina* e á influencia communicada pela côrte de D. Diniz chamamos *escola gallega*.« No *Curso de litteratura*, que é de 1885, a tri-partição do periodo provençal em tres escolas permanece, sendo a primeira *italo-provençal*. A segunda todavia, denomina-se ahi *afrancezada*, e a terceira *limosina*. Esta fluctuação constante mostra quão pouco solida era a base sobre a qual a dicta periodização foi construida.

2) Digo: do *Sabio*, mas não estou certa, se todos são obra sua, ou se a parte cynegetica foi composta pelo avô — Affonso IX. O que é evidentemente falso nas affirmações de Theophilo é negar a parte de Alfonso X, e sustentar a de Alfonso XI.

3) Muitas das que dizem respeito a poetas e poesias serão discutidas nos capitulos seguintes, assim como nas Notas finaes do vol. I.

4) Encontram-se algumas emendas relativas aos textos impressos na *Anthologia*, na *Zeitschrift* I, 453 em um artigo de W. Storck. — Sobre

O glossario, muito incompleto, sem indicação das cantigas a que as explicações se referem, inçado de palavras que nunca existiram e de traducções phantasticas, é, de todo o ponto, insufficiente.[1])

Com relação ao **CA** ha alguma novidade nas paginas que lhe dedica[2]), embora, fiado nos dizeres de Varnhagen e em uma copia da Academia, Braga nunca recorresse ao original! Aos poetas, anteriormente identificados, junta mais quatro, cujos nomes apurou. Todos os 17[3]) eram, *segundo erradamente imagina,* fidalgos e grandes privados de D. Denis, comquanto não possa negar que alguns figurem em doações de Affonso III. Assenta que dois, João de Gaia e Mem Rodrigues Tenoiro[4]) (p. XLIV e LXXXIV), viviam ainda no tempo de Affonso IV.[5]) Na parte não assignada, que então constava de 244 composições, julga reconhecer um corpo de poesias nascidas na côrte do Bolonhês. Com fundamento. Sómente a hypothetica attribuição de parte d'ellas ao proprio monarca, não tem o menor fundamento.

Por causa das 16 vinhetas, a que alludiram Bellermann e Varnhagen, e que, por um mero acaso, correspondem (quasi) aos 17 trovadores então descobertos, entende que o volume todo fôra compilado de 16 ou 17 cancioneirinhos, sem neste calculo fazer caso das 244 manifestações anonymas! Confundindo o estado actual do pergaminho com o primitivo, conclue que não o acabaram, »porque o estylo limosino em que está escripto passou de moda, sendo substituido no reinado de D. Denis pelo gosto das serranilhas gallegas, e tambem porque a musica antiga foi abandonada, cedendo

---

outras, propostas por Epiphanio Dias na mesma revista XI, 42—55 vid. o nosso No. 57. — Cf. Lang **CD** p. VII e VIII.

1) As palavras: *abaco, affamado, alvão, aval, avindador,* não existem no Cancioneiro. Vid. ainda *lez* (por *ler*) explicada como se fosse *lado; mesela = maschalah = o que Deus quizer*; *pediolo = peditorio; alacrá = tecido antigo; coteife = capa de pesponto; garceiras = roupas de moça.*

2) Vid. p. LVII, LXXXI e LXXXIX e *Zeitschrift* I, 45 e 180.

3) Vid. p. XCII. — Cf. p. 74^{b}.

4) No Capitulo VI hei-de provar que éste *Tenorio* não é o justiçado por Pedro o Cruel, mas antes seu avô.

5) A. p. XCVIII *Joan de Gaia* é designado como escudeiro de D. Denis; mas a. p. LXXXIX Th. Braga conclue que o **CV** deriva de cancioneirinhos diversos, posteriores ao **CA**, exactamente por ter uma parte relativa a successos da côrte de Affonso IV.

o logar a toadilhas e instrumentos bretonicos.« Das variantes entre os textos communs ao **CA** e **CV** deduz, categoricamente (depois de analysar 28 entre 56), que os dois codices provêem de fontes distinctas, não tendo servido o **CA** para a collecção de Roma. Dois levissimos indicios persuadiram-no, pelo contrario, da identidade do Cancioneiro, cujo *Indice* foi elaborado por Angelo Colocci, com o Livro do Conde de Barcellos. Ei-los aqui:

1°. O cancioneiro desconhecido principia com *lais* de gosto bretão, e no Nobiliario do Conde ha tambem referencias a tradições bretonicas!

2°. Extraviado em Castella em conseqüencia da morte de Alfonso XI (opina elle), a compilação do filho de D. Denis veio parar, em copia, nas mãos dos Mendozas, da qual o **CV** é um dos apographos. As considerações sobre os mais cancioneiros, positivamente existentes ou puramente hypotheticos, e o quadro geral da sua filiação são calculos sem base solida.[1])

§ 58. Ao passo que esta edição, posta ao alcance dos curiosos, se ia imprimindo em Portugal, uma feliz descoberta realizou-se na Italia. Surgiu o ignorado volume intimamente relacionado com o codice vaticano 4803, que pertencera tambem a Colocci, e servira apparentemente para a confecção d'aquelle catalogo de nomes, junto por Monaci ao **CV** como subsidio precioso. Procurado em vão em Roma, appareceu inesperadamente na Marca de Ancona, a pequena distancia de Jesi, isto é do berço do illustre humanista. Deve-se o achado ao professor de historia patria Costantino Corvisieri, o qual, trabalhando em Cagli na livraria do Conde Paolo Antonio Brancuti, reconheceu o texto português e chamou para elle a attenção de um seu conhecido, Enrico Molteni, novel estudante de philologia romanica. Foi este discipulo de Monaci quem o explorou com ardente enthusiasmo. Logo em 1878 publicava uma succinta noticia, preparando sem demora a impressão das partes ineditas do volume a que, com justo motivo, se deu o titulo de *Cancioneiro Colocci-Brancuti.*

42°. *Il secondo Canzoniere Portoghese di Angelo Colocci,* artigo impresso no *Giornale di filologia romanza* Vol. I, p. 190—191. Roma, 1878.[2])

---

1) Conheço algumas referencias ao *Canc. Vat. Rest.* em revistas como *Romania* VII, 479 e *Zeitschrift* III, 113, mas nenhum *compte-rendu* extenso.
2) Cf. *Giornale* I, 200; *Romania* VII, 478 e 628.

Ahi Molteni informa apenas sobre os factos principaes, e descreve o volume cartaceo, comprado pelo pae do actual Conde, infelizmente sem nada indagar das vicissitudes por que passara de 1500 em deante. De formato um pouco mais pequeno que o de Roma, é muito mais copioso, tendo 355 folhas, contra as 210 ou 220 do outro. Os materiaes importantes que fornece preenchem as lacunas principaes d'aquelle. Mas ainda assim, não está intacto. Só subsistem 1567 (segundo os primitivos calculos), das 1675 poesias, registadas na *Tavola Colocciana.* Por mutilação carece das restantes. As divergencias do **CV** são menores do que a *Tavola* fazia suppôr. Das que dizem respeito ao numero de composições que competem a cada poeta e tambem aos nomes d'elles, varias são illusorias, — filhas de erros de Angelo Colocci. Subsistem ainda assim particularidades, notaveis, como p. ex. a falta no **CB** de quatro composições do **CV** em logares onde não ha mutilação.[1]) D'ahi concluia Molteni que ambos os cancioneiros são independentes, embora derivem da mesma fonte primordial, hoje perdida; e tambem, que esta não devia estar occulta a Colocci, visto que d'ella tirou materia para alguns accrescentos (*aggiunte*). Á frente das poesias apparecem fragmentos de um tratado archaïco de poetica portuguesa, muito deteriorados, mas valiosos, ainda assim.[2])

§ 59. O joven italiano falleceu a 13 de Março de 1880 com apenas 24 annos quando, já impresso o texto todo, ia dar forma definitiva ás notas com que desejava accompanhar o volume segundo da collecção iniciada por seu mestre (*Communicazioni*):

43°. *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti, pubblicato nelle parti che completano il codice vaticano* 4803 da Enrico Molteni, con un fac-simile in eliotipia. Halle a. S. Max Niemeyer editore 1880.

Para esta impressão paleographica das partes ineditas do **CB** Monaci escreveu a advertencia preliminar, dedicando palavras de saudade ao seu mallogrado discipulo. Nella repete, ampliadas, as communicações sobre o ms., assentando que possuimos nelle se não o mesmo, pelo menos a copia fiel d'aquelle grande cancioneiro, do qual o humanista deixou o Indice. Explica o que ha do punho de

---

1) Vid. *Giornale* I, 191. — **CV 364, 387, 410, 668.** Emquanto ao primeiro entendo que ha engano: o que falta é apenas a terceira estrophe do No. 363. Com relação aos mais, tambem haveria que dizer. E' preciso reverificar estas asserções, e numerar as cantigas do **CV** em harmonia com o **CB**.

2) Mais tarde se verá que não partilho essa opinião.

Colocci. Além de numerar as poesias e de muitas vezes as encimar com o nome do auctor, o humanista juntou apostillas marginaes, ora para confrontar vocabulos portugueses com formas italianas, ora para fixar o schema metrico, e preencheu tambem algumas lacunas — tarefas, é preciso lembrá-lo, que não executara no **CV**, ligando portanto maior importancia ao **CB**.

Fundando-se principalmente nessas addições, Monaci adopta o parecer de Molteni, segundo o qual o antigo possuidor conheceu e explorou ainda um terceiro codice lusitanico. *Prometteu tambem o exame critico das partes communs aos dois, na convicção partilhada de todos os investigadores que sómente sobre a base de tal estudo, incluindo a lista das variantes, se poderia organizar a exploração séria e a edição definitiva das cantigas.*

Infelizmente, até hoje não pôde cumprir a promessa. Auctoriza-nos porém a alentar a esperança que brevemente a realizará, o facto de haver adquirido ha annos o precioso thesouro, e de não o facultar mais aos que desejariam vê-lo.[1])

Oxalá, a minha interpretação seja boa! É muito e muito para desejar que as variantes em globo appareçam, e que um novo Indice completo, comparativo e critico, accompanhe esse trabalho, anciosamente esperado pelos verdadeiros philo-lusitanos.

A questão das fontes e das mutuas relações dos dois cancioneiros entre si, com a *Tavola Colocciana* [e tambem com o **CA**] só então poderá ser resolvida plena e satisfactoriamente, ficando demonstrado se é sustentavel, ou não, a hypothese dos tres originaes differentes, e de qual d'elles o *Indice* é synthese.[2])

---

1) *Litteraturblatt* XVI, 273. Em 1894 Monaci ainda extrahiu *manu propria* as variantàs do **CD**, em favor de um joven professor americano. Depois facultou-o a Cesare de Lollis. Vid. *Studj* Vol. VIII, p. 52.

2) Parece que a este respeito as opiniões estão divididas. Eis as palavras textuaes de Monaci, relativas ao **CB**: *questo è se non l' istesso, almeno una copia fedele di quel grande Canzoniere del quale Angelo Colocci lasciò il catalogo ... egli dovette avere avuto per le mani un terzo codice del quale si giovò per fare le sue addizioni in questo e nel codice Vaticano.* Molteni dissera apenas, com menos precisão: *Queste poche notizie, tuttoché insufficienti a dare del nuovo Canzoniere una compiuta idea, basteranno tuttavia a mostrare come malgrado le relazioni sempre più strette che si rivelano fra le due raccolte, esse restino pur sempre indipendenti fra loro, ma insieme accennando di derivare da una unica fonte alla quale ambedue convergono. E quella fonte non dovette essere sconosciuta pel Colocci, il qual non poté se non da essa avere attinto le aggiunte che di suo proprio pugno troviamo così nel cod. Vat. come*

O pouco que por ora sabemos não basta para qualquer das convicções crear raizes. Ás vezes parece mais provavel houvesse apenas dois codices, ambos maltratados, a ponto de qualquer benemerito, que quisesse salvá-los em 1500, se ver materialmente obrigado a mandar tirar treslados, havendo neste caso poucas probabilidades de os taes originaes se terem conservado até hoje. Os trechos que Angelo Colocci escreveu de seu proprio punho, considerados pelos criticos italianos como prova da existencia de um terceiro ms., podem muito bem ser emendas de saltos e de erros dos escribas, cujo trabalho fiscalizava e, em parte, *copia directa de paginas mais sensivelmente deterioradas.*[1]) Quem houver visto as folhas soltas do **CA** que lhe serviram de guardas comprehenderá que tambem os originaes, existentes no sec. XVI em Italia, podessem offerecer paginas soltas tão rotas e de lettra tão apagada que só um apaixonado e experto entendedor, da raça do grande humanista, seria capaz de decifrá-las. Com relação aos destroços que restam do tratado poetico, esta supposição parece-me quasi segura.

Está claro que se realmente se encontrasse nas bibliothecas italianas mais algum cancioneiro, que fosse o supposto terceiro codice, quer o original do **CB** do quer o do **CV** ou outro diverso, *muito* lucrariamos, em vista da infinidade de erros, commettidos pelos amanuenses do erudito de Jesi! —

As poesias impressas por Molteni, e classificadas de *ineditas* com relação ao **CV**, estão numeradas de 1—442. Na verdade

---

nel Brancuti.« — De Lollis, de parecer diverso, emprega as phrases seguintes: »*il ms. padre cioè da cui il Cod. Vat. e* **CB** *furono esemplati*« (p. 62) — e »*il Cod. Vat. è da ritenere como un apografo dallo stesso esemplare che servì pel* **CB**« (p. 64) e ainda »*il Catalogo degli Autori Portoghesi che il Colocci compilò sul ms. esemplare delle copie a noi pervenute*« (p. 69), como se acreditasse num só original. — Mario Pelaez aceita a theoria dos *tres* codices, entendendo que o cancioneiro hoje perdido foi o texto sobre o qual Colocci compilou o seu Indice, e ao mesmo tempo lhe ajudou a completar o **CB**. — Vid. *Giornale Storico,* vol. XIV, p. 43 e 44, e o meu extracto sob No. 77 d' esta *Resenha.* — Pelo texto se conhece que eu propendo até hoje a ver no Indice antes a synthese do **CB**, feita com algum desleixo, do que copia de um Indice mais antigo que accompanhava o ms. pae.

1) O que falla a favor do terceiro codice, são certas divergencias entre o **CB** e o *Indice*, principalmente quanto ás rubricas das primeiras poesias. Confira-se o Capitulo IV d' este livro.

dispomos comtudo, de quantia mais reduzida.[1]) Não são apenas 420, (avaliação primeira de Molteni), nem tão pouco chegam a 470, como haviam calculado os criticos, antes da descoberta, conferindo a somma das impressas no **CV** com as registadas no *Indice.* É obvio que o processo não podia dar resultado seguro, em vista dos freqüentes erros de numeração que se notam, tanto nos dois Cancioneiros, como na *Tavola.*[2]) A razão principal porque temos versos a menos dos que figuram na *Tavola* está todavia na mutilação do codice.[3]) Faltam-lhe folhas em varios sitios: entre 12 e 13; 69 e 70; 326 e 330 e tambem no fim do volume[4]), o que nos priva de 150 poesias, sendo 50 em commum aos dois cancioneiros[5]) e perto de 100 privativas do **CB**.

Com relação ao codice de Lisboa, os *ineditos,* publicados por Molteni, merecem este qualificativo só em pequena parte. Os encontros são muito freqüentes. Dos 442 apenas 245 faltam no **CA**;[6]) 189 estavam portanto divulgados desde 1823 ou, respecti-

1) Os Nos. **344**, **345** do **CB** são ignaes a **CV** 58—**60**; o **391** completa apenas **CV 1**. O **117** não devia ter numeração, por ser um fragmento deslocado e cancellado de **CV 79**. Os Nos. **331** e **335** são o mesmo texto; **195** e **196** formam uma só poesia; e igualmente **200** e **200**[a]. Dos Nos. **259**, **435**, **478** existe um unico verso. A duas cantigas do Codice faltava a numeração (**238**[b] e **471**[b] = **CB 224** e **364**). Em 17 cantigas encontramos os algarismos repetidos. — A numeração original ia de 1—391 (com lacunas de 9—36; 138 e 139; 273—316); de 446—478; 1500—1561 e 1572—1578. Quanto á nova, omittiu-se o algarismo 139; 209 e 210 são uma só poesia; e igualmente 214 e 215.

2) No cancioneirinho individual de D. Denis, o *Indice* regista p. ex. os Nos. **497**—**606**, ou seja 110 composições, sendo ellas na realidade 129. Deve haver portanto algarismos repetidos em 19 casos, ou em 18, se realmente faltar uma das cantigas do **CV** (188). Na ed. critica, que devemos a Lang, não se demonstra, quaes os erros. Talvez o amanuense, em logar de principiar com No **497**, escrevesse erradamente **479**?

3) As margens estão um pouco aparadas, o que prejudica o texto de longe em longe.

4) São esses os córtes de folhas, mencionados por Molteni, visto dizerem respeito aos fragmentos por elle publicados. Mas devem existir mais dois, na parte ainda inexplorada, conforme resulta da nota seguinte.

5) As privativas do **CB** são: Nos. **9**—**36** (fol. 12—13); **273**—**316** (fol. 69—70); **1562**—**1571** (fol. 327—329) e **1665**—**1675**, no fim do volume, i. é. 28 + 44 + 11 + 11 = 94. Faltam os Nos. **138** e **139**, como já se disse. Em compensação havia numeros repetidos nos seguintes casos: **8**[b], **39**[b], **167**[b], **181**[b], **181**—**189**[b], **317**[b], **368**[b] e **474**[b]. — Molteni falla de 1567 composições, como da totalidade de que hoje consta o **CB**.

6) São 190, a contarmos um numero repetido que a critica já havia reconhecido **CB 181**[bis] = **CV 1061** *ou* **CA 68**.

vamente, desde 1849. Receberam todavia nova luz com o feliz achado. É facto que o subsidio de variantes não é abundante e que essas ajudam pouco a melhorar e esclarecer textos tão bem conservados como os do antigo pergaminho da Ajuda. Mas de valia superior foi a fixação dos nomes de quasi todos os auctores, até então anonymos. Aos 16 (respectivamente 17) já apurados juntaram-se outros tantos. A theoria de Varnhagen, abalada desde as primeiras investidas ao **CV**, cahiu por terra.

Como num capitulo especial exponho as relações entre o **CA** e os apographos italianos, omitto aqui pormenores, dando apenas um elenco dos nomes que fixei em 1880 pelo confronto dos textos, tendo a vantagem de ser elucidada sobre alguns pontos duvidosos por informação directa do professor Monaci:

CB	igual a **CA**	ou **Tr.**		
65— 77	1— 13	65—79 e **j**	Vaasco Praga, de Sandim	(13)
81— 97	14— 30	255–258 e 80–91, e **q**	João Soares, Somesso	(17)
119—123	31— 35	**v** e 151—154	Paay Soares, de Taveiroos	(5)
124—146	40— 61	**t**, 49—64, **k p**	Martim Soares	(22)
148—149	62— 63	**h** e 148	Desconhecido I	(2)
151—154	64— 67	249—252	Ayras Corpancho	(4)
157—158	68— 69	253—254	Nuno Rodrigues, Candarey (?)	(2)
159—170	70— 81	149—150 e 102—111	Nuno Fernandes Torneol	(13)
172—184	82— 94	190—202	Pero Garcia Burgalês	(13)
186—204	95—110	202—217		(16)
209—211	111—113	259—261	João Nunes, Camanês	(3)
215—229	114—128	**u** 129—142	D. Fernam Garcia, Esgaravunha	(15)
236—250	129—143	170—172 218—224; e 143—147	Roy Queimado	(15)
253—258	144—149	157—162	Vaasco Gil	(6)
259—274	163—179	8—24	João Coelho	(17)
281—293	186—198	37—48 e **i**	Roy Paes, de Ribela	(13)
294—304	199—209	173—183	João Lopes, de Ulhoa	(11 ou 10)
341—342	265—266	100—101	Bonifacio, de Genova	(2)
				189

§ 59[b]. A' uma grammatica scientifica da lingua portuguesa de Fr. d'Ovidio, para uso dos estudantes italianos, accompanhada de um summario gallego, o illustre editor do **CV** e **CB** juntou uma pequena chrestomathia.

43[b]. *Manualetti d' Introduzione agli Studj neolatini per uso degli alunni delle facoltà di lettere — Il Portoghese e Gallego: Grammatica di* F. d' Ovidio. — *Crestomazia di* E. Monaci — *Imola* 1881.

Nella avultam 22 poesias archaïcas, em lição apurada, embora propositadamente não a expurgassem de todos os erros a fim de acostumar o principiante a mover-se com precaução. Entre as 19 cujo texto, tirado do **CV**, foi collacionado com a parte inedita do

CB, ha uma notavel divergencia entre os dois apographos. No **CV** falta o principio ou thema da cantiga de maldizer *contra os que deron os castellos como non devian al rey D. Affonso:*

A lealdade de Bezerra pela Beira muito anda
ben é que a nostra vendamos pois que no-lo papa manda.[1])

Essa amostra aviva o nosso desejo de breve recebermos da mão de Monaci a lista das variantes todas e o indice comparado dos dois codices.[2])

Um só dos textos copiados pertence ao nosso cancioneiro: o No. 265, de Bonifacio Calvo.

§ 60. Como deixei transparecer, foi neste estadio que principiei a tomar parte na exploração dos codices. Favorecida tanto por Ernesto Monaci como por Max Niemeyer, o desinteressado editor dos cancioneiros, recebi as folhas de impressão do **CB**, á medida que iam sahindo do prélo, explorando-as sem tardar a bem do **CA**, cuja preparação estava em andamento. Na persuasão illusoria de estar habilitada para o encargo, combinei com os dois benemeritos a sua publicação nas *Communicazioni,* para que assim ficassem juntos, num só corpo tres obras intimamente relacionadas e que se completam mutuamente. Na advertencia preliminar ao **CB** annunciava-se o nosso plano e num Prospecto, distribuido por occasião do Centenario de Camões, em nome do editor de Halle, divulguei-o, chamando a attenção dos portugueses para aquella collecção de monumentos provençalescos, e advertindo em poucas palavras das importantes revelações sobre os auctores do **CA** que emanavam do **CB**.

44°. *Tributo ao Centenario de Luiz de Camões — II.*[3]) *Cancioneiros Portuguezes: I. Il Canzoniere Portoghese della Bibl. Vatic. II. Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti. III. O Cancioneiro da Ajuda,* ed. critica por Carolina Michaëlis de Vasconcellos,

---

1) Na impressão de Monaci lê-se *denhamus* e *uolo*; *vendamos* e *nolo* são conjecturas minhas.

2) Dos algarismos no Indice de Colocci não resalta como p. ex. possa ter a numeração **749** a cantiga *Amigas que deus vus valha* (**751**?); **879** *Bailemos* (**876**?); **872** *Que muyto m' eu pago* (**870**?) e **1477** a satira contra os traidores (**1476**?)

3) O primeiro tributo eram as *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda, cujo texto se achava impresso, posto que sahisse á luz sómente annos depois.

accompanhada de variantes, uma introducção, notas, glossario, indices e um fac-sim. Porto, 1880.

Calculava-se que daria um vol. in fol. de 200 p.[1])

§ 61. Enthusiasmada tambem com a nova luz que a descoberta da canção *Leonoreta fin roseta,* conhecida pela novella de cavallaria de Montalvo (Liv. I c. 40) e que surgia agora no **CB** 244, com assignação ao trovador *Joan Lobeira,* me parecia derramar sobre a questão do *Amadis,* publiquei-a em liçaõ reconstituida, dizendo duas palavrus sobre o problema e sobre o auctor, que floresceu de 1258 a 1278.[2])

45°. *Etwas Neues zur Amadis-Frage;* em *Zeitschrift* IV, 347—351. (18 de Maio de 1880).

§ 62. Fui seguida de perto, ou talvez precedida por Monaci, o qual ventilou o mesmo assumpto num artigo da *Rassegna settimanale* que não cheguei a ver, e por Th. Braga, que a desenvolveu numa Revista do movimento contemporaneo, por elle dirigida.

46°. *A canção de Amadis de Gaula* em *Era Nova* I, 184—187. (1880—1881).

§ 63. Pouco depois o mesmo letrado occupou-se de varias outras novidades, colhidas no Cancioneiro, como p. ex. da unica ou quasi unica canção religiosa que encerra: a *Salve-Rainha* (**CB** 359 = Ind. 467) de Alfonso de Castella.

47°. *Uma salva no sec.* XIV em *Era Nova* I, 187.

Já então não era difficil reconhê-la como obra de Alfonso X, em vista de citações em livros tão manuseados como a *Historia da litteratura hespanhola* de Amador de los Rios.[3]) Th. Braga todavia não a identificou, como prova o titulo. Continuando a acreditar na redacção de poesias gallaïcas não só da parte de Alfonso IX de Leon e Alfonso XI de Castella, mas ainda de dois homonymos de Portugal (Affonso III e IV) nega, não sei por que razão, que o poeta das 400 *Cantigas de Santa Maria* figure nos cancioneiros profanos.

---

1) Na sua *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* (3ª ed.) pag. 200—201 Th. Braga allude ao *Prospecto.*

2) Vid. Cap. VI, § 39.

3) Vol. III, 513. — É a 30ma do Codice Toletano e a 40ma do Cod. Escur. j-b-2, faltando no Escur. T-j-1.

§ 64. Restaurou tambem engenhosamente, embora nem de longe acertasse em tudo, as 5 composições sobre assumpto bretão com que principia o **CB**, juntando consideraçõas geraes sobre a rapida diffusão da *matière de Bretagne* em Portugal.[1])

48°. *A influencia bretã na litteratura portugueza:* I. *Os lays bretãos;* II. *As novellas d' aventuras.*[2])

§ 65. Intemerato empolgou igualmente o tratado doutrinal acephalo em que um escolar de sec. XIII ou XIV havia catalogado e definido os generos poeticos, de origem erudita e semi-popular. Elucidou muitas passagens; mas não querendo restringir-se ás partes legiveis, interpretou outras arbitrariamente, conservando palavras adulteradas, como: *cantigas a tehudas* em vez de *c. de atafiinda*; e lendo *joguete certeiro,* em vez de *joguete d' arteiro.*

49°. *Monumentos da litteratura portugueza: fragmentos de uma poetica provençal do sec. XIV.* Em *Era Nova* I, 414—422. — 1881.[3])

§ 66. A tentativa passou quasi desapercebida, sendo renovada alguns annos mais tarde por Ernesto Monaci, que procedeu com criterio mais atilado. Pondo de parte fragmentos demasiadamente deturpados, commenta algumas das theses que transcreve com exemplos colhidos nos cancioneiros. Mas não nos demonstra como a theoria está muitas vezes em contradição aberta com a practica, o que não é indifferente para a formação de um juizo critico àcerca da data; nem compara a terminologia com a dos outros paises romanicos.

50°. *Il trattato di poetica portoghese esistente nel Canzoniere Colocci-Brancuti,* publicado na *Miscellanea di Filologia e Linguistica Caix-Canello*, p. 417—423. — Firenze, 1885—1886.

§ 67. Voltando ás contribuições de Th. Braga, tenho de citar um estudo em que trata mais uma vez do caracter e das formas da poesia popular gallega.

Ao comparar as *muïnheiras,* as *ruadas* ou *cantares de pandeiro* d' aquella provincia com os archaïcos *cantares de amigo*, póde

1) **CV 930**, **1007** e **1140**. Na cantiga **CV 1170**, que cita tambem, o adjectivo francês *lay* (= *laid* feio) nada tem com o genero poetico do *lais.* Cf. *Curso de litter.* p. 77.

2) Sahiram na *Era Nova* I p. 320 e 467. Conheço apenas a reimpressão na miscellanea: *Questões de litteratura e arte portugueza*, Lisb. 1881, onde se acham os artigos 44—47 e outros, mais antigos.

3) Cf. *Curso,* p. 77.

agora introduzir na discussão um elemento novo, de importancia superior: versos vulgares, ainda hoje cantados em Portugal pelos agricultores de Tras-os-Montes,[1] nas segadas e mondas do trigo, e ahi mesmo colhidos da tradição oral pelo notavel philologo e folklorista Dr. José Leite de Vasconcellos.

Eis *o thema* resumido de cada um d'estes quatro cantares, acompanhados do *refram:*

1°. *Pela manhanina de o Abril . . .*
pela manhanina de o Natal
R.: *Pela manhanina manhã*
pela manhã (bis).

2°. *Anda lá um peixinho vivo . . .*
anda lá um peixinho bravo
R.: *Na ribeirinha ribeira*
naquella ribeira (bis)

3°. *Ferrungando se vae pela vila . . .*
ferrungando se vae pela praça
R.: *ferrungando se vae a raposa*
ora vae ferrungando (bis)

4°. *Santo Antonio aqui d' esta villa . . .*
Santo Antonio aqui d' esta praça
R.: *Santo Antonio quero te eu adorar*
pois os meus amores querem-me deixar.

Vasados, embora com algumas alterações que deterioram o typo puro, nos mesmos moldes dos cantares primevos de estylo mais genuinamente popular, que os cancioneiros encerram, estas quatro composições vulgares[2] são, mais pela forma do que pelo fundo, de importancia capital, porque provam a continuidade de uma tradição secular e demonstram que houve positivamente relações entre os escriptores dos cancioneiros e o povo.

A forma original, tal como o povo as canta hoje, acha-se registada num escripto de J. Leite de Vasconcellos:

51°. *Antiga poesia popular portugueza* no *Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas.* Porto, 1882.

A forma reconstituida, i. é. alterada por Th. Braga, segundo a doutrina abstrahida dos archaïcos cantares, acha-se no Prologo

---

1) Em Rebordaïnhos de Moncôrvo.

2) Na Parte IV veremos quaes são. A tradição popular do Norte de Portugal ainda conserva mais alguma, e vae continuamente creando imitações novas.

ao *Cancioneiro popular gallego* de José Perez Ballesteros cujo titulo registo apenas:

52°. *Sobre a poesia popular da Galliza.* Madrid, 1885. Na *Biblioteca de las tradiciones populares.* Tomo VII.

Abstrahindo aqui das theorias ethnographicas, definições inadequadas ás quaes não corresponde a realidade que resalta dos exemplos allegados, affirmações inexactas e erros de detalhe, a importante these, defendida nesse estudo, parece-me ser esta.

Graças tanto á sua situação geographica como á sua constituição ethnica, de misturas relativamente poucas, e com preponderancia dos elementos celticos e suevicos (sobre um fundo turaniano, bem se vê), sendo nos seculos da conquista e reconquista pouco perturbada por invasões arabes, a Galliza foi o foco da civilização peninsular e o berço da elaboração lyrica. Graças ao abandono e á atonia e passividade provincial em que cahiu posteriormente, submettida a Castella, depois da fatal desmembração da parte sul, não sómente um fundo valioso de tradições e costumeiras mas tambem typos de poesias archaïca se conservaram no canto nordoeste da peninsula em relativa pureza, embora em forma reduzida e baralhada e mal comprehendida até hoje. Com auxilio dos cantares trovadorescos que melhor representam o genero popular, i. é. dos versos que Braga chama *serranilhas*, é possivel e é preciso comprehender e recompôr a estructura primitiva não só das *muïnheiras* mas tambem das trovas descobertas por Leite de Vasconcellos e tudo o mais que for apparecendo em disticos asonantados, de parelhas perfeita ou imperfeitamente desdobradas, com ou sem estribilho, em monologo ou dialogo. Esses disticos das *serranilhas* e *muïnheiras* são o verdadeiro genero nacional e tradicional que chegou a penetrar nas litteraturas palacianas de Portugal e Hespanha: no cancioneiro individual de D. Denis e seus proceres, nas poesias do Arcipreste de Hita e Marquês de Santilhana, nos dramas de Gil Vicente, na lyrica de quinhentistas como Castillejo e S. Juan de la Cruz; e como motes de voltas e glosas ou como centões nas obras de Camões e de Camonistas.

§ 68. Confrontando os textos do **CB** com os da collecção lisbonense a fim de saber quaes eram as 189 ou 190 Cantigas, em commum a ambos, e quaes as variantes de que eu fallára no prospecto, Th. Braga, impaciente de concluir e de divulgar, como de costume, ainda agora não recorreu ao texto *princeps*, contentan-

do-se com o treslado que tinha á mão. Quer fosse o que se conserva na livraria da Academia, ou outro que adquirira, o ms. que utilizou como base de operações deve ter sido mera cópia da edição Stuart com todas as imperfeições que a desdouram. É pelo menos o que indicam os defeitos do artigo intitulado:

53°. *O Cancioneiro da Ajuda* em *Revista de Estudos livres*, Vol. II, 607—611. — Fevereiro de 1885.

A descripção do codice continua inexacta, insistindo o auctor em dissertar sobre a falta de 41 folhas no principio, de paginas interpoladas, de *vinte e quatro* laudas, descobertas em Evora, da proveniencia do codice da Bibliotheca de D. Denis, etc. A numeração das folhas sahiu-lhe necessariamente incorrecta, por não serem mettidas em conta as paginas em branco do original, desprezadas por Stuart. Ha lacunas no confronto, que é feito por folhas, com indicação dos nomes de auctor e da numeração do **CB**, pelo modello seguinte: fol. 41 do **CA**, Vasco Praga de Sandim = **CB 65, 66, 67, 68.**

Indicam-se 227 Trovas de 28 auctores (com inclusão dos 16 ou 17 do **CV**) na ordem em que realmente se succedem, de Vaasco Praga até Roy Fernandes. Dois apparecem sem direito, faltando quatro [1]), por se haver saltado folhas inteiras, e omittido os fragmentos todos. A somma das canções ineditas, ou com mais exacção privativas do **CA**, avalia-se em 86, sendo ellas na realidade 64. Na lista que Braga organizou, o leitor encontra porém apenas 35.

A affirmação que o **CB** é o começo e o **CV** o fim de um grande Cancioneiro, de que o **CA** é a parte média, é justa até certo ponto, mas não espelha fielmente a realidade. [2])

§ 69. Indicarei ainda uma remodelação do *Manual*, em que Braga condensou os factos, apurados desde 1875, não sem os

1) E são: *Ayras Corpancho, Nuno Rodrigues de Candarey, Joan Nunes Camanês* e *Bonifacio de Genova.*

2) Considerando os tres como troços do um Cancioneiro Geral, a ordem é a seguinte, *abstrahindo-se aqui de todas as lacunas* e pequenas divergencias.

CB 1—90
CA e **CB 91—391**
CA e **CV** e **CB 392—442**
CA e **CB 443—450**
[CA 267—284]
CB 454—478
CB e **CV 479—1500**, apparecendo no **CA** apenas os Nos **811, 812, 816, 991—997.**
CB 1501—1578
CB e **CV 1579—1670.** Confira-se o Cap. III.

bordar de copiosas hypotheses arrojadas. No paragrapho sobre o **CA** figuram d'esta vez 27 auctores, entrando de contrabando o clerigo Ayras Nunes, e deturpando-se o nome a Fernam Gonçalves de Seabra, que ahi é chamado de Sousa.

54°. *Curso de Historia da litteratura portugueza.* Porto, 1886.

§ 70. Do estrangeiro vieram de 1880 em deante varios trabalhos criticos e artisticos.

Wilhelm Storck, de Münster na Westphalia, o distincto camonista, escolheu nos cancioneiros uma centena de cantigas, que verteu para allemão, magistralmente, juntando em notas finaes propostas de emendas para os textos deturpados quanto á lingua e ao schema estrophico. Naturalmente favoreceu os poeticos cantares de amigo. Entre os de amor do **CA** colheu apenas dois: o nosso No. 295: *Por vos veer vin eu, senhor* (de Calvelo) e 229: *Amigos non poss' eu negar* (de Guilhade), numerados por Storck 3 e 30.

55°. *Hundert altportugiesische Lieder. Zum ersten Male deutsch von* W. Storck. — Paderborn und Münster, 1885.

§ 71. Estes ecos ingenuos da alma popular inspiraram um compositor acreditado P. E. Wagner, o qual ideou melodias muito cantaveis para uma mão-cheia de versos, del rei D. Denis (**CV 141** *Pois ante vós estou aqui*); do aristocrata Joan Meendes de Beesteiros (**CV 450** *Amigo, ben sei que non á*); dos jograes Joan Zorro (**CV 755** *El Rei de Portugale*); Lourenço (**CV 867** *Tres moças cantavan d'amor*); Pero Meogo (**CV 793** *Levou-se mui cedo*); Juião Bolseiro (**CV 774** *Nas barcas novas foi-se*); e do clerigo Ayras Nunes (**CV 761** *Bailemos já todas, todas ay amigas*).[1]

56°. *Altportugiesische Lieder zum ersten Male deutsch von* Professor Dr. W. Storck für vier Solo-Stimmen mit Klavierbegleitung, componirt von P. E. Wagner. Paderborn, 1885.

§ 72. De Portugal sahiu, para ser publicada na Allemanha, uma serie de correcções, na maioria acertadas, aos textos do **CV**.

Apontarei um só erro de interpretação porque é capital e passou para o **CD**, na edição Lang. O emprego de *h*, seguindo consoante, mas antes de vogal atona, não foi bem explicado. Generalizando a graphia provençalesca *nh, lh,* explicada por Diez,[2])

---

1) Num concerto musical de 27 de Dezembro de 1886, oito d'estas cantigas foram executadas em Paderborn, com muito applauso. — Em Portugal ainda não foram cantadas nem em publico, nem nos paços regios!

2) *Kunst- und Hofpoesie,* p. 35—36 e 111.

é que os portugueses escreviam *bh, vh, mh* etc., servindo a ultima letra de representante de *i* atono. Sejam exemplos o pronome poss. f. *mha* = *mia* > *mea*, empregado como prefixo monosyllabico, e tambem palavras conjugadas como *mha* = *mi-a* > *mihi illam, ouvha* = *oùvi-a* > *habui illam ad* (**CV** 17, 16 etc.); os nomes proprios *Simhon* = *Simion*, hoje Simaõ; *Nevha* = *Nevia* (hoje *Neiva*); *Limha* = *Limia*, hoje *Lima*, *Pavha* = *Pavia* (hoje *Paiva*); e o verbo *dormho* = *dormio*, hoje *durmo*. De modo algum este *h* faz as vezes de apostrophe, como indicam Epiphanio Diaz e Henry R. Lang.[1])

57°. *Beiträge zur einer kritischen Ausgabe des vaticanischen portugiesischen Liederbuches.* Von Epiphanio Diaz. — *Zeitschrift XI*, p. 42—55. 1887.

§ 73. Em Roma, no gabinete de estudo de um adepto de Monaci elaborou-se a primeira dissertação critica pormenorizada sobre um grupo de cantigas, pertencentes a um só poeta, mas intimamente ligadas por via directa e indirecta aos versos de outros muitos, sobre os quaes tambem derrama luz. Era de suppôr começassem com as figuras mais proeminentes na gerarquia social. A escolher o Rei de Castella e de Leon levava uma these erronea de Braga que, por muito repetida, corria risco de se propagar. Em opposição a Wolf, Milá e Diez, o historiador da litteratura portuguesa, assentára apodicticamente, conforme indiquei, que nenhuma canção de Alfonso o Sabio apparece como excerpto nos Cancioneiros, sustentando-a ainda depois de haver lido no **CB** o cantar sacro: *Deus te salve, reynha Maria.*

Cesare de Lollis analysa cuidadosamente as poesias principaes, assignadas pelo Rei de Castella e de Leon, interpretando as allusões historicas. E apura o facto que nas cantigas **CB 359—478** (= Indice 467—478) e **CV 61—79** (Indice 479—496), que juntas constituem uma serie não interrupta, possuimos restos da actividade poetica profana do Rei Sabio. Além d'isso estabelece que ao cyclo de homens de côrte e de jograes que o secundaram nas suas empresas satiricas, pertencem Pero Gomes Barroso, Pero da Ponte, Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom,

---

1) O primeiro diz na *Zeitschrift XI*, 44: „Das handschriftliche *ouuha leuar* (d. h. *houv'a levar*) ist fehlerfrei. *Das h steht für den heutigen Apostroph.*" — Lang (**CD**, p. CXLVII) fallando da orthographia que adoptou, explica: „*h ist gefallen, wo es blos etymologischen wert hat, beibehalten nur im tonlosen pronomen, mh=me vor vokalen, wo es offenbar die stelle des apostrophes vertritt.*"

Joam Baveca, Pero d'Ambroa e Pedr' Amigo. De passagem toca tambem nos versos de outros auctores[1]) cuja chronologia tenta fixar, e fixa em muitos casos satisfactoriamente.[2])

58°. *Cantigas de Amor e de Maldizer di Alfonso el Sabio Ré di Castiglia* em *Studj di Filologia Romanza.* Vol. I, 31—66. 1887.

§ 74. Pouco mais tarde as noções dos estudiosos sobre o espirito poetico e a admiravel actividade litteraria do egregio monarca foram efficazmente integradas por uma publicação de vasto alcance: o quarto cancioneiro gallaïco-português, longamente esperado e com impaciencia. Fallo do *Livro dos canticos sacros* de Alfonso X. Annunciado ao mundo pelo monarca em pessoa no seu testamento e ainda por um seu coevo, o minorita Fray Juan Gil de Zamora, o qual escrevera: *more quoque Davidico etiam ad praeconium Virginis gloriosae multas et perpulchras composuit cantinelas sonis convenientibus et proportionibus modulatas,* o livro nunca mais fôra inteiramente esquecido desde então.

Quem promoveu a magnifica edição, digna de um rei, foi a Academia hespanhola, a instancias do Marquês de Molins, custeando-a o governo, e collaborando varios sabios nacionaes e estrangeiros nos commentarios scientificos que accompanham o texto.

59°. *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio.* Las publica la Real Academia Española. 2 Vol. in fol. Madrid 1889.

Durante tres seculos, desde que Argote de Molina publicára na *Nobleza de Andalucia* a historia do milagre de Chincoya (**CM 185**)[3])

---

1) João Soares de Paiva, Ruy Gomes de Briteiros, Ayras Peres Vuiturom, João Soares Coelho, João d'Aboim, Rodrigu' Eannes Redondo.

2) Os erros de alguma importancia que noto nas explicações historicas são os seguintes. O rei Fernando, cuja favorita fôra Maria Annes Batisella (p. 35), não é o de Portugal, mas sim o conquistador da Andaluzia. — Pag. 36: a lide de Moron teve lugar no anno de 1259, e não em 1289. — Pag. 37: o Monçon, mencionado na cantiga **CV 1158**, não pode ser o de Aragão; o *jantar* não é nenhum *bovage*; nem o rei, a que allude Paay Gomes Charinho é D. Jayme de Aragão. — Pag. 39 e 41, não ha prova de que Ayras Peres Vuiturom ainda vivesse no reinado de D. Denis. — Pag. 47, na cantiga **CV 74** o Guadalquevir não designa a região onde se desenrolára a campanha descripta. — Lollis copia numerosos trechos illustrativos, mas não nos dá textos completos, restaurados; nem recorreu, para este fim, ás variantes do **CB**; sobre as difficillimas poesias que precedem no **CB** as d'El-rei Sabio (assignadas por el-rei D. Affonso de Leon) não se pronuncia.

3) Livro II, e a p. 16.

apenas haviam sido divulgados magrissimos excerptos do Cancioneiro real, patente agora na integra. Nas 1150 paginas de primorosa impressão temos 40 a 50 lyricas sacras: hymnos para as principaes festas religiosas do anno; orações, e louvores da Virgem que D. Alfonso, transformado em *trovador* ou *galan* de Santa Maria (seu *entendedor*, como se expressa candidamente, na cantiga 130)[1]) destinava a serem cantados por jograes nas igrejas de Hespanha, em substituição das seqüencias, ladainhas e prosas latinas; e 360 pias narrações epico-lyricas sobre casos milagrosos que ora redigia pessoalmente, ora mandava redigir,[2]) seguindo o impulso hagiographico do sec. XIII a que já cedera em França Gautier de Coincy (1177—1236), e na propria peninsula aquelle Gonçalo de Berceo (c. 1180—1246) que se apellidou mais modestamente *jogral* da Virgem e dos Santos.

Contados os prologos, que abrem a vasta collecção, e tambem o epilogo e a petição que a fecham, e descontados os textos repetidos, temos por junto umas 420 composições em metros variadissimos, de valor mui desigual, mas todas preciosas, comquanto o interesse material, de historia, linguagem, metrica, pintura e musica exceda (e de muito) o valor puramente ideal das cantigas, como obras de arte.

Todos os quatro codices membranaceos, que ainda subsistem, foram explorados cuidadosamente. O Escurialense (j-b-2), como mais completo e correcto, serviu de texto-*princeps*. Forneceram accrescentos e variantes, outro da mesma bibliotheca (T-j-1), in-

1) No Prologo das Cantigas, D. Alfonso, alludindo aos seus versos de amor profanos, expressa-se do modo seguinte:

> *Rogolle que me queira por seu*
> *trobador e que queira meu trobar*
> *reçeber; ca per el quer' eu mostrar*
> *dos miragres que ela fez, e ar*
> *querrei-me leixar de trobar des i*
> *por outra dona ...*

2) Na maioria dos casos é El-Rei quem falla. Em algumas fallam d' elle e não de muito perto; p. ex. *logo a principio*, na Cant. 18, onde se diz, com relação a umas toucas de seda, milagrosamente fabricadas em Segovia pelo sirgo (as *babous*):

> *Porem Don Affons' el Rei*
> *Trage, — per quant' apres' ei —*
> *Na sa capela*
> *End' a mais bela!*

completo, mas riquissimo;[1]) e o de Toledo, sendo este o mais antigo, redigido entre 1257 e 1275, quando Alfonso ia usando o titulo: *Rey dos Romãos.* Este contém apenas 100 *cantares e sões,* aos quaes foi juntado mais tarde um appenso de 27 poesias. Dois cantares de supplemento provéem de um codice descoberto ha pouco na Universidade de Florença, por acabar, como o segundo[2]) escurialense e o **CA**, e mutilado, como este. As collecções do Escurial encerram versos com referencias aos acontecimentos de 1279 e 1280 (a rebellião dos ricos-homens[3]) devendo, portanto, datar-se dos ultimos e bem tristes annos do seu reinado. Escriptos e illuminados com luxo surprehendente, é todavia verosimil fossem, como o de Toledo, executados por ordem e em vida do monarca[4]) e por elle legados á igreja em que sua filha, a Rainha de Portugal D. Brites e os mais testamenteiros houvessem por bem sepultá-lo.[5])

As 212 estampas do codice incompleto, com 1200 e tantas miniaturas, obra de pintores patrios, embora o seu estylo atteste a influencia da arte francesa, encerram abundantes revelações sobre a civilização, os costumes, as artes, os trages e as alfaias do sec. XIII.[6]) Dez chromo-lithographias, introduzidas na edição academica, dão ideia aproximada d'essas illustrações, assim como da calligraphia e da musica.

---

1) É o que foi utilizado em 1588 por Argote de Molina. Parece que falta o 2do vol.

2) *Fundo Magliabecchiano.* Vid. p. 52—56 da Introducção e na *Zeitschrift* XI, 301—304 um artigo de E. Teza, o erudito Pisano.

3) **CM 235**.

4) Ha quem pense que os successores de Alfonso X (até Alfonso XI) continuaram a obra por elle iniciada.

5) »*Otrosi mandamos que todos los libros de los Cantares de loor de Santa Maria sean todos en aquella iglesia do nuestro cuerpo se enterrare e que los fagan cantar en las fiestas de Santa Maria.*« Vid. *Memorial historico español,* Tomo II. — Surge a ideia se haveria copias, contendo unicamente os hymnos e louvores? — Estraviaram-se varios codices, authenticados por assentos fidedignos. Houve p. ex. um codice ricamente guarnecido de miniaturas, aproveitado por Zuñiga, Nicolas Antonio e ainda por Mondejar, o qual fôra propriedade, primeiro de Alfonso Siliceo e, em fins do sec. XVII, do sevilhano D. Lucas Cortés. Houve outro, que se regista no inventario da livraria da rainha D. Isabel a Catholica. E talvez mais um se guardava em 1438 entre os livros Rei D. Duarte de Portugal, identico, por ventura, a um que foi visto no sec. XVII na Torre do Tombo. — Cf. Cap. II e IV. — O problematico Cancioneiro Marialva, que incluia, dizem, uma das Cantigas de Alfonso X, era, apparentemente, se existiu, uma Miscellanea de versos authenticos e apocryphos.

6) Na Cant. **CM 377** o trovador coroado nomeia um dos seus illuminadores.

A lição dos textos, transcriptos com criterio atilado, satisfaz em geral, ainda que naturalmente se possam levantar pequenas objecções, tanto contra o lavor critico, como contra a fidelidade, nimia umas vezes, e outras deficiente. No. 1° volume a redacção parece mais cuidada, havendo no 2do não poucos desvios e erros evidentes de copistas antigos que não mereciam ser conservados *no texto.* As variantes introduzidas, segundo o principal redactor, com prolixo esmero, são na maioria dos casos meras graphias diversas. Creio que algumas derivam do processo, segundo o qual eram organizados os borrões para ulterior execução calligraphica. Uma miniatura, mostrando o trovador coroado no acto de dictar e ensaiar os seus canticos, rodeado de jograes que empunham a viola, e de juglaresas a dançar [1]), assistindo os amanuenses, de penna na mão, com os rôlos de pergaminho estendidos sobre os joelhos, bem pode ser representação veridica do que se passára na realidade.

O glossario é incompleto, cheio de apreciações e traducções erradas, e não satisfaz.

§ 75. Numa extensa e substanciosa Introducção (226 pag.) o Marquês de Valmar D. Leopoldo Cueto dá amplas e seguras informações sobre os codices; historia a civilização hispanica e o seu contacto, tanto com a França meridional e a do Norte, como com esta praia occidental; discursa com respeito á arte metrica; trata a lingua de »*gallego erudito*« sobre o qual actuaram os dois dialectos franceses; e occupa-se de um modo exhaustivo dos assumptos, em parte universaes, em parte locaes, e em parte familiaes, assim como das fontes, em latim e romance, de que emanaram as lendas de indole cosmopolita. [2])

Para a comparação das redacções gallaïco-portuguesas com estes originaes e com outras adaptações contribuiram sabios de

---

1) Um inedito do Cod. Flor. principia:

Cantando et con dança
seia por nos loada
a virgem corõada
que é nossa asperança.

2) Entre ellas avulta o *Speculum historiale* de Vincentius Bellovacensis que mandou fazer el Rei Luis de França, e o *Liber Mariae* de Frei Juan Gil de Zamora, biographo de Alfonso e preceptor de Sancho IV. — Vid. *Cincoenta leyendas por Gil de Zamora*, ed. P^e. Fidel Fita, no *Boletin de la Academia de la Historia.*

renome europeo, como Adolpho Mussafia, de Vienna d'Austria, Paulo Meyer de Paris, e outros.

Ao tratar do espirito poetico do dynasta castelhano, o Marquês, livre de preconceitos, accentúa que Alfonso não inventou cousa alguma. Os themas recolhidos de manuscriptos ou da tradição oral são poucas vezes phantasticos ou delicados; freqüentemente triviaes e mesmo anti-poeticos, não faltando alguns de uma irreverencia escabrosa e lascivia singular, triste documento da excessiva indulgencia moral d'aquelle tempo. O »desnudo naturalismo« da narração (isenta de resto de palavras baixas) ainda é, segundo elle, realçado pela linguagem procaz de algumas pinturas. Embora avalie muito mais alto o merito litterario do rei castelhano do que o de seu neto D. Denis, não deixa de notar o muito maior recato e pudor do português.[1]) Sem arranques lyricos, nem rasgos insolitos, as Cantigas de Santa Maria agradam pela sinceridade primitiva e a devoção ingenua do sentir, encantando o especialista pelo admiravel desembaraço com que Alfonso X narra, discursa e versifica em gallego. Mal se pode duvidar que manejasse este idioma familiarmente desde a sua infancia.

Com relação a Portugal e á Galliza é notavel a intimidade das suas relações com Castella e Leon que as cantigas manifestam. Grande numero dos milagres foram colhidos num grosso volume guardado em Evora (**CM 338**); muitos são localizados em terra lusitana,[2]) avultando os que a tradição liga ao sanctuario antiquissimo de Terena, celebre pelo culto do Deus Endovellico.[3]) Outros referem-se a Santiago de Compostella.[4]) A tragica sorte de Sancho II arranca gritos de revolta a Alfonso X. No fim da vida, abandonado pelo povo e destronado pelo proprio filho, exclama, sem considerações por D. Affonso III, seu genro que recolheu o premio da traição:

> *nunca assi foi vendudo*
> *rey Don Sancho en Portugal!* (**CM 235**).

---

1) Cf. p. 152: *El monarca de Portugal Don Dionisio entro en la corriente reformadora y no dejó en sus trovas, como su ilustre abuelo, ejemplo alguno de impiedad moral y de lubrica audacia que pudiese desdorar el decoro del escritor e la majestad de la realeza.*

2) Vid. por. ex. as **CM 55, 222, 237, 238, 245, 267, 271, 275, 277, 291, 322, 338, 369, 373.**

3) Vid. Leite de Vasconcellos, *Religiões dos Lusitanos*, Lisboa 1898.

4) Vid. **CM 218.**

Aos dizeres de escarnho de um clerigo de Alemquer, Martim Alvites, e á sua conversão dedica um cantar.[1]) Um dos poetas do **CV** e **CB**, *Ayras Nunes, oriundo de Santiago,* talvez lhe prestasse serviços na elaboração das Cantigas. Seu nome, pelo menos, apparece lançado á margem exactamente d'essa Cantiga 235!

No que o Marquês de Valmar relata sobre o **CA** e sobre os Cancioneiros profanos em geral, cinge-se, como devia ser, ás informações de Th. Braga, seu collaborador nas Notas, não lhe cabendo por isso a responsabilidade de algumas inexactidões em que incorre.[2])

§ 76. O mesmo devo dizer com relação ao fecundo cathedratico de Madrid, cujos prologos ao bello florilegio que vae publicando constituem uma amenissima historia documentada de toda a lyrica castelhana.

60°. Marcelino Menendez y Pelayo, *Antologia de poetas liricos castellanos.* Tomo III, vol. CLX da *Biblioteca clasica*, 1892.

Para caracterizar o periodo gallaïco escolheu, com tacto seguro e criterio superior, no fundo importante de ideias variegadas, dispersas nas differentes publicações do seu collega lisbonense, o que encontrou mais comprovado e digno de ser divulgado, condensando a materia num rapido resumo, illustrado pelas mais vistosas e aromaticas flores silvestres que se podem colher nos cancioneiros profanos.[3])

Tres considerações suas, proprias, significam um novo e importante passo ávante, na justa avaliação da lyrica gallaïco-portuguesa.

1°. A perfeição da linguagem e do rhytmo que se observa nas Cantigas de Maria é indicio certo de uma evolução anterior, talvez muito longa, cujos monumentos pereceram.

---

1) **CM 316.** A valentia do ricohomem Alfonso Telles tambem lhe mereceu louvores: **CM 205.** É muito natural que entre os seus ajudantes e tambem entre os copistas houvesse clerigos e musicos de origem gallega.

2) Esta Introducção appareceu tambem em ed. separada: Don Leopoldo Augusto de Cueto, Marques de Valmar, *Estudio historico, critico y filológico sobre las Cantigas d' El Rey Don Alfonso el Sabio,* Madrid 1897. — Cf. *Rev. Crit. de Hist. y Lit.* II, 294.

3) Do **CA** falla a pag. XVII e XLVI—L. Em vista da larga circulação que todos os volumes de Menendez y Pelayo alcançam felizmente, é para sentir que os textos — colhidos naturalmente na ed. restaurada de Th. Braga — não estejam tão correctos, como seria para desejar.

2°. O despertar poetico da Galliza houve de coïncidir com aquelle breve periodo de esplendor que desde os fins do sec. XI até ao meado do XII parecia dar ao Noroeste o predominio e a hegemonia sobre as demais gentes da peninsula.

3°. Foram as incessantes ondas de peregrinos transpyrenaïcos que levaram a Santiago, ao som do canto de *Ultreia*, os germens da nova poesia que ia desabrochando viçosamente no meio-dia da França. —

Outras theses apresenta que não são igualmente persuasivas. Eu tambem me inclino a ter em conta de genuinamente populares algumas poesias do cancioneiro, como p. ex. a dança duplamente representada, começando uma vez:

Bailemos agora por Deus, ay velidas! (**CV 761**)

e a outra:

Bailemos já todas, todas, ay irmanas! (**CV 462**)

mas ha quem nos contradiga. — Considerar o idioma gallaïco-português de Alfonso X como um *dialecto convencional*, sem offerecer explicações ulteriores sobre a maneira de entender essa doutrina, é abrir a porta a apreciações falsas. Aceitar para os canticos de romaria o nome *cantos de ledino*, distrinçar no Romance de D. Fernando (**CV 455**) um fragmento de cantar de gesta, transumpto do castelhano,[1]) são maneiras de vêr muito controvertiveis e já combatidas por mim em outro logar.

§ 77. Num elegante artigo, o mesmo Menendez Pelayo delineou para o grande publico o que é de interesse geral no Cancioneiro sacro do monarca castelhano.

61°. Las cantigas del Rey Sabio na revista *La Ilustracion* de 28 de Fevereiro de 1895.[2])

§ 78. Emquanto assim se ia erguendo a complexa construcção, para a poesia sacra, palaciana e popular — castello feudal, egreja annexa e o burgo em volta — um sabio francês tentou cimentar os alicerces não só do edificio peninsular mas da totalidade das creações trovadorescas. As origens da lyrica moderna, eis o assumpto da obra

---

1) A este respeito vid. C. M. de Vasconcellos, *Randglosse XII.*

2) De um artigo de E. Monaci, relativo ao mesmo assumpto, sei apenas que appareceu nos *Rendiconti della R. Accad. dei Lincei*, serie V, vol. I, fasc. I.

de Alfred Jeanroy que fez epoca, dando novo impulso á actividade de muitos obreiros da philologia neo-latina.

62°. Alfred Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France au moyen-âge.* Paris 1889, 523 pag.

Principio copiando a definição do que é poesia popular, em contradicta de uma concepção mystica e supersticiosa, ainda em voga neste pais e alhures, e que, vindicando para o vulgo inculto as creações mais bellas da litteratura, levou a apreciações injustas. Frisando que até ao fim do sec. XII todos os generos poeticos se dirigiam á nação inteira, sem distincção alguma de classe, o auctor explica que a poesia popular abrangia producções de poetas determinados, de certa educação e cultura, os quaes reflectidamente iam compondo obras litterarias, sustentando embora com o povo um contacto intimo a ponto de poder traduzir fielmente o seu pensar e fazer pulsar o seu coração . . . *poesias compostas não pelo povo mas para o povo, i. é para a nação inteira: »des productions émanant de poëtes déterminés, pourvus d'une certaine culture, faisant œuvre réfléchie et littéraire, mais qui sont restés avec le peuple dans une union assez intime pour traduire fidèlement sa pensée et faire battre son cœur . . . des pièces composées non par le peuple, mais pour le peuple et pour le peuple tout entier.«*

O empenho de apurar entre os generos aristocraticos, cultivados por troveiros e trovadores, os de origem popular, levou Jeanroy a recolher com paciencia e a coordenar systematicamente os destroços d'essa lyrica perdida, assim como todos os indicios que para ella apontam. Sem isso, o intento de mostrar o que nas imitações palacianas podia ser eco e reflexo, mais ou menos vago da archaïca forma primitiva, não teria tido base segura. O processo foi fertil em resultados, tambem para Portugal, cujos archaïcos *cantares de amigo*, de forma e fundo apparentemente indigena, haviam suscitado desde 1835 o interesse de Diez e Milá, e depois o de Monaci, Paul Meyer, Coelho, Leite de Vasconcellos, Menendez y Pelayo e principalmente o de Th. Braga.

Examinando em uma *Primeira Parte* os generos que a critica designára até então na lyrica da França do Norte como mais ou menos genuinamente populares — as *pastorelas*, os *debates de amor*, as *albas*, as *canções dramaticas com personagens fallantes*, e tambem os *rondeis* — demonstra a inanidade d'esta affirmação, assignalando os traços salientes que lhes imprimiu o ambiente cortesão. Prova

que todas elles vieram do Sul e foram usados no Norte pelos mesmos auctores a que se devem as canções de amor plenamente palacianas. Na *Parte* II, dedicada á poesia francesa no estrangeiro, expõe que, ainda assim, esses generos artisticos derivam de antigos themas populares. Numerosissimos fragmentos de cantigas de dança (*chansons de carole*) acham-se conservados sem alteração em alguns romances em prosa e verso, sobresahindo em numero e valia os que se encontram no de *Guillaume de Dole* (escripto de 1210 a 1215) e transpostos ao divino em sermões e tratados religiosos (*motetes*). São os *refrains*, especie de *passe-partout* poetico, quer constem de um unico verso solto, quer de disticos, ou de pequenas coplas (*roondets*) e apparecem intercalados a capricho. Nessas pequenas maravilhas de poesia primaveril, de um vago mysticismo que inquieta, adjudicadas em geral a pastores e pastoras, julga que possuimos, não a verdadeira poesia popular medieva, mas os seus primeiros e mais genuinos reflexos, tanto nos themas, como na forma. Na lyrica trecentista e quatrocentista dos paises estrangeiros que imitavam a poesia trovadoresca — Italia, Allemanha e Portugal — procura em seguida canções inteiras, narrativas ou dramaticas, cujos themas se parecem com aquelles restos e com as poesias que na França desabrocharam nos sec. XV e XVI (como p. ex o da *Mal-Maridada*, da *Freira namorada*, do *Velho mau*) concluindo que esses generos e outros, considerados pela critica como creações espontaneas e privativas do genio nacional (italiano, allemão e português), existiram na França, não só coevas, mas anteriormente, no sec. XII, e que de França os haviam pedido de emprestimo, sendo ella mãe e iniciadora senão de toda, pelo menos de uma parte consideravel da lyrica moderna.[2])

Na *Terceira Parte* em que trata das formas poeticas, uma analyse minuciosa dos rhytmos, das rimas e das estrophes conduz ao mesmo resultado.

Quanto a Portugal, o intelligente professor de Toulouse, que ajudado por A. Morel-Fatio explorou cuidadosamente os cancioneiros

---

1) Cf. Gaston Paris, *La littérature française au Moyen-Âge*, §§ 51, 67, e 133. Ha-os tambem no romance do Châtelain de Coucy, Méliacin, Violette, Poire, Panthère etc. e no famoso auto de Robin et Marion de Adam de la Hale.

2) Parte II, c. 1, p. 130—170 e cap. V. p. 308—338: *La poésie française en Portugal.*

palacianos, alguns cancioneiros e romanceiros populares e as obras de Gil Vicente, elucida muitos pontos escuros. Mas não chega a conclusões que se possam adoptar sem discussão.[1]) Reconhecendo que a poesia d'esta terra se presta difficilmente á tentativa de derivá-la dos mananciaes franceses, por ser quasi exempta de infiltrações palacianas, e que a ultima impressão não é bem definida, resume-a ainda assim na phrase seguinte: a maior parte dos themas populares do Cancioneiro do Vaticano passou de França a Portugal. A poesia portuguesa nada mais fez do que modificar alguns pormenores. A imitação é evidente.

Accitando naturalmente como verdadeiro o parecer dos que datam a nossa lyrica trovadoresca da 2de metade (respectivamente do 2do terço) do sec. XIII, mas não desconhecendo o feitio peculiarmente archaïco e os traços divergentes de uma parte dos *cantares de amigo*, imagina que os seus cultores se affeiçoaram a certas formas já então antiquadas em França.[2]) Esta these não se pode sustentar, como resultará da continuação d'este estudo. A lyrica trovadoresca de Portugal e da Galliza já contava cultores no ultimo quartel do sec. XII. E a supposição que os *cantares de amigo* tenham origens nacionaes deverá continuar valida emquanto não fôr documentada na antiga lyrica francesa ou provençal a existencia de poesias com os caracteristicos dos cantares gallaïco-portugueses, i. é sendo a protagonista a *niña em cabello, dona-virgo* ou *mulher-donzella* e servindo de scenario ás suas entrevistas e aos seus desabafos a capellinha á beira-mar ou o adro da egreja, por occasião de romarias prima-

---

1) Eis algumas das theses principaes: »La poésie populaire actuelle en Portugal ne doit pas être sensiblement différente de ce qu'elle était au moyen-âge... Comme le fond de la population galicienne est celtique, on pourrait admettre qu'il y a là un antique héritage de la race celtique: c'est une hypothèse que nous ne nous chargeons ni d'attaquer, ni de défendre... Mais ce qui nous paraît certain c'est que cette poésie galicienne (*a moderna*) est trop pauvre, trop sèche pour avoir pu servir de modèle aux œuvres si variées et si vivantes de la cour du Roi Denis... Les poètes de la cour du Roi Denis ont pu retrouver avec plaisir dans la poésie populaire de leur pays certains thèmes qu'ils avaient pris à la France; ils lui ont fait quelques emprunts de détail, mais ce n'est pas elle qui a été la source première et unique de leur inspiration.«

2) »Il nous semble donc que les traits archaïques que l'on trouve en grand nombre dans la poésie portugaise sont dus non à la persistance d'une poésie très anciennement importée en Portugal mais à une imitation réfléchie et assez tardive de thèmes qui avaient continué jusque là à vivre en France.«

veris, para onde as mães levam as filhas a implorar ora os santos casamenteiros, ora a Virgem, ora santas que haviam tomado o logar da Venus pagan — poesias populares numa palavra, cujo distinctivo de factura seja a *repetição* systematica de palavras e ideias, sendo o espirito que as anima um vago e casto sentimentalismo virginal que se contenta platonicamente de vêr e fallar ao namorado.

§ 79. Um estudo complementar de Gaston Paris, cuja importancia superior o nome do auctor affiança, desenvolve algumas ideias ferteis, apenas levemente esboçadas por Jeanroy, tirando illações surprehendentes e empolgantes sobre a indole verdadeira e as circumstancias do nascimento das antigas canções de dança, de que os *refrains* são fragmentos, assim como do logar onde a transformação dos generos populares em poesia aristocratica se effectuou.

63°. *Les origines de la Poésie lyrique en France au moyen-âge* par M. Gaston Paris, Membre de l'Institut. — Extrait du Journal des Savants. Nov. et Déc. 1891; Mars et Juillet 1892.

De um modo muito engenhoso deriva todas essas canções das tradicionaes festas de Maio (*Maieroles*, *Kalendas Maias*) e das suas danças dramaticas ao ar livre, em que vão foliando ranchos de mulheres namoradas, capitaneadas pela *regina avrillosa*, com exclusão das que não amam e principalmente do marido, o ciumento (*jelos*), o vilão (*vilain*). Felizmente, possuimos um exemplar genuino[1]) dos cantos com que as dançantes acompanhavam as evoluções do pequeno drama. E diz:

Na entrada do tempo claro — eya! —
A l'entrada del tems clar-eya!
para recomeçar o jubilo
per joia recomençar-eya!
e para irritar o ciumento
e per jelos-irritar
quer a rainha mostrar
vol la regina mostrar
que é tão amorosa.
qu'el' est si amorosa.
Á rua, á rua ciumento!
A la vi', a la via, jelos!
deixa-nos, deixa-nos,
leissaz nos, leissaz nos,
bailar entre nos, entre nos.
balar entre nós, entre nós!

---

1) Esta bailada provençal, conservada num cancioneiro francês e reimpressa innumeras vezes, é quasi desconhecida em Portugal, o que me leva a transcrevê-la no texto.

Outra, composta em lingua d'oc por um francês, tem o teor seguinte:

Todos os que estão namorados
Tout cil qui sont enamourat
venham dançar; os outros não!
viegnent dançar, li autre non!
a rainha o deixou recommendado.
la regine le comendat.
Todos os que estão namorados!
Tout cil qui sont enamourat.
Os ciumentos sejam espancados
Que li jalous soient fustat
para fora da dança, com um bastão!
fors de la dance d'un baston!
Todos os que estão namorados
Tout cil qui sont enamourat
venham dançar; os outros não!
viegnent dançar, li autre non![1])

E estas *maias* pela sua vez, considera-as como derivações dos *jogos floraes (floralia)* da antiguidade, dedicados a Venus. Tal origem explica por quê as bailatas *(raverdies, reverdies, renverdies)* e os *refrains* e *rondeis* em que se celebra a juventude, a belleza, o amor e a primavera, são tantas vezes picarescas e até lubricas, de modo a terem provocado providencias dos ecclesiasticos, muito antes do desabrochar da poesia palaciana. Passageira e carnavalescamente emancipadas da tutela da mãe ou do marido, casadas e solteiras bravateavam nesses dias com impudencia e impudor, numa especie de saturnaes feminís. A liberdade extreme d'essas *reverduras* é convencional, ou antes ritual.

As mesmas costumeiras existiam em toda a França. Mas em um só ponto central, collocado pelo illustre academico entre a Loire e a Dordogne, no Poitou e Limousin, berço tambem da lingua litteraria do Sul e patria da Rainha D. Elionor, que liga o Norte ao Sul, é que começou a transformação das cantigas populares em poesia trovadoresca.

Estabelecendo que as *maias* se celebravam tambem nos outros paises neo-latinos e especialmente na Galliza e em Portugal, mas de modo variado, em harmonia com a cultura e o meio peninsular, parece achada a razão porque, sahindo do mesmo ponto de partida, o cantar da *dona-virgo* evolucionou no occidente de um modo muito

---

1) Vid. Raynaud, *Motets* I, 151. O afamado *Pervigilium Veneris: Cras amet qui nunquam amavit quique amavit cras amet!* passa por ser uma imitação artistica do mesmo thema.

diverso e perfeitamente nacional. Mas isso será assumpto de um capitulo independente. Aqui accrescentarei unicamente que, segundo Gaston Paris, uma das modificações primeiras da *chanson de carole*, nas mãos dos palacianos, foi a incorporação do refram (com que o côro dançante respondia ao *pre-cantor*), nas estrophes originariamente compostas de poucas linhas, que assim avultavam e complicavam o seu singelo rimario.

§ 80. Ás sollicitações de sabios estrangeiros que me foram dirigidas deve-se o primeiro resumo methodicamente ordenado dos factos historicamente mais importantes da litteratura portuguesa, apurados até 1892. Escripto em allemão, forma parte da grande Encyclopedia de philologia romanica, organizada com destino aos estudantes d'aquella especialidade, em Strassburg pelo Professor Gustavo Groeber.

64°. *Geschichte der portugiesischen Litteratur* von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Th. Braga im *Grundriss der romanischen Philologie unter Mitwirkung von Fachgenossen herausgegeben* von G. Groeber; Strassburg, 1892—1893. Vol. II^{b} pag. 129—382.

Doente e não me considerando ainda sufficientemente preparada, instei primeiro com Th. Braga, como auctor da maioria dos trabalhos aqui resumidos,[1]) para redigir, em meu logar, um escorço intitulado: *Traços geraes de litteratura portuguesa*, sendo attendida. Mas achando-o impropriamente curto, vago e escasso para o fim e destino da obra allemã, e não podendo cingir-me a muitas das opiniões nella expendidas, refundi-o completamente quando vi que a impressão progredia com vagar. Os dados que condensei em alguns paragraphos sobre a poesia popular (§ 19 e 20) e no capitulo sobre a primeira epoca da litteratura portuguesa (§ 26—48) eram o fructo de investigações já longas e conscienciosas, mas que não estavam, nem estão hoje terminadas. Rectificando tacitamente muita asseveração erronea e muita data inexacta do meu predecessor e amigo, com o fim de consolidar as bases da construcção, fui levada, de vez em quando, a repetir algumas affirmações suas que não sujeitára ainda a analyse especial. Dando solução aceitavel a varios problemas, relativos ás origens e aos principios da poesia trovadoresca, embora sem demonstração explicita por falta de espaço, tive de apresentar outras, ainda duvidosas ou provisorias. Acertei, datando as poesias mais

---

1) No. 26—30, 35, 39—41, 46—49 e 52—54.

antigas *que hoje possuimos* de cêrca de 1200. Foi util o agrupamento chronologico dos poetas em quatro series principaes: *trovadores pre-alfonsinos* 1200—1245; *trovadores alfonsinos* 1245—1284, distribuidos em duas ordens, as da côrte portuguesa e as de Castella; *trovadores dionysios* 1284—1325; e *post-dionysios* 1325—1354. A ideia de fazer da côrte de *Leon* o Poitou da Peninsula, isto é o primeiro centro da poesia *palaciana*, de onde ella teria irradiado sobre a peninsula toda, tem um fundo de verdade, sem talvez ser completa, nem textualmente exacta. — As noticias sobre os cancioneiros são fidedignas, sendo o **CA** descripto *de visu* e avaliado com justiça.[1])

§ 81. Wilhelm Storck publicou mais um florilegio de traducções do português. Entre as doze poesias archaïcas, que nelle se acham, tres das quaes não eram ineditas[2]) ha apenas um par que reproduz textos, contidos no **CA**. E são a nossa cantiga **124**, de D. Fernam Garcia Esgaravunha, sem indicação d'este nome (= No. 37);[3]) e a nossa **280**ª, que continúa anonyma (= No. 35).

65°. Wilhelm Storck, *Aus Portugal und Brasilien* (1250—1890). *Ausgewählte Gedichte verdeutscht.* — Münster i. W. 1892.

§ 82. Logo depois um philologo germano-americano, desde 1894 professor da Harvard-University de New-Haven, excellentemente preparado, deu-nos em restituição critica, muito apurada, as poesias de D. Denis, trovador que, sendo de categoria tão elevada como Alfonso X, foi ao mesmo tempo o que contribiu com o peculio mais rico para a construcção do Cancioneiro geral profano. Ha duas edições.

66°. *Cancioneiro d' El Rei Dom Denis. Zum ersten Mal vollständig herausgegeben.* — Dissertation zur Erlangung der Doctorwürde, eingereicht bei der philosophischen Fakultät der Kaiserlichen Wilhelms-Universität Strassburg, von Henry R. Lang. Halle a. S. 1892.

e

67°. *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal. Zum ersten Mal vollständig herausgegeben und mit Einleitung, Anmerkungen und Glossar versehen von Henry R. Lang.* Halle a. S., Niemeyer, 1894.

---

1) Calculei a primeira época de 1200—1385, posto que a lyrica não produzisse quasi nada depois de 1350, tendo em mira tambem a prosa que se desenvolveu mais tarde e mais devagar, e tambem para ir de accôrdo com a primeira epoca da historia nacional.

2) Os No. 80, 81 e 84 foram tirados do livrinho que registei sob o No. 55.

3) Por descuido escapou indicação erronea a p. 253 do Vol. I d' esta obra.

Na primeira impressão Henry R. Lang offerecia apenas o texto restaurado do **CV**, seguido das variantes do **CB**, proporcionadas por E. Monaci, e de Notas compactas. Nellas trata de interpretar passagens difficeis. Aponta concordancias de pensamento e de phraseologia entre D. Denis, os mais poetas gallaïco-portugueses e a lyrica dos troveiros do Norte da França, e a dos trovadores provençaes. E resolve muitos problemas de syntaxe, estylo e lingüistica.

Na segunda impressão, Lang addicionou um glossario conciso, mas completo; e como Introducção um estudo precioso sobre a lyrica gallaïco-portuguesa. Animado por uma viva sympathia pelo seu assumpto, e compenetrado do melhor methodo scientifico, conserva sempre o sangue frio e a lucidez objectiva do verdadeiro critico. Mesmo ao discutir a questão das origens, ventilada por Jeanroy, cuja doutrina não aceita integralmente, pondera repetidas vezes os prós e contras com escrupulo tal que chega a desconcertar o leitor leigo, deixando-o a principio em duvida sobre a sua verdadeira opinião.

Quanto á chronologia assenta, como eu, a data cêrca de 1200 para as poesias mais antigas que possuimos; e para as pre-historicas que se perderam, o ultimo quartel do sec. XII, visto que nenhuma litteratura principia com os documentos que d'ella persistem, e tambem porque a perfeição do trabalho poetico e de linguagem que as distingue obriga a postular um longo tempo de iniciação, conforme já fora observado por Menendez y Pelayo. No agrupamento dos poetas notam-se vestigios do antigo preconceito que considera a época de D. Denis, como a da principal florescencia. Lang designa p. ex., tal qual Th. Braga, como poetas dionysios alguns dos principaes vates alfonsinos, unicamente porque ainda apparecem vivos nos primeiros annos do novo reinado, sexagenarios ou septuagenarios, creio que litterariamente emeritos.[1]) Quanto á filiação mostra que nem as rúbricas originaes que accompanham os textos, nem o fragmento de poetica que os precede, nem os parcos dizeres do Marquês de Santilhana, na Carta ao Condestavel, nos esclarecem sobre as relações dos poetas peninsulares com a poesia francesa.

---

1) E são: D. João de Aboim, João Soares Coelho; Gonçal' Eannes do Vinhal, Pedr' Amigo de Sevilha, Ruy Queimado, Ayras Peres Vuiturom, Rodrigu' Eannes Redondo, Juião, que eu considero poetas alfonsinos, como mais tarde ficará demonstrado (Cap. VI).

Apura o que a historia de Portugal e a litteratura da Provença ensinam sobre o contacto directo e indirecto entre representantes dos dois paises, para em seguida consultar como fonte principal as proprias obras dos trovadores. Aproveitando os dizeres de D. Denis sobre a maneira provençal, por elle escolhida para modelo, aponta as concordancias reconhecidas como imitação por Diez e Jeanroy, e collecciona pacientemente, em um confronto laborioso, outras muitas, estabelecendo sobre esta base segura a these que as cantigas palacianas, de amor, de caracter subjectivo (incluindo a *pastorela,* o *pranto,* a *tenção,* o *lais,* o *sirventês moral* e o *descordo)* são na essencia e na forma um eco, mas sómente pallido, da litteratura dos troveiros e trovadores, da qual se eliminou em Portugal tudo quanto era technicamente difficil e complicado, e na esphera ideal, o alto sentido de honra cavalheiresca, a alacridade jubilosa do servidor de ricas-donas formosas, e mais alguns dos traços tradicionaes, caracteristicos.

Quanto aos cantares objectivos, em que o poeta não falla em seu proprio nome, mas no de um personagem alheio (monologo), ou de varios personagens alheios (dialogo), Lang segue o mesmo systema. Separa e analysa as tres especies principaes: *cantares de mestria; balletas de refram*; *serranas (em disticos de refram)*; approxima todas as tres dos generos parecidos *(chansons de femmes)* cultivados em França, na Provença, Italia e Allemanha, e assignala os traços que marcam influencia estrangeira e palaciana. Assim chega á conclusão que ainda aqui a maioria não se differenceia essencialmente das cantigas de amor quanto ao espirito poetico, muito convencional, nem quanto á arte metrica (rhytmos, estrophes, systemas de rimar etc.).

Só depois de, como Jeanroy, haver provado d'este modo que *balletas* e *serranas*, compostas em grande parte pelos mesmos poetas aulicos que assignam cantigas de amor, são poesia culta, e não genuina poesia popular (*Kunstgedichte im vollsten Sinne des Wortes*), embora relativamente livres de elementos cortesãos, passa a inventariar os distinctivos que apesar de todas essas apparencias em contrario, provam a independencia original e o indigenismo da lyrica portuguesa.

A questão se a *balleta,* evidentemente aparentada com a francesa, e os typos archaïcos do *cantar de amigo* já vieram para a peninsula com os condes borgonhêses é discutida, para ser logo abandonada

como incongruente. Entre os caracteristicos privativos, nacionaes e populares, avultam os tres que já deixei indicados: quanto ao assumpto, o predominio da solteirinha (que chamo *dona-virgo*) e das romarias, com as suas superstições pagãs e as suas pias costumeiras sacras e profanas; quanto á forma, a typica *repetição* da mesma ideia; e quanto ao espirito, o caracter vagamente ideal, sem objecto definido (*gegenstandslos*), apesar do determinismo positivo de algumas situações. Nesta apreciação está de accordo com Jeanroy, como se vê.[1]) Passando á minoria, escolhe e junta analogias tanto nas obras de Gil Vicente como na moderna poesia popular de Portugal, copiando tambem os versos recolhidos por Leite de Vasconcellos. E persuadido de que houve continuidade, procura vestigios e indicios historicos que tornem provavel a existencia do uma archaïca poesia popular, anterior á lyrica palaciana. Com este fim explora as *Constituições dos Bispados*, os *Canones das Concilios*, as *Ordenações do Reino* e os *historiadores primitivos*. A trechos que já haviam sido colhidos, embora para efeito diverso, por Adolfo Frederico von Schack na *Historia do drama hespanhol*,[2]) e por Leite de Vasconcellos nas suas *Tradições populares*, junta varios, dos seculos VI a XII (563 — 1116), relativos uns a espectaculos nupciaes e funebres com prantos, psalmos, hymnos e canticos sacros em vulgar,[3]) outros ao gosto dos Compostellanos pela musica e o canto. Entre elles ha alguns que se referem a córos de mulheres, cantantes e dançantes — »*choreas psallentium mulierum*« — e combinam com testemunhos posteriores sobre a parte preponderante da mulher gallega e minhota no cultivo das artes da dança, da poesia e do bel-canto.

Accentua então, como Menendez y Pelayo, a importancia superior de Santiago, a influencia incisiva que as festas de egreja teem para as povoações ruraes; a necessidade de presuppôrmos a existencia de uma poesia sacra, typica, em vulgar, irradiando de Santiago, anteriormente a Alfonso X, e a probabilidade de que d'ella se desaggregasse, cedo, uma poesia popular profana, tambem de fórma typica. Quanto aos canticos lyrico-narrativos do castelhano lembra que não derivam da poesia artistica provençal.

---

1) Lang, p. LXXXVII e Jeanroy, p. 282.

2) *Geschichte der dramatischen Litteratur und Kunst in Spanien*, I, 74.

3) *Volksmässige Kirchenlieder.*

Em opposição a uma das theses de Gaston Paris ainda sublinha que o cantar de amigo gallaïco-português, muito menos alegre, primaveril, folgazão e picaresco do que o da França, *não* tem signaes de derivar das *festas de Maio*,[1]) e explica o seu caracter vago e convencional, como *reminiscencia liturgica.*

Finalmente, as causas, quer vantajosas quer não, porque a influencia da lyrica francesa e da Provença foi superficial, conservando-se a portuguesa relativamente independente, são tres, como Lang expõe claramente: o contacto entre portuguêses e provençaes, passageiro e pouco intimo por causa das circumstancias precarias do novo reino;[2]) o nivel baixo da cultura dos peninsulares que os constrangeu a pôr de parte o que era culto, difficil e complicado; e *last, not least*, a existencia de uma poesia popular indigena, muito desenvolvida, sacra e profana, que actuou sobre a lyrica cortesan, impondo p. ex., em opposicão directa á poesia da Provença, o culto da *dona-virgo*; o espirito ritualmente idealista das cantigas de amor; e ainda a excepcional economia ou parcimonia, que preside á elaboração poetica, contentando-se o trovador, em geral, em cada peça, com uma unica situação ou ideia.

§ 83. O mesmo erudito tratou posteriormente com ainda maior exacção das relações de portugueses com provençaes e franceses, num artigo de revista americana, desejoso de apurar até que ponto chegam as concordancias de pensamento, dicção e construcções metricas e se realmente a arte provençal não sazonou nenhuma reproducção exacta, nem imitações fieis de poesias inteiras.

68°. H. R. Lang. *Relations of the earliest portuguese lyric school with the troubadours and trouvères.* Em *Modern Language Notes.* Vol. X, 207—231. Abril de 1895.

Cingindo-se em certos pormenores á minha exposição (§ 84), oppõe réplica a varias affirmações que, com effeito, não se podem manter,[3]) para em seguida alinhar as principaes passagens por-

---

1) Pag. LXXXIII.

2) Cf. *Jahresbericht* III, 121.

3) Martim *de* Moxa, por Martim Moxa (*Grundriss* 190) é erro. *Dizedor* tanto significava maldizente, como homem fertil em dictos engraçados. — É certo que Aimeric de Pegulhan não assistiu na côrte de Alfonso VII, nem tão pouco na de Alfonso IX. Confira-se todavia, para comprehensão da minha erronea hypothese, o que Milá expõe a pag. 287 e 289 dos seus *Trovadores.* — Sordello não falla directamente do Rei de Leon, mas Peire Bremon e Johanet de Albusson, seus adversarios, alludem á sua estada na-

tuguêsas que julga espelharem modelos estrangeiros. *São 22, colhidas em 1633 composições.* Numero diminutissimo que, na verdade, confirma a regra.[1])

§ 84. Ao dar conta d'estes trabalhos destaquei os resultados mais notaveis (com maior clareza, segundo me parece) adiantando a resolução dos problemas, tanto com relação á chronologia, como na restituição dos textos.[2]) Mas o meu principal empenho foi tambem esclarecer as origens, extrahindo do folklore gallego e português factos que tornassem cada vez mais verosimil a preexistencia de uma poesia popular indigena, servindo aos trovadores palacianos de norma e de fonte de inspiração. Além d'isso tentei fixar que esta lyrica indigena encontrou o seu principal fautor palaciano no rei D. Denis, *o rei-lavrador*, chefe d'um pais então como hoje essencialmente agricola:

Das nossas musas rusticas amparo.

Quanto ao caracter, aos motivos e começos da lyrica rustica,[3]) julguei poder combinar a opinião de Gaston Paris sobre as antiquissimas Festas-*Maias* como fóco de onde irradiou a moderna poesia, com a opinião de Lang e Pelayo sobre Santiago de Com-

---

quelle reino; quanto á data, veja-se a Biogr. XV do Cap. VI. — Com relação a Bonifacio Calvo e ás lendas propagadas por Nostradamus, veja o leitor a Biogr. XXIX do mesmo Cap. Da lista dos poetas que tiveram relações mais ou menos intimas com Alfonso X, visitando-o, dedicando-lhe versos, ou citando-o simplesmente, é preciso riscar Bertrand de Born (filho), Peire Vidal, Uc de Escaura. — Citei Paulet de Marselha por causa da Canção: *Ab marrimen* (Bartsch, *Grundriss*, 319, 1) e Bartolomeo Zorgi por causa da canção: *Sil mons fondes a maravilha gran* (Ib 74, 16). Com razão, visto ambos se referirem a Alfonso, como irmão de Don Arrigo, o Senador de Roma e poeta italiano.

1) Os provençaes imitados que nos revela, são: Uc de S. Circ, Peire Cardinal, Albertet, Gaucelm Faidit, Guilherme de Montagnagout, Guiraut de Bornelh, Arnaut de Maruel, Uc de Brunet, Richard de Berbezill, Perdigon. Os troveiros: Mathieu de Gand, Thibaut de Champagne, Quenes de Bethune, Baudoin de Condé, Gauthier d'Espinaus. Além d'isso, alguns motetes anonymos, recolhidos por Bartsch, Jeanroy, Raynaud etc.

2) Nas notas de Lang sobre trovadores portugueses ha naturalmente algumas inexactidões. Não ha prova de que D. Gil Sanches vivesse em Leon de 1211—1219. D. Joam Garcia e Fernam Garcia são filhos de D. Garcia Mendes, e não irmãos. O companheiro de Affonso III, chamado Estevam Annes não pertenceu á familia dos Valladares, nem era poeta.

3) As analogias com a poesia popular da França e mais territorios neo-latinos constituem um capitulo á parte, de interesse mais palpitante ainda que a imitação dos productos palacianos.

postella como alfôbre onde germinaram os cantares sacro-profanos de romaria. Uma das principaes festas annuaes do antigo Portugal e da Galliza era e é a de Santiago (*Minor*) e S. Felipe, celebrada no primeiro de Maio, coincidindo, por tanto, com as Maias.[1])

Prematura era, segundo me parece agora, a tentativa de responder ao quesito, qual das duas correntes foi cultivada primeiramente na côrte por vates aulicos: se as cantigas de amor em moldes de mestria, vindos de fóra-parte, ou se os archaïcos rhytmos de dança, usados pelas mulheres do povo, na rua, na praça e na igreja, por occasião das peregrinações aos sanctuarios, ou bailando diante do altar, em honra primeiro de Santiago, e depois de outros santos e santas, oragos e padroeiras locaes.[2])

69°. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Zum Liederbuch des Königs Denis von Portugal;* em *Zeitschrift* XIX, 513—541 e 578—615. — Anno de 1894—1895.[3])

§ 85. Quatro canticos de amigo, da lavra do rei-trovador,[4]) evidentemente defeituosos nos apographos italianos e insufficientemente corrigidos por Th. Braga, haviam entretanto sido aproximados da forma primitiva pelo descubridor dos modernos cantares transmontanos em disticos encadeados.

70°. J. Leite de Vasconcellos, *Notas ao Cancioneiro de El-Rei D. Diniz.* Barcellos 1894; e em 2ª edição melhorada: *Novas Notas ao Cancioneiro de El-Rei D. Diniz.* Ib. (extractos do jornal *Aurora do Cávado* No. 1378 e 1379).

O expediente de escrever *louçãa*, *pinho* e *são*, em logar de *louçana*, *pino* e *sano*, substituindo por *til* ou, depois de *i*, por *nh*, cada *n* intervocal, parece-me muito duvidoso, em vista dos freqüentes castelhanismos irrefragaveis dos cancioneiros, e porque na Galliza (e tambem em Portugal) houve e ha muitas palavras que conservaram ou reintegraram muito cedo *n* entre vogaes, p. ex. *pena, menina, pino*, e em geral os diminutivos em *ino.*[5]) Considero egualmente controvertivel o remodelar da versificação dos antigos, tornando a introduzir certas vogaes supprimidas por elisão, como se devessemos

---

1) A festa de Santiago-Maior é veranil e celebra-se a 25 de Julho.

2) Varias das correcções de texto, que proponho, haviam sido lembradas tambem por Ad. Tobler num artigo critico, publicado em *Herrig's Archiv*, Vol. XCIV, pag. 470, o que lhes serve de valiosa confirmação.

3) No *Litteraturblatt* XVI, 271—276 (anno de 1895) ha outro artigo meu sobre o **CD**.

4) **CV 168, 171, 173, 186.**

5) Cf. *Zeitschrift* XIX, 515—517. E vide *Grundriss* I, § 125.

lêr: *mandado hey* por *mandad' ei*, *rogo en* por *rogu' en*, *migo hey* por *migu' ei;* ou mesmo *amigo meu amado* por *amigu'e meu amado.* — Bom seria marcar, mesmo em textos destinados á maioria, o accrescentamento de estrophes, palavras e letras, incluindo-as entre [ ], em harmonia com a praxe scientifica. Aliás succederá tomarmos em conta de legitimos originaes o que é conjectura nossa, conforme aconteceu ao proprio Leite na 2^da^ edição do seu opusculo (No. 168 estr. 6). Para essa, o auctor recorreu ás emendas criticas de Storck e a algumas observações minhas. Ainda assim deixou subsistir varias incorrecções da especie a que me referi, e outras como *bayoninho* por *baiosinho; mha madre é velida* por *mia madre velida.*[1])

Ao Dr. H. Lang offertava Leite de Vasconcellos estas contribuições, tarde de mais para que elle as podesse utilizar, o que de resto não se teria dado, visto não haver no seu folheto rectificação alguma a mais das que Lang já havia apurado.

§ 86. Ha ainda um estudo meu, o primeiro de uma longa serie que deve encher um volume, sobre um dos assumptos intimos e caseiros que originaram cantigas de amor e dizeres de escarnho, e ao mesmo tempo sobre as mutuas relações dos trovadores entre si, das quaes Diez não encontrára vestigios nos fragmentos publicados em sua vida. Intitulei-o *„Der Ammenstreit"*, o *Processo da Ama.* Formam sen conteudo encomios dirigidos por um veterano a uma mãe, criadeira de filhos e dona de casa, contra o costume palaciano que mandava celebrar sómente meninas-donzellas, encomios que motivaram varias manifestações de agrado e desagrado. As cantigas coordenadas, restituidas e commentadas, são duas do **CA** (**166** e **170**), duas do **CB** (**1501** e **1511**) e seis do **CV** (**1186**, **1022**—**1025** e **1092**).

71°. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Zum alt-portugiesischen Liederbuch*: I. *Der Ammenstreit.* — Separata de *Zeitschrift* XX, Halle 1896.

§ 87. De uma lei de accentuação metrica, decretada no velho doutrinal poetico, que accompanha o **CB**, mas violada apparentemente, de longe em longe, pelos trovadores gallaïco-portugueses, tratou proficuamente o venerando academico viennense Adolpho Mussafia, baseando-se na edição critica do **CD**, e nas *Cantigas de Maria.*

---

1) Como Epiphanio Dias, não reconheceu que *h* entre vogaes equivale a *i* atono, tendo nós de ler *mi-án*, com uma só emissão de voz, e não *m' an*, onde os originaes escrevem *mhan.*

72°. Ad. Mussafia, *Sull' antica metrica portoghese, osservazioni.* — *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Academie der Wissenschaften*, Band CXXXIII. Wien, 1895.

É a dupla lei da isometria das estrophes, fundada nas exigencias da melodia, e a da mistura de versos graves e agudos, arithmeticamente eguaes, mas rhytmicamente differentes, dentro da mesma estancia (i. é de versos contados e acentuados, 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7́. 8 e dos que se contam 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8́) que forma o assumpto do subtil estudo.

Promoveu outra manifestação complementar da minha parte.

73°. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie*, Bd. XVII, 308—318. Heidelberg, 1896.[1])

§ 88. Dois romanistas italianos tiveram que referir-se á lyrica peninsular, ao tratar dos poetas italo-provençaes: *Sordello de Mantova* e *Bonifazio Calvo de Genova*, porque ambos haviam emprehendido o *tour d'Espagne* do artista, tão usual no seculo de Álfonso o Sabio.

74°. Cesare de Lollis, *Vita e Poesie di Sordello di Goito*. Halle, 1896.

No § 15 do Cap. VI, i. é na biographia do poeta Joan Coelho, terei occasião de mostrar que não desattendi este importante trabalho.[2])

75°. Mario Pelaez, *Bonifazio Calvo, trovatore del sec. XIII*. Em *Giornale storico della litteratura italiana*. Vol. XXVIII e XXIX; e em separata. Torino, H. Loescher, 1896 e 1897.

No ensaio consagrado ao trovador genovês (§ 29 do Cap. VI) faço a devida justiça a esta obra. — Não querendo omittir os versos portugueses do biographado, Mario Pelaez sollicitou de Th. Braga copia paleographica, e juntamente a lição critica de duas poesias conservadas no **CA** (**265** e **266**).

§ 89. Finalmente, um sabio português, dos paleographos mais activos que exploram o Archivo Nacional, na sua qualidade de socio da Academia Real das sciencias de Lisboa e continuador dos *Portugaliæ Monumenta historica*, incluiu num opulento estudo historico sobre Frei Gonçalo Velho, as obras poeticas de tres personagens, em que distrinçara antepassados do descubridor da Terra Alta

1) Cf. *Kritischer Jahresbericht* IV, 380—381; e Federico Hanssen, *Miscellanea de versificacion castellana*, Santiago de Chile 1897.

2) A elle me refiro repetidas vezes nas *Randglossen* II e XV.

e dos Açores: Pero Velho de Taveirós, João Velho de Pedragaes e Fernam Velho, o qual tenta identificar com o pae do descubridor. Mais tarde[1]) o leitor verá que não me conformo com esta interpretação, e o que penso dos outros dois.[2])

76°. Ayres de Sá, *Frey Gonçalo Velho.* — Quarto Centenario do Descobrimento da India. — Contribuição da Sociedade de Geographia de Lisboa. Vol. I. Lisboa, 1899.[3])

Quanto aos textos, Ayres de Sá reproduz as poesias do primeiro dos Velhos, imprimindo (a pag. 51) a lição diplomatica de E. Monaci (**CV 1141** e **1142**), mas não sem desenvolver as abreviaturas principaes e juntar as letras dispersas. No fim da pagina accrescenta as modificações de Th. Braga, sem observação alguma, critica, apesar de nem todas merecerem o titulo de emendas. Haja vista na Cantiga 1141, 14 a formula: *a jus i maao* (cujo sentido não sou capaz de adivinhar) em substituição do bello e transparente modismo archaïco *avizimao* (= *avice mala*, de *avix* por *avis*) o qual designa o infeliz, a que um passaro de mau agouro significou acontecimentos desastrosos.

Quanto ás poesias do segundo dos Velhos (p. 53) aproveita a impressão de Molteni, rectificando-a[4]) e dando a leitura original em Nota (**CB 112** e **114**). Nem todas as correcções são boas: *d' eito* p. ex. não é *de esto*, mas inqüestionavelmente *dereito*; *depenistes* devia ser *departistes*; *ta* está por *ca*; e *syso* por *vyso*. Confiram-se os nossos No. **392** — **394**.

De Fernam Velho imprime primeiro as trovas, segundo o **CV** (**46**—**54** e **403**—**404**) e **CB** (**377**), dando no fim da pagina as variantes do **CA**, para depois imprimir novamente as cantigas **CV 46**—**53**, na lição do **CA** (**257**—**264** e **458**); e no fim **CV 1176** e **CB 419**. É digno de louvor o esmero com que dá conta de todas as minucias graphicas que occorrem no trabalho do antigo escriba: caracteres

---

1) Cf. Cap. VI, Biogr. XXVIII.

2) Ib. Biogr. III, XXVIII e LI.

3) Durante a impressão d' estas folhas sahiu o vol. II que completa a obra.

4) Accentua vogaes p. ex. em *é, dê* etc; e colloca o til »onde devia estar, segundo a graphia moderna«. Com esta intenção briga, porém, a sua maneira de escrever *uã*, em logar de *ũa* (= *uma*). Tambem colloca indevidamente o til sobre *y* em palavras, como *ỹa, eỹ, maỹor, reçeeỹ*, unicamente porque os antigos costumavam guarnecer de pontos essa lettra, a fim de a differenciar dos *ii*, que nunca tinham ponto.

pontuados e riscados, ou escriptos sobre pergaminho respançado, iniciaes omissas (ou melhor, não executadas a côres, estando apenas indicadas com uma minuscula microscopica para uso do illuminador), assim como notas marginaes. O que não satisfaz é o systema de reintroduzir as vogaes supprimidas por elisão, á maneira de Leite de Vasconcellos. Não estragando o verso, dão ideia inadequada dos antigos processos de metrificação. De resto, Ayres de Sá engana-se differentes vezes nas suas modificações; p. ex. **1141**, 10, onde imprime *sanhud(e) e braue cuid(e) eu a la fé*; ib. 12 *del(e)*; ib. 13 *el(e)*; **1176**, 4 *tenn(h)o*.

§ 90. Nas paginas que dedica aos tres poetas ha algumas notas criticas, dirigidas contra Monaci, que devemos considerar como um eco do que se diz e se pensa no seio das duas doutas corporações a que Ayres de Sá pertence. A ellas devemos voltar. Reconhecendo sinceramente o altissimo serviço que Monaci prestou á nossa litteratura, opina ainda assim que *o texto da edição de Halle não é precisamente o que se encontra na Bibliotheca do Vaticano* (pag. 133 nota 6), e que *por estar eivado de erros, não dispensa nova copia do manuscripto.*[1])

A deturpação é positiva. E positivo tambem que hoje, quem depois de estudar a fundo a lingua e litteratura archaïca, graças ás publicações de Monaci e Molteni, investigasse os manuscriptos guardados na Italia, havia de lêr melhor algumas palavras, ou

1) É especialmente com relação a dois vocabulos que Ayres de Sá affirma a necessidade de se consultar de novo os apographos italianos: *auudar* (p. 53, 1); *auuda* 130, 4; e *puguer* (p. 126, 7, 127, 2 e 128, 3). As observações dedicadas a elles surprehendem-me. Basta olhar para os varios exemplos de *ajudar* e *prouguer* no **CA** e para os fac-similes que accompanham as Cantigas de Maria, para comprehender os erros dos copistas italianos e as duvidas de Varnhagen. Os *ii* nunca teem ponto, como já disse na Nota anterior; as lettras *u* e *n* semelham-se muito, apesar do illustre paleographo affirmar que nunca se confundem; e o tracinho obliquo que ás vezes carrega o *i* para o destacar do *u* seguinte, está de longe em longe um tanto deslocado, recahindo sobre o *u*. Em vez de *aiudar* surge então *auídar*, lido *aũdar* e transcripto *avindar*, palavra que não existia no sec. XIII. Quanto a *prouguer*, o *p* traçado por linha curva (p), que equivale a *pro*, foi confundido com *p*, traçado por linha horizontal (p) que significa *per*. A p. 126 No. 51, verso 5 e nota 7, Ayres de Sá resolveu *puar* em *privar*, o que é, de toda a maneira, inadmissivel. Pelo seu systema, era *peruar;* mas na realidade p está por p, de sorte que a palavra significa *provar*. Assim se lê no **CA**, reproduzido a p. 136. — *Privar* escrevia-se *p'uar*. Vid. na Parte II, Cap. III, os paragraphos relativos a *Abreviaturas* e *Notas Marginaes*.

mesmo muitas. Mas o prestantissimo paleographo, que talvez mudasse de opinião em face dos codices, esqueceu varias circumstancias ao proferir as suas querelas.

Primeiro: os fac-similes provam que os deturpadores foram os copistas italianos de 1500, e não E. Monaci.

Segundo: não é o perito, incumbido de tirar copia diplomatica, quem deve emendar os erros, mas unicamente o editor critico.

Terceiro: Monaci reconheceu e rectificou nas suas *listas* numerosissimos enganos de escripta.

Quarto: Fosse quem fosse o sabio que tirasse nova copia, teriamos de contar tambem com novos erros de leitura e interpretação. O proprio Herculano não tresladou bem todos os archaïsmos dos documentos que compulsou.[1]) E mesmo as leituras do auctor de Frei Gonçalo Velho não satisfazem sempre em absoluto. Os preciosos monumentos em prosa do seu volume brilham pela pureza da reproducção; mas nos versos extrahidos do **CA** ha, conforme já disse, alguns (pequenos) descuidos.

§ 91. Ignoro, se com a critica de Ayres de Sá está ligada a proposta de que passo a fallar, antes de pôr ponto a esta longa resenha bibliographica (15 de Junho de 1899) — proposta que, de resto, representa uma ideia bem antiga de alguns Academicos, advogada desde longos annos por Th. Braga,[2]) sem que da sua parte houvesse o mais leve prurido de menoscabar o seu collega de Roma, cujos serviços constantemente glorificou,[3]) ou de invejosa irritação por vêr o estrangeiro cumprir o que era um dever da nação:

77°. *Proposta para a impressão dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes*, apresentada na sessão da 2da Classe da Academia Real das Sciencias em 24 de Fevereiro de 1898.

Pugnando pela ideia que os Cancioneiros são o complemento organico dos Nobiliarios, porque na litteratura poetica se encontram reflexos directos de capitalissimos successos historicos, e na litteratura historica allusões a poetas; ajudando-se mesmo com o facto de alguem ter por intuição reunido num só volume o Nobiliario do Conde D. Pedro de Barcellos e o supposto livro das Cantigas do mesmo; persuadido de mais o mais de que a copia, com visos de

---

1) *Seve* (*seduit*) apparece constantemente escripto *se vê*.
2) *Zeitschrift* I, 41; *Canz. Vat. Rest.* III; *Bibliographia critica* 188.
3) *Questões de Litteratura e arte port.* pag. 35—39.

ser diplomatica, existente no archivo da Academia, era destinada por Herculano a entrar no Corpo dos *Scriptores* (como signalizei), Th. Braga requer que se execute agora esse plano. Do modo como deseja vêr realizada a empresa, nada diz. Apenas indica que, nomeando-se um director especial, se anteponha a impressão dos Cancioneiros á de todas as fontes de historia patria, e que os incorporem na collecção dos *Monumentos historicos.*

§ 92. O parecer com que, em nome da Academia, tres socios[1]) responderam semanas depois, não é favoravel á proposta. Rebate pelo menos a urgencia da medida, allegando as impressões de Varnhagen, Monaci, Molteni, Lang, e esta minha como em preparação, e o estarem, pelo contrario, ineditas, na maxima parte, as fontes da nossa historia. Expõe que a secção *Scriptores*, para não vir a ser transformada em miscellanea litteraria, deve comprehendor unicamente *narrativas* historicas (em prosa ou em verso) e que para determinar a inclusão de uma obra não basta que nella se encontre uma ou outra allusão ou referencia accidental a factos, personagens ou costumes dos sec. XIII e XIV. Só esta é — dizem — a razão que os determinou a regeitar a proposta, e não as investigações laboriosas a que tal trabalho obrigaria. Nem tampouco a ideia de o considerar extemporaneo. Pois convidam a secção de litteratura a apresentar um plano para a publicação dos Cancioneiros:

78°. *Parecer da Secção de Historia e Archeologia sobre Proposta do Sr. Theophilo Braga,* apresentada na Sessão da 2^da^ classe da Academia Real das Sciencias em 24 de Fevereiro de 1898. Datado 11 de Abril do mesmo anno.

§ 93. Ignoro se a Secção de Litteratura já disse da necessidade ou opportunidade da nova edição dos Cancioneiros.

Se me chamassem a enunciar a minha opinião, iria propôr que a douta corporação, para remir peccados antigos e sem ferir justas susceptibilidades dos que trabalharam e trabalham em pró da poesia gallaïco-portuguesa, cuidasse de dar-nos, independente dos *Monumentos Historicos*, a reproducção inteira *heliotypica*, se não dos tres Cancioneiros, pelo menos do codice membranaceo da Ajuda, como base inattacavel de todo o trabalho futuro; e que em seguida posesse a concurso a edição critica definitiva e completa dos tres

---

1) I. F. Silveira da Motta, A. C. Teixeira de Aragão e H. da Gama Barros.

livros de trovas archaïcas, destinando um premio condigno a quem a realizasse dentro de um prazo determinado.

§ 94. Post-Scriptum.

79°. H. R. Lang, *The Descort in old portuguese and Spanish Poetry.* Halle a. S., Max Niemeyer, 1899, 23 pp.[1])

Completando um trabalho do provençalista Appel sobre o *Descordo* na Provença, Lang trata dos unicos exemplos d'este genero artistico que se encontram nos archaïcos Cancioneiros peninsulares[2]): o nosso No. **389** (= **CB 135**), de Nun' Eannes Cerzeo, designado pelo proprio auctor com aquelle termo estrangeiro; **CB 470** del-rey D. Alfonso X, reconhecido como especimen caracteristico por Colocci; e **CV 163** de D. Lopo Diaz, composto, segundo a rubrica explicativa, *en son d'un descor.*[3]) Todos os tres constam de estanças mais ou menos desiguaes, quanto á estructura metrica, á ordem e classe das rimas. Os primeiros dois são de amor; só o ultimo é de escarnho. Entre os de amor, o do monarca castelhano é uma lamentação sobre affectos não correspondidos. Em vista d'isso Lang assenta que, em accordo substancial com a practica e os preceitos da Provença, os trovadores de cá consideravam o *descordo* como um cantico triste e apaixonado em que se dá expressão formal á discordancia de sentimentos por meio da desigualdade, maior ou menor, das suas partes constructivas: *a love-poem singing of unrequited affection and giving formal expression to this descord of sentiment by the more or less unequal structure of its composing parts.* E considera o descordo satyrico como uma das excepções á regra em que o genio *misologo* dos Portugueses se expandeu. Esta feição em si, o facto de os schemas metricos divergirem de todos quantos descordos provençaes se conservaram, e em terceiro logar o refram com que o Sabio remata o seu canto, são outros tantos testemunhos

---

1) Separata de uma Miscellanea offerecida ao Cathedralico de Strassburg, Gustav Groeber por alguns seus discipulos, sob o titulo *Beiträge zur romanischen Philologie, Festgabe für Gustav Gröber.*

2) *Zeitschrift* XIX, 212.

3) O erudito investigador não tentou ou não alcançou descobrir, qual o poema imitado. Quanto á interpretação a dar á formula *en son de* creio que levanta inutilmente questão onde não ha motivo para dúvidas. *En son* (*de*) significa *segundo a melodia* (*de*) em todos os casos que conheço. E a adaptação da musica implicava a do metro e da estructura estrophica, e talvez das rimas. Cf. § 367.

da liberdade ou arbitrariedade com que na peninsula imitaram os modelos estrangeiros.

Lang examina ainda outra poesia: um sirventês moral de Martim Moxa (CV 481), que fôra por mim apontado como quarto descordo gallaïco-português. Elimina-o todavia da classe, porque a symmetria das quatro estrophes que a compõem é quasi completa, e tambem por ser identica na forma a uma cantiga d'escarnho de Coelho[1]), a qual não fôra até hoje reconhecida como descordo. Mas esta ultima razão não é decisiva. Ignoramos qual das duas é original[1]) e qual apenas um *seguir*. E que fosse! por ser mera imitação, um *descordo* não deixa de ser descordo.

§ 95. Sahiu tambem um ensaio meu sobre as cinco poesias iniciaes do **CB**: um grupo de composições que occupa logar á parte, por serem *objectivas*, e traducções livres, derivando directamente de novellas francesas em prosa, do cyclo bretonico de Tristan, Lançarote e do Santo Graal. Publiquei-o, emquanto dava a ultima demão a esta obra, com o proposito de provocar o juizo dos mestres sobre materias de que só de passagem me occupei. Mas como o leitor o encontra mais abaixo (Cap. VI, § 38), em redacção um pouco condensada, e rectificado em varios pormenores, baste registar aqui o titulo:

80º. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Lais de Bretanha*, Capitulo Inedito do *Cancioneiro da Ajuda* — Separata da *Revista Lusitana* vol. VI, Porto 1900.[2])

§ 96. Da America do Sul veio uma contribuição, intimamente ligada ás duas que rubriquei sob No. 72 e 73[3]), de grande interesse, embora trate apenas de alguns pontos de metrica.

81º. Prof. Dr. Friedrich Hanssen, *Zum Spanischen und Portugiesischen.* Separatabzug aus den Verhandlungen des deutschen wissenschaftlichen Vereins in Santiago, Bd. IV; Valparaiso 1900, 64 pp.

O auctor, um germano-chileno, erudito em philologia classica, mas que uns seis annos para cá, se dedica com energica laboriosidade, methodo bem cimentado e independencia rara á ventilação

---

1) Quanto a *Moxa* e suas relações com D. João Soares Coelho veja-se o Cap. VI, Biogr. XXXV.

2) Cf. *Romania* fasc. 116, p. 633.

3) Veja-se a Nota 152.

de problemas de archeologia lingüistica e prosodica[1]), disserta nella sobre o verso de arte maior, ultimamente tão discutido.[2])

Os seus materiaes foram colhidos nos mais antigos textos lyricos castelhanos,[3]) ainda não aproveitados para este fim nos cancioneiros trovadorescos, incluindo o sacro de Alfonso X, e na poesia popular gallega.[4]) O exame dos exemplos palacianos (Rimado de Palacio[5]) e Canc. Baena) leva-o a aceitar a definição dada antigamente, ainda que com pouca clareza, por Juan del Encina.[6]) Em harmonia com esse mais prospicuo entre os prosodistas do sec. XV, e contra Morel-Fatio (que encarando-a do ponto de vista frances, a regeitara como inaceitavel) formula uma lei que chamarei da *pro-catalexe*, empregando essa palavra grega, por ora desusada na terminologia portuguesa, para designar a eliminação facultativa de uma syllaba atona em principio de verso: o inverso portanto e, segundo Hanssen, derivação directa da paragoge rhytmica, ou seja da faculdade antiga dos poetas italos e hispanicos de fazerem alternar, no fim de versos e hemistichios, vocabulos graves com agudos e esdruxulos. Graças a esta lei, combinada com outra, não menos desusada nos territorios romanicos, a qual admitte (mas não manda) compensar tal falha de syllaba pelo accrescento de outra a principio do segundo hemistichio, e ainda com a liberdade de substituir o hiato entre os dois (que é regra) pela suppressão de vogaes por synalephe, graças a esta lei, digo, o verso de arte maior — na praxe de poetas rigoristas e por isso no dictame de muitos criticos, de uma monotonia fatigante —[7]),

---

1) Nos numerosos opusculos que publicou nos *Annaes da Universidade de Santiago* e nas *Memorias da Sociedade Alleman Scientifica*, ha muita coisa util para os estudos portugueses.

2) Vid. *Grundriss* IIª, pag. 36; *Romania* XXIII; *Jahresbericht* III, 11.

3) Até hoje fôra costume recorrer principalmente á época aurea do verso (i. é ás *Trecientas* de Mena).

4) Milá y Fontanals na *Romania*, vol. VI.

5) Uma poesia lyrica do Arcipreste de Fita na qual Menendez y Pelayo quis reconhecer os primeiros versos de arte maior, e Baist versos de redondilha menor, consta, como Hanssen expõe, de versos de 6 syllabas grammaticaes, com acento ora na 5ª, ora na 6ª (*ababab xC*).

6) *Arte de Trobar*, Cap. V: *Mas porque en el arte mayor los pies son intercisos que se pueden partir por medio no solamente puede passar una silaba por dos quando la prostrera es luenga. Mas tambiem si la primera ... fuere luenga, assi del un mediopie como del otro, que cada una valdrá por dos.*

7) Houve quem o designasse com o nome: *verso de taratantara* por causa do rhytmo pronunciado que recorda o rustico toque de caixa. Eu

apparece nos textos explorados estranhamente variavel. Ao lado de versos de medida normal com 12 syllabas e pausa no meio, ha outros que constam de 9 a 13. Entre versos pelo typo regular: *temi ta tormenta, del mar alterado* (6 + 6), encontra-se uma longa serie de excepções que não ficam sufficientemente caracterizadas pelos algarismos 5 + 6, 6 + 5, 7 + 5, 5 + 7 e mesmo 5 + 5, 4 + 7, 4 + 5, 4 + 6.[1]) Temos não só o 1° hemistichio com desinencia aguda (*doled vos de mi*), ou esdruxula (*no curen los principes*); mas tambem com pro-catalexe, sendo grave a desinencia (*rei excellente*), ou aguda (*cuesta sufrír*), ou esdruxula (*todos los principes*). E temos o segundo igualmente com rima, ora aguda (*rogando a dios*), ora esdruxula,[2]) ou com syllaba de compensação, havendo pro-catalexe na 1ª metade. Neste caso a rima é aguda (*por su santa pasion*), sendo grave o 1° hemistichio; ou viceversa (*que me deu calentura*).

Quanto ao andamento, naturalmente variado em versos tão desiguaes (e por isso mesmo avaliado de modos muito differentes,[3]) os resultados são de somenos novidade e precisão. Sem dizer, se acredita num rhytmo descendente ou ascendente, e evitando fallar de jambos, trocheos, dactylos, anapestos e amphibrachios, Hanssen estabelece mais uma vez que os versos correctos tem quatro *altas* (*ictos*, ou *arses*) nas syllabas 2. 5. 8. 11, ou pelo menos em 5 e 11; emquanto que nos hemistichios reduzidos por pro-catalexe a cadencia fundamental ◡–◡◡–◡ *na beira do rio* — *tembrando de frio* — *nos dañen letrados* — *fuese fenecida*; (respectivamente ◡––◡–◡ *cantád músa mía*; ◡–◡–◡◡ *muy álto príncipe* ◡◡–◡–◡, ◡◡◡◡–◡; –◡–◡–◡ ou –◡◡◡–◡), se transforma em –◡◡–◡ (*años perdidos* — *aya sosiego* — *cando te vexo*) ou ◡–◡–◡ (*en pocos dias* — *a grandes vozes*); mas no 1° hemistichio tambem em ◡◡–◡ (*cavaleiro*), –◡–◡ (*della fize*) ◡––◡ (*aqui luego*), e no 2° em ◡◡–◡◡– (*por su sánta pasión*) e ◡◡–◡◡–◡ (*en questión declaráda* — *que me déu calentúra*) —

---

pronuncio *tarátantará.* Mas quem o applicou ao seu equivalente francês pronunciava certamente *taratantará.*

1) Morel-Fatio considera os bipartidos em 4 + 5, 4 + 6 como errados, e tenta emendá-los.

2) Hanssen não regista nenhum exemplo de rima esdruxula, o que é signal certo de que nem os primeiros cultores palacianos, nem os poetas populares a conheceram.

3) Houve quem o chamasse *decasyllabo anapestico;* outros chamam-no *anfibraquio dodecasyllabo;* outros fallam de *quinarios duplos*; ou versos duplos de *redondilha menor.* E nem mesmo falta quem o considere como *alexandrino!*

hemistichios que outros criticos consideram como radicalmente falsos, monstruosos, e a negação de todo o rhytmo.

Do exame das poesias gallego-portuguesas que constam de 12 (respectivamente de 11 syllabas) e de algumas, em que versos de 6 e 5 syllabas apparecem combinados de modo artistico,[1] apura o seguinte. 1°. Não ha razão para distinguir entre dodecasyllabos á maneira limosina e dodecasyllabos á maneira gallega. 2°. Sem os identificar com os de arte maior, nota em todos elles a tendencia de acentuarem a syllaba quinta. 3°. Os trovadores desconheceram a lei da pro-catalexe, ou antes desprezaram-na, por influencia da metrica provençalesca. Ha todavia cantigas, em que versos de dimensões diversas, mas com differença de só uma syllaba (de 5 e 6 até 11 e 12), constituem um caso analogo. 4°. As cantigas em versos de doze syllabas são na maioria de feitio popular: cantares de amigo e canticos sacros.

Quanto á *muïnheira*, Hanssen estabelece a identidade theorica dos seus versos com os de arte maior. E sendo improvavel que o verso favorito de dança dos aldeãos da provincia gallega seja de origem erudita e relativamente tardia, o contrario, isto é a introducção do metro popular na poesia artistica, parece-lhe verosimil.

Apontando alguns versos de hymnos mozarabes (em que descobre casos de pro-catalexe) e versos saphicos, ainda assim não acredita na continuidade de uma tradição. Nem tão pouco crê que o verso de arte maior seja uma creação peninsular. Inclina pelo contrario, em conformidade com Stengel, Morel-Fatio e Baist, a derivá-lo do dodecasyllabo francês com pausa depois da 5ª syllaba, transformado por causa da antipathia dos peninsulares contra versos e hemistichios agudos, e tambem por causa da pouca aceitação de uma medida de *onze avos*.

Agora algumas notulas criticas. Em geral sou de opinião que é prematuro decidirmos sobre qualquer problema de metrica peninsular, antes de o canon tanto das poesias archaïcas de factura palaciana como das de caracter popular estar elaborado. Para este fim, em cujo alcance Henry R. Lang está a trabalhar assiduamente, contribuo no Cap. IX d'este volume com os materiaes fornecidos pelo **CA**. Aqui direi apenas o seguinte. Embora não seja uso, ou uso malvisto, o fallar de rhytmos jambicos ou trochaïcos, com

---

1) Hanssen caracteriza-os como *hypermetrische Weiterbildungen.*

respeito a composições romanicas, creio que, collocando-nos immoveis no ponto de vista francês da simples contagem das syllabas, nunca conseguiremos resultados satisfactorios a respeito da parte popular da poesia hispanica, e peculiarmente do verso de arte maior. Quanto mais vejo e ouço das danças e da musica peninsular — em que o rhytmo é tudo, — tanto mais me persuado que os gallaïcos, astures, cantabros e lusitanos de hontem e de hoje, não contavam as syllabas, contentando-se com um numero fixo de *altas* ou *levas* (4 no verso de arte maior). — Neste ponto estou de accordo com G. Baist. O *trástalastrás* das castanhetas, o *tríntrilintrín* dos ferrinhos, o *cháscarraschás* das »cónchegas«, o *dóngolodrón* dos pandeiros, o *répinicár* das guitarras, o *bírbirinchín* da gaita, ruidos que pelo rhytmo e som se afastam completamente do *li ailí alí ailí* da flauta, recordam a miudo o verso de arte maior, lembrando a necessidade de estudarmos as cantigas choreographicas do pôvo. Se nem mesmo dos compassos e das evoluções da muïnheira formamos ideia cabal! — No folklore de Portugal ha entre as rimas e os jogos infantis numerosos disticos, a começar com o

Arre burrinho, a São Martinho
carregado de pão e vinho

que recitamos ou cantamos com variantes a capricho, balouçando ou fazendo cavalgar em saltos cadenciados nos nossos joelhos pequeninos cavalleiros. Esses talvez contenham preciosas revelações. A predilecção dos portuguêses pelas estrophes sapphicas tambem merece attenção.

Mesmo nos Cancioneiros ha composições ainda não utilizadas, como p. ex. o fragmento deturpado de serrana que principia

Na serra de Sintra a par d' esta terra
vi ũa serrana que braadava guerra (CV 410)

Em vista de decasyllabos e dodecasyllabos de rhytmo perfeitamente pronunciado, e outros irregularmente construidos que mal podem ser *escandidos,* creio devermos distinguir entre duas qualidades differentes de versos de 12 syllabas grammaticaes. — Não creio que as poesias de Alfonso X. e outros trovadores, em que versos de dois metros de quasi egual extensão, mas prosodia differente, alternam com regularidade e proposito, caiam sob a lei da pro-catalexe, nem tão pouco sob a lei Mussafia. Considero-os como francamente heterometricos. — Algumas outras theses precisavam pelo menos de mais ampla demonstração, p. ex. as que se referem ás cantigas lyricas

do Cancioneiro Musical. — E ao contrario de Hanssen espero que na hymnologia latina encontraremos os modelos para as estrophes e para os rhytmos da poesia popular, isto é para canticos liturgicos em romanço, bailadas sacras e profanas, cantos de romaria, serranas, chacotas.

§ 97. Registarei ainda um primeiro esboço de grammatica archaïca, se bem que o auctor não se refira aos cancioneiros profanos, mas apenas aos canticos de Alfonso X., e a alguns documentos em prosa (de 1295 a 1374). Assim procede com justo motivo, visto que o seu trabalho illustra uma edição critica das poesias attribuidas ao trovador mais nomeado da epoca de transição, Macias o Namorado.

82°. Hugo Albert Rennert, *Macias, O Namorado, a Galician Trobador.* Philadelphia 1900. — Privately printed.

Quanto á introducção litteraria, não entra no plano d' esta obra. Por isso relatarei apenas que o auctor, em harmonia com G. Baist,[1]) ampliando as indicações do Marquês de Santilhana, colloca o poeta entre 1340 e 70, no reinado do Justiceiro de Castella; e não em principios do sec. XV, como fôra costume desde Argote de Molina.[2]) E procede assim, não tanto por achar digna de credito a epigraphe do Cancioneiro de Baena, segundo a qual alguns coevos do colleccionador imaginaram lançadas *sub rosa* contra o rei D. Pedro certas suas queixas amargas, dirigidas »paladinamente« contra o Amor,[3]) mas por causa da ordem em que o Marquês cita o Namorado, juntamente com Vasco Pires de Camões (c. 1361—86), Casquicio (c. 1354), D. Juan de Lacerda († 1357), e Pero Gonzalez de Mendoza († 1385), continuando com a proposição: *Despues destos, en tiempo del rey Don Johan* (i. é 1379—1390) *fue el Arçediano de Toro.*

Podia responder que a chronologia do Marquês nem sempre é inattacavel — como mostrarei mais tarde —; que exactamente o unico paragrapho dedicado aos poetas gallizianos (XV) é muito vago, abrangendo dois seculos; que *despues destos* (XVII) se refere em rigor só aos luso-castelhanos Alfonso X, La-Cerda (?), Mendoza, e Alfonso Gonçalez de Castro (?) mencionados no § XVI; que a rubrica alludida nem mesmo a Baena mereceu fé[4]) e foi desatten-

1) *Grundriss* IIb, 426ss.
2) Ib. IIb, 239s.
3) Baena No. 308: *Amor cruel e brioso.*
4) Elle declara terminantemente: *esta cantiga fiso Macias contra el amor,* accrescentando *empero algunos trobadores disen que la fiso contra el rrey don Pedro.*

dida por Santilhana; que não se deviam basear nella os que regeitam como pura ficção todos os dizeres do Condestavel D. Pedro de Portugal e do Commendador Griego sobre os amores de Macias e sobre a estrophe *Aquesta lança sem falha.*[1])

Mas como reconheço que as linhas geraes da *Carta-Proemio* são acertadas, e estando perdidas as suas canções, menos quatro ou cinco, já em 1449, inclino-me tambem de ha muito a adoptar para o lendario poeta uma data bastante afastada de Baena e Santilhana, a qual deverá recahir na segunda metade do sec. XIV. O espirito das cantigas, as formas estrophicas, a metrificação, o rimario, a linguagem não se oppoem de modo algum. Distanciando-o dos poetas dionysios e post-dionysios[2]), todos os indicios de fundo e de forma aproximam-no de Alfonso XI, o Arcipreste de Fita e Pero Lopes de Ayala, chanceler e chronista do Justiceiro, dando-lhe uma posição intermedia entre estes e o Arcediano de Toro e Villasandino.[3])

Quanto á restituição dos textos, hybridamente gallego-castelhanos e em parte deturpados e fragmentarios, attribuidos com mais ou menos fundamento ao *Namorado*, Rennert que separa conscienciosa e correctamente os que são gallegos dos castelhanos, ainda assim deixou subsistir inalteradas e introduziu até de novo formas espurias. Ponctuando ás vezes pouco satisfactoriamente, não dá a perceber, qual o sentido que liga ás ideias dos auctores.[4])

§ 97b. Num relatorio dedicado á obra supracitada de Jeanroy, Eduardo Wechssler, que se occupa de uma edição do Graal português, reconhece o serviço que o erudito francês prestou á sciencia, combatendo e desarçoando a usual concepção romanticamente mystica da poesia popular. Não se conforma todavia com a nova interpretação, por elle proposta. A seu vêr, poesia popular, se não é poesia ideada pelo povo, tão pouco é poesia composta para a nação

---

1) A meu vêr, foi apenas a allocução ao Amor: *Rey eres sobre los Reyes, coronado emperador,* assim como a repetição da palavra *cruel* e *crueza* na cantiga indigitada que originou essa parte da lenda.

2) Só de longe em longe Rennert remette, com relação a uma ou outra phrase feita, ás cantigas dos coevos e antecessores. — Tambem este problema será brevemente resolvido por Henry R. Lang num *Cancioneirinho gallego-castelhano* que está elaborando.

3) Alguns versos tem sido attribuidos a *Macias* e a *Villasandino* (vid. No. VII, X e XVII).

4) Conto occupar-me do assumpto em outro logar.

inteira. Assentando a these suprehendente que poesia popular é uma concepção phantasmagorica, sem realidade nem corpo, explica que toda a poesia é originariamente e na sua essencia *poesia de classe* (*Standes-poesie*), porque desde o momento em que ha separação de classes sociaes, não pode haver creações litterarias, destinadas para todos e a todos comprehensiveis. Artistas de profissão, superiormente dotados, escrevem para um determinado circulo culto, homogeneo, mais ou menos restricto, em que nasceram, se criaram e vivem. Ha poesia sacra, i. é da classe ecclesiastica; poesia aristocratica i é. de nobres; poesia cavalheiresca, para cavalleiros; poesia burguesa. Progredindo sem cessar na sua cultura mental, as camadas superiores requerem sempre, e sempre produzem novidades, abandonando então os generos antiquados ás camadas inferiores. Jeanroy teria por isso feito melhor se fallasse apenas de generos archaïcos, omittindo completamente o ambiguo termo *popular*.

A poesia das camadas inferiores e infimas, o peculio que até hoje foi costume designar como poesia popular compõe-se portanto em primeiro logar e principalmente de obras archaïcas, abandonadas e em decomposição, porque o povo as modifica, segundo o seu espirito e limitado saber. Em segundo logar abrange imitações d'essas mesmas obras, feitas por individuos de talento, sahidos do vulgo, os quaes se servem dos moldes promptos e da technica, vinda de cima. Em terceiro logar acontece que algumas obras bem feitas d'esses taes poetas populares são acolhidas por gente da alta sociedade, que as aperfeiçoa. — Ao primeiro e principal grupo pertencem, de entre os generos da lyrica provençal e francesa, a *pastorela*, o *debate de amor*, a *alba*, a *canção dramatica*.

Mas Wechssler pára, chegado á burguesia, e evita descer aos rusticos villões — lavradores, mesteiraes, pastores, peões etc., — como se a these que tenciona demonstrar, de a falta de illustração intellectual d'esses humildes servos *glebae adscriptos* ser equivalente a uma absoluta incapacidade poetica, estivesse provada. Nem diz, qual a classe social que considera creadora primordial dos generos indicados e dos *refrains*;[1]) nem tão pouco á qual das tres especies de poesia popular ou popularizada pertencem os exemplos que subsistem. E referindo-se apenas á França e aos trovadores germanicos

---

1) É provavel que a respeito dos primeiros pense na ordem dos cavalleiros e com relação aos refrains, na burguesia.

deixa de expôr como pensa applicar as suas theses á poesia galaïco-portuguesa, isto é ás singelissimas producções em disticos de refram, com ou sem parallelismo parcial ou completo de duas variações diversamente rimadas, que constituem bailadas, cantos de romaria, cantigas de villão e mais especies de poesias com personagens femininos, cultivadas nas côrtes de Portugal, Castella e Leon.

83°. Eduard Wechssler, *Einflüsse der altfranzösischen Litteratur auf die altdeutsche* (1891—1896) em *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der romanischen Philologie*, IV, 4, pag. 408—411.

§ 97. O professor Hanssen que já ouvimos ventilar questões de metrica portuguesa, dedicou um ligeiro esboço — talvez uma conferencia — á arte dos trovadores em geral, e em especial aos da peninsula, resumindo e combinando engenhosamente ideias expendidas por Diez, Storck, Lang, Jeanroy, G. Paris e Carolina M. de Vasconcellos.

84°. Dr. Fr. Hanssen, *Ueber die portugiesischen Minnesänger*. Valparaiso 1899, 8 pag.

Fiel ás ideias sustentadas pelos precessores explica como a lyrica amorosa da idade media se manifestou no mundo romanico em tres formações diversas: como poesia popular; como arte palaciana ou cavalheiresca; e como genero erudito em linguagem latina, dos escolares goliardos (*Carmina Burana*). Os ultimos dois ramos derivam do primeiro, e este da poesia sacra da christandade, que se tornara verdadeiramente vulgar e internacional. O culto da Virgem influiu evidente e poderosamente no culto profano da mulher.

O que dá interesse e importancia á arte palaciana dos gallego-portugueses — imitação da arte provençalesca, aguada a ponto de não enthusiasmar nenhum leitor moderno — é o curiosissimo influxo, exercido quanto á forma e ao espirito, pela preexistente lyrica popular, mesmo sobre as composições artisticas. Entre as duas categorias que é preciso distinguir (canções de homens e cantigas de mulheres) a primeira tem cunho artistico. O auctor acredita no contacto d'ella com a poesia de amor dos arabes. Da segunda, uma parte consideravel tem feitio popular, e é transformação litteraria de generos populares — *litterarisch weitergebildete Volkspoesie* — excepção feita de alguns cantares que talvez sejam verdadeiras poesias do povo — *so weit sie nicht wirklich aus dem Volke stammen.* Mas naquellas mesmo que foram construidas sobre modelos e em harmonia com a technica estrangeira, notam-se numerosos traços que são distinc-

tivos da musa popular. Os enxertos exoticos, inoculados em typos indigenas da flora nacional, murcharam rapidamente, emquanto que a planta-mãe continuou viçosa e vive ainda hoje. Caracterizando-a, apresenta cinco amostras, colhidas no cancioneiro, em versão alleman. Rhytmicamente reflexos exactos, essas traducções ainda assim não reproduzem, como as adaptações de Storck, o parallelismo das rimas. O traductor não designou os originaes. Reconheci comtudo os Nos **884**, **902**, **797** e **81** do **CV**.

PARTE II.

INVESTIGAÇÕES A RESPEITO DO CODICE DA AJUDA.

Historia do Codice.

I. De 1800 a 1900.

§ 98. Syntetizando noticias dispersas no capitulo anterior, fixarei em primeiro logar os motivos porque o livro velho de trovas gallaïco-portuguesas que publico, foi denominado a principio *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, passando em seguida a ser universalmente conhecido pelo nome de *Cancioneiro da Ajuda*; e tambem, qual a ideia que levou um dos seus editores a dar-lhe o titulo divergente *Trovas e Cantares . . . do Conde de Barcellos.*[1])

§ 99. Quando, no primeiro quartel do seculo que vae findar, varios academicos portugueses e alguns forasteiros illustres o examinaram, o truncadissimo codice encontrava-se na capital, num edificio que ia servindo de collegio aos moços nobres do reino, na Rua do Monte Olivete. Ahi teria provavelmente permanecido até essa escola, Real e privilegiada, ser abolida em 1837 (visto o governo constitucional a achar em desharmonia com a nova organização politica), se Lord Stuart não tivesse chamado a attenção do mundo culto para tão precioso monumento litterario, patenteando pelo mesmo acto o vergonhoso estado de ruina a que havia chegado.

§ 100. Posto ao facto da existencia e valia superior do codice, e dos perigos que o ameaçavam, entregue como estava aos maus tratos de rapazes, e, no melhor caso, accessivel só com difficuldade aos externos estudiosos, o governo resolveu transferí-lo para a Bibliotheca Real, installada a curta distancia de Lisboa, numa casa contigua ao paço da Ajuda.

Costuma-se dizer que o volume entrou naquelle deposito pelos annos de 1825. O proprio Herculano assim o affirmou,[2]) e as pala-

1) Passageiramente o codice foi tambem chamado *Cancioneiro de Lisboa*, por alguns informadores.

2) *P. M. H.: Script.* I, 140. — Cf. Th. Braga, *Trovadores* 86; *Theoria*, 3ª ed. p. 196.

vras do mestre foram naturalmente acatadas e repetidas. Do recibo original que vi, passado por quem então regia a bibliotheca, resulta comtudo que a entrega se realizou muito mais tarde, no dia 5 de Maio de 1832.[1]) Teremos de presumir que a execução de ordens, dadas em 1825, soffreu demora . . . como acontece ás vezes neste país . . . e em outros?

Decorrido um decennio, soube-se que em Evora se guardavam, na Bibliotheca Publica, onze folhas desmembradas do Cancioneiro.[2]) Requisitadas, foram, por imposição superior, entregues na livraria, a 27 de Junho de 1843, intervindo o Vèdor da casa real, D. Manoel de Portugal e Castro. O officio do bibliothecario-mór de Evora que accompanhava a remessa, era dirigido a Herculano[3]), o qual, encarregado desde 1839 das collecções particulares del rei D. Fernando, e juntamente dos livros da Ajuda, começara a interessar-se vivamente tanto pelo *Nobiliario* como pelo *Cancioneiro,* conforme já contei.[4])

§ 101. Sentir viver os seculos XI a XIV, ouvir a anecdota cortesan de amor, de vingança ou de dissolução, como a contavam escudeiros e pagens por salas d'armas, e as lendas que corriam de boca em boca, narradas pela velha cuvilheira, junto ao lar no inverno; assistir ás façanhas dos cavalleiros em desagravo da propria honra, aos feitos de lealdade, ás covardias dos fracos, ás insolencias dos fortes, e emfim a grande parte da vida intima do solar do infanção, do ricohomem e do paço real, que as chronicas vetustas raro nos revelam e que a historia (como o seculo XVI a reformou e puliu) achou indigna de occupar os seus periodos classicos, moldados pelos de Sallustio e de Tito Livio, tal foi, explicado

---

1) Foi o director da bibliotheca, Padre José Manuel Abreu de Lima, quem accusou a recepção do volume ao Reitor do Collegio dos Nobres, José Freire de Andrade.

2) Outro boato, relativo a folhas avulsas do codice, as quaes diziam andar em Coimbra entre mãos de um particular, apaixonado colleccionador de antigualhas, não se condensou até agora em factos que fossem do dominio publico.

3) Entre os documentos que publico no fim d'este capitulo o leitor achará a carta de Rivara. O original conserva-se na Bibl. da Ajuda. Parece que primeiramente houve o plano de depositar as folhas na Torre do Tombo; e tambem que o illustre eborense mostrou pouca vontade de se desprender d'aquellas reliquias. — Cf. *Actas das Sessões da Academia,* 1849. No. 2, p. 53; e *Panorama* de 1842, p. 406.

4) Vid. Cap. I, § 14.

com as suas proprias palavras, o empenho de Herculano ao lêr e relêr as prosas e os versos medievaes do in-folio carcomido, vindo do Collegio dos Nobres. Alguns troços e duas cantigas inteiras do **CA**, engastadas no *Monge de Cistér*[1]), dão prova da curiosidade com que manuseou a parte lyrica. Quanto ás prosas, embora naturalmente não as podesse aceitar como pura fonte historica, hauriu nellas uma infinidade de especies preciosas, conforme se pode verificar tanto na sua obra principal, como nos Opusculos, nas Narrativas e nos Romances.[2]) Pena foi que os apographos italianos não se publicassem a tempo para os sirventeses moraes e historicos e os cantares de escarnho e maldizer lhe ministrarem quadros burlescos e tragicos, e illustrações incomparaveis da civilização peninsular.[3])

Além d'isso, Herculano entrou na commissão encarregada de preparar criticamente a edição do **CA**. Depois, quando Varnhagen resolveu tomar sobre si este trabalho, tirou *manu propria* o treslado das folhas ineditas eborenses, e discutiu com elle e outros, em cartas e verbalmente, na livraria e no seu gabinete particular, (centro do movimento litterario de então) a questão da lingua e das origens.

Foi ainda Herculano quem, no ultimo anno da sua vida, desde o seu eremiterio em Valle de Lobos, me facilitou o trabalho a que procedi.[4]) Na sua propria morada, junto á bibliotheca da Ajuda, que me cedeu gentilmente para todo o verão de 1877, é que, mal chegada da Allemanha e ainda pouco acclimada nesta viçosa *terra gensor*,[5]) estudei as trovas contidas no pergaminho, juntamente com

---

1) Vid. **CA 283, 292** e **295**.

2) Não será inutil lembrar que o *Panorama* onde appareceram os primeiros romances historicos do fundador, começou a sahir em 1837. A edição primeira do *Eurico* é de 1844—48. Um volume da *Historia de Portugal* appareceu em 1846; o 4° e ultimo é de 1853. O corpo dos Monumentos historicos, principiando pelos *Scriptores*, foi dado ao prelo em 1855.

3) Convém allegar aqui a passagem em que chama o Livro das Linhagens muito mais historico que boa meia duzia d' escriptos dos nossos historiadores. *Opusculos* V, 123.

4) Apraz-me deixar consignada aqui a expressão do meu vivo reconhecimento e de verdadeira admiração pelo grande historiador, exactamente porque terei de regeitar e combater no decurso d' estes estudos, algumas das suas opiniões sobre a lingua, a epoca, os auctores, e a importancia dos Cancioneiros.

5) Nos mais antigos poemas castelhanos encontram-se formulas, cheias de admiração pelas bellezas naturaes de Portugal. A que empreguei, encontra-se na *Cronica rimada* v. 762. — *Gensor* é comparativo provençal

as do cancioneiro da Vaticana, construindo os alicerces d'este lavor (maio a setembro).

§ 102. Quando em 1890 lá voltei, a fim de cotejar novamente a minha restituição da copia diplomatica que tirara, — esta vez no proprio paço Real, para cujo rez de chão a livraria fora mudada havia um decennio — achei o volumoso codice no mesmo estado como em 1877. Notei porém, que a inscripção Rey Dō Denis,[1]) traçada com tinta no corte inferior das folhas, se havia tornado illegivel para quem não a conhecesse de antigo.

§ 103. Posteriormente, o novo director da bibliotheca lembrou-se de melhorar no que fosse possivel o tesouro por cuja conservação está obrigado a velar. Tomei nesse ensejo (1895) a liberdade de instar para que o deixassem intacto no triste *statu quo* historico em que nos foi legado, mandando aprомptar apenas um involucro conveniente em que o custodiassem, porque, juntando as parcellas, substituindo a encadernação antiga por outra moderna, e cerceando as margens deterioradas, com suas notas manuscriptas apagavam os tenues mas ainda assim valiosos vestigios da historia externa do codice que hoje servem de guia ao investigador. Desfiz tambem a lenda das folhas baralhadas, creada por Varnhagen a bem do seu systema de interpretação, e dei explicações minuciosas sobre a ordem original das folhas, incluindo as de Evora.[2])

Pelo que sei, o diligente official Rodrigo Vicente de Almeida tomou a peito vigiar pela escrupulosa execução de algumas das lembranças de quem entre os vivos, certamente, havia estudado com mais afinco e fervor esses singelos e desbotados cantares de amor dos trovadores portugueses. Ao recoser das folhas utilizaram p. ex. os furos antigos, conservaram as capas antigas, deixando a lombada descoberta. Mas, como julgaram necessario juntar as parcellas, tiveram de substituir os cordões primitivos, retalhados pelos saqueadores, por outros novos, de sorte que já não é possivel reconhecer hoje os troços em que o volume andara dividido![3])

---

de *gents* < *genitus*, no sentido de *gentil*. — No *Livro do Abbade D. João*, que provalmente deriva de um cantar de gesta antigo, chamam tambem a Portugal em linguagem modernizada: *tierra muy viçosa*.

1) Vid. Cap. I, § 31 e 68.

2) Vid. Cap. I, § 28.

3) Vid. Cap. III. — Na primavera do anno corrente (1901) verifiquei ser exacta esta descripção.

§ 104. De 1819 a 1849 e posteriormente tiraram-se algumas copias do codice. Já fallei das que me são conhecidas: uma, destinada a Robert Southey, a qual hoje se guarda na bibliotheca regia de Berlim; a de Lord Stuart Rothesay, annunciada no Catalogo dos seus livros e vendida em leilão, mas cuja paragem actual ignoro; outra, executada para o Morgado Matheus que é actualmente propriedade de Th. Braga (segundo informação pessoal); mais uma que pertenceu á casa de Villareal;[1]) e ainda outra, em papel de linho filigrana, tirada pelo paleographo J. P. da Costa Bastos, a instancias da Academia das Sciencias, quando planeavam editar as Trovas, perto de 1870.[2])

II. Antes de 1800.

Do que me é dado expôr com relação á historia do codice antes de 1800 entra em larga dose o elemente conjectural, sendo naturalmente mais vagas e controvertiveis as hypotheses que se referem a tempos mais remotos. Caminhando lentamente, do conhecido ao desconhecido, é que tentarei não me desnortear em absoluto.

§ 105. O edificio onde o governo installara o Real Collegio dos Nobres, logo no acto da sua creação, em 1761, era o mesmo que durante longos annos havia servido de Seminario aos noviços da Companhia de Jesus. A bibliotheca com que dotaram o novo estabelecimento,[3]) compunha-se tambem de livros, encontrados no espolio dos Jesuitas na sua recente expulsão pelo ministro de D. José, e servira até, durante algum tempo, de deposito geral para todos os impressos e papeis seqüestrados. Ignora-se todavia — ignoro eu pelo menos — se foi no proprio seminario *lisbonense*, ou em qual outro dos numerosos institutos da Ordem, que o codice estivera arrecadado antes de 1759.

Só depois de achadas, na antiga e gloriosa cidade alemtejana, as onze folhas avulsas, é que foi aventada a sospeita de o Cancioneiro todo ter vindo de ahi, ficando retidos como lembrança aquelles

---

1) Th. Braga, *Theoria* 3ª ed. p. 196.

2) Ha quem lhe assigna a data de 1850.

3) Silvestre Ribeiro esboçou a historia d' esse instituto. Segundo elle, a carta de lei, pela qual foi creado, é datada de 7 de Março de 1761. A abertura solemne, porém, só teve logar ao cabo de cinco annos (maio de 1766). — Vid. *Historia dos Estabelecimentos Scientificos* I, 282; II, 97; III, 120; V, 242; VI, 25, 320 e 530.

ominosos destroços.[1]) Vejamos se ha indicios que indirectamente a tornem verosimil.

Todos sabem que a residencia favorita do Cardeal-Infante D. Henrique, que regeu Evora duas vezes como Arcebispo (primeiro em 1540, e depois em 1575), fôra no seculo XVI um centro notavel de estudos archeologicos e litterarios.[2]) Sabios estrangeiros e nacionaes de alto conceito, como o humanista flamengo Nicolau Clenardo, Mestre André de Resende, João Vaseu, Aires Barbosa, Jean Petit (= *Parvus*) e muitos outros, ensinaram ahi linguas classicas, de 1533 em deante, no paço e em aulas propriamente suas, tendo por discipulos, juntamente com fidalgos e titulares, os filhos mais novos del rei D. Manoel. Alguns entre elles como o Infante D. Fernando († 1534)[3]), esposo da riquissima herdeira da casa Marialva,[4]) e o Duque de Aveiro, neto de D. João II, documentaram predilecção pronunciada por sciencias, artes e assumptos de archeologia patria, mandando escrever tratados genealogicos, livros illuminados, e colleccionando moedas, inscripções, antigualhas etc.[5]) Esta actividade precedeu a anti-reforma jesuitica e tridentina. Depois de o Cardeal-Infante ter creado o Collegio do Espirito Sancto (1551), que a breve prazo se transformou em Universidade, Evora, patria de tres eruditos cujos nomes veremos intimamente ligados á historia dos cancioneiros gallaïco-portugueses — Mestre André de Resende, Severim de Faria, e o licenciado Duarte Nunes de Leão — ficou sendo o arraial mais activo dos discipulos de Loyola. Juntaram-se então no cartorio da nova Univer-

---

1) Th. Braga defendeu esta opinião na *Theoria*, 3ª ed. p. 193. Ahi affirma positivamente que o Cancioneiro se guardára esquecido no fundo da bibliotheca dos Jesuitas d' aquella cidade.

2) Continuou a sê-lo nos seculos posteriores. Bastará lembrar aqui os nomes de Cenaculo, Conego Mira, Rivara, e Gabriel Pereira.

3) A actividade litteraria e artistica do Infante D. Fernando (protector de Damião de Goes) e do Cardeal-Infante D. Affonso (fautor de Francisco de Hollanda) merece attenção. Veja-se a este respeito a nova edição germano-lusitana dos *Dialogos da Pintura*, por Joaquim de Vasconcellos, Wien, 1899.

4) Mais tarde terei de referir-me a um *Cancioneiro Marialva*, propriedade do 4º. Conde, D. Francisco Coutinho, í. é do sogro do Infante D. Fernando, o qual herdou os seus bens. — Já o deixei mencionado na nota relativa ao § 74.

5) Vae apparecer brevemente a reproducção heliographica de preciosas *Genealogias* portuguesas, illuminadas por mandado do Infante pelo artista flamengo Simão Beninc.

sidade verdadeiras preciosidades litterarias (como o *Esmeraldo* de Duarte Pacheco, o *Roteiro* de D. João de Castro, a *Cosmografia* do mesmo) algumas das quaes haviam sido outr'ora propriedade dos Infantes manoelinos, D. Affonso, D. Fernando, D. Henrique e D. Luis[1]) e foram pelos ultimos doados á Ordem que protegiam. Não admiraria portanto se tambem o *Cancioneiro*, sahindo das mãos de um principe meticuloso, fosse açambarcado pelos zeladores da fé,[2]) espontaneamente ou porque a mesa censoria o tivesse declarado perigoso e digno de severa reclusão, por causa de certas heresias de amor dos velhos trovadores.[3]) Neste caso só resta estranhar que os mais manuscriptos da mesma e de proveniencia diversa permanecessem em 1759 e ainda permaneçam hoje em Evora, onde figuram na bibliotheca publica, sendo posteriormente requisitados por portaria especial a bem da Academia, quando um ou outro socio os desejava consultar, e que aparecesse em Lisboa unicamente o nosso Cancioneiro. Mas emfim, é possivel que, sem previa reclamação, para ahi fosse, de mistura com os papeis da Companhia.

Faço votos que se consiga documentar a veracidade da dupla supposição. Para tornar plausivel a sua primeira parte, bastaria a

---

1) Vid. *Catalogo da Bibliotheca Eborense*, passim.

2) Recordarei a grande e escrupulosa orthodoxia, documentada por escriptores portugueses, de 1560 em deante. Cingindo-se á decima regra do catalogo tridentino, elles iam depôr na mesa censoria manuscriptos que desejavam mostrar aos amigos, requerendo a nota: *pode-se communicar; pode-se divulgar; pode correr.* Pedro de Andrade Caminha, o correcto camareiro-mór do mais pio e devoto entre os netos de D. Manoel, apresentou os fasciculos soltos do seu Cancioneiro de mão, á medida que os ia compondo, a Frei Bartholomeu Ferreira. O doutor Francisco Lopes, medico da rainha D. Catharina, requereu o attestado de fé e bons costumes para os seus *Versos devotos en loor de la Virgen* (1573); D. Manoel de Portugal, o servidor de D. Francisca de Aragão, para um seu *Tratado breve da oração;* Francisco de Hollanda (1576) quando ia mandar a Madrid treslados dos escriptos sobre a *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa* e *Da sciencia do desenho* (1576). Mesmo a Infanta D. Catharina de Bragança não quis mostrar um seu *Livro de Evangelhos* a ninguem, sem elle ir fornecido da chancella da Inquisição. — Vid. Sousa Viterbo, *Frei Bartholomeu Ferreira, o primeiro censor dos Lusiadas*, Lisboa 1891, p. 16, 55, 201; J. Priebsch, *Poesias de P. Andrade Caminha,* Halle, 1898, e um artigo meu na *Revue Hispanique* VII.

3) Conforme resulta dos capitulos seguintes, a ideia de attribuir os córtes de paginas no volume da Ajuda, á tesoura do censor, que teria aniquilado grosseiros cantos de escarnho e maldizer, não é viavel. — Da hypothese, se essas satyras encheriam outro volume que foi destruido, não tenho de tratar por ora.

prova que o Cancioneiro fôra positivamente até 1550 propriedade de um dos Infantes da casa real. Pela minha parte, tambem não estou habilitada a fornecê'-la. Posso assignalar todavia indicios de bastante peso, ignorados dos estudiosos, e que demonstram pelo menos que *houve realmente no sec. XVI, na cidade de Sertorio, não o proprio* **CA**, *mas um Cancioneiro ou partes de um Cancioneiro do tempo de D. Denis.*

§ 106. Eis o caso. Entre os papeis de um dos tres acreditados e eruditos quinhentistas que nomeei, mestre principal dos dictos Infantes e mais proceres do reino que desejavam humanizar-se, e collector indefesso de raridades, achou-se uma poesia trovadoresca, de cuja authenticidade é impossivel duvidar, (quer fosse em folha original membranacea, quer em copia). E de outro seu patricio, seiscentista, de igual nomeada, tanto por causa da sua sciencia e applicação como pela sua opulenta livraria de manuscriptos e incunabulos, se tem asseverado que teve em seu poder não uma unica poesia, mas nada menos que o *livro* inteiro e original *das Cantigas do Conde D. Pedro de Barcellos,* o bastardo de D. Denis.

Refiro-me aos já citados André de Resende, e ao conego e chantre Manoel Severim de Faria, homens ambos de saber realmente abalizado, escriptores scientificos dos melhores que o Portugal Antigo produziu, relacionados de mais a mais com eruditos nacionaes e estrangeiros e — é importante salientá'-lo — nada hostis á companhia de Jesus. [1]) De Duarte Nunes fallarei depois.

§ 107. Severim, [2]) o Argote de Molina ou o Colocci de Portugal (1583—1655), a cuja doutrina recorriam todos os coevos quando precisavam de informações historicas e litterarias, [3]) era possuidor de

---

1) Resende deixou os seus livros de theologia aos Dominicanos de Evora, a cuja ordem pertencia, legando todavia varios volumes ao collegio de Jesus e mandando que o resto se vendesse em pró dos herdeiros.

2) Severim que nascera em Lisboa, onde seu pae era executor-mór e escrivão da fazenda real, passou ainda na meninice a Evora, para casa de seu tio Baltasar de Faria.

3) Vid. p. ex. Brandão, *Mon. Lus.*, vol. II, 393ᵛ; vol. III, *Prologo*; vol. IV *Prologo* e *Livro* X c. 7; XI c. 10 e 35 etc.; Brito, *Mon. Lus.* VI c. 27; Faria e Sousa tanto nos *Commentarios* aos Lusiadas e ás Rimas de Camões, como no *Nobiliario* ed. Lavanha; Rodr. da Cunha, *Catalogo dos Bispos de Lisboa* e *Cat. Bisp. do Porto;* C. de Sousa, *Hist. Gen.* I, p. CI, No. 102; Barbosa Machado vol. III p. 369; Cardoso *Agiologio* passim.

centenas de obras raras, espalhadas depois da sua morte. Boas partes foram transferidas á capital, onde entraram, por compra, na bibliotheca dos Condes de Vimieiro, sendo reduzidas a cinzas no incendio subseqüente ao terremoto de 1755.[1]) Felizmente não sem que o Conde de Ericeira tivesse elaborado (em 1724) um catalogo selecto,[2]) nem tão pouco sem que outros auctores amigos como Brandão, Faria e Sousa e Brito tivessem incidentalmente dado conta de uma e outra das preciosidades, explorando algumas. Nomearei apenas entre as obras por elles descriptas, uma *Chronica Gothorum,* reimpressa por Brandão[3]), outra *Chronica de D. Affonso Henriques*,[4]) e um exemplar do Nobiliario do Conde, antigo e authentico, porque mostrava provir do espolio de um primo-coirmão do filho de D. Denis, o D. Prior de Alcobaça Garcia Mendes.[5]) Ambas tinham, de resto, sido propriedade e eram copias autographas de André de Resende.[6]) Possuindo assim a prova de como algumas raridades da livraria d'este foram adquiridas, indirectamente embora,[7]) pelo seu digno successor, teriamos jus a suppôr que tanto o Nobiliario como o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos — que é o que mais nos importa — fossem da mesma proveniencia, se estivesse provado que estes existiram positivamente no museu de Severim.

---

1) Cf. *Ineditos de Hist. Port.* III. 389. — Subsistem todavia varios mss. autographos de Severim de Faria. Na Torre do Tombo e na Bibl. Nac. ha alguns com apontamentos genealogicos. Na Bibl. da Academia conserva-se uma *Chronica Geral* de Alfonso o Sabio que foi sua (vid. *Bibliographia Critica* p. 144). Caetano de Sousa possuia mais de um livro de notas de Manoel de Severim e seu sobrinho Gaspar. (*Hist. Gen.* I, 383; *Provas* II, 352). Outros estão hoje na Bibliotheca de Evora.

2) *Acad. Hist., Coll. Doc. e Mem.*, Anno 1724, Nos XIII—XXXI. — Ao dar conta das investigações feitas na livraria do 3º Conde de Vimieiro, D. Diogo de Faro (1705—1741), o illustre academico dizia: »*compoem-se de 400 manuscritos e livros raros, a maior parte do erudito e illustre chantre de Evora Manoel de Severim de Faria.*« — Vejam-se especialmente os Nos 58, 76, 85, 90, 93, 94, 102, 154, 160.

3) Barbosa Machado III, 369.

4) *Mon. Lus.* XVII cap. 5 (p. 162 e 184).

5) *Appenso* ao Livro XI da *Mon. Lus.* —

6) *Mon. Lus.*, vol. III, p. 271, onde Brandão diz: *o [exemplar da Chron. Goth.] que aqui vay impresso foy do Mestre André de Resende & o tem em seu poder o Chantre de Evora, Manoel Severim de Faria.*

7) Resende morreu em 1573. Severim nasceu em 1583. Mas seu tio Baltasar de Faria, em cuja casa foi criado, era colleccionador curioso, que pode ter adquirido volumes do humanista, quando o herdeiro vendeu as collecções historicas e archeologicas.

Ha todavia um só auctor que assim o assevera. E este, muito tardio e muitas vezes incorrecto, dá a noticia de forma tão vaga que é impossivel conceder-lhe credito, apesar da boa fama de que goza, e muito embora elle se tenha servido de varios autographos provenientes do espolio de Severim e dos seus descendentes e agnatos. Ao esboçar a vida do bastardo de D. Denis (em 1735), o laborioso auctor da *Historia Genealogica da casa real* menciona o Cancioneiro como uma das joias conservadas da bibliotheca do primeiro e prestimoso biographo de Camões.[1]) Para o provar remette-nos a »uma memoria de cousas raras que Severim possuia«, sem declaração ulterior. Mas não será essa memoria o relatorio academico do Conde de Ericeira? Penso assim por não conhecer mais nenhuma. E sou de opinião que Sousa confundiu as obras poeticas do trecentista Conde D. Pedro de Barcellos com as do quatrocentista Infante D. Pedro,[2]) a quem o relator academico attribuia o *Poema do Menosprezo do Mundo*, ideado, como hoje se sabe, por seu filho, o Condestavel.[3]) Pelo menos, é exactamente este cancioneiro que o chantre guardava, com effeito, no seu estudo como cousa summamente rara.[4]) Illudido, Caetano de Sousa illudiu-nos, sem querer.

§ 108. Desvanecida esta esperança, viremo-nos para Mestre André. No seu bem fornecido gabinete resguardava-se a *Chronica do Mouro Rasis*,[5]) um exemplar fidedigno do *Livro de Linhagens* que bem pode ser o mesmo de Severim, e além dos dois volumes já citados, que este douto adquiriu[6]), uma folha, contendo uma poesia trovadoresca authentica. É a tenção entre D. Affonso Sanches, filho predilecto do Rei Trovador, e um seu vassallo, chamado D. Vasco Martins na propria poesia indigitada, — poesia em que este com suave ingenuidade na expressão dos seus afectos

1) *Hist. Gen.* I, 265. Depois de fallar do testamento do Conde e do Cancioneiro accrescenta: *o Chantre M. S. de F. em huma memoria de cousas raras, que tinha, faz menção de ter o dito livro.*

2) Esta confusão é de resto vulgar, como a do Condestavel com seu pae, o Regente.

3) Vid. C. M. de Vasconcellos, *Uma Obra Inedita do Condestavel de Portugal*, Madrid 1899.

4) Vid. a *Conferencia* de 23 de Ag. de 1724, onde o Conde de Ericeira communica pormenores (No. XXIII, p. 7) sobre a primeira e rarissima edição do Poema, attribuido erroneamente ao Infante D. Pedro, sendo elle obra de seu filho.

5) Vid. *Antiguidades de Evora*, cap. XI e XIII.

6) Cf. p. 106 Nota 1.

e com depurado idealismo, analogo ao de Petrarca, *trova* por uma morta, prototypo de perfeições.[1]) Digo que é authentica por ser a propria que conhecemos pelo **CV**, onde occupa o 27° logar, e figura ainda no **CB**.[2])

Tiro a importante noticia, nunca divulgada,[3]) de uma miscellanea manuscripta do sec. XVII. Hoje em posse da bibliotheca municipal d'esta cidade,[4]) procede das collecções de um desembargador e bibliophilo portuense, Christóvam Alão de Moraes († 1693). O treslado — unico de uma trova do sec. XIV que descobri[5]) — é muito razoavel. Encimado do titulo:

Trovas de D. A° Sanches filho del Rei D. Dioniz a Vasco Mrz. de Resende e resposta do mesmo, vae accompanhado da nota: *Achárãose entre os papeis do grande Mestre André de Resende e estavão postas em solfa.* Quatro factos importantes são nos ahi revelados: 1°) a existencia de um cancioneiro, (respectivamente de partes de um cancioneiro, ou mesmo de uma folha de um cancioneiro) na posse de Resende; 2°) andar esta parte accompanhada de notação musical, o que a differença dos cancioneiros conhecidos; 3°) haver nella indicações assaz exactas sobre os auctores; 4°) a identidade do camarada do bastardo regio com um ascendente do prestante antiquario eborense. Mesmo se por acaso esta identidade de D. Vasco Martins como bisdono de Mestre André fosse illusoria — o que não creio — ficava estabelecido que um quinhentista nacional conheceu versos authenticos de trovadores patrios, em bom estado de conservação.

Curioso, e decisivo, não é verdade? Mas de onde obteve Mestre André esse papel? Teria realmente ao seu dispôr um cancioneiro inteiro, pertencente aos Infantes seus discipulos? Ou tratar-se-hia apenas de uma folha, avulsa de *ab-initio*? Um dos rotulos

1) D' estes termos se serviu Menendez y Pelayo. — *Antologia* III, p. XIV.

2) No. **416** do ms-pae.

3) Sobre ella versa a minha *Randglosse* XV, redigida ha bastante tempo, mas que não virá á luz, na *Zeitschrift* e em *Separata,* supponho eu, anteriormente a este estudo.

4) Signada: MS. 419 (No. 72 do fundo *Azevedo*).

5) Ouvi dizer que o meu amigo Dr. José Leite de Vasconcellos descobriu, recentemente, em uma sua viagem a Madrid, o treslado de uma poesia gallaïco-portuguesa. Não o querendo privar do gosto de publicar a sua talvez valiosa descoberta, deixei de o interrogar, ignorando por isso, se se trata da mesma *tenção*, ou de outra composição differente.

originaes de pergaminho que foram evidentemente as fontes das compilações? Talvez uma reliquia de familia (familia em que a paixão das antigualhas era hereditaria) passada de pae a filho, desde que, antes de 1329, o quarto-avô de Mestre André a compôs?[1]) Esta explicação parece plausivel, se considerarmos de um lado que nenhum dos cancioneiros subsistintes tem notação musical, nem tão pouco indicação do nome completo D. Vasco Martins de Resende;[2]) e do outro lado que nem Resende, nem Severim, nem amigo algum dos que exploraram os livros dos dois eruditos, chegou a conhecer, de facto ou de fama, mais obras ou mais nomes de trovadores antigos que não sejam D. Denis, o Conde de Barcellos, D. Affonso Sanches e exactamente este D. Vasco Martins de Resende.

Ao tratar das relações entre o pergaminho e os apographos italianos e os mais cancioneiros de que temos noticia, terei de voltar ao assumpto, examinando então novamente a que Cancioneiro a folha de Resende pode ter pertencido. Aqui baste estabelecer que em caso algum esse cancioneiro era o da Ajuda. O valioso indicio que á primeira vista parecia fallar, de modo irrespondivel, a favor da existencia do nosso codice membranaceo em Evora, annulla-a afinal. Mesmo nas partes que hoje lhe faltam e podemos reconstituir com alguma segurança, a tenção de Affonso Sanches e Vasco Martins não tinha cabimento — e se coubesse, ... era sem nomes, sem rubrica e sem musica!

§ 109. Resta portanto em pé, além das considerações geraes, apenas a descoberta das onze folhas avulsas. E quanto a estas, o acto vandalico de as cortarem com muitas outras que ainda não tornaram a apparecer, tanto pode ter sido praticado entre 1759 e 1819 no Collegio dos Nobres — indo as folhas, em seguida, da capital para Evora — como antes de 1759, num qualquer seminario da companhia de Jesus. A mocidade é sempre a mesma, cá e lá.

O resultado negativo a que chegamos até aqui é: não constar onde o **CA** *se guardou antes de 1759, sendo provavel estivesse em qualquer casa de educação da Ordem.*

1) O leitor encontra a genealogia dos Resendes, e mais pormenores sobre o caso, no estudo a que me referi na nota 3 da pagina anterior. — Aqui baste assentar que numa Carta a Jorge Coelho, o antiquario falla dos seus ascendentes, e menciona Vasco Martins, mas sem nada dizer da sua veia poetica.

2) Está claro que não nego a existencia de um Cancioneiro completo, com notação musical e nomes de auctor.

III. De 1500 a 1600.

§ 110. Passo a ventilar a questão *da existencia do* **CA** *em Roma* em tempo de D. João III. A ideia de uma transferencia directa e violenta do codice, da Italia para Portugal, foi lançada pelo illustre Monaci, e repetida por seus discipulos. Tendendo a crêr que o volume de trovas, avistado por Duarte Nunes de Leão, não é o que hoje subsiste na bibliotheca do Vaticano, nem o do Conde Brancuti, nem tão pouco o ms. pae de que Angelo Colocci extrahiu o Indice e que por ventura ainda se occulte em qualquer livraria italiana, Monaci, Lollis e Mario Pelaez opinam, pelo contrario, que elle foi roubado (*rubato*) por occasião do saque de Roma, e levado (*levato*) á peninsula por qualquer *antiquario!* É verdade que não apontam claramente para o **CA**. Mas como na peninsula não se conhece outro codice, forçoso é[1]) interpretar d'esse modo a proposição: *Che meraviglia se qualche tempo dopo quell' anno (1527) Nunes de Leão avesse veduto proprio in Portogallo il canzoniere »que em Roma se achou«? Ben poteva averlo portato colá un antiquario di Madrid.*[2]) De Resende nada dizem, por ignorar a noticia que revelei. Alias, teria surgido talvez a hypothese que este antiquario, relacionado com Italianos como Antonio Pucci, Cardeal de Santiquattro e com Portugueses que haviam residido longamente em Roma, como D. Miguel da Silva e Pero de Mascarenhas, fôra remettedor, portador, ou ladrão do presumido texto. Hypothese que considero inadmissivel. Resende, embora passasse por Bologna em 1533, não consta estivesse nas margens do Tibre. E a sua vida, escripta por um seu coevo e conterraneo,[3]) é bem conhecida. Além d'isso, se Resende, Mascarenhas, o cardeal D. Miguel da Silva, Gaspar Barreiros, Goes, Hollanda, ou algum outro ignoto portuguès que esteve na Italia, tivesse documentado a sua paixão por essas antigualhas de poesia patria, adquirindo-as, fosse de que modo fosse, tal acontecimento, exactamente no tempo da reforma de Sá de

1) Se tal não for a ideia dos tres italianos, então pensaram em um Cancioneiro só de D. Denis que, surgindo em Roma e de ahi levado para a peninsula, se sumiu sem deixar rasto, depois de ter sido avistado por Duarte Nunes.

2) De Madrid, porque o saque não foi obra de portugueses.

3) O conego de Evora, e continuador das *Antiguidades*, Diogo Mendes de Vasconcellos (1523 — 1599). Nas cartas e obras de Resende que encerram freqüentes allusões a acontecimentos pessoaes, não ha referencia alguma a Roma.

Miranda, que iniciou a idade aurea da litteratura, teria naturalmente levantado brado, perdurando o seu eco até hoje, como perdura o de outros acontecimentos parecidos.

§ 110. Partindo d'esta supposição estenderei a vista, á procura de vestigios dos cancioneiros — avançando desde a data da decantada noticia de Duarte Nunes de Leão até 1759, para em seguida recuar em direcção inversa. Dando por ordem chronologica a lista dos nacionaes que fallaram de qualquer forma de vates da primeira época da lyrica peninsular, e tresladando os seus dictos, creio agradar ao leitor, que estimará conhecer cedo este material comprovativo, complemento necessario da resenha bibliographica do Capitulo I.

Duarte Nunes de Leão[1]) fallou do cancioneiro do monarca não só no trecho (3°) que é costume allegar, mas em quattro obras diversas.

Primeiro: num pamphleto de critica historica, publicado no anno 1585, juntamente com uma segunda parte pragmatica, que é a que nos interessa:

Duardi Nonii Leonis jurisconsulti lusitani *Censurœ in libellum de regum Portugaliœ origine qui fratres Josephi Teixerœ nomine circumfetur*,[2]) et *De vera Regum Portugaliœ Genealogia, ad serenissimum principem Albertum archiducem Austriœ S. R. E. Cardinalem.*

A f. 14[3]) (f. 163 da impressão de 1791; ou f. 1260, 39 do vol. II da *Hispania Illustrata*) lemos o seguinte:

Fuit Dionysius rex humanissimus, amoenissimi ingenii, et a litterarum studiis non abhorrens eo rudi saeculo. Poetices autem studium maxime dilexit et fere primus in Portugalia carmina lingua vulgari scripsit, nata non ita pridem huiusmodi poesi versuum similiter cadentium apud Siculos e quibus ad Lemovices Arvernos et Provinciales et inde ad Italos et Hispanos emanavit.[4]) *Extant hodie eius carmina varia mensura tam de pro-*

---

1) Cf. § 20, 52.

2) Cf. *Grundriss* IIb, 168, nota 3 e 186, nota 4. — Sousa Viterbo deu, no ja citado estudo sobre a actividade inquisitorial de Frei Bartholomeu Ferreira (Lisboa 1891), pormenores curiosos a respeito do opusculo, em que o futuro chronista combateu como defensor dos direitos de Felipe II de Portugal, as doutrinas do petulante e atrabiliario frade portugûes, o qual, como partidario do Prior do Crato, havia publicado em Paris um escripto tendencioso e inexacto sobre os dynastas portugueses.

3) A 1ª parte tem 64 folhas, numeradas sobre si; a 2ª, 49. — Um exemplar, existente na Torre do Tombo, pertenceu outrora á Casa de S. Vicente.

4) Ao designar a antiga poesia provençalesca da Italia como escola *siciliana*, Duarte Nunes lembrava-se provavelmente das opiniões dantescas,

fanis amoribus quam de laudibus beatissimae Virginis Deiparae ex quibus apparet imitatum fuisse Lemovices et Arvernos poetas.

2°. Idem, *Genealogia verdadera de los Reyes de Portugal con sus elogios y summario de sus vidas,* Lisboa 1590.

A. f. 24ᵛ d'esta rara vulgarização do tratado latino, cujo auctor, já então do Desembargo de sua Magestade, a dedicava ao *serenissimo Principe dellas Españas don Philippe Nuestro Señor*, lemos:

Fue el Rey Don Dionis humanissimo, y de ingenio ledo y ameno, y muy afficionado al estudio de las letras. Sobre todo se dio mucho a la poesia, y quasi fue de los primeros que en lengua vulgar escrivieron metros, haviendo poco que se usava aquella manera de componer por consonantes acerca de los Sicilianos, donde vino a los Lemosines, Alvernos y Provençales, y de ahi a los Italianos y Hespañoles. *Y aun oy se hallan muchos sonettos*[1]) *suyos de varia medida, assi de amores y cosas profanas, como de loores dela Virgen Nuestra Señora: en que se vee luego que imitó a los Poetas Lemosines y Alvernos.*

3°. Idem, *Chronica dos Reys de Portugal,* 1600, vol. II, 76; ou f. 113ᵛ da edição de 1677:

Sobre estas grandes vertudes tinha el rey D. Diniz outra, pela qual era dos seus muy amado, que foi ser muy humano e conversavel sem perder nada da sua majestade, e grande poeta, e *quasi o primeiro* que na lingna portugueza sabemos escreveo versos, o que *elle e os d'aquelle tempo* começaram a fazer á imitação dos Arvernos et Provençaes, *segundo vimos per hum Cancioneiro seu que em Roma se achou em tempo del rey D. Joam III. et per outro questá na Torre do Tombo, de louvores da Virgem Maria Nossa Senhora.*

4°. Idem, *Origem e Orthographia da Lingua Portuguesa*, 1606. — Vid. cap. 6; p. 21 da ed. de 1866:[2])

As lingoas de Galliza e Portugal ambas eram antigamente quasi hũa mesma nas palavras e nos diphtongos e pronunciação que as outras partes de Hespanha não tem. Da qual lingoa Gallega a Portuguesa se aventajou tanto quanto na copia e na elegancia della vemos. O que se causou por em Portugal haver Reis e corte que he a officina onde os vocabulos se forjão e pulem e donde manão pera os outros homens, o que nunqua houve em Galliza. Era a lingoa Portugueza na saida daquelle captiveiro dos Mouros mui rude e mui curta e falta de palavras e cousas por o misero estado em

---

e petrarquescas, sustentadas por Colocci, Bembo e seus successores. Escuso expôr aqui, quão vagas e inexactas eram essas noções de uma irradiação da poesia lyrica, da Sicilia para a Provença, e d'ahi para a Italia continental e para a peninsula iberica. Mas devo frisar o facto que o sabio legista enalteceu mais de uma vez o elegante secretario de Leão X, p. ex. na sua *Orthographia*, p. 100.

1) *Sonetos*, no sentido provençal e francês de *son* = *melodia*, Weise; e não no posterior sentido derivado, universalizado pelos Italianos. Vid. *Grundriss* IIª, p. 76 e 88.

2) Copio o trecho inteiro para o leitor formar ideia da san e sensata doutrina de Duarte Nunes de Leão.

que a terra estivera: o que lhe conveo tomar de outras gentes como fez. Polo que sua meninice foi no tempo del Rei dom Afonso VI de Castella e no do Conde dom Henrique até o del Rei dom Dinis de Portugal que teve algũa policia e foi o primeiro que pos as leis em ordem e mandou fazer copilação dellas *e compos muitas cousas em metro aa imitação dos Poetas Provençaes*, como se melhorou a lingoa castelhana em tempo del Rei dom Affonso o sabio seu avó que mandou screver a *Chronica Geral de Hespanha* e copilar as *Sete Partidas* das leis de Castella, obra grave e mui honrada postoque rude nas palavras etc.

5°. Pedro de Mariz, *Dialogos de Varia Historia*, 1594. — Vid. p. 128 da edição 1672:

E para que em tudo fosse perfeito não lhe faltou um amenissimo ingenho muito affeiçoado a letras e sciencias, das quaes, exercitando-se muito na poesia, *foy havido naquelle tempo por excellente poeta e o primeiro que em Hespanha e na vulgar lingoa portuguez compoz versos e rhimas, como se vê em alguns poemas que em louvor de Nossa Senhora ainda hoje permanecem.*

6°. Frei Bernardo de Brido, *Elogios dos Reys*, 1603. — Vid. p. 33:

Teve muito conhecimento de lingoas e lia com muita consideração os poetas latinos como aquelle que tinha inclinação á poesia, em que fez grandes obras pello tempo adiante.

7°. Padre Antonio de Vasconcellos, *Anacephalaeoses*, 1621. — Vid. vol. I, § 7; p. 127 da edição 1793:[1]

Peregrinum sermonem ita avide arripuit ut externos libros summa cum voluptate lectitaret; Latinæ poeseos (!) adeo studiosus ut propensionem a natura ipsa congenitam facile inspiceres quam mira arte et industria cum excoluerit, nihil ex iis, quæ poetám omnibus numeris absolvunt, in summo Rege desideratum est. Lusitanas porro Musas illo tempore *rudes et incultas* ab agresti inconcinnitate ad floridos ac lepidos rythmos vendicare tentabit,[2] neque coeptis ingenium abfuit, aut eventus: *plura edidit limatiori stylo perpolita*, quæ tum Regiam eruditionem attestarentur, tum posteris ad æmulandum forent incitamento; *hæc tamen nobis obliviosa præripuit vetustas.*[3])

8°. Manoel de Faria e Sousa, *Epitome de las Historias Portuguesas*, 1628. — Livro IV, cap. 18, § III; isto é: Vol. I, p. 69 e 109 da ed. 1674:

---

1) Nesta altura podiam entrar os castelhanos com algumas repetições. Citarei apenas o Phenix dos ingenios que affirmou no *Guante de D. Blanca*, Jornada II, „*que es el rey Dionis — el primero que en España — en lengua propria hizo versos*" e o extravagante auctor do *Panegirico de la Poesia*, 1627. Depois de fallar do Sabio de Castella, apresenta o seguinte amalgama: *D. Alonso Enriquez, Conde de Coimbra, y primero Rey de Portugal, eleto por un Crucifixo, fue muy gran poeta del uso de aquel tiempo*, (!) *y el Rey D. Dionis de la misma suerte, y eran las coplas como las de Egas Muniz que se hallaran en el archivo del Duque de Bergança.* (!)

2) Cf. p. 125, *Nota* 1.

3) Parece que em 1621 já não se encontravam accessiveis na Torre do Tombo, nem os cancioneiros alfonsinos nem o cancioneiro de D. Denis,

Era inclinado a la Poesia. En España i aun en Italia por ventura fueron primeros sus versos a imitacion de los Provençales i Alvernos. *Permanecen sus obras...*

Na lista dos Poetas surge: *El Rei D. Dionis*, *(Poesia)* e *D. Pedro Infante, hijo del Rei Don Dionis (Genealogias).*

9°. Idem, *Europa Portuguesa*, impressa decennios depois da morte do auctor (fall. 1649); o tomo I em 1667 e novamente 1678; tomo II em 1679; tomo III em 1680. — Vid. vol. II, p. 145 e vol. III, p. 354 e 360:

Como tomava ora la espada, ora la pluma, assi docto en esta como valeroso en aquella, hizo de la ciudad de Coimbra una nueva Atenas con florente academia, ilustrada de varones clarissimos en todas faculdades, conduzidas a su corte de varias partes. A imitacion desta tuvieron principio algunas. Bien se dexa ver que no tenia poco conocimiento de las letras quien assi las favorecia. Fue versado en differentes lenguas y era inclinado a la poesia. En España y aun en Italia por ventura fueron primeros sus versos a imitacion de los Provençales y Alvernos. *Permanecen obras suyas. Un libro dellas se halló en Roma reynando Juan III; otro permanece en la Torre del Tombo o Archivo Real de Lisboa.*

E novamente na lista dos poetas: *Afonso Sanchez (Poesia); Rey D. Dioniz*, *(Poesia);*[1] *D. Pedro Infante, hijo del Rei Dom Dioniz*, *(Genealogias); Vasco Martins de Resende; El Rey D. Pedro, (Poesias); D. Pedro Infante*, *(Poesias).*

10°. Dr. João Soares de Brito, *Theatrum Lusitaniæ.* — Ms. de 1635 s. v. *Dionysius:*

Scripsit aliquot poemata et in suo ævo venustissima et elegantissima quæque e primis apud Hispanos editis enumerantur.

11°. Rodrigo Mendes da Silva, *Catalogo Real de España*, 1637, s. v. D. Diniz:

Este rey compuso los primeros versos en lengua portuguesa.

12°. Frei Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana,* Parte V, 1650. — Vid. Livro XVI, cap. 3:

Do que elle aproveitou nos estudos não se alcanção outros vestigios mais que algũas poesias a que se inclinou com maior affecto; e alem de outras he de maior estima *hum cancioneiro que escreveo em louvor de Nossa Senhora,* melhorando neste assumpto o talento que em outros empregos tinha divertido. Pode sem falta ter competencia com o *cancioneiro de Nossa Senhora, composto por el rey D. Affonso o Sabio, o qual se guarda na livraria do Escurial.* O Conde D. Pedro de Barcellos que escreveo o livro das linhagens, no testamento que fez, enterrando-se no nosso mosteiro de S. João de Tarouca, entre outras mandas deixa o seu livro das cantigas a el rey de Castella que então era D. Affonso XI seu sobrinho pelos annos 1350. Estas canções presumem alguns que devião ser delrey

---

apesar das affirmações, naturalmente derivadas, de Faria e Sousa e Francisco da Fonseca. Note-se que Pedro de Mariz não os menciona.

1) No Commentario ao Canto III 97 dos *Lusiadas* (1639) encontro uma phrase, relativa a D. Denis: *fue sciente, elegante e poeta.* Nada mais.

D. Denis seu pay, mas tenho por mais certo serem do mesmo conde. Por respeito do nosso Rey D. Dinis se presume que introduzirão em Castella escrever os versos em lingoa portugueza; o discreto proceder que os Castelhanos virão neste Principe nas occurrentes em que tocou aquelle reyno, soccorrendo-o, guerreando-o e pacificando-o, e a generosa liberalidade com que soube grangear as vontades de todos, acompanhada da chanesa e cortesia com que encobria toda a sagacidade, serião a causa de se lhe sogeitarem a esta imitação. (!) O certo he que durou o uso das coplas portuguezas em Castella até o tempo de Henrique III, segundo escreve Argote de Molina.[1])

13°) D. Francisco Manoel de Mello, *Obras Metricas*, 1665. — Vid. vol. I, *Dedicatoria:*

Del señor D. Dinis se lee que fue poeta celebre en sus tiempos.

14°. Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, 1728. — Vid. p. 43:

Ás musas e as lettras que andavão como fugitivas e desterradas da Lusitania levantou regio domicilio e sumptuoso palacio nas frescas margens do Mondego, fundando a universidade de Coimbra e foy o primeiro que em aquellas reaes mãos com que empunhava o cetro, tomou a penna para authorizar as musas.

15°. Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real*, 1735. — Vid. vol. I, p. 196:

Foy dignissimo da coroa, ditoso, valeroso, entendido, de animo grande, liberal, amigo da verdade e da justiça, favorecedor das sciencias e das boas lettras, a que teve natural propensão, o que lhe facilitava o sublime do seu engenho, especialmente na poesia em que compos com primor, sendo naquelle tempo excellente poeta; e foy o primeiro que em Hespanha e na lingua portugueza compoz versos em rimas, e nella fez traduzir alguns livros. *No reynado del Rey D. João III appareceo em Roma hum livro de obras suas; no Archivo Real da Torre do Tombo se conservava outro em que com singular estylo e methodo tratou dos officios principaes da milicia e de outras muitas cousas pertencentes a ella.*[2])

16°. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, 1731—1759. — Vid. vol. I, p. 627:

Cultivou desde os primeiros annos com tanta afluencia a poesia vulgar que nelle foy natureza e não a arte os versos que compoz, sendo o primeiro que em Hespanha á imitação dos poetas provençaes metrificou em rimas, deixando para immortal documento do familiar commercio que sempre conservara com as musas, assim sagradas como profanas, [1° um] Cancioneiro de N. S. de cuja obra fazem memoria Duarte Nunes de Leão ... e Brandão [2° um] *Cancioneiro de varias obras o qual appareceo em Roma quando reynava em Portugal D. João III*, como affirmão os dous referidos authores nos lugares allegados.

17°. Francisco de Pina e Mello, *Triumpho da Religião*, Coimbra 1756. — Vid. *Prologo* p. III:

---

1) Vid. *Nobl. And.* II, cap. 145.

2) Sousa allega Mariz e Brandão; e menciona com relação ao ignoto tratado de milicia, a um certo Dr. Pedro Barbosa que escrevera em 1626; ajunta todavia que não achou noticia do opusculo no Archivo Nacional.

Em toda a Hespanha o primeiro que conheceu a Poesia foi o nosso Rei D. Diniz. *Hoje existe na livraria do Escurial hum livro de versos seus que elle mandou a seu avô D. Affonso X de Castella a quem chamarão o Sabio.*[1]) Seu filho o Infante D. Pedro, Conde de Barcellos, a quem deve tanto a Nobreza de Portugal pelas suas genealogias, deixou em testamento outro livro tambem de versos a seu sobrinho D. Affonso XI. Seu neto o Rei D. Pedro I foi tambem Poeta. Do Infante D. Pedro, filho do Rei D. João I, se achão alguns versos em louvor da cidade de Lisboa.

111. Dezasete trechos de uma boa duzia de escriptores afamados![2]) Mas no fundo um só. Todos formulam os seus dizeres categoricamente como que fossem resultantes de investigações pessoaes. Mas todos repetem apenas, na parte relativa a D. Denis, textualmente, ou condensando-as, ou paraphraseando-as com alguma liberdade, as affirmações do que primeiramente enalteceu, em prosa chan e com conhecimento de causa, os meritos do rei trovador.

Verdade é que Pina e Mello propagou uma novidade: a existencia do cancioneiro dionysio no Escorial, em meados do sec. XVIII; respectivamente: a sua transferencia de Portugal para Hespanha.[3]) Mas nós estamos no nosso direito se posermos de remissa a observação do gongorico poeta,[4]) presumindo que baralhou inconscientemente as noticias de Duarte Nunes sobre o cancioneiro sacro do portugûes com as de Brandão, relativas ás Cantigas de S. Maria de Alfonso X — uma vez que entre os eruditos que catalogaram os tesouros guardados na livraria de S. Lourenço[5]) não ha quem mencione obra alguma de D. Denis.[6])

Faria e Sousa, Brito, Brandão e Barbosa Machado, esses, juntaram de facto aos dizeres de Duarte Nunes certas informações sobre dois ou tres poetas da epoca trovadoresca. Todavia não as hauriram em cancioneiros. Suas fontes eram evidentemente o testamento do

---

1) Quando o avô morreu, o neto contava vinte e tres annos.

2) No Cap. V seguem mais algumas passagens relativas ao Conde de Barcellos.

3) Th. Braga acha plausivel a hypothese da transferencia de volumes dionysios ao Escorial, em tempo e por ordem de Felipe II. — Vid. *Historia da Universidade* I, 208.

4) Do seu problematico saber em assumptos litterarios dá ideia a sentença que segue immediata ás que copiei. E diz: *Os poetas mais antigos de Castella são Fernando del Pulgar e João de Mena.*

5) Nem Bayer, nem o investigador moderno Hermann Knust; nem tão pouco o portugûes Monsenhor Ferreira Gordo, o qual procurava systematicamente e *ex officio* manuscriptos em lingua patria.

6) Pelo que sei, Pina e Mello vivia quasi enclausurado, ora em Coimbra, ora em Montemór, e nunca foi a Madrid.

Conde de Barcellos com a manda do seu Livro das Cantigas, descoberto pelos auctores da *Monarchia Lusitana*, e a *Tenção* de D. Affonso Sanches e Vasco Martins, achada no espolio de Resende, e communicada por ventura por Severim ao seu laboriosissimo amigo Faria e Sousa.[1])

Esses dois accrescentos, com mais outro postiço,[2]) longe de invalidarem, confirmam portanto a these que afóra Duarte Nunes, nenhum dos historiadores citados viu o cancioneiro profano, nem tão pouco o sacro com louvores á Virgem.[3])

Se, sciente da actividade poetica do rei de Portugal, de seus bastardos e do senhor de Resende, nem mesmo um curioso e incansavel manuseador e excerptador de manuscriptos poeticos e genealogicos como Faria e Sousa — um dos primeiros que planearam uma historia da litteratura portuguesa[4]) e a quem de mais a mais nem falta a circumstancia de ter visitado Roma[5]) — chegou a conhecer os volumes mencionados pelo seu coevo[6]), esses tesouros estavam realmente bem escondidos, totalmente inaccessiveis, talqual o **CV**, desde que entrara perto de 1600 na bibliotheca do Vaticano, e o **CA**, desde que a nimia escrupulosidade de alguns crentes o havia entregue aos censores de Lisboa ou de Evora, como nos convém postular.

---

1) Duarte Nunes, que não se occupava de litteraturas, podia ignorar essas noticias.

2) Barbosa Machado I, 52 considera Affonso IV de Portugal como trovador, estribando-se em dictos de Frei Bernardo de Brito que não me foi dado apurar. Mas a asserção, parta de quem partir, não tem fundamento solido. Creio até que ella deriva exclusivamente dos *Sonetos de Amadis* em linguagem antiga, dos quaes logo terei de dizer alguma cousa.

3) Verdade, verdade: tambem nenhum d'elles affirma tê-los visto.

4) Além das magras listas de auctores, insertas no *Epitome* e na *Europa*, o polygrapho deixou inedito um *Catalogo de los Escritores Portugueses*, muito copioso, pois constava de 823 verbetes, segundo Barbosa Machado, por cujas mãos passou o original.

5) De 1632 a 34.

6) O grande e legitimo enthusiasmo, manifestado por Faria e Sousa ao descobrir no Livro de Linhagens (c. 1646) os nomes descarnados de meia-duzia de antigos trovadores, prova á evidencia que nunca vira, nem fallou com quem tivera entre mãos demoradamente qualquer exemplar de um cancioneiro geral gallaïco-português. — Apesar de muito lido e instruido, o editor das Rimas de Camões sabia, de resto, pouco ou nada, dos cimelios da lyrica moderna. Ao fallar dos Provençaes cita alguns nomes, deturpando-os, e de modo tão vago que bem se conhece foram colhidos em fontes derivadas e pouco puras. — Vid. p. ex. *Rimas de Camões* I, c. 139.

112. Duarte Nunes de Leão é pois o unico referente cujos informes merecem exame. E exame attento, visto que, sendo não só contemporaneo de Resende e Severim (um pouco mais novo que o primeiro, e um pouco mais velho que o segundo) mas tambem conterraneo d'elles, e douto e honesto como ambos, tanto a hypothese de este Eborense têr visto depois de 1557, em Portugal na bibliotheca de qualquer dos dois mestres, o codice *roubado*, como a outra de elle o ter *levado* de Roma a Evora, não seria aventurada em demasia, com tanto que constasse a sua viagem, ou sendo provada pelo menos a possibilidade de tal viagem. Note-se o modo como falla do *cancioneiro que em Roma se achou*, pondo em contraste esse que surgira ao longe, no estrangeiro, e fôra avistado decennios antes (entre 1527 e 57), talvez de relance, com o outro sacro *que stá na Torre do Tombo* (1600). Isso e a referencia, embora vaga, a outros poetas *d'aquelle tempo*, representados no mesmo volume, e ao caracter dos versos de D. Denis que encerrava: *carmina de profanis amoribus*, exactamente como as canções e os cantares de D. Denis no cancioneiro do Vaticano e no do Conde Brancuti, torna possivel que elle se referisse a um dos dois apographos utilizados por Angelo Colocci, vindos positivamente a lume emquanto reinava D. João III, quer fosse em vida do grande humanista que os salvara (entre 1509 e 1549), quer depois do seu fallecimento (entre 1549 e 1557); ou então aos occultos originaes. Quanto ao resto, Duarte Nunes assegura formalmente na alludida proposição que tivera ensejo de olhar para as laudas do notavel monumento — hum cancioneiro seu *que vimos*[1]) — mas não affirma que isso se deu em Roma, no prazo indicado, como entenderam alguns criticos, suscitando assim, da parte de outros, duvidas na veracidade do auctor e na possibilidade de tal viagem sua.

A este respeito tenho a dizer que tal scepticismo é seguramente injustificado.[2]) Duarte Nunes de Leão morreu tarde, em 1608. Temos porém a prova de que alcançara idade muito provecta.

1) Aos meticulosos dou parte que Duarte Nunes falla geralmente no plural majestatico. Eis um exemplo, tirado do Prologo das *Chronicas: E para que nos não attribuam a arrogancia contarmos o nosso por verdadeiro, deixando o antigo esquecido, referiremos primeiro o que reprovamos ... despois contaremos o que damos por verdadeiro.*

2) Seria facil organizar uma lista de homens notaveis do tempo de D. João III cuja vida se prolongou até 1600 e tantos. Baste o nome do poeta-fidalgo D. Manoel de Portugal, nascido cerca de 1525 e fallecido em 1606.

Gil Nunes de Leão, seu sobrinho, a cujas diligencias se deve a publicação posthuma (1610) de uma das melhores obras do activo jurisconsulto, falla da sua longa senilidade, cheia de achaques.[1]) Dando á luz em 1606 a sua *Origem da lingua portuguesa,* o auctor narra como alguns seus invidos antagonistas haviam, interesseiros, propagado o boato da sua morte,[2]) illudindo o monarca que o protegia.[3]) Ha mais porém: o proprio Duarte que, de resto, por conveniencia ou graças ao stoicismo judaïco, nunca se queixava das suas doenças, trabalhando indefesso até aos altimos arrancos, já se havia chamado *velho*, trinta e dois annos antes.[4]) Desde 1560, a mais tardar, o licenciado[5]) occupava em Lisboa, no supremo tribunal,

---

1) Vid. *Descripção do Reino de Portugal*, com *Dedicatoria a D. Diogo da Sylva* e *Prologo ao Lector.* — Nest' ultimo lê-se que as obras que deixou seriam „*sem duvida em tudo mais perfectas, se as occupações quotidianas que teve alguns annos com o desembargo da casa da Supplicação lhe não tomaram muito tempo*, *e a senilidade que passou toda quasi chea de infirmidades lhe não impedira poer nellas a ultima mão*".

2) Vid. a *Dedicatoria ao Invictissimo e Catholico Rei Dom Philippe II de Portugal* que accompanha o trabalho indicado, e especialmente a phrase: *e porque homens invidos e contrarios ao bem commum me fizerão morto ante V. M. com maa tenção*, *procurando gozar de meus suores e aproveitarem-se de meu silencio, eu o romperei, com novas obras que cedo sahirão a luz etc.* — Ao compor a *Descripção*, o auctor achava-se recolhido na villa de Alverca por causa *do mal de que nos Deos livre*, que então houve neste reino. Pode ser que essa villeggiatura, prolongada, (até 1606?) provocasse os boatos. —

3) Acerrimo defensor do direito dos Felipes, Duarte Nunes fôra protegido e occupado pelo primeiro do nome, *desdo tempo que a este reino veo até que Deos o levou ao ceo.* No tempo do segundo, a mingua d' esse favor fez diminuir a sua *alacridade.*

4) Na *Orthographia da Lingoa Portuguesa,* offerecida em 1576 ao Regedor das Justiças Lourenço da Silva, o auctor, contando que a obra fôra composta na sua mocidade, diz textualmente:

„Polo que vendo eu em minha mocidade o descuido e falta dos homens de Hespanha em seu escrever, e a diligencia que alguns estrangeiros nisto mostrárão em suas lingoas, com o desejo que sempre tive de illustrar as cousas da nação portuguesa tentei ensinar a meus naturaes o que eu de outrem não pude apprender. E em alguns dias feriados e ocio ... reduzi a regras e preceptos a *Orthographia* de nossa linguagem. Mas porque nestes tempos a mais certa paga destas empresas é ingratidão e murmurações, e a novidade d' esta invenção necessariamente havia de ter muitos contradictores, receei na mocidade *o que me agora V. S. obriga fazer na minha velhice etc.* —

De passagem direi que segundo el rei D. Duarte, a *velhice* se contava dos 50 a 70; a senectude até 80; e d' alli até o fim da vida só havia decrepitude.

5) Como Resende, Duarte Nunes usou sempre do titulo de *Licenciado.* Seu sobrinho trata-o repetidas vezes de Dr., cingindo-se ao uso vulgar, que não gosta dos meios-termos.

logar conspicuo,[1]) gozando da confiança do supremo Regedor das Justiças,[2]) que o encarregou de importantes trabalhos officiaes. Mas já então guardava do seu tempo de estudante outras tentativas que não manifestava, com receio que os zoilos dirigissem ao legista, hostilmente, o proloquio *ne sutor ultra crepidam.*[3]) Á sua estreia de 1560 fez seguir outras obras de jurisprudencia em 1564, 1566, 1568—1569, e, só depois de ver solidamente fundado o seu credito, lançou em 1576, 1585, 1590, 1600 e 1606 (e 1610) memorias e estudos lingüisticos e historicos.[4])

Como *in illo tempore* se estudava devagar, começando-se por via de regra aos vinte, e acabando-se pouco antes dos trinta[5]) — é licito collocar o nascimento de Duarte Nunes perto de 1530 e não perto de 1540, como é costume[6]), mesmo dando por averiguado o facto muito pouco provavel que o habil licenciado encontrasse logo protecção sufficiente para ser aggregado em Lisboa á Casa da Supplicação.[7])

---

1) *Procurador na côrte e na casa da supplicação.* Em 1590 era do Desembargo del Rei, ignoro desde quando.

2) Francisco Coutinho, Conde de Redondo, de 1557 a 1561 (cf. Inn. da Silva, *Dicc. Bibl.* II, 210 e Couto, *Decada* VII, 10, 1), e posteriormente Lourenço da Silva. Cf. *Reflexões Historicas* II, 124—130; *Zeitschrift* VIII, 12, e *Revista de Guimarães* XIV, p. 69.

3) Vid. o trecho copiado mais acima a pag. 120, *Nota* 4. Em 1606 chamava *minha verde idade* o tempo em que composera a Orthographia.

4) 1560. *Repertorio dos cinco livros das Ordenações* (cf. Barb. Mach. e Innocencio II, 210).

1564. *Artigos das Sisas.* Cf. Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia* II, 27 s.

1566. *Livro das Estravagantes,* 1ª collecção nunca impressa. Cf. J. P. Ribeiro, *Reflexões Historicas* II, 124 ss.

1568—69. *Leis Estravagantes,* 2ª collecção (cf. Deslandes II, 27 s.).

1576. *Orthographia.*

1585. *Censurae* e *Genealogia* (cf. Sousa Viterbo l. c.).

1590. *Genealogia* (trad.)

1600. *Chronicas.*

1606. *Origem da lingua.*

1610. *Descripçam de Portugal.*

5) Antonio Ferreira, nascido em 1528, acabou os seus estudos em 1555. Tendo-se conseguido fixar datas seguras a respeito do auctor dos *Poemas Lusitanos* e de *Bernardim Ribeiro,* não será imposivel apurá-las tambem para o nosso desembargador. *Sá de Miranda* nascido cerca de 1485, era doutor em 1516.

6) No *Grundriss* II b, 168, Nota 3 ainda segui a opinião commum.

7) Ferreira que tinha a protecção dos Duques de Aveiro, foi chamado a Lisboa em 1567, aos 39. Os dez annos de estudante, mencionados com respeito ao supposto auctor da *Celestina,* não são tão anormaes como os modernos julgam.

Da circumstancia de elle fallar da sua *Orthographia* como de um tratado sem precedentes, ignorando ou fingindo ignorar completamente as grammaticas de Fernão d'Oliveira (1536) e João de Barros (1539 e 40), não devemos tirar a illação de o suppôr litterariamente activo em 1535. Nem merecem registadas, visto andarem faltas de documentação, as minhas suspeitas sobre se Nunes de Leão, *ortu judæo,* de uma familia que teve de soffrer crudelissimas perseguições[1]), seria um dos Duartes, encarregados pelos seus antigos correligionarios de missões secretas a favor da »gente da nação« junto á curia romana, e que apparecem envoltos em mysterios nas cartas do *Corpo Diplomatico.*[2]) Contento-me com o resultado que a ida á Italia antes de 1557, da parte de quem em 1560 era um homem feito — talvez depois de ter concluido os actos em Coimbra e antes de se estabelecer na capital — não é materialmente impossivel.[3]) Era mesmo vulgar entre os quinhentistas[4]) portugueses que aos estudos de direito canonico e civil juntavam pretensões a humanistas de elegante estylo classico.[5])

§ 113. Da vinda de preciosidades de Roma a Portugal em tempo de Hespanhoes e de Franceses não duvido. Pelo contrario,

---

1) Quem apupou o douto desembargador por causa da sua origem foi o frade dominicano José Teixeira, cujas doutrinas politicas e historicas combatera. Na replica *Confutatio nugarum Duarti Nonii Leonis* (1594), dirigida ao censor da inquisição Frei Bartholomeu Ferreira, ha vilissimas e violentissimas objurgatorias:

Scitis quæso, Dom. Inq. — lhe diz — *quali historico tanta provincia commissa sit? homini iterum, iterum, iterumque dico infami, ortu Judæo; ea propter ad omnes gradus, honores, dignitates, et prærogativas in Reip. Portugallensi, per patrias leges penitus inhabili: cujus mater ob fidei catholicæ perfidiam si non igne combusta, igni dãnata fuit; ejusque avos, agnatos, patrueles, consobrinos et affines ob ipsummet errorem cremari perpetuoque carceri mancipari vidimus. Quorum effigies hodierna die extant Ulyssippone in templo monasterii nostri divi Dominici, Ord. Præd., quasque nos sæpe aspeximus.* — Cf. Sousa Viterbo na obra acima citada p. 101.

2) Entre esses Duartes ha um christão-novo, antesemita, ao serviço de D. João III, que é bem conhecido, e outros cuja identidade não está fixada. — (Duarte da Paz.)

3) De pouco vale assentarmos que Duarte Nunes mostra conhecimentos razoaveis de lingua italiana nos seus opusculos grammaticaes.

4) Francisco de Hollanda lá foi como artista, aos vinte annos (1537); Sá de Miranda, como poeta, bastante tarde, aos trinta e tantos (1521); Damião de Goes igualmente, como humanista. Cf. Cap. V.

5) Todos os portugueses que foram a Roma depois de 1513 aproximaram-se de Sadoleto e Bembo, os mais elegantes latinistas d'aquelle tempo.

sei de uma, embora de caracter nada litterario: o braço de S. Sebastião que um devoto se lembrou de roubar em Milão e de levar ao Emperador, o qual o deu de presente a D. João III, — desacato pio, cantado por Sá de Miranda e Luis de Camões, depois de o Papa o têr sanccionado.[1]) De manuscriptos portugueses, trazidos por antiquarios, não ha memoria. Posso apontar apenas uma impressão, offertada pelo Cardeal Sadoleto a um embaixador português que a admirara, cheio de cobiça desculpavel. E essa ficou registada, com gratidão pela gentileza do prelado.[2]) Se Duarte Nunes soubesse algo de positivo sobre a deslocação do codice, por acquisição legitima ou illegitima, o consciensioso escriptor, cuja critica é em geral bastante esclarecida[3]), teria, penso, escolhido mais adequado modo de dizer.

Eis os motivos porque até aqui não posso advogar a ideia que o muito problematico cancioneiro original, tão imperfeitamente explorado por André de Resende, viesse de fóra parte por intervenção de Duarte Nunes.[4]) Nem tão pouco dou seguimento á conjectura de Monaci, se bem que o estylo-renascença da encadernação do pergaminho da Ajuda e a inscripção *Rey Dō Denis,* no corte das folhas, a apoia apparentemente.

Entre as duas possibilidades: achado do **CA** em Roma por volta de 1527 e transferencia do mesmo para Portugal, onde Duarte Nunes o viu, julgando encarar um Cancioneiro de Dom Denis, ou assistencia do historiador em Roma, onde teve opportunidade de folhear, no espolio de Colocci, o **CV** e **CB**, ou no de Bembo outro

---

1) Cf. Sá de Miranda, *Poesias* 148, 100 ss. — *Zeitschrift* VIII, 8—10 e Francisco de Hollanda, *Dialogos da Pintura,* ed. 1899 p. LVIII.

2) Gaspar Barreiros recebeu um exemplar do Discurso *De Obedientia,* de Garcia de Menezes, o qual foi reimpresso juntamente com a sua *Chorographia.*

3) Isso não quer dizer que não haja muita inadvertencia nas obras de Duarte Nunes. A este respeito vid. *Mem. Litt.* I, 294. — Mesmo na attribuição do *Cancioneiro da Virgem* a D. Denis é bem possivel que se enganasse.

4) A vida de Duarte Nunes está por escrever. Nicolas Antonio e Barbosa Machado sabiam apenas que, oriundo de Evora, e filho do medico João Nunez, elle vivera e morrera em Lisboa como desembargador. Nem mesmo está apurado, se aquelle *Fernão Nunes de Leon,* que deu ou mostrou em Evora perto de 1540 a João Vaseu uma velha *Chronica dos Reis de Castella,* era seu parente (irmão? e pae de Gil Nunes?). — Cf. Vaseo, *Chronicas,* ed. Salamanca 1552 cap. IV, No. 25, ou *Hispania Illustrata* I, 580. — No *Instituto* XI, p. 165 ss. ha materiaes para a vida do historiador.

terceiro manuscripto *com versos do rei e os d'aquelle tempo*, só a segunda parece-me viavel.

§ 114. Consultemos agora os auctores que antes de 1585 souberam do talento poetico de D. Denis ou da época provençalesca em geral. É costume apontar tres allusões nos versos lyricos dos quinhentistas Miranda, Camões e Ferreira. D'esta parquissima lista talvez convenha riscar o primeiro nome. O grande homem e introductor do *dolce stil nuovo* enalteceu varias vezes o rei-lavrador e a sua politica,[1] e conhecia os provençaes[2] como modelos e inspiradores de Dante e Petrarca e toda a lyrica moderna; mas nunca se refere expressamente a trovas dionysias.[3] Tambem o cantor dos Lusiadas é citado com bem pouca razão. Sem mencionar cantares da lavra regia, falla da protecção dispensada pelo monarca ás sciencias, mas tambem ás artes, nos conhecidos versos da sua epopeia:

> *fez primeiro em Coimbra exercitar-se*
> *o valeroso officio de Minerva,*
> *e de Helicona as musas fez passar-se*
> *a pisar do Mondego a fertil herva.* (Lus. III, 17.)

Portanto teve alguma noção das poesias dionysias, embora não saibamos até onde chegou.

Com o Dr. Antonio Ferreira o caso é outro. Este grande patriota e cultor desvelado da lingua materna, quasi o unico que a empregou propositadamente, com exclusão inteira da falla castelhana, o primeiro tambem que dramatizou um dos mais romanticos episodios da historia

---

1) Vid. *Poesias*, 104, 181; 108, 249.

2) A fabula da *Chuva de Maio* (103, 261) pode ser fosse imitada directamente de Peire Cardinal.

3) Miranda diz, depois de se referir áquella gente, *de que o Petrarca fez tão rico ordume:*

> *Eu digo os Provençaes, de que ao presente*
> *inda rythmos ouvimos, que entoaram*
> *as musas delicadas brandamente* (109, 161 ss).

Em tempos referi estas palavras a versos de um cancioneiro gallaïco-português, cujo estylo provençalesco o reformador teria reconhecido. Abandonó agora, hesitando, esta interpretação; mas não sei se será melhor a que ponho no seu logar. Porque, se entendeu caracterizar toda a lyrica artistica dos povos romanicos como eco da arte dos trovadores, só pode ter colhido esta justa comprehensão na Italia, em trato com humanistas como Bembo e Colocci. Cf. mais acima p. 112 *Nota* 4. E neste caso, difficil é admittir que os dois não conferissem com o douto parente de Vittoria Colonna àcerca das reliquias portuguesas que possuiam — nota-bene, se já as possuiam no 3° decennio do sec. XVI, como a lettra parece indicar.

nacional, sabia positivamente da obra poetica de D. Denis. E tentou caracterizá-lo não só como trovador mas talvez até como protector da poesia popular. Temos na Carta X os proloquios:

da patria pae, da sua lingua amigo,
das nossas musas rusticas amparo.[1])

Temos palavras inequivocas na inscripção em estylo lapidar:

honrou as musas, poetou e leo.

E se ainda assim, para não incorrer na fama de leviana e phantasiosa, quero taxar mesmo esses assertos de extremamente vagos, concedendo que podiam muito bem ser colhidos em tradições registadas pelos primeiros chronistas do reino — p. ex. naquella historia hoje perdida de Fernam Lopes, a qual conhecemos pelas refundições de Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão[2]) — lá estão os dois Sonetos de Ferreira *na antiga lingoa portuguesa*, ou a fallarmos com Miguel Leite Ferreira seu filho, que os publicou em 1598, „*na linguagem que se costumava neste reino no tempo del rei Dom Deniz.*“[3])

Esses sonetos, mal lidos, mal impressos, mal interpretados, censurados por uns com azedume como contrafacções fraudulentas *á la Chatterton*, forjadas com o intuito de reclamar ou usurpar injustamente em nome de Portugal, o direito de posse ao romance de *Amadis*, attribuidos por alguns a Affonso IV de Portugal e por outros ao vencido de Alfarrobeira, são, a meu vêr, innocentes devaneios ou exercicios uteis de quem estudava com afinco e intelligencia tanto a lingua como a arte metrica dos velhos portugueses.

Todos os vocabulos dos Sonetos são authenticos e bem escolhidos, como o leitor poderá verificar, procurando no Glossario

---

1) É possivel que *rusticas* não tenha outro sentido que *rudes et incultas* no trecho do Padre Antonio de Vasconcellos.

2) Se não os derivo da Carta-Proemio do Marquês de Santilhana é porque não encontrei signal de que alguem em Portugal ou Hespanha a conhecesse antes de Argote de Molina. Da bibliotheca do Condestavel, onde certamente figurava, como introducção do Cancioneiro que recebera a pedido do Regente, nada voltou a Portugal. Cf. mais abaixo algumas *Notas* do Cap. V.

3) Vid. *Randglosse* XXXI. — Neste logar recordarei unicamente que o primeiro Soneto (Livro I No. 34), ideado em nome do Infante D. Affonso, e dirigido a Vasco de Lobeira, supposto auctor do *Amadis*, se refere ao episodio de Briolanja (Montalvo I, c. 40). O segundo (II, 35) é um joguete anacreontico entre Amor e a mesma Briolanja, com reminiscencias do *Trionfo della Castitá* de Petrarca (146).

atan—ca—des—i—ende—endõado—er—falir—filhar—fremoso—ledice—madre—mente—pran—quedar—ren—vendita etc. São legitimas as formas grammaticaes *avedes—seredes—cambhade—sa.* Abstrahindo da forma estrophica e metrica (14 hendecasyllabos á maneira italiana, i. é com acento nas syllabas 2. 6. 10,[1]) descontando a falta graphica de til na palavra *endõado,* e o anachronismo de o poeta empregar formas contrahidas como *rindo sestra sia vendo* por *riindo sẽestra siia veendo*[2]) mais vezes do que era uso nos sec. XIII e XIV, um philologo moderno não faria melhor.[3])

Algumas particularidades na metrificação geral de Ferreira, a qual merece um estudo especial, — o contraste entre um abuso excessivo do hiato e o extremo opposto, i. é a mistura de hendecasyllabos pobrissimos, repletos de hiatos no estylo de D. Denis, como p. ex.

moveste me a alma e os olhos

ou

gloriosos [e]spritos coroados

com outros, atuchados á moda latina, como

quem me desse assi a tal magoa iguaes prantos,

talvez se expliquem pela occupação temporaria de Ferreira com os textos archaicos de algum cancioneiro de D. Denis.

---

1) Mesmo em Portugal sabe-se hoje que não foram os provençaes quem fixou a forma do *soneto,* mas os toscanos Dante da Majano (c. 1290) e Paulo Lanfranc de Pistoja.

2) Essas formas abreviadas ja existiam em tempo de D. Denis, e anteriormente, mas ainda occorriam raras vezes.

3) Muito menos bem sucedidos são os dois sonetos, insertos nas obras de Camões, em que se pretende imitar o gallego vulgar de 1550. Dos apocryphos fabricados entre 1580 e 1640 não fallo senão para emittir a opinião que, se historiadores artistas tão malleaveis como Brito, auctor do *Segundo Crisfal* (e do *Romance dos Figueiredos*?) e Faria e Sousa, refundidor das *Rimas de Camões*, tivessem tido á vista poesias legitimas portuguesas, sempre teriam composto contrafacções superiores ás inqualificaveis *Cartas de Egas Moniz,* nas quaes ha de lingüisticamente authentico pouco mais do que a palavra *moiro* e (talvez!) o *corpo d' oiro.* Rythmicamente, cousa alguma. Encontrando na Torre do Tombo, ou alhures, os cancioneiros archaïcos, não os publicariam, de certo, numa epoca em que tanta obra classica se conservava inedita, e em que a posse de um cancioneiro de mão era considerado como titulo de nobreza; mas cedendo á sua expansibilidade innata teriam apregoado aos quatro ventos a gloriosa descoberta, intercalando qualquer amostra nas suas publicações — em logar ou ao lado das reliquias apocryphas.

§ 115. Mas qual? Temos de perguntá-lo novamente. O occulto e problematico original, patente a Resende, o qual, absorvido pelos seus estudos de historia e archeologia e empregando o romanço patrio só por excepção, desprezava no fundo a poesia vulgar e utilizou o peregrino manuscripto apenas para dar vasão a sua vaidadezinha pessoal, mostrando um seu ascendente em relações intimas com um infante? O codice achado em Roma antes de 1557 e avistado algures por Duarte Nunes? Ou, porventura entre mãos do Duque de Aveiro, os fragmentos do **CA** que ainda hoje subsistem?

Voto d'esta vez decididamente por este último, bem se vê, sem com isso negar que Ferreira soubesse tambem do talento poetico do rei-trovador pelas novas vindas de longe.[1] Eis em que me estribo, infelizmente com pouca firmeza. Entre as numerosas notas marginaes do **CA**, não ha uma unica italiana. Todas estão em português. Uma, que acompanha o nosso No. 130 é uma curiosa tentativa, de resto mal sucedida, de transpôr em decasyllabos á maneira provençal, ou seja em hendecasyllabos segundo a maneira italiana, alguns dos archaicos, asperos e rebeldes versos de nove syllabas. E a letra, de meados do sec. XVI, apresenta semelhanças que á cautela chamarei *ligeiras* com a do Dr. Ferreira. Esta observação, casualmente feita, foi-me communicada, com as reservas que todas as comparações graphicas exigem, por um illustre paleographo lisbonense, o qual nada sabia das minhas combinações, nem as podia adivinhar. Em seguida verifiquei a semelhança, á vista de uma carta photographada de Ferreira que o mesmo amigo das lettras, o Exmo Snr general Brito Rebello, me franqueou.

§ 116. Mas vamos ávante. Essa nota manuscripta, mesmo se não fosse de Ferreira, documentava algum trato de pelo menos um quinhentista português com o Cancioneiro da Ajuda e portanto a assistencia do volume neste reino no sec. XVI, que é o que urgia estabelecer.

E não só no sec. XVI. A sua permanencia em Portugal tambem nos seculos XV e XIV é attestada de modo identico por uma longa serie de notas, lançadas á margem, umas no seculo manoelino,

---

1) Ferreira não esteve em Roma e morreu antes de Duarte Nunes ter publicado a sua *Genealogia*. Mas de 1567 a 69, durante a sua curta actividade em Lisboa como desembargador da Casa do Civel, deve ter estado em relações com seu collega da Casa da Supplicação.

outras no joannino, e algumas ainda durante os derradeiros reinados da primeira dynastia, sendo chronologicamente a ultima aquella que eu desejaria attribuir ao auctor dos Sonetos de *Amadis* e da *Castro*. Tendo de occupar-me das notas marginaes no capitulo seguinte, chamarei aqui a attenção apenas para uma do sec. XV que diz com referencia á nossa cantiga 232, do trovador João de Guilhade: *deste aprendeo Joam de Mena.*

Quem entre os portugueses reconheceu primeiramente a valia superior do poeta das *Trezentas* foi o vencido de Alfarrobeira. De regresso da sua excursão pelas quattro partidas do mundo, depois de estacionar em Paris, Oxford, Londres e Flandres, na côrte do emperador Segismundo, no seu marquesado de Treviso, em Veneza, Padua, Roma, em Aragão e Castella, o Infante D. Pedro começou a viajar (de 1428 a 1438) pelas remotas paragens do pensamento (no dizer do seu mais artistico biographo), redigindo tratados de philosophia moral, traduzindo latinos, classicos e medievaes, a pedido do irmão, e poetando de vez em quando. Chegou então, depois de 1428, a inteirar-se das reformas de Mena e a trocar versos com esse subtil poeta aulico de D. Juan II.

Seria curioso, se o exame comparativo das notas alludidas e dos autographos do Regente, que devem subsistir tanto na Torre do Tombo como no Archivo de Coimbra, levasse a reconhecer aquellas como suas — obra portanto do principe português que, sollicitando do Marquês de Santilhana copia de seus versos, promoveu a *Carta-Proemio* em que ficaram enunciadas as mais antigas noticias de um cancioneiro dionysio.[1]) — Curioso, se o auctor fosse o proprio Condestavel, a quem o douto castelhano fallou com tanta insistencia na lyrica gallaïco-portuguesa, e em especial das invenções subtis e das graciosas e doces palavras de D. Denis, seu antepassado.

Curioso e importante, como o achado da tenção de Resende. Mas, infelizmente, d'esta vez, não havendo eu tido opportunidade de realizar o confronto das lettras, trata-se de meras hypotheses, que nada obriga a aceitar, visto que a admiração pelos poemas de Juan de Mena perdurou durante todo o seculo XV,[2]) e que a nota está redigida de forma tal que ainda hoje e sempre poderia ser

1) Cf. Cap. V, § 3.

2) Ou mesmo até 1550, como resulta das obras de Barros, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda e outros seus coevos.

lançada. Nada . . . a não ser a consideração que obra tão rara e palaciana como o Cancioneiro devia forçosamente fazer parte de uma bibliotheca regia, ou principesca.

§ 117. Na livraria do Condestavel, cujo catalogo possuimos e consultei, na esperança de ahi descobrir reliquias da primeira epoca, não havia cancioneiros antigos. Do Regente, seu pae, apenas sei que, além de alguns volumes com as suas armas, que passaram para a collecção do filho, teve em seu poder e leu o poema epico de Affonso Giraldes sobre a batalha do Salado, isto é uma obra do sec. XIV que faltava, parece, na livraria propriamente regia de D. Duarte.[1]) Nessa (augmentada mais tarde consideravelmente pelo successor, mas no sentido classico), é que um e outro teriam tido ensejo de lêr trovas gallaïco-portuguesas, e onde devemos procurar, entre os tesouros legados pela primeira dynastia, um cancioneiro como o da Ajuda.

O catalogo dos livros de uso do primogenito do Mestre de Avis e de D. Felipa de Lencastre subsiste felizmente. De passagem seja dicto que tambem essa preciosidade foi parar, na era dos Jesuitas, com muitos originaes de D. Duarte, num estabelecimento religioso de Evora.[2]) Por elle vemos que o prudente e douto monarca, apologista das boas e sàdias leituras,[3]) e não menos fervoroso

1) Eis o remate de uma carta sua, de felicitações a seu irmão D. Duarte, escripta em 1433: *E porém, Senhor, vós trabalhay quanto poderdes como as primicias de vosso reinado sejam praziveis a Deus e proveitosas a vossos sogeitos, e [como] crecendo em melhor por muitos annos, acabeis em seu serviço e leixeis vossos reynos ao Ifante meu senhor e vosso filho em aquelle ponto que Affonso Gyraldes escreve que o deixou el Rey D. Denis ao seu.*

2) O catalogo fazia parte de uma compilação de obras miudas do reinante, doada em 1598, com muitos outros volumes, ao hoje extincto mosteiro da *Cartuxa* pelo seu fundador, o arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança (1530—1602), um dos primeiros que em Portugal haviam vestido a roupeta da Companhia. — Aproveitado primeiramente por João Franco Barreto, ao colligir memorias para a sua *Bibliotheca Portuguesa,* foi varias vezes copiado no sec. XVIII. O conde de Ericeira communicou um treslado a Caetano de Sousa. Este imprimiu-o na *Hist. Gen., Provas* I, 529—548. Cf. Silvestre Ribeiro, *Estabelecimentos Scientificos* I, 38; *Panorama* IV, 6 e XI 315; Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal* II, 161; Th. Braga, *Introducção*, 203—262 e *Historia da Universidade* I, 204ss.; Gabriel Pereira, *Documentos historicos Eborenses*, No. 23, p. 30—40. — Além d'isso correm varios transumptos antigos e modernos, um dos quaes possuo.

3) Veja-se o prologo do *Leal Conselheiro*, esse *ABC da lealdade,* escripto a requerimento de sua mulher. Além de outras cousas sensatas,

instigador de traducções do que o fôra um seculo antes D. Denis, seu tresavô, juntou a par de só vinte obras em latim, sessenta e quatro em vernaculo, ou *de lingoagem*, como então se dezia.

Entre ellas ha tres cancioneiros portugueses, chamados *livros das trovas*, á maneira antiga:

O Livro das Trovas del Rey Dom Dinis (No. 38),

O Livro das Trovas del Rey Dom Affonso (No. 63), encadernado em couro, o qual compilou F. de Montemór o Novo.

O Livro das Trovas del Rey (No. 78).

É de crêr que a casa reinante possuisse exemplares das obras escriptas por ascendentes seus. Seria de estranhar se não tivessem tido ao seu dispôr pelo menos as de D. Denis e as gallego-portuguesas de Affonso o Sabio. Ainda assim, é arriscado querer adivinhar o que significam indicações tão vagas e incompletas. Mesmo o titulo Livro das Trovas del Rey Dom Denis, que á primeira vista parece claro, pode suscitar duvidas. É muito provavel fosse um cancioneiro individual e avulso do monarca-trovador, independente das compilações em que foi incluido: isto é, o original sumptuoso que se guardára na côrte desde o dia em que fôra executado, herança portanto de D. João I,[1]) que o achara na recamara regia de D. Fernando, não sendo provavel que o bastardo o herdasse directamente do amante apaixonado de D. Inês de Castro. Mas tambem não é impossivel fosse uma miscellanea (como o **CA**, **CV**, **CD** e o Cancioneiro do marquês de Santilhana), a qual recebera o titulo, do poeta que nella mais se salientava, ou a mandara colligir.

O segundo passa por ser o cancioneiro sagrado do Sabio de Castella.[2]) Mas a omissão da alcunha distinctiva, já consagrada

---

attesta que *o leer dos bons livros ... faz acrecentar o saber e virtudes ...; do simprez faz sabedor, do que bem nom vive, temperado e virtuoso.*

1) Th. Braga, *Hist. Universidade* I, 208 (cf. 220) affirma que esse codice era com certeza proveniente da herança de seu pae: „deposito precioso que andava na casa real". É provavel que assim seja. Devo observar todavia que não pertence ao numero dos codices que no catalogo de D. Duarte são designados como sahidos da livraria de D. João I. Notas sobre essa proveniencia acompanham apenas um *Livro de Cetraria que foi del Rey D. João* (No. 58); outro *de Agricultura que foi del Rey D. João* (No. 60); e indirectamente o *Livro de Monteria que copilou o victorioso Rey D. João ao qual Deos dê eternal gloria* (No. 32).

2) Vid. Th. Braga, *Introducção*, p. 244; id. *Hist. Universidade*, p. 224, e *Grundriss*, p. 244, nota 7; assim como o Cap. IV d'este livro.

de havia muito;[1]) o titulo *Livro das trovas* que não era muito adequado ao assumpto sacro, e mais ainda o facto singular de a compilação ser attribuida a um português de Montemor, sabendo nós que o proprio Alfonso X fizera escrever, em varios exemplares, as *Cantigas de S. Maria,* faz surgir duvidas graves. Quem nos diz que o volume, mandado antes de 1284, á Rainha de Portugal,[2]) sua filha, ou a seu neto e admirador, não andava na capella, entre os objectos do culto?[3]) Quem sabe ao certo que o Affonso do titulo é realmente o Sabio, e não o Bolonhês que, á vista do Cancioneiro sacro, ou por outros impulsos se lembrou de mandar colligir os versos profanos dos seus cortesãos, nucleo de todas as collecções posteriores, como mais tarde demonstrarei?[4])

E o terceiro *Livro,* chamado das *Trovas del Rei,* sem mais nada? Se o nome falta por lapso, como restituí-lo? E não faltando, tratando-se do que vivia e cujos codices se catalogavam, que especie de livro era então esse *cancioneiro de D. Duarte,* perdido sem deixar mais vestigios? O rei era, de facto, escriptor. D' elle existem mesmo uns versos. Mas esses versos[5]), emphaticamente proclamados uma poesia espiritual *digna do irmão do Principe na fé constante,*[6]) são mera traducção de uma reza latina, e foram redigidos com um fim practico, para exemplificação das theorias regias sobre a util arte de tornar em lingoagem. Como toda a *inclyta geração,* D. Duarte tinha pendor pronunciado só para as prosas eruditas. Quasi todos os seus escriptos subsistem. Mas entre elles não ha mais nenhuma

---

1) Vid. *Cronica de Alfonso XI*, cap. LII. — D. Duarte no *Leal Conselheiro* (cap. XXVII) dá-lhe o sobrenome de *Estrologo.*

2) Vid. Cap. III, p. 154, *Nota* 154.

3) Na recamara do Condestavel, os objectos do culto andavam nas mesmas arcas onde se arrecadavam os livros de estudo. Mas na côrte bem ordenada dos filhos de D. Felipa é provavel estivessem apartadas. Quanta attenção o governo da sua capella merecia a D. Duarte, reconhece-se em varios escriptos d' elle, por exemplo no cap. 96 e 97 do *Leal Conselheiro,* e em certa carta inedita ao Rei de Castella.

4) Vid. Cap. V.

5) A oração *Juste Judex,* nacionalizada a instancias da rainha, sua mulher — *Leal Conselheiro* cap. 91 — em 12 estrophes, de tres *Langzeilen* ou seis septenarios, sendo os versos impares, sem rima — acha-se na obra citada, no cap. 99 — e reproduzido no *Cancioneiro Popular* de Th. Braga (No. 11).

6) Vid. Milá y Fontanals, *Trovadores* p. 534.

composição metrificada.[1]) Nem allusão alguma a seu talento poetico.[2]) No Catalogo temos, de mais a mais, a formula *que el rei D. Duarte compilou* ou *que el rei D. Duarte fez,* sempre que se trata realmente de trabalhos d'elle, como o *Livro de cavalgar* (84) e os *Capitulos que escreveu quando em boa hora foi rei* (67)[3]). A formula restricta *del rei,* pelo contrario, significa simples posse. A não ser assim, o *Livro de rezar del rei* (77) devia ser tambem obra d'elle? Mais acertado será suppôr no *Livro das Trovas del rei* uma obra executada por sua ordem: *Cancioneiro de D. Duarte* só na accepção lata, em que o **CV** e **CB** são *Cancioneiros de D. Denis,* o Livro das cantigas é um *Cancioneiro de Conde de Barcellos*[4]), e o *Cancioneiro Geral* da segunda época um *Cancioneiro de Resende.* Um Album portanto, em que o reinante mandara colligir, com suas proprias producções e as do Regente, os versos dos epigonos gallaïcos, de 1350 em deante — como Juda Negro, Vasco Pires de Camões, Fernam Casquicio, Gomes Ayres da Silva, Macias, Villasandino, Pero Gonzalez de Mendoza.[5]) Uma miscellanea afinal que, preenchendo o enorme hiato entre o Cancioneiro gallaïco-português e o de Resende, irmanaria com o de Baena, apresentando-nos, se ainda existisse, aquellas *trovas dos nossos passados,* cuja perda Garcia de Resende lamentava em principios do seculo XVI.[6])

§ 118. Para, favorecendo a ideia da omissão de um nome depois de *Rei,* aventurar o de Affonso o Bravo, bisavô de D. Duarte,

---

1) Entre os tratados perdidos ha um só que talvez fosse versificado: o *Padre Nosso glosado.*

2) Cf. *Grundriss* II^b, p. 244, Nota 6.

3) Temos ainda No. 32 *Livro de Monteria que compilou o vitorioso Rei D. João;* No. 51 *Marco Tullio o qual tirou em linguagem o Infante D. Pedro;* No. 4 *As Collações que escreveu* (= copiou) *João Rodrigues;* No. 20 Os *Cadernos da Confissão que escreveu João Calado.*

4) Th. Braga é de outra opinião Vid. *Manual*, p. 135; *Hist. Univ.*, 227; e *Grundriss* II^b, 244. — Gama Barros, *Hist. da Administração* I, 423, adopta o parecer de Braga, suppondo tambem o *Livro das Trovas del rei* obra do proprio D. Duarte.

5) A minha explicação seria mais persuasiva (em todos os tres casos), se os titulos dizessem *Livro de Trovas.* Mas tambem a compilação do Conde se chama *Livro das Cantigas* e a do Infante D. Juan Manuel *El Libro de los Cantares* ou *de las Cantigas.*

6) Ou serão meras phrases, sem relação com os cancioneiros, as palavras que sobre as *cousas de folgar e gentilezas perdidas,* Resende profere no preambulo do grande inventario lyrico de 1449 a 1516, por elle organizado. — Vid. *Grundriss* II^b, p. 231.

a quem seu meio-irmão o Conde de Barcellos teria offerecido, em meados dos sec. XIV, um exemplar do *Livro das Cantigas;* ou tambem para conjecturar que, sendo relativamente escassa a colheita de 1354 a 1438, e continuação natural da anterior, o monarca arranjara copia do Livro do Conde de Barcellos, juntando-lhe as producções dos epigonos,[1]) o unico motivo que posso imaginar seria o desejo de descobrir na livraria dos reis de Portugal todas as collecções de versos archaïcos nacionaes cuja existencia é indubitavel.

§ 119. Mas fosse um, fosse outro, haja ou não identidade entre o Cancioneiro da Ajuda e No. 38, 63 ou 78 do catalogo de D. Duarte, devo dizer aqui antecipadamente que em uma das laudas do pergaminho apparecem duas notulas que se referem a D. Duarte. A primeira diz: *Dom Eduarte pela graça de Deus rei de Portugal e dalgarue.*[2]) O teor da segunda é: este *liuro he do colaço do imfãt.*

Assim não fossem meros exercicios de qualquer novato em calligraphia archaïca![3])

§ 120. Da recamara dos ultimos reinantes da dynastia borgonhesa para a posse de D. João I, seu filho D. Duarte, e o neto D. Affonso V,[4]) servindo perto de 1449 ao Regente e ao Condestavel; de lá para as mãos dos successores,[5]) até ser piamente depositado como suspeito de heresias, por algum dos filhos ou sobrinhos de D. Manoel, depois do concilio de Trento, na mesa censoria da Inquisição[6]) que o

---

1) Vid. Cap. V.

2) D. Duarte usava d' essa assignatura — *Dom Eduarte pella graça de deos Rey de portugal e do algarue* — com o accrescento *e senhor de Cepta.* Vid. *Leal Cons.*, *Prologo* e cap. 108; *Ensynança de bem cavalgar,* cap. 1.

3) Mas como não é provavel serem invenção do imitador, avento a pregunta se seriam calcados sobre dizeres de uma folha hoje estraviada? Pregunta sem solução.

4) É sabido que foi este rei quem installou primeiramente a bibliotheca regia em salas apropriadas, augmentando-a consideravelmente.

5) Dos volumes com que o Infante D. Pedro enriquecera a livraria regia, alguns ainda existiam no paço, em tempo de D. João III, sendo então manuseados pelo auctor das *Decadas.* — Vid. João de Barros, *Panegyrico de D. Maria* § 38.

6) Entre os filhos de D. Manoel, os Infantes D. Luis, D. Henrique e D. Duarte, eram poetas. Se fosse provado ser do Dr. Ferreira a letra da nota, a que acima me referi, não deixaria de surgir a conjectura de o **CA** ter sido propriedade do Duque de Aveiro, (c. 1500—1571) a cuja casa pertencia o pae do poeta. Este neto de D. João II — em cuja livraria se achava um *Amadis,* segundo Miguel Leite — era grande collector de antigualhas, discipulo de André de Resende

guardou, fechado a sete chaves, em Lisboa ou em Evora até 1759; depois da expulsão dos Jesuitas para o Collegio dos Nobres, e finalmente de volta para a bibliotheca regia: eis o caminho mais directo, sempre dentro das fronteiras de Portugal, que me é dado imaginar.

Mas quem se atreve a dá-lo por bem traçado? *Habent sua fata* . . .[1]) E para que renasçam duvidas, bastará olharmos para o misero estado do codice, não só truncadissimo quando o encadernaram no sec. XVI, mas . . . *nunca acabado*, quer fosse porque o mandante falleceu antes de ver realizado o seu intento, quer por falta de um pintor que o illuminasse? Um exemplar estragado e engeitado? cedido por um dos reis ou pelo Conde a algum curioso da sua côrte? (o ignoto collaço do infante?) como indigno de figurar nas estantes do paço, as quaes devemos suppôr povoadas de codices sumptuosos, ricamente illuminados, como as *Cantigas de Maria*, o *Libro de los Juegos*, o *Leal Conselheiro?*

§ 121. Concluo com a summula seguinte. O fragmentario codice da Ajuda sempre permaneceu em Portugal. Se, contra todas as apparencias, foi achado em Roma entre 1521 e 1557, sendo ahi adquirido e encadernado por quem sabia (prematuramente), dos boatos sobre o Conde de Barcellos, a sua permanencia na cidade eterna não havia durado muito tempo. Calculando largamente, só pode ter permanecido lá, de fins do sec. XV a 1527. E, notabene, sem que lhe imprimissem marca alguma. — Mas neste caso — que julgo inverosimil — a informação de Duarte Nunes sobre o achado de poesias de D. Denis, torno a repetí-lo, seria fundamentalmente falsa, visto que o **CA** não contém verso algum do rei-trovador.

---

que legou ao filho d'elle uma sua *Julia* e moedas raras; poeta distincto, cujos versos andam nas obras de Camões; e protector de Miranda, Ferreira e Camões, dos quaes recebeu homenagens poeticas. Implicado no processo de Damião de Goes, sob pretexto de ser possuidor de livros hereticos, teve de entregar alguns ao tribunal ecclesiastico. Na falta e prova, e tambem porque no processo de Goes entre os livros entregues não se menciona nenhum de versos, será melhor não darmos seguimento a esta ideia.

1) O *Livro de Monteria* de D. João I, que occupava um logar de honra no gabinete de D. Duarte, veio parar num collegio da Companhia, em Monforte de Lemos. Ahi se tirou um treslado que hoje se conserva na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Vid. *Hist. Univ.* p. 206; Gama Barros I, p. 425.

Descripção do Codice.

§ 122. É um grosso e pesado in-folio, no qual, conforme já se indicou, andam juntas duas obras, ou antes fragmentos de duas obras diversas, um *Nobiliario em prosa* e o *Cancioneiro.*

O primeiro occupa 39 folhas,[1]) o segundo 88. A affirmação, repetida até hoje em todas as descripções, que o Cancioneiro começa com a lauda 41, longe de estabelecer que lhe faltam as quarenta do principio, significa apenas que vae precedido de quarenta que lhe são alheias.[2]) Mas nem mesmo isso é rigorosamente exacto. Das quarenta que lhe vemos antepostas, a folha do inicio pertence ao Cancioneiro. Achando-a desmembrada de um dos fasciculos, o encadernador collocou-a á testa do volume como *custode*, por não saber qual logar assignar-lhe. Pelos mesmos motivos, a capricho, ou por ordem do mandatario, utilizou ou inutilizou outras duas folhas, collando-as contra as taboas da pasta. Só uma d'ellas, que andava avulsa, está coberta de escripta e foi por isso despegada pelo segundo editor das trovas,[3]) continuando solta até 1894.[4]) Incluida na integra nesta edição, entrou naturalmente nas minhas contagens, como tambem a folha branca do fim e as onze addicionadas ao volume em 1835.[5])

---

1) Reservo para as minhas *Notas Marginaes — Randglosse* XXIX — o estudo pormenorizado que elaborei sobre o *Nobiliario.*

2) Como se dirá mais abaixo faltam-lhe, a meu vêr, as primeiras 32 folhas, ou quatro cadernos, com as 92 poesias que se acham inventariadas a principio da *Tavola Colocciana.*

3) Lord Stuart imprimiu na ultima folha, innumerada, da sua edição o que soube descifrar das poesias inscriptas na face, muito deteriorada da dicta lauda.

4) Não sendo avulsa, nem tendo nada escripto, a do fim permaneceu collada contra a taboa.

5) Para comprehender a differença entre as 88 que registo e as 74 ou 75 de que fallaram Lecussan Verdier, Bellermann e os que repetiram

A que de 1500 e tantos até 1849, forrava o interior da capa de cima, seguia provavelmente, na ordem primordial, depois da ultima, com a qual haviam revestido a taboa de baixo. Não querendo deslocar esta, collocaram-na modernamente, antes d'ella, como se deprehende da tabella que junto.[1])

A immediata, isto é a folha de guarda, contada como primeira do volume por Lord Stuart, Varnhagen e Herculano, vinha na primitiva apos a 102ª, como foi reconhecido por todos os editores. Hoje está reintegrada no seu logar.[2])

As folhas 2 a 40 perfazem seis fasciculos incompletos do Nobiliario.

De 41 a 108 seguem, sem interpolação de materias alheias, 74 folhas do Cancioneiro.

A do fim (75), numerada 115, e unida á pasta, conforme já se disse, forma parte integrante do ultimo caderno.

Ás 11 folhas descobertas na capital do Alemtejo, numeradas por Herculano de I a XI, dei eu, ao começar os meus estudos, a numeração 117 a 127, indevidamente. Dos sitios que realmente lhes competem, como reconheci pouco depois — IV entre f. 43 e 44; I e II entre 54 e 55; XI entre 65 e 66; III entre 71 e 72; V—X entre 74 e 75(?) — dá ideia o quadro dos cadernos.[3]) Nem o grande historiador nem Varnhagen trataram de verificar este ponto, porque na mente de ambos a ordem em que encontraram as cantigas, era, como o leitor sabe, completa desordem. Se este preconceito não os tivesse cegado, chegavam por força a resultados iguaes aos meus, pelo exame material do pergaminho. Para isso bastava, aproximarem as laudas, muito irregularmente cortadas, ás rebarbas das meias-folhas correspondentes que os saqueadores deixaram subsistir no volume.[4]) A ordem que por este simples processo apurei em

---

os seus dizeres, basta que o leitor se recorde que, além de descurarem as paginas estragadas pelo encadernador, elles não conheceram as reliquias vindas de Evora. Na realidade temos 74 + 1 + 2 + 11 = 88.

1) Vid. p. 139, *Nota* 2.

2) Por isso tem na tabella a marca 102ª (147 e 225).

3) Aqui e sempre sirvo-me nas minhas citações dos algarismos da antiga paginação, tal como a deixei regularizada em 1877, isto é dos numeros que occupam a casa **III** da minha lista, e andam entre parentheses no quadro dos cadernos.

4) Subsistem rebarbas, pestanas ou carcelas naturaes, á espera das partes roubadas, nas folhas 58, 75, 93, 98, 100, 105, 108, 109, 112, 113.

1877, foi tres annos mais tarde plenamente confirmada pelo confronto com as partes analogas do apographo italiano **CB**. Só num caso, em que as folhas (V a X), cortadas direitinhas, exactamente pela dobra, formam um caderno coherente no fundo e na forma, o expediente não podia surtir efeito.

§ 123. O codice foi paginado neste seculo por mãos diversas: primeiro por folhas, e depois por paginas.

A primeira numeração do volume — **IV** na tabella — inscripta no centro da margem inferior, é de Lord Stuart. Saltando por cima das paginas brancas, marcou apenas 68 folhas do cancioneiro com algarismos de 41 a 108v. Posteriormente, alguem accrescentou 109 na que estivera collada contra a capa de cima.

A segunda,[1]) feita por mim a lapis, de 41 a 127 (102a é a 1a de Lord Stuart), no canto de fóra da mesma margem, segue identico systema, incluindo todavia as folhas em branco, a de guarda, as que estiveram colladas contra a capa, e as de Evora. É a **III**a da tabella.

Ultimamente, no acto de restauração do vetusto monumento, a que os empregados da bibliotheca procederam,[2]) o digno e zeloso official Sr. Rodrigo Vicente de Almeida, collocando as folhas soltas no logar competente, as paginou de novo, no centro da margem superior, de 1 a 174 — isto é excluindo o Nobiliario (**I**). — No canto de dentro accrescentou ainda outra numeração geral (**V**), cabendo ás genealogias os algarismos 1 a 78, e ás trovas, 79 a 250 (respectivamente 254).

Eis a tabella comparada, completa, não só de todas essas quatro paginações, mas ainda da marcação romana das reliquias eborenses (**VI**) e da mais racional de 1 a 88 (**II**). Como foi essa a que introduzi no texto, e emprego no Indice do Capitulo IV, juntamente com a **III**a, saliento ambas typographicamente para commodidade do leitor.

---

1) Varnhagen, resolvido a modificar arbitrariamente a disposição das cantigas, não ligou importancia á paginação, adoptando a do predecessor.

2) Para poder introduzir novamente no seu logar as folhas cortadas, tiveram de lhes soprepôr umas tiras, a modo de *carcellas* ou *pestanas*. Ha-as nas folhas 120, 51, 56, 117, 118, 61, 127, 119, 121—126, 102a, 104, 114. — Cf. Cap. II.

I	II	III	IV	V	VI[1]	I	II	III	IV	V	VI
p. 1	f. 1	f. 41	f. 41	p. 79		p. 51	f. 26	f. 63	f. 62v	p. 129	
2	v	v	v	80		52	v	v	63	130	
3	2	42	42	81		53	27	64	v	131	
4	v	v	v	82		54	v	v	64	132	
5	3	43	43	83		55	28	65	v	133	
6	v	v	v	84		56	v	v*		134	
7	4	120		85	f. IV	57	29	127		135	XI
8	v	v		86		58	v	v		136	
9	5	44	44	87		59	30	66	65	137	
10	v	v	v	88		60	v	v	v	138	
11	6	45	45	89		61	31	67	66	139	
12	v	v	v	90		62	v	v	v	140	
13	7	46	46	91		63	32	68	67	141	
14	v	v	v	92		64	v	v	v	142	
15	8	47	47	93		65	33	69	68	143	
16	v	v	v	94		66	v	v	v	144	
17	9	48	48	95		67	34	70	69	145	
18	v	v	v	96		68	v	v	v	146	
19	10	49	49	97		69	35	71	70	147	
20	v	v	v	98		70	v	v	v	148	
21	11	50	50	99		71	36	119		149	III
22	v	v	v	100		72	v	v		150	
23	12	51	51	101		73	37	72	71	151	
24	v	v	v	102		74	v	v	v	152	
25	13	52	52	103		75	38	73	72	153	
26	v	v	v	104		76	v	v	v	154	
27	14	53	53	105		77	39	74	73	155	
28	v	v	v	106		78	v	v	v	156	
29	15	54	54	107		79	40	121		157	V
30	v	v*[2]		108		80	v	v		158	
31	16	117		109	I	81	41	122		159	VI
32	v	v		110		82	v	v		160	
33	17	118		111	II	83	42	123		161	VII
34	v	v*		112		84	v	v		162	
35	18	55	54v	113		85	43	124		163	VIII
36	v	v	55	114		86	v	v		164	
37	19	56	v	115		87	44	125		165	IX
38	v	v	56	116		88	v	v		166	
39	20	57	v	117		89	45	126		167	X
40	v	v	57	118		90	v	v		168	
41	21	58	v	119		91	46	75	74	169	
42	v	v	58	120		92	v	v	v	170	
43	22	59	v	121		93	47	76	75	171	
44	v	v	59	122		94	v	v*		172	
45	23	60	v	123		95	48	77	v	173	
46	v	v	60	124		96	v	v	76	174	
47	24	61	v	125		97	49	78	v	175	
48	v	v	61	126		98	v	v	77	176	
49	25	62	v	127		99	50	79	v	177	
50	v	v	62	128		100	v	v	78	178	

1) Esta tabella pode servir de complemento á que vae impressa mais acima na Parte I, a pag. 8 d' este volume.

2) O asterisco indica que a pagina está em branco.

I	II	III	IV	V	VI	I	II	III	VI	V	VI
p.101	f.51	f.80*	f.	p.179		p.139	f.70	f.99	f.94	p.217	
102	v	v	v	180		140	v	v*		218	
103	52	81	79	181		141	71	100	v	219[1])	
104	v	v	v	182		142	v	v	95	220	
105	53	82	80	183		143	72	101	v	221	
106	v	v	v	184		144	v	v	96	222	
107	54	83	81	185		145	73	102	v	223	
108	v	*		186		146	v	v	97	224	
109	55	84*		187		147	74	102ª	v	225	
110	v	v	v	188		148	v	v	98	226	
111	56	85	82	189		149	75	103	v	227	
112	v	v	v	190		150	v	v	99	228	
113	57	86	83	191		151	76	104	v	229	
114	v	v	v	192		152	v	v	100	230	
115	58	87	84	193		153	77	105*		231	
116	v	v*		194		154	v	v	v	232	
117	59	88	v	195		155	78	106	101	233	
118	v	v	85	196		156	v	v	v	234	
119	60	89	v	197		157	79	107	102	235	
120	v	v*		198		158	v	v	v	236	
121	61	90	86	199		159	80	108	103	237	
122	v	v*		200		160	v	v	v	238	
123	62	91	v	201		161	81	109*		239	
124	v	v	87	202		162	v	v	104	240	
125	63	92	v	203		163	82	110	v	241	
126	v	v	88	204		164	v	v	105	242	
127	64	93	v	205		165	83	111	v	243	
128	v	v	89	206		166	v	v	106	244	
129	65	94	v	207		167	84	112	v	245	
130	v	v*		208		168	v	v	107	246	
131	66	95	90	209		169	85	113	v	247	
132	v	v	v	210		170	v	v	108	248	
133	67	96	91	211		171	86	114	v	249	
134	v	v	v	212		172	v	v*		250	
135	68	97	92	213		173	87*	115*		251	
136	v	v	v	214		174	v	v*		252	
137	69	98	93	215		175	88	116	[109]	253	
138	v	v	v	216		176	v	v		254[2])	

§ 124. *A Encadernação.* — As censuras dirigidas por Varnhagen contra o encadernador são injustas e exageradas. É verdade que cerceou as margens de modo lamentavel, aniquilando marcas de registo, a velha paginação (se existiu), e partes importantes das notas marginaes, chegando ás vezes a damnificar o texto. É facto tambem que mandou collar uma folha solta, com texto em ambos os lados, contra a taboa, occultando assim algumas cantigas. Facto

1) Ayres de Sá (no *Frei Gonçalo Velho,* p. 132—139) serviu-se da paginação moderna.

2) Como a folha 87 (= 115) não foi descollada, não poderam dar á 88ª (= 116) o logar que lhe compete. Por isso deixaram de inscrever a paginação.

ainda (comquanto não fosse apontado por Varnhagen e imperfeitamente sanado por Herculano) que não soube dar a devida disposição ás paginas do Nobiliario, que estão effectivamente baralhadas. Pode mesmo ser que a ordem dos cadernos que compõem o cancioneiro, não seja a legitima em *todos* os casos.

Mas o estado do pergaminho obrigaria provavelmente a amputar algo das margens. E se á falta de indicios externos e intrinsecos, não havia então (nem ha hoje) meio de estabelecer a verdadeira successão dos cadernos, não merece os epithetos de boçal e barbaro quem não a realizou. Dentro de cada fasciculo a successão das folhas é perfeita, apesar das affirmações em contrario do obcecado editor. Metade das culpas que por ventura haja, cabe de resto, no meu sentir, a quem, no muito louvavel empenho de salvar da deterioração progressiva a que estavam expostas, duas preciosas reliquias, as entregou ao artista sem indicações precisas.

O trabalho d'este não se affasta do usual. As pontas do barbante fino com que cada um dos cadernos ficou cosido — e notabene cosido uma unica vez, e não repetidamente — foram atadas, entrelaçadas e em seguida envolvidas em tiras de pellica branca, formando grossos e solidos cordões. As extremidades d'estes cordões, que são quatro como os pontos de costura, e attravessam a lombada, foram entaladas á cunha nas taboas que formam a capa. Não conseguindo arrancá-los, tão solidos estão, os saqueadores cortaram-nos á faca, soltando assim os barbantes finos, mesmo em alguns dos cadernos de que não se apossaram. Escuso assegurar que o couro que formava a lombada desappareceu.

As solidas taboas de carvalho, revestidas de bezerro castanho-escuro lavrado, estiveram outr'ora guarnecidas de fechos. Na de cima ainda estão fixos os dois colchetes femeas, de bronze, faltando na de baixo os machos, o que obsta a que se possa calcular ao certo a grossura que o volume teve no acto de ser encadernado.[1])

A ornamentação da sola é de estylo renascença. Compõe-se de faixas, formando tres tarjas rectangulares. A do centro é dividida por cinco faixas longitudinaes. Em todas, palmetas alternam com medalhões. Nestes, vê-se sempre a mesma cabeça, tosquissima, de guerreiro barbudo, microcephalo. O nariz e o queixo, pronunciadamente agudos, assemelham-na á de certos medalhões de pedra,

1) Hoje elle tem 6 cm. de alto, cabendo 2 ás capas.

incrustados em edificios de Coimbra, como o palacio de Sub-Ripas, e nos tumulos de Ṡ. Cruz.

Não sou competente para decidir, se se trata de um trabalho feito lá fóra, ou no paiz. Inclino todavia a crêr que a execução é nacional. Como os typos para as imprensas e os clichés para os xylographos e gravadores, os ferros para os trabalhos em couro eram e são muitas vezes artigo de importação. Em abono d'esta hypothese posso citar a circumstancia de entre os volumes que compulsei na capital, haver, na propria Bibliotheca da Ajuda, um in-folio pequeno cuja encadernação é parecida á do Cancioneiro, pois apresenta a mesma faixa, em disposição diversa: duas tarjas, ligadas de canto a canto por outras obliquas de desenho igual.[1]

§ 125. *Inscripção á moda de titulo.* — Exteriormente, no corte transversal inferior liam-se, no tempo de Varnhagen, inscriptas a tinta preta as palavras: REY DŌ DENIS (com ligação entre o N e o I). Já deixei contado no capitulo anterior que, ao pegar a primeira vez, a 28 de Maio de 1877, no velho in-folio a encontrei mal legivel, e quasi totalmente apagada em 1890. Ignoro, se fazendo reentrar as folhas deslocadas na sua antiga posição, e mettendo em seguida o volume numa prensa, conseguiram agora fazer resurgir para olhos adestrados um claro rasto d'essas letras. O snr. Almeida não as destrinçou quando o consultei, ha pouco.[2] Essa perda não seria grande. Escriptas por mão desconhecida, provavelmente depois de destroçado o volume, enunciam apenas a opinião individual de qualquer leitor moderno. No melhor caso, mas que é pouco verosimil, seriam repetição dos dizeres estampados na lombada pelo encadernador; i. é no sec. XVI quando o fragmento andava sem frontispicio original.

§ 126. *Dimensões.* — As taboas da encadernação medem 460 por 348 millimetros. As folhas membranaceas tem de comprimento 443 e de largura 334; e teriam originariamente pelo menos mais quatro cm.[3] ao alto e dois ao largô. Isto é, pouco menos do que o

---

1) É um volume impresso em Veneza, no anno 1523: Augustini Nyphi Medic. Suessani *De Intellectu libri sex.* Eiusdem *De Demonibus libri tres.* — Venetijs mandato & expensis heredum quōdam nobilis viri Octauiani Scoti. — Anno 1523. — Signado B — 6—9.

2) **PS.** Em Maio de 1901 verifiquei que não o conseguiram.

3) Na folha 119, cuja margem inferior ainda assim não é estreita, permaneceu, revirado, um bocado de pergaminho que tem 1 cm de altura.

mais sumptuoso entre os codices escorialenses das *Cantigas de S. Maria.*[1]) A medida do texto é de 380 × 240. Cada pagina compõe-se de duas columnas, separadas e limitadas por senhos dois traços longitudinaes. Ha nellas 48 (ás vezes só 47) linhas pautadas. As duas extremas estão em geral vazias. O numero de lettras varia naturalmente, conforme a medida dos versos. Termo-medio, avalio-as em 20 a 30.

§ 127. *Divisão dos textos.* — De quando em quando se topa com uma folha, ou meia-folha, inteiramente ou parcialmente em branco.[2]) A que segue, distingue-se neste caso por um caracteristico notavel que é: principiar com letra capital de dimensões maximas, ricamente ornamentada e precedida por uma miniatura que occupa quatro vezes tanto espaço como a maiuscula, ou por espaço reservado para ellas. A ideia que um novo grupo de canções começa com taes ornatos, terminando onde o escriba deixou em branco uma pagina inteira, ou o resto de uma pagina, impõe-se com tal evidencia, essas figuras e esses claros destacam-se de modo tal, que admira não ter ella sido aventada pelos primeiros exploradores do volume. Mais abaixo tratarei das vinhetas.

§ 128. *Disposição das estrophes.* — A primeira estrophe de cada poesia está escripta como prosa, apparecendo as palavras de longe em longe syllabadas, como para solfa: *en ve ia* por *enveja; per der ei* por *perderei.* E entre esses versos iniciaes, lançados pelo systema indicado, ficam sempre, sem excepção, espaços de tres linhas em branco, reservadas evidentemente para notação musical.[3]) O mesmo caso dá-se a miudo com curtas estrophes ou meias-estrophes finaes,

---

1) Eis as proporções dos tres pergaminhos alfonsinos: Toledo, 315 por 217, com 225 × 151 de texto em 27 linhas; Escorial. j-b-2, 402 por 274 com 303 a 309 por 198 de texto, em 40 linhas; Escorial. T-j-1, 485 por 326 (texto em 44 linhas). — O formato dos codices cartaceos é naturalmente reduzido. O **CV** conta 300 × 220; o **CB** 284 × 315.

2) Têem o verso em branco as folhas 54, 57, 65, 76, 83, 84, 87, 89, 90, 94, 99, 127, conforme se vê na tabella supra; a face, apenas a f. 84; algum espaço, as folhas 105, 109, 114, 118, 119, 126.

3) Nos codices alfonsinos temos o pentagramma; no de Florença o tetragamma. Mas em numerosos missaes e antiphonarios dos sec. XIII e XIV, os escribas serviam-se de menos linhas: tres, duas, ou mesmo uma só. Em todo o caso, ha ahi uma divergencia entre o cancioneiro português e os alfonsinos, hoje conhecidos.

designadas pelos criticos modernos como *tornada, cabo, volta,* (*Geleit*), mas que na terminologia dos trovadores portugueses se chamavam *fiindas*.

§ 129. *Os caracteres.* — A letra, muito regularmente traçada por um unico artista, é gothico-francesa. O grosso do texto está a preto, como de costume. O luxo de alternar o negro regularmente com outra côr, escrevendo p. ex. o refram com tinta encarnada, conforme se vê nos codices alfonsinos, não entrava no plano mais modesto do empreiteiro português.

Já deixei emendado o lapso de Ribeiro dos Santos, Lecussan Verdier, Varnhagen e Bellermann que chamaram *maiuscula* a letra, mau grado os fac-similes que apresentavam e os desmentiam. Temos maiusculas, de diversos tamanhos graduados,[1]) apenas no principio dos cyclos, das cantigas, das estrophes, do *refram* e da *finda:* e estas, pintadas alternadamente, mas sem regularidade, a vermelho com singelos ornatos azues, ou a azul com ornatos vermelhos.

As capitaes de primeira grandeza, com que abre cada cyclo novo, ostentam, sem serem litteralmente historiadas, no meio de arabescos, de vez em quando, uma figura grotesca, humana ou de animal. Occupando em geral oito linhas e tendo de largo outrotanto, ou mais, conforme o debuxo da letra precisava, traços caprichosos espalham-se sobre a margem, descendo ás vezes até quasi ao fundo da pagina. A meu vêr, haviam de levar côres muito variegadas (como o **S** da Cantiga 69 de Alfonso X no Codice Escorialense T-j-1) e toques de ouro, como os mostra o bello e rico **D** da primeira cantiga do outro codice escorialense, reproduzida por Amador de los Rios.[2])

§ 130. *O cancioneiro não foi acabado.* — Ha paginas em que todas ou quasi todas as maiusculas apparecem pintadas.[3]) Outras em que nem uma só foi executada.[4]) Na maioria dos casos faltam

1) De quasi todas as letras maiusculas do alphabeto ha sete, oito ou nove tamanhos diversos, sendo as mais pequenas, de 5 millimetros, i. é da altura das minusculas, para o principio das estrophes. Vem depois as do refram, da finda e da cantiga — mas sem rigor mathematico, com numerosas variantes a que a abundancia ou falta de espaço e o capricho do escrevente convidavam. Veja-se o nosso fac-simile.

2) Vol. III.

3) Especializo as folhas 41, 44, 46, 48 a 53, e 90.

4) P. ex. nas folhas 55, 63 a 67, 72 a 74, 76 a 83, 89, 94 a 96, 105 a 116. — Todavia não faltam (nestes e nos mais casos) tão inteiramente

varias,[1]) principalmente as de maiores dimensões, sendo de estranhar a arbitrariedade com que o pintor procedeu.[2]) Das vinhetas e das capitaes grandes que as accompanham, dezaseis estão esboçadas, mas apenas quatro teem principios de colorido. Em outros tantos casos, nem mesmo o esboço á penna foi delineado.[3]) A notação musical falta por completo. Nenhum nome de auctor, nem uma só apostilla, elucida as 38 series de canções de que está composto o livro das cantigas no seu estado actual. Numerosas correcções, lançadas á margem no acto da revisão, não chegaram a ser attendidas. Subsistem tambem lacunas, não poucas, no meio do texto, por falta de trechos errados que alguem safou á raspadeira, mas não reintegrou em conformidade com emendas que se acham indicadas, ora entre linhas, ora na margem com abreviaturas, em cursivo microscopico.

Não ha que duvidar, esse codice ficou por concluir. Só o escrevente, encarregado do treslado dos originaes, parece ter acabado o serviço de primeira mão, assim como o revisor o confronto dos textos. O pintor, a cujas mãos passaria logo depois, parou muito antes de chegar a meio da tarefa. O musico nem mesmo iniciou a sua. No paragrapho anterior e no Capitulo II já toquei de passagem na causa ignota d'essa interrupção, preguntando se seria motivada pela falta de um pintor habilitado? ou por ventura pelo fallecimento do rei, a cujas instancias se procedia á transcripção das canções trovadorescas? Ou por ordem do mesmo (quando não do successor), que não ficou satisfeito com a execução, encommendando outra mais completa e de maior luxo. Deixando a resposta — isto é a apresentação de hypotheses — para mais tarde, sem mesmo apontar novamente os nomes dos reis que tenho em mente, juntarei aqui uma só reflexão. Não é provavel que uma mudança de gosto,

---

que seja preciso subentendê-las, adivinhando, e omittí-las numa impressão paleographica, segundo parece á vista dos excerptos do Sr. Ayres de Sá (No. 76 da *Res. Bibl.* retro). O escrevente traçou quasi sempre a respectiva letra *em cursivo,* é verdade que tão minusculo e fino que o proprio illuminador se enganou com freqüencia, executando *c* por *e*, *c* por *t*, e viceversa. No nosso fac-simile ha quatro exemplos.

1) Faltam poucas a f. 42, 43, 120, 44^{v}, 47; muitas a f. 117, 118, 119, 121 a 127; 54 a 62; 67^{v} a 71; 74^{v}; 121 a 126; 75; 84 a 88.

2) Ainda assim, posso constatar que nos primeiros cadernos o trabalho do illuminador ficou muito mais adiantado do que nos ultimos.

3) Tambem as vinhetas esboçadas pertencem á primeira metade do volume, como o leitor pode verificar, olhando para as tabellas.

invadindo repentinamente a côrte, sustasse a conclusão (como aconteceu com tantas e tantas empresas architectonicas), uma vez que o minusculo gothico dominou sem divergencias notaveis de 1279 (pelo menos) até 1379.

§ 131. *O Cancioneiro foi destroçado, duas vezes:* antes de algum bem intencionado colleccionador do sec. XVI se ter lembrado de salvaguardar essa herança dos antepassados que já andara exposta, em qualquer livraria publica ou particular, aos caprichos irreverentes dos leitores. E posteriormente, pelos reaccionarios dos seculos XVII e XVIII que, tencionando fechá-la a sete chaves, a collocaram em sitio ainda assim accessivel a mãos profanas que a malbarataram.

As folhas soltas, utilizadas pelo encadernador, conforme ja expus, as outras, cerceadas ás vezes até rente ao texto, e o facto de o texto começar no meio de uma cantiga, attestam claramente a mutilação primeira.[1])

Das partes salvas no sec. XVI roubaram mais tarde varios cadernos, e vinte e tantas folhas soltas. Umas, segundo é licito imaginar, por incluirem muito pergaminho branco;[2]) outras, como as que reappareceram na bibliotheca eborense, por causa das vinhetas, e letras historiadas; outras por encerrarem um pequeno cyclo fechado de versos; outras . . . Mas quem sabe lá as ideias cerebrinas a que cedem colleccionadores maniacos?

§ 132. *Estado do codice de 1820 até 1894.* — Passo a descrever o estado em que vi o Cancioneiro em 1877 e 1890. O volume todo andava retalhado em seis parcellas. A 1ª compunha-se apenas da taboa de cima. Consideremos como 2ª as tres meias folhas soltas que formavam o introito: a que fôra descollada (116), a folha de guarda (102ª) e uma de prosa. A parcella seguinte abrangia dois fasciculos do Nobiliario. A 4ª os tres restantes, e o primeiro do Livro das Cantigas (f. 41 a 46). A 5ª constava de cinco cadernos com versos (f. 47 a 74). A 6ª de seis (f. 75 a 110).

1) Além da falha a principio do Cancioneiro, julgo reconhecer outras *antigas* entre f. 95 e 96; 99 e 100; 106 e 107; 112 e 113; 114 e 115 e muito provavelmente no fim. — Talvez ainda entre 83 e 84; 89 e 90; 90 e 91. — São as Lacunas 18, 19, 22, 26, 27, e 14, 15, 16.

2) As folhas que faltam p. ex. depois da 43ª e 53ª deviam levar poucos versos. Vid. Capitulo IV Miscella 12, 24, 31.

Entre esta e a seguinte arrancaram um caderno completo que tentei reconstituir (parcialmente) com seis das folhas vindas de Evora (f. 121 a 126).[1]) A 7ª e derradeira apresentava um só caderno incompleto, ligado á capa de baixo (f. 111 a 115).

Já sabemos que os catorze cadernos que hoje subsistem, não estão de modo algum integros, nem mesmo depois de completados com as cinco folhas soltas que cresciam das reconquistadas (117—120 e 127). Como é praxe, quatro folhas inteiras — de duas laudas, quatro paginas ou oito columnas — constituem um caderno. Possuindo nós 88 meias-folhas, parece devem faltar-nos ainda umas 24. Julgo todavia que carecemos de mais cinco, porque dois cadernos se affastam da norma commum. Um (X) constava de cinco folhas; outro do mesmo numero, ou, talvez de quatro e meia (XIV). Além d'isso duas laudas andam desgarradas, sem sabermos a razão (f. 75 e 116). Por um lado, o exame material dos cadernos e pelo outro o estado fragmentario de varias canções indica em geral, se bem que nem sempre com a desejavel clareza, onde é que nos faltam versos, e quantos, pouco mais ou menos. Além das lacunas no fim e no principio do Cancioneiro cheguei a apontar mais vinte e sete. Tudo isso antes de conhecer o **CB** que mais tarde confirmou os meus calculos.

D'este exame deprehende-se tambem com segurança a boa coordenação da materia, havendo duvidas apenas a respeito da collocação do caderno arrancado (a que ja me referi),[2]) e sobre a folha 75 que o encadernador havia intercalado entre os cadernos VII e VIII.[3]) O texto passa com freqüencia não só de folha a folha, mas de caderno a caderno, sendo portanto um guia certeiro. São inseparaveis, porque a cantiga, começada num, continua no seguinte, o caderno que está á testa do cancioneiro e aquelle que o precedia; o I° e o immediato, que nos falta; esse mesmo e o II° dos que possuimos; o II° e o III° cuja meia folha inicial foi roubada; o III° e o IV°; o IV° e o V°; e ainda o IX° e o X°, embora esse careça da ultima folha.

§ 133. *Ordem dos cadernos.* — Creio têr figurado adequadamente, nos apontamentos marginaes que accompanham o texto, e

1) Não ha duvida sobre se essas folhas perfazem um caderno (incompleto). O que resta incerto, é apenas a collocação.

2) Vid. a Nota antecedente.

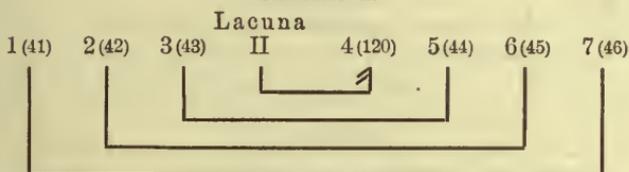
3) Vid. Capitulo IV, Miscella 51.

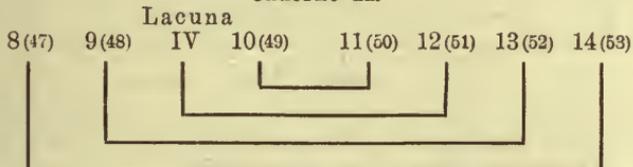
nas notas que rematam as 38 series, a estructura do codice. Por isso junto agora apenas um *quadro dos cadernos*, como modo mais claro e expedito de expôr deante da vista do leitor a seriação das folhas, o logar das lacunas[1]) e a reintegração das folhas arrancadas.

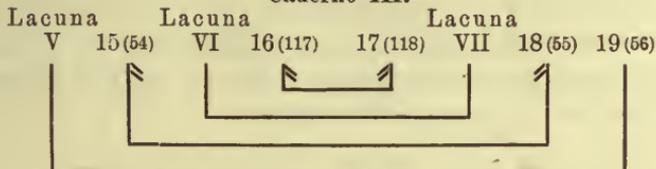
A principio falta um caderno, pelo menos: Lacuna I.[2])

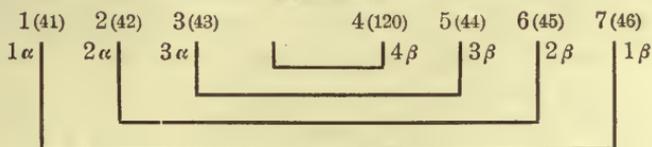
Caderno I.

Lacuna

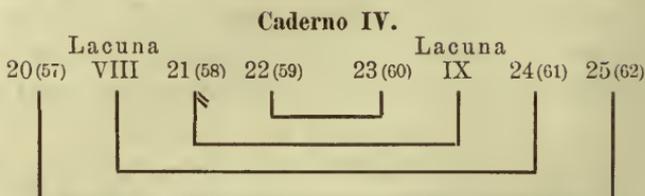
1 (41) 2 (42) 3 (43) II 4 (120) 5 (44) 6 (45) 7 (46)

Entre este e o que segue o cordão está partido. Falta um caderno. Lacuna III.

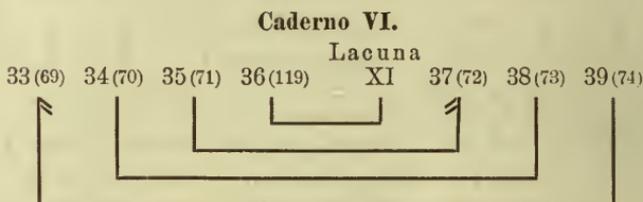
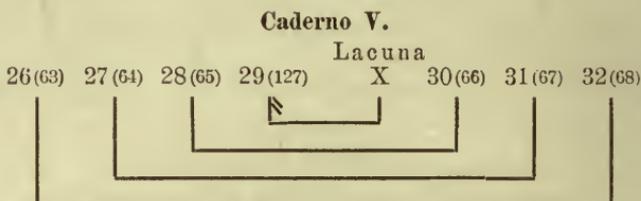
Caderno II.

A folha 51 ainda ficou segura, porque da sua primeira metade, cortada ás tesouradas, deixaram subsistir as rebarbas.

Caderno III.

1) Repito que em ambas as partes emprego a dupla paginação de 1 a 88 e (entre parenthese) a antiga de 41 a 127. Além d' isso, marquei no texto a segunda metade das folhas com α e β grego, differenciando tambem as quatro columnas de cada lauda pelas letras *a b c d.* — P. ex.

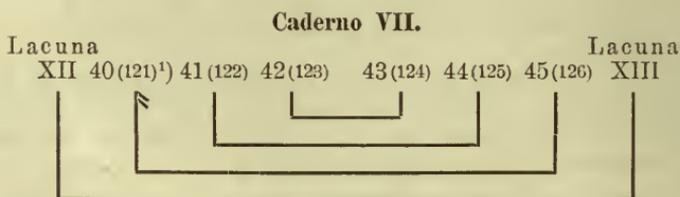
Caderno I.

Alguns erros escaparam. A palavra **Vinheta** falta a p. 33, 369, 387, 411. A p. 33 leia-se: 4β em logar de 1β. A p. 41: 3β, em logar de 2β; A p. 361: 75*d*, em logar de 45*d*.

2) O signal ⩘ indica que a pagina principia com uma Vinheta; ⎤, que ha espaço reservado para a mesma.

A folha 56 ainda se conserva presa, pelo mesmo motivo indicado com relação á f. 51.

Caderno IV.

Da f. 61 tenho que observar o que já ficou dicto da 51ª e 56ª.

Caderno V.

Aqui os cordões estavam novamente cortados. Foram roubados apparentemente dois cadernos, um dos quaes se acha reintegrado conjecturalmente pela introducção de seis das folhas eborenses, as quaes constituem um conjuncto coherente.

Caderno VII.

Segue uma folha avulsa, 46(75), cosida pelo encadernador. A rebarba saliente foi bem aparada pelo proprio artista. A pesar d'isso propendo a crêr que o seu logar não era aqui, sendo ella o unico resto de um caderno perdido, collocado aqui á toa.[2])

---

1) Neste caso, a Vinheta acha-se no verso da folha. O mesmo acontece a f. 51(80), 55(84), 77(105), 81(109)).

2) Vid. Capitulo IV, Miscella 51.

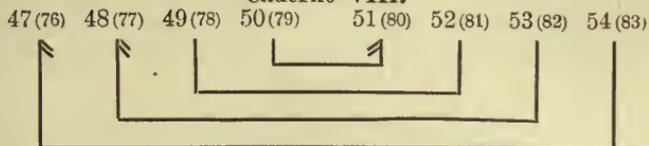
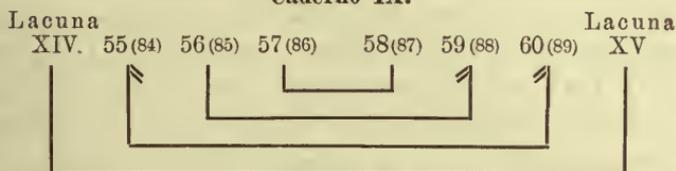
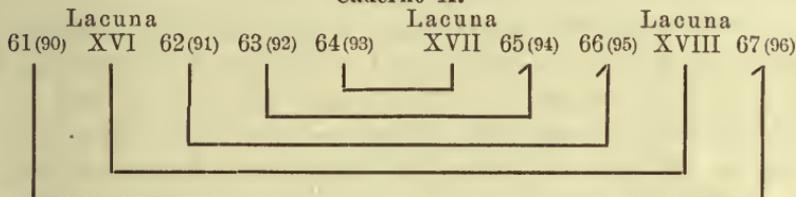
Caderno VIII.

47 (76) 48 (77) 49 (78) 50 (79) 51 (80) 52 (81) 53 (82) 54 (83)

Caderno IX.

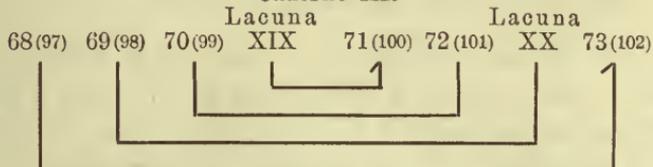
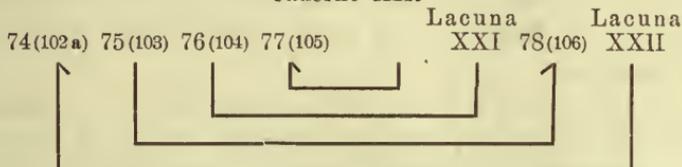
Lacuna XIV. 55 (84) 56 (85) 57 (86) 58 (87) 59 (88) 60 (89) Lacuna XV

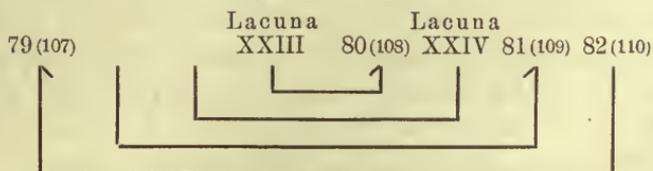
Caderno X.

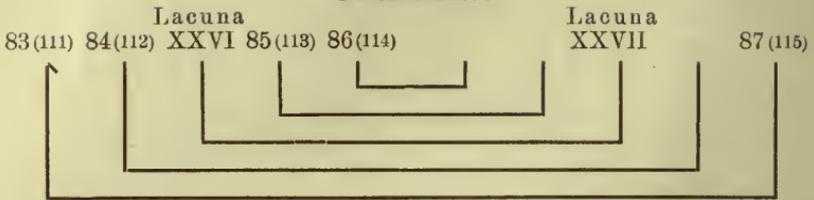
61 (90) Lacuna XVI 62 (91) 63 (92) 64 (93) Lacuna XVII 65 (94) 66 (95) Lacuna XVIII 67 (96)

É o primeiro caderno, composto de cinco folhas inteiras.

Caderno XI.

68 (97) 69 (98) 70 (99) Lacuna XIX 71 (100) 72 (101) Lacuna XX 73 (102)

Caderno XII.

74 (102 a) 75 (103) 76 (104) 77 (105) Lacuna XXI 78 (106) Lacuna XXII

As folhas 104 e 105 conservaram-se presas pelas rebarbas das folhas cortadas. O leitor sabe que 102ª é a que servira de custode do volume.

Caderno XIII.

O cordão está partido. *Parece* faltar um caderno. Lacuna XXV.

Caderno XIV.

Das folhas 112, 113, 114 ficaram as rebarbas. A 115ª (segunda metade de 111), esteve e está collada contra a taboa do fim.

A 88ª(116), que lhes seguia, originariamente, fora collada pelo encadernador, que a encontrou solta e deteriorada, contra a taboa de cima, conforme se assentou repetidas vezes.[1])

Além dos cadernos do principio e do fim, desappareceram portanto alguns no meio do volume: entre I e II; VI e VII e entre XIII e XIV. De quatorze fasciculos só o VIII° está intacto. Do primeiro roubaram uma lauda; do segundo outra; tres do caderno III; duas do IV; uma do V; uma do VI; duas do VII; duas do VIII; tres do X; duas do XI; tres do XII; quatro do XIII; e do ultimo outras tantas, ou mesmo cinco. Por juncto 29 meias-folhas, que talvez ainda se encontrem em cantos reconditos de alguma livraria.

§ 134. *Marcas de registo.* — Das marcas de registo só duas subsistem. Uma inteira a f. 69, repetida a. f. 74, i. é a principio e no fim do mesmo caderno; outra muito cerceada, no fundo da f. 96. A primeira diz XI; na segunda julgo reconhecer XIIII.

Ambas deviam ser nossos guias na apreciação das lacunas e coordenação dos cadernos, mas infelizmente não são guias de absoluta confiança.

Sendo o que tem a marca XIIII o decimo dos que permanecem, devemos concluir, parece, pela falta de quatro dos que o precediam. Mas sendo o sexto o que tem a marca XI, deprehende-se que faltavam cinco! E entre os cadernos registados com as marcas XI e XIIII haviam de, evidentemente, só existir dois. Hoje só estes existem, de facto (f. 76 — 83 = Cad. VIII e f. 84 — 89 = Cad. IX); mas as partes soltas dos cordões accusam neste sitio a falta de outros tantos, conforme já expliquei — o que me levou a introduzir ahi as folhas 121 — 126 achadas em Evora. — Contradicções em toda a parte! Só as lacunas do principio, entre I e II, e VI e VII,

---

1) Essa folha tambem tinha espaço reservado para a Vinheta.

combinam com o calculo que diz respeito á primeira marca. Inavaliavel por indicios externos, supponho por analogia com os apographos italianos que a do principio abrange quatro cadernos, aos quaes juntaremos aquelle que falta entre I e II para inteirar a conta.

Quanto á segunda difficuldade, não sei como sahir d' ella. Não nos podemos valer a serio do expediente barato de postular, houvesse engano na registação das folhas. Nem creio ter completado mal o algarismo truncado, devendo elle ser um XVII, em logar de XIV. Vejo claramente quatro traços *perpendiculares* depois do X. Como a analogia com o **CB** não é igualdade, havendo pelo contrario numerosas divergencias, acertaremos melhor, suppondo que o encadernador collocou mal um ou outro caderno, cujo logar não estava fixado pela continuidade do texto e que as folhas 121 a 126 não devem entrar entre VI e VIII.

Eis como tento resolver o problema, hypotheticamente:

I II III IV Faltam. Lacuna I
V do original = I actual
VI „ „ = Falta. Lacuna III
VII „ „ = II actual
VIII „ „ = III
IX „ „ = IV
X „ „ = V
XI „ „ = VI.

O que integrei como VII (f. 121 — 126) estava deslocado, assim como o outro tambem arrancado, mas que não tornou a apparecer.

XII „ „ = VIII
XIII „ „ = IX
XIV „ „ = X (f. 90 — 96).

O logar dos dois cadernos deslocados e da f. 75 podia ser entre f. 110 e 111[1]) (Lacuna XXV), ou depois da f. 115 (Lacuna XXVIII). A razão por que avento esta hypothese, e não opto pela collocação das dictas laudas entre as f. 46 e 47, nem tão pouco julgo poder antepô-las á folha primeira, resultará, no capitulo subseqüente, do confronto com os cancioneiros **CV** e **CB**.

§ 135. *Idade do Codice* — O minusculo gothico-francês indica a época da execução, mas não o decennio. Datas precisas sobre a

1) Depois do Caderno XVII da disposição primitiva (ou XIII entre os actuaes).

introducção do novo gosto na arte dos calligraphos e illuminadores da peninsula, não estão por ora fixadas.[1]) E' costume collocar vagamente o nosso cancioneiro no sec. XIV. Assim procederam Bellermann e Varnhagen, convencidos da sua identidade com o *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos, o qual estava prompto em 1350.[2]) Apenas Herculano, por cujas mãos passou a maioria e a melhoria do que os riquissimos archivos do reino possuem em foraes, inquirições, leis, chartas e diplomas, estabeleceu a possibilidade de elle pertencer ao sec. XIII. Confessando que os signaes *paleographicos* não permittem assignar-lhe epoca mais precisa do que o seculo de 1279 a 1379, assenta que tanto pode remontar aos principios do reinado de D. Denis como descer até o tempo de D. Fernando.[3])

Não tendo a accrescentar ou a oppôr a este importante dictame do grande mestre nada de materialmente positivo, farei ainda assim algumas observações, tendentes a mostrar que não será muito aventurado recuar de um lustro, até 1275 o termo *a quo*.[4])

Do termo *ad quem* elimino em primeiro logar e resolutamente os ultimos reinados da dynastia borgonhesa, porque Pedro o Crú[5]) e Fernando, o formoso-femieiro, não documentaram interesse algum pela arte apollinea; nem ha motivo para suppôr que um d'elles se lembrasse de colleccionar ou de tirar copias das trovas dos antepassados. Entre o Conde de Barcellos, coevo de Affonso o Bravo,[6]) e D. Denis foi com justa razão movido o pleito pelos que me precederam. Se introduzo a Affonso III na discussão, pelos motivos que resaltam d'estas investigações, creio não exorbitar, mesmo do ponto de vista estrictamente paleographico, pelo motivo seguinte.

---

1) Vid. *Grundriss* I, p. 168—180; especialmente p. 176.

2) Cf. Parte I, *Res. Bibl.* No. 1, 8, 11, 12, 16.

3) Vid. *Memorias Acad.* I, 1, p. 44.

4) Ao fallar, em meado do seculo, dos Cancioneiros, Herculano pisava terreno pouco explorado, que atravessou como curioso muito intelligente, mas de passagem, influido mesmo por alguns dos preconceitos de Varnhagen.

5) Algumas cantigas, na maneira da 2ª época, conservadas no *Cancioneiro Geral* de Resende, e inconsideradamente attribuidas por muitos escriptores ao amante apaixonado de Inês de Castro, são, muito provavelmente, obra do Condestavel D. Pedro, que chegou a ser rei de Aragão († 1466). — Vid. *Grundriss* IIb, 231 e 259 ss. e C. M. de Vasconcellos, *Uma obra inedita do Condestavel de Portugal* em Homenagem a Menendez y Pelayo, Madr. 1899.

6) A respeito da sua supposta actividade litteraria vid. Cap. II.

Graças a Herculano sabemos que já em 1280, i. é no primeiro anno do governo de D. Denis, pelo menos um escrevente da chancellaria regia usava de caracteres inteiramente semelhantes em grandeza e forma aos do Nobiliario e do Cancioneiro. Ora, a pesar da sua immensa leitura, não é verosimil que o foral de Villa-Nova de Alvito, descoberto pelo historiador, seja effectivamente, entre doze mil diplomas conservados, o primeiro e unico nessas condições. Nem tão pouco é de crêr que o jovem monarca, cujo governo constitue pelos ulteriores actos e acontecimentos sociaes uma divisão natural e verdadeira epoca historica,[1]) reformasse logo logo, como estreia, as instituições de seu pae, uma vez que os antigos ministros e servidores d'elle, como D. João de Aboim, se conservaram nos seus postos. Por isso julgo permittida a opinião de o minusculo gothico, vulgarizado em França desde meados do seculo,[2]) ter sido inaugurado em Portugal por influencia do Bolonhês; talvez sob a egide de Aimeric d'Ebrard ou outro dos mestres franceses que educaram seu filho; e exactamente por meio do Cancioneiro, como unica obra belletristica e artistica de vulto do sec. XIII.[3])

§ 136. Seja, porém, como for — e como o **CA** provavelmente não é o primeiro exemplar, mas apenas um treslado, não é essencial para o meu fim fixar data anterior a 1280 para a execução material do codice — uma cousa é certa. O reinante ou filho de reinante que encommendou o codice da Ajuda escolheu para modelo do transumpto o unico cancioneiro que, sendo peninsular, fôra na propria peninsula magistralmente executado em vida de Affonso III: i. é os canticos sacros do Sabio de Castella.

O tamanho e o preparo do pergaminho avitellado, a disposição dos versos em duas columnas, com espaços reservados para a notação musical, as siglas e a orthographia, mas principalmente o *ductus* e a proporção das lettras, o desenho das capitaes ornamentadas, o estylo das vinhetas, tudo quanto descrevi ou ainda hei de descrever, indica com sufficiente clareza que os artistas do **CA**

---

1) Com Affonso III acaba, pela influencia preponderante concedida ao direito romano, o estado medieval da sociedade portuguesa, que Alexandre Herculano chama *visi-gothico-feudal.* Vid. *Opusculos* V, p. 139.

2) *Grundriss* I, p. 173.

3) Na sua excellente *Historia da Administração publica em Portugal.* Gama Barros, ao occupar-se das chancellarias, não derrama luz sobre estas minucias. — Vid. *Livro* II, *Titulo* II, Cap. 2.

se regularam, sem servilismo embora, sobre um dos formosissimos codices alfonsinos, dos que conhecemos, ou mais provavelmente sobre outro exemplar semelhante, mandado a Portugal, onde se perdeu.

Para ficar convencido da paridade, bastará confrontar o nosso fac-simile com os que accompanham a publicação da Academia de Madrid, muito embora ainda não se authenticasse, e talvez nunca se prove documentalmente o facto de Alfonso X ter presenteado a casa real portuguesa com copias das suas obras, quer fosse por amor a D. Brites, sua filha — essa boa alma que foi para Castella pouco depois de enviuvar e fez companhia ao atribulado monarca, quando todos o abandonavam [1]) — quer por deferencia ao rei seu genro, ou para honrar e estimular seu gentil neto, antes d' elle ser coroado. Duvidas a este respeito seriam porém, de um exagero pueril, mesmo se não soubessemos da versão portuguesa das *Sette Partidas,* da *Historia Geral,* das *Flores de las Leyes* e da *Chronica de Hespanha,* nem do volume com *Louvores á Virgen,* guardado na livraria ou na capella de D. Duarte, e posteriormente na Torre do Tombo.[2])

Entre os dois reis de Portugal, D. Denis foi na verdade o que apparentemente seguiu no campo litterario mais de perto o exemplo do Castelhano, pois versejou como elle no campo profano e talvez no sacro, fundou e protegeu os Estudos Geraes, juntou livros e fez verter de linguas estrangeiras obras historicas, como do arabe a *Chronica do Mouro Rasis* [3]) e, se a fama não mentir, do hebraïco alguns livros da Biblia.[4]) Mas Affonso III já lhe dera o exemplo, imitando o sogro, não só ao instituir o Regimento da Casa Real e ao publicar um *coto* das mercadorias, mas tambem na reforma da legislação e na versão de trabalhos castelhanos. Sejam embora devidas á iniciativa de D. Denis a nacionalização das *Partidas* [5])

---

1) O proprio monarca enaltece o seu *grande e verdadeiro amor,* e confessa que *veio padecer aquillo que nós padecemos, para viver e morrer comnosco.*

2) Vid. § 117.

3) Vid. Resende, *Hist. Evora*, cap. XI; id. *Opera Historica* ed. Coimbra p. 47, 14, 50, 247; *Mon. Lus.* XVI, cap. 3; *Acad. Hist.* 1724, No. XVII, p. 9 e XIX, p. 6.

4) É quasi certo que essa biblia não é senão o Livro I da *Historia Geral* de Alfonso X. — Cf. Samuel Berger, *Les Bibles castillanes avec un appendice sur les bibles portugaises* par M^me C. M. de Vasconcellos et S. Berger. — Paris 1899.

5) Bibl. de D. Duarte No. 80. *Mon Lus.* XVI, cap. 30; *Mem. Litt.* I, § 20—29. — Sanchez Moguel, *Reparaciones Historicas,* p. 196s.

e das *Chronicas*[1]) que é costume attribuir-lhe, com tudo o mais que se encontra escrito em português archaïco,[2]) nem por isso os legistas deixaram de nomear o Bolonhês como instigador de uma obra de adaptação: o compendio pratico dos processos ou seja o livro das *Flores do dereito*[3]) composto por mestre Jacobe das Leis, a pedido de Alfonso Fernandez, em vida do Sabio, seu pae.[4])

---

1) D. Duarte possuia a *Estoria Geral* (No. 21). Ha um exemplar na Bibliotheca Regia de Madrid (2-H-3 ou Á); outro na Bibl. Nac. do sec. XIV (x 61); outro no Escorial, segundo *Mem. Litt.* VII, 19; e um treslado tardio e augmentado (até 1455) na *Bibl. Nat.* de Paris (*Fonds. Esp.* No. 4), impresso em parte pelo Dr. Nunes de Carvalho (1863). Quanto ao valor da versão, seguramente feita sobre o texto original da obra, vid. Menendez Pidal, *Cronicas*, p. 8 ss. e *Infantes de Lara*, p. 387. Cf. *Bibl. Critica*, p. 143.

2) D. Duarte possuia dois exemplares No. 26 e 55.

Lembrarei o que Flavio Jacobo Eborense escreveu nas suas poesias latinas (impressas no anno 1596 em Veneza) a respeito de um livro, traduzido de arabigo em português por Pedro Galvão *a instancias de D. Denis*, o qual foi visto em Roma na livraria do Cardeal D. Miguel da Silva, embora essas noticias sejam pouco claras e não encontrassem confirmação. Vid. *Mon. Lus.* XVI, cap. III.

3) Vid. J. Anastacio de Figueiredo, em *Mem. Litt.* I, p. 275 e *Ineditos* V, 454. O velho pergaminho, guardado na Torre do Tombo (*Foraes Antigos*, Maço 6, No. 4) é dirigido pelo legista „uossa fiel cousa“ *ao muyto onrrado senhur don Alffonso fernandez filho do muy nobre e ben auenturado senhur don Alfonso pella graça de deus Rey de Castela e de leon*, mas não contém observação alguma a respeito do traductor ou seu mandatario. O original data inquestionavelmente do tempo do Bolonhês, visto Alfonso Fernandez, o *Niño* (casado com D. Blanca de Molina, neta do Leonês) ter fallecido muito novo em 1281. Vid. *Memorial historico* II e Rodriguez de Castro I, p. 258. Mas isso não é prova de que o texto português seja anterior a 1279! — A letra do codice, tão descuidadamente lançada que talvez o codice do Archivo Nacional seja apenas um apographo, é gothico francês; as maiusculas parecem-se muito com as do Nobiliario; a linguagem e a orthographia são as do Cancioneiro da Ajuda, com ligeiras variantes (*u* por *o* atono e *ô* fechado). No mesmo volume, que é de foraes e leis antigas dos sec. XIII e XIV, ha o *Fuero real* de Alfonso X.

4) Uma filha, um tanto desequilibrada, do Bolonhês e de D. Brites de Castella, parece ter recebido em prova de estima livros do avô castelhano. No seu testamento D. Branca de Portugal, que vivera recolhida nas Huelgas de Burgos de c. 1296 a 1321, legou á então Rainha de Hespanha, a portuguesa D. Maria, os livros e as escrituras que possuia e haviam sido de seu avô castelhano. Além d' isso documentou certo amor ás letras, mandando redigir em hebraïco pelo convertido burgalês Rabbi Abner e traduzir em seguida pelo proprio, ou por Mestre Affonso, um *Livro das Batalhas de Deus*, cujo original foi visto por Ambrosio de Morales. — Vid. J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.* III, 128; Cardeal Saraiva III, 125 ss. e Sanchez Moguel, *Reparaciones Historicas* p. 145 ss.

Quanto á data em que as Cantigas de S. Maria poderiam ter servido de modelo a um colleccionador de versos profanos, apenas posso dizer que o codice toledano foi escrito entre 1257 e 1275.[1]) Os dois escorialenses são posteriores e ficaram concluidos nos ultimos annos do monarca, ou mesmo depois da sua morte.[2]) É porém quasi certo que outros exemplares, com mais ou menos cantares, entre 100 e 400, foram executados no decurso de quasi tres decennios, por ordem de Alfonso X,[3]) que pagava liberalmente uma phalange de escrivães, pintores e musicos.[4]) E qual não devia ser o enthusiasmo dos parentes de Portugal, em vista dos bellos volumes, vindos de Castella, numa idade em que as artes de calligraphia e miniatura, sempre tidas em alto apreço em Leon, na Galliza e em Portugal,[5]) ainda contavam naturalmente pouquissimos cultores. O desejo, ou mais, o dever de os imitar, offertando em troca do Cancioneiro sacro ao monarca-trovador uma collecção dos versos lyricos dos seus cortesãos, quasi que se impunha ao Bolonhês.

O esposo de Matilde de Boulogne havia admirado provavelmente em Paris, antes de 1245, psalteiros, missaes, livros de horas e cancioneiros ou folhas soltas com trovas sacras ou profanas em

---

1) Vid. § 74. Quanto aos caracteres, o snr Paz y Melia que forneceu a descripção dos codices, contentou-se com dizer de cada um d'elles: *en hermosa letra francesa de codices del siglo XIII.* E este facto não era desconhecido a Herculano. Vid. *Hist. Port.* III, p. 401.

2) O *Johannes Gundisalvus* que assigna um dos codices não deixou assente a data em que findou a sua tarefa.

3) *Adeo nihilominus extitit liberalis quod ipsius liberalitas prodigalitatis specie induebat.* Palavras de Frei Gil de Zamora nas Biographias de S. Fernando e Alfonso X, publicadas pelo Padre Fidel Fita.

4) Na Lamina I da impressão academica, o trovador coroado apparece no meio dos seus serventes, sentados nos degraus do throno *aos seus pés,* conforme a lei mandava. Confira-se ainda a descripção das folhas 4v e 5 do cod. T-j-1 (p. 39), assim como Riaño, *Early Spanish Music,* Fig. 27. — Na cantiga **CM 377** Alfonso nomeia um seu pintor Pedro Lourenço que *os seus livros pintava bem e aginha* e **CM 375** um seu escrivão chamado *Bonamic,* talqual um dos mimos franceses de Sancho I de Portugal.

5) Os manuscriptos de origem leonesa são os mais bellamente illuminados que as Hespanhas possuem, anteriores ao sec. XIII. Vid. A de los Rios, *La pintura en pergamino en España hasta fines del siglo XIII* em *Museo Español de Antiguedades,* Tomo III, 1—41 (1874). A respeito de livros illuminados dos sec. XIII e XIV, executados segundo a opinião corrente por ordem de D. Denis, vid. Visconde de Santarem: *Notice sur quelques manuscrits remarquables par leurs caractères et par les ornements dont ils sont embellis et qui se trouvent en Portugal;* e *F. Denis* na *Indroduction* do Missal de Estevam Gonçalves.

francês e provençal, escritas e illuminadas naquelle gosto fino e novo que se ia desenvolvendo na côrte de San Luis.[1]) Pode mesmo ser trouxesse amostras para Portugal, e chamasse escrivães e pintores para a sua chancelaria, onde iniciariam a reforma necessaria. Mas a parte pictorica do codice da Ajuda obriga a votar pela imitação directa de codices alfonsinos, os quaes de resto attestam pelo seu lado a influencia francesa,[2]) como todos os da epoca, de 1275 a 1376.

Dos signaes intrinsecos e da idade por elles assignada, não já ao codice, mas ás obras ahi conservadas, só posso dissertar com proficiencia depois de o leitor conhecer summariamente o conteudo do volume no seu estado hodierno, e o modo como entendi dever completá-lo. Por ora baste dizer que tambem sob este ponto de vista nada obsta a que a obra fosse emprehendida nos ultimos annos do Bolonhês. *Emprehendida*, mas não acabada.

§ 136. *O escrevente.* — O amanuense encarregado da transcripção das trovas, clerigo ou leigo, era em todo o caso um perito, perfeitamente familiarizado com a linguagem e versificação dos trovadores e esmerou-se em reproduzir com toda a exacção os originaes. Pouco estragou, de onde concluo ter sido um peninsular, versado tambem em francês, como se conhece do treslado das unicas duas linhas que o **CA** apresenta naquelle idioma. Mais arriscado é decidir se era português, gallego, castelhano, ou d' Aragão. Algumas formas occorrem nos textos que devemos considerar como hispanismos: de longe em longe *o* e *e* em vez dos diphthongos *ou ei*, ou viceversa *ue* e *ie* em logar de *o e*, um *n* entre vogaes como em *amena*, um *pl* por *pr* (placer pleito), um *c* por *z* (*placer, facer*). Como explicar taes desvios? Teria o rei de Castella cedido ao

1) Ha provas do apreço dado pelo Sabio de Castella a uma obra illustrada, vinda d' essa mesma côrte.

2) Não carece de interesse comparar com os codices indigitados o ms. de Adam de la Halle, datado de 1278 (Arras), ainda que seja só por meio do facsimile pouco exacto, publicado por Coussemaker. Veja-se ainda o *Libro de los Juegos,* acabado em 1283 (Escor. j-T-6); fac.-sim. na *Grande Enciclopedia* (s. v. *Dados*), assim como o *Libro dels Feyts de En Jayme* cujas miniaturas com fundo de azulejos, ainda em 1343 se encostavam aos modelos alfonsinos. Entre as *Cronicas generales de España,* conspicuamente analysadas por Menendez y Pidal (*Cronicas Generales de España*, Madrid 1893) e representadas em boas laminas, nenhuma tem letra igual á do codice. A mais parecida é a da lamina 5.

genro português um ou outro dos seus escreventes e pintores?[1]) Ou serão aquellas irregularidades, não lapsos do escrevente, mas antes idiotismos de trovadores oriundos da Galliza, onde por influencia de Castella houve, pelo menos de 1230 em deante, e ainda ha hoje, não poucas formas estranhas ao verdadeiro fundo gallaïco-português? Creio que sim.[2])

Outras singularidades ha, mas estas orthographicas, e muito raras, como *estrãyo* por *estranho*, que são testemunho da familiaridade do escrevente com textos limosinos da Catalunha.[3])

§ 137. *As Vinhetas.* — Já sabemos que cada um dos 38 Cancioneirinhos de que o livro se compõe hoje, estava destinado a principiar com uma miniatura e letra historiada, mas que nem uma só das vinhetas foi acabada. Em algumas poucas das dezaseis que estão delineadas, (1—16) o pintor começou a colorir as roupagens e as molduras arquitectonicas, mas ainda sem as sombras, e de modo tão incerto como se marcasse ou ensaiasse as tintas.[4]) Em outras treze (17—29) temos o espaço reservado para a vinheta: uns 100 a 115 millimetros quadrados, ou seja 16 linhas da pauta, com mais 8 para a capital.[5]) Nove vezes falta-nos a primeira folha dos cancioneirinhos individuaes que começam no meio de uma cantiga, precedidos, conforme expliquei, de algum espaço em branco.

Eis a lista das Vinhetas:

1º*	Secção	II	f. 4	(120)	Joan Soaires Somesso.
			No. 14		*Quero vus eu ora rogar.*
2º	„	V	f. 15	(54)	D. Ruy Gomes de Briteiros (Desc. I).
			No. 62		*Pois non ei de dona 'lvira.*
3º*	„	VI	f. 16	(117)	Airas Corpancho.
			No. 64		*Quisera m'ir; tal conselho prendi.*

1) O costume era, serem diversos os dois, e isso muito antes do sec. XIII. O famoso livro de psalmos de Fernando I (1055), conservado na bibliotheca da Universidade de Santiago, tem no fim a nota: *Era millena novies | Dena quoque terna | Petrus erat scriptor | Frictosus deniq. pictor.* — Vid. Riaño p. 27.

2) Da linguagem tornarei a fallar no Cap. IX. Das questões orthographicas tratei ao prestar contas do meu procedimento como editora.

3) Cf. *ãy* = *any* no fac-simile do *Libro dels Feyts de En Jayme,* cap. 47.

4) 1, 3, 5, 10 marcados de asteriscos na lista que segue.

5) No Cod. Escor. j-b-1, no qual ha vinhetas de dez em dez cantigas, cada miniatura mede 92 por 80; no mais sumptuoso (T-j-1) 109 por 110, tendo as figuras 65.

4°	Secção	VII	f. 17 (118) No. 68	Nuno Rodrigues de Candarey. *En gran coita vivo, senhor.*
5°*	„	VIII	f. 18 (55) No. 70	Nuno Fernandes Torneol. *Ir vus queredes, mia senhor.*
6°	„	IX	f. 21 (58) No. 82	Pero Garcia Burgalês. *De quantos mui coitados son.*
7°	„	X	f. 29 (127) No. 111	Joan Nunes Camanês. *De vos, senhor, querria eu saber.*
8°	„	XII	f. 33 (69) No. 129	Roy Queimado. *Nostro Senhor Deus e porque neguei.*
9°	„	XIII	f. 37 (72) No. 144	Vaasco Gil. *Muit' aguisad' ei de morrer.*
10°*	„	XV	f. 40^{v} (121) No. 158	Joan Coelho. *En grave dia senhor que vus vi.*
11°	„	XVII	f. 47 (76) No. 185	Desconhecido II. *Pois m' en tal coita ten Amor.*
12°	„	XVIII	f. 48 (77) No. 186	Ruy Paes, de Ribela. *Por Deus vus quero rogar, mia senhor.*
13°	„	XIX	f. 51^{v} (80) No. 199	Joan Lopes d' Ulhoa. *A mia senhor que me foi a mostrar.*
14°	„	XX	f. 55^{v} (84) No. 210	Fernan Gonçalves de Seabra. *Gran coita soffr' e vou a negando.*
15°	„	XXI	f. 59 (88) No. 222	Pero Barroso. *Quand' eu mia senhor convusco falei.*
16°	„	XXII	f. 60 (89) No. 224	D. Affonso Lopes de Baian. *Senhor que grav' oj' a mi é.*
17°	„	XXIV	f. 65 (94) No. 240	Estevan Faian. *Vedes senhor quero vus eu tal ben.*
18°	„	XXVI	f. 66 (95) No. 242	Joan Vaasques. *Muit' ando triste no meu coraçon.*
19°	„	XXVII	f. 67 (96) No. 246	Pay Gomes Charinho. *A dona que ome senhor devia.*
20°	„	XXVIII	f. 71 (100) No. 257	Fernan Velho. *Pois Deus non quer que eu ren poss' aver.*
21°	„	XXIX	f. 73 (102) No. 265	Bonifacio de Genova. *Mui gran poder á sobre min Amor.*
22°	„	XXX	f. 74 (102^{a}) No. 267	Desconhecido III. *Que mal Amor me guisou de viver.*
23°	„	XXXI	f. 77^{v} (105) No. 277	Desconhecido IV. *Senhor fremosa pois me vej' aqui.*
24°	„	XXXII	f. 78 (f. 106) No. 278	Desconhecido V. *A mais fremosa de quantas vejo.*
25°	„	XXXIII	f. 79 (f. 107) No. 281	Pedr' Annes Solaz. *Eu sei la dona velida.*
26°	„	XXXIV	f. 80 (f. 108) No. 285	Fernan Padron. *Se vos prouguess' Amor ben me deria.*

27º Secção	XXXV	f. 81v (f. 109)	Pero da Ponte.
		No. 288	*Tan muito vus am' eu, senhor.*
28º	„ XXXVI	f. 83 (f. 111)	Vaasco Rodrigues de Calvelo.
		No. 293	*Vivo coitad' en tal coita d' amor.*
29º	„ XXXVIII	f. 88 (f. 116)	Roy Fernandes de Santiago.
		No. 308	*Se om' ouvesse de morrer.*

Carecendo de principio as secções I, III, IV, XI, XIV, XVI, XXIII, XXIV, XXXVII faltam-nos as vinhetas com que abriam as cantigas de Vaasco Praga de Sandim, Pay Soares de Taveirós, Martim Soares, D. Fernam Garcia Esgaravunha, Joam d'Aboim, Rodrigu' Eannes Redondo, Mem Rodrigues Tenoiro, Joam de Guilhade e Martim Moxa.

O nosso fac-simile heliotypico que reproduz a primeira miniatura dá ideia de todas. A moldura architectonica accusa, em harmonia com a letra, pelo estylo de transição, gothico (cheio de reminiscencias romanicas) os fins do sec. XIII ou a primeira metade de sec. XIV.

Ella é de resto muito convencional e repete-se com ligeiras variantes em todas as vinhetas.[1]) Columnas muito esguias, de capiteis com folhagem ampla, sustentam invariavelmente um arco ogival, de tres, cinco ou sette lobulos. Dois torreões flanqueiam a construcção superior, arrematada por um ediculo que occupa dois terços da largura. O cume está encimado de uma flor, quasi sempre cortada, ou cerceada pelo encadernador. A luz entra por tres frestas, sendo as do lado rectangulares e a do centro ora redonda, ora em trifolio, ou quadrifolio. A scena passa-se, por via de regra, entre as mesmas tres pessoas, symmetricamente agrupadas sob a arcada. Só uma vez, na vinheta 2ª, ha apenas duas, por vontade ou por lapso do desenhador, e não porque o harpista com o seu elegante instrumento não deixasse espaço sufficiente para a figura do meio.

Á esquerda vemos sentado num escabello, coberto de alcatifa, um personagem, de saia comprida, ou saia e manto, muita vez de perna cruzada, em attitude e com gestos de quem ensina, bate o compasso, ou escuta. Deve representar o mestre-trovador.[2])

Em face d'elle, occupando o centro, está postado o jogral executante, de saio curto, tocando um instrumento de corda: *viola,*

1) Vid. Lamina 1, 2, 6, 7, 9 e 10 do cancioneiro alfonsino, posto que em nenhuma a architectura seja igual á nossa.

2) Um *m*, inscripto no chapeu do trovador, na vinheta VI, talvez não seja da primitiva.

de arco, ou *guitarra* de *pennula* (*citara* na linguagem dos trovadores). Em uma das scenas (6), movendo o arco com alegre paixão, esse menestrel esboça um passo de dança que faz recordar o verso do arcipreste:

Ca vihuela de arco faz dulces bayladas.

Geralmente (5 a 14, e 16), está em pé; sentado só quando o tamanho do instrumento assim o exige: no chão, com harpa (9 e 11), ou num escabello baixo e singelo, sustentando no regaço um psalterio (1—4). Nestes casos o jogral apparece mudado para a direita, tendo cedido o seu logar á terceira figura: a bailadeira ou cantadeira que na maioria dos casos está collocada á direita.

Honestamente vestida, com roupagens roçagantes que lhe escondem os pés, o corpo em gracioso movimento, a rapariguita, de braços mais ou menos levantados, faz vibrar as castanhetas (3, 4, 7, 13—15), sacode o caracteristico pandeiro de guisos (6. 16) ou está queda, de mãos vazias, a cantar com voz que devemos suppôr fresca e um tanto acre, como laranjas em março (5, 8). Numa occasião a pequena sentou-se de cansada (12). Em outra, é substituida por um moço, especie de menino de côro ou *monaguilho,* ou então o fidalgo-aprendiz que canta (7). Tambem occorre um segundo jogral accompanhar o tocador de rabeca com os sons da sua harpa.[1])

Os typos humanos, de uma esbeltez extraordinaria que lembra o estylo francês, ostentam attitudes variadas, não isentas de graça nem de brio. Entre os rostos, sem barba, de cabello comprido, graciosamente encaracolado, ha alguns bem galantes e expressivos, a tres quartos de face. Os de perfil pelo contrario sahiram todos algo grosseiros e pouco differenciados.[2]) Os instrumentos são de notavel elegancia, principalmente as harpas e psalterios, mas tambem as violas de arco e as guitarras de pennula.[3]) As castanholas rectangulares e compridas, de um typo que parece perdido,[4]) o

1) O leitor encontra um estudo sobre as vinhetas, de Joaquim de Vasconcellos, na Introducção de Ferdinand Denis ao bello *Missal* de Estevam Gonçalves (Paris 1877—1880).

2) Confira-se o mestre, das vinhetas 8 e 15; o jogral, de 1—4, 9 e 11; a bailadeira de 5, 7, 8, e o rapaz de 10 com os perfis da Lamina I e Riaño 40, 1 e 4; 43, 2; 45, 4.

3) Como o debuxo é quasi sempre incompleto, só de contornos, não se reconhece, se a guitarra é mourisca ou latina, de tres ou de quatro cordas.

4) Cf. Riaño, Fig. 40, 4. — Serão as *tablas* dos trovadores provençaes?

rustico pandeiro circular, em mão feminina, que Alfonso X excluiu da musica sacra dos Louvores e Milagres, dão ás nossas scenas gallaïco-portuguêsas um feitio á parte.[1] Pode ser comtudo que os modelos directos, de absoluta concordancia, fossem achados por quem folheasse de vagar os codices escorialenses. Dispondo unicamente das dez laminas chromolitographicas que adornam a edição madrilena, e das gravuras que illustram tanto o *Ensaio Musical* de Riaño[2] como a *Indumentaria* de Aznar,[3] só posso dizer que a imitação é evidente e que se nota pouquissima originalidade nas construcções, nos trajes e nas caras, mas alguma nos instrumentos musicaes e nas attitudes. As miniaturas que serviram, a meu vêr, de fonte de inspiração ao artista português são as que mostram o rei de Castella no meio dos seus jograes, musicos, escrivães e cantadeiras[4], e tambem os quarenta quadrinhos do codice menos rico,[5] em que são representados, invariavelmente, sobre um fundo de azulejos em moldura singela, dois jograes[6] com os seus instrumentos, ou ás vezes um só artista. Reduziu as primeiras e alargou os outros, pela introducção do mestre-trovador, substituto do rei.

Um indiculo sem o debuxo vale pouco. Mas como o publico ainda carece d'elle, julgo de meu dever, não supprimí-lo.

1°. Mestre; rapariga com castanhetas; jogral com psalterio.
2°. Id. jogral com harpa, sentado.
3°. Id. bailadeira de braços erguidos, dançando ao som das castanholas; jogral com psalterio, sentado.
4°. Id. id. id., mas com differença em todos os pormenores.
5°. Id. jogral com guitarra; cantadeira.
6°. Id. jogral com viola de arco; rapariga com pandeiro.

---

1) O *adufe*, pandeiro quadrado, de origem mourisca, como indica o nome, citado na cantiga **CV 838**, e os mais instrumentos de percussão e sopro, mencionados de passagem (*trompas e atambores*) para os generos mais vulgares, gratos á arraia miuda (**CV 965**), entrariam porventura nas vinhetas arrancadas.

2) F. Riaño, *Early Spanish Music*, London 1887. — Veja-se as figuras 40, 4; 43, 5; 46, 1; 47; 50, 2–3.

3) P. Aznar, *Indumentaria Española*, Madrid 1880.

4) Vid. Lamina I; e Riaño p. 48.

5) Entre as 1257 miniaturas do sumptuoso codice T-j-2, predominam as scenas que são illustrações dos milagres de N. S.

6) Vid. Lamina X que pode dar ideia do efeito das figuras no **CA**, depois de promptas. Já chamei a attenção para o *Libro de los Juegos* e para o *Libre dels feyts de En Jaime.*

7°. Mestre; jogral com guitarra; rapariga (ou rapaz?) com castanholas, escutando.
8°. Id. jogral com viola; cantadeira.
9°. Id. jogral com viola; segundo jogral, a tocar harpa, sentado no chão.
10°. Id. jogral com guitarra; rapaz escutando ou cantando.
11°. Id. jogral com guitarra; segundo jogral a tocar harpa, sentado no chão.
12°. Id. jogral com guitarra; rapariga com pandeiro de guisos, sentada num escabello.
13 e 14°. Id. jogral com guitarra; rapariga a tocar castanholas.
15°. Id. rapariga dançando, com castanhetas nas mãos erguidas; jogral com psalterio, sentado.
16°. Id. jogral com guitarra, rapariga com pandeiro.[1])

§ 138. *Abreviaturas.* — Entre os signaes empregados pelo escrevente não ha um só desusado ou de significação duvidosa para quem estiver medianamente versado em paleographia. *Nem encontrei um unico que faltasse nos codices alfonsinos.*[2]) Ainda assim, foram reproduzidos imperfeitamente na edição de Lord Stuart, onde os confundiram a miudo. Tambem na de Varnhagen os desdobramentos erroneos não escasseiam.[3]) Em vista d'isso e de certas observações recentes de um dos mais abalizados paleographos portugueses a respeito do **CA** e de siglas evidentemente trocadas de que os apographos italianos andam eivados, parece-me que terá alguma utilidade o quadro que organizei, unicamente com o fim de prestar contas do processo por mim empregado ao desenvolver as ligaduras do velho pergaminho.[4])

As siglas usadas — sobrepostas ás lettras na maioria dos casos — são um ponto quadrilatero: ◆◆◆◆ accompanhado de traço

1) Na maioria dos casos ha dois instrumentos, sendo um de percussão. Temos viola e pandeiro (6); guitarra e pandeiro (12 e 16); guitarra e castanhetas (7, 13, 14); psalterio e castanhetas (1, 3, 4, 15); viola e harpa (9); harpa e guitarra (11). Sómente viola de arco (8); guitarra (5 e 10); harpa (2).

2) O emprego de siglas é incomparavelmente menos freqüente no **CA** do que nos codices alfonsinos e nos apographos italianos.

3) Em vez de *bõa, endõado, perdõar, avẽo, tẽes* imprimiram *bona, endonado, perdonar, aveno, tener;* em vez de *ũa, algũa, uma* e *alguma.*

4) Por ellas se reconhece como é que nasceram certas graphias dos cancioneiros achados na Italia: *tirã, tirãs* por *terra, terras; pãz* por *praz; prazã* por *prazera* etc.

obliquo; um til horizontal ~; til vertical ɩ; ponto e til combinados ~; ı sem ponto (ı), como sempre no nosso pergaminho; c invertido (ɔ); a conhecida ligação 9; um ponto com traço obliquo que atravessa o ſ de aste comprida: ſ; um traço horizontal que atravessa a perna de p: ꝑ; outro recurvado, em prolongamento da parte bojuda do p, e que por vezes torna a cortá-lo segunda vez: ꝓ, ꝓ.

O emprego d'essas siglas é naturalmente systematico, mas o systema não foi seguido com rigor absoluto. O escrevente utilizou-as ou deixou de as utilizar a belprazer, regulando-se em geral pelo espaço disponivel e olhando para que os versos de uma canção sahissem igualmente longos. A mesma palavra apparece por isso escrita de tres ou mais modos; v. g. *sempre, senpre, semṗ, sėṗ, sẽp*; *desamparado, desanparado, desāparado, desāpado*; *quiſer, qᶦſer, qᶦſ, quiſ, q̃ſ*. Varios signaes exercem a mesma função. Ás vezes, faltam por descuido;[1]) outras vezes estão um pouco deslocados, dando margem a soluções diversas, entre as quaes deve escolher-se a que o sentido reclama[2]), ou que a evolução lingüistica exige.[3])

Quanto á sua função, ponto (ou til) sobre vogal, representa nasalização, quer esteja em fim de palavra (1), quer seguida de outra vogal (2) ou de consoante (3). Seguido de *n*, indica de longe em longe o som palatal (4), representado geralmente por *nn*, e só por excepção por meio de *ỹ*, á moda limosina (5). Sobreposto ao *y*, em palavras como, *aẏ* = *há i* e *ẏa* = *i há, eẏ, receeẏ, maẏor, maẏs, morreẏ, direẏ* etc. o ponto não pode ter outro destino se não o de distinguir essa vogal, identica a *í*, com o qual alterna *ad libitum*, do *ij* bisyllabico (*ıȷ* ou *ıı*) que é freqüente em português antigo.[4]) Mas esse emprego é puramente facultativo, e nota-se apenas numa pequena percentagem dos casos.

---

1) Principalmente *til* e *cedilha*.

2) *Ua* p. ex. com o til inclinado para a direita, tanto pode ser *ũa* < *una* como *uã* < *vadant*, tendo nós de lêr *ũa* sempre que o sentido e a grammatica exigem o artigo indefinido, e *vã*, onde necessitamos do verbo. O expediente rigorista do Snr Ayres de Sá, que põe *uã* cada vez que se nota a mais ligeira declinação (conforme expliquei no Cap. I No. 76), não merece imitação num texto criticamente editado.

3) *Soo*, com o til no meio das duas vogaes, ou inclinado para a ultima, podia lêr-se *soon* ou *sõo*. Est' ultima forma de *son* = *sum* (tornado bisyllabico pelo accrescento de um *o* analogico, para marcar a 1 ps. sg.) é a que se deve escolher.

4) Em *viinda, ijmigo, fiinda, triindade* etc.

Estando em fim de palavra, sobre qualquer consoante, inclusive *u*-consoante, o til horizontal ou vertical, substituido ás vezes pelo simples ponto, representa *êr, ér* (6) e raras vezes *ar*. Excepcionalmente tem esse mesmo emprego no meio de palavras. Em varios casos, principalmente depois de *p, b* e *t*, significa *re*.

No quadro que segue apresento juntas as abreviaturas de syllabas em que entra a consonante *r* (7)

(1) c̃ = en
cõ = con
nõ = non
sõ = son
bc̃ = ben
nc̃ = nen
mĩ = min
quã = quan
deuiã = devian etc.

(2) algũa
ũa
bõa
gãar
põer
tẽer
sõo
uẽer
uĩır
uẽo
endõado
perdõasse

(3) cãtiga = cantiga
cõt' = contra
mũdo = mundo
nũca = nunca
ṗgũtar = preguntar
desãpado = desamparado
sẽp' = sempre
uiỹgad = viyngad.

(4) pẽnor = penhor
sẽnor = senhor
aũgõnar = avergonhar

(5) straỹasse = stranhasse.[1])

(6) au' = aver
diz' = dizer
faz' = fazer
praz' = prazer;
foz' = fezer
mest' = mester
moll' = molher;
mostr' = mostrar

(7) u'dade = verdade
au'gõnar = avergonhar
fez'a = fezera
t'ra = terra
t'ras = terras.[2])

Sobreposto a *q*, o ponto e o til indicam suppressão de *ue* (8); a de *ui* é marcada por ı (9); a de *ua* por pouto e til ligados (10)

(8) aq̇ſta = aquesta
aq̇ſte = aqueste
daq̇n = d' aquen
q̇ = que
q̇n = quen
q̃r = quer
q̃q̃r = quequer
q̃ira = queira
q̃ixedes = queixedes
q̃rri = querri(a)
q̃rrei = querrei
q̇rer = querer
busq̃i = busquei
fiq̃i = fiquei

(9) aqı = aqui
aqıſto = aquisto
qıs = quis
qıſer = quiser
qıtar = quitar

(10) q̃l = qual
q̃n ou q. = quan
q̃ndo = quando
q̃nto = quanto.

---

1) No Nobiliario encontro *araỹa = aranha;* nas Cantigas de S. Maria *agỹa = aginha; mecỹa = mécinha;* e *uỹ e pan = vinh' e pan.*

2) Nas Cantigas de S. Maria occorre tambem *u'mẽ = vermen* (**CM 69**).

Sobreposto a *g*, ponto e til ligados indicam a falta de *ra*; e só em dois casos a de *ua* (11)

(11)	ğn = gran	ğue = grave[1]);
	ğnd = grand	ğrir = guarir
	ğcir = gracir	ğrdar = guardar
	ğdo = grado	

Sobrepostos a *p*, ponto ou til figuram *re* (12); ponto e til *pra* (13); *ı* sobreposto, *pri* (14); *p* cortado por linha horizontal equivale a *per* (15); mas tambem a *par* (16); cortado por linha recurvada deve lêr-se *pro* (17).[2])

(12)	ṗgũtar = preguntar		ṗſtar = prestar;
	ṗnder = prender		pder = perder
	ṗndo = prendo		pdud = perdud
	ṗto = preto		pdon = perdon
	ṗito p'to = preito		po = pero
	ṗz = prez		empador = emperador
	semp̃ semp' = sempre		
		(16)	pte = parte
(13)	p̃z = praz		ptir = partir
			āpado = amparado
(14)	pⁱx = prix		
	pⁱmã = primeira	(17)	pl = prol
			puar = provar
(15)	p = per		puguer = prouguer.[3])
	pço = perço		

Escripto ao lado de *t* ou *b*, as abreviaturas ꞏ ~ ʼ ~ equivalem a *ra*, *re*, *ro*

(18)	añt = antre	out~ = outra.
	cõt' e cõt~ = contra	sob' = sobre.

Um *ſ* longo, traçado, equivale a *-ser* nas palavras

(19)	quiſ = quiser	ſuiç = serviç
	quiſdes = quiserdes	ſuir = servir;

c invertido significa *con* em ⁊sentir; ꝯ é *us* nas palavras seguintes

(20)	deꝯ = deus (tambem occorre *d's*)	teꝯ = teus
	meꝯ = meus	uꝯ = vus.

Além das abreviaturas citadas notei ainda: *s̃ca* = sancta; *s̃caren* = sanctaren; *nro* = nostro; *Xpo*-Christo. — Nada mais.

1) No. **CM** encontro ainda *consağnd* = *consagrand*.

2) *Por* costuma andar escripto sem abreviatura.

3) Não admira que os copistas italianos trocassem ás vezes p e p, escrevendo *puguer puar*. Mas o restaurador de textos não deve sanccionar taes erros. É crime de lesa-critica imprimir *peruguer peruar*. — Vid. *Res. Bibl.* No. 76.

§ 139. *Notas marginaes em cursivo.* — Rara é a folha do cancioneiro em que não se lê uma nota mais ou menos interessante em cursivo.[1])

Divido-as em tres categorias: 1°) meras correcções de erros; 2°) avisos practicos do escrevente ou revisor para o pintor das maiusculas e copista da notação musical; 3°) reflexões de varios leitores que se entretiveram a recamar a obra dos antepassados com glosas, ora serias, ora galhofeiras.

§ 140. As da primeira e segunda classe parecem todas da mesma mão.[2]) De uma letra muito fina, miudinha, facil de rasurar, foram traçadas por quem, tendo o dever e o empenho de não afear o codice, calculava que seriam apagadas por meio da raspadeira ou de corrosivos, mal tivessem cumprido o seu destino. — Devem ser portanto obra do proprio escrevente (a quem estou disposta a attribuir as correcções, executadas sem auxilio de notas marginaes); ou então provêem de pessoa, incumbida por quem mandara colleccionar as trovas, de revêr o treslado e vigiar pela sua absoluta fidelidade. Neste caso seriam tambem do revisor, e não do escrevente, as minusculas lançadas, com a mesma tinta adelgaçada e de traço igualmente fino e elegante, nos claros deixados abertos para as iniciaes de côr. Ou então a calligraphia de ambos era semilhante a ponto de hoje se confundirem. Fallando do *revisor,* deixarei ao criterio do leitor, o distinguí-lo ou identificá-lo com o escrevente. Varias considerações levam-me a acreditar na actividade de ambos.[3])

Esse cursivo é evidentemente da idade do codice. Parecido a todas quantas amostras de gothico cursivo se veem em tabellas paleographicas, aproxima-se muito da do *Septenario* de Alfonso X.[4]); é quasi igual ao typo empregado na versão portuguesa da *Cronica de España* que se guarda na bibliotheca regia de Madrid,[5]) e ainda a outra mão que lançou notas em livros de registo da chancellaria de Affonso III., distinguindo-se comtudo de todas pela maior finura, pequenez e formosa regularidade do traço.[6])

1) Os editores antigos repararam apenas em algumas das mais salientes.
2) Isto com pouquissimas excepções, a que mais abaixo me refiro.
3) Em todo o caso, o trabalho fez-se em dois tempos.
4) *Grundriss* I, p. 174, Tab. IV.
5) Marca 2-H-3. — Vid. Ramon Menendez Pidal *Cronicas* No. 8.
6) Foi o Snr general Brito Rebello, conhecedor distincto e freqüentador assiduo da Torre do Tombo, quem teve a bondade de me informar ultima-

§ 141. Das emendas posso tratar summariamente, sem grande dispendio de palavras, porque as tomei na devida consideração, no acto de redigir o texto, prestando contas nas notas que o accompanham, ao fundo das paginas,[1]) posto que sem me espraiar demasiadamente sobre minucias, de pouco ou nenhum peso.[2]) Não dediquei p. ex. nota especial a cada espaço onde uma lettra foi supprimida por meio de rasura; cada palavra que se destaca com tinta um pouco carregada sobre pergaminho raspançado; cada inicial indicada apenas em minusculo; cada correcção que apparece em duplicado, primeiro á margem, ou entre linhas, e depois, repetida no texto.

O leitor possue, na pagina fac-similada e na obra de Ayres de Sá amostras que podem servir de bitola para avaliação tanto da somma de trabalho e cuidado expendida pelo velho copista e seu revisor,[3]) como tambem da exacção com que aproveitei todos esses elementos.[4]) Isso emquanto a Academia não publicar uma edição heliotypica.

O systema adoptado pelo escrevente e revisor na rectificação de erros involuntariamente commettidos, não se afasta da praxe, sendo em tudo igual ao que vigorou na execução do Cancioneiro de S. Maria.[5])

---

mente d'esta coïncidencia. É verdade que, na opinião d'elle, as notas do **CA** são posteriores ao texto.

1) Vol. I sob No. I: **Texto e Variantes.**

2) Ponho ao dispôr de quem os quiser utilizar todos os meus apontamentos.

3) Nas oito cantigas reproduzidas por Ayres de Sá ha 25 emendas: 4 letras completamente eliminadas; 6 parcellas rasuradas e em seguida retocadas; 5 igualmente rasuradas e corrigidas, subsistindo ainda, á margem, o padrão para as emendas; 6 accrescentos ainda não introduzidos no texto; 3 letras riscadas e pontuadas; e um accrescento intercalado directamente no texto.

4) Compare-se as *Notas* que accompanham as cantigas **257—264** do **CA** com as que lhe foram dedicadas pelo auctor de *Frei Gonçalo Velho* a p. 132—140. Ainda assim a sua reproducção não é de modo algum »quasi« photographica, visto que desenvolveu as abreviaturas, acentuou vogaes onde o julgou de necessidade, collocou o signal til onde deve estar segundo a graphia moderna, e indicou entre parentheses as letras supprimidas por elisão: tudo isso não sem errar. — Cf. *Res. Bibl.* No. 76.

5) Não sendo poucos os erros de escripta rectificados no **CA**, parece-me todavia, pelas notas que accompanham as Cantigas de S. Maria e pelo proprio texto, que os amanuenses do Sabio escorregaram mais vezes.

Reconhecendo erros durante o trabalho, o copista emendava-os acto continuo, conforme indicam palavras de letra igual á do texto, accrescentadas ou antes entaladas no proprio logar e numerosos trechos curtos, de uma só lettra até vinte ou mais, escriptos sobre pergaminho respançado, sem que á margem se descubra em cursivo a emenda, ou signal de que lá estivesse.[1]) Outras vezes, somnolento ou menos bem disposto para a tarefa, contentou-se com simples cancelação de letras sobejas. Na maioria dos casos os erros foram todavia reconhecidos durante a revisão final. Onde se tornava necessario substituir passagens, as emendas eram então lançadas á margem, accompanhadas de um signal de chamada (traço obliquo, ás vezes com dois pontos no fundo; dois tracinhos obliquos, ás vezes ligados por um travessão) que se vê repetido no texto, no logar competente. Muitos exemplos ha de que estas emendas foram attendidas. Raspançado o trecho errado, era introduzido o que se lia e lê á margem. Isso com mais ou menos exacção, empregando-se abreviaturas ou resolvendo-se as do revisor,[2]) conforme a opportunidade, e não sem se commetterem enganos novos de ambas as partes.[3]) A miudo as rectificações necessarias foram porém desattendidas, evidentemente porque o trabalho parou, sendo obrigação do editor moderno o aproveitá-las.[4]) No meio do texto nota-se, além d'isso, freqüentemente letras superfluas, canceladas e subponteadas — o que indica estarem condemnadas á suppressão. Onde os cortes abrangem syllabas ou palavras inteiras, não passaram desapercebidos aos ajudantes de Lord Stuart e Varnhagen; mas quasi sempre, onde se trata de uma unica letra.

---

1) De longe em longe aconteceu deixar rasuradas palavras que exigiam substituição, sem preencher a lacuna, quer fosse no texto, quer á margem. Vid. **240**, 7.

2) Onde á margem encontro: *q̄ro bē sofrer porē q'sestes*, vejo no texto *quero ben soffrer poren quisestes*. Na cantiga **CA 258**, 15 o escrevente copiara *e uos dix o grand amor que ei.* Junto a *que* ha chamada, á margem ló-se *uos* de sorte que o editor deve imprimir *e vos dix' o grand' amor que vos ei.*

3) Na cantiga **259**, 9 o copista enganou-se. O revisor, ao lançar á margem a emenda *uos q̄ro muẏ gran bē*, omittiu a palavra *eu*. Notando isso, o corrector, tendo respançado o trecho errado, escreveu *uos eu quero muy gran ben.*

4) O leitor encontra dois exemplos no nosso facsimile. Uma vez o escrevente posera *ouue//* **14**, 15, omittindo o *e* final,, que apparece á margem; a outra vez **15**, 3 escapara (*re*)cey, em logar de *reçeey*, sendo riscado *cey* e lançado á margem *çeey*, ambas as vezes com chamada.

Dão prova do escrupulo com que o revisor procedeu os casos nada raros em que substituiu *uos* por *uus.* Igualmente muitos onde cortou vogaes no fim de palavra que haviam de ser eliminadas no canto e na contagem das syllabas, segundo o systema arithmetico em vigor entre os trovadores, embora, ao nosso ver, não estragassem o metro, dando-lhe pelo contrario mais alguma amplidão e elasticidade. Tambem ha exemplos de o escrevente, insurgindo-se contra a fidelidade litteral que lhe fora recommendada, haver corrigido falhas e erros evidentes do original — cortando syllabas que, sem serem precisas para complemento do sentido, estragam o metro — arbitrariedade que levou o consciencioso revisor a re-introduzí-las novamente. Veja-se a cantiga 257, 8 onde no texto se lê *pero uus amo mais camin nen al,* e á margem *pero que.* — Não está na nossa mão verificar quando o revêdor se enganou. Em todo o caso as suas lições são algumas vezes inaceitaveis. Na canção **11**, 18 riscou p. ex. o adverbio *ia,* sem o qual o verso claudica. Havendo no **CB** um *ia* sobrecellente no verso immediato, imagino que o erro provém do original primeiro. Ahi haviam escripto a palavrinha por engano nos versos 18 e 19; cancelaram em seguida o segundo. O copista omittiu-o por isso, e o revisor, não encontrando no apographo nenhum *ia* riscado, traçou precipitadamente o da linha 18.

§ 142. Segue a lista dos pequenos erros, que foram marcados durante a revisão, mas não sanados, porque são esses que mais facilmente escapam á vista de quem lê.[1])

5, 27. O copista escrevera *logo.* O revisor riscou e pontuou a vogal do fim, para indicar que devia ser raspada.[2])

11, 5. No texto temos *qeu eu ňon sei,* achando-se cancelada a palavra *eu* que estragava o metro.

15, 3. Encontrando no texto *re cey,* o revisor teve de lançar á margem a emenda *(re)çeey.*

18, 4. Está escripto *me aqueste;* mas cancelado o *e* de *me.*

18, 6. O escrevente pôs *comigo.* Em seguida, a primeira syllaba foi traçada.

19, 23. A letra final de *soffro* anda marcada com um ponto. Por isso, eu devia tê-la supprimido.

---

1) Omitto em geral as correcções, lançadas á margem, das quaes ja me occupei nas notas que accompanham o texto, referindo-me a ellas sómente onde tenho de retocar alguma indicação menos precisa.

2) Se o primeiro houvesse reconhecido o erro no acto de escrever, servia-se logo da raspadeira, sem recorrer a um processo muito mais demorado.

26, 7. No texto está *ela*. A suppressão do *a*, que é absolutamente necessaria, foi prescripta do modo usual pelo revisor.

37, 14. Querendo escrever *poder se poderei*, o copista metteu duas vezes *poderei*. Reconhecendo o lapso, o revêdor pontuou as ultimas letras da primeira palavra.

40, 19. Tambem a final de *ualuera* está pontuada. Devemos portanto lêr *valver'*, conforme indiquei, incluindo o *a* entre parentheses.

42, 4. Depois de *uos*, acha-se escripto um *u9* superfluo, sendo a suppressão indicada como de costume.

42, 23. A final de *ouuera* está traçada e marcada com o ponto. É pois correcta a lição *ouver'* que adoptei.

42, 31. O copiante enganou-se, escrevendo *oyredes*. Em seguida pontuou-se a syllaba *re*.

43, 23. *Fallei*, como se acha no pergaminho, tem o segundo *l* marcado a ponto.

44, 7. Este verso tem um *ar* superfluo, riscado para que o rasurassem.

50, 14. Em logar de *prend*, o copiante escrevera *porend;* a letra inutil está pontuada.

53, 27. No original lê-se: *de me matar ou de me guarir*. O segundo *de* está assignalado como de costume.

81, 2. Aqui o lapso consiste em terem introduzido quatro syllabas inuteis, pondo: *e non lhe lo ouso dizer quer eu ia mais negar*. Varnhagen imaginou que saltando de um verso para o seguinte, o copista omittira o final do primeiro e o principio do segundo. Diez, observando que a estrophe está completa, quis riscar *dizer quer eu*, emenda que satisfaz, no metro e no sentido. Mas ainda assim não a podemos aceitar, visto que os amanuenses pontuaram as palavras *ouso dizer*, lançando á margem uma cruz para chamar a attenção da pessoa a cujo cargo ficava a ultima correcção dos erros notados.

83, 2. Sobeja a syllaba *ben*, antes de *querer ben*. Por isto está riscada; emenda á qual Varnhagen se cingiu.

85, 17. Um *e* no principio do verso, antes da formula *per bõa fe*, está marcado com o pontinho que indica suppressão.

93, 4. A final de *mundo* acha-se marcada. E esta é a unica emenda de copista, que Lord Stuart teve em conta.

95, 6. O erro *mio* foi apontado, estando riscada e pontuada a ultima letra.

96, 15. O copista commetteu erro, pondo *mui gran*. Varnhagen reparou no traço que inutiliza a primeira syllaba.

96, 27. Em *seria* por *será*, a necessidade de raspar o *i* está figurada como de costume.

103, 9. Um *e* entre *donas* e *parecer* tem o signal que o condemna. Varnhagen executou a ordem.

105, 20. O copista enganou-se principiando *des*, antes de *sempre*. Reparando no lapso, parou e riscou *de*, pontuando-o.

117, 13. Em logar de *al* escreveu *qual*, tendo de riscar e pontuar as letras do principio.

117, 14. Pensando ainda no verso anterior escreveu *ogeu* e teve de inutilizar *og*.

129, 18. Pelo mesmo motivo temos um *ia* erroneo antes de *nunca*, mas traçado e pontuado.

129, 24. A final de *posso* e *conselho*, por não contar por syllaba, foi riscada e marcada.

133, 25. Tendo de copiar *perderia* o copista enganou-se, escrevendo *poderia*. Reparando no lapso pontuaram o *o*, e emendaram o *p*, dando-lhe a forma p.

134, 7. *Eno*, como o copista deixou escripto, foi abreviado, riscando-se o *e* e pontuando-se o *o*.

139, 2. No texto *ueia*, com a final pontuada. Á margem, *o*. — Varnhagen pôs correctamente *vejo*.

159, 6. Na rima *min* a nasal está riscada, emenda necessaria que por descuido não observei.

167, 6. A conjuncção *e*, antes de *que*, está pontuada, conservando-se a final de *falasse*. Ainda assim teremos de ler *falass' e que se doesse*, conforme imprimi.

167, 26 e 28. O escrevente começou as *findas* com *c* minusculo. Por isso o revisor lançou á margem duas vezes *C* grande.

167, 30. O lapso *ren dizer ren* obrigou-o a cancelar a ultima palavra.

170, 12. Em *cuido* a vogal do fim está pontuada.

170, 16. O lapso *deo* obrigou a riscar e pontuar *o*.

171, 19. Em *ouuesse* sobeja o *e* final, condemnado a desapparecer.

172, 10. Estando riscado e pontuado o pronome *eu*, devemos lêr *ca estou de vos como vus direi*.

175, 1. O escrevente posera *de uus eu ueer*. Riscaram-lhe o *eu*.

179, 12. Em *ouuesse* a final está traçada e pontuada.

183, 15. *E o conselho ia o eu hy fillei*, estando vigorosamente traçado o *hy*. Por isso mesmo Varnhagen já o supprimiu.

203, 6. O copiante escreveu *nenen*. A primeira syllaba está riscada e pontuada, intimação a que Varnhagen obedeceu.

203, 8. A final de *quando*, superflua por não formar syllaba, foi cancelada e pontuada.

217, 1. Principia *A*, e non *Ay*. Corte e uma cruz á margem mostram que o escrevente ou o revisor notou o erro.

231, 18. Em logar de *ei*, o copista escreveu *sei*, erro emendado na forma do costume.

232, 14. Querendo pôr: *e dereit' é de sempr' andar assi* enganou-se, pondo *e dereit e dandar sempr andar assi*. Não falta o corte, nem os pontos.

234, 19. Deante de *poren* um *e* superfluo está traçado e pontuado.

238, 18. Em *guarria*, o primeiro *r* está marcado.

244, 9. A final de *visse* teve de ser riscada.

245, 4. *Querria*, seguido de *agora*, contando por duas syllabas, tem a final marcada.

246, 6. Depois do pronome *ll* ha espaço em branco. Á *margem: ousey*.

247, 1—2. O escrevente copiou *que mui de grado querria fazer eu hũa cãtiga por mia sennor*. O revisor traçou e pontuou o *o* de *grado*, substituindo-o á margem por *eu;* no segundo verso riscou *eu;* lançou á margem *tal;* chamadas entre *hũa* e *cantiga*. Mas alguem, não approvando a correcção, tornou a escrever *eu hũa catiga* (*sic*) *por mja sẽnor*.

250, 7. Tendo escripto *mele*, em logar de *me ben*, o revisor pontuou as ultimas duas letras, acrescentando á margem a palavra *ben* (e não *que ben*, como se diz a p. 488).

250, 21. Na palavra *disses[s]e* sobejava o *e* final, por não contar por syllaba. Está por isso marcado.

251, 15. Querendo escrever *nõ an*, o copista enganou-se, começando com *a*, letra que está riscada. Varnhagen teve em conta esta emenda.

252, 12. Em *quero* a vogal do fim está riscada e pontuada.

252, 14. Sobejando *i* depois de *vi*, foi preciso annullá-lo. Varnhagen reparou na emenda.

252, 17. A ultima letra de *fillo*, sujeita á elisão, foi pontuada. Depois de *filho* seguia *ui*, riscado e substituido por *hy*.

253, 7. O mesmo aconteceu com *moiro*.

255, 5. Tendo de pôr *ca me queria ben*, o copista escreveu *ca me que ca me queria*. As tres syllabas repetidas por engano foram traçadas.

255, 14. Traçada a final de *perdudo*.

255, 20. E a de *gaano*.

256, 4. *Eu*, deante de *direi* acha-se cancelado. Varnhagen realizou a emenda.

257, 2. Depois de escrever *a uerdade vos direi sennor*, o copista reparou no seu engano e riscou *da* e *direi*, ficando *a uer de uos sennor*.

258, 6. O *d* inicial foi pontuado e riscado. Mas esta emenda não significa devermos lêr *e vos casaren*. A nota *D refran*, lançada á margem, mostra que o copista se enganara só em escrever de tinta preta e como minuscula a inicial do refram.

258, 15. O pronome relativo *que*, omittido entre *amor* e *ei*, foi lançado á margem pelo revisor.

264, 4. Tendo-se escripto *a que o roguei*, houve necessidade de riscar e pontuar o pronome *o*.

265, 25. Em *coita damor* tiveram de cancelar *da*, restando *coita mor* (= *coita 'mor* ou *coit' amor*).

283, 9. Escapando *las das*, foi preciso pontuar o primeiro vocabulo.

286, 18. Em *beno sei* sujeitaram ao mesmo processo o *o* erroneo.

294, 1. Em *desquando* temos a final pontuada.

298, 14. Em *sei*, a inicial.

299, 2. O pronome *eu*, antes de *muy coitado*, está pontuado, por deturpar o metro.

301, 5. O segundo *l* de *fallar* tem ponto de suppressão.

305, 2. Em *agentes*, por *gentes*, ha ponto por baixo do *a*.

307, 4. Igualmente, na final de *graça*.

§ 143. Nenhuma d'estas emendas obriga-nos a postular que o revisor se serviu, além do original copiado, de segundo exemplar mais correcto.

Outras correcções ha, porém, de caracteres maiores, grossos e rasgados, que parecem accusar outra mão, bem mais moderna, e tambem proveniencia diversa. São as que se referem ás cantigas **250**, **251** e **253**. E como todas se acham dentro de um espaço circumscripto, no cancioneirinho individual de Pay Gomes Charinho, é possivel que derivem não da phantasia de um leitor, mas da comparação com outro texto. Possivel, mas de modo algum certo.

Quanto á estrophe inteira, accrescentada a uma poesia da mesma Secção XXVII (No. **250**) estou tão pouco segura d'esta

interpretação que ao redigir e revêr as provas do texto[1]) ainda a quis attribuir ao copista, embora a letra a distancie da mão que escreveu as emendas. O mesmo vale da nota *vacat*, junto á canção **253**[b 2]) pela qual alguem (copista, revedor, leitor ou collacionador) quis enunciar que a poesia é repetição da **248**[a 3]).

§ 144. Na segunda ordem de notas — avisos ao illuminador — entram em primeiro logar todas as maiusculas, em principio de *cyclo, cantiga, estrophe, refram* ou *fiinda,* a que já me referi. Para que o artista não desacertasse quanto ao tamanho das maiusculas, destinadas ao *refram* (em casos onde este se destaca pouco do corpo das estancias, sendo de metro igual e de uma só linha) e quanto ao typo que competia aos raros remates com musica propriamente d'elles, vem depois, em 21 casos, a palavra *fijda,* com til ou sem til sobre a primeira ou segunda vogal[4]), e 10 vezes o vocabulo *rrefran, reffran,*[5]) precedido aqui e alli com um ligeiro esboço da letra que havia de ser pintada. Alguns menos delicados podiam ser de outra mão. Uma vez, referindo-se a um *E,* em principio de estrophe, destinou-se que pintassem um *e altuxo* (**CA** 92).[6]) Notarei ainda a palavra *Outra* entre as canções **102** e **103**. Bem precisa era: tão chegadas estão uma á outra, sem as usuaes tres linhas de intervallo! A intenção de um simples *Notabene* (*Nta*) ao pé da **212**[a] escapa-me, naturalmente.

---

1) Vid. p. 488 do Vol. I.

2) Vid. ib. p. 486.

3) A minha interpretação de *vacat* por *está de vago = sobeja* discorda da que foi proposta, ha pouco, pelo unico perito com quem troquei palavras a respeito das notas marginaes. O já citado Snr Brito Rebello que olhou com viva curiosidade e criterio superior para o velho pergaminho julga que *vacat* significa *falta,* ou *está vazío,* e refere a nota ao claro, deixado a principio da cantiga, para o illuminador ahi pintar em côres um *o* grande. Mas estes claros repetem-se mais de cem vezes e mal podem ter surprehendido o leitor, por pouco attento que fosse. O caso da repetição, pelo contrario, é unico, merecendo por isso uma nota.

4) Vid. Cantiga **95**, **101**, **102** (tres vezes) **104**, **106** (duas vezes) **115**, **132**, **133** (duas vezes) **134**, **135**, **137**, **138**, **139**, **147**, **159**, **202**; e **172**, como tenho de accrescentar.

5) Vid. Cantiga **200**, **217**, **222**, **224**, **235**, **244**, **245**, **258**, **261**; e tambem a **225**[a] onde por descuido não o marquei.

6) No **CB** ha junto á cantiga **266** (= **252**) a nota *cartuxo.* Será erro por: o *altuxo?* Ou nome de auctor alias desconhecido? — Vid. Cap. IV, *Miscella* 41.

§ 145. A terceira ordem de notas marginaes offerece maior interesse. Foram, *pelo menos,* cinco os leitores que inscreveram as suas observações no codice, rasgada e caprichosamente, em letra pouco cuidada, sem as considerações estheticas e practicas que guiaram e moderaram os escreventes profissionaes. Tres pertencem ao seculo XV. Dois entre elles tocam talvez os annos de 1500. O ultimo annotador deve ter manuseado o volume em meado do sec. XVI, como já deixei explicado no capitulo anterior.

Algumas d'estas apostillas estão mutiladas pelo aparado das margens. Varias são indescifraveis. Para mim, pelo menos. O erudito escriptor que obsequiosamente conferiu, á ultima hora, os meus decalques com os originaes, achou-os imperfeitos nos tres ou quatro casos em que não atinei com o sentido, e propôs duas correcções valiosas que me apresso a introduzir neste paragrapho.

1°) A letra que julgo mais antiga, lançada ainda com certa descrição que mostra respeito pelo antigo monumento, aproxima-se bastante do gothico-cursivo empregado pelo amanuense, de modo tal que o S^nr^ Brito Rebello se mostrou disposto a datá-la do sec. XIV. Mas evidentemente ella apparenta mais idade do que tem. Pelo conteudo de uma das annotações, não póde ser anterior ao 2° quartel do sec. XV. Refiro-me á que diz, com relação ao desempenado trovador João de Guilhade: *deste aprendeo joam de Mena.*[1]) Já expliquei quem em Portugal travou primeiro relações com o famoso auctor das *Trezentas,* tantas vezes citado de 1450 em deante pelos poetas palacionos da segunda epoca lyrica, sem querer, está claro, *affirmar* que foi elle quem escreveu positivamente a nota em questão e ainda a que trata de *fina* outra trova do mesmo auctor.[2])

2°) Um artista estudioso, amador sincero e serio dos versos plangentes do velho Portugal, distinguiu por meio dos epithetos *boa, mui boa* (ou *muito boa*) *e mui muito boa,* precedidos ás vezes do substantivo abreviado *C*(*antiga*) umas 18 trovas que mais lhe agradaram, posto que em grau differente.

Usa de letra firme e rasgada, talvez do fim do sec. XV. A maiuscula *M,* que occorre na nota lançada á margem da f. 97^v^,[3]) assemelha-se á que figura na estrophe intercalada na **250ª**. Registo-as

---

1) **CA 232.**
2) **CA 231.**
3) **CA 64.**

respectivas notas como provenientes de uma só mão, sem desconhecer que ha differenças visiveis de graphia entre os *bb* e *mm*, a ponto de, com certa dose de subtileza graphologica, ainda ahi se poderem distinguir dois ou tres leitores. As poesias que achou dignas de louvor são de Somesso (No. **24**), Corpancho (**64**), Ruy Queimado (**129**); duas de Praga (**3** e **10**); tres de Pay Gomes Charinho (**250**, **259** e **260**); cinco de Torneol (**71**, **78**, **79**, **80**, **81**) e cinco do Burgalês (**86**, **87**, **88**, **93**, **104**). Sem esquecer que *de gustibus non disputandum* (ou a fallar com o bom povinho de Portugal: *se não houvesse gostos, que seria do amarello?*) sempre direi que entre as que gaba, ha varias que realmente merecem distincção (**64**, **71**, **260**).[1]

3°) Mais grosseiro pela graphia e linguagem, pelo pensar e o estylo, apresenta-se um terceiro annotador, amigo de philosophar *á patusca*, rindo jovialmente. Attribuo-lhe o principal contingente das notas: duas duzias de observações, espalhadas pelo codice fóra, desde a primeira até á penultima cantiga. Ei-las aqui, resolvidas as abreviaturas:

1. *diz verdade* (**1**, 21),
2. *este abia enveja aos que via morrer* (**2**, 2),
3. *esta tijnha sua alma mal empregada* (**2**, 24),
4. *fazia lhe pesar este em-na muito amar* (**13**, 3),
5. *ora pois fazêlho* (**15**, 28),
6. *muito pode alla fé* (**16**, 6),
7. *beber sobre o cheiro* (**16**, 4),
8. *estaa* (ou *estas*) *bem satisfeito* (**17**, 7),
9. *bofe* (**17**, 28),
10. *mas muito* (**18**, 17),
11. *matallo* (**18**, 28),
12. *este leixa os . . . a deus* (**20**, 28),
13. *calar* (**21**, 11),
14. Uma palavra illegivel (**21**, 22),
15. *outro dia te verá* (**22**, 17),
16. *mylhor e muito dizelho logo* (**23**, 7),
17. *ergo* (**27**, 28),
18. *guarte e calate* (**28**, 17),
19. *latim* (**29**, 20),
20. *[este] quer mal a quem quer bem a sua amiga[e m]al a quem a mal quer* (**165**, 1),

---

1) Leio *boa* ao lado das trovas **3**, **10**, **24**, **93**. *C. boa* junto a **78**, **79**, **80**, **81**, **86**, **87**, **88**; *muj boa* á margem de **71**; *mujto boa* **104** e **129**; e ainda no alto da f. 100ᵛ, ao pé da cantiga **260**, com quanto reste unicamente a parte inferior da escripta; *C. Mujto boa* **64** e **250**; e *mui mujto boa* junto á **259**ª de Charinho. — No texto omitti fallar da nota que se refere aos Nos **71** e **260**.

21. *respondeolhe* (**230**, 4),
22. *trobasses tu ben e non lhe pesára* (**232**, 9),
23. *gabar-sse me quer* (**232**, 18),
24. *andae era maa u vades* (**233**),
25. Nota illegivel (**233**, 6),
26. *se a non visse ... perdia o ssem ...* (**246**, 21),
27. *a johan de ...* (**259**, 6),
28. *e por este se disse: guardado he que[m] deus guarda* (**288**, 25),
29. *ao demo ao demo o amor* (**309**, 25).

Como se vê, a maior parte d'estas notulas acha-se no principio do volume. O genio timido e submisso do lacrymoso auctor do segundo cancioneirinho, que ainda hoje aborrece ao leitor, impacientou particularmente o glosador, provocando a sua hilaridade. Ora apoia ideias e resoluções do poeta namorado, que se queixa do Amor, exclamando, *diz verdade* (1); *muito pode alla fé* (6) ou *bofé* (9). Ora dirige-lhe bons conselhos, não isentos de ironia, sendo *callar!* (13) ou *guarte e callate!* (18), ou ainda: *mylhor e muito dizêlho logo!* ou então *andae era maa u vades* (24) o curativo que recommenda ao receoso que não ousa fallar á sua dama. Onde assenta *ora pois fazelho* (5), ou com maior semceremonia *matallo* (18), está a exhortar um ciumento a realizar as suas ameaças de vingança, livrando-se de um rival odioso. Dizendo *outro dia te verá* (15) consola a um ausente. Do que jura não ambicionar outro favor que não seja avistar a amada, troça com a formula: *está bem satisfeito* (8). No fim depois de ter ouvido o longo rosario de lamurias apaixonadas de Somesso (29), acaba, amaldiçoando o amor — *ao demo, ao demo o amor!* — Ás vezes expõe apenas num tom docente o estado psychico dos poetas: *este havia enveja* etc. (2), este *tinha sua alma mal empregada* (3).[1]) Invertendo a evolução real deriva um adagio conhecido dos versos eroticos de um trovador (28). Aponta a latinidade do vocabulo *ergo* (17 e 19) e o caracter dialogistico de uma poesia (21).

Tem um logar àparte, por ser imaginativa, a phrase familiar *beber sobre o cheiro* (7). Usada nos conciliabulos dos devotos de Baccho com o fim de indicar que basta o cheiro de certos petiscos para provocar, da parte de um fino bebedor, abundantes libações[2]), o nosso philosopho popular symboliza por meio d'ella os desejos

1) Cf. 4, 12, 20, 23, 27.

2) Como se vê a pag. 38 do Vol. I, eu desconhecia a phrase, cuja leitura e explicação se deve ao illustre erudito que citei.

lubricamente violentos que a vista do objecto amado sugere ao amador. Ha mais tres notas incompletas que não sei lêr nem interpretar. A primeira (14) consta de uma só palavra que se parece a *porquê?* Na segunda (25) reconheço *bõo dizer daran*. Na terceira, muito apagada, distingue-se a custo *a johã de* . . .[1])

Sobre o auctor d'estas annotações, nada sei dizer. *B* por *v* em *abia, enbeja, bejo* etc. parece indicio de pronuncia gallega ou minhota. Julgo todavia que se trata apenas de *v* com haste comprida.

4°) A copla accrescentada na margem da f. 69 á cantiga **130**, de letra em partes muito sumida, de tal modo que não pude entender o que falta nos ultimos versos[2]), pertence ao meado do sec. XVI e apresenta, conforme expliquei no capitulo anterior, alguma semilhança com a do Dr. Antonio Ferreira.

5°) Além d'isso ha em algumas folhas brancas exercicios de escripta que pouco ou nada nos ensinam a respeito do Cancioneiro. Tenho-os em conta de tentativas de um ocioso que se esforçou a imitar os caracteres do codice, copiando phrases e tambem certos vultos das vinhetas, com traços infantilmente toscos. A principio eu nutria o preconceito de os attribuir a algum rapaz estudante, datando-os da epoca em que o Cancioneiro, resguardado em institutos de educação, quer no Seminario da Companhia de Jesus, quer no Collegio dos Nobres, foi impiedosamente retalhado. Oppõe-se comtudo a esta interpretação o facto de estarem cerceados pelo encadernador. Na folha 105 acha-se desenhada uma mulher, um homem sentado, guitarra em punho, uma rapariga a tocar pandeiro, um cavalleiro etc. Na f. 116ᵛ lê-se, de tinta muito desvanecida o nome *P. Gomes dasinhaga*. Na folha de guarda (115) ha uma miscellanea de nomes, troços de phrase,

---

1) Continuava com mais algumas letras cuja tinta se espalhou numa mancha. Na mesma folha (f. 100ᵛ) ha uma serie de *gg*, postos obliquamente, a tres linhas de distancia da referida Nota.

2) O Snr Brito-Rebello leu com divergencia nos versos 3—4:

que mia senhor meu mal todo entender
e que soubesse eu bem q̄ o entendia

e de 8 a 9:

como dizia
Nunca lhe . . . d' alma dizer.

desenhos (entre elles um cavallo-unicornio) e garatujas. As partes que descifrei dizem: 1) *Eu que . . . da muy nobre cidade tenho apilido . . . a quem te . . . que te acabo de leer;* 2) *quẽ tal bitafe fez nõ foy muito* (bis); 3) *Joham andaua,* 4) *este liuro he Do colaço do imfãt,* 5) *afom paag9;* 6) *Dom Eduarte pela graça de deus rei de Portugal e dalgarue.* Só a quarta e sexta podiam ter por ventura a importancia que lhes tentei ligar no capitulo anterior.

Relações do Cancioneiro da Ajuda com os apographos italianos.

§ 146. No Capitulo I contei como, á medida que se iam divulgando os textos contidos nos apographos italianos, foram descobertas notaveis concordancias com o pergaminho de Lisboa,[1]) e como pouco a pouco surgiu a hypothese de as tres obras juntas constituirem uma vasta compilação — especie de *Cancioneiro Geral da primeira epoca da lyrica peninsular.*[2]) O leitor ficou inteirado de que no **CV** se apuraram umas 56 (respectivamente 57) e no **CB** mais 190

1) Vid. *Res. Bibl.* § 31, 33, 38, 39, 52, 56, 57, 68.

2) Não integro, visto todos os tres cancioneiros estarem truncados. Do material inventariado na *Tavola Colocciana* falta o seguinte:

1°.	Cantigas	9—13	de Diego Moniz.
	„	13—19	„ Pero Paez Bazoco,
	„	20	„ Joan Velaz,
	„	21	„ Pero Paez Bazoco,
	„	22	„ D. Juano,
	„	23—28	„ Joan Soarez de Pavia,
	„	29—30	„ Pero Rodrigues de Palmeira,
	„	31—33	„ D. Rodrigo Diaz de los Cameros,
	„	34—36	„ Ayras Soarez.
2°.	Talvez	138—139	„ Um Desconhecido.
3°.	Talvez	273—279	„ Vaasco Gil, suppridos por ventura pelo **CA**,
	„	280—294	„ Gonçal' Eannes do Vinhal,
	„	295—311	„ Joan d' Aboim (311 supprido pelo **CA**),
	„	312—316	„ Joan Coelho (312 e 315 suppridos pelo **CA**).
4°.	Talvez	1498—1499	„ um Desconhecido.
5°.	Talvez	1563—1564	„ Meen Paez,
	„	1565—1568	„ Pero Viviaes,
	„	1569—1571	„ Pero d' Ambroa.
6°.	„	1672—1674	„ Pedr' Amigo,
	„	1675—?	„ Juião Bolseiro.

Mesmo o manuscripto-pae, synthetizado pelo *Indice*, não era completo: faltavam-lhe muitos versos de trovadores que figuram nos cancioneiros, como p. ex. alguns de *Coelho* e *Ruy Queimado* a que se allude nas cantigas **CV 1023** e **988**. Faltavam as obras do prior de Alemquer, *D. Martim Alvítes*, a que se refere o monarca castelhano (**CM 316**); mas não os lais a NS. de Rocamador de *Pedro de Sigrar* (ib. 8), porque esse era provençal ou francês. Faltavam as obras de pelo menos um trovador de nomeada quando se escreveu o Nobiliario antigo: *Estevam Annes de*

(respectivamente 189)[1]) das composições conservadas no fragmentario **CA**,[2]) e conhecedor tambem de que essas poesias em com-

Valladares (*P. M. H.*, *Script.* 199, 271, 272); e talvez ainda de *Joan de Gaia que foy muy boo trobador e mui saboroso* (ib. 271 e 272). Faltam tambem cantigas de trovadores ignotos, mencionados nos textos que possuimos: *Mestre Nicolas* (**CV 1116** e **CB 1577**); *Cavaleiros d'Orzelhon* (**947**); *Joan Eannes* (**917**); *Fernand' Escalho* (**985**); *Martim Alvelo* (**1092**); *D. Martim Galo* (**1094**); *D. Pedro de Aragão* (**1147**); *Ruy Gonçalves* (**917**); *Sueir' Eannes* (**1117**); *Ugo* ou *Diego Gonçalves de Montemór o Novo* (**666**).

Além d' isso houve muitos jograes e cantadores que não figuram nos cancioneiros, mas cujos nomes surgem em documentos castelhanos, portugueses e gallegos. E muitos mais iriam provavelmente surgindo, se alguem explorasse conscienciosamente os archivos e cartorios peninsulares. Eis os que posso registar, sem ter tomado parte no trabalho de exploração, e sem saber decidir quaes foram apenas instrumentistas e cantadores (servos executantes), e quaes compositores.

Aparicio Peres (ou *Pero Garcia*) *Jogral*, (**1350**). — Vid. *Hist. Gen.*, *Provas* I, p. 140.

Domingos, jograr, pae de Marinha Peres, fallecido antes de 1288 (*Rev. Crit.* I, p. 374).

Fernam Perez, Marcon, jograr, natural de Castro d' Ouro (**1316**) ib. **375**.

Gilberto, poeta (**1203**). — Vid. Balaguer, *Trovadores* 50.

Gomes, trovador (**1161** e **1197**). — Vid. Milá, *Poesia Heroico Popular,* p. 412; Ticknor-Julius I, p. 432; Balaguer 50; Godoy Alcantara, *Apelidos* 173.

Gonçalo Martins, trovador de Santarem (**1300**). — *Rev. Lus.* V, p. 136.

Gonzalo Rodrigues, jograr, de S. Jurjo de Torres, irmão de Joham Fernandez (**1285**). — *Rev. Crit.* I, p. 375.

Joan, jograr de Viseu (**1294**). — *Rev. Lus.* V. 119.

Manuel Gonçalves, trovador, sepultado em Pombeiro. — Vid. Caldas, *Guimarães*, p. 241; Ticknor-Julius I, p. 492; Milá 570.

Martim Froaz, de Guimil (**1260**). — *Rev. Crit.* I, p. 233.

Martim das Donas (**1277**). — Ib. 234.

Palha jograr (**1248**). — Vid. Menendez Pidal, *Cronicas* 68, 96, 117; Balaguer 50; *Rev. Crit.* 231; Milá 540; *Col. Doc. Ined.*, vol. 106°, p. 6; cap. 236 da 4° *Cronica de Hespanha.*

Pedro Bico (**1247**). — *Rev. Crit.* I, p. 374.

Pedro jograr (**1241**), casado com Marinha Bermudez. — Ib. **375**.

Pedro jograr (**1297**) filho de Pero Perez Parente. — Ib. **234** e **374**.

Pedro joglar (**1282**). — Ib. **374**.

Pedro Soares joglar (c. **1232**). — Ib. **373**.

Pedro, jograr de Alemquer (ou Camarnal) (**1276**). — *Rev. Lus.* V, 119.

Pero Corcova, joglar (**1272**). — Vid. *P. M. H. Leges*, p. 427.

Ruy Fernandez, jograr (**1324**). — Ib. p. 119.

Samuel trovador (**1293**). — *Rev. Lus.* V, p. 129.

1) Cf. mais acima, p. 52, *Nota* 6. A cantiga que *ad libitum* podemos considerar como pertencente ao **CV** ou **CB** é a 68ª do **CA**, attribuida num a *Nuno Rodrigues de Candarey* (no **CB 181ᵇ**), e no outro a *João de Gaia* (**CV 1061**).

2) Todas as 57 do **CV** existem, de resto, tambem no **CB**. Por isso podemos asseverar doravante que o **CA** partilha **246** poesias com o **CB**.

mum haviam passado, desde então, de anonymas, a serem attribuidas a 38 auctores determinados.

A malfadada ordem logica, dada ás trovas na unica edição accessivel, impediu todavia que se reconhecesse todo o alcance d'essa conformidade, a qual não se restringe apenas ás materias e lições, mas tambem á distribuição e ordem dos textos. Nem mesmo o artigo de Theophilo Braga, dedicado especialmente a este assumpto,[1]) curto, inexacto, e pouco lido, tanto cá como lá fora, chegou a elucidar plenamente sobre o caracter d'essas relações de parentesco e a dependencia ou independencia dos apographos.

§ 147. Para que seja possivel abrangê-las commodamente num relance de olhos, apresento o indice comparativo, critico e commentado, das partes em commum ao codice membranaceo e aos cartaceos da Italia. Conferindo esse Indice[2]) com o quadro dos cadernos, será facil avaliar, com que direito procurei preencher certas lacunas, com as 157 cantigas supplementares, tiradas ora do **CV**, ora do **CB**, e insertas nos *Appensos*; por que motivo subsistem outros vacuos; e ainda, em que razões me baseio ao attribuir a este ou aquelloutro poeta versos do **CA** que não concordam com nenhuns dos contidos nos apographos.

Resta-me chamar a attenção dos estudiosos para as proporções das folhas nos varios codices. Em cada uma das laudas do **CA** têem cabida 3 a 4 poesias. Outrotanto acontece com o **CB**. O **CV**, pelo contrario, creio que em harmonia com o codice-pae de que é transumpto, apresenta o dobro, umas 6 a 8 composições, ou porque realmente fosse de dimensões mais amplas, ou porque não encerrava a notação musical, ou porque a paginação se contava por folhas inteiras de quatro paginas,[3]) em correspondencia com os *rotulos* originarios, com que se composeram os Cancioneiros trovadorescos.[4]) Cada caderno do **CA** contém portanto 24 a 32 poemas, termo medio.[5])

---

1) Vid. *Resenha Bibliographica* No. 53 e cf. No. 40.

2) *Implicite*, elle já estava contido nas notas de pagina (I) que no Vol. I accompanham o nosso texto.

3) Vid. a 56ª das *Miscellas*, relativas ao Indice que segue.

4) As miniaturas dos codices alfonsinos, os catalogos das bibliothecas medievaes e algumas notulas do **CB**, em que occorre a palavra R° (*rolo* ou *rotulo*) não deixam subsistir duvidas a este respeito.

5) No seu estado actual, os cadernos constam de 22 cantigas e meia. O unico que possuimos completo, encerra 25. Os que constavam de varios cancioneirinhos, separados por espaços em branco, deviam naturalmente contêr quantidade menor.

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.		Cancioneiro Colocci-Brancuti.			Cancioneiro da Ajuda.
			Tristan o Namorado [e outros Bretões].		Lacuna 1ª. Appendice I (311—374).
1. *Elis o Baço.* } 1.	f. 10.	1.	Amor, des que m' a vos cheguei	1	(311)
2. *Quatro donzellas.* } 1.		2.	O Marot aja mal-grado	2	(312)
3. *Don Tristan Namorado.* } 1.		3.	Mui gran temp' á por Deus que eu non vi	3	(313)
4. *Don Tristan.* } 1.		4.	Don Amor, eu cant' e choro	4	(314)
5. *Don Tristan per Genevra.* } 1.	f. 11.	5.	Ledas sejamos oy mais	5	(315)
			Airas Moniz Dasme.		
		6.	Pois mi non val d' eu muit' amar	6	(316)
		7.	Mia senhor, vin vus rogar	7	(317)
			Diego Moniz.		
	f. 11v.	8.	Deus que pouco que sabia	8	(318)
		8b.	Se soubess' a mia senhor	9	(319)
12. *Diego Moniz* 2.					
13—19 (e 21) *Pero Paez Bazoco.* } 3.					
20. *Joan Velaz.* } 3.					
22. *Don Juano.* } 3.					
23—28. *Joan Soares de Pávia.* } 3.					
29—30. *Pero Rodrigues de Palmeira.* } 3.					
31—33. *D. Rodrigo Diaz dos Cameiros.* } 3.					
34—36. *Ayras Soarez* 4.					
37—43. *Osoir' [E]anes.*			*Osoir' [E]anes.*		
	f. 14.	37.	Min pres forçadament' Amor	10	(320)
		38.	Sazon é ja de me partir	11	(321)
		39.	Eu que nova senhor filhei	12	(322)
	f. 14v.	39b.	Cuidei eu de meu coraçon	13	(323)
		40.	E por quê me desamades	14	(324)
	f. 15.	41.	Vos mia senhor que non avedes cura	15	(325)
		43.	Ei eu tan gran medo de mia [senhor]	16	(326)
		42.	Par Deus, fremosa mia senhor 5.	17	(327)

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.		Cancioneiro da Ajuda.
44—45. *Monio Fernandez de Mirapeixe.*	*Monio Fernandez de Mirapeixe.*		
	44. Pois me fazedes, mia senhor	18	(328)
	f.15v.[6] 45. Dizer vus quer' eu, mia senhor	19	(329)
46—47. *Fernan Figueira (ou Figueiro) de Lemos.*	*Fernan Fig[u]eira de Lemos.*		
	46. Ay mia senhor, sempr' eu esto temi	20	(330)
	47. Diz meu amigo que lhe faça ben	21	(331)
48. *D. Gil Sanchez.*	*D. Gil Sanchez.*		
	f. 16. 48. Tu que ora vẽes de Montemayor	22	(332)
49—50. *Roy Gomez o Freyre.*	*Roy Gomez o Freire.*		
	49. Pois eu d'atal ventura, mia senhor	23	(333)
	f. 16v. 50. Oymais non sei eu, mia senhor	24	(334)
51—71. *Fernan Rodriguez de Calheiros.*[7]	*Fernan Rodriguez de Calheiros.*		
	51. Non vus façan creer, senhor	25	(335)
	52. Assaz entendedes vos, mia senhor	26	(336)
	f. 17. 53. Min fez meter meu coraçou	27	(337)
	54. Quero vus eu dizer, senhor	28	(338)
	f. 17v. 55. Dê'-lo dia en que eu amei	29	(339)
	56. Ora tenh' eu que ei razon	30	(340)
	57. Vedes, fremosa mia senhor	31	(341)
	f. 18. 58. Ora faz a min mia senhor	32	(342)
	59. Par Deus senhor ora tenh' eu guisado	33	(343)
	f. 18v. 60. O gran cuidad' e o affan sobejo	34	(344)
	61. Par Deus senhor mui mal me permatou	35	(345)
	62. Pero que mia senhor non quer	36	(346)
	f. 19. 63. Non á ome que m'entenda	37	(347)
	64. Que cousiment' ora fez mia senhor	38	(348)
	65. Des quando me mandastes, mia senhor	39	(349)
	f. 19v. 66. Quando m'agora mandou mia senhor	40	(350)
	67. O grand' amor que eu andei prender	41	(351)
	68. Ja m' eu quisera leixar de trobar	42	(352)
	f. 20. 69. Senhor Deus que coita que ei	43	(353)
	70. Muito per á ja gran sazon	44	(354)

		71. Que mal matei os meus olhos e mi	45		(355)
	f. 20v.	72. Por que vus ei eu, mia senhor	46		(356)
72. *Pero Garcia d' Ambroa.*[7]		*Pero Garcia d' Ambroa.*			
		73. Grave dia nasceu senhor	47		(357)
74—78. *D. Fernan Paez de Tamalancos.*		*D. Fernan Paez de Tamalancos.*			
		74. Con vossa graça, mia senhor	48		(358)
	f. 21.	75. Non sei dona que podesse[8]	49		(359)
		76. Vedes senhor, u m' eu parti	50		(360)
		77. Vedes senhor, pero mal me fazedes	51		(361)
	f. 21v.	78. Gran mal me faz agora' l rey	52		(362)
79—103. *Vaasco Praga de Sendin [Sendiu].* **I.**		*Vaasco Praga de Sendin.*			
		79. Par Deus senhor ja eu ben sei	53		(363)
		80. Per bõa fé, fremosa mia senhor	54		(364)
	f. 22.	81. Por Deus senhor e ora que farei	55		(365)
		82. Se vus prouguesse, mia senhor	56		(366)
	f. 22v.	83. Senhor eu vus quer' ũa ren dizer	57		(367)
		84. Par Deus, mia senhor, enquant' eu viver	58		(368)
	f. 23.	85. O muy fremoso parecer	59		(369)
		86. Per boa fé meu coraçon	60		(370)
		87. Por Deus que vus fez, mia senhor	61		(371)
	f. 23v.[9]	88. Muitos tẽen oje por meu trobar	62		(372)
		89. A Deus grad' oje, mia senhor	63		(373)
	f. 24.[10]	90. Deu'-lo sab' oje, mia senhor	64		(374)
		91.	65	f. 1.	1. *[Deus meu senhor, se vus prou]* guer[11].
	f. 24v.	92.	66		2. Senhor fremosa, mui grand' enveja ei
		93.	67	f. 1v.	3. Senhor fremosa, par Deus gran sazon
	f. 25.	94.	68		4. Quen oje maior coita ten
		95.	69	f. 2.	5. Ome que gran ben quer molher
	f. 25v.	96.	70		6. Como vos sodes, mia senhor
		97.	71	f. 2v.	7. Se Deus me valha, mia senhor
	f. 26.	98.	72		8. Vos que m' assi coitades, mia senhor
		99.	73		9. De coita grand' e de pesar
		100.	74	f. 3.	10. Que sen conselho que vos, mia senhor

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.				Cancioneiro da Ajuda.		
	f. 26v.	101.		75		11.	Tanto me senç' ora coitado
		102.		76	f. 3v.	12.	Quero vus eu senhor gran ben
	f. 27.	103.		77		13.	Par Deus senhor sei eu mui ben
104—128. *Joan Soaires Somesso.* **II.**			*Joan Soairez Somesso.*		Lacuna 2a.[12].		Appendice II (375—377).
		104.	Ogan' en Muimenta	78			(375)
		105.	Ay eu cuitad', en que coita mortal	79			(376)
	f. 27v.	106.	Ua donzela quig' eu mui gran ben	80			(377)
							Vinheta I.
		107.		81	f. 4.	14.	Quero vus eu ora rogar
	f. 28.	108.		82		15.	De quant' eu sempre desejei
		109.		83	f. 4v.	16.	Muitas vezes en meu cuidar
	f. 28v.	110.		84		17.	Non me poss' eu, senhor, salvar
		111.		85	f. 5.	18.	Agora m' ei eu a partir
		112.		86		19.	Muitos dizen que perderan
	f. 29.	113.		87	f. 5v.	20.	Non tenh' eu que cuitados son
		114.		88		21.	Punhei eu muit' en me guardar
	f. 29v.	115.		89	f. 6.	22.	Ja m' eu, senhor, ouve sazon
		116.		90		23.	Se eu a mia senhor ousasse
	f. 30.	117.		91	f. 6v.	24.	Senhor fremosa fui buscar
		118.[13].		93		25.	Con vossa coita, mia senhor
	f. 30v.	119.		92	f. 7.	26.	Muito per dev' a gradecer
		120.		94		27.	Desejand' eu vos, mia senhor
	f. 31.	121.		95	f. 7v.	28.	Ja foi sazon que eu cuidei
		122.		96		29.	Ben-no faria, se nembrar
		123.		97		30.	Quen bõa dona gran ben quer
					Lacuna 3a.		Appendice III (378—397).
	f. 31v.	124.	Ora non poss' eu ja creer	98			(378)
		125.	Quand' eu estou sen mia senhor	99			(379)
	f. 32.	126.	Con vosso medo, mia senhor	100			(380)
		127.	Se Deus me leixe ben aver	101			(381)
		128.	Per com' amor leixa viver	102			(382)

129—139. *Nun' Eannes Cerzeo.*[14]	*Nun' Eannes Cerzeo que fez estas cantigas d'amor.*		
	f. 32v. 129. Senhor, esta coita que ei	103	(383)
	130. Todalas gentes mi a min estranhas son	104	(384)
	131. Quer' eu agora ja dizer	105	(385)
	f. 33. 132. Mia senhor fremosa, direi vus ũa ren	106	(386)
	133. Senhor, e assi ei eu a morrer	107	(387)
	f. 33v. 134. Senhor, todos m' entenden ja	108	(388)
	135. Agora me quer' eu ja espedir	109	(389)
	f. 34. 136. Senhor, que coitad' og' eu etc.	110	(390)
	137. Senhor, perdud' ei por vos ja o coraçon	111	(391)
140—143. *Pero Velho de Tave[i]roos.*[15]	*Pero Velho de Tave[i]roos.*		
	f. 35v. 140. Par Deus dona Maria	112	(392)
	141. Quand' ora for a mia senhor veer	113	(393)
	142. Vi eu donas en celado[16]	114	(394)
	[Martin Soarez].		
	f. 36. 143. Pero non fui a Ultramar[16]	115	(395)
	[Martin Soarez e Paay Soares].		
	f. 36v. 144. Ay Paay Soarez venho vus rogar	116	(396)
	f. 37. Quen da guerra levou cavaleiros[17]	117	
145—150. *Paay Soarez de Tave[i]roos.* **III.**	*Paay Soarez de Tave[i]roos.*		
	145. Cuidava m'eu quando non entendia	118	(397)
	f. 37v. 146.	119	f. 8. 31. *[Entend' eu ben senhor que faz mal sen]*[18]
	147.	120	32. A ren do mundo que melhor queria
	148.	121	33. Quantos aqui d' Espanha son
	f. 38. 149.	122	f. 8v. 34. Meus olhos quer vus Deus fazer
	150.[19]	123	35. Como morreu quen nunca ben
			36. Senhor, os que me queren mal
			f. 9. 37. Eu sõo tan muit' amador
			38. No mundo non me sei parelha
			f. 9v. 39. Meus olhos gran cuita d' amor
			Lacuna 4°.
151—174. *Martin Soarez* **IV.**	*Martin Soarez.*		
	f. 39.[20] 151.	124	(Vide No. 61)[21]
	152.	125	f. 10. 40. *[Ay mia senhor, se eu non merecesse]*

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.		Cancioneiro da Ajuda.
	153.	126	41. Qual senhor devia filhar
	f. 39^{v}. 154.	127	42. Maravilho m' eu, mia senhor
	155.	128	f. 10^{v}. 43. Nostro Senhor, como jaço coitado
	f. 40. 156.	129	44. Nunca bon grad' Amor aja de mi
	157.	130	f. 11. 45.[21b] Ja mia senhor neun prazer
	f. 40^{v}. 158.	131	46. Senhor fremosa, pois me non queredes
	159.	132	f. 11^{v}. 47. Quando me nembra de vos, mia senhor
	f. 41. 160.	133	48. Muitos me veen preguntar[22].
	161.	134	f. 12. 49. O que conselh' a mi de m'eu quitar
	f. 41^{v}. 162.	135	50. En tal poder, fremosa mia senhor
	163.	136	f. 12^{v}. 51. Malconselhado que fui, mia senhor
	f. 42. 164.	137	52. Senhor, pois Deus non quer que min queirades
	165.	138	f. 13. 53. De tal guisa me ven gran mal
	f. 42^{v}. 166.	[23.] 140	54. Meu senhor Deus, se vus prouguer
	167.	141	f. 13^{v}. 55. Quantos entenden mia senhor
	f. 43. 167^{b}.	142	56. Non ouso dizer nulha ren
	168.	143	57. Meu coraçon me faz amar
	169.	144	f. 14. 58. Por Deus vus rogo mia senhor
	170.	145	59. PorDeus senhor non me desamparedes
	f. 43^{v}. 171.	146	f. 14^{v}. 60.[23b] Tal om' é cuitado d' amor
	(Vide 124)		61. Pero que punh' en me guardar.
			Lacuna 5^{a}. Appendice IV (398). (398)
	172. Pois bõas donas son desempara das	147	
			Vinheta II. Auctor **V.**
	f. 44. 173.	[24.] 148	f. 15. 62. Pois non ei de dona 'lvira
	174.[25.]	149	63. Nunca tan coitad' ome por molher
175—181^{b}. *Ayras Corpancho.* **VI.**[26.]	*Ayras Corpancho.*		Lacuna 6^{a} = Appendice V (399). (399)
	f. 44^{v}. 175. Pois que se non sente a mia senhor	150	
			Vinheta III.[27.]
	176.	151	f. 16. 64. Quisera m'ir; tal conselho prendi
	177.	152	65. Desej' eu muit' a veer mia senhor

	f. 45. 178.	153	f. 16^{v}. 66. Ay Deus que coita de sofrer
	179.	154	67. Ay Deus como ando cuitado d'amor
	Nuno Rodrigues de Candarey. **VII.**		*Vinheta IV.*
	180. Ben deviades mia senhor	155	(400)
	f. 45^{v}. 181. En que grave dia senhor	156	(401)
	181^{b}.	157	f. 17. 68. En gran coita vivo, senhor[28].
182. *Nuno Porco.*	*Nuno Porco.*[29]		
	182.	158	69. Nostro Senhor en que vus mereci
			Lacuna 7 = Appendice VI (400—401).
183—223. *Nuno Fernandes Torneol.* **VIII.**[30]	*Nuno Fernandes Torneol.*		*Vinheta V.*
	183.	159	f. 18. 70. Ir vus queredes, mia senhor
	f. 46. 184.	160	71. Am' eu tan muito mia senhor
	185.	161	f. 18^{v}. 72. Par Deus senhor en gran coita serei
	186.	162	73. Ora vej' eu que me non fará ben
	f. 46^{v}. 187.	163	74. Que prol vus á vos, mia senhor
	188.	164	f. 19. 75. Quer' eu a Deus rogar de coraçon
	189.	165	76. Quando m' agora for e m' alongar
	f. 47. 180^{b}.	166	f. 19^{v}. 77. Que ben que m' eu sei encobrir
	181^{b}.	167	78. Ay eu e de mi que será
	182^{b}.	168	f. 20. 79. Ay mia senhor u non jaz al
	f. 47^{v}. 183^{b}.	169	80. Pois naci nunca vi amor
	184^{b}.	170	f. 20^{v}. 81. Preguntan me porque ando sandeu
			Lacuna 8^{a} = Appendice VII (402).
	f. 48. 185^{b}. Assi me traj' ora coitad' amor[31].	171	(402)
	Pero Garcia Burgalês. **IX.**		*Vinheta VI.*
	186^{b}.	172	f. 21. 82. De quantos mui coitados son
	187^{b}	173	83. Pois contra vos non mi val, mia senhor
	f. 48^{v}. 188^{b}.	174	f. 21^{v}. 84. Cuidava m' eu que amigos avia
	189^{b}.	175	85. Qual dona Deus fez melhor parecer
	f. 49. 190.	176	f. 22. 86. Senhor por vos sõo maravilhado
	191.	177	87. Ay eu cuitad' e porque vi
	f. 49^{v}. 192.	178	f. 22^{v}. 88. Se eu soubess' u eu primeiro vi
	193.	179	89. Que alongad' eu ando d'u iria

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.				Cancioneiro da Ajuda.		
	f. 50.	194.		180	f. 23.	90.	Senhor queixo me con pesar
		195.		181		91.	Moir' eu e praz me, se Deus me perdon
	f. 50v.	196.		182	f. 23v.	92.	Se Deus me valha, mia senhor
		197.		183		93.	Pola verdade que digo, senhor **32.**
	f. 51.	198.		184		94.	Senhor fremosa, pois vus vi
					Lacuna 9ª = Appendice VIII (403—409).		
		199. **33.**	Nostro Senhor e porque mi fezestes	185			(403)
	f. 56.	200. **34.**	Meus amigos direi vus que mi aven	186			(404)
		201.	Meus amigos oy mais quero dizer	187			(405)
		202.		188	f. 24.	95.	*[Por mui coitado per tenh' eu]*
	f. 56v.	203.		189		96.	Ay eu que mal dia naci
		204.		190	f. 24v.	97.	Senhor fremosa, venho vus dizer
	f. 57.	205.		191		98.	Par Deus senhor ja eu non ei poder
		206.		192	f. 25.	99.	Mais de mil vezes cuid' eu en o dia
		207.		193		100.	Se eu a Deus algun mal mereci
	f. 57v.	208.		194	f. 25v.	101.	Ay mia senhor e meu lum' e meu ben
		209. } **35.**		195			
		210. }		196		102.	Ay eu coitad' e quand' acharei quen
	f. 58.	211.		197	f. 26.	103.	Que muit' á ja que a terra non vi
		212.		198	f. 26v.	104.	Joana dix' eu, Sancha e Maria
	f. 58v.	213.		199		105.	Ora veg' eu que fiz mui gran folia
		214. } **36.**		200	f. 27.	106.	Que muitos que mi andan preguntando
		215. }		200ª			
	f. 59.	216.		201	f. 27v.	107.	Ora veg' eu que xe pode fazer
		217.		202		108.	Non me poss' eu, mia senhor, defender
	f. 59v.	218.		203	f. 28.	109.	Quantos og' eu con amor sandeus sei
		219.		204		110.	Mentre non soube por min mia senhor
	f. 60.	220.	Eu me cuidava quando non podia	205			(406)
		221.	Ja eu non ei oy mais por que temer	206			(407)
		222.	Ay Deus que grave coita de soffrer	207			(408)
	f. 60v.	223.	Nunca Deus quis nulha cousa gran ben	208			(409) **37.**

	f.				f.		
224—226. *Joan Nunes Camanes.* **X.**			*Joan Nunes Camanes.*				*Vinheta VII.*
		224.		209	f. 29.	111.	De vos senhor querria eu saber
	f. 61.	225.		210		112.	Non mi queredes, mia senhor
		226.		211	f. 29ᵛ.	113.	Rogaria eu, mia senhor
227—243. *D. Fernan Garcia Esgaravunha.* **XI.**			*D. Fernan Garcia Esgaravunha.*		Lacuna 10ª = Appendice IX (410—412).		
		227.	Quand' eu mia senhor conhoci	212			(410)
	f. 61ᵛ.	228.	A que vus fui, senhor, dizer por mi	213			(411)
		229.	Tod' ome que Deus faz morar	214			(412)
		230.		215	f. 30.	114.	*[Que grave cousa senhor d'endurar]*
	f. 62.	231.		216		115.	Quen vus foi mia senhor dizer
		232.		217	f. 30ᵛ.	116.	Senhor fremosa, conven mi' a rogar
	f. 62ᵛ.	233.		218		117.	Senhor fremosa, quand' eu cofondi
		234.		219	f. 31.	118.	A melhor dona que eu nunca vi
		235.		220		119.	Quan muit' eu am' ũa molher
	f. 63.	236.		221		120.	Om' a que Deus quer ben fazer
		237.		222	f. 31ᵛ.	121.	Senhor fremosa que sempre servi
		238.		223		122.	Meu Senhor Deus, venho vus eu rogar
	f. 63ᵛ.	238ᵇ.		224	f. 32.	123.	Se vus eu amo mais ca outra ren
		239.		225		124.	Se Deus me leixe de vos ben aver
		240.		226		125.	Des oge mais ja sempr' eu rogarei
	f. 64.	241.		227	f. 32ᵛ.	126.	Punhei eu muit en me quitar
		242.		228		127.	Ora veg' eu o que nunca cuidava
		243.		229		128.	Niun conselho senhor non me sei
244—249. *Joan Lobeira.*			*Joan Lobeira.* 38.				
		244.	Senhor genta	230 e 232ᵇ			
		245.	Non pode Deus pero pod' en poder	231			
	f. 64ᵛ.	246.	Muitos que mi-oen loar mia senhor	232			
		247.	Se soubess' ora mia senhor	233			
	f. 65.	248.	Amigos, eu non posso ben aver	234			
		249.	Venh' eu a vos mia senhor por saber	235			
250—266. *Roy Queimado.* **XII.**			*Roy Queimado.*				*Vinheta VIII.*
		250.		236	f. 33.	129.	Nostro Senhor Deus e porque neguei 39.
	f. 65ᵛ.	251.		237		130.	D' este mund' outro ben non querria
		252.		238	f. 33ᵛ.	131.	Senhor que Deus mui melhor parecer

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.				Cancioneiro da Ajuda.		
	f. 66.	253.		239	f. 34.	132.	Fiz meu cantar e loei mia senhor
		254.		240		133.	Agora viv' eu como querria
	f. 66v.	255.		241	f. 34v.	134.	Sempr' ando coidando en meu coraçon
		256.		242		135.	Nostro Senhor e ora que será
	f. 67.	257.		243	f. 35.	136.	Por mia senhor fremosa quer'eu ben
		258.		244	f. 35v.	137.	Nunca fiz cousa de que me tan ben
	f. 67v.	259.		245		138.	Senhor fremosa, vejo vus queixar
		260.		246	f. 36.	139.	De mia senhor direi vus que mi aven
		261.		247		140.	Cuidades vos, mia senhor, que mui mal
	f. 68.	262.		248	f. 36v.	141.	Direi-vus que mi-avẽo, mia senhor
		263.		249		142.	Preguntou Joan Garcia.
		264.		250		143.	Pois que eu ora morto for
					Lacuna 11ª = Appendice X (413—414).[40]		
	f. 68v.	265.	O meu amigo que me mui gran ben	251			(413)
		266.	Pois mia senhor me manda[41].	252			(414)
267—279. *Vaasco Gil.* **XIII.**			*Vaasco Gil.*				*Vinheta IX.*
	f. 69.[42]	267.		253	f. 37.	144.	Muit' aguisad' ei de morrer
		268.		254		145.	Que partid' eu serei, senhor
		269.		255	f. 37v.	146.	Que sen mesura Deus é contra mi
	f. 69v.	270.		256		147.	Senhor fremosa, non ei og' eu quen
		271.		257		148.	Se vus eu ousasse, senhor[43].
		272.		258	f. 38.	149.	Estes olhos meus ei mui gran razon
			Lacuna.[44]			150.	Muito punhei de vus negar
					f. 38v.	151.	Senhor fremosa, pois pesar avedes
						152.	Senhor fremosa, quero vus rogar
					f. 39.	153.	Senhor fremosa, pois m' og' eu morrer
						154.	Ay mia senhor, quero vus preguntar
280—294. *Gonçal' Eannes do Vinhal.*					f. 39v.	155.	Non soube que x' era pesar
						156.	Punhar quer' ora de fazer
					Lacuna 12ª.[44b]		
295—311. *Joan d' Aboin.* **XIV.**[45]					f. 40.	157.	Nostro Senhor que mi a min faz amar

312—330. *Joan Coelho.* **XV.**[46]			*Vinheta X.*
			f. 40v. 158. En grave dia senhor que vus vi
			f. 41. 159. Meus amigos que sabor averia
			160. Pero m' eu ei amigos, non ei niun' amigo
			f. 41v. 161. Eu me coidei u me Deus fez veer
			162. Ora non sei no mundo que fazer
	f. 70. 316. (?)[47]	259	f. 42. 163. Pelos meus olhos ouv' eu muito mal
	317. (?)	260	164. Non me soub' eu dos meus olhos melhor
	317b. (?)	261	f. 42v. 165. Nunca coitas de tantas guisas vi
	318.	262	166. Atal vej' eu aqui *ama* chamada
	f. 75. 319.[48]	263	f. 43. 167. 168. } As graves coitas a quen as Deus dar
	320.	264	f. 43v. 169. Senhor por Deus que vus fez parecer
	321.	265	170. Com' og' eu vivo no mundo coitado
	f. 75v. 322.	266	171. Desmentido-m' á 'qui un trobador
	323.	267	f. 44. 172. Senhor e lume d' estes olhos meus
	f. 76. 324.	268	173. Senhor, o gran mal e o gran pesar
	325.	269	f. 44v. 174. Noutro dia quando m' eu espedi
	326.	270	175. Deus que m'oj' aguisou de vus veer
	f. 76v. 327.	271	f. 45. 176. Da mia senhor que tan mal dia vi
	328.	272	177. Meus amigos quero vus eu mostrar
	329.	273	f. 45v. 178. Dizen que digo que vus quero ben
331—336. *Rodrigu' Eannes Redondo.* **XVI.**	f. 77. 330.	274	179. Por Deus senhor que vus tanto ben fez
	Rodrigu' Eannes Redondo.[49]		Lacuna 13a = Appendice XI (415—419).
	331. Om' a que Deus coita quis dar	275	(415)
	332. Dê'-lo dia, ay amiga	276	(416)
	f. 77v. 333. Senhor, por Deus vus rogo que que[i]rades	277	(417)
	334. O que vus diz, senhor, que outra ren desejo	278	(418)
	335. Om' a que Deus coita quis dar[50].	279	
	f. 78. 336. Pois ora faz que eu viver aqui	280	(419)
			f. 46. 180. ...que me vos nunca quisestes fazer

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.		Cancioneiro da Ajuda.
			181. Quesen meu grado m' og' eu partirei
			182. Per mi sei eu o poder que Amor
			f. 46v. 183. Dizen mi-as gentes por que non trobei
			184. Muitos vej' eu que se fazen de mi[51].
			Vinheta XVII **(XXVII).**
			f. 47. 185. Pois m' en tal coita ten Amor.
337—349. *Roy Paez de Ribela.* **XVIII.**	*Roy Paes de Ribela.*		*Vinheta XII.*
	337.	281	f. 48. 186. Por Deus vus quero rogar mia senhor
	338.	282	187. Nunc' assi ome de molher
	f. 78v. 339.	283	f. 48v. 188. De mia senhor entend' eu ũa ren
	340.	284	189. Quando vus vi, fremosa mia senhor
	341.	285	f. 49. 190. Tan muit' á ja que non vi mia senhor
	f. 79. 342.	286	191. Un dia que vi mia senhor
	343.	287	f. 49v. 192. Tanto faz Deus a mia senhor de ben
	344.	288	193. A mia senhor a que eu sei querer
	f. 79v. 345.	289	194. Quant' eu mais donas mui ben parecer
	346.	290	f. 50. 195. A mia senhor que mui de coraçon
	347.	291	196. Os que mui gran pesar viron, assi
	f. 80. 348.	292	197. A guarir non ei por ren
	349.	293	198. Par Deus, ay dona Leonor
350—360. *Joan Lopes d' Ulhoa.* **XIX.**	*Joan Lopes d' Ulhoa.*		*Vinheta XIII.*
	f. 80v. 350.	294	f. 51v. 199. A mia senhor que me foi amostrar
	351.	295	200. Quand' eu podia mia senhor
	352.	296	f. 52. 201. Ando coitado por veer
	f. 81. 353.	297	202. Quand' og' eu vi per u podia ir
	354.	298	f. 52v. 203. Nostro Senhor que me fez tanto mal
	f. 81v. 355.	299	204. Juro-vus eu, fremosa mia senhor
	356.	300	f. 53. 205. En que affan que oge viv' e sei
	357.	301	206. Nostro Senhor que non fui guardado
	f. 82. 358.	302	f. 53v. 207. Coit' averia se de mia senhor
	359.	303	208. Se eu moiro, ben-no busquei
	f. 82v. 360.	304	f. 54. 209. Sempr' eu senhor, roguei a Deus por mi

361—366[b]. *Fernan Fernandes Cogominho.*			*Fernan Fernandes Cogominho.*		Lacuna 14[a] = Appendice XII (420—447).[52]
		361.	Non me queredes vos senhor creer	305	(420)
		362.	Ay mia senhor, lume dos olhos meus	306	(421)
	f. 83.	363.	Quen me vir' e quen m'oir'	307	(422)
		364.	Muitos an coita d' amor	308	(423)
		365.	Pois tan muit' á que mia senhor non vi	309	(424)
	f. 83[v].	366.	Non am' eu mia senhor par Deus	310	(425)
		366[b].	Veeron-m' ora preguntar	311	(426)
367—368[b]. *Rodrigu' Eannes de Vasconcellos.*[53]			*Rodrigu' Eannes de Vasconcellos.*		
		367.	Senhor de mi e do meu coraçon	312	(427)
	f. 84.	368.	Aquestas coitas que de sofrer ei	313	(428)
		368[b].	Preguntei ũa dona en como vus direi	314	(429)
369—374. *Pero Mafaldo.*			*Pero Mafaldo.*		
		369.	Ay mia senhor vẽen me consellhar	315	(430)
	f. 84[v].	370.	A mia senhor que eu por meu mal vi	316	(431)
		371.	Senhor por vos e pelo vosso ben	317	(432)
		372.	Senhor do mui bon parecer	318	(433)
	f. 85.	373.	Ay amiga sempr' avedes sabor	319	(434)
		374.	Vej' eu as gentes andar revolvendo	320	(435)
375—382. *Affonso Meendes de Beesteiros.*			*Affonso Meendez de Beesteiros.*		
		375.	Coitado vivo á muy gran sazon	321	(436)
	f. 85[b].	376.	Senhor fremosa, vejo-me morrer	322	(437)
		377.	Oymais quer'eu punhar de me partir	323	(438)
		378.	Oymais non á ren que mi gradecer	324	(439)
	f. 86.	379.	Per bõa fé non saben nulha ren	325	(440)
		380.	Cativ' e sempre cuidarei	326	(441)
		381.	Senhor fremosa mais de quantas son	327	(442)
		382.	Que sen meu grado me parti	328	(443)
383. *Pero Mafaldo.*			*Pero Mafaldo.*		
		383.	O meu amig' amiga	329	(444)
384—393. *Fernan Gonçalves de Seabra.* **XX.**			*Fernan Gonçalves de Seabra.*		*Vinheta XIV.*
					f. 55[v]. 210. Gran coita soffr' e vo[u]-a negando
					211. Neguei mia coita des ũa sazon

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro Colocci-Brancuti.		Cancioneiro da Ajuda.
			f. 56. 212. Por non saberen qual ben desegei
			213. A dona que eu vi por meu[54].
			f. 56v. 214. Se ei coita muito a nego ben
			215. Des que vus eu vi, mia senhor, me ven
			f. 57. 216. De mort' é o mal que me ven,
	f. 87.[55]. 384.	330	217. A mia senhor atanto lhe farei
	385.	331	f. 57v. 218. Sazon sei ora, fremosa mia senhor
	386.	332	219. Gradesc' a Deus que me vejo morrer
	387.	333	f. 58. 220. Pois o vivo mal que eu soffro punhei
	388. Moir' eu por vos mia senhor	334	(445)
	389.	335	221. Nostro Senhor quen oj'a min guisasse
	390. Muitos me preguntan per bõa fé	336	(446)
	391. Muitos vej' eu que con mengua de sen[56].	337	(447)
	Cancioneiro da Vaticana.		
	Pero Barroso. **XXI.**[57].		*Vinheta XV.*
	392.	CV 2	f. 59. 222. Quand' eu mia senhor convosco falei
	393.	3	223. Por Deus senhor, tan gran sazon
394. *Sancho Sanchez.*	*Sancho Sanchez.*		
	394. A mia senhor que eu mais d' outra ren	4	[58].
	D. Affonso Lopes de Baian. **XXII.**[59].		*Vinheta XVI.*
	395.	5	f. 60. 224. Senhor que grav' oj' a mi é
	396.	6	225. O meu senhor Deus me guisou
397. *Meen Rodrigues Tenoiro.* **XXIII.**	*Meen Rodrigues Tenoiro.*		Lacuna 15ª = Appendice XIII (448—453).
	397. Quant' á senhor, que m' eu quitei	7	
398—404. *Affonso Fernandes Cobolilha*[60].			(448)
	398. Senhor fremosa pois m' aqui	8	(449)
	399. Se eu podess' ir u mia senhor é	9	(450)
	400. Quer' eu agora ja meu coraçon	10	(451)
	401.	11	f. 61. 226. *[Senhor fremosa, creede per mi]*
	402.	12	227. Quando m'eu mui triste de mia senhor

	402[b]. Ir vus queredes, amigo, d' aquen 13	(452)
	403. Juyão, quero contigo fazer 14	(453)
	61.	
417—427. *Joan de Guilhade.* **XXIV.**	*Joan de Guilhade.*	Lacuna 16ª = Appendice XIV (454—456).
		(454)
	417. Queixum' ouvi dos olhos meus 28	
	418 e 426. 29 (e 38)	f. 62. 228. *[Que muitos me preguntaran]*
	419. 30	229. Amigos non poss' eu negar
	420. 31 e 32	230. Senhor veedes me morrer
	421. 33	f. 62[v]. 231. U m'eu parti d'u m'eu parti
	422. 34	232. A bõa dona por que eu trobava
	423. 35	f. 63. 233. Amigos, quero-vus dizer
	424. 36	234. Quantos an gran coita d'amor
		f. 63[v]. 235. Gran sazon á que eu morrera ja
		236. Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse
		f. 64. 237. Estes meus olhos nunca perderan
		238. Cuidou-ss' amor que logo me faria
		239. Esso mui pouco que og' eu falei
	425. Deus como se foron perder e matar 37	(455)
	427. A mia senhor ja lh'eu muito neguei 38	(456)
		Lacuna 17ª = Appendice XV (457). 62.
428—429. *Esteram Faian* [ou *Froyan*]. **XXV.**	*Esteran Faian.*	*Vinheta XVII.*
	428. 40	f. 65. 240. Vedes senhor quero vus eu tal ben
	429. Senhor fremosa des que vus amei 41	241. Por muitas cousas eu que sei
		(457) 63.
	Joan Vaasques. **XXVI.** 64.	*Vinheta XVIII.*
	430. 42	f. 66. 242. Muit' ando triste no meu coraçon
	431. 43	243. Parti-m' eu de vos mia senhor
	432. 44	f. 66[v]. 244. Meus amigos, muit' estava eu ben
	433. 45	245. Estes que ora dizen mia senhor
		Lacuna 18ª. (?)

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro da Vaticana.		Cancioneiro da Ajuda.		
808—818. *Pae Gomez Charinho.* **XXVII.**	*Paay Gomes Charinho.*				*Vinheta XIX.* [65]
	811.	**CV 395**	f. 67.	246.	A dona que ome senhor devia
				247.	Que mui de grad' eu querria fazer
	816.	400	f. 67v.	248.	Oí eu sempre mia senhor dizer [66]
			f. 68.	249.	Dizen senhor ca dissestes por mi
				250.	Coidava-m' eu quand' amor non avia
			f. 68v.	251.	Quantos oj' andan eno mar aqui
				252.	Senhor fremosa, pois que Deus non quer
			f. 69.	253.	Pois mia ventura tal é pecador
			f. 69v.	254.	Senhor fremosa, por Nostro Senhor
	842.	428		255.	A mia senhor que por mal d'estes meus
			f. 70.	256.	De quantas cousas eno mundo son
					Lacuna 19a. (?) [67]
434—442. *Fernan Velho.* **XXVIII.**	*Fernan Velho.*				*Vinheta XX.*
	434.	46	f. 71.	257.	Pois Deus non quer que eu ren poss' aver
	435.	47		258.	Quant' eu de vos mia senhor receei
	436.	48	f. 71v.	259.	Senhor que eu por meu mal vi
	437.	49		260.	A mayor coita que eu vi soffrer
	438.	50	f. 72.	261.	Nostro Senhor que eu sempre roguei
	439.	51		262.	Muitos veg' eu per mi maravilhar
	440.	52	f. 72v.	263.	Senhor, o mal que m'a min faz amor
	441.	53		264.	Meus amigos, muito me praz d'Amor
	442. Por mal de mi me fez Deus tant' amar	54			Lacuna 20a = Appendice XVI (458). (458)
449—450. *Bonifacio de Genova* [68]. **XXIX.**	*Bonifacio de Genova.*				*Vinheta XXI.*
	449.	**CB. 341**	f. 73.	265.	Mui gran poder á sobre mi amor
	450.	342	f. 73v.	266.	Ora non moiro nen vivo nen sei
					Vinheta XXII (**XXX**).
			f. 74.	267.	Que mal amor me guisou de viver
				268.	Ora poss' eu con verdade dizer

			f. 74v. 269. Senhor fremosa, ja perdi o sen
			270. Senhor fremosa, ja nunca será
			f. 75. 271. Des oge mais me quer eu, mia senhor
			272. Senhor fremosa, querria saber
			f. 75v. 273. Dizedes vos senhor que nosso mal
			274. Tan muito mal me ven d' amor
			f. 76. 275. Mia senhor, quantos eno mundo son
			f. 76v. 276. A Deus gradesco, mia senhor
			Vinheta XXIII (**XXXI**).
			f. 77v. 277. Senhor fremosa, pois me vej' aqui
			Lacuna 21ª.
			Vinheta XXIV (**XXXII**).
			f. 78. 278. A mais fremosa de quantas vejo
			279. Pero eu vejo aqui trobadores
			f. 78v. 280. Amigos des que me parti
			Lacuna 22ª.
1219—1220. *Pedr En[nes] Solaz.* **XXXIII.**	*Pedr' Annes Solaz.*		*Vinheta XXV.*
			f. 79. 281. Eu sei la dona velida
	1219.	**CV 824**	282. Non est a de Nogueira
	1220.	**CV 825**	283. A que vi ontr' as amenas
			284. Vou m'eu fremosa pera' l rei
			Lacuna 23ª.
977—978. **69.** *Fernan Padron.* **XXXIV.**	*Fernan Padron.*		*Vinheta XXVI.*
	976.	**CV 563**	f. 80. 285. Se vos prouguess' Amor, ben me devia
	977.	564	286. Nulh' ome non pode saber
	978. **69b.**	565	f. 80v. 287. Os meus olhos que mia senhor
			Lacuna 24ª.
979—990. *Pero da Ponte.* **XXXV.**	*Pero da Ponte.*		*Vinheta XXVII.*
	979.	566	f. 81v. 288. Tan muito vus am' eu, senhor
	980.	567	289. Se eu pudesse desamar
	981.	568	f. 82. 290. Agora me part' eu meu sen meu grado
	982.	569	f. 82v. 291. A mia senhor que eu mais d'outra ren **70.**
	983.	570	292. Senhor do corpo delgado

Tavola Colocciana: Cod. Vat. 3217.	Cancioneiro da Vaticana.		Cancioneiro da Ajuda.
			Lacuna 25ª (?) = Appendice XVII (459—466).
	984.	571	(459)
	985.	572	(460)
	986.	573	(461)
	987.	574	(462)
	988.	575	(463)
	989.	576	(464)
	990.	577	(465)
	990ᵇ.	578	(466) 71.
991—998. *Vaasco Rodrigues de Calvelo.* **XXXVI.**	*Vaasco Rodrigues de Calvelo.*		*Vinheta XXVIII.* 72.
	993ᵇ. 73.	582	f. 83. 293. Vivo coitad' en tal coita d' amor
	994.	583	294. Des quand' eu a mia senhor entendi
	995.	584	f. 83ᵛ. 295. Por vos veer vin eu, senhor
	996.	585	296. Meus amigos, pese-vus do meu mal
	997.	586	f. 84. 297. Porque non ous' a mia senhor dizer
	992.	580	298. Non perç' eu coita do meu coraçon
			299. Senhor, eu vivo muit' a meu pesar
	991.	579	300. Pouco vos nembra, mia senhor
	993.	581	301. Se eu ousass' a Mayor Gil dizer
			302. Ja eu, senhor, muitas cousas passei
			Lacuna 26ª = Appendice XVIII (467).
	998. Coitado vivo d' amor	587	(467)
887—888. *Martin Moxa.* **XXXVII.**	*Martin Moxa.* 74.		
			f. 85. 303. ... mais ambos i faredes o melhor
			304. Cativo mal conselhado
			305. Quen viu o mundo qual o eu ja vi
			f. 85ᵛ. 306. Algũa vez dix' eu en meu cantar
	895.	**CV 480**	f. 86. 307. Amor non qued' eu amando
			Lacuna 27ª.
899—914. *Roy Fernandes de Santiago.* **XXXVIII.**	*Roy Fernandes de Santiago.* 75.		*Vinheta XXIX.*
	900.	**CV 485**	f. 88. 308. Se om' ouvesse de morrer
	901.	**CV 486**	f. 88ᵛ. 309. Ora começa o meu mal
	902.	**CV 487**	310. Que mui gran prazer og' eu vi
			Lacuna 28ª.

§ 149. *Miscellas illustrativas do Indice comparativo.*[1])

1. As poesias que precediam a folha inicial do **CA**, tiradas das 23 primeiras laudas do **CB**,[2]) são 64; mas foram 92 (em 32 folhas?) outr' ora quando se conservava intacto o manuscripto cuja synthese é o catalogo de auctores de Colocci.[3]) Esta parte, em que entram varias poesias de uma unica estrophe, mas tambem algumas bem extensas, accompanhadas de longas rubricas, teria enchido os quatro cadernos do **CA**, a meu vêr, desgastados antes de 1500. Começando o nosso codice no meio não só de um cyclo, mas ainda no meio de uma poesia, haviamos de forçosamente recuar até onde principia o grupo, o que nos leva até o meado de um caderno. E como não é provavel que a compilação começasse com um caderno incompleto, temos de continuar a retroceder até o seu começo, parando então novamente no meio do cancioneirinho de um trovador (Calheiros **CB** 51). E assim por deante até chegarmos ao *Lais* primeiro, collocado propositadamente, i. é. contra o que a chronologia mandava, conforme a confissão expressa do colleccionador, *aa cima* (= ao cabo ou á frente[4]), *porque era o melhor que foi feito.*[5]) Eis a razão porque formei d'esse troço o *Appendice I* (311 — 374). Aqui e sempre sob reserva, bem se vê, e quanto aos Lais, persuadida que não pertenceram á collecção original de que o codice da Ajuda é apographo incompleto — tendo sido addicionados pelo Conde de Barcellos.[6])

2. Ha divergencia entre o **CB** e a *Tavola*. Nesta, falta o nome Ayras Moniz Dasme. O de Diego Moniz vae junto á cantiga 12ª. Encimando no texto a 8ª, é muito possivel que lhe pertencessem todas as de 8 a 12, e a Ayras Moniz apenas a 6ª e 7ª.

---

1) Estas explicações completam as notas relativas ás lacunas do **CA** que deixei intercaladas no texto (Vol. I). Tambem permittem rectificar uma ou outra interpretação que hoje considero falsa.

2) A folha em que principia a nossa cantiga 1ª, é numerada 24. Mas as que precedem não têm paginação regular. — Cf. *Miscella* 10.

3) Obra d' elle, ou treslado de outro preexistente. Não seria caso unico a existencia de um *Indice* antigo junto a um *cancioneiro*. — Cf. *Miscella* 4.

4) Colocci traduziu a abreviatura ($\frac{a}{9}$), que evidentemente está deturpada por *aqui* (*qui*).

5) Supprimo, ou abrevio, as extensas rubricas em italiano que accompanham essas poesias, embora com erros, na *Tavola Colocciana,* porque o leitor as encontra reproduzidas, e commentadas na Biogr. XXXIX da Parte III d' este Volume.

6) Vid. Cap. VI, Biogr. XXXIX.

3. A não haver erro de numeração, faltam 28 poesias registadas na *Tavola*, equivalentes a um caderno inteiro do manuscripto-pae, e do nosso **CA**. No **CB** ha hoje, neste sitio, uma folha não contada »*probabilmente scritta, che fú lacerata.*« Além d'isso subsistem duas em branco (12 e 13), a ultima das quaes tem a marca de registo **A**. Deve indicar que com ella acabava o primeiro fasciculo do treslado.

4. Pergunta-se naturalmente, de onde é que Angelo Colocci tiraria os nomes inscriptos no catalogo, caso o ms.-pae do **CB** já estivesse defeituoso, como presumo. Só posso responder que nada prova ser o *Indice* trabalho original do humanista. Talvez fosse simples treslado (com parcellas italianizadas) de outro mais antigo que andava junto ao cancioneiro, ou corria solto. *A não ser assim, teve effectivamente á mão outro terceiro codice, desapparecido, como pensam os criticos italianos. Mas neste caso não percebo porque não se serviu d'elle com mais proficuïdade, preenchendo lacunas e corrigindo erros.* [1]) Só, se mandou copiar tambem integralmente o tal terceiro codice, cujo Indice possuimos.

5. O copista inverteu as duas poesias. Colocci sanou o erro, accrescentando *b* e *a* aos algarismos 42 e 43.

6. O verso da folha não principia exactamente ahi, mas antes no meio da canção anterior, circumstancia que se repete infinitas vezes, mas que deixo de apontar.

7. Divergencia entre a *Tavola* e o **CB**. Segundo este, a cantiga 72 pertence a Calheiros, e não a Pero d'Ambroa.

8. Repetida sob No. 1336 = **CV** 943.

9. No fundo da f. 23^v, com que acaba o segundo caderno, lê-se o registo **b** (sic).

10. Á margem esquerda, no canto de cima da f. 24, lê-se 32: talvez a paginação antiga do original, inscripta para facilitar ao sabio humanista a fiscalização do trabalho que distribuia entre tres amanuenses.

11. Com a ultima syllaba d'este verso principia o Cancioneiro da Ajuda. A fim de destacar claramente as cantigas que effectivamente subsistem no nosso codice, das que colloquei nos Appensos, passo a inscrever aquellas na terceira casa, que lhes é destinada.

1) Cf. mais acima o nosso § 58, 59, 110, 113; assim como no Cap. VI, a Biogr. XXXIX.

12. Na p. 39 do Vol. I deixei exposto o que penso da folha cortada entre a 3ª e 4ª. O conter ella muito pergaminho em branco e apenas algumas linhas de escripta, despertaria a cobiça de algum industrioso. A supposição que ahi dubitativamente aventei de que por ventura aquella lauda terá incluido ainda as tres poesias immediatas do **CB** (que faltam no **CA**), com attribuição a Praga de Sendim, de certo não convenceu ninguem. Afigura-se-me agora mais provavel que essas tres se achassem no fim do cyclo pertencente a Somesso, formando parte do caderno que desappareceu entre o I e o II (Lacuna 3ª). D'este modo elle abrangia 25 poesias, em vez de 22 (ou 23, em lugar de 20, se os Nos. 138 e 139, a que me refiro na *Miscella* 14, nunca existiram).

Quanto a divergencias na coordenação das cantigas pertencentes ao mesmo poeta, veja-se p. ex. o cancioneirinho de Guilhade, o de Martim Soares, e o de Vasco Rodrigues de Calvelo.

13. A ordem das cantigas 118 e 119 está invertida no **CB**.

14. Os Nos. 138 e 139 não existem no **CB**. A f. 35 que é final do terceiro caderno, tendo a marca de registo **C**, está em branco. Erros d'estes são freqüentissimos no **CB**, exactamente como nas edições de Lord Stuart, Varnhagen, Monaci e Molteni. Penso que no original faltava a numeração das cantigas e que o explorador quinhentista, determinado a fazêr o treslado, mandou contar e numerar as cantigas *a priori*, commettendo-se então esses erros arithmeticos.

15. Divergencia entre a *Tavola* e o **CB**, segundo o qual a cantiga 143 é de Martim Soares.

16. Supprimo tambem aqui as longas epigraphes, impressas a p. 745, 777 e 779 do Vol. I; e observo que nutro duvidas, sobre se estas tres peças figurariam de facto no nosso Cancioneiro.

17. Na f. 37 encontra-se um fragmento da cantiga 496 (= **CV 79**), fóra do seu logar e cancelado. É copia talvez de uma folha solta deslocada e que por descuido não fôra retirada do caderno **D**, antes de elle ser entregue ao copista.

18. As poesias dos dois irmãos Pero Velho e Pay Soares e as de Martim Soares andavam apparentemente juntas nos rotulos originaes, sendo confundidas pelos copistas. Com os elementos contradictorios do *Indice* e Cancioneiro **CB** não é possivel destrinçar o que pertence a cada um. O que resulta certo é que os seis versos iniciaes da cantiga 31 constituem o final da ultima folha do

caderno que hoje falta no **CA**. Portanto essa cantiga não era a primeira do cyclo attribuido a Pay Soares de Taveirós, sendo obra sua ainda composições precisas para encher a pagina. Quaes eram, é o que não sei adivinhar: a tenção em que disputa com Martim Soares? a chufa que tanto se semelha ao No. **142** de seu irmão? Ou antes duas cantigas de amor, desconhecidas?

19. A f. 38v, em que vae a marca de registo do quarto caderno (**D**), está em branco. As tres que sobejam, não contadas, que outróra houve no **CB** neste logar e foram cortadas, conforme mostram as rebarbas, podiam indicar lacuna. O confronto com o Indice, e a chamada, inscripta por Colocci, depoem todavia contra esta supposição. A favor d'ella está o **CA** que diverge, offerecendo quatro cantigas a maior; originariamente talvez incluisse mais algumas, visto que, depois da 39a, foi roubada uma meia-folha. Segundo os meus calculos, essa continha na face o final da cantiga 39a e no verso, guarnecido de *Vinheta* e capital ornamentada, uma poesia ignota de Martim Soares, assim como o principio da 40a.

20. No canto esquerdo da margem superior encontra-se inscripta a paginação 44. Cf. *Miscella* 10.

21. Note-se a divergencia na coordenação. A cantiga **CA 61**, ultima do cyclo, occupa o primeiro logar no **CB** (**124**).

21b. Ha divergencia entre **CA** e **CB**. Este offerece uma estrophe a mais.

22. A cantiga **CV 679** principia de modo identico. Mas todo o resto é differente.

23. Por engano saltou-se o algarismo 139 na edição Molteni-Monaci.

23b. Vid. Vol. I, p. 125. Divergencia entre o **CA** e o **CB**. Este tem mais uma estrophe.

24. Veja-se o que digo a p. 127 do Vol. I. Bem pode ser que na folha cortada fosse apenas o fim da Cantiga **CA 61**, sendo ella roubada por isso mesmo.

25. A Vinheta da folha indica que divergindo do **CB**, o modelo transcripto pelo copista do **CA** attribuia as duas cantigas não a Martim Soares mas a outro vate. Vid. Cap. VI, Biogr. V.

26. Aqui a *Tavola* affasta-se tanto do **CB** como do **CA**, que estão em harmonia. Segundo ambos, as poesias de Corpancho acabam com a cantiga 179. Os Nos. 180, 181 et 181b são attri-

buidos no **CB** a Nuno Rodrigues de Candarey, cujo nome falta no catalogo de auctores.

27. Vid. p. 134 do Vol. I. Nova divergencia entre o **CB** e o Indice de um lado, e o **CA** do outro lado.

28. Segundo já expliquei mais acima, e a p. 145 do Vol. I, essa poesia torna a apparecer nos apographos italianos, com variantes e attribuição diversa: no **CV 1061** em nome de João de Gaia; no **CB** sob No. 1450, accompanhada do nome Pero Amigo, a julgar da *Tavola.*

29. Divergencia entre o **CB** e o Indice de um lado, estando do outro o **CA**, a não ser que Nuno Rodrigues de Candarey e o outro Nuno, de sobrenome ominoso, sejam o mesmo individuo. Vid. Vol. I, p. 148.

30. Segundo **CB** e **CA**, que andam conformes neste particular, apenas 13 poesias pertencem a Torneol. As restantes são de Pero Garcia Burgalês, cujo nome foi por descuido omittido no Indice de auctores.

31. Vid. Vol. I, p. 172. Divergencia entre **CA** e **CB**. Pode ser que na folha arrancada não fosse a cantiga 185[b], mas antes um pequeno grupo de versos pertencentes a um trovador desconhecido.

32. Divergencia. O **CB** tem mais uma estrophe que o **CA**.

33. Vid. Vol. I p. 200. — As folhas 51[v] e 52 — 55 do **CB** estão em branco. Mas apparentemente não ha lacuna, tratando-se apenas de papel que sobejou do que fôra entregue ao amanuense. A penultima d'essas folhas, com a qual acaba o quinto caderno, traz a marca de registo **F**. A lettra **E** não se acha na edição Molteni, de sorte que ignoramos onde acaba o quarto. — Cf. *Miscella* 3, 9 e 19.

34. Na f. 56, no canto esquerdo da margem de cima, lê-se 55. — Cf. *Miscella* 10 e 20.

35. No **CB** trataram as quatro *fiindas* como se fossem uma cantiga independente. Enganos d'estes ministram a prova de que a numeração não provém do original.

36. Tambem aqui consideraram os remates como cantiga independente.

37. Divergencia entre **CB** e **CA**. Vid. Vol. I, p. 200. Reproduzi todas as sete composições no Appendice VIII, a pesar de saber perfeitamente que na meia-folha cortada entre a 60[a] e 61[a] do nosso codice não cabiam tantas.

38. Divergencia. Não ha aqui lacuna que pudessemos preencher com as obras de Lobeira.

39. Divergencia. O **CB** tem a maior a *fiinda* da cantiga.

40. Vid. Vol. I p. 288. Duvido que haja aqui divergencia. Não é raro ficar algum espaço vazio no fim de cantigas pouco extensas.

41. No **CB** a cantiga é encimada da palavra *Cartuxo* (de mão e letra de Colocci). Monaci metteu na lista dos auctores. Vid. § 144. Nas ff. 67ᵛ e 68ʳ ha a letra de registo **G**.

42. Na margem de cima da f. 69 lê-se a paginação 67.

43. Divergencia. O **CB** tem mais uma estrophe.

44. No **CB** arrancaram quatro folhas depois da 69ª. Pelo confronto com a **CA** e com o Indice reconhece-se que a lacuna abrangia 44 poesias que davam para encher dois cadernos inteiros, e não sómente as folhas que faltam e mais a 70ª e 71 a 74 de que fallei a p. 310 do Vol. I.

44ᵇ. A lacuna do **CA** é menos extensa. De 44 composições só faltam 32, i. é um caderno e mais meia folha. — Cf. *Miscella* 51.

45. Em vista da grande analogia entre os cancioneiros, estavamos auctorizados a attribuir a D. João d'Aboim o cyclo de poesias que precede o cancioneirinho de João Coelho. Cf. *Miscella* 51.

46. No **CB** ha erro de contagem nos versos de Coelho. Parece que o cancioneirinho d'este auctor deve começar com o No. 311.

47. O **CB** apresenta apenas o verso 16 da cantiga **163** do **CA**.

48. As folhas 70ᵛ—74 do **CB** estão em branco; em fim de caderno, como as mais vezes. Na f. 72ᵛ vê-se a marca de registo **I** (e na 74 a letra **M**). A lettra **H**, que falta, entrava provavelmente no caderno perdido. Na f. 75 lê-se a paginação 77.

49. Ha divergencias sensiveis entre os dois cancioneiros, como explico a p. 354 do Vol. I. Na meia-folha arrancada ao **CA** mal teriam tido cabimento as cinco composições do **CB**. As que seguem immediatas no nosso volume ficam tambem sem correspondencia no **CB** e no Indice. É pois muito arriscada a attribuição a Redondo. Accresce ainda que uma d'essas poesias anda no **CV** (**279**) entre as de D. João d'Aboim. Vid. *Miscella* 51.

50. No. 335 é repetição de 331.

51. A cantiga do **CA 184** é identica á **279ª** do **CV**. Se fôr realmente de D. João d'Aboim, sendo suas tambem as quatro precedentes, teremos de suppôr que a meia-folha isolada do **CA** anda fóra do seu logar, sendo uma das oito que originariamente

perfaziam um dos cadernos desgastados antes de 1500. — Cf. Cap. III, p. 151, Nota 1ª.

52. De 361 a 391 ha divergencias notaveis entre o nosso Cancioneiro, o Indice e **CB**, o qual offerece aqui, fóra do seu logar, dois cantares de amigo (373 e 383), retalhando os versos de Pero Mafaldo em varias parcellas. O **CA** apresenta seis (respectivamente sete) canções de F. G. de Seabra que não entraram nos apographos italianos. Mas faltam-lhe tres do mesmo auctor, que são privativas do **CB**. Pode ser que a folha cortada do **CA** contivesse inteira a menor das quatro series que **CB** apresenta, ou partes de uma das restantes. Só por este motivo é que as publico todas no *Appendice* XII.

53. Na *Tavola* os nomes Pero Mafaldo (369) e Rodrigu' Eannes de Vasconcellos (367) estão invertidos.

54. Esta cantiga encontra-se repetida no **CV** 55 (= *Tavola* 443), com attribuição a Ayras Vaz, pouco depois do nosso No. **264**.

55. Na margem inferior da f. 86ᵛ lê-se a letra de registo **L**. Na 87ª, no canto exterior da margem de cima, ha a paginação 89.

56. Com esta canção, incompleta, começa o Cancioneiro da Vaticana. E como até hoje não se publicou nenhum estudo comparativo das partes em commum a ambos os apographos, força é cingir-me apenas ás informações que posso colher no **CV** e na *Tavola*. Ommitto por isso a paginação. Copiado de um exemplar bastante deteriorado, especialmente no primeiro caderno, que imagino desorganizado a ponto de constar de folhas soltas, cujo nexo e ordem era penoso reconstituir, o cancioneiro, falho das primeiras 43 folhas, principia com a 44ª. Esta corresponde á 88ª do **CB**, o que pode levar a suppôr que a paginação do ms-pae do codice vaticano estava feita por folhas inteiras, contendo por isso duas vezes tanta materia como **CB** e **CA**, conforme deixei estabelecido.[1]) Todavia é preciso não esquecer que o **CB** tambem está truncado. Mas mesmo se cada folha encerrass seis a sete, ou mesmo oito poesias, não cabiam em 43 as 390 composições de que, na apparencia, carece. Ellas enchiam, creio eu, 55 ou 56. Talvez que erros de numeração expliquem o caso.

57. O nome Pero Barroso falta na *Tavola*. Penso que por descuido do organizador. Não falta porém no **CB** que lhe attribue as canções 392 e 393, segundo me foi communicado em 1880 pelo Snr Ernesto Monaci.

---

1) Vid. § 147.

58. Divergencia. Esta cantiga encontra-se posteriormente com attribuição a outro trovador (**CA** 291 = **CV** 569, que corresponde ao No. 982 da *Tavola*). E como não se nota lacuna no **CA**, não é de suppôr que figurasse aqui. Em vista de um erro de contagem, relativo á cantiga que marquei, em duvida, com o algarismo 402[b], quer me parecer que na *Tavola* haviam falsificado por desleixo os assentos que dizem respeito a Cobolilha.

59. O nome Affonso Lopes de Baião falta na *Tavola*. Achase, porém, no **CB**, de mão e letra de Colocci.

60. Fica duvidoso se as quatro cantigas, contidas provavelmente na meia-folha cortada do **CA**, eram de Tenoiro ou de Cobolilha. Na *Tavola* e no **CB** attribuem-na a est' ultimo trovador. No **CV**, pelo contrario, estão assignadas a Tenoiro, cujo nome se acha repetido tres vezes. Mal havia logar para versos de dois poetas, vendo-se por ventura na face uma poesia de Tenoiro e no verso tres de Cobolilha. Nem tão pouco o espaço chegava para irem incluidas ainda as duas que seguem no **CV**. E sendo a primeira um *cantar de amigo* (repetido depois sob No. 319 = Ind. 718) e a segunda uma tenção grosseira e burlesca, estavam tambem pelo assumpto excluidas de um bem ordenado *cancioneiro de amor*.

61. Nova divergencia. Temos de dar um salto desde a cantiga 404 (ou 405) da *Tavola* até á 417[a]. As 16 poesias de D. Affonso Sanches (406—416), precedidas de uma só de Cobolilha (405), não figuraram no **CA**, ao que parece.

62. Divergencia. Vid. Vol. I, p. 466.

63. Divergencia entre **CA** e **CV**. — Vid. Vol. I, p. 470. — O **CB** concorda com **CA** em attribuir a Estêvam Faiam só duas cantigas, concedendo ainda a João de Guilhade a que corresponde a **CV 37**.

64. Na *Tavola* falta o nome Joan Vaasques, mas não no **CB**, onde foi introduzido por Colocci. No sitio onde no **CV** se lê a nota *desunt multa* (entre os Nos. 43 e 44), ha no **CB** apenas duas estrophes a maior, que completam a cantiga 43, e mais outra que inteira a immediata. Todas ellas se encontram no **CA**.

65. Divergencia, e não só quanto á ordem. As rimas de amor de Pay Gomes Charinho faltam quasi todas nos apographos italianos no logar correspondente, apparecendo muito depois, repartidas em duas metades, no meio de cantares de amigo; mas mesmo ahi só em pequena parte. Oito são privativas do **CA**.

66. Repetido depois de No. 253. Cf. Cap. III, § 143 (vacat).

67. Vid. Vol. I, p. 502.

68. D'ahi em deante a divergencia entre os tres cancioneiros é completa. No **CA** temos Bonifacio de Genova, logo após Fernam Velho. Depois, seguem tres Anonymos, cujas obras não figuram nos apographos italianos, e finalmente um poeta que surge nos dois muito posteriormente, entre os auctores de *cantares de amigo.* No **CV** temos Ayras Veaz (sendo uma das suas canções identica á 213ª do **CA**, de F. G. de Seabra), Vaasco Perez, e logo depois um corte importante que abrange 27 poesias. No **CB** e no Indice os auctores immediatos são Ayras Veaz, Pero Viviaes, Bonifacio de Genova e Vasco Perez, seguidos de dois condes portugueses e dos trovadores coroados de Castella, Leão e Portugal.

69. Erro por 976?

69ᵇ. Depois da cantiga 978, acham-se repetidas no **CB**, por descuido, as estrophes 2 e 3 da 975ª.

70. Cf. mais acima a *Miscella* 58.

71. Creio que houve divergencias. Os sirventeses historicos de Pero da Ponte talvez nunca fizessem parte do **CA**.

72. A ordem das cantigas diverge nos apographos italianos e no **CA**, e tambem o numero de cantigas attribuidas a Calvelo.

73. Ha no **CB** erros de numeração dentro d'este cyclo.

74. Descobri tarde que a poesia **CA 307** é a mesma que lemos no **CV 480**, com attribuição a Martim Moxa. A não ser isso, teria reproduzido os de mais cantares d'elle (**CV 472—483** = Ind. 887—898) como *Appendice,* na ideia de assim preencher a lacuna 26ª, que consta de meia-folha ou tres paginas e a 27ª.

75. Ha divergencia entre **CA** e os apographos, embora pareça que os cantares de Roy Fernandes de Santiago se seguiam em todos elles aos de Martim Moxa.

* * *

§ 150. Bem se vê que na maioria dos casos as minhas attribuições devem ter sahido certeiras. A mais duvidosa é a do cyclo XVI, constituido pelos versos contidos na f. 75 (= 47) e completado no Appendice XI, porque essa lauda avulsa — resto de um caderno perdido — se acha provavelmente deslocada, não tanto por inadvertencia do encadernador como pela falta absoluta de indicios que o guiassem. Parecendo de Rodrigu' Eannes Redondo, é possivel que na realidade esses versos sejam de D. João d'Aboim.

Além d'isso ha incerteza sobre se as cantigas 448—451 e 226—227 são de Cobolilha ou de Tenoiro.

Quanto ás tentativas de preencher lacunas, estou persuadida que tambem quasi todas merecem approvação. Poderia mesmo ter completado ainda mais o nosso livro, introduzindo cantigas de Martim Moxa nas lacunas 26 e 27, e seis de Roy Fernandes de Santiago (Ind. 899 — 903 e 916) na lacuna 28. As propostas de integração que considero problematicas, e que desauctorizei com a minha propria palavra[1]), são, além da que se refere a Redondo (**CA 415—419**), as que dizem respeito a Martim Soares (398), Candarey (400), Torneol (402) nas secções IV, VI e VII. E principalmente na XIIª as relativas aos versos de Cogominho, Vasconcellos, Mafaldo e Bèsteiros; assim como as que inteiram o cyclo de Tenoiro-Cobolilha (452 — 453), Guilhade (455 — 456) e Pero da Ponte (459 — 466). Umas, porque não percebo como essas cantigas haviam de materialmente caber no espaço restricto da folha ou das folhas de pergaminho que parece faltam nos logares respectivos. Outras por motivos intrinsecos, porque representam generos que imagino alheios ao Cancioneiro da Ajuda, e excluidos por principio.

São estas ultimas cantigas extravagantes que induzem a considerações geraes sobre o conteudo e sobre a disposição das tres miscellaneas conhecidas, especialmente do **CA**.

§ 151. O *Cancioneiro Geral gallaïco-português,* reconstituido com a ajuda dos exemplares truncados que possuimos, tão incompletamente como é possivel neste instante, divide-se em tres partes principaes: Parte I: um *Cancioneiro de Amor,* com todas as cantigas em que, segundo a ingenua interpretação do doutrinal antigo, *elles* fallam a *ellas* ou *d'ellas,* sendo em ambos os casos o thema da conversa o magno e eterno assumpto da vida humana. Parte II: *Livro dos Cantares de Amigo,* composto de versos em que, conforme a mesma fonte, são damas, e em especial donzellas, as que manifestam os seus sentimentos e por isso mesmo podia receber o titulo de *Livro das Donas* ou *Donzellas* que lhe dou ás vezes. Parte III: *Cancioneiro de Burlas,* com versos de chacota, *escarnho* e maldizer, em que aberta ou encobertamente, se pecca contra o mandamento oitavo do Decalogo.[2])

---

1) Vid. *Miscella* 16. 18. 49. 53. 60. 70.

2) A Parte I abrange as poesias 1 — 625. Isto é **CB 1—337**, seguidas de **CV 1** (respectivamente 2) —**57**, **CB 338—372** e **CV 61—226**. — **CB 343—345** correspondem a **CV 58 — 60**.

Se escrevesse a historia da litteratura portuguesa, teria de designar como Parte IV ou *Cancioneiro religioso* as *Cantigas de S. Maria* de Alfonso X, de combinação com o problematico *Cancioneiro da Virgem,* attribuido pela tradição litteraria a D. Denis, talvez por confusão e talvez de direito. Nunca o juntaram todavia ás collecções de versos profanos, quer fosse por causa da discrepancia no assumpto e espirito, quer tambem por inaccessivel. Ou mais provavelmente, porque já existia em transumpto artistico na propria bibliotheca regia, para a qual se destinava, a meu vêr, o primitivo Cancioneiro Geral mundano. O facto de serem volumosos em demasia tambem pode ter influido na decisão.[1])

É provavel que cada uma das tres Partes formasse originariamente um grosso *in-folio* separado, e que sómente nas copias cartaceas as juntassem, reduzindo o volume por ommissão das musicas e por substituição da letra de codices pelo cursivo. Os fragmentos contidos nos tres codices encheriam bem, quando escriptos em pergaminho e providos de notação musical, como os alfonsinos, e como *idealiter* o nosso **CA**, três colossos, cada um com quasi o dobro das folhas que ainda hoje contamos no pesadissimo codice da Ajuda.[2])

§ 152. A Parte II principia onde nos apographos italianos, antes do No. 626, se lê a nota: *Em esta folha adeante se começam as cantigas d'amigo.*[3]) A Parte III onde o No. 1329 apparece encabeçado pela epigraphe: *Aqui se começam as cantigas d'escarnh' e de maldizer.* É todavia preciso juntar-lhe mais umas trinta composições satyricas (de 1300 em deante), intercaladas posteriormente á primitiva e ainda incompleta colleccionação.

§ 153. O plano original, tal como o julgo concebido, não se realizou comtudo inteiramente. Feita a tripartição das materias

A Parte II compõe-se das poesias 626—1299, impressas no **CV** de **227** a **902**.

A Parte III vae de 1300 a 1675. Temos metade no **CV** de **903** a **1110**, e outra metade no **CB 374—442** e **CV 1111—1205**. — Os Nos 1563—1572 faltam; **CB 373** corresponde a **CV 1110**.

1) Uma unica poesia sacra, ou talvez duas, entraram no Cancioneiro Geral. Vid. § 63 e p. 216, *Nota*.

2) Temos 1195 poesias no **CV**; 438 no **CB**; 64 no **CA** (depois de abatidas as repetições e numerações erroneas) que juntas e com as 74 que se perderam, sommam 1771.

3) A epigraphe continúa, fallando dos primeiros e mais antigos dois compositores de cantares de amigo, que juntos num mesmo rolo haviam ido parar ás mãos do colleccionador. Vid. Cap. VI, Biogr. XLVII e I.

colhidas durante a primeira phase da exploração, nos paços regios portugueses, em solares de magnates indigenas e escolas de jograes, o colleccionador planeava agrupar os poetas chronologicamente, até onde chegasse o seu saber — um seculo, ou seculo e meio, depois do alvorecer da lyrica palaciana — guiando-se, está claro, pela ordem, numeração e rubricas dos rolos originaes de pergaminho, depositados na côrte ou guardados em casa dos trovadores e jograes.

Esta tendencia e o empenho de apresentar juntos os trovadores que de facto haviam convivido e trocado entre si versos, resulta, com bastante clareza, do confronto das tres Partes para quem, depois de têr estudado as biographias dos auctores principaes, passa a examinar a *Tavola*. A paridade na coordenação não só da Parte I e II, mas tambem da Parte III, comquanto esta ultima esteja menos bem ordenada, é tão notavel que se impõe á observação mesmo do leitor leigo e desprevenido.

Não que ella seja absoluta. O agrupamento, sufficientemente parecido nas tres divisões para que d'elle se possa inferir o systema seguido, varía ainda assim, sensivelmente. Se muitos escriptores apparecem em todos, alguns ha que, tendo figurado no primeiro cancioneiro, não tornam a apparecer nos seguintes. Outros pelo contrario, que nunca escreveram versos de amor á moda palaciana, surgem pela primeira vez na *Livro das Donas* como auctores de cantares de amigo, de feitio popular. Tambem ha poetas satyricos, que não lograram outro talento se não o de calumniar e injuriar o proximo, burlando, ou a serio.[1])

1) Cf. mais abaixo § 357. — Nas listas seguintes vou enumerar os auctores principaes que nos deixaram exclusivamente canções de amor (I); cantares de amigo (II); e dizeres de *escarnho* (III); os que cantaram de amor e de amigo (IV); de amor e de *escarnho* (V); os que nos legaram cantigas de amigo e dizeres de escarnho (VI); e os que cultivaram todos os generos (VII). Deixo de lado apenas alguns de nome incerto ou dos quaes resta apenas metade de uma tenção.

Vão em griffo os nomes dos poetas tratados nesta obra. Designam *jograes* os que vão marcados de asterisco; e *segreis* os que levam uma cruz.

I. Poetas representados no Cancioneiro exclusivamente com canções de amor (29 de 106):

1. *Ayras Moniz d'Asme*
2. *Diego Moniz*
3. Pero Paez Bazoco (perd.)
4. Joan Velaz (perd.)
5. D. Juano (perd.)
6. *Pero Rodrigues de Palmeira* (perd.)
7. *D. Rodrigo Diaz dos Cameiros* (perd.)
8. Ayras Soarez (perd.)
9. *Osoir' Eannes*
10. *Monio Fernandez de Mirapeixe*
11. *D. Gil Sanches*
12. *Ruy Gomes, o Freire*
13. *Joan Ayras Somesso*
14. *Nun' Eannes Cerzeo*
15. *Nuno Rodrigues de Candarey*
16. *Bonifacio Calvo*

Além d'isso, encontram-se series evidentemente deslocadas e outras desordenadas, ou porque o collector nada soubesse das

---

17. **Fernam Padrom*
18. D. Garcia Mendes d' Eixo
19. O Conde D. Garcia
20. Rey D. Alfonso XI
21. Affonso Paes de Braga
22. Mem Rodrigues de Briteiros
23. Pero Annes Marinho
24. *Ayras, o Engeitado
25. Pero Goterres
26. Martim Peres d'Alvim
27. *Ayras Veaz
28. Abril Peres de Lumiares
29. *Pero Velho de Taveirós.*

II. Entre 87 auctores de cantares de amigo ha 26 que se occuparam só d' este ramo de poesia:

1. Estevam Reimondo
2. Estevam Coelho
3. Estevam Travanca
4. Nuno Peres, Sandeu
5. Mem Vasques de Folhete
6. Fernam Froyaz
7. Joam Garcia Sobrinho
8. Reimom Gonçalves
9. Garcia Soares, irmão de Martim Soares.
10. *Mendinho
11. Pero Gonçalves de Portocarreiro
12. Payo de Cana, clerigo
13. Rodrigu' Eannes Alvares
14. *Joam Zorro
15. *Martim Campina [ou *de Campinha*]
16. *Pero Moogo (ou Meogo?)
17. *Martim de Caldas
18. *Pero de Dardia
19. *Nuno Peres ou Fernandez (Treez)
20. * Payo Calvo
21. *Golparro.
22. *Martim de Ginzo
23. *Joam de Cangas
24. *Martim Codax
25. *Fernam do Lago
26. *Joam de Requeixo

Além d'estes Payo Soares (27.), se não for identico com Pay Soares Velho de Taveirós.

III. Auctores, cujas composições são todas de burla, escarnho, maldizer; ou tenções de briga (*Streitgedichte*):

1. D. Josep
2. †Joan Fernandes, d'Ardeleiro
3. D. Lopo Lias ou Diaz
4. Pero Martins
5. *ou †Picandon
6. Ayras Perez Vuiturom
7. Gil Perez Condo
8. Fernam Soarez Quinhones
9. *Diego Pezelho, jograr
10. Martim Annes Marinho
11. Garcia Martins
12. Garcia Perez
13. *Alvaro Gomes, de Sarria, jogral
14. *Joam Jograr
15. Joam Velho, de Pedragaes
16. Affonso Fernandes Cubel
17. Estevam Fernandes Barreto
18. Joam Romeo, de Lugo
19. Fernam Rodrigues Redondo
20. Affonso Soares
21. Caldeirom.

IV. Auctores de canções de amor e cantares de amigo:

1. *Martim [de] Pedrozellos
2. *Ayras Paes, jogral
3. *Lopo jogral
4. Ruy Martins do Casal
5. *Fernam Fernandez Cogominho*
6. **Pedr' Annes Solaz*
7. *Pero de Veer.
8. Galisteu Fernandes
9. Sancho Sanches, clerigo
10. Estevam Fernandes d' Elvas
11. *Pero d' Ornellas
12. D. Gomes Garcia, Abbade de Valladolid
13. *Vasco Praga de Sendim*

circumstancias da vida dos auctores, ou porque os respectivos cancioneiros individuaes lhe chegassem ás mãos, depois de organizada a obra, sendo intercalados um pouco á aventura, entre caderno e caderno, ou onde havia folhas em branco. Pode ser tambem que um ou outro continuador, que já se não importava com o plano do que começou a obra, ignorando-o talvez, accrescentassem posteriormente á toa os materiaes que lhe chegavam ás mãos.[1])

---

14. *_Ayras Corpancho_
15. _Fernam Gonçalves de Seabra_
16. _Joan Lopes d'Ulhoa_
17. _Pay Soares de Taveiros_ (?)
18. _Joam Nunes Camanês_
19. _Vasco Rodrigues de Calvelo_
20. _Ruy Fernandes de Santiago_, clerigo
21. _Rodrigu' Eannes de Vasconcellos_
22. Joam Mendes de Bèsteiros
23. *_Nuno Porco_
24. †Bernaldo de Bonaval
25. *_Juião Bolseiro_
26. _Fernam Figueira de Lemos._

V. Auctores de canções de amor e dizeres de escarnho:

1. _Joam Soares de Paiva_
2. _Ruy Gomes de Briteiros_ (?)
3. D. Alfonso X
4. O Conde de Barcellos
5. _D. Fernam Paes de Tamalancos_
6. _Martim Moxa_
7. *Pero Larouco
8. _Martim Soares_
9. _Pero Garcia Burgalès_
10. _Roy Paes de Ribela_
11. _Pero Gomes Barroso_
12. Pero Mendes da Fonseca
13. _Rodrigu' Eannes Redondo_
14. _Fernam Velho_
15. _D. Fernam Garcia Esgaravunha_
16. _D. Estevam Peres Frogam_
17. †Joam de Gaia
18. Affonso Fernandes Cobolilha (Cubel).

VI. Auctores de cantares de amigo e dizeres de escarnho:

1. Alfonso de Leon (?)
2. †Affons' Eannes do Cotom
3. *Fernand' Esguio, ou Esquio.

VII. Poetas que escreveram cantares de amor, de amigo e de escarnho:

1. _Nuno Fernandes Torneol_
2. _Joam [Garcia] de Guilhade_
3. _Ruy Queimado_
4. _D. Joam Soares Coelho_
5. _D. Joam d'Aboim_
6. _D. Vasco Gil_
7. _D. Affonso Lopes de Baião_
8. _Pay Gomes Charinho_
9. †_Pero da Ponte_
10. _Pero Mafaldo_
11. _Mem Rodrigues Tenoiro_
12. Joam Vasques de Talaveira
13. _Fernam Rodrigues de Calheiros_
14. _Gonçal' Eannes do Vinhal_
15. Rey D. Denis
16. Estevam da Guarda
17. D. Affonso Sanches
18. Joam Ayres, de Santiago
19. *Lourenço
20. †Pero d'Armea
21. *Joam Servando
22. †Joam Baveca
23. Ayras Nunes de Santiago, clerigo
24. Affonso Mendes de Bèsteiros
25. Vasco Peres Pardal
26. †_Pero [Garcia] d'Ambroa_
27. *Pero Viviaes
28. †Pedr' Amigo de Sevilha.

1) Assim se explicariam certas irregularidades na nomenclatura dos poetas, a fragmentação do peculio de varios em mais de tres parcellas, e a conglobação do haver de outros.

§ 154. Nem mesmo a separação dos tres generos foi levada a cabo. No *Cancioneiro de amor*, e no de *Burlas* o collector aproximou-se do seu objectivo. Mas mesmo ahi não faltam desvios e irregularidades. Algumas especies raras (como *sirventeses*, *descordos*, *prantos historicos*), que em rigor não cabem em nenhuma das tres categorias, foram arbitriariamente conservadas onde se achava o peculio mais importante do respectivo auctor.[1]) No *Cancioneiro de amor* figuram p. ex. as rimas quasi inteiras de D. Denis, inclusive uns 52 cantares de amigo, destinados em theoria a entrarem na Parte II. Nessa, a confusão é grande. Ha ahi muita miscellanea jogralesca, i. é bastantes cancioneirinhos individuaes, ainda não decompostos nos tres generos typicos, offerecendo de mistura canções de amor, bailadas de mulheres, tenções, cantos de romaria, chufas, sirventeses, maledicencias. Da Parte II podem extrahir-se quasi duzentas obras que completariam a Parte I.[2]) Na IIIª occorrem tambem dispersas algumas poucas cantigas de amor.[3]) E da Iª Parte devem passar para as outras duas, não poucos cantares de amigo e alguns de escarnho.[4])

---

1) Penso nos prantos de *Pero da Ponte* e *Joam de Leon* e nos sirventeses de *Pay Gomes Charinho* e *Martim Moxa*.

2) As proporções numericas das tres Partes são as seguintes:

Entre as 625 composições da Parte I 494 são de amor. Da Parte II provém 179; e 7 da Parte III, o que, com mais 64 privativas do **CA** perfaz 744.

Na Parte II (625—1299) ha 488 cantares de amigo. Juntando-lhes os 60 que andam dispersos pela Parte I, temos 548.

Na Parte III (1300—1675) ha 354 dizeres de escarnho. Juntando-lhes 18 da Parte I, e 26 da Parte II, sahe a somma de 398.

A totalidade de 1690 (se lhe ajuntarmos uns sete fragmentos inclassificaveis, de incompletos e deturpados que estão) corresponde á somma que resulta da addição dos 1195 numeros contidos no **CV** aos 438 de **CB** e aos 64 do **CA**, numeros que são os verdadeiros, depois de deduzidas as repetições e rectificadas as numerações erroneas. Vid. p. 211, *Nota* 2.

3) Na Parte III são canções ou coplas do amor os Nos **CV 934**, **1044**, **1059**, **1060**, **1061**, **1138** e **1139**.

4) Vid. *Nota* 2 d'esta pag. 215. — Além dos 58 poetas de amor, representados no nosso volume, e cuja vida tentei elucidar no Capitulo VI, ha mais 19 que figuram no meio e principalmente no fim da Parte I, tal como ella nos foi conservada nos apographos italianos:

1. Joam Lobeira	**CB** 244—249	
2. Gonçal' Eannes do Vinhal	Ind. 280—294,	perdidos
3. Sancho Sanches [clerigo]	„ 394	(= **CV** 4)
4. Affonso Fernandes Cobolilha	„ 404—405	(= **CV** 15—16)
5. D. Affonso Sanches	„ 406—416	(= **CV** 17—27)

§ 155. Quanto á ordem chronologica, o collector ainda menos realizou o ideal a que visava. Bastará citar dois exemplos. Primeiro: D. Affonso Sanches, o filho de D. Denis (1289—1329), de mãos

---

6.	Vasco Martins	Ind.	416	(= **CV 27**)
7.	Ayras Veaz	„	443—445	(= **CV 55—57**)
8.	Pero Viviaes	**CB**	**447—448**	
9.	Vasco Peres [Pardal]	**CB**	**451—453**	(= **CV 58—60**)
10.	Conde D. Gonçalo	**CB**	**454**	
11.	Garcia Mendes d' Eixo	**CB**	**455**	
	Rey D. Affonso de Leon	**CB**	**456—466**	
12.	Rey D. Affonso de Castela e Leon	**CB**	**468^{b}—471**	
13.	Rey D. Denis	Ind.	479—572	(= **CV 80—155**)
14.	Rey D. Affonso XI	„	607	(= **CV 209**)
15.	Conde D. Pedro de Portugal	„	608—611	(= **CV 210—213**)
16.	Pero Larouco	„	612	(= **CV 214**)
17.	Estevam Fernandes d' Elvas	„	615—616	(= **CV 217—218**)
18.	Estevam da Guarda	„	619—624	(= **CV 220—225**)
19.	Pero d' Ornelas	„	625	(= **CV 226**).

De 1 e 2 occupo-me em additamento ao § XXXIX do Capitulo VI. — Quanto a 7, vid. a Miscella 54 do Indice comparativo. Registo sem o contar a Alfonso de Leon, por não saber se é identico com o Sabio e tambem porque, na verdade, nenhuma d' essas poesias cabe de direito no cancioneiro de amor: **CB 456** é de amigo, e as immediatas são de escarnho e burla. — Nº 467 é um cantico sacro. Talvez seja tambem dirigido á Virgem o Nº 468. Os Nºs 471^{b}—478 são satiras. — Mais avultado é o numero de trovadores de amor que surgem na Parte II, fóra do seu logar, entre os auctores de cantares de amigo. Varios que ahi teem canções, são personagens que já figuraram na Parte I. Vou numerando apenas os que são inteiramente novos. Os algarismos que junto, são os do **CV**. Omitto a numeração da *Tavola*, com medo de errar. Com relação a auctores já nossos conhecidos, excluo a indicação das cantigas que são repetições, registando apenas os accrescentos:

	Affonso Mendes dos Bèsteiros	Ind.	731	(= **CV 332**)
	Pay Gomes Charinho	„	392—394, 396—399, 402	
20.	Affonso Paes de Braga	„	439—443	
21.	Joam Mendes de Bèsteiros	„	444—449	
	Martim Moxa	„	473—481, 483, 502—504	
	Roy Fernandes	„	484—501	
22.	Pero Goterres	„	509—510	
	Estevam Peres Froyam	„	511	
23.	D. Gomes Garcia	„	512	
24.	Per' Eannes Marinho	„	523	
25.	Joam Ayras	„	530—549, 551—554	
26.	Ayras Nunes	„	454, 459—461, 463, 465, 469	
27.	Affons' Eannes do Cotom	„	555	
28.	Ayras, o Engeitado	„	558—561	
	Fernam Padrom	„	563—565	
	Pero da Ponte	„	566—571 e 577	
	Vasco Rodrigues de Calvelo	„	579—587	

dadas com seu vassallo Vasco Martins de Rèsende, precede o proprio rei, surgindo no meio de poetas alfonsinos (a f. 90 e tantos do **CB**, com obras que têem a numeração 406—416). Segundo: Ao cancioneiro de burlas antepuseram os *escarnhos* de Estevam da Guarda, valído de D. Denis e de Affonso IV, vivo ainda em 1347, e portanto um dos trovadores mais tardios. Para affastar illações injustificadas, cumpre-me porém repetir que esses casos mais salientes, e varios outros, resultam muito provavelmente de interpolação posterior, visto que nem um só exemplo igual consta do nosso codice membranaceo. Tambem observarei que, com relação ao tempo em que floresceram muitos auctores que nos legaram só uma composição, estamos completamente ás escuras.

§ 156. É no troço do Cancioneiro Geral representado pelo **CA** que a ordem está melhor estabelecida. Considerando os appensos como se com efeito completassem o **CA**, e como preenchidos os vacuos que especifiquei no **CB**, abstrahindo tambem das varias dispari-

---

29. Ruy Martins d' Ulveira	Ind. 588
D. Pero Gomes Barroco	„ 592—593
30. Martim Peres Alvim	„ 643—649
31. Pero de Veer	„ 650—651
32. Bernaldo de Bonaval	„ 653—662
33. Abril Peres [de Lumiares]	„ 653
34. Joam Servando	„ 664—665
35. Juião Bolseiro	„ 667—668
36. Pero d'Armea	„ 669—681
37. Pedr' Amigo de Sevilha	„ 685—690 e 826
38. Ayras Paes, Jograr	„ 691—692
39. Lourenço	„ 693 e 706
40. Joam Baveca	„ 694—700 e 826
41. Galisteu Fernandes ou Fulano Fernandes, de Galisteu	„ 701—702
42. Lopo	„ 703—705
43. Pero (ou Affonso) Mendes de Fonseca	„ 714—718
44. Ruy Martins do Casal	„ 762, 763, 767
Pedr' Annes Solaz	„ 824—825
45. Martim [de] Pedrozellos	„ 852

Na Parte III surgem ainda com poucos especimens:

46. Vidal Judeu	Ind. 1138—1139
47. Joam de Gaia	„ 1044, 1059—1061
48. Joam Fernandes d' Ardeleiro	„ 934

Por junto, portanto, 106 cantores de amor. Entre os novos, uns vinte são fidalgos e teem biographias, as quaes conto publicar mais tarde. Os de mais são trovadores de profissão: villões, escudeiros, cavalleiros, cavalleiros-villões, clerigos, burgueses. — Cf. Cap. VII, § 357.

dades que existem entre os dois, possuimos no codice membranaceo as cantigas 1—450[1]), isto é o conteudo das folhas 10—100 do **CB**[2]), e ao mesmo tempo do ms.-pae que serviu para elaboração da *Tavola Colocciana.*[3]) E nessas noventa paginas vae aquella porção do Livro de amor que precede os versos dos Alfonsos de Castella e Leão e os de D. Denis de Portugal.

No meio d'esse meio-milhar escasso, que parece ter enchido 18 cadernos do **CA**, ha, além das 64 canções que lhe são privativas, algumas secções, ahi chronologicamente bem collocadas — desde já seja dicto — mas que nos apographos se encontram na Parte II, com erro evidente.[4])

§ 157. Olhando para os assumptos, vemos que as 310 composições que constituem o codice archaïco são, na verdade, canções de amor, palacianas, monotonamente serias, de um convencionalismo hieratico.[5]) As menos graves, em que de longe em longe um poeta graceja ou mesmo chasqueia de amores mal correspondidos, em chufa alegre, sirventês comedido, ou dizer de *escarnho,* são tão raras que confirmam a regra. Apenas umas quatro pertencem a esses generos, outrora postas de parte por Varnhagen como estranhas ao assumpto, designadas por Bellermann[6]) como bagatellas sem importancia, e apontadas tambem por Diez como destoando do sentimentalismo abemolado que predomina no cancioneiro da Ajuda.[7]) E são: a cantiga contra uma rica dona raptada, de nome D. Elvira (No. 60); certas ironias contra D. Guiomar Affonso Gata, a esquiva (142 e 143); e risotas sobre uma dona mal-ferida (281). As que

---

1) Vid. p. 59 *Nota* 2; e *Miscella* 56.

2) As folhas 1—9 eram talvez occupadas pelo doutrinal poetico de que restam apenas bocados.

3) Das 246 composições em commum a **CA** e **CB**, 223 encontram-se nos principios do apographo.

4) Como se vê do Indice Comparativo, são os versos de *Pay Gomes Charinho* (808—818 e 842), os de *Pedr' Annes Solaz* (1219—1220), *Fernam Padrom* (976—978), *Pero da Ponte* (979—990 b) *Vasco Rodrigues de Calvelo* (991—998), *Martim Moxa* (895) e *Roy Fernandes de Santiago* (900—902).

5) O mesmo vale das 157 cantigas supplementares. Já deixei enunciado que essas 467, com mais as 18 que poderia têr introduzido, perfaziam dois terços do Cancioneiro de amor (485 de 744).

6) *Ein paar tändelnde [Lieder] ohne Werth,* p. 12.

7) As duas cantigas sobre Santarem (**CA** 278 e 279) affastam-se menos do typo ordinario.

não fallam de amor, nem mesmo brincando, são apenas duas: um sirventês *pensieroso* em que se traçou o perfil de Alfonso X (**CA 256**); e outro moral (305), sobre a maldade d'este mundo sublunar.

§ 158. Nos Appensos ha um numero bem mais consideravel de versos, em rigor tão improprios de um Cancioneiro erotico, que duvido se todos figurariam nas partes arrancadas ao **CA.** Se no corpo do volume temos apenas um por 52 d'estas excepções (6 de 310), nos annexos estão na razão de um por 8 (20 de 157).

Quanto ao logar destinado a especies peregrinas como o *descordo* de Nun' Eannes Cerzeo (**CA 381**), o sirventês philosophico de Pero da Ponte (435), os louvores e prantos historicos do mesmo (460, 464, 466, 468), as suas heresias amorosas (409), e mesmo algumas ironias (359 e 375), nada posso adivinhar, repito-o. As bailadas bretonicas, cantadas por um côro de donzellas (312 e 315) formam tambem um genero á parte. Os *sons de amor* de uma menina só, como o de Fernam Figueira de Lemos No. 331, e os de Ruy Queimado (413), Redondo ou d'Aboim (416), Mafaldo (434), Tenoiro (444 e 452), deviam, pelo contrario, ter entrado na Parte II, indo para a III a tenção realistica de burla entre Juião e Tenoiro (453), assim como os escarnhos dos Velhos e de Martim Soares (395, 396 e 398), se bem que o seu teor é perfeitamente digno e está em harmonia com a decente gravidade dos verdadeiros e antigos trovadores palacianos de Portugal.

Ainda assim, comparando essas pequenas irregularidades com a desordem aberta que reina no Livro das Donas,[1]) do qual se podem destacar, conforme já disse, perto de 200 infracções á regra, é preciso confessar que a coordenação do Cancioneiro de Amor foi regulada systematicamente.

§ 159. Passando a conferir o catalogo dos poetas de amor, na ordem em que elles se acham enfileirados no **CA** restituido, com a lista dos que compõem a Parte II e a III, apuram-se tambem concordancias e semelhanças sufficientes para tornar verosimil o plano chronologico e a tendencia de collocar, lado a lado, os versificadores que na realidade haviam sido camaradas ou amigos.

---

1) Entre as peças que citei, só as de Pero da Ponte figuram materialmente na Parte II. As de mais acham-se naquella porção da Parte I que falta no truncado codice lisbonense.

As 63 cantigas que vão á frente do nosso codice e as 88 dos Appensos I a VI, em substituição das partes cortadas do **CA**, são de 21 vates muito archaïcos, que na maioria só apparecem esta unica vez, por se haverem restringido a celebrar damas, cantando os effeitos suaves e perniciosos do amor.

Ha comtudo neste grupo pre-alfonsino uma pequena minoria de poetas que tambem escreveram cantares de amigo e versos de escarnho. *E essa minoria occupa os mesmos logares primaciaes no Livro das Donas e no Cancioneiro de Burlas.*

Como primeiros auctores de cantares de amigo apresentam-se, após

Fernam Rodrigues de Calheiros (Ind. 626—633),

um seu amigo

Vasco Praga de Sendim (634—637),

e Pay Soares de Taveirós (638—640),

i. é o primeiro e o segundo dos poetas do **CA**.

E como primeiros auctores satiricos figuram

Joam Soares de Paiva (1330),
Fernam Rodrigues de Calheiros (1331—1333),
D. Fernam Paes de Tamalancos (1434—1337),
Martim Soares[1]) (1357)[2]).

i. é o fidalgo-trovador que é o mais velho entre quantos conhecemos (e apparece tambem na primeira plana do Cancioneiro de amor), seguido de perto por um dos que agora mesmo nomeei e por outros dois que tenho em conta de pre-alfonsinos.

Juntos seguem no **CA**: Ayras Corpancho (6), Nuno Rodrigues de Candarey (7), Nuno Fernandes Torneol (8), Pero Garcia Burgalês (9), João Nunes Camanês (10), D. Fernam Garcia Esgaravunha (11). João Lobeira anda ao par d'elles só no **CB**. Na Parte II faltam Candarey, Esgaravunha e Lobeira, por não serem auctores de cantares de amigo. A serie dos outros que enumerei, e se reunem sem interrupção aos acima citados, vae de Torneol (641—648) ao Burgalês (649—650); de lá ao Camanês (651—655) e a Corpancho (656—663). Na Parte III[a] tambem caminham unidos Torneol (1371) e o Burgalês (1372), seguidos

1) Tem o 4º logar no **CA**.

2) O auctor das cantigas 1338—1356[bis], *D. Lopo Lias* ou *Diaz* é provavelmente o heroico magnate de Biscaia, chorado por Pero da Ponte no anno da sua morte (1236). — Vid. Cap. VI, Biogr. LVI e XLIV e *Randglosse* IX.

logo de Queimada, com o qual principia no **CA** o grupo immediato, e de Vinhal e Lobeira, com outros camaradas dos quaes não subsistem canções de amor.

Componho, por motivos practicos, outro grupo de Roy Queimado, D. Vasco Gil, Gonçal' Eannes do Vinhal (cuja contribuição ao Cancioneiro de amor se perdeu, tanto no codice membranaceo como nos cartaceos), D. Joam d'Aboim, Coelho, Redondo, o nosso *Desconhecido* II, Ruy Paes de Ribela, Joam Lopes d'Ulhoa e Fernam Fernandes Cogominho, o qual na verdade, iria melhor á frente do grupo immediato. Na Parte II temos Vasco Gil (664), Aboim (665 — 677), Coelho (678 — 692), escoltados por um Estevam Reimondo (693 — 694) que não figura no *Cancioneiro de amor.* Depois seguem Ulhoa (695 — 701), Cogominho (702 — 705), Vinhal (706 — 712) e Queimado (713 — 715). Redondo não apparece pela razão que sabemos; nem tão pouco Ribela, por não se lhe conhecerem cantares de amigo. Do *Desconhecido* nada se pode asseverar. Na Parte III surgem Vinhal (1390 — 1399), Aboim (1400), Coelho (1403), e Ribela (1417), mas a certa distancia um do outro.

Temos em seguida Rodrigu' Eannes de Vasconcellos, Pero Mafaldo e Bèsteiros no Appenso XII, e depois no **CA** Fernam Gonçalves de Seabra, Pero Barroso, D. Affonso Lopes de Baião, Mem Rodrigues Tenoiro, e Joam de Guilhade. No *Livro das Donas* falta Mafaldo, porque as unicas canções de amigo que d'elle permanecem, andam erroneamente incorporadas na Parte I. Os de mais inverteram os seus postos. Após Tenoiro (716—719) seguem-se dois poetas que não nos legaram versos de amor: Estevam Coelho (720 — 721) e Estevam Travanca (722 — 725). A elles se juntam Vasconcellos (726 — 728), Bèsteiros (729 — 731), Barroso (732 — 734), Seabra (737)[1], Baião (738 — 741), Guilhade (742 — 760, respectivamente 778[2]) e 785 — 787). Na Parte III apparecem Barroso, Baião, Tenoiro e Guilhade, embora um pouco affastados um do outro. Mais tarde

1) Entre as obras de *Barroso* e *Seabra* acham-se mettidas duas poesias de um *Pero Viviaes* (735 — 736), o qual tambem figura no *Livro de amor,* em companhia de *Bonifacio de Genova,* mas não apparece no **CA** no seu estado actual.

2) Ha erros de numeração nesta serie (775 por 757). Os poetas *D. Affonso Sanches* (781 — 784), *Estevam da Guarda* (779) e *Pero d' Ornelas* (780) estão fora do logar que lhes competia.

ainda surge Fernam Velho, um grupo com Esgaravunha, Vaasco Gil, Pero Mafaldo, e outro com Redondo, Charinho, Da Ponte.

D'aqui em deante as divergencias são muito notaveis: as canções de amor de Estevam Faiam, Joam Vasques, Charinho, Fernam Velho, Solaz, Da Ponte, Moxa, Calvelo e Roy Fernandes de Santiago foram, nos apographos, intromettidas entre os cantares de amigo.

Ainda assim, tambem lá os vemos figurar juntos, ou a curtos intervallos. [1])

Para a demonstração da minha these isso deve ser sufficiente. A quem publicar o *Indice Geral* incumbe continuar nesta revista.

§ 160. Estudando finalmente as biographias dos poetas, cujas obras de amor o **CA** nos conservou, apura-se que a maioria dos que materialmente apparecem antepostos aos Alfonsos de Castella e Leão e a D. Denis de Portugal, pertencem, de facto, ao reinado anterior, de Affonso III, o Bolonhês (1245—1279); e são ricos-homens e cavalleiros da sua côrte. Alguns ainda alcançaram o tempo do filho e successor, ou em Castella o de Sancho IV que herdou a coroa do Sabio. A vida de dois prolongou-se depois de 1300. Mas mesmo d'elles não ha uma só poesia que seja necessario datar de época tão tardia.

Os que poetaram mais cedo, de 1200 a 1245, figuram, sem excepção, no principio do velho pergaminho, ou nas partes que lhe faltam, sendo-nos suppridos pelo **CB**.

Estes resultados que estabeleço antecipadamente [2]), espalham alguma luz sobre a organização dos Cancioneiros. O plano do primeiro collecionador foi com bastante precisão observado, emquanto os seus ajudantes reuniam o escasso remanescente do tempo de Sancho I († 1211), archivado na recamara dos paços regios. Bastava quasi copiar esse nucleo. Em seguida juntaram o que restava do periodo turbulento de Affonso II († 1223) e Sancho II († 1245). Quando, porém, tiveram de grangear e engavelar a abundante colheita dos trovadores ainda vivos, do tempo de Fernando o Santo, Affonso III e Alfonso X, encontraram difficuldades, em virtude da dispersão dos materiaes, visto que as relações intimas com a faustosa côrte de Leão e Castella e a expansão cada vez mais vigorosa da arte trovadoresca haviam levado

---

1) *Joam Vasques* (788—795), *Charinho* (808—818), *Velho* (819 e 819[b], *Solaz* 828—830; *Da Ponte* 831—837; *Calvelo* 850 (e 991).

2) As biographias seguem no Cap. VI.

muitos poetas para fóra do reino. Não sei, se estas difficuldades se avolumaram quando os mesmos, ou os continuadores, trataram de juntar o peculio dos cortesãos de D. Denis e o dos pouco numerosos epigonos que, depois do seu fallecimento, continuaram a cultivar a poesia; ou se por ventura não se incommodaram com este trabalho, persuadidos que o Rei-Trovador, mandando executar artisticos treslados das suas proprias Rimas, encarregaria alguem de tambem reunir em volume os cantares dos seus vassalos e apaniguados.[1])

A julgar da desordem relativa e do estado de deturpação em que nos foram transmittidas grande parte das obras dos auctores que floreceram na côrte vizinha, incluindo os versos do proprio Alfonso X, teremos de concluir que o trabalho começou a ser difficultosissimo quando, transpondo as fronteiras, o empresario e seus subordinados procuraram *rotulos* e cancioneirinhos em Leão, Castella, Aragão, na Galliza e Andaluzia, nos paços e castellos e nas *maetas* e *saccolas* dos artistas viandantes. Encontrando durante essas jornadas abundantes materiaes, não os coordenaram chronologicamente (quer fosse por falta de saber, paciencia, e vagar, quer fosse porque o Cancioneiro de amor ja estava copiado), contentando-se com a gloria de os haver salvado do esquecimento, ou apenas de haver engrossado o Cancioneiro Geral. E como foi na côrte de Alfonso X que se geraram as principaes cantigas de escarnho e maldizer, algumas das quaes se guardavam de certo bem fechadas, e foram a custo arrancadas aos esconderijos, a Parte III sahiu relativamente livre de elementos estranhos, mas cheia de textos mal conservados, e muito baralhados.

§ 161. Despeço-me do assumpto, mas não sem primeiro elaborar o summario das ideias expendidas até aqui.

1°. O Cancioneiro da Ajuda é um fragmento do *Cancioneiro de Amor*, isto é da *Parte Primeira* do *Cancioneiro Geral gallaïco-português.*

2°. Embora truncado, pode calcular-se aproximadamente o que lhe falta no principio e no meio, pela comparação com o Cancioneiro Colocci-Brancuti, ao qual muito se semelha, e tambem com o da Vaticana.

---

1) Escuso de estabelecer que tambem ha versos de trovadores prealfonsinos e luso-alfonsinos horrivelmente viciados (Vid. p. ex. **CA 317** e **CV 215, 387, 404, 410, 460, 461, 511—513, 642, 666, 770.**) Mas os que mais deturpados se apresentam, estão redigidos em lingoa estrangeira. (Vid. **CB 454** e **CV 460** e **461**).

3°. Ignoramos todavia quantos cadernos se perderam no fim, o que elles terão contido, e se o plano inicial do colleccionador foi completamente realizado.

4°. Fica portanto em duvida se, integro, conteve em tempo (ou estava destinado a contêr) todas as canções de amor que se acham (nos apographos) na segunda metade da Parte I, e espalhados pela Parte IIª e IIIª.

5°. A totalidade teria sido neste caso de 744 composições: 277 a mais das que publico neste volume. Isto é bem mais do dobro das que realmente se lêem actualmente no velho codice membranaceo. Para as abranger teria sido preciso um volume avultadissimo: 26 cadernos ou 208 folhas, pouco mais ou menos.

6°. Nas porções que subsistem, possuimos versos de poetas antigos, desde D. Sancho I, predominando os alfonsinos. Varios dos que estão representados alcançaram o tempo de D. Denis. Mas mesmo dos que ainda viviam depois de 1300, não ha poesia que seja forçoso datar de epoca tão tardia.

7°. Alguns trovadores dionysianos e post-dionysianos como D. Affonso Sanches (1289—1329) e Vasco Martins de Rèsende, que figuram na primeira metade dos codices cartaceos, faltam nas partes correspondentes do codice membranaceo. Excluidos estão tambem os reis, e filhos de reis peninsulares.

8°. Methodicamente ordenado, tendo quasi nenhuma mistura de elementos estranhos, e offerecendo incontestavelmente textos mais limpos que as compilações conservadas na Italia[1]), o **CA** parece ter sido menos completo, se bem que não deixe de incluir alguns versos que faltam naquellas.

9°. Propendo por isso para vêr nelle uma *collecção anterior e independente, de versos pre-dionysianos: um nucleo primordial que serviu de ponto de partida aos compiladores subseqüentes.* E conjecturo que no fim do volume e nos cadernos de que estamos privados, figurariam poetas alfonsinos e pre-alfonsinos como Gonçal' Eannes do Vinhal, João Lobeira, Bernardo de Bonaval, João Ayres de Santiago, Ayras Nunes e outros mais.

---

1) A razão da maior pureza deve ser o estar mais proximo dos originaes. — Entre os mais cancioneirinhos, de cuja juxta-posição sahiu o Cancioneiro Geral, só conheço um que está igualmente bem ordenado e conservado: o de D. Denis.

10°. As divergencias entre o **CA** e os apographos são tão numerosas e de importancia tal[1]) que excluem a ideia de aquelle ter sido o proprio original sobre o qual se tiraram directamente as partes em commum. Se assim fosse, não teriam explicação as variantes, nem as attribuições oppostas, nem a ordem diversa, nem o *plus* de 64 cantigas que apresenta o nosso codice.

§ 162. Das opiniões emittidas até hoje sobre o **CA**, umas ficam d'este modo comprovadas, e outras inutilizadas.

É insustentavel o parecer de F. Wolf que julgava o **CA** posterior ao Cancioneiro de D. Denis, por ser puramente provençalesco,[2]) em quanto que no Livro das Trovas do monarca ha ecos populares e reminiscencias indigenas.

Nem posso aceitar a explicação de Theophilo Braga, que considera como poetas dionysiacos os que figuram no nosso codice.[3])

Igualmente inexacto é o pensar dos que, allegando as razões de Wolf, opinam que o codice representa a escola dos trovadores palacianos, antes de elles terem sido influidos e dominados pelo lyrismo popular.

O leitor sabe que o **CA** nos mostra um só dos aspectos, uma unica das faces do prisma tricolor da lyrica gallaïco-portuguesa: o erotismo azul-celeste d'esta nação de sonhadores namorados. Esse aspecto, que predominava evidentemente ao alvorecer da arte *cortesan,* perdurou immovel no mesmo molde estereotypico durante toda a época, até á sua extincção completa. Mas nunca foi o unico. O gosto nacional dos generos simples e ligeiros, i. é das cantigas de raparigas do povo, rubras de saude, não esperou até á epoca de D. Denis, seu mais fervoroso fautor, para se manifestar; nem veio *substituir*, debaixo da sua egide, a grave maneira estrangeirada. As demoticas bailadas virginaes infiltraram-se muito mais cedo nos paços regios. E as parodias alegres e mordazes, tantas vezes lividas de enveja e odio, nasceram igualmente temporans.

Exacto é todavia estarem no **CA** as poesias mais antigas: os primeiros monumentos historicos da *Kunst- und Hofpoesie.*[4]) Mas torno a insistir em que alguns dos trovadores mais antigos culti-

---

1) Vid. *Miscella* 12, 21, 21^b, 25, 27, 29, 31, 32, 37, 38, 39, 43, 49, 52; — 58, 61, 65, 68, 71, 72, 75.
2) Vid. Cap. I, § 20 e 34.
3) Vid. § 57.
4) Menendez y Pelayo, *Antologia* III, p. 15, 17, 48.

varam não só a canção de amor, mas tambem o dizer de *escarnho* e o cantar de amigo, figurando á frente das Partes I, II e III.

Exacto é tambem que as obras que o nosso livro encerra, são quasi exclusivamente provençalescas.

Exacto é ainda, e conseqüencia necessaria d' esses dois factores, que o **CA** tem feições convencionaes, de rigidez hieratica, sendo por vezes fastidioso e aborrecido de lêr, embora eu não subscreva o veredicto dos que o acham desprovido de todo valor poetico: *pura noja continuata.*[1])

Veja-se o nosso No. 35 que, após seis seculos de inhumação, ainda rescende modesta mas suavemente a violetas e morangos, e os Nos 64, 66, 71, 75, além das cantigas que o velho annotador achou *boas*, *muy boas* e *muy muito boas.*

1) Vid. Canello, *Saggi* p. 220; P. Meyer, *Romania* I, p. 120.

Os compiladores — Lista dos Cancioneiros gallaïco-portugueses.

§ 163. Pergunta-se agora, quando e por quem é que as cantigas pre-alfonsinas e alfonsinas do Cancioneiro da Ajuda foram colligidas; ou por outra, se a compilação das obras lyricas, geradas desde 1200, se effeituou de um só jacto, finda a época trovadoresca; ou gradualmente, emquanto ella durava. Será o Cancioneiro, conforme calculei, um *Livro das Trovas del Rei D. Affonso,* composto por ordem do Bolonhês? um *Livro das Trovas del Rei D. Denis?* ou o *Livro das Cantigas do Conde de Barcellos?*

Absolutamente falsas no sentido de vindicarem para o proprio D. Affonso III, para o Rei-trovador, ou para seu bastardo, a composição das canções que o codice membranaceo encerra, qualquer d' essas attribuições poderia ser exacta na accepção lata das palavras, se indicassem colleccionação por mandado dos soberanos, e por isso direito de propriedade.

A identificação com o cancioneiro do Conde de Barcellos, tacitamente expressa por quem encadernou num volume o Nobiliario e o Cancioneiro, foi, como sabemos, adoptada por Bellermann e Varnhagen, antes de serem conhecidos os apographos italianos; e posteriormente com modificações por Theophilo Braga. A ideia de o classificar como Cancioneiro de D. Denis, inscripta no córte das folhas, mas talvez repetição de outra nota mais antiga, não tem, que eu saiba, nenhum propugnador moderno. De hoje, e minha, é a opinião que o considera como resto destroçado de um volume alfonsino e pre-alfonsino, que serviu de nucleo primitivo dos outros dois, isto é do Caucioneiro Geral da primeira epoca lyrica. E essa, não documentada como as outras duas por noticia alguma ou tradição historica, exige mais ampla demonstração.

Apoiada, mas não suggerida pelo catalogo dos livros de uso de D. Duarte, deriva especialmente das qualidades materiaes do

codice e dos resultados chronologicos a que me levou tanto a analyse dos versos que encerra como o exame comparado de todas as obras poeticas que possuimos.

Considerando como apogeu da lyrica palaciana os annos de 1275 a 1280, em que o jóvem D. Denis, rodeado dos melhores trovadores de seu pae, dos veteranos do avô castelhano e de alguns artistas vindos da terra de seu sogro aragonês, manifestava o excepcional talento que possuia, penso que o plano do Bolonhês de reunir os productos da gaia sciencia hispanica, tambem foi iniciado então, e continuado até 1325, pelo filho. E sendo D. Denis o ultimo entre os reis de Portugal que exerceu e protegeu efficazmente a arte trovadoresca[1]) penso mais que quando, depois do seu fallecimento o rapido declinar se annunciava, esse plano foi completado, reinando D. Affonso IV (1325—1357), pelo Conde de Barcellos, a quem movia o duplo interesse de propagar os versos do pae e os seus proprios. Cada geração, cada cancioneiro.

Os apographos italianos encerram canções que é materialmente impossivel fossem colleccionadas antes de 1325. Sem entrar aqui no exame de versos poeticamente insignificantes, mas chronologicamente importantissimos, compostos depois d'aquella data pelos jograes *João de Gaya, João de Leon*, *João Fernandez de Ardeleiro*, ou pelos filhos de D. Denis e seu escrivão da puridade[2]) — exame que tem seu logar natural no encalço das biographias — bastará apontar aqui a poesia 607 da *Tavola Colocciana*[3]) rubricada como obra *Del rey D. Affonso de Castela e de Leon que venceu el rey de Belamarin com o poder d'aalem-mar a par de Tarifa,* porque essa epigraphe só de 1340 em deante é que podia ser escripta.

Depois do Conde, cujo Livro estava prompto em 1350, não vejo principe ou magnate português algum, do qual justificadamente se pudesse esperar certo enthusiasmo desinteressado pela herança poetica dos antepassados. O bastardo predilecto de D. Denis, D. Affonso Sanches, fallecêra em 1329 em um dos seus dominios castelhanos. O rude e impetuoso Affonso IV, algoz da que *depois*

---

1) De Alfonso XI de Leão e Castella, auctor de uma unica canção, e essa redigida em castelhano, não consta fizesse da sua côrte um ultimo refugio dos trovadores, apesar de alguns d'estes terem nutrido essa esperança. Vid. **CV 708.**

2) Vid. Cap. VII, § 349.

3) **CV 209.**

de morta foi raïnha, transmittiu o sceptro, logo após a morte do Conde, ao não menos bravo e apaixonado Justiceiro. Mas já antes d'este successo, o tragico desfecho do romance de Inês de Castro (1355) havia symbolizado o occaso completo da gaia arte. Theoricamente, é pois sustentavel a ideia que as miscellaneas mais completas, conservadas na Italia, representem indirectamente o volume cujo destino o Conde traçára a 30 de Março do anno indicado, escrevendo: *Item mando o meu Livro das Cantigas a el rey de Castella.* [1])

No Cancioneiro da Ajuda, pelo contrario, não ha canção alguma de epigono ou mesmo de trovador puramente dionysiaco. Truncado como está, seria ainda assim dever nosso procurarmos nelle um fragmento do mesmo Livro (na supposição que as obras que lhe faltam, seguiam na segunda metade), se não fossem as multiplas divergencias que ha entre elle e os Cancioneiros italianos, divergencias que deixei registadas e são muito maiores do que as que existem entre o **CB** e **CV**. Em face d'ellas temos de considerá-lo como resto de outra collecção, mais antiga e menos completa.

As concordancias entre o Cancioneiro da Ajuda e os da Italia, demonstradas na tabella comparativa, explicam-se bem. Assim como o ultimo compilador do Livro das Linhagens da primeira dynastia se serviu de cadastros genealogicos e inquirições dos tempos de D. Affonso III e D. Denis, do mesmo modo o ultimo collector das canções trovadorescas se serviu de cancioneiros archaïcos. E esses só se podem attribuir á iniciativa dos dois monarcas que, antes do conde de Barcellos, haviam sido fautores da poesia palaciana. [2])

§ 164. Lembrando cortêsmente ao leitor apressurado a faculdade que tem de saltar quantas paginas quiser das que encho com

---

1) Está claro que nos treslados e mesmo no original os amanuenses podem ter accrescentado, por ordem superior, versos recentemente compostos, ou omissos na 1ª redacção. — Vid. Cap. VI, Biogr. LIX.

2) Alfonso X de Castella, D. Jaime de Aragão e D. Denis de Portugal são os unicos monarcas que vemos celebrados nos Cancioneiros (**CA 256**; **CA 466**; **CV 708**) e estes com muito menos fervor do que era de esperar de discipulos de provençaes. Mas o dictado lá-o diz: „o propheta nada vale dentro da sua patria"; é preciso vir de fóra-parte tanto para adorar como para ser adorado. A Affonso III se dirigem varios dizeres de *escarnho* (**CV 1036** e **472**; **1082**, **1088**, **1089**). A respeito de uma cantiga relativa a Affonso IV e o principe herdeiro (**CV 707**) consulte-se o Cap. VII. Das que mencionam simplesmente um *rei*, tratei em *Randglosse* II.

pormenores e minucias, vou desempenhar-me desaffrontadamente do meu dever de cronista, patenteando o que penso a respeito dos exemplares restantes das tres suppostas collecções successivas de Affonso III, D. Denis e do Conde de Barcellos, e o pouco que sei d'aquelles cuja existencia em tempos passados está mais ou menos authenticada por parcas noticias historicas. Incluirei mesmo os que julgo hypotheticos, introduzindo no campo da discussão varios de que nem mesmo Th. Braga se occupou. Como remate apresentarei um quadro de filiação dos exemplares que subsistem, tentando identificá-los com os volumes antigos, ou derivá-los d'elles.[1])

Por provadas dou certas ideias geraes que formam a base da minha argumentação. 1°. Sendo a canção de amor dos gallaïco-portugueses essencialmente palaciana — *Kunst- und Hofpoesie* — é de suppôr que muitos poetas seguissem a praxe de apresentar copias limpas das suas invenções aos trovadores coroados que os protegiam ou versejavam á porfia com elles para que os jograes e cantores aulicos as podessem estudar e recitar. D'este modo uma porção consideravel de *rotulos* originaes com texto e musica — *palavra e som* — com ou sem nome de auctor, accompanhados, ou não, de alguma nota sobre os acontecimentos que provocaram a obra[2]), ia-se accumulando na recamara dos monarcas, deposito das escrituras, o qual, como é sabido, se desdobrou mais tarde em bibliotheca regia e archivo nacional.[3]) — 2°. Só um rei, um principe, ou um magnate aparentado com a casa reinante, dispunha da faculdade, dos meios, da influencia e de relações sufficientes para emprehender a colleccionação e coordenação d'esses rolos e dos espalhados pelos varios centros peninsulares, ora solicitando a collaboração dos ricos-homens trovadores, ora comprando o seu peculio a trovadores de profissão e jograes ambulantes[4]), e para promover a execução artis-

---

1) Como além de tres cancioneiros semelhantes, mas não iguaes, sendo um incompleto *de-ab-initio*, e os outros apographos tardios e truncados, só dispomos do *Indice* de Colocci e de vagas memorias de alguns mss. perdidos, a tentativa de identificar uns e outros deve necessariamente sahir muito imperfeita. *Adhuc sub iudice lis est,* e eu não pretendo, de modo algum, resolver problemas ainda tão pouco ventilados.

2) Vid. Cap. VI, Biogr. 38.

3) Vid. João Pedro Ribeiro, *Memorias authenticas para a historia do Real Archivo,* Lisb. 1819.

4) As obras profanas da primeira época são devidas a reis e filhos de reis, feitas na côrte ou nos conventos, a pedido d'elles. Basta nomear

tica de um Cancioneiro.[1]) — 3°. Florescendo a lyrica trovadoresca mais viçosa e duravel na côrte portuguesa, e sendo a lingua empregada um *gallaïco-português illustre* é natural que em Portugal se procedesse á compilação; como igualmente, que sahissem melhor ordenados e mais abundantes os cancioneirinhos parciaes dos cortesãos de cá do que os que vieram de Castella e Leão, Aragão e Galliza. — 4°. Assim como das *Cantigas de S. Maria* de Alfonso o Sabio se executaram varias copias, todas divergentes, e todas ellas em vida do auctor, ou logo depois do seu fallecimento, houve provavelmente treslados diversos das obras originaes profanas, executadas por iniciativa de Affonso III, D. Denis e do Conde de Barcellos; exemplares poucos, bem se vê, dados em presente a reis, principes e infantas, e porventura a alguns ricos-homens intimamente ligados aos dynastas e interessados pelas artes apollineas. — 5°. E cá como lá aconteceria ficar uma ou outra copia incompleta, quer isso fosse devido á morte do mandante, quer do amigo a quem se destinava, ou á falta de

---

a *Chronica Geral*, as *Flores de las Leyes*, a *Chronica de Rasis*, o *Livro das Batalhas de Deus* de Rabbi Abner. — As mais nomeadas entre as antigas bibliothecas peninsulares eram as da Rainha D. Maria, Martim de Navarra († 1410), o Duque de Calabria, Carlos de Vianna († 1460), o Duque de Benavente, Fernando de Aragão († 1494), Gomez Manrique, Luis Nunes de Guzman, Iñigo Lopez de Mendoza, e o Conde de Haro († 1455). Em Portugal temos as de D. Duarte, o Infante Santo, e o Condestavel D. Pedro.

1) Sobre o preço dos livros em Portugal antigo ha algumas noticias na *Historia da Universidade* de Th. Braga (p. 196). Em 1298 um simples *Codigo* custava 50 morabitinos; e outrotanto um exemplar das Decretaes. Quanto á importancia ligada por Alfonso X a codices sumptuosos, e ao mesmo tempo quanto a presentes de livros, trocados entre monarcas aparentados, basta recordar as determinações consignadas no seu testamento. Legou á igreja de S. Maria de Sevilla *los quatro libros que llaman Espejo istorial que mandó fazer el Rey Luis de Francia* (*Memorial* II, p. 125); ao seu herdeiro *las dos biblias et tres libros de letra gruesa, cobiertas de plata é la otra en tres libros estoriada que nos dio el rey Luis de Francia* (ib. 126) ... *E otrosi mandamos que ... todos los otros libros que los den a la iglesia mayor de S. Maria de Sevilla o a la iglesia de Murcia, si el nuestro cuerpo fuere y enterrado, sacando ... las dos biblias que mandamos dar a aquel que heredare lo nuestro. Otrosi mandamos que todos los libros de los cantares de loor de sancta Maria sean todos en aquella iglesia do nuestro cuerpo se enterrare e que los fagan cantar en las fiestas de S. Maria. E si aquel que lo nuestro heredare con derecho e por nos quisiere aver estos libros de los cantares de S. Maria, mandamos que faga por ende bien et algo a la iglesia onde los tomare por que los aya con merced e sin pecado. Otrosi mandamos a aquel que lo nuestro heredare el libro Setenario que nos feximos...* São curiosos tambem os recibos (*Memorial* I, 257 e 258) em que confessa têr havido de emprestimo certos livros do Cabido de Albelda e de S. Maria de Nagera.

executantes adestrados. O codice de Florença, p. ex., irmana neste sentido com o da Ajuda; e mesmo um dos escorialenses está imcompleto, faltando-lhe o volume II.[1]) — 6°. Guardados a principio com certo zelo ciumento, os cancioneiros da primeira epoca foram posteriormente desprezados como velharias sem valor, quando o gosto e a cultura tomaram rumo opposto, perdendo a França a sua soberania intellectual ao desabrochar do renascimento classico. Postos a um canto, entre 1400 e 1500, uns foram destruidos pelo alvião do tempo; outros distrahidos, em troca de moderñices ou antiguidades classicas, para o gabinete de curiosos, cujo fervor archeologico crescia á medida que o interesse geral ia afrouxando. — 7°. Em Portugal, o desleixo e menoscabo das memorias patrias tomou proporções desusadas, desde que de 1415 em deante o sonho do imperio do mundo e da unidade iberica, com a hegemonia em Portugal, levou os conquistadores da Africa e descobridores da India e do Brasil, a cultivarem de preferencia a lingua castelhana. Esta tendencia não foi menos perniciosa do que o particularismo mesquinho de *dilettantes* e especialistas invejosos que „fazendo caixinha" aferrolham ou mesmo annullam raridades, só para as sonegar ao conhecimento dos confrades. — 8°. Parece que os *Livros das Trovas* se perderam depois de D. Affonso V ter aberto a sua livraria aos estudiosos.

I. O Livro das Trovas del Rey D. Affonso.

§ 165. Durante a sua longa estada em França, i. é antes de 1245, o Bolonhês viu, de certo, conforme já apontei, cancioneiros com obras de troveiros e trovadores, escriptos e pintados no estylo gothico-francês[2]), em parte ordenados pelo systema chronologico, em parte pelo systema esthetico, por generos.[3])

Nem é temerario imaginar trouxesse comsigo ou mandasse vir depois de enthronado, algum exemplar para servir de modelo

---

1) Incompleto ficou tambem um codice provençal (No. 1592) da *Bibl. Nat.* de Paris e outro de Berna (389), com entrelinhas para a notação musical que falta. Os que carecem das capitaes de côr são numerosissimos.

2) Os caracteres, as miniaturas dos codices peninsulares e a tripartição, feita segundo as materias, lembram os melhores codices provençaes, em que era costume agrupar em secções separadas, canções, sirventeses e tenções.

3) Vid. G. Groeber, *Die Liedersammlungen der Troubadours*, em *Romanische Studien*, vol. II, 1877; e Milá y Fontanals, *Trovadores en España*, p. 264—269.

aos seus escrivães[1]) e de fonte de inspiração e texto de estudo aos seus trovadores. Espectador das festas brilhantes da côrte de S. Luis, conhecedor das empresas de seu tio-avô Alfonso II de Aragão, que incumbira um monge do mosteiro de St. Honarat de juntar em um volume obras poeticas em lingua d'oc;[2]) sciente do esmero com que seu sogro, o Sabio de Castella, eternizava os seus canticos, e tambem da actividade poetica de Thibaut de Champagne e Navarra (servidor mais ou menos authentico de Blanca de Castella e herdeiro de seu tio Sancho Sanches, o Forte) o rei de Portugal não só publicou decretos sobre a posição dos jograes na sua côrte[3]), mas concebeu tambem, se não me engano, o plano de reunir em volume os *rotulos* com versos dos seus vassallos e as reliquias que restavam dos reinados anteriores. No principio do seu governo os tesouros accumulados deviam ser diminutos. Cresceram comtudo rapidamente desde que os seus companheiros de França, D. João d'Aboim, Ruy Gomes de Briteiros, Esgaravunha etc. deram impulso vigoroso ao cultivo da arte, dentro do paço, introduzindo generos á moda francesa até então desconhecidos como a *pastorela,* e os *lais.* Nos annos em que Aiméric d'Ebrard cuidava da educação litteraria do precoce primogenito (n. 1261) que, cheio de enthusiasmo pela arte e imitando o inclyto avô, se preparava para ser não só Mecenas, como seu pae, mas tambem o melhor trovador do seu meio, como Alfonso X e Thibaut de Champagne, — de 1275 em deante é que Affonso III trataria de realizar o seu intento, principiando o trabalho que o successor havia de naturalmente *continuar,* quer fosse quando em 1278 o rei lhe deu casa propria, associando-o no anno immediato ao governo, quer depois de dirigir só e resoluto o leme do estado. De proposito evito o termo *acabar.* O cancioneiro alfonsino e posteriormente o dionysiaco ficou, a meu vêr, *em aberto,* emquanto durava o mesmo estylo, — exactamente como o ficaram os *Livros de linhagem.*

O que parece fóra de duvida é que D. Denis (entre os soberanos portugueses da primeira dynastia o unico que poetou) teve ao seu dispôr, de facto, não só cancioneiros franceses e provençaes, e os

1) Vid. p. 155, *Nota* 3.

2) Quem propagou a noticia foi o phantasioso Nostradamus (*Les Vies des poètes provençaux,* 1575, p. 2) de cuja pouca authenticidade se trata no *Jahrbuch* XIII, p. 2 a 18. Cf. Guinguenet, *Hist. litt. d' Italie* I, 243 e 303, n. 9.

3) *P. M. H. Leges,* p. 199.

estudava, mas tambem e de preferencia, os versos dos poetas nacionaes, alfonsinos e pre-alfonsinos, os quaes muitas vezes imita.[1])

Lembrando novamente ao leitor que o rei D. Duarte possuia um *Livro das Trovas*, designado como del *Rei D. Affonso*,[2]) compilado de mais a mais por um português, de Montemór-o-Novo[3]), fica dicto tudo quanto posso allegar a favor da existencia de um Cancioneiro de um Affonso português, treslado directo de pergaminhos originaes, de que o **CA**, incompleto e mutilado, *com letra inteiramente semelhante á de um foral de 1280,* seria, não o primeiro exemplar, mas um apographo: **A 1, 2, 3** do quadro final.

II. O Livro das Trovas del Rey D. Denis.

§ 166. Este titulo antigo está em harmonia com o antecedente. A palavra erudita *Cancioneiro* não se vulgarizou senão na segunda época da lyrica peninsular,[4]) por influencia francesa.

Da existencia do *Livro* não ha que duvidar, embora faltem documentos coevos que a attestem. O proprio monarca não se lembrou no seu testamento das suas obras litterarias, o que leva a crêr formassem apenas as delicias da sua juventude. Incorporadas no Cancioneiro Geral ainda na época trovadoresca, talvez em vida do proprio D. Denis, e por ordem sua, ou mais provavelmente um pouco

---

1) Vid. as Notas Finaes de Lang ao *Liederbuch des Königs Denis von Portugal.*

2) No. 63 da sua bibliotheca. Cf. § 117.

3) Cf. § 117. No **CV** figura um poeta de Montemor-o-Novo, Ugo (ou Diego) Gonçalves, com uma só poesia deturpadissima (606) que nada nos diz sobre a sua idade.

4) É nos catalogos das livrarias de Martim de Navarra e Carlos de Vianna, que surge a expressão *Cançoner,* designando collecções francesas, das que no sec. XV formavam as delicias de todo o mundo culto. Os primeiros Cancioneiros castelhanos, individuaes, foram (creio eu) os de Santilhana e Gomez Manrique (II, 332). O primeiro e principal *Cancioneiro Geral* da segunda epoca (1350—1450) é o de Baena, se realmente tiver este titulo de *Cancioneiro* no MS. Paris. 585. No Prologo o compilador não o emprega. Chama a sua obra *el muy notable e famoso libro fundado sobre la muy graciosa e sotil arte de la poetria e gaya ciencia . . . que fiso e ordenó e compuso e acopiló el indino Johan Alfonso de Baena escrivano e servidor del muy alto e muy noble Rey de Castilla Don Johan nuestro señor.* Os que deram no sec. XIX ás collecções gallaïco-portuguesas o titulo de Cancioneiros cometteram em rigor um anachronismo. O proprio Varnhagen que acertara, chamando *Livro das Cantigas* ao fragmento da Ajuda, escolheu para o seu pequeno florilegio vaticano a epigraphe *Cancioneirinho.* E por serem mais commodos e praticos, esses termos prevaleceram. Com a reserva aqui enunciada, tambem me sirvo d' elles.

depois pelo filho, os posteros acharam mais vantajoso mandar tresladar a collecção inteira. Mas como nella avulta pelo numero, pela qualidade e pela fama o peculio do rei[1]), aconteceu darem mesmo ás miscellaneas o titulo de *Livro das Trovas del Rei D. Denis,* e ao periodo trovadoresco o nome de *época de D. Denis*, cingindo-se á velha regra: *a maiori fit denominatio.*[2])

Apenas quanto ao exemplar guardado em 1438 na bibliotheca de D. Duarte (No. 38), pouco mais de um seculo depois da morte de D. Denis, é provavel que fosse um volume original, sumptuoso, com poesias só d'elle, e poesias profanas, a julgar do titulo.[3]) No fim do mesmo seculo quando o eborense Garcia de Rèsende, que era empregado da casa real, começou a juntar a colheita lyrica da 2ª epoca (1440—1516), os tres *Livros de Trovas* que haviam pertencido a D. Duarte já não existiam na livraria do paço.[4]) Em 1585 os eruditos sabiam apenas do volume achado em Roma. De manuscriptos, guardados na patria, attribuiam-lhe apenas um volume da Torre do Tombo, com versos religiosos.[5]) Em 1756 um poeta português referiu-se a um Cancioneiro de D. Denis, conservado no Escorial; mas ... este relator, o qual soube até especializar, contando que o precioso volume fôra mandado a Castella, de neto a avô . . .[6]) nunca sahira de Portugal, vivendo quasi sempre retirado na provincia.[7]) Ha quem

1) Possuimos 138 poesias de D. Denis. Dos restantes trovadores, o mais rico deixou-nos 56. Termo medio, a obra de cada um attinge 13.

2) Vid. § 117.

3) O apuro na arte calligraphica e o gosto por bellas miniaturas é antigo em Portugal. Vid. p. 156, *Nota* 5. O ms. do *Leal Conselheiro* p. ex. é esplendido. Um livro de orações del rei D. Fernando que se guarda no Rio do Janeiro, diz-se que é um primor (*Panorama* VIII, 230; Th. Braga, *Hist. da Universidade*, 206). Igualmente o *Livro de Horas* de D. Duarte que manuseei na Torre do Tombo e a *Chronica da Guiné* de Azurara, na Bibliotheca de Paris.

4) Vid. p. 132, *Nota* 6.

5) Não seria de admirar, se D. Denis tivesse imitado o avô tambem como trovador da Virgem. Vid. p. 114, *Nota* 3. Nas referencias de Duarte Nunes, a formula: *segundo vimos* pode dizer respeito a ambos os cancioneiros. Mas igualmente possivel é que o chronista e seus successores, muito mais vagamente instruidos do que nós, lho attribuissem por confusão um volume de *Cantares de S. Maria* de Alfonso X, desguarnecido de titulo.

6) Isto seria antes de 1284, contando D. Denis 23 annos, ou menos!

7) Já deixei dicto (p. 117, Nota 5 e 6) que os bibliothecarios de S. Lourenço não descreveram nenhum volume com versos gallaïco-portugueses: nem Perez Bayer (*Regiae Bibl. Escur. Manuscriptorum Catalogus,* 3. P., 1762), nem Monsenhor Ferreira Gordo (*Memorias de Litteratura* IV, 49), nem Ebert (*Jahrbuch* IV), nem Knust (ib. VIII, IX e X), nem Rudolf Beer,

lubrigasse outro exemplar em Thomar, no fim do sec. XVIII.[1]) E na nossa era, Costa e Silva († 1854) descortinou um, nas mãos do Padre J. de Figueiredo. Este iconoclasta sancto queimou-o todavia antes de expirar![2])

Deixo de novamente entretêr o leitor com minucias não authenticadas que já conhece. Não tento adevinhar se os problematicos volumes eram Cancioneiros originaes e avulsos. Nem tão pouco, se incluiriam sómente canções de amor e cantares de amigo, ou tambem dizeres de *escarnho*, e ainda, como Parte II, e separada, os suppostos louvores da Virgem?[3])

§ 167. Passemos adeante, fallando das *miscellaneas* designadas como Cancioneiro de D. Denis. Já fallei do nome *Rey Dō Denis*,[4]) inscripto a tinta preta no córte transversal inferior das folhas do **CA** depois de encadernado, e provavelmente muito depois, quando o volume já andava despido do couro lombal. Se a epigraphe fosse reproducção de dizeres ahi consignados, representava a opinião do curioso que no sec. XVI salvaguardou, conjuntamente com os fragmentos do Nobiliario, os do Cancioneiro — opinião que nesse caso poderia ter inspirado o Dr. Antonio Ferreira. Sendo comtudo muito mais provavel que o benemerito que mandou encadernar o codice entendesse possuir duas obras do Conde de Barcellos, julgo prudente reconhecer na attribuição a D. Denis apenas a lembrança de um qualquer reitor de um Seminario de Jesuitas ou do Collegio dos Nobres.

O parecer de Varnhagen e Braga, segundo o qual a inscripção indicaria proveniencia da bibliotheca de D. Denis, mal pode ser verdadeiro. Não é de crêr que o rei-trovador conser-

---

Handschriftenschätze Spaniens, Wien 1895. Th. Braga utilizou, apesar d' isso, a fabula, para fallar do lendario „*saque filipino*".

1) Vid. F. Denis, *Portugal Illustré*, p. 31 e *Grundriss* II^{b} 186, n. 5.

2) Se nesse conto estranho houver alguma verdade, talvez se trate de um treslado moderno do **CV**, cujos cantares obscenos de maldizer teriam provocado escandalo. Neste caso correria parelhas com o do mysterioso *Grande de Hespanha*. Vid. No. XI d' este capitulo.

3) D. Duarte, o pio moralista e traductor da *Oração do Justo Juiz* (vid. p. 131, *Nota* 5), o qual certamente teria dado maior apreço aos canticos sacros do que ás cantigas de amor, nem uma só vez se refere áquelles. O mesmo vale do Marquês de Santilhana.

4) Vid. p. 32 e 141.

vasse piamente como reliquia essa obra começada, mas nunca acabada.[1])

Acho, muito mais crivel, possuisse a supposta collecção completa no proprio codice de que o da Ajuda era treslado. No meu eschema designo-o como **C 1**. Do Cancioneiro de D. Denis, achado em Roma, trato sob No. **X**.

III. O Cancioneiro de D. Mencia de Cisneros.

§ 168. Entre as miscellaneas que é costume citar quando se falla do Cancioneiro de D. Denis por incluirem as obras do monarca, a mais importante é a que D. Iñigo Lopez de Mendoza viu a principios do sec. XV. É o proprio magnate castelhano quem falla d'ella na tantas vezes nomeada *Carta ao Condestavel de Portugal,*[2]) que accompanha como Proemio varios exemplares do Cancioneiro das suas obras, e precedia autographa o que foi remettido entre 1445 e 1449 ao Infante D. Pedro, irmão de D. Duarte, mas com destino para o filho primogenito (n. 1429), mancebo de talento precoce e que poetava gentilmente na mesma idade em que supponho manifestou suas aptidões artisticas o nosso rei-trovador.

Posto que colligisse apaixonadamente, gastando sommas avultadas na acquisição de livros que pudessem augmentar o seu saber, o Marquês de Santilhana não possuia as obras de D. Denis e seus coevos, nem tão pouco as de Alfonso o Sabio. D'estas só ouvira fallar, tendo visto aquellas na sua menor idade.[3]) Foi em poder da avó materna[4]) em Torre de la Vega, solar dos Garcilasos, na cidade de Guadalfaxara, onde os Mendozas costumavam residir, ou

1) A favor da ideia que o juvenil D. Denis, e não Affonso III, ordenasse a compilação podia allegar-se que em geral só mandavam colleccionar versos os que eram ao mesmo tempo poetas. Não o nego. Mas mesmo nesta eventualidade o **CA**, necessariamente colhido em cadernos ou em *rotulos* alfonsinos e pre-alfonsinos, é na realidade o que nelle vejo: um Livro das Trovas alfonsinas e pre-alfonsinas de Portugal.

2) Vid. p. 125, *Nota* 2.

3) Antes de o mancebo em 1414 figurar, com apenas 16 annos, entre os Grandes de Castella. Em 1416 (n. 1398) estava casado.

4) D. Mencia de Cisneros († 1418) casara com Garcilaso de la Vega III° († 1367). A filha dos dois, D. Leonor de la Vega, era mãe do Marquês. Em primeiras nupcias o almirante seu pae esposara D. Maria de Castella, irmã de D. Juan I. Como o Marquês era herdeiro dos bens dos Garcilasos e dos Mendozas, pode ser juntassem em casa de D. Mencia, que o criava, todos os volumes que haviam de servir na sua educação litteraria.

em qualquer dos seus castellos,[1]) que folheou e ouviu lêr bastantes vezes cantigas portuguesas, com curiosidade e intelligencia sufficiente para se lembrar, após decennios, dos generos poeticos e de nomes e lendas romanticas que por essa occasião lhe haviam narrado.[2]) Leva a crêr que o volume fosse dos Mendozas o seguinte facto: tanto o pae do Marquês, o almirante Diego Furtado de Mendoza († 1405), como o avô paterno Pero Gonzalez de Mendoza, o qual sacrificou a vida para salvar seu rei e senhor na batalha de Aljubarrota, e um dos tios (Iñigo Lopez de Relho) haviam poetado á maneira gallaïco-portuguesa,[3]) no genero rustico que caracterizava o cancioneiro e para o qual chamaram a attenção do novel litterato.

Da raridade dos livros de trovas da primeira época, já em principios do sec. XV, e pelo outro lado da pouca importancia que o erudito imitador de Dante e Petrarca, introductor do Soneto italiano, ligava no fundo ás curiosidades de *antanno*[4]), dá ideia o pormenor que pela sua mente nem mesmo perpassou a suspeita de o Regente poder haver tido á mão, em casa de seu pupillo e genro D. Affonso V, uma collecção dos versos do bisdono de todos elles.

---

1) Os morgados de Guadalfaxara, Fita e Buitrago foram instituidos em 1365 pelo avô do Marquês, o de Real de Mançanares em 1383. A respeito das livrarias de magnates castelhanos e dos consistorios poeticos, celebrados em seus castellos, veja-se um artigo de Felipe B. Navarro, *Fortalezas y Castillos de la Edad Media* no *Boletin de la Sociedad Española de Excursiones,* vol. VII, 1899.

2) É incontestavel ter visto o volume antes de o terem emancipado aos 14 annos. Mas pode haver duvidas sobre se o viu em poder de D. Mencia, ou alhures. *Em poder de* . . . pode referir-se ao pequeno magnate; mas mais natural me parece referí-lo ao livro. Eu entendo: *recordo . . . em poder de minha avó . . . haver visto um grande volume de cantigas serranas.* Outros entendem: *recordo haver visto um grande volume . . ., sendo eu em idade não provecta mas assaz pequeno moço em poder de minha avó* . . . Veja-se por exemplo a traducção de Hugo Rennert, no seu estudo sobre *Macias o Namorado,* citado no nosso § 97.

3) Da actividade d' estes epigonos terei de fallar no Capitulo IX.

4) Na livraria do Marquês havia uma unica obra em romanço do sec. XIII, conforme direi mais tarde. É comparando a bibliotheca d' este grande hespanhol, e dos mais colleccionadores mencionados mais acima, com a de D. Duarte, que se reconhece claramente, qual e quão importante era o peculio de manuscriptos com poesias archaicas, no gosto dos seculos XIII e XIV, que os reis de Portugal haviam herdado de seus maiores. Por grande que fosse o gasto dos imitadores castelhanos, de 1350 a 1450, o que admira é que nem mesmo nas riquissimas collecções de Isabel a Catholica se encontrasse exemplar algum. As Revistas annunciam, como em preparação, um estudo de Mario Schiff sobre os mss. da bibliotheca do Marquês de Santilhana.

§ 168. Copio as palavras do Marquês não só para que o leitor não tenha de recorrer a outros volumes, e para completar os indiculos que inseri no Cap. II, mas tambem porque terei de lhes juntar algumas observações.

Depois de ter fallado das origens gallaïco-portuguesas da lyrica castelhana, acrescenta, exemplificando:

»*Acuerdome, señor muy magnifieo, siendo yo en edat no provecta mas asaz mozo pequeño en poder de mi abuela Doña Mencia de Cisneros entre otros libros aver visto un grant volumen de cantigas serranas e decires portugueses e gallegos de los quales la mayor parte eran del Rey Don Dionis de Portugal (creo, señor, fue vuestro bisabuelo), cuyas obras aquellos que las leian loaban de invenciones sutiles e de graciosas e dulces palabras. Avia otras de Johan Soarez de Pavia el qual se dice aver muerto en Galicia por amores de una infante de Portugal. E de otro Fernant Gonzalez de Sanabria.*«

Os indicios dados são insufficientes para se determinar o conteudo do volume. De um lado os nomes dos auctores fazem suppôr que era igual ou semelhante aos apographos italianos (mas não ao **CA**)[1]), e constituia uma compilação de obras da época toda, desde os mais antigos trovadores como D. João Soares de Paiva (*Ind.* 23—28 e 1330), pelos alfonsinos como Fernam Gonçalves de Seabra (*Ind.* 384—391 e 737), até D. Denis, sendo este o poeta que cá como lá assignava a maior porção de versos. Do outro lado as notas sobre os generos representados podem suscitar a ideia que a miscellanea de D. Mencia de Cisneros fosse sensivelmente diversa das tres que hoje possuimos, mais completa em serranas, pastorelas, e cantares de amigo, i. é nas especialidades semi-populares, cultivadas com predilecção por D. Denis, D. João d'Aboim (o mais illustre dos cortesãos que vieram de França com o Bolonhês) e por mais alguns trovadores como Ayras Nunes, o culto clerigo de Santiago, e Pedro Amigo de Sevilha: um cancioneiro de D. Denis, na accepção lata da palavra (**C 1** do quadro), uma continuação portanto do **CA**, em que a Parte II, o Livro das Donas, havia tomado um desenvolvimento notavel; ou, por ventura, apenas essa tal Parte II

1) *D. Denis* não tem parte alguma no **CA**. *Paiva* era, segundo os meus calculos, representado com alguns canticos de amor, nas partes cortadas a principio do volume. *Seabra* ainda hoje alli figura com as cantigas **210—221** (e **445—447**).

avulsa.[1]) Emfim, o estadio intermediario entre o **CA** e o **CV** e **CB**.

Tudo depende da interpretação que devemos dar ás palavras: *cantigas serranas e decires.* Pondo virgula entre *cantigas serranas,* podemos pensar em tres generos diversos: canções de amor, cantares de amigo e versos de *escarnho.* Neste caso a semelhança com os apographos italianos pode ser sustentada. Lendo *cantigas serranas,* o caso muda de figura. Mas mesmo então ha duas possibilidades. Ou o marquês dava esse nome, em harmonia com o uso posterior de Gil Vicente, aos cantares virginaes em disticos encadeados ou outros versos de refram, differenciando assim vagamente todos os versos no gosto popular, das cantigas de mestria no gosto dos eruditos palacianos (*decires*).[2]) Ou *cantigas serranas* eram exclusivamente as verdadeiras *serranilhas*, i. é as pastorelas peninsulares, propositadamente rusticas e realistas, em que a leviana pastorinha de França apparece transformada picarescamente em *virago* (vaqueira ou toureira), com habitos e traje de bandoleira. Esta interpretação recebe apoio do facto que o Arcipreste de Fita, seu principal cultivador, as chamou *cantares serranos*[3]) e *canticas de serrana*[4]) (mas não *cantigas serranas,* como ás vezes se tem asseverado); e tambem do outro facto já indicado, que os tres ascendentes do Marquês seguiram o mesmo rumo, de mãos dadas com o proprio magnate que o acrisolou deliciosamente na celebre Vaqueira de Finojosa. Se assim fosse, a differença entre o volume de D. Mencia e as tres compilações de que hoje dispomos, seria evidente. Nos apographos italianos ha apenas quatro pastorelas *á maneira francesa*[5]), (sendo duas no gosto archaïco e as outras segundo a ultima moda) e uma unica á maneira nacional,

---

1) É certo que um volume já vetusto em 1400 devia estar mais proximo dos textos autographos do que as copias de Angelo Colocci. Braga conclue das formas *Senabria* e *Fernant* (var. *Ferrant*) que o exemplar de D. Mencia era uma transcripção castelhana. Sem razão, porque o Marquês escrevendo castelhano havia de nacionalizar forçosamente os nomes proprios gallego-portugueses, visto que tal era o costume da época.

2) Se pelo contrario *decir* significasse *versos de escarnho,* podiamos pensar numa combinação da Parte II e III, eventualidade que julgo pouco plausivel.

3) Fita, estr. 970.

4) Ib. estr. 933, 961, 971, 996.

5) Cf. § 238.

cujos começos e primeiras amostras procuramos de balde. Nem mesmo essa unica está completa. O fragmento que subsiste, intercalado, com direito ou sem direito, em outra cantiga diz:

Na terra de Sintra | a par d' esta serra
vi ũa pastora | que braadava guerra. (CV 410).[1])

Sufficiente para provar a existencia da *serrana* como genero humoristicamente rustico na litteratura portuguesa, antes do Arcipreste, dos Mendozas, e dos imitadores posteriores (pois teve voga até os dias de Lope de Vega), não o é de modo algum para motivar a descripção do codice, tal como o Marquês a esboçou.

Do grande volume, patenteado outr' ora aos olhares avidos do juvenil e estudioso magnate, nunca mais se descobriu vestigio algum. Seria destruido por um accidente? foi desgastado pelos epigonos que na 1ª metade do sec. XIV ainda trabalhavam na renovação da lyrica e musica indigena? dado a um colleccionador italiano em troca de um Boccaccio, Petrarca ou Dante? de um Cicero, Seneca, Platão, Aristoteles? Ignoramo'-lo, infelizmente. — Tenho de registar apenas a opinião de Th. Braga, que reconhece no volume de D. Mencia um treslado secundario do Livro das Cantigas do Conde de Barcellos, extraviado em Castella por morte de Alfonso XI.

§ 170. Quanto á Carta do Marquês, o primeiro escritor que a aproveitou, haurindo nella informações sobre o periodo galliziano da lyrica peninsular, foi o illustre Contador D. Gonzalo de Argote y Molina (1548—1598), feitor de S. Sebastião em Sevilha. Em duas das suas obras menciona a *Carta,* classificando-a de *excellente*

---

1) É lição restituida. No apographo do Vaticano lê-se:

aterra derint' o per desta ſserra
uy hua ſserana q̄ braadaua gerra.

Os versos immediatos que parecem contêr palavras da serrana:

vos tẽede comigo, decê-vus á terra

e mais uma phrase proverbial

pois [a]llá tangem e ca ora sõa,

estão ligados pela rima com o principio da poesia:

Luis Vaasques, depois que parti
d' essa cidade tan bõa Lisbõa,
achei tal encontro que digo per mi
que son ja . . . . . . õa,

e tambem com a serranilha, de sorte que é provavel ser essa realmente um *intermezzo.*

discurso de la antigüedad de la poesia. Primeiro, no *Discurso sobre la poesia castellana contenida en este libro,* i. é. no *Conde Lucanor* de D. Juan Manuel, por elle tirado á luz em 1575.[1]) Em segundo logar, ao historiar os feitos dos Mendozas, na obra historico-genealogica sobre a *Nobleza de Andalucia*[2]), a qual tive e terei de citar a miudo neste volume.[3]) Nella referiu-se varias vezes ao emprego da lingua gallaïco-portuguesa pelos metrificadores castelhanos até os dias de Enrique III, p. ex. ao fallar de Macias o Namorado.[4]) De posse de um exemplar dos *Canticos e Milagres* de Alfonso X, do qual extrahiu versos,[5]) Argote foi dos que melhor conheceram os cimelios da litteratura patria, o Duarte Nunes de Hespanha. Ainda assim, não possuia nenhum Livro de Trovas profanas.[6])

O seu exemplo ficou porém isolado. Tanto o cancioneiro do proprio Marquês como o seu Doutrinal litterario continuaram occultos e inexplorados até 1775.[7]) Só então a *Carta* foi extractada por Sarmiento nas *Memorias para la historia de la poesia y poetas españoles,*[8]) sendo impressa por Sanchez no primeiro volume das *Poesias Castellanas anteriores al siglo XV*[9]). Desde então repetiram-na varias vezes,[10])

---

1) Na nova impressão d'este *Discurso* (por Menendez y Pelayo *Antologia,* V, 72) não encontro periodo algum relativo ao Marquês. Não tendo ao meu alcance o original de 1575, é-me impossivel verificar a exactidão das referencias de Sanchez (vol. I, p. XXXVII) e A. de los Rios. (*Obras del Marquês,* p. 159) que nos remettem ao § 20.

2) Infelizmente, a obra ficou incompleta. Só possuimos as duas partes relativas a Baeza e Cordova. A terceira e mais importante sobre Sevilla nunca appareceu. A 1ª ed. é de 1588. Aproveito a 2ª de 1866. Longe de ser impeccavel ella é, comtudo, preciosa.

3) Vid. p. 708 da 2ª ed.

4) Ib. p. 548 ss. e 555.

5) Ib. p. 9 e 300.

6) Vid. No. VI d'este Capitulo.

7) O exemplar das obras de Santilhana que fôra parar ás mãos de Argote de Molina, não é o proprio do Condestavel (No. 86 da sua bibliotheca, vendida em 1467). Segundo Sanchez e A. de los Rios, o codice **M. 59** da Bibl. Nac. de Madrid, sendo o proprio que Argote de Molina possuia, é apenas copia tardia, escrita por differentes mãos do sec. XVI.

8) P. 148.

9) Ed. Madrid 1799, vol. I, p. LVII ss.

10) A. de los Rios, *Obras del Marquês de Santillana,* Madr. 1852, p. 1—18; *Annaes de Sciencias e Lettras,* Lisb. 1858, tomo II, 284 ss; Th. Braga, *Poetas Palacianos,* p. 151 ss; M. Menendez y Pelayo, *Antologia,* Tomo V, p. 18 ss.

com os merecidos elogios. Com relação ás especies sobre a lyrica gallaïco-portuguêsa[1]) ainda não foi, nem póde por ora, ser devidamente commentada.

IV. O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos.

§ 171. Já conhecemos a breve clausula do testamento, datado dos paços de Lalim, 30 de Março de 1350, pela qual D. Pedro de Portugal, Conde de Barcellos, legava ao rei de Castella o seu *Livro das Cantigas.*[2]) Para merecer tal distincção devemos imaginá-lo de excepcional valor, intrinseco e artistico, suppondo que irmanaria com os codices que mereceram especial cuidado a Alfonso X na sua ultima vontade. Mas a pesar d'isso não resta nenhum dado ulterior seguro sobre o tesouro indigitado. Apenas conjecturas, tanto sobre o seu caracter como àcerca do fadario que correu.

Desde que o testamento viera a lume, sendo aproveitado pelos auctores da *Monarchia Lusitana,*[3]) ou desde que, um pouco antes, a noticia fôra divulgada nas obras historicas de Faria e Sousa,[4]) os escritores dos sec. XVII e XVIII[5]) interpretaram a doação como prova indiscutivel do talento poetico do Conde.[6])

---

1) Os §§ 14—16.

2) Vid. § 163, e § 28 da *Resenha Bibliographica.* O testamento acha-se impresso integralmente na *Hist. Gen.*, Provas I, No. 22 (p. 138).

3) *Mon. Lus.* V, Livro XVII—XIX, publicado tardiamente em 1650.

4) *Epitome,* III, c. 9 (1628); *Europa,* III, p. 387. Na assaz inexacta *Vida* do Conde, que serve de Prologo á detestavel edição hespanhola do *Nobiliario* (1646), não ha referencia alguma ás Cantigas. Nem tão pouco nas *Notas genealogicas* de Faria e Sousa, no fim do volume.

5) *Mon. Lus.* XVII, c. 5 (p. 184): *homem inclinado a estudos, segundo vemos em seu testamento em que deixou a el Rey de Castella o seu Livro das Cantigas; e quem tinha composto hum cancioneiro que podia ser apresentado a hum Rey, pessoa era com noticia de boas lettras.* — *Hist. Gen.* I, 265: *nelle se declara poeta, porque deixa as suas poesias a el Rey de Castella. Da sua existencia não pode ja haver duvida nem de que o Conde seja o seu author pela menção que delle faz no seu testamento.* — Barbosa Machado (*Bibl. Lus.* III, 538—542), Nicolas Antonio (*Bibl. Vet.* II, 9 e cf. II, 160), Pinheiro Chagas (*Hist. Port.* I, 139) pronunciam-se no mesmo sentido.

6) É todavia possivel que já no sec. XVI alguns eruditos como Rèsende e Duarte Nunes de Leão, e outros que tinham entrada na Torre do Archivo, soubessem das *Trovas* pelo testamento ou por outros indicios. O possuidor quinhentista que mandou encadernar o **CA** juntamente com o Nobiliario, estava certamente informado. Cf. Varnhagen, *Notas* 377, *Jahrbuch* VI, p. 355.

No principio d'este estudo expus miudamente os pareceres dos modernos depois do descobrimento do **CA**. Narrei, como Bellermann aventou a questão, se o nosso codice seria por ventura o *Livro das Cantigas*; como Varnhagen construiu sobre esta lembrança um romance de amores entre o Conde e sua sobrinha, (esposa de Alfonso XI e neta predilecta de S. Isabel, á qual D. Branca de Portugal legára a sua bibliotheca) — aquella formosissima Maria, cuja mediação entre os reis de Castella e Portugal, por occasião da batalha do Salado, inspirou uma estrophe sentida ao cantor dos Lusiadas.[1]) Expliquei como esta construcção phantasiosa se foi pouco a pouco desmoronando; e tambem como Th. Braga a substituiu pela conjectura judiciosa de que o Livro fôra *do Conde* apenas pelo facto material da colleccionação e da propriedade. Finalmente, como Varnhagen, vexado com a queda do seu *château en Espagne*, começou a taxar o bastardo de D. Denis de plagiario que descarada e frandulentamente se tivesse apropriado de versos alheios, supprimindo os nomes dos verdadeiros auctores no seu *Livro das Cantigas!*[2])

Pela maneira como discuti o assumpto, mostrei claramente aceitar a hypothese de Braga, persuadida de que o livro legado ao rei de Castella continha rimas de muitos trovadores, *o espolio da epoca inteira, colhido nos ultimos momentos do crepusculo.*[3]) Levam a esta convicção os termos em que o Conde falla do seu codice, chamando-o *o meu Livro das Cantigas* e não *o Livro das minhas Cantigas*, ou *o Livro das Cantigas que eu fiz;*[4]) a falta de toda a allusão ao seu talento poetico nos Nobiliarios e documentos historicos; a carencia de versos d'elle na bibliotheca de D. Duarte; e principalmente o logar modesto que pelas suas composições occupa nas opulentas miscellaneas **CB** e **CV**.

1) *Lus.* III, 102.

2) Varnhagen tinha em mente as 56 composições em commum ao **CA** e **CV**, cujos auctores tornára conhecidos. — Cingindo-se ao parecer de Varnhagen, Julio de Castilho dedicou um capitulo da sua *Lisboa Antiga* (Vol. VII, p. 204—223) ao talento poetico e ao romance do Conde de Barcellos.

3) Não creio que o titulo indicasse mero direito de propriedade, no sentido em que *hoje* fallamos do Cancioneiro de D. Mencia de Cisneros, do Cancioneiro Colocci-Brancuti, Gayangos, Gallardo, Juromenha, Fernandes Thomas etc. Se realmente a obra fosse apenas um exemplar sumptuoso do Cancioneiro de D. Denis, o Conde teria empregado, penso eu, designação mais adequada. Segundo Brandão, não faltou quem assim pensasse.

4) Cf. p. 132, Nota 5.

Nellas assigna apenas quatro canções de amor,[1]) e seis de escarnho,[2]) por signal muito mediocres. Além d' isso, encontro apenas duas allusões ao meio-irmão de Affonso IV.[3]) Mas nenhuma diz respeito ás suas benemerencias litterarias. Uma, do escudeiro-português Joam de Gaya a um vassallo interesseiro e voluvel do Conde, nomeia este simplesmente a par de seu sobrinho, o senhor de Albuquerque, e do infante-successor.[4]) Outra,[5]) de um jogral leonês, de pouquissima veia, o qual depois de gabar o rei de Portugal, em cujo serviço prosperava, cantando, e o jóvem herdeiro da coroa[6]), exalta a liberalidade *do Conde* (titulo cuja interpretação é incontroversa, visto que o de Barcellos era naquelle tempo o unico Conde em Portugal).[7]) Sem experiencia directa da generosidade do magnificente fautor dos fidalgos que *os pôs nas mui grandes quantias,* só por o ouvir affirmar, João de Leon assevera — *segundo com apres' ei:*

se fosse seu o tesouro
que el rey de França ten,
tan ben prata come ouro
daria todo a seu sen.

Ingenua maneira de captar a benevolencia do elogiado. E realmente as riquezas do Conde, devidas em parte a mercês regias, em parte

1) **CV 210—213.**

2) **CV 1037—1042.** É justo suppôr não houvesse mais que esta dezena de ensaios. Mesmo se o **CB** e o **CV** fossem independentes do *Livro das Cantigas,* o incognito compilador das duas miscellaneas que acolheu 138 poesias de D. Denis, não teria de certo omittido copla alguma do Conde, caso o seu haver fosse mais abundante.

3) Sabendo que ha uma unica poesia sobre D. Denis, o leitor já não se admirará de tal penuria.

4) **CV 1058.**

5) **CV 707.** No respectivo trêcho occorre uma palavra duvidosa, que clama pelo confronto com o **CB**. Monaci imprimiu $\overline{q}$ *he irmãtio del rey.* Varnhagen, desejoso de encontrar provas da veia poetica do Conde, metteu *rimante del rey* (*Novas Notas* 378). Braga aceitou esta lição (*Zeitschrift,* 1, 44). Posteriormente substituiu-a pela lição *irmão-tio* (*Canc. Vat. Rest.* No. 707, p. LXX e LXXXI). Desconheço o termo; ignoro que grau de parentesco possa indicar; sei que as cinco syllabas de que consta, são demasiadas para a economia do verso, que só exige tres; julgo de todo ponto improvavel que um jogral qualificasse sem cerimonia nem consideração de *rimante del rei* a um dos personagens mais grados da côrte. A simples leitura *irmão* (3s.), possivel numa época onde a bastardia não era considerada como deshonra, e metricamente correcta, parece-me preferivel a *jemi-irmão* ou *meio-irmão.*

6) Vid. Cap. VI, § 59.

7) Temos expressão parecida numa obra hespanhola, o *Libro de Monteria* (Vol. II, 407 da *Bibl. Venatoria*). Mas ahi o rei e o *Conde su fijo* são Alfonso XI e o Conde de Trastámara.

a opimos casamentos, eram tão consideraveis que no Livro de Linhagens as vemos mencionadas com espanto,[1]) nas notas, accrescentadas por algum continuador nos claros deixados de proposito para estes fins.[2])

§ 172. Junto algumas notas biographicas com o intuito de mostrar quanto a sua elevada posição, e seu parentesco com os dynastas e aristocratas de Portugal, Castella e Aragão, suas viagens, sua prolongada estancia na região classica dos solares antigos (Entre Doiro e Minho) na qualidade de inquiridor official, as investigações nos cadastros e nas chronicas a que esses trabalhos e os de genealogia o obrigavam, o ocio que desfrutou durante muitos annos, as riquezas que juntára, e a sua liberalidade, devem ter facilitado a tarefa de recolher as trovas dos coevos e antepassados.

D. Pedro de Portugal é mais conhecido ainda que D. Affonso Sanches (o primogenito entre os nove bastardos que o sempre namorado D. Denis dava a criar a sua esposa, confiado nas virtudes mais que *griseldicas* da que foi santificada pela voz do povo antes de o ser pela curia), talvez porque sobreviveu ao irmão e tambem pelo papel politico que representou, mas principalmente mercê dos dois trabalhos litterarios que a fama lhe attribue.[3])

Em 1304 acompanhára a Agreda e Tarazona o pae que ia conciliar Aragão e Castella com os Lacerdas.[4]) Senhor de Gestaçô, na comarca de Lamego desde 1306, e tambem de Varzea da Serra e Lalim, onde estabeleceu residencia num paço opulento, D. Pedro foi em 1307 instituido mordomo da Infanta D. Brites, futura rainha de Portugal. Posteriormente occupou o posto de

---

1) *Ca mais forom por elle postos e feitos em muy gramdes contias ca pellos melhores quatro homeens boos que forom em Portugall, saluamdo se forom rreys. E este foy o que erdou alguuns filhos dalgo nas sas erdades e que ouue os melhores vassallos que ouue outro comde nem homeens boos dos que dantes forom.* — *P. M. H.*, *Script.* 193 e 290.

2) *E rrogo a aquelles que de pos mym veerem e uomtade ouuerem de saber os linhageens, que acreçentem em estes titollos deste liuro aquelles que adiamte deçemderem dos nobres fidallgos da Espanha e os ponham e espreuam nos logares hu conuem.* — *P. M. H. Script.* 231: *Prologo.*

3) Com relação ao *Nobiliario* seja repetida aqui a informação que uma das minhas *Randglossen*, a XXX^a, lhe será dedicada.

4) É costume dizer que D. Pedro nasceu em 1291, dois annos depois de Affonso Sanches. De maior idade não só quando em 1304 accompanhou seu pae a Tarazona mas já quando viuvou em 1301, passando logo a segundas nupcias, teremos de fixar seu nascimento pelo menos em 1285.

alféres-mór, nomeado no mesmo acto pelo qual D. Denis lhe deu o Condado de Barcellos, em Maio de 1314.[1] Temporariamente foi tambem fronteiro-mór de Entre Doiro e Minho e da Beira. Neste meio-tempo ajudou o pae na sua obra legislatoria sobre *honras* e *coutos*. Os fidalgos com cujos bens se locupletou, principalmente como herdeiro de sua primeira esposa D. Branca Pires de Sousa, eram D. João de Aboim, o trovador, e Mem Garcia de Sousa, irmão do poeta Fernam Garcia de Esgaravunha. Essas suas relações de parentesco com a fidalguia peninsular foram alargadas por um segundo matrimonio com a aragonesa D. Maria Ximenes Coronel[2] y Artal, dama da rainha D. Isabel.[3] Nas hostilidades entre D. Denis e seus filhos, provocadas pelos extremos de affecto que o monarca mostrava pelo bastardo D. Affonso Sanches, tencionando até legitimá-lo (diziam), para lhe transmittir a coroa, o Conde tomou com intenções leaes o partido do herdeiro nato, a cuja casa pertencia pelo seu posto. Por causa d'essas luctas civis viveu desterrado e destituido dos seus bens durante quatro annos, em Castella,[4] onde tornamos a encontrá-lo em 1340 depois da victoria do Salado.[5] Quando, porém, o bravo Affonso pegou em armas (1321—1322), contra o progenitor e seu predilecto, fez-se medianeiro da paz, ao lado da Rainha D. Isabel, entrando em seguida novamente nas boas graças do pae, que lhe restituiu todos os bens confiscados (1324).

D. Pedro falleceu em 1354. Teve sepultura honrada na igreja do mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca, não longe de Lalim. Quando a abriram no sec. XVII, a sua estatura gigantesca surprehendeu os que assistiram á funebre cerimonia.[6]

---

1) Erram os que dizem 1324, ou 1304. D. Martim Gil, o 2º Conde, a quem D. Pedro succedia, ainda estava vivo em 1312. O 1º, D. João Affonso de Albuquerque, creado em 1298, fallecera em 1304. Cf. Anselmo de Braamcamp Freire, Brasões da Sala de Cintra, Vol. II, p. 330 e 346.

2) Para avaliar o poderio d'esta sua segunda esposa (parenta *da mais que matrona romana*, cuja fama os novellistas apregoam) bastará dizer que o casamento de D. Pedro IV de Aragão com a filha de Affonso IV de Portugal foi por ella tratado em 1347, de accordo com D. Juan Manuel de Castella e sua filha D. Constança.

3) Teve ainda no fim da sua vida, relações com outra dama, D. Teresa Annes de Toledo; mas o casamento não está provado. Vid. Braamcamp l. c.

4) Pelo seu testamento sabemos que havia levantado um emprestimo de dinheiro em Burgos. Provavelmente no tempo do seu desterro. — Vid. Cap. VI, Biogr. IX.

5) Por occasião das côrtes de Arenas. Vid. *Cron. Alf.* XI, cap. 255.

6) Vid. *Mon. Lus.* XVII, c. 3 a 5; XVIII, c. 11 e 48; XIX, 29. — *Hist. Gen.* I, 254—279 e *Provas* I, Nos 19—22. — *P. M. H.*, *Script.* 193, 257, 290.

Em 1336, por occasião de uma das guerrilhas inglorias e perniciosas entre os dynastas peninsulares, tivera de invadir a Galliza, talando campos e queimando castellos. Não obstante, o Conde *amava muy verdadeiramente o serviço do rei castelhano,* [1]) o qual casára desde 1329 com a filha de Affonso IV, a gentilissima Maria a quem já alludi.[2]) Da intimidade d'estas relações é testemunho a doação do cancioneiro, realmente significativa, porque o Conde no seu testamento não se lembra de nenhum seu consanguineo português.[3])

§ 173. Para explicar a singular preferencia, será bom recordarmo-nos de que a arte portuguesa ficára orfan e agonizante desde a môrte de D. Denis. O jogral lá o diz:

Os trobadores que pois ficaron
eno seu reino e no de Leon,
no de Castela e no de Aragon,
nunca pois de sa morte trobaron!
E dos jograres vus quero dizer:
nunca cobraron panos nen aver,
e o seu ben, muito [o] desejaron.[4]) (**CV 708.**)

D. Affonso IV, se bem que sustentou jograes, nunca revelou intimidade com as musas.[5]) Os acontecimentos que caracterizam o seu reinado são a feroz crueza contra D. Inês de Castro[6]) e a expedição ás Canarias e até o Cabo de Não, dos marinheiros educados pelo primeiro almirante português Manoel Pezagno (Pessanha) de Genova, a qual preludia aos gloriosos feitos da época joannina.[7]) Quanto ao herdeiro que surge uma unica vez no Cancioneiro, na cantiga acima mencionada de João de Leon,[8]) merecendo elogios apenas por causa das suas forças herculeas e exercicios cynegeticos, atrevendo-se *a un grand' usso matar,* esse amava em segredo e com impeto

---

1) *Cron. Alf.* XI, c. 255.

2) Alfonso XI era filho de uma meia-irman do Conde, a Infanta D. Constança de Portugal.

3) Do *Nobiliario* não falla. Este era considerado como um documento official, com destino pratico, obra de uma época e não de um homem.

4) I. é: muito sentiram a falta do bem que elle lhes fazia.

5) Sobre a lenda tardia da sua actividade poetica (que se liga aos *Sonetos de Amadis,* do Dr. Ferreira) vid. p. 118, Nota 2.

6) O sobrenome *Bravo* (de *barbaro,* conforme foi estabelecido por J. Cornu na *Romania* XIII, 110) significa Feroz. Só posteriormente é que o adjectivo passou a ter accepção laudatoria, equivalendo a *Valente.*

7) Visconde de Santarem, *Cosmographia* I, 275; Edg. Prestage, *Discovery and Conquest of Guinea*, Lond. 1896 e 1899; vol. II, LXXIX ss. e 313.

8) **CV 707.**

demasiado para exhalações lyricas, e preferia á viola e á harpa do trovador, danças ruidosas ao ar livre, ao som de atabales e trombetas de prata, á claridade bruxuleante de tochas ou do luar.

O mesmo jogral que lamenta a morte de D. Denis diz-nos, de modo nada ambiguo, para onde, á procura de conforto e de um Mecenas, convergiam em 1325 os olhares dos poetas. *O neto que o vai semelhar* era D. Alfonso XI, então de quatorze annos apenas.

Nascido em 1311, casado aos dezoito, e desde 1330 até o fim, amador bizarro da *nobre rosa* D. Leonor de Guzman, ô esposo da portuguesa era valente e cavalheiresco, amigo enthusiasta de festas e torneios,[1]) fundador da poetica Ordem da Banda (1332), e elegante trovador. Assim o documenta a unica canção sua[2]) que remata, symbolicamente, na sua linguagem castelhana, entremeada ainda de galleguismos,[3]) a época da lyrica gallaïco-portuguesa[4]), e annuncia o raiar, no horizonte, de um dia novo.

Sob este aspecto não é estranhavel que o Conde de Barcellos legasse ao vencedor dos Benamarin o seu tesouro poetico. Mas dias antes de elle assentar por escrito essa sua vontade, Alfonso XI expirava.

§ 174. Á incerteza sobre o conteudo do *Livro das Cantigas* accresce portanto ainda a duvida, se o Conde modificaria, ou não, o testamento, nos quatro annos que lhe ficaram de vida, juntando-lhe por ventura um codicillo hoje perdido, ou se os testamenteiros remetteriam escrupulosamente o legado ao successor e herdeiro, o Justiceiro de Castella.

Em todo o caso, por decadente que fosse a poesia, e embora entre os que poetavam não haja nenhum, cuja sobrevivencia se possa provar,[5]) é impossivel crêr que o exemplar, destinado a

---

1) *Cron. Alf.* XI, c. 50, 100, 141 e 186.

2) *Ind.* 607 = **CV 209.**

3) Uma composição que principia: *En un tiempo cogi flores del muy nobre paraiso*, e contém vocabulos como *tiempo bien mientes, puedo muerte puesto pueda, dios, vengo, vino, cogi coger, muicho, solia solias* — particularidade que não se nota em nenhuma outra poesia trovadoresca, deve ser decididamente classificada como castelhana, apesar dos tres galleguismos *dizer, fazer, morrer.*

4) Vid. Cap. X e *Randglosse* XXIV, contra Baist, *Grundriss* II^b, p. 418, 5.

5) O luso-aragonês *Estevam da Guarda*, de quem suspeito ter coadjuvado o Conde na colleccionação das trovas, por causa da posição avantajada que os seus versos occupam, estava vivo em 1347. Ignoro quando

sahir de Portugal, permanecesse unico, não havendo entre os vassallos e parentes do Conde um só que diligenciasse e conseguisse tresladar o importante monumento, salvando para a patria o que de direito lhe pertencia. O mesmo vale de Castella, onde a nacionalização da lyrica e seu libertamento do predominio gallaïco-português exigia e surtiu positivamente um estudo afincado da obra dos antepassados.

Quanto á maneira como o Conde procedeu, só posso repetir as conjecturas que já aventei. Encontrando, completo ou incompleto, um cancioneiro alfonsino e o Livro das Trovas de D. Denis, serviu-se de ambos, accrescentando-lhes as canções novas de amor, de amigo e de escarnho que lhe chegavam de Portugal e de fóra, de trovadores antigos e coevos, incluindo as que são illustrações das novellas em prosa de Tristan e Lançarote. A colleccionação dos cantares de auctores castelhanos seria em grande parte devida aos seus cuidados: especialmente a dos dizeres de *escarnho*.

§ 175. Dois pontos exigem ainda a nossa attenção. Se o auctor do Nobiliario e o ultimo compilador do Cancioneiro são a mesma pessoa, como explicar então que no primeiro achemos mencionados trovadores não representados no segundo? e que ahi occorram nomes de duzias de proceres e cavalleiros, os quaes cultivaram a arte, sem nota allusiva á sua habilidade? Em segundo logar, não haverá revelação alguma sobre o compilador nas notas que accompanham as cantigas do Conde e as restantes?

Vejamos as relações entre os cancioneiros o o Livro de linhagens do Conde. Nelle apparecem sete nobres com o sobrenome de trovadores [1]): *João Soares de Paiva*, [2]) *Fernam Garcia Esgaravunha*, [3]) *Vasco Fernandez Praga*, [4]) *João Soares*, [5]) *João Martins*; [6]) *João de Gaya* [7]) e *Estevam Annes de Valladares*. [8]) Os tres primeiros estão

morreu. Estevam Coelho II (irmão de Pero, o matador de Inês de Castro, o qual fôra vassallo do Conde) era activo em 1352, conforme mostro no Cap. VI, Biogr. XV. Mas não é certo ser elle o poeta do lindo cantar de amigo **CV 321**, em vista da homonymia com seu pae.

1) Vid. p. 118, Nota 6 e p. 180, Nota 2.
2) *P. M. H. Script.* 201, 297, 336, 352.
3) Ib. 152, 192, 290.
4) Ib. 349.
5) Ib. 166.
6) Ib. 271 e 272.
7) Ib. 170, 178, 207, 302.
8) Ib. 271 e 272.

effectivamente representados nos fragmentos que possuimos, com producções mais ou menos elegantes;[1]) e igualmente o João Soares, se com efeito for identico a João Soaires Somesso, como suspeito.[2]) Um João de Gaya figura nos nossos cancioneiros, escudeiro e jogral servente de D. Affonso IV, mas tão mediocre poeta, que de modo algum merecia a perpetuação do seu nome, conforme mostram os versos que copiei. Custa por isso a crêr fosse identico ao fidalgo, citado pelo linhagista. Mas afinal não é impossivel que tal injustiça se commettesse, por motivos que nos escapam. Os outros, não estão representados. *João Martins*, porque não foi poeta, tendo recebido a alcunha de *trovador* apenas como herança nobilitante do pae, que o fôra.[3]) Quanto a *Estevam Annes,* um dos trovadores mais tardios, a concluir da arvore genealogica dos Valladares,[4]) as suas obras parecem irremediavelmente perdidas. Exactamente porque não entraram na compilação do Conde?

E a explicação? Por mais poderoso e sollicito que fosse, nem todas as composições, de cuja existencia sabia, lhe seriam entregues. Muitas já então estariam extraviadas. Mas como alguns dos nomes já haviam sido registados por auctores genealogicos anteriores, no *Livro Velho,*[5]) elle não podia deixar de repetir as notulas sobre o seu talento. Quanto aos outros muitos, cujo talento não menciona ¿ deveremos crêr que fossem inferiores, na opinião do vulgo aos poucos que effectivamente distingue e cujo renome fulgurava com mais brilhantismo entre os coetaneos? Difficilmente! O fim do linhagista era fixar, num singelo catalogo das gerações nobres, direitos historicos, evitando a realização de matrimonios entre parentes. Só por excepção foram apontadas qualidades e relatadas façanhas ou anecdotas pittorescas. Estes *hors-d' oeuvre,* que agradaram, e com que por isso mesmo vemos hoje enfeitadas as enfadonhas listas de nomes, são em grande parte accrescentos da geração immediata.

Passando ás cantigas do Conde[6]) — pouco numerosas e de somenos valor artistico, porque realmente não era aguia de grande

---

1) Vid. Cap. VI, Biogr. LVI, XI e I.
2) Vid. § 204.
3) *Rev. Lus.* V, 114—136.
4) Vid. § 204.
5) *Esgaravunha*, *Martins, Soares* i. é um fidalgo cujas obras se conservaram; um que não fôra trovador; um cujos versos estão perdidos.
6) **CV 210—213** e **1038—1042** (= Ind. 1428—1432 bis).

envergadura — parece que foram (e não admira fossem) copiadas segundo as suas ordens por algum amanuense, logo depois de compostas. Pelo menos nas rubricas respectivas, que são das mais explicitas e claras,[1] falla-se d'elle na 3° pessoa, apontando occorrencias muito recentes, do *outro dia,* o que não acontece em mais caso algum.[2]

Entre as rubricas de canções alheias, ha apenas tres em que o mandatario falla. E, é preciso notá-lo, essas poucas referem-se a cantigas fóra do commum, cuja addição (talvez supplementar) ao Cancioneiro era forçoso justificar. Temos de um lado os *Lais* de assumpto bretão, tirados de romances em prosa, traduzidos do francês,[3] os quaes dispôs na vanguarda das canções subjectivas de amor;[4] do outro lado, *esparsas* eroticas, não vasadas nos usuaes moldes palacianos, de um Judeu de Elvas[5] que apparecem deslocadas na Parte III. O mandatario falla d'ellas majestaticamente na primeira pessoa do plural, como convinha a um principe, mas sem outros esclarecimentos sobre a sua propria pessoa. Esses, talvez se achassem no frontespicio, em um titulo á moda de prologo, parecido ao que guarnece os Cantares de S. Maria?

§ 176. Desnecessario me parece dissertar novamente, sobre se as duas miscellaneas descobertas na Italia[6] e o nosso codice

---

1) Todos os seus dizeres de *escarnho* têem epigraphes extensas.

2) Vid. **CV 1041**: *e o Conde fez-lhis porem esta cantiga;* ib. **1042**: *Esta cantiga suso escrita . . . se juntou aas que no outro dia fez o Conde . . . e o conde fez lhi esta cantiga.* Note-se a divergencia entre a expressão *cantiga de cima,* usada na parte antiga do Cancioneiro, e este *suso-escrita* que revela certas pretensões linguisticas.

3) Na apostilla relativa á cantiga inicial do Cancioneiro Colocci-Brancuti (e *Ind.* 1), copiada no nosso Cap. VI, § XXXIV, lê-se: *este lais posemos aa cima* (ou *aqui*, se Colocci resolveu com acerto a abreviatura $\frac{a}{9}$) *porque era o melhor que foi fe[i]to.* Na que diz respeito ao segundo lais accrescenta: *esta cantiga é a primeira que achamos que foi feicta.*

4) Cf. § 295 ss.

5) **CV 1138** e **1139**. Ahi se encontra a confissão seguinte: *e porque é bem que o ben que homem faz se non perça mandamo-lo screver e non sabemos (mais) delo mais de duas cobras . . .* Confira-se na *Carta* do Marquês, as palavras relativas ao Rabbi Santob que cito mais abaexo.

6) Sobre as divergencias entre o **CB** e o **CV** de um lado, que são transumptos de originaes de tamanho diverso, e do outro lado entre o **CB** e o *Indice,* ainda estamos insufficientemente informados. — Vid. Cap. IV, *Miscella* 7, 15, 30, 53, 56, 57, 59, 64 e § 147. — Em todo o caso ellas não são tão flagrantes como as que ha entre o **CA** e os volumes conservados na Italia.

serão apographos, directos ou indirectos, do *Livro das Cantigas do Conde.* Basta repetir que sendo o Conde o compilador mais tardio de que ha noticia, e contendo aquellas os versos do Conde e de coevos seus, a identidade da materia de ambos é quasi certa. E se não fossem as divergencias sensiveis entre o **CA** e os apographos italianos,[1]) que authenticam derivação diversa e certa independencia,[2]) offerecia-se muito naturalmente a supposição de o nosso codice ser tambem um treslado do Livro começado em Portugal e interrompido. Em vista das variantes, faltando nelle os trovadores post-dionysiacos e dionysianos, assim como as obras dos reis e infantes de Portugal e Castella, devemos considerar como sahidos do volume perdido do Conde de Barcellos apenas o **CB** e o **CV**, e talvez o de D. Mencia.[3])

* * *

§ 177. A côrte castelhana foi incontestavelmente nos dias de Alfonso X o mais esplendoroso centro do movimento trovadoresco gallaïco-português, e nos do vencedor de Tarifa o foco onde se realizou a transformação dos moldes e a substituição do idioma occidental pelo do centro castelhano. Por isso não seria de estranhar que tambem lá um dos ultimos principes da dynastia borgonhesa tivesse concebido e executado o plano de encelleirar a colheita lyrica da época transacta. Creio todavia que tal não succedeu.

O prazer com que o pio e arrependido auctor e coordenador dos Cantares de S. Maria se lembrava dos versos profanos da sua adolescencia, posto que elles documentem um talento de veras assombroso,[4]) não podia ser bastante puro e elevado para o decidir a legá-los *manu-propria* aos vindouros, publicando a sua versatilidade. O estado de desordem e deturpação em que se encontram esses versos, conforme indiquei, não abona a hypothese de uma colleccionação systematica, e temporan. Sancho o Bravo não

1) Vid. Cap. IV, *Miscellas* 12, 21, 21b, 25, 27, 29, 31, 32, 37, 38, 39, 43, 49, 52, 58, 61, 65, 68, 71, 72, 75.

2) Cf. § 57, Nota 97 e § 161.

3) Th. Braga identifica com o *Livro do Conde* não só o Cancioneiro de D. Mencia mas tambem o ms.-pae do cancioneiro Colocci-Brancuti, vendo neste ultimo o original, estraviado em Castella, no de D. Mencia uma copia secundaria do sec. XV; e no Cancioneiro da Vaticana um apographo terciario. Talvez com razão.

4) Vid. *Randglosse* V e VI.

documentou amor algum pela poesia. O reinado de Fernando IV foi uma minoridade turbulenta. Alfonso XI poetava e olhava com benevolencia para as canções de amor, já o sabemos. Mas a arte, velha e gasta após dois seculos e meio de esplendor, ia decahindo, ou evolucionando. Inteirado de mais a mais do trabalho de colleccionação a que se dedicava o Conde português (o bem querido tio da esposa que se conservou leal e casta, apesar do seu cruel abandono); contando com o Livro das Cantigas que, certo é, lhe fôra verbalmente promettido, devemos suppôr que apenas o coadjuvaria, franqueando-lhe os cadernos do seu reposito, mandando reunir as folhas soltas, espalhadas por Leão, Burgos, Toledo, Palencia, Santiago, Sevilla e remettendo-lhe copia da melhor ou da unica cantiga sua. De D. Pedro, o feroz Justiceiro, ninguem se lembrou ou lembrará como colleccionador de archaïcos versos de amor.

§ 178. Entre os infantes cuja vida se desenrola dentro dos limites da época, ha pelo contrario dois, que tanto pelo seu amor á arte como pelas suas relações pessoaes com o ramo occidental e os filhos de D. Denis podia suspeitar-se tivessem sido colleccionadores de cantigas gallaïco-portuguesas. Ambos eram poetas. De um consta, incontestavelmente, que possuia e coordenára não só um *Libro de los Cantares* mas ainda um doutrinal poetico, embora a sua fama como versificador já estivesse apagada em tempos do Marquês de Santilhana, offuscada talvez pela sua gloria como prosaïsta. A fama do outro, para nós quasi extincta, perdurava então. Por isso julgo obrigatorio registar o pouco que a tal respeito se sabe.

V. O Livro dos Cantares de D. Juan Manuel.

§ 179. Filho legitimo do Infante D. Manuel, neto portanto de San Fernando, e sobrinho do Sabio, este coevo do Conde de Barcellos, com o qual se encontrou na côrte castelhana em varias occasiões, estava collocado pelo nascimento nos degraus do throno, cuja posse mais de uma vez parece ter ambicionado, quando serviu de tutor e co-regente de Alfonso XI.[1]) Admirador enthusiasta da obra scienti-

1) Vid. Gayangos, *Bibl. Aut. Esp.*, vol. 51 e na *Revista Española de ambos mundos*, II, 387; A. de los Rios, IV, 235 e 238; Baist, *El Libro de la Caza*, Halle 1880; Gräfenberg em *Romanische Forschungen* VII; *Rev. Critica* I, 113.

fica e litteraria do Sabio,[1]) é, depois d'elle, o melhor e mais fecundo entre os escritores da primeira época. Quasi todas as suas obras em prosa permanecem. As trovas estão perdidas. Em dois escritos deixou porém assentes allusões directas, embora laconicas, ao volume que ellas constituiam.

Numa advertencia que no manuscripto mais estimado precede os cincoenta *Exemplos* do *Conde Lucanor,* ideados de 1329 a 1335, D. Juan Manuel inseriu um catalogo dos livros por elle compostos e previdentemente depositados no mosteiro dos frades prègadores de Peñafiel por elle fundado, com o intento de os salvaguardar contra as inepcias de tresladadores pouco competentes.[2]) No ultimo logar, ahi se menciona *El Libro de los Cantares,* sem indicação ulterior.[3])

A segunda referencia lê-se no Prologo Geral que o Infante pôs depois ás suas obras, reunidas em um só corpo. Fallando ahi das *Reglas como se deve trovar,* tratado complementar da obra que nos interessa, e que é chamada d'esta vez: *El Libro de las Cantigas,* accrescenta expressamente a clausula *que yo fiz.*[4])

Perante explicação tão clara não é licito applicar ao caso a arte de adevinhar, pensando, á maneira de Gayangos, em uma collecção de cantigas populares,[5]) ou numa compilação de versos proprios e alheios.[6])

---

1) No Prologo do »Livro da Caça« enaltece especialmente o *talante do rei de acrescentar el saber: non podria dezir ningun omne quanto bien este noble rey fizo señaladamente en acrescentar e alunbrar el saber.* E ainda mais desenvolvidamente no *Sumario de la Cronica de España.*

2) Depois de contar a historieta dantesca do çapateiro e do trovador continua: »Et recelando yo, don Johan, que por razon que non se podrá excusar que los libros que yo he fechos non se hayan de trasladar muchas veces et porque yo he visto que en los traslados acaesce muchas veces lo uno por desentendimiento de escribano, ó porque las letras semejan unas a otras que en trasladando el libro ponen una razon por otra en guisa que muda toda la entencion et toda la suma et sea traido el que la fizo non habiendo y culpa, et por guardar esto cuanto yo pudiere, fice facer este volumen en que estan escriptos todos los libros que yo fasta aqui he fechos« etc.

3) *Bibl. Aut. Esp.*, vol. 51, p. 368 b.

4) Ib. p. 234.

5) *Rev. Esp. de ambos mundos* II, 387.

6) A auctora d'estas linhas aventou a ideia, em uma nota, em simples forma de pergunta (*Grundriss* II b, 202). F. Wolf parece ter sido de parecer igual, segundo deprehendo de um artigo inserto no *Jahrbuch* II, 99.

Resta todavia a questão da lingua e a dos generos lyricos, profanos ou sacros.[1]) A este respeito faltam todas as indicações. Um unico erudito viu em 1575 o ms. autographo, sahido do convento dominicano, apesar dos cuidados do douto varão.[2]) É o Contador Argote de Molina, com quem já travámos conhecimento. Este benemerito editor do Conde Lucanor tencionava publicar tambem o cancioneiro do Infante. Mas o plano gorou-se. No *Discurso de la poesia castellana*, impresso na edição referida[3]), mas destinado a principio a accompanhar (em edição ampliada?) o *Libro de los Cantares*, não dá esclarecimento algum sobre o idioma, os metros e as estrophes, nem apresenta amostras. Apenas diz o seguinte:

»*Aunque tenia acordado de poner las animadversiones siguientes en la poesia castellana en el libro que D. Juan Manuel escrivio en coplas y rimas de aquel tiempo, el qual plaziendo a Dios sacaré despues a luz, con todo me parecio tractar lo mesmo aqui, tomando occasion destos versos que tienen alguna gracia por su antigüedad y por la autoridad del principe que los hizo.*«

Continua com algumas preciosas considerações sobre os metros principaes, empregados nas sentenças rimadas (*viesos* = versos) com que D. Juan Manuel havia rematado cada um dos contos do Livro de Patronio. Isto é: septenarios reunidos em *coplas-redondilhas* castelhanas, essa forma eminentemente nacional; *alexandrinos* á moda francesa de Berceo, Fita, Ayala; *decasyllabos* (respectivamente *hendecasyllabos*, segundo a maneira dos catalães Mossen Jordi, Febrer e Ausias March, que chama *españoles-provenzales*, e tambem de italianizantes posteriores como Boscan e Garcilaso), e o *de arte maior*, tambem hespanholissimo. De poetas gallaïco-portugueses não diz coisa alguma. Nem tão pouco da lingua occidental. Com razão, porque os disticos estão sem excepção redigidos em castelhano, e castelhano acintemente muito apurado, de expressões selectas — *por muy buenas palabras et por los muy fermosos latines que yo nunca*

---

1) No seculo XVI deram o titulo de *Libro de los Cantares* aos Louvores e Milagres da Virgem, de Alfonso X.

2) Um exemplar do Conde Lucanor achava-se na bibliotheca de D. Duarte de Portugal; as cantigas não.

3) Foi reimpresso modernamente na *Antologia* de Menendez y Pelayo (V, 72).

oi decir en libro que fuese fecho en romance —[1]) isto é, sem mistura gallaïca, igual ao que empregou em todas as nove obras em prosa que d'elle se conservam.[2])

§ 180. Inserto numa d'ellas,[3]) ha apenas o dizer seguinte de escarnho, em gallaïco-português:

Rei belho (= velho) que Deos co(n)fonda,
tres son estas con a de Malonda.

Mas este cantar — *de que me non acuerdo sinon del refran,* diz o Infante — não era de modo algum composição sua, nem mesmo coeva! Para illustrar acontecimentos historicos, alias não documentados, que o seu aio e mestre e outros homens da casa de D. Manuel, seu progenitor, lhe haviam narrado, é que cita essa obra *alheia e antiga*, a qual havia erguido brado entre os paes e avós. Antiga, porque fôra lançada contra D. Jaime de Aragão, quando por occasião das contendas entre o rei de Castella e seu irmão Dom Enrique, o velho e sagaz monarca não cumpriu promessas a este ultimo feitas[4]), deve datar dos annos 1255 a 1259; isto é, dos tempos do Bolonhês e do Sabio![5]) Portanto, a citação comprova apenas o que sabiamos do idioma lyrico de então e o seu emprego na Hespanha inteira, mas nada àcerca do idioma dos *Cantares;* nem deve ser allegada para attestar o galleguismo poetico de D. Juan Manuel.

---

1) Vid. *Libro de los Estados,* I, 90.

2) Apenas no *Chronicon* se serviu do idioma dos eruditos. Vid. *Esp. Sagr.* II e *Romanische Forschungen,* VII, 428.

3) *Tratado de las Armas* em *Bibl. Aut. Esp.* vol. 51, p. 260.

4) . . *porque el rey de Aragon non tovo el pleito que puso con don Anrique.* O pleito versava, segundo D. Juan Manuel, sobre duas coisas: guerrear o rei de Castella e casar sua propria filha D. Constança com D. Arrigo, logo que este se assenhoreasse de algum reino. A deslealdade do Aragonês consistia em não a conceder ao Infante depois de elle ter arrancado aos Mouros o reino de Niebla, e em casá-la, pelo contrario, com o Infante D. Manuel, o irmão menor, a quem os dous reis, de commum accordo, deram o reino de Murcia. Parece que o filho d'este matrimonio devia estar bem informado. A historia não regista todavia os successos alludidos. Sobre os desmandos que levaram Alfonso X a banir do seu reino o inquieto, ambicioso e fortissimo D. Arrigo, vid. o nosso Cap. VI, Biogr. XXXIX; Schirrmacher, 533 e 691ss.; e *Randglosse* XIII.

5) Conheço um partidario de D. Arrigo que podia muito bem ter sido auctor do *escarnho*: D. Gonçal' Eannes do Vinhal. D'esse poeta, português de nascimento, descendente de uma familia toledana, casado com uma aragonesa, e vassallo de D. Affonso X, occupo-me no Cap. VI, Biogr. XXXIX.

Dos argumentos negativos do *Discurso* concluo, pratica e logicamente, que os metros e a lingua dos cantares perdidos eram os metros e a lingua do *Conde Lucanor*[1]) e seus versos.

Theoricamente não seria estranho, seria até naturalissimo, que o neto de S. Fernando — seguindo tambem nesse particular o exemplo do seu *duca e maestro* — tivesse poetado em gallaïco-português, redigindo em castelhano apenas as suas prosas. Ha todavia uma differença capital entre os dois. Alfonso o Sabio nascera em 1221, quando Leão e Galliza formavam ainda um reino independente, e não haviam abandonado as antigas aspirações á hegemonia. Creio que fallava o idioma occidental naturalmente, desde o berço, como seu pae, el-rei Fernando III, que vivera na Galliza até 1209. D. Juan Manuel, pelo contrario, pertence a outra geração. Nasceu quasi um seculo (1282) depois de Leão ter sido privado do privilegio de côrte permanente, cincoenta annos após a união com Castella, e de mais a mais quando o centro já não se importava demasiadamente com a gaia sciencia, procurando sendas novas. Além d'isso, o Infante foi educado em Murcia, cujo fronteiro-mór veio a ser; e nunca assistiu com demora no occidente. O emprego da lingua portuguesa teria portanto sido nelle um verdadeiro *tour de force,* e mero artificio.[2]) Litterariamente floresceu em dias de um monarca *cuja falla,* na expressão significativa do chronista, *era bem castelhana e não duvidava no que havia de dizer,* d'aquelle Alfonso XI que ouvimos entoar uma cantiga de amor, em *castelhano,* unica nos cancioneiros archaicos, como que em confirmação do que deixo explicado (queiram desculpar a intencional repetição). Foi coevo portanto do Arcipreste de Fita, que de 1330 a 1343 ía enchendo cadernos inteiros com poesias lyricas em castelhano, segundo a opinião geral, que sigo: louvores de Santa Maria, orações, serranas, canções de amor, cantigas de dança e *troteras,* tudo isso não para os *palaciegos,* mas para a arraia miuda:

> *para judias e moras e para entendederas* (estr. 1487)
> — — — — — — — — — — —
> *cantares fiz algunos de los que dizen los çiegos*

1) No *Libro de los Estados* I, c. 35, o Infante não se aventura a referir em gallego o discurso de certo arcebispo de Santiago (Ruy Padron), contentando-se com dizer que o recitou em sua linguagem gallega.

2) As suas obras foram escriptas de 1320 a 1336. — Vid. Baist, *Libro de la Caza* 132—155 e *Grundriss* II^{b}, 405.

et para escolares que andan nocherniegos,
et para muchos otros por puertas andariegos,
cazurros et de bulrras, non cabrian en diez priegos (1488).

Por esta razão, faltando todos os indicios em contrario, não considero anachronico admittir que D. Juan Manuel versificasse em castelhano,[1]) embora os seus cantares pertencessem tanto pelo espirito como pelos eschemas metricos e estrophicos á arte trovadoresca, e não obstante no seu tempo e no seculo immediato, até o advento do gosto italiano, e ainda durante os seus preludios, muitos poetas se terem conservado fieis ao costume dos avoengos, cultivando, exclusivamente, ou juntamente com o castelhano, o idioma tradicional com todos os artificios dos gallego-portugueses: o *leixa-pren, macho e femea, dobre e mordobre, lay e deslay, cor e descor, cantigas de centões* etc. O facto de elle ter estabelecido regras para a sua arte, está longe de abalar a minha convicção.[2])

VI. Cantigas de D. Juan de Lacerda.

§ 181. Como se as gerações immediatas tivessem tomado a peito cancelar na época castelhana do lyrismo peninsular, todas as provas da influencia exercida pelos gallego-portugueses sobre os primeiros lyricos de Hespanha,[3]) as obras d'este quatrocentista de

---

1) A este respeito estou em desaccordo com G. Baist, que jura com demasiada confiança nos assertos e na chronologia do Marquês de Santilhana. Deixando-se levar muito longe pelo intento justificado de caracterizar os gallego-portugueses como cultores da poesia lyrica e os castelhanos como cultores da prosa, e tambem pelo costume de fixar limites demasiadamente tardios á primeira época, opina que tanto pelo espirito como pela linguagem, a obra do senhor de Peñafiel deve ter pertencido ao lyrismo gallaïco-português, e não reconhece razão alguma para suppôr versificasse em castelhano. Vid. *Grundriss* IIb, 419 e 426. — Milà y Fontanals, *Trovadores*, p. 542 era da opinião que defendo, quanto á linguagem. Com relação aos metros refere-se a Argote, e falla de coplas castelhanas, ou redondilhas.

2) É de todo o ponto improvavel que esse doutrinal perdido, castelhano, seja a Poetica archaïca em português de que restam fragmentos, antepostos ao Cancioneiro de Colocci-Brancuti. Penso, pelo contrario, que o Infante tentou castelhanizar as regras da gaia sciencia palaciana, tal como elle as applicára nos seus versos, levado pelo desejo de proporcionar aos seus conterraneos o que os vizinhos na Catalunha e em Portugal já possuiam. Não posso imaginar por que razão Milá põe em duvida a existencia da *Arte de trovar;* nem tão pouco porque não havemos de lamentar a perda d'essas obras que nos elucidariam sobre os pensamentos do innovador.

3) Torno a lembrar que em nenhuma das bibliothecas de principes e magnates peninsulares dos seculos XIV e XV de que ficaram vestigios, se encontravam Livros de Trovas, Cantigas ou Coplas, exceptuando a livraria

sangue real não tiveram melhor sorte do que as de D. Juan Manuel. Sómente o Marquês de Santilhana — o qual, de resto, desconhecia o *Libro de los Cantares* do neto de S. Fernando — nos transmittiu o nome illustre do poeta Lacerda.

Não é no paragrapho (XV), dedicado ao Cancioneiro de D. Mencia e aos poetas gallego-portugueses da época de transição, que o douto magnate o menciona, mas antes no immediato, dedicado aos gallego-castelhanos. Depois de ter fallado muito de leve, e de ouvido, da actividade poetica de Alfonso X, passa sem interrupção a referir-se a varios outros conterraneos, citando em primeiro logar o bisneto ou tresneto Don Johan de la Çerda, em seguida seu proprio avô Pero Gonçalez de Mendoça, depois o Rabí Santo e o pouco conhecido Alfonso Gonçalez de Castro, natural de Guadalfaxara, terra do Marquês.

A chronologia dos factos[1]) está evidentemente maltratada nas respectivas proposições, que cito em nota.[2]) Entre a morte de

---

de D. Duarte e de Santilhana. Apenas na de Carlos de Vianna existia um *Libre de coples* (No. 82) e outro de *cobles* (89). Provavelmente em lingua catalã, visto que *cobles* eram a forma principal da *Gaya Sciencia* de Barcelona (estrophes de 8 versos ou *bordões*, compostos de dois hemistichios, de 4 e 6 (7) syllabas). Cf. Morel-Fatio, *Catal. Litt.* § 5 e 6 em *Grundriss* II b, pag. 77.

1) Como provavelmente todos os poetas de vulto do seu tempo, o marquês tinha noções vagas sobre os começos e a evolução da arte. Sabia que D. Denis fôra trovador e que juntamente com elle houve muitos *decidores;* mas mal se lembrava da actividade lyrica de Alfonso X. De alguns dos epigonos gallego-castelhanos mais em voga conhecia os nomes, e alguns poucos dos versos de mais nomeada. Não ignorava que grande parte haviam sido escritos originariamente em gallego, posto que em Castella continuassem a cantá-los meio ou inteiramente vertidos para castelhano. Os raros cancioneiros do primeiro periodo estavam gastos ou escondidos; as obras do periodo de transição ou não estavam colleccionadas ou acabavam de sê-lo. Não admira por isso que errasse, collocando a florescencia da lyrica em geral, depois do Arcipreste e do chanceler Pero Lopez de Ayala 1332—1407 (§ XIV). O seu plano foi dar a lista dos gallego-portugueses que conhecia, de D. Denis até Macias (XV); agrupar sem exame minucioso (XVI) os gallego-castelhanos do mesmo periodo, de D. Alfonso X até á morte de Enrique II (1379), para tratar em seguida dos poetas do reinado de D. Juan I (XVII). Esboçando a historia da poesia a traços largos, a bem de um principe curioso, não entrou naturalmente em investigações miudas de chronologia.

2) § XVI: *En este reyno de Castilla dixo bien el Rey Don Alonso el Sabio e yo vi quien vio decires suyos e aun se dice metrificaba altamente en lengua latina. Vinieron despues destos* (i. é depois de Camões, Casquicio e Macias, citados no § anterior como successores gallicianos de

Alfonso X e a do heroe do romance *Sí el caballo vos han muerto,* que sacrificou a vida ao seu rei na batalha de Aljubarrota (1385), medeiam quatro gerações,[1]) ou um seculo inteiro! O sentencioso Rabbi Santob, tão pouco no seu logar entre os adeptos do lyrismo gallaïco-português é mais velho um pouco, tendo poetado em dias de Alfonso XI e do Justiceiro.[2]) Gonçalez de Castro tambem parece ter sido coevo d'elle, apparecendo distanciado de Macias,[3]) como os mais, só por causa da nacionalidade. Os dois Lacerdas de nome João que a historia conhece, pertencem á geração anterior, um ao segundo terço e o outro á primeira metade do sec. XIV, i. é ao grupo dos epigonos; ou por outra, aos primeiros representantes da época de transição.

Ninguem duvidou ou duvida em qualificar o poeta a que Santilhana allude, como descendente do primeiro Lacerda, aquelle infante D. Fernando que, fallecendo prematuramente em 1275, deu motivo para que os direitos de successão, não incontroversos, de seus filhos fossem postergados.[4]) Quanto ao individuo, os commentadores da *Carta*[5]) apontam o terceiro Lacerda, o qual realmente fôra coevo do avô do marquês: filho de D. Luis de Lacerda, conde de Talmond (Telamon), que é costume designar como Principe da

---

D. Denis, Paiva e Senabria) *vinieron despues destos Juan de la Cerda e Pero Gonçalez de Mendoza mi abuelo: fiço buenas cançiones e entre otras „Pero te sirvo sin arte“ e otra a las monjas de la Saydia quando el rey don Pedro tenia el sitio contra Valençia: comiença „A las riberas del rio.“ . . . Concurrió en estos tiempos un judio que se llamó Rabi Santo . . . Alfonso Gonçalez de Castro, natural desta villa de Guadalfaxara, dixo assaz bien e fiço estas cançiones: „Con tan alto poderio.“ „Vedes que descortesia.“*

1) D. Juan I era tetraneto de Alfonso X. O avô do marquês, nascido em 1340, poetava antes de 1369, conforme elle conta.

2) Vid. Dr. Leopold Stein, *Untersuchungen über die Proverbios Morales von Santob de Carrion;* Berlin 1900.

3) As poesias que Santilhana lhe attribue, vão commummente assignadas a Macias, e não se distinguem das do Namorado. — Vid. Hugo Rennert, *Macias, o Namorado, a Galician Trobador,* Philadelphia 1900.

4) Nas *Sette Partidas*, o pae introduzira a boa lei que *si el fijo mayor muriese ante que heredase, si dejase fijo o fija que dejase de su mujer legitima, que aquel o aquella lo huviese y no otro ninguno* (Part. II, Tit. 15 ley 2). Mas a grande obra de legislação nunca fora publicada nem sanccionada. Por isso, o antigo direito tradicional, segundo o qual o filho maior vivo herdava a coroa, podia ser invocado pelo usurpador.

5) Vid. Sanchez, *Poesias Anteriores al siglo* XV, vol. I, p. 177, Nota 251; A. de los Rios, *Obras de Santillana* 602; F. Wolf, *Jahrbuch* VI, p. 99 e *Studien,* 87 e 189; Milá, *Trovadores* 529.

Fortuna ou rei das Canarias.[1]) Esse D. João, filho de uma francesa e neto de outra,[2]) passára a sua juventude longe da patria, em França. Como vassallo del rei D. Pedro revoltou-se em 1350 abertamente contra alguns seus crimes ultrajantes, tomando o partido de Alfonso Fernandez Coronel e D. Alvaro de Guzman, seu sogro e cunhado.[3]) Vencido, foi justiçado no anno 1357.[4]) Pela sua valentia recebera o cognome de *Cide.*[5])

Do outro, seu homonymo, que pertence á geração anterior, os criticos nem fallam, embora como vassallo de D. Denis, contemporaneo do Conde de Barcellos e proximo parente de ambos,[6]) tenha todo o direito de entrar no litigio e, a meu vêr, mais probabilidades de o vencer. Tio de D. Juan (II, *Cide*) e irmão menor do Principe da Fortuna, este D. Juan (I) senhor de Gibraleon e tronco dos Lacerdas de Portugal,[7]) estabeleceu-se nesta côrte, cujos monarcas ora protegiam as empresas dos Lacerdas, ora se viravam contra ellas, conforme as conjuncturas da politica e interesses dynasticos o exigiam.[8]) Ahi casou em 1318 com uma das bastardas do Rei Trovador,[9]) continuando no reino até 1337. Insurgiu-se então contra D. Affonso IV e abandonou a patria adoptiva para tomar parte na guerra, contra ella movida por D. Alfonso XI. Este deu-lhe o

---

1) Foi a 15 de Novembro de 1344 que o papa Clemente VI lhe outorgou em feudo a posse das Canarias. Casado com D. Leonor de Guzman, filha do *Bueno* de Tarifa, D. Luis morreu em 1363.

2) Filho de Mathilde de Narbonna e neto de *Blanche* que era filha de San Luis de França.

3) D. Juan de Lacerda estava casado com D. Maria Coronel, bella e virtuosa senhora, entorno da qual a phantasia do povo andaluz teceu poeticas lendas. D. Alvaro de Guzman era esposo da irman, D. Aldonça Coronel, cujos encantos attrahiram a attenção perigosissima do reinante. Uma irman de Juan II Lacerda teve sorte igual. — Vid. Zuñiga, *Anales de Sevilla* s. a. 1357 e 1358.

4) Vid. Zuñiga, ib.; Ayala, *Cronica de D. Pedro* a. 1357, c. 2 e 3; Mérimée, *Histoire de Don Pèdre,* p. 225.

5) No Livro de Linhagens um continuador do Conde chama-o *muy boo mancebo e aventuyrado em lides e por esto disserom que avia a uertude do Ruuy Diaz Cide ... viueo poueo porque o matou elrrey dom Pedro de Castella.* — P. M. H., Script. 288. — Ao morrer contava 40 annos.

6) Genro de D. Denis, era cunhado-torto do Conde de Barcellos.

7) Para indicar a filiação, distinguindo-o do homonymo, os historiadores dão-lhe freqüentes vezes o nome *D. Juan Alfonso.*

8) A respeito da parte tomada por D. Denis nas pretenções dos Lacerdas, consulte-se a *Mon. Lus.* XVI, c. 20, 31 e 56; XVII, c. 30; XVIII, c. 1 e 66; XIX, c. 28; Salazar, *Casa de Lara,* III, 8, 3.

9) *Mon. Lus.* XVII, c. 6; XVIII, 66; *Hist. Gen.* I, p. 282.

senhorio de Real de Manzanares.[1] Os historiadores e linhagistas collocam a sua morte em 1357, não sei se com acerto,[2] ou por ventura porque o confundissem com seu sobrinho e homonymo. Na *Cronica de D. Pedro* já não figura.

Á falta das obras que escreveu, ninguem pretenderá decidir o pleito.

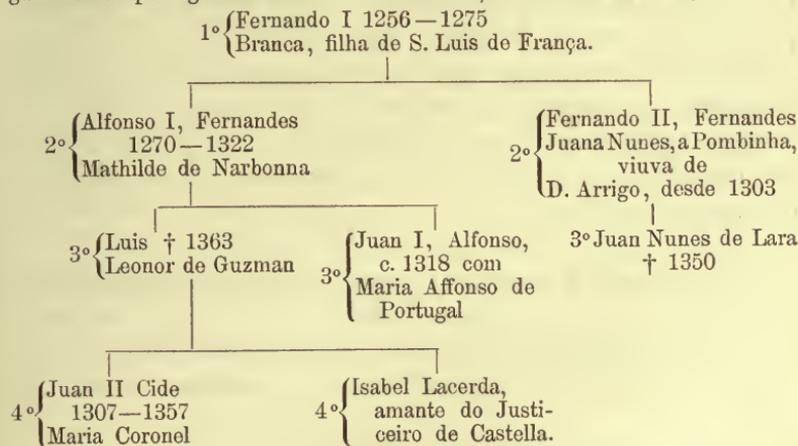
Em todo o caso nenhum dos dois Lacerdas alcançou como poeta o reinado de D. Enrique II.[3] Quem o affirma,[4] e igualmente quem o considera como cultor das musas castelhanas,[5] desattende os dados historicos, fundando-se unicamente na vaga chronologia do Marquês e nas ainda menos precisas observações da *Carta* sobre a linguagem dos epigonos.

Dos poetas baralhados no § XVI, Alfonso X versificou exclusivamente em gallego, se bem que Santilhana o ignorasse.[6] O sentencioso Rabbi Santob, que ahi entrou por *nefas*, serviu-se exclusivamente do idioma castelhano. Pero Gonzalez de Mendoza ensaiou-se em ambas as linguas. Do Castro e dos Lacerdas, o caso fica duvidoso. Mas tudo quanto hoje sabemos, e tambem a

---

1) *Cron. Alfonso*, XI, cap. 177.

2) Creio morreu mais cedo, porque no anno 1355 Gibraleon foi dado ao sobrinho, no tratado de Toro. *Cron. de D. Pedro* a. 1354, c. 8; 1355, c. 1.

3) Eis o quadro resumido da filiação dos Lacerdas (alcunha que antigamente os portugueses costumavam traduzir, dizendo *Guedelhas*)

4) Baist, *Grundriss* II^b, 426.

5) Id., em desharmonia com as suas opiniões sobre D. Juan Manuel; A. de los Rios, Milá y Fontanals, *Trovadores*, p. 529, n. 12.

6) Repito que, segundo elle, o monarca *metrificava altamente en lengua latina*. Os escritores do sec. XVII tambem attribuiam este dom a D. Denis. Cf. § 110, 7.

affirmação formal do marquês *que non ha mucho tiempo qualesquer deçidores e trovadores destas partes, agora fuessen castellanos, andaluçes ó de la Extremadura, todas sus obras componian en lengua gallega ó portuguesa,* obriga-nos a suppôr theoricamente que poetas anteriores a 1357 continuassem o costume antigo, sempre que o contrario não conste ou não se possa tornar plausivel, como no caso de Alfonso XI e D. João Manuel.

Quanto ao Lacerda que fôra genro de D. Denis, cunhado e companheiro de D. Affonso Sanches e D. Pedro de Portugal (de 1318 a 1337), a opinião que o enfileira na escola gallaïco-portuguesa, merece evidentemente maior confiança.[1]) Com relação a D. João de Lacerda II, que esteve em Portugal só de passagem[2]), tambem não é impossivel poetasse unicamente em gallego, como Macias. Mais provavel é porém, que escrevesse só em castelhano, como o Arcipreste, o Chanceler, D. Alfonso XI, D. Juan Manuel, Pedro Ferrus, ou que fosse bilingüe como Pero Gonzalez de Mendoça e os successores (o Arcediano de Toro, Villasandino, Garci Fernandez de Gerena). O facto de nenhum Lacerda figurar no florilegio de Baena, que abrange o reinado do Justiceiro e dos primeiros Trastámaras (1350 a 1450), não é desfavoravel á primeira hypothese.

§ 182. Com relação á parte que esse poeta de sangue real tomaria por ventura na colleccionação das trovas, nem mesmo me parece licito imaginar que coadjuvasse seu parente, o de Barcellos, visto que nenhuma composição sua, nem sequer seu nome, se encontra nos cancioneiros da primeira época.[3]) Será entre estes e o Cancioneiro de Baena, no grupo dos primeiros poetas tão mal conhecidos do periodo de transição, do segundo terço do sec. XIV, que o deveremos collocar?

VII. Volume de poemas em lingua gallega antiga do tempo del rei D. Alfonso.

§ 183. Apesar de tudo quanto fica dicto, houve apparentemente no seculo XIX um codice com o suggestivo titulo, que

1) Wolf, *Jahrbuch* VI, 99.

2) *Cron. de D. Pedro,* a. 1353 c. 4.

3) É verdade que no *Indice* de Colocci ha um *Don Juano* (sic). O nome occorre porém tanto no principio da lista, entre os trovadores pre-alfonsinos, que seria absurdo dar seguimento á conjectura de elle ser o poeta mencionado pelo marquês.

lembra o da livraria del rey D. Duarte. E esse codice estava destinado a ser posto á venda em Madrid, conjuntamente com 400 manuscriptos, distrahidos do espolio de um cavalleiro andaluz, todos anteriores ao seculo XVI. Lá havia os *Canticos* (sic) *de Alfonso o Sabio,* as obras poeticas do Arcipreste, as do Judeu de Carrion, muitos romances, muitas coplas. Emfim, preciosidades de primeira ordem. Assim o affirmava um catalogo impresso numa typographia da capital vizinha, cujo auctor chamava os curiosos para ulteriores esclarecimentos a uma livraria conhecida.

Mas — *incredibile dictu* — o maravilhoso acontecimento não alvoroçou a peninsula *dell' uno all' altro mar!* Nenhum bibliographo deu conta do successo. Apenas um erudito como Pascual de Gayangos referiu-se ao catalogo, decennios depois, com notavel indifferença, e sem informar sobre as occorrencias do leilão.[1])

Fazendo conjecturas sobre a proveniencia do mysterioso volume, sonhei que se tratava do cancioneiro de D. Mencia, sahido entre 1414 e 1449 da posse dos Garcilasos-Mendozas, por troca, emprestimo, furto, ou como brinde. Pensei no Museu de Argote de Molina, tão excepcionalmente bem provido que Felipe II, o insigne collecionador coroado, o honrou com a sua visita.[2]) Mas na lista dos codices de que Argote se valeu, não figura o indicado volume, ao lado do *Libro de los Cantares de N. Senhora.* — Lembrei-me do erudito Ximena, auctor dos *Obispos e Anales eclesiasticos de Jaen e Baeza*, sciente de este chronista haver adquirido papeis de Argote de Molina, recebendo-os de D. Cristobal Peralta, conego da Collegiada de Baeza e filho de outro do mesmo nome, a cujas mãos haviam passado directamente, como herança.[3]) — Não esqueci D. Lucas Cortes, outro sevilhano illustre e amador de antigualhas, que planeou a edição da *Cronica general* e possuia entre outras preciosidades um magnifico exemplar das *Cantigas de Santa Maria*[4]) e um importante ms. do *Pentateuco*, de 1339. — Nem tão pouco deixei de procurar o rasto das obras annunciadas nos catalogos da *Colombina* e nas varias anecdotas que correm sobre os saques a que a importante

1) *Bibl. Aut. Esp.,* vol. 51 (publicado em 1860), p. 231, nota 2.

2) *Nobl. And.,* p. 9ss da ed. de 1866.

3) Ib. Prologo, p. XI e XIII—XIV.

4) Este exemplar que adquiriu em 1674, havia sahido da bibliotheca de Alfonso Siliceo *curiosus literarum omnis generis aestimator,* no dizer de Nicolas Antonio, que era amigo e correspondente de D. Lucas. Cf. mais acima p. 64, Nota 5.

bibliotheca foi sujeita. — Tão pouco me descuidei das vagas referencias de Varnhagen a um escriptor hespanhol (o qual teria citado o cancioneiro do Vaticano junto com outros codices de poesias catalans e valencianas), vendo então que entre parentheses ia lançado dubitativamente o nome de Mayans y Siscar.[1]) — As razões porque tambem o nome Arias Montano passou pela minha mente, deduzem-se do paragrapho seguinte.

Todas essas lembranças são todavia phantasmagoricas, *dissolving views*, sem nada de palpavel.

§ 184. Graças aos vastos conhecimentos do sabio castelhano que é oraculo e padroeiro dos que dentro da peninsula tratam de litteratura hespanhola, estou hoje quasi certa de que o famoso catalogo não passa de invenção de um mystificador. Eis o que D. Marcelino Menendez y Pelayo escreveu em carta particular, de 10 de Sept. de 1899:

»*El catalogo a que se refiere Gayangos es el que lleva por titulo: Catalogo de manuscritos especiales de España anteriores al año 1600 que logró juntar en la mayor parte un curioso andaluz. A guisa de colofon dice en la ultima hoja: »con licencia: en Madrid: en la Imprenta de Dn. Josef Collado. Se hallará en la libreria de Claros, calle del Arenal, en que darán razon de la venta de muchos destos manuscritos y de otros raros cedidos á beneficio de una obra pia. — 4⁰, 8 hojas.« Este papelejo anda raro. Yo no lo tengo, pero he visto varios ejemplares. Gayangos tenia uno, y seguramente estará entre sus libros. Creo recordar tambien que el Marques de Jerez o su hermano lo tienen. No lleva año de impresion, pero el Collado, editor y librero, a quien se menciona en la portada, tenia su oficina en Madrid, por los años de 1820 a 1823. Esta debe de ser la fecha en que se imprimió el Catalogo, como lo indica tambien su aspecto tipografico. Tradicionalmente se cree entre los bibliofilos españoles que este catalogo del qual nadie ha encontrado en venta un solo artículo, ni rastro siquiera del paradero de tal coleccion, es una supercheria o mas bien un bromazo que algun aficionado quiso dar a sus cofrades. Se observa sin embargo que no está compuesto de obras imaginarias sino de libros que han existido o han podido existir,*

---

1) Vid. *Theophilo Braga e os antigos Romanceiros de Trovadores*, p. 22; e cf. mais acima p. 16 Nota 2.

y de muchos de los cuales se conocen otras copias. Cabe pues alguna duda, aunque yo, francamente, por apocrifo lo tengo, pues rayaria en lo inverosimil que una coleccion tan maravillosa y cuyo catalogo fue impreso y debió de circular entre bibliofilos y libreros, no haya dejado otro vestigio de su existencia. Algunos atribuyen la broma a Gallardo y quizá lleven razon porque estaba muy en su genio.«

VIII. Cancioneiro de que se valeu Arias Montano. (?)

§ 185. Nos seus commentarios ao livro de Oseas, o insigne editor da Escritura sagrada, polyglotta, de Antuerpia (1569—1572) (*de la biblia sacra un sol — un Geronimo español — y un David en verso y prosa*) cita umas „coplas antiquissimas de Hespanha“ cujo principio é: *Oh pino pino! oh pino florido!* [1])

Quem conhecer os »versos de amigo« dos nossos velhos trovadores e especialmente o lindo cantar de D. Denis: *Ai flores ai flores do verde pino,* e ainda *Vede la frol do pinho!* [2]) não deixará de procurar comigo no verso citado uma variante, ou composição parallela, colhida pelo amigo de Luis de Leon num cancioneiro archaïco, por elle percorrido, á procura de reminiscencias da lyrica semi-popular, em que abundam taes interrogações e exclamações geminadas, como effluvios de grande dôr e affecto. A não ser assim — tendo colhido da bocca do povo, o alludido cantar, o que não seria menos interessante — Arias Montano difficilmente o chamaria *antiquissimo,* creio eu.

IX. O Cancioneiro Marialva.

§ 186. Em 1609, Frei Bernardo de Brito, [3]) affirmou ter visto ou colhido em um cancioneiro de mão, que sahira da casa

---

1) Vid. *Panegyrico por la Poesia,* p. 34—35.

2) **CV 171** e **173.**

3) *Mon. Lus.,* Parte II, livro VII, c. 9. — Depois de ter tratado longamente de Mauregato e do lendario tributo das donzellas, localizado no Peito Burdello da Galliza, e em Portugal em Figueiredo das Donas perto de Viseu, continua: *E porque em materias onde faltão Authores val muito a tradição vulgar e as cousas que os antigos trazião entre si como authenticas e verdadeiras e as ensinavão a seus descendentes nos Romances e cantares que então se costumavão, porey parte daquelle cantar velho que vi escrito em hũ Cancioneiro de mão que foi de don Francisco Coutinho Conde de Marialva e veo a mão de quem o estimava bem pouco e depois o ouvi cantar na Beira a lavradores antigos cõ algũa corrupção e sem duvida foi composto em memoria deste successo na forma seguinte.*

Marialva,[1]) a famigerada canção popular do Figueiral, ou seja o romance dos Figueiredos.[2]) Como todos sabem, este testemunho é suspeito. O romance emparelha provavelmente com as de mais reliquias de arte nacional, em prosa e verso, que appareceram no *tempo das mudanças,* maravilhosamente a ponto para favorecer certas patranhas e doutrinas historicas, genealogicas e litterarias, então em moda. Logo depois, o livro sumiu-se. Não possuimos d'elle mais signal algum. Parece todavia que resurgiu no nosso seculo, momentaneamente, em Barcelona, apparecendo a um musicographo privilegiado. Creio que em sonhos! Soriano Fuertes, cujos juizos, em materia litteraria, são de leveza inaudita, diz ter colhido no cancioneiro Marialva uma cantiga portuguesa de seculo XII ou XIII. E communica-a, com notação igual á que se vê nas cantigas de Alfonso o Sabio.[3]) Isso não admira, visto ser de facto obra do proprio rei, colhida em qualquer apographo secundario.[4]) Ignoro, comtudo, de onde lhe veio a notação *moderna* do romance dos Figueiredos.[5]) *O texto, tirou-o evidentemente da Monarchia Lusitana.*[6])

Segue o romance. Depois accrescenta: »Servirá a velhice deste verso antigo de aliviar o enfadamento da historia, que minha tenção não he trazello pera maior credito nem authoridade do que merece hum cantar ordinario, posto que os antigos não deixão de ter sua probabilidade.«

1) Só houve um D. Francisco Coutinho. Foi 4° Conde de Marialva, pae d'aquella D. Guiomar cujo matrimonio secreto com o Duque de Aveiro e enlace publico com um filho de D. Manuel, tanto deu que fallar entre 1520 e 1530. Morreu em 1552, sem herdeiros. O 1° fôra Vasco Coutinho (1440), o 2°, Gonçalo († 1463), o 3°, D. João († 1471).

2) Impresso primeiro na *Mon. Lus.* l. c.; depois na *Miscellanea* de Leitão Andrade (1629) *que a ouvira cantar, muito sentida a huma velha de muita idade, natural do Algarve sendo elle muito menino;* neste seculo no *Cancioneiro* de Th. Braga; no de Bellermann e Hardung, no *Cancioneiro Musical* e outros mais. Esta poesia e as apocryphas todas da litteratura portuguesa formam o assumpto da *Randglosse* XXXI.

3) *Historia de la Musica Española,* p. 111—117. Barcelona 1855.

4) A poesia é a 67ª das Cantigas de S. Maria e começa: *A reynna groriosa tan é de gran santidade!* Soriano Fuertes junta a declaração seguinte: *Para dar alguna idea de la poesia portuguesa del siglo XII y principios del XIII copiaremos una cancion*, *estractada de un Cancioneiro antiguo que fue de D. Francisco Contiño* (sic) *conde de Marialva.* — Nada mais.

5) *Vease la musica de esta cancion en el n.* 7 é tudo quanto manifesta! Não me compete examinar aqui, qual a sua origem. Os criticos nacionaes acolheram-na como amostra authentica de musica trovadoresca do sec. XIII.

6) A p. 111, 112 e 114 Soriano Fuertes refere-se a Brito, sem mencionar o cancioneiro antigo. Será possivel que a tira de papel em que in-

Se o muito problematico cancioneiro existiu, era portanto uma miscellanea, diversa das que subsistem. Mas como ninguem asseverou ter ella encerrado uma unica das cantigas profanas de amor, de amigo ou de escarnho que hoje conhecemos, peço venia para callando-me passar adeante.[1])

X. O Cancioneiro de D. Affonso IV.

§ 187. Do Cancioneiro, tambem puramente hypothetico, de D. Affonso IV,[2]) já disse o preciso no Cap. II.[3]) A lenda nasceu no tempo dos Britos, Farias e consortes, depois de os *Sonetos de Amadis,* compostos pelo Dr. Antonio Ferreira, terem sido discutidos por estes e outros pseudo-criticos sem criterio, que attribuiam visos de certeza a tudo quanto se lhes antolhava.

Repetirei apenas que se esses escritores, cujo talento é innegavel, tivessem tido á vista, em qualquer codice legitimo, cantigas artisticas e semi-populares dos velhos trovadores, os apocryphos que forjaram[4]) sempre teriam sahido um pouco mais aceitaveis, se não pelo espirito e as formas metricas e estrophicas, pelo menos quanto ao vocabulario e á grammatica!

XI. Cancioneiro de um Grande de Hespanha.

§ 188. As *„profundas e fundamentaes“* variantes que offerece o texto de Varnhagen, confrontado com o do cancioneiro do Vaticano, fizeram scismar e phantasiar o illustre cathedratico de Lisboa, levando-o a assentar que o treslado hespanhol provém *indubitavel-*

---

screvera as palavras *estractada de un Cancionero* etc., pertencente originariamente á canção do Figueiral, fosse *por engano* juntada ás que continham a transcripção do cantico de Alfonso X?

1) Th. Braga occupou-se do Cancioneiro Marialva repetidas vezes (no volume dedicado aos *Mozarabes,* cap. IV e V; no *Manual,* 139ss; no *Curso* 139; e no *Cancioneiro Popular No. 2*), persuadido da sua authenticidade. Datando-o do sec. XV, tentou identificá-lo com um volume, vagamente descripto por Ribeiro dos Santos (*Memorias* VIII, 233—251 e *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras* 1836) que fôra propriedade de certo Dr. Gualter Antunes e desappareceu por occasião da sua morte! — Mas esse volume era um opusculo em prosa, em louvor da lingua portuguesa, entremeado de documentos illustrativos, entre os quaes avultava uma das cinco reliquias prehistoricas! Nada mais é preciso para o caracterizar como producto do sec. XVII, creio eu.

2) Vid. o *Canc. Vat. Rest.* a p. XCV; *Cantigas de Maria* I, p. 56, e Menendez Pelayo, *Antologia* III, p. L.

3) Vid. p. 118, Nota 2.

4) Vid. mais acima p. 125 e p. 126, Nota 3.

mente de outra fonte estranha, e de época differente.[1]) Olhadas de perto, essa illusão desfaz-se. A meu vêr, as variantes são retoques e modificações arbitrarias do editor.[2]) Encontrando falsificado innumeras vezes o metro, as rimas, e a grammatica, no transunpto do Grande, executado provavelmente por mãos mercenarias ou pelo menos inexpertas, Varnhagen tentou emendar aquillo que não comprehendia. Em vista das declarações terminantes do benemerito brasileiro,[3]) o unico a quem o mysterioso Madrileno se dignou mostrar amicalmente o seu tesouro, não ha que duvidar: de letra e papel mais moderno, em tudo o mais, igual ao Cancioneiro do Vaticano, começando como elle pelas trovas de Fernam Gonçalves de Seabra e Pero Barroso, combinando nos mesmos nomes, na ordem das canções e em muitos erros de escrita, o Cancioneiro do Grande de Hespanha é uma copia d'elle, de fins do seculo XVIII, ou antes da primeira metade do XIX. Ainda assim, seria bom que sahisse da sua prisão, em que escrupulos hoje sem base o conservam retido.[4])

Passemos aos cancioneiros levados para fóra da peninsula.

X. O Cancioneiro achado em Roma.

§ 189. A noticia assentada por Duarte Nunes de Leão em 1585,[5]) chronologicamente a primeira que falla do codice de Roma, foi ainda assim lançada uns trinta annos depois do successo, se a data *em tempo de el rey D. Joam III* for exacta, como devemos crêr. Nesse caso, quer o chronista visse em Roma o cancioneiro, quer se inteirasse do acontecimento indirectamente, na patria, mal se póde acreditar que elle fosse a unica pessoa informada e que a nova ficasse desconhecida dos corypheos da litteratura e archeologia portuguesas d'então. Creio até que a attribuição ao Rei-Trovador de um cancioneiro sacro, resguardado na Torre do Tombo, foi

---

1) *Canc. Vat. Rest.* p. XCIIss. e XCV.

2) A p. 245, Nota 5 fallei da lição *irmãtio,* transformada por Varnhagen em *rimante.* — Quasi todas as variantes cifram-se em omissões, saltos, transposições, e intercalações não justificadas. As poucas que têm valor, são obvias. É util confrontar o Nº XXI do Cancioneirinho com **CV 729**. — Cf. a Nota 2ª da p. 16 e o § 39.

3) *Cancioneirinho,* p. 3, 4 e 10, onde é chamado *espelho do de Roma.*

4) Cf. o nosso § 167 n. 2 da p. 237; e Menendez y Pelayo, *Antologia* III, p. L, nota.

5) Cf. os nossos §§ 20, 52, 110 e 112.

conseqüencia do boato generalizado antes que Duarte Nunes publicasse os seus escritos. E isso mesmo no caso que os vagos elogios de Miranda e Camões não se baseiem na nova do achado[1]) (mas unicamente numa tradição, transmittida por historiadores antigos), e se os positivos louvores do Dr. Ferreira[2]) derivam do exame directo do Cancioneiro da Ajuda. A forma como o chronista propagou a noticia, accidentalmente, num folheto de contenda, não accusa de modo algum a emphase desorbitante com que novidades peregrinas, nunca ouvidas, costumam ser apregoadas pelo proprio descobridor.

Tão pouco vejo resultar d'ella, com evidencia, que Duarte Nunes considerasse o cancioneiro profano, visto em Roma, como sendo exclusivamente de D. Denis. As expressões *quasi o primeiro — quasi de los primeros — o que elle e os d' aquelle tempo começaram a fazer á imitação dos Avernos* — indicam o contrario. E a clausula final sobre as medidas varias dos sonetos de amores e cousas profanas *en que se vee luego que imitó a los poetas limosines y alvernos,* mostra que o historiador, ou quem o informou, havia folheado o codice com algum conhecimento de causa. Os auctores nacionaes que repetiram nos seculos XVII e XVIII os seus dizeres, sem investigação propria, entenderam todavia mal ou interpretaram livremente o seu pensar.

§ 190. De 1847 a 1880 prevaleceu naturalmente a opinião que o enunciado de Duarte Nunes se referia ao codice vaticano 4803, ou ao ms-pae, do qual fora tresladado.[3]) Ainda hoje é essa a que domina.[4]) Apenas Th. Braga defendeu por vezes a velha these de elle ser um Cancioneiro privativo de D. Denis, olhando unicamente para a parte do trecho em que occorre o dicto *um cancioneiro seu.*[5])

Desde que em 1880 foi descoberta a segunda miscellanea em que o Rei-Trovador tambem se destaca e avulta com o mais opulento patrimonio, no meio de uma pleiada de rimantes, maior ainda do que a do **CV**, o problema complicou-se, principalmente porque o

---

1) Vid. mais acima p. 124, Nota 3.

2) As obras de Ferreira, — collega de Duarte Nunes no Tribunal do Desembargo de 1564 até 1569 — embora sahissem impressas tardiamente em 1598, eram conhecidas dos seus amigos, seus confrades e seus Mecenas, porque corriam manuscritas, segundo o costume da época.

3) Diez, *Kunst- und Hofpoesie* 12; A. de los Rios, e outros.

4) Vid. Menendez y Pelayo, *Antologia* III, p. XLVII.

5) *Canc. Vat. Rest.* p. LXXXV.

conteudo, cingindo-se muito de perto ao Indice de Colocci, ainda assim se afasta d'elle em algumas minucias.[1])

Já sabemos que Monaci, disposto a dar ao saque de Roma o mesmo papel romanticamente providencial que o terremoto de Lisboa, o dominio felipino, e a invasão francesa representam entre os nacionaes, *não* identifica o cancioneiro mencionado por Duarte Nunes com nenhum dos apographos italianos.[2]) Segundo elle, o cancioneiro de D. Denis (sobre cujo conteudo, vicissitudes ulteriores e actual paradoiro se abstém de emittir conjecturas minuciosas) foi, no cataclysmo de 1527, roubado e levado á peninsula hispanica.[3]) Acredita na existencia de um terceiro codice, explorado por Angelo Colocci depois de elle ter mandado tresladar o **CB** e **CV**.[4]) Tambem já ficou exposto que tenho duvidas a este respeito, encontrando argumentos que fazem alternadamente propender o meu espirito para a affirmativa e a negativa[5]), mas que me inclino a crêr em apenas dois originaes ou mss. paes, que, extremamente estragados, obrigaram Colocci a metter de longe em longe mãos á obra, escrevendo trechos que os seus amanuenses não se atreviam a copiar. Supponho que, devido ao seu estado de deterioração, esses dois mss. paes pereceram em seguida, mal nutro a esperança que ainda se encontrem restos em algum canto de bibliotheca. Sobre qual dos originaes foi visto pelo português ou pelos portugueses que presenciaram em Roma entre 1521 e 1557 o descobrimento, não tenho opinião formada, visto que ambos encerram cantares de D. Denis e de outros d'aquelle tempo. Apenas creio que o humanista desencantou primeiro o exemplar menos completo (alias não os mandava copiar a ambos); que um e outro deriva do *Livro das Cantigas do Conde de Barcellos* e que o *Indice,* trabalho individual

---

1) Vid. § 176.

2) *Se non m' inganno le testimonianze del Santillana e di Nunes de Leão valgono solo a provare la esistenza in quei tempi di altri due antichi canzioneri portoghesi da non confondersi punto con questo conservatoci dal benemerito italiano.*

3) Mario Pelaez admitte duas probabilidades: *rubato* ou *destrutto.*

4) O auctor citado na nota anterior é da mesma opinião. Segundo elle o **CB** foi completado por Colocci *coll' aiuto di un altro codice nelle lacune che presentava e postillato.* Falta-nos por ora um estudo pormenorizado em que essa these seja demonstrada.

5) Sobre a maior ou menor probabilidade da existencia de um terceiro codice vejam-se as Miscellas do Cap. IV, § 149 e 150 (especialmente 1, 2, 4); § 58 e 59, especialmente p. 50, Nota 2; assim como § 110 e 113.

de Colocci, ou copia de outro mais antigo, estava destinado a facilitar-lhe o confronto entre os dois.[1])

XI. O Cancioneiro do Cardeal Bembo.

§ 191. Nas notas marginaes, appostas por Angelo Colocci ao Indice de auctores, occorre duas vezes o nome *Bembo.* Colocci possuia livros que anteriormente haviam estado em poder do Cardeal[2]), e este, amigo intimo de Lucrecia Borgia, interessava-se vivamente pela lyrica castelhana, a ponto de colligir para seu uso pessoal um album de quadras, motes e cantares, utilizando opportunamente essa selecta de conceitos e agudezas subtis.[3]) D'ahi a inferencia que tambem possuiria um cancioneiro português, o supposto terceiro codice, que na opinião de alguns facultou ao dono do **CV** e **CB** emendas e pre-enchimentos de lacunas.[4]) As relações entre Bembo e varios portugueses illustres tornam-nos até complacentes e promptos a dar fé á deducção phantasiosa que alguns patriotas, viajando na Italia durante o reinado de D. João III, chegassem a vislumbrar a actividade litteraria de D. Denis, graças á amizade d'aquelle prelado, que lhes teria mostrado o seu tesouro. Eu, pelo menos, segui esse rasto. Do exame detido das constituintes da hypothese resulta o seguinte:

No precioso catalogo de auctores lê-se sob o No. 449 o nome *Bonifaz de Jenoa,* seguindo-se a nota: *vide bembo Ms. bonifazio Calvo de Genoa.* E sob No. 456, junto á rubrica *il Rey don Affonso de Leon,* lê-se a referencia: *bembo dice di Ragona figlio di Berenghieri.*[5])

No primeiro caso trata-se não de conhecimentos especiaes de Bembo sobre o periodo hispanico do Genovês, mas de um celebre

---

1) Alguns Cancioneiros provençaes têm *Indice;* p. ex. o N° 856 da *Bibl. Nat.* de Paris.

2) P. ex. um *canzoniere italiano:* Cod. Vat. 3793 (**A**). Cf. Nota 5 d'esta pagina.

3) Vid. E. Teza, *Giornale di Fil. Roma.* VIII, 73 e *Riv. Crit. lett. ital.* I, 61 ss. (1884); Croce, *Lingua Spagnuola in Italia* 33; Pelayo, *Antologia* VI, 369; A. Farinelli, *Rassegna Bibliografica* II, 139; Mussafia, *Spanische Cancioneros,* Wien 1901.

4) Vid. § 110, p. 112 nota 4 e § 113.

5) Ainda ha outra nota, relativa á Hespanha, da mão de Bembo (segundo Monaci ella é de Colocci). No Cod. Vat. 3793, acima citado, é que junto ao nome D o n A r r i g o, se encontra a nota *fris regis hispanie.* — Vid. *Randglosse* XIII.

cancioneiro provençal de fins do sec. XIII, hoje cod. 12473, da Bibl. Nac. de Paris, mas outrora propriedade de Bembo que o guarneceu de apostillas de seu punho. Nesse cancioneiro (K) *di cui facca maggior conta,* acham-se realmente a f. 79—82 as poesias provençaes de Bonifacio Calvo.[1])

No segundo caso, Colocci refere talvez uma opinião oralmente emittida pelo seu amigo, o qual, conhecendo como trovador provençalesco apenas a el rei D. Alfonso II de Aragão, ignorando portanto ou avaliando muito imperfeitamente a litteratura e a historia portuguesa, deu de boa fé aquella explicação, que hoje sabemos ser erronea.

Escuso dizer que, eliminadas essas pseudo-referencias a um cancioneiro português de Bembo, fica invalidada, mas não destruida de raiz a hypothese de elle ter sido temporariamente dono dos originaes copiados por Colocci. Sempre permanece em pé o facto de que o humanista conversava com Pietro Bembo a respeito dos trovadores d'esta terra.

XII. Il Libro di Portoghesi.

§ 192. Em um volume, autographo de Colocci — Cod. Vat. 4817 — acha-se este apontamento solto, digno de nota: *Messer Octaviano di messer barbarino ha il libro di portoghesi, quel da Ribera l'ha lassato.*[2]) Monaci perguntava em 1875: *Era quello forse il libro di cui presentemente deploriamo la perdita?* i. é o codice d'onde o humanista extrahiu o seu catalogo? ou por outra, o **CB** encontrado mais tarde (respectivamente o ms.-pae)? — Com o mesmo direito se podia perguntar: seria o codice vaticano o original do Indice? E tambem: seria essa nota lançada quando Colocci ainda não havia adquirido nenhum dos dois cancioneiros, nem achado ensejo de os copiar? Tendo visto e cobiçado o antigo monumento nas mãos de um viajante peninsular — *quel da Ribera?* — e ouvindo depois que

---

1) Vid. Mario Pelaez, *Bonifazio Calvo,* p. 40ss. e 44, onde diz expressamente: *il rimando al ms. del Bembo si riferisce al canz. prov. 12473.* — Cf. Raynouard, *Choix* II, p. CLVIII; Bartsch, *Grundriss*, p. 28; Groeber, *Romanische Studien,* II, p. 462ss.; Lollis, *Romania* IX, 467; *Monaci*, **CV** p. XX.

2) Cf. § 52, p. 40, nota 2 e 3. Levado pelo nome *da Ribera*, Th. Braga, procura no *Libro di Portoghesi* a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, visto este romance ter sido impresso na Italia. Notabene: a impressão verificou-se em Ferrara no anno 1553, na typographia israelita dos *Usques,* que tiveram de emigrar de cá, conforme demonstrei no *Krit. Jahresbericht*, IV.

Messer Ottaviano o comprára, lançou talvez o respectivo *memorandum* na sua agenda, já então determinado a não deixar escapar documentos tão importantes para os seus estudos romanicos?[1])

Mas para que interpretações e lucubrações vazias?[2]) Mais valerá notar que o italiano, no unico caso em que se refere incontestavelmente a um cancioneiro gallaïco-portuguès por elle explorado, i. é na epigraphe da Tavola Colocciana, emprega o termo correcto *Portoghesi*, exactamente como na notinha citada, e que portanto não é inverosimil que o *Livro dos Portugueses* fosse o original de que se extractou o *Indice*.

§ 193. Aqui seja-me permittido abrir um parenthesis para catalogar os nomes de alguns viajantes portugueses que pelo seu amor á arte, patriotismo, posição privilegiada, conhecimentos historicos e relações amigaveis com eruditos italianos, bem poderiam, no estudo do cardeal Bembo, no museu de Colocci, ou no gabinete de Sadoleto, têr inspeccionado o volume chamado ora *Libro di Portoghesi*, ora *Libro spagnuolo di romanze*[3]) (*Cancioneiro de D. Denis*, só pelos indigenas) ministrando ao seu dono algumas notas historicas.[4]) Em tempo de D. João III — é preciso não perder isso de vista — o cancioneiro do Vaticano e o Indice achavam-se èm poder de Colocci: até 1549 (não se sabe desde quando); depois, no seu espolio. A's mãos de Fulvio Orsini passaram entre 1555 e 1558, e deram entrada na bibliotheca papal só em 1600.

---

1) Registemos aqui outra nota que documenta esses estudos comparativos. Junto á cantiga **467** do **CB**, epigraphada *Don Affonso de Castella et de Leon*, lê-se: *vide nel mio lemosino; al re di Castella ha sepius el re Affonso et leon* (sic.).

2) Podiam-se propôr soluções diversas, apontando o Cancioneiro de Resende ou o Nobiliario do Conde. Mas taes hypotheses estariam completamente no ar, emquanto as outras têm base, embora tenuissima.

3) No inventario da livraria de Colocci, os peritos registaram como fazendo parte da caixa 6ª un *Libro spagnuolo di romanze* (Nº. 18) e outro *Libro spagnuolo di romanze* (Nº. 41), titulos inadequados que talvez dessem aos cancioneiros. A este respeito confiram as observações judiciosas de Monaci (p. XI).

4) Vejam-se no *Indice* as notas relativas aos Nºs 1323 e 1533. A primeira explica quem foi *el Rey Don Affonso filho del Rey dom Denis* por meio do accrescento: *alfonso IIII successit dionysio*. A ultima expõe que el rey Don Denis era *filius alfonsi 3 et p̄r (pater) alfonsi 4 poete*, explicação erronea na sua ultima parte, por confusão do bastardo Affonso (Sanches) com o legitimo Affonso IV.

As multiplas e antiquissimas relações politicas, commerciaes, scientificas e artisticas entre Portugal e Italia, estreitadas na epoca dos descobrimentos e das conquistas,[1]) recrudesceram exactamente no segundo terço do sec. XVI. A dupla reforma da Unisersidade, primeiro no espirito humanistico (1527—1537) e pouco depois segundo o regimen jesuitico (1550); a introducção tardia do estylo-renascença na arte portuguesa (c. 1530); as medidas contra os heterodoxos, complicadas em Portugal com a magna questão dos Christãos-Novos e da Inquisição, levavam a Roma e ao concilio tridentino, além dos embaixadores ordinarios, numerosos emissarios extraordinarios, recommendados pelos reinantes a certos cardeaes (protectores de Portugal como Ghinucci, Santiquattro, Santafiore, Gaddi, Farnese) ou enviados pela parte contraria, a fim de contrabalançarem os empenhos do governo.

Francisco de Miranda, o Sâ Colonês, reformador da lyrica portuguesa pelo *dolce stil nuovo*, viajou de 1521 a 26, e travou conhecimento com Sannazzaro, Rucellai, Tolomei, Ariosto, Navagiero, Castiglione, Vittoria Colonna sua parenta, e Bembo. Mas embora conhecesse os provençaes e a sua arte[2]) (já mencionei a sua fabula da *Chuva de Maio* que pode ser traducção, directa mas livre, da composição de Peire Cardenal)[3]) e embora cite el rei trovador D. Denis, não chegou a meu vêr, a colher noticias dos codices de que estou tratando.

Durante um decennio (1525—1535) D. Martinho de Portugal, bispo do Funchal († 1547), reunia em Roma no seu paço o que havia de selecto na colonia portuguesa, fazendo-se um dia retratar

---

1) Vid. *Grundriss* II^b 230 e 296; F. de Hollanda, *Quatro Dialogos*, ed. Joaquim de Vasconcellos, Wien 1899, p. XVII ss; 197 ss. Lembrarei alguns factos anteriores aos que allego no texto: as relações de D. João II com Lorenzo de' Medici, Poliziano, Cataldo Siculo, Sansovino, Leonardo da Vinci, Attavante; o discurso *De Obedientia* de Garcia de Meneses (1483); a sumptuosa embaixada de Tristão da Cunha (1514), a cuja mesa comiam 140 portugueses; o discurso de Diogo Pacheco e as homenagens que lhe prestaram Lancilotto Polito (o Frà Ambrogio dos *Dialogos da Pintura*), e Blosio); a missão ethiopica de Francisco Alvares (1533), porque deu occasião ás relações entre o chronista de D. Manoel e o elegante latinista Paulo Giovio.

2) Vid. p. 122, nota 4; p. 123, 1; p. 124, 3.

3) Vid. p. 124, nota 2. — Em 1886 não estava persuadida da plausibilidade d'essa interpretação. Vid. *Poesias de Sá de Miranda*, Halle 1886, pag. 4.

no meio de seus patricios pelo pintor Domenico Giuntalodi da Prato.[1])

O antiquario André de Resende relacionou-se em Bologna (1533) com Antonio Pucci, o futuro cardeal; e para este mandou redigir em 1541 um opusculo sobre o mosteiro de S. Cruz de Coimbra.

De 1534 a 1538 Damião de Goes, o grande erasmista, humanizou-se em Padoa, freqüentando durante as ferias a curia. Posteriormente manteve commercio epistolar com Sadoleto, Bembo e Giovio.

Quasi ao mesmo tempo, de 1537 a 1545, o apostolo da Renascença, Francisco de Hollanda, percorria a Italia. Em Roma teve livre accesso não só ao Belvedere, ao Vaticano e aos palacios dos cardeaes, mas tambem aos estudos do miniaturista Clovio e de Valerio de Vicenza e ao museu de Lattanzio Tolomei, o illustre Siennês (primo de Monsenhor Claudio). Graças á protecção do polyglotta (*l' uom di quattr' alme*) e aos bons serviços de Messer Blosio, Eleito de Fuligno e secretario de Paulo III (de 1527 a 1550), foi até admittido aos colloquios de Miguel Angelo com Vittoria Colonna na igrejinha de S. Silvestre em Monte Cavallo. Mas este teria olhado para o velho cancioneiro só se fosse um sumptuoso codice illuminado. Era então embaixador o velho D. Pedro de Mascarenhas, que fôra discipulo de Resende.

De 1541 a 1543 outro alumno do Eborense, um aventureiro de vida tão cortada de peripecias que constitue um verdadeiro romance, o afamado grammatico Fernão de Oliveira (n. c. 1507, m. depois de 1580) esteve na Italia,[2]) onde talvez se encontrou com D. Manoel de Portugal. Despachado por D. João III para comprimentar o Emperador Carlos V no seu regresso a Europa, depois da desastrosa expedição a Argel, esse juvenil filho dos Condes de Vimioso (futuro Mecenas de Camões e adorador de D. Francisca de Aragão) percorreu o *bel paese ove il sì suona.*[3])

Em 1546 o auctor da *Chorographia,* Gaspar Barreiros, foi a Roma agradecer a nomeação do Infante D. Henrique para cardeal, com cartas da rainha D. Catharina para Ottavio Farnese e Madama

1) Vid. F. de Hollanda, p. 98; *Corpo Chronologico* III, 182 e passim; Herculano, *Inquisição* I, 210, 260, 270; *Hist. Gen.* X, 883.

2) Vid. H. Lopes de Mendonça, *O Padre Fernando Oliveira,* Lisb. 1898.

3) *Corpo Diplomatico* V, 101.

Margherita, sua sobrinha. Bem acolhido, recebeu de Sadoleto um exemplar da celebre oração de Garcia de Meneses em que o classico nome *Lusitano* fôra empregado pela primeira vez.[1])

Favorecido pelos Farneses, emquanto a fortuna o bafejava, D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, residiu longos annos na curia, em contacto intimo com Castiglione que lhe dedicou em 1529 o seu *Cortigiano.* O prelado português possuia valiosa livraria na qual não havia, parece, carencia de codices antigos. Falla-se p. ex. de um volume, traduzido de arabigo em português, a instancias del rei D. Denis.[2])

Embora nada se apurasse sobre trato directo entre os portugueses citados e Angelo Colocci, essas notas bastarão para abonar a simples conjectura que qualquer português illustre e culto dos que nomeei, ou outros dos que omitti, seria consultado pelo benemerito humanista àcerca dos volumes archaïcos que lia, estudava, e annotava com vivo interesse e muito apreciavel conhecimento da lingua gallaïco-portuguesa.

§ 194. Fechado o parenthesis, passo a tocar de leve no problema, qual a via por que chegariam a Roma exemplares do cancioneiro ou dos cancioneiros de que o **CV** e **CB** são transumptos incompletos?

Duas soluções foram propostas. Segundo Th. Braga, o papa Leão X chamou a Roma os cantos de amor e de escarnho dos velhos peninsulares, sob pretexto de os submetter á censura, mas na verdade para enriquecer as collecções do Vaticano.[3]) Mas . . . nesse caso, não seria em mãos de particulares que encontrariamos apographos, mesmo das mais desbragadas satiras, em dias da fanatica antireforma de Paulo III. Para os chamar, devia saber da sua existencia. E depois, o **CV** entrou na livraria papal oito ou nove decennios após Leão X.

A segunda lembrança, do mesmo escritor, diz que o volume para lá fôra por intervenção do cardeal D. Gil de Albornoz.[4]) Ao

---

1) Vid. p. 123, nota 2.

2) Confesso não ver claro no que a este respeito nos contam Brandão na *Mon. Lus.* XVI, cap. 3, e Freire de Carvalho no seu *Ensaïo* 46 e 290. Ainda não tive occasião de me occupar do Eborense Flavio Jacobo que viu, dizem, o respectivo ms. na livraria de D. Miguel da Silva.

3) *Canc. Vat. Rest.*, p. LXXXIV.

4) *Trovadores,* p. 187 e Monaci, p. V. — Cf. § 52.

proferi-la, imaginava que o codice, ainda então mal conhecido, seria copia antiga do exemplar de D. Mencia, em posse da curia deabinicio; e nesse via o verdadeiro Livro das Cantigas do Conde de Barcellos, mandado a Castella e logo ahi estraviado por morte de Alfonso XI. Modificando esses pormenores em harmonia com a realidade, referindo a opinião a um codice membranaceo do sec. XIV, e pondo em logar de »bibliotheca do Vaticano«, o collegio hispanico de Bolonha, ao qual o magnanimo fundador legou a sua livraria, a ideia não se torna mais viavel. O grande prelado[1]) de quem dizem salvou a vida de Alfonso XI em Tarifa, e que de Avignon reconduziu a Roma a santa Sé, expatriou-se em 1353, revoltado pela conducta do Justiceiro, cujos crimes de balde tentára embargar, i. é. quando, vivo o Conde, o Livro destinado a Alfonso XI ainda permanecia em Portugal no mosteiro de S. João de Tarouca, ou nos paços de Lalim da Beira. — Não é de modo algum impossivel que treslados fossem ao estrangeiro entre 1350 e 1354. Faltam porém indicios de relações amicaes entre o cardeal e o conde ou os herdeiros de Alfonso XI; nem vejo argumento que faça suppôr passagem tão remota de exemplares para a Italia.

§ 195. Substituirei por isso a lembrança, abandonada de ha muito por seu auctor, por outra que d'ella deriva indirectamente, por associação natural de ideias.

Já ao fallar do cancioneiro de D. Mencia aventei a hypothese que os Mendoças ou Garcilasos teriam trocado o vetusto cancioneiro, como mera antigualha sem valor instructivo, contra um Dante, Petrarca, Boccaccio, um Vergilio ou Homero, um Seneca, Platão ou Aristoteles.[2]) A mesma reflexão podia naturalmente ser appli-

---

1) A respeito de Albornoz, considerado como o politico mais genial do seu tempo, vid. Gines de Sepulveda, *Liber gestorum Aegidii Albornotii*, Bologna 1521; H. J. Wurm, *Cardinal Albornoz, der zweite Begründer des Kirchenstaates*, Paderborn 1892; Arturo Farinelli, *Giornale storico della Lett. Ital.* XXIV, 22 ss. (relatorio succulento sobre Benedetto Croce, *Primi Contatti fra Spagna e Italia*, Nap. 1893).

2) Vid. § 169, p. 238 nota 4, onde disse que o marquês resguardava na sua livraria um unico volume em romance antigo, e este didactico: o encyclopedico *Breviari d' amor* de Matfre Ermengaud de Beziers, o qual tambem foi amplamente explorado pelos escritores catalano-aragoneses (1288). Digno de attenção é tambem o facto que não se conservaram cancioneiros *provençaes* nos reinos peninsulares, sem embargo da actividade provençalesca de Alfonso X, Jaime I e D. Denis.

cada a principes catalano-aragoneses como D. Martim de Navarra e Carlos de Vianna e a portugueses como Alfonso V, o Regente, e seu cunhado, o Condestavel, que de Portugal passou para Barcelona (1460 a 1466), porque todos elles reorganizaram no sec. XV as suas livrarias no sentido classico. Intermediarios para transacções d'esta ordem eram doutores e antiquarios, vindos de Roma no sequito de nuncios e legados, ou idos para lá em companhia de embaixadores, enviados aos concilios (Basilea, Constança) e á curia, ora com discursos congratulatorios, ora com presentes e relatorios sobre feitos africanos. Lá residiu p. ex. durante longos annos o filho do marquês de Santilhana, o *Grande Cardeal de Hespanha,* D. Pedro de Mendoça († 1495), que já como escolar traduzia poetas latinos para seu progenitor, enriquecendo posteriormente as collecções dos avoengos com volumes preciosos.[1]) Lá esteve aquelle Nuno de Guzman que para os seus desempenhava a mesma nobre funcção.[2]) Lá temos aquelle eloqüente Vasco de Portugal que „*possuia libros no valor de alguns milhares de florins porque queria todos quantos achava formosos*".[3]) Lá temos o proprio irmão do Condestavel, D. Jaime de Portugal, o qual juntou em Florença assaz boa copia de livros.[4]) Mas o centro do grande movimento de aproximação entre Italia e Hespanha foi a côrte de Alfonso V de Aragão. De Napoles, das aulas do sagacissimo catalão, é que irradiou o conhecimento da litteratura hespanhola na Italia. Bastantes codices peninsulares antigos que hoje se encontram em bibliothecas italianas iriam para lá durante o dominio secular dos Aragoneses.[5]) E viceversa. A paixão pelo *dolce stil nuovo* de Petrarca e pelo renascimento da antiguidade latina infiltrou elementos italianos na litteratura catalano-aragonesa não menos cedo nem menos intensamente que na castelhana,

---

1) Vespasiano da Bisticci, *Vite di uomini illustri del secolo XV,* Firenze 1859, p. 168.

2) Ib. 517 ss. — Vid. *Romania* XIV, 104 ss.

3) Ib. 521 ss.

4) Ib. 152.

5) Ainda não existe, que eu saiba, trabalho algum completo sobre os mss. hespanhoes e portugueses, existentes nas bibliothecas italianas. Mas já ha alguns escriptos valiosos, relativos a Napoles, Modena, Florença, Veneza, redigidos por Benedetto Croce, Alfonso Miola, Spinelli, E. Teza, Ad. Mussafia. — Vid. principalmente B. Croce, *Versi spagnuoli in lode di Lucrezia Borgia,* Nap. 1894 e Miola, *Notizie di mss. neolatini della Bibl. Naz. di Napoli,* Nap. 1895. Os Borjas e tambem os Farneses foram introductores de numerosos textos.

da 2ª metade do sec. XIV em deante.[1]) O proprio cardeal Albornoz († 1367), aragonês de nascimento (n. em Cuenca), letrado de fino gosto, e em relações directas com Petrarca, merece o titulo de seu primeiro apreciador peninsular. Não é impossivel portanto que os cancioneiros archaïcos passassem, não por Castella, mas pelo reino catalano-aragonês.

Durante todo o primeiro periodo, mas principalmente no ultimo tempo da arte de trovar, as relações com Portugal foram multiplas. Dos laços de parentesco entre os dynastas, dos tratados de paz, amizade e confederação, tantas vezes dirigidos contra Leão e Castella, terei de dizer alguma cousa no Cap. VII.[2]) Como já não preciso chamar a attenção dos doutos para os traços em commum entre as duas linguas, enfeixarei apenas meia duzia de notas relativas a allianças de familia de Portugal e Aragão, viagens, e communicações entre trovadores dos dois paizes.

Sem fallar de Pero Velho de Taveirós, cuja presença na côrte aragonesa é duvidosa, recordarei que D. Jaime de Aragão foi enaltecido em 1238 pelo segrel galliziano Pero da Ponte como conquistador de Valença,[3]) e escarnecido mais tarde (1255—1259) por um trovador anonymo, cujo nome tentei adivinhar.[4]) Pero Mafaldo falla de uma sua jornada a Catalonha.[5]) Joan Velho esteve em 1281 em Barcelona, tratando do casamento de D. Isabel com D. Denis de Portugal.[6]) Dos aragoneses, vindos com a rainha ou a visitá-la, o mais illustre é o meio-irmão d'ella, que veremos figurar na côrte do rei-trovador, cantando e porventura compondo lais no gosto bretão,[7]) como aquelles cinco anonymos que servem de preludio ao **CB**.[8]) Temos depois a D. Miguel Vívas (Víves), bispo de Viseu, a cuja mesa era costume entoarem cantares de Martim

---

1) A respeito dos primeiros imitadores de Petrarca e traductores de Boccaccio e Dante vid. Milá *Trov.* 504, 516; Croce e Farinelli nos trabalhos citados; Morelfatio, *Grundriss* IIᵇ.

2) Num seu discurso academico sobre *Enlaces de Reyes de Portugal con Infantas de Aragon,* Madr. 1899, naturalmente escasso em factos positivos, o Marquês de Ayerbe refuta apenas alguns despauterios modernos de historiadores portugueses sobre o caracter e o sangue aragonês.

3) **CA 466.**

4) Vid. p. 257 nota 5 e Cap. VI, *Biogr.* XXXIX.

5) **CA 444.**

6) Santarem, *Corpo Diplomatico* I, p. 31—39.

7) **CV 1130.**

8) Vid. Cap. VI, *Biogr.* 39.

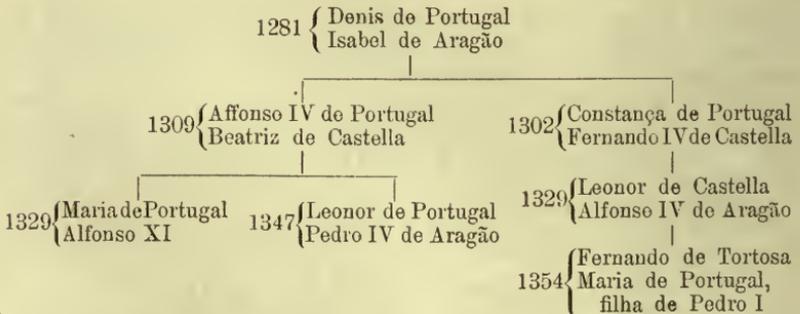
Moxa, e Estevam da Guarda, de veia mordaz, que foi collaborador do Conde de Barcellos na colleccionação do Cancioneiro Geral (suspeita minha, como o leitor sabe). Duvido que o bastardo de D. Denis levasse comsigo a segunda esposa quando accompanhou o pae a Tarrazona.[1]) Mas sei que D. Maria Ximenes de Artal e Coronel regressou á sua patria natural, onde falleceu, pouco depois de ter contratado o enlace de D. Leonor de Portugal, filha de Affonso IV e portanto sobrinha do Conde, com Pedro IV de Aragão,[2]) ficando sepultada no convento dos Hospitaleiros de Xixena, fundação sua.[3])

E o cancioneiro? Nada sei do intellecto de D. Maria Ximenes. Ignoro se ella levou versos portugueses a Aragão, e se em vida do Conde ou depois um exemplar do Livro das Cantigas foi enviado á rainha luso-aragonesa cujo esposo poetava. Suspeito porém que lá existissem e corressem não só rotulos avulsos dos trovadores catalano-lusitanos como Gonçal' Eannes do Vinhal, Estevam da Guarda, Martim Moxa, Pedro de Aragão e dos que haviam celebrado o Conquistador, mas tambem uma compilação geral, da época toda.

§ 196. A influencia exercida pela lyrica gallaïco-portuguesa sobre a dos catalano-aragoneses é um dos pontos cujo estudo no *Cançoner de obres enamorades* e o de *Çaragoça* deve ficar reservado para o futuro. Por ora posso indicar apenas tres notulas, colhidas em seara alhea. O erudito auctor dos *Trovadores en España*, patriota

---

1) Santarem, *Corpo Diplomatico* I, 68 e 92.

2) Zurita, *Anales de Aragon* VIII, cap. 6; Santarem, *Corpo Diplomatico*, 257ss; Lavanha, *Notas ao Nobiliario*, p. 38. — Eis um pequeno quadro que representa as principaes allianças luso-aragonesas e luso-castelhanas que se effectuaram no sec. XIV:

3) Vid. *Hispania Illustrata* IV, p. 558.

imparcial que ninguem poderá taxar de favoritismo, estava persuadido de que os poetas da Catalunha, intermedios entre os verdadeiros trovadores provençalescos e o consistorio de Barcelona, conheceram e aproveitaram as trovas portuguesas.[1]

Segundo elle, Lourenço Malhol, auctor que, de resto, já conhecia as rimas de Petrarca, inspirou-se para um seu *verso figurado*[2] num sirventês de Pay Gomes Charinho.[3] Este havia estabelecido um extenso parallelo entre a indole versatil, liberalissima e irritavel de Alfonso X e o oceano. Aquelle compara a *vera-cruz* a uma arvore, e o salvador a uma avezinha. A semelhança consiste apenas no desenvolvimento dado ao simile.

Uma ballada de Luis de Vilharasa (*Si com lo flach*), com o estribilho *Li parlo d'als e callme de mon cas*[4], é imitação da cantiga em que Pero Garcia, o Burgalês, declara que a presença da amada lhe tolhe a falla:

> *ca poi'-la vejo, coido sempr' enton*
> *no seu fremoso parecer, e non*
> *me nenbra nada; ca todo me fal*
> *quanto lhe coid' a dizer e dig' al.*[5]

Fra Rocabertí[6] allude na sua *Comedia de la Gloria de Amor,* imitação de Dante pela forma dominante dos tercetos e pelo espirito, á celebre cantiga composta por Lourenço da Cunha, o dos *cornos de ouro,* ou propagada em seu nome,[7] quando D. Fernando de Portugal lhe desencaminhou a esposa, a *flor de altura,* D. Leonor Telles.[8] Mas esta cantiga e a glosa gallego-castelhana, em que a paraphrasearam[9] já é obra dos epigonos, datando de cerca de

1) Milá y Fontanals, *Trovadores* p. 529 nota 12.
2) Ib. 504 s.
3) **CA 256**, e Cap. VI, *Biogr.* XXVII.
4) *Trovadores,* 516 nota 221 — Vid. Cod. Paris., *Fonds Esp.* 595 f. 318.
5) **CA 99**. — Cap. VI § IX.
6) A respeito dos catalano-lemosines Vilharasa e Rocabertí, cf. *Jahrbuch* II, 282.
7) Creio que a muito citada e versada cantiga portuguesa ainda se conserva inedita. Eis o principio, extrahido da Glosa a que me refiro na nota immediata:

> *Ay donas por que tristura*
> *perpasso noite e dia!*
> *Non vejo come seria*
> *partida de min rencura.*

8) Lembrem-se da *nobre rosa,* cantada por Alfonso XI.
9) *Canc. S. Roman,* fl. 419.

1370,[1]) e portanto não andava nos cancioneiros primitivos que nos occupam. [2])

Para tornar plausivel a minha hypothese, exemplos mais numerosos e mais eloqüentes que esses tres serão precisos, bem o sei. Eu propria os considero muito vagos: Malhol e Vilharasa podem ter imitado os mesmos modelos antigos em que Charinho e o Burgalês se haviam inspirado — modelos que por ventura ainda se hão de encontrar na litteratura provençal. Mas em theoria, a minha supposição é muito aceitavel. Apoio-a apontando para a parte importantissima que a imitação do gallego-português teve, durante a segunda epoca, não só na côrte dos dynastas castelhanos, mas mesmo fóra da peninsula, na côrte napolitana do Aragonês Alfonso V. Nos cancioneiros do sec. XV (chamados de Estuñiga, Gomes Nieva, San Roman etc.)[3]) surgem varios poetas que, na pista dos Mendozas cultivaram a *serranilha* rustica, e outros que, mesmo em regiões tão affastadas, se serviram, entre catalães e italianos, da lingua gallego-portuguesa.[4])

§ 197. Avaliando bem esta influença, que actuou em Macias, Villasandino, Pero Gonzalez de Mendoza, Diego Furtado, Iñigo Lopez de Relho (e por elles no proprio Marquês), sobre o Arcediano de Toro, Garci Fernandez de Gerena, Carvajales, Bocanegra e outros mais, é impossivel crêr não houvesse exemplares, inteiros ou incompletos, dos differentes *Livros das Trovas* nos reinos vizinhos[5]) onde poetas e musicos os iriam desgastando, á força de os folhearem.

---

1) Sómente no *Livro das Trovas del rei D. Duarte,* se ahi se juntassem as obras dos continuadores, é que porventura podia haver tido logar.

2) As relações litterarias entre Portugal e Aragão continuaram. Lembrarei aqui, porque se trata de um ms. precioso, que um bello exemplar da *Chronica da Guiné* de Zurara foi mandado (talvez por ordem de Affonso V) ao Duque de Calabria, D. Fernando de Aragão. — Vid. *Grundriss* II^b, 248 n. 6 e 257, n. 6.

3) Esses livros de trovas são trilingües, ou mesmo empregam quatro idiomas: castelhano, catalão, gallego e italiano, documentando os elementos que, fundidos, constituem a lyrica hispanica. No *Cancioneiro Musical* occorrem, além d'isso, canções em francês e algumas em latim, dos goliardos.

4) Não entro em pormenores, cujo logar, de resto, seria no Cap. X, porque o meu amigo H. R. Lang prepara um cancioneiro gallego-castelhano da época de transição, em cujo prologo elucidará estes problemas.

5) Verdade é que dos Cancioneiros manuscriptos da 2ª e 3ª época em geral houve e ha um unico exemplar. Mas a differença consiste em que os *colleccionadores* multiplicaram no sec. XV, servindo-se freqüentes vezes dos mesmos nucleos primitivos. Vid. C. M. de Vasconcellos, *Zum Cancionero von Modena,* Erlangen 1899, e Ad. Mussafia, *Die Spanischen Cancioneros,* Wien 1901.

Os pergaminhos das bibliothecas regias seriam dos melhor guardados e por isso dos ultimos que desappareceram, indo entre 1450 e 1500 aonde todos os caminhos vão têr.

É do prematuro fallecimento de D. Duarte em deante (1438), ou depois de 1449 (carta de Santilhana, desastrosa morte do Regente, e data aproximativa em que Alfonso V patenteou a sua livraria aos seus cortesãos) que nos faltam noticias sobre o paradeiro dos tres *Livros das Trovas,* até então guardados na recamara dos reis de Portugal. O de D. Mencia de Cisneros, dado talvez aos Mendozas por D. Juan I de Castella,[1]) desappareceu entre 1400 e 1449. Faltam todos os indicios do supposto exemplar aragonês, a não ser que os dois *Livros de coplas* em posse do principe de Viana, que julguei dever considerar como cancioneiros catalães, fossem gallaïco-portugueses.[2])

§ 198. Volto ás perguntas com que entrei neste capitulo. Infelizmente, os nossos resultados vêm a ser um dilemma.

Houve uma unica compilação tardia, a do Conde de Barcellos. Neste caso quem fez encadernar no sec. XVI o fragmento do Nobiliario e o do Livro das Cantigas estava bem informado. O **CA**, os mss.-paes do **CB** e **CV**, o cancioneiro de D. Mencia, e quantos mais existiram e existam hoje escondidos, são apenas variantes do mesmo original, modificado orthographicamente e ampliado quanto ao texto, á vista de cadernos complementares, á medida que d'elle se iam tirando treslados para as casas reinantes e proceres-trovadores, com ellas aparentados, quer fosse sob a vigilancia do proprio empresario, quer posteriormente, dentro das fronteiras portuguesas, ou no estrangeiro.

Ou então, varias compilações foram executadas em reinados successivos, sendo chronologicamente a derradeira e mais abundante, a do Conde, na qual se incorporaram as anteriores; a do meio um cancioneiro dionysiano, na accepção lata do termo; a primeira e menos completa, uma collecção de trovas alfonsinas e pre-alfonsinas que julgo reunida por ordem do Bolonhês, de 1275 a 1280 — nucleo primordial das outras.

---

1) Vid. p. 237, nota 4 e p. 261, nota 1.

2) *Cobles* (de 8 bordões, compostos de dois hemistichios de 4 e 6, respectivamente 7, syllabas) são a forma principal da *Gaia Sciencia* de Barcelona, conforme deixei indicado (p. 259, nota 3). Mas *cobras* ora igualmente o nome technico das *estrophes*, em tempo dos nossos trovadores.

Sendo assim (e pelo meu raciocinio ficou notorio que é esta concepção a que julgo verdadeira) é de suppôr que a ultima compilação supplantou as anteriores, as quaes por isso mesmo não mais foram tresladadas depois de 1350, desapparecendo. D'ellas resta hoje apenas o fragmento que publico e considero como exemplar antigo, incompleto, e nunca acabado d'aquelle *Livro das Trovas del rei D. Affonso* que se guardou até 1438 na livraria dos soberanos portugueses.

O *Livro do Conde,* conservado em duas transcripções secundarias, compõe-se de tres partes. Quanto ás compilações anteriores, opino que a mesma divisão fôra planeada e iniciada, sahindo todavia bem guarnecido no Livro do Bolonhês apenas o *Cancioneiro de amor;* no de D. Denis esse mesmo e o *Cancioneiro das Donas;* e no de seu bastardo, além dos dois, o *Cancioneiro de Burlas.*

Os originaes iam accompanhados de notação musical. O mesmo penso dos transumptos tirados nos seculos XIV e XV, porque *o som* não era de menos importancia que o texto, embora o Marquês nada diga a este respeito. — No sec. XVI o humanista estrangeiro que estudava a historia das linguas e litteraturas romanicas, mas não a musica, omittiu estes accessorios.[1])

§ 199. Vou terminar, figurando num quadro um simulacro de filiação, tal como resulta verosimil das analyses antecedentes. Não ignoro porém que os meus calculos formam uma base pouco mais solida do que fôra a de Th. Braga, no seu »Cancioneiro Vaticano Restituido.«

Eis a sua chave.

A¹ = rotulos e cadernos soltos, contendo canções de amor de trovadores (e jograes) alfonsinos e pre-alfonsinos; principalmente de fidalgos portugueses, mas tambem da Galliza e de Castella e Leão. — Perdidos.

A² = copia calligraphica, chronologicamente ordenada dos mesmos, em volume tripartido, graphicamente completo, i. é contendo, além dos textos, os nomes dos trovadores, a notação musical e algumas rubricas explicativas. — Perdida. — Nº 63 da Bibl. de D. Duarte: *Livro das Trovas del Rey D. Affonso encadernado em couro, o qual compilou F. de Montemór o Novo.*

---

1) A epigraphe usual d'essas folhas soltas e d'esses cadernos era: *F. fez esta[s] cantiga[s] descarnh e de maldizer,* respectivamente *de amigo,* ou *de amor.* Vid. *Indice* 1504, 1510, 1512, 1513, 1543, 1561, 1562.

A^3 = copia graphicamente inacabada do mesmo. O fragmento membranaceo, resguardado na Bibliotheca da Ajuda.

B = rotulos e cadernos soltos com trovas de amor, de amigo e de escarnho, de Alfonso X e trovadores da sua côrte e da côrte dos antecessores. — Perdidos.

C^1 = Cancioneiro privativo de D. Denis. Talvez No 38 da Bibliotheca de D. Duarte: *O Livro das Trovas del Rei D. Denis.* — Perdido.

C^2 = Rotulos e cadernos soltos com trovas dos poetas dionysianos, avultando as semi-populares cantigas de amigo. — Perdidos.

C^3 = Compilação de A^2 C^1 C^2 — Duvidosa. — Talvez No 38 da Bibl. de D. Duarte.

D^1 = Rotulos e cadernos soltos com trovas do Conde de Barcellos, D. Affonso Sanches, Estevam da Guarda, Alfonso XI. e trovadores e jograes de ambos os reinos;[1]) com addições ás partes anteriormente colligidas.

D^2 = Compilação de C^3 e D^1 ou de A^2 C^1 C^2 D^1: Livro das Cantigas do Conde de Barcellos. — Cf. **F — II.**

D^3 = Copia coetanea e calligraphica do mesmo, com addição ulterior das obras dos epigonos de 1357 a 1438[2]): No 78 da Bibl. de D. Duarte: *Livro das Trovas del rei.* — Duvidoso.

E = Apographo do sec. XIV, visto entre 1400 e 1414 pelo marquês de Santilhana em poder de D. Mencia de Cisneros. — Carta-Proemio § XVI.

F^1 = Exemplar de D^2 avistado em Roma, entre 1521 e 1557, conforme refere Duarte Nunes. — MS.-pae de G^1 ou G^2. — Perdido ou escondido.

F^2 = Exemplar de D^2, — MS. pae de G^1 ou G^2.

F^3 = Exemplar de D^2, que serviu para Colocci compôr o seu *Indice* de auctores. — Duvidoso e talvez identico a F^2.

---

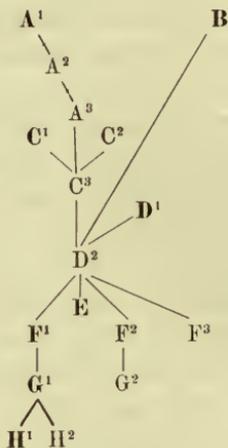
1) A folha solta, que encerrava uma tenção entre D. Affonso Sanches e Vasco Martins de Resende, com notação musical, e foi achada no espolio de André de Resende, era provavelmente um d' esses rotulos membranaceos do sec. XIV. Cf. § 108 e 103, assim como *Randglosse* XV.

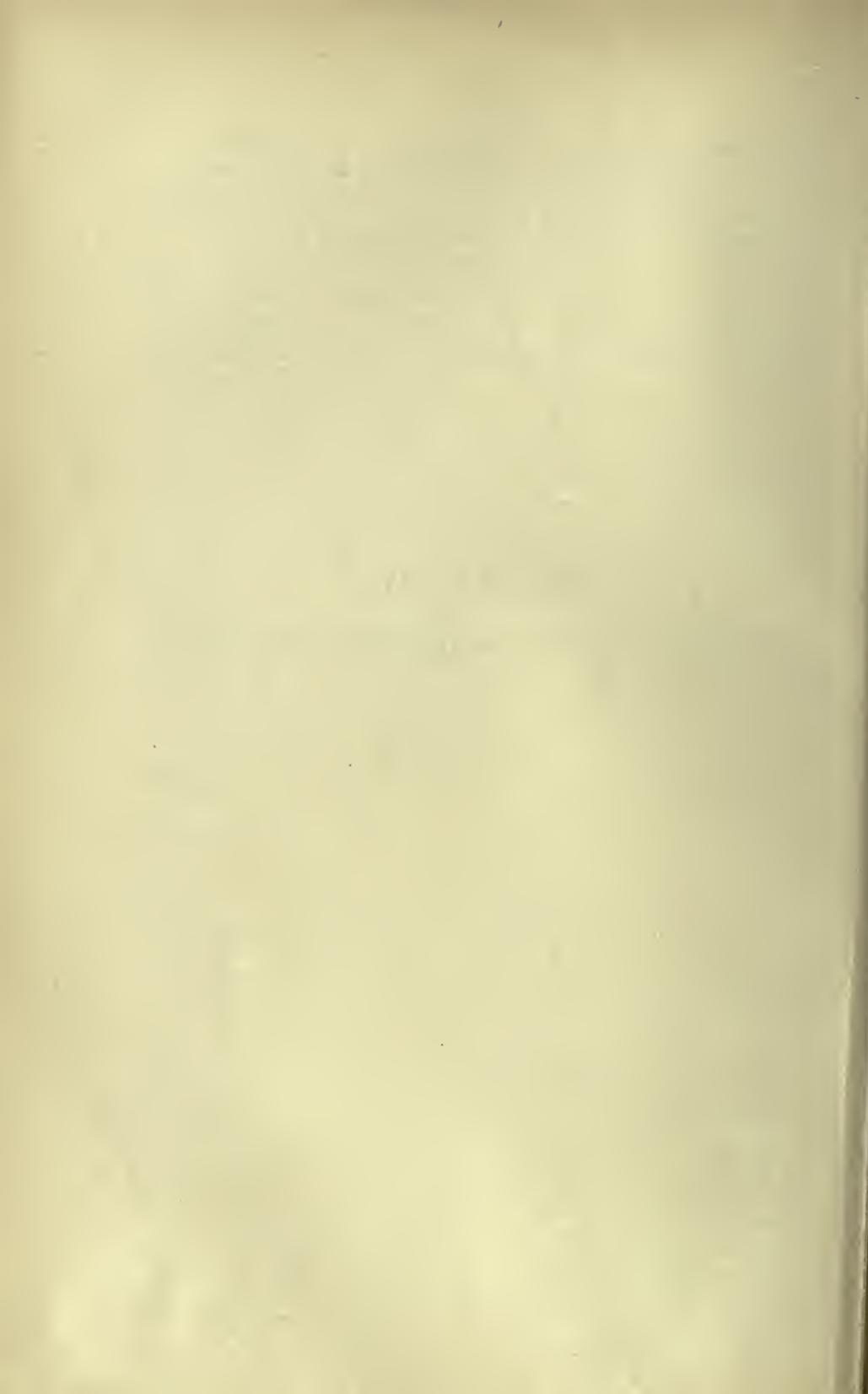
2) No **CV** ha, que eu saiba, uma unica cantiga rubricada que por ventura poderia ter sido inscripta no Livro do Conde depois de 1357, reinando Pedro I. Mas não é de modo algum forçoso inferir da expressão: *o inffante dom affonso filho del rey dom donis que depoys foy rey* que Affonso IV já não vivia quando copiaram a cantiga **CV 1158**. Em **CV 1036**, o rei D. Affonso, mencionado como fallecido, é o Bolonhês.

G[1] = apographo de **F**[1], escripto em Roma, no 1° quartel do sec. XVI, por ordem de Angelo Colocci. — Cod. Vat. 4803.

G[2] = apographo de **F**[2], escripto em Roma na 1° metade do sec. XVI, por ordem de Angelo Colocci. = Cod. Colocci-Brancuti, hoje propriedade de Ernesto Monaci.

H[1] = apographo moderno de **G**[1], em posse de um Grande de Hespanha.

H[2] = apographo moderno provavelmente de **G**[1], queimado em 1850 pelo Pe J. de Figueiredo.

PARTE III.

OS POETAS DO CANCIONEIRO DA AJUDA.

Notas biographicas.

§ 199[b]. Principio pelos trovadores que vemos positivamente representados no nosso codice, deixando para o fim aquelles que figuram apenas nos *Appendices.*

Quem quiser cingir-se á seriação natural, essencialmente chronologica do **CB** e do *Indice,* tal como a deixei apontada na lista comparativa do Cap. IV, deve lê'-las pela ordem seguinte:

39.	Lais de Helys, de Tristan e de Lançarote	311—315	
40.	Airas Moníz	316—317	
41.	Diego Moníz	318—319	
56.	João Soáres, de Paiva		
57.	Pero Rodrígues, de Palmeira		
58.	D. Rodrigo Díaz, dos Cameiros		
42.	Osoir Eánnes	320—327	
43.	Monir Fernándes, de Mirapeixe	328—329	App. I.
44.	Fernam Figueira, de Lemos	330—331	
45.	D. Gil Sánches	332	
46.	Ruy Gómes, o Freire	333—334	
47.	Fernam Rodrígues, de Calheiros	335—356	
48.	Pero Garcia, d' Ambroa	357	
49.	D. Fernam Paes, de Tamalancos	358—362	
1.	Vasco Praga, de Sandim	363—374	
		1— 13	
2.	João Soáres, Somesso	14— 30	
		375—377	App. II.
		378—382	
50.	Nun' Eánnes, Cerzeo	383—391	
51.	Pero Velho, de Taveiroos	392—395	App. III.
3.	Paay Soáres, de Taveiroos	396—397 e 398	
		31— 39	
4.	Martim Soáres	40— 61	
		398	App. IV.
5.	Desconhecido I (Ruy Gómes, de Briteiros)	62— 63	
6.	Aires, Corpancho	64— 67	
		399	App. V.
7.	Nuno Rodrígues, de Candarey	68— 69	
		400—401	App. VI.
8.	Nuno Fernándes, Torneol	70— 81	
		402	App. VII.

9. Pero Garcia, Burgalês	82—110	
	403—409	App. VIII
10. João Nunes, Camanês	111—113	
11. D. Fernam Garcia, Esgaravunha	114—128	
	410—412	App. IX
12. Roy, Queimado	129—143	
	413—414	App. X
13. D. Vasco Gil	144—156	
14. D. João, d' Aboim	157	
15. D. João Soáres, Coelho	158—179	
16. Rodrigu' Eánnes, Redondo	180—184	
	415—419	App. XI
17. Desconhecido II	185	
18. Roy Paes, de Ribela	186—198	
19. João Lópes, d' Ulhoa	199—209	
52. Fernam Fernándes, Cogominho	420—426	
53. Rodrigu' Eánnes, de Vasconcellos	427—429	
54. Pero Mafaldo	430—435	
	444	App. XII
55. Affonso Mêndes, de Bèsteiros	436—443	
20. Fernam Gonçálves, de Seabra	445—447	
	210—221	
21. Pero Barroso	222—223	
22. D. Affonso Lópes, de Baião	224—225	
23. Mem Rodrígues, Tenoiro	448—453	App. XIII
	226—227	
24. João, de Guilhade	228—239	
	454—456	App. XIV
25. Estevam, de Faião, ou Froyão	240—241	
	457	App. XV
26. João Vásques	242—245	
27. Pay Gómes, Charinho	246—256	
28. Fernam Velho	257—264	
	458	App. XVI
29. Bonifacio, de Genova	265—266	
30. Desconhecido III	267—276	
31. Desconhecido IV	277	
32. Desconhecido V	278—280	
33. Pedr' Annes, Solaz	281—284	
34. Fernam Padron	285—287	
35. Pero, da Ponte	288—292	
	459—466	App. XVII
36. Vasco Rodrígues, de Calvelo	293—302	
	467	App. XVIII
37. Desconhecido VI (Martim Moxa)	303—307	
38. Roy Fernándes, de Santiago	308—310	

João Lobeira, ao qual dedico o § 319, teria seu logar natural entre Esgaravunha (11) e Queimado (12), seguindo-se-lhe Gonçal' Eannes do Vinhal, de quem trato no § 320.

§ 200. As fontes onde colhi os materiaes para os esboços que seguem, são: 1. as cantigas todas das tres compilações; 2. as rubricas em prosa que as illustram de longe em longe; 3. os subsidios *impressos* da historia nacional, desde os mais antigos até aos mais recentes, incluindo, além dos annaes, das chronicas e dos nobiliarios, as leis e os foraes, as cartas e os diplomas outorgados pelos primeiros dynastas. Creio têr explorado cuidadosa e conscienciosamente, os monumentos, em parte deturpadissimos, mas ainda assim copiosos e preciosos, que me foram accessiveis. Mas não procedi a investigações individuaes nos tesouros do Archivo Nacional nem nos mais cartorios. Grande mingua me fizeram as *Cronicas* de Alfonso X, de que não pude obter exemplar impresso nem ms., e os *Documentos Ineditos*. Conscia d'estas e d'outras faltas, não me illudo sobre o diminuto valor das minhas, ainda assim bem fatigantes tentativas, e faço votos para que breve surja quem preencha as suas lacunas e rectifique os erros que seguramente commetti. Freqüentes vezes terei de mover-me no campo das conjecturas e de responder com duvidas ás perguntas que formulo. Innumeros accessorios refuguei para não descer a prolixidades demasiadamente minuciosas, reservando-as para estudos especiaes. Detidamente occupo-me apenas das cantigas que representam datas.

I. Vaasco Praga, de Sandin.[1]

§ 201. No *Indice* de Colocci são-lhe attribuidos os N^os^ 79—103 e 633—637. Os primeiros acham-se impressos no **CB**, numerados de 53—77. Só os ultimos treze d'este cyclo andam no **CA**, de **1—13**. As restantes cantigas faltam, como ficou amplamente exposto, por o codice membranaceo estar truncado no principio. O leitor encontra-as no *Appendice* I, de **363** a **374**. O outro grupo, composto de cinco poesias, segundo o *Indice*, está estampado no **CV**, onde consta de apenas quatro, provavelmente por haver erro na numeração original.

Na nomenclatura do trovador acho de menos o patronymico. Lá está apenas o prenome *Vaasco* (de *Velasco*, hoje *Vasco*), a alcunha *Praga* que considero equivalente de *bocca de pragas* (= all. *Lästermaul*);[2] e além d'isso, a indicação do logar de onde era natural,

---

1) Na epigraphe sirvo-me das formas archaïcas. No texto modernizo a orthographia.

2) Na Galliza existe um logarejo assim chamado. Mas se *Praga* indicasse a naturalidade, deviamos suppôr dissessem *de Praga*, forma que

ou no nosso caso, sobre o qual exercia direitos de senhor. De nome *Sandim* (Sendim, Sindim)[1]) ha em Portugal (Além Douro) varias localidades, e outras em terras de Hespanha, nas provincias de Zamora e Orense. É de uma das de cá que se trata muito provavelmente,[2]) pelos motivos que o leitor deduzirá da explanação genealogica. Vasco Fernandes, não oriundo mas antes senhor de Sandim, possuia ahi bens que eram de sua mulher.

No *Livro do Conde*[3]) depara-se-nos com um cavalleiro-trovador Vasco, caracterizado pelos contemporaneos com o motete *Praga,* o qual casára com uma fidalga de Sandim. O seu patronymico era Fernandes. Estabelecendo desde já que nem os cancioneiros nem os nobiliarios transmittem sempre nomes completos, abreviando-os e estropeando-os, pelo contrario, muito a miudo[4]), opino podermos identificar esse *Vasco [Fernandes] Praga*, do Nobiliario, casado com uma dona de Sandim, com o Vasco Praga *de Sandim* do cancioneiro, sem receio de errar, visto não apparecerem homonymos. Este varão, dado como *natural de Galliza e muy boom trovador*[5]), era de somenos fidalguia, por isso que figura nos cadastros da nobreza

---

não se encontra. E dado este caso, mal teriam accrescentado o segundo nome geographico, *de Sandim.*

1) Considero erronea a leitura *Sendiu* (por *Sendin*) no *Indice* de Colocci (ao pé da cant. 79).

2) A de mais fama, Santiago de Sandim, no julgado de Felgueiras, está situada no sitio onde em eras remotas houve, segundo dizem, a famosa e decantada, embora lendaria, villa *Aufragia.* Quanto á aldeia de Sendim, em Terra-de-Miranda e á etymologia do nome, consultem-se os *Estudos de Philologia Mirandesa* de J. Leite de Vasconcellos, Lisb. 1900, vol. I, p. 99. — Não me parece necessario tratar das villas e aldeias chamadas *Sande* (*Sandi*), embora nos Nobiliarios confundam *Sande* e *Sandim,* p. ex. a p. 348 dos *P. M. H.: Script.* (*Sande, Samde, Samdy, Samdin*). A forma que prevalece é *Samdy*, *Sandi* nas Chartas No 644 e 839.

3) Comquanto sejam quatro os Nobiliarios da primeira dynastia que hoje possuimos, conglobo-os só em dois, por conveniencias praticas. Designo por *Livro Velho* o fragmento I e o Appenso II que o accompanha e completa. E por *Livro do Conde* tanto o troço III, que se acha encadernado juntamente com o **CA**, como a obra completa IV, que é costume geral designar por aquelle titulo. Embora nenhum d' elles seja um evangelho, a superior exactidão do mais antigo evidencia-se á medida que se vão publicando documentos trecentistas da Torre do Tombo. — Vid. *Randglosse* XXX.

4) As abreviaturas não precisam de explicação. As deturpações são, na maioria dos casos, devidas á ignorancia dos que transcreveram os originaes.

5) *P. M. H.: Script.* 349. Acentuando-se propositadamente que o marido era da Galliza, é logico concluir que a esposa não era gallega.

apenas por causa da sua alliança com D. Teresa Martins. Esta, pela sua parte, pertencia a uma linhagem de cavalleiros portuguezes, chamados os Mogudos [1]) de Sandim, de mais alguma importancia, dignos de preencherem um *titulo* especial, [2]) embora fossem apenas vassallos dos magnates *de Valladares,* com os quaes travaremos conhecimento nas biographias subseqüentes. [3]) É provavel que D. Teresa trouxesse em dote ao trovador as terras de Sandim, que lhe couberam na repartição dos bens dos avoengos [4]) e que ambos ahi estabelecessem a sua residencia.

Quanto á epoca em que floresceram, é preciso notar que D. Teresa pertence á quarta geração. [5]). Contando-as, como é praxe, quando não ha indicações precisas em contrario, desde D. Affonso Henriques (n. 1109, f. 1185), chegamos aos tempos de Affonso II (n. 1185, f. 1223). Em abono d'este calculo aproximativo posso narrar que o cunhado do poeta — o Vasco Martins da tabella — raptou D. Elvira Vasques, que era esposa (tambem á força) de seu senhor feudal D. Pay Soares de Valladares [6]) e irman de um dos

---

1) *Mogudo* fôra sobrenome dado ao bisavô de D. Teresa, com o qual começa o registo do Conde. Creio que *mogudo,* de *movudo* (como dizem os manuscriptos mais antigos) é originariamente part. perf. de *mover,* e designa o fructo de um parto prematuro (= *movito*).

2) Tit. XLI: *De D. Pay Mogudo de Samdy domde veem os Ervilhães.*

3) *P. M. H.: Script.* 177. No Livro do Conde (p. 200 e 296) affirma-se isso explicitamente com relação a um irmão de D. Teresa Martins: *E este uasco martins monudo (*err. por *mouudo) foi uasalo deste dom paay soarez de ualadares.* Cf. nota 6.

4) O nome *de Samdym* é dado ao bisavô, ao pae, a um irmão e á filha de D. Teresa. Os outros vêm assignalados com curiosas alcunhas individuaes, como *Ervilhão — Bonafé — Coresma — Gervas — Barbas — Ganso — Lacão*, que se perpetuaram como nomes de familia.

5) Eis o quadro de filiação:

Pay Mogudo de Sandim, o Velho.
|
Mem Paes, que foi cavaleiro.
|
Martim Mendes, Mogudo, de Sandim.

Vasco Martins, M. de S. — Teresa Martins, M. de Sandim.

Do irmão que incluo — omittindo outros — terei de fallar no texto. Na filiação de Vasco Fernandes Praga ainda entram bisnetos seus. Um d'elles — filho de clerigo, por signal — é mencionado como cavaleiro »de boas manhas em lançar a cavalo a tavolado, e em bofordar e enas outras cousas que pertencem a fidalgo.«

6) *P. M. H. Script.* 177: *E este D. Pay Soares ... roussou D. Elvira Vasques ... e casou com ella.* Cf. p. 200: „*Esta dona eluira uasques de souerosa foy casada com dom paay soarez de ualadares o uelho ... e fez*

magnates mais poderosos de Além-Douro, D. Gil Vasques de Soverosa, o Velho. Este acompanhou o segundo rei de Portugal em todos os seus feitos de armas, morrendo cheio de annos perto de 1240.[1]) Tambem poderia allegar que Aires Nunes, avô de D. Pay Soares, está consignado na introducção do Livro Velho como um dos ricos homens e infanções *que viveram no tempo del rei D. Affonso, o que ganhou Toledo* (1085) . . ., se eu julgasse dever entender textualmente essas indicações e crêr nellas a pés juntos.[2])

Infelizmente, faltam-nos recursos para ponderar, se a supposta época de Vasco Fernandes Praga combina com elementos colhidos nos seus versos. Tudo quanto d'elle nos ficou é d'um convencionalismo absolutamente incolor, tanto as cantigas de amor que perfazem o primeiro cyclo, como as de amigo que compõem o segundo. De cantigas de escarnho e maldizer, ás quaes este dezidor por ventura deveu o apôdo, não ha hoje vestigio, nem mesmo no *Indice.*

Por fim lembrarei que os cantares de amigo pertencem ao grupo inicial do *Livro das Donas.* Ahi vão encabeçados com a epigraphe seguinte: *Em esta folha adeante se começam as cantigas de amigo que fezerom dous cavalleyros; et o primeiro he Fernam Rodriguez de Calheiros.*[3]) Sendo de Calheiros os No 227—**237** e de Vasco Praga os immediatos, até **241**, devemos forçosamente concluir que era elle o segundo dos cavalleiros, coevo e amigo do outro, e talvez seu parente, em vista da derivação dos Calheiros do tronco dos Valladares, e uma vez que versos de ambos se conservaram no mesmo rolo de pergaminho.

Das 25 cantigas de amor que constituem a principal parte do seu patrimonio poetico, 21 são de mestria e apenas 4 de refram.

---

em ela geraçom ... e en dias deste seu marido fez huum filho em drudaria com uasco monudo (sic) *de sandim que ouue nome Martim uasques barua e depois que moreo este dom paay soarez seu marido*, *casou ela com este uasco martins monudo de que auya o filho a furto. E este uasco martins monudo foi uasalo*" etc. — A p. 296 temos *mogudo.*

1) *Mon. Lus.* XIV, c. 12; XV, c. 4; *Herc.* II, 233; *P. M. H.: Leges* 351—584. — Gil Vasques assigna quasi todos os foraes outorgados ou confirmados por Affonso II.

2) Não o creio. Os que transcreveram o cadastro original accrescentaram muitos nomes de condes e barões, posteriores de um seculo, e mais, á tomada de Toledo. Lá está p. ex. D. Gil Vasques cuja existencia se póde ainda documentar no reinado de Sancho Capello.

3) **CV 227.** — Cf. *Biogr.* XLVII.

Das de amigo, duas são balletas, e as restantes, disticos. Em uma d' estas ultimas (**CV 237**) ha um thema pouco vulgar na poesia palaciana, mas que tem affinidades no moderno cancioneiro do povo. A donzella pergunta com candorosa malicia:

> *Se m' eu a vos, meu amigu' e meu ben,*
> *non assanhar', dizede mi-ũa ren:*
> *¿ por Deus, a quen m' assanharei,*
> *amigu'? ou como viverei?*

Por occupar o posto primazial no Livro das Donas, estando tambem na primeira plana do Cancioneiro de amor, e em vista da identificação que tentei, presumo que Vasco Fernandes Praga [1]), cavalleiro de Galliza, casado e afazendado em Portugal, floresceu no primeiro quartel do sec. XIII.

II. Joan Soares, Somesso.

§ 202. Pertencem-lhe, segundo o Indice, 25 cantigas: N^os 104 —128 do original (= **CB 78—102**), das quaes as 17 do meio occorrem no **CA 14—30**, faltando apenas as primeiras tres e as ultimas cinco, por causa de dois córtes brutaes no codice. Vão reproduzidas no *Appendice* II N° **375—377** e **378—382**. Todas ellas, muitissimo serias, são *de amor* e *de mestria*. Apenas uma tem caracter jocoso, e é ao mesmo tempo *de refram*.

Nos Nobiliarios antigos não pude encontrar nenhum *Somesso*. Nem tão-pouco em documentos. Impunha-se por isso averiguar, se a analyse dos factos e nomes, contidos na cantiga humoristica, nos habilitava a fixar pelo menos o periodo em que João Soares metrificou. É o que aconteceu effectivamente. O N° **375** foi, sem duvida, composto na época pre-alfonsina, antes de 1245; provavel-

---

1) Escrevo *Fernándes, Paes, Rodrígues* etc., em harmonia com o uso actual que exige *s* em fim de palavra quando a vogal antecedente é atona, e *z* quando é tonica, sem attenção á origem. No **CA** não occorre nenhum exemplo (apenas Paay Moniz). Nos apographos italianos, as graphias *-es* e *-ez* alternam, predominando todavia *-ez*. Quando algum dia se regular com rigor a orthographia portuguesa, será bom escrevermos *Fernández*, de accordo com os castelhanos. A transcripção archaïca *-itz -its* (p. ex. em limosino, na *Historia da Guerra de Navarra*) mostra qual era a antiga pronuncia. Em documentos em latim-barbaro representavam este *-ez -iz* peninsular, ora por um genetivo artificial derivado d' este (*Johannes Fernandici*), certamente em desharmonia com o uso vulgar, ora sem accrescento algum (*Johannes Fernandiz*), ora pelo verdadeiro genetivo latino do nome paterno (*Johannes Fernandi*). Quanto á origem, uma epigraphe antiga (*Corp. Inscr.* II, 455) já fez suspeitar ser iberica; mas talvez o texto não esteja bem copiado.

mente quando D. Affonso (III) ainda não sahira do reino, e com certeza antes que a luta entre a corôa e o clero, que findou com o desthronamento de Sancho Capello, se encarniçasse, isto é emquanto governavam os antigos ministros de Affonso II.

§ 203. A poesia indicada é vaga e pouco clara, posto que sejam historicos os quatro personagens que nella apparecem e que o poeta envolve num mesmo frouxo de riso escarnicador: tanto a jovem dama da côrte D. Urraca Abril, como D. Martim Gil, que apparentemente a protege, e lamenta a sua desventura, mas no intimo talvez se regozijasse do desgosto por que ella passou, como pretendente regeitado, cheio de despeito ciumento. E não menos o outro procere, designado apenas com o seu *nick-name*: Chora = *Der Greiner*[1]), por demasiado lacrimoso. Finalmente o pae da dama que se apresenta decidido a entregá-la como noiva a est' ultimo, apesar da pouca vontade ou aberta resistencia da filha. Vejamos quem elles são.

D. Urraca Abril descendia de um dos principaes magnates do reino, aparentado não só com a melhor nobreza da peninsula[2]), mas tambem com a casa real. D. Abril Peres, senhor de Lumiares, seu progenitor, orgulhava-se de ser por sua mãe, D. Urraca Affonso,[3]) neto do primeiro rei de Portugal e, por varonia, bisneto do famoso Egas Moniz. A extensa serie dos documentos que este ricohomem confirmou, principia em 1218 e acaba em 1244.[4]) Durante os annos 1228—1231, e novamente em 1244, governou os territorios de Sobre-Támega (Lamego e Viseu) como tenente.[5]) Em 1226, na minoridade de Sancho II, serviu de mordomo da curia.[6]) Com elle tomou parte na conquista de Elvas, sendo de suppôr que tambem

1) Hoje diriamos *Chorão* ou *Choramigas* (respectivamente *Choramingas*). Nos Nobiliarios temos ainda um *Choroso* (*Script.* 251).

2) Uma sua irman casára nas Asturias com um dos cinco Girões que se distinguiram na acção das Navas de Tolosa. Acerca de *D. Pedro Rodrigues Giron* e D. Sancha Pires vid. *P. M. H. Script.* I, 144 e 162. — Cf. *Tit.* XV.

3) *Hist. Gen.* I, p. 179. — *Script.* 162, 201, 297. Bem possivel é que os haja anteriores, mas não os conheço.

4) *P. M. H.*: *Leges* 579, 598, 607, 610, 612, 616, 618 etc.

5) Sobre os ricos homes *qui tenebant terram,* cf. Herculano, *Hist. Port.* III, 304 e Gama Barros, *Hist. da Administração* I, 396. Ás provincias chamaram *terras,* e *tenente* ao chefe supremo, ao mesmo tempo administrativo e militar, escolhido freqüentemente no senhor dos territorios.

6) Herculano, *Hist. Port.* II, 285. — Cf. ib. 277, 288, 344, 359, 388, 394, 397, 474, 477, 479 da 3ª edição.

batalhasse na tomada das de mais praças que o valente quanto infeliz monarca arrancou aos Mouros. Posteriormente, vemo'-lo servir de arbitro entre os cidadãos do Porto e o seu bispo D. Pedro Salvadores. Afinal, depois da crise no governo, apparece ligado aos descontentes barões de Além-Douro que, maldizendo da má administração e do favoritismo do negligente monarca, se colluiaram primeiro para desapossarem um seu valido de que logo terei de fallar; depois, para lhe roubarem a esposa; e por ultimo, para o desthronarem. Devemos crêr, houve muitos motivos, e justificados, para queixas e censuras graves, uma vez que um historiador coevo, da fama e do criterio do Arcebispo de Toledo († 1247), remata as suas notas portuguesas com a prece: *dominus dirigat vias eius.*[1]) Mas não se trata aqui de dirimir a contenda sobre o caracter e os erros do problematico reinante, cuja sorte o Sabio de Castella teve ensejo de comparar com a sua propria no fim do seu governo, contrastado pela rebellião dos filhos, dos irmãos, e dos vassallos.

Quanto aos innumeros excessos e actos de prepotencia interesseira, praticados pelos ricos-homens da opposição tanto nos turvos principios do reinado de Sancho II, Capello, como durante os odios e as hostilidades do fim, estes estão bem patentes na tradição colhida pelos Nobiliaristas e confirmada em curiosos documentos. Alguns offerecem provas directas do genio auctoritario e violento do velho rico-homem de Lumiares. Herculano, que os estudou,[2]) trata-o de *juntador* (=capitão) da lide chamada do Porto, ou de Gaia,[3]) importante refrega que em 1245 serviu de prologò á guerra civil entre o partido de Sancho e seu irmão, o Conde de Bolonha, e em que os rebeldes, pouco depois vencedores, foram desbaratados. Procedendo assim, cinge-se ao texto do *Livro Velho,* impresso por D. Caetano de Sousa,[4]) comquanto d'elle se afaste na edição academica, onde estampou *justador* (campeão).[5]) *Juntador, ou justador,* as fontes são unanimes na affirmação que D. Abril Peres succumbiu na lide, a qual custou a vida tambem a outro neto de D. Affonso Henriques.[6])

---

1) *De Reb. Hisp.* VII, c. 6.
2) *Hist. Port.* II, Nota XXIV No. 22.
3) Ib. II., 397.
4) *Provas* I, 177.
5) *P. M. H.: Script.* 162.
6) D. Rodrigo Sanches, irmão do trovador *D. Gil Sanches* (No. XLV), o qual encontraremos morganaticamente casado com uma irman do trovador *Fernão Garcia Esgaravunha.*

Dos importantes bens que D. Abril ao morrer cedeu ao mosteiro de S. João de Tarouca, elrei D. Denis achou necessario resgatar a melhor parcella, nada menos que a terça parte da cidade de Aveiro.[1])

Resta dizer que uma tenção, conservada nos apographos italianos (**CV 663**), a qual merece o titulo provençal de *jogo enamorado,* nos dá o direito de contarmos o Senhor de Lumiares entre os trovadores. Esse unico documento da sua veia poetica mal pode ser fruto da sua velhice, pois é erotico. O seu interlocutor, *Bernaldo de Bonaval,* é um poeta tratado por Alfonso X[2]) como mestre e antecessor de *Pero da Ponte*[3]), o qual havemos de ouvir poetar magistralmente no anno de 1236. —

D. Urraca Abril casou duas vezes, comquanto os nobiliaristas, ou antes os amanuenses que copiaram os antigos livros de linhagem, a enfileirem na magna e triste communidade dos leprosos do sec. XIII, na qual, como é sabido, nem mesmo falta um rei de Portugal. Engano, certamente, que nasceu de referirem o attributo *gafo* a toda a prole de D. Abril Peres, cabendo elle de direito unicamente a um irmão de D. Urraca (D. Pero Abril), que morreu solteiro e sem geração; ou a dois, se por ventura escapou o nome de mais um que viveu e morreu em iguaes condições,[4]) conforme presumo.

O primeiro marido de D. Urraca foi o *Chora* da cantiga, a quem ella deu a mão, constrangida, se nos é permittido tirar illações das zombarias do trovador. Chamava-se elle D. João Martins e era da

---

1) *Mon. Lus.* XIV, c. 5 e XV, c. 29.

2) **CV 70**.

3) Cf. *Biogr.* XXXV.

4) Eis aqui o passo principal, relativo á familia de D. Abril. — *P. M. H.: Script.* 162: „*De Moço Viegas filho que foi de D. Egas Moniz de Riba do Douro. D. Moço Veegas casou com Aldara Pires e fez filhos Pero Affonso, e D. Egas Affonso, e Dordia Affonso, e Urraca Affonso; e D. Pero Affonso filho de Moço Veegas foi casado com D. Urraca Affonso filha del rey D. Affonso, o primeiro rey que houue em Portugal, e de Eluira Gualter, e fege em ella D. Abril Pires de Lumiares e D. Sancha Pires e D. Aldara Pires: e este Abril Pires foi casado com D. Sancha Nunes de Baruoza, e fege em ella D. Urraca Abril, e Pero Abril . . . e estes ambos forom gafos* (as reticencias são intercalação minha). *E esta D. Urraca Abril foi casada com D. João Martins Chora de Riba de Visela, e fege em ella D. Pero Annes Gago, e este D. Pero Annes foi casado com D. Urraca irmã del rey D. Diniz, de gaança, que fora filha de huma moira, e non houue della semel . . . E o sobredito D. Abril Paris foi iustador da lide do Porto e morreo em ella.*" A variante *iuntador* nem mesmo se regista, como se na impressão de Sousa fosse mero erro typographico. Cf. p. 201, 291 e 297.

estirpe illustre dos de Riba de Vizella. Seu pae, D. Martim Annes, um leal e valente servidor de Affonso II, pelejou e morreu perto de Montemór o Velho,[1]) no anno 1213, sendo vencido por D. Gonçalo Mendes de Sousa, o defensor da Infanta D. Teresa e suas irmans.[2]) Ignoro, se *Chora* é o mesmo D. João Martins que vejo assignar um documento em 1251,[3]) ou se D. Urraca já enviuvára naquella data.[4])

O segundo marido é o rico-homem e trovador *D. Fernam Garcia de Sousa, Esgaravunha,* a quem terei de consagrar a biographia XI d'esta Parte. Só do primeiro matrimonio houve um filho, fruto um tanto peco, mas ainda assim feliz e fecundo. Segundo informações historicas,[5]) comquanto tivesse um defeito organico que lhe acarretou o sobrenome *Gago*, D. Pedro Annes casou, antes de 1265, com a Infanta D. Urraca Affonso, nascida de uma bella moira e do Bolonhês. Este neto de D. Abril governava Tras-os-Montes em 1284, quando, por sentença de D. Denis, foi obrigado a resti-

---

1) Cf. **CA 332** e *Biogr.* XLV.

2) Entalado pelas tropas inimigas num terreno paludosissimo entre Coimbra e Montemór, ahi innumeras sanguesugas tanto sangue lhe chuparam que morreu exhausto. Esta anecdota, contada no Livro do Conde (*P. M. H.: Script.* 201 e 297) tem, segundo o proprio Herculano, (*Hist. Port.* II, 175 e 461) por si a probabilidade de verdadeira, senão em todos os accidentes, ao menos no essencial. O illustre historiador deixou de dizer que a região de que se trata, ainda hoje tem fama de ter ribeiros, ricos em sanguesugas.

3) *Mon Lus.* XV, c. 13 e *Escrit.* XXVII.

4) Para fixar bem a chronologia e a posição dos personagens direi ainda que D. João Martins teve por irmão aquelle D. Gil Martins (casado com a Sousan D. Mari-Annes, filha de João Pires da Maya) que se conservou fiel ao *Vendido* até ao seu ultimo arranco (*Mon. Lus.* XV c. 9). Reconciliado depois com o successor, obteve o principal cargo do estado, confirmando na sua qualidade de mordomo-mór, quasi todos os foraes outorgados por Affonso III. — *P. M. H.: Leges* 686, 687, 693, 698 etc.

5) *P. M. H.: Script.* 201, Titulo XXVI § 2: *De dom ioham martins chora. — Este dom ioham martins chora foy casado com dona oraca abril, filha de dom abril perez de lumeares e de dona sancha martins de baruosa e fez em ela huum filho que ouue nome dom pedreanes gago que foy peco* (apostilla, provavelmente accrescentada por algum continuador?). *E este dom pedreanes foy casado com dona oraca afonso, filha del Rey dom afonso de portugal, de gaãça. E ouuerom huma filha que ouue nome dona aldonça perez que foy casada com ioham perez portel.*" — Este marido da neta de D. Abril era neto do trovador D. João de Aboim. Chamaram-no tambem *de Sousa* por ter herdado parte dos bens de D. Constança Mendes de Sousa, sua mãe. D. Aldonça, viva ainda em 1304, veio a ser cunhada de D. Pedro de Barcellos, pelo matrimonio d'este com Branca Peres. — Em D. João Peres acabou a linha varonil dos Aboins e Nobregas, tendo ja acabado a de D. Abril Pires em seus filhos.

tuir certos herdamentos á villa de Sortelha que o *Chora* usurpára, ou que a este haviam sido entregues sem justiça.[1]) —

Passemos a *D. Martim Gil.* Entre os varios nobres que usaram d'esse nome, ha tres que ganharam fama. O mais novo, neto de D. Gil Martins, segundo-sobrinho portanto de D. João Martins Chora, era de ambição e orgulho infrenes.[2]) Serviu de alferes-mór a D. Denis e de aio ao herdeiro do throno, morrendo depois de 1312. É costume designá-lo com o titulo de *Conde* porque o foi de Barcellos desde 1304.[3]) Naturalmente, não póde ser d'este que se trata. Nem creio que o alludido praguejador de D. Urraca Abril fosse seu pae e homonymo, porque esse não alcançou grande fama, salvo erro.

O mais velho, a quem refiro a cantiga, é o vencedor de D. Abril Peres e de D. Rodrigo Sanches na lide do Porto, um arrojado valido de Sancho II que pelos seus altos feitos mereceu o titulo de *bom.* Este era filho de D. Gil Vasques, o Velho, de Soverosa, que já conhecemos; sendo pela mãe, D. Maria Aires de Fornellos, meio-irmão de alguns dos bastardos de Sancho o Velho.[4]) Desde 1223 é que figura na côrte ao lado do pae (e de Vasco Martins, seu irmão) occupando em breve o primeiro logar na proximidade e confiança do jovem monarca. Por vagas tradições, conservadas nas Chronicas peninsulares consta que os ricos-homens da opposição o accusavam publicamente de ser causador da má administração do reino e que um d'elles, o segundo esposo de D. Urraca Abril, o desafiou perto de Trancoso, em presença do proprio chefe do estado, cujo throno elle ia defendendo denodadamente. Mas o repto não foi aceito. D. Martim Gil mostrou velleidades de querer desfazer-se do adversario de um modo pouco cavalheiroso.[5]) Apesar da sua dedicação, o valido não esteve presente em Toledo ao fallecimento de

---

1) Anselmo Braamcamp Freire, *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Cintra,* Lisboa 1899. Ahi (p. 126 e 144) rectifica-se um erro que Herculano commetteu (III, 115), confundindo Pedro Annes Gago com Pedro Annes de Portel, conforme explico na *Biogr.* XIV, *P. S.*

2) Vid. *Mon. Lus.* XV, c. 9; XVI, c. 25; XVII, 32; XVIII, 43, e especialmente o seu curiosissimo testamento no vol. V, p. 578—582. — *P. M. H.: Script.* 152, 153 e 272.

3) *Mon Lus.* XVIII, c. 16.

4) *P. M. H.: Script.* 167, 168 e 293. — *Mon Lus.* XIV, c. 24 e 29. *Herculano*, II passim, particularmente a p. 358, 388, 411, 413.

5) Vid. *Biogr.* XI.

D. Sancho, nem assignou o seu testamento o que levou os modernos historiadores a suppôr que já o houvesse abandonado. Mas a suspeita não parece ter fundamento solido, visto o usurpador Affonso III lhe ter seqüestrado os bens, e D. Martim Gil se ter conservado durante annos em terras de Hespanha, onde prosperou a ponto de o antigo relator affirmar que „*foi igual em grão contia em Castella a D. Diogo de Biscaya.*“ Ahi contava parentes e alliados. Uma irman sua, D. Teresa Gil, fôra uma das favoritas de D. Affonso IX de Leon. Os luso-leoneses D. Martim, D. Urraca, D. Sancha e D. Maria, todos com o patronymico Affonso, eram portanto seus sobrinhos. Ignoro, se por lá ficou, ou voltou. O D. Martim Gil que assigna foraes e documentos,[1]) de 1258 em diante, como tenente de Tras-os-Montes, da Beira[2]) e, em 1277 e 1279, como tenente de Elvas,[3]) antes será o pae do Conde, a que ja alludi. O proprio Conde nascera cerca de 1260.

O logar de *Mõimenta,* onde se passaram os acontecimentos que deram assumpto á chufa do trovador, é muito provavelmente o da Beira (perto de Lamego[4]), visto esta localidade ter feito parte dos vastos territorios, governados militarmente por D. Abril Peres de 1228 a 1231. Bem podia ser que a poesia fosse composta naquelle periodo.

De toda a maneira temos de estabelecer data não só anterior á morte do rude batalhador, mas ainda ao primeiro casamento de D. Urraca com o Chora,[5]) quando D. Martim Gil e D. Abril Peres ainda não eram inimigos irreconciliaveis, vigorando todavia já certa discordia e má vontade entre as casas de Soverosa e Lumiares.

§ 204. Depois d' esta investigação, cujas minudencias o leitor desculpará, de certo, porque nos levaram ao fim desejado, tornemos ao nosso poeta. Certos agora de que floresceu em vida de D. Abril Peres, e portanto de Bernaldo de Bonaval, estamos habilitados a fixar mais outro ponto importante. Quem tratava familiarmente acontecimentos intimos não so da vida de uma bisneta de Affonso Henriques,

---

1) *P. M. H.: Leges* 686, 687, 693, 698.

2) Ib. 698.

3) Ib. 698.

4) O foral é de 1189. — Ha outros dois, muito menos importantes, no Minho e Tras-os-Montes.

5) A idade minima que este contaria em 1245 era de 22 annos. Nada nos obriga porém a presumir, nascesse no anno da morte de seu pae.

mas tambem de um privado-mór de Sancho Capello, e outros fidalgos illustres, chamando um dos de Riba de Vizella, sem-cerimonia alguma, pelo bitafe que a familia lhe havia posto — pertence incontestavelmente tambem a alguma familia nobre, do norte de Portugal.

Torna-se por isso indispensavel nova pesquisa nos Nobiliarios, onde, repito, de balde procurei um *Somesso.* Agora ponho de lado aquelle nome que pelo significado considero mera alcunha, procurando simplesmente um *João Soares Trovador,* coevo dos barões citados.[1])

Na lista dos que vemos mencionados, parte no *Livro Velho,* parte no *Livro do Conde,* ou em ambos,[2]) ha apenas dois que entram em litigio. O primeiro, senhor da terra de Paiva, e geralmente conhecido por este nome, era tio de D. João Martins Chora.

Em these não seria inverosimil um tio ter escolhido para assumpto de zombarias os amores do sobrinho. Obsta comtudo o seguinte: este *João Soares de Paiva* que figura nos cancioneiros, assignando grupos diversos de poesias,[3]) escreveu uma cantiga de escarnho que data do anno 1213, contando então o seu muito archaïco auctor bons setenta annos.[4])

Eliminado este, fica no campo um fidalgo da linhagem dos *Valladares.* No *Livro Velho* — o unico onde figura — nomeiam-no *João Soares que foi bom trovador.*[5]) Do capitulo muito importante, mas summamente confuso e deturpado pela incorporação de accrescentos postiços, em que se trata d'essa familia antiga e aparentada com quasi toda a nobreza d'aquelles tempos, (e simultaneamente da estirpe dos *Velhos,* com a qual se alliou cedo e repetidas vezes) resulta que o pae do poeta, D. Soeiro Aires, era chefe da segunda geração, coevo do senhor de Paiva e de todos os mais filhos dos vencedores de Ourique.

---

1) A nomenclatura portuguesa, summamente oscillante, auctoriza-nos a isso. Basta lêr os Nobiliarios para reconhecer que os individuos são designados, ora pelo prenome e alcunha, ora pelo prenome e patronymico, ora pelo prenome e appellido, ora com todos elles juntos — particularidade a que já alludi na biographia anterior.

2) Vid. § 175.

3) *Ind.* 23—28 (perdidas); e 1330 = **CV 937**. — *P. M. H. Script.* 201 e 297. Sómente na redacção mais moderna do Livro do Conde (a p. 336 e 352) é que o chamam simplesmente *Joham Soarez o trobador.*

4) Vid. *Biogr.* LVI.

5) *P. M. H.: Script.* 166.

Conta-se que D. Soeiro[1]) casou duas vezes, mas com pouca sorte. Em primeiras nupcias com uma filha de Nuno Soares Velho, o *Postumeiro.*[2]) Apesar de muito filha-d'algo, D. Elvira Nunes Velha, depois de lhe ter dado um filho varão, deu que fallar nos soalheiros palacianos,[3]) fugindo com certo *Mem de* (*do* ou *da*) *Laude*[4]), alliança criminosa mas abençoada, com numerosa prole que fundou casas illustres, entre as quaes se conta a dos fidalgos de *Calheiros.*[5]) No segundo matrimonio com uma anonyma *infante de Galliza,*[6]) D. Soeiro gerou o trovador, o qual morreu sem descendencia[7]) e, se entendo bem as noticias do linhagista, mais dois filhos, de um dos quaes descende outro trovador:[8]) *Estevam Annes de Valladares.*

Pertencendo á 3ª geração dos Valladares, *João Soares trovador* deve ter florescido em dias de Affonso II (r. 1211—1223) e talvez anteriormente, no longo reinado de Sancho I, alcançando ainda o de Sancho Capello. Imagino floresceria de 1210 a 1230.

Para justificar tanto quanto possivel este meu calculo, posso citar varios factos que se deram com pessoas da mesma familia. 1°. Já

---

1) Filho de D. Aires Nunes, tronco da familia, D. Soeiro Aires é progenitor de D. Pay Soares, que já conhecemos como esposo da romantica D. Elvira Vasques de Soverosa.

2) Isto é o *ultimo,* ou *junior;* para o differençarem de seu avô, D. Nuno Soares Velho, o Primeiro.

3) Os linhagistas castigaram-na, collocando-a no rol (de resto, extensissimo) das perversas (*a que foi má*).

4) O nome — modernizado no Livro do Conde em *d'Alaude* — (p. 333) evoca necessariamente a suspeita, se o amante, a quem deram tão poetica alcunha, a encantou com artes orpheonicas. Já no *Poema de Alfonso XI* (estr. 408) asseveram que o laude passava por ser um instrumento *falaguero.*

5) Cf. *Biogr.* I e XLVII.

6) A respeito d'esta *infante* só ha indicações muito confusas. Do confronto critico de varios passos, em que se falla de D. Soeiro parece resultar todavia que a infante de Galliza não foi, como se podia imaginar, nenhuma descendente de reis por bastardia; mas sim D. Mor Peres de Bravães, dicta *a Prove* (= Pobre), com ou sem ironia. Filha da primeira esposa de Aires Nunes de Valladares, e portanto meia-irman de D. Soeiro, esta dama já enviuvára de Aires Nunes de Fornellos, ao qual havia dado, entre outros filhos, a bella D. Maria Aires de Fornellos, que já tive de mencionar.

7) Mãe anonyma, ou controvertida — filho sem prole: eis os motivos por que no *Livro do Conde* omittiram o trovador.

8) Vid. § 175 e cf. o quadro genealogico. Houve um dia em que julguei que D. Soeiro Aires de Valladares havia casado terceira vez e d'esta feita positivamente com uma *infante* de sangue real, sendo fructo d'este enlace D. Pedro Soares, o Sarraça, e D. Affonso Soares. Com relação a esta miragem illusoria, provocada pela exposição defeituosa dos linhagistas, remetto o leitor para a *Biogr.* XXVI.

lembrei que o meio-irmão do trovador, D. Pay Soares, mais velho que elle (quanto, é o que não sei) raptou a irman do Velho de Soverosa, isto é uma tia de D. Martim Gil, um dos heroes da cantiga que analizei. 2°. Numa nota da pag. anterior está dicto que entre a prole de uma meia-irman de D. Soeiro se conta a bella Maria Aires de Fornellos, amante del Rei Sancho I, a qual, acabadas essas relações (antes de 1200), deu a mão ao proprio D. Gil Vasques. 3°. Uma sobrinha do trovador, filha de D. Pay Soares e de D. Elvira Vasques, chamada Maria Paes [de] Berredo, casou com Martim Paes Ribeira, irmão da que foi a ultima amante do monarca, desde os derradeiros annos do sec. XII até 1211, i. é da famigerada Ribeirinha que nos occupará na biographia terceira. Isso deve bastar. Incidentemente terei de referir-me ainda a outras relações e allianças com varios trovadores e agnatos de trovadores.[1])

§ 205. A collocação dos versos de João Soares entre os do cavalleiro Praga de Sandim e os de Pay Soares de Taveirôs não se oppõe aos meus resultados. Muito pelo contrario, apoia-os. E

---

1) Ahi vae a lista dos factos genealogicos, que mais importa conhecermos:

1°. D. Aires Nunes, tronco dos deValladares, c. c. D. Exemea (= Ximena) Nunes, viuva de Pero Paes de Bravaes, *o Pobre*, do qual tivera a D. Mor Peres, *a Pobre*, que se consorciou com Aires Nunes de Fornellos e deu a vida á famosa D. Maria Aires de Fornellos. — *P. M. H.: Script.* 166 e 167.

2°. De D. Aires e D. Ximena nasceu, entre outros, D. Soeiro Aires, c. c. Elvira Nunes Velha, filha de Nuno Soares Velho, a qual abandonou o marido, ligando-se com *Mem da Laude.* — Ib.

3ª. D. Pay Soares, filho d' este matrimonio, c. c. Elvira Vasques de Soverosa que, pela sua parte, preferiu o enlace clandestino com Vasco Martins Mogudo de Sandim. — Ib. 199—200.

3ᵇ. De D. Soeiro Aires e Mor Peres, *a Pobre*, sua meia-irman, nasceu João Soares, o Trovador; e nasceu

3ᶜ. Pero Soares, o Sarraça.

4ª. Um filho de D. Pay Soares e D. Elvira Vasques, chamado D. Soeiro Paes de V., casou c. Estevainha Ponço de Baião.

4ᵇ. Uma filha dos dois — Maria Paes de Berredo — sobrinha portanto do trovador, c. c. Martim Paes Ribeiro (irmão da Ribeirinha, ultima amante de Sancho I, com filhos adultos em 1213).

5ª. Um filho do casal 4ª, D. Lourenço Soares de Valladares, c. c. Maria Mendes de Sousa, a qual tornará a apparecer nas biographias posteriores.

5ᵇ. Um filho do casal 4ᵇ, D. Roy Paes, c. c. Theresa Gil, foi progenitor de dois varões:

6ª. João Rodrigues que procreou com certa Maria Fernandes a *Estevam Annes de Valladares*, *o trovador post-dionysio* (7ª)

6ᵇ. e Pay Rodrigues Sovela que se consorciou com Aldonça Rodrigues da Telha, conhecida como amante del rei D. Denis e mãe do trovador *D. Affonso Sanches.*

apoia-os tambem a forma archaïca Soaires — (filho de Soairo, Soeiro), a qual se lê no *Indice* de Colocci.

Considerando o caracter da poesia de que tratei, vemos que é de escarnho, mas não de maledicencia, pois não desce a baixezas nem villanias. O que lhe dá — a ella e a poucas outras — logar á parte, não é o facto de ahi serem postos na berlinda individuos de alta gerarquia, mas o de a principal entidade motejada ser uma dama da aristrocracia, ficando ainda assim seu nome denunciado descobertamente. Esta circumstancia leva-me a collocá-la numa linha com os nossos N^os^ **38** e **62**, e ainda com as cantigas **392**, **394** e **398**, todas ellas bem archaïcas, como demonstro.

Quanto ás cantigas de amor de João Soares, peço agora para as relerem de novo, com o intuito de apurar a impressão que produzem, comparadas com as dos coetaneos. E digam depois, se existe um só trovador que mereça com superior justiça o qualificativo de *Somesso*, no sentido figurado em que Cicero, Ovidio, Petronio, Julio Cesar, Quintiliano e outros escriptores romanos empregaram *submissus*. Ninguem como João Soares para cantar em estylo simples, absolutamente desprovido de ornatos; com voz baixa; modesta e humildemente[1]); numa palavra, com verdadeira *submissão* ás vontades da amada.

É preciso confessar que os velhos portugueses já possuiam o dom de caracterizar, num só traço, os fracos do proximo, dom de que ainda hoje dão provas diariamente.

III. Paay Soares de Taveiroos.[2])

§ 206. As poesias que hoje possuimos d'este trovador são doze (se mettermos em conta duas tenções de que foi apenas colla-

---

Voltando á primeira esposa de Aires Nunes de Fornellos (segunda de D. Soeiro Aires de Valladares) lembro que do casamento de sua filha com Gil Vasques de Soverosa nasceu, alêm de D. Martim Gil:

4^e^. D. Teresa Gil, que encantou o velho Leonês. Entre os bastardos dos dois encontra-se uma D. Maria Affonso, viuva de um dos Laras, que procreou em ligação clandestina com Alfonso X de Castella, certa D. Berenguela, ou Bringueira, a que mais tarde nos referiremos. (Ib. 177, 197 e 292). — Vid. *Biogr.* XXIX.

1) São estes (e *manso*, *brando*, *abafado*) os significados do lat. *submissus*, quando empregado em sentido figurativo, que tiro, muito de proposito, dos Diccionarios latino-portugueses. — Cf. § 145.

2) Ou *Taveroos.* — Nos apographos italianos occorre tres vezes a forma *Taueeroos* (respectivamente *Taueroos*), e uma só vez *Taueiroos.* Nos Nobiliarios encontro *Taueeroos*, mas tambem *Taueiros* (*P. M. H.: Script.* 384).

borador): as nossas cantigas **31—39**, **396—397**[1]) e **394**. Aos N^os^ 144—150 do *Indice* (= **CB 118—123**) correspondem os que numerámos de **31** a **35**. Quanto a **36—39**, não subsistem nos apographos italianos. As duas primeiras da serie original, que o leitor encontra no *Appendice* III, faltam, pelo contrario, no codice membranaceo, pelos motivos expostos no Cap. III.

A composição N^o^ **396** em que não se trata de amores, poderia muito bem figurar no *Cancioneiro de Burlas.*[2]) E se por ventura lhe pertencessem ainda, como creio, tres *cantares de amigo* (Ind. 638—640 = **CV 239—241**), attribuidos a um *Payo Soares,* sem appellido que o distinga, o auctor seria, entre os que tenho de apresentar aos leitores, o primeiro, que se exercitou nos tres generos principaes da arte luso-provençalesca. A collocação dos seus versos logo no principio do *Cancioneiro das Donas* (perto das de *Fernão Rodrigues de Calheiros* e *Vasco Praga de Sandim,* com precedencia aos *de Torneol*, do *Burgalês*, do *Camanês*, e *Corpancho*), corresponde á disposição dos seus versos de amor e escarnho na Primeira Parte do Cancioneiro de modo tão notavel que me parece escrupulo demasiado o duvidar da identidade.[3])

Quatro das cantigas de amor são balletas *de refram* (**32**, **34**, **35**, **39**). Entre as de amigo, que supponho suas, ha uma que segue as mesmas normas metricas (**CV 241**).[4]) As outras movem-se em disticos, trazendo uma o refrão anteposto,[5]) costume que era pouco usado entre os palacianos portugueses na segunda metade do sec. XIII. No mesmo cantar o poeta introduziu uma dona a queixar-se porque o amigo havia patenteado (*ementado*) nas suas trovas de amor o nome inteiro d'ella, infringindo assim os mandamentos da

---

1) Por engano omitti no texto, a p. 743 e 781 do Vol. I, a epigraphe em que o **CB** vindica esta trova para *paay Soarez de Caueroos* (*sic*).

2) Antes do N^o^ 1357.

3) O facto de não se conhecer um unico trovador antigo, pre-alfonsino, que tivesse cultivado exclusivamente aquelle genero de feitio popular, reforça o meu razoado.

4) Mas esta não lhe pertence incontestada, pois anda tambem nas obras de *Affons' Eannes do Coton* (**CV 413**).

5) **CV 240**. A construcção da outra é irregular. Sem conhecer a lição do **CB** não posso todavia emittir juizo sobre a melhor maneira de a restaurar.

cortesania. E de facto, Pay Soares de Taveirôs, nomeia a dama a que prestava homenagem, designando-a, com antonomasia transparente, como *filha de Don Paay Moniz* (**CA 38**). Ainda em outra cantiga lhe aconteceu designá-la (**CA 37**) como parenta d'elle; ou da mesma linhagem a que pertencia.

§ 207. A empresa de procurar traços biographicos do poeta é difficil. Segundo a epigraphe de uma das tenções (**CA 394**), o Pay Soares de que tratamos, era irmão de um Pero Velho (de Taveirôs).[1] Incumbia-me portanto descobrir um barão d'aquelle nome que, sendo tenente, proprietario ou habitante de Taveirôs e parente de D. Pay Moniz, era ao mesmo tempo irmão de um Pero Velho. Não me subtrahi a este dever. Mas, embora destrinçasse a genealogia de uns dez homonymos, não encontrei nenhum nestas condições. Nem sequer achei nas listas nobiliarchicas um que correspondesse a algum dos tres requisitos. Em compensação, creio ter identificado o irmão Pero Velho, e provado o seu parentesco com a dama cantada por Pay.

E isso já vale alguma cousa.

§ 208. A linhagem a que Pero pertence pela alcunha, e que por isso mesmo offerece maiores probabilidades de ser tambem a do nosso poeta — apesar do silencio absoluto dos linhagistas e da falta de documentos comprovativos[2]) — é a dos *Velhos*. É tronco d'estes barões de Entre-Douro-e-Minho, que devem o sobrenome provavelmente á sua longevidade,[3]) o famoso D. Arnaldo de Baião, considerado no appenso ao *Livro Velho* como um dos cinco nobres principaes de onde descendem os bons fidalgos de Portugal. Ainda assim, o ramo dos Velhos, sahido de D. Soeiro Guedes, não produziu grandes senhores feudaes, da categoria dos que apparecem a confirmar leis, diplomas e foraes regios nos primeiros seculos da

1) Vid. *Biogr.* LI.

2) Na excellente obra historica de Ayres de Sá — sobre *Frei Gonçalo Velho*, que citei no Cap. I sob Nº 76, ha uma genealogia deduzida dos apontamentos dos nobiliaristas antigos, claramente exposta em linguagem moderna (a p. LIV e ss.), e illustrada com numerosos documentos ineditos. Entre estes não ha porém nenhum que nos elucide a respeito de *Pero* e *Payo*, nem tão pouco sobre as terras de Taveirôs.

3) Da proverbial longevidade e fecundidade dos antigos portugueses podia contar muitos exemplos, incluindo os que narra Miguel Leitão de Andrada na sua *Miscellanea*, assim como o das 40 filhas de um dos Eças.

monarchia na sua qualidade de dignatarios da côrte. Tendo prestado serviços, sem gozar d'essas vantagens, torna-se especialmente sympathica pela continuidade da familia, que, depois de ter dado ao país, nos tempos heroicos da idade media, valentes capitães, apaixonados aventureiros, varios dos quaes teem chronica altamente romantica (para não dizer escandalosa)[1]) e alguns trovadores,[2]) procreou finalmente, nos umbraes da era nova, um destemido navegador,[3]) quando a velha nobreza que dominára no norte do reino, em continua desavença com os soberanos, ia decahindo, abastardada, cedendo o passo aos homens novos do Mestre de Avis.[4])

§ 209. Já na biographia anterior toquei de passagem, de um lado na alliança de uma *Velha* com um Valladares, e do outro lado no casamento de uma Valladares com um Ribeira. Vimos D. Sociro Aires de Valladares casado com Elvira Nunes Velha, e D. Maria Paes de Berredo, neta dos dois, consorciada com Martim Paes

---

1) É escusado fallar mais uma vez dos amores de D. Elvira Nunes Velha com Mem da Laude. Apontarei sómente D. Gontrode Fernandes, casada com Nunes Velho o Postumeiro — que occasionou pela sua conducta criminosa um desafio entre Pero Nunes e Simão Nunes Curutelo, cujos pormenores se acham relatados repetidamente nos livros de linhagem (*Script.* 168 e 333). — Pero Velho II (i. é. Pero Pires) teve por amante a filha de um abbade minhôto de Santa Logriça (ib.). Um dos filhos de Gonçalo Pires raptou uma freira professa, como terei de repetir na *Biogr.* XXVIII. Outro, chamado Estevam Pires, d'Ansemunde, seguiu o exemplo, ligandose sem casar com a monja Urraca Pires. D. Denis teve de reconhecer e legitimar a numerosa prole dos dois. Com todos estes factos está em harmonia a talvez innocente irrupção no pomar de D. Rodrigo Gomes de Trastámar, praticada pelo trovador Pero Velho de Taveirôs, e em seguida cantada por elle e seu irmão, i. é pelos dois poetas a que são dedicadas estas paginas.

2) Vid. *Biogr.* XXVIII e LI.

3) Frei Gonçalo Velho, descobridor da Terra Alta (1416) e dos Açores (1431), a cuja memoria está consagrada a obra mencionada.

4) Reconhecendo o merito de Frei Gonçalo, penso que o seu biographo pecca por um enthusiasmo excessivo pela gloria ancestral dos Velhos. A these »que não é facil encontrar na historia moderna uma familia que, a partir do anno 700 (!) tivesse mais elevado destino, produzindo guerreiros destemidos, notaveis diplomatas, poetas primorosos e immortaes navegadores«, verdadeira na ultima affirmação, parece-me exagerada nas que precedem. Quanto a allianças com familias nobres e com as casas reinantes da peninsula, são ellas tão freqüentes, que não seria difficil organizar tabellas genealogicas, parecidas ás de Aires de Sá, a favor de muitas outras gerações. E episodios romanticos de todo o genero? . . . os exemplos que vou espalhando nestes esboços darão ideia do que se poderia produzir a este respeito.

Ribeira, isto é com o proprio irmão da que o trovador chamou *filha de don Paay Moniz.* Agora tenho de accrescentar que um irmão de D. Soeiro Aires, chamado D. João Aires, consorciou uma das suas filhas — D. Teresa Annes de Penella — com D. Soeiro Nunes Velho, irmão da phantasiosa D. Elvira e neto do primeiro descendente dos de Baião a quem chamaram Velho.[1]) D' esta alliança é que nasceu entre outros *Pero Soares, Pero Velho,* nomeado freqüentemente em forma abreviada *Pero Soares*[2]), mais conhecido todavia pelo seu sobrenome individual de *Escaldado* (por ter tido pouca barba).[3]) E nasceu ainda uma Maria Soares, a qual casou com outro Ribeira, o pouco conhecido D. Pedro Nunes da Ribeira.[4])

Pero Soares, Pero Velho — o Escaldado — pae de João Pires, Redondo[5]) e de outro Pero Velho que é preciso differenciar, cognominando-o *Pero Pires*, é, na minha opinião, tanto pelo nome como pela idade e por suas relações de parentesco com os Ribeiras, o trovador que procuramos, embora nada conste a respeito de um seu irmão (quer legitimo, quer illegitimo) de nome Pay Soares, nem tão-pouco sobre se o irmão exerceu, ou não, direitos de senhorio em Taveirôs. Aqui como em muitissimos outros casos, os *cancio-*

---

1) D. Nuno Soares Velho I era cunhado e companheiro de D. Gonçalo Mendes da Maia († 1170), o celebre Lidador. Brandão dá-o por vivo em 1174. Vid. *Mon. Lus.* X, c. 45 e XI, c. 17. — *P. M. H. Script.* 166.

2) No *Livro Velho* é chamado Pero Soares (166), nome que igualmente occorre no *Livro do Conde* (333 e 334). Com mais freqüencia usam todavia, em ambos, do costume de fazer seguir ao prenome e patronymico novamente o prenome, accompanhado da alcunha secular que já valia por appellido, dizendo: *Pero Soares Pero Velho — Nuno Soares Nuno Velho — Pero Pires Pero Velho — Gonçalo Pires Gonçalo Velho — Pero Nunes Pero Velho. — Joan Pires Joan Velho — Joan Gonçalves Joan Velho.* Deprehender-se-ha d' esta singularidade que os Velhos tinham por habito, como de resto outras familias em que se dão casos identicos, omittir completamente o patronymico? e que o linhagista, não podendo adoptar usança tão desordenada, escolheu o expediente de citar a dupla nomenclatura? Os modernos costumam separar os synonymos pela conjunção *ou.*

3) A respeito do *Escaldado* veja-se Ayres de Sá p. LV, LVII e 43 (Doc. XXV) e *Biogr.* XXVIII e XVI.

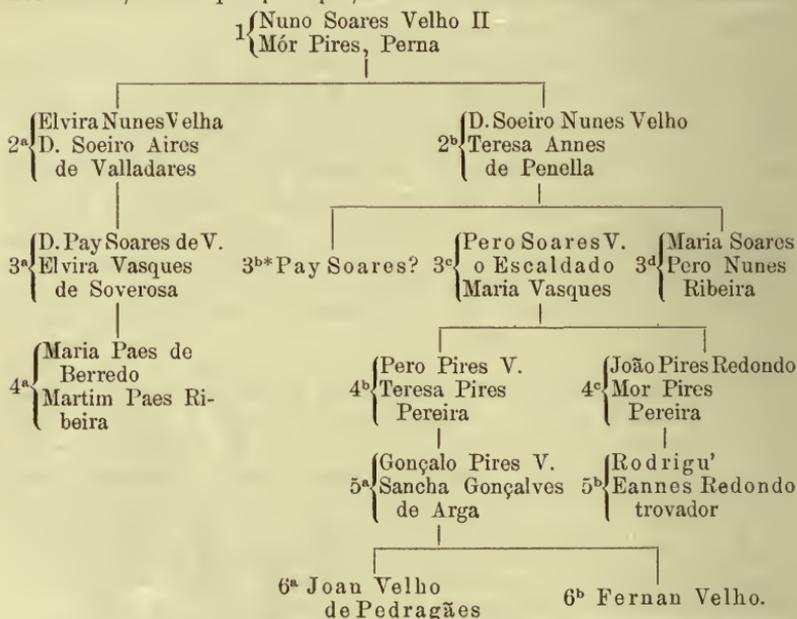
4) O Livro Velho diz: *D' este D. Pedro Nunes procedem os Ribeiras.* Mas em parte alguma achei elementos que confirmassem este dicto. Nem mesmo a sua filiação se indica. Suspeito tratar-se de um Pero Nunes Velho, irmão de Sueiro Nunes.

5) Vid. *Biogr.* XVI.

neiros ministram materiaes complementares para a construcção das biographias.[1])

As relações de Pay Soares e Pero Velho de Taveirôs com Martim Soares, trovador notavel, oriundo de Ponte de Lima,[2]) validam a minha conjectura, porque é justamente perto de Ponte de Lima, no julgado de Neiva, entre Cavado e Ave, que os Velhos residiam, ricamente afazendados[3]) e aparentados, conforme já indiquei, com boa parte da nobreza de Além-Douro e da Galliza.[4])

---

1) O parentesco deduz-se do modo seguinte. Nuno Soares Velho, o Postumeiro, com o qual principio, era neto de Nuno Soares Velho o Primeiro:

Posso indicar ainda outra alliança entre Valladares, Velhos e Ribeiras, mas esta é tardia demais para interessar o leitor. Quem quiser, procure na obra de Ayres de Sá a p. LXI a tabella em que fica demonstrado que uma bisneta de D. Maria Paes Ribeira, chamada Maria Pires Ribeira e Sousa, tinha por 4º avô a Gonçalo Mendes de Sousa, que era 5º avô de Gonçalo Velho (5ª do nosso quadro).

2) *Biogr.* IV e **CA 396** e *P. M. H. Inquir.*

3) Vid. Ayres de Sá, Doc. XV. Em certas propriedades dos Velhos, o pão era medido *per mensuram de Ponte Limie* (ib. p. 11).

4) Além dos Valladares e Ribeiras, podia nomear os Coelhos, Briteiros, Sousas, Vasconcellos nos sec. XII e XIII, Figueiredos, Travassos, Cabraes nos sec. XIV e XV. Merecem menção especial entre aquelles: Gualdim Paes, o mestre do Templo, e entre estes Nun' Alvares Pereira, o grande Condestavel.

Quanto ás terras de Taveirôs, as minhas pesquisas falharam de todo, infelizmente. Conheço localidades d'este nome apenas na Galliza.[1]) No sec. XIII a mais afamada era um vetusto castello, perto de Lobeira, *Turris Taberioli* na dicção latina dos annalistas e chronistas, o qual tivera importancia em tempo de D. Urraca e nas luctas do arcebispo Diego Gelmires e da rainha D. Teresa contra o senhor de Leão.[2]) Os de Portugal, se as houve, desappareceram ou mudaram de nome. Não é todavia, de modo algum, impossivel que um fidalgo português governasse no castello gallego como vassallo, quer de Alfonso IX, quer de D. Martim Sanches, ou ainda de D. Rodrigo Gomes de Trastámara; nem tão pouco que o possuisse como propriedade adquirida por casamento.[3])

§ 210. Passemos aos factos miudos que as cantigas de Pay Soares revelam. Da nobreza de um poeta que, depois de gabar a sua propria linhagem, se dirige familiarmente á *Ribeirinha*, seria ocioso fallar. Na tenção **CA 396** graceja, de braço dado com Martim Soares (que imagino addido á casa dos Velhos), motejando de um seu *homem*, com *pretensões* a *jogral* ou *segrel*. Da cantiga **33** parece resultar que transpôs os Pyreneos, versejando lá fóra. Houve pelo menos quem entendeu assim as palavras *Quantos aqui d' Espanha son* e *Desquando d' Espanha sái.* Mas essa interpretação não é a unica possivel. Visto que o termo *Espanha* teve na idade media duas accepções, sendo tomado com freqüencia no sentido restricto de Castella e Leão, em opposição a Portugal, Aragão, Navarra[4]) e os reinos arabes, é muito possivel viajasse apenas dentro da peninsula, escrevendo aquelles versos em Portugal ou em Aragão, depois de têr visitado as côrtes do centro ou vice-versa.

---

1) Nos provincias de Orense e Pontevedra.

2) *Hist. Compost.* II, c. 84 (apud Herc. I, 281); *España Sagrada* XX, 440 e 443 *Turris Taberioli;* ib. 314 e 347 *Taberolum.*

3) Nos Nobiliarios encontro uma só vez mencionado um logar de *Taueeroos*, na passagem a que ja alludi (*P. M. H.: Script.* 384). Trata-se de uma D. Rica de *Taueroos* (ou *Taueiros*), de origem gallega, da linhagem dos Churrichões ou Turrichões, que aprenderemos a conhecer mais tarde, e em que, de resto, entraram tambem os Velhos, na pessoa de uma filha de Pero Nunes Velho. Na toponomyia e onomastica portuguesa temos *Tàveira* e *Tàveiro, Tàvares* (antigamente *Taaveira Taavares;* ib. Tit. LXVII). *Tàvooso* (ib. 361), póde ser outra cousa.

4) Todos esses reinos christãos juntos eram *as Espanhas,* no plural.

§ 211. Pela cantiga dialogada (394), em que presumo cabem a Pay Soares as estrophes 2 e 4, e a Pero Velho 1 e 3, estamos informados de que este ultimo invadiu um dia o pomar de certo D. Rodrigo Gomes, afim de conversar com duas donzellas, *muy fremosas e filhas d'algo assaz,* atrevimento que provocou iras e represalias da parte do porteiro,[1] encarregado de vigiar pela boa ordem no gyneceu da condessa de Trastámara.

Quando se daria este caso? E onde?

Creio que em tempo de Alfonso IX, ou mais exactamente entre 1215 e 1228 na Galliza, região de Trastamara,[2] quer fosse no castello afamado de Trava, quer em Sarria, Monteroso ou Montenegro, visto que D. Rodrigo Gomes, rico-homem muito honrado e de muitos vassallos,[3] estava revestido da suprema administração militar d'aquelles cinco districtos ou *condados*[4]) que já haviam sido de seu pae D. Gomes Fernandes[5]), e de seu avô, o afamado Fernam

---

1) Quanto a esses *porteiros* compare-se a rubrica da cantiga **CB 455**, citada numa das notas da *Biogr.* IV; e no *Especulo de los Derechos* Libro II, Tit. VII Ley I.

2) Os antigos diziam *Tras-Támar* ou *Tres-Támar* — em castelhano *Tras-Tambre,* lat. *Trans-Tamera* e *Trans-Tamerim* (vid. *Rod. Tol.* VII, 7). Esse *Tambre* é um riozinho no norte da Galliza.

3) Da casa de D. Rodrigo Gomes foi raptada por João Bezerra, da raça dos traidores da Beira, uma sua sobrinha, D. Maria Rodrigues Codorniz, a heroina da cantiga **CB 455**. — Isso, segundo os linhagistas (*P. M. H.: Script.* 268, 254 e 174). O teor da rubrica que accompanha essas trovas de escarnho, prova todavia que ha engano na affirmação, e que em lugar de *Gomes* (*Gz*) deve lêr-se *Sanches* (*Sz*). Na casa do bastardo D. Rodrigo Sanches, em territorio português (Grijó?) é que essa aventura succedeu. Mais um caso em que os assentos dos Cancioneiros têem valia superior á dos Nobiliarios. Os escribas trocariam provavelmente as abreviaturas *Gz* e *Sz* ou *Gmz* e *Snz.* — Cf. *Biogr.* IV, e *Randglosse* XVI.

4) Até fins do sec. XII era costume chamar *Condes* aos *tenentes.* — Cf. *P. M. H.: Script.* 280: *Em aquel tempo chamauam aas gramdes terras que dauam os rreys aos fidallgos comdados e por esto se chamauam os demais d'aquelles a quaes [os] dauam, condes.* Gama Barros, *Historia da Administração publica em Portugal,* Lisb. 1885, vol. I, 122—132. Amoviveis, á vontade do rei, os condados estavam longe de constituir terras feudaes.

5) Escripturas de 1170—1189 dão o conde *Gomez* dominando só em *Trastámar.* Em 1190 tinha tambem *Montem Rosum et Sarriam;* em 1194 e 1195 figura novamente como tendo só Trastamar; em 1199 torna a confirmar como em 1190, tendo mais *Monte Nigrum,* e conserva as mesmas terras em 1200, menos Sarria. — Vid. Gama Barros 130—131, onde o leitor encontra indicação exacta dos documentos, publicados na *España Sagrada.*

Pires, dicto *Conde de Trastamar,* mas tambem de *Trava* por ter sido o seu primeiro povoador.[1])

Escusado será lembrar aqui como este barão galliziano, *o mór homem que houve em Espanha que rei não fosse,* inscripto nas paginas da historia portuguesa como amante da rainha D. Teresa,[2]) foi guerreado e vencido por D. Affonso Henriques nos campos de Val-de-Vez, tendo de fugir de Portugal; e como peregrinou ás Terras Santas de Jerusalem, a fim de remir os seus peccados. Apenas recordarei que este facto se deu em 1128 para estabelecer que o neto, do qual tratámos, ainda nasceu no sec. XII. Como vassallo do Leonês D. Rodrigo Gomes administrou as tenencias ou os condados que citei,[3]) posto que os linhagistas affirmem ter recebido o de Trastámara da mão de D. Martim Sanches.[4]) A este respeito contam até uma anecdota curiosa. Segundo elles, o Santo Rei Fernando III, depois de exigir repetidas vezes a entrega dos castellos a D. Rodrigo Gomes, emprazou-o para se justificar. Diante das explicações formaes do accusado, o successor de Alfonso IX não achou todavia outra decisão, a não ser que „tão bom fora D. Martim Sanches e que tanto serviço lhe fizera que cousa que désse do que d'elle tinha que lho não devia a tolher.“ Dizem que isto aconteceu no acampamento de Sevilha (1247) onde de facto D. Rodrigo se achou.[5])

Varias circumstancias abalam comtudo a nossa fé na authenticidade do conto. Verdade é que D. Martim Sanches, o filho denodado de D. Maria Aires de Fornellos e de Sancho I, se desnaturou de Portugal em 1211, para subtrahir-se ao odio feroz com que Affonso II perseguia seus irmãos, legitimos e bastardos, sem distincção de sexo.[6]) Verdade tambem que conseguiu posição preponderante

---

1) *P. M. H. Leges* 268—269.

2) Herc. I, 263—290 e Nota XIV. Na côrte de D. Teresa, o filho de Pedro Froyaz, alferes-mór do arcebispo Diego Gelmires, governava nos districtos do Porto e de Coimbra.

3) *Rodericus Gomez* apparece em uma escriptura de 1215 como tenente de Sarria e Montenegro (*Esp. Sagr.* XVI, Ap. 37); em 1216 tinha tambem *Monterrosum;* ib. XLI, Ap. 27); em 1228 Trastamar, Montenegro e Monteroso (XVII Ap. 3, 5, 6 e XXII, Ap. 3 e 15). — Cf. Gama Barros I, 131.

4) „*Este dom Martim Sanchez teue delrrey quatro condados e foy sempre adeamtado em Galliza em toda sa vida. E teue del dom Rodrigo Gomez de Trastamar o comdado de Trastamar que ele tinha delrrey em teemça em toda sa vida.*“ — *P. M. H.: Script.* 295 e 199.

5) *Esp. Sagr.* XXII, 302 (Fuero de Tuy, confirmado por S. Fernando em Sevilha (a. 1250).

6) Herc. II, 231 e 234; *Mon. Lus.* XII, c. 21.

no reino de seu primo e soberano eleito, e que Alfonso IX galardoou com quatro condados os serviços prestados. E tambem, que em todas as circumstancias D. Martim Sanches se portou mui gentilmente, dando, ao batalhar contra mouros e christãos, assumpto para mais de um conto cavalheiresco, tradicionalmente transmittido aos nobiliaristas.[1]) Mas em primeiro logar não vejo que Trastámar pertencesse aos seus dominios,[2]) comquanto Duarte Nunes de Leão assim o affirme.[3]) E depois, julgo inacreditavel que o successor de Alfonso IX deixasse decorrer dezoito annos desde a morte do supposto doador,[4]) sem liquidar um assumpto, de tanto peso,[5]) e não os quarenta dias tradicionaes.

Como porém o facto pouco ou nada importa para o nosso caso, passemos adiante, sem o apurar. Os documentos historicos fixam para D. Rodrigo Gomes as datas 1215 e 1228. Os nobiliaristas dizem que Rui Gomes vivera pouco, depois da entrevista com S. Fernando. A data derradeira em que o vejo confirmar doações regias é 1255.[6])

Mais um traço para a sua biographia. Como os Gallegos em geral, o senhor de Trastámar gostava muito da *monteria e cetreria*. Dom Juan Manuel, auctor de um excellente *Libro de la Caza*, conta que o homem bom D. Rodrigo Gomes de Galliza foi o primeiro que começou a matar garça com falcões bornis.[7])

§ 212. A condessa de Trastámar D. Mór [ou Mayor] Affonso, era filha de D. Affonso Telles de Meneses, *o que povoou Albuquerque* (1218), e de D. Elvira Rodrigues Giroa, sua primeira mulher.[8]) Ignoro quando

---

1) Luc. Tud., *Chron. Mundi* 113 e 114; Herc. II, 465; *Script.* 294, 199, 167.

2) *D. Martinus Sancii* tinha em 1219 a tenencia de Lima e Sarria; em 1222 a de Lima, Toronho e Montenegro. — Gama Barros I, 127 e 129.

3) *Genealogia dos Reis.*

4) É costume dizer que D. Martim Sanches morreu cerca de 1230. Talvez fosse em 1228. Neste anno a tenencia de Lima, com a de Leão, Zamora, Extremadura, Transserra e Toro ficou a cargo de outro filho de Sancho I, (mas este legitimo) o Infante D. Pedro, mordomo-mór do Leonês. Ib. 127.

5) Buscas nas collecções de documentos do reino vizinho conduziriam de certo a resultados mais precisos.

6) Doação á cidade de Ubeda das aldeias de Cabra e Santisteban (Vid. Argote, *Nobl. And.* II, c. 1) e isenção dos Burgaleses de certos tributos (*Esp. Sagr.* XXVI, 320).

7) Ed. Baist, 46, 7.

8) Os amores de Rodrigo Gomes e da gentil D. Mor serviram de assumpto a um moderno romance cavalheiresco em gallego, no estylo dos Solaus dos romanticos portugueses. Seu auctor, M. Martinez Gonzalez, ima-

ella morreu. O pae, *nobilis amator totius bonitatis,* conforme o seu epitaphio no mosteiro de Palazuelos (perto de Valladolid), assignava documentos no fim do seculo XII, distinguiu-se entre os heroes das Navas de Tolosa, e morreu em 1230. Depois da morte da primeira esposa havia casado com Teresa Sanches, bastarda de Sancho I, e da sua ultima companheira.

A cantiga **394** refere-se portanto a acontecimentos anteriores a 1230. Como importa estabelecer relações positivas e pontos de contacto entre os trovadores portugueses e os da Provença, direi ainda, que o Conde gallego-leonês, em cuja casa andavam os trovadores Pay Soares e Pero Velho, era não só cunhado do Português D. Mem Gonçalves de Sousa II (vivo em 1224) e de Tell'Affonso, o de Cordova e Martos, cuja morte prematura foi pranteada por Pero da Ponte (**CA 464**), mas aparentado tambem com os Senhores dos Cameiros (*Biogr.* LVIII) e com D. Diego Lopes de Haro, dois grandes que mais abaixo veremos relacionados com poetas da Provença.

§ 213. Mais importante ainda que o dialogo humoristico entre os dois *Velhos,* que datámos, são outras duas cantigas a que já alludi: a **37ª**, em que Pay Soares falla de sua linhagem, e da sua devoção apaixonada por uma parenta, altamente collocada, que lhe poderia ter valido, se quisesse, e principalmente, a **38ª**, em que a designa translucidamente como *filha de Don Paay Moniz.*

Havendo um só varão d'este nome, e tendo elle, de mais a mais, tambem uma unica filha,[1]) de muito romantico renome, facil é estabelecer de quem se trata. Tão facil que logo o primeiro português que estudou o Cancioneiro, se lembrou da *Ribeirinha.*[2])

D. Paay Moniz, filho de D. Monio (i. é Munio, Nuño, Nuino, Nuno) Osores, padroeiro ou natural de Cabreira e Ribeira na Galliza,

---

gina que a filha do magnate luso-castelhano fôra destinada por S. Fernando ao herdeiro da coroa, o Infante D. Alfonso (X)! O namorado infanção gallego vae a Sevilha, onde batalha com denodo, tendo a boa fortuna de salvar a vida ao seu rival, sendo galardoado pelo enternecido pae com a mão da amada e o condado de Trastámar. — Vid. *Revista Gallega* No. 253 (Jan. de 1900).

1) O *Livro Velho* dá-lhe duas, mas da segunda nem mesmo o nome consta.

2) Vid. Cap. I § 3. Com referencia ao poeta incognito que considerava como auctor do cancioneiro todo, *Ribeiro dos Santos* dizia: *„Em outros versos dá a conhecer a filiação de sua dama, chamando-lhe filha de D. Paez Moniz.“* Depois de reproduzir a cantiga continua: *Não podemos saber se este Paez Moniz seria o mesmo filho segundo do Conde D. Osoyro de que falla o Nobiliario do Conde D. Pedro.* Mais nada.

de cuja estirpe o Conde trata no Tit. LIII[1]) e neto materno de Nuno Soares, o que fez Grijó, era personagem de nobre sangue,[2]) vivo ainda em 1201.[3]) De sua mulher D. Urraca Nunes, a Bragançôa, teve um só varão, Martim Paes Ribeira que já vimos casado com uma Valladares-Soverosa,[4]) e uma unica filha, D. Maria Paes Ribeira,[5]) sereia de encantos singulares, como as suas aventuras o demonstram.

Imagino que o nosso trovador já a venerava quando o filho de Affonso Henriques, o nada casto e muito impressionavel luso-borgonhês Sancho o Velho, se namorou d'ella, introduzindo-a nos paços regios.[6]) Ahi continuou vivendo durante mais de dez annos, até á hora da morte do monarca, amplamente doada com opimas herdades[7]) e publicamente reconhecida como mãe de quatro bastardos vivos.[8])

---

1) P. M. H.: *Script.* 354; Herc. II, 87 e 135; *Mon. Lus.* XII, c. 21; *Hist. Gen.* I, 90. Cf. 178, 256, 268, 323, 333. Na *Biogr.* XLII encontrar-nos-hemos com um Osoir' Eannes.

2) Este Nuno Soares, o que fez Grijó, é citado na primeira pagina do Livro Velho como um dos ascendentes das familias nobres de Portugal. *P. M. H. Script.* 143. Cf. 178 e 354.

3) P. M. H.: *Leges* 511, 513, 516. Pelagius Moniz confirma o foral da Guarda (1199) como alferes; o de Abaças (1200); o de Benavente e o de Cezimbra (1201). — Cf. *Mon. Lus.* XII, c. 28.

4) Esta D. Maria Paes, por parte do pae, da linhagem dos Valladares, por parte da mãe uma Soverosa, e senhora das terras de Berredo, tambem tem a sua chronica, sendo freqüentemente confundida por auctores modernos com sua bella cunhada. Vid. a Nota seguinte. Na *Biogr.* LVII veremos que um trovador aristocratico morreu de amores por sua causa. Os Nobiliarios antigos fallam d'ella a p. 166, 177 e 354.

5) D'estes dois irmãos, affirma o Conde (354) que foram „naturaes" de Lanhoso contra Riba de Cadavo e de Berredo. O *Livro Velho* (177) dá comtudo o titulo de Berredo exclusivamente á mulher de Martim Paes, como se esta terra tivesse sido patrimonio seu. De modo algum quadra portanto á Ribeirinha o titulo *de Berredo*, á qual o appõe por engano Anselmo Braamcamp Freire na sua erudita e elegante obra sobre os *Brasões de Cintra* (p. 126 e 144).

6) O Livro Velho trata-a euphemisticamente de *mulher* del rei (p. 178).

7) As principaes, cuja posse lhe foi expressamente segurada no testamento de Sancho I, são: Parada, Pousadella, Villa do Conde e Pereiro. Vid. *Hist. Gen., Provas* I, 17 e *Mon. Lus.* XII, c. 35: *Istæ sunt hæreditates quas ego dedi Donnæ Mariæ Pelagij & filiis meis quos de illa habeo: Villa Comitis & Parada & Pausadela & Pirarium.* — Eis as orações relativas aos filhos da Ribeirinha: *Et dedi D. Egidio Sancij filio meo quem de illa habeo VIII morabitinos de illis qui sunt in Belver; Roderico Sancij VIII morabitinos; Tarasiæ VIII morabitinos, Constanciæ Sancij VII morabitinos.*

8) Outros dois, Nuno Sanches e Mor Sanches, morreram meninos, certamente antes de 1211, visto não serem mencionados no testamento.

D. Gil Sanches († 1236) é o que posteriormente veremos exercitar-se na arte trovadoresca.[1]) D. Rodrigo, já o vimos succumbir ás feridas que recebeu na lide do Porto (1245), sendo enterrado perto de Grijó, onde ainda hoje subsiste um padrão commemorativo.[2]) D. Teresa é a infanta que casou, antes de 1230 (ignoro quanto) com D. Affonso Telles de Meneses, o de Albuquerque, cuja filha, enteada de D. Teresa, ha pouco encontrámos residindo no castello do Conde de Trastámara. A ultima, D. Constança Sanches, viveu e morreu no mosteiro das donas de S. Cruz (1269).

O que nomeei em primeiro logar, cingindo-me á ordem observada no testamento del rei, já era de maior idade em 1213.[3]) Nasceu portanto, incontestavelmente, antes de 1200, mesmo se supposermos fosse declarado maior com apenas 14 annos, como filho de rei.[4]) Com este calculo concorda a data da primeira entre as importantes doações, com que o regio amante favoreceu a amada: Parada e Pousadella, *Era 1238 VIIII Kal. Mart., ann. regn. nostri* XV.[5])

As aventuras de D. Maria Paes não acabaram com a morte do soberano. Mal ella vinha de o enterrar em Coimbra ao lado de D. Affonso Henriques, regressando com grande sequito, em companhia do irmão, para as suas terras minhotas, eis senão quando um seu parente, tresneto de Egas Moniz, tresvairado por uma paixão verdadeiramente louca, se apossou da bella viuvinha, á força, fugindo em seguida homiziado para Leão, com receio da vingança da sua poderosa parentela. Accusado e resolutamente renegado pela sua victima,

---

1) *Biogr.* XLV. — Cf. *Biogr.* IV, 6m.

2) *Hist. Gen.* I, 90. — *Mon. Lus.* XIV, c. 24. Cf. *Biogr.* IV.

3) Pode todavia ser que uma do sexo opposto o precedesse. Os chronistas collocam a Teresa Sanches no primeiro logar. *P. M. H.: Script.* 31. Neste caso, as relações de Sancho I com a Ribeirinha eram mais antigas ainda do que penso.

4) Segundo o direito romano, a maior idade começava aos 25 annos; segundo o direito consuetudinario da peninsula, os reis e filhos de rei eram considerados adultos ou *de idade comprida*, com apenas 14. — Vid. *Opusculos Legales* de Alfonso X, Vol. I e Herc. II, 302, p. 6, 220, 223, 459.

5) J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.* III, p. 200, Nº 657. Em 1209 recebeu a quinta de Almafalla (*Mon. Lus.* XII, c. 31 e XIII 10 e 14). Todos esses bens de D. Maria foram disputados acremente entre os descendentes da prole regia e os filhos do 2º matrimonio. A freira D. Constança Sanches venceu em 1257 o encarniçado pleito. *Mon. Lus.* XV, c. 9. — Posteriormente, Parada e Paradella, depois de novo litigio, passaram ás mãos dos herdeiros de Teresa Annes, os Sousões, e afinal ás de D. Pedro Annes de Portel, por sentença de 2 de set. de 1288. — Vid. Braamcamp p. 110, 113 e 139 e cf. *Biogr.* IV, 7d.

Gomes Lourenço de Alvarenga expiou o seu crime, sendo morto por justiça.

Consorciada pouco depois com D. João Fernandes de Lima, o Bom — Batisella, de alcunha — nome que ha de reapparecer freqüentes vezes nestes estudos, a Ribeirinha deu a vida a mais tres filhos, entre os quaes tem interesse para nós apenas Teresa Annes, mulher de um Sousão.[1]) Morrendo idosa perto de 1250, D. Maria Paes Ribeira foi enterrada no mosteiro de Bouro, caminho de Braga ao Gerez.[2])

§ 214. Para findar, vamos á espinhosa tarefa de explicar as intenções de Pay Soares quando dizia:

> *e vos, filha de don Paay*
> *Moniz, e ben vus semelha*
> *d' aver eu por vos guarvaya.*

Evidentemente ha ahi allusão vaga a um exalçamento proximo da sua jovem parenta, e a um premio symbolico que elle, trovador, esperava receber nesse ensejo, em conformidade com certos costumes antigos e palacianas. A *guarvaya* (ou *guarnaya,* de *guarnire?*) era uma sobre-veste de escarlata fina — luxo permittido por via de regra, ainda um seculo depois, apenas ao rei e seus mais proximos parentes.[3]) De uma arrojada conjectura de Th. Braga desprende-se a ideia convidativa, se o manto escarlatino seria por ventura um dom de noivado, pago pela noiva ao trovador que festejasse as bodas (quer morganaticas, quer reaes) com o melhor epithalamio medieval.[4]) Neste caso havia na cantiga um prenuncio da introducção da Ribeirinha na camara regia.

Se assim fosse, e não encontro explicação mais aceitavel, a cantiga **38ª**, archaïca no eschema metrico e no rimar, composta

---

1) D. Sancho havia previsto a eventualidade. No seu testamento encontram-se providencias para o caso: *Si ipsa casaverit* etc.

2) *Mon. Lus.* XVII, c. 3. — *Inquisitiones*, passim.

3) Isso consta da pragmatica de 1340, decretada por D. Affonso IV. Vid. Gama Barros, I, 516 e cf. *Randglosse* XIV.

4) *Theoria* I, 57; *Questões* 87; *Curso* 101; *Canc. Vat. Rest.* LIII, LVII e LXXXII. Se bem que a *guarvaya* nada tem com o *kyvarus* das *Leges Wallicas* (o *munus nuptiarum* dos bretões, o qual, de resto, era pago em dinheiro, por parte das filhas dos poetas menores, ao chefe dos menestreis), ha nas explicações de Th. Braga, etymologicamente inaceitaveis, uma lembrança aproveitavel, sobre a qual construi a minha hypothese.

antes de 1200 — talvez em 1198 — seria a mais antiga das que me aventuro a datar.[1])

Mas mesmo na negativa, temos o direito de enfileirar a Pay Soares juntamente com os dois trovadores precedentes, não só entre os pre-alfonsinos, mas mesmo na geração mais antiga que floresceu em dias de Sancho I.[2])

IV. Martin Soares.

§ 215. São padrão do seu saber e da sua apreciavel arte, além das cantigas **143** e **144**, interpoladas nos cadernos dos senhores de Taveiroos (**CB 115** e **116** = **CA 395** e **396**),[3]) as numeradas no *Indice* de 151 a 174 e 1357—1370. O segundo grupo, que abranje rudes *cantigas de escarnho e maldizer,* de desmandado cynismo, acha-se impresso no **CV** de **965—978**. Ao primeiro grupo, que encerra cantares graciosos e variados de amor, de mistura com alguns *sirventeses* e *joguetes,* palacianamente comedidos de expressão, correspondem quasi integralmente os Nos **40—61** do nosso Cancioneiro. Carecendo, esta vez, de apenas uma poesia, a que démos logar no Appendice IV (**398**), o codice membranaceo attribue as ultimas duas a um trovador diverso, sem nome, como todos os que

---

1) Quando em 1892 esbocei a evolução da arte trovadoresca, o documento em que baseio hoje as minhas conjecturas, era-me desconhecido. Suppus então os filhos de D. Maria Paes nascidos nos ultimos seis annos da vida de Sancho I (1206—1211) e estabeleci como data mais tardia da cantiga Nº 38 o anno 1206. — *Grundriss* IIb, p. 177 n. 1.

2) Por descuido na composição omittiu-se, no meio da *Nota* 7 da pag. 318, o passo seguinte: O facto que as propriedades que o monarca lhe dera, eram muito mais numerosas resulta das Inquirições de Affonso III. Vid. p. 476 (Lavra, julgado da Maia): *Et alia Ve casalia et tercia fuerunt Dompne Marie Pelagii: et dixit quod audivit dici quod Dominus rex avus istius Regis dedit illa sua casalia Dompne Marie Pelagii sed nescit utrum sit verum nec ne; tamen dixit quod semper ea tenuit Dompna Maria Pelagii dum vixit.* Cf. 480 (Avellaneda) *et dixit quod fuerunt inde XIIcim casalia Domne Marie Pelagii et de istis XIIcim casalia dedit inde Dominus Rex Sancius Dompne Marie Pelagii ij morabitinos* etc.; e ainda p. 481, 482, 485.

3) O Summario que serve de titulo ao nosso Appendice III (Vol. I, p. 743) não é claro nem exacto. Em lugar de attribuir a Pero Velho as cantigas **392—397**, devia ter posto:

392—395 *de Pero Velho de Taveiroos;*
396 *de Paay Soares e Martim Soares;*
397 *de Paay Soares.*

lhe são privativos. (Veja-se a *Biogr.* immediata.) — Não existe d'elle cantar algum *de amigo.*

O nome *Martim Soares* era trivial no Portugal antigo, tanto como o é no moderno. Na falta de distinctivos, a identificação tornava-se por isso muito arriscada. Falhou a que fazia de Martim Soares um irmão dos dois Velhos de Taveiroos, seus collegas; falhou outra que procurava nelle um procere que vemos confirmar o *Regimento* de D. Affonso III, conjunctamente com D. Estevam Annes e D. João de Aboim;[1]) e ainda a que o considerava como senhor de Baguim, parente dos Mogudos de Sandim e pae de Martim Alvelo.[2])

Pelas preciosas indicações do collector primitivo das poesias gallaïco-portuguesas sabiamos dois factos importantes: 1°. Martim Soares era oriundo de Riba de Lima e 2°. acreditado entre os outros trovadores como o melhor artista do seu tempo.[3]) Dos seus versos respigamos mais alguns elementos. Na patria vemo-lo ao lado não só dos Velhos de Taveiroos,[4]) mas ainda em relações, quer fossem de amizade, quer hostis, com o infanção minhoto Ruy Gomes de Briteiros[5]) e com o rico-homem D. João Soares Coelho,[6]) duas notabilidades do tempo do Bolonhês. Em Castella fraternizou com segreis velhos da côrte de El-Rei Sabio, como Affons' Eannes do Cotom.[7]) Conheceu provavelmente a Rodrigu' Eannes Redondo,[8]) Pedr'Amigo e Vasco Peres,[9]) por occasião da tomada de Jaen,[10]) e ainda a Pero da Ponte. Em desafio com este engenhoso trovador[11]) aguçou chacota alegre contra o cavalleiro-trovador Sueir' Eannes. Não contente de tratar de fingida uma sua viagem á Palestina,[12]) deprecia (salvo erro)

1) *P. M. H.: Leges* I, p. 189.
2) *Zeitschrift* XX, p. 56.
3) **CA 396 = CB 116**: *Este Martin Soares foy de Riba de Limia en Portugal e trobou melhor ca todolos que trobaron e assi foi julgado antr' os outros trobadores.*
4) **CA 396.**
5) **CA 398**, **CB 1543** e **1544**.
6) **CV 1012** e **1013**.
7) **CV 966** e **967**.
8) **CV 1148**.
9) **CB 1509**.
10) Ha referencias a *Jaen* ainda na cantiga **CB 1552** (de certo *Nunes*); em **CV 429** (de *Paay Gomes Charinho*); e **CB 1509** de Pedr' Amigo de Sevilha.
11) **CV 1170, 1179, 1184**.
12) **CA 395**.

as suas canções, gratissimas aos ouvidos da arraia miuda[1]) a ponto de provocar as envejas e satiras malevolas dos mais distinctos officiaes do seu officio. É realmente uma lastima que se perdessem estas obras vulgares, de que Martim Soares dizia:

Ben quisto sodes dos alfayates,
dos peliteiros e dos mo[e]dores;
de vosso bando son os trompeyros
e os jograres dos atambores
porque lhes cabe nas trompas vosso son;
para atambaes (ou: atambores) *ar dizen que non*
acham no mund' outros sões melhores!

Tomou parte, penso que em Portugal, num torneio de maledicencia, instaurado contra certo João Fernandes, um pobre mouro mal-talhado que mostrou velleidades de tomar a cruz, na época calamitosa quando a soldadesca infrene do emperador Frederico ameaçava Roma e os Tartaros invadiam a Europa.[2]) A esta satira pode-se assignar afoitamente a data 1241—1244.

§ 216. Outra ha que estou disposta a collocar no quarto ou terceiro decennio — entre 1227 e 1236 —, persuadida de ouvir, por entre as palavras sarcasticas mas comedidas do poeta aulico, roncos e rugidos surdos de cólera mal reprimida contra as violencias e os innumeros desmandos, praticados por infanções e ricos-homens como o Senhor de Lumiares, em tempos de Sancho II, aquelle rei

que tanto em seus descuidos se desmede
que de outrem quem mandava era mandado.[3])

Acho a nossa cantiga **398** importante a ponto de merecer commentario um pouco desenvolvido, o qual vou distribuir em duas

1) **CV 965**: *Est' outro cantar fez de maldizer a um cavalleiro que cuidava* (ou: *cuidavam?*) *que trobava muy ben e que fazia muy bons sons e non era assi.* Como se vê, falta aqui o nome do vilipendiado. A comparação com as cantigas **1170**, **1179** e **1184**, vibradas por Pero da Ponte contra Sueir' Eannes, torna todavia aceitavel a minha hypothese.

2) **CV 975** e **978**. Cf. **CV 1149**, **1013**; **CB 1543** e **1544**.

3) *Lus.* III, 91. — Cf. § 203. Os excessos e actos de prepotencia do inglorio periodo acham-se amplamente documentados nos Inqueritos dos reinos posteriores. — (Vid. Herculano II Nota XXIV.) — Cf. *Biogr.* II. A opinião official sobre D. Sancho Capello acha-se registada no velho *Chronicon* (*P. M. H.: Script.* p. 31) pelas palavras: *começou de seer muy boo Rey e' de justiça. Mais ouue maaos conselheiros e despois de alli em diante nom foy justiçoso . . . E cassousse com Micia Lopes. E des alli foi pera mal.*

partes. Trato aqui dos pontos historico-genealogicos, visto que já tratei os que tocam a costumes medievaes nas *Notas* do Vol. I.[1])

§ 217. A epigraphe com que devemos caracterizá-la é *Netas de Conde,* ou então *O rouço de D. Elvira,* porque o assumpto principal é ministrado pelo rapto impune de uma d'essas, havendo allusões a certas aventuras escandalosas de outras netas da mesma estirpe, designadas transparentemente por meio de aquelle circumloquio.

Ninguem em Portugal ignorava no sec. XIII quem eram essas *Netas de Conde:* as de Sousa ou Sousela. Para dar ideia aos do sec. XX do logar preeminente, ou unico, que a familia occupava, bastará dizer que já havia Sousas quando ainda não existiam reis de Portugal. Entre as tres dezenas de magnates, cujos nomes o ignoto auctor do mais archaïco cadastro da nobreza peninsular transmittiu aos posteros, como sendo *padrões de onde descendem os filhos dalgo de Portugal,* o posto de honra é concedido a D. Egas Gomes de Sousa,[2]) o primeiro que no reinado glorioso de Alfonso VI começou a usar do apellido, por ser senhor de terrenos percorridos por aquelle affluente do Doiro que hoje abastece de bellissima agua a invicta cidade.[3])

No appenso ao *Livro Velho* retrocede-se muito mais: até ao quarto avô d'aquelle rico-homem, o semi-mythico Uffo ou Avufo Belfager,[4]) pae de Santa Senhorinha, para nelle entroncar nada menos que a quinta parte dos bons e ricos homens que devem „armar e criar" os fidalgos, e que „andaram á guerra a filhar o reino de Portugal."[5])

O *Livro do Conde,* tanto o fragmentario que anda junto ao Cancioneiro, como o treslado completo da Torre do Tombo, dá mais

---

1) Em redacção diversa já patenteei os meus materiaes ao publico allemão. — Vid. *Randglosse* XVII.

2) *P. M. H.: Script.* 143. — A genealogia dos Sousas occupa no *Livro Velho* dez paginas infolio (153).

3) Não deu, todavia, nome ao celebre mosteiro de Paço de Sousa, que encerra o tumulo de Egas Moniz. Como fundador d'aquelle convento, os nobiliaristas designam a certo D. Troctosendo Guedes. — *P. M. H.: Script.* 333 e 335.

4) Este Uffo seria um Normando, vindo em oração a Santiago? talvez algum *Wulf Harfager?*

5) Vid. *P. M. H.: Script.* 175, onde se imprimiu *Belfages.*

um passo nas trevas do sec. IX, mencionando a D. Soeiro Belfager como pae de D. Ufo, a quem chama Ufo Soares Belfager.[1]

Abstrahindo da poetica lenda de Santa Senhorinha de Basto,[2] e tambem dos contos de *vendetta* nacional, relativos ás cinco gerações mais antigas, darei a lista genealogica, passando de pae a filhos do primeiro Sousa em deante, e illustrando-a com algumas noticias historicas.[3] Senhores a principio das terras só de Panoias, entre a serra do Marão e o rio Tua, desde o Doiro até Murça, as suas herdades foram avolumando-se constantemente até 1286, como consta do inquerito então aberto por D. Denis.[4]

§ 218. 1°. D. Egas Gomes de Sousa (fl. 1110), casado com D. Gontinha Gonçalves da Maia, filha, segundo a fama, do celebre *Lidador*. Morreu em 1170, com noventa e tantos annos.[5]

2°. D. Mem Veegas (fl. 1140), casado com Teresa Fernandes, filha de um mouro cristianizado por D. Alfonso VI.

3°. D. Gonçalo Mendes de Sousa I (fl. 1170), companheiro de armas do primeiro rei de Portugal. Casou tres vezes. Os nomes indicados variam. Uma das esposas, Dordéa Vẽegas, filha de Egas Moniz, não teve prole. Não foi feliz com Sancha Affonso das Asturias,[6] por esta agradar demasiadamente a D. Affonso Henriques. Só a infanta Urraca Sanches,[7] filha de uma irman do monarca, lhe deu successores. Penso ser elle o que foi sepultado no claustro do mosteiro de Alcobaça, onde na parede fronteira á casa do capitulo se lê na parte inferior de uma pedra em que está esculpido um homem a cavallo: *Hic requiescit Dnũs Gondisaluus Menendi de Souza cujus anima requiescat in pace.*[8]

---

1) *P. M. H.: Script.* 190 e 288.

2) O original em latim acha-se na collecção academica (*Script.* 46—53); uma reducção portuguesa, em estylo primoroso, na obra de Braamcamp em que pertence aos *Sousas* o Capitulo IX, p. 105—109.

3) Servirá para preenchimento da lacuna deixada pelo auctor citado, visto que omittiu exactamente as gerações do sec. XIII, saltando de Egas Gomes ao Conde D. Gonçalo Garcia.

4) Vid. Braamcamp, 139, onde se lê a resenha dos principaes logares, deixados em 1286 pelo Conde. Entre elles encontra-se parte dos bens doados por Sancho I á Ribeirinha, assim como o sumptuoso paço de Lalim que passou ás mãos do Conde de Barcellos.

5) *Script.* 144, 176, 190, 288.

6) Ou Sancha Alvaro ou Alvares. Parece que a abreviatura *A°* foi resolvida de duas maneiras.

7) Ou Teresa Sanches.

8) Omitto o irmão de D. Gonçalo (D. Soeiro Mendes) e suas quatro irmans, para abreviar.

4°. D. Mendo — mais exactamente *D. Mem*, *Gonçalves I* — por antonomasia *o Conde, o bom Conde*, ou *o Sousão* — valido de Sancho I, era considerado como o mais notavel rico-homem do seu tempo. Tomou parte em todas as empresas bellicas e pacíficas do rei até á tomada de Silves, a 3 de Set. de 1189.[1]) Surprehende não haver noticia da sua morte, nem da sua sepultura. Deixou larga descendencia da sua mulher D. Maria Rodrigues, filha do Conde castelhano D. Rodrigo, o Velloso.

5°. D. Gonçalo Mendes de Sousa II, companheiro de armas del-rei na tomada de Elvas, Serpa e Ayamonte, mordomo-mór de 1189 em deante, e executor principal do seu testamento. Por isso mesmo foi, logo no começo do governo de Affonso II, substituido naquelle cargo, tendo de resistir ás tropas régias, commandadas por Martim Annes de Riba de Vizella, perto de Montemór (1211), nas lutas civis sobre a herança do fallecido.[2]) Em seguida sahiu da patria, vivendo na côrte do Leonês, que apesar de divorciado por imposição do papa de D. Teresa de Portugal, senhora de Montemór, continuava a dedicar-lhe sincero amor. Em 1218 ou 1219, tendo-se chegado a uma concordata sobre o testamento, regressou. Em 1223 figura como chanceler de Sancho II,[3]) e como governador de Lamego e Viseu em 1235 e 1236.[4]) Fallecido em 1243, jaz em Alcobaça, onde seu epitaphio diz laconicamente: *Era 1281 obijt Dnūs Gondisaluus. P. N. pro anima.* Casado com Teresa Soares, deixou um unico varão que morreu sem descendentes, e varias filhas, que são as primeiras *Netas de Conde*, que se nos deparam.

6ª. D. Mendo Gonçalves II, vivo em 1224,[5]) casado com uma filha de Affonso Telles, o de Albuquerque, da qual nasceu uma D. Maria Mendes, casada em Leon com um dos bastardos de Alfonso IX.

6ᵇ. D. Mór Gonçalves, consorciada com D. Affonso Lopes de Baião,[6]) rico-homem trovador, que tambem tomou, como depois veremos, para ponto de partida de uma sua obra de escarnho, os mesmos acontecimentos que emocionaram a Martim Soares.

1) *Mon. Lus.* XII, c. 7. — Herc. II, p. 30, 439, 451.

2) Vid. § 203 (p. 299 nota 2). — *Script.* 201 e 152. — Herc. II, p. 456, 461, 474. — *Mon. Lus.* XIV, c. 5.

3) Herc. II, 475, 5.

4) Ib. 476, 12 e 495, 4.

5) *Mon. Lus.* XIV, c. 5. — Herc. II, p. 466 e 476.

6) *Biogr.* XXII e *Biogr.* V.

6c. D. Maria Gonçalves,
6d. D. Sancha Gonçalves, } monjas ambas no aristocratico mosteiro de Arouca.

O senhorio da casa passou aos descendentes do filho segundo do bom Conde, por elle ter fallecido antes do irmão primogenito.

5b. D. Garcia Mendes, d'Eixo, ou d'Eixô,[1]) figura na côrte, de 1218 até morrer em 1239. Jaz, com a esposa, D. Elvira Gonçalves, filha de Gonçalo Paes de Toronho, no claustro de Alcobaça[2]) Os dois letreiros dizem: *Era MCCLXXVII tertio Kal. Martij obijt Donnus Garcias Menendi felicis recordationis. Comitis Donni Menendi filius et pater Comitis Donni Gundisalui. Anima eius requiescat in pace.* E o outro: *Era MCCLXXXIII, XVII Kal. Ianuarij obijt Domina Eluira Gunsalui uxor Domini Garciæ Menendi. Requiescat in pace.* Este Sousão é o primeiro trovador da familia. Nos Cancioneiros, ou infelizmente só no **CB**, conservou-se uma unica cantiga sua, importantissima não só porque o mostra longe da patria, com saudades da terra natal:

e ora me volho tornar,
a Sousa a lo mon logar,
que me adota e me dona,[3])

mas tambem por ser composta em lemosino (catalanesco). É verdade que tão viciada está que a tentativa de a restaurar completamente, talvez seja desesperada. A rubrica que parece dicer *Esta cantiga foi feita a Roy de Spanha em Monfalcó (?) seu condado (?)* dá margem a varias considerações. O hypothetico Monfalcó será Monfalcó de Agramunt, que não fica muito longe de *Pavía*[4])? Este Roy será o trovador provençal *Rodrigo?*[5]) Relacionou-se D. Garcia antes de 1218 com o velho trovador João Soares de Paiva? Conheceu o Senhor dos Cameiros? o de Haro? e os provençaes e catalães da côrte de En Peire II e do moço D. Jaime? São problemas que não sei resolver.

---

1) Ao pé de Aveiro. Ambas as formas (*Eixo* e *Eixoo*) occorrem em documentos.

2) *P. M. H.: Leges* 582, 584, 593, 594. — *Mon. Lus.* XIV, c. 5 e 29. *Hist. Gen.: Provas* I, 159 e 162. — Herc. II, 474 1 e 2; 475 (9).

3) **CB 454** (= **346**).

4) Prov. de Lerida. Os outros dois estão situados nas provincias de Barcelona e Huesca.

5) Bartsch, *Grundriss* 424.

Antes de fallar de seus sete filhos (6^a—6^g), entre os quaes ha dois poetas, registemos os nomes dos irmãos:

5^c. D. Vasco Mendes, senhor de Corva[1] e governador de Bragança de 1223 a 1236,[2] depois da repatriação dos irmãos mais velhos. Morreu sem casar, parece que em 1242. D. Frei Francisco de S. Luis encontrou na galilé do convento de Pombeiro (padroado da casa de Sousa) uma lapide que dizia: *VI ns. martii ob. Don. Velasc. Menendi filius comitis menendi E. MCCXXX.*[3] Ao copiar escapou, de seguro, o L. da data, devendo lêr-se MCCLXXX, porque a existencia d'este filho do Conde ainda em 1236, como governador de Bragança, está provada por documentos.[4] Muitos outros da familia jazem no mesmo mosteiro.

5^d. D. Rodrigo Mendes, senhor de Cidadelha,[5] o unico da familia que parece ter tomado o partido de Affonso II contra seus irmãos,[6] floresceu na côrte d'este e na do successor, eclipsando-se todavia mais cedo que os outros.[7] Herculano imagina por isso, morresse antes de 1230, o que deve ser falso, em vista do epitaphio alcobacense que colloca o seu fim em 1262, dizendo: *Era MCCC in mense 8^{bris} obiit Rodericus Menendi cujus anima requiescat in pace.*

5^e. D. Henrique Mendes, de cuja existencia os linhagistas não nos informam, tambem figura em 1223 e 1224, desapparecendo em seguida.[8]

5^f. D. Guiomar Mendes casou com D. João Peres da Maia. Os dois procrearam tres filhas, as *Netas de Conde:*

6^e. Mari' Annes, que se consorciou com D. Gil Martins, o fiel partidario de Sancho Capello, filho d'aquelle Martim Annes, já nosso conhecido, que morreu nos paues de Montemór, rico-homem de poder quasi igual ao dos Sousas, e cujo espirito emprehendedor é caracterizado de modo desusado, pela communicação que *quis quebrar o penhasco na foz do Rio Ave,* certamente para facilitar a

---

1) Herc. II, 475.
2) Ib. 474, 3; 475, 5 e 9; 476 12. — *Mon. Lus.* XIV, c. 5. — *Hist. Gen.* XII, p. 237—239.
3) Braamcamp 419. — Herc. II, 495, 4 e 497. — Cf. 502, 19.
4) Herc. II, 495, 5; 497. — Cf. 502 Nº 19.
5) Id. II, 475.
6) Id. II, 288.
7) Id. II, 474 e 476 (1223).
8) Id. II, 474, 3 e 475, 7 e 9.

entrada de navios em Villa do Conde. D'este casal nasceu uma Teresa Gil (7ª) que permaneceu em Castella depois de 1248, onde entrou nos paços regios, creio que perto de 1260 tornando-se ahi favorita do filho segundo de Alfonso X, Sancho o Bravo.

6f. Elvira Annes, a principal heroïna da nossa cantiga, segundo as indicações explicitas da rubrica, que reza assim: *Esta cantiga de cima fez Martim Soarez a Roy Gomez de Briteyros que era Ifaçon — [e depois fez lo el Rei] ricomen — porque roussou Dona Elvira Annes, filha de Don Joan Perez da Maya e de dona Guyamar Meendiz, filha del Conde Meendo.*[1]) O que ahi se assenta, concorda em absoluto com as noticias dos nobiliaristas.[2]) A neta do *Conde* e bisneta do *Lidador* deixou-se raptar pelo simples infanção, um *Junker* qualquer. E longe de perseguir com odio o insolente e brutal seductor, instigando a sua linhagem a tirar vingança sangrenta — dando-o por homiziado ou desafiando-o, seguindo o exemplo da Ribeirinha, ou o dos Limas, contra os quaes D. Lopo Rodrigues d'Ulhó teve de defender a sua presa (D. Teresa Fernandes Batisella) com trezentos cavalleiros[3]) — D. Elvira deu-lhe a mão de esposa legitima em nupcias solemnes.

6g. Teresa Annes, mulher de Fernand' Eannes de Lima.

Além de D. Guiomar, houve mais duas filhas legitimas do Conde.

5g. Urraca Mendes, casada em Hespanha, com Nuno Perez de Guzmão, o Bom, o que batalhou nas Navas de Tolosa.

5h. Mor Mendes que falleceu em 1208, casada com certo D. Pedro, segundo refere a inscripção tumular em Alcobaça.

Passemos agora aos herdeiros da casa, filhos de D. Garcia Mendes.

6h. O Conde D. Gonçalo Garcia,[4]) desde 1243 chefe da familia, governador das terras de Neiva e de Barroso, alferes-mór

---

1) O que vae entre colchetes é restituição minha. Os travessões que accrescentei, esclarecem sobre o meu modo de entender estes dictos. Seria superfluo explicar porque é que ligo a proposição subordinada causal á proposição principal: *Esta cantiga fez M. S.*

2) *Script.* 195, 291, 349. (Cf. 150, 156, 158, 184, 287). Ahi se diz em termos quasi identicos: „*Esta Elvira Annes rroussou-a Ruy Gomez de Briteiros que era infançom; e depois casou com ella. E depois fez elrey dom Affonso este dom Ruy Gomez rricomem e deulhe vendam e caldeira.*"

3) *Script.* 173.

4) *Mon. Lus.* XV, c. 9 e 36.

de Affonso III, de 1254 a 1277, e seu genro desde que em 1273 esposou D. Leonor Affonso, bastarda régia já então viuva de outro Sousão, seu sobrinho (7e Estévam Annes).[1]) Morreu em 1286 sem successão, acabando com elle a antiga varonia da casa de Sousa. É o segundo da estirpe que ouvimos poetar, ainda antes de 1245. Na unica amostra do seu talento que se conservou, uma cantiga humoristica como a de Pay Soares de Taveirós, escarnece da má-ventura de outro guarda-gyneceos, recommendado-lhe mais cautela e esperteza, pois lhe furtaram (d'esta vez dos paços de D. Rodrigo Sanches) uma formosa donzella, muito filha d'algo. Cautela e muita vigilancia, visto que a elle, D. Gonçalo Garcia, appetecia de veras, levar raptada certa bella da sua paixão.[2]) Mais uma vez recordo a quem lêr estas paginas que D. Rodrigo Sanches succumbiu em 1245 ás feridas que recebera na lide do Porto, e accrescento que o valente e alegre filho de Sancho I e da Ribeirinha é aprazivelmente caracterizado no seu epitaphio como *alter Rotlandus, actu verboque facetus, numquam moestus, sed in omni tempore laetus.* Pena é que o medonho accrescento, ingenua e sinceramente encomiastico, *vitans incestus,* evoque *incontinenti* a lembrança de tantos crimes hediondos, commettidos exactamente nos decennios em que floresceu.

6i. D. Mem Garcia de Sousa, a quem já me referi na *Biographia* III, contando que esposára Teresa Annes, filha da Ribeirinha e de seu ultimo consorte, prima direita por tanto da Codorniz, cuja leviandade inspirou o Conde, governou Tras-os-Montes em 1235 e 1236.[3]) Da sua prole nomearei apenas a herdeira e os que na mente de Martim Soares pertenciam (salvo erro) ao grupo de degenerados que importava marcar e expôr no pelourinho da ignominia.

---

1) *Hist. Gen., Provas* I, 11 e IV, 735.

2) **CB 455** (= **347**) „*Esta cantiga de cima fez o conde don Gonçalo Garcia en cas don Rodrigo Sanches por ũa donzela que levaron a furto, que avia nome Codorniz et o porteiro avia nome Fiiz.*" — Vid. *P.M.H.: Script.* 174, dizeres que completam o quadro, embora divirjam quanto ao estado da raptada, pois affirmam o seguinte: *E esta D. Maria Codorniz* (sobrinha de D. Maria Paes Ribeira e D. João Fernandes Batisella) *rouçou-a João Bezerra de casa de D. Rodrigo Gomes* (sic. cf. *Biogr.* III, p. 314, nota 3) *e fege nella Gonçalo Gomes o gordo; e fora ante ella casada com Martim Martins Marinho e fege nella D. Pero Martins Marinho.* Segundo estes dizeres, estava casada, ou era viuva. — Cf. *Randglosse* XVI.

3) Herc. II, 388, 479, 480, 495 (4), 496 (5), 497.

7[b]. D. Gonçalo Mendes de Sousa III, de ingloria recordação, attentou contra a honra da propria irman, tendo de expiar o seu crime no Ultramar, onde morreu esquecido.[1])

7[c]. D. Maria Mendes, sua victima, que não participou ou dos bens da casa, julgo que por causa d'aquelle crime, comquanto tivesse encontrado, posteriormente, marido nobre. Da sua união com Lourenço Soares de Valladares nasceu[2]):

8[a]. D. Inês Lourenço, que se matrimoniou com um filho do Bolonhês e de uma moura, chamado Martim Affonso Chichorro. Os dois são progenitores de outro Martim Affonso Chichorro (9[a]), o qual raptou uma abadessa de Arouca, da linhagem do raptador de D. Elvira — D. Aldonça Annes, filha de D. João Rodrigues de Briteiros. Tiveram mais uma filha, Maria Chichorro, que foi pretendida por outro varão da familia de Briteiros, e nos occupará no capitulo seguinte (§ 224).

7[d]. D. Constança Mendes herdou, após um litigio que durou até 1288, grande parte dos haveres do Conde D. Gonçalo e de Mem Garcia.[3]) Era seu esposo (desde 1265, o mais tardar) o rico-homem D. Pedro Annes de Portel, filho do magnate e trovador D. João de Aboim, o maior privado do Bolonhês.[4]) Morreu em 1298. Da sua descendencia só uma filha vingou: D. Maria Pires Ribeira[5]) (9[b]), de cujo enlace com um meio-irmão del rei D. Denis sahiu novo ramo de Sousas, o qual perdura. D. Branca, sua irman (9[c]), casada com um dos filhos bastardos do monarca trovador, i. é o Conde de Barcellos, morreu antes de 1304.[6])

Resta-me enumerar os outros filhos de D. Garcia Mendes d'Eixo:

6[j]. D. Fernam Garcia Esgaravunha, illustre trovador e esposo de D. Urraca Abril, a que já alludi na *Biographia* III e terei de tornar a referir-me mais tarde, porque entrou com importante peculio no nosso Cancioneiro.[7])

---

1) *P. M. H.: Script.* 155, onde se falla de certo Fernam Lopes que morreu alem-mar com Gonçalo Mendes.

2) Vid. na *Biogr.* II o quadro genealogico dos Valladares.

3) *Mon. Lus.* XVII, c. 47. — *Hist. Gen.* I, 159. — Braamcamp Freire 110, 113, 139.

4) *Biogr.* XIV.

5) *Mon. Lus.* XVII, c. 47 chama-a Maria Paes Ribeira, como se para seu appellido tivesse adoptado o nome inteiro da sua famigerada bisavó. Ha nisso engano manifesto, que passou para varios estudos modernos.

6) Cf. Cap. V.

7) *Biogr.* XI.

6^k. D. Pedro Garcia, do qual sei apenas que era Senhor de Albouja.

6^l. D. João Garcia, senhor d'Alegrete, de alcunha *o Pinto,* casado com Urraca Fernandes, filha de Fernam Pires Pelegrim, teve entre outros filhos a:

7^l. Estevam Annes, o qual casou em 1271 com D. Leonor Affonso, bastarda de Affonso III, deixando-a viuva ao cabo de dois annos.

6^m. D. Maria Garces ou Garcia, outra *Neta de Conde,* é, segundo creio, a segunda heroina da cantiga de Martim Soares. Pelo menos podia sê-lo, uma vez que não desdenhou ligar-se ao clerigo mais honrado de seu tempo, aquelle D. Gil Sanches, irmão de D. Rodrigo, que já mencionei e tornarei a apresentar ao leitor na sua triplice qualidade de prelado, filho de rei e trovador. A sua morte em 1236 cortou esta alliança, que devia ser considerada pelos contemporaneos como criminosa, por causa do intimo parentesco entre D. Gil — filho da Ribeirinha, e D. Maria, sua neta. De aventuras suas, ulteriores, nada sei. É provavel que se recolhesse em um convento.

§ 219. Isto bastará para comprehensão da cantiga, quer Martim Soares visasse unicamente D. Elvira Annes da Maia, a raptada (6^f), ou juntamente com ella a D. Maria Garces (6^m), a *barragana* do bastardo clerigo; ou ainda D. Maria Mendes (7^b) e Teresa Gil (7^a), que em rigor são bisnetas do Conde.[1]) Se o poeta se mostra indignado da aventura de D. Elvira, não é porque o rapto violento fosse então um meio novo e desusado de obtêr a mulher desejada. Até aqui já me vi obrigada a evocar a memoria de varias d'essas Sabinas portuguêsas, cujo cortejo inteiro seria extremamente longo.[2]) Instigados pela sua ardente paixão (de que morriam os melancholicos como Pero Rodrigues da Palmeira), os colericos e rudés guerreiros transposeram muito a miudo as fracas barreiras que porteiros assalariados, postados nas almenaras dos castellos solarengos, ou nas grades dos conventos, lhes oppunham, apesar das graves penas com

1) Das donzellas internadas em Arouca, nada sei. Devo comtudo notar que nos Nobiliarios se registam bastantes desacatos commettidos contra monjas e abadessas d'aquelle privilegiado retiro, que não cedia em nada á fama desgraçada do convento de Lorvão e muito depois á do mosteiro d'Odivellas.

2) Quem quiser abra os Livros de Linhagem a p. 152 ou a *Hist. da Administração* de Gama Barros vol. I, p. 417.

que as leis ameaçavam o rouçador. O que indignava o trovador era a connivencia da rica-dona; a brandura dos Sousas, que deixavam manchar a sua honra secular e torcer o seu orgulho; a audacia e astucia do tenacissimo fidalgote Ruy Gomes de Briteiros — simples *miles*, e talvez vassallo dos Sousas; e a pouca escrupulosidade do reinante, que elevou a linhagem do rouçador ás mais altas honrarias.

Ao fallar de Ruy Gomes apresentarei as provas das relações de dependencia dos Briteiros para com os Sousas, contando que um irmão de Ruy foi armado cavalleiro por Gonçalo Mendes II. Então veremos tambem que o rapto se realizou em 1227, segundo os meus calculos, mas que as honrarias, dispensadas ao raptador tres ou quatro lustros depois (creio que entre 1248 e 1252 pelo Bolonhês, quando o filho d'aquella união já figurava na côrte) eram a paga de serviços politicos, prestados de 1245 a 1248, e não o premio da sua violencia juvenil. Por isso mesmo torna-se aceitavel a supposição que os *Sousas* e os *Maias*, scientes das qualidades do infanção e das suas esperanças num futuro brilhante, que o favor do Bolonhês prognosticava, se curvaram deante do facto consummado, cohonestando-o.

São estas considerações que me dispõem a collocar a cantiga, conjecturalmente, no anno 1227. Mas como nella se falla de viuvas, casadas e donzellas, lembro-me do caso de D. Gil Sanches e ponho 1227 ou 1236. Comprehenderia, porém, que outrem preferisse datá-la de 1248, visto que na rubrica explicativa ha allusão ao engrandecimento do infanção,[1]) e tambem por não sabermos se essas notas em prosa foram redigidas na data da composição pelo proprio auctor, ou no acto da colleccionação do cancioneiro pre-alfonsino e alfonsino, i. é no fim do reinado do Bolonhês ou principios do governo de D. Denis.

§ 220. No quinto decennio encontramos a Martim Soares em Hespanha. Ignoramos todavia, se a anarchia reinante, a inimizade dos Sousas, ou simplesmente o desejo de visitar as côrtes vizinhas o levaram para lá.

---

1) No contexto da cantiga ha referencia apenas á entrada do raptador na familia do Conde, e aos beneficios que este passo lhe grangeava, mas não á sua subida na *climax* nobiliarchica. Com respeito ao outro patriarca — Gueda, o Velho — nomeado por Martim Soares, vejam-se as *Notas* do Vol. I.

A cantiga que falla de Jaen deve ser dos annos immediatos a 1246.[1]) Sendo de presumir que as que datei não sejam as primeiras composições de Martim Soares, podemos collocar a sua principal actividade poetica no reinado de D. Sancho II, posto que alcançasse o do successor.[2])

§ 221. Ha pouco, descobriram-se no Archivo Nacional alguns documentos que lhe dizem respeito.[3]) Provam elles que Martim Soares era pae de aquelle João Martins Trobador, mencionado de passagem nos quatro Nobiliarios por causa da sua alliança com uma dama „do sangue dos Godos.“[4]) Provam mais que esse filho era homem de maior idade em 1269,[5]) e residia em Santarem, entre a vasta clientela do magnate D. João de Aboim, riquissimo mordomo de D. Affonso III, do qual nos occuparemos na *Biographia* XIV. Antes de 1286 esse filho do poeta chegou a occupar o posto de alguazil,[6]) subindo muito mais tarde, perto de 1303, á categoria de cavalleiro (*miles*) — particularidade que nos autoriza a suppôr que o pae não era nobre. E provam ainda que a viuva d'elle, D. Maria Soares, depois de tornar a casar com certo

1) **CV 967**.

2) Ha muitas mais allusões pessoaes nas suas rimas p. ex. a uma sua irmã „molher de mau preço“ (**CV 977**) e ao jogral *Lopo Citola* (**CV 971** e **974**). Todas ellas são curiosas, mas nenhuma serve para o nosso fim.

3) Vejam na *Rev. Lus.* V, 117—136 o artigo entitulado: *O trovador Martim Soares e seu filho João Martinz,* estudo consciencioso de Pedro A. d'Azevedo. Na parte geral, sobre a importancia de Santarem, ha opiniões que não me parecem seguras.

4) *P. M. H.: Script.* I, 170, 178, 207, 302. Julgo procedente a hypothese que João Martins recebeu o titulo honorifico *Trobador* por herança, graças ao talento superior do pae, sem o merecer por obras proprias. Nos Cancioneiros, pelo menos, não se encontra o seu nome. E nos cadastros da nobreza empregam-se, com relação a fidalgos que realmente poetaram, formulas diversas e muito mais explicitas: *que foi bom trobador* (p. 166 com respeito a João Soares) — *o que trobou bem* (192 e 290: Esgaravunha) — *que foy muy boo trobador e mui saboroso* (272: Gaia) — *e era muy bom trobador* (349: Praga) — ou pelo menos o nome acompanhado do artigo definido *o trobador* (199: Valladares, 201 e 297: Paiva), em forma de apposito. Só no caso de João Martins o accrescento *trobador* segue ao nome directamente, sem artigo, como parte integrante; tanto nos Nobiliarios, como nos documentos. Por junto uma duzia de vezes. Numa passagem lemos todavia *Johannes Martinj uicinus Sanctarenensis trobador*, o que pode significar alcunha, mas tambem exercicio da profissão.

5) Neste anno assigna uma escriptura particular, relativa a D. João de Aboim. Segue outra de 1287.

6) *Rev. Lus.* V., Doc. de 1288 e 1294. — *Mon. Lus.* XVI, c. 48 (1286).

João Affonso, afazendado em Rio Maior, ainda vivia em 1303 como familiar do mosteiro de Alcobaça.[1]) É pena que do mais antigo dos documentos não conste claramente se Martim Soares ainda então estava vivo. Aliás saberiamos se era certa a conjectura de Lollis[2]) e Lang[3]) que prolongam a sua carreira até 1270, na falsa crença de que todas as cantigas de Ultramar derivam da mallograda expedição levantina de D. Jaime de Aragão, a qual serviu de prologo á ultima cruzada (1269).[4]) Não o creio. Parece-me acertada outra hypothese do illustre professor de New-Haven, pela qual identifica com Martim Soares um homonymo que desempenhou funcções de jurado em 1220, nas mesmas terras de Riba de Lima onde nascêra o trovador.[5])

Nas suas importantes investigações sobre concordancias de pensamento e de dicção nas poesias trovadorescas provençaes e portuguesas,[6]) o mesmo erudito demonstra que Martim Soares colheu ideias e modismos impressivos na vasta litteratura do sul da França. E tira a conclusão que o nosso auctor se encontrou muito provavelmente nas côrtes de Hespanha e Aragão com alguns dos mestres estrangeiros que as visitaram na primeira metade do sec. XIII, como Uc de Saint-Circ e Aimeric de Pegulhan, conhecendo ainda as obras de Peire Cardenal e Raimbaut d'Aurenga.[7]) E realmente,

---

1) A formula „*molher em outro tempo de Martim Soares Trobador — quondam mulier Martini Sueirii trobador* — parece ser allusiva a tempos um tanto afastados. Concluir que Martim Soares viveu em Santarem, unicamente por seu filho ter assistido ahi de continuo, não convence. Facto é que o trovador menciona duas vezes aquella cidade (na nossa cantiga **395**); mas como igualmente falla de varias outras localidades portuguesas e castelhanas, não se pode tirar d' ahi illação alguma. Sobre João Martins confira-se na obra de Frei Brandão o Livro XVI, c. 48 e 53 e XVII, c. 26. Um João Martins, que assigna documentos no tempo de Sancho II (*Mon. Lusit.* XIV, c. 19 e *Escr.* XIX) e ainda as Leis de Affonso III (ib. XV, c. 13 e 18 *Escr.* XXVII), era personagem diverso. Braga erra ao indicar 1228 e 1238 como annos em que o João Martins trovador apparece em alguns diplomas (*Canc. Vat. Rest.* XXIX, LVI e XLVIII) — êrro que repeti no *Grundriss* 177 e 190.

2) *Stud. Fil. Rom.* IV, 42.

3) **CD.** p. XXXVI.

4) Vid. *Randglosse* V.

5) *P. M. H.: Inquis.* 1, 46, 48, 192, 193.

6) *Mod. Lang. Notes* X, 214—216: *The relations of the earliest port. lyric school with the troubadours and trouvères.*

7) *As these provençal poets flourished at the time when M. S. began his poetical career, we may not be so very wrong in supposing that he met them at one of the peninsular courts where they sojourned.*

as relações já apontadas com Affons' Eannes do Cotom e Pero da Ponte tornam incontestavel a sua sahida de Portugal, reinando ahi Sancho Capello e nos reinos vizinhos Fernando o Santo. Teria portanto occasião de ver e ouvir Ademar o Negro, Elias Cairel, Guiraut de Bornelh, Guilhem Ademar e talvez Sordello, o Mantuano.

V. Desconhecido I: talvez Ruy Gomes de Briteiros.

§ 221*. O **CB** attribue as nossas cantigas 62 e 63 a Martim Soares, auctor dos antecedentes e principalmente do sirventês sobre o caso da neta do bom Conde, D. Elvira Annes da Maia[1]) e seu raptador Ruy Gomes de Briteiros.[2]) Os originaes de que se copiou o nosso codice continham todavia indicações em contrario, dando-as como de auctor diverso, cujo nome não consta, por estar incompleto. Não me admiraria comtudo se as coplas jocosas sobre o desamor de D. Elvira, nas quaes se falla da Maia e de localidades circumvizinhas, fossem desabafos do proprio audacioso raptador, antes do acto de prepotencia criminosa por elle commettido, quando o seu galanteio com a rica-dona ainda não havia surtido o efeito ambicionado.

§ 222. Rodrigo ou Ruy Gomes era filho de Gomes Mendes e neto de Mem Pires, o primeiro Senhor de Briteiros.[3]) O pequeno solar, hoje e já então S. Salvador de Briteiros,[4]) fica entre Guimarães e Braga, perto das famosas estações archeologicas exploradas por Francisco Martins Sarmento. O bisavô fôra „natural“[5]) ou padroeiro de um convento de frades cruzios, Longos ou Longos-Valles, situado a pequena distancia da raia gallega, no Rio Minho. O pae apparece na côrte durante a menoridade de Sancho II,[6]) enaltecido pelo seu casamento com uma filha de Gomes da Silva.

---

1) **CA 398.**

2) Teremos de concluir que os versos de Ruy Gomes andavam annexos ao cancioneirinho de Martim Soares, Pero Velho e Pay Soares? E por ventura tambem juntos com os de Affons' Eannes do Coton? Vid. *Biogr.* III, as respectivas notas.

3) *P. M. H.: Script.* I, 153, 195, 291 (Tit. XXI, 16); 184, 287 (Tit. XXIII, 1).

4) *P. M. H. Inquisitiones*, e *Dipl. e Chartae* passim. O documento mais antigo em que encontro citada a villa de Briteiros é de 1059 (Charta 420; cf. 952). A villa tem hoje duas freguesias S. Salvador e S. Estevam.

5) Na linguagem foreira da idade-media chamavam natural de um mosteiro ao seu fundador ou parente de fundador que gozava de certos direitos de hospedagem, jantares etc.

6) Herc. II, 474 (A 1223).

Ruy Gomes, nascido no primeiro quartel do seculo (perto de 1210, parece) figura em 1245 entre os mais ardentes partidarios do Conde de Bolonha. Em fins de Abril d'este anno ainda assistia na patria, conspirando no Porto com outros nobres e prelados inimigos de Sancho Capello, contra seu valido D. Martim Gil e a Rainha D. Mecia Lopes de Haro. Em companhia do Bispo do Porto e o de Coimbra partiu em Maio para Leão de França a fim de presenciar o concilio convocado por Innocencio IV.[1]) Avido de dar novos documentos da superioridade do poder ecclesiastico sobre o poder temporal, o Papa ia pronunciar a deposição do Emperador Frederico. Não era porém este successo estrondoso o que mais interessava o fidalgo português, mas antes a promulgação de mais uma bulla contra o Rei de Portugal, sanccionando-se a quebra de vassalagem de todos os seus subditos, o que equivalia a um destronamento formal.[2]) De Leão, Ruy Gomes seguiu para o Norte, juntando-se em Paris aos conjurados. Ahi redigiu, com elles, os famosos pactos que Affonso III jurou guardar como Regente de Portugal, não sem amplas reservas mentaes.[3]) Nos ultimos dias do anno, ou nos primeiros de 1246, tornou ao reino, talvez por mar, na companhia do futuro soberano. Em seu nome e proveito percorreu as provincias, suscitando os descontentes e vendendo bens da corôa para juntar as grossas quantias que sabia serem indispensaveis para a guerra.[4]) Na tenaz resistencia, opposta ao usurpador, durante meses, por muitas povoações e fortalezas, prestou ainda serviços

1) Herc. II, 388—410. — *Mon. Lus.* XIV, c. 25 e 32.

2) É curioso ver a impressão produzida nos outros potentados da Europa pela deposição de Sancho. Conheço dois exemplos. O proprio Emperador apontou posteriormente para a sorte do monarca português como exemplo assustador da arrogancia do Papa, escrevendo a Fernando III de Castella: *adfectionem vestram rogamus attente quatenus diligentius advertentes, qualiter summus pontifex suis viribus qui nihil habere debet cum gladio non contentus in alienam messem falcem presumptuosus immittit et ut non longe a nobis petatur exemplum qualiter in regno Portugalliae honoris sibi usurpaverit dignitatem curas vestras et animos excitetis* (Petr. de Vineis, *Epist.* L. I, c. 15, apud Herc. II, 415). E Affonso X exclama em uma das suas cantigas, fallando da defecção de seus filhos e vassallos:

Nunca assy foi vendudo
Rey D. Sanch' en Portugal! (**CM 235**).

3) Herc. II, 406; *Mon. Lus.* IV, *Escr.* XXXV; ou Sousa, *Hist. Gen.: Provas* I, 51. D'ahi consta seu nome *Rodericus Gomesii de Britteiros*, a par de *Petrus Honorici* e *Stephanus Ioannes,* mas como simples cavalleiro (*miles*). — Cf. *Biogr.* XIV.

4) Herc. II, 407 e 408.

valiosissimos. Conseguiu p. ex. que o Castello de Lanhoso lhe fosse vendido.[1])

Tanto zelo teve o premio merecido. O infanção foi investido com as insignias de rico-homem: *pendão e caldeira.*[2]) Pouco depois occupava o cargo mais importante do reino, o de mordomo-mór, tendo todavia de ceder o passo, ao cabo de curto tempo, a outros privados como D. Gil Martins e depois ao predilecto do monarca, D. João de Aboim.

O rapto de D. Elvira deve ter sido anterior á revolução: o primogenito do fecundo enlace, *D. Mendo Rodrigues,* era homem feito não só em 1258,[3]) como até hoje se tem affirmado, mas já em 1252.[4]) Sem medo de errar, podemos por tanto datar o rapto de 1227, pouco mais ou menos, isto é da anarchica menoridade do filho de Affonso II.[5])

Penso que Ruy Gomes morreu cedo; ou então não soube desempenhar funcções administrativas á vontade do monarca: não teve tenencia alguma, nem apparece entre os confirmantes. Mas uma vez alliado aos Sousas pela força da sua vontade aparentou-se com as familias mais illustres do reino, não excluindo os ramos illegitimos da Casa Real.[6])

O estrondoso escandalo, provocado pela façanha de Ruy Gomes, recrudesceu, de certo, quando attingiu a dignidade de rico-homem, em virtude dos serviços prestados, mas — na opinião dos malevolos — por causa da sua criminosa prepotencia. Não torno a ponderar se a cantiga de Martim Soares tem mais probabilidade de ser de 1227

---

1) Herc. II, 410. — *P. M. H.: Script.* I, 349.

2) *Mon. Lus.* XIV, c. 18.

3) *Mon. Lus.* XV, c. 46. No tempo das Inquirições de D. Affonso III, i. é entre 16 de Maio e 23 de Outubro de 1258, Ruy Gomes tinha já filhos adultos. Em Calvilhe (julgado da Maia) onde era afazendado, pessoa interrogada disse: »quod medietas ipsius ville est Domni Egidii Martini, et Dompni Fernandi Johannis Gallecie et Dompne Taresie Martini et filiorum et filiarum Dompni Roderici Gomecii de Briteyros« (p. 478).

4) *P. M. H.: Leges* I, 620, Foral de Elvas. Uma sua irmã, freira do mosteiro de Arouca, tambem era de maior idade naquella data.

5) Cf. *Biogr.* III, nota.

6) No summario genealogico dos Sousas e no dos Briteiros, que segue, fica indicado quaes são estes enlaces. D. Joam Mendes de Briteiros, neto de Ruy, casou com Urraca Affonso, filha do Bolonhês. Outro seu neto (chamado, Gonçaleannes) com Maria Affonso, que tinha por progenitor um filho de D. Denis. Posteriormente houve um enlace entre D. Violante Ponço e Rodrigo Affonso, sobrinho do mesmo rei.

ou de 1248. Só remetto os curiosos para os versos de D. Affonso de Baião.[1]) Este aristocratico amigo de folgar fez assumpto de uma satira, ou antes de duas, a investidura de Ruy Gomes, e a maneira como o *parvenu* se desempenhou de um dos principaes cargos inherentes á nova categoria. Refiro-me á esparsa de escarnho **CV 1082** e á curiosa *gesta de maldizer,* em que moteja da primeira revista militar, passada em presença del rei pelo filho da raptada, Dom Mendo Rodrigues de Briteiros (**CV 1080**), com uma sobranceria comprehensivel em um dos descendentes de uma das cinco linhagens primitivas do reino de Portugal.[2])

§ 223. Rimas incontestavelmente suas que subsistem, além das cantigas duvidosas que lhe attribuo, são dois motejos, dirigidos contra o mouro João Fernandes, a quem já alludi[3]) na biographia antecedente como alvo dos risos de trovadores que, começando a versificar na primeira metade do seculo, alcançaram o reinado dos dois Alfonsos.[4])

Outros membros da mesma familia foram trovadores: o primogenito e herdeiro de Ruy Gomes; e por ventura ainda o filho d'esse filho. Onde entre os textos do **CV** se regista como auctor um *Dom Joham Meendiz de Besteyros* (**444**), o *Indice* apresenta dois nomes, um tanto adulterados,[5]) como de costume: *Dom Meem Rºes de Bryteyro* e

1) *Biogr.* XXII.

2) A 1ª é, como sabemos, a dos *Sousãos;* a 2ª dos *Bragançãos*, descendentes de um D. Alam (= Alanus) e de uma filha de um rei de Armenia que ia em peregrinação a Santiago; a 3ª são os *da Maia,* cujo tronco é o Rei Ramiro; a 4ª os de *Baião*; a 5ª os *Gascos* de Gasconha, d'onde derivam os de Riba-Doiro.

3) **CB 1543** e **1544** *Don Roy Gomez de Breteiros fez estas cantigas e son d'escarnh' e de mal-dizer.*

4) Martim Soares; Affonso Eannes do Cotom; D. João Soares Coelho.

5) No *Indice* lemos:

858 *Dom Meen rẽs de Bryteyro,*
859 *Dom Joham de Meendiz đ bresteyro,*
1329 *Dom Meem Rodrigues de berteyro,*
1543 *Dom Roy Gomez đ beeseyro.*

No texto falta o nome do poeta *Mem Rodrigues,* como já se disse, tanto no 1^{ro}. como no 3^{ro}. lançamento. Nos logares correspondentes ao 2^{do} e 4^{to} acha-se escripto: *Dom Joham Meendiz de besteyros* (**CV 444**) e *Don Roy Gomez de breceyr9* (**CB 1543**). Seis fórmas diversas! e nenhuma exacta! Quanto a Dom Joham Meendiz, o logar de naturalidade apparece escripto com *st* (*bresteyro* e *besteyros*). Fica por tanto indeciso, a qual das linhagens pertence. Th. Braga no *Canc. Vat. Rest.,* Storck na sua versão de uma cantiga de amigo, e Wagner na sua composição musical escolheram a forma *Beesteyros.*

Dom Joham de Meendiz de bresteyro, attribuindo ao primeiro uma só cantiga (444), e as restantes (445—458) ao segundo. Supponho devermos ler *D. Mem Rodrigues de Briteiros* e *D. João Mendes de Briteiros.*[1]) Como esse appellido não continuasse por muito tempo, extinguindo-se em fins do sec. XIV, os posteros confundiram-no freqüentes vezes com *Besteiros* (*Beesteiros* = *Balistarios*), outro nome de familia tambem pouco vulgar, mas que ia subsistindo na toponymia do reino.[2]) Foi o que aconteceu p. ex. ao mediocre historiador Acenheiro, que designa com este ultimo appellido ao proprio Ruy Gomes, na sua *Chronica* summariada.[3])

§ 224. D. Mem Rodrigues de Briteiros, o successor, occupou decidida e efficazmente o seu cargo de rico-homem. De 1252 em deante encontro-o entre os magnates da côrte na primeira fileira, caminhando a par de D. João de Aboim e Estevam Annes, e tomando parte em todos os actos publicos.[4]) Chamado aos conselhos da corôa e encarregado da administração militar da comarca da Maia, confirma, nesta qualidade, muitos diplomas regios.[5]) No reinado de D. Denis continuou em actividade no mesmo posto, pelo menos até 1303,[6]) acompanhado pelo irmão João Rodrigues e por seu proprio filho João Mendes. Para esposa tinha escolhido uma neta de Martim Paes Ribeiro, irmão da Ribeirinha. A de D. João Mendes era, como sabemos, uma das bastardas de D. Affonso III.[7])

Mas como o nôme é incontestavelmente de fidalgo, e os linhagistas e os historiadores não conhecem nenhum d' aquelle nome, e como entre os Briteiros houve pelo menos um poeta, voto por João Mendes de *Briteiros*.

1) A nota de Colocci, que apparece na transcripção de Monaci com os caracteres *l. de benedo*, talvez signifique *l*[*ivro*] *d*[*iz*] *meendo?*

2) Cf. *Biogr.* LV, relativa a D. Affonso Meendes de Besteiros.

3) *Ined. Hist. Port.* V, 68.

4) P. ex. nas côrtes de Santarem em 1273. — *P. M. H. Leges* I, 229.

5) Ib. I, 620, 640, 712, 716, 719, 729, 730, 732, 733 e 736. Neste ultimo foral (Castro-Marim) assigna com o nome inteiro que não admitte duvidas, como a forma abbreviada *Mem. Rod.* — Frei Francisco Brandão, o qual nem de longe tem a auctoridade do tio, confunde-o ás vezes com outro Mem Rodrigues, o de Vasconcellos. Vid. *Mon. Lus.* XVI, c. 36. Nos cap. XXV, XXXVIII e LI identifica-o acertadamente.

6) *Mon. Lus.* XVIII, c. 6 e ss.

7) Eis um quadro muito resumido da filiação d' esta familia que medrou por bem casar, antecipando o famoso lemma da casa d'Austria. Está claro que só escolhi factos que nos interessam, por se referirem a trovadores ou a personagens postos em evidencia por cantigas trovadorescas. — Os

§ 225. Quanto ao talento poetico dos tres, pouco ha que dizer. Ruy Gomes e Mem Rodrigues compraziam-se em compôr versos de maledicencia, balda que lhes rendeu, de vez em quando, respostas apimentadas.[1]) De João Mendes ha cantigas de amor (**CV 444—449** e **453**) e algumas de amigo, ligeiras e cantaveis (**CV 450—452**). O assumpto de duas é um sonho em que o amigo apparece á amada, pronunciando meigas palavras de carinho.

VI. Ayres Corpancho.

§ 226. Colocci leu e escreveu tres vezes *Carpancho* e uma vez *Cãpancho*. Comparando estas formas, que nunca vi nem sei interpretar,[2]) com a alcunha *Corpo-delgado*, conservada no **CV 938**, e com alguns bonitos sobrenomes descriptivos que a lingua portuguesa

---

algarismos que acompanham os nomes remettem o leitor aos Livros de Linhagem (Ed. Acad.), ou á *Mon. Lus.*

Pero, de Longos
|
Mem Pires de Longos
1° Senhor de Briteiros (156 e 287)
|
Gomes Mendes, de Briteiros
c. c. Urraca Gomes da Silva (ib. e 306)

- Ruy Gomes (153, 184, 195) c. c. Elvira Annes da Maia
  - Mem Rodrigues c. c. Mariannes
    - João Mendes c. c. Urraca Affonso (meia-irman de D. Denis XVIII, 6)
      - Leonor c. c. Martim Annes II seu primo
  - João Rodrigues (195) c. c. Guiomar Gil de Soverosa II
    - Martim Annes I (*Mon. Lus.* XVI, 52) c. c. Branca Lourenço de Valladares
      - Martim Annes II c. c. Leonor, sua prima
        - Violante Ponço (150) c. c. Rodrigo Affonso (neto de D. Denis)
    - Gonçal' Eannes (150) c. c. Maria Affonso, Chichorro (*neta de D. Denis*)
    - Aldonça, abb. de Arouca (*Mon. Lus.* XVI, 52) raptada por Martim Affonso, Chichorro II filho de um meio-irmão de D. Denis
    - Froylhe c. c. Fernan Sanches *filho de D. Denis.*
  - Sancha Rodrigues (153 e 195) c. c. Pero Ponço de Baião
- Gonçalo Gomes (156) féito cavalleiro por D. Gonçalo de Sousa (Cf. Biogr. IV, 5a)

1) **CV 1080** e **1082**.

2) Camp-ancho teria logar na toponymia.

prodigalizava antigamente e que o povo nas Asturias, na Galliza e em Portugal ainda hoje gosta de empregar, caracterizando o exterior dos seus predilectos, julguei reconhecer nellas o apodo *Corp-ancho* 1) (= obeso). Á falta do patronymico e appellido, é impossivel descobrir este Aires que talvez fosse jogral. Das obras de que dispomos resulta unicamente que desprezou a vantagem de morar em casa d'El-Rei, preferindo viver na terra da sua dama. Conservaram-se d'elle nove cantigas *de amigo* (**CV** 257 — 265) e cinco *de amor* (**CB 150 — 154**), quatro das quaes correspondem aos nossos N^os^ **64 — 67**. A que falta no codice, e se attribuia a outro vate nos originaes aproveitados pelo collector do Canc. **CB**, passou para o *Appendice* V (N^o^ 399) simplesmente por ser possivel que figurasse na folha arrancada. Dos cantares de amigo, dois são *balletas*, e dois movem-se em disticos.

VII. Nuno Rodrigues, de Candarey.

§ 227. Deparam-se-nos aqui com tres nomes, seguidamente: *Nuno Rodrigues*, Senhor *de Candarey*, *Nuno Fernandes*, de alcunha *Torneol*, e, no meio dos dois, outro Nuno, apodado de *Porco*. 2) Este ultimo

1) Confira-se *corpo-delgado* **CV 889** e **570**; *corpo-velido* ib. e **401**; *corpo loado* **401**; *corpo loçano* **170**; *corpo enganado* e *corpo desembrado* **1203**; assim como: *cuerpo garrido* e *cuerpo galano*, tanto no velho e celebre cantar asturiano: *Ay Juana cuerpo garrido*, como no romance de Gerineldos (Duran 320), numa cantiga do *Cancioneiro d' Herberay* (N^o^ 17) e em outra de Vasquez (Gall., *Ensaio*, IV, 924). Nos excerptos da Chronica Geral, publicados por R. Menendez Pidal no bello volume sobre os Infantes de Lara, temos as formulas: *cuerpo tan leal* p. 431; *c. traidor* **427**; *c. muy entendido* **282** e **425**; *c. tan onrado* **320** e **424**; *c. tan sabido* **320**; *c. tan bueno e leal* **424**. Algumas d' estas formas teem o seu equivalente e talvez seu modelo nos poetas provençaes e franceses, onde é freqüente encontrar: *au cors legers, au cors gent* etc. — Sobrenomes da mesma categoria não faltam nos Nobiliarios. Penso em *Belpastor, Barva, Boquinhas, Cabellos de ouro, Delgadilho, Guedelha, Gordo, Grosso, Magro, Redondo, Orelhudo* etc. Godoy Alcantara, no *Ensayo sobre Apellidos Castellanos* (Madrid 1871) menciona *Corpancho* e *Barbancho*, no paragrapho dedicado ás alcunhas da estatura, formas ou partes desproporcionadas do corpo. A p. 189 falla tambem de um Joh[a]n Fernandez *Delgadiello*, filho de D. Ferrand Diaz *Cuerpo-Delgado*. — *Corpegiolo* na cantiga **CV 1043** está evidentemente deturpado. Iria propôr a leitura *corpo lijoo*, se soubesse apontar exemplos d' este adjectivo — derivado de *levis* (*leviolo*) como *ligeiro* (*leviario*) e o archaico *livão* (= *leviano*). — O nome de logar *Lijó* no Minho, escripto *Ligioo* nas Inquirições (*P. M. H.: Inquir.* 26, 42, 103, 182, 227) tem origem diversa.

2) Pena é que Godoy Alcantara não indique onde apparece o *Munnio Porco* que menciona a p. 190 do *Ensayo de Apelidos*.

distinctivo, tão pouco delicado, reapparece entre as cantigas de amigo (**CV** 719). Julgo-o, por isso mesmo, titulo de um terceiro poeta, embora haja descuidos notaveis na numeração, repartição e attribuição das cantigas, contadas no original, primeiramente de 180 a 181^b; depois, de 182—189; e novamente de 182^b a 189^b.

O nome que figura á frente d'este paragrapho falta no *Indice*. No cancioneiro **CB** competem-lhe tres cantigas: os nossos N^os **400** e **401** e **68**. Com esta composição, que torna a apparecer no **CV 1061** em nome de João de Gaia,[1]) principia no **CA** uma serie nova, incompleta, por falta de meia folha cortada. Mas ha ainda outras desigualdades. A cantiga que está em segundo logar é dada como obra de Nuno Porco no *Indice* e no texto de **CB**, desordem para a qual chamo a attenção do leitor, sem saber esclarecê-la.

§ 228. Dos Senhores de Candarey ha apenas vestigios muito apagados. Segundo a lenda, o primeiro d'este nome, Mem Moniz, foi dos que entraram em Santarem, quando D. Affonso Henriques a tomou aos mouros em 1147.[2]) Uma de suas filhas, D. Mor Mendes, casou com Suer Viegas Coelho, pae de D. João Soares Coelho, poeta que nos occupará na *Biographia* XV. Outra vergontea do mesmo tronco, talvez neta de Mem Moniz, é mãe do trovador Pero Gomes Barroso, cujas cantigas teem nos Cancioneiros logar muito proximo das de Nuno Rodrigues.[3]) Talvez seu tio? — Pero Gomes foi privado do Sabio de Castella, o qual pela sua parte menciona em dois dos seus cantares de *escarnho*[4]) a Don Meendo de Candarey, tratando-o de „amigo de Soutomayor.“ Eis tudo quanto averigüei.

Candarey (*Canderey*[5]) apenas uma vez na transcripção de Colocci) pode ser a localidade gallega, pronunciada hoje *Gandarey* (Pontevedra), ou então outra portuguêsa, dita Gondarem, a par da Foz do Douro. Terá alguma cousa com os nomes de logar e de familia derivados de *gándara* = charneca, como Gandarinha, Gandarella?

Pelo nome e pela posição que occupa na 2ª Parte do cancioneiro supponho que Nuno Porco seria jogral, dos mais antigos; talvez ao serviço dos senhores de Candarey?

---

1) Não é o unico caso em que a mesma poesia apparece duas vezes com attribuição diversa. — Cf. **CA 184** e **213**.

2) *P.M.H.: Script.* I, 159 e 318. — Cf. Herc. I, 362. — *Biogr.* XV, Notas.

3) *P. M. H.: Script.* I, 304. — Cf. *Biogr.* XXI.

4) **CB 367** e **368**.

5) Argote, *Nobl. de And.* II, c. 153 transformou Candarey em *Can de Rey.*

VIII. Nuno Fernandes, Torneol.

§ 229. *Torneol,* de *tornear,* talvez corresponda a *torneador* = *amigo de torneios?* Tambem podia derivar de *tornar* no sentido de *renegar*? Nada sei da nacionalidade, nem da filiação. Das suas cantigas parece resultar apenas que foi cavalleiro ou homem d'armas, servindo sob o pendão de um rico-homem mentiroso, de Castella; e assistiu temporariamente em Olmedo, Valhadolid e Toledo.

Temos d'elle oito cantares *de amigo* (**CV** 242—249);[1]) uma *d'escarnho* (**CV** 979)[2]) e treze *de amor* (*Ind.* 183—185ᵇ = **CB** 159—171). A estas ultimas correspondem os nossos N^os^ **70—81** e no *Appendice* VII o Nº **402**.

Entre o primeiro feixe de versos, no genero popular, salientam-se alguns, cheios de vago e mysterioso symbolismo; verdadeiras flôres do campo de delicioso e penetrante perfume.[3]) A que versa sobre um thema tradicional, popular ainda no presente seculo na Galliza e em algumas villas portuguesas, foi comparada por Jeanroy[4]) ás *Lochricas* da Grecia[5]) e a um bello *Morgenlied* germanico de Dietmar von Aist.[6]) É uma *Alba* ou *Alvorada* (**CV** 242), monologo da amante, acordada ao amanhecer pelo canto das aves. Outra (**CV** 246) merece o titulo de *Barcarola.* A namorada vagueia saudosa á beira-mar, á espera do barco que ha de trazer o amigo, exhalando a sua paixão no estribilho sete vezes repetido: *E moiro-me d'amor!* Tambem nas restantes, quer sejam soliloquios de mulher, na floresta »so-lo avelanal«, quer scenas caseiras entre mãe e filha, Nuno Fernandes dá provas de gosto apurado na escolha de seus

---

1) *Ind.* 641—648.

2) *Ind.* 1371.

3) Storck, traduziu cinco. Os seus Nos 11, 18, 23, 32, 55 correspondem aos Nos **245**, **249**, **242**, **246**, **243** do **CV**.

4) *Origines de la Poésie Lyrique en France*, p. 142.

5) *Athenaeus*, XV, 967.

6) E diz: „*Dormes, meu amigo? Guay de nós! acordar-nos-hão. Ouço cantar uma ave graciosa nas ramas da tilia.*“ „*Estava a dormir um somno bem doce. E agora, oh criança, vens a gritar: leva-te, leva-te! É que não ha amor sem penas. Mas o que exigires, fazel-o-hei, oh minha amada.*“ — *E ella chorava do coração.* „*Vaes-te, e eu fico sósinha e triste. Quando voltarás? tudo quanto me pode causar alegria vae comtigo.*“ — *Minnesangs-Frühling* 39, 18. A versão poetica de Storck acha-se em *Buch der Lieder aus der Minnezeit.* Münster, 1872, pag. 262.

refrans. Quasi todos estes cantares são em disticos encadeados, de contextura popular.[1])

Dois dos que talvez lhe pertençam ainda, são curiosas cantigas de romaria a San Clemenço (CV 805—808), attribuidas a um *Nuno* com o patronymico *Freez* — forma deturpada, que poderia estar por *Frz* = *Fernandez.*[2])

IX. Pero Garcia, Burgalês.

§ 230. O sobrenome autentíca Burgos como berço d'este poeta. Portanto, não pode ser nenhum dos ricos homens da familia dos Sousões, na qual houve varios, com o nome Pero Garcia.[3]) Apesar da homonymia ser completa, tão pouco o podemos identificar com um jogral tardio de Burgos, cujo genro, Apparicio Peres, havia emprestado ao illustre Conde de Barcellos a importante quantia de 1500 maravedís, pouco antes do seu fallecimento em 1354, posto que nenhum d'esses burgaleses estivesse vivo, quando o filho de D. Denis escreveu o seu testamento.[4])

D'esta homonymia e de outras (p. ex. com o jogral Pero Garcia d'Ambroa) resulta apenas que fica incerto tudo quanto já tenho aventado,[5]) e aqui aventarei sobre Pero Garcia. O que não padece duvida é que elle poetava em tempo de Alfonso X. Isso consta de uma composição cynica (CV 982), lançada contra certa soldadeira gallega que o monarca castelhano não desdenhou presentear e festejar (CV 64), e cujo momento de fama deve ter precedido o anno de 1257 em que, velhusca e *cruzada,* esta cortesan, de sobrenome a *Balteira,* alias D. Maria Peres Balteira, se refugiou sob o amparo do convento de Sobrado como *familiar e*

---

1) *Leda m' and' eu! — Delgada! — E pousarei so-lo avelanal!* e outros mais.

2) Em geral, nenhum trovador figura no Cancioneiro mais de tres vezes: 1° no *Cancioneiro de amor;* 2° no *Cancioneiro das Donas;* 3° no *Cancioneiro de burlas.* Neste logar Nuno Freez apparece num grupo de trovadores differentes dos que acompanham Nuno Fernandes.

3) Na *Biogr.* IV citei um só (6^k): irmão do trovador Fernam Garcia, Esgaravunha.

4) „*Outrosi confesso que devo mil e quinhentos marauedis de brancos de dinheiros castellãos em Burgos, os quaes a mi emprestou hum home que havia nome Apparicio Peres, genro de Pero Garcia, Jogral, e mando que os paguem a seus herdeiros.*“ — *Hist. Gen.: Provas* I, 140.

5) *Randglosse* I, p. 39 e 40—42.

amiga.[1]) Pertence, portanto, ao grupo affonsino formado por Pedr' Amigo, Pero da Ponte, João Baveca, Pero d'Ambroa, Fernam Velho, Vasco Peres Pardal e João Vasques, que a tomaram por alvo das suas invectivas.

Não é impossivel que o proprio D. Alfonso se refira ao nosso trovador numas rimas jocosas onde declara que certos servidores seus não o haviam de acompanhar em determinada expedição:

Nem Pero Garcia, nem Pero d' Espanha,
Nem Pero Gallego, nem Pero Gallinha![2])

Pero Garcia occupa-se ainda de um vassallo do Sabio de Castella, chamado D. Fernam Dias, cuja eleição para meirinho de Vivero até Carrion parece ter levantado celeuma, como se fosse um injusto favor (**CV** 987).[3]) Viajou na Galliza passando por Lagares e Sampaio (**CV** 989). E não deixou de assistir na côrte de Affonso III, onde o vemos relacionado com D. João Soares Coelho (**CA** 89) e com Ruy Queimado (**CV** 988), o apaixonado elogiador de D. Guiomar Affonso Gata. Não seria de modo algum estranho se continuasse a distinguir-se não sómente até 1274, mas ainda em principios do reinado de D. Denis, visto apparecer em contacto com auctores que ainda então brilharam, como o engraçado D. João Airas de Santiago (**CV** 1071) e o engenhoso jogral Lourenço.

Da estima de que gozava é prova o facto de este o ter escolhido para arbitro numa contenda artistica com alguns des-dezidores dos seus versos (**CV** 1034).

De todos os trovadores gallaïco-portugueses, com excepção dos reis e de João de Guilhade, Pero Garcia é o que nos deixou maior ramilhete de cantigas. Neste sentido corre parelhas com D. João Soares Coelho, excedendo a Martim Soares e Pero da Ponte. O seu peculio compõe-se de 37 Cantigas *de amor* (*Ind.* 186^b — 223 = **CB** 172—208), numeradas no nosso **CA** de 82—110, e de 403—409 no *Appendice* VIII; duas *de amigo* (*Ind.* 649—650 = **CV** 250—251); e quatorze de escarnho (*Ind.* 1372—1384 = **CV** 980—993). Entre ellas ha uma tenção com um *Senhor* innominado (**CV** 991). Outra incompleta com Lourenço, a que já se alludiu.

---

1) Vid. *Rev. Crit. de Hist. y. Litt.*, vol. II, 298—304, *Una gallega celebre en el siglo XIII*, de A. Martinez Salazar. — Cf. *Randglosse* V.

2) **CB** 372. — Na cantiga **CB** 47 o rei Sabio refere-se a Pero d'Ambroa.

3) Cf. **CV** 983 e 986.

Quanto ao valor artistico d'este conjuncto de 53 poesias, as satiras não são menos rudes que as dos restantes Pseudo-Marciaes da idade-media peninsular. Entre as de amor julgo, pelo contrario, dever assignalar algumas de suavidade encantadora,[1]) não porque o leitor quatrocentista que pôs as suas siglas na margem do codice, as qualificasse de *cantigas boas*, nem porque brilhem por uma linguagem ductil e harmoniosa, mas antes porque revelam verdadeira commoção. Assim a phraseologia convencional não apagasse em parte a originalidade do pensar e a viveza do sentimento! Com a reserva da expressão forma contraste singular a profunda descrença que se manifesta em algumas, e que a ingenuidade do dizer difficilmente consegue tornar menos antipathica.

X. Joan Nunes, Camanes.

§ 231. Accentuo Camanês,[2]) julgando reconhecer um nome derivado que indica naturalidade do logar galliziano *Caman* (Pontevedra). Th. Braga, pelo contrario, inclina-se a lêr Camánes ou Camães, persuadido que temos ahi um ascendente do cantor dos *Lusiadas*,[3]) e sem reparar que Nunes já indica a filiação. Entre os Camões historicos que conhecemos tambem não apparece Nuno, nem Nunes algum.

Nada sei d'este auctor. Temos d'elle tres cantigas de amor, todas de refram, conservadas no **CB 209—211** (*Ind.* 224—226) e no **CA 111—113**; e cinco de amigo (*Ind.* 651—655 = **CV 252—256**). Ambos os grupos se acham proximo dos que encerram poesias do Burgalês, de Corpancho e de Torneol, o que talvez signifique coexistencia na mesma côrte. Nos cantares de amigo nota-se continuidade de assumpto, sendo todavia preciso dar-lhes ordem diversa. Os actores são, como de costume, uma mãe rigorista (e neste caso perversa), uma filha namorada, e as confidentes d'esta.[4])

XI. D. Fernan Garcia, Esgaravunha.

§ 232. Visto ser um Sousão, neto do bom Conde D. Mendo, i. é. da familia mais poderosa de Portugal, alguma coisa, embora pouco, consta dos seus feitos. As noticias dos linhagistas limitam-

---

1) **CA 103** e **110**.
2) No *Indice* lê-se uma vez *Joan Muniz*.
3) *Hist. Cam.* I, 44.
4) Storck traduziu cinco: Nos 92—96 = 252—256.

se, como de costume, á indicação da genealogia, do motete com que o distinguiram, provavelmente por ter usado de unhas avantajadas,[1]) e da apostilla „o que trobou bem."[2]) Os chronistas do reino e os da nação vizinha, aproveitando por ventura documentos que desconhecemos, relatam uma anecdota, referente ao tão mal conhecido drama do destronamento de Sancho Capello: um repto realizado em 1247 por Fernam Garcia ao valido D. Martim Gil de Soverosa, perto de Trancoso, em presença do seu senhor natural e do Infante D. Alfonso de Castella, repto a que o desafiado se negou, conforme contei na *Biographia* II.[3])

Eis como a encontro narrada na fonte mais antiga, ainda assim posterior quasi um seculo ao acontecimento, na refundição anonyma de 1344 da *Chronica Geral,* a qual devemos a um contemporaneo do Conde de Barcellos:[4])

. . . *Entonçe tornose el rrey don Sancho 7 el infante don Alfonso para Castilla 7 en se tornando fueron posar vn dia en Moreras* (sic) *apar de Troncoso* (sic) *7 venia conel infante entonçe don Diego Lopez de Vizcaya 7 don Nuño Gonçalez de Lara aquien despues llamaron don Nuño el bueno el que mato el rrey Bēyuça de allen mar en Eçija 7 otros om̄es buenos Et aesta sazon estauan en Troncoso don Men Garçia 7 don Ferrnant Garçia el que llamaron Ezguara muña el que fue buen trobador 7 el conde don Gonçalo; 7 don Ferrnant Garçia armose de todas armas sinon del escudo 7 lança quele leuaua vn escudero 7 caualgo en su cauallo 7 llego al palaçio onde estaua el rrey don Sancho 7 el infante don Alfonso con todos sus caualleros 7 tiro el almofre dela cabeça 7 fue besar la mano al rrey don Sancho 7 al infante don Alfonso; desi omillose adon Diego 7 adon Nuño 7 atodos los otros om̄es buenos que y eran saluo adon Martin Gil. Et despues que todos los ouo saluados boluiese al rrey 7 dixole:*

---

1) *Esgaravhunha*, *Esgaravanha*, *Esgaramanha Esgaramunha* são formas deturpadas dos antigos copistas. De livros modernos ainda poderiamos colher mais variantes, igualmente falsas.

2) *P. M. H.: Script.* I, 290 e 321. Cf. 192 e 152.

3) Pina, *Chron. Sancho*, c. IX; Acenheiro, c. XI; *Mon. Lus.* XIV, c. 29; Herc. II, 419, 425.

4) Manuscripto que foi do Snr Zabálburu, hoje possuido pela viuva do mesmo: Cap. 300: *Como regno don Sancho Capello e fue el quarto Rei de Portugal.* Devo a copia ao meu bom amigo, o Exmo Snr D. Ramon Menendez Pidal, *Cronicas Generales de España descritas por R. M. P.*, Madrid 1898, p. 17—58 e *La Leyenda de los Infantes de Lara,* 395—399.

Señor, conosçedes me? 7 el dixo ſi, ca ſodes Ferrnant Garçia, mi natural; 7 el dixo ſeñor avos me enbian mis hermanos que eſtan en Troncoſo, conuiene ſaber don Men Garçia 7 don Gonçalo Garçia 7 don Johan Garçia 7 don Ferrnant Lopez 7 don Diego Lopez 7 enbian uos dezir 7 afrontar commo vueſtros naturales aqui ante el infante don Alfonſo 7 ante don Diego 7 don Nuño 7 ante todos quantos fijos dalgo que aqui eſtan que vos vades para aquella villa que es vueſtra 7 que vos acogeran enella commo aſeñor 7 otroſi enel caſtillo 7 aſi en todos los otros de toda la tierra con tal pleito que non acojan alla adon Martin Gil nin alos ſuyos que eſtragaron toda vueſtra tierra 7 que nunca quiſo que ſe fizieſe enella juſtiçia 7 matolos que quiſo ſin derecho 7 dexo los que ſe pago commo non deuia, en tanto que vos non erades rrey ſi non por nonbre 7 por linaje dela ſangre que venides. Et por ende le digo que vos ſiruio ſienpre mal ſienpre con mucha vueſtra deſonrra; 7 ſi quiere dezir de non yo le quiero meter las manos 7 para eſſo vine armado aſi commo vedes 7 ally tengo el cauallo 7 yo le matare o le fare dezir por la garganta que vos conſejo mal 7 commo non deuia 7 con deſonrra 7 menguamiento de vueſtro cuerpo 7 de vueſtra tierra. Et eſte Martin Gil era el que vençio la lid del Puerto. Et entonçe don Martin Gil dixo: Ferrnant Garçia, mal dezides 7 ſi yo non muero, mal vos verna dello; 7 entonçe fizo ſeñal a algunos delos ſuyos quele fueſen tener el camino mas Ferrnant Garçia bien lo entendio 7 entonçe fizo preguntar al rrey ſi queria yr a Troncoſo 7 el dixo que non. Et don Ferrnant Garçia dixo al infante don Alfonſo: ſeñor ſed deſto teſtimonio 7 quantos nobles aqui eſtan dela afrenta que al rrey vine fazer. Et eſtonçe dixo adon Diego 7 adon Nuño: bien vedes lo que en vueſtra preſençia dixe al rrey 7 non lo quiere fazer. Otroſi lo que dixe a Martin Gil 7 non quiere torrnar a ello mas mandame fuera tener el camino. Por ende rruego uos don Diego 7 otroſi auos don Nuño que por vueſtra meſura 7 nobleza delos vueſtros eſcuderos me mandedes poner en ſaluo en Troncoſo. Et entonçe dixo don Nuño adon Martin Gil: non guardaſtes lo que vos dixo don Ferrnant Garçia. Ca me ſemeja que vos tañe commo de trayçion; 7 don Martin Gil dixo que daua poco por las palabras vanas de don Ferrant Garçia. Et entonçe dixeron al rrey que aquellos caualleros que eſtauan en Troncoſo eran eſcuſados 7 non podian ſer metidos en culpa por que cunplieran todo ſu derecho. Et entonçe caualgaron don Diego 7 don Nuño 7 otros omnes buenos con don Ferrnant Garçia

7 pufieronlo en faluo en Troncofo. Et defpues que efto ouieron fecho tornaronfe para el rrey 7 para el infante; 7 defi fueron fe para Caftilla 7 luego a poco de tienpo dio dolor al rrey don Sancho de que murio en Toledo 7 y yaze foterrado.[1])

Vemo'-lo depois d'este facto (1248), juntamente com seus irmãos, na jornada do Algarve ao lado de Affonso III, cujo partido os Sousas sempre seguiram, assistindo á doação de Albufeira á ordem de Avis (1252).[2]) De D. Urraca Abril, filha do velho de Lumiares († 1245) e viuva de João Martins Chora, com a qual casou em época incerta, já fallei na mesma *Biographia* III.[3])

Nada consta de uma viagem d'este Sousão á patria dos *troveiros*; mas a cantiga **126** contém a prova de que não era hospede na lingua e poesia francesa, pois que aproveitou ou redigiu o refram:

Or sachiez veroyament
Que ie soy votr' ome-lige.

Lembrarei de novo que o poeta era filho d'aquelle Garcia Mendes d'Eixo que tinha metrificado em provençal[4]) no primeiro quartel do seculo, provavelmente fóra do reino, quando o chefe da familia D. Gonçalo Mendes, foragido por ter feito opposição á politica espoliadora de Affonso II, na sua qualidade de testamenteiro de Sancho I, occupava situação brilhante na côrte vizinha do Leonês.

Das obras de Fernam Garcia ficaram-nos dezanove amostras: 16 cantigas de amor, sendo dez de maestria e os restantes de refram (*Ind.* 227—243 = **CB 212—229**); e duas de escarnho (*Ind.* 1510—1511 = **CB 383—384**), uma das quaes, dirigida contra João Coelho, comedida na forma, é curiosa pelo assumpto familiar. A outra, uma das vilanias em que aquelles barbaros guerreiros se deleitavam, prova relações com dois trovadores de Castella: o Burgalês (**CV 980**) e Pedr'Amigo (**CB 1575**). O **CA** (**114—128**) carece no seu estado actual de apenas tres d'essas composições (*Appendice* IX, **410—412**).

XII. Roy Queimado.

§ 233. Entre todos os Portugueses mellifluos e derretidos que se gabaram de morrer de amor na época do Bolonhês e de

1) As unicas modificações que introduzi, são: maiusculas em alguns nomes proprios onde faltavam, e alguns pontos e virgulas.

2) *Mon. Lus.* XV, c. 9.

3) **CA 375**. — Vid. *Randglosse* I, 49.

4) **CB 454**. — *Grundriss* 176, Nota 2 e 5.

D. Denis, este Ruy, Roy ou Rodrigo, é de certo um dos mais perfeitos exemplares, mixto singular de ironia e de sentimentalismo, prototypo não bem de Macias,[1] mas antes dos que morreram de puro amor . . . apenas nos seus versos. Em todas as quinze cantigas que nos restam d'elle (menos duas)[2] apresenta-se como um apaixonado que morreu, morre ou morrerá, deseja morrer ou cuida morrer etc.[3]) Tão monotona insistencia devia provocar a hilaridade dos confrades, bastante perspicazes para reconhecerem o argueiro no olho alheio. Em nome d'elles fallou Pero Garcia, cantando:

Roy Queimado morreu con amor
en seus cantares, par Sancta Maria,
por ũa dona que gran ben queria;
e por se meter por mais trobador,
porque l' ela non quiso ben fazer,
feze-s'el en seus cantares morrer . . .
mais resurgiu depois ao tercer dia! (**CV 988.**)

Individualmente se pronunciaram varios outros como João Garcia de Guilhade, o qual assevera, rindo, que, tudo bem considerado, sempre prefere viver *e attender! e attender!* (**CA 234**). Pay Gomes Charinho teve a seguinte lembrança:

Muitos dizen con gran coita d' amor
que querian morrer e que assi
perderian coita; mais eu, de mi,
quero dizer verdad' a mia senhor:
queria-me lh'eu muy gran ben querer,
mais non queria por ela morrer! (**CV 393.**)

Não creio todavia que a alcunha com que o assignalaram, significasse: incendiado pelo fogo do amor, mas antes tostado pela acção do sol, ou ferido por qualquer accidente.

A respeito da biographia d'este auctor não apurei cousa alguma. Os seus versos mostram apenas que foi contemporaneo de D. João Garcia (**CA 142**), Pero Garcia Burgalês (**CV 988**) e D. Estévam, o cego ouvidor, motejado por João Soares Coelho (**CV 1014** e **1015**), Mem Rodrigues Tenoiro (**CV 1083** e **1084**), Pedr' Amigo (**CV 1194**)

---

1) Os verdadeiros predecessores do prisioneiro de Arjonilla, e encarnação do ideal poetico português, foran João Soares de Paiva e Pero Rodrigues de Palmeira, segundo informação dos linhagistas. — Vid. *Biogr.* LVI e LVII.

2) **CA 132** e **414**.

3) Cf. os versos 3067, 3077, 3087, 3095, 3122, 3125, 3190, 3213, 3215, 3218, 3224, 3225, 3236, 3268, 3312, 3319, 3331, 3395, 3393.

4) Cf. **CV 595** onde João Aires joga com a palavra *morrer*.

e Airas Peres Vuiturom (**CV 1085** e **1189**).[1]) É portanto um dos trovadores affonsinos, relacionados tanto em Portugal como Castella, embora attingisse ainda em pleno vigor o reinado de D. Denis. Pertencem-lhe quinze cantigas de amor (*Ind.* 250 — 266 = **CB 250—264** e **266**), numeradas no nosso Cancioneiro de **129—143**, e **413—414** no *Appendice* X; quatro *de amigo* (*Ind.* 713 — 715 = **CV 314—316** e **CB 265**); e outras tantas *de escarnho* (*Ind.* 1385 — 1389 = **CV 994—997**). Estes versos seguem immediatamente aos de João Soares Coelho, D. João de Aboim, Gonçal'Eannes do Vinhal, Torneol e o Burgalês.[2])

XIII. D. Vaasco Gil.

§ 234. Tanto no *Indice* como nas epigraphes do texto, este nome vae sem o distinctivo nobiliarchico (o que, em verdade, succede com muitos outros fidalgos). Só numa cantiga jocosa onde elle se apresenta tençoando muito familiarmente com um Rei D. Affonso, que julgo ser o Sabio de Castella, este seu parceiro trata-o por duas vezes, e a serio, de *Don Vaasco Gil.*[3])

Um nobre d'este nome, o unico no sec. XIII de que ha memoria nas obras de historiadores e linhagistas,[4]) era meio-irmão de D. Martim Gil, o vencedor na lide do Porto, desafiado em 1248 por Fernam Garcia, a que tantas vezes já nos referimos; filho portanto do influente Senhor de Soverosa, Gil Vasques o Velho (fallecido cerca de 1240).[5]) Ao lado dos dois encontramo-lo a confirmar em 1238 uma das escrituras de composição entre Sancho II e o Bispo do Porto.[6]) Fiel ao rei destronado que os seus inimigos pintavam ao Papa como um mentecapto, tomou parte na guerra contra o Conde de Bolonha, ficando captivo numa contenda com os habitantes de Leiria.[7]) Parece que se ligou em seguida ao de-

---

1) *Randglosse* I, 46.

2) Vid. as Notas do Vol. I, relativas aos Nos **142** e **143**.

3) **CB 385**. — Cf. *Randglosse* II.

4) Nas edições commentadas do Nobiliario do Conde falla-se de outro D. Vasco Gil, posterior, filho de Maria Mendes e de Martim Affonso (prole de Affonso IX e de D. Teresa Gil de Soverosa, filha de Gil Vasques, o Velho, e de D. Maria Aires de Fornellos) e portanto sobrinho-neto do primeiro. O *Livro Velho* affirma todavia que Martim Affonso morreu sem geração. — *P. M. H.: Script.* I, 176.

5) *Mon. Lus.* XV, c. 4; XVI, c. 52. — Herc. II, 358, 388, 496 e 498. — *P. M. H.: Script.* I, 153, 176, 197, 199, 293 e 295.

6) J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.* IV, 2 *App.* 3. — Herc. II, 496.

7) Herc. II, 412, Nota 2.

fensor do espoliado, o infante de Castella, sob cujas ordens deve ter batalhado na conquista da Andaluzia, principalmente no memoravel cerco de Sevilha, visto ter chegado a ser em 1253 um dos trezentos *herdados* nessa cidade.[1]) Não tenho certeza se ficou em Hespanha, como muitos barões do partido de Sancho, ou se regressou em 1255 á patria, como penso, unindo-se ao Bolonhês[2]) ao ver dissipadas todas as probabilidades de o derribarem, depois da bulla de Innocencio IV *in favorem quorumdarum.*[3]) Ignoro tambem, se o seu casamento com uma fidalga portuguesa, D. Froilhe Fernandes, filha de Fernand' Eannes Cheira,[4]) se effectuou antes ou depois da catastrophe de 1245. Em todo o caso, seus filhos e netos residiram em Portugal: o primogenito Gil Vasques, o Moço, casado com uma dona da illustre estirpe dos fidalgos da Maia, que primeiro fôra amiga de Affonso III,[5]) pereceu em 1277 na lide de Gouveia, um dos combates civis do fim do reinado em que os velhos odios do tempo das mudanças se reatearam.[6]) Uma neta de D. Vasco, des-

1) *Mon. Lus.* XV, c. 2 e 4. — No Livro do *Repartimento de Sevilha,* publicado por D. Pablo de Espinosa na *Segunda Parte de la Historia y Grandeza de la Gran Ciudad de Sevilla,* Año de 1630, encontro a f. 7v no meio dos cavalleiros portugueses entre os quaes se dividiu o territorio de Gelmus, desde então chamado *Portogalesa,* logo em segundo logar a D. Blasco Gil, que recebeu 60 arançadas de olivaes e figueiredos com 6 jugadas de terra de pão. Seguem seus irmãos Manrique Gil e João Gil, e depois os Redondos.

2) D. Martim Gil, que assigna em Castella um documento a 25 de Maio de 1254 (*Argote* II, c. 1 e 9), torna a apparecer em Portugal de 1255 em deante (*P. M. H.: Leges* I, 572, 665, 667, 682, 686). Não tenho todavia absoluta certeza de que se trata do irmão de D. Vasco, porque houve outro de nome igual e seu coevo, filho de D. Gil Martins de Riba de Vizella, por signal até um dos mais leaes partidarios de Sancho II, a cujo fallecimento assistiu em Toledo (*Mon. Lus.* XV, c. 9). E este tambem se reconciliou posteriormente com o vencedor. Em todo o caso, é positivo que antes das Inquirições de 1258, Affonso III já tinha restituido aos filhos de D. Gil Vasques certos bens de que haviam sido privados, como a Quinta de Sesmires. — Vid. Herc. III, 37 nota 2.

3) *Mon. Lus.* XV, c. 17.

4) *P. M. H.: Script.* I, 295. Ed. Lavaña 147, 6.

5) A respeito de Aldonça Annes será util reler uma nota de Herc. III, 117, n. 3. Caso as suas relações com o Rei de Portugal datem da época em que a Rainha D. Beatriz ainda não era nubil, o casamento de D. Vasco deve ser anterior á revolução de 1245.

6) *Chron. Conimbr.: Era M· CCXV, feria Va commissum fuit bellum inter Petrum stephani de thaauare et fernandum alfonsi de Caambria in quo bello ex parte fernandi alfonsi nobilis quidam nomine donus Egidius Valasci solus interiit et nullus alius.* — *Esp. Sagr.* XXIII, 338. — *Hist. Gen.: Provas* I, 380. — *Script.* 4. — Cf. Herc. III, 150.

posou o filho de D. João de Aboim, o qual se nos apresentará na Biographia seguinte como um dos mais resolutos campeões do Bolonhês.

O valente guerreiro e poeta tinha sido clerigo na sua juventude, chegando a subdiacono.[1]) Desconhecemos as razões que o levaram a pôr de parte os „longos pannos", certamente antes de 1238. O logar que devemos assignar-lhe na lista dos trovadores é entre os primeiros poetas alfonsinos. É certo que metrificou na côrte de Alfonso X, mas pode ser que já figurasse em Portugal entre os pre-alfonsinos,[2]) ao lado de Aires Peres Vuiturom, o que fallou denodadamente contra a deslealdade dos Bezerras e mais vendedores de castellos, em um dos melhores *sirventeses* historicos do Cancioneiro (**CV 1088**).

Restam de Vasco Gil treze *cantigas de amor* (*Ind.* 267—279 = **CA 144**—**156**), das quaes apenas sete se acham no **CB 253**—**258**; uma *de amigo* (*Ind.* 664 = **CV 266**); e uma *de escarnho,* que é notavel pelo decoro com que zomba (*Ind.* 1512 = **CB 385**): uma curiosa tenção com Alfonso o Sabio, que julgo redigida pouco depois de 1252. Pode ser que collaborasse com Pero Martins,[3]) na tenção **CV 1020**, lançando crueis doestos contra a Ordem dos Hospitaleiros que accusa de devassidão, avareza e cobardia. Se o D. Roy Gil, ahi aggredido, fosse o *Rodericus, Prior Hospitalis* que assignou a doação de Palmella e Alcacer á ordem de Santiago, e a de Arronches ao mosteiro de Santa Cruz, nos annos de 1235 e 1236,[4]) teriamos mais uma data que combinaria perfeitamente com o pouco que sabemos de D. Vasco Gil.[5])

XIV. Don Joan Peres de Aboin.

§ 236. Estamos deante de um dos principaes vultos historicos da côrte de Affonso III que de principios relativamente modestos subiu ás culminancias do poder. Emquanto o pae *D. Pedro*

---

1) „Foy d'epistola", no dizer do Conde de Barcellos (Tit. XXV, 295).

2) Lang **CD** p. XXVIII conta-o entre os que já poetavam antes de 1211. Julgo que o confunde com Gil Vasques, seu pae.

3) Esta poesia anda entre os versos de D. João Soares Coelho.

4) Herc. II, 495. — *Nova Malta* 256 e 295. — *P. M. H.: Leges* I, 627 e 630. O grande historiador chama-o D. Rodrigo Gil. Nos documentos lê-se *Rodericus Eg.*, abreviatura que pode significar *Egidius* ou *Egas.* — *Mon. Lus.* XVI, c. 24.

5) Vid. a nota que no Vol. I acompanha a cantiga **455**.

Ourígues[1]) e o avô *Ourigo*, ou *Ourigo Annes*, eram senhores apenas de um pequeno solar no julgado da Nóbrega, na margem direita do Lima, e de algumas terras adjacentes, como Aboim,[2]) João Peres prosperou a ponto de ser um dos mais abastados e influentes barões do seu tempo, aparentado com Sousas e Telles de Meneses e, por dois netos seus, com a propria Casa Real — Senhor de tão extensos e numerosos terrenos no Alemtejo e no Algarve, que foi preciso organizar um cadastro especial para os herdeiros, ainda existente na Torre do Tombo.[3])

---

1) E não *Rodrigues*, como escreve o inexacto Francisco Brandão na *Mon. Lus.* XVI, c. 53 (no c. 55 ha indicações mais correctas); nem *Ouriques*, conforme se lê ás vezes nas *Inquisitiones;* e menos ainda *Henriques*. Quanto á mãe, ha confusão. Alguns auctores chamam-na D. Maria ou Marinha Viegas, seguindo o supposto *Livro do Conde (P. M. H.: Script.* 319), a qual na realidade casou com um irmão de Pedro Ourigues, nomeado Fernão Ourigues. Outros lhe dão o nome Urraca Gil (ib. 161), filha de D. Inês Soáres Coelha, de modo a fazerem de D. João Peres de Aboim o filho de uma sobrinha, i. é uma especie de neto-torto de D. João Soares Coelho, o que é chronologicamente impossivel. Cf. *Biogr.* XV. Ambas pertenciam, de resto, á estirpe de Egas Moniz, o que é significativo e mostra o apreço em que era tido o senhor da Nóbrega. Houve entre os filhos de D. Pedro um Fernam Pires, Farinquel, que se distinguiu por „catar bem o agouro" o que na linguagem do tempo significa „lêr a sina, á maneira gallega, pelo vôo das aves". Uma Maria Ourigues, filha, ou antes irman, a concluir do apellido, que o Nobiliario nomeia freqüentes vezes, mas com muita confusão, casou com Raimundo Veegas de Portocarreiro (irmão do Arcebispo de Braga João Egas), o audacioso partidario do Bolonhês que raptou a Rainha D. Mecia Lopes de Haro de ao par de Sancho II. — Vid. *Mon. Lus.* XV, 31. Herc. II, 387, 397 e 510. — *P. M. H.: Script.* 340 e seg.

2) O primeiro *Ourigo* (ou Eurigo) Ourigues de que ha noticia (*P. M. H.: Script.* 269 e 356), fundou o castello da Nobrega por ordem de D. Affonso Henriques, recebendo em troca dois casaes de Penelas. — *P. M. H.: Inquisitiones* 38: *Oorigo Ooriguiz ... fecit illum castellum de Anovrega.* — No mesmo julgado adquiriu mais bens, como a quinta de Crastafroia e predios em Ermello, S. João de Grovelas e S. Maria de Aboim (ib. 37, 117, 119).

3) *Livro do registo das cartas dos bẽes et ereãcas* (= heranças) *que Dō Joam de Portel teue nẽstes reinos.* — Cf. J. A. de Figueiredo, *Nova Malta* II, p. 27 n. 8; 59 n. 24. O „*Livro I de Affonso III*" encerra tambem documentos importantes, relativos ao valido. Sobre o modo como elle veio a ser *vizinho* de dezenas de concelhos que o *herdaram* liberalmente, sollicitados e instigados ás vezes pelo proprio monarca, ha especies curiosas nas paginas dedicadas por Herculano a este e outro ministro prepotente de Affonso III. — *Hist. Port.* III, 111—117. — Todavia esse outro privado do rei, o chanceler Estevam Annes, despertou muito mais envejas e malquerenças que o Senhor de Aboim, por causa da sua insaciavel cobiça, aspereza de caracter e sem-cerimonia de proceder, praticando actos que os posteros qualificaram de rapina. — Cf. *Biogr.* XV.

Tanto no *Livro Velho* como no *Livro do Conde* affirma-se que João Peres foi feito rico-homem por D. Affonso, de onde deveriamos concluir que anteriormente fôra apenas infanção, como Ruy Gomes de Briteiros. Ambos accrescentam ainda, depois de enaltecer a sua bondade e honradez, assim como o grande numero dos seus vassalos e o avultado dos seus bens, que tudo isso era devido á mercê del-Rei.[1]) Creio que a maledicencia influiu um tanto sobre os linhagistas. Segundo Herculano, o pae e o avô já gozavam de bastante influencia. Julga reconhecer o avô de D. João em um *Honoricus Johannes* que ocorre assignando em 1223 o foral de Sanguinedo em Panoias[2]) e o pae no *Petrus Orige, senescallus Comitis Boloniae,* mencionado pelos historiadores franceses como prisioneiro no batalha de Saintes, a qual o Bolonhês Affonso de Portugal rompeu em 1242, repellindo as tropas de Inglaterra.[3]) E certamente com razão, visto que *Petrus Honorici* apparece no juramento de Paris como *camerarius* ao lado de *Stephanus Iohannes* e *Rodericus Gomesii de Britteiros.*[4]) A estas e mais provas de devoção, dadas ao Conde, não só emquanto viveu em França, mas muito especialmente nos tristes e ruidosos successos que o restituiram ao seu pais, transformado em protector e regente e, por fallecimento do legitimo monarca, em Rei de Portugal, é que João Peres deveu a sua fortuna.

De 1248 em deante nunca decahiu na confiança e affeição de Affonso III, prestando serviços na conquista do Algarve, no difficil governo d'esta tão disputada provincia, e nas guerras e contendas, sustentadas por causa d'ella contra o rei castelhano. Juntamente com seu filho Pedro Annes teve de ir na primavera de 1263 a Sevilha, jurar homenagem das fortalezas algarvias,[5]) em penhor de que o principe português ajudaria, em caso de guerra, seu sôgro

---

1) *P. M. H.: Script.* I, 161 e 319. — Cf. 152, 193, 178 e 341. — *Hist. Gen.: Provas* VI, 673. — *Mon. Lus.* XV, c. 9, 30, 31, 34; XVI, c. 5, 23, 52; XVII, c. 47, assim como as Escripturas elucidativas no fim da *Parte* IV e V.

2) Herc. II, 301 e 475. — *P. M. H.: Leges* I, 599. — Encontro o mesmo personagem em 1226 a assignar o foral de Marvão, ao lado de D. Abril Pires e Gil Vasques. É verdade que em ambos os documentos como simples testemunha sem *conf.* e sem *dominus*, o que mostra que realmente não era rico-homem.

3) Herc. II, 385 (Matth. Paris ad. ann. 1242. Nangis, ad calcem Joinville *Hist. S. Louis,* ed. 1761, p. 185).

4) *Mon. Lus.* IV, *Escr.* XXXV. — Cf. Herc. II, 387 e 397.

5) Tavira, Loulé, Faro, Silves, Aljezur e Paderne eram castellos postos em terçaria de 1263—1267.

com cincoenta lanças, estipuladas pouco antes em um tratado de paz, destinado a pôr termo ás longas desavenças sobre o dominio das terras arrancadas aos mouros.[1] Em 1264 collaborou na demarcação dos limites de Leão e Portugal.[2] Tres annos mais tarde, após a visita paga ao avô por D. Denis, criança de cinco a seis annos, obteve a quitação das cincoenta lanças e ordem de entregar os castellos a Affonso III, que desde então ficou em pleno e pacifico senhorio do Algarve.[3] Ainda em 1282, quando D. Denis já empunhára as redeas do governo, voltou novamente a Sevilha, como embaixador, no acto de se publicar a sentença contra Sancho, o infante bravo e rebelde.[4]

Na côrte, D. João Peres desempenhou varios cargos. Durante algum tempo foi alferes.[5] De 1254 em deante serviu de mordomo da menina e futura rainha D. Beatriz,[6] passando em 1264 a mordomo da curia.[7] De 1258 em deante pertencia ao conselho del Rei,[8] a cuja reconciliação com a egreja, *in extremis,* assistiu e que o nomeou seu testamenteiro.[9] Foi tambem procurador de Evora[10] e da comarca do Alemtejo.[11] Continuou a prestar serviços durante o curto periodo da regencia de D. Beatriz e no tempo de D. Denis.[12] Em Junho de 1287 era fallecido.[13]

1) Sobre as pazes de 1263, a ratificação de 1264, e a remissão de 1267 consulte-se Herc. III, 66, 74 e Nota IX.

2) *Mon. Lus.* XV, c. 30. — Santarem, *Quadro* I, 2 e *Corpo Dipl.* I, 19.

3) *Mon. Lus.* XV, c. 34 — Santarem, *Corpo dipl.* I, 16 e 23. A carta, pela qual Alfonso X manda a D. João de Aboim e Pedrannes de Portel entreguem os castellos ao seu soberano, alsolvendo-os da homenagem e cedendo todo e qualquer direito ao Algarve, é de 16 de Fevereiro de 1267.

4) Santarem, *Quadro* I, 112; Figanière, *Rainhas de Portugal* 123.

5) Ha um doc. de 1250 onde assigna como *sub-signifer* ou alferes menor. — *P. M. H.: Leges* I, 636 e 652. — *Mon. Lus.* XV, c. 18 (1254).

6) *Mon. Lus.* IV, *Escr.* 31; Figanière, *Rainhas de Portugal* 122, 248 e 249.

7) *P. M. H.: Leges* I, 213, 215, 216, 217, 706, 710, 716, 733 etc. É uma longa serie de leis e foraes de 1264—1273, confirmados por *Domnus Joannes Petri de Avoyno maiordomus curiae.*

8) *P. M. H.: Leges* I, 198.

9) *Hist. Gen.: Provas* I, 56 — *Mon. Lus.* XV, c. 47.

10) *P. M. H.: Leges* I, 736: *tenens Elboram* (a. 1277). — *Diss. Chron.* I, 294. — *Mon. Lus.* XVI, c. 23, 25, 26.

11) *P. M. H.: Leges* I, 729 e 730: *tenens terram de Ultra-Tagum* 1273. — *Mon. Lus.* V, *Escr.* 8.

12) *Mon. Lus.* XVI, c. 36. No anno 1283 ainda assigna como *tenens Ultra-Tagum.* — Cf. c. 25, 26, 28, 31, 38, 44 (por erro 34).

13) *Mon. Lus.* XVI, c. 52; cf. c. 48. — *Rev. Lus.* V, 125—127. É absolutamente impossivel que o illustre privado de Affonso III seja o mesmo

§ 237. A mais importante entre as innumeras mercês e doações que logrou, *pro multo servicio quod mihi fecistis bene et fideliter longo tempore in Francia, in Hispania, in regno Portugalliae,*[1]) foi a licença, de construir o castello e de repovoar a villa de Portel,[2]) o antigo „Marmelar", ficando com o senhorio de todos os direitos espirituaes e temporaes. Em conformidade com este privilegio, D. João, juntamente com sua mulher e o primogenito, deu foral á nova villa, datado de 1 de Dez. de 1262, segundo o fôro e costume de Evora.[3]) Mandou construir ahi, de 1258 a 1268, segundo calculos de Herculano, o mosteiro do Marmelar, com a egreja de Sta Maria, de accôrdo com o insigne Affonso Peres Farinha,[4]) doando-a e sujeitando-a com todas as mais de seu termo (que de futuro se fundariam) á Ordem dos Hospitaleiros. Foi ahi que escolheu sepultura para si e sua mulher D. Marinha Affonso, filha d'aquelle Affonso Pires de Arganil, que trouxe as cabeças dos martires de Marrocos para Santa Cruz de Coimbra depois de 1220, e por mandado do Infante D. Pedro (1187 — 1258).[5]) Esta valiosa doação[6]), outorgada *in puram et perpetuam eleemosynam,* levantou tal brado

---

personagem que figura como juiz de Betanços em uma escriptura gallega de compra, relativa á herdade de Armeá, effectuada entre o mosteiro de Sobrado e D. Maria Peres (a Balteira) em 1 de Junho de 1257. (*Rev. Crit. Hist. Litt.* I, 234.) Bastará lembrar que em Galliza ha nada menos de seis aldeias de nome Abuim e que nessas houve certamente sempre muito João.

1) *Mon. Lus.* XV, c. 36: . . . *et in aliis locis ubi mihi necesse fuit.*

2) A primeira licença, relativa a esta fundação, é de 1257. Ordena ao concelho de Evora que dê a D. João dilatada herdade nas proximidades de Portel, no valor de 6000 solidos, a qual veio a ser demarcada e coutada em 1265. — Vid. *Diss. Chron.* I, 295. — A villa fica proxima ao rio Degebe, ou Ogidebe, affluente do Guadiana.

3) *P. M. H.: Leges* I, 703: *Todolos moradores de Portel e de seus termhos . . . devem seer nossos vassallos e obedecerem a nos e a todolos nossos successores assi como a senor* . . . Cf. ib. 489 o foral do Marmelar, dado na epoca de Sancho I (1194).

4) Sobre este benemerito Prior dos Hospitaleiros e a extensa inscripção collocada nas traseiras da egreja de Sta Maria, veja-se a argumentação opposta por Herc. (II, 327 e 491) á *Nova Malta* de Figueiredo. N'ellas diz: *Frater Alfonsus Petri Farina Ordinis Ospitalis Sancti Johannis Ierosolimitani existens etatis L annorum incepit edificare hoc monasterium per mandatum nobillissimi domini Iohannis Petri de Avoyno qui dedit in elemosina ordini ospitali hereditatem pro fundatione istius monasterii et cum magnis possessionibus dotavit.*

5) *Script.* 112, 113, 115. A degollação teve logar a 16 de Jan. 1220. Ignoro a data da tresladação dos restos para Coimbra.

6) *Mon. Lus.* V, *Escr.* 6, de 2 de Abril de 1271.

que ainda no sec. XVI o senhor de Aboim era habitualmente designado como „o que deu a villa do Marmelar á Ordem de S. João.“ [1])

O appellido de Aboim, [2]) que o filho de Pero Ourigues da Nóbrega escolhêra para si, por ser nado e criado no logar d'este nome, não perdurou: o filho Pedro Annes, que desde 1263 accompanhára o pae em quasi todos os seus feitos, ora como *tenens Algarbium,* ora como governador de Leiria, entitulou-se *de Portel.* [3]) Do seu consorcio com D. Constança Mendes de Sousa, bisneta do Conde D. Mendo, nasceu, como ficou explicado, entre outros filhos, D. Branca Pires, casada com um dos filhos illegitimos de D. Denis, o trovador e linhagista Conde de Barcellos. Este foi quem herdou parte dos bens do d'Aboim. Outra filha, D. Maria Peres matrimoniou-se com D. Denis Affonso, bastardo do Bolonhês.

Lembrarei ainda que o esposo de D. Marinha Affonso adquiriu para a sua fundação uma reliquia, parte do *lignum crucis*, por esta ter brilhado mais tarde nas mãos do Prior dos Hospitaleiros Frei Alvaro Gonçalves Pereira, avô do Condestavel, na batalha do Salado, [4]) segundo a lenda contada no *Livro do Conde.* Pedro Annes, fiel servidor de D. Denis, parece ter tido pretensões literarias, sem todavia ser poeta. Um seu capellão, Gil Peres, traduziu, por sua ordem, e por ventura a pedido do monarca, a importante cronica do mouro Rassis, juntamente com o nobre architecto arabe Mestre Mafamude. [5])

§ 238. Como poeta João Peres ensaiou-se, como a maioria dos trovadores alfonsinos, nos tres generos consagrados na côrte portuguesa, compondo ao todo 33 poesias. Seu nome apparece, por isso mesmo, tres vezes no *Indice*: a encabeçar as cantigas

---

1) P. ex. nas obras de André de Resende.

2) Em textos latinos (a. 985) a villa de *Aboim* tem o forma *Abulin* por *Abolini,* genitivo de *Abulinus,* nome proprio que occorre em outro documento de 974. — Vid. *Archeologo Port.* IV, 198.

3) D. João perpetuou todavia o nome de Aboim, edificando outra villa do seu appellido perto de Elvas. — *Nova Malta* II, 195, n. 72. — A quinta e a casa de S. Maria d'Aboim, adquiridas tarde, no anno de 1270, e que nas inquirições de D. Denis foi achada honrada, tambem permaneceu pouco tempo na familia, pois que no reinado de D. Affonso V foi comprada por um Fernão Martins, criado do arcebispo de Braga. — *Mon. Lus.* XVII, c. 47.

4) *P. M. H.: Script.* I, 186—189.

5) Cf. André de Resende, *Epist. ad Bartol. Cabed.* e *Antig. Evor.*, c. 11.

295—311; 665—677 e 1400—1402. Todavia não nos podemos gabar de conhecer o peculio inteiro. As 17 cantigas, certamente de amor, que constituiam a primeira serie faltam, todas, nos apographos italianos, e tambem no codice português, menos uma (**CA** 157). As onze, collocadas entre os cantares de amigo (**CV** 267—277), são graciosas e fluentes. Uma é uma *Pastorela.* Aboim dirigindo-se a cavallo a Santiago de Compostella, pelo caminho francês, encontra um grupo de pastoras. Uma d'ellas queixa-se de desgostos de amor, entoando versos de estylo popular, provavelmente tradicionaes, quer fossem do proprio Aboim, quer de autor diverso:

Nunca molher crea per amigo,
pois s'o meu foi e non falou migo![1])

A esses uma das companheiras replica, cheia de paixão e de esperança:

Deus! ora vẽesse o meu amigo
e averia gran prazer migo![2])

Criticos estrangeiros[3]) acharam frisante a semelhança entre esta scena e outra, esboçada por Guiraldo de Bornelh, numa pastorela *a la usanza antiga.*[4]) E na verdade, este Provençal, enaltecido por Dante[5]), e que fez esforços para obter a primazia sobre todos os trovadores, alcançando o titulo de *mestre,*[6]) apresenta tres donzelas a cantar (*tres tosas en chantan*).[7]) Mas a igualdade cifra-se só nisso. As suas pastoras, verdadeiras palacianas disfarçadas, deploram a *des-*

---

1) Cf. **CV 843.** *Nunca jamais per amor creerei, Pois que me mentiu o que namorei.* — Ib. 418. *E ja qual molher devia Creer per nulh' ome nado.* — **CD 1125—1128.** *Oi mais nom é nada De fiar per namorado Nunca molher namorada Pois que mi-o meu á errado.* — **CD 2101.** *Nunca molher deve, bem vos digo, Muit' a creer perjuras d' amigo*, onde devemos lêr *per juras*, considerando *per* como adverbio, como em todos os mais exemplos que juntei. É um logar commum da poesia popular. Lang (**CD** p. LXXII) forneceu um exemplo francês e outro italiano.

2) Cf. **CV 300.** *Par Deus se ora, se ora chegasse! Co el mai leda seria.* Jeanroy (p. 133) diz: *il ne serait pas impossible que quelques uns de ces refrains appartinssent réellement à la poésie populaire; malheurensement rien n' autorise à l' affirmer.*

3) Jeanroy 133; Lang XXXV e LXXV; *Mod. Lang. Notes* X, 226—227.

4) *Lo douz chant d' un auzelh.* Bartsch, *Grundriss* 242, 46.

5) *De vulg. eloq.* 2, 2.

6) Appellidam-no tambem o *poeta da honestidade.*

7) A meu ver, as pastoras introduzidas por Aboim são quatro, mas apenas duas cantam nas estrophes conservadas. Supponho que a poesia continuava em outras tantas estancias, cada uma com seu distico final.

mesura e o dano que han tomado alegria e solaz, cingindo-se ás ideias do trovador, que lhes expõe, moralizando, desventuras e gravames pessoaes.

Muito mais parecidas são na sua frescura, não raras vezes excessiva, as campesinas e serranas dos romances e das pastorelas francesas, de cuja bocca ouvimos numerosos *cantarcillos* semi-populares, aparentados com os de cá, embora ás vezes sejam de uma precisão e um realismo que contrasta com o candor vagamente poetico das manifestações da musa gallaïco-portuguesa.[1]) Mesmo o principio da composição portuguesa — *Cavalgava noutro dia* — irmana perfeitamente com a typica introducção francesa: *Je chevauchoie l'autrier.*[2]) As tres damas tambem não faltam em exemplares do Norte da França.[3]) Mal se pode duvidar que o companheiro do Conde de Bolonha se deleitasse em saborear em Paris, no quarto e quinto decennio do sec. XIII, os productos lyricos então mais em voga, e que estes o impressionassem sufficientemente para não precisar de modelos directos da Provença[4]) no acto de poetar. Chronologicamente, a sua Pastorela pode ser a primeira das pouquissimas que subsistem nos cancioneiros gallaïco-portugueses.[5])

Quanto á cantiga **CV 279** que, sendo de amor, está fóra do seu logar, as indicações não são concordes. No **CA** esta poesia figura

---

1) Cf. Jeanroy, especialmente Parte I, c. 1 e 5 e Parte II, c. 5. A pag. 114 lê-se: »quand un chevalier aborde une bergère il est rare que celle-ci ne soit point occupée à chanter et quand le poëte nous dit ce qu'elle chante, c'est ordinairement un refrain.« — Bartsch, *Altfranzösische Romanzen und Pastourellen.* Leipzig 1870, Parte I, 20—26, 31, 34—36, 38, 41, 45, 48, 49, 51, 53; Parte III, 38, 48, 57, 69, 71.

2) Das 241 composições, entre pastorelas e romances colleccionadas por Bartsch, um cento pelo menos começa com a formula: „outro dia, »continuando com o verbo« cavalgar": *L'autrier chevauchoie, L'autrier quant me chevalchoie, L'autrier chevachai pensis* e por ahi alem *cum gratia in infinitum.* As restantes indicam a localidade, como as serranilhas peninsulares (p. ex. *Entre Arras et Douai*), ou pintam dias de Abril e Maio pelo typo: *Huimain ou dolz mois de mai* ou *Le premier jour de mai.*

3) Bartsch, *Romanzen u. Past.* I, 20: *Trois sereurs seur rive mer chantent cler;* ib. 21 onde assistimos ao colloquio cantado por tres casadinhas mal maridadas. — Cf. **CV 867**: *Tres moças cantavan d'amor, Mui fremosinhas pastores.*

4) Não será demais repetir aqui a phrase discutidissima de Raymundo Vidal: *La parladura francesa val mais et es plus avinenz a far romanz et pastourellas.*

5) Depois d'elle appareceram apenas quatro rivaes: primeiro Pedr' Amigo (**CV 689**) e Lourenço (**866** e **867**); depois Aires Nunes (**454**) e D. Denis (**102**, **137** e **150**).

no meio de versos que vão attribuidos nos apographos italianos a Rodrigu' Eannes Redondo, mas como nella se manifestam reminiscencias de modelos franceses, parece-me antes de D. João. Assim o entende Lang, conferindo o distico:

non saben tanto que possan saber
qual est a dona que mi faz morrer

com outro de Baudouin de Condé

Ja par moi n' iert noumée
Cele que j'ai amée.

Mas, accrescento eu, a mesma ideia se repetiu tantas vezes na Provença e na França, e tantas vezes tambem em Portugal, que para acreditarmos num emprestimo directo, seria preciso correspondencia de forma muito mais pronunciada.

As tres cantigas de maldizer são *tenções* pouco saborosas, de modo algum isentas de palavras tão baixas, que admira encontrá-las no vocabulario de um rico-homem da confiança del-Rei, mesmo na idade-media. Na primeira (**CV 1009**), que versa sobre as más qualidades de um jogral, o Senhor de Aboim é apostrophado pelo seu parceiro D. João Soares Coelho simplesmente de *João Peres,* motivo insufficiente para a julgarmos anterior ao seu supposto levantamento á categoria de rico-homem. O titulo de Aboim é-lhe concedido na segunda (**CV 1011**),[1]) em que o „accomettedor" Coelho moteja da sua vaidade de poeta, amesquinhando o seu talento. Na ultima (**CV 1010**), o magnate trava razões com Lourenço,[2]) dis-

---

1) Está incompleta, faltando a quarta estrophe.

2) Com relação a Lourenço remetto o leitor á *Biogr.* XXXVIII e á *Randglosse* I, 57. Devo emendar todavia algumas indicações e apreciações menos correctas d' aquelle estudo. Os versos 1—3 da cantiga **CV 1022**, em que se repete tres vezes a palavra *pero,* parecem-me adulterados. O primeiro *pero* pode ser o adverbio *per hoc,* mas tambem a forma familiar do nome *Pedro.* O mesmo advirto sobre a cantiga **1051**, que principia tambem com as palavras *Pero Lourenço.* Subsistem d' elle duas cantigas *de amor* (**CV 693** e **706**); sete *de amigo* (**CV 865—871**); oito *tenções* em que o vemos ora agredido violentamente por D. João de Aboim (**CV 1010**), D. João Soares Coelho (**CV 1022** e **CB 1501**), João Garcia (**CV 1104** e **1105**), ora accomettendo cavalleiros como Rodrigu' Eannes (**CV 1032**), Pero Garcia (**CV 1034**), João Vasques de Talavera (**CV 1035**) e Martim Moxa (**CV 1036**); e ainda um *sirventês* (**CV 1033**), lançado contra Pedr'Amigo, o qual replicou em o Nº **CV 1202**. A ousadia da jogral, a sua jactanciosa philaucia, o arrojo de querer celebrar damas da côrte em versos de amor, mas em especial os talentos indubitaveis do humilde cantor, despertaram ciumes e despeitos da parte de trovadores que, desfazendo systematicamente tanto da sua sua arte como dos seus costumes,

tincto jogral dos poucos que se metteram a trovar, não satisfeitos com a faina de somenos valia de cantar e tocar composições alheias.

P.S. Muito depois de eu ter redigido o meu artigo, publicou-se em Lisboa a obra historico-heraldica de grande merecimento, entitulada *Livro Primeiro da Sala de Cintra* por Anselmo Braamcamp Freire[1]), segunda edição de artigos, escriptos em 1884 para o conhecido jornal *Diario Illustrado,* que não cheguei a vêr. Nelle ha, intercalado no capitulo consagrado aos Sousas (IX), um excurso (III) sobre a familia de Aboim, embora o seu brasão esquartelado[2]) (1 e 4 enchequetado d'oiro e azul de tres peças em faixa, e tres em pala; 2 e 3 d'oiro, tres palas de azul) occupe apenas o 42° lugar na sala manoelina dos veados. D'este excurso, riquissimo em noticias exactas e que muito recommendo ao leitor curioso, vou transcrever o trecho que se refere ao engrandecimento da casa pelas doações e heranças abarcadas por D. João *o clientulus et fidelis vassallus do rei* registadas no *Livro dos bens.*

„Pelo livro se vê a ambição do valido de D. Affonso III; tudo lhe convinha, contanto que augmentasse as suas riquezas. Encontram-se ali cartas de doações, privilegios, diligencias, compras, vendas, adopções para heranças, quitações e outros contratos; uns do rei, outros de varias ordens militares e monacaes, de varios concelhos, de cidades e villas, que o recebiam com sua mulher e filhos por seus vizinhos, dando-lhe herdades, e finalmente de particulares que lhe vendiam, ou davam, ou deixavam seus bens, adoptando-o por filho, a elle, ou a seu filho mais velho, para herdarem a metade, ou a terça parte de suas legitimas, mesmo havendo filhos. Começam os registos da era de 1287 (a. D. 1249) em deante.[3])

Quanto a rapinagem, de que Herculano o accusara, seu perspicaz continuador prova que no caso especializado na *Historia de Portugal,* o D. João, pae de D. Pedro Annes, obrigado a restituir

---

o afugentaram da côrte portuguesa. Parece que retirou para Castella onde o encontramos, ligado com D. Pero Gomes Barroso, um dos trovadores de Affonso X, oriundo de Portugal (**CV 1051**). — Cf. *Biogr.* XXI.

1) Lisboa 1899. Aproveitei-o, na revisão d'este volume.

2) Pag. 114—144.

3) Uma carta de quitação geral de todos os contratos, directa ou indirectamente havidos entre o rei e o seu mordomo, foi-lhe de resto concedida em 3 de Janeiro de 1276.

ao concelho de Sortelha certos bens usurpados, não era o Senhor de Aboim, mas sim *D. João Martins Chora.*[1])

XV. D. Joan Soares Coelho.

§ 239. Incontestavelmente este é um dos trovadores mais notaveis, tanto pelo numero das suas cantigas, como pelas suas relações litterarias com Alfonso X e ainda com um dos provençaes que visitaram as côrtes peninsulares. Em razão do seu contacto com outros poetas portugueses — todos elles alfonsinos e pre-alfonsinos — já tive ensejo de me referir a Coelho em paragraphos anteriores,[2]) assim como em varias notas finaes,[3]) em que commento as cantigas.

João Coelho[4]) ou *Joan Cõelho*, na legitima forma archaïca, empregada no codice membranaceo),[5]) *Joam Soares,*[6]) ou ainda, mais correctamente, *D. Joam Soares Coelho,*[7]) teve illustres avoengos, como tantos outros trovadores gallaïco-portugueses. É tronco dos Coelhos de Riba-Doiro um certo D. Munho Veegas, denominado *o Gasco,* por ter passado de Gasconha para Portugal no sec. X ou XI.[8]) A gloria principal da linhagem cifra-se na historica façanha do decantado Egas Moniz, prototypo da *gram fidelidade portuguesa* e *para leaes vassallos claro espelho.*[9]) Filho, creio que segundo-genito[10]) de Suer Veegas, que foi o primeiro entre os Ben-Egas, apodado pelos seus intimos com o sobrenome *Coelho*, João Soares tinha por avô materno, conforme já ficou dito, a Mem Moniz, Senhor de Candarey, dado pela tradição como um dos valentes que primeiro entraram em Santarem, na noite de 15 de Março de 1147.[11])

---

1) Accrescentarei ainda que na Bibl. Mun. Ebor. se conserva um contrato de D. João de Aboim com o bispo e cabido de Evora (MS. CIX., 1 — 15).

2) *Biogr.* IV, VII, IX, X, XIV.

3) **CA 89** e **104 — 107.**

4) **CV 1009, CB 1511.** — Cf. **CB 466.**

5) **CA 89.**

6) **CV 786, 1009, 1011, 1021, 1022,** e **CB 1501.**

7) **CV 280, 1012, CB 1501,** assim como na passagem correlativa do Indice.

8) Cf. *Biogr.* V, p. 339, nota 2.

9) *Lus.* I, 41 e VIII, 13. — Herc. I, 492.

10) Nos Nobiliarios é mencionado em primeiro logar seu irmão Pero Soares Coelho ou *Coelhinho.* — Vid. *Script.* 159.

11) No bello poema em prosa latina, quasi coevo do feito (attribuido por Herculano a um monje de Alcobaça), em que o proprio Ibn-Erric apparece narrando as particularidades do insidioso accommettimento, o verdadeiro heroe

Avô paterno era Egas Lourenço, e bisavô Lourenço Veegas, o Espadeiro, *o que amou muito el rey D. Affonso Henriques, e non-no chamava senão irmão, porque o criara seu padre.*[1])

Entre as varias formas alatinadas do nome, que occorrem freqüentes vezes em diplomas regios, as mais usadas são: *Johannes Suarii* — *Domnus Johannes Suarii* — *Domnus Johannes Sugerii Conelius* — *Iohannes Suarii Conelyo* (ou *Conelio*), *Iohannes Sugerii Coello*, ou então, com maior exacção *Dominus Johannes Suerii Conelius.*[2]) Nas versões usa-se de vez em quando *João Sueiro Coelho.*[3]) Como conselheiro de Affonso III assistiu, embora com alguma irregularidade, na côrte portuguesa, de 1250 a 1279, quer ella estacionasse no Algarve, quer em Coimbra, Lisboa, Santarem, Leiria, ou alhures.[4]) Mas nunca occupou cargo algum aulico ou administrativo que o obrigasse a ficar de assento em Portugal. A falta da sua assignatura durante annos,[5]) não só em documentos onde, depois de confirmados pelos mais altos dignatarios, se nota a formula: *et per alios de consilio* ou no texto: *de consensu et auctoritate meorum procerum*, mas mesmo em outros abundantemente providos de assignaturas, talvez indique que João Soares, de caracter independente, costumava ausentar-se da patria, *andando terras*, para, mais propenso ás bellas-artes do que a negocios do Estado e empresas bellicas, se inteirar da evolução da arte de trovar, e tambem para espalhar *sons* seus, e as suas *palavras*, pelas outras côrtes peninsulares, como verdadeiro trovador.

é Mem Ramires. De companheiros seus, apenas são mencionados Gonçalvo Gonçalves, Fernam Peres, um jovem Moqueime e um renegado, Martim Mohab. — *P.M.H.: Script.* I, 93—95. — Herc. I, 362 e 526. — Mas isso, se não autoriza, tão pouco invalida a asseveração dos linhagistas, porque evidentemente mais de cinco tomaram parte no assalto, reclamando em seguida a gloria de actores principaes!

1) *P. M. H.: Script.* I, 150, 159 e 317—318. Egas Lourenço era, de resto, filho natural. — *Mon. Lus.* X, c. 21.

2) Em 1250 e 1255 Coelho assignava singelamente *Johannes Soarii;* mas como varios outros cortesãos (um notario, um templario, commendador de Lisboa, um conego, um arcediago de Calahorra e um clerigo d' el-rei) usassem do mesmo nome, o rico-homem tentou outras formas, fixando-se a final na que indico em ultimo logar.

3) Frei Francisco Brandão emprega esta forma, p. ex. na *Mon. Lus.* XV, c. 37 e 42.

4) A sua posição talvez não fosse bem definida. Vejo-o tomar assento ora entre ricos-homens, ora entre infanções. Em geral só serve de testemunha, sem confirmar.

5) De 1255—1256, 1259—1260, 1262—1265, 1268—1271.

As tenues memorias que d'elle ficaram, habilitam-nos a fixar algumas datas da sua residencia em Portugal. Depois de accompanhar o Bolonhês na conquista do Algarve,[1]) este capitulo obscuro da historia portuguêsa, confirma em Coimbra a outorga dos bens do Mouro Abozoab ao chanceler Estevam Annes (1250).[2]) De ahi por deante assigna alguns foraes: 1252, o de Elvas e Torres-Vedras; 1253 o de Vinhaes. Em 1254 foi agraciado nas côrtes de Leiria com a villa do Souto da Ribeira.[3]) Um anno depois confirma o foral de Aroche; 1257 o de Monforte; 1258 o de Aguiar da Beira; 1261 o de Monsão; 1266 os de Silves, Murça, Noura e Pena da Rainha. Em 1269 assiste em Lisboa á promulgação das leis sobre os Mouros fórros do Algarve. Em 1273 põe o seu nome por baixo do foral dos Mouros fórros de Evora, e do de Freixo, e Monforte de Rio Livre,[4]) depois de haver tomado parte, no anno anterior, na reunião de magnates onde se decretou a lei dos ricos homens e cavalleiros que faziam *assũada.*[5])

Em 18 de Dezembro de 1273 apparece nas côrtes de Santarem.[6]) A 18 de Março de 1276 não falta na audiencia, dada ao Nuncio Frei Nicolau,[7]) nem tão pouco no acto da reconciliação do rei moribundo com os poderes ecclesiasticos (17 de Jan. 1279).[8])

Na época de D. Denis,[9]) depara-se-nos apenas seu filho Pero Annes,[10]) escolhido em Junho de 1278 para entrar na pleiada de proceres que iam constituir a casa do herdeiro da corôa,[11]) d'ahi em deante associado ao poder regio, debaixo de cujo peso vergava o usurpador, doente, cheio de remorsos e excommungado.

---

1) *Mon. Lus.* XV, c. 5, 7 e 9.
2) Ib. XV, c. 7.
3) Arch. Nac., *Livro de Affonso III*, fol. 4, segundo Brandão na *Mon. Lus.* XV, c. 9 e 18. — O nome geographico falta na abundantissima *Chorographia moderna.* Mas, no dizer de Brandão XVI, c. 2, trata-se de Souto de Riba de Homem, no Minho (*Livro I de Alem Douro* f. 216).
4) *P. M. H.: Leges* I, 620—733.
5) Ib. 223.
6) Ib. 229.
7) *Mon. Lus.* XV, c. 42.
8) *Mon. Lus.* XV, c. 37.
9) É sabido que a publicação dos *P. M. H.* assim como a *Hist. de Port.* alcançam apenas o fim do reinado de Affonso III.
10) Já sabem que alguns companheiros de João Soares continuam a figurar na côrte do successor.
11) *Mon. Lus.* XVI, c. 15—17.

Este filho, fallecido antes de 1317,[1]) não se distinguiu por feitos de nomeada. Os historiadores apenas o citam como pae de um dos tres algozes de Inês de Castro, aquelle Pero Coelho, cujo sobrenome provocou o atroz gracejo attribuido, pela lenda e tardiamente, ao *Justiceiro.*[2]) Das filhas trato em outro logar.[3]) Bastará lembrar aqui que uma d'ellas morreu em 1282, segundo o epitaphio[4]) e se dermos fé aos nobiliarios, ao cabo e por motivo de aventuras singulares de amores criminosos por que passou depois de casada. Outra (Mór Eannes) casou com João Peres de Portocarreiro, sobrinho d'aquelle audacioso Raymundo que em 1245 se apossou da rainha D. Mecia Lopes, levando-a a Ourem. Quanto á mulher de João Soares, nada consta além do nome e da naturalidade: D. Maria Fernandes, *Dordiis, Dordiz* ou *Dordees,* de Galliza. Talvez Sta Maria de Ordês?

§ 240. Tudo o mais que sabemos de João Coelho é inferido de versos seus e de outros alheios. Apura-se que, embora gentilhomem, o trovador, avido de gloria e bastante jactancioso, sahiu da sua terra em peregrinação. Uma vez gaba-se de que o mais atrevido entre os jograes da côrte ainda não tinha implicado com elle, chamando-se então trovador *pela graça de Deus*,[5]) e explicando a reserva de Lourenço com o medo que a sua habilidade superior lhe incutia:

---

1) As indicações de Argote de Molina (*Nobl. Andal.* II, c. 153) que nos dá D. João Soares Coelho *vivo e sano* em 1320, a tomar parte com as armas na mão nas contendas de D. Denis com o seu primogenito, não tem fundamento algum. Penso que ha confusão com outro João Coelho (II), filho de Estévam Coelho (I) e bisneto do trovador. Cf. o quadro genealogico no fim d'esta *Biographia.*

2) „*Ell Rey deu hum grande açoute a Pedro Coelho no rosto*, *e elle soltou, dizendo contra Ell Rey: Ah! tredor! fé perjuro! algoz dos omẽs! carniceiro! E Ell Rey dixe que lhe trouxessem cebolla e vinagre pera o Coelho . . . e mãdou tirar o coração pellos peitos a Pedro Coelho . . . e dixe Pedro Coelho ao que lhe tirava o coraçam: „Mete a mão á parte esquerda e achalloás mayor que de hũ touro e mays leal que o de hũ cavallo* (Acenheiro, *Chron.* p. 18). Os relatores antigos attestam, pelo contrario, que Pero Coelho morreu contritamente, reconciliado com todos aquelles que o haviam sentenciado. — *Script.* 221 e 310. — No sec. XV houve outro Pero Coelho entre os poetas da côrte de Alfonso V, o aragonês. — Vid. Canc. Gomez Nieva fl. 79 (p. 45) e A. de los Rios VI, 457.

3) Nas *Notas* relativas á cantiga **CA 89**.

4) *Era MCCCXX, 17 Cal. Sept. obiit D. Urraca Joannis Coella filia Joannis Sugerii Coello et uxor Sugerii Menendi Petiti.*

5) **CV 1011**, 20 . . . *trobar que mi Deus deu.*

porque sab' el que quant' en trobar jaz
que mi-o sei todo, e qu'é tod' en mi!

Nesta occasião allude vagamente ás suas relações internacionaes: *e do que se polo mundo faz, sei.*[1]) Em outra tenção, com o jogral Juião, affirma que este nem de longe corrêra tantas terras, nem tão boas, como elle, seu senhor.[2]) Ha mais uma em que Picandon, official da mesma arte, vindo de fóra, pede ao fidalgo portuguès, cujos dons está esperando, o favor de o recommendar *per u fosse.*[3]) É verdade que as unicas cidades estrangeiras, citadas nas cantigas de Coelho, são Toledo e Orgaz.[4]) Com relação a uma *ama* por elle celebrada, ainda se menciona a comarca de Burgos a Carrion, e muito vagamente toda Castella.[5]) Fóra d'isso, unicamente logares patrios.[6]) Mas tal pobreza de referencias nada prova em vista do caracter convencional da poesia palaciana.

§ 241. Em Toledo, Orgaz, Burgos ou Carrion, ou em qualquer outra residencia hespanhola, Coelho viu o afamado *En Sordello de Goito,* Mantuano de origem, mas provençal pela sua lingua e arte. Devemos suppôr que travou relações com elle, alcançando que o altivo aventureiro, enaltecido na *Divina Commedìa*[7]) e no

---

1) **CV 1011**, v. 17.

2) **CV 768**: *Joan Soares de pran, as melhores | Terras andastes que eu nunca vi | ... Joan Soares, nunca vi chamada | Molher ama nas terras u andei | ... En as terras u eu soia viver | Nunca mui bõa dona vi tecer.*

3) **CV 1020**: *Joan Soares, mui de coraçon | Vos perdõar ci que mi dedes don | E mi busquedes prol per u andardes.*

4) **CV 1011**. O de Aboim, motejando de certas bravatas de Coelho, replica: *ca ben o podedes dizer assi, | E que é vosso Toled' e Orgaz.* Só então na resposta é que Coelho se serve da mesma formula: *mais Toledo nem Orgaz non poss' eu aver.*

5) **CB 1511**. — Cf. *Randglosse* I, 26—27.

6) **CV 1014**: Lixboa, Santarem, Coimbra, Runa, Arnado, Amarante. — Cf. **1092**: *Eno Beote cabo Santarem.*

7) *Purg.* VI e VII. — Copio apenas a bella apostrophe em que o Dante celebra o trovador:

O anima lombarda,
come ti stavi altera e disdegnosa,
e nel mover degli occhi onesta e tarda! (VI 61.)

A outra, dirigida por Sordello a Virgilio, seu compatriota, é citada por Santilhana na Carta ao Condestavel (§ 5):

O gloria de' Latin — disse — per cui
mostrò ciò che potea la lingua nostra!
O pregio eterno del loco ond' io fui... (VII, 16.)

tratado *De Vulg. Eloq.*,[1]) imitado mas tambem hostilizado pelos poetas coevos, lhe recommendasse um jogral, capaz de o entreter, cantando e tocando *muitas canções* e *boas*. É Picandon, cujo nome ainda agora alleguei. Mas antes de esmiuçar esta difficil questão, será bom dizer mais duas palavras das obras de João Coelho.

§ 242. *Del Rey abajo*, um só entre os trovadores nos deixou colheita maior de versos,[2]) e poucos ha, como o Burgalês e Guilhade, que emparelhem com João Soares, legando-nos mais de 50 composições. No *Indice*, o seu nome encabeça as cantigas 312—330, 678—692 e 1403—1416, sempre immediatas ás de seu companheiro D. João de Aboim. Pela concordancia com o que ficou assente a respeito das obras d'esse trovador, de D. Vasco Gil, Pero Garcia, Ruy Queimado, e Torneol, o leitor, suspeitando a verdade, procurará de certo no primeiro grupo, cantigas *de amor*; no segundo, cantares *de amigo*, e no ultimo, versos *de escarnho*.

Das 22 cantigas de amor, 5 faltam nos apographos italianos. Conservaram-se todavia numa folha do **CA** (N^os^ **158—162**) de sorte que possuimos o peculio inteiro. Ás nossas cantigas **163—179** correspondem **CB 259—274** (= 316—330 do original). Os 15 cantares de amigo estão numerados **280—293** no **CV**, devendo notar-se que o ultimo é um conglomerado de dois fragmentos. Os de escarnho correm de **1012—1025**. Entre elles ha um em que se apresentam como tençoantes um Pero Martins e D. Vasco; por tanto, mal pode ser adjudicado a Coelho, entre cujos papeis andaria. Accrescem, pelo contrario, as duas tenções com o Senhor de Aboim[3]) e outra com Juião, o jogral.[4])

Entre os versos eroticos, bem feitos e variados, não só quanto ás formas metricas, ha duas obras em que, desejoso de novidades, embora receando invenções arrojadas, tenta recamar a urdidura convencional com alguns traços realisticos. Fallo das cantigas da *ama*[5]) que serviram de ponto de partida a varias outras, por mim já examinadas num estudo especial.[6]) Baldado esforço, porque o unico effeito da frouxa innovação foi suscitar contra o rebelde cor-

1) Ed. Pio Rajna I, XV, 2.
2) João Airas de Santiago.
3) **CV 1009** e **1011**.
4) **CV 786**.
5) **CA 166** e **171**.
6) *Zeitschrift XX: Der Ammenstreit, Randglosse* I.

tesão a ironia de magnates, como Esgaravunha (**CB 1511**), Airas Peres Vuiturom (**CV 1092**), D. João Garcia (**CB 1501** cf. **1024**), Martim Alvelo (**CV 1025**) e de jograes como Lourenço (**CV 1501** cf. **1022**) e Juião (**CV 786**). Tambem nas outras cantigas de Coelho ha, de longe em longe, vislumbres da vida real. Uma vez pede a Deus, lhe torne a mostrar a amada como a vira num dia memoravel: *seendo con sa madr' en un estrado.* Em outra occasião pinta os pormenores de uma despedida, com tintas na verdade muito pallidas, mas apraziveis: *e me non falou, nen me quis oïr . .! | U lh' eu díxi: ,,con graça, mia senhor,'' | Catoume un pouqu' e teve-mi-en desden* (**CA 174**). Varias vezes expõe aos amigos o seu estado d'alma (**177**). Respeita a dona amada como se fosse *filha de rei* (**175**). Nem mesmo ousa chamá-la *senhor* (**167**). Para encobrir o seu nome, leva o requinte até ao ponto de empregar o pronome indefinido *alguen* (**175**).

Quanto aos cantares de amigo, delicados como quasi todos os do genero, serviu-se na maioria dos casos do scenario e das figuras estereotypicas: a namorada, sanhuda quando o amigo se ausenta sem sua licença, queixosa quando uma mãe descaroavel a guarda com rigor, tristonha ao pé da fonte (onde lava os cabellos), depois de ameaçada e *ferida* por querer ir ao encontro do amado. Alguns afastam-se ainda assim da regra; uma vez introduz uma mãe que, longe de contrariar o *solaz* da filha, a protege obrigando-a a, jubilosa, reconhecer tão rara bondade.[1]) Aqui e acolá utiliza um prologuio popular.[2])

Das cantigas *de escarnho,* em parte desbragadas, algumas[3]) visam o mesmo pobre corcunda, de feições mouriscas, que mencionei como objecto dos improperios de Martim Soares, Ruy Gomes e Affonso do Cotom.[4]) Outras[5]) occupam-se da extrema myopia d'aquelle mesmo D. Estêvam que Ruy Queimado escolheu para alvo de seus gracejos[6]) e de que logo direi mais algumas palavras. Com relação a tenções, além das que fez com D. João de Aboim e das duas que se

---

1) **CV 287** e **293**[a].

2) *Quen ama Deus, ama a verdade* (**CV 1022**); ca diz o vervo que *non semeou | Milho quen passarinhos receou* (**CV 284**)*; | Quen Deus guardar non quer | Non pode guardado seer* (**CA 162**).

3) **CV 1012** e **1013**.

4) **CV 1014** e **1015**.

5) **CV 1009** e **1011**.

6) **CV 786** e **1022**.

referem á *ama*, subsiste apenas a dirigida pelo proprio Coelho contra Picandon.

§ 243. Mostrando-se ou fingindo-se pouco satisfeito com o saber profissional do segrel, perplexo por um mestre como En Sordello o ter estimado digno de brilhar na côrte, exige explicações, não sem franzir o sobr'olho senhorilmente: *ou vos, ou el dad' ende bon recado!* [1]) como que o mantuano estivesse presente, ou a pequena distancia, ás ordens do português. [2])

---

1) **CV 1021.** Eis a estrophe inicial no texto diplomatico de Monaci:

Vedes picandou soo maravilhado
eu denfsordel que ouçõe tençoes
muytas e boas ey mui boos soes
como fui enteu preyto tan errado
poys nõ sabedes iograria fazer
por queu9 fez p corte guarecer
ou uos ou el dadende bon recado.

Tentei a restituição, lendo:

Vedes, Picandon, son maravilhado
eu d' En Sordel de que ouç(o) entenções
muitas e bõas e mui bõos sões,
como fui en teu preito tan errado.
Pois non sabes jograria fazer,
¿porquê vus fez per côrte guarecer?
Ou vos, ou el, dad' ende bon recado!

Mas nos versos 2 e 3 talvez a lição proposta por Lollis seja preferivel: *ouço em tenções ... e em mui boos soes* (l. *sões*), tomando ambas as vezes *en* (*inde*) no sentido: *da parte d'elle.* A forma *entenções* por *tenções* era, de resto, muito usada em Portugal (**CV 1022**). Quanto á significação estamos ambos de accordo. *Il primo* (Coelho) *chiede*, *in sostanza*, *al secondo* (Picandon) *come mai messer Sordello*, *autore di così buone tenzoni e melodie faccia tal conto di lui, così poco pratico di giullaria, da renderlo gradito a corte. — Vita e Poesie di Sordello di Goito* p. 28.

2) Sordello diz na contenda com Bremon:

Ben a gran tort car m' apella joglar,
c'ab autre vau et autre ven ab me,
e don ses penre, et el pren ses donar
q' en son cors met tot quant pren per merce;
mas eu non pren ren don anta m' eschaja,
anz met ma renda e non vuoill guizerdon
mas sol d' amor etc. (VII).

Isto é: *Engana-se, chamando-me joglar; pois vou com outro e outro vai comigo; dou sem receber e elle recebe sem dar, embolsando tudo com quanto o mimoseiem; mas eu não aceito cousa alguma que me possa envergonhar; antes gasto as minhas rendas e regeito galardão que não seja d' amor* etc. Mas os seus adversarios ainda assim se referem aos dons que recebia.

Mas onde? Em Portugal? Na côrte do Santo Rei que libertou Hespanha de mar a mar e que, segundo o testemunho do filho, era juiz muito competente em assumptos de joglaria?[1]) No paço de seu pae, o velho leonês, visitado por trovadores provençaes, como Ugo de San Circ e Guiraldo de Bornelh? Ou então, João Soares freqüentou Jaime, o Conquistador, no seu reino de Aragão? E quem era este Picandon que responde em português, não menos correcto que o do Italiano Bonifacio Calvo,[2]) em phrase cortesã, mas tão firme que abrandou as iras verdadeiras ou fingidas do seu interlocutor?[3]) Um estrangeiro que aprendeu a linguagem gallaïco-portuguesa? Ou um peninsular, doutrinado pelo mantuano durante a sua estada àquem dos Pyreneos, para que na peninsula soubesse entoar com arte os seus sirventeses politicos e moraes e as suas canções e esparsas? Ignoramo'-lo, infelizmente.

§ 243ᵇ. Quanto a esta estada, o ultimo e muito erudito biographo de Sordello, opina que ella durou de 1229 a 1232,[4]) recahindo por tanto em uma época em que o gentil capitão, galante de sua pessoa, bom musico, bom poeta e grande amador, mas *moult truant e fals*, já gozava de luzida fama, comquanto esta ainda não tivesse attingido o seu auge.[5]) O *terminus ad quem* resulta, segundo elle, de outra viagem ao Poitou, emprehendida por Sordello (pouco depois da ida a Aragão, Castella e Leão) em visita a um *grand-seigneur* francês, Savaric de Mauléon, o eminente fautor e aficionado da poesia

---

1) Recordo a passagem bem conhecida da *Cronica General*: „*Pagabase de omes de corte que sabian bien trovar et cantar, et de joglares que sopiesen bien tocar estrumentos, ea de esto se pagaba el mucho et entendia quien lo facia bien et quien no.*"

2) Ha todavia pelo menos um provençalismo nas estrophes de Picandon: *falimen* (v. 14 e 28) por *falha*.

3) Na terceira estrophe, Coelho arremessa-lhe doestos vehementes, accusando-o de freqüentar tafurarias e tabernas e de ser amigo de rixas. Mas na *finda* retracta-se, pedindo perdão. Estou em duvida se as letras *Sinher* são realmente a forma provençal de *Senhor*. Se fosse certo, teriamos de reconhecer um provençal em Picandon. Mas o tratamento é estranhavel.

4) Antes do exame a que Cesare de Lollis procedeu, fôra costume collocar a viagem de Sordello á côrte de Fernando III nos annos 1237—1241. — Vid. O. Schultz em *Zeitschrift* VII, 207—210. — *Grundriss* 174, 5 e Lang, *Mod. Lang. Notes* X, 210—211.

5) Foi perto de 1220 que Sordello principiou a documentar os seus dotes poeticos.

provençal, que falleceu em 1233.[1]) O *terminus a quo* infere-o de occorrencias na vida agitada do audacioso roubador de fidalgas, que teve de fugir precipitadamente da Lombardia para escapar á vingança de barões que trahira, como os formidandos Ghibelinos, Alberico da Romano e Ezzelino. E certas referencias ao *Senhor de Leon,* nos versos de um enemigo de Sordello, confirmam Lollis na sua hypothese, visto que este titulo compete de direito, em vida de Sordello, apenas a Affonso IX, cujo successor, Rei de Castella desde 1217, cingiu a corôa das duas monarchias, de 1230 em deante. A Affonso IX refere portanto as palavras de Pedro Bremon Ricas Novas, em que, fustigando a ingratidão do (segundo elle) fingido cavalleiro, ou motejando da desfeita por elle soffrida na côrte do Leonês, exclama:

Del Seignor de Leon dis aquel mal que poc
En Sordels, tant l'es greu quand quer c'om non ditz d'oc.[2])

Dubitativamente lhe refere ainda outras allusões,[3]) muito embora nas poesias do proprio Sordello não haja uma unica palavra relativa àquelle monarcha. Os outros soberanos, dos quaes recebeu valiosos donativos (tambem no dizer de Bremon),[4]) de modo que regressou rico da sua expedição, devem ser Fernando III como senhor de Castella, e D. Jaime, o aragonês. De ambos falla, e por signal com censuras acres e injustas no celebre sirventês em que distribue o coração do seu amigo e protector Blacatz aos descorçoados.[5]) Além d'isso, compôs varias poesias onde menciona o rei de Aragão, dedicando-lhe mesmo uma d'ellas.[6])

---

1) Lollis p. 28. — Savaric tinha visitado, antes de 1214, as côrtes de Alfonso VIII e Pedro II de Aragão. Segundo os *Anales Toletanos*, tomou parte em 1217 na cruzada emprehendida pelas Ordens militares com gentes dos Reis de Castella e Leão e dos outros reinos contra os Mouros de Caceres: *Savaric de Mallen* (sic) *con muchas gientes de Gascoña fueran cercar Cancies* (sic). — *Esp. Sagr.* XXIII, 400.

2) *Do Senhor de Leão diz quanto mal pode En Sordello: tão mortificado fica quando alguem não lhe responde „que sim."* — *Poëtes occit.* 216; Bartsch, *Grundriss* 220, 6.

3) Allusões áquelle que é seu enemigo porque não lhe deu a mula *(a aquel que fo sos enemics que la mula noil det).*

4) *E dels autres dos ac qu'en venc d' Espaigna ries:* e dos outros teve dões taes que com elles regressou rico de Espanha.

5) Lollis V: *Planher vuelh En Blacatz en aquest leugier so.* — Veja-se Milá, *Trov.* p. 154; *Zeitschr.* XXIII, 201 e *Romania* XXVIII, 479.

6) E são: o sirventês aos tres desherdados (IV) „*Puois nom tene per pajat d'amor,* assim como o sirventês moral contra a malvadez dos ricos (XVI): *Qui beis membra del segle qu' es passatz.*

Até aqui estou de accôrdo, embora a argumentação sobre o leonês fique sujeita a leves objecções.[1]) Outro ponto ha, e este toca de perto o nosso D. João Soares, em que me afasto completamente do modo de vêr do investigador italiano. Além da primeira viagem de Sordello, lembrou-se elle de suppôr outra, posterior, estendendo-a ou estendendo ambas, até Portugal.[2]) Isso no principio do seu estudo.[3]) Mas no decurso ulterior da biographia não volta mais a esta hypothese. Pelo contrario, ahi prova sufficientemente, que Sordello permaneceu na Provença de 1233 a 1265, passando o resto da vida até 1269 na Italia. Vê-se por isso que a supposta segunda viagem foi ideada exclusivamente para explicar o encontro de Coelho com o mantuano, em harmonia com os dados que o proprio Lollis tinha estabelecido anteriormente a respeito do trovador português, no seu excellente estudo sobre Alfonso o Sabio e as suas cantigas profanas.[4]) Ahi o desenhára como um dos mais tardios trovadores peninsulares, motejador de um valido de D. Denis, opinião que ainda agora sustenta,[5]) juntando a reflexão que ao gentil-homem de certo não convém attribuir peregrinações trovadorescas pelas côrtes de outros paises, e a igualmente erronea observação que nos seus versos Coelho mostra não conhecer senão cousas e pessoas patrias. Como pelo outro lado teve de datar de 1241 duas cantigas do supposto trovador dionysio, e precisa de uma data atrasada, é este o anno que parece querer fixar para a segunda excursão de Sordello.[6]) Para confirmá-la julga ter descoberto um

---

1) Ha casos em que os trovadores chamam *Rei de Leon* a Fernando III, Alfonso X, Alfonso VIII e VII, induzidos pelo ritmo e a rima: p. ex. no descordo de Bonifacio Calvo; mas nas epigraphes em prosa não subsiste a mesma razão e no caso de que se trata, não ha que duvidar.

2) Convém observar que outro biographo de Sordello, Oscar Schultz, hesita sobre a data e a interpretação da formula: *seignor de Leon.* Acredita ainda assim na segunda viagem que tambem considera necessaria para explicar o encontro com o magnate português. — *Zeitschrift* XXI, 239.

3) *La notizia ci resulta certa da una tenzone tra Joan Soares Coelho e il giullare Picandon.* — Lollis p. 28.

4) *Stud. fil. rom.* IV, 31—66.

5) *L'attività poetica di J. S. Coelho, protrattasi indubbiamente fino al regno di don Dionisio, non può aver avuto cominciamento se non essendo già inoltrato il sec. XIII.* — Lollis, p. 29. — *La data del 1241 . . . mi par certa anch' oggi. Ma non mi par men certo che altri molti sian del tempo di rè Dionisio* (Ib. n. 5).

6) Não o diz directamente, mas 1241 é a unica data que occorre no trecho de que fallo.

esteio nuns versos provençaes, dirigidos contra o mantuano por Johanet d'Albesson. Vejamo'-los. Enumerando, com o exagero a que os apodadores se julgam obrigados, as terras percorridas por Sordello, e oppondo-lhes na segunda estrophe aquellas que em direcção opposta atravessou uma sua amiga desleal, a celebre Cunizza, o poeta provençal Johanet (que floresceu nos tres primeiros decennios do seculo), diz:

Vostra dompna, segon lo meu semblan,
vos contra[fatz], bel amic en sordel,
car vos annatz prouenza conqistan,
engleterra, e franza, e lunel,
e lemozi, aluergna e uianes
e bogoigna e totz los autres paes,
e d' espagna los plans els pois el mon
de conqerre tutor uos er' affron.[1])

Lollis traduz, não sei se bem ou mal, a ultima phrase: *E siete uomo da conquistare i piani e i poggi e i monti di Spagna,* concluindo que Sordello estava em vesperas de uma viagem á peninsula, a qual, por andar precedida de muitas outras excursões, já realizadas na Italia, „*não* parece ter sido a primeira, anterior a 1230“ (sic). Sendo, porém notorio que o mantuano já estivera em Florença, Verona e Treviso (sendo afamado e infamado em toda a Lombardia) assim como em algumas côrtes provençaes, antes de emprehender o seu giro hespanhol,[2]) não vejo o que possa autorizar semelhante interpretação. Pelo contrario, caso se tratasse de segunda viagem, Johanet devia ter introduzido no seu aranzel de nomes geographicos alguns nomes de terras hispanicas.[3]) Oxalá

---

1) I. é = A vossa dama, segundo o meu parecer,
imita-vos, bello amigo En Sordello,
pois vos andais conquistando a Provença,
Inglaterra, França, e Lunel,
o Lemosim, a Alvernha, o Viannês,
Borgonha e todos os outros paises;
e d' ora em deante as planicies e as collinas e os montes
de conquistar de Hespanha vos será afronto. (?)
Ou antes: „e d'ora avante tomareis a peito a conquista etc.“? — *Stud. fil. rom.* XIV, 171. — *Archiv* XXXIV, 403.

2) Lollis, *Sordello*, p. 30 falla da sua longa estada em Provença antes de 1235.

3) A ironia seria muito mais pungente se, marcando ponto depois de *conqistan,* podessemos referir todos os nomes geographicos que seguem ao

que o illustre critico ponha de lado a sua hypothese, quando reconhecer que as peregrinações do português, pelo menos a Leão e Castella, são mais que provaveis.

§ 244. Pela minha parte penso que João Soares Coelho passou a mocidade fóra de Portugal, como tantos outros barões, descontentes com as revoltas continuas que perturbaram a menor idade de Sancho II, designada muito pitorescamente nos documentos coevos como: *tempo do roubo*, ou *quando erat rouba* — 1223-1228 ou 1230 —[1]), e tambem o ultimo decennio do reinado. Se, sahindo da patria em 1229, tivesse seguido a fortuna do Bolonhês, a cujo lado o vemos de 1250 por deante, não o teriamos de procurar em Hesphanha, mas sim em França. Na cantiga de escarnho **CV 1012** e na **1013**[a] com as suas allusões á batalha de Cortenuova, o Emperador Frederico, a invasão dos Tartaros e aos preparativos para a terceira cruzada, não possuimos, de certo, as estreias do gentil-homem. Os primordios da sua actividade poetica devem ser do decennio que decorre de 1230 a 1240. Estas datas temporans tornam-se verosimeis, se ponderarmos que a mãe era filha de um valente que se distinguiu no meado do sec. XII, tendo o tres-avô criado o primeiro rei de Portugal. Torno a lembrar que o bisavô era collaço de Affonso Henriques, devendo o avô ter aproximadamente a idade de Sancho o Velho (n. em 1154 e fallecido em 1211).[2]) O pae seria por tanto contemporaneo de Affonso II († 1223) o que vem a igualar o nosso poeta chronologicamente com Sancho II e Affonso III, cujo servidor foi, de facto, conforme mostrei. O filho de João Soares era homem no reinado de D. Denis, como disse, e o neto, executor das ordens de Affonso IV, expiou o seu crime em

---

verbo *er* do ultimo verso. Johanet diz, de resto *vos annatz conqistan*, fallando de uma acção principiada, mas não concluida.

1) Herc. II, 273—279, 304—306 e 473—484 nota XVI e XXIII. — Cf. **CM 245**.

2) Teriamos de collocar o seu nascimento no segundo decennio do seculo XII. Parece todavia que teve muito mais idade, sendo adulto em vida de Sancho I. Digo isto, julgando-o identico ao *Suarius Venegas*, que foi nomeado em 1199 pretor da cidade da Guarda, novamente fundada. — *P. M. H.: Leges* I, 511. — Herc. II, 96—98. — Naquella data mal se pode tratar de Sueiro Veegas o Velho (I), filho de Egas Moniz, que já figurava em 1128.

1360.[1]) As relações de Coelho com Airas Peres Vuiturom, o implacavel antagonista do Bolonhês, fel e vinagre contra os que venderam os castellos, trahindo o legitimo soberano,[2]) concordam tambem.

De modo algum contradiz a curiosa observação que alguns versos de amor de João Soares foram recolhidos relativamente cedo em Castella e aproveitados pelo filho de S. Fernando, quando ainda se deleitava na composição de versos profanos.[3]) De onde se segue que o português pode ter assistido em Leão antes de 1230.

O torneio sobre a *ama*, que tentei datar de 1273, seria neste caso uma das producções senis do poeta, a não ser que se descubra o meio de assignar outra data anterior, á serie toda, incluindo a composição **CV 1024**, relativa ao decreto real sobre os trovadores e suas damas.[4]) As cantigas de escarnho, lançadas contra Estêvam,

---

1) Eis um retalho do quadro genealogico dos Coelhos:

{Sueiro Veegas II, Coelho (1199)
{Mor Mendes de Candarey ou Gandarey

{Pero [Soares] Coelho I {Brites Annes Redondo	{João [Soares] Coelho I {Maria Fernandes d' Ordês ou Ordis

Fernam Annes, clerigo	{Pero [Annes] Coelho II († 1317) {Margarida Esteves

{Estevam Coelho I
{Maria Mendes Petite

{João Coelho II filha de Martim Peres d'Aboim	{Suer Coelho (de Santarem) neta de Diego Lopes de Baião	{Estevam Coelho II Senhorinha Affonso	{Pero Coelho filha de Vasco Pereira († 1360)
Maria Coelho		João Coelho III.	

P. M. H.: Script. 150, 159, 317. — Estevam Coelho II ainda estava vivo em 1352 quando seu filho João Coelho (III) e seu irmão mais velho — João Coelho II — ambos como vassallos do Infante D. Pedro, cediam a este na cidade do Porto certos direitos, pelo *muito bem e merce que nos e os do nosso linhagem sempre d' elle recebemos e entendemos receber adeante.*

2) **CV 1088** e **1089**. — Cf. **1023** e **1092**.

3) Veja-se *Randglosse* I, p. 38, assim como as Notas que acompanham as nossas cantigas **160** e **175**.

4) **CV 1024**. — Cf. **CB 1514** (= 387). — *Randglosse* I, 31—33. — Lollis, *Cant. Alf.* p. 55. — Lang **CD** p. XXXIII.

o Cégo, as quaes Braga,[1]) Lang[2]) e Lollis[3]) imaginaram compostas em tempo de D. Denis, serão por ventura igualmente frutos de uma verde velhice. Mas repito: nada nos obriga a referí-las a Estêvam da Guarda, como querem os criticos citados.[4]) As 28 composições d'este cortesão pertencem todas ao sec. XIV,[5]) e nem uma só responde ás diatribes contra o Estêvam, apodado pela sua curteza de vista, egoismo ladino, e genio impetuoso, que o levava a dar pancada de cégo.[6]) Em nenhuma se responde ou falla a qualquer dos cinco maldizentes do optimo *ouvidor*, nem tão pouco de algum d'elles, o que seria significativo, mesmo quando versassem sobre assumptos diversos. Os maldizentes[7]) tambem não tratam o seu Estêvam com o nome completo, que tanto se prestava a trocadilhos.[8]) Entendo por isso que se trata de um personagem diverso, do tempo de Affonso III, seu collaço, e por isso o mais favorecido e mais odiado entre os seus validos, com quem já nos encontrámos nos paragraphos anteriores.[9]) Como D. João de Aboim e Pero Ourigues, este Estêvam, cujo patronymico é Annes, tinha seguido a fortuna do Bolonhês, figurando no juramento de Paris.[10]) Revestido no cargo supremo de chanceler, apenas o infante empunhára o sceptro, conservou-se neste posto até morrer em 1278,[11]) engrossando sempre os seus bens de raiz, com cobiça tão desmedida que Herculano o qualifica de *terrivel.*[12]) Em documento algum apparece com mais

---

1) *Canc. Vat. Rest.* LV e LXIII.
2) **CD** XXXV e XL.
3) *Alf.* X, p. 39 e 43.
4) *Randglosse* I, 46—48.
5) Este trovador, um dos ultimos cujos versos andam nos cancioneiros gallaïco-portugueses, apparece de 1304—1324 como empregado da Casa Real onde serviu de ichão, escanção-mór e escrivão. — Cf. § 174 (nota) e 354.
6) **CV 1089**, de Vuiturom.
7) **CV 1014** e **1015**. Coelho; **1089** Vuiturom; **995** e **997** Queimado; **1083** e **1085** Tenoiro; **1194** Pedr' Amigo. Todos, trovadores alfonsinos.
8) O emprego do vocabulo *guarda* na Cantiga **CV 1194** parece ser casual, visto não ser repetido tanto como era praxe, quando se tratava de jogar com um nome proprio, empregado ao mesmo tempo como apellativo. — Cf. **CA 466**.
9) Já sabemos que houve outro Estêvam Annes, o de Valladares, um dos trovadores cujos versos se perderam. — Cf. § 175 e 204. — Lang, (**CD** XXXI e *Mod. Lang. Notes* X, 213) confunde este com o chanceler.
10) *Mon. Lus.*, Vol. IV; *Escrit.* XXXV.
11) *P. M. H.: Leges* I, 198 e 229. — *Mon. Lus.* XV, c. 9 e XVI, c. 17.
12) *Hist. Port.* III, 111—117.

nome do que *Estevam Annes*, certamente por ser filho de um fidalgo modesto,[1]) mas no Cancioneiro nem mesmo este patronymico vem indicado. Apenas *Don Estevan*, de sorte que a minha opinião não passa de mera suspeita.

§ 245. Resta fallar de duas poesias alheias em que occorre o nome João Coelho. Julgo que em ambas se trata do nosso trovador, porque no sec. XIII não conheço outro fidalgo caracterizado com aquelle sobrenome.[2]) A obra de Pero Garcia (**CA 89**), na qual Coelho é citado como confidente de seus amores, já é nossa conhecida. Na segunda (*Ind.* 466 = **CB 358**) ha mesmo um pormenor que confirma o meu modo de ver. João Coelho é ahi tratado uma vez de *Joan Coelheiro*[3]), variante que não me parece mero expediente do metrificador, á cata de rima, porque um dos Livros de Linhagem applica o mesmo nome, derivado, ao irmão mais velho do trovador.[4]) E, caso importante, d'aquella extensa e curiosa cantiga, de caracter jocoso (mas espinhosa como todo o cyclo em que nos vem apresentada), é auctor, segundo a epigraphe do texto e do Indice, *El Rey Don Affonso de Leon.*

Eis-nos pois novamente em face do problema, se Coelho freqüentou a côrte do ultimo leonês? ou se aquella poesia deve ser adjudicada a seu neto, Alfonso o Sabio? Após a composição de que se trata, segue-se immediatamente a *Salve-Rainha* que é obra incontestada do auctor das *Cantigas de Maria* (**CM 467**), e mais versos (profanos esses) até 478, sobrescritados d'esta vez: *El Rey Affonso de Castella et de Leon.* Podia ser, que essa epigraphe andasse fóra do seu logar, devendo na verdade anteceder o Nº 466. Ou então todas as onze precedentes seriam do Castelhano, tendo-se omittido apenas, por lapso de penna, uma parte do titulo, no

1) *Randglosse* I, 54. — Herc. II, 387 chama-o filho de um fidalgo de Além-Douro, cuja ascendencia não é bem conhecida. Brandão tenta provar com documentos que os de Fermoselha eram seus parentes, possuidores de bens immoveis ao norte do pais e em Santarem, e que Estêvam Annes tinha irmãos. De Estêvam da Guarda, vindo de Aragão, como pagem da Rainha Santa, não consta que trouxesse comsigo parente algum.

2) Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.* XLVIII quis reconhecer neste João Coelho o irmão de Pero Coelho, o justiçado. Só por curiosidade recordo ao leitor que Diez, Varnhagen e Bellermann julgaram um dia ter descoberto em João Coelho o auctor do Cancioneiro inteiro.

3) No Cod. *tohan colheiro.*

4) *P. M. H.*: *Script.* I, 159. — Em logar de Pero Soares *Coelheiro,* um dos mss. do *Livro Velho* traz *Coelhinho.*

apographo. A prova de que as rubricas que encimam o Nº 456 e o 464 não eram explicitas a respeito da filiação do monarca, no codice-pae, temo'-la nas duvidas de Bembo e Colocci, que ambos acompanharam esta mão-cheia de versos com notas contradictorias, em que se allude a Affonso III de Portugal, Sancho Capello e mesmo a Affonso II de Aragão.[1]

A solução d'estas duvidas é sobremodo difficil, exigindo exame minucioso. Pensei já que o verdadeiro auctor era o Leonês. Inclino-me agora a admittir que o cyclo, repleto de nomes e allusões a pequenos acontecimentos aulicos, pertence a Alfonso X, mas sem poder espalhar luz sobre varios pontos obscuros. Direi apenas com relação á poesia alludida que só ao Sabio ou a Fernando III, mas de modo algum ao Leonês, competia fallar de Sevilha como uma parte do seu reino onde ia peregrinar um subdito seu. Tambem a cidade Librilla[2]) mal podia ter importancia e interesse para quem não fosse o conquistador de Murcia e do Andaluz. E de Alcalá la Real, ou de Ben-Zaide, conquistada pelo proprio Alfonso X, pode affirmar-se o mesmo.[3]) Eis a extensa cantiga, especie de romance burlesco com doze consonancias diversas, que demostram uma habilidade como nenhum trovador, a não ser o Sabio, a documentou:

Don Gonçalo, pois queredes
por veerdes voss' amiga,
contar vus ei as jornadas,
ir d'aqui para Sevilha
(non o tenh'a maravilha),
lego' a legoa, milh' e milha.

---

1) Repito que temos no Indice, a encimar o Nº 456, a rubrica: *il Rey don Affonso de leon*, acompanhada da nota de Colocci — *bembo dice di Ragona figlio di Berenghieri. Alia lectio ĩ portugal Rey don Sancho deponit (?);* e ao lado do Nº 467 a epigraphe: *il Rey don Affonso de Castella et de Leon*, seguida da nota: *vide nel mio lemosino al re di Castella ha sepius el re Affonso et leon (sic).* No texto (f. 100ᵛ) do **CB** a primeira cantiga vae precedida da seguinte nota marginal: *Rº outro Rº das Cantigas q̄ fez o mui nob' Rey don Sancho deyōit e diz ai eu coitada como uiuo.* — *Deponit* talvez esteja por *depoit*, erro por *de port.?* abreviatura por *de Portugal?* exactamente como na rubrica da cantiga **CV 920**?

2) É assim que penso emendar *lib'ra*, embora não esteja em rima com *Sevilha, maravilha, milha.* Mas *Librilha* (penso no logar Librilla em Murcia, bispado de Cartagena) podia tambem ser forma aportuguesada de *Librija, Lebrija* (Sevilla), uma das conquistas andaluzas que se revoltaram em 1263. — Cf. *Chron. Alf.*, c. X. — D. Anrique na Cantiga **CB 464** recorda o *Senador*, ao qual se referem **CV 999** e **1008**; D. Garcia Perez na cantiga **CB 465**, o nobre que foi meirinho-mór da Galliza no anno 1282.

3) A cantiga 468 tem apparencias de ser fragmento de um hymno á Virgem. Mas essa pertence ao segundo cyclo, já reivindicado por Lollis a favor de Alfonso X.

Ir podedes a Librilha (?)
5 e depois ir a Alcala
que ajades de perder
ũa cousa sei de vos
e por-én [eu] vo'-lo juro
sempr' avedes a morrer
10 Enporén eu vo'-lo rogo
que quand' entra[r]des Sevilha
e non dedes nemigalha
Porque vus todos amassen
bõos talhos en Espanha
15 e quen se vosco filhou,
Con esto fostes cousido
de todas cousas comprido
e nos feitos [muit] ardido,
E pois que vossa fazenda
20 e queredes ben amiga
non façades d'ela capa,
E pois que sodes aposto
guardade-vus de seerdes
ca dizen que baralhastes
25 Con aquesto que avedes
uquer que mão metestes
a quenquer que cometestes,
E non (m'o) tenhades por mal
¿ que foi das duas espadas
30 ca vus oí eu dizer:
E ar oí vus dizer
con esta vossa espada
jamais de o én guariren,
E por esto [vus] chamamos
35 porque sempre as tragedes
com que fendedes as *penas,*

e torceredes ja-quanto,
sen pavor e sen espanto
a garnacha nen o manto.
e tenh' o por mui gran brio,
muit' a firmes e a fio:
en invern' ou en estio.
e vo'-lo dou en conselho
vus catedes no espelho
por min nen por *Joan Coelho.*
sempre vos muito punhastes;
metestes pois i chegastes,
sempre vos del gaanhastes.
sempre muit' e mesurado,
e apost' e ben-talhado,
e muito aventurado.
tẽedes ben alumeada (?)
fremosa e ben-talhada,
ca non é cousa guisada.
e fremoso cavaleiro,
escatimos' e ponteiro,
con [don] *Joan Coelheiro.*
mui mais ca outros compristes;
guarecendo én saistes;
sempre mal o escarnistes.
se em vossas armas tango:
que andavan en un mango?
„con esta 'spetei o frango."
que a quenquer que chagassen
que nunca se trabalhassen
se o ben non agulhassen (?).
nos *„o das duas espadas"*
agudas e amoadas,
dando grandes espadadas.

Para concluir, advertirei que Alfonso IX, nascido em 1171 de uma infanta portuguesa, devia ser, á data da visita de En Sordello e de João Soares Coelho, um encanecido septuagenario, com um pé na cóva,[1]) e por isso mesmo, pouco disposto a versejar.

§ 246. Confrontando as 53 composições de Coelho com as 40 opulentas de En Sordello, não descubro emprestimo algum directo de poesias inteiras, quer fosse quanto ás ideias, quer quanto á forma. Ha apenas certa semelhança de indole na maneira como ambos bravateiam, gabando os seus meritos pessoaes e rebaixando a habilidade dos outros trovadores; no desejo de se afastarem dos

1) Segundo o Livro da Noa de S. Cruz, o Leonês nascêra em 1171: *Era MCCVIIII mense februario hora tertia in die Ascensionis Domini natus est Rex Alfonsus filius Regis Fernandi & Doñe Orace Reginæ.*

motivos tradicionaes da inspiração provençalesca; na predilecção por uma phraseologia singela e transparente. Aqui e acolá podia relevar certas expressões como p. ex. as imprecações contra a perigosa condescendencia dos olhos, causadores das »coitas« do coração; o desejo de morrer mil vezes no dia; o modo como implora da amada provas da sua afeição, mas provas que nem de leve manchem o seu honor — *s'onor salvan.* — Mas estes traços não são, de modo algum, monopolio dos dois, pertencendo, pelo contrario, ao vocabulario convencional dos trovadores todos, em geral.

Está claro que as relações com o mantuano não impediam que imitasse outros provençaes. O estudo de um envolvia em geral o conhecimento de outros. Lollis já notou uma concordancia notavel com versos de certo *Granet,* o qual numa occasião provocára de balde o Senhor de Goito a tençoar com elle sobre a valia do amor e das armas.[1]) Ambos recordam a invasão mongolica e a marcha do Emperador contra Roma, vendo nestes nefastos successos prenuncios da vinda do Antechristo. O provençal Granet exclama *que outra-már aug dir que Antecrist venha*[2]) e Coelho escreve *E se non foss' o Ante-Christo nado, Non averria esto que aven,* referindo-se ainda aos tradicionaes *Quindecim Signa ante Judicium.*[3]) Embora eco de um clamor levantado effectivamente por occasião da vinda dos Tartaros, tal coincidencia não parece fortuita.

XVI. Rodrigu' Eannes Redondo.

§ 247. A familia dos Redondos, muito ramificada, vem mencionada nos nobiliarios antigos, immensas vezes, por causa das suas allianças com Pereiras, Silvas, Portocarreiros, Vinhaes e muitas outras linhagens illustres.[4]) O pae de Rodrigo Annes, rico-homem da côrte de Sancho II, chamado D. João [Peres], alcunhado de *Redondo* talvez por causa da sua obesidade, era filho de Pero Soares,

1) Sordello, p. 32 e 33, n. 1.

2) *Pos anc nous valc amors.* — Bartsch, *Gr.* 189, 5. — Mahn, *Gedichte* 543. — Dirige-se a Bertran de Lamanon, um dos provençaes que visitaram o Sabio de Castella. Diez, *Leben*, p. 469.

3) **CV 1013**. — Cf. § 290 onde trato de uma cantiga de Alvaro Gomes, jograr de Sarria, a Martim Moxa (**CV 471**) em que tambem se falla do Antechristo, mas sem allusão directa aos Tartaros.

4) *P. M. H.: Script.* I, 150, 151, 168, 225, 227, 313, 333, 334, 338; especialmente Tit. XXI, 10; XXXIV, LII e LVI do *Livro do Conde.* — Cf. Sousa, *Hist. Gen.: Provas* I, 148, 150, 152, 154, 155, 187 com notas marginaes indigestas, mas nem por isso despreziveis.

o Escaldado,[1]) da familia dos Velhos, que descendem dos de Baião, como sabemos. Casado, em segundas ou terceiras nupcias,[2]) com uma Pereira, D. Mór Peres, teve d'ella cinco varões: Gonçalo, João, Rodrigo, Martim e Pero. Todos usaram do patronymico Annes e do sobrenome do pae.

Para fixar a época em que Rodrigu' Eannes floresceu, disponho de um punhado de notas soltas. Entre ellas escolho as que se referem a personagens nossos conhecidos, ou com que importa travar relações:

1°. O avô em que tentei reconhecer o trovador *Pero Velho*,[3]) ainda vivo em 1248, tomou parte na tomada de Sevilha, ao lado de outros encanecidos portugueses.[4])

2°. O pae figura na côrte tumultuaria de Sancho Capello, até 1239, assignando primeiro e confirmando depois, foraes e doações, em companhia de Rodrigo Sanches, Gil Vasques, Abril Peres, Mem Garcia, Ponço de Baião e os mais que costumo enumerar.[5]) Em 1253 apparece entre os herdados de Sevilha, signal certo de ahi haver militado em 1248.[6])

3°. Uma meia-irmã de Rodrigo, Beatriz Annes, casou com Pero Soares Coelheiro, irmão mais velho de D. João Soares Coelho.[7])

4°. Gonçal' Eannes achou-se no cêrco de Sevilha, ao lado de seu pae, D. João Peres Redondo, do tio Martim Pires Zote e do avô.[8])

5°. João Annes, por ventura o mais novo dos irmãos, foi addido á casa de D. Denis em 1278.[9]) Durante o reinado d'este

---

1) *Escaldado*, por ter poucas barbas (*Script.* 333). Dos outros seus filhos, um foi alcunhado de *Bravo*, outro de *Zote*, e o terceiro de *Velho*.

2) Da primeira mulher já tivera larga descendencia, unicamente feminina.

3) Vid. § 209 e p. 353, nota 1.

4) *Script.* 284. — *Mon. Lus.* XIX, c. 2 e 3. — Espinosa, *Hist. Sevilha* II, f. 7v.

5) Herc. II, 371 e 497. — *Mon. Lus.* XIV, c. 18.

6) Espinosa f. 7v.

7) *Script.* 147 e 159. Outra, Costança Annes, mulher de D. Ruy Garcia de Paiva, que tambem militou no cêrco de Sevilha morreu cêrca de 1280. — *Mon. Lus.* XVI, 64 e XV, 4.

8) *Mon. Lus.* XV, c. 2 e 4. — Espinosa 7v.

9) *Mon. Lus.* XVI, c. 15 e 17. — *Escrit.* V: *Ioanni Ioannis Redondo vassalo suo 300 lib. in panis pro sua soldada 25 die Decēbris.* As indicações com que Fr. Antonio Brandão acompanha esta passagem são inexactas. Alvaro e João Rodrigues, que ambos se criaram em casa de Fr. Alvaro Gonçalves Pereira, o insigne Prior dos Hospitaleiros, não eram bastardos de Rodrigu' Eannes, mas sim de um seu filho illegitimo, Pero Rodrigues. — Cf. *Script.* 313.

monarca assistiu a varios actos publicos, p. ex. á fundação do mosteiro de Odivellas em 1294.[1]) No anno immediato levou carta de desafio para Valhadolid aos infantes e magnates ahi reunidos, pregoando guerra contra Castella, em nome del-Rei de Portugal.[2])

6°. Martim Annes fez doação de certas propriedades suas ao bispo do Porto D. Sancho Peres (1299).[3])

7°. Este bispo, que governou a diocese portuense de 1296 a 1300, muito bem visto de D. Denis, era filho de uma meia-irmã de Rodrigo, chamada Teresa Annes.[4])

8°. O primogenito do poeta, Fernam Rodrigues, auctor de alguns versos conservados nos Cancioneiros,[5]) era mordomo-mór de D. Pedro de Aragão em 1297, ou logo depois.[6]) Em 1316 foi nomeado meirinho-mór do reino,[7]) succedendo neste cargo a D. João Simão, ou Simião, grande privado de D. Denis e por elle honrado com alguns versos de burla.[8]) Em 1333 era fallecido.

---

1) *Mon. Lus.* XVII, c. 24.

2) Ib., c. 27. — Santarem, *Quadro* I, 116.

3) Cunha, *Cat. Bisp. Porto* II, c. 13. — *Hist. Gen.: Provas* I, 150, 152, 154, 155.

4) *Hist. Gen.: Provas* I, 155. Tinha sido clerigo em 1269, chantre em 1285, depois deão da Sé até 1296. As notas sobre os Redondos que acompanham o *Livro Velho* na edição de Sousa, referem-se aos cadernos do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira.

5) **CV 1147** e talvez **1148**.

6) Foi em 1297 que o cunhado de D. Denis veio a Portugal, onde se estabeleceu, casando com D. Constança Mendes Petite. — *Mon. Lus.* XVII, c. 42; XVI, c. 34; XVIII, c. 39; e XIX, 25. — *P. M. H.: Script.* I, 306. — A cantiga de Fernam Rodrigues principia: *Don Pedro este cunhado del-rei | Que chegou ora aqui d'Aragon.* Este infante, filho de En Peire III, irmão por tanto da Rainha Santa, é um dos poucos aragoneses que versejaram em Portugal. Dos *lais* que cantou (**CV 1147**, 15—16), quer fosse em provençal, quer em português, nenhum vestigio perdurou, a não ser que redigisse os *lais* anonymos de Tristan e Lançarote, com os quaes principia o Canc. **CB**. — Oxalá que de Roma nos venham brevemente as variantes que se apuram da collação dos Canc. **CB** e **CV**. Em face de proposições tão obscuras, como o refram do N° 1147, e a rubrica que acompanha esta cantiga, o desejo de as possuir renasce sempre de novo. Póde ser que o mòrdomo, fortuitamente ferido por D. Pedro, não seja o poeta Fernam Rodrigues, mas isso não influe nos nossos calculos.

7) *Mon. Lus.* XVIII, 55. Penso que obteve esta posição depois da morte de seu senhor, o qual estava vivo aindo em 1314, quando a Rainha Santa escreveu o seu primeiro testamento, mas já era fallecido em 1321. — Vid. Ribeiro Vasconcellos, *D. Isabel de Aragão,* vol. II, 6 e 15. — Figanière, *Rainhas de Portugal* LXXI e 168. — Lacerda, *Hist. S. Isabel* 88 e 237.

8) Sobre D. João Simion (= Simhon) vid. *Mon. Lus.* XVI, c. 15; XVII, c. 18 e 51; XVIII, c. 52, 53 e 55. — *Script.* I, 355. — Lang,

Como prova da grande valia que este Redondo grangeára na côrte, basta allegar que sua viuva, D. Marinha Affonso, encarregou a propria Rainha Santa de executar as suas ultimas vontades. Morta ella, deixou o encargo a D. Affonso IV, o qual em 1338 se occupou effectivamente d'este assumpto.[1])

9°. Por esta D. Marinha Affonso, filha de Pedro Affonso de Zamora, Rodrigu' Eannes era aparentado com D. João de Aboim, casado, como sabemos, com outra dona do mesmo nome.[2])

CD CXXXVIII e Nº **141.** Em Portugal desde 1293, serviu de aio a Fernam Sanches, um dos filhos illegitimos de D. Denis, e tambem a D. João Affonso de Albuquerque, neto del-Rei.

1) *Hist. Gen.: Provas* I, 236.

2) Costuma-se affirmar, desde Lavanha, que Marinha Affonso, mulher de Fernam Rodrigues Redondo, era sobrinha da sua homonyma, esposa de D. João de Aboim; e a affirmação parece exacta, embora os textos dos nobiliarios não a autorizem. No *Livro Velho* encontro as indicações seguintes:

1. ... *e este Payo Soares foi casado com Sancha Fernandes Delgadilha que fez em ella D. Estevainha Paes. E esta D. Estevainha casou com D. Pedro Affonso de Çamora e fez em ella Payo Pires „Pichel", João Pires, Lourenço Pires, Constança Pires, Velasquida Pires e Marinha Affonso* (p. 151).

2. *Fernão Rodrigues Redondo ... foi casado com filha de Pero Affonso de Çamora* (p. 168).

3. *Estevam Paes casou com Maria Affonso, filha de Affonso Peres de Arganil e de D. Velasquida de Çamora* (p. 149).

4. *E o sobredito D. João d'Aboim ... foi casado com D. Marinha Affonso, filha de Affonso Pires d'Arganil (e este Affonso foi o que trouue as cabeças dos martyres a Santa Cruz de Coimbra) e de D. Velasquida de Çamora* (p. 161, cf. 152).

No *Livro do Conde* as passagens correspondentes dizem:

1. *E este dito Paay Soares de Valladares foy casado com dona Sancha Fernandez Delgadilha e fez em ella dona Estevainha Paes que foy casada com D. Pero Affonso d' Arganil* (p. 296).

2. *E Fernan Rodriguez foy casado com D. Marinha Affonso filha de D. Pedro Affonso d'Arganil e de D. Estevainha Paes de Valladares* (p. 313; cf. 227).

3. *E. Estevam Rodriguez (sic) ... foy casado com D. Maria Affonso, Pires d' Arganil e de D. Valasquida de Çamora* (p. 308).

4. *E este D. Joham d'Avoym foy casado com D. Marinha Affonso filha d'Affonsso Pirez d'Arganill (que trouve etc.) e de D. Vallasquida de Çamora* (p. 319).

D' estes trechos, que não seria difficil multiplicar, não se pode concluir directamente que Pedro Affonso fosse filho de Affonso Pires, embora o nome seja um forte indicio e as datas concordem. Affonso Pires era adulto em 1220, ao trazer a Coimbra as reliquias de Marrocos por mandado d' aquelle inquieto filho de Sancho I, o Infante D. Pedro (1187—1258) que fez vida de aventureiro, deixando rasto brilhante da sua furia bellica em Marrocos, Leão, Aragão, Sevilha, nas Baleares, Valencia, Portugal e no

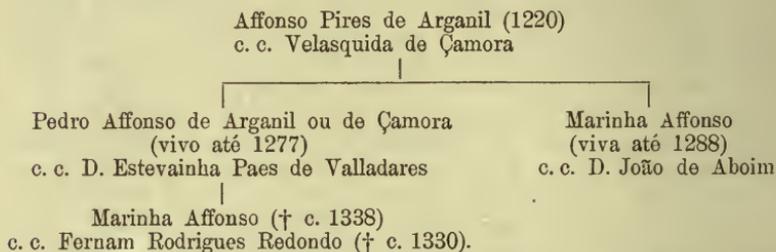
10°. O segundo filho de Rodrigo, João Rodrigues Redondo, foi heroe de um drama de adulterio, em dias de D. Denis, cujo eco se reflectiu no Livro do Conde.[1])

De todos estes factos podemos inferir, sem receio de errar, que Fernam Rodrigues Redondo deve ser enfileirado entre os trovadores dionysianos e Rodrigu' Eannes entre os alfonsinos, ao lado de Coelho, Aboim, Cogominho e Baião,[2]) comquanto a sua vida se prolongasse até principios do sec. XIV.[3])

Oriente. — Pedro Affonso devia ser um velho respeitavel quando em 1271 occupava, em casa de seu cunhado, o de Aboim, o logar de honra entre os convidados para a assignatura solene da doação do Marmelar aos Hospitaleiros. O que resulta dos trechos que tresladei com toda a evidencia é que o Pedro Affonso de Çamora do *Livro Velho* e o Pero Affonso de Arganil do *Livro do Conde* são o mesmo individuo, que usava ora do appellido proveniente da herança paterna, ora do que era inherente á origem da mãe. Mesmo nos documentos assigna ora *de Arganil* (*P. M. H.: Leges* I, 229), ora *de Çamora* (Ib. 731 e *Mon. Lus.* V, *Escrit* 6). — Argañil ou Argañin está situado na comarca de Çamora; mas houve e ha tambem uma villa do mesmo nome em Portugal (*Leges* I, 403). Eis o quadro da supposta filiação, com indicação do essencial:

Affonso Pires de Arganil (1220)
c. c. Velasquida de Çamora

Pedro Affonso de Arganil ou de Çamora (vivo até 1277) c. c. D. Estevainha Paes de Valladares	Marinha Affonso (viva até 1288) c. c. D. João de Aboim

Marinha Affonso († c. 1338)
c. c. Fernam Rodrigues Redondo († c. 1330).

A respeito do parentesco dos Barrosos com outra Marinha (ou Maria) Affonso de ao par de Zamora consulte-se o Tit. XXIX, § 10 e XXX, § 10 em P. M. H.: *Script.* I, 211—213 e 301—302. — Em um documento publicado na *Rev. Lus.* V, 126 dá-se constantemente á esposa do senhor d'Aboim o nome *D. Maria.*

1) *P. M. H.: Script.* I, 338.

2) Rodrigu' Eannes figurou na assembleia convocada em 1290 por D. Denis, a fim de ordenar inquirições, legislando sobre *honras* e coutos que os nobres tinham accrescentado, em defraudo da fazenda real (*Mon. Lus.* XVI, c. 69 e 70 e *Escrit.* 23 da Parte V). Em 1294 assignava a carta de doação pela qual o concelho de Santarem cedia ao rei o paul de Magos. — *Rev. Lus.* V, 131. — E a prova de que ainda estava vivo e activo em 1305 temol-a em um documento citado por João Pedro Ribeiro, *Diss. Chron.* I, 305.

3) No *Grundriss* § 40 colloquei Fernam Rodrigues entre os poetas alfonsinos e Rodrigu' Eannes entre os dionysianos e post-dionysianos. Como se vê, o contrario é que é a verdade.

O fragmento **CV 1148**, attribuido a Fernam Rodrigues, deve pertencer portanto ao pae, por ser dirigido a Pero da Ponte.[1]) Já na *Biographia* XV ficou estabelecido que uma das poesias do grupo que tento adjudicar-lhe (**CA 184**), se acha inscripta no **CV** como obra de D. João de Aboim.

§ 248. Estamos muito mal informados sobre o que é seu nos cancioneiros. No *Indice* o nome Rodrigu' Eannes Redondo occorre uma unica vez, como auctor das *cantigas de amor* 331—336 (**CB 275—280**). São cinco apenas, porque 335 é repetição de 331. Reproduzo-as no *App.* XI, **415—419**. No texto do **CV**, o nome[2]) acompanha ainda uma cantiga de *escarnho*: a **1146ª** (*Ind.* 1613), e esta vae seguida das poucas que restam do filho.[3]) O motivo para eu lhe attribuir, duvidando, além d'isso, as cinco composições que preenchem a folha 46 do **CA** (**180—184**), producto apenas de um meu calculo de probabilidades, já ficou exposto nos Cap. III e IV, relativos ao codice.[4])

§ 249. D'esta vez, nem mesmo a cantiga *de escarnho*, de linguagem muito comedida, encerra especies que elucidem as relações de Rodrigu' Eannes. Verdade é que ella não carece do nome proprio da pessoa que o motejador quis chasquear, condição obrigatoria naquelles pratos apimentados. Mas Soeir Fernandes,[5]) o taful, que elle expõe ás risadas da côrte, chamando a attenção para umas çapatas douradas, de que usava fóra da estação,[6]) é uma entidade, para mim desconhecida.

---

1) Quem não aceitar a minha hypothese deve conceder que Pero da Ponte, mestre na sua arte em 1236, continuou a metrificar no reinado de D. Denis! Mas no fragmento **1148** de um dos Redondos parece haver allusão á tomada de Geen (Giennium = Jaen), realizada como, se sabe, em Março de 1246.

2) Tão necessaria como a collação das variantes seria a das attribuições. O *Indice* está longe de concordar sempre com o texto.

3) Encontro: *Rodigianes rredondo* ao pé de **CV 331**; *Rodriguef Anes Redõdo* **334**; *Rodrigrañes Redondo* ao pé de **1613**; *Fernã rodrigues rolõdo* no *Indice*.

4) Cap. III, § 134; Cap. IV, *Misc.* 49 e 51.

5) Um cavalleiro d'este nome figura como testemunha do bispo eleito da Guarda, o celebre Mestre Vicente, no acto da povoação e aforamento de Alter-do-chão (1232 Suerius Fernandi), mas não posso provar se é a elle que Rodrigu' Eannes se refere. — *P. M. H.: Leges* I, 421.

6) *Zapate deaurate* entram na tarifa de artefactos, taxados em 1253 por Affonso III. — *Script.* p. 195.

Entre os seus versos de amor ha uma cantiga curiosa por não se parecer com nenhuma outra (**CA 416**). Sem ser de amigo, é *de personagem*, introduzindo uma dona que descreve a uma companheira o estado de triste depressão em que o amante leal ficára, depois de certa despedida que presenciou. As referencias aos *pannos*, certamente significativos, que ella vestia, são todavia tão vagas e veladas que seria arriscado querer adevinhar se eram de luto, de ordem, de „segurança“,[1]) ou festivos, a modo de quem vem de comer o *pão das bodas.*[2]) Outra ha (**418**) que se distingue pela technica, entrando na deminuta serie das que empregam dodecassyllabos. Nella brilha um dos rarissimos tropos da poesia archaïca. Quanto á tenção **CV 1032** em que o chufador Lourenço se degladia com um Rodrigu' Eannes, accusando-o de não saber compôr canções de geito, e bravateando como de costume, parece-me que não se trata do fidalgo Redondo, mas antes de um jogral ambulante, bem visto nos corrilhos populares, quer fosse o Rodrigu' Eannes Alvares da cantiga **CV 562**, quer outro, desconhecido.

Quem achar impropria a attribuição dos Nos **180—184** a este poeta, deverá designar o auctor como *Desconhecido VIII.*

XVII. Desconhecido II.

§ 250. O auctor da cantiguinha **185** parece ter escolhido para modelo a poesia **173** de Coelho, lembrando-se tambem dos Nos **65** e **67**.

XVIII. Roy Paes de Ribela.

§ 251. Não colhi resultado nas minhas indagações àcerca d'este Rodrigo.[3]) Filho de qualquer Payo (Paayo = Pelagio) e natural de uma das numerosas localidades peninsulares que se chamaram, e ainda hoje se chamam, Ribela. Só na Galliza conto cinco, e tres em Portugal. Não ha portanto motivo para taxarmos de espuria esta forma, substituindo-a por Ribera, com a pretenção descabida de descobrir no trovador gallaïco-português um ascendente da illustre

---

1) Era costume medieval pedir o habito de qualquer ordem (*pannos securitatis*) para servir de guarda na vida e de mortalha na morte, sem comtudo fazer nenhuns votos, nem tomar compromissos para o futuro. Mas a mulher de vestes monacaes, costumava viver recolhida num mosteiro. — Cf. Ribeiro de Vasconcellos, *D. Isabel de Aragão* I, 68—69.

2) **CV 358.**

3) No *Indice* 1417 e 1440 lê-se *Roy Paez.*

linhagem d'aquelle Perafan de Ribera, adelantado de Andaluzia, como o foi de facto aquell' outro Ruy Paes de Ribera, *vecino de Sevilla,* que é auctor de um ramalhete de versos, compostos entre 1379 e 1424 e recolhidos no cancioneiro gallaïco-castelhano de Baena.[1]) Nem tão pouco nos cumpre considerá-lo como parente da formosa Ribeirinha, *filhà de Paay Moniz* e de seu irmão Martim Paes, o de Ribeira. A favor de conjectura tão immotivada nada mais se poderia allegar do que as innumeras relações de parentesco entre a fidalguia do pequeno reino lusitano. Será mais prudente assentar que se trata de um cavalleiro obscuro, de uma só lança, e trovador de seu officio, como p. ex. João Garcia de Guilhade, Ruy Queimado e Pero Garcia.

As obras de Roy Paes habilitam-nos apenas a determinar com pouca exacção a época em que viveu, indicando a côrte castelhana de Alfonso X como uma das que freqüentou. Em certo cantarzinho seu, satirico, muito desempenado (**CV 1026**), figura um Fernand' Escalho, sujeito ridiculo, de pessimos costumes, doente de um olho (ou seja *mal-olhado*), o qual concitou a animadversão de mais dois poetas alfonsinos: o burgalês Pero Garcia (**CV 984—986**) e o jogral Pero d'Ambroa (**CV 1135**). Outros dois cantares ha que vestem, como o primeiro, as leves roupagens das *cantigas de vilão*[2]). D'elles, criticos phantasiosos poderiam inferir que o auctor, menestrel viandante, ia transpondo a peninsula desde as colunas de Hercules até aos altos dos Pyreneus, surgindo ora nos paises vascongados, nos castellos dos Haros e Cameros, ora em Portugal, ora nas campinas do Guadalquebir. É todavia forçoso recordar que aos paços regios, tanto de Burgos, Toledo e Sevilha, como aos de Santarem acudiam não só poetas de varias regiões, mas tambem damas e soldadeiras vagantes de diversa procedencia, podendo muito bem ser que convivessem nos mesmos recintos onde Roy Paes tinha entrada, bellas de Biscaia (**CV 1045**), Guadalajara (Belenha[3]) **CV 1026**), Andaluzia (Arcos ib.),[4]) e Portugal (Alanquer **CV 1050**). A meu ver,

---

1) Nos 288 e 300. — Cf. Menendez-Pelayo, *Antologia* IV, LXXIII; Amador de los Rios VI, 550.

2) Temos disticos com rimas singulares, acompanhados de um refram mais curto, em cinco poesias de Roy Paes: **CV 1026, 1027, 1045, 1046** e **1049**.

3) Ha de resto mais localidades que receberam nome da abundancia de meimendro (*beleño* = *veneneus*) que produzem.

4) Tambem em Portugal e na provincia de Burgos ha villas de nome Arcos.

ha unidade de tempo e logar nessa chacota com o estribilho popular: *d' amores ei mal,* onde, gabando-se da sua isenção amorosa, nomeia quatro donzellas que lhe eram indifferentes,[1]) e na outra em que mostra despeito por uma donzella de Biscaia o ter regeitado.[2]) Em algumas cantigas de escarnho, bem escabrosas, Roy Paes divulga complacente e até jovialmente a sua propria deshonra.[3]) Em outra, cujas estrophes rematam com o mote poetico: *Alva! abriádes-m'alá!* dirige-se evidentemente a uma *soldadeira,* das que caminhavam de pousada em pousada com a malinha (*maeta*) das alfaias na mão (**CV 1049**). Tres vezes ouvimo'-lo escarnecer dos parcos jantares de um rico-homem.[4]) — Signaes insufficientes para provar que o auctor pertencia ao mister vilipendiado dos jograes. Fortes duvidas oppugnariam tal suspeita, porque, além d'estes versos satiricos e em parte bestiaes,[5]) são-lhe attribuidos nos apographos italianos treze cantigas de amor, em estylo palaciano, dedicadas a uma sua senhora (Indice 337—349 = **CB 281—293**, os nossos N^os^ 186—198). E estas acham-se collocadas proximo das de vates aristocraticos alfonsinos, como Coelho, Barroso, Ulhoa. É verdade que mesmo ahi se manifesta certa predilecção pelos generos jogralescos. Apenas uma é de mèstria (**CA 197**). Todas as restantes são de refram. Uma distingue-se especialmente pelo seu caracter popular: o tom é abertamente alegre, sem nenhuma nota plangente; entre os louvores, liberalmente distribuidos, brilha uma metaphora poetica:

com' antr' as pedras bon rubi
sodes antre quantas eu vi.

---

1) No primeiro distico da cantiga **CV 1045**: (*A donzela de Biscaia | Ainda me a preito saia | De noite ao lũar!*) Braga pretende reconhecer reminiscencias da estranha lenda heraldica dos Haros, narrada no Livro do Conde, Tit. IX, 259. — Cf. *Canc. Vat. Rest.* LIV: *Era o coouro de Biscaia que andava na casa de Haro, similhante aos gouril de Bretanha, o que o trovador aqui rogava!* Eu distingo apenas desejos de desforra de um namorado cheio de despeito. De passagem direi que *coouro* é *co-ovro* = *coluber,* uma *cóbra* masculina.

2) Storck imitou bem o vulgarismo e a agilidade d'estes versos. — Vid. *Aus Portugal und Brasilien,* Nº 39. — No quarto distico interpreto as letras *senylhani riq̄* por Sevilh' (= Sibylla) Anrrique, por ser indispensavel um nome feminino, podendo faltar muito bem o de logar, como no terceiro distico.

3) **CV 1048** e **1050**.

4) **CV 1027**, **1046** e **1047**.

5) *Indice* 1417—1418 = **CV 1026** e **1027** e *Indice* 1440—1446 = **CV 1045—1050**.

Em opposição aos preceitos cavalheirescos a dama é designada com o seu nome,[1]) e o refram vae anteposto á cantiga, servindo-lhe de thema:

Par Deus, ay dona Leonor
gran ben vos fez Nostro Senhor!

Signaes de certa antiguidade. A coordenação das rimas (*aaab BB*) assemelha-a a um genero muito em voga na peninsula, onde ainda nos sec. XV e XVI teve numerosos representantes na escola de Gil Vicente, Juan del Encina e Badajoz.[2])

A cantiga de mèstria approxima-se da maneira dos provençaes, tendo rima continuada, tál como p. ex. o galante dialogo de Aimeric de Pegulhan entre *domna e senher* e *Amors e amics*, que parece ter servido de modelo a varios trovadores peninsulares.[3])

Para terminar perguntarei se será simples acaso o vermos entre as figuras da vinheta que precede o rotulo das cantigas de Roy Paes, uma rapariga com pandeiro na mão, guarnecido de guisos, unico nestas miniaturas?[4])

XIX. D. Joan Lopes d'Ulhoa.

§ 252. Dos Ulhoas ou Ulhoos (= Ulhós),[5]) como tambem se dizia, trata-se apenas incidentalmente nos livros de linhagem. João Lopes é mencionado no Tit. XLI: *Dos de Baian*, como marido de

---

1) O nome Leonor era muito pouco commum nos primeiros seculos da monarchia, em que predominam as Dordias, Ouroanas, Ousendas, Gontrodas e Leogundas. No *Livro Velho* ha apenas cinco ou seis aristocratas, de nome Leonor. A mais proeminente, e a unica que pertence aos circulos trovadorescos, é D. Leonor Affonso, filha illegitima do Bolonhês e mulher do poeta D. Gonçalo Garcia; cunhada, portanto, de outros dois, nossos conhecidos, Mem Garcia de Eixo e Fernam Garcia Esgaravunha. Não ha todavia indicios que Roy Paes fosse *homem* de um d' aquelles proceres.

2) Costumo apellidá-los: *Pandeiro-Weisen* (i. é *Pandeiradas* ou *Pandeiretas*), lembrando-me de um dos exemplos mais graciosos, cujo refram diz: *Taño-os yo, mi pandero.* | *Taño-os y pienso en al!* O cancioneiro musical está cheio d' elles; e tanto na Italia, como na França do norte eram muito usados.

3) Bartsch, *Chrestom. Provençale* 155: *Domna, per vos estauc en greu turmen; Grundriss* 10, 23.

4) Cf. Cap. III, § 137.

5) A respeito de vocabulos gallego-portugueses derivados de deminutivos em *-olus, -ola, -olum;* vid. Mirisch, *Das Suffix-olus in den romanischen Sprachen.* 1884. — Cf. *Miscellanea Caix-Canello,* 1885, p. 158; *Rev. Lus.* III, 145 e *Estudos de phil. mir.* I, 89ss.

D. Costança Lourenço Taveira.[1]) Apparecem ainda um Fernam Lopes d'Ulhoa, talvez filho do mesmo pae, e D. Tareja Lopes, irmã d'este ultimo, segundo o Conde,[2]) ou sua filha, segundo o *Livro Velho.*[3]) De João Lopes não resta nenhuma composição satirica, faltando-nos por tanto todos os elementos positivos. Possuimos apenas sete cantares de amigo, graciosos, mas anodinos, balletas na maioria.[4]) São lamentações em forma de monologos, ou então queixas da mal-ferida, lançadas contra a mãe, servindo de desabafo para com as amigas á namorada, que se vê triste e só (*Ind.* 695—701 = **CV 296—302**). Possuimos ainda onze cantigas de amor, os nossos N^os^ **198—209** (*Ind.* 350—360 = **CB 294—304**). Metade é de mèstria e metade de refram. Em ambos os casos, Ulhoa fica proximo de Fernam Fernandes Cogominho. Na lenda de D. João Tenorio temos os Ulhoas ao pé dos Tenorios, e na realidade os solares de ambas as familias confinam, em terras gallegas.[5])

XX. Fernan Gonçalves de Seabra.[6])

§ 253. Este fidalgo tão pouco teve entrada nos nobiliarios, a não ser de passagem, como esposo de fulana Fernandes de Bema (Biedma) no Tit. LXXV, dedicado a Sotomayores, Tenoiros, Bemas

---

1) *P. M. H.: Script.* I, 337. — Segundo os genealogistas gallegos, foram fundadores da casa de Ulhoa o poeta Pedro Annes Marinho e sua mulher Sancha Vasques, i. é um bisneto do legendario D. Fruela que casou com uma sereia (Marinha). Neste caso João Lopes seria parente de dois trovadores: Pedro Annes Marinho e Martim Annes.

2) *P. M. H.: Script.* I, 388.

3) Ib. 149.

4) Uma só vae em disticos.

5) Lang (*Mod. Lang. Notes* X, 229) compara uma das heroinas de João Lopes com a de uma velha cantiga francesa, publicada por Jeanroy (*Orig.* 501 N^o^ XXI). A portuguesa exclama: *Por Deus, se ora chegasse* | *Con elle muy leda seria;* a francesa: *G' en ferai* | *Droit a son plesir* | *S' il m' en daigne oir* — semelhança de sentimento que não é prova de imitação directa.

6) *Sanabria* é um logar leonês, perto da fronteira gallaïco-portuguesa (Prov. Zamora). Ás formas castelhanas *Sanabria* e *Senabria* correspondem em portugues *Saabra*, *Seabra*, *Seavra*, *Siavra* e tambem, a meu vêr, *Saraiva* (de *saaivra* = *sãabria*). Tanto *Seabra* como *Saraiva* servem de nome de familia. Como apellativo *saraiva*, synonymo de *granizo* (astur. *xaravia*), é de origem desconhecida. Varias quintas e casaes em Portugal tomaram de seus donos o nome Seabra e Saraiva. A identificação de Seabra com Seara (= *senara*, *Erntefeld*), tentada por A. Martinez Salazar na *Rev. crit.* I, 234, não se póde tomar a serio.

e mais fidalgos da Galliza.[1]) Varios da estirpe distinguiram-se no sec. XIV, como servidores dos reis de Castella, Fernando IV, Alfonso XI e D. Pedro.[2])

Como poeta, o Senhor de Senabria está no caso de Ulhoa: absteve-se de maldizer do proximo, como se tivesse em mira as *Sete Partidas* e as disposições da Ordem da Banda. Temos de considerá-lo como companheiro de Affonso Meendes de Bèsteiros, Barroso, Baião e Guilhade, cujos versos se acham nos cancioneiros perto dos seus. O que ahi se encontra é pouco, mas teve a sorte de ficar bem conservado. Consta de uma só balleta *de amigo* (*Ind.* 737 = **CV 338**) e de quinze cantigas *de amor*. Só oito figuram nos apographos italianos (*Ind.* 384—393 = **CB 330—339**); cinco são identicas aos nossos N^os^ **217—221**, formando um conjuncto com as que numeramos de **210—216**, privativas do codice membranaceo. Os tres restantes, que talvez fizessem parte do **CA**, ou não, apparecem no *Appendice* XII, **445—447**. A **213**ª[3]) acha-se repetida no **CV 55** (= 443 do supposto original) com attribuição a Airas Vaz. Poetou principalmente cantares tristes em que manifesta as suas magoas, de modo tão subtil *que nunca lh' a poderon entender*, para em outras cantigas se gabar d' esta sua arte, assegurando aos loucos preguntadores que jamais haveriam de conhecer a sua dama.

Resta recordar que o de Seabra foi chronologicamente dos primeiros trovadores gallaïco-portugueses, cujo nome o mundo aprendeu a repetir, muito antes de algum dos cancioneiros ter vindo á luz: desde o dia em que o Marquês de Santilhana enviou ao quarto neto de D. Denis, o Condestavel D. Pedro de Portugal, a sua famosa *Carta-Proemio*, historiando a evolução das litteraturas romanicas. A razão porque o Marquês se lembrou quasi exclusivamente do nome „Fernant Gonzalez de Sanabria", quem a poderá hoje adevinhar? Talvez por motivos puramente accidentaes, como a existencia entre os seus familiares de um que tivesse este mesmo apellido?

---

1) *P. M. H.: Script.* 386 e 388.

2) Temos Pedro Xuarez e Fernam Garcia Senabria na *Chron. Fern.* Anno 1308 (pag. 152—159); Mem Rodrigues em 1350 na *Chron. Pedro,* c. 12, como partidario de D. Henrique de Trastamara. Fernam Garcia figura tambem nos nobiliarios (p. 173). Uma Tareja Fernandes de Seabra casou em Portugal com D. Martim Dade, conselheiro de Affonso III e alcaide de Santarem, de 1253—1283.

3) *A dona que eu vi.*

É natural que Milá,[1]) Bellermann e outros contassem o poeta entre os trovadores dionysianos, fundando-se na passagem alludida,[2]) onde ao fallar do grande volume de cantigas, serranas e dizeres portugueses e gallegos, que viu em criança em poder de sua avó, o Marquês affirma que a maior parte das cantigas era de D. Denis, havendo outras de João Soares de Paiva e do nosso auctor.

XXI. D. Pero Gomes Barroso.

§ 254. Não ha certeza de que Pero Barroso e D. Pero Gomes Barroso sejam um só individuo.[3]) O primeiro nome vem indicado no *Indice,* como auctor das cantigas 1441—1447 (= **CV 1051—1057**), ás quaes accrescem ainda os N^os^ 392 e 393 (**CV 1—2** ou **CA 222—223**), encabeçados no texto do **CV** com o mesmo nome. Ao segundo attribuem-se as composições 732—734 (= **CV 333—335**) e o N^o^ 1003 (= **CV 592** e **593**). Fortes indicios fallam todavia a favor da identificação, posto que as obras do auctor appareçam neste caso distribuidas não em tres fracções, como de regra, mas em quatro. O compilador achou-se por ventura embaraçado em frente da *canção-sirventês* 1003. Na duvida, se a havia de contar entre as cantigas *de amigo* ou as *de escarnho,* deu-lhe, á cautela, logar á parte?[4])

Segundo o historiador de Sevilha[5]) e Argote de Molina, que se encosta neste particular a um illustre descendente dos Barrosos, D. Pero Gomes foi um dos *herdados* de Sevilha,[6]) o que indica que assistira á tomada da cidade, combatendo. E o poeta Pero Barroso refere-se em uma das suas coplas de escarnho á conquista

---

1) *Trovadores,* p. 529.

2) Ed. Am. de los Rios p. XII. Nas notas do editor e nas de Sanchez nada ha que valha a pena ponderar aqui. O Mem Rodrigues, celebre „*por su acendrada y no desmentida fidelidad al rey D. Pedro,*“ é posterior ao poeta, como se vê pelas notas anteriores.

3) No *Grundriss* p. 190 ainda separei os dois, dando o titulo nobiliarchico a ambos. Braga (*Canc. Vat. Rest.* LI) julga dever separá-los, mas o motivo que indica não tem valor: a simples allusão ao porto de Acre não é indicio sufficiente para datar uma poesia.

4) A estrophe que devia ser a derradeira precede as restantes, acompanhada de uma rúbrica que diz: *É [e]sta cobra, a prestumeira d' esta cantiga, de Don Pero Gomez que diz: do que sabia nulha ren non sei,* fazendo suspeitar que o texto não foi colhido inteiro no ms.-pae, provindo talvez de uma folha solta, pelo menos em parte.

5) Ortiz de Zuñiga, *Anales* III, 241.

6) *Nobl. Andal.* p. 159 da nova edição. No *Livro do Repartimento* Pero Barroso figura de facto entre os Gallegos que receberam terrenos no logar de Monpunena, chamado *Gallega* de ahi em deante. — Vid. Espinosa 7^v^.

da Andaluzia,[1]) como quem militou na fronteira, alludindo ainda em outra parte á deslealdade de vassallos que abandonaram seu senhor na guerra,[2]) occorrencias que tambem serviram ao proprio Alfonso X[3]), e mais trovadores da sua côrte,[4]) de assumpto para composições satiricas. Além d'isso, vemo'-lo em relações com um dos jograes, addidos á côrte do Sabio[5]) e escarnecendo d'elle, mancommunado com varios poetas castelhano-alfonsinos: Gonçal'Eannes do Vinhal, Pedr'Amigo de Sevilha e Baveca.[6]) Pelo outro lado, não faltam nos seus versos reminiscencias de Portugal: nomes de fidalgos que não podiam ter grande nomeada fóra da patria.[7]) Longe de invalidar as affirmações dos historiadores e nobiliaristas, estas allusões servem, pelo contrario, a autenticá-las. — De mais a mais, no *Livro do Repartimento*, o herdado é chamado Pero Barroso!

---

1) **CV 1056**: *Grad' a Deus e a mia espada | E a meu cavalo louro, | Ben da vila de Grãada | tragu' eu o our' e o mouro!* A localidade *Mora*, mencionada nesta cantiga, será a que fica perto de Orgaz, na comarca de Toledo.

2) **CV 1053**: *Un ricome que oj' eu sei | Que na guerra non foi aqui* (**1054**); *Chegou aqui don foão. | E vẽo mui ben guisado | Pero non vẽo ao Maio!* (**1055**.) — O erudito investigador C. de Lollis (p. 53) julga encontrar no primeiro verso o nome D. Joan; mas o codice traz *foam*, e o metro exige uma palavra de tres syllabas i. é *fo-ã-o*. Não ha pois motivo para a troca. *Foão* = *fulano* e tambem *fuan* occorrem, de resto, freqüentes vezes (**CV 69, 690, 904, 908, 918, 920, 926, 1110, 1153, 1154; CB 1500, 1502, 1538, 1539** e **1558**).

3) **CV 69, 74, 77, 79**. — Cf. *Randglosse* VI.

4) **CB 1502** de *Gil Peres Conde*, e 1558 de *D. Affonso Meendes de Beesteiros*.

5) *Pero d'Ambroa*. — **CV 1057**.

6) Segundo Lollis, trata-se da cruzada de 1269, opinião que não partilho. — Cf. *Rev. Crit.* II, 303 e *Randglosse* VII.

7) **CV 1052** *D. Ponço de Baian* (Cf. *Biogr.* XXII) e **1056** *Roy Gomes de* (ou *da*) *Telha*. Est' ultimo português, coevo de Affonso III, citado de um modo muito abrupto, cujo fim não percebo, era pae de uma das formosas patricias que souberam captivar por algum tempo o voluvel marido da Rainha Santa. Pode ser que a Aldonça Rodrigues da Telha se dirijam algumas das cantigas de amor de D. Denis. A preferencia que sempre deu ao filho d'esta dama, D. Affonso Sanches, parece provar que entre todas as favoritas foi ella a mais amada. — Cf. § 204 p. 306, 6ᵇ. — *Mon. Lus.* XVII, c. 2. — *Hist. Gen.* I, 273. — *P. M. H.: Script.* 157, 308, 319, 362. Seria temerario inferir da simples citação do nome do pae, na cantiga de Pero Gomes, qualquer referencia a essa aventura.

Meu senhor, que vus semelha
do que xe vos carapelha,
e vos anda na orelha
rogindo come abesouro?
[come] roy gomez de telha
tragu' eu o our'' e o mouro.

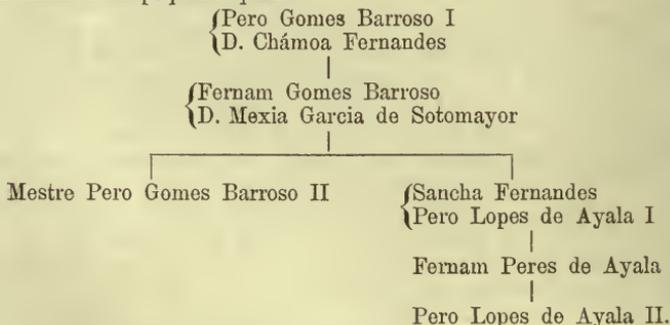
Contam os ultimos[1]) minuciosamente que D. Pero, de origem portuguesa, treneto de Gueda o Velho,[2]) era filho de D. Gomes Viegas, senhor de Basto, mas não de sua mulher de benção, D. Mór Rodrigues de Candarey. Como bastardo de nobres qualidades preferiu procurar fortuna ao longe, passando para Castella, onde militou e prosperou, chegando a casar em Toledo com D. Chámoa (*Llambra = Flammula*) Fernandes de Azevedo, filha de um D. Fernam Peres de Azevedo, o qual descendia de D. Rodrigo Froiaz de Trastámara, o *Bom*. Engana-se, portanto, Argote, embora pouco, quanto á origem, chamando-o *cavalleiro principal de Galliza.*[3]) Da parte que teve no cêrco de Sevilha não acho pormenores nos auctores portugueses que consulto. Mencionam apenas, como combatentes, seu avô Egas Gomes e um irmão d'elle, D. Gueda Gomes;[4]) mas tal omissão pouco importa, em vista do documento original, transcripto por Espinosa.[5])

---

1) *P. M. H.: Script.* 213, 301 e 305: *E Gomez Veegas de' Basto [o terceiro dos Guedãos] foy casado com Dona Moor Rodriguez de Candarey e fez em ella Ruy Gomez de Basto e Paay Gomez e Meem Gomez: e ouue outro filho em huuma filha de huum escudeiro que nom foi liidimo que ouue nome dom Pero Gomez Barroso que valleo mais que os outros irmãaos ... Este. don P. G. foy boo e muito homrrado e foi casado em Tolledo com dona Chamoa Fernandez, filha de Fernam Pirez d' Azevedo.*

2) Cf. **CA 398.**

3) De mistura com indicações fidedignas, hauridas nos apontamentos de D. Pero Lopes de Ayala (o gran-chanceler e chronista de Pedro o Crú) cujo avô era neto de Pero Gomes, o auctor da *Nobl. da Andal.* propala boatos falsos. Quanto ao parentesco do chanceler e de Pero Gomes I e II, eil-o definido num pequeno quadro:

{Pero Gomes Barroso I
{D. Chámoa Fernandes
|
{Fernam Gomes Barroso
{D. Mexia Garcia de Sotomayor
|
Mestre Pero Gomes Barroso II — {Sancha Fernandes / {Pero Lopes de Ayala I
|
Fernam Peres de Ayala
|
Pero Lopes de Ayala II.

O filho de Pero Gomes I edificou o mosteiro da Trindade em Toledo, onde jaz com sua mulher.

4) *P. M. H.: Script.* 284; *Mon. Lus.* XV, c. 2 e 3.

5) Escuso de dizer que a assistencia do avô e do neto no mesmo campo de batalha não seria unica. Já vimos que tres gerações da familia dos

Quanto á época em que D. Pero sahiu de Portugal, nada consta.[1]) Podemos apenas datar conjecturalmente uma das suas poesias dos primeiros tempos passados em terra estrangeira, tempos de provação, senão de miseria, em que a fortuna ainda não o tinha bafejado. Refiro-me aos curiosos versos em que exclama:

moir' eu, do que en Portugal
morreu don Ponço de Baian.

Não sei que interpretação deva dar a esta allusão. Talvez os amigos, vendo-o definhar longe da patria, e scientes de amores malfadados, se lembraram de espalhar o boato que, desnaturado por causa da sua paixão, Pero Gomes morria *consumptus amore,* recebendo em resposta as coplas jocosas em que assegura que

... averia gran sabor
de comer ... se tevesse pan.[2])

Certo é que a sua sorte melhorou. Em uma das cantigas de amigo,[3]) a formosa que introduz, e que pode representar D. Chámoa Fernandes, refere-se ao seu amigo, *que é con el-rey,* e a favores recebidos, dizendo:

punh' el rey ora de lhi fazer ben,
e quanto s'el quiser, tanto lhi den.

Antes da ida de Alfonso X á busca da corôa imperial (1273) serviu de medianeiro entre o monarca e os ricos-homens rebeldes, que se haviam alliado ao rei de Granada.[4]) Nada mais sei. Um seu neto, Senhor de Xodar, teve o castello e a villa de Alcalá de Benzaide, em vida de D. Alfonso X que a conquistára aos mouros. Outro neto e seu homonymo, filho de Sancha Pires, o clerigo

---

Redondos militaram juntos no cêrco de Sevilha; factos identicos repetiram-se muitas vezes nas guerras hispanicas, até Alcacer-Quebir. — Quanto á omissão do seu nome, é sabido que nas listas dos lidadores apenas se nomeiam pessoas de auctoridade, e só excepcionalmente os donzeis que ainda não tinham ganho as esporas de cavalleiro.

1) Da nota seguinte pode concluir-se que ainda estaria em Portugal em 1235.

2) Cf. *Biogr.* XXII, onde se assenta que de 1235 em deante não encontro provas da existencia de D. Ponço de Baião. — As letras *dade soryã* no primeiro verso de **CV 1052** talvez possam ser emendadas á vista do **CB**. Rimando com *pan* e *Baian* devem completar, salvo erro, a proposição *moir' eu aqui,* por meio de uma fórmula adverbial de quatro syllabas, equivalente a: *de fome*, *de inanição.*

3) **CV 334.**

4) *Chron. Aff.*, c. 51.

Mestre Pedro, chegou a ser grande privado de Sancho, o Bravo, o qual sollicitou em 1293 do Arcebispo de Toledo farta prebenda para o dito Mestre, seu protegido. Foi aio de Alfonso XI, chanceler, e bispo de Cartagena. Em 1327 subiu á dignidade cardinalicia, distinguindo-se outrosim como escritor muito erudito. É d'elle o *Libro de los Consejos et Consejeros,* especie de espelho de principes, baseado sobre o pseudo-aristotelico *Secretum secretorum.*[1])

§ 255. Com relação ás rimas do trovador português direi ainda que dirigiu algumas, sobre a compra de uma casa, em que ficara ludibriado,[2]) ao jogral Lourenço, que já conhecemos como contemporaneo de D. João de Aboim e D. João Soares Coelho. Pelo logar que occupa nos cancioneiros, ficando perto de Fernam Gonçalves de Seabra, Affonso Lopes de Baião, Mem Rodrigues Tenoiro e Roy Paes de Ribela, fica confirmada a chronologia que ideei.

XXII. D. Affonso Lopes de Bayan.

§ 256. Mais um rico-homem do tempo de Affonso III, que firma com o seu nome, já citado varias vezes, numerosos documentos e diplomas, ao lado de trovadores nossos conhecidos, como Aboim, Coelho, Ruy e Mem Rodrigues de Briteiros, Esgaravunha, Redondo, e varios ainda por conhecer, como Lobeira, Cogominho, e outros mais. Em fidalguia não cede o passo a nenhum d'elles.

---

1) Rodriguez de Castro II, 729. — Nicolas Antonio, *Bibl. Vet.* I, 65, Nº 256. — *Memorial Historico* II, 114. — *Cron.* c. 44. — Amador de los Rios IV, 89—92. — *Jahrbuch* VI, 79 e X, 156; e principalmente G. Baist no *Grundriss,* p. 411—412. — Os auctores hespanhoes e allemães affirmam que o cardeal morreu em 1345. Os portugueses assentam 1348 e Avignon, onde fundára tres annos antes o mosteiro de Santa Praxedes, no qual jaz. Segundo elles, fora em 1344 deão da Sé de Lisboa. — Cf. Sousa, *Cat. Pont. e Card. Port.* em *Memorias Acad. Hist. Port.* 1725, na lista dos que sendo estrangeiros se contam entre os Portugueses, porque tiveram egrejas e beneficios em Portugal. — Um erudito academico, Leitão Ferreira, confundiu o cardeal com outro prelado do mesmo nome, que tambem esteve algum tempo em Portugal. Fallo do auctor do *Libro de la justicia de la vida espiritual*, escrito depois de 1380. Desgostoso del Rey D. Pedro, ao qual dirigira admoestações como bispo de Sigüenza, e receando vingança, transferiu-se a Portugal em 1356, sendo eleito bispo de Coimbra, dois annos depois, e passando para a sé de Lisboa em 1362. Morreu como arcebispo de Sevilha (1380). Pedro Lopes de Ayala fá-lo cardeal, na *Chronica de D. Pedro*, An. 1355, c. 9. — Vid. Ortiz III, 250 n. 2. — *Cat. Bisp. Coimbra* em *Mem. Acad. Hist. Port.* 1724, p. 112 e Baist, *Grundriss* II^b, p. 445.

2) **CV 1051.**

Muito pelo contrario. O senhorio de Baião, de Riba-Doiro,[1]) pertencia aos descendentes de certo Arnaldo, vindo no sec. XI de França á peninsula, segundo tradição nobiliarchica d'aquella era. Enlaçados com os Egas, Sousas e Valladares, e os de Bragança, Lima e Zamora, os ricos-homens d'esta linhagem usaram sempre do titulo *de Baião*, sem alcunha alguma, até ella se extinguir por falta de descendencia masculina.[2]) O avô do poeta, Affonso Hermigues, teve varias filhas, casadas em Castella e Leão o e dois varões: D. Ponço e D. Lopo.[3]) *Pontius Alfonsi*, tenente da Beira e de Baião, adulto nos ultimos annos de Sancho o Velho[4]) e servidor do moço Affonso II,[5]) figura na perturbada menoridade de Sancho Capello (1223—1229)[6]), ecclipsando-se apenas por alguns annos, mas tornando a reapparecer em 1232, 1233, 1235 como *princeps terrae*. Segundo o Livro do Conde, sua mulher D. Mór Martins, dos de Riba de Vizella, fôra amante del Rei Affonso II. O trovador illustre, de que ainda agora fallámos,[7]) vassallo do Castelhano, allude vaga e veladamente á sua morte, de modo a fazer-nos scismar sobre as ignotas circunstancias que por ventura a motivaram. Quem lesse apenas o refram da alludida cantiga, que torno a repetir:

Moir' eu do que en Portugal
morreu D. Ponço de Baian[8]),

pensaria talvez em consumpção, loucura, ou suicidio, como resultante de uma paixão ciumenta e funesta, lembrado dos varios provençaes, franceses e portugueses que em lendas romanticas morreram de amor.[9])

---

1) No concelho moderno d'este nome, districto do Porto. O primeiro documento em que occorre é a *Charta* 451, de 1066.

2) O Tit. XL, p. 331 do *Livro do Conde* está confuso e incompleto, e precisa de confronto com o Tit. XXXV e XXXVI, p. 321 e 297. O *Livro Velho*, p. 151, 179 e 183, pelo contrario, fornece noticias parcas mas fidedignas, confirmadas em numerosos documentos, que indicam a filiação de um ou outro da familia. — Cf. *Mon. Lus.* XIV, c. 5.

3) *P. M. H.: Script.* I, 178 e 331. — *Leges* 351, 355, 358, 365, 372, 374 etc. até 618.

4) Desde 1209.

5) *P.M.H.: Leges* 471 (a. 1217 e duzias de vezes) de 351 a 584.

6) Herc. (II, 489 e 495, Nota XVI), cita diplomas regios de 1223—1226, 1232, 1233 e 1235 em que D. Poncio figura entre os confirmantes, ao lado de Abril Peres, Rodrigo Sanches, Gil Vasques; de 1229 em deante, como *tenens Bayam, tenens Bayam et Beiram* ou *princeps terrae*.

7) D. Pero Gomes Barroso, o nosso Nº XXI.

8) **CV 1052.**

9) O provençal Jaufre Rudel, Andrieu de França e o catalão Pau de Benlliuvre. — Cf. Lollis, *Sordello*, p. 275 e 290. — Raynouard II,

Examinando a composição inteira e reflectindo sobre a idade e posição de D. Ponço, entre os magnates mais influentes e opulentos da côrte,[1]) reconhecerá nella todavia certo tom zombeteiro que, junto ás referencias á verdadeira ou fingida penúria de Gomes Barroso, faz lembrar, como effeito de contraste, trufas e champanha, e certos accidentes gastronomicos que tambem já foram causadores de mortes fulminantes, bem sabidas.

O unico filho de D. Ponço, *Petrus Pontii,* primo direito do trovador, apparece entre os magnates de 1252 a 1280, ora sem indicação da tenencia, ora como governador de varios districtos: Sea (= *Sena,* hoje *Ceia*), Tras-os-Montes[2]), Baião (de 1266 em deante), Vouga (de 1277 a 1280) e Cinfães (1282).

Dominus Lupus Alfonsi, casado com Aldara Viegas, assigna fóros e diplomas de Affonso II, sempre em companhia de D. Ponço, desapparecendo como este, de vez em quando, no tempo accidentado de Sancho II.[3]) Seus filhos Fernam, Diogo, e Affonso, todos com o patronymico *Lopes de Baiam,* principiaram a figurar na côrte afrancesada do Bolonhês, só depois da revolução, exactamente como o primo D. Pero Ponço. É bem possivel portanto que a familia toda se tivesse afastado das aulas regias, passando para fora do reino, seguindo em França a parcialidade de Affonso III. Faltam, comtudo, as provas.[4]) *D. Fernam Lopes* que encontro só de 1253 a 1256, como tenente de Bragança, acaso morreria cedo.[5]) *D. Diogo Lopes,* trocando o districto de Lamego algumas vezes contra o de Viseu (entre 1253 e 1278), desempenhou durante todo este tempo funcções importantes. Juntamente com o Senhor de Aboim foi p. ex. nomeado em 1264

---

299. — *Romania* I, 106. — Gaston Paris, *Jaufre Rudel* em *Revue Hist.*, vol. 53; A. de los Rios, *Obras de Santillana* p. 594.

1) *P. M. H.: Leges* I, 620 (a. 1229).

2) *P. M. H.: Script.* 179 e 183; *Leges* 620, 644. — Sousa, *Provas* I, 61. — *Mon. Lus.*, Vol. V, *Escrit.* 8. — João Pedro Ribeiro, *Diss. chron.* I, 280.

3) *P. M. H.: Leges* 358, 365, 370 etc. até 612. — *Mon. Lus.* XVI, c. 21 e 36. Nos diplomas aproveitados por Herculano não figura entre os confirmantes.

4) As affirmações de Th. Braga neste sentido (no *Canc. Vat. Rest.*, p. XLVII), com relação a D. Affonso Lopes, são gratuitas. Em outro logar chama-o *grande privado do Bolonhês,* asserção que tambem não é correcta — Vid. *Trovadores* 117.

5) *P. M. H.: Leges* 640—665. No anno 1256 é D. Affonso Telles quem principia a occupar o mesmo posto. D. Fernam Lopes não figura nas côrtes de 1273.

para demarcar os limites do reino de Leão e Portugal, da foz do Caia até Sabugal.[1]) Finalmente, o nosso poeta foi governador das terras de Sousa[2]) de 1253 a 1277, e d'ahi em deante da comarco de Riba-Minho[3]), continuando neste cargo nos principios do reinada dc D. Denis, até 1280, pelo menos.[4]) É todavia possivel que assistisse anteriormente, de 1245 a 1253, na côrte de Castella e Leão, tomando parte na brilhante conquista e repovoação de Sevilha.[5]) Sua mulher, D. Mór Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes é, conforme expliquei na *Biographia* IV, uma das celebres *netas de Conde*. Não consta todavia que incorresse com justa razão as ironicas censuras de Martim Soares.[6]) Ignoro quando foi alcaide de Alemquer, mas o facto em si é certo. Testemunha ocular narra num documento um conflicto que elle teve com o concelho que governava,

1) Santarem, *Corpo Dipl.* I, 13.

2) Ha um pequeno sirventês em que o jogral Diogo Pezelho finge fallar em nome de um tenente, cahido no desagrado de um arcebispo, ou mesmo fulminado pela excommunhão, por haver entregado a seu dono um castello em terras de Sousa. E simula pedir a absolvição, promettendo cumprir d'ahi em deante o mandado da Santa Madre Egreja ... commettendo traição (**CV 1124**):

> *Meu senhor arcebispo, and' eu escommungado,*
> *porque fiz lealdade ...*
> *per mia malaventura tivi un castelo en Sousa*
> *e dei-o a seu dono ...*
> *soltade-me, ay senhor,*
> *e jurarei mandado que seja traedor.*

Ha aqui evidentemente allusão aos successos dos annos 1245—1247 e ao metropolita de Braga, agente principal na deposição de Sancho Capello, mas de modo algum referencia a D. Affonso Lopes de Baião, como Th. Braga entende (*Canc. Vat. Rest.*, p. XLIV). — Até á ascensão do Bolonhês ao throno, os Soverosas (Gil Vasques e Martim Gil) eram tenentes de Sousa e Riba-Minho, conforme consta de numerosos documentos. — É mais um castello a ajuntar aos que Herculano cita como submettidos só depois de estreito assedio (II, 410).

3) *P. M. H.: Leges* 212, 216, 229, 572, 644—736. Seu nome falta no Tit. XL do *Livro do Conde*, occorrendo no Tit. XXXVI e no *Livro Velho*.

4) Em 1278 na doação de Lourinhã ao infante D. Affonso assigna novamente como tenente de Sousa, assim como em 1280 numa doação de Alcobaça (*Mon. Lus.* XVI, c. 21 e 25); no mesmo anno na da Quinta de Manjapão á Infanta D. Branca, como *tenens Ripam-Minii* (*Mon. Lus.* V, *Escr.* 8. — *Provas* I, 61).

5) O nome »Alfonso Lopes de Bayan« está no Livro do Repartimento a f. 25 da impressão de Espinosa, não entre os Portugueses, mas á parte, no numero dos que foram herdados em Borgabenzerra, localidade cujos rendimentos Alfonso X destinava para as suas galeras.

6) **CA 398**.

por causa da nomeação de porteiros, e perpetúa um dicto que o honra.[1])

§ 257. As poesias que se dizem de D. Affonso são poucas, uma dezena apenas. Temos duas *cantigas de amor* (*Indice* 395—396 = **CV** 5—6 ou **CA** 224—225), de uma submissão incondicional, quer a destinataria fosse a rica-dona a que alludi ainda agora, quer outra das *garridas* e *velidas*, que nos apresenta em quatro *cantares de amigo*, muito esbeltos e briosos (*Indice* 738—741 = **CV** 339—342). Approximam-se estes dos genuinos generos populares, tanto pelo assumpto — romarias com indicação da localidade,[2]) candeias queimadas, orações e outras costumeiras tradicionaes — como pelo franco paganismo que respiram, pelo rythmo de bailado de uma d'ellas (**CV** 342) e pela singeleza da construcção estrophica (*aaxx*). Das quatro cantigas de escarnho (*Ind.* 1467—1470 = **CV** 1079—1082), muito comedidas e de uma reserva digna de reparo no meio dos libellos que as circumdam, uma refere-se ao mesmo Alvelo (*Albillus* = *Albino*) com quem D. João Soares Coelho teve de cruzar armas.[3]) É ainda aqui a sua abundante cabelleira, esbranquiçada, que dava ao jóvem o aspecto de um velho encanecido e lembrava ao mesmo tempo certa raça canina felpuda, que serve de thema ou *razão* ás duas estrophes (**CV** 1079), obrigando o motejante a jogar com a formula *cão-pastor* (= *Schäferhund* e *weisshaariger Jüngling*).[4]) Outro dizer tem assumpto singularmente prosaïco: a construcção de uma boa casa em Arouca, para a qual o rico-homem procura madeira nova. Se nelle se escondem ironias e gracejos, confesso que não os descobri; nem tão pouco os percebo na

1) Herc. IV, 227. — D. Affonso constituira um substituto no seu logar. Este usurpou o provimento do dicto cargo, pondo um porteiro de sua mão, com o que o concelho se deu por gravemente offendido. „Succedeu d'ahi a pouco tempo vir D. Affonso Lopes á villa, e estando na igreja de Sancto Estevam foram falar com elle muitos homens bons da terra, representando-lhe o agravo que o seu alcaide fazia ao concelho em usurpar lhe a portaria. Respondeu-lhes D. Affonso Lopes dizendo: »Não quisera eu, meus amigos, a troco desta igreja cheia de ouro, que por minha causa houvesse quebra em vosso foro.« E de feito ordenou a N. seu alcaide (menor) que deixasse ao concelho o provimento daquelle caso."

2) A respeito de S. Maria das Leiras apenas sei que ha uma aldeia d'este nome em Terra de Neiva e outra na Galliza (Corunha). — Vid. *P. M. H.: Inquisitiones*, p. 27 ou 277.

3) **CV** 1025. — *Randglosse* 1, 55—56.

4) *Pastor* significa um jovem (*zagal*). — Vid. p. ex. **CV** 957; e *P. M. H.: Script.* I, 171 e 364. — *Randglosse* I, 68.

resposta com que D. Affonso foi favorecido pelo almirante de Alfonso X, Pae Gomes Charinho (**CV 1159**).

Superiormente importante, e uma das mais curiosas composições dos cancioneiros é a *Gesta que fez D. Affonso Lopes a D. Meendo e a seus vassalos, de mal dizer* (**CV 1080**), a primeira parodia da litteratura portuguêsa que neste campo ameno ostenta tantas riquezas, e ao mesmo tempo imitação directa das *Chansons de Geste* da França do Norte. É a unica que comprova conhecimento um tanto intimo da poesia epica francêsa em Portugal, no sec. XIII.[1]) O rico-homem de velha estirpe ridiculariza o infanção, a quem a mercê do soberano concedera recentemente *pendão e caldeira,* e vassallos para criar e armar. Mas não é nesta ironia que consiste a novidade. Com este fim mostra-o, não no seu solar, mas na casa de Ordem de Longos onde tinha *pousadia,* como natural e padroeiro. Ahi reune os seus vassallos, chamados (a julgar pelo pequeno epilogo, a esparsa **CV 1082**) para serem apresentados em alardo a Affonso III. Em pé, no meio de uma eira, e não sentado em faldistorio de oiro, é que o arremedador de Carlos-Magno recebe os seus homens, fidalgotes de poucos meios, ainda não affeitos aos luxos nem ás cerimonias da côrte, mal-vestidos, mal-montados e com maneiras labregas. Os cavállos, os arreios, as armas, os nomes e alcunhas e as proprias pessoas, sua filiação, seu modo de fallar, tudo é alvo de motejos maliciosos. O franco riso que despertam, embota todavia a ponta das flechas, e tira-lhes o veneno, embora o proloquio popular que forma o desfecho da esparsa, enuncie claramente a moralidade:

Qual ricomen, tal vassallo!
qual concelho, tal campana!

O titulo de *gesta,* usado exclusivamente nesta composição, o metro que é o decassyllabo épico bi-partido (de 10, 11 ou 12 syllabas grammaticaes) com cesura depois da quarta ou quinta e acento tonico na ultima syllaba par de cada hemistichio, a distribuição em *leixas* monorimas (*laisses homoteleutes*) de extensão desigual, rematadas

1) Menendez y Pelayo, encostado a Braga (*Antologia* III, 38) vae mais longe, reconhecendo nesta parodia um testemunho da diffusão de cantares de gesta na peninsula, assim como do metro em que se escreviam. — Reconheço outra prova de que a *Chanson de Roland* não era desconhecida em Portugal no epitaphio já citado de Rodrigo Sanches, o heroico bastardo de Sancho I, que succumbiu na lide do Porto em 1245: *alter fuit hic Rotulandus.* — Cf. § 218, 6[h].

com a onomatopeia *Eoi!* neuma completamente desusado em Portugal [1]), são outras tantas provas de que D. Affonso Lopes de Baião conhecia, pelo menos, a obra-prima da poesia epica francesa, o poema de Roncesvalles. [2]) O logar da revista, a casa de Ordem (ou *maison*) de Longos, o nome de pessoa, enunciado no titulo, mas substituido no texto pela alcunha significativa de D. Velpelho (*volpelho, vulpeculus = raposo*), assim como as indicações sobre os alardeados [3]) tornam provavel que o motejado fosse Mem Rodrigues de Briteiros, filho d'aquelle Ruy que conseguiu não só fazer perdoar graves culpas suas, mas levantar-se ao nivel dos mais altamente graduados na hierarchia nobiliarchica, pela sua decidida adhesão ao Bolonhês. [4]) O odio dos de Baião contra a familia do *parvenu* não era comtudo muito profundo, ou então não resistiu á fortuna sempre crescente dos Briteiros e ao inevitavel contacto nos paços reaes. Uma das irmãs de Mem Rodrigues casou com D. Pero Ponço de Baião [5]), como mostrei na tabella genealogica inserta na *Biographia* V. Pode ser ainda que na cantiga da *madeira nova*, o proprio D. Affonso apelle para as boas graças de outra filha do raptador, a Abbadessa de Arouca, D. Luca Rodrigues. [6])

XXIII. Meen Rodrigues Tenoiro.

§ 258. Chronistas portugueses e castelhanos registam a tragica sorte de um fidalgo d'este nome, vassallo de Pedro o Justiceiro de Castella. Receando a vingança do tyranno, por ter tomado parte em Toro no anno de 1354 numa briga entre os Toledos (Albas)

---

1) Em todo o caso é muito parecido o neuma dos marinheiros e pedreiros nas suas manobras, quer a bordo dos navios, quer ao içar de pedras de construcção: *e-ó-i—ó-i.*

2) Cf. G. Baist em Gröber, *Grundriss* § 10: „ein Portugiese oder Galizier endlich parodiert geradezu den Turold, die 10-Silbner und das *Aoi.*" — Th. Braga, *Curso*, p. 72.

3) Alguns dos personagens introduzidos na resenha humoristica (como Lopo Gato, o sobrinho de Cheira, Martim de Frazão e Meem Sapo) podem ser identificados.

4) Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.* XXXIX viu bem que tinhamos ahi um retrato grotesco da cavallaria, mas não reconheceu qual o individuo que a troça do rico-homem visava. Pelo contrario, D. Velpelho é a seus olhos o Renard da epopeia burguesa do fim da Idade-Media, servindo para satirizar algum ferrenho e extemporaneo partidario de Sancho II, ou então para motejar da disposição legal das *Partidas*, que admittia apenas cantares de gesta (ib. p. XLVII).

5) *P. M. H.: Script.* 195.

6) Ib. 177.

que o rei favorecia, e proceres da sua propria estirpe, como Alfonso Jufre (alguacil-mór de Toledo) e D. Juan Tenorio (reposteiro e valido do monarca),[1]) Mem Rodrigues refugiou-se em Portugal, como era praxe no sec. XIII. Poucos annos depois foi, pelo vingador de Inês de Castro entregue ao seu algoz, em escambo contra Pero Coelho, sendo publicamente justiçado em 1360.[2])

Filho do valente almirante de Alfonso XI, Alfonso Jufre, um dos heroes de Algeciras (1340), este Mem Rodrigues o Moço, era neto de Diego Alfonso e bisneto de Gonçalo Pires, o qual, pela sua parte, descendia, por seu pae Pedro Rodrigues Tenorio, de um dos bastardos do impetuoso Alfonso IX, tendo, além d'isso, nas suas veias o sangue português de D. Aldonça Martins da Silva.[3])

Houve todavia outro Mem Rodrigues mais velho, da mesma familia: irmão de Gonçalo Pires, o primogenito e herdeiro dos bens que a familia possuia em Toledo e Sevilha, e portanto, como este, neto do Leonês. A concluir do patronymico *Rodrigues,* julgo que o avô era o arrojado Rodrigo Alfonso que se achou no cêrco de Cordova e no de Sevilha, em companhia de seu meio-irmão Fernando o Santo.[4]) Em todo o caso um filho do Leonês, quer fosse

1) Ayala, *Chron. Pedro,* An. 1354, c. 29.

2) Ib. An. 1360, c. 14; Fernam Lopes, *Chron. Pedro,* c. 30 e 31.

3) Nobiliario ed. Lavanha p. 395. — Argote, *Nobl. And.,* p. 453 e 593.

4) Os genealogistas são unanimes em dar ao avoengo dos Tenorios o nome *Pedro Alfonso,* e ao dos Benavides o de *Rodrigo Alfonso.* Parece-me que exactamente o contrario é que é verdade. Eis o quadro resumido da filiação:

{Affonso IX (r. 1188—1230)
{Aldonça Martins da Silva

{Rodrigo Affonso (vivo em 1259)
{X. de Tenorio

{Pedro Rodrigues, Tenorio (adulto em 1248)
{Teresa Paes, de Sotomayor

{Pedro Affonso
{Maria Soares de Benavides

{Affonso Pires
{Teresa Pires, *Tenorio,* sua sobrinha

Gonçalo Pires — Ruy Pires († 1295) — Mem Rodrigues I — {Teresa Pires ou Rodrigues; Pero Rodrigues, seu tio}

{Diogo Affonso
{Aldonça Jufre de Loaysa

Affonso Jufre († 1340)

Mem Rodrigues II († 1360) — Juan Tenorio.

Rodrigo Alfonso[1]), quer Pedro Alfonso, veio a ser tronco dos Tenoiros pelo seu casamento com a filha e herdeira de certo Ruy Tenoiro, cujo solar gallego se ergue nas proximidades de Pontevedra, como o dos Charinhos.[2])

É este Mem Rodrigues Tenoiro, o Velho, *Adelantado mayor de la frontera,* segundo affirma um seu descendente,[3]) que estou disposta a identificar com o trovador, dando-o por coevo de Alfonso X e filho de um dos conquistadores da Andaluzia.[4]) Se foi realmente filho de Pedro Rodrigues, e bisneto de Alfonso IX (n. em 1171), teriamos ainda assim meio para fixarmos, como época em que floresceu, a segunda metade do sec. XIII.[5]) Seu irmão, do qual trataremos na biographia de Pae Gomes Charinho, trucidou o velho ex-almirante, seu adversario politico, em 1295[6]), pagando este attentado com a propria vida sob os golpes do Infante D. Juan, filho de Alfonso X. Como esta victima de Roy Pires, Mem Rodrigues poderia ter poetado na sua juventude, de 1245 em deante, na côrte de Fernando e do Rei Sabio, continuando talvez a exercer a sua arte durante o curto reinado de Sancho o Bravo.

Vejamos os fracos clarões que resaltam das suas obras. Subdividamo-las em tres partes: seis *cantigas de amor* (*Ind.* 397—402 =

---

1) Rodrigo Affonso, antes de 1230 mordomo de seu pae, ainda estava vivo em 1259, salientando-se então como representante de Alfonso X na lucta contra o irmão D. Arrigo, e especialmente na lide de Moron (**CV 999**). *P. M. H.: Script.* 389; *Randglosse* XIII. — Em muitas escrituras apparece, confirmando os actos dos reinantes. Vid. p. ex. *Esp. Sagr.* XXVI, p. 320. Creio tomou parte no assedio de Sevilha. Sobre um feito de armas d' elle em que ficou vencido (1238) perto de Bollullos (Martos) contra o rei de Granada, vid. Schirrmacher I, p. 405.

2) Tenorio é a forma castelhana, Tenoiro ou Tanoiro a gallaico-portuguesa. Salazar, e no seu rasto M. Murguia, imprimiu Tonciro por Tonoiro. No *Livro Velho* (*P. M. H.* 164) temos *Tameiro,* mudado em *Taueira* pelos copistas do Livro do Conde (ib. 385) — lapso que levou os genealogistas do sec. XVII a procurar o solar dos Tenorios em Tavera!

3) Miguel Tenoiro Cordero de Santoyo, auctor da *Memoria sobre el Verdadero Don Juan Tenorio,* Madrid 1853.

4) O pae e o avô batalharam em Cordova e em Sevilha, como tantos outros fidalgos a que já alludi.

5) Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.* LXXVIII e Lang **CD** XLI votam por Mem Rodrigues, o Moço, reconhecendo nelle um dos ultimos trovadores. É pouco provavel que o desherdado em 1354 começasse a versificar em terra estrangeira, nos ultimos arrancos da poesia trovadoresca.

6) *Chron. Fern.* IV, c. 1.

CV 7—12),[1]) duas das quaes apparecem no **CA 226** e **227**; quatro *cantares de amigo* (*Ind.* 716—719 = **CV 317—320**); dois *de escarnho* (*Ind.* 1472—1472[b] = **CV 1083—1084**) e uma tenção (*Ind.* 403 = **CV 14**).[2]) Como de costume, é exclusivamente na tenção e nos versos satiricos que podemos respigar algumas noticias. Na tenção, o seu contendor é o jogral Juião, já nosso conhecido, por ter medido as suas forças com D. João Soares Coelho,[3]) florecendo por isso no reinado do Bolonhês. As satiras visam o mesmo D. Estêvam que vimos aggredido por Ayras Peres Vuiturom, o partidario de Sancho II. O leitor já está ao facto de que, eliminando o secretario de D. Denis (Estêvam da Guarda, vindo a Portugal no sequito da Rainha Santa) inclino-me a procurar no cégo, sanhudo e interesseiro D. Estêvam, que jantava com El-Rei, o maior favorito de Affonso III, seu collaço Estêvam Annes,[4]) que de pequena fidalguia foi subindo ao posto de chanceler perpetuo, graças á sua bem motivada dedicação pelo seu companheiro de infancia.[5])

Fica por decidir onde Mem Rodrigues e o jogral se encontrariam. — Em Portugal? ou no paço do rei de Castella e Leão? Apenas sei que Juião se serve de algumas palavras infamantes, como *cochon* e *coteife*,[6]) muito usadas pelo rei sabio e seus jograes. Em duas cantigas de amigo, a dama de Tenoiro falla da sua ida de *àquem;* mas este adverbio é freqüentes vezes equivalente de *aqui,*[7]) sem exigir como complemento antonymo o termo: *para alem-mar;* não admitte por isso commentarios.

XXIV. Joan de Guilhade.

§ 259. Eis-nos perante um artista, que se destaca com certo vigor das physiognomias estereotypicas e exsangues da côrte, por-

---

1) **CV 13** é repetição da cantiga **319**.

2) Traduzida por W. Storck, *Aus Portugal und Brasilien*, Nº 14.

3) Vid. *Randglosse* I, 59 onde identifico *Juião* com o *Bolseiro,* autor das cantigas de amor (**CV 667—668**) e de quinze versos de amigo muito gentis (**CV 771—785**).

4) Pensar nelle como no *collaço do infante*, a quem pertenceu alguma vez o **CA**, seria um forte anachronismo (§ 145).

5) Falleceu em 1278, segundo Brandão, *Mon. Lus.* XVI, c. 25.

6) *Coteife* no **CV 62, 74, 994, 1024**; **CB 464**; **CM 22** e **194**; (cf. *Randglosse* I, 71); *cochon* no **CV 781**.

7) **CV 319, 1037, 1148.**

que soube imprimir a muitas das suas producções um cunho individual. Não que evitasse todo e qualquer logar commum! Muito pelo contrario, como os mais servidores de damas do paço, morre de magoa, geme submisso, chora, treme, lamenta esquivanças e desdens, emmudece e dissimula, negando o nome da amada até que um momento de sandice ou de raiva lhe arranca o seu segredo. Mas mesmo então guarda o decoro, velando-o de sorte que ninguem o percebe. Como os mais tenta tambem refazer a bocca, de vez em quando, enojado de tanta doçura. Ouvimo'-lo uivar com a matilha dos maldizentes, perseguindo com improperios não só os infimos da classe jogralesca, mas tambem ricos-homens e infanções e até as filhas de um magnate. Nem mesmo se peja de expôr publicamente as proprias fraquezas e vergonhas, igual nisso a Ruy Paes de Ribela. Todavia não me parece estar no seu elemento quando, levantando o vôo, divagueia num sentimentalismo ideal, nem tão pouco quando chafurda em lamaçaes, além das raias da decencia. Á sua indole essencialmente folgazã quadram bem poesias agradaveis e ligeiras, de rythmo agil e vivo. Cantares de amigo e balletas de refram em que a musa palaciana entra em intimo consorcio com a do povo, essas é que jorram sem esforço de seus labios sorridentes, traduzindo ingenuamente impressões de amores faceis. Essas é que revelam as suas qualidades de dizedor voluvel, vaidoso, dom-juanesco, e pouco orthodoxo, voluntariamente em opposição com as theorias abstractas e as hyperboles aristocraticas do amor. Uma especie de Sordello gallaïco-português, ou antes um modesto precursor de Juan del Encina, o grande lyrico.

§ 260. Guilhade tem nos cancioneiros 55 composições que nos obrigam a taxa'-lo não só como um dos engenhos mais notaveis do seu meio, mas como um dos mais fecundos. Predominam os *cantares de amigo*, que são 21. O resto distribue-se por partes iguaes entre *cantigas de amor* e *de escarnho*.

Das 17 *cantigas de amor* os apographos italianos encerram apenas nove (*Ind.* 417—427 = CV 28—38)[1].

---

1) O No 426 é repetição de 418 (**CV** 29 e 38). As cantigas **31** e **32** da ed. Monaci formam uma unica composição (a 24ª dos Cod. ital. = **CA 230**). O **CV** attribue a *Estêvam Fayam* a 427ª que no **CB** e no **CA** ainda pertence a Guilhade.

Sete d'ellas conservaram-se no **CA 228—234**. Ahi formam um conjuncto com as cinco immediatas, privativas d'esse codice (**235—239**), ás quaes temos de reunir outras tres que hoje faltam no nosso mutilado pergaminho, obrigando-me a collocá'-las no *App.* XVI. São as numeradas de **454—456** e correspondem aos N[os] **28—37** e **39** do **CV**. — As *cantigas de amigo* vão no Indice de 742—778 e novamente de 785—787 (= **CV 343—361** e **369—371**). Uma d'ellas (**CV 351**) não pertence ao genero, porque falla em nome do auctor, e não da sua amada. Deve haver erros na numeração antiga. Presumo que o amanuense, querendo pôr 757, escreveu 775? De Roma é que nos deve vir a resposta. — As *cantigas de escarnho* abrangem de 1485 — 1503 (= **CV 1097—1109** e **CB 373—376**). A cantiga **1110** da ed. Monaci é o principio da 1500ª da ed. Molteni.

§ 261. Da vida do auctor sabemos apenas o que consta de certas cantigas suas e alheias. Guilhade é dos poucos trovadores que revelam o proprio nome nas suas obras.[1]) O logar *Guilhade*, onde nasceria, occorre em dois cantares (**CV 369** e **371**); *Joan de Guilhade* no **343°**; *D. Juan de Guilhade* no **346°** e **348°**, *[D.] Joan Garcia* no **354°** e **358°**. Os estranhos tambem empregaram alternadamente essas formas, até dentro da mesma composição, conforme as estrophes exigiam rima em *-ade* ou em *-ía.*[2]) Nas rubricas que acompanham o texto nos apographos italianos, assim como no Indice, que as synthetiza, lê-se constantemente *Joan de Guilhade.*[3]) Julgo que o poeta era filho de um Garcia, servindo-se por este motivo indifferentemente, ora apenas do nome de baptismo, ora de Joan Garcia, precedendo-o ou não, do titulo *Dom,* segundo as opportunidades do momento, e desprezando, ou não, a menção do logar que

1) Os outros trovadores que inserem o seu proprio nome em poesias da sua lavra são: *João Ayras de Santiago* (**CV 1072** e **1076**); *João Servando* (**CV 1028** e **1031**) e *Rodrigu' Eannes Alvares* (ib. **562**). — Lang, (**CD**, p. LXIV n. 2) nomeia ainda *Bernaldo de Bonaval,* mas este falla apenas do logar que lhe foi berço (729—732) e *Martim Codax.* Considero a phrase *Martim Codax: esta non acho fechada,* no fim da cantiga **CV 882**, como nota marginal em prosa. — Cf. *Grundriss* II[b], p. 192 n. 1.

2) **CV 1022** e **1024**; **1104** e **1105**; **CA 142**.

3) Só uma vez o coordenador extrahiu do teor de uma tenção o nome *Joan Garcia,* accrescentando-o como supplemento á epigraphe originaria. — Cf. **CV**, p. XXIII: Nº 1493 e 1494.

lhe serviu de berço, na Galliza. Só lá é que subsistem varias localidades Guilhade: tres na comarca de Lugo e uma em Pontevedra.[1])

Opino ainda que não pertenceu á flor da fidalguia. Quando muito seria cavalleiro de uma lança, como Ruy Paes de Ribela. A tornar provavel a origem nobre temos alguns depoimentos pessoaes, além do titulo *Dom*. Uma vez classifica-se directamente de cavalleiro (**CV 343**).[2]) Em outra poesia gaba-se de ter sahido vencedor de *bofordos* (**CV 353**). Falla tambem de lides (**CV 354**); menciona a sua estada em casa del Rei (**CV 347** e **1105**); e celebra damas, de estirpe illustre, embora a par e passo com *mocelinhas* do povo, e soldadeiras. A contrabalançar estas provas temos confissões suas sobre o mau-preço da propria mulher (**CV 1110**), e vilipendios de outros trovadores que o accusam de fingir relações de intimidade com *boas-donas*,[3]) termo que na linguagem do tempo corresponde a *ricas-hembras*. Provas são estas, na verdade, de somenos importancia no barbaro sec. XIII.[4])

De toda a maneira, cavalleiro ou não, D. João Garcia de Guilhade parece ter sido trovador *ex-professo*, com casa sua e jograes ás suas ordens, por elle instruidos, a fim de levarem de paço em paço e de côrte em côrte as suas cantigas. Das contendas com o jogral Lourenço[5]) resulta, se não me engano, que durante uma temporada este era official seu, assalariado. De outro modo, que significavam as queixas do jogral sobre as diminutas rações de pão e vinho que recebia? E como explicar a parte que Lourenço tomou na discussão sobre as *amas*,[6]) declarando, por ordem e em nome do seu senhor, que este sempre havia trovado e trovaria por boas-

---

1) Esta ultima, S. Miguel de Guilhade, tem mais alguma importancia.

2) Tanto nos cancioneiros como nos nobiliarios citam-se casos de nobilitação de burgueses e villões; mas nenhum occorre com trovadores, como na Provença. — Vid. **CV 1141**.

3) **CV 1024** de Coelho, e **1125** de Pedr' Amigo.

4) Nos proprios cadastros da nobreza abundam passagens cruas e nuas sobre o mau procedimento de casadas e freiras de illustre linhagem. São variadas as formulas empregadas pelo relator. Eis algumas: *Non foi boa; foi maa; maa molher; non era bem assisada; foi de mau preço; de pouca pró; de maus feitos; valeu pouco; foi maa dona; fez torto a seu marido; leixou-o; fugiu; foi-se com fulano* etc. etc. Sem fallarmos das solteiras, cuja prole entra na categoria dos filhos *de gaança, de ganhadia, de drudaria, feitos a furto* etc.

5) **CV 1104** e **1105**.

6) **CB 1501**. — Cf. *Randglosse* I, 12—16 e 50—53.

donas, trocando com ellas prendas de amor, sem nunca festejar *amas de criar*, por mais honradas e privilegiadas que fossem?[1])

Cordas e cintas muitas ei eu dadas,
Lourenç', a donas, e elas a mi.
— — — — — — — —
Lourenço, di-lhe que sempre trobei
por bõas donas e sempr' estranhei
os que trobavan por amas mamadas.

De passagem seja dicto que o jogral Lourenço se emancipou mais tarde, graças ao seu talento, imitando seu mestre e senhor com tanta arte que os cortesãos começaram a implicar ora com João Garcia, accusando-o de se enfeitar com as galas de seu criado (**CB 1501**), ora com Lourenço, insultando-o por se ter apropriado canções do seu amo e amigo (**CV 1022**).[2])

O principal aulico com o qual Guilhade cruzou invectivas, foi D. João Soares Coelho. Além d'isso, vemo'-lo relacionado com Ruy Queimado (**CA 142**) e talvez ainda com Pedr'Amigo de Sevilha (**CV 1125**), assistindo por tanto ora em Portugal, ora em Hespanha (*Segovia* **CA 238**).[3]) Em Portugal encontramo'-lo na região de Entre Minho e Doiro, perto de Barcellos e Faria,[4]) talvez como homem do Senhor de Soverosa ou dos Paes de Ribeira, proximos parentes d'aquelle. Uma das inspiradoras dos seus versos palacianos d'amor, vagamente designada como *filha de Maria,* teve por ventura por paes a D. Maria Paes Ribeira a (Ribeirinha) e D. João Fernandes de Lima Batisella, o Bom. D. Maria Annes, nada e criada num dos castellos dos maiores, nas localidades designadas pelo poeta, casou em Hespanha com D. Affonso Telles de Menezes, o de Cordova, a cujos feitos heroicos o Rei de Castella se refere com louvor em uma das suas cantigas sacras.[5]) Era portanto cunhada de Tell'

1) Guilhade dirige-se ainda a outro menestrel, chamado Martim (**CV 1101** e **1102**). Ignoro quem fosse. Documentos gallizianos provam a existencia de um *Martin Froaz, jograr de Guimil,* no anno 1260 (*Rev. crit.* III, 233) e outro *Martin das Donas* no anno 1277 (ib. 234), conforme deixei apontado no Cap. III.

2) Cf. *Biogr.* XIV.

3) Cf. **CV 370**, onde ha referencia a trovadores de Portugal. Certas concordancias entre dictos de Guilhade, Lopo Lias (**CV 1098** e **956**), Pae Gomes Charinho, Pae Soares não obrigam a pensar em convivencia, nem mesmo em imitação directa.

4) Cf. **CA 236** e **238**, assim como as respectivas notas.

5) **CM 205**. — Cf. *Biogr.* XXXV, as Notas relativas á cantiga **464**, e *Randglosse* VIII.

Affonso, o lidador de Arjona e heroe de Martos, cuja morte prematura foi, como sabemos, deplorada por Pero da Ponte, perto de 1246. Guilhade parece tê-la reencontrado no reino vizinho, onde a neta de Pay Moniz occupou nos paços regios antes de 1252 logar proeminente, se a fama falla verdade.[1])

§ 262. Na propria poesia em que se vinga de uma traidora de olhos verdes, segreda-nos, além da filiação da amada, a sua transferencia de Faria a Segovia.

Ay! que de coita levei em Faria!
e vin aqui a Segobia morrer!
ca non vej' i quen soía veer
meu pouqu' e pouqu', e por esso guaria![2])

Agora duas palavras sobre algumas novidades que ensaiou. Os outros trovadores costumam louvar-se do Amor, invectivando os proprios olhos que serviram de *terceiros* entre o gosto proprio e a formosura alheia, e descrendo do summo creador que, embora possa, não lhes quis valer. Guilhade encarece o serviço que os seus olhos lhe prestaram; quer-lhes bem, do coração, porque lhe mostraram a bem-querida e promette amar a Deus (**CA 454**), respingando contra o Amor, causador da funesta paixão que o atormenta (**CA** ib.). Os mais querem morrer. Elle tambem assim o desejou um dia, mas reconhecendo a sua loucura, ridiculariza a tal mania, exclamando num rufar alegre de marcha:

sempre m' eu querria viver
e atender e atender . . . (**CA 234**)
— — — — — — —
ca esta morte non é jograria (ib. **238**).[3])

Os pessimistas de então já bradavam contra o mundo e sua maldade. Elle, precursor do optimista de Hannover, clama affoitamente

aqueste mundo x' est a melhor ren
das que Deus fez . . . (**CV 345**).

ou então: *Quer' eu, amigas, o mundo loar.* Não ousa negar que o paraiso fosse estancia aprazivel (**CV 345**),

mas este mundo ainda é cousa melhor,

e nelle se acha muito satisfeito, com tanto que se cumpra uma unica condição, isto é que

---

1) *P. M. H.: Script.* 156, 277 e 361.
2) **CA 238**; em Segovia podia ter-se encontrado com Pero da Ponte.
3) Cf. Charinho **CV 393**.

a dona seu amig' oer
e con el pode no mundo viver![1])

Porque, outra novidade, os seus *sirventeses* são ao mesmo tempo *cantares de amigo.* É uma *fermosinha,* dotada do mesmo genio festivo e desempenado que distingue o poeta, a qual expõe a sua philosophia, hoje no *scherzo* de que extrahi os versos citados (**CV 345**), amanhã num pranto sobre a decadencia da arte de amar (**CV 370**):

Os trobadores ja van para mal,
non á i tal que ja sèrvia senhor
— — — — — — — —
e sol non falan en amor . . .
nen queren ja loar bon parecer.[2])

É ainda a dama que profere imprecações em ambas as poesias, ella que préga ao desleal trovador o sobrenome satirico *cabeça de cão* (**CV 371**); ella que equipara os seus amores longos e talvez precoces aos de Brancaflor e Flores, os prototypos da constancia:

os grandes vossos amores
que mi e vos sempr' ouvemos,
nunca lhi cima fezemos
come Brancafrol e Flores.[3])

Os outros sollicitam humildes e em balde uma unica prenda, enaltecendo a amada indirectamente pelo seu casto rigor. Guilhade ufana-se de haver recebido muitas dadivas, intimas e significativas: toucas, cintas, baraças e cordas.[4]) E seguindo um costume tambem pouco vulgar, o de compôr cantares *de amigo* em resposta a outros seus, *de amor,*[5]) faz-nos ouvir o desabafo de uma donzella que, ouvindo censurar da parte das companheiras a ousadia de Guilhade, por haver ostentado a sua cinta no paço del Rey, defende-o, gritando aos quatro ventos que o amante cumprira apenas o seu mandado (**CV 347**).

Uma vez a ingenua do seu repertorio, ingenua á moda da Agnes de Molière, pergunta com candorosa malicia ás amigas: *que é aquillo*

---

1) Cf. A. de Maroill, Mahn, *Werke* I, 169. *Que si-m lais Dieus s' amor jauzir Semblaria-m, tan la dezir, Ab lieis paradis us desertz.*

2) Vid. Lang, *Mod. Lang. Not.* X, 225: *Guilhade treats the heroines of his women's songs in a way entirely his own.*

3) É um dos raros casos em que um auctor português demonstra algum conhecimento de literatura francêsa por allusão directa. D. Denis cita as mesmas figuras (**CD 115**).

4) **CV 348**. — Cfr. **309**.

5) Cf. **CV 594** e **523**.

que lhes demandam, quando os cavalleiros requerem outro dom, além das cintas e cordas que nós lhes concedemos? (**CV 359**).[1]) Em outra occasião graceja dos que morrem de amor, curiosa de verificar se o seu servidor é effectivamente um vastago da tribu de Asra „*welche sterben, wenn sie lieben*" (**CV 353**). Guilhade foi ainda dos primeiros, se não o primeiro em Portugal que, desviando-se da esthetica usual medievica, celebrou olhos da côr do mar. Conhece-se a novidade da tentativa porque, na previsão de que a maioria ia censurá-lo, agarrada á sabedoria tradicional que decreta *olhos verdes, olhos de traidor*, desculpa-se, por assim dizer, do seu gosto exquisito:

> *porque non á no mundo rei*
> *que visse o talho que eu ei*
> *que xe non morresse por mi, —*
> *se quer meus olhos verdes son* (**CV 344**).[2])

§ 263. Á primeira vista semelha que este feitio original de Guilhade, que se manifesta em muitos outros pormenores metricos e ritmicos, briga com um facto estabelecido por criticos estrangeiros. Fallo das imitações e reminiscencias de modelos franceses e provençaes, descobertas nos versos de Guilhade pelo investigador das origens da lyrica francesa e tambem pelo benemerito editor do Cancioneiro de D. Denis; mas só á primeira vista.[3]) Porque, na verdade, não é de modo algum estranho que o horror ás banalidades comesinhas e o desejo de sahir de caminhos já muito trilhados o levasse a estudar mais a fundo os tesouros da poesia provençal e francesa, com o intuito de enriquecer a sua colheita de assumptos, embora fosse mettendo a fouce em seára alheia.

Quanto a datas precisas sobre as relações de Guilhade com trovadores alfonsinos, só posso apontar uma composição de escarnho, vibrada contra um infanção *unhas de fome* (**CV 1103**), da qual transluzem allusões a uns decretos de Affonso III sobre o Regimento dos ricos-homens,[4]) hoje perdidos, mas promulgados segundo todas

---

1) Jeanroy (*Origines*, p. 313), a quem não passou despercebida a delicadeza encantadora nem a graça picante e ás vezes perversa das cantadeiras portuguêsas, exemplifica exactamente com os personagens de Guilhade.

2) Cf. **CA 229**; **CV 360** e **1062**.

3) Jeanroy, *Origines*, p. 313, 316 e 318. — Lang, *Mod. Lang. Not.* X, 220, 224 e 226. — Cf. as Notas relativas aos nossos Nos **229**, **230**, **231**, **233**, **234** e **239**.

4) *P. M. H.: Leges*, 199—210. A allusão a outras côrtes que iam celebrar-se, talvez diga respeito ás de Leiria, no mesmo anno de 1258.

as probabilidades no mesmo acto quando em 1258, nas côrtes de Guimarães, se legislava sobre o Regimento da Casa Real,[1]) pouco depois de o mesmo facto se ter dado em Valhadolid.

XXV. Estêvan Faian ou D. Estêvan Peres Froyan?

§ 264. Todas as vezes que o nome d'este trovador se encontra nos apographos italianos, no meio de versos de amor e dizeres de escarnho, ou no *Indice* de Colocci, o appellido apresenta fórma diversa: *tacam, falam, fayam, faiá,* acompanhada apenas do prenome *Steuan.*[2]) Penso que a nomenclatura está ahi abreviada e adulterada, mas que a possuimos completa, embora tambem deturpada, na epigraphe do Nº 923 (= **CV 511**) *Dom steuam perez croyam* (no *Indice Eroyã*), a qual, rectificada, deve lêr-se *Dom Estêvam Perez Froyam.*

Juntando todos os versos registados como obras de *Faian* e *Froyan,* ainda assim teriamos apenas cinco composições: as primeiras *de amor* e a ultima *de maledicencia.* Na realidade temos de abater mais uma.[3]) Não seria deveras estranhavel se tivessemos a distribuir peculio tão escasso entre dois poetas, com nomes tão parecidos graphicamente?

---

1) Em 1261 Affonso III tratou das *comedorias* nos mosteiros. Tanto a arte culinaria, como a indumentaria dos magnates, e mais ainda as *comedorias* por elles dispensadas aos seus vassalos, homens d'armas e jograes, serviram naturalmente de assumpto a muitos motejos, mais ou menos saborosos. Creio que alguns se relacionam com os decretos a que alludi. — Cf. *Randglosse* III.

2) No Indice temos o nome *Steuam falam,* anteposto ao Nº 428 (= **CV 39**) e *Steuam fayan* antes do Nº **1561** (= **CB 434**). Nos logares correspondentes do texto escreveu-se a primeira vez: *Steuam taiam* e depois *Steuã faiã fez esta cantiga descarnh e de mal dizer*, seguindo-se a nota: *Outro* 4º (= Rolo? ou *Quaternus?*) *começa-s'assy.*

3) Nos apontamentos relativos ás cantigas d'este auctor, o *Indice* é inexacto. Quem olhar só para esses dizeres deve imaginar que são suas, as poesias 428—433. É que se omittiu antes do Nº 430 o nome do auctor immediato. Os Cancioneiros **CB** e **CA** concordam em attribuir a que principia *A mia senhor já lh'eu muito neguei* (**CV 39** = **CA 456**) a João de Guilhade, conforme já ficou explicado na biographia anterior. Malpartilhado como este Estevam é, de uma cantiga que lhe era privativa (**CA 241**) resta um unico verso. Na realidade dispomos portanto de só quatro poesias d'elle: *Ind.* 428—429 = **CV 40—41** ou **CA 240** e **457**; *Ind.* 923 = **CV 511**; e *Ind.* 1561 = **CB 434**.

Nas chronicas e nos nobiliarios não se falla em nenhum Estevam Faiam. Nem mesmo occorre o apellido *Faian.*[1]) Um D. Estevan Peres ou *Pires,* dicto Froyam (*Florian* em castelhano) foi, pelo contrario, personagem saliente na côrte castelhana, embora português de origem, da linhagem dos Pereiras, muito aparentada com os Redondos que já conhecemos: companheiro e correligionario de outros dois trovadores que, acto continuo, terei de apresentar ao leitor.[2]) Tanto nas chronicas como nos nobiliarios ha noticias d'elle.

§ 265. Filho de uma das meias-irmãs mais velhas de Rodrigu' Eannes Redondo,[3]) e de Pedro Homem Pereirão, e neto de Pero Rodrigues de Pereira, o vencedor de Pedro Poiares, D. Estêvam descendia do valente Rodrigo Froyaz[4]) que, segundo velhas lendas heraldicas, ganhou a cruz floreteada do brasão de familia na batalha das Navas. Não sei quando começou a usar do appellido *Florian* com que apparece em Castella.[5]) É simples hypothese minha que

---

1) Nos nobiliarios ha naturalmente muito *Froyan* e *Froyaz.* Nos cancioneiros temos ainda *Joan de Froyan* (**CV 1080**) e um *Fernam Froyan* como auctor de alguns cantares de amigo (**CV 388—391**), nas immediações de *Charinho.*

2) *Biogr.* XXVI e XXVII.

3) Teresa Annes Redondo. — Consulte-se a tabella genealogica dos Froiaes-Pereiras na *Biogr.* LVII.

4) *P. M. H.: Script.* 172, 223, 311. Se a filiação indicada no Livro do Conde fosse exacta, o famigerado Rodrigo Froyaz, dado como vivo ainda na tomada de Sevilha, seria quarto avô de D. Estevam. Como veremos, este ainda existia em 1304. Creio, porém, que ha confusão entre varios homonymos (avô e neto).

5) Quanto ao nome, que apparece em formas multiplas, não tenho certeza da derivação, nem do significado. *Froya* podia ser representante do gotico *Frôja* = *Dominus, Herr.* É porém, mais provavel ser forma gallego-portuguesa, vulgarizada de *Froila,* cast. *Fruela.* A favor da ultima hypothese podem-se allegar documentos antigos. Temos *Froila* na Charta Nº 296 de 1037 e em muitas outras e *Froilaz Froylaz* em textos anteriores aos linhagistas, que empregam em geral as variantes *Froias, Froiaz, Froyaz, Forjaz.* Todas as mais serão deturpações por etymologia popular: *Froes,* em cast. *Flores* como se fosse plural de *frol* < *flor; Froiaes, Frojaes, Forjaes, Furjaes (Frogiaes)* e *Frolhaes* (em gallego) como plural de *Frojal* = *Florialis,* latinização que nunca encontrei. *Froian, Froyan, Frojan* e *Frorianus* em documentos alatinados, substituidos posteriormente por *Froião, Frojão,* são augmentativos de *Froya,* e emparelham com Pereirão, Sousão, Ramirão, Correão etc. Destinado primeiramente a designar o individuo mais notavel da familia, passou naturalmente na forma plural *Froiães* etc. a nomear os seus descendentes, indistinctamente. Pode ser que se encontre tambem *Froiãos.* Em Castella transformaram no sec. XIV *Frojan* em *Florian* e *Frojães Forjães* (ou *Frojanes* á moda gallega) em *Florianes.* A mesma forma

tambem neste caso a lucta fratricida do Bolonhês fosse causa da expatriação. Na nota que diz respeito á nossa cantiga **429** mostro que considero o vencedor de Poiares como um d'aquelles partidarios de Sancho II que, depois da desdita de seu rei, prestaram homenagem de vassalo a Alfonso X, valedor e justificador, perante o fôro da historia, do principe trahido. Quer-me parecer tambem que D. Estêvam esteve relacionado com Ayras Peres Vuiturom, i. é com o trovador que, rindo, castigou a vileza dos traidores vendidos ao Bolonhês.[1]) Ambos aggrediram pelo menos simultaneamente um meirinho ou adeantado do Castelhano, a cujos viciosos costumes foi tambem applicado ferro em brasa por Pero da Ponte[2]) (um dos melhores segreis

---

occorre todavia já no sec. XI em Portugal, a denominar uma villa: *Villa Froilanes* (Charta 392, de 1054).

Como de costume, os nomes de pessoa passaram a denominar logares. Em Portugal havia e ha varios. Temos em documentos do sec. XIII, explorados no *Archeologo Português*, vol. V, p. 134, uma villa, chamada ora *Froyan*, ora *Florian*, ora *Froilão* (posteriormente deturpado em *Fraião*), um dos sete julgados da comarca de Entre Minho e Lima. — Cf. Ayres de Sá, vol. I, p. 15 e 25 (*ffroiã ffrogã*). — Ha tambem *Santa Marinha de Frojaes* (*Frogiaes*), nas immediações de S. Eulalia da Palmeira, couto que pertencia positivamente á linhagem dos Froiaes, conforme mostro na *Biogr.* LVII. — Vid. *P. M. H.: Inquis.* 27, 104, 228 e 183 (onde por engano está *S. Maria* de *Frugiaes*). É muito provavel que um dos primeiros descendentes de D. Froia Menendes — tronco da linhagem — vindos da Galliza para Entre Minho e Doiro, desse seu nome á torre ou ao castello e á villa quo ahi fundou. Em Galliza nos districtos de Lugo, Corunha e Pontevedra é que tambem ha varias aldeias *Froya, Froyan, Frojan, Frojas, Frojanes* e tambem um *Frollais* (i. é. em graphia portuguesa *Frolhaes*).

Quanto á filiação, consulte-se o Livro do Conde, *Script.* p. 252. Ahi se vê que D. Froia Menendes passa por ser pae de D. Vermudo Froias, avô de D. Froia Vermudes e bisavô de tres valentissimos guerreiros que se chamavam: D. Rodrigo Froias, o de Tras-Támar, D. Vermudo Froias e D. Pero Froias.

1) Pelo nome, Ayras Peres, quer fosse Senhor de Vuiturinho, quer de qualidades rapaces que motivaram o sobrenome, derivado de *vuitre* (*vultur*), podia muito bem ser irmão de D. Estêvam. Mas dos nobiliarios não consta que Pero Homem tivesse um filho assim chamado. O sobrenome *Abutre* não seria fóra do commum. Na novella francesa de *Tristan*, o cavalleiro Ivain tem o mesmo distinctivo. — Quanto aos logares a que a ave de rapina deu nome em Portugal, o mais conhecido acha-se em Riba de Lima. Vid. *Inquis.* 46, 128, 132 etc. — Modernamente, está transformado, por etymologia popular em S. Vitorinho das Donas, como que fosse deminutivo do nome proprio Vitor (Victor).

2) Salazar (*Dignid. de Cast.* fol. 60) não indica nenhum Fernam Dias na lista, alias incompleta, dos meirinhos e adeantados. Uma das queixas dos ricos-homens rebeldes contra Alfonso X referia-se aos desmandos dos

d'este tempo e d'este meio), de braço dado com Pero Garcia, o Burgalês.[1])

Se os versos, a que me refiro, devem ser datados do reinado de Alfonso X, conforme presumo, pertencem certamente á mocidade do expatriado lusitano. Posteriormente, elle tomou logar no conselho de Sancho IV, na qualidade de guarda del Rei, segundo o chronista.[2]) Em 1286 vemo'-lo acerrimo partidario do orgulhoso privado D. Lopo Diaz de Haro VI. Quando este Senhor de Biscaia, chefe do exercito, como alferes, e governador de todas as fortalezas de Castella, já aparentado com a casa real, chegou ao auge do seu poder, entrando na posse da mordomia,[3]) D. Estêvam Froyam foi dos que aconselharam o monarca a annuir ás suas exigencias desmedidas.[4]) Não procedeu do mesmo modo com D. João Nunes de Lara, successor de D. Lopo nas boas graças e na intimidade do reinante, depois da cruel carnificina nas côrtes de Alfaro (1289). Mancommunado com o bispo de Astorga e o velho Pay Gomes Charinho, ex-almirante de Alfonso X, instigou a desconfiança e promoveu a perseguição de Sancho contra o favorito. Este teve de refugiar-se no Aragão e ganhou o combate de Chinchilla[5]) contra as mesnadas de seu senhor. Estêvam Froyam, do partido

---

»*merinos cogedores e pesquisidores que les facian muchos daños ... E porque el Rey tenia puestos sus merinos en las merindades de Castilla e de Leon que facian la justicia, pidieronle que tirase los merinos e pusiese adelantados ... E a lo que le pedian que pusiese adelantados e tirase los merinos que tenia puestos respondio les que tenia por bien de lo facer cuando la tierra fuese socegada en justicia.*« — *Chron. Alf.*, c. 23—25, p. 20 e 22.

1) Compare-se a satira **CB 434** contra Fernam Dias e o seu projectado, mas irrealizavel casamento, com a cantiga de Vuiturom, relativa ao mesmo assumpto (**CV 1090**). Pero da Ponte dá-lhe o sobrenome *Estaturon*, supponhamos que pela sua desmedida estatura (ib. **1183**). O Burgalês designa-o como meirinho del Rei D. Alfonso, de Viveiro a Carrion (**987**), emquanto Vuiturom menciona uma vez a região de Estorga até S. Fagundo, pintando-o noutra occasião como adeantado de S. Fagundo, d'Asturias e de Oviedo (**1091**). O Fernam Diaz do sirventês **CV 1088** é provavelmente personagem diverso. Pelo menos não sei provar que o vendedor de Monsanto, connivente com o Bolonhês, de 1245 a 1248, passou depois a ser funccionario publico na côrte do sôgro.

2) *Chron. Sancho*, c. III, 74.

3) A *valia* de D. Lopo passou das marcas, a ponto de sugerir no povo a ideia que elle se servia de artes magicas para dominar o monarca; tão *imaginado* andava este. — *Randglosse* IX.

4) *Chron. Sancho*, c. VII, 83.

5) Cf. *Biograph.* LII e XXVII.

dos vencidos, foi com outros refens retido por D. João Nunes no forte de Moya, até que o rei, accedendo ás condições impostas, entregou os castellos de San Esteban de Gormaz, Castro-Xerez, Fermoselhe e Trastamara.

Varias vezes o luso-castelhano, em quem o filho e o neto de Alfonso X muito confiavam, foi enviado com mensagens a Portugal. Em 1295 (a 20 de outubro) levava a D. Denis uma carta de Fernando IV, o Emprazado, fazendo entrega ao porteiro do português, dos castellos de Moura e Serpa.[1]) Em 1304, por occasião da entrevista dos chefes dos dois reinos, teve de visitar em Toro a rainha-mãe, a magnanima D. Maria de Molina, para lhe rogar em nome do filho a mercê de mais uma vez assossegar os rebeldes D. Henrique e D. Diego, que favoreciam os infantes Lacerda. É a ultima data que posso indicar.[2])

Estêvam Peres figura em varios documentos castelhanos e portugueses.[3]) Entre os ultimos avulta uma doação de certos bens ao Bispo do Porto, D. Sancho Peres, seu irmão (1296—1300), do qual fallei na biographia de Rodrigu' Eannes Redondo.[4])

XXVI. Joan Vaasques.

§ 266. Das composições da nossa collecção, pertencem-lhe quatro cantigas *de amor:* **CA 242—245**, correspondentes ás que vão numeradas no **CV** de **42—45** (= 430—433 do cod. pae).[5]) Além d'isso, são d'elle sete dizeres de escarnho (*Ind.* 1545—1551 = **CB 418—424**) e oito balletas *de amigo* (*Ind.* 788—795 = **CV 372—379**), todas ellas construidas sobre o mesmo padrão.[6]) Isto, caso haja identidade entre Joan Vaasques e Joan Vaasques de Talaveira,[7]) como supponho.

---

1) Santarem, *Quadro* I, 118.

2) *Chron. Fern.*, c. VI, 130. A rainha quis incumbí-lo de outra mensagem para os rebeldes, mas elle, julgando a causa perdida, recusou-se, dizendo *que lo non faria ... cá pues el pleito en tal lugar estaba, que se recelaba de muerte d' ellos.*

3) *Mon. Lus.* XVII, c. 38 e 39.

4) *Biogr.* XVI. — Cfr. Cunha, *Bisp. do Porto* II, c. 13, p. 70 e 72.

5) No *Indice,* o nome foi omittido por descuido.

6) Decassyllabos: $3 \times 2 + 2 (+ 2)$: *abba CC.*

7) Sic! *Talavera de la Reina?* Pelo menos é esta cidade a que se menciona com mais freqüencia nas velhas chronicas.

Temos que filiá-lo entre os trovadores de Alfonso X. Para demonstração basta relevar que dirigiu uma canção contra a Balteira,[1]) de infame celebridade, secundando as velleïdades do monarca, em côro com Vasco Peres Pardal (CB 379), Fernam Velho (ib. 377), Pero Mafaldo (ib. 386), Pero da Ponte (CV 1176) e o Burgalês.[2]) Igualmente decisivo é o testemunho fornecido por uma sua tenção com Pedr' Amigo de Sevilha. Ei'-la, composta como foi em 1274, talvez por occasião dos côrtes de Burgos, quando El Rei, apesar da franca resistencia dos seus vassalos, se preparava para a esteril expedição a Belcaire, a fim de realizar o seu sonho imperial.

Ay *Pedr' Amigo,* vós que vos tẽedes
por trobador, agora o verei
eno que vus ora preguntarei
e no recado que mi tornaredes.
Nos que avemos mui bon rei por senhor,
se no'-lo alhur faz(er)en emperador,
dizede mi-ora quant'-i entendedes.

Joan Vaasques, pois me cometedes,
direi-vus én quant' i entend' e sei:
pois nos avemos aquel melhor rei
que no mund' á, porque non entendedes,
que o seu preço e o seu valor
todo noss' est pois emperador for'?
O demo lev' o que vos i perdedes!

Ay *Pedr' Amigo,* eu non perderia
enquant' el rei podesse mais aver
en bõa terra e en gran poder,
ca quant' el mais ouvesse, mais valria;
mais perde o rein' e vos perdedes i,
os que sen el ficaredes aqui,
pois que s' el for' de Espanha sa via.

Joan Vaasqües, eu ben cuidaria
que o reino non á por que perder
por el rei nosso senhor mais valer,
ca rei do mund' é, se se vai sa via!
Valer-á el mais, e nos per el i.
De mais quis Deus que ten seu filh' aqui,
que se s' el for', aqui nos leixaria!

Ay *Pedr' Amigo,* pois vus ja venci,
d' esta tençon que vosco cometi,
nunca ar migo filhedes perfia.

---

1) CB 419. Como Fernam Velho e Pero da Ponte, João Vasques designa-a pelo seu nome de familia: Maria Peres.
2) Vid. *Randglosse* VII.

Joan Vaasques, sei que non é 'ssi
d'esta tençon, ca errastes vos i
e diss' eu ben quanto dizer devia.

Salienta-se outra contenda em que o poeta acomete João Ayres, o fecundo burguês de Santiago que percorreu Leão, Castella e Portugal, bem acolhido nos paços regios e senhoris por causa do seu genio alegre, e censurado apenas por cantar demasiado.[1]) E de facto, além de meio cento de lepidos cantares de amigo (vinte e cinco canções sentimentaes e uma dezena de satiras), que todas subsistem, ainda compôs outras, hoje perdidas. Pena é, porque, a darmos credito ás queixas de João Vasques, o burguês que se apresentara implorando a justiça del Rei, trahido por sua dama e perseguido pelo rival feliz,[2]) havia-se transformado em Thersites, diffamador do sexo fragil, em conseqüencia d'esses desastres:

que de quantas molheres no mund' á
de todas vós gran mal fostes dizer,

antecipando-se áquelle Torrellas que sentenciou no sec. XV:

mujer es un animal
que se dice inperfecto,
procreado en el defecto
del buen calor natural (*Canc. Gen.* 174)

e talvez imitador de Gui d'Uisel, de cuja diatribe contra as mulheres tambem sabemos exclusivamente pela fama que alcançou.[3])

O terceiro jogral alfonsino, com o qual o vemos tençoar, é Lourenço, o apaniguado de Guilhade e de Coelho. Mas d'esta feita o aggredido é elle:

Joan Vaasques, moiro por saber
de vos, porquê deixastes o trobar?
ou se foi el vos primeiro leixar?

impertinencias que renderam uma replica aguda ao ambicioso artista que desejava ter acolhimento na côrte do Castelhano:

Lourenço, tu vẽes por aprender
de min, e eu non ch' o quero negar:
eu trobo ben quando quero trobar,
pero non o quero sempre fazer.
Mais di-me, tí que trobas desigual,
se te deitan por én de Portugal?
se matast' ome, ou robaste aver?[4])

1) Cf. **CV 866, 606, 533, 456.**
2) **CB 424.** — Cf. **CV 553.**
3) Vid. Jeanroy, 135. — Na pastorela provençal: *L'autre jorn per aventura* uma pastora quer vingar-se do trovador, por elle ter proferido maledicencias contra as molheres.
4) **CV 1035**, incompleto. Falta a segunda replica de João Vasques.

Uns disticos satiricos contra qualquer emula da Balteira fallam de S. Martinho e da Moeda-Velha. Haveria só em Lisboa localidade d'este nome? Creio que sim.[1])

Se os dados que juntei são sufficientes para determinar o periodo e o país em que João Vasques floresceu, não bastam, comtudo, para nos elucidar sobre a sua filiação.

Conheço só um fidalgo d'este nome, aparentado com proceres litteratos de Alfonso X como Pay Gomes Charinho e Mem Rodrigues Tenoiro, e que residiu na côrte castelhana no ultimo quartel do sec. XIII. Filho de um Vasco Peres — ignoro se por ventura lhe coube, além da alcunha paterna *Sarraça,* o sobrenome *Pardal* — neto de D. Pero Soares *Sarraça,* (ou *Saraça*) da linhagem dos Velhos, e de D. Elvira Nunes Maldoado, da familia Turrichão, o João Vasques a que me refiro era bisneto de D. Soeiro Aires de Valladares e de D. Mór Peres, a Pobre, que apresentei ao leitor ao tratar dos Valladares e Velhos nas *Biographias* II e III.[2]) Este João Vasques — do qual ignoro se possuia bens em Talaveira — casou primeiro com uma filha de Affonso Gomes d'Eça (ou de Deça);

1) **CB 418**, contra Maria Leve.

2) Quem procurar noticias sobre Pero Soares Saraça no *Livro do Conde* a p. 197 e 293 verá com surpresa que o auctor o apresenta não como neto, mas como filho de D. Soeir' Aires [de Valladares], dando-lhe por mãe a D. Maria Affonso. Com surpresa, por têr sempre ouvido que D. Soeiro casou com uma anonyma infante de Galliza, depois da fuga da primeira esposa (vid. *Biogr.* II); e por não saber combinar como um coevo de João Soares de Paiva (1140—1213) e de todos os mais filhos dos vencedores de Ourique, pôde casar com D. Maria Affonso, filha do Leonês († 1230) e neta de D. Maria Aires de Fornellos e do velho de Soverosa († c. 1240), a qual lhe foi apontada como mãe de uma D. Bringueira e favorita de Alfonso o Sabio (n. como é bem sabido em 1221). — Virando-se para o *Livro Velho,* á procura de luz, reconhecerá, no caso de analysar muito cuidadosamente o capitulo confusissimo consagrado aos Valladares e Velhos (p. 166—167), que o Conde não ponderou com a necessaria cautela e critica os textos que explorou, baralhando com o nucleo original que interrompem, accrescentos evidentemente posteriores (que se desviam da linha recta, e devemos pôr entre parentheses).

A p. 166 somos informados das varias allianças dos Valladares. Na immediata, ao tratar de D. Mor Peres, a Prove, casada primeiro com um Fornellos e em seguida com D. Soeiro Aires, intercalaram a genealogia dos Fornellos. Começando na linha 5 este accrescento continua na 23 com uma proposição, cujo sujeito grammatical, não expresso, é D. Maria Affonso. A indicação „E despois que morreo D. Ayres Nunes de Fornelos casou com D. Suer Ayres de Valladares" que se refere a D. Mor Peres, a Prove, na l. 4, foi referida inadvertidamente a D. Maria Affonso.

e posteriormente com D. Beatriz Alfonso, neta torta de Alfonso X por ser filha bastarda do turbulento infante D. João, o vingador de Charinho, conforme deixei dicto na Biographia XXIII e tornarei a mostrar na que segue.[1])

Sendo Pero Soares Saraça irmão de João Soares o Trovador, em que tentei reconhecer o nosso João Soares Somesso, João Vasques de Talaveira seria, se a minha identificação fosse acertada, seu sobrinho-neto. Mas para a abonar faltam-me infelizmente todos os indicios.

XXVII. Paay Gomes Charinho.

§ 267. D'esta vez ha notaveis divergencias entre o pergaminho português e os apographos italianos. A seguir aos versos de João Vasques não apparece nas collecções estrangeiras composição alguma de Pay Gomes. Muito mais tarde, quasi a meio do volume, é que elle surge: primeiro com onze cantigas de amor, numeradas no *Indice* de 808—818 (e no texto do **CV** de **392—402**); depois com mais sete, em duas das quaes o poeta se dirige á amada,[2]) emquanto que as restantes são cantares de amigo (*Ind.* 838—844[3]) = **CV 424—430**); e finalmente com dois dizeres de escarnho (*Ind.* 1624—1625 = **CV 1158—1159**).[4]) Apenas tres parcellas da serie inicial teem correspondencia no **CA**. E são Nº 811, 816 e 842, como o leitor poderá verificar, lendo as nossas cantigas **246**, **248** e **250**. — Mas estas tres,[5]) já identificadas por Varnhagen, formam aqui, com outras oito, privativas do codice[6]) um conjuncto, collocado entre os versos de João Vasques e Fernam Velho, mas claramente circumscripto e indivisivel. O cancioneirinho de Pae

---

1) *P. M. H.: Script,* 386 e 164: „*D. Aldara Fernandes, filha de D. Fernam Pires Turrichão, o Velho, foi casada com Nuno Pires Maldoado e feze em ella . . . Elvira Nunes, e esta Elvira Nunes foi casada com D. Pero Soares Saraça, e fez em ella Vasco Pires . . . D. Vasco Pires Saraça foi casado com filha de Joan Pires da Novoa, o Velho, e fez em ella Joan Vaasques . . e Joan Vaasques foi casado com filha de Affonso Gomes de Deça e morreu-lhe esta molher e casou com filha do Infante D. Juan, de gaança.*" — Cf. a tabella genealogica da *Biogr.* VI.

2) São a ultima do grupo (**CV 430**) e mais a **428ª**.

3) Neste logar do *Indice* escreveu-se por engano *Pero Gomes Charinho,* erro que se propagou nos escriptos de Th. Braga.

4) Com relação á primeira, que é uma tenção, lançou-se no *Indice* a forma abbreviada *Pay Gomes*, visto que o interlocutor se servira d'ella.

5) *Novas Paginas,* p. 380.

6) Nos **247**, **249—254** e **256**.

Gomes consta portanto de 28 poesias: **CA 246—256**; **CV 1158—1159**; **392—394**; **395—399**; **401—402**; **424—427**; **429—430**.

§ 268. Vamos abri'-lo, á cata de alguns quadros caracteristicos. Ei-los:

Na costa do Atlantico, sobre um rochedo banhado pelas ondas, um vulto feminil a seguir com a vista navios veleiros que fogem, sumindo-se nas finas brumas — as *bretemas* — do horizonte:

As frores[1]) do meu amigo
briosas van no navio!
  E van-se as frores
  d' aqui ben con meus amores!
  Idas son as frores
  d' aqui ben con meus amores!
As frores do meu amado
briosas van eno barco
  E van-se as frores etc.[2]) (**CV 401.**)

Depois da partida, temos as ancias pelo regresso de Jaen, da guerra contra os sarracenos. De joelhos, diante da imagem do apostolo, padroeiro dos valentes christãos e em especial dos gallegos, a dama reza ao lado da mãe:

Ay Santiago, padron sabido,
vos mi-adugades o meu amigo!
  Sobre mar ven quen frores d' amor ten!
  Mirarei, madre, as torres de Geen!
Ay Santiago, padron provado,
vos mi-adugades o meu amado!
  Sobre o mar ven quen frores d' amor ten!
  Mirarei, madre, as torres de Geen! (**CV 429.**)[3])

Um fundo gracioso, puramente gallego. E formas tambem indigenas: os singelos disticos encadeados que já temos encontrado em numerosas cantigas semi-populares; um alternar harmonioso de rimas toantes em *-io* e *-ado*; a repetição insistente dos suaves termos

1) No singular usava-se *frol, fror, flor* e *chor;* no plural apenas *frores* e quasi sempre *flores.* Desconheço a formação *froes,* que seria normal. — Occorre todavia como nome proprio (*Froes*), significando *Froyas, Froas* e *Froyas,* i. é. filho de um *Froya* ou *Fruela,* como expliquei na *Biogr.* XXV.

2) Th. Braga não leu bem este refram. — Cf. **CV 890**, **884** e **886**, de Martim Codax, e João Zorro, embora este ultimo não cante o mar, mas antes *o rio forte* de Lisboa.

3) Cf. **CV 967** de Martim Soares; **1148** de um dos Redondos a Pero da Ponte; **CB 382** de Pedr' Amigo e Vasco Peres Pardal e **CB 425** de Nunes. A forma *Geen,* a que corresponde o lat. *Giennium* dos chronistas e annalistas, acha-se na primeira d'estas cantigas nas *Cantigas de Maria,* e tambem na versão portuguesa da *Chron. Geral* edit. por Nunes de Carvalho.

amigo e *amado* que as filhas do povo dão a quem querem bem; um refram repassado de vaga poesia, num rythmo movimentado, como ondas, naus e galleguinhas a dançar, sacudindo a pandeireta.

Mas virando a folha, havemos de encontrar talvez insipidas contrafacções de modelos estrangeiros? Manifestações diluidas de um idealismo amaneirado? E depois, a desmenti'-las, doestos grosseiros e brutaes escarneos? Nem por isso. O mar que inspirava Pay Gomes no solo patrio, na primavera da vida, ao compôr um *Lied* que a amada podesse ensaiar no côro das amigas, empunhando o adufe, continua a embalar o que voga, caminho da Ánduluzia, exposto aos perigos de Neptuno e Marte. A bordo, após dias e noites de temporal, ouvimo'-lo resumindo em hendecassyllabos artisticos, um debate havido com alguns companheiros de jornada, debate cuja calma serenidade devia impressionar singularmente os tripulantes, escolhidos nas marinhas de Biscaia, da costa cantabrica e da Galliza, intrepidos, mas nem por isso fadados contra o enjoo ou mal do mar:

Quàntos oj' andan eno mar aqui
cuidan que coita no mundo non á
se non do mar, nen an outro mal ja!
Mais d'outra guisa conteç' oj' a mi:
  coita d'amor me faz escaecer
  a mui gran coita do mar, e tẽer
pola maior coita de quantas son
coita d'amor, a quen-na Deus quer dar.
E é gran coita de mort' a do mar,
mais non é tal; e por esta razon
  coita d'amor me faz escaecer
  a mui gran coita do mar, e tẽer
Pola maior coita, per bõa fé,
de quantas foron, nen son, nen seran!
E estes outros, que amor non an,
dizen que *non,* mais eu direi qual é:
  coita d'amor me faz escaecer
  a mui gran coita do mar, e tẽer
Por maior coita a que faz perder
coita do mar, que faz muitos morrer. (**CA 251.**)

Outros versos ha em que jura que coisa alguma poderá apagar da sua mente a imagem da dona querida:

mas nen terra, nen prazer, nen pesar,
nen ben, nen mal, non mi-a poden quitar
do coraçon . . . (**CV 394.**)

E ainda ao cabo de longos annos de vida activa, ora nas costas meridionaes, ora nos paços regios, quando escarmentado pelos vaivens

da fortuna e a inconstancia das paixões humanas tenta traçar num *sirventês* que é a melhor das suas obras, o perfil do monarca, cujas boas graças e iras havia experimentado, é o mar que o inspira:

> De quantas cousas eno mundo son,
> non vejo ben qual poden semelhar
> al rei de Castela e de Leon
> se non ũa qual vus direi: *o mar* (**CA** 256)![1])

E desenha a indole liberal e grandiosa, mas versatil e contradictoria de Alfonso X com tanta nitidez, que custa a perceber como ninguem a reconheceu até hoje.[2])

Fosse esta satira ou fosse outro o acontecimento que provocou a deposição do cargo de almirante, a que a sua pratica nas fainas maritimas e algum feito heroico o haviam levantado, sempre direi qual a philosophia que o ampara neste infortunio. É pela boca da amada que ouvimos não só palavras de resignação mas ainda de allivio e de reconhecimento:

> Disseron-m' oj', ay amiga, que non
> é meu amig' almirante do mar!
> E meu coraçon já pode folgar
> e dormir já; e por esta razon
>   o que do mar meu amigo sacou,
>   saque-o Deus de coitas que afogou!
> Muy ben é a min, ca non andarei[3])
> triste por vento que veja fazer;
> nen por tormentas non ei de perder
> o son'(o), amiga; mais se foi el rei
>   o que do mar meu amigo sacou,
>   saque-o Deus de coitas que afogou!
> Muy ben é a min, ca, cada que vir'
> algun ome da fronteira chegar,
> non ei medo que mi diga pesar;
> mais porque m' el fez ben, sen lh'o pedir,
>   o que do mar meu amigo sacou,
>   saque-o Deus de coitas que afogou! (**CV** 424.)

Afigura-se-me sympathica e nobre a physiognomia d'este homem do mar. Nem uma só vez abusa da liberdade concedida aos tro-

---

1) Vid. no Vol. I a nota relativa a **CA 256**.

2) Varnhagen e Diez, julgando possuir no **CA** o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos, referiram a parabola a Alfonso XI, vencedor dos Benamarines. Tambem os posteros, incluindo o douto editor das *Cantigas de Maria*, não reconheceram que Pay Gomes, o Almirante, era o auctor, e Alfonso X o retratado.

3) No **CV** o texto apresenta uma syllaba a mais: *muy ben e a mĩ ca ja non andarei.* Podia-se emendar tambem: *Ben é a min ca ja non andarei.*

vadores medievaes para licenciosamente expandirem as fezes do seu pensar e sentir. Nenhuma palavra vil afeia os seus versos. O sirventês, embora mordaz, não é desbragado. As proprias cantigas de mal-dizer fallam linguagem moderada. Uma d'ellas que já notei, chasqueia discretamente do fidalgo litterato Affonso Lopes de Baião, imitando a prosaïca chateza das suas rimas sobre madeiras de construcção e a casa que desejava construir perto de Arouca. Na outra[1]) em que censura um *senhor,* joga com o duplo sentido da palavra *jantar,* pelo motivo de o contendor (Alfonso X, salvo erro) haver, sem direito, exigido o imposto da *parada* em qualquer localidade isenta de fôro.[2])

§ 269. Agora os dados biographicos. Servidor de Alfonso X e valido seu, a ponto de o acometer em tenções de escarnho, e temporariamente almirante, deve ter deixado vestigios, embora tenues, na historia peninsular. E de facto assim é. A sua sepultara conservou-se.[3]) Ha documentos em que figura. Nos cadastros da nobreza regista-se o seu nome. Os chronistas mencionam-no. E na sua patria *pequena,* a tradição, effluvio nem sempre discreto, mas attendivel do amor ás glorias indigenas, vindica-lhe uma das mais gloriosas façanhas da conquista da Andaluzia, interpretando, com certa liberdade, a rhetorica lapidar do seu epitaphio, posto na egreja de S. Francisco d'aquella linda cidade, na foz do Lerez, a que o Itinerario de Antonino dá o nome de *Ad-duos-pontes* (em documentos medievaes *Ambas pontes,* e *Pontevedra* pelo menos desde 1141). Em letra gothica do começo do sec. XIV,[4]) diz em castelhano, cujo sabor[5]) queriamos um pouco mais archaïco: *Aqui*

---

1) **CV 1159.** — Vid. a *Biogr.* XXII.

2) A interpretação é minha. Th. Braga não reconheceu o Rei de Castella no senhor que tençoa com Pay Gomes (*Canc. Vat. Rest.* p. LI—LII). Tão pouco Lollis (*Riv. fil. rom.,* p. 37) que, procura na cantiga allusões a D. Jaime de Aragão e ao imposto extraordinario do *bovage,* lançado no anno de 1217. — Cf. *Randglosse* III.

3) Na *Biogr.* LII o leitor verá que em Portugal tambem possuimos o tumulo de um trovador: *Fernam Fernandes Cogominho,* o qual por um singular acaso, se não chegou a ser almirante, foi pae do commandante da frota de D. Denis: *Nuno Fernandes Cogominho.*

4) Segundo Manoel Murguia na sua *Galicia,* p. 675 n. 1, tanto o sarcophago com a estatua jacente, em trage de almirante, como a inscripção pertencem ao sec. XIII. É claro que XIII deve ser erro de caixa por XIV.

5) J. Cuveiro Piñol na *Rev. Gallega* Nº 109 escreve *primeiro* (em logar de *el primer*) — *guano* — *previleyos* — e *Año 1304.* Em 1872 a

yace el muy noble caballero Payo Guomez Charino el primor señor de Rianyo que ganó a Sevilla siendo de moros y los privilegios de esta villa: año de 1308.[1])

A data só pode referir-se á collocação da lapide e não ao fallecimento, que teve logar treze annos antes, como logo se dirá. A critica moderna não nega que a formula: *ganó a Sevilla* — imitação rivalizante da outra que em Burgos louva o almirante Ramon Bonifaz — deve soffrer incisiva restricção em ambos os casos, significando apenas: ajudou na conquista de Sevilha.[2]) Sustenta, todavia, como indubitavel que Pay Gomes concorreu áquella jornada, e tambem que, por mediação sua e por motivo da tomada da formosa rainha do Guadalquebir, foram concedidos a Pontevedra privilegios e franquias importantes, não sem lamentar que nos faltem os documentos comprovativos.[3])

O feito glorioso que originou a *hespanholada* posthuma da prole do almirante ou dos seus conterraneos, foi sem duvida o rompimento da ponte de barcas, construida pelos mouros através do rio, como unico meio de communicação entre Sevilha e Triana.[4]) O Burgalês

---

Commissão de Monumentos historicos e artisticos de Pontevedra, mandando abrir a sepultura, encontrou o cadaver de um monge, sepultado em 1833, e entre escombros e barro, mais duas caveiras e ossos correspondentes. Conta-o o mesmo Cuveiro Piñol que serviu de Vogal-Secretario da commissão.

1) A ultima cifra da data está gasta. Autores do sec. XVIII, que a viram em melhor estado, transcreveram 1308. Pela nota antecedente vê-se que tambem alguem leu 1304. A Sociedade de Excursões de Madrid deveria dedicar ao tumulo um artigo do seu *Boletin*, e os meus illustres e muito patrioticos consocios da *Liga gallega* fariam bem se procurassem e publicassem no seu orgão semanal todos os documentos que nos archivos da Galliza digam respeito a Pay Gomes ou tenham a sua assignatura.

2) E' digno de interesse na *Galicia* (fasc. 193 de *España, sus monum. y artes, su naturaleza e hist.*) o capitulo dedicado a Pontevedra (p. 650—730), posto que no § 3, que se occupa de Pay Gomes, o patriotismo do benemerito auctor brigue um tanto com o seu proposito de historiar singelamente. Confiado na exactidão dos que antes d' elle fallaram no heroe de Pontevedra, nem sempre bebeu directamente nas boas fontes historicas, illudindo-se por isso em muitos pormenores. As chronicas não foram exploradas, nem tão pouco os velhos nobiliarios na ed. da Acad. de Lisboa.

3) O principal privilegio outorgado a Pontevedra pelos reis de Castella e Leão é de 1264, mas entre os confirmantes não apparece Pay Gomes, nem almirante algum (Murguia, p. 671). Outros fóros anteriores, concedidos por S. Fernando a todos os que ficaram sob o dominio da mitra compostelana, são anteriores de um decennio á conquista de Sevilha.

4) Sobre Triana e a ponte de barcas, veja-se Herculano, *Hist. Port.* I, 446.

Ramon Bonifaz,[1]) que bloqueava como almirante a cidade, desde Agosto de 1247, com a sua frota de treze naus e varias galeras, construidas e tripuladas nos afamados estaleiros da costa cantabrica,[2]) escolheu os dois navios mais grossos de carga, apparelhou-os e esperou por vento favoravel. Soprando elle, no dia da cruz de Maio, as fez navegar a todo o panno, cahindo sobre a ponte dos mouros. Ao embate da primeira nau, que perdendo o leme, não alcançou o seu objectivo, ficou abalada; mas só ao rude impulso da segunda, em que ia o almirante, é que as cadeias cederam, ficando definitivamente cortadas as communicações.[3]) Á falta do segundo nome, não é totalmente desrazoado suppôrmos que Pay Gomes fosse na primeira nau. Mas neste caso, e mesmo que a engenhosa ideia lhe pertencesse, a gloria de a ter aceitado e realizado caberia de direito a quem era o chefe supremo de toda a expedição maritima[4]), e não ao marinheiro que, ainda novo, e em cargo subalterno, o accompanhava. Sabemos pela jaculatoria a Santiago que Pay Gomes militava em 1246 na Andaluzia, assistindo á tomada de Jaen.[5]) E tanto pela lista dos *herdados de Sevilha*, como pela existencia de uma *Rua de Gallegos*, consta que muitos compatriotas seus tomaram parte no cêrco.[6]) Entre elles havia pelo menos um proximo

---

1) Ramon Bonifaz vivia afazendado em Burgos. Ignoro se era descendente de Genoveses. Ha quem o creia francês. A identificação com o trovador Bonifacio Calvo, de Genova, tentada por Murguia (p. 673 n. 2) é absolutamente phantastica. — Cf. *Biogr.* XXIX.

2) Na *Cron. Gen.* f. 368 não se falla da Galliza. — Cf. Schirrmacher IV, p. 411. — Mas desde que Diego Gelmirez, o Arcebispo de Santiago, contratara em 1120 um mestre de obras de Genova para lhe construir e armar no porto de S. Iria duas galeras contra os piratas berberes (*Hist. Compost.*, p. 301), o movimento maritimo nas costas da Galliza havia continuamente augmentado, e naus e marinheiros da Galliza costumavam tomar parte em todas as expedições oceanicas.

3) Conde, *Dominac. arab.* IV, c. 6. — Schirrmacher IV, 411—418.

4) Outras povoações gallegas e cantabricas reclamam igualmente parte na gloria da empresa: *Noya*, cujas armas ostentam uma nau e ao lado uma corrente rôta, *Neda, Aviles, Santander* e *S. Vicente de la Barquera;* não sem razão, se as naus e a intrepida marinhagem provinham d' esses logares de pescadores.

5) É baseado na data 1248, sem se referir á tomada de Jaen, que Murguia fixa o nascimento em 1223, dubitativamente, como é racional.

6) *P. M. H.: Script.* 284. — Zurita, *Anales de Sevilla* II, 189 e 297. No Livro impresso por Espinosa não encontrei o nome Pay Gomes Charinho entre os Gallegos que obtiveram territorios em Monpunena, nem entre os marinheiros. — D. Ramon Bonifaz, esse sim, foi amplamente doado (vid. Espinosa f. 22). Sinto muito não ter podido consultar a *Chron. de S. Fernando*, c. 48—53, a *Chron. de Esp.*, o *Chronicon Fernandi*, e as *Memorias* de Mondejar.

parente de Pay Gomes, Juan Garcia de Villa-Maior, já então mordomo e posteriormente um dos favoritos de Alfonso X, e por elle occupado em expedições maritimas.[1]) Repito, comtudo, que por emquanto ninguem que eu saiba, apontou o nome de Pay Gomes em documentos directamente relativos ao assedio de Sevilha.[2])

Quanto ao logar do seu berço na Galliza,[3]) nomeia-se a villa onde descançam as suas cinzas. Um pouco ao norte, em Rianyo,[4]) mostravam-se as ruinas do antigo solar dos Charinhos ou Charinos[5]) ainda no meado do sec. XVIII.

As chronicas fallam de Pay Gomes e dos seus como de personagens bem conhecidos. No tempo das primeiras desavenças e da rebellião aberta dos ricos-homens contra Alfonso X, o Infante D. João, angariando villas e cidades para o herdeiro da corôa, exigiu em nome d'este a entrega do alcacer de Zamora a uma irmã do

1) *Cron. Aff.*, c. 19 e 20 e *Memorial Historico* I, 164. — Foi para uma das mallogradas expedições a Tunis que o monarca o escolheu. Vid. *Memorial Historico*, vol. IX (no vol. I ha muitos documentos relativos aos moradores de Sevilha). — Quanto ás partes que lhe couberam no Repartimento, vid. Espinosa, f. 3, 20 e 25[d].

2) Argote de Molina possuia um ms. entitulado *Repartimiento de Sevilla por el Rey D. Alonso el Sabio* en la era de 1291. — Dois apographos acham-se na *Bibl. Nac. de Madrid.* (Gallardo IV, 1499 e 1556; cf. II, 151.) Ignoro se divergem da impressão de Espinosa.

3) Th. Braga trata Pay Gomes sempre de português, sem motivo algum. Nem mesmo consta que estacionasse na côrte de Sancho II ou de Affonso III. As relações com Affonso Lopes de Baião são o unico facto que se pode allegar a favor da hypothese. Mas já sabemos que o auctor da *Gesta de maldizer* sahiu do reino e que os dois se encontraram provavelmente em Sevilha. Todavia, como o assumpto das cantigas trocadas é português, é mais provavel que as composessem na côrte de Affonso III.

4) Freguesia de S. Miguel de Brandariz, comarca de Pontevedra.

5) O appellido apparece em Portugal sempre e correctamente, com *nh*. A vogal átona é *a* nos Cancioneiros, ora *e*, ora *o* nas copias relativamente modernas do Livro do Conde, como se *Chorinho* fosse deminutivo da alcunha *Chora* (= *Greinerlein*). De *chôr* = *flor* deveriamos esperar derivados deminutivos de genero feminino *Chorinha* ou *Chorinhas*. O augmentativo *chorão* é masculino, (segundo a regra). *Cheírinho* e *Charrinho* são deturpações modernas. Em Castella e Galliza, os genealogistas do sec. XVI e XVII costumavam escrever *Cherino* e *Chirino*. Nas chronicas e nas escrituras castelhanas predominam as formas *Cherino* e *Charino*, tal qual se encontra na inscripção tumular. Desconheço o sentido d'este nome, ignorando tambem se Pay Gomes foi o primeiro que usou d'elle. Os filhos morreram sem descendencia. Entre os escritores castelhanos ha dois Chirinos: *Maestro Alfonso Chirino*, physico de D. Juan II, e *P[e] Pedro Chirino*, um dos primeiros missionarios jesuitas das Filipinas.

Pay Gomes, na ausencia do meirinho-mór de Galliza, esposo d'ella,[1]) vencendo a sua resistencia só á força de ameaças barbaras.[2])

Pay Gomes pela sua parte parece ter sido um partidario convicto de Sancho IV, pelo menos durante certo tempo. Vemo'-lo em 1284 entre os privados d'este principe, ao lado de Estêvam Peres Froyam. Em 1286 accompanhou o monarca na sua primeira peregrinação a Santiago.[3]) Mais tarde foi dos que, desaprovando a estranha e extrema preponderancia de D. João Nunes de Lara,[4]) tiveram de combater este magnate na fronteira de Aragão, sendo desbaratados perto de Chinchilla (1290).[5]) Na menoridade turbulenta de Fer-

---

1) Quanto ao nome, não ha concordancia. A chronica chama-o Garci-Perez na moderna ed. Rivadeneyra; a impressão antiga traz Gutierre Perez. Mas segundo Salazar (*Dignidades de Castilla*, p. 74), Marinha Gomes, casára com D. Fernan Garcia de Villamayor. Murguia engana-se, identificando est' ultimo com Juan Garcia de Villamayor: o *adelantado de la mar*, que tomára parte activa na expedição contra Cadix (1269) já não vivia em 1275. Tambem confunde as relações de parentesco, visto que dá Pay Gomes como marido de uma irmã de Juan Garcia.

2) *Chron. Alf.* X, c. 76: „*E desque llegó a Zamora e firmaron el pleito por carta e por postura, el infante D. Juan fué demandar el alcázar de Zamora a una dueña, muger de Garci Perez, que era merino mayor del rey don Alfonso en Galicia, que estaba dentro. E esta dueña era hermana de Pay Gomez Cherino, e la dueña enviole responder que gelo non daria, que lo tenia su marido por el rey don Alfonso. E supo el infante don Juan como esta dueña encaesciera de un fijo non avie mas de ocho dias, e que le criaban en una puebla fuera de la villa, e mandole tomar, e llegolo alli a la puerta del castillo é envió decir a la dueña que si le non diese el alcazar luégo, que gelo mataria; e la dueña con grand amor que ovo del fijo, rescelo que gelo mataria, é diole el alcazar luego.*" — Cf. Salazar 74.

3) A chronica não especializa os vassalos que acompanhavam Sancho IV (c. III, p. 74). Existem todavia documentos que attestam a presença de Pay Gomes em Pontevedra no sequito del Rei a 18 de Agosto de 1286, e na Coruña no mês de Dezembro do mesmo anno. — Cf. Zuñiga I, 375 e Murguia, p. 679.

4) *Chron. Sancho*, c. VII. Murguia, confundindo mais uma vez pessoas e datas, designa Ruy Gomes, um dos filhos do almirante, como enemigo declarado de D. Juan Nunes.

5) Sobre o combate de Chinchilla, vid. § 265 e *Biogr.* LII. — Parece-me que foi Pay Gomes quem levou *a salva fé* o grande D. João Affonso de Albuquerque a Galliza, por mandado de D. Sancho que o prendeu no tempo dos alvorotos causados por D. Juan Nunes (1291), guardando-o até que, depois do passamento del Rei, a Rainha o sacou da prisão. A *Chronica de Fernando* IV falla (c. 1 p. 94) de Pay Gomes Churruchano, e fundado sobre esta passagem é que Argote deu erroneamente ao almirante esse apellido, conforme explico a. p. 433 na nota 6. — Brandão, *Mon. Lus.* XVI, c. 42 põe *a falsa fé*, em substituição da formula *a salva fé*.

nando IV continuou addicto ao Infante D. João, o qual com o velho D. Arrigo intrigava contra a rainha regente e o rei-niño, chegando a entitular-se Rei de Leão. Logo no primeiro anno foi assassinado nos campos de Ciudad-Rodrigo, na presença dos dois infantes por Ruy Peres Tenorio, seu proximo parente, quer fosse como *semeador de zizania*, quer por vingança pessoal.[1]) Occupava então o posto de governador de Zamora.[2])

Não consta quando, nem por quem foi nomeado almirante. Salazar dá-lhe o quinto logar na sua muito deficiente lista,[3]) remettendo para um documento de 1285. Zuñiga marca a data 1284, affirmando que Sancho o nomeou almirante antes de ser rei.[4]) Supponho que o chamou para organisar a frota, destinada a guardar o mar contra Aben-Yuçuf, quando na ausencia de Alfonso o Sabio, e após o fallecimento do primogenito D. Fernando (1275), teve de empunhar as redeas do governo como *fijo mayor heredero.*[5]) Nesta qualidade talvez ainda tomasse parte na mallograda expedição contra Algeciras, dirigida pelo almirante Pero Martinez da Fé (1278).[6])

---

1) *Chron. Fern.*, c. I . . . „*é estando un dia fablando el infante don Enrique é el infante don Juan en la dehesa de Cibdad Rodrigo, estando Pay Gomez Cherino apartado, llegose a el un caballero, que decian Rui Perez Tenorio, é diole con un cuchillo por medio del corazon, e cayó luego de un caballo, en que estava, muerto en tierra, é luego fuyó este caballero para Portogal; é cuando lo supo el infante don Juan, pesóle mucho, por que era este Pay Gomez de su bando, e fue en pos deste Rui Perez é alcanzole é matole.*" — Salazar, p. 57 (lapso por 67) e Porreño, auctoridades allegadas por Murguia, exploraram evidentemente o velho chronista, estropiando nomes, p. ex. *Toncira* por *Tenorio.*

2) *Chron. Fern.* c. I, p. 96[b].

3) Nella figuram 1° *Ramon Bonifaz*, como organisador da expedição contra Sevilha, de 1246—1248; 2°. *Ruy Lopes de Mendoza,* a confirmar privilegios nos annos 1254 até 1260 (cf. *Memorial Historico* I); 3°. *Pero Martinez de Fé* na jornada contra Cadix 1263, como Almirante de Sevilha ou da costa da Andaluzia; 4°. *Don Pedro Lasso de la Vega,* em concorrencia com o anterior, mas como Almirante de Castella ou do Oceano, sem documentação; 5°. *Pay Gomes*; 6°. *Pedro Diaz de Castañeda* 1286—1287; 7°. *Nuno Diaz de Castañeda* em concorrencia com o irmão; 8°. *Micer Benito Zacharias* 1292; 9°. *Juan Maté* juntamente com 10°. *Fernan Perez Maimon,* 1295 e 1300. Seguem mais tres que serviram a Fernando IV „el qual tuvo muchos almirantes." — Cf. Salazar, p. 57 (67).

4) *Anales Sev.* II, 198.

5) *Chron. Alf.* X, c. 65 e 67.

6) Ib. c. 70 e 72. Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.,* p. LI e LII aventa a ideia que o mallogro do bloqueio e a perda da frota teriam occasionado a deposição de Pay Gomes, inspirando-lhe a barcarola e o cantar de amigo, de que tratei no texto. Mas o *almirante* prisioneiro foi Pero Martinez com

Em Dezembro de 1286 encontro de posse do cargo, ou pelo menos usando do titulo de almirante, a D. Pedro Diaz de Castanheda e mais seu irmão D. Nuno.[1]) Mas d'ahi nada se conclue, porque mais de uma vez concorreram varios: um, nomeado chefe eventual para determinada expedição, e aquelles que já gozavam do titulo anteriormente. Fernam Peres Maimon p. ex. armou a frota de 1285, destinada a proteger Xerez,[2]) estando já contratado Micer Benito Zacarias, de Genova, desde 1284.[3]) Persuadida que as cantigas que de Charinho possuimos, são dos primeiros decennios do reinado de Alfonso X, creio que juntamente com outro gallego, seu parente, o já citado D. Juan Garcia de Villamayor, *almirante y adelantado mayor de la mar,* fôra nomeado para a cruzada d'além-mar contra El-mustansîr-billah de Tunis que o monarca tencionava emprehender em 1260.[4])

§ 270. No *Livro Velho,* Pay Gomes figura apenas como marido de sua mulher e sómente no chamado *Livro do Conde* como pae de tres varões.[5]) Do titulo consagrado ás linhagens gallegas, que derivam do tronco robusto do primeiro Turrichão, o afamado[6])

---

o qual ficaram captivos durante dois annos Gonzalo Morante e Dom Guilherme de Savanaque.

1) Vid. Salazar, e Zuñiga l. c. Das chronicas (p. 76) não consta que um dos dois armasse frota alguma. Estão pois no mesmo caso de Charinho.

2) *Chron. Sancho*, c. II. — Cf. c. X.

3) Ib. c. VIII.

4) *Memorial Historico* I, 164 e Schirrmacher IV, 476s.

5) *P. M. H.: Script.* 164: „... e casou esta D. Tareia Pires *Gata* com D. Fernam Pires-Tur(r)ichano velho, e feze em ella ... Aldara Fernandes ... D. Aldara Fernandes ... foi casada com Nuno Pires Maldoado, e feze em ella Pero Nunes e Giral Nunes Boquinhas —, Tareia Nunes e Ermezenda Nunes e Eluira Nunes ... E o sobredito Gil (sic) Nunes, filho de Nuno Pires — Maldoado — foi casado com Tereja Fernandes, filha de D. Fernan Sanhoane e fez em ella Fernão Nunes — Boquinhas — e Marinha Nunes ... E esta Marinha Nunes foi casada com Pay Gomes Charinho." No *Livro do Conde,* a pag. 384—385 D. Aldara é D. Alda — Sanhoane é Sam-Jame — e Charinho é Chorinho. No fim accrescenta-se: „e ouuerom filhos Aluaro Paaez e Ruy Paaez e Sueiro Gomes Chorinhos e nenhum destes nom ouuerom semel." Do almirantado, nem palavra. Foi Lavanha quem assentou nas notas finaes a especie: »fue almirante de Castilla i sirvio al rey D. Sancho el Bravo« (p. 509). Tambem falla no texto (p. 383) de uma filha, D. Marina Paez, casada com D. Fernan Roiz de Bema, erro que a nossa tabella rectifica.

6) Turrichão ou Churrichão (os castelhanos dizem Churruchano). Segundo a lenda heraldica, inventada por ignoto etymologista, o primeiro Tur-

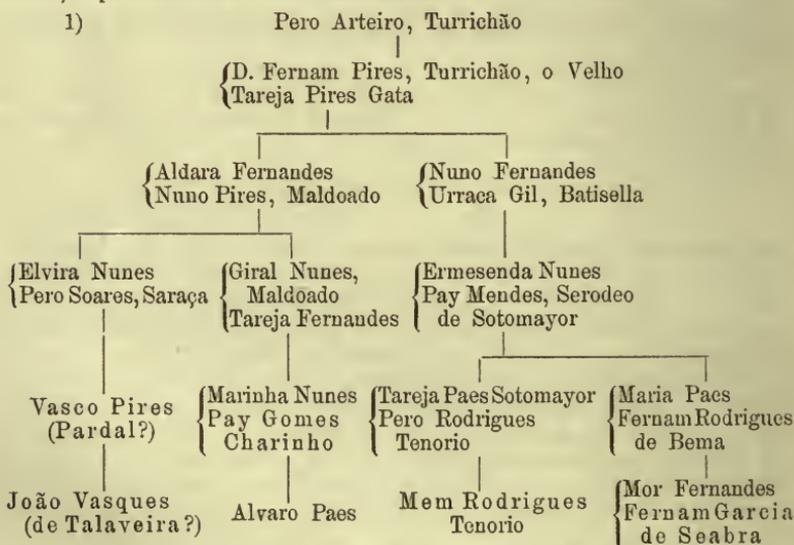
Pero Arteiro, ou com ellas se alliaram, como os Maldoados, Saraças, Sotomayores, Sarmentos, Marinhos, Tenorios, extrahi o quadro genealogico que dou em nota,[1]) no intuito de expôr resumidamente as relações de parentesco de Pay Gomes com outros trovadores e nobres gallegos que já conhecemos (Mem Rodrigues Tenoiro, Fernam Garcia de Seabra), e tambem para emendar tacitamente numerosos erros propagados por outros auctores. A esposa do almirante chamava-se D. Marinha Nunes. Podemos accrescentar o sobrenome *Maldoada,* forma feminina do distinctivo de que usaram tanto o pae, como o avô e bisavô. Os filhos de Pay Gomes são: Alvaro Paes,[2]) Ruy Paes e Soeiro Gomes. De filhàs não se falla, nem tão pouco da irmã mencionada nas chronicas.

XXVIII. Fernan Velho.

§ 271. Nos nobiliarios antigos ha um unico d'este nome, da familia dos Velhos, a qual já conhecemos.[3]) Como se vê do quadro

---

richão era uma especie de Goliath. Ao entrar numa lide, como mantenedor dos direitos de um bispo de Orense, montado num cavallo pernalto, parecia uma *Torr'-in-chão.* — *P. M. H.: Script.* 384. — Argote (462) deturpa o nome, repetindo varias vezes *Chuchurrano.*

1)

2) Alvaro Paes foi tambem almirante, segundo Murguia, que se cinge a dizeres de Aponte, e affirma que assignou nesta qualidade uma escritura de S. Juan de Poyo, no anno 1303.

3) *P. M. H.: Script.* 334. — No *Livro Velho* (175) o seu nome nem sequer occorre.

genealogico resumido que acompanha o esboço biographico III, Fernam Velho era irmão de João [Gonçalves] Velho, o de Pedragaes, um dos mais illustres da familia, cujas acções são documentadas por escrituras de 1278 a 1310. A chronologia de Fernam [Gonçalves] não se deve afastar sensivelmente d'essas datas, embora na casa paterna e nas terras dos Velhos se criassem mais cinco ou seis filhos dos mesmos paes.[1]) Chamavam-se estes Gonçalo [Peres] Velho[2]) e Sancha Gonçalves d'Arga,[3]) freira que o pretendente, loucamente apaixonado, havia tirado á viva força do mosteiro de S. Vuitorinho das Donas, onde vivera enclausurada durante sete annos, tendo já professado. Os avôs eram Teresa Peres Pereira e Pero [Peres] Velho, e bisavôs D. Maria Vasques e *Pero Soares, o Escaldado*, no qual tentei reconhecer o trovador que o cancioneiro nomeia Pero Velho de Taveiroos[4]) e fôra ascendente de outros dois: Rodrigu' Eannes Redondo e Fernam Rodrigues Redondo.[5])

Mas as relações de parentesco dos Velhos com trovadores não acabam aqui. Trovador era o irmão de Fernam Velho — João Velho de Pedragaes[6]) — não só adulto mas homem de barbas e respeito em 1278, se realmente fôr o mesmo que, addido á casa de D. Denis assignou como testemunha a doação da villa de Lourinhã ao infante D. Affonso,[7]) e foi enviado como embaixador a Barcelona para ultimar em 1281 o casamento de D. Denis com D. Isabel de Aragão[8]).

---

1) Ayres de Sá publicou as cartas de legitimação de João, Martim, Gonçalo e Nuno (*Doc.* XXXIII). O linhagista falla, no logar indicado na nota supra, de mais quatro, Fernam, Pedro, Ayres e Teresa e omitte Martim e Nuno. Das *Inquirições* de D. Denis — que hão de sahir na collecção *P. M. H.* — talvez conste, onde e quando esta numerosa prole foi creada, transformando em *honra* e *amadego* a terra dos *nutritores*. — Vejam os Doc. X—XIX, publicados pelo auctor citado.

2) *De Sequeira,* segundo o *Doc.* XXXIII (a p. 57; cf. 20).

3) No *Livro do Conde*, a mãe de João e Fernam Velho é chamada D. Constança Gonçalves, filha de Gonçalo de Arga, um *peon*, *filho-d' algo.* Mas no *Doc.* XXXIII é-lhe dado o nome D. Sancha.

4) Vid. *Biogr.* II e LI.

5) Vid. *Biogr.* XVI.

6) *Pedragaes* é, a meu vêr, plural de *Pedragal* (nas *Inquirições* temos S. Salvador de Pedragal *P. M. H.: Inq.* 24, 100, 181, 225). Encontro esta forma no *Doc.* XVIII (A. de Sá 28); *Pedregaes*, ib. 47, 50 e 51, *Pedrogaes* no CV onde na rubrica que encima as cantigas **1141** e **1142** de João Velho ha as letras *de pedro Gaez; Pedragães* (Sá 26 e 28); e *Pedrogães* (ib. 27).

7) *Mon. Lus.* XVI, c. 32 e 33. — *Hist. Gen.: Provas* I, 60.

8) Ayres de Sá, *Doc.* XX. — *Mon. Lus.* XVII, *Escr.* XI e *Hist. Gen.: Provas* I, p. 111.

E como trovador namorou-se da filha de um collega, oriundo de Santarem, ou ahi residente: certo Gonçalo Martins, cujas obras não persistem.[2]) O filho, nascido d'estes poeticos amores, não benzidos pela egreja,[3]) foi mais tarde recebido como herdeiro em todos os coutos, honras e dominios do pae, alcançando a sua legitimação da parte de D. Denis no anno de 1310.[4])

De Fernam Velho nada consta, além do nome e da filiação. Nem mesmo foi descoberta carta de legitimação, igual á que cohonestou — em data singularmente tardia — o nascimento de cinco irmãos seus.[5]) Isso faz suspeitar que já estava morto quando os mais requereram aquelle favor (1320), ou que sahira novo do reino, impellido porventura pelos mesmos justos motivos que levaram Pero Gomes Barroso a expatriar-se.

A concluir de uma das suas cantigas (**CB 1504**) vivia na côrte de Castella, perto de 1260. Foi ahi que se associou com alguns trovadores e jograes de Alfonso, o Sabio, no processo de diffamação, intentado contra a soldadeira gallega Maria Peres, já muito nossa

---

1) São suas as cantigas **CV 1141** e **1142**. A ultima, muito equivoca, talvez se refira á Balteira; e a primeira a Lourenço. Se assim fosse, saberiamos que este jogral subiu de villão a cavalleiro; **CV 927** e **1141**. A respeito de João Velho consultem-se os *Doc.* XIII, XV, XVI, XVIII e XXX de Ayres de Sá; *Mon. Lus.* XVII, *Escrit.* V.

2) Ayres de Sá, *Doc.* XXXI, p. 51 e *Rev. Lus.* V, 136.

3) A mãe chamava-se Maria Peres, como a Balteira. Sobre João Eannes, filho de João Velho de Pedragaes, vid. o *Doc.* XXXI de Ayres de Sá. Do *Doc.* XVI consta que por occasião do inquerito de D. Denis (1308) havia em S. Martinho de Barrugães (julgado de Aguiar de Neiva) um certo Martim Abbadeiro, encarregado desde 1303 da criação de um filho de João Velho. — Pode ser fosse legitimado em 1310. Mas não é certo. Nem tão pouco que os amores com Maria Peres datem do começo do seculo, visto João Velho já ter sido avô em 1295; e talvez muito antes, por uma sua filha Mari' Annes, de alcunha *Moura*. — Vid. *Doc.* XXVIII, carta de legitimação do neto.

4) Não deixarei de apontar que nos dados genealogicos e biographicos, apurados por Ayres de Sá, parece haver enganos, causados por homonymia de diversos Velhos: tão surprehendente é que um homem nobre, mas filho de freira raptada, vivendo mal casado, mas apesar d'isso addido á casa de D. Denis, e seu embaixador, conseguisse legitimar um seu neto em 1295 (*Doc.* XXVIII João Fernandes), um seu filho em 1310 (*Doc.* XXXI João Eannes), mas esperasse pola sua propria legitimação até 1320 (*Doc.* XXXIII João Velho) — data que deveria marcar o occaso da vida de João Velho, depois dos setenta annos. Maior em 1278, havia nascido, a mais tardar, em 1253. Ou então, teremos de acreditar que do sacrilegio do pae, o filho não foi absolvido senão no leito da morte?

5) *Doc.* XXXIII pelo qual foram legitimados Martim, João, Gonçalo e Nuno.

conhecida, tanto pelo seu viver e empresas, como pelo cognome Balteira.[1]) E são Pero da Ponte (**CV 1176**), Pero Garcia Burgalês (ib. 982), Pero d'Ambroa (ib. **1129, 1131** e **CB 1574**), João Baveca (**CV 1070**), Pedr' Amigo (ib. **1196, 1197, 1203** e **CB 1506**), Pero Mafaldo (**CB 1513**), Vasco Peres Pardal (**CB 1506** e **1509**) e João Vasques (**CB 1546**). Os dois ultimos talvez da linhagem dos Valladares e Velhos.[2])

Fernam Velho tem nos cancioneiros doze composições: de mal-dizer uma unica, a que alludi ainda agora (*Ind.* 1504 = **CB 377**); duas de amigo (*Ind.* 819 e 819^b = **CB 403—404**), estando uma em condições tão lastimaveis que exigem collação com o apographo Colocci-Brancuti; e nove cantigas de amor, numeradas no *Ind.* de 434 — 442 (=**CV 46—54**). A essas correspondem os nossos N^os^ **257—264**, completados pelo N° **458**, que tive de lançar no *Appendice* XVI, preenchendo assim a lacuna causada no **CA** por uma folha que cortaram.[3]) Só a de mal-dizer offerece margem ás escassas illações que d'ella inferi.

Posteriormente, houve outro Fernam Velho, sobrinho do primeiro. Neto de João [Peres] Velho de Santa Logriça (que pela sua vez era bastardo de Pero [Peres] Velho), e filho de Gonçalo Annes Velho, o Contador, de quem nasceu Frei Gonçalo, o grande navegador, Fernam Velho II era vassalo del rei Fernando I de Portugal,

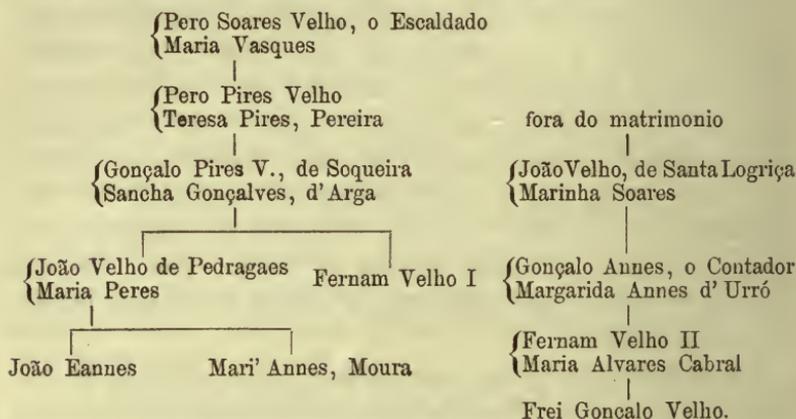
---

1) Vid. *Biogr.* IX e *Randglosse* VII que é um estudo especial sobre a cortesã gallega. Ayres de Sá julgou reconhecer na Maria Peres da cantiga a amante de João Velho de Pedragaes. E diz: „O facto de João Annes (filho de Maria Perez), ser legitimado em 1310 e Fernão Velho só apparecer em 1370 (*Doc.* LII), sessenta annos depois, *não* é concludente prova de que Fernão Velho *não* fosse, juntamente com Pedro da Ponte, João Vasques e outros, um dos satirisadores de Maria Peres, a quem se refere o doc. citado.“ — O griffado é meu. Esta argumentação é tão fragil e briga com a chronologia de modo tal que me parece desnecessario rebatê-la. Apenas repetirei tres cousas: 1°. O trovador Fernam Velho não pode ser o que foi cavalleiro da ordem de Santiago e commendador de Aldeia Secca em 1370; 2°. Pero da Ponte, o qual já poetava em 1236, e João Vasques, ainda vivo em 1274, são poetas *alfonsinos*; 3) Maria Peres Balteira, mencionada pelo proprio Alfonso X (**CV 74**), teve o seu momento de gloria cerca de 1260. Apesar da longevidade da estirpe, mesmo um *Velho* não pode ter *florescido* em 1260 e em 1384!

2) Vid. *Biogr.* XXVI.

3) Todas as cantigas de Fernam Velho foram reimpressas por Ayres de Sá (p. 123 — 141), conforme deixei explicado no Cap. I N° 76. Peço ao leitor para prestar attenção ás *Notas* do Vol. I respectivas aos N^os^ **257 — 264** e **458**.

que o doou em 1370 com o castello e terras de Velleda[1]) e em 1384 com o Souto da Mercê.[3]) Pertencendo á geração nova que brilhou no começo da segunda dynastia,[3]) não podia ser registado nos cadastros da primeira, que acabam, quanto aos Velhos, com seu pae. Nem pode ser o trovador, que vimos versejar em 1260.[4])

Para findar apresento o quadro genealogico dos Velhos mencionados neste esboço, e que completa o da *Biographia* III.

XXIX. Bonifacio Calvo, de Genova.[5])

§ 272. No esboço sobre a vida e as obras de D. João Soares Coelho tive de relatar como En Sordello jornadeou pela peninsula em dias de Fernando III e fez espalhar por Picandom as suas brilhantes canções e talvez o estranho sirventês de Blacatz. E frisando uma esbelta cantiga, de refram anteposto:

Ailas! e que-m fan miey huelh
quar no vezon so qu' ieu vuelh!

podia ter notado que o engenhoso e aventureiro mantuano parece haver imitado conscientemente um thema e o andamento de um

1) Ayres de Sá, *Doc.* LII.

2) Ib., *Doc.* LXXIX.

3) Fernam Velho II casou com D. Maria Alvares Cabral da linhagem que nos deu o descobridor do Brasil.

4) Como se vê da nota 1 da p. 437, o auctor do excellente estudo sobre Frei Gonçalo Velho, apesar de saber da existencia de Fernam Velho I (p. 58, n. 1), preferiu identificar o trovador com o pae do descobridor dos Açores.

5) Como epigraphe das poesias d' este auctor lê-se no **CB** apenas *Bonifaz de J.* O resto falta, por a margem estar aparada. Colocci accrescentou: *t̄ d̄ Genu.* No *Ind.* temos *bonifaz de Jenoa* e depois a nota: *vide bembo Ms.: bonifazio caluo de genoa.* A respeito do ms. a que esta referencia diz respeito, vid. Cap. V, § 191, p. 274 n. 1.

dos generos predilectos da musa indigena. Agora cumpre-me apresentar ao leitor outro italiano, poeta provençalesco, tambem dos melhores, que não desdenhou aclimatar-se completamente na esplendida côrte de Alfonso X, onde chegou a aprender a lingua e a maneira dos lyricos gallaïco-portuguêses, para em seguida se medir com elles.

§ 273. Escritores estrangeiros de grande renome têm-se occupado de En Bonifacio Calvo, de Genova.[1]) Apesar d'isso ninguem espere uma biographia completa. Perdeu-se a que existiu outrora em provençal,[2]) sendo explorada ainda no sec. XVI por Nostradamus, o muito phantasioso historiador dos trovadores.[3]) Existe apenas uma referencia ao Genovês na vida de Bartolomeo Zorzi de Veneza.[4]) Esta referencia, as obras do poeta, e com relação á familia dos Calvos alguns documentos historicos, representam as fontes em que beberam os historiadores, desde Nostradamus até Mario Pelaez.

A linhagem dos Calvos é nobre e antiga. Um Nicolo Calvo veio em nome da republica negociar um tratado de paz ainda no reinado de Fernando III, quer fosse em 1249, quer dois annos mais tarde.[5]) Ignora-se comtudo se Bonifacio, por ventura filho de Nicolo, o acompanhou, ficando na esplendida côrte de Toledo e Burgos[6]) até Nicolo voltar novamente, como enviado de Genova, em 1261. Em uma das suas canções ha louvores enthusiasticos

---

1) Mario Pelaez, *Vita e Poesie di Bonifazio Calvo trovatore genovese,* Torino 1897, precioso estudo que appareceu primeiro no *Giornale storico della litteratura ital.* Vol. XXVIII e XXIX. Dos biographos anteriores basta citar Diez, *Leben und Werke*, p. 388—397 na ed. Bartsch. — Milá, *Trov. esp.*, p. 199—207 da ed. 1898, e Oscar Schulz, *Die Lebensverhältnisse der italienischen Trobadores,* trabalho fundamental, impresso na *Zeitschrift* VII, 175—235, e depois em separata, que não possuo. Vid. especialmente p. 225.

2) No cancioneiro do Conde de Sault, junto ás obras do genovês.

3) Sobre Nostradamo, auctor de *Les Vies des plus célèbres et anciens poëtes provençaux,* Lyon 1575, e o pouco credito que merece, cf. Bartsch no *Jahrbuch* XIII. A p. 41 falla de Calvo.

4) Publicados por Lollis em *Stud. fil. rom.* III, 526 e Emil Levy no opusculo *Der Troubadour Bertolomé Zorzi.* Halle 1883.

5) *Annales Januenses,* apud Pertz *Mon. Germ.* XVIII, 27, 1. — Cf. *Zeitschrift* VII, 225. — Lang **CD**, p. XXXIV e Pelaez, p. 4.

6) Na biographia de Pay Gomes Charinho já ficou assente que Manoel Murguia se enganou ao identificar Bonifaz de Genova com o almirante Ramon Bonifaz, cidadão de Burgos em 1246, mas cuja origem ainda não é bem conhecida.

ao conquistador da Andaluzia. Estimulando o voluvel e pacifico successor a senhorear-se do reino de Navarra, exclama: »para ser parecido ao pae, deve fazer um grande esforço, pois esse foi muito aprazivel, e soube conquistar mais terras e ser mais honrado que nunca algum rei que vivesse.«

> e pel paire semblar
> si deu mout esforsar,
> *car foi plus avinenz*
> *e mais saup conquerir*
> *e mais si fetz honrar*
> *que reis qu' anc fos vivens.*[1])

Certo é que pouco depois da exaltação de Alfonso X ao throno, En Bonifacio assistia em Hespanha, apparentemente sem outro modo de vida do que o *gaio* e *joioso* de trovador, nos paços do maior monarca do mundo, cuja liberalidade e indole artistica attrahiam cavalleiros e poetas de toda a parte. Cingindo-se á boa tradição provençal, tentou instigar a acções heroicas o principe que servia, utilizando logo os ensejos que offereciam em 1253 e 1254 as projectadas expedições contra os mouros de além-mar e as empresas frustradas contra Navarra e Gasconha.[2]) Naquelle meio polyglotta, onde promiscuamente se empregavam os diversos idiomas do Occidente romano, cantando-se ora em provençal, ora em francês, ora em galaïco-portuguès, cultivando-se ainda com esmero letras e sciencias castelhanas e latinas, arabes e hebraïcas, e onde o proprio rei exercia com afinco a sua maravilhosa actividade literaria, bem merecendo o sobrenome de *Sabio* (= erudito) que a historia lhe concede, o Italiano, já bilingüe, desenvolvia os seus multiplos talentos, transformando-se pouco a pouco em cortesão consummado. Um grande mestre na arte de trovar, auctor de variadissimas composições, a todos os respeitos apreciaveis, não se restringiu a enaltecer, de passagem, em esparsas ou tornadas, a liberalidade do reinante, como os mais adventicios. Conforme ficou dito, consagrou-lhe poesias inteiras de caracter politico e moralizador, sob a impressão directa da sua complexa personalidade. Para lisongear finamente as pretenções artisticas do Rei-trovador começou logo ao principio, quando ainda não tinha bem aparada a seu

1) Pelaez Nº XIII: *Mout a que sovinenza — non agui de chantar.*
2) Pode ser que nas allusões dos tres sirventeses bellicos, compostos nas côrtes peninsulares, se escondam referencias á conquista do Algarve, um dos capitulos mais obscuros da historia portuguesa, como já indiquei.

penna de italo-português, a equiparar o galiziano ás linguas de *oc* e de *oil*, em um curioso *sirventês-descordo*, muito discutido.[1])

É a poesia polyglotta *Un nou sirventês ses tardar — voill al rei de Castella far*, cuja primeira estrophe está redigida em provençal, sendo francesa a terceira. A quarta falla um dialecto talvez italiano (que ainda não foi classificado), a não ser que nella se misturem os tres idiomas empregados nas anteriores. A segunda foi escripta segundo entendo, em português archaïco, não muito castiço no estado em que a possuimos, quer fosse deturpada por copistas que não a comprehenderam, quer pelo proprio auctor que em 1253 ainda não se havia assenhoreado completamente da linguagem de seu amo. De 42 palavras, doze estão levemente alteradas, apparecendo em parte em fórma castelhana. O ultimo verso da 1ra estrophe já está em português, visto rimar com o 1ro, 2do e 4to da estrophe seguinte. Do mesmo modo o ultimo da 2da já vae em francês, visto rimar com o 1ro, 2do e 4to da 3ra estrophe. Eis o trecho discutido, com as emendas que proponho:

El faz' o que quiser fazer!
Mas ieu oug za maintos dizer
[mas eu ouç' a muintos dizer]
que el non los quer[2]) cometer
si [= se] non de menassas, e quen
quer de guer[r]' ondrado seer
sei eu mu[i]n ben que lhi conven
de meter i cuidad' e sen,
cuer e cors, aver et amis.[3])

Continuou em seguida a exercitar-se até lhe ser dado construir cantigas de amor genuinamente gallego-portuguesas, que em nada se distinguem das producções dos hispanos. D'est' arte chegou a occupar junto de Alfonso X situação invejada, comquanto não fosse o mais querido e bem visto entre todos os trovadores, como asseveram os criticos hespanhoes e italianos,[4]) desconhecendo o trato literario do Rei Sabio com Vasco Gil, Pay Gomes Charinho

1) Pelaez, *Di un Serventese-discordo di Bonifazio di Genova* em *Giornale ligustico* XVIII, 352—399.

2) **Kd.** escrevem *qer;* só o ms. **I** traz *quier.*

3) Em *Randglosse* X rebato a estranha tentativa de Pelaez de descobrir palavras aragonesas e castelhanas em formações tão peculiarmente galaïco-portuguesas, como *quiser* e *sei.*

4) Vid. Milá, p. 207 e Pelaez 20, *Giorn. ligust.* XVIII, 387 „*Bonifazio dovea primeggiare per coltura ed ingegno poetico sopra gli altri trovatori; e sopra tutti gli altri dovette essere caro ad Alfonso che era cosi amantissimo della poesia.*"

e João Vasques. Foi o unico, cuja confiança e privança subiu a ponto de elle poder tocar na vida intima de Alfonso, offerecendo conselhos e serviços, como confidente ou *terceiro* dos galanteios regios:

Enquer cab sai chanz e solatz
pos lo manté lo reis N Anfos,
mas si per lui tot sol no fos,
jals agron del tot oblidatz;
e pois qu' el los vol mantener
non met' amor a noncaler,
car senz amor chanz ni solatz no val,
ni a sabor plus que conduitz ses sal.[1])

Isto é:

Ainda aqui têm logar canto e solaz
pois que o rei Dom Alfonso os mantém;
de tal modo que, não fosse por elle só,
já estariam de todo olvidados.
Mas uma vez que os deseja mantêr,
não ponha de parte o amor,
visto que sem amor não vale nem canto nem solaz
nem têm mais sabor que conduito sem sal.

Será possivel attenuar a impressão desagradavel, produzida pelas insinuações ambiguas e suspeitas da cantiga de onde extrahi esta estancia, que exhorta o rei a cultivar o amor? Só se fosse ideada, como imagino, com o fim de reagir contra a preponderancia das vilissimas coplas diffamatorias que durante algum tempo faziam as delicias do castelhano, o qual pelo funesto exemplo arrastava á sirga e tôa os privados e jograes através de pantanos, cujas emanações mephiticas ainda hoje causam enjôo.

Bem pode ser que En Bonifacio recommendasse a triaga do *amor* contra o veneno da *devassidão.* Em todo o caso absteve-se de seguir a moda da maledicencia. Os seus sirventeses, de caracter moralizador, contêm queixas vagas contra a maldade de um mundo, onde valor e cortesia já não eram prezados como d'antes; ditos amargos contra os magnates que, tendo o poder de praticar o bem, acolhiam em seus paços e honravam homens vís, *grans senhors que poder an de ben far sobr els autres* (VII), allusões aos privados prazenteadores e pedintes (*lauzengers e soplejans*),[2]) e monitorias ao proprio monarca, que nem sempre remunerava condignamente serviços prestados. Uma vez expõe-lhe explicitamente a arte de dar.[3]) Mas em todas estas composições e na propria cantiga incriminada,

1) Pelaez, Nº VIII.
2) Ib. Nº IX u. X.
3) Ib. Nº III.

quão longe estamos da grosseria das cantigas de escarnho de Alfonso X e dos seus sequazes![1])

A' cerca das damas que celebrou em versos amorosos, singelos e repassados de sentimento em grande parte, e outras vezes obscuros e artificiosos, nada sabemos. Parece que foi servidor de várias. Uma que morreu, inspirou-lhe a mais bella das suas poesias (XII). Por outra foi trahido (IV). Uma era de illustre prosapia, a inferir das cantigas:

Tan auta donna-m fai amar (VI)

que acaba:

Car ai mes, al meu parer,
en trop aut luec m' entendenza.

e

Fiņs e lejals mi sui mes
Donna el vostre poder e do (V).

Nostradamo, fundando-se apparentemente nos dizeres de um antigo biographo provençal, chamou a illustre dama: *Beringueira,* sobrinha del-Rei.[2]) O rei era, na sua opinião, Fernando III. E Fernando tinha effectivamente uma sobrinha Berenguela, filha do Infante Alfonso de Molina.[3]) É todavia possivel que se trate de outra, mais nova, e que o biographo estrangeiro que primeiramente recolheu o boato, se enganasse com relação ao grau do parentesco. Porque houve uma Berenguela ou Bringueira, de sangue real, na primavera da vida durante a estancia de Bonifacio na côrte, fructo de uma ligação passageira entre o primogenito de S. Fernando e uma das filhas bastardas do Leonês,[4]) a que de passagem já alludi.

1) Bem sei que ha algumas parodias provençaes não menos rudes, como p. ex. a copla anonyma Nº 106 do cod. florentino. Vid. *Riv. fil. rom.* I, 44 (Bartsch, *Grundriss* 461, 202).

2) Eis a versão do trecho alludido, „andou na côrte del Rei Fernando, que reinava em Castella no anno de 1248, onde foi bem recebido; e este Rei, d' ahi a pouco o fez cavalleiro por causa das bellas invenções e poesias que compunha. Namorou-se ahi de Berengueira, sobrinha del Rei, em honra da qual escreveu algumas formosas canções.“ — Cf. *Vies*, p. 109.

3) *P. M. H.: Script.*, p. 326. Esta verificação levou-me a introduzir a noticia de Nostradamus no *Grundriss* II, 199. — A cerebrina ideia de identificar a Berenguela de Bonifacio Calvo com a excelsa mãe de Fernando III „*espejo de Castilla y de Leon y de toda España*“, que é proverbial ainda hoje pelas suas virtudes, e que fallecera de resto a 8 de Novembro de 1246, não se encontra ahi; nem passou para estudo algum de A. Farinelli, como uma nota de Pelaez faz suppôr (23, 4; cf. 32, 2).

4) A mãe d' esta D. Bringueira, que de resto morreu nova e sem descendencia, chamava-se D. Maria Affonso. E era filha da portuguêsa D. Teresa Gil, neta portanto do velho D. Gil de Soverosa, cuja linhagem preclara, alliada aos de Fornellos e Valladares, vimos brilhar em todas as côrtes

Esta é que veio a ser, de 1264 em deante, amiga do conquistador aragonês.[1])

É quanto se sabe da vida do Genovês na côrte castelhana. Entre 1264 (ou 1266) e 1273 estava novamente na sua patria.[2]) Ahi tençoou com dois seus conterraneos Li Scot e Luchetto Gattilusi, compondo, além d'isso, depois da batalha de Trapani, um sirventês politico sobre as rivalidades e luctas entre Genova e Veneza, cheio de vituperios contra a desunião *d'esta gen savaja genoeza* e tambem contra a altiva cidade dos doges.[3]) O veneziano Bartolomeo Zorzi, então no captiveiro dos enemigos, respondeu do fundo da prisão, de modo tão digno e nobre que a contenda entre os dois se transformou em sincera e cordial amizade.

Exceptuando esta ultima composição, todos os versos de Bonifacio foram compostos nos paises d'aquém Pyreneos.[4]) São 19 ao todo, patrimonio pequeno, mas de bom quilate: 8 sirventêses, metade politicos, metade moralistas; e 11 canções de amor.[5]) Entre os sirventeses é notavel o descordo polyglotta, a que já me referi, unico na literatura dos provençaes. Entre as canções ha um *Lais* (XVI) com o qual emparelham apenas outros dois. Duas são as suas obras em português (abstrahindo da estrophe segunda do descordo); uma é de mèstria e outra de refram: **CA 265** e **266** (*Ind.* 449—450 = **CB 341** e **342**).[6]) Mas mesmo nas provençaes parece-me poder destrinçar alguns traços de côr e sabor peninsular, p. ex. a hyperbole irreverente, com a qual affiança que „se a Deos prouguesse amar dona do mundo, teria par agradavel na que elle escolheu."

---

peninsulares, mas especialmente na portuguesa e na de Leão. Bastará evocar mais uma vez a lembrança de D. Martim Gil, o lidador do Porto e accrescentar que mais tarde encontraremos uma irmã de D. Maria Affonso — D. Sancha Affonso — no solar dos senhores *de los Cameros*, esposada com D. Ximen Rodrigues. — *P. M. H.*: *Script.* 167: *E. D. Maria Affonso foi casada com D. Alvar Fernandes, filho do conde D. Fernando de Lara o que jaz em Fiteiros, e non ouve del semel, e despois a ouve elrey D. Affonso de Castella seu sobrinho, e fege nella D. Berenguela que morreo sem semente.* — Ib. 197 e 293. — Cf. mais acima p. 422, Nota 2.

1) *Feyts de En Jaime*, § 432.

2) Levy, p. 6 e *Litteraturblatt* XVI, 232 e XIX, 28. As datas referem-se ao captiveiro de Bartolomeo Zorzi.

3) Pelaez No XIX.

4) Cf. Levy, p. 7.

5) As tenções estão perdidas.

6) Lang (**CD**, p. XXXIV) aventa a hypothese que Bonifacio visitou o reino occidental, em cujo throno se sentara ao lado do Bolonhês uma filha do seu protector. Mas para poetar em galaïco-português tal visita não era imprescindivel.

que si plagues amar a Dieu
dompna del mon, avinen plai
auri' en leis que chausid' ai[1]),

hyperbole muitas vezes repetida em Hespanha;[2]) e com relação á fórma, o artificio de collocar uma preposição no fim do verso e em rima.[3]) Pela meiguice e doçura, tambem a Cantiga I é bem portuguêsa, com a differença que cada uma das estrophes de Bonifacio Calvo equivale a uma cantiga inteira das de cá, porque longe de repisar o mesmo pensamento inicial, ha nella evolução e continuidade de ideias.

Escuso de dizer que o nome Calvo é freqüente na peninsula como apellido e como alcunha. Entre os trovadores ha um *Pay Calvo* que assigna dois cantares de amigo (**CV** 841 e 842). Ignoro quem fosse.

XXX. Desconhecido III.

§ 274. Do innominado, ao qual devemos as dez cantigas de amor, numeradas de 267—276, nada sei, senão que pertence á tribu dos infelizes que amaldiçoam o amor pelas infinitas magoas que faz soffrer.

XXXI. Desconhecido IV.

§ 275. O mesmo vale do auctor da canção immediata (N° 277): um dialogo entre o trovador e sua dama, pelo systema e na maneira empregada por varios poetas alfonsinos, como João de Guilhade (N° 230), Estêvam Peres Froyam, (N° 240) Pay Gomes Charinho (249) e por João Lobeira, que pertence ao cyclo dionysio (**CB** 235).

XXXII. Desconhecido V.

§ 276. Tres cantigas, compostas nas margens do Tejo, na cavalheiresca e farta Santarem, onde os reis do Portugal antigo, tão assiduamente se deliciavam.[4]) A primeira (278) é uma verdadeira

---

1) Pelaez, N° XIV, 5.

2) É muito conhecido o mote de Alvaro de Luna:

Si Dios nuestro Salvador
oviera de tomar amiga,
fuera mi competidor.

3) O italiano, que reparou nesta particularidade, refere-a ao verso 5 do *Descordo*, mas erroneamente. (É o verso XXV.) — Cf. **CD 1725** e **CM.** — Vocabulos e formulas como *corps, honrats, corps rics, conduitz ses sal, mal parlier,* etc. são communs a ambas as linguas.

4) Affonso II p. ex., aquelle que foi *gafo,* escolheu Santarem para seu Buen-Retiro, quando no fim da vida (1221-1223) precisou descançar das fadigas do governo.

poesia de occasião, inspirada por um facto intimo, o desabafo de um amante, alvoroçado por um magno favor que não esperava. O que lhe aconteceria? Ignoro-o, mas peço venia para, com o fim de guiar o leitor nas suas lucubrações, responder com duas anecdotas amenas, escolhidas entre as innumeras que caracterisam a fina galanteria do verdadeiro namorado português, no bom tempo de quinhentos.

Numa sala dos Paços da Ribeira estavam conversando dois *galanes* com a dama que serviam. Apaga-se a vela. Sae um para procurar luz e demora-se acinte tempos infinitos. Ao reentrar, o que ficou ás escuras exclama suspirando: „Que pena V. S. voltar tão depressa; já tinha rendido uma mão á S^ra^ D^a^ Guiomar Henriques."

E a outra, que é anterior:

Havendo annos que galanteava a mesma dama, o nosso fidalgo veio muito exaltado um dia, ao romper da manhã, ao encontro dos seus amigos. E cuidando todos que ella já o tinha recebido por servidor e vassalo, disse muito contente: „Agora me deu a S^ra^ D^a^ Guiomar Henriques uma figa." [1])

Presumo que o nosso trovador era da mesma raça d'este Dom Simão da Silveira. Já os houve assim, apaixonados, no sec. XII e XIII, conforme sabemos por noticias de linhagistas. [2]) Mas discreto e mudo, como mandava a lei de 1200, segredou apenas em versos a um unico amigo confissões extremamente vagas:

A mais fremosa de quantas vejo
en Santaren, e que mais desejo,
ela e outra, amigo, vi-as
se Deus me valha, non á dous dias.

condensando o *trop-plein* do seu peito na formula mysteriosa:

Ay Sentirigo! Ay Sentirigo!
Al é Alfanx' e al Seserigo!

Na segunda cantiga (279), composta algo mais tarde, dirige-se directamente á amada para, em presença da côrte inteira, nova-

---

1) É da *Arte de Galanteria* e dos *Apophtegmas* de Suppico que as colhi.

2) De João Soares de Paiva, o que morreu de amores por uma Infanta de Portugal, segundo lenda repetida ainda em dias do Marquês de Santilhana, e de Pero Rodrigues de Pereira e Palmeira, que tivera sorte igual por causa de D. Maria Paes de Valladares, terei de fallar mais tarde. — *P. M. H.: Script.* 325 e 355.

mente exultar pela sua boa fortuna. De que modo? Affirmando que entre todos os companheiros nenhum saberia adivinhar o sentido do refram enigmatico:

Al é Alfanx' e al Seserigo!

Na terceira (280), já longe da linda cidade do Ribatejo, queixa-se das angustias que ia padecendo desde que teve de abandonar os sitios onde vira a sua senhora.

§ 277. Th. Braga foi trahido pela sua perspicacia adivinhadora quando quis remontar essas tres balletas a tempos proximos da conquista definitiva da velha Scalabis. Illudiram-no os nomes geographicos Alfange, Se(n)terigo, e Seserigo. O primeiro designa um logar, atravessado por vereda ingreme, pela qual se subia á alcaçova e Torre do Bufo e que posteriormente deu nome a um bairro de Santarem. Os outros dois são graciosas aldeias suburbanas, junto á margem do rio que fertiliza as campinas e olivaes de Santarem.[1]) É por causa d'estes nomes que Braga imaginou descobrir no estribilho uma como lembrança de um grito de guerra, e importantes allusões ás dramaticas occorrencias da noite de 15 de Março de 1147, quando Ibn-Errik tomou a furto a alcaçova moura, trepando pelo Alfange com um troço de valentes, emquanto os de mais guerreiros ficaram no valle para estorvar que socorros tentassem aproximar-se.[2]) A seu ver, o trovador, um dos cavalleiros que então haviam acompanhado Affonso Henriques, poetava, encanecido, quando o ecco, não muito remoto, do feito estrondoso ia apagando-se e já não encontrava na côrte um unico companheiro de armas que entendesse o seu sentido.[3]) Supponhamos que perto de 1180! O que admira é que não fixasse a data, nem identificasse o guerreiro trovador! Se Fernando Peres, Mem Ramires, Gonçalo Gonçalves, o Mogueime, e os mais nomes, conservados na relação coeva da arrojada empresa (em latim), não figuram nos cancioneiros, ahi tinha apostrophado em uma cantiguinha[4]) a Mem Moniz de Candarey, sogro

---

1) Nas *Notas* do Vol. I digo mais alguma causa da topographia de Santarem e da interpretação que dou ás tres cantigas.

2) A transcripção diplomatica *al e Alfanx e al S.* não revela, de que modo Th. Braga o interpreta. — Para abonar a maneira como entendo *al*, remetto á cantiga **CV 1204**, cujo refram é: *que al est a candeia e al est o candeio!*

3) *Trovad.*, p. LXVIII—LXX; *Canc. Vat. Rest.*, p. XXVII.

4) **CB 367** e **368**.

do trovador Coelho, o qual, segundo uma lenda colhida pelo Conde de Barcellos,[1]) era um dos que primeiro entraram em Santarem! Deixando por um momento o campo traiçoeiro das conjecturas, torno a lembrar que depois de reconquistada, Santarem soffreu dois cercos, o primeiro em 1171 e o segundo, temivel, em 1184.[2]) Finalmente recordarei o papel importantissimo de Santarem nos primeiros seculos da monarchia; as repetidas visitas de Affonso III a esta cidade,[3]) embora já em seus dias Lisboa fosse capital do reino; as innumeras referencias nos nobiliarios a boas e ricas burguesas de Santarem que casaram com fidalgos de alta categoria. Aquelle que quiser entretêr-se, procurando adivinhar quem seria a inspiradora do nosso curioso trifolio, encontra a lista já feita.[4]) Nella figuram tres damas que despertarão o seu interesse: a amiga de um rei de Portugal (Affonso II ou III?);[5]) a filha do alcaide-mor Martim Dade, cujos descendentes se enlaçaram com a primeira nobreza do reino; e a esposa do trovador Rodrigu'Eannes Redondo.[6]) Outra, que talvez poderia entrar em conta é D. Eixamea (Ximena) Esteves, filha de Estêvam Soares, chamado de Alfange, a qual casou com o irmão de D. João de Aboim, o grande privado do Bolonhês, que ahi possuia direitos e bens vastissimos, como sabemos.[7]) Quem nos diz que o nosso Desconhecido V não será esse mesmo D. Estêvam de Aboim?

XXXIII. Pedr' Annes Solaz.

§ 278. Os nossos N^os 281 e 284 são privativos do **CA**. Aos intermedios correspondem as cantigas **824** e **825** do **CV** (=*Ind.* 1219 e 1220). São do mesmo auctor mais tres composições, conservadas nos apographos italianos: **CV 414—416** (*Ind.* 828—830). Por junto

---

1) *P. M. H.: Script.* 159 e 318. — Cf. *Biogr.* VII, 2 e XV, 8.

2) Herc. I, 439 e 455, Com relação á 2ª invasão consulte-se Dozy, *Recherches*, vol. II, 443, *L'expédition du calife almohade Abou Yacoub contre le Portugal;* estudo traduzido em 1900 por Luciano Cordeiro.

3) Herc. III, 422; Schirrmacher IV, 233.

4) Vid. *Rev. Lus.* V, 114: *O trovador Martim Soarez e seu filho João Martinez*, de Pedro de Azevedo. Ha neste artigo reflexões não desprovidas de interesse, comquanto talvez exageradas, sobre Santarem como fóco principal em que se elaborou a reacção contra o predominio da classe „*anti-segral*".

5) Floresceu de 1252—1283. — *P. M. H.: Script.;* 149, 330. — *Rev. Lus.* V, 221. — Ayres de Sá 201.

6) Ib. 333, 168, 227.

7) *Rev. Lus.* V, 122.

sete cantigas, mas todas ellas attrahentes e cheias de novidade. Pequeninas scenas da vida real, apenas esboçadas, certamente por um auctor em cujos ouvidos zumbia o ecco de mais de um cantar de caracter e fórma tradicionaes. Uma vez apresenta uma dona descaroavel, *ferida e malhada* a contento do irado servidor (**CA** 281); outra vez duas freiras galantes (282); ora uma fidalga que surge entre as ameias do seu castello, admirada de longe, do meio de um areal (283); ora o trovador que se affasta, deixando a ingrata, para morar no paço del Rei, saudoso e penado *d' amor, d' amor, d' amor, d' amor* (284).[1])

Temos ainda uma donzella desilludida que protesta em presença da mãe contra as juras falsas de um desleal (**CV** 416); a bem-talhada que suspira e chama pelo amigo (**CV** 414);[2]) e finalmente, na mais bella das suas composições, variedade de *oaristys*, um soliloquio matutino da amante que relembra delicadamente as suas sensações.

Eu velida non dormia . . .	*Non dormia e cuidava . . .*
e meu amigo venia	*e meu amigo chegava*
e d' amor tan ben dizia	*e d'amor tan ben cantava*[3])

e entre verso e verso um refram enygmatico: *leliadoura! e doyleliadoura!* que soa como se fosse imitação onomatopaica da flauta pastoril que, passando, a acordára. A mim lembra-me os *virelis* bi-partidos dos motetes e das pastorelas francesas: *validureaus lidureaus lairele* [ou *laiolé*]*! vadeurelidele vadeurelidot! do dorenlot! latridennedondenne — latridennedondon! chivaleladoridoreaus chivaleladourie!* e tantos outros; mas tambem o moderno *ailalila, ailalala! ailaliloré, ailariloló! ailelelo-y-ailelelo!* de Portugal e da Galliza.[4])

---

1) Jeanroy, *Origines*, 146; Storck, *Hundert alt-portugiesische Lieder*, No 83.

2) Trad. por Storck, ib. No 16.

3) **CV 415.** O resto está deturpado, ou antes será um accrescento postiço do copista, que d' esta vez se deleitou a transcrever o refram seis vezes, por extenso.

4) No dizer diplomatico de Menendez y Pelayo este ultimo refram »fez cavillar mui engenhosamente ao erudito Th. Braga«. Veja-se como elle (*Questões*, p. 46) o aparenta com o estribilho nacional dos gallegos, o *alalala*, já notado desde o sec. I por Silio Italico; com o *leloillelo* vasconço, o *lá illah ila allah* dos arabes, e muitas cousas mais, reconhecendo em todos elles vestigios da poesia primitiva da grande raça turaniana. — Storck, na sua versão, substituiu a onomatopeia por outra: *heidiridieda duda heidiridieda*, muito propria para baladas e folias, mas que destoa do som suavemente melancholico do original português.

Quanto á forma, Pedr' Annes apresenta unicamente cantigas de refram: tres balletas, duas das quaes estão cheias de repetições e são de um parallelismo intencional, como se houvessem de ser cantadas a dois córos. Está claro que contam quatro estrophes e não as tres da balleta. As restantes são cantares em disticos, na maioria encadeados e tambem de parallelismo mais ou menos perfeito. Na linguagem ha d'aquelles resaibos de castelhano, peculiares aos gallegos que poetavam em Castella.[1])

O auctor chamava-se Pedro; Annes[2]) como filho de um João; usando ainda do distinctivo poetico *Solaz* (=prov. *solatz,* do lat. *solatium*), talvez por ter *violado,* cantado e versificado com graça consoladora. Ignoramos quando floresceu. Lang conta-o entre os trovadores pre-alfonsinos, sem motivar esta affirmação.[3]) Talvez o devamos considerar como collega de Zorro, Moogo, Codax, e mais clerigos e jograes de origem gallega que, desprezando a moda palaciana, cultivaram exclusiva e ostensivamente generos de proveniencia popular.

XXXIV. Fernan Padron.

§ 279. Tambem neste caso ha absoluta penuria de dados biographicos. Possuimos d'elle tres cantigas de amor, conservadas no **CA 285—287** e nos apographos italianos **CV 563—565** (= *Ind.* 977—979). As primeiras são de mèstria; uma d'ellas é uma apostrophe ao Amor; a ultima, de refram, lamenta a condescendencia peccaminosa dos olhos.

XXXV. Pero da Ponte.

§ 280. O seu patrimonio é importante. As 52 peças de que consta, repartidas nos tres grupos do costume, são: 7 cantares de amigo (*Ind.* 831—837 = **CV 417—423**); 31 dizeres de escarnho (*Ind.* 1626—1652 = **CV 1160—1191**), aos quaes ha que juntar uma tenção (*Ind.* 969 = **CV 556**) em que o poeta se defende das aggressões de um seu collega mais velho; e finalmente 13 canções (*Ind.* 979—990 = **CV 566—578**) que o leitor encontra no côrpo d'este volume de Nº **288** a **292**, e no *Appendice* XVI de **459** a **466**.

---

1) *Amenas, arenas, venia, penar etc.*

2) Nos apographos italianos o nome apparece deturpado. Temos no Indice *Pedransalaz* e *Pedranssolaz;* no texto a ultima forma, e uma vez *Pedren Solaz.* O facto de os seus versos confinarem com os de *Pedr' Amigo,* não nos dá o direito de identificarmos os dois.

3) **CD** p. CXLI. — Cf. *Zeitschrift* XIX, 590.

Embora intercaladas no Cancioneiro de amor, nem todas tratam todavia de sentimentos ternos. Além das que dirige a damas da côrte, ha ahi meia duzia de prantos e elogios em honra de guerreiros nacionaes.

Artista de grande talento, malleavel e accommodaticio, pode ser que, em outro meio, Pero da Ponte[1]) tivesse produzido só fructos saborosos, como são incontestavelmente os seus variadissimos versos de amor e as composições que dedicou a vultos historicos. Mas tambem pode ser que não. A natureza dera-lhe, salvo erro, num corpo disforme como o de Esopo e Thersites, o tradicional espirito caustico, lesto, e zombeteiro, dos *mal-talhados*, para empregar o euphemismo palaciano do sec. XIII.[2]) Seja todavia como fôr, certo é que, encontrando nas côrtes peninsulares quem apreciasse principalmente a sua veia mordaz e lhe permittisse, para não dizer incitasse, a expandi'-la sem peias nem escrupulos, rastejando á flor da terra, o humilde artista conseguiu apenas ser o mais fecundo entre os maldizentes.

Nesta qualidade escolheu para alvo da sua *verve* satirica todos aquelles personagens ridiculos ou indecorosos que já vimos mettidos na berlinda, não só pelos bufões e chocarreiros de Fernando III e Alfonso X, mas tambem pelos validos e proceres, e em parte pelo proprio monarca. Lá figura a Balteira, a celebre cortesã regia, que tomou a cruz para Jerusalem; João Fernandes, o Mouro, cruzado; Sueiro-Eannes, o cavalleiro chufador que fingia vir de regresso da terra santa; Fernam Diaz, Estaturão, o *adelantado* vicioso; e D. Fuão, infanção avarento, em cuja casa a fome fazia de cozinheira. Mas com elle a galeria de *fantoches*, nojentos, pelintras ou depravados, alarga-se desmesuradamente, dando logar p. ex. a um grupo inteiro de soldadeiras,[3]) garridas, embora algumas fossem já maduras, e a varios reis carnavalescos da Cornoalha burgalense: Pedr'Agudo, Pedro Bodinho, Martim de Cornes, e um D. Martinho Marcos,[4]) de pechas taes que mereceu o necrologio seguinte:

---

1) A variante *Pero de Ponte* no *Indice*, antes da cantiga Nº 831, é lapso, sem duvida alguma.

2) Vid. **CV 1149**, cantiga a que pertence a estrophe que o leitor encontra copiada no meio d' esta biographia.

3) *Marinha Foza* **CV 1161**; *Marinha Crespa* **CV 1162**; *Marinha Lopes* **CV 1165**; *Taresa Lopes, d'Alfaro* **CV 1169**; *Maria Domingos* **CV 1185**; *a Peixota* **CV 1187**; *a Balteira* **CV 1176**.

4) *D. Alvaro* **CV 1187**; *D. Tisso Peres* **CV 1191**.

Mort' é Don Martin Marcos!
Ay Deus, se é verdade?
Seica, se el é morto,
morta é torpidade,
e morta neiscidade!
morta é covardia
e morta é maldade!
Se Don Martinh' é morto,
sen prez e sen bondade,
oymais, maus costumes,
outro senhor catade!
Mais... non o acharedes
de Roma ata a cidade! (**CV 1189**).

Mesmo nestas satiras se nota a superior facilidade de versificar que distingue Pero da Ponte.[1])

Sahindo das tabernas e tafularias de Burgos, Toledo, Carrion e Valhadolid, viremo-nos para a provincia, á procura da villa de onde o poeta sahiu. Mas qual será? Ponte d'Eume na Galliza, como imagina um convicto regionalista?[2]) Ponte Vedra? Ponte do Lima, no Minho português? ou que outra das numerosas Pontes do Noroeste da peninsula?[3]) Se realmente um compostelano, como Bernaldo de Bonaval foi o primeiro mestre, sob cuja tutela começou a trovar, e se outro poeta da mesma proveniencia como Affonso Eannes do Cotom foi seu bemfeitor e amigo jurado, será justo procurarmos na Galliza não só o seu berço, mas ainda o scenario do pequeno romance juvenil que os seus cantares de amigo esboçam vagamente.[4])

§ 281. São protagonistas, como de costume, a mãe, a filha, e o namorado. Elle é escudeiro (**CV 417**);[5]) vae *na oste por*

1) No Appendice que accompanha *Randglosse* III publiquei sete satiras de Pero da Ponte: **CV 1163, 1166—1168, 1170, 1171** e **1177**.

2) Martinez Salazar na *Revista Critica* II, 299.

3) Posteriormente *Da Ponte* veio ser nome de familia. O linhagista gallego *Vasco de Aponte* (como é costume escrever), auctor de *La casa de Lobera*, é um dos mais conhecidos da estirpe.

4) Na cantiga **CV 70** Alfonso X apostropha o segrel, dizendo

E porem dora pedre uila rreal
en maao põto uos tãto beuestes.

Braga escreve Pero Vilareal, como se o aggredido se chamasse assim. Proponho a emenda

E por end' ora, Pedr', e[n] Vila-real

procurando em Vila-real (nome archaico de Ciudad Real) o logar onde se realizou o banquete fatal, em que Da Ponte deu cabo do seu amigo e mestre Affons' Eannes do Cotom.

5) A cantiga *Vistes, madr', o escudeiro* teve larga successão: o thema tradicional agradava ainda no sec. XVI aos poetas lyricos. — Vid. Gil Vicente II,

el rey servir (ib. 420),[1]) demorando-se em seguida longamente na côrte (419 e 422). Assistimos a dois dialogos entre mãe e filha. A *niña* pede conselhos, mas os que recebe são perversos e perigosos:[2])

pois vos seu amor enganou,
que o engane vosso amor (423).

A deslealdade surte pessimo effeito. Ha amuos, sanhas, ausencias, e quebra da promessa de a levar comsigo. Em vista d'isso a mãe recommenda que se mostre meiga e carinhosa, andando *a seu mandado* (417), mas mesmo assim o escudeiro parte desacompanhado (422). Na despedida promettem-lhe festas e agasalho, se não tardar muito; mas a demora prolonga-se, sendo o unico pensar que reconforta a patriotica galleguinha na sua solidão, o alto destino do amado:

pois m' el tarda e non ven,
el rey o faz que mi-o detén (420).

Do regresso, nem palavra. Pero da Ponte transformára-se em poeta aulico.

Antes de indagar de qual rei e de qual campanha se trata, carecemos da prova que esses amores, cantados nas primeiras producções de Pero da Ponte, são os do proprio auctor. Possuimo'-la indirecta nos dizeres de Affons' Eannes do Cotom, collega mais velho e seu intimo, comquanto nem sempre vivessem em perfeita harmonia. Pero da Ponte, pobre a principio,[3]) mas querendo figurar (*pojar*) na côrte, teve de pedir-lhe *em dom*, ou de emprestimo, haveres e pannos. Para o deprimir, e aviltar sua humilde origem e condição, Cotom acommette-o um dia, certamente perante o tribunal dos aulicos, e principia:

Pero da Pont', [en] un vosso cantar
que vos ogano fezestes d' amor,
fostes vus i *escudeiro* chamar.
E dized' or' atant', ay trobador:
pois vus *escudeiro* chamastes i[4])

445; Christovam Falcão, ed. Th. Braga, p. 25; Castillejo em *Bibl. Aut. Esp.* vol. 32, 114; Andrade Caminha, ed. Priebsch, Nº 440; *Cancionero de Modena*, 156ᵇ. Na cantiga **CV 233**, o amante é cavalleiro.

1) Traduzido por W. Storck em *Hundert altportugiesische Lieder* Nº 43.

2) Cf. **CV 232** *Nunca madr' a filha bon conselho deu.*

3) Vid. **CV 68**: *lazerado ouve gran tempo*, no dizer de Alfonso X.

4) O cantar em que vimos Pero da Ponte chamar-se *escudeiro* (**CV 417**) é, na verdade, d'amigo. Mas pode ser que outro d'amor se perdesse. Tambem é possivel que a nomenclatura dos diversos generos ainda não

¿por quê vus queixades ora de mi
por meus panos que vus não quero dar? (**CV 556**).[1])

A mesma tenção elucida-nos ainda a varios respeitos. O poeta, comquanto aceitasse a paga do seu mester, e não se pejasse de a reclamar, reivindicava não obstante para si o titulo honorifico de *trovador* a que a sua obra lhe dava jus. Cotom, com mais annos de paço e em posição segura, temendo porventura o habil concorrente, não lh'o quer conceder, a não ser ironicamente, como na primeira estrophe affirma:

En nossa terra, se Deus me perdon,
a todo o escudeiro que pede don,
as mais das gentes lhe chaman segler.[2])

A inveja leva-o a menoscabar em seguida as qualidades marciaes do escudeiro, e a gabar-se a si proprio de insigne em armas de modo que ganhava a vida principalmente pelas lides, o que é, na minha opinião, um modo de confessar tacitamente a sua inferioridade como artista.[3]) E note-se bem que Affons' Eannes per-

---

estivesse bem fixada em meado do sec. XIII. Na propria tenção Pero responde:

¿e por quê non, pois escudeiro fôr?

Este conj. fut., que surprehende em seguida á conjuncção *pois*, no sentido condicional de *se*, não era insolito na linguagem archaïca.

1) A rubrica diz apenas: *Pero da Ponte et Affonsseanes fezeron esta tenzon.* Mas sendo de Cotom a cantiga antecedente e não apparecendo outro trovador Affons' Eannes nos cancioneiros, é certo ser elle o parceiro de Pero da Ponte.

2) Sobre *segrel, segrer,* como derivado do provençal *segrier* de *segre* = *seguir,* vid. *Randglosse* I, 32, 33, 38 e § 366. — Das cantigas **CA 396**, **CB 1514** e **1515** resulta que o villão que cantava e poetava se chamava *jogral; segrel* o escudeiro que cavalgava de côrte em côrte, aceitando paga da sua arte; e *trovador* o fidalgo independente que se deleitava versificando, em harmonia com a definição, dada em 1275 por Alfonso X na sua resposta á *Supplicação* de Guiraut Riquier. (Diez, *Poesie,* p. 67 e 303; Milá, *Trovadores,* p. 242). — Confira-se tambem o *Regimento da Casa Real* decretado em 1258 pelo Bolonhês. (*P. M. H.: Leges* 199). — O titulo *segrel* é dado no Cancioneiro a apenas quatro poetas que todos residiam na côrte castelhana: Affons' Eannes do Cotom, Bernaldo de Bonaval, Pero da Ponte e Picandom, o emissario de Sordello; os tres, gallegos e o ultimo de nacionalidade incerta. (**CV 556**, **663**, **1021**, **1186**, **1175**.)

3) No remate ha uma formula interessante, infelizmente deturpada, e por isso de interpretação duvidosa. Na edição Monaci lê-se:

Afomañs filharey eu dom
u' dade vos ay cor de leom.

Supponho que Pero da Ponte compara o bellicoso camarada, com ironico exagero, ao heroe da terceira cruzada, Ricardo de Inglaterra, estou disposta a lêr:

tencia, como o seu discipulo, á irmandade dos mal-talhados. Pero da Ponte, pelo seu lado, preferia grangear o sustento poetando, e como servidor de boas donas. Por isso replica:

¿e por que non, pois escudeiro for'?
— — — — — — — —
Affons' Eannes, est' é meu mester,
e por esto dev' eu a guarecer
et por servir donas quanto poder'.

A suspeita é portanto justificada que Pero da Ponte recebia paga das cantigas de amor que consagrava a damas da côrte. Entre as sete que restam, algumas bem graciosas distinguem-se especialmente pela novidade e requinte da mão d'obra — signal quasi certo de que não se trata ahi de um sentimento verdadeiro, mas antes de trabalhos *ex-officio.* Haja vista o *leixapren*, o *dobre,* o *mor-dobre* da nossa collecção, e o *rondet*, á moda de França. [1])

§ 282. E agora, depois de termos rapidamente fallado dos dizeres de escarnho, dos cantares de amigo, e das canções de amor, examinemos as composições historicas a que deve o posto de honra em que a posteridade o colloca, e que em vida tambem lhe proporcionariam melhores lucros e maior gloria. Para nós são de importancia capital, porque os acontecimentos nacionaes que lhes servem de thema, permittem que lhes assignemos datas precisas.

Em fins de 1235 ou principios de 1236, Pero da Ponte chorava a morte de D. Beatriz de Suabia, i. é da esposa de S. Fernando e mãe de Alfonso X [2]) (**CA 461**). Dois annos depois, o passamento de um dos caudilhos mais valentes da victoria de Las Navas de Tolosa, o senhor de Haro e Biscaia, D. Lopo Diaz, Cabeça-Brava, arranca-lhe um pranto singelo, mas sentido (**463**). [3]) No mesmo anno celebra a tomada de Valença por D. Jaime, o Aragonês (**466**). [4])

Affons' Eannes, filhar ei eu don,
verdad' é, [de] vos, ay Cor-de-Leon,
e faça quis-cada-quen seu mester.

Cf. Braga, *Canc. Vat. Rest.*, p. XXVIII.

1) **CA 289—292.**

2) Vid. *Lucas Tud.*, em Schott IV, 115. — D. Beatriz, morreu em Nov. de 1235.

3) Cf. *Randglosse* IX. — Se a allusão a um D. Lopo em cuja casa havia uns mil cavaleiros, contida na cantiga **CV 1195** (do nosso Pero da Ponte), se referir ao poderoso senhor de Biscaia, conforme acredito, essa chacota de maldizer deve ser anterior ao anno 1238.

4) Em 1268, D. Jaime veio a Toledo assistir á primeira missa de seu filho, aquelle arcebispo D. Sancho que no anno immediato exhortou os penin-

Ainda durante a conquista da Andaluzia, creio que em 1246, lastima o desapparecimento de um jovem heroe, uma das vergonteas mais viçosas do illustre tronco dos Meneses de Albuquerque, D. Tell' Affonso, o qual se distinguira de 1225 em deante por feitos cavalheirosos em Baeza, Martos, Andujar, Jaen e a par de Arjona (**464**).[1] Em 1248 glorifica a grandiosa empresa sevilhana, pela qual S. Fernando libertou a Hispanha *de mar a mar* (**460**); e remata o seu periodo palaciano com um sirventês sobre o fim d'aquelle monarca (**462**).

A data 1252 é a mais tardia que podemos assignar, com segurança, a composições suas, o que não significa que morresse logo depois, ou deixasse completamente de poetar. Mas mesmo se o dizer de escarnho contra a Balteira fosse chronologicamente posterior,[2] não creio que Pero prosperou no reinado do filho.

§ 283. Alfonso X não gostava d'elle, por motivos que não nos é dado adivinhar.[3] Pero da Ponte absteve-se de o lisonjear. Não lhe dedicou panegyrico algum. Nos versos compostos por occasião da morte de S. Fernando, cingiu-se ao costume, de resto não muito generalizado na Provença, de acompanhar as nenias com um viva ao successor.[4] Referindo-se á exaltação de Alfonso ao throno dos antepassados, depois de o chamar *bom rei* e de estabelecer que a patria não tinha motivos de sobresaltos, acaba de um modo estranhamente frio e ambiguo, rezando:

Mais façamos tal oraçon,
que Deus que pres mort' e paixon,
o mande muito ben reinar!

---

sulares a tomarem parte na ultima cruzada, e perdeu a vida em 1275, batalhando heroicamente contra os infieis.

1) Cf. *Randglosse* VIII.

2) Cf. *Randglosse* VII.

3) Mesmo como artista o Sabio de Castela sobresae de tal modo entre os seus cortesãos que não é provavel, tivesse ciumes de um pobre corcunda.

4) Cf. Dr. H. Springer, *Das altprovenzalische Klagelied,* Berlin 1895 (p. 33). O auctor não aproveitou os cancioneiros gallaïco-portugueses. — Muito posteriormente a Pero da Ponte, Matthieu de Caercy recommendou-se no seu lamento sobre a morte do conquistador de Valença (1276), aos filhos e amigos do pranteado (Vid. Milá, 189—191). Em 1325 João de Leão rematava tambem o seu dizer banal sobre D. Denis com louvores a Alfonso XI de Castella:

Mais [en]tanto me quero confortar
en seu neto que o vay semelhar
en fazer feitos de muy sabio rey (**CV 708**).

Como que duvidasse das aptidões ou da boa vontade do novo reinante, vaticinando surpresas dolorosas? O monarca, já acostumado aos panegyricos enthusiasticos dos advenas provençaes,[1]) na firme fé de ter dado a medida da sua excepcional erudição e arte, e tambem do seu valor como conquistador de Murcia, não gostou, de certo.[2]) Só uma fanfarra de rasgados encomios, retumbante como as que Pero da Ponte dispensára a D. Jaime e Fernando III, e mesmo a vassalos como Lopo Diaz e Tell' Affonso, o teria satisfeito. Se ainda não existia certa desavença, litteraria ou pessoal, entre o Sabio coroado e o pobre escudeiro, ella devia nascer d'este mesmo frouxissimo louvor.

Os testemunhos da inimizade subsistem. Abusando da sua altissima posição e esquecendo a sua dignidade, o filho de S. Fernando e de D. Beatriz vingou-se ignobilmente dos agravos ou desacatos commettidos por Pero da Ponte, quaesquer que elles fossem. Em dois dizeres diffama-o, ridicularizando o ambicioso *Don Pedro,* com virulencia raras vezes excedida, tratando-o de bebado, ladrão, assassino, descrente e traidor provado (**CV 68** e **70**), sem se lembrar que a demasia destroe o efeito. Eis o que diz:

> E con dereito seer enforcado
> deve Don Pedro porque foi filhar
> a Coton, pois lo ouve soterrado,
> seus cantares, e non quis en[de] dar
> un soldo pera sa alma quitar
> sequer do que lhi avia emprestado.
> E por end' é gran traedor provado
> de que se ja nunca pode salvar,
> come quen a seu amigo jurado,
> bevendo con ele, o foi matar,
> todo polos cantares d'el levar,
> con o que anda oje arrufado.
> E pois non á quen-no por én retar
> queira, se(e)rá oymais por mi retado.[3])

---

1) A respeito de versos em que poetas provençaes celebraram Alfonso, veja-se o nosso Cap. VIII.

2) Vid. Th. Braga, *Canc. Vat. Rest,* p. XXXVI e Salazar na *Rev. Critica* l. c. Ambos pensam que Pero da Ponte exalçou *condignamente* o novo rei.

3) No principio julgo deva lêr-se

> *Pero da Pont' á feito gran pecado*
> *de seus cantares que el foi furtar*
> *a Coton . . .*

e não *ha senhor gran pecado,* como escreveram Varnhagen, Braga e Lollis; nem tão pouco *feço gran pecado* com Salazar (*Rev. Crit.* II, 299). No

Um tanto reduzidas pelo proprio principe, que substitue no meio da cantiga o vocabulo *furtar* por *herdar*,[1]) as calumnias dos invejosos, acolhidas e repetidas por D. Alfonso, cifram-se no seguinte: Pedro, valente bebedor, havia provocado o idoso companheiro Affons' Eannes do Cotom a excessos bacchicos que occasionaram a sua morte. E sem rezar pela sua alma, documentando algum reconhecimento ao amigo que em vida lhe havia prestado serviços, e na morte lhe legara as alfaias e o seu espolio poetico, o herdeiro pouco escrupuloso ia servindo-se d'esses haveres, avantajando assim a sua condição social.[2])

Em outra cantiga, chronologicamente anterior, a meu vêr, Alfonso, depois de alludir tambem á bebedice do segrel, amesquinha a sua arte de trovar, censura os irreverentes exageros no pranto sobre Tell' Affonso,[3]) ou heresias peores, contidas em coplas hoje perdidas:

e ben vej' ora que trobar vus fal,
pois vos tan louca razon cometestes.

Inculpando-o de não poetar segundo as regras dos mestres provençaes, exclama:

vos non trobades come proençal,
mais come Bernaldo de Bonaval,

documentando que, persuadido da excellencia do estylo estrangeiro, não achava digno de elogios o do modelo citado.

---

apographo italiano temos, segundo Monaci: *Pero da ponta fiō.* — Quanto a **CV 70**, 19—20 veja-se p. 452, nota 4.

1) E por én foy Coton mal-dia nado
pois Pero da Pont' *erda* seu trobar
e muy mais lhi valera que trobado
nunca ouvess' el, assi Deus m'ampar,
pois que se de quant' el foi lá *erdar*
serve Don Pedro e non lhi da én grado.

2) Segundo Alfonso X, o herdeiro de Cotom andava *bem vestid' e onrado.* — Th. Braga deu aos versos do monarca interpretação muito diversa, mas nada convincente, a qual, de resto, já foi repudiada por Lollis (*Stud. Fil. Rom.* IV, 58). Elle distingue entre Pero da Ponte, nomeado na primeira estrophe e o D. Pedro da segunda e terceira, sem se lembrar que os magnates gostavam de caçoar de humildes jograes e segreis, dando-lhes o titulo de *Dom* (**CV 984**, **985**, **987**, **1034**, **1135**, **1149**). Além d'isso, procura em D. Pedro o turbulento infante, filho de Sancho I e cunhado de Alfonso IX, confundindo-o ainda com o irmão da Rainha Santa. No mesmo logar, Braga rebate conjecturas enunciadas por Varnhagen (*Novas Paginas,* p. 379), as quaes não merece a pena repetir.

3) **CA 10326—10328**.

§ 284. Seria por isso mesmo importantissimo conhecermos exactamente os caracteristicos de fórma e de essencia da arte caseira de Bernaldo de Bonaval, tanto mais que alguns criticos[1]) propendem a procurar nelle não só um dos mais antigos, mas o primeiro entre todos os trovadores gallaïco-portugueses,[2]) ou pelo menos o introductor nos paços regios de modinhas populares como os cantares de amigo sobre romarias de donas. Deixando para outro capitulo este melindroso problema, direi apenas que infelizmente o pouco que possuimos de Bernaldo de Bonaval é insufficiente para determinarmos a sua influencia em Pero da Ponte.

Conhecemos d'elle um *jogo enamorado* com Abril Pires (o velho de Lumiares, fallecido, conforme contei, em idade avançada em 1245[3]) em que este neto de Affonso Henriques trata mal o humilde homem do povo, indignado por elle ter ousado comparar a sua propria paixão com a do magnate (**CV 663**). Além d'isso restam d'elle tres cantigas amorosas de mèstria, duas das quaes se movem em octonarios, sendo uma de medida grande, com rimas graves e agudas (**CV 653**, **655**, **661**), quatro balletas, de refram, sendo metade de amor (**656** e **662**) e metade de amigo (**727** e **729**); e nove *cantarcilhos* em disticos, um dos quaes é encadeado (**728**), sobre assumptos de amor, sahindo em parte da boca do namorado (**657**, **659**, **660**).

---

1) Canello nos seus *Ensaios* (*Saggi*, p. 234) mostra tê-lo em conta de um dos fundadores da *primissima scuola poetica provenzaleggiante*, e fixa, ainda assim, a sua florescencia cerca de 1250. — Lollis (l. c. 39 e 41) estabelece com relação á unica poesia datavel, o prazo: anterior a 1245. Lang **CD**, p. XXVIII repete a mesma affirmação.

2) A cantiga **CV 653** apparece encabeçada com a rubrica seguinte: *E enesta ffolha aderant sse começam cantigas de amor pª myta trobador vernal de Bonaual.* Conforme já deixei dicto no Cap. I. § 53, Colocci interpretou *primeiro trovador* e lançou esta nota no *Indice.* Canello propôs a leitura *o muy antigo trovador.* Braga voltou á concepção de Colocci. Mais conforme com a paleographia e tambem com o modo de dizer dos cancioneiros parece-me: *primeiramente [do] trobador Bernal de Bonaval.* Confiram as epigraphes da cantiga **CB 2**, p. 6 e a de **CV 227**. O logar dado a Bonaval nos Cancioneiros *á frente de algumas duzias de jograes,* parece indicar que o compilador o considerava como um dos mais antigos que se metteram a poetar. E realmente quem trocava versos de amor com o Velho de Lumiares, sendo insultado por Ayres Perez Vuiturom (**CV 1186**) e por Pero da Ponte (**1175**) por causa de velleïdades amorosas, manifestadas em idade bastante senil, pertence pelo menos ao grupo dos trovadores pre-alfonsinos. O titulo *segrel* foi-lhe adjudicado pelos tres poetas que ainda agora nomeei: nas cantigas **CV 1186**, **1175** e na **663ª**, onde por troça o apostropham *Don Bernaldo.*

3) Vid. § 203.

Os restantes, verdadeiros *cantares de amigo* (**726—733**) em que se menciona a terra natal do poeta (**727**, **730**, **732**) e a sagração de uma capellinha, constituem a parte mais notavel do seu haver, mesmo se a concepção que o considera como iniciador do genero não fôr verdadeira.

Em todo o caso falta á sua obra a unidade necessaria para caracterizar uma escola artistica. O *jogo enamorado* é de origem provençalesca; as balletas são um genero francês; e sómente os disticos ostentam formas tradicionaes. Quanto aos rhythmos e eschemas estrophicos é facto que as canções de mèstria empregam typos bastante archaïcos, usados p. ex. por Sandim e Somesso, mas nada ha nellas que indique precedencia e primazia.[1])

Á procura das peculiaridades que Pero da Ponte possa ter imitado, desagradando a Alfonso X, busquei na obra do mestre irreverencias hereticas, mas apenas encontrei na cantiga **CV 661** umas queixas muito moderadas contra a providencia, por causa de uma dama feiticeira:

a que mi Deus non ouver' a mostrar
u mi a mostrou por meu mal . . .

O *jogo enamorado* (**CV 1186**), torno a repeti'-lo, é de origem estrangeira[2]) e devia portanto satisfazer o monarca. O que pode ter motivado as accusações d'elle cifra-se portanto no assumpto e na redacção dos cantares de amigo, ainda então pouco usados, a não ser que fossem totalmente desconhecidos, *na côrte castelhana.*

§ 285. Ainda então. Mas quando?

Os que até hoje se occuparam dos versos profanos do Sabio de Castella não examinaram a questão, se os seus versos de amor e as suas chufas de maldizer, incluindo os libellos de desafio, vibrados contra Pero da Ponte, são obra do *rei* ou do infante; tão convencidos estão de que só depois de empunhar o sceptro em

---

1) Canello, encontrando em alguns decassyllabos de Bonaval uma syllaba supranumeraria (**CV 661**, 1 e 3; **657**, 1 e 2), concluiu que, não sabendo ainda metrificar segundo as regras, o segrel galliziano imitava inconscientemente o verso epico dos provençaes, guiado pela poesia popular de França, ou pela de Portugal e Galliza. E pensa mais que só D. Denis e os trovadores da sua escola aprenderam a medir bem o decassyllabo lyrico — hypothese que o estudo das cantigas não confirma.

2) Uma contenda entre Pedr' Amigo e João Baveca (**CV 826**) é o terceiro *jogo partido* e *namorado* que possuimos.

1252 é que o filho de S. Fernando se arvorou em protector da arte.[1]) Eu francamente acho pouco provavel que um poeta fecundo, facil e erudito, da sua envergadura, em posição privilegiada, avançasse até ao *mezzo del cammin di nostra vita,* sem poetar, esperando pelo momento em que a faina do governo, os sonhos imperiaes (1257—1275), a sua actividade legislativa (1252—1276), as obras scientificas que redigiu ou mandou redigir, e os encargos de familia o occupariam, para só então compôr versos de amor, escarnhos dissolutos, sirventeses bellicos, de mistura com hymnos á Virgem e narrações de milagres. Muito mais natural me parece datarmos da sua juventude e dos annos em que o pae se comprazia em escutar *homens de côrte que soubessem trovar e cantar bem,* a parte erotica e satirica da sua obra.[2]) Visto que a notavel precocidade peninsular produziu sempre e continua a produzir vultos de engenho e talento que iniciam a sua carreira poetica e amorosa como mancebos de barba pungente, de quatorze ou quinze annos, um principe dos mais intelligentes, nascido em 1221, bem pode ter amado, odiado e versejado de 1237 em deante.

§ 286. Fechado este parenthese, tentemos fixar a epoca em que Pero da Ponte floresceu. Conforme expliquei, ha seis composições suas que se referem ao reinado de Fernando III. Uma d'ellas prova que em 1252 estava vivo e são. Assignar-lhe-hemos por tanto um posto, e posto prospicuo, no meio dos trovadores prealfonsinos, entre aquelles mesmos homens de côrte em cujas trovas o pae do Sabio se deliciava, collocando-o todavia proximo dos que continuaram a distinguir-se depois de 1252.[3]) Se os insultos dirigidos contra a Balteira, ou por outra, se a gloria palaciana d'esta Laïs recahir no anno 1257, ou nos immediatos, a cantiga **CV 1176** documentava que, apesar da inimizade do reinante, o segrel vivia addido á côrte, secundando-o até em empresas juvenalescas. Mas a chronologia do caso é duvidosa, como demonstro

---

1) Jeanroy assenta p. ex. o seguinte: *pour qu'il ait pu avoir des relations poëtiques entre Alfonse X et Pero il faut que celui-ci ait été assez jeune lors de la mort de Béatriee en 1236* (*Origines* 337).

2) Da parte satirica excluo os masculos sirventeses bellicos (**CV 74, 77, 79, 69**) e alguns cantares de maldizer (**68**) que julgo compostos cerca de 1265, conforme mostro em outro logar. — *Randglosse* VI.

3) Pedr' Amigo, João Baveca, e outros poetas alfonsinos, que vemos escarnecer da Balteira, deviam ser novatos na occasião.

em outro escrito meu. Duvidoso tambem, qual seja o monarca, cuja sentença em materia de arte, os contendores da tenção **CV 1186** reclamaram.[1])

Todos hão de concordar, pelo contrario, em que o conquistador da Andaluzia deve ser o rei em cujas hostes o escudeiro foi servir, sahindo novo ainda da sua patria. A este respeito posso indigitar mais um testemunho valioso.

Numa cantiga fragmentaria (Nº **1148** do Cancioneiro Vaticano) um dos Redondos, allude á tomada de Jaen, com o fim evidente de motejar do vestuario modesto e çafado de Pero da Ponte. O texto deturpado diz pouco mais ou menos:

> Pero da Ponte, ou eu non vejo ben,
> de pran, [ou] a vossa calça (?) non é
> a que vos antano, per bõa fé,
> levastes quando fomos a Geen.[2])

Em outro escarnho, que segue immediato ao de Redondo, Affons' Eannes do Cotom, que já ouvimos mofar da pobreza de Pero, menciona aquelle *mouro* João Fernandes sobre o qual se desencadeara, em 1241, ou pouco depois, a saraivada de improperios a que tive de alludir varias vezes, ao fallar de Ruy Gomes de Briteiros, Martim Soares[3]) e João Soares Coelho. Alinhando-o a elle e a si proprio na categoria dos *mal-talhados*, dá porém a palma a Pero da Ponte, chasqueando da sua triste figura:

> A mi dan preit' — e non é desguisado —
> dos mal-talhados e non erran i;
> Joan Fernandes, o Mour', outrossi
> nos mal-talhados o vejo contado.
> E pero mal-talhados semos nos . . .
> o que visse Pero da Pont' en cos,
> semelhar-lh' ia muy peor talhado.[4])

As relações com Bonaval, attestadas tanto pelas palavras de Alfonso X como pela satira de Pero ás velleidades amorosas do velho

---

1) *Julgue-nos el rey* (l. 24); *praz-mi que nos julgu' el rey* (l. 38). Em todo o caso lembrarei que o conquistador de Sevilha chamou para a côrte que lá estabeleceu, *litteratos e homens doutos*. — *Chron. Ferdinandi*, § 116 (apud Schirrmacher I, 420, nota 3).

2) Nem Braga, nem Lollis souberam traduzir as lettras *agẽe*. — Cf. mais acima p. 322 nota 10; p. 387 n. 1 e 424 n. 3.

3) Martim Soares encontrou-se de certo com Pero da Ponte, visto haver nos versos do primeiro allusões a factos e a pessoas conhecidas do ultimo. — **CV 975**: João Fernandes; **967** Jaen; **CA 396** Soeir' Eannes; **CV 966** Cotom.

4) **CV 1149**.

collega,[1]) assim como o trato com Affons'Eannes do Cotom, já finado quando o supposto herdeiro foi desafiado,[2]) não contradizem; confirmam, pelo contrario, os meus calculos e a supposição de já ter poetado antes de 1230 quem de 1235 em deante mostrou a sua pericia na côrte castelhana.

Chronologicamente seria pois possivel que visitasse tanto o velho Leonês, encontrando-se com Sordello e outros trovadores de fóra-parte, como tambem o ultimo Sancho de Navarra. Em theoria, o segrel — *trovador de todas as côrtes* — segundo a definição do Castelhano, devia mesmo cavalgar de castello em castello, e de cidade em cidade através da peninsula inteira, do Atlantico ao Mediterraneo, da Andaluzia até aos Pyreneos, entrando em relações com gallegos e portugueses, gente de Leão, castelhanos, aragoneses, navarros, provençaes e Mouros da Andaluzia. Mas na realidade apenas sabemos de viagens suas por Castella, com estação em Segovia (**CV 1167**), Toledo (**1187**), Burgos (**1180** e **1163**), Carrion **1163**, **1166**;[3]) e por Navarra, onde entrou em Alfaro (**1169**), Olite (**1171**, **468**, **512**) e Ayvar (**1171**), hospedando-se em casa de um veterano das Navas de Tolosa, se o nome D. Xemeno (de Ayvar) não me engana.[4]) Ignoramos se levou pessoalmente a Valença o hymno em que cantou a *valença* de D. Jaime. Ignoramos tambem se o viram na côrte de Sancho Capello ou do Bolonhês.[5]) A falta de nomes portugueses não implica necessariamente a sua ausencia. As allusões a uma pragmatica real sobre o vestir das differentes classes sociaes na cantiga **CV 1169** nada determina.[6]) Se as explico pelos decretos de Affonso III (1258),[7]) procedo assim unicamente por não possuir

---

1) **CV 1175**.

2) Entre a morte de Affons' Eannes do Cotom (occorrida depois de 1241) e o desafio del rei mediou pouco tempo, a meu vêr, e não muito, como opina Lollis. Só actualidades serviam de assumpto aos trovadores.

3) Affons' Eannes do Cotom costumava residir nas mesmas regiões. Na cantiga de amor **CV 555** elle declara quaes as suas jornadas usuaes:

de Castr' a Burgos, e end' a Palença,
de Palenç' a Carrion e end' a Castro.

4) Argote de Molina, *Nobl. Ant.* I, c. 39 e 40; Salazar, *Dignidades,* p. 74.

5) Th. Braga affirma a assistencia de Cotom e Da Ponte na côrte do Leonês e na de Affonso III (*Canc. Vat. Rest.*, p. XXVIII) — sem adduzir prova alguma.

6) Cf. **CV 1103**.

7) *P. M. H.: Leges* 190, 196, 200, 209.

elementos sufficientes sobre os que em Castella e Leão e na Catalunha foram promulgados anteriormente.

O nome Garcia Martins, seu contendor no jogo enamorado, tão pouco nos pode servir de guia.[1]) Lang quer identificá-lo com um afamado commendador de Leça do Bailio, vivo segundo elle em 1252,[2]) mas não encontro argumentos a favor da hypothese.[3]) E de Sueir' Eannes, o trovador cujos versos extraviados de feitio popular foram apoucados á compita por Pero da Ponte (**CV 1170, 1179, 1184**), Affons' Eannes (**1117**) e Martim Soares (**965**), nem mesmo conhecemos a nacionalidade.[4])

Nos versos de Pero ha provas do estudo da arte provençalesca, malgrado as accusações de Alfonso X. Noto alguns provençalismos de linguagem, como o emprego do adverbio *lay*,[5]) e o substantivo *drudo;*[6]) mas esses não lhe são peculiares.

XXXVI. Vaasco Rodrigues de Calvelo.

§ 287. Ha um pequeno logar Calvelho na provincia de Orense[7]); outro no Norte de Portugal, em terras de Penela;[8]) e ainda outro

---

1) Conhecendo nove fidalgos coevos do mesmo nome, não me posso decidir a favor de nenhum.

2) **CD** p. XXIX, n. 8 onde Lang nos remette á *Mon. Lus.* IV, 428. — Não encontro passagem alguma na obra de Brandão que documente a existencia de G. M. no anno indicado. — Vid. a nota seguinte.

3) Prior da Ordem do Hospital em 1297 (e ainda em 1302, mas subindo posteriormente á dignidade de commendador-mór dos cinco reinos de Hespanha) Garcia Martins, chamado o *Santo Commendador* por causa da sua vida exemplar, mal pode ter sido companheiro de um segrel já adulto em 1236, vilipendiado como bebado, ladrão, assassino, e descrente por Alfonso X, e que nas suas coplas de diffamação se revela como um dos maldizentes mais desbragados do seculo.

4) Lollis imagina que Sueir' Eannes tomou parte na cruzada de 1269. Tambem o considera collaborador da cantiga **CV 1117**, a qual na realidade, foi dirigida contra elle por Affons' Eannes do Cotom. — Cf. *Randglosse* I, 29 e 31 e a *Nota* relativa ao nosso Nº **395**.

5) **CV 1170**, em rima com *vay*. — Braga, *Canc. Vat. Rest.*, p. LV quer reconhecer na expressão *tan mal e tan lay* o substantivo *lais*. Fundando-se na supposição que o genero bretão era usado na côrte aragonesa, assenta que Pero da Ponte visitou aquelle reino. O facto da sua passagem por Aragão pode ser verdadeiro, como digo no texto, mas a motivação é seguramente inconsistente.

6) **CV 1173**. — *Drudo e drudaria* foram acolhidos na linguagem palaciana, sendo por isso utilizados nos livros genealogicos.

7) Pertence á freguesia de Santiago de Couso.

8) *P. M. H.: Inquisit:* 24, 101, 181 e 225. Era couto de Santiago da Galliza.

no Minho.[1]) O nome parece de fidalgo, mas não consta dos nobiliarios.[2]) As suas obras não revelam cousa alguma da sua existencia. São dois cantares de amigo, com queixas doridas de uma filha contra a crueldade da mãe (CV 436—437 = *Ind.* 850—851); e onze de amor (*Ind.* 991—998 = CV 579—587 e CA 293—302). Oito d'ellas encontram-se tanto no codice membranaceo como nos apographos italianos, embora a ordem seja diversa. Privativa do nosso cancioneiro é apenas a cantiga **299** e o fragmento **302** que, de curto que é, não admitte commentarios; privativa do **CV** a cantiga **587**, passada por mim ao *Appendice* XVIII (**CA 467**). Todas ellas são balletas de refram, conforme o systema francês, com tres coplas, munidas de remate (*fiinda*).

XXXVII. Desconhecido VI: talvez Martin Moxa.

§ 288. As reflexões pessimistas sobre a desmoralização do mundo, expressas na nossa cantiga **306**, trouxeram-me á lembrança uma paraphrase do biblico *κοσμὸς πονηρός*, attribuida no **CV** a Martim Moxa. Relendo o alludido sirventês (**473**) e os de mais versos do mesmo trovador, descobri entre elles uma composição que corresponde, palavra por palavra, com leves variantes, á segunda da secção, classificada por mim, como obra de um *Desconhecido* (VI). É a que interpella o Amor e se distingue pelo extenso e acabado do refram — quadra tão perfeita, que poderia passar por obra de um poeta de hoje. (**CA 307 = CV 480.**)

Esta identidade, que escapára apparentemente a todos, auctoriza-nos a attribuir a Martim Moxa a secção inteira, visto não contêr, nem na forma nem nos pensamentos, indicio algum que a contrarie. Ha até um pormenor que reforça a minha hypothese. Nos apographos italianos segue o cancioneirinho de Roy Fernandes de Santiago, e o mesmo acontece no codice português.

§ 289. Quem foi Martim Moxa? Ainda que nada mais soubessemos d'elle, foi trovador de talento, o Peire Cardenal da poesia gallego-portuguesa, serio e pensativo, amigo de discorrer sobre questões especulativas e de moral, de modo mordaz e sarcastico; cultor tambem de generos artisticos, que se encosta ás vezes a

---

1) *Inquis.* 478 (Lavra).

2) A madrasta do poeta Fernam Fernandes Cogominho I chamava-se D. Mor Martins de Calveio (*Script.* 306).

notaveis modelos estrangeiros como o sirventês, o sirventês-canção e o descordo, tão pouco usados em Portugal.

Destrinçar a sua nacionalidade, a época e o meio onde floresceu, as suas relações litterarias, a classe social a que pertencia, é comtudo especialmente difficil. Jeanroy o classifica como um dos poetas mais antigos, o que segundo o seu modo de ver significa que floresceu perto de 1252.[1]) O erudito professor de New-Haven pretende collocá-lo no segundo quartel do sec. XIII, em tempo de Sancho II,[2]) emquanto eu, ainda sem saber que poesias suas se encontravam no **CA**, votando por data muito posterior, o enfileirei entre os trovadores dionysios, dando por quasi certo que ainda era vivo em 1330.[3])

Agora ao revêr o processo todo, não sei decidir-me.

A exploração cuidadosa das poesias alheias que lhe dizem respeito, assim como das que subsistem da sua lavra, e que de certo não representam o seu peculio inteiro,[4]) habilita apenas a estabelecer o seguinte.

De uma longevidade excepcional, que o assemelha ao seu modelo, o centenario Peire Cardenal, mestre no sirventês moralizante,[5]) a actividade de Moxa prolongou-se durante varios decennios, quer fosse de 1225 a 1280, quer de 1270 a 1330.[6]) Estacionava ora em Portugal, ora em Leão e Castella. Foi talvez clerigo e por ventura aragonês.

§ 290. Indo por partes, assentemos primeiro a sua longevidade, consultando as cantigas alheias que se occupam d'elle. Na primeira (**CV 470**), um jogral gallego-leonês, Affonso Gomes de

---

1) *Origines*, p. 316.

2) Lang, **CD** p. XXIX e *Mod. Lang. Notes* X, 217. — Cf. Id. *Descort.* 6—7.

3) *Zeitschrift* XIX, 584, 590 e 615; *Grundriss* II^b, p. 190.

4) O **CA** carece de quatro ou cinco cantigas que enchiam provavelmente a folha arrancada antes da 85ta. Na Cantiga **306** ha referencias a versos que faltam.

5) Na biographia d'este provençal (N° 96) lê-se: „*E ieu maistre miquel de la tor escriuan fauc a saber quen peire cardinal quan passet daquesta uida quel auia ben entorn de sent ans.*"

6) A actividade poetica de Peire Cardenal abrange apenas dois decennios (1210—1230) e a de Folquet de Marselha menos ainda (1150—1195), comquanto vivesse até 1231. Ha todavia outros trovadores que poetaram durante quatro, cinco ou mais ainda: p. ex. Guiraut Riquier, de 1254—1294; Peire de Alvernhe, de 1155—1215; Gaucelm Faidit de 1190—1240; Aimeric de Pegulhan de 1205—1270. — *Si vera est fama.*

Sarria,[1]) allude á verde velhice do Mathusalem português, e aos seus filhos barbados. Não contente de preguntar, se estava lembrado do Almançor, accrescenta:

¿quanto nascestes vos ant' a saxon
que encarnou Deus en Santa Maria?

attingindo o cúmulo do exagero hyperbolico, affirmando que Moxa devia saber

muy ben quando nasceu Adan et Eva.

Importa fixar quando floresceu o auctor d'estes motejos. Entre 1245—1248, a serem certos os calculos de Lang. Segundo elle, escondem-se em outra poesia do mesmo jogral (**CV 471**) referencias á anarchia que originou a deposição de Sancho II.[2]) E realmente não se póde negar que quadrem bem ás scenas de desenfreamento que se desenrolaram de 1223 a 1245, as queixas e censuras do poeta. A allusão ao *antichristo* irmana até com outra igual de D. João Soares Coelho,[3]) a allusão a raptos com a satira de Martim Soares sobre as netas de conde e o crime de Ruy Gomes de Briteiros. Comtudo podia-se objectar 1° que allusões ao antichristo eram vulgarissimas durante toda a idade media;[4]) e 2° que em vida do Leonês, nos ultimos annos de Alfonso X, durante todo o

---

1) *Ao*, como o prenome se acha escripto, é abreviatura de *Affonso* na rubrica que accompanha a cantiga **CV 927**. — Não ha meios de estabelecer se a povoação natal do juglar é Villa Nova de Sarria, situada ao sul de Lugo, no riozinho do mesmo nome que leva as suas aguas ao Minho, fundação do Leonês Alfonso IX (Luc. Tud., em Schott IV, 110) que ahi findou os seus dias (Rod. Tol. IX, c. 14; o Tudense l. c. 112, falla de Villa Nova de Zemos), porque ha na Galliza mais de um Sarria e Sarriá. — A respeito do condado ou da tenencia de Sarria, combinada de 1126 a 1228 ora com a de Montenegro e Monte verde, ora com a de Trastamar, ora com a de Lima, consulte-se Gama Barros I, 128. — Em 1219 quem governava *Limiam et Sarriam* era o portugues D. Martim Sanches.

2) É tudo quanto subsiste.

3) A cantiga de Alvar Gomes, jograr de Sarria, principia:

Per como achamos na santa scriptura
o antichristo ora seerá na terra.

Na de Coelho (**CV 1013**), que encerra referencias claras aos Tartaros e á batalha de Cortenuova, lemos

E se non foss' o antichristo nado,
non averria esto que avén.

Cf. § 244.

4) Sem fazer resenha das que podia apontar na litteratura provençal, peço ao leitor que leia certa cantiga alegre do Conde D. Pedro de Portugal, composta perto de 1300 (**CV 1041**).

reinado de Sancho IV, na turbulenta menoridade de Fernando IV, e ainda em dias de Alfonso XI, houve em Castella tantas defecções de principes e ricos-homens, guerras civis tão continuadas, que igualmente bem lhes cabem e quadram as palavras do sirventês:

En cada parte vej(o) avolver guerra
e fazer mal con mengua da justiça;
e na gent' é tan grande a cobiça
que non á bon conselho nen mesura,
ca non leixan espital nen egreja,
romeu nen dona nen ome fidalgo,
nen ome d' onra, por bõo que seja,
que non desonren por levar d'el algo!
Forçan molheres . . .

A uma epoca muito tardia pertence a segunda cantiga de escarnho, relativa a Martim Moxa, embora indirectamente. Seu auctor, o escudeiro João de Gaia, versificou na côrte de Alfonso IV em vida do Conde de Barcellos († 1354) e de D. João Affonso de Albuquerque, valido do Justiceiro de Castella.[1]) O curioso joguete que nos interessa aqui e serviu para convidar ironicamente a um prelado, offerecendo-lhe, além de bons acepipes „cantares de Martim Moxa", data de perto de 1330, não podendo ser anterior a 1328. Pela rubrica que o acompanha, sabemos que o magnate ecclesiastico, satirizado por causa de seus olhos verdes de traidor, e da vermelhidão da cara, que o accusava de gastronomo e amador de vinho, governou em Viseu como bispo, comquanto fosse natural de Aragão.[2]) Nestas condições ha um só, privado de Affonso IV, D. Miguel Vívas,[3]) cuja influencia excessiva na côrte portuguesa levou os maldizentes a desenhar a sua figura antipathica em varias cantigas. Uma, do escrivão de puridade Estêvam da Guarda, seu compatricio, apresenta-o como conselheiro intimo, a cujos rogos El Rei elevou a

---

1) **CV 1058.** Torno a lembrar que da epigraphe consta ter sido composta pouco antes de 1325, quando Affonso IV ainda era infante, D. João de Albuquerque adulto, tendo já o Infante D. Pedro o titulo de Conde de Barcellos que lhe foi dado em 1314. — Cf. § 350.

2) **CV 1062** . . . *e foi feita a un bispo de Viseu, natural de Aragon, que era tan cardeo come cada ũa d' estas cousas que contan en esta cantiga, ou mais, et apoinhan-lhe que se pagava do vinho.* As cousas roxas comparadas ao nariz de pimentão do prelado são: panno de escarlata; frutas como berengelas, figos çofeinos, amoras de silveira e de amoreira; e flores como a rosa bastarda.

3) *Vívas*, hoje *Víves*, com *Sempre-vivas* no brasão fallante.

cavalleiro um villão rico, casado com uma sua parenta.[1]) Outra, contra os favoritos do rei, é do Conde de Barcellos.[2])

A carreira ecclesiastica e politica de D. Miguel Vívas póde, de resto, ser documentada amplamente. Ainda em vida de D. Denis bandeára-se no partido dos que instigavam o herdeiro da corôa contra o pae e contra seu bastardo predilecto, Affonso Sanches. A Rainha D. Isabel nomeou-o executor das suas ultimas vontades, tanto pelo seu testamento de 1299, como pelo de 1327.[3]) Neste anno occupára o cargo proeminente de chanceler de Affonso IV. Em 1330 foi eleito Bispo de Viseu. Costuma-se datar a sua morte de 1335. Mas o que consta é apenas que o seu predecessor na Sé, D. Gonçalo II, falleceu a 21 de Março de 1328 e que o successor D. João II a governava em 1360.[4]) Sua naturalidade, as relações com Estêvam da Guarda e a confiança que a Rainha Santa nelle depositava, fazem suppôr que veio em 1282 entre os pagens do seu sequito,[5]) ou em 1297 com seu irmão D. Pedro de Aragão.

Ignoro quaes fossem os cantares de Martim Moxa, allegados por João de Gaia com o fim de ameaçar ou seduzir o prelado aragonês. A tenção em que fustiga a cubiça e venalidade dos privados? O *descordo* em que censura a falta de franqueza e deslealdade da clerezia?

ca pois franqueza
e proeza
venceu escasseza,
non sei que pensar;

1) CV 927. *Esta cantiga foi feita a un villão rico que auia nome Roy Fafes e feze-o el rey don A[ffons]o, filho del rey don Denis, cavaleiro, a rogo de Miguel Vívas, Eleito de Viseu, seu privado, porque casou con ũa sa sobrinha e era calvo, e el empero fez un capeiron grande de marvy con penaveira* e *con alfreses, aberto por deante e anchava-se pelas costas e pelos ombros todo arredor e debruou-o encima da calva con penaveira.*

2) CV 1038. *Esta cantiga foi feita a Miguel Vívas que foi Enleito de Viseu et a Moniz Lorenço de Beja.* — Este Moniz é chamado Gomes nos nobiliarios. —Vid. *P.M.H.: Script.* 204, onde se lê uma apostilla caracteristica sobre este *vogado e vilão: E este Gomes Lourenço de Beja foy o que meteo quanto mal e quanta [peçonha?] pode ant[r]e el Rey don donis de portugal, a que deus perdoe, e o infante don afonso seu filho que depois foy rei.*

3) *Mon. Lus.*, Liv. VIII, c. 10; *Hist. Gen.: Provas* I, 121.

4) Vid. *Diss. chron.* V, 203; *Cat. Bispos de Viseu* nas *Mem. Acad. Hist.* 1722 No 5 e 6 e 1726, p. 37, assim como nos *Dialogos* ms. de Botelho, o *Dial.* IV, c. 16: Do Bispo D. Miguel Vivas.

5) Figanière, *Rainhas de Portugal*, 289. — *Mon. Lus.* XVII, c. 29. Ha quem o faça descendente de villões do Minho, mas sem justo motivo.

vej' avoleza,
maleza
per sa sotileza
o mundo tornar.
Ja de verdade
nen de lealdade
non ouço falar,
ca falsidade,
mentira e maldade
non lhe[s] dan logar . . .
Louvamĩantes
e prazenteantes
an prez e poder; . . .
vej' achegados,
loados,
de muitos amados
os de maldizer (**CV 481**).[1])

Seria o sirventês contra a decadencia do mundo? Ou então especies perdidas, destinadas a serem cantadas *inter pocula?*

Outra questão de muito mais importancia para nós é se se trataria de cantigas velhas, de um auctor finado, já encorporadas no repertorio selecto dos jograes? ou de novidades, sahidas de fresco da officina do trovador?[2]) E se por acaso Martim Moxa (aragonês como Miguel Vivas e Estêvam da Guarda?) fôra um dos familiares da casa do bispo?[3]) Infelizmente só posso responder com duvidas a estas preguntas.

Da terceira poesia que nos informa d'elle (duas estrophes, lançadas e copiadas juntamente com os versos de Moxa) infere-se, pelo menos, que era clerigo, o que não obsta, de modo algum, a que fosse além d'isso trovador[4]) e pae de familia.[5])

---

1) Este poema moral cinge-se, de perto quanto ao eschema metrico, a outro de D. João Soares Coelho. — **CV 1025**.

2) Assim o entendia eu em 1895. — Vid. *Zeitschrift* XIX, 590.

3) A construcção não deixa ver claramente se as palavras *Comede migu' e diran-vus Cantares de Martin Moxa* são attribuidas ao bispo ou ao escudeiro.

4) Em outro logar citei os paragraphos das decretaes clementinas contra os clerigos-jograes, assim como as disposições de Alfonso X nas *Sete Partidas.* Aqui lembrarei as palavras do monarca sobre um clerigo-trovador de Alemquer, mui privado de D. Sancho de Portugal: *que sas cantigas fazia d'escarnho mais ca d'amor* (**CM 316**).

5) **CV 470**: *Nem outrossi de ter filhos barvados — Non vus o acho i por pecador.* — Entre os clerigos-trovadores mais de um cultivou o *sirventês moral.* Recordarei apenas o de Ayras Nunes **CV 455** que diz:

E diz:

De Martin Moxa posfaçan as gentes
e dizen-lhe por mal que é casado;
non lh'o dizen senon os maldizentes ...
ca o vej' eu assaz om' ordinhado
e mui gran capa de côro trazer
— — — — — — — —
— — — — — — — —
E posfaça d' el a gente sandia,
e non o fazen se non con maïça,
ca o vej' eu no côro cada dia
vestir [a] capa e sobrepeliça etc.[1])

§ 291. Mas quem nos afiança que com esta curiosa cantiga não nos aproximámos já das composições do proprio Moxa, o qual imitando o Monge de Montaudon[2]) teria a rir fallado mal de si proprio, defendendo-se ao mesmo tempo, e dando quinau aos Catões de então?

Porque no mundo mengou a verdade,
punhei un dia de a ir buscar;
et u por ela fui [a] preguntar
disseron todos: „alhur la buscade,
ca de tal guisa se foi a perder
que non podemos én novas aver,
nen ja non anda na irmãidade."
Nos mõesteiros dos frades regrados
a demandei, et disseron-m' assi:
„non busquedes vos a verdad' aqui,
ca muitos anos avemos passados
que non morou nosco, per bõa fé,
[nen sabemos ond' ela agora esté]
e d' al avemos maiores coidados."
E en Cistel u verdade soía
sempre morar, disseron-me que non
morava i, avia gran sazon,
nen frade d' i ja a non conhocia,
nen o abbade; outrossi (no) estar
sol non queria que foss' i pousar,
et anda ja fora da [ab]badia.
En Santiago seend' albergado,
en mia pousada chegaron romeus;
preguntei-os et disseron: „par Deus,
muito levade-lo caminh' errado,
ca se verdade quiserdes achar,
outro caminho conven a buscar,
ca non saben aqui d'ela mandado."

1) **CV 504**.
2) Emil Philippson, *Der Mönch von Montaudon*, Halle 1873, Nº XI estr. 17.

Vejamos agora se nas obras que são suas, sem contestação, respigamos indicações mais precisas. Temos uma tenção fragmentaria, tambem em menoscabo dos privados. Mas contra o costume, os dois interlocutores não manifestam os seus nomes. Do facto de ella figurar no cancioneirinho de Moxa[1]), e tambem no de Lourenço[2]) devemos concluir ser obra de ambos, cabendo, salvo erro, a Moxa as estrophes 1 e 3 e as replicas a Lourenço, que costumava morar na côrte. Como já contei, este ambicioso e prendado jogral, coevo de Guilhade, Coelho, Pedr'Amigo, Pero Garcia e João Vasques (1274), passou de Portugal a Castella, começando a reinar D. Denis, ou, com mais probabilidade ainda, em dias de Affonso III. Pena é que a rubrica diga sómente: *esta cantiga de cima foi feita em tempo del Rey D. Affonso a seus privados,* sem accrescentar: *padre de D. Denis,* ou *filho de D. Denis.*[3]) Assim continua indeciso se foi composta antes de 1279, na côrte do Bolonhês, ou se Lourenço ainda vivia depois de 1325, em dias de Affonso IV. A ultima hypothese é muito menos verosimil que a primeira, a favor da qual podemos agora citar novamente o sirventês do jogral de Sarria.

Os versos dirigidos aos que morrem de amor (**CV 479**), talvez se entendam com Ruy Queimado e os que o secundavam. Mas mesmo aqui não ha certeza, porque[4]) em tempos de D. Denis e Affonso IV, muitos e muitos persistiram no mesmo costume, sem exclusão do rei-trovador.[5])

Recorrendo á ultima poesia, onde apparentemente ha que haurir esclarecimentos, ficamos mais perplexos ainda, deante da necessidade de ultrapassarmos o termo assente por Lang e Jeanroy, regressando ao reinado de Alfonso IX de Leão.

A satira virulenta a que me refiro diz assim:

> Maestr' Acenço, dereito faria
> el rei de vus dar mui bõa soldada
> porque fezestes ũa cavalgada
> sen seu mandad' a Roda noutro dia.

1) **CV 472.**
2) **CV 1036.**
3) Segue-lhe (em segundo logar) a Cantiga do Conde D. Pedro contra os privados Miguel Vivas e Moniz Lourenço de Beja.
4) **CA 142** e **143.**
5) Muito pelo contrario! No Cancioneiro de D. Denis occorre 169 vezes a formula *morrer* (ou matar) *de amor,* segundo o calculo do Marquês de Valmar.

Sen sa ajuda e sen seu dinheiro
fostes alá matar un cavaleiro
porque soubestes que o desservia.
  E se el-rei fosse ben conselhado,
maestr' Acenço, d'aquestes dinheiros
que lh' o demo leva nos cavaleiros,
parti-los-ia vosco, per meu grado;
ca non foi tal que a Roda entrasse
que cavaleiro da vila matasse
se non vos que iades desarmado.
  E do serviço que lh' avedes feito,
maestr' Acenço, non vus enfadedes.
Tornad' alá [e] ben baratar-edes.
e matad' outro, quando virdes geito,
ca se el rei sabe vossa demanda
e ouver paz d' este exec(o) en que anda,
arcediago sodes logo feito!
  E diss' el rei noutro dia, estando
u lhe falaron en vossa fazenda,
que vus quer dar Ardon en encomenda
porque dizen que sodes de seu bando;
mais se i jouver algun ome fraco,
dos vossos poos levad' un gran saco
et ir-se-lh' á o castelo livrando (**CV 503**).

De que rei se trata? de que guerra? e de que dinheiros mal gastos com cavalleiros cobardes ou desmandados? Quem é o principal apostrophado e apodado?[1]) maestre, ao que parece, não só em theologia, com pretensões a arcediago — posto opimo de onde não poucas vezes se passa a bispo — mas tambem em medicina,[2]) ou pelo menos, insigne na arte de matar, conforme resulta da allusão a um inimigo de que livrou o soberano, e ao saco de pós, por meio dos quaes havia de livrá-lo de varios adversarios, se outro castello fosse commettido aos seus cuidados? Não me consta. Não posso reconhecer ahi um ecco da luta fratricida entre Sancho II e o Bolonhês. *Roda* (em castelhano *Rueda*) e *Ardon*[3]) são povoações leonesas, de importancia especial nos primeiros decennios do sec. XIII, até á reunião das duas monarchias na mão de S. Fer-

---

1) *Açenço* = *Ajenjo* = *absyntio?* alcunha, relativa aos pós amargosos, com que o Mestre costumava curar os seus doentes? Não descobri nenhum fisico d'este nome.

2) Os fisicos eram em grande parte clerigos, em parte leigos. Vid. *Espejo de todos los derechos* II, 12, 4.

3) Monaci e Braga não reconheceram as designações toponymicas. Isto é, o historiador português entendeu que havia uma nos versos 4 e 12; modificou-a porém, imprimindo *Ronda*. Quanto a *Ardon* deixou intacta a graphia *ar dom* do codice vaticano.

nando. Fundadas e povoadas por Alfonso IX[1]) antes de 1197, foram repetidas vezes motivo de guerras e tratados de paz entre elle e os reis de Castella. Quanto a Alfonso VIII, não faltam provas; mas essas não podem entrar em conta por serem de epoca muito afastada (1197, 1206, 1209).[2]) Quanto a Fernando III cujo reinado coincide, em parte pelo menos, com o de Sancho Capello, não posso apontar documento algum. Presumo todavia que as duas praças continuariam a ser pomo de discordia e que mesmo depois do fallecimento do velho Leonês, seu nobre e heroico filho, que tão a miudo se viu guerreado pelo progenitor, encontrasse difficuldades em conciliar a adhesão dos tenentes ao novo regime.[3])

Se estas conjecturas a respeito de Ardon e Roda fossem certas, o rei a que Martim Moxa allude, devia ser Fernando III, ou Alfonso IX.

§ 292. Resumindo: em vista da longevidade attestada pela satira do jogral de Sarria, não seria aventurado calcular a sua assistencia nos circulos trovadorescos em cinco ou seis decennios, de 1225 a 1285. Estendê-la porém dos ultimos annos do Leonês, digamos de 1228 até 1328, seria passar das marcas.

Considerando as suas relações, hypotheticas embora, com Lourenço, as allusões tambem hypotheticas aos privados do Bolonhês e ás desordens que perturbaram o reinado de Sancho II, mas principalmente as referencias a Ardon, Roda e um rei de Leão, o mais acertado será collocar Martim Moxa em uma linha com Pero

---

1) *Ardon* fica entre Leão e Valencia de D. Juan, á direita do rio Esla. *Roda* (lat. *Rauda*) não subsiste, salvo erro. Foi talvez arrasado como varios outros dos castellos citados na nota immediata.

2) Luc. Tud. 110: *Rex autem Adefonsus . . . populavit in terra Legionis Rodam Ardon Senabriam et alias plures.* — Ib. 108: *Post haec etiam habuit discordiam cum Rege Adefonso Legionensi et cepit castrum Ardon & Coiancam, castrum viridem et quaedam alia.* — Ib. 109: *uxori suae reginae dominae Berengariae, quae tunc degebat cum patre suo in Castella, Villarpandum, Ardon, Rodam, Arbolium, Gordonem et Lunam.* — Ib. 111: *Rex . . . Legionensis . . . recuperavit de illis oppidis quae sibi abstulerat Rex Castellae: Rodam Ardon . . . Lunam Gordon Arvolium . . . et quaedam alia.* — Cf. Rod. Tol. VII, c. 30 e *Esp. Sagr.* XXXVI, Ap. p. 147: *In primis ego Adefonsus Rex Legionis do Dominae Berengariae Reginae Legionis filiae vestrae tres villas scilicet: Villarpando Ardon et Rueda.*

3) Luc. Tud. 114: *Eo tempore* (1230) *facta est perturbatio magna in regno Legionensi. Multi namque milites Gallaeci et Astures multas populationes quas Rex Adefonsus fecerat absque murorum ambitu incendio tradiderunt.*

da Ponte, o preconizador dos heroes de Cordova, e Martos, da rainha D. Beatriz, do conquistador de Sevilha e do de Valencia; com Martim Soares, o motejador de Ruy Gomes, e com os mais poetas pre-alfonsinos e alfonsinos que já vimos illustrar primeiro a côrte de Fernando III e mais tarde a de seu filho. Quanto aos *cantares de Martim Moxa*, com que alegraram as ceias do bispo de Viseu, perto de 1330, teremos de suppôr, eram composições galhofeiras, hoje perdidas, que haviam alcançado voga e se perpetuavam entre os jograes executantes.

§ 293. Quanto ao nome, ignoro o seu valor. Se designasse logar, deviamos ler: *de Moxa.*[1]) Em Portugal, Galliza e Castella não encontro povoações assim chamadas. Só perto de Barcelona ha uma aldeia *Moxa* ou *Moja*. Como apellido, sei apenas de um certo *Micha* ou *Mixa*, aparentado com villões de Aragão.[2])

Quanto á arte de trovar do clerigo folgazão, já notei que nos seus versos se reconhecem reminiscencias de Peire Cardenal, o qual teve por protector ao aragonês D. Jaime I (1213—1276), como é sabido. O descordo quanto ao metro e ao assumpto é imitação patente de satiras do provençal.[3]) Comparem-se com os trechos já transcriptos os versos seguintes:

Tant es viratz
lo mons en desmezura
que falsedatz
es en luec de drechura
e cobeitatz
creys ades e melhura,
e malvestatz
es en luec de valor.
E pietatz
at d'hoste sofrachura
e caritatz
fui del segle clamor
et es lauzatz
qui de dieu non cura
e pauc prezatz
qui vol aver s'amor.[4])

---

1) Na cantiga **CV 504**, 1 em logar de *Moxa* lê se *Moya*, nome vulgar na toponymiia peninsular. — *Grundriss* 190; e *Mod. Lang. Notes* X, 216. — Cf. *Zeitschrift* XIX, 584, 590, 615.

2) *P. M. H.: Script.* 361.

3) Quanto ao metro, já anteriormente a Martim Moxa, D. João Soares Coelho o havia empregado na cantiga de maldizer **CV 1025**.

4) *Raynouard* IV, 350. — *Mod. Lang Notes* X, 216. O trecho: *falsedatz e desmezura* (*Raynouard* IV, 338), ahi copiado, não é menos

Entre as cantigas de amor ha uma, cuja primeira linha: *Amor de vós ben me posso loar* é tradução de: *Ar mi puesc ieu lauzar d'amor.*[1]) Num sirventês (**CV 502**) assaz obscuro relata um sonho em que, num mundo ás avessas, a pequena *bubela* (= poupa) caçava aves muito maiores, como a cerceta, recordando-se talvez da *tartarassa ni voutor* (= tartaranha nem abutre) do mesmo Peire Cardenal, mas tambem de um antigo thema popular que ainda hoje dá assumpto para satiras de pintores e poetas.[2])

A somma do seu haver abrange 18 composições: doze cantigas de amor (**CV 474—480** e **482—483**; **CA 303**, **304** e **306**), cinco satiras;[3]) e um sirventês-canção, de genero mixto, porque, principiando com entoações moraes, acaba com louvores da sua dama e semelha a obra de um homem de idade, mas de affectos ainda vivazes (**CA 305**). Entre as cantigas de amor, cinco são de refram. Uma das que são de mèstria, especie de meditação amorosa, parecida com duas poesias de Pero da Ponte,[4]) é um *mor-dobre*, distincto pelo desempeno com que vemos manejadas as rimas grammaticaes. Privativas do **CA** são os Nos **303—306**; os restantes estão no **CV 472—483** (= *Ind.* 887—898) e **502—503** (= *Ind.* 915—916).

D'esta vez não colhe a conjectura que o poeta se deleitasse na sua mocidade — digamos até aos quarenta — na composição de doces metros de amor e que sómente na idade provecta favorecesse o genero serio, devoto, e sarcastico, porque a satira contra Mestre Açenço parece ser de data bastante atrasada.

XXXVIII. Roy Fernandes de Santiago.

§ 294. Nos apographos italianos depara-se-nos uma vez *Roy Fernandes de Santiago*, como auctor de quinze cantigas *de amor* (*Ind.* 899—914 = **CV 484—501**), tres das quaes se acham na derradeira pagina do truncado codice membranaceo (**CA 308—310**); e

---

convincente. Mas aqui, como em geral, a concordancia restringe-se á ideia geral, á forma estrophica, e a alguns modismos estereotypicos.

1) *Raynouard* III, 438; *Mod. Lang Notes* X, 217; Lang, **CD**, p. LV n. 4 e p. CVI n. 2. — Cf. a nota relativa ao nosso No **311**.

2) Relévo a phrase proverbial „semear o sal", e a formula „em muito andando, cheguei a lugar" que talvez se refira a peregrinações prolongadas do auctor.

3) **CV 472** (*tenção*); **481** (*descordo*); **473** e **502** (*sirventeses*); **503** (*escarnho*).

4) **CA 288** e **289**.

outra vez um *Roy Fernandes, clerigo,* com sete cantares de amigo (*Ind.* 926 — 932 = **CV** 514 — 520). Este ultimo apparece, junto a mais dois ecclesiasticos: Pay de Cana e Sancho Sanches, e proximo de um magnate da egreja D. Gomes Garcia, Abbade de Valhadolid, do qual ficaram duas composições (**CV** 512 e 513): uma canção em que joga com grande insistencia com as palavras *mesura* e *desmesura*, e um cantar de retaliação, posto na bocca de uma menina muito justiceira, a qual ameaça o amigo:

> por quant' andou alá sen meu prazer,
> que ande un tempo sen meu ben-fazer.

Supponhamos que se trata de um só Roy Fernandes e que este era familiar do astuto notario-mór do reino de Leão, o mais poderoso entre os trovadores ecclesiasticos. Valido de Sancho IV, emquanto infante,[2] e ainda depois de haver empunhado o sceptro,[3] D. Gomes Garcia de Toledo perdeu a final a confiança del-rei por este suspeitar intrigas contra a rainha, descrendo da sua lealdade, e finou-se mysteriosamente na prisão, em 1286.

Neste caso seria provavel que Roy Fernandes florescesse ainda em vida de Alfonso X. Não adivinho o motivo que levou Lang a contá-lo entre os trovadores do Bolonhês.[5] Se realmente assistiu á tomada de Sevilha, o compostellano havia de ir como subdito de S. Fernando, quer fosse no sequito do arcebispo de Santiago, que tanto deu que fallar, quer partisse na armada de Ramon Bonifaz

---

1) Fica proximo tambem João Ayres de Santiago; e a pequena distancia, Ayras Nunes, outro clerigo notavel, tambem originario da Galliza.

2) *Chron. Alf.*, c. 75 e 76.

3) *Chron. Sancho,* c. 2 e 3.

4) O prelado fôra a França felicitar Felipe, o Formoso, pelo seu advento ao throno, e com a missão secreta de o indispôr contra os Lacerdas, pretendentes á corôa, como filhos do primogenito de Alfonso X. Não logrou este intento. O francês propôs ao prelado entre outras condições a annulação do consorcio de Sancho IV com D. Maria de Molina e casamento com uma das princesas suas irmãs, promettendo-lhe a mitra de Santiago se conseguisse levar ávante esta negociação. Conhecendo o affecto de Sancho pela esposa, o prelado não se atreveu a tocar no assumpto e dissimulou. Na entrevista de Bayona El-Rei de Castella ficou inteirado tanto das pretenções como das condições, odiando de ahi em diante a D. Gomes Garcia. Ao primeiro ensejo deu ordem ao arcebispo de Toledo, seu rival, de tomar conta das rendas que o de Valhadolid administrava e, encontrando-se-lhe culpas graves, foi encarcerado. A noticia da sua morte agradou a Sancho: „*e plugole ende mucho.*" Lafuente diz que morreu mysteriosamente, mas o Chronista nada conta que justifique tal interpretação.

5) Lang, **CD**, p. XXXVI. — Cf. Schirrmacher IV, 605, 626, 642 ss.

juntamente com Pay Gomes Charinho. Em um dialogo com uma das bellas que introduz, esta confessa, chorando, á mãe:

> Madre, quer oj' eu ir veer
> meu amigo que se quer ir
> a Sevilha el rei servir (**CV 520**).

Os seus versos tem certa originalidade de pensamento e bastante arte na feitura, mas não encerram especies positivas além da indicada. Como outros trovadores, Roy Fernandes era fatalista. Mudando de dama nas canções (**CV 486** e **489**), tratava o amor de demo, que o arrastava e aprisionava (**CA 309**). Entre as suas balletas ha algumas que se afastam do typo commum, apresentando 4 ou 5 coplas, em logar de 3.[1]) É notavel pela rapidez do rhythmo um cantar *dobre* em versos de quatro syllabas, cujo refram consiste apenas na phrase: *moir' eu.*[2]) Gosta de repetições.[3]) Obra sua é a lindissima barcarola em estylo popular, em que ás vagas fluctuantes do oceano são comparadas as pulsações do coração amante:

> Quando eu vejo las ondas
> e las muy altas ribas,
> logo me vẽen ondas
> al cor pela velida,

curiosa sob mais de um aspecto. O refram:

> maldito se[j]a 'l mare
> que mi faz tanto male

já foi comparado, com justa razão, com um fragmento de cantiga tradicional italiana, citado no Decamerone (V, 10): *l' onda del mare — mi fa gran male.*[4]) Nos versos impares de toda a poesia repete-se a consonancia *ondas*, a modo de *dobre*. Nos versos pares ha assonancia. Storck achou dignos de brilharem no seu florilegio, tanto esta barcarola, como os quaternarios e uns breves disticos de amigo.[5]) São notaveis os castelhanismos d' este compostellano, como os de Pedr' Annes Solaz e outros trovadores gallizianos.

---

1) **CV 486**, **490**, **495**, **497**, **499**, **500** e **516**.

2) **CV 491**.

3) **CV 490** e **491**.

4) Lang **CD**, p. XXXIV, n. 4. — *Mare* com o seu *e* paragogico, não é italianismo. — Cf. **CV 322** cujo refram é: *al mare* e **CV 755**: *El rey de Portugale.*

5) Vid. *Hundert altportugiesische Lieder* Nº 14 = **CV 488**; Nº 91 = **CV 491** e Nº 71 = **CV 505**.

XXXIX. Lais de Bretanha.[1])

§ 295. Chegámos aos Appendices.

Já me referi, de passagem, ás cinco composições que formam o introito do cancioneiro no codice Colocci-Brancuti e tambem (se por ventura o humanista explorou tres) no que serviu de base ao *Indice*, assim como em todos os mais exemplares do Livro do Conde. Indiquei[2]) que, a meu vêr, o ultimo compilador foi quem escreveu ou mandou escrever em seu nome, na primeira metade do sec. XIV, as rubricas que as acompanham, e sollícito em apresentar amostras de todos os generos profanos, cultivados até 1350, ordenou fossem addicionadas ao seu *Livro das Cantigas*, e antepostas aos mais archaïcos cantares de amor.

Agora cumpre-me fallar d'ellas com mais algum desenvolvimento, dizendo o que são e qual a obra de onde foram extrahidas; investigar quem seria o redactor, qual a epoca e o pais onde trabalhou e como se desempenhou da empresa; qual a lingua da novella em prosa de que faziam parte. Devo apurar em seguida, se realmente o Conde de Barcellos seria o mandatario; e se os motivos que o levaram a dar aos lais de Bretanha o logar primacial na Miscellanea gallego-portuguesa, seriam chronologicos ou estheticos.

§ 296. O que se reconhece logo ao primeiro relance de olhos é que essas poesias se destacam mais ou menos das que se lhes seguem. Em especial, as duas invocações ao *Don Amor* personificado (**CA 311** e **314**); menos distinctamente as balletas de refram, cantadas por bocas femininas, em honra de valentes guerreiros (**312** e **315**). Quanto á melancolica poesia de amor que completa o grupo, ninguem o teria adivinhado, porque essa emprega phrases de convenção e repete as ideias da estrophe inicial nas que seguem, de acordo com a practica vulgar dos trovadores nacionaes cujas obras possuimos. Mas sem as rubricas, que expõem os assumptos, ainda assim não teria sido facil reconhecer a proveniencia, visto como uma unica das cantigas contém um nome proprio, alias em forma bastante deturpada (**312**, 1 *Omaroot*), e outra a designação technica de *lais* (**315**, 4). Com ajuda d'ellas, não foi difficultoso determinar alguns distinctivos de todas como: não terem brotado directamente

---

1) Vid. § 95.
2) Cf. § 175, n. 88.

de impressões subjectivas e transes pessoaes do poeta, sendo pelo contrario as unicas no cancioneiro que foram ideadas e architectadas como obra de personagens diversos, estrangeiros, *ficticios.*[1]) As unicas que por isso precisavam de explicações em prosa.[2]) As unicas que, pelo mesmo motivo, não estão assignadas por trovadores peninsulares, trazendo indicação só do nome dos heroes e das heroinas a que as novellas do cyclo bretão as attribuiam. Ou então as unicas *anonymas,* caso não queiramos acreditar que o colleccionador, sem distinguir entre historia e ficção, as considerava e propagava, com ingenua seriedade, como invenções de *Elis Duque de Sansonha* (311); *Quatro donzellas de Irlanda* (312); *Don Tristan, o Namorado* (313 e 314); *Damas addidas, na Ilha da Ledice, á casa commum de Lançarote do Lago, uma filha do rei Pelles e o filhinho de ambos, o casto Galaaz* (315). As unicas ainda, que versando sobre assumptos bretonicos, merecem o titulo de *lais* (311 rubrica, 315, 4 e rubrica). As unicas emfim que vemos classificadas de *traducção* (312).

§ 297. Sendo conhecido o facto que varias novellas francesas sobre *matière de Bretagne,* e especialmente os romances de *Tristan* dos seculos XIII e XIV, encerram *lais lyricos,*[3]) a necessidade de ahi procurarmos não só os assumptos, mas os proprios modelos dos lais portugueses, impunha-se, desde o momento da publicação de Molteni, isso é desde que foram divulgadas as epigraphes seguintes:

(311): *Este lais fez Elis o Baço que foi duc de Sansonha, quando passou aa gran Bretanha que ora chaman Inglaterra. E*

1) Talvez com uma excepção a que mais abaixo me referirei; e abstrahindo dos cantares de amigo do *Livro das Donas* em que o trovador trata do seu segundo *eu*, identificando-se com a amada.

2) Em regra são apenas as cantigas de escarnho e de maldizer da Parte Terceira que, recheadas de allusões a acontecimentos positivos e pessoas reaes, vão encimadas ou seguidas de notas elucidativas, creio tê-lo dicto já. Algumas chufas entram na mesma categoria, comquanto falem de amor, quer tenham feitio de cantares de amigo (como p. ex. **CV 999** e **1008**), quer não, como **CV 387**, **523**, **591**, **642**, **652**, **666**, **912** e **CB 142—144**, **172** e **454**.

3) De 1835 em deante varios d' esses lais lyricos e algumas cartas á maneira de lais (*lettres en semblanche de lais*) foram reeditadas por extenso ou em extracto, de raras edições antigas, como por ex. por Fr. Michel no seu *Tristan* (II, 212), e por Van der Hagen nos *Minnesinger* (IV, 581). F. Wolf tirou diversos de mss. ineditos, imprimindo-os em fac-simile com notação musical, no erudito tratado: *Über die Lais, Sequenzen und Leiche* (1841). Paul Heyse acolheu dois nos seus *Romanische Inedita* (1856).

passou lá no tempo de Rei Artur, pera se combater con Tristan, porque lhe matara o padre en ũa batalha. E andando un dia en sa busca foi pela Joyosa Guarda u era a Rainha Iseu de Cornoalha. E viu-a tan fremosa que adur lhe poderia omen no mundo achar par. Enamorou-se enton d'ela e fez por ela este laix.

Este lais posemos aa cima porque era o melhor que foi feito.

Ou, na livre versão de Colocci: *Elis o baço, duca di sansogna, passo nella gran bretagna qual hora chiaman ingraterra al tempo del Re Artur ad combatter con Tristaño perchè li haveva occiso il patre in una bataglia. E andando un di en sa busca fo per Gioiosa Guarda ov' era la reina Isotta di Cornovaglia. Et inamorossi in lei et fe per ella questo lais el qual lais ponemo qui perche era il meglio che fosse facto.*[1])

(312): a) *Esta cantiga fezeron quatro donzelas a Marot d' Irlanda en tempo de Rei Artur porque Marot filhava todalas donzelas que achava en guarda dos cavaleiros, se as podia conquerer d' eles. E enviava-as pera Irlanda, pera seeren sempre en servidon da terra. E esto fazia el porque fora morto seu padre por razon de ũa donzela que levava en guarda.*

b) *Esta cantiga é a primeira que achamos que foi feita e fezeron-na quatro donzelas en el tempo del Rei Artur a Maraot d' Irlanda por la . . . tornada em lenguagem palavra por palavra e; diz assi.*[2])

Na reducção o italiano diz apenas: *Quattro donzelle a Marōot d' Irlanda al tempo del Re Artu.*

(313): *Don Tristan o Namorado fez esta cantiga.* — Em italiano *Don Tristan inamorato.*

(314): Sem rubrica no **CB**, emquanto no *Indice* vemos registado o nome *Don Tristan.*

(315): *Este laix fezeron donzelas a don Ançaroth quando estava na Insoa da Lidiça quando a rainha Genevra o achou con a filha de rei Peles e lhi defendeo que non parecesse ant' ela.* — Mal reduzido no *Indice* á formula: *Don Tristan per Genevra.*

---

1) Como se vê, falta a 4ª oração — creio que por descuido. Reproduzo estas versões porque são, com o accrescento ao Nº **312**, os indicios mais fortes que fallam a favor de um terceiro *codice* aproveitado por Angelo Colocci. Não duvido todavia que muitos leitores achá-los-ão comigo insufficientes.

2) Vid. Ed. Molteni-Monaci p. 6. As lacunas mostram que o original, onde Colocci colheu o trecho *b*, estava deterioradissimo, — a ponto tal que os amanuenses não se haviam arriscado a copiá-lo. Parece ser variante de *a*, colhida em outro exemplar.

Tanto mais se impunha, porque um dos cantares em que o adaptador se inspirou, estava de ha muito patente,[1]) prognosticando mais algum resultado a quem percorresse systematicamente os exemplares manuscriptos e impressos da *Historia Tristani fabulosa gallice scripta.* Mas esta principal entre as novellas do cyclo bretão, duzias de vezes remodelada, — um dos capitulos mais vastos e complicados e menos conhecidos das litteraturas romanicas, apesar de luminosos e proficuos estudos publicados nos ultimos decennios[2]) — foi só em 1891 minuciosamente analysada pelo norueguês E. Löseth,[3]) um dos discipulos de Gaston Paris, o qual explorou com paciencia e consciencia admiraveis, além de varias edições impressas[4]) e uma importante versão italiana, vinte e tantos mss. antigos da Bibliotheca Nacional de Paris,[5]) resumindo o seu conteudo afim de poder classificá-los. Graças a este sabio, o qual de passagem registou

---

1) *Fac-sim.* VIII da obra de Wolf. — No *Grundriss* II^b 198 nota 10 chamei a attenção para o modelo, mas sem explicações, por ainda não ter procedido a estudos bastantes.

2) Ao leitor português que deseje orientar-se recommendo, além da obra de Löseth e das investigações magistraes de G. Paris, como o *Merlin,* em collaboração com J. Ulrich, os estudos de Bédier, Lutoslawski, Sudré, Morf, Sœderhjelm, Muret, publicados nos voll. XV, XVI e XVII da *Romania* (1886—1888), assim como os artigos de E. Freymond no *Annuario Critico* de K. Vollmœller I, 388—427 e III 152—189.

3) *Le Roman de Tristan, le Roman de Palamède, et la compilation de Rusticien de Pise, Analyse critique d'après les manuscrits de Paris.* Paris 1891. Do mesmo assunto, embora em proporções muitissimo mais restrictas, se haviam occupado Fr. Michel; F. Wolf; Paulin Paris, no notavel trabalho sobre *Les Manuscrits français de la Bibl. du Roi,* 1836ss; e Brakelmann cujo estudo appareceu posthumo na *Zeitschrift für deutsche Philologie,* vol. XVIII. Nesses trabalhos bibliographicos não ha, comtudo, esclarecimentos a respeito dos lais, nem tãopouco nos resumos do romance feitos por Tressan, Dunlop Liebrecht e na *Encyclopedia Brittanica.* Alguma cousa colhi em W. Golther: *Die Sage von Tristan und Isolde.* München 1887.

4) Nas edições impressas, o texto está reduzido a mais de tres quartos. Além de duas sem data, existem outras de 1489 (em ling. do sec. XV sobre um ms. que subsiste: 103 da *Bibl. Nat.*) 1514, 1520, 1554, 1567, 1577 e 1586, todas ellas raras. Não sendo tantas como as do *Amadis,* correram mundo quasi até ao momento em que Cervantes fulminou o romance de cavallaria.

5) Os mss. do *Tristan* examinados são 21, 94, 97, 99, 100—101, 102, 103, 104, 334, 335—336, 349, 750, 755, 756—757 (Li Bret de Missere du Gast et missere Helys de Boron), 758, 759, 760, 772, 776, 1434, 2171, 12599, 24, 400. Além d'isso o auctor utilizou os codd. 340, 355 e 1463, o Romance de *Meliadus* e o *Palamedes* de Rusticien de Pise.

os lais lyricos espalhados pelos volumes,[1]) a nossa empresa foi viavel, e comquanto não se descobrisse o verdadeiro original do *Tristan* peninsular, conduziu por ora ao achado das scenas todas a que as rubricas copiadas se referem, e de tres composições que serviram de modelo para as cinco imitações portuguesas.[2])

§ 298. Vejamos em primeiro logar esses originaes. Ao nosso Nº 311 corresponde a seguinte poesia, attribuida a *Helys de Sassoigne.* Foi colhida a meu pedido pelo Snr R. Foulché-Delbosc no ms. paris. 12:599, f. 466 v. (**A**). As variantes são dos mss. 757, f. 159 v. (**B**); 772, f. 211 (**C**); 101, f. 217 (**D**); e dos vindobonenses: 2542, f. 367 (**E**); 2537, f. 343 (**F**); 2540, f. 89 (**G**), explorados pelo Dr. Rudolf Beer,[3]) e pela jovem romanista D. Elisa Richter. — Na minha reproducção resolvi as abreviaturas; introduzi as iniciaes das estrophes, que faltam em **A**; emendei no verso 2 *ving* por *vig;* no 8 *rrestoie* em *trestote.* Accrescentei tambem pontos e virgulas. Em tudo o mais cingi-me rigorosamente ao treslado do meu cuidadoso informador.

---

1) Löseth cita o primeiro verso, geralmente com indicação dos mss. onde os viu, porque os lais não se encontram em todos os codices. Alguns entre os parisienses estão completamente desprovidos de versos. Assim succede por exemplo com os que levam a marca 759 e 1434. Outros andam falhos pelo menos dos que nos interessam particularmente (*scil.* os codd. 334, 335, 776 e 1463). Ainda outros encerram apenas um dos cantares. No ms. 101 o Snr R. Foulché-Delbosc achou apenas o *Lais de Helys:* no 104 o *Lais de plour.* Ambos surgem no cod. 772. Todos os tres, nos codd. 757 e 12599. Dos codices vindobonenses, examinados a meu pedido, o riquissimo que já deu a F. Wolf o lais: *Damor vient mon chant et mon plor,* juntamente com a notação musical, offerece ainda os outros dois. Nos restantes (2537 e 2539—2540) falta o *lai de plour,* que acabo de mencionar. Em geral vejo que quanto mais antigas as redacções, tanto maior é o numero dos lais lyricos intercalados.

2) Até hoje os informadores haviam-se contentado com uma affirmação categorica, haurida nas rubricas dos cinco lais, declarando, que elles provinham directamente do francês. E são: 1º. E. Monaci na edição do **CV**, p. XVIII, onde os chama *tratti probabilmente da un Romanzo di Tristano;* 2º. Th. Braga, no artigo *Lays bretãos,* impresso nas *Questões*, e que analizei na *Resenha Bibliographica* de que consta o Cap. I d' esta obra, sob Nº 48; 3º. Menéndez y Pelayo na *Antologia* III, 39 a 42, e 121, paginas de que me occupo no mesmo logar; 4º. C. M. de Vasconcellos, no *Grundriss* II^b, 198 e 226; 5º. Gottfried Baist, ib. II^b 438 a 441, no substancioso summario da litteratura castelhana, ao qual terei de recorrer repetidas vezes neste artigo.

3) Um dos mais eruditos conhecedores das bibliothecas hispanicas, cujos manuscriptos descreve na importante obra: *Handschriftenschätze Spaniens*, Wien 1894.

[A]mor, de vostre acointement
me lou ie molt, se dex mament!
quant a vos vi[n]g premierement
petit valoie voirement.
5 [D]olenz, chaitiz, de poure afaire
estoie, ne poisse fere
chose que len deust retraire:
[t]resto[te] honor mestoit contraire.
10 [N]uls ne maloit adonc prisant,
ainz maloit chascuns desprisant;
trestuit maloient mesdisant,
nuls hom ne maloit bien disant.
[D]espuis que a vos me sui pris,
e ien fui ardanz e espris
15 e iai a vos servir apris:
donc primes començа mes pris.
De vos me vient tote bontez,
par vos sui en honor montez;
ie qui ere com ahontez
20 sui par vos entre bons contez.
[P]uis que vos vos entremeistes
de moi, a honor me meistes;
de vergoigne ou ia me veistes
ou siege donor m' aseïstes.
25 [A]mor, ie me doi molt loer
de vos, rienz ne vos doi veer;
autre deu ne quier aorer:
donor mauez fet enflorer.

Todos os mss., menos **AB**, accrescentam:

Autre deu ie ne demant mie
30 seauf vos qui estes mamie:
se ie ne vos ai ie morrai
et ainsi definoit son lay.

As variantes são numerosas, mas pouco incisivas; na maioria sómente graphicas, ou linguisticas.

1. D *Amour,* BEG *amors,* C *Amours*, CE *acordement,* DFG *acc* 2. B *loge,* C *loie,* D *lo ie,* E *lo iou,* FG *loe,* CEF *mout,* G *moult,* D *bien,* BEF *diex,* D *dieux.* 3. Todos: *vous.* 4. B *petit valoie ce di uoirement.* 5. B *dolent,* DE *dolans,* F *dolens,* G *dolant,* BCG *chetif,* DE *chaitis,* F *chetifs*, BG *pouure afere.* 6. Todos: *peusse* (FG *ne ne peusse*). 7. B *deust hom,* CD *ien,* E *on,* G *lon.* 8. A *rrestoie,* B *toute honor si mestoit contraire,* C *toute honor m. a c.,* DF *toute honneur m. c.,* E *toute hounour m. a c.,* G *tretout honeur m. c.* 9. BCE *Nus,* D *nuz,* G *nul,* BCEFG *alors,* D *adont,* F *prisent.* 10. B *ch. deprisant,* C *ch.*

mesprisant, E *cascuns mesprisant*, F *cascun mesprisant.* 11. B *tuit en aloient medisant*, C *t . . . uit maloient mesd.*, DF *tous en a. mesd.*, E *tout en a. mesd.*, G *touz en a. mesd.* 12. B *nulz hom*, C *nus hons*, D *nulz homs*, E *nus hom*, F *nulz homs nen a*, G *nul hom*, B *Mess.* 13. *puis*, DF *Depuis*, BDEFG *vous*, B *me pris*, D *me fus pris*, E *me fui pris*, FG *me fuis pris.* 14. B *ardenz sui deuenuz e espris*, C *je sui ardans e mout empris*, D *je fus ardans et moult empris*, E *je fui ardans et mout empris*, F *je fuy ardans et moult empris*, G *je fuis ardant et moult anpris.* 15. B *puis qe vostre huice* (= *service?*) *empris*, FG *si ay a vous servir apris.* 16. B *de lors commencai a auoir pris*, C *adonc recommença mon pris*, D *adont commenca m. p.*, E *adont recommencha mes p.*, F *adonc recommence mon p.*, G *adont recomence mes p.* 17. BCE *De vous me vint toute bonte*, D *De vous me vient toute bonte.* 18. B *por vous sui a honor monte*, CDEFG *pour vous sui* (F *suy*, G *sui*) *en honeur* (D *honneur*, E *houneur*) *monte.* 19. B *ge que sui tout ahonte*, CD *je qui ere adont ahonte*, E *jou qui iere adont a.*, F *je qui ere en leure a.*, G *je qui estoie a.* 20. B *sui por vous entre tous conte*, C *sui par vous entrez en bonte*, D *sui pour vous entres en b.*, E *sui par vous entres em b.*, FG *suis par vous entrez* (G *entre*) *en b.* 21—22. B *Puis que de moi vous entremeistez des lors a h.*, C *Puis que vous vos entremei[s]tes de moi a h.*, DEF *Puis que vous vous e. de moi a hounour* (22 falta em D), G *Depuis que vous vous entremistes — de moy a honeur uous me mistes.* 23. B *ou vous*, EF *vergoingne u ia* (F *ou*), G *vergoigneiua.* 24. A *me meistes*, B *et siege*, CD *ou siege de pris*, E *u siege de p.*, F *ou siege de pris me asseistes*, G *ou s. d. p. me mistes.* 25. B *Amor de ge me doe mlt loer*, C *Amors — mout*, D *amour ie vous doy bien loer*, E *Amors-moult*, F *Amourz-moult*, G *Amours — doy moult.* 26. B *de vos qui ma fait aloser*, CDE *de vous que ne me doi voer*, (D *doy vouer*), FG *de vous ne ne me doy voer.* 27. B *autre dieu ne doi adorer*, C *a autre deu ne commander*, DEFG *a autre dieu ne commander.* 28. B *mes a vous touz mes voz uoer*, CDEFG *qu* (F *que*) *a vous qui maucz fet* (DE *maues fait*) *loer.* 29. D *autre dieu ie ne demande mie*, E *dieu — iou*, F *ie dement.* 30. C *seauf non*, DE *se vous non*, G *se non vous*, F *estez.* 31. D *ay — mourray*, E *iou — iou*, G *car se ne vous ay je mōray.* 32. E *ensi*, DFG *deffinoit.*

Ao nosso Nº **313** corresponde um pequeno lais de Tristan que diz:

Grant temps a que ie ne vi cele
qui tote rienz vaint de biaute,
por quoi ie di bien que se ele
me reprendoit de crualte,
5 raison feroit et lealte.
de laissier ma dame la bele
un an ai fet desloialte.
ceste durte
ma mis lonc temps en obscurte.

Texto de **A** f. 484; Variantes de **B** f. 166 v.; **E** f. 376; **F** f. 350 v.; **G** f. 97 v. — 1. EFG *Lonc*, B *tens*, E *tans*, E *que il ne vit chele* variante errada que, segundo Löseth pag. 486, se encontra tambem em alguns dos mss. parisienses. 2. BE *riens*, F *toutes*, B *beaute*, G *beaulte*. 3. E *Pour coi*, FG *pour quoy*, E *que io* (*sic*) *que scelle*, F *ie di que selle*, G *ie seay que se elle*. 4. BEFG *reprenoit*, BF *cruaute*, E *cruiaute*, G *cruaulte*. 5. E *seroit*, B *loialte*, E *loiaute*, F *loyaute*. O verso inteiro falta em *G*. 6. E *Ele est madame et manchele*, F *En laissier madame et mancelle*, G *Elle est madame emancelle*. 7. B *fait delealte*, E *fait desloiaute*, F *ay foit desloiaute*, G *ay fait desloyaulte*. 8. E *Se diex maist c. d.*, F *Si maist dieu c. d.*, G *Se dieu maist c. d.* 9. G *long temps*, B *lonc tens*, E *lonc tans*, EF *osbcurte* (*sic*).

O nosso Nº **314** é traducção de outro *lais de Tristan* que merece o titulo de *Lai de plour*. Tambem d'esta vez dou o texto na lição de **A** f. 501, onde se acha sem repartição regular dos versos; e com variantes de **B** f. 257; **C** f. 396; **E** f. 485r. e ainda do cod. paris. 104, f. 336 (**H**). Emendei apenas dois erros nos versos 6 e 13, apontados por Gaston Paris na *Romania* CXVI, p. 633. É o que já fôra colhido, juntamente com a musica, no ms. **E** por F. Wolf, o qual o communicou no seu estudo compacto sobre os lais medievos.

Damor vient mon chant et mon plor
e diluec prendent naissement;
cele fait que orendroit plor
qui mera fait chanter sovent,
5 e quant ie voi apertement
quel me maine si a son cor (= tor)
que sui serf e ele est seignor
se laor co mon sauuement
[lui serf tot enterinement]
10 qar ie nai autre salveor.

a lui enclin a lui aor,
dautre seignor nai io poor.
A lui serf si veraiement
quil ni a point de faignement.

1. B *Amors revet*, CE *Damours vient—plour*, H *Damor uiēt mes chāt e mes plors.* 2. B *et dileuc prennent nascem̄t*, C *dilecques prennent nessement*, H *e illuc prēt son naissem̄t*, E *Dillueques prennent naissement.* 3. A *qui*, BC *cele fet* (C *plour*), H *e ce fait ce quorendroit plour*, E *Chele fait q. o. plour.* 4. B *et aetout ce diex mamēt*, C *Et un acort se dieus mament*, H *e ai duel outraigeusem̄t*, E *Et mi a tort se dieus mament.* 5. A *uoi.* 6. A *quil*, B *quel mamame* (= *mamaine*) *si a sō dor* (= *tor*), CE *quel me mainne si a son tour*, H *quañsint me moine de sō tour.* 7. BC *que ie sui serf e ele s.* (C *ele seignour*), H *ā serf li sui 9me soignor*, F *que ie sui sers ele signour.* 8. B *et ie laor cō mō saluem̄t.* CE *Je laour con mon sauuement*, H *e an li ai mō sauuem̄t.* 9. Falta em A. Tirei-o de B.—CHE escrevem *tout.* 10. BCHE *car*, CE *sauueour*, H *salueour.* 11. B *e a lui aor*, CE *a lui aclin a lui aour*, H *en li entent e nuit e ior.* 12. B *ge paor*, C *ne nai poour*, H *dautre soignor ne ai paour*, E *Dautre signeur ne nai paour.* 13. A *A lui serf ie*, B *a lui serf si uraiement*, CE *si veraiement*, H substitue os ultimos dois versos pelos quatro seguintes:

an li ser si tres loiaum̄t
que point ni ai de fausem̄t
biē sai ie morai por samor,
si ne sai lore ne le ior.

14. B *faucem̄t*, CE *sauuement.*

Das duas balletas (**CA 312** e **315**) não ha vestigio; nem nos textos parisienses, nem tão pouco nos de Vienna. Fica porém, por averiguar se por ventura ellas existem nalgum dos mss. do *Tristan* francês, guardados em Londres (6), Edinburgo (1), Roma (1), Genebra (1) e Modena (1),[1] uma vez que cada uma das transcripções antigas parece ser uma redacção diversa, novamente retocada.

§ 299. Confrontemos as imitações portuguesas com os modelos. O *Lais de Helys* é, no original, todo de benções ao Amor, embora saiam tingidas de certa melancolia, propria do estado de alma de um amador apaixonado, mas não aceito. O desabafo português,

1) O de Modena, não registado por Löseth, offerece um lais de Tristan, impresso na já citada obra de Paul Heyse, p. 169.

pelo contrario, tem caracter hybrido. Apenas na primeira metade (estr. 1 — 5) o traductor se cinge com precisão ao modelo, tecendo tambem elogios e agradecimentos ao Amor por causa do enaltecimento moral que lhe deve. Na outra e opposta metade, depois de ter encarecido a propria constancia (6 — 7), implora soccorro e favores (8) e, passando a invocar as iras divinas contra o Amor, caso elle não queira deferir o pedido (10), conclue com um *Amen* repetido, *de profundis*. Final que não tem absolutamente nada francês.[1])

Evidentemente custou ao peninsular conformar-se com a pouco orthodoxa divinização do Amor nas estrophes 7 — 8: *autre deu ne quier aorer — autre deu ie ne demant mie.* Preferiu seguir a senda commum dos trovadores patrios, promettendo servir ao Amor, não como a creatura venera uma divindade, mas como vassallo a senhor. Descreve banalmente a sem-par Iseu como

> *mui fremosa, e de gran prez,*
> *e que polo meu gran mal vi;*

e solta lamentos convencionaes sobre a sua crueza

> *a de que sempre atendi*
> *mal, ca ben nunca m' ela fez,*

pouco naturaes em quem mal acabava de se namorar.[2])

Formalmente, afim de tornar mais commoda a factura, nacionalizou tambem o texto. A copla monorrima do original não lhe agradou. Nem tão pouco a irregularidade da quadra final. E muito menos a liberdade com que em francês se acham misturadas rimas longas e breves.

Quanto ao *Lais de Tristan* não se contentou com uma só estrophe. Estendeu-a até attingir a medida commum da *cantiga de mèstria,* em decasyllabos, accrescentando duas estancias que são, como de costume, meras variações do thema tratado na primeira.[3])

No *Lai du plour* tanto a phraseologia retorcida da 2ª copla como o emprego de só duas consonancias, uma das quaes é leonina,

---

1) Duas cantigas de Pero da Ponte, ou mais exactamente duas *endechas,* terminam do mesmo modo. — Vid. **CA**.

2) É verdade que na novella Helys tambem profere lamentos e queixumes: *un chevalier vient se plaindre . . . de ses peines d' amour.* Mas o lais não é identico ao soliloquio que o precede.

3) Na isometria dos versos, parece-se com a lição de **EFG**, ou especialmente de **F** que consta de apenas oito versos, repartidos em duas metades, de rimas desiguaes: *abababbb.*

documenta o empenho de reproduzir com a possivel fidelidade os traços caracteristicos do lais estrangeiro. Ainda assim, o pendor popular para a symmetria levou-o a dividir os 14 versos do original (4 + 5 + 5) em tres quadras, e a regularizar a ordem das rimas para obter o eschema *abab abab abab*. A troca do octonario pelo verso de sete syllabas é outra diversão de pouca importancia. Quanto ao sentido, apenas a primeira quadra merece o nome de traducção, comquanto mesmo num fragmento tão diminuto não deixasse de introduzir um modismo estereotypico (*e que por meu mal-dia vi*).

Persuadida que essas desigualdades de essencia e de fórma são todas da lavra do traductor — porque conferidas com ellas, as variantes dos textos franceses entre si resultam tão leves que mal se pode presumir haja ou houvesse redacção que, distanciando-se das oito conhecidas, se aproximasse sensivelmente da portuguesa[1]) — creio dever chamar muito livre ao seu trabalho. E creio mais que o movel e a directriz que o guiaram, ou antes a tentação a que cedeu, foi o empenho de tornar o genero novo o mais parecido possivel aos já vulgarizados na côrte. Quanto ao conteudo foi cingindo-se ao modelo até onde commungava nas ideias alheias, seguindo derrota nova, ou antes entrando na vereda trilhada, mal se lhe deparou uma maneira de pensar que não lhe era familiar. Quanto á factura, tambem evitou tudo o que era singular, complicado, difficil. Afim de resolver em harmonia dissonancias intencionaes, transformou as coplas monorrimas do lais I (*aaaa*), terminadas com um talho diverso (*aabb*),[2]) em quadras á moda popular, com duas consonancias (*abba*). O *lais* III, de uma só estrophe com duas rimas, ordenadas de modo a compôrem partes asymmetricas (*ababb*+*abbb*), transpô-lo em estrophes artisticas com tres consonancias (*abbacca*). O *lais* IV, construido do mesmo modo (*abab* + *baabb* + *aaabb* ou *abab* + *baabba* + *aabbaa*), mudou-o em quadras parecidas ás do I° (*abab*).[3])

---

1) É escusado dizer que fallo aqui exclusivamente dos lais lyricos, e não da novella inteira.

2) Em geral, os lais franceses, compostos de quadras monorrimas, principiam e acabam com um talho de apenas tres versos (*aaa*).

3) Nisso o *Lais pranteado* português assemelha-se exteriormente ao principio do *Lai de Ivain,* conservado no romance do *Meliadus,* isto é na primeira parte da extensa novella de Palamedes:

En grant ioye ma amour mis
et de grant douleur ma oste;

Por todas essas razões, comquanto eu não desconheça quão arriscado é tirar conclusões geraes de casos tão pouco numerosos, julgo podermos considerar essas versões como exemplos caracteristicos da independencia ou arbitrariedade soberana com que o trovador português se apossava de obras alheias, transformando-as á feição do seu gosto, como que fossem materia prima informe — procedimento que as imitações vagas de canções trovadorescas francesas e provençaes a que me referi nos capitulos anteriores, confirmam plenamente.

§ 300. Passando aos assuntos de que as rubricas rezam, reconhecemos que as indicações que encerram, estão no essencial em harmonia com as narrativas da remodelação cyclica ou commum.

Eis o que ella nos diz com respeito ao Lais de Helys.

Tristan e Iseu, fugidos da côrte do rei Marc (*Mars* ou *Mares* nas prosas portuguesas dos seculos XIV e XV) de Cornoalha (Cornwallis), folgam no formoso e forte castello da Joiosa Guarda, posto á sua disposição por Lancelot,[1]) até que o namorado heroe decide tomar parte na Demanda do Santo Graal, assistindo primeiro em Camalot na côrte do rei Artus, ás solemnes festas da Pentecostes que lhe serviam de preludio. Sem tornar a ver Iseu principia a sua vida de aventureiro, nunca vencido.[2])

Ainda no primeiro anno da magna empresa, Tristan, usando de um simples escudo verde de côr unida, á moda dos cavalleiros noveis da época e para não ser reconhecido, descansa um dia ao pé de uma fonte. Um cavalleiro, que sobrevém, começa a lamentar-se de magoas de alma, sem perceber a presença do rival. Outros dois chegam, desejosos de matar a sêde aos corseis. Mas o queixoso lhes embarga o passo, depois de ter apurado estarem isentos de penas de amor, argumentando que a agua, as verduras, todas as cousas ledas são feitas unicamente para os que amam. Predios em

---

maugres tous mes ennemis
je suis si haultement monte
que pour son ami ma compte
celle qui passe fleur de lis,
et quant pour son homme ma pris
bien ay le monde surmonte.

1) Vid. Löseth, §§ 343 s.

2) Ib. § 347. — Cf. § 13 e 27 da *Demanda* portuguesa; e tambem o estudo de Golther (p. 61 s), o qual explorou a edição impressa de Michel le Noir 1514 (vol. II, f. 54—61).

ruinas, nevões, chuvas e tempestades, eis o que é bom para barbaros sem amor. Como os dois insistem, trava-se combate, em que ficam vencidos, tendo de retirar. O cavalleiro continua em seguida com as suas queixas, entoando o lais. Só no fim é que repara em Tristan. Esse lhe prohibe pensar na Rainha Genuièvre ou em Iseu, a loira — sobranceria que naturalmente origina outra renhidissima batalha. Num momento de folga, Tristan cita o seu nome e o cavalleiro manifesta ser filho de Helyas, um duque de Sansonha que invadindo a Cornoalha fôra pouco antes vencido e morto por Tristan.[1]) Só depois é que na novella se indica ser homonymo do pae.[2])

§ 301. No *Lais de Marot* que serve de acompanhamento ao dançar de quatro mocelinhas, essas chasqueiam durante as suas evoluções desempenadamente d'aquelle principe d'Irlanda. Nenhum dos mss. analyzados por Löseth e consultados em Paris e Vienna a meu pedido, conta os acontecimentos de que parece derivar pelo modo português. O que narram é o seguinte. Irmão da rainha d'Irlanda (chamada Iseu como sua filha), o Morhout, um dos afamados e ufanos da época, vem visitar o rei de Gaula (Wales) Pharamond, em cuja côrte Tristan passa a meninice. Um bobo prenuncia a morte do Irlandês por mão de Tristan de *Leonois* (Southwales).[3]) Mais tarde quando este, feito cavalleiro,[4]) vive na côrte de Marc de Cornoalha, o Morhout passa o mar e vem exigir certas pareas, já pagas aos soberanos da Irlanda[5]) durante dois

---

1) Vid. Löseth, §§ 399s. e as notas relativas aos §§ 390 a 400. Os mss. onde se acha o episodio são, além dos que offerecem o lais, os numerados 97, 99, 101, 336, 349, 458, 772. A morte do duque velho não se conta em nenhuma versão. Em algumas explica-se até como Tristan perdoou a vida ao adversario (Löseth, § 278).

2) Ib. § 400. — A invasão dos Saxonios que vinham exigir um tributo dos de Cornoalha, não pertence á redacção primitiva da novella. Repetição de um successo anterior e essencial (a luta com o Irlandês Morhoult por causa das pareas devidas), occorre apenas nas versões secundarias, cyclicas ou communs.

3) Löseth, § 25.

4) No texto do cod. paris 758, Tristan conta dezoito annos, e é armado cavalleiro a fim de poder combater o monstro.

5) Löseth, § 7, 13, 21, 28, 33, 170 e p. VII. — Cf. Golther, p. 47—50: *Morhoult d'Irlande à grand gent avec luy vint en Cornovaille quérir le treu que ceulx de Cornouaille devoient au roy d'Irlande.*

seculos.[1]) Informado de que o reino podia ser alliviado do horrivel tributo, *treüage* composto de cem donzelas, cem mancebos e outros tantos cavallos de preço, se alguem vencesse o Irlandês, Tristan vae reptá-lo. Na ilha do Saint-Samson,[2]) onde os dois abordam sem acompanhamento, e no proprio dia consagrado ao santo, é que se realiza a lide, verdadeiro *holmgang* á maneira normannica.[3]) O Morhout succumbe, mortalmente ferido, sendo embarcado precipitadamente pelos companheiros, com um estilhaço da espada de Tristan no cerebro.[4]) Tristan, ferido igualmente de uma setta envenenada, leva comsigo, além da arma com que ferira o Morhout, a harpa e rota para o seu solaz, entregando a sua navezinha á mercê das ondas que o conduzem á patria de Iseu, a loira.[5]) Nessa conjunctura o triumphador foi victoriado pelo povo que libertou.[6]) Segundo a chronologia da novella, o *Lais de Morhout* devia preceder o de Helys.

§ 302. O terceiro cantar é um verdadeiro *Lais do namorado de Iseu.* É sabido que o bretão é representado em todas as creações do cyclo como harpista eximio, celebre pela sua arte, talqual o

---

1) Nos poemas de Tristan, o tributo data de época recente; fôra pago em metal; e é modificado em tempo do Morhout que reclama trinta mancebos nobres.

2) Löseth, § 13 e 28; cf. pag. XXV. — Golther, p. 49. — *Romania* XV, p. 542—543. No poema perdido de Chrétien de Troies, o sitio do combate era o mesmo. No seu *Erec et Enide,* o poeta lembra o acontecimento, dizendo:

La ou Tristanz le fier Morhout
en l'isle Saint Samson veinqui.

Essa ilha é uma das Sorlingas (segundo G. Paris).

3) *Le tribut exigé de la Cornouaille par Gormond* (rei de Dublin e pae de Iseu, cunhado portanto do Morhout) *est un souvenir des exactions que ces terribles voisins* (os *vikings* de Dublin) *prélevaient sur les côtes accessibles à leurs incursions* (G. Paris, *Tristan & Iseut,* p. 9).

4 Löseth, § 33.

5) Ib. §§ 28—29.

6) Löseth diz apenas: *Marc envoie chercher Tristan qui est ramené en triomphe.* Nos poemas franceses, talvez houvesse descripção das festas. No Tristan de Gottfried von Strassburg (7100) o regozijo publico é caracterizado nas palavras seguintes:

si slâgetén mit handen,
si lobeten got mit munde,
si sungen an der stunde
ze himele michel sigeliet.

Mas não se attribue papel preponderante á classe feminil.

Horant das gestas germanicas. O português não escolheu comtudo nenhum d'aquelles cantos poeticamente apaixonados cujo eco se repercutiu na idade-media com força extraordinaria em todo o mundo civilizado. Nem o bello lais de Tristan com o estribilho:

Isot ma drue, Isot mamie,
en vous ma mort, en vous ma mie,[1])

conservado como quintessencia do incomparavel drama de amor, por *Gottfried von Strassburg*, que gaba *esse nobre lais de Tristan, tão encarecido e tão apreciado em todos os paises.*[2]) Nem tão pouco o formoso *lais da madresilva,* hoje perdido, em que o amante olhando para a aveleira enlaçada da perfumada trepadeira, exclamava:

bele amie, si est de nous,
ne vous sans moi, ne je sans vous.[3])

A poesia que imitou é das menos sugestivas.[4]) Sobre a materia basta dizer que é logo depois da batalha contra Helys, o de Sansonha, que Tristan atravessa uma floresta primaverilmente engalanada, onde o canto das aves evoca a saudosa memoria de Iseu, longe da qual vivera tanto tempo como cavalleiro errante.[5])

§ 303. Quanto ao assunto do *Lais de choro,* ouvimos como no tempo da Demanda do Santo Graal, o rei Marc, soccorrido pelos Saxonios, invadiu o reino de Logres, apoderando-se na Joiosa Guarda da esposa que o fatal filtro de amor lhe alienára para sempre, emquanto Tristan jazia postrado com graves feridas numa abbadia. Mal restabelecido, o amante segue sua via, caminho de Cornoalha, impellido pela saudade.[6]) Albergado em casa de certo Bréhus,

---

1) Ed. Brockhaus v. 19413. — Cf. 3361:
Tristan Tristan li Parmenois
cun est beax! et cum curtois!

2) Ib. 19204 ss.
den edelen leich Tristanden
den man in allen Landen
sô lieben und sô werden hat.

3) Subsiste apenas um *lai du chèvrefeuille,* refeito por Marie de France, a grande vulgarizadora da *matière de Bretagne.* Vid. a ed. de R. Warnke, *Die Lais der Marie de France,* Halle 1885, e Gaston Paris, *Littér. Franç. au Moyen Age* §§ 55 e 56.

4) Ainda não ha edição dos chamados lais lyricos de Tristan. Na abundante *Table analytique* de Löseth, o leitor pode verificar com facilidade quantos e quaes são os contidos nos codices parisienses.

5) Löseth, § 404.

6) Ib. § 509.

ouve no silencio da noite uma donzella tocar e cantar o *Lais do filtro de amor:*[1])

La ou je fui dedans la mer[2])

por elle poetado outr' ora no meio do mar, quando vogava com Iseu, da Irlanda para a Inglaterra. No dia immediato ella entôa outro lais:

Li soleux luist et clers et biaus,[3])

composto pela propria Iseu, quando, julgando morto o amante, resolvera desesperada morrer igualmente. Instado, Tristan canta então o *Lai du plour,* inventado (ignoro quando) na floresta de Haute (*Haut* ou *Hautone*).[4])

§ 304. Comquanto a redacção francesa da segunda balleta seja desconhecida, os nomes todos e os factos a que a rubrica do *Lais de Lançarote* allude, occorrem não só em algumas das versões cyclicas, mas tambem na *Demanda*[5]) e na novella do *Cavalleiro do Lago*[6]) visto que este é o vencedor festejado por donzelas que cantam e dançam em roda do seu escudo, jubilosas por elle ter alcançado qualquer victoria.

Alguns dos codices analysados por Löseth, que apresentam extensos episodios arturianos, descrevem a vida do encoberto cavalleiro da rainha Guenièvre na côrte do rei Pelles (*Pellehan — le roi pescheor — le roi mehaignie*[7]) guardador do Santo Graal no famoso Castello de Corbenic. Apesar da demencia em que o banido cahira, a sua valentia não degenera. Depois de ter derribado um temivel adversario que, vindo da Ilha dos Gigantes, importunava os de Corbénic, Lançarote recupera a razão, graças á virtude milagrosa do Graal. Senhor d'aquella ilha, onde estabelece residencia solitaria, acompanhado apenas dos seus (isto é do menino e moço Galaaz) o bemaventurado; da filha do rei Pelles que é mãe d'elle, e de uma côrte selecta de damas e donzellas), o heroe manda fazer um escudo com a sua imagem, de joelhos deante da rainha Guenièvre. Pen-

1) Löseth, §§ 80 e 469.
2) Id. Ib.
3) Ib. § 538. — Cf. § 91.
4) Ib. § 538.
5) *Demanda* portuguesa § 1.
6) Cf. Paulin Paris, *Romans de la Table Ronde,* vol. V 305—309 e 324—333.
7) Löseth, § 287ª (p. 211). Outros mss. intercalam o episodio em logar differente (§ 388), ou mesmo duas vezes (ib.).

durado num pinheiro, este emblema serve-lhe de memento continuo, alludindo ao crime de amor por elle commettido.

Este crime romantico que motivou a sua desgraça e loucura, — e a que se allude na rubrica, como se fôra simultaneo á bailada — é a aventura nocturna acontecida um decennio antes, na côrte do rei Artur, á qual o heroe da *Demanda,* o casto Galaaz, deveu o ser, e que por isso mesmo forma o ponto de contacto entre o *Lancelot* e o *Graal.* Enganado pela *duẽna* ou *Vetula* que o romance hespanhol trata de *Quintañona,*[1]) ou por um filtro, ministrado intencionalmente pelo rei Pelles, Lancelot, julgando-se em presença da rainha Guenièvre, havia abraçado a filha do rei Pelles.[2])

Mas voltemos ás victorias do heroe que se penitenciara durante mais de dez annos.[3]) Uma das donzellas, curiosa de experimentar as forças do que, humilde, se appellidava *o cavalleiro malfeitor* (*méfait*), promove a vinda de um seu servidor, Albano de nome, que o desafia, ficando vencido. O jubilo feminil sobre a proeza do formoso triumphador toma então proporções taes que a ilha recebe o nome de *Ilha da lidiça*[4]) *isle de joie*: Em vista d'este nome, mencionado na rubrica portuguesa, imagino dever collocar a balleta após a victoria sobre Albano,[5]) comquanto falte nos textos franceses até hoje examinados.

---

1) Wolf, *Primavera y Flor,* Nº 148 e 147.

2) A filha do rei Pelles chama-se *Helyabel* no romance de Tristan (Löseth, § 300); *Elena* no Lancelot inglês (ib. § 484, n. 4); *Amida* no Graal português, cap. 1, onde uma das donzelas da *Ilha de Ledice* vem procurar Lancelot na côrte de Artus, para onde fôra afim de tomar parte na *Demanda* (cf. cap. 35 e Löseth, p. 476). Repetidas vezes ella é citada como a mais bella dama da época depois de Genevra, Iseu e Helena sem par, a amada de Perceval.

3) Löseth, §§ 300, 283ª e 318, 1; *Lancelot* ed 1533, vol. II, f. 85 e 86, apud Märtens, em *Romanische Studien* 1880, p. 570, 591, 631, 641, 699.

4) No *Graal* português as formas *lidiça, lediça, ladiça,* de *laetitia* são empregadas a miudo; mas tambem *ledice, ladice,* de *laetities.*

5) Involuntariamente, o jubilo das donzellas evoca a lembrança do romance castelhano:

> *Nunca fuera caballero*
> *de damas tan bien servido*
> *como fuera Lanzarote*
> *cuando de Bretaña vino,*

se bem que nada tem com as scenas a que o archaico cantor se refere. De resto, depois do primeiro combate na Ilha, cavalleiros errantes affluiam de todas as partes, para medirem forças com Lancelot, de sorte que as bailadeiras tiveram ensejo de repetir as suas danças.

§ 305. Vejamos agora em que pormenores as rubricas portuguesas se afastam dos textos franceses e se essas discordancias serão originadas pelo descuido do compilador, ou resultantes de redacções verdadeiramente independentes.[1]) Na epigraphe do Lais de Helys noto duas divergencias: a alcunha *O Baço* = *Le Brun,* apposta ao duque de Sansonha;[2]) e a substituição de Cornoalha, como país invadido, por Gran-Bretanha.

A primeira particularidade pode muito bem ser filha de confusão, da parte do redactor da rubrica, entre o duque *Helys* e certo *Helain Le Brun,* visto que as fórmas *Helain, Helyan, Helyant* concorrem nos romances com *Helie*(*s*) *Helys, Helyas.*[3]) Com relação á segunda particularidade, não esqueço que no parecer de Gaston Paris, uma das feições caracteristicas da versão rimada inglesa (ou anglo-normannica) é o representar a Marc como rei da Inglaterra inteira, e não exclusivamente da Cornoalha;[4]) mas como o episodio secundario da invasão saxonica não pode ter feito parte do poema de

---

1) Na ultima oração das rubricas **311** e **312** é indubitavelmente o compilador quem falla. A parte narrativa podia ser epigraphe original, redigida pelo proprio escritor que nacionalizou os lais, caso estes cursassem soltos, em rotulos de pergaminho como as demais cantigas. Em caso contrario, sendo extrahidos directamente da novella em prosa peninsular, como penso, devem ser obra de quem os tresladou ou mandou tresladar para o Cancioneiro gallaïco-português.

2) Löseth prova (pag. 441, nota 1) que em certos mss. franceses ha confusão entre dois homonymos *Galehout* e *Galehout le Brun.*

3) Vid. Löseth, *Table analytique* s. vv. — Um *Helain* diverso dos dois é matado por Tristan (§ 253).

4) Vid. Gaston Paris, *Tristan & Iseut,* p. 25. — Cf. Gottfried von Strassburg; *Tristan,* ed. cit. l. 421—434:

von Kurnewâle Marke
— — — — — — —
der hœte dô ze sîner hant
Kurnewal und Engelant.
Kurnewâl was aber sîn erbe dô,
umb Engelande stuont ez sô:
daz hœte er sît des mâles
daz die Sáhsén von Gâles
die Britûne dâ vertriben
und sî dâ hêrrén beliben
von den ez ouch den namen verliez
daz lant, daz ê Britanje hiez
und wart ouch iesâ dô genant
nach den von Gâles Engelant.

Thomas de Bretanha,[1]) a coïncidencia é seguramente casual. Seria outra vez o redactor da rubrica que desacertou, ao condensar em poucas linhas successos complicados, expostos em longos capitulos do estensissimo romance.

As divergencias com relação ao Morhout são mais incisivas. Mal podem provir da falta de attenção do compilador, embora este se esquecesse, de facto, de nomear Tristan como vencedor. Não se falla do tributo. O Morhout não é nenhum minotauro. Donzellas, conquistadas uma a uma, são mandadas em servidão ao reino d'Irlanda.[2]) E essa pratica é recente, da iniciativa do Morhout, que assim se vinga da morte do pae, causada por uma menina a que servira de guarda.[3]) De nada d'isso ha o menor vestigio nos textos franceses, nos quaes, como já sabemos, falta totalmente o cantar escarnicador das que o viram derrotado. Este facto estranhavel em si, porque o Morhout figura em todos de maneira bem saliente (não só nas versões secundarias, mas tambem na primitiva, e nos poemas que a precederam) torna-se mais notavel em vista da informação do nosso compilador, que classifica esta cantiga — *e só esta* como traduzida *verso a verso.*[4])

---

1) A respeito da chronologia dos diversos poemas e dos romances em prosa, vid. p. 499, Nota 3.

2) É verdade que estas tambem eram *emmenées en servage.* No romance de Palamedes, o Morhout conquista uma vez uma donzella. Vid. Löseth, pag. 488. De seu pae nada consta. O rei de Irlanda que o envia exigir o tributo, é seu cunhado, marido de Iseu, a Velha, mãe de Iseu, a Loira. Na novella seu nome é *Hanguin Anguyn;* nos poemas *Gormond, Gurmun.* O mesmo nome occorre no livro de linhagens do Conde de Barcellos.

3) Talvez houvesse confusão entre o Morhout (Morholt) e o conde de Norhout, Norholt (Löseth, § 23)? Dois vasallos d'esse personagem assassinaram Meliadus, pae de Tristan, sem razão, a não ser que hajamos de considerar como tal a predicção que os herdeiros de Norhout morreriam ás mãos de Tristan, ou de alguem da sua linhagem, predicção que, segundo o novellista, se realizou, embora os textos conhecidos não narrem o facto.

4) Creio dever interpretar o modismo *palavra por palavra* no sentido especial de *verso a verso* que os trovadores lhe ligavam, se entendo bem a archaïca poetica que precede o **CB**. Veja-se Tit. III, c. 9: *Outra maneira i á de seguir, que chaman palavra por palavra; t.* IV, 1: *cobra de quatro palavras;* IV, 2: *meteron en sas cantigas ... ũa palavra que non rimasse e chaman lhe palavra perduda;* IV, 3: *conven que a prestomeira palavra da cobra non acabe a razon por fin, mais ten a primeira palavra da outra cobra, que ven apos ela, de entendimento;* IV, 4: *esta fiinda poden fazer de ũa ou de duas ou de tres ou de quatro palavras.* Está claro que não faltam passos em que *palavra* tem o sentido commum de *vocabulo.*

Nesta mingua tentemos estabelecer onde, suppondo que o Morhout ficou vencido, uma balleta como o nosso N° 312, podia ter sido intercalada. Não posso imaginar como, antes da derrota final do minotauro celtico, ameaçadas de serem suas victimas, as *niñas en cabello*, andassem *seguradas* a motejarem d'elle.[1]) Só no momento fatal da sua retirada, informadas da victoria de Tristan, mas ainda sem conhecerem a gravidade das feridas do vencedor. Ou antes posteriormente, no anniversario da libertação da Cornoalha?

No romance ha allusões repetidas a festas celebradas antes e depois da façanha de Tristan, nas calendas de Maio. Dedicadas a principio á Madona Venus, foram celebradas com preponderancia do bello sexo,[2]) num templo situado na fronteira de Cornwallis e de Southwales (Léonois).[3]) E embora nas versões francesas conhecidas não se diga expressamente que bailados de donzellas faziam parte das cerimonias commemorativas da victoria de Tristan sobre o minotauro, nem tão pouco que a festa de Saint-Samson cahisse no 1° dia de Maio, não repugna idear que em lições divergentes se notificasse esta coincidencia, ou mesmo que a inventassem em adaptações peninsulares.[4]) Mas taes hypotheses afastam-nos do nosso objectivo immediato que é fixarmos as variantes do *Tristan*, manuseado pelo compilador do Cancioneiro quando ia escolher amostras de lais nacionalizados.

O nome bisyllabico *Marot* ou *Maront*, com varias graphias que todas mostram *a* na syllaba primeira,[5]) discorda tambem das formas francesas que teem *o* no mesmo logar: *Morhout, Morholt, Morholz*,[6]) *Morloth, Morhol* (allemão *Morolt* genet. *Moroldes*, ital.

---

1) Na lenda do tributo, a contaminação do assumpto celtico com o classico de Theseu é bem visivel. Originariamente, o Morhout era uma especie de monstro marinho, anthropomorphizado, visto o seu nome contêr o vocabulo celtico *nor man* (*Tristan & Iseut*, pag. 9).

2) Depois da morte de Tristan, a festa era celebrada na cathedral de Tintagel, residencia do rei Marc, deante do tumulo do Namorado.

3) Löseth, pag. VII, §§ 13 e 170, pag. 483 e 581.

4) Mas que significa nesse caso a allusão ao Marot como a um vivo que podia resentir-se da alegria das bailadeiras? *Mal-grad' aja* e *venha-lhe maa gaança* podem entender-se como simples maldicções, equivalentes urbanos de *maldito seja*, e que quadram a vivos e mortos.

5) *Omaroot, Amarõot, Maarõot, Maraot.* As fórmas com til conduzem a *Maront* por *Marolt.*

6) Cod. Paris. 334 fl. 32v: *auint chose que li morholz dyrlande li freres a la roine dyrlande uint en lostel le rois pharamont a moult bele compangnie de cheualiers etc.*

Amoroldo). Tendo-se encontrado *Morhaus* num dos codices de Vienna,[1]) supponho porém que haveria tambem *Morhaul*, e talvez *Marhaut*, de onde o português *Maraote* e *Marote*.

Na terceira rubrica, evidentemente mal redigida pelo compilador que transformou em successos simultaneos a aventura nocturna e a estada na Ilha da Ledice, separadas na versão commum por um decennio, não ha muito que respigar, e nada nos lais lyricos de Tristan. A forma *don Ançarot* leva a suppôr *L'ancelot* no modelo francês. A *isle de joie* seria *isle de liesse*. Quanto á balleta em si, cantada e dançada pelas damas da filha do rei Pelles, ha o mesmo dilemma como com relação ao *Lais de Morhout*. Faltando ella nos textos conhecidos, o modelo francês divergia, ou houve alteração voluntariosa da parte do traductor peninsular.[2])

§ 306. Os factos concordantes a que as rubricas alludem — a lide com o Morhout, o combate com Helys, a actividade poetica de Tristan, as relações de Lancelot com a filha do guardador do Graal — são tão pouco numerosos e tão pouco precisos que não conduzem a resultados seguros. Apenas se vê claramente que o Tristan, importado na peninsula, não era nenhum exemplar da primitiva redacção em prosa, relativamente singela e concisa, composta na opinião dos peritos, perto de 1220;[3]) mas antes de uma das re-

---

1) Cod. Vindob. 2542 f. 6ᵛ: *Quant fu tristrans avoec son oncle kil ot bien le forche destre cevaliers. Et en celui termme vint li morhaus dirlande por querre treu de cornuaille. Lors commence li deus parmi cornuaille grans et merveilleus.*

2) Não creio que o traductor das prosas as tratasse com a mesma semceremonia com que modificou (ou modificaram) os versos.

3) Cf. Löseth, § XX: *antérieur au roman de Palamèdes et postérieur au Lancelot, il doit avoir été composé entre 1215 et 1230.* Gaston Paris, *Tristan & Iseut*, pag. 26 diz: *vers 1220.* Do excellente resumo *La littérature française au moyen-âge*, Paris 1890, tiro as seguintes datas relativas á evolução da lenda de *Tristan*, e outras bretonicas:

c. de 1150 *Tristan,* de Béroul,
c. de 1160 *Lancelot*, anglo-normannico,
Tristan, de Chrétien de Troies,
c. de 1170 *Tristan,* anglo-normannico, de Thomas,
c. de 1215 *Joseph, Merlin et Perceval,* de Robert de Boron,
c. de 1220 *Quête du sanct Gral,* attr. ao mesmo,
Lancelot, 1ª red. em prosa,
Tristan, 1ª red. em prosa,
c. de 1225 *Le Brait Merlin,*
c. de 1230 *Tristan,* remodelação.

Todos os textos do sec. XII são em verso, todos os de sec. XIII em prosa.

modelações posteriores, que de 1230 em deante substituiram a primeira, formadas de fragmentos juxtapostos, em parte ampliados, em parte reduzidos, e alargadas desmesuradamente pela introducção de episodios, ora novos (como a invasão dos Saxonios), ora colhidos em outras novelas sobre materia arturiana, como o *Lancelot* e a *Demanda do Graal.*

Todavia, avaliando essas concordancias conjunctamente com o texto dos lais, como é justo, mais se apura que o *Tristan* peninsular, sem ser igual a nenhuma, se aproximava das versões contidas nos codd. paris. 757 (**A**) e 12599 (**B**) e no vindob. 2542 (**E**), i. é d'aquellas tres que se distinguem de todas as demais pela sua relativa simplicidade e conservam ainda partes da redacção primeira.

A, embora materialmente de fins do sec. XIV, mereceu a Lõseth attenção tão particular que o escolheu para base da sua analyse; e contém na sua 1ª metade parcellas do texto primitivo.[1])

B, de letra do fim do sec. XIII, e incompleto, dá pouco da 1º parte e esse pouco segundo a versão cyclica, mas no fim cinge-se á versão antiga. No meio tem partes que lhe são peculiares.[2])

E, quer seja um treslado do sec. XV, como Wolf suppôs, quer do sec. XIV, como opinam os que o manusearam agora, dá a novella com muito menos interpolações do que as outras duas da bibliotheca imperial de Vienna.[3])

Considero valioso este resultado e d'elle tirarei mais abaixo algumas illações.

§ 307. Sendo certo que as mais antigas redacções se perderam e muito provavel que essas, directamente derivadas de poemas,[4]) encerrassem maior numero de versos; sendo igualmente certo que os trovadores portugueses imitaram muito, e inventaram pouco, tenho tambem as duas balletas cujos modelos franceses não se descobriram,

---

1) Lõseth, *Préface.*

2) Ib. §§ IV, VI, XII, XVIII.

3) Veja-se a descripção do cod. no livro de Wolf, p. 240ss. Ahi diz: *Auch ist in dieser Handschrift die Erzählung noch gedrängter und die Grundlage weniger durch fremdartige Episoden entstellt als in den beiden übrigen Handschriften der k. k. Hofbibliothek.*

4) A primeira redacção em prosa baseava-se em parte sobre o poema perdido de Chrétien de Troies que por sua vez se ligava á versão fragmentaria de Béroul, na qual havia reflexos de lais narrativos bretonico-franceses. — Cf. G. Paris, *Litt. franç. au moyen-âge* §§ 53 a 64; *Tristan & Iseut,* Paris 1899, p. 24 e 25; Lõseth, §§ XXII e XXXIII; *Romania* XV, 604.

na conta de traducções, crendo que andariam na versão importada na peninsula.[1])

A favor d'esta opinião falla a nota do compilador „*tornada em lenguagem palavra por palavra.*" Embora ella só se entenda com o *Lais de Morhout*, formalmente emparelha com aquelle o de Lancelot, cujo thema novellesco — jubilo expansivo do sexo que é representado como particularmente interessado nas façanhas e desventuras do Cavalleiro do Lago —[2]) convidava a manifestações poeticas.[3])

Facto é que entre as poesias por ora registadas como subsistentes nas novellas, nem uma só é cantiga mulheril de refram: dança ou balleta.[4]) Mas a contrabalançar esta falta, ha passos em que se mencionam expressamente motetes e cançonetas compostas por Tristan.[5]) Um cantar d'elle, entitulado *le lai mortel*, ultimo que ideou e cantou antes de endoidecer, principia até:

J'ay fait chançonetes et lais.[6])

Nem faltam allusões directas a versos não constantes nos mss. conhecidos, os quaes tambem a este respeito são muito desiguaes,

---

1) Por ventura ainda appareçam nalgum dos codices por ora não analysados do *Tristan*.

2) O romance castelhano, que já citei, o apresenta *entre las damas holgando*. As novellas francesas alludem a endechas pronunciadas por mulheres, em varias occasiões do lucto. Vid. Märtens, em *Romanische Studien*, V 663.

3) Tres coplas de refram, de arte menor (*ababCC*), com a usual repetição das mesmas ideias em todas as estrophes; differentes só pelo metro que é de sete syllabas no *Lais de Morhout* e de oito no *Lais de Lancelot*.

4) Como em varios romances de aventuras do sec. XII e XIII (*Roman de la Violette, Roman de la Poire, Roman de la Panthère d'amour, do Chatelain de Coucy, de Guillaume de Dôle*) e nas peças dramaticas de Adam de la Halle ha numerosos *refrains* e *motets*, bem podia ser que algum remodelador do *Tristan* se lembrasse de accrescentar onde as conjuncturas da novella a isso instigavam, poesias nos generos indicados, mesmo se o texto primitivo não contivesse nenhuma. E como freqüentemente só se cita a primeira copla, o distico inicial, ou o estribilho, estaria explicado porque o traductor construiria cantigas de *repetição*, cuja agilidade e desenvoltura não accusa imitação, se esse procedimento precisasse de motivação especial.

5) Depois de casado na pequena Bretanha com *Iseut la brune*, Tristan continuou dedicando á *Iseut la blonde*, amante a que a fatalidade o ligara para a vida e para a morte, grande numero de cantigas, cujo poetico estribilho deixei copiado — homenagens que a ingenua e virginal esposa *das mãos de neve* referia á sua propria pessoa. — Vid. Löseth, § 59.

6) Ib. § 80. — Cf. Fr. Michel, *Tristan* II, 212 e Wolf, Fac-sim. VII. — *Chançonete, balade, baladel* e *ballete*, designam em opposição ao *grand chant, chant royal* ou *chançon*, poesias de apenas tres coplas em versos curtos, freqüentes vezes com refram.

conforme já disse.[1]) Uma d'essas, pelo menos, parece ter sido de refram.[2]) Em abono da hypothese contraria posso allegar apenas a relativa independencia com que o traductor português tratou os originaes, dando prova, apesar da deficiencia do seu trabalho,[3]) de talento mais que bastante para a composição de *bailadas*, as quaes dado o assumpto novellesco, não exigiam grande poder inventivo, e na factura são identicas a duzias de *cantigas de refram*, creadas por poetas peninsulares, na 1ª e 2ª metade do sec. XIII.

§ 308. Tanto a invenção como a imitação ou traducção de poesias sobre assumptos bretonicos, por mais insignificantes que fossem, e as allusões á *matière de Bretagne* tinham razão de ser apenas num meio onde um publico, pequeno embora, lia e ouvia lêr com interesse as novellas de Tristan, Lancelot, Merlim e a Demanda do Graal. Sem que essa materia fosse bem-vista nas côrtes peninsulares, quem se teria lembrado de compôr balletas do Morhout e de Lancelot ou lais de Helys e Tristan? A existencia das cinco composições primaciaes do Cancioneiro é indicio forte e quasi irrespondivel, da familiaridade dos peninsulares com romances de Tristan e Lancelot em prosa. E onde os originaes franceses eram versados, mal faltaria quem os tornasse em linguagem.

Nem mesmo o numero exiguo dos cantares conservados invalida essa hypothese. Pode ser que o traductor da prosa, resolvido a

---

1) No cod. vindob 2542 conto 17 lais, sendo-lhe peculiar o que diz:
Che lay fist kahedins:
A vous amours ains come lui
se plaint kahedins de celui (f. 113ᵛ).
No cod. paris. 757 ha pelo menos 24. O nosso 1°. lais acha-se em ABCD-EFG; o II em AB-EFG; o IV em ABCH e E. — ACH são do sec. XIII; B é do sec. XIV; DEFG do XV. E parece cópia de um original muito mais antigo.

2) No § 63 de Löseth cita-se um lais em que os Bretões celebravam a victoria de Tristan sobre o gigante Nabon, pela qual o país da escravidão (*du servage*) foi libertado, chamando-se d'ahi em deante *La franchise de Tristan.* E' possivel que este lais, com o refram bellicoso *Or a la mesnie au jaiant,* fosse cantiga. No § 80 falla-se de dois lais de Tristan, hoje desconhecidos: um *Lai de plor* composto quando, ferido pelo Morhout, Tristan ia embarcar, e o *Lai du Déduit d'amour,* relativo ao tempo passado com Iseu na floresta do Morois. No § 469 ha referencias a um *Lais de Lancelot.* No §§ 570 e 602 a varios lamentos sobre a morte de Tristan, attribuidos a Lancelot, Brunehors, Palamedes.

3) Além das deficiencias já notadas ha no lais I e IV *desigualdades* de rima que não se notam em mais nenhuma cantiga do Cancioneiro.

apropriar-se dos intermezzos lyricos todos, desistisse a meio caminho, achando a empresa nimiamente ardua. Mas não é menos possivel que o collector do Cancioneiro escolhesse no Tristan peninsular apenas as amostras que mais o contentavam.

Das duas phrases finaes das rubricas com que acompanhou os Nos **311** e **312**, a primeira expõe vagamente a razão porque escolheu o Lais de Helys, dando-lhe até o logar de honra, mesmo antes da balleta do Morhout, a despeito da chronologia da novella, que exigia ordem inversa.[1]) *Era o melhor que foi feito* póde significar primazia sobre os quatro lais seguintes, ou sobre muitos mais. Podiamos até imaginar que, na occasião dada, traduzindo alguem o *Livro de Tristan,* houve uma especie de concurso ou torneio de trovadores, agradando mais entre as tentativas de adaptação do Lais de Helys, a que vemos acolhida no Cancioneiro.

A outra classifica a cantiga do Morhout como *a primeira que achamos que foi feita.* Tambem aqui varias interpretações podem ser propostas. O compilador conferia mentalmente todas as mais balletas portuguesas com a de Bretanha, vindicando a prioridade chronologica a esta, por confundir a era longinqua arturiana em que os novellistas haviam collocado a historia de Tristan, com o tempo em que executava o seu trabalho. Ou apenas quis estabelecer que a cantiga do Morhout era a primeira que occorria nas novellas de Tristan.[2])

§ 309. No primeiro caso, achado estaria o motivo porque o Conde de Barcellos collocou os lais na primeira plana, como preambulo das trova subjectivas de amor, sem indicação do nome do interprete. O modo como relata infantilmente, nos cadastros da nobreza, numerosas ficções, dando-as por verdade pura, auctorizanos a crêr que na sua imaginativa esses lais eram realmente producções de Tristan e de coevos de Tristan. Considerando os inventores como personagens historicos da côrte do rei Artur de Bretanha *onde ouvistes fallar que era muy boo,*[3]) assignava-lhes

---

1) Nos II, V, I, III, IV ou, se a ultima balleta fazia parte de um *Roman de Lancelot*: Nos V, II, I, III, IV.

2) No romance *Meliadus,* o pae de Tristan é designado como o primeiro que cantou um lais accompanhando-se á harpa. — Vid. Löseth, p. 445, nota 1. Qualquer observação semelhante poderia têr acompanhado a balleta do Morhout.

3) *P. M. H.: Script.* 243.

por ventura o anno 1042, que vemos lançado nos primeiros *Annaes Toletanos*,[1]) acabados em 1217. Ou antes o de 580, registado no seu proprio Livro de Linhagens, como data do desapparecimento do famigerado soberano,[2]) e julgava estabelecer a boa ordem chronologica[3]) ao antepô-los aos cantares mais archaïcos de trovadores peninsulares que pôde colligir, compostos perto de 1200, conforme elle, de certo, não ignorava.

Quem achar injusta esta supposição deve explicar o desvio voluntarioso do plano chronologico, seguido bem ou mal na ordenação das materias, pelo desejo do compilador do *Livro das cantigas* de sanar a falta de um principio ou introito suggestivo notado no cancioneiro de amor.[4])

Da inanidade da illusão do Conde, se com efeito a nutriu, o leitor já deve estar convencido, antes mesmo de termos fallado da época provavel em que a *matière de Bretagne* foi importada para o territorio peninsular, lembrado de que o Tristan em prosa, creado e remodelado entre 1210 e 1230,[5]) passou de França aos paises estrangeiros perto de 1250, i. é numa epoca em que a lyrica gallaïco-portuguesa já ia culminando, estando fixados e bem arraigados os generos principaes que o sec. XIII cultivou. O proprio

---

1) *Era MLXXX lidio el rey Citus* (err. por *Artus*) *con Mordret en Camlenc.* — *Esp. Sagr.* XXII, 381.

2) *P. M. H.: Script.* 243. Depois de fallar da batalha no monte de Camblet entre rey Artur e seu sobrinho *Mordech* (ou *Modrech*) diz: *Aqui morreo Modrech e todollos boos caualleiros de huma parte e da outra. Elrrey Artur teve o campo e foy mallferido de tres lamçadas e de huma espadada que lhe deu Modrech, e fezesse leuar a Isl-aualom por saar. Daqui adiamte nom fallemos del se he viuo se he morto, nem Merlin nom disse dell mais, nem eu nom sey ende mais. Os bretões dizem que ainda he vivo. Esta batalha foy na era de quinhentos e oitenta annos.* Algumas das palavras e expressões, empregadas nas rubricas repetem-se nos *Livros de Linhagem*, o que não deve admirar. Lá temos (a p. 245) *a Gran-Bretanha que ora chamam Ingraterra;* o titulo *duc*, posteriormente nacionalizado em *duque* (ib. 244); o gallicismo *Saisnes* (*Saisines* na ed. academica) por Saxonios; a forma nasalada *Sansonha* (ib. 242) por *Sassonha*, do fr. *Sassoigne*, *Sassoine*, *Saissoigne*, *Sessoigne*).

3) A proposição laconica *dass die Voranstellung chronologische Präcedenz bedeuten kann* que empreguei no *Grundriss* II^b, 199 fica assim explicada.

4) Se a collocação do *Lais de Helys* á testa do Cancioneiro não fosse um desvio do plano geral, para quê essa nota, que é unica na compilação, conforme expliquei?

5) Cf. p. 499 nota 3.

modo de imitar do traductor, cedendo instinctivamente ás correntes que desejava evitar, assim o indica.

§ 310. Qual a epoca em que o *Tristan* foi vertido para vernaculo? qual o reino peninsular em que essa nacionalização se effeituou? e qual a linguagem escolhida pelo traductor? O primeiro terço do sec. XIV, ou o ultimo quartel do XIII? Hespanha, ou Portugal? Castelhano, ou gallaïco-português?

A este respeito as opiniões estão divididas, e é de crêr que a controversia perdure, se por qualquer acaso não se chegar a descobrir o nome e as circumstancias do auctor.

Entre os criticos indigenas é, de ha muito, dogma assente que o caracter lyrico e namorado do suave povo português, propenso a uma vaga saudade, era muito mais apto para a comprehensão das prosas sentimentaes do cyclo bretonico do que o grave genio heroicamente epico da nação castelhana. Mesmo no país vizinho, os mais doutos e sagazes investigadores modernos das litteraturas hispanicas[1]) longe de acharem excessivamente patrioteira a tradição que colloca em Portugal o berço de Amadis e de grande numero de antigos livros de cavallaria, opinam que, favorecidos talvez pela communidade de origens celticas, os lais de Bretanha, dissolvidos em prosa, acharam acolhimento e evolucionaram no Oeste ou Noroeste da peninsula, antes de chegar á Hespanha propriamente dita. E podiam ter accrescentado que o talento, a faculdade (ou seja balda) imitadora dos portugueses tambem os predispunha a esse mester. Mas philosophias d'esta ordem, por mais tentadoras e valiosas que sejam, não decidem pretenções litterarias, nem persuadiram até hoje os

---

1) Citarei dois trechos caracteristicos, um de Milá y Fontanals e o outro de Menendez y Pelayo. O primeiro diz: *No fue temprana en Castilla la introduccion del ciclo breton ó sea del rey Artus y de la Tabla redonda. Enlazado con una nueva caballeria menos heroica y mas refinada que la del ciclo carolingio, no se avenia con el caracter grave de la castellana* (*Poesia Heroico-Popular Castellana,* Cap. 10 *Ciclo Breton,* p. 380). O segundo assentava: *Asi como en Castilla, pueblo heroicamente enamorado de las grandezas de la accion y de las realidades de la vida prendió facilmente la semilla de las narraciones del ciclo carolingio, asi en el pueblo gallego inclinado de suyo .... a la soydade, a la melancolia y al devanear inquieto y fantastico arraigaron antes que en otra parte alguna las historias y los lais del ciclo breton* (*Antologia* III, p. XL). — Cf. G. Paris, *Litt. Franç. au Moyen-Age* § 64: *L'Amadis portugais, puis espagnol, aux* XV *e* XVI *siècles, sont des imitations de ces grands romans en prose.*

duvidosos; e muito menos a allegação dos estragos providenciaes, causados pelo terremoto e pela devastação de bibliothecas, durante os saques felipino e francês; nem tão pouco o argumento do desleixo dos nacionaes que, por terem em menos conta palavras que acções, deixaram perecer muitas riquezas patrias. Por isso inventariemos o peculio effectivo com que Portugal entra no pleito bretão, com o fim de apurar se os factos que Castella tem a oppôr, no outro prato da balança, já enumerados por uma das auctoridades a que alludo,[1]) perfazem o quadruplo ou quintuplo do capital português, como seria justo exigir.

No Romanceiro popular do continente e das ilhas ha, nos casos de *D. Ausenda*, do *Conde Nilo* e outros, reminiscencias e motivos soltos, como a lenda das arvores que, sahindo dos tumulos de dois amantes, mortos de amor, entrelaçam amorosamente os seus ramos.[2]) Merlim, o instaurador da Tavola Redonda, chegou a ser typo popular,[3]) e assumpto tanto de livros eruditos como de folhetos da bibliotheca do povo. As suas prophecias lendarias persistiram na tradição, e geraram no sec. XVI a poesia politica dos sebastianistas, preludiada pelas trovas do sapateiro Bandarra.[4]) No mesmo tempo, a materia de Bretanha inspirou o *Sagramor* e a *Segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, recheada de romances e poesias lyricas, exactamente como o *Tristan* francês, o *Amadis*, o *Romance de Troia*. No sec. XV D. Duarte possuia entre outros textos escriptos em vulgar, um *Tristan* (Nº 29), um *Merlim* (Nº 39) e o *Livro da Galaaz* (Nº 36), além das reliquias poeticas da primeira época, de que o leitor sabe. Não havendo nota que indique qual a linguagem, devemos suppôr fossem em português, porque

1) Os romances de Tristan e Lançarote; allusões a Tristan no *Livro do Amor* do Arcipreste; a Merlim no *Poema do Salado*, na Carta do Mouro Benahatin ao rei D. Pedro de Castilla (1369), e no *Victorial* (c. 11); sete trechos no sec. XV no Canc. de Baena; exemplares das novellas principaes nas bibliothecas de Martim de Aragão, do Principe de Viana, Carlos de Navarra e Isabel, a Catholica; e de 1500 a 1600 a longa série de novellas impressas: eis o que Milá y Fontanals allega no cap. X da obra citada.

2) Vid. Braga, *Romanceiro Popular;* Id. *Romanceiro do Archipelago Açoriano* e Hist. da poes. pop.; Azevedo, *Romanceiro da Madeira.*

3) No dictado do *melrinho de bico amarello* talvez haja referencia ao Melrim ou Merlim.

4) A crença sebastianista, com as suas aspirações indeterminadas num redemptor de miserias, ainda hoje conta adeptos, como se póde vêr nas notas que acompanham o *D. Sebastião* do poeta Dr. Luis de Magalhães (Coimbra 1898).

no seu tempo a moda de escrever livros castelhanos ainda não vigorava em Portugal.[1]

Anteriormente, na época de D. João I, os heroes de Aljubarrota, assim como o chronista Fernão Lopes, conheciam familiarmente as aventuras de Tristan, Lançarote e Galaaz.[2] Tanto a Ordem dos Namorados como a quasi mythica da Madresilva se ligam á leitura assidua dos romances do cyclo bretão pelos paladinos do mestre de Avis.[3] O condestavel considerava este ultimo, antes de 1385, como heroe digno de imitação, conforme ensina a sua Chronica.[4] Muitos nobres davam a seus filhos aquelle e outros nomes romanticos, como augurio de felicidade.[5] Na lenda historica dos amores de Pedro e da misera e mesquinha Inês entraram pormenores — como as missivas levadas pelo ribeiro da quinta das lagrimas — que provém do romance de Tristan e Iseu. No sec. XIV Rodrigu' Eannes encheu o Poema de Alfonso XI ou da batalha do Salado, composto originariamente em português, na opinião de alguns, de repetidas allusões a Merlim e á harpa de Tristan.[6] No Livro de linhagens ha, no Titulo II em que se acham condensados materiaes

---

1) A época hispano-portuguesa da litteratura patria começou pouco antes de 1450 com a troca de versos entre o Infante D. Pedro e Juan de Mena, e de cartas com o Marquês de Santilhana, seguida de perto da jornada do Condestavel ao reino vizinho. Verdade é que entre os livros de D. Duarte havia o *Conde Lucanor* (Nº 53) e o *Arcipreste de Fita* (Nº 70). Mas a existencia de restos de uma versão portuguesa quatrocentista da ultima obra, permitte-nos pensar tambem em uma versão da obra de D. Juan Manuel. — Vid. Braga, *Questões de Litteratura e Arte,* Lisboa 1881.

2) *Chron. D. João I,* Parte II, c. 108. A proposição *de hoje mais não cumpre que se leiam as proezas de Tristan e de Lançarote* prova que nos dias de Fernão Lopes os romances bretões estavam tão vulgarizados que podiam ser tratados de velharias.

3) Mais acima, a p. 493, fallei do *lai du chévrefeuille.*

4) Nos *Filhos de D. João,* Oliveira Martins fez amplo e excellente uso d'essa *imitação de Galaaz.*

5) Perceval, Lisuarte, Galvão, Artur, e posteriormente tambem Amadis. E' verdade que o primeiro Lançarote que encontro em Portugal, no anno 1359, era Genovês, da familia dos almirantes *Pezagno* (transformados aqui em *Pessanha*). De 1385 em deante ha muitos. No *Libro de la Caza,* composto antes de 1325, Don Juan Manuel menciona um falcão que chamavam *Lançarote* (42, 10 da ed. Baist) e outro que diziam *Galvan, e fôra de Don Arrigo.* — Este irmão de Affonso X (c. 1223—1303) apparecer-nos-ha mais abaixo em relações (de inimizade) com um poeta português que allude a *cantares de Cornoalha.*

6) *Poema de Alfonso XI,* estr. 242—245, 409, 1807—1842.

tirados da *Historia Britonum*,[1]) varios contos bretonicos, como o do *Rei Lear*.[2])

Finalmente e principalmente nas cantigas dos trovadores, em que allusões litterarias são rarissimas, dado o seu caracter vago e subjectivo, as poucas que ha, dizem respeito ao cyclo bretão.[3])

§ 311. No reinado de D. Denis temos dois auctores, cujos dizeres revelam certa intimidade com as lendas de que se trata.

Um soldado e jogral obscuro, Fernand' Esguio ou Esquio, escarnece de um dos filhos do rei, porque, tendo-lhe promettido um cavallo, não cumpriu a promessa.[4]) Alludindo á tradicional *beste glatissante*,[5]) ou *merveilleuse*, relata:

> Disse un infante ante sa companha
> que me daria besta na fronteira;
> e non será já murzela, nen veira,
> nen branca, nen vermelha, nen castanha.
> Pois amarela nen parda non for,
> a pran, será a *besta ladrador*,[6])
> que lh'adurran do reino de Bretanha? (**CV 1140**).

O escrivão de puridade de D. Denis, Estêvam da Guarda, é ainda mais explicito, memorando pormenores da morte de Merlim, e do grande *brado* que deu:

> Com' avẽo a Merlim de morrer
> por seu gran saber que el foi mostrar
> a tal molher que o soub' enganar,
> per essa guisa se foi cofonder
> Martin Vaasques — per quanto lh'eu oí —,
> que o ten mort' ũa molher assi,
> a quen mostrou, por seu mal, seu saber.

---

1) *P. M. H.: Script.* 242—245.

2) Ib. p. 238.

3) Além de Tristan, Iseu, Flor e Brancafrol só vejo citado *Paris* (sem *Helena*), num texto alfonsino. Logo terei de copiar o respectivo trecho.

Na *Biogr.* XXIV referi que, fóra Alfonso X, só um trovador, seu coevo, allude aos amores de Frol e Brancafrol (**CV 358**). Em uma trova do mesmo João de Guilhade (**CV 26**) occorrem os nomes *Ousenda* e *Berengela*, com relação a uma dama de feitio algo camaleonico, pois lhe quadravam alcunhas muito variadas. Teremos de pensar em *Isolda* e *Brangäne?* Não percebo a razão.

4) Fernand' Esquio occupa o ultimo logar na Segunda Parte do Cancioneiro, nas immediações de Estêvam da Guarda.

5) Este curioso monstro, *la fiere beste*, com pés de cervo, coxa e cauda de leão, corpo de leopardo, cabeça de serpente e o bradar de *uma matilha de cães*, surge tanto na *Demanda*, como no *Tristan*. — Vid. Löseth, §§ 71ª, 504, 556, 559, 615.

6) Assim a chamam na *Demanda* portuguesa, por ex. no c. 86 e 97.

Sei que lh' é muito grave de tẽer
por aquelo que lh' el foi a mostrar,
con que sabe que o pod' ençarrar
en tal logar u conven d'atender
a tal morte de qual morreu Merlin,
u dará vozes,[1]) fazendo sa fin;
ca non pod'el tal mort' estraecer (**CV 930**).

Os nomes *Tristan* e *Iseu* occorrem nos versos de amor do discipulo intelligente de Aimeric d'Ebrard, de Cahors. Depois de haver allegado Flores e Brancafrol, como modelos de constancia,[2]) o volubilissimo esposo de S. Isabel e amante de Aldonça Rodrigues da Telha, D. Garcia (de Sacavem), Marinha Gomes, Maria Pires, Branca Lourenço, e não sei de quantas mais nem de quaes ainda, jura (ignoramos a qual d'essas damas):

. . . e o mui namorado
Tristan sei ben que non amou Iseu
quant' eu vos amo, esto certo sei eu (**CV 115**).

Decennios antes, seu avô, o Rei de Castella, já utilizara a mesma comparação — creio que perto de 1260 — cantando num como *descordo*,[3]) para encarecer a sua paixão:

ca ja Paris
d'amor non foi tan coitado,
nen Tristan
nunca soffreu tal afan,
nen soffren quantos son nen seeran (**CB 468b**).

Tambem de alguns canticos milagreiros do mesmo Alfonso X resulta que os assuntos bretonicos não lhe eram inteiramente estranhos. Ha referencias, naturalmente rapidas, ora a Merlim:

que en tod' Escoça par
como disseron a mi
de saber non avia (**CM 118**);

ora ao bretão Artur (*Festas 9*):

o que nenlhur achar non o podedes (**CM 412**).[4])

1) O *Merli*, guardado na bibliotheca de D. Duarte, tanto póde ter sido um *Conto do Brado* (*Balatrum Merlini; Brait* ou *Bret de Merlin*) como um livro de Prophecias. Da redacção castelhana *El baladro del sabio Merlin*, ed. incunavel de 1498, existe um unico exemplar, mal estudado até hoje. Sobre o original francês consulte-se G. Paris, *Litt. franc.*, § 63.

2) A que mais amou foi apparentemente a mãe de D. Affonso Sanches.

3) Esta classificação de H. R. Lang, expressa no seu estudo sobre os *Descordos* peninsulares, parece-me muito aceitavel. — Vid. *The Descort in old portuguese and spanisch poetry;* Halle 1899, p. 8, nota 3.

4) *Bretanna a que pobrou Rei Brutus* e *Doura a que pobrou Rei Artur* são nomeadas na cantiga **CM 35**.

Ainda de outra poesia parece inferir-se que em tempos del rei os jograes costumavam executar nas egrejas composições sacras, a que davam o titulo de *lais*, talvez por seguirem musicalmente o gosto bretão, embora não se acompanhassem sempre na rota celtica, nem na harpa de Tristan, mas antes na usual *viola* ou *violeta*.

> *Un iograr que seu nome*
> *era Pedro de Sigrar*
> *que mui ben cantar sabia*
> *e mui melhor uiolar,*
> *et en todalas eigreias*
> *da Virgen que non á par*
> *un seu lais sempre dizia,*
> — — — — — —
> *aquel lais que el cantaua*
> *era da Madre de Deus* (**CM** 8).

Mas essa não prova nada, porque o Milagre todo é imitação de uma obra de Gautier de Coincy, que pelo seu lado se baseia na relação de Hugo Farsitus.

Além d'isso ha duas cantigas de trovadores que alludem, um, a lais lyricos, provavelmente portugueses, e outro, a cantares de Cornoalha.

Um poeta dionysio, que floresceu de 1277 a 1324,[1]) aquelle Fernam Rodrigues Redondo em cuja casa os monarcas se alojaram no anno 1324 em Santarem, apresenta-nos o cunhado de D. Denis, D. Pedro de Aragão, meio-irmão da rainha santa, que residiu em Portugal de 1297 até á sua morte (cerca de 1325), no acto de entoar alguns lais, da sua propria colheita:

> *mui ledo seend', u cantara seus lais,*
> *a sa lidice pouco lhi durou* (**CV 1147**).[2])

Outro, e este alfonsino, português de nascença, mas por eleição vassallo, primeiro do conquistador da Andaluzia e depois do Sabio, censura, em uma satira muito curiosa, a certo mestre-trovador, por elle seguir em suas composições exclusivamente a *tempradura de Bretão* ou seja *cantares de Cornoalha.*[3]) Isto entre 1248 e 1280,

---

1) Cf. *Biogr.* XVI.

2) Como *lais* ainda então não era termo bem nacionalizado, é licito suppôr que se tratasse de Lais de Bretanha.

3) **CV 1007.** — Pela referencia a Pedro Agudo presumo que ha allusão ao sentido derivado, figurativo, do termo *Cornoalha.* Mas isso tambem provaria familiarização com os assumptos.

talvez em 1259, como se verá na biographia de D. Gonçal' Eannes do Vinhal, senhor de Aguilar, com que rematarei esta secção.

§ 312. Sem entrar na questão do *Amadis*[1]) devo relevar ainda e pôr no fóco da discussão a unica, mas importantissima, poesia do Cancioneiro que talvez derive dos lais lyricos do cyclo bretão — obra de um *Lobeira* português, de origem gallega, cuja vida se póde documentar de 1258 a 1285.[2]) Se as apparencias não mentem, a cantiga que graciosamente principia com o refram:

> Leonoreta,
> fin roseta,
> bela sobre toda fror,
> fin roseta,
> non me meta
> en tal coita voss' amor,

foi ideada como intermezzo lyrico da primeira e principal imitação peninsular das novellas de Tristan, Lancelot e Graal. Dirigindo-a ostensivamente á pequenina irmã da amada — segundo o systema tantas vezes recommendado pelos trovadores — Amadis falla no texto *sub rosa* com Oriana,[3]) a sem-par, que amava *a furto*. Infelizmente, o **CB**[4]) carece da rubrica explicativa que pouco mais ou menos podia ter dicto o seguinte: *Este lais* ou *esta cantiga fez Amadis á Infante Leonoreta, filha do rei Lisuarte da Gran-Bretanha, quando por mandado de Oriana, ella lhe pediu que a servisse.*

No *Amadis* de Montalvo,[5]) onde surge em versão castelhana, a poesia é cantada (como os nossos N^os^ **312** e **315**) por um côro de donzellas que dançam, coroadas de rosas, e capitaneadas pela

1) No *Amadis* em cuja primeira parte ha varios trechos que parecem derivar do Cancioneiro gallaïco-português, os nomes bretonicos têem formas parecidas ou iguaes ás que occorrem nas nossas rubricas: p. ex. *Lançarote, Sansoña, Marlote* (de *Marolte* por *Marholt* (I c. X). Um elogio do Amor num monologo de Amadis (I c. 3) muito se semelha ás primeiras coplas do Lais de Helys.

2) Vejam-se os traços biographicos no fim d'este artigo.

3) No **CV 1109** ha referencia a uma Ouroana, nome usado entre as damas da aristocracia na primeira época portuguesa.

4) **CB 244** e **246**. — Cf. na *Zeitschrift* IV, 347—351 o artigo que citei na nossa *Resenha Bibliographica*, c. I, § 61.

5) Livro II, c. 11. — As demais scenas que se referem a Leonoreta — figura imitada de outra francesa, a Senhorinha de Galvan, — encontram-se nos Livros II, c. 12 e IV, c. 38 e 44.

Infantinha. O episodio é muito secundario, nem se vê por que motivo teria tido maior desenvolvimento na redacção primitiva, cuja perda obriga a tantas conjecturas e discussões.

Curioso, sob todos os aspectos, esse lais-bailada de Lobeira cinge-se rhythmicamente a dois cantares de Alfonso X, ou então aos modelos da litteratura provençal com a *estrophe couée,* que o Rei seguia. E essa fórma ($a^3 a^3 b^7 a^3 a^3 b^7$) foi transmittida aos trovadores gallaïco-castelhanos da 2ª época lyrica, que a empregaram (vid. Cancioneiro de Baena, e congeneres) exactamente nas especies que denominam *lais* e *descordos*, evocando assim a suspeita de o *Amadis* primitivo, tão a miudo citado nesses mesmos *lais e deslais, cores e descores,* ter contido mais intermezzos lyricos de igual genero.[1])

§ 313. Se essas ideias, por mim já enunciadas repetidas vezes, fossem verdadeiras, o *Amadis* de Lobeira pertenceria ao ultimo quartel do sec. XIII (ao 1° do seguinte, só se a vida de Lobeira, que deve ter nascido em 1233, ou anteriormente, se prolongou muito, escrevendo elle o *Amadis* na sua verde velhice). E esse facto obrigaria a collocar o primeiro *Tristan* peninsular no reinado de Affonso III e Alfonso X.

E como as redacções francesas datam, a primeira de c. de 1220, e a segunda de 1230, não seria de modo algum impossivel que o Bolonhês e os que com elle assistiram em França, a mais tardar de 1238 a 1245, ahi se afeiçoassem, não só ao genero das pastorelas e balletas, mas tambem ás ultimas novidades em prosa sobre *matière de Bretagne* — predilecção que, propagando-se, devia mais tarde ou mais cedo, creio que na mocidade de D. Denis, conduzir á nacionalização dos textos franceses, e pouco depois a imitações.

§ 314. Por quem? Na côrte do Sabio, pelo português D. Gonçal'Eannes do Vinhal, o dos cantares de Cornoalha? ou pelo clerigo Ayres Nunes de Santiago que poetava em lingua provençal e cujo nome apparece no Cancioneiro de S. Maria? Na côrte portuguesa onde a influencia francesa foi superior á dos provençaes, por D. Pedro, o cantador de lais, que viera de Aragão? Por D. João de Aboim, o introductor da pastorela artistica? Fernam Garcia de Sousa, o

1) A este respeito consulte-se o tratado de Lang, sobre o *Descordo* (p. 9—14).

unico rico-homem que ouvimos citar versos franceses? Mem Garcia de Eixo que se serviu da lingua provençal? D. Affonso Lopes de Baião que mostra ter conhecido os cantares de gesta do *Roland?* Por João Lobeira, filho e sobrinho de privados de Bolonhês, auctor do lais de Leonoreta, e por isso mesmo suspeitado de auctor do primeiro *Amadis?* Ou por algum obscuro escrivão das chancelerias regias? Não o sei; e ninguem o sabe.

§ 314^b. Nem *Tristan,* nem *Amadis* algum português subsiste. Mesmo os volumes da bibliotheca de D. Duarte — os unicos de que temos noticia — estão perdidos. O que ha em novellas bretonicas pertence ao cyclo do Graal: um *Livro de Vespasiano* (impresso), em linguagem do sec. XV, combinação de um *Joseph ab Arimatia* ou *Primeira Parte do Graal* com o evangelho apocrypho de Nicomedes. Esse *Joseph ab A.*, em redacção diversa num ms. dedicado a D. João III, copia quinhentista de um codice datado de modo bastante singular de 1314, foi visto em Lisboa, em meado do sec., desappareceu depois e tornou a ser descoberto ha pouco na Torre do Tombo (N° 643)[1]. Principalmente temos a *Demanda do Graal,*[2] traducção de uma *Queste*[3] que eu, baseando-me em razões linguisticas, nas allusões do Cancioneiro e na familiaridade do condestavel com o assunto, procuro collocar na primeira metade do sec. XIV, em vida d'aquelle Estêvam da Guarda e Fernand' Esguio ou Esquio que ouvimos alludir a Merlim e á *besta ladrador.*[4] Além d'isso, ha noticia de um *Lancelot Leonel e Galvan.*[5]

§ 315. Essa pobreza extrema, a relativa fartura de textos castelhanos, a evolução geral das duas litteraturas, e principalmente

1) Varnhagen, *Cancioneirinho*, p. 165. — *Rev. Lus.* VI, 332 ss.

2) *A historia dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal,* ed. R. von Reinhardstoettner, Berlin 1887 (incompleta).

3) R. Heinzel, *Über die französischen Gralromane,* Wien 1891; *Romania* XXIV, 472; *Kritischer Jahresbericht* I, 425; Ed. Wechsler: *Über die verschiedenen Redaktionen des Robert von Boron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle 1895.

4) Se de um estudo detido resultasse ser do sec. XV, teriamos de examinar se o ms. é transcripção modernizada de outro mais antigo.

5) *Grundriss* II^b, 212—215 e 238—241. — Das referencias na *Demanda* e no *Josep ab Arimatia* ao *Conto do Brado, á grande storia de dom Tristan,* a um *Lançarote* e *Parceval,* póde-se concluir existissem em português, mas não com certeza porque já se achavam no original francês. — Todavia é quasi certa a existencia de um *Merlin* português.

o achado de restos de um *Tristan* castelhano suscitaram contra as theorias de Milá, Braga e Pelayo, apoiadas pela auctora d'estas paginas, um adversario distincto no perspicaz cathedratico de Freiburg, a quem a sciencia deve uma substanciosa, embora muito concisa historia dos primeiros seculos da litteratura hespanhola.

Eis como Gottfried Baist encara a questão.[1])

Deixando aos portugueses apenas a sua incontestavel supremacia lyrica, reclama para Castella decididamente e em absoluto a primazia e prioridade das obras em prosa, não só das historicas e philosophicas, mas tambem das novellescas, sem exclusão do *Amadis,* do *Tristan* e do *Graal.*[2]) Est' ultimo, considerado digno de imitação pratica antes de 1385 pelo condestavel Nun'Alvares Pereira, pelos da ala dos Namorados de Aljubarrota, e pelos cavalleiros da Madresilva, data do sec. XV,[3]) na opinião do illustre professor. Não só este, mas tudo quanto Portugal possue e possuiu em narrativas, quer versem sobre materia bretã, quer pertençam a outros cyclos, é mera traducção textual e tardia de redacções castelhanas. O *Tristan* de que subsiste um fragmento, num ms. inedito do sec. XV,[4]) conservado na bibliotheca do Vaticano — escasso quinhão do immenso romance cyclico — deve ser collocado conjecturalmente no primeiro terço do sec. XIV.[5]) Quando o Arcipreste de Fita escrevia (em 1343) os versos

> *ca nunca fue tan leal Blancaflor a Flores*
> *nin es agora Tristan con todos sus amores,*[6])

e quando D. Juan Manuel (1348) colheu no *Tristan* o nome *Lucanor* (variante de *Lucan*),[7]) a novella era novidade em Hespanha.[8]) As

---

1) *Grundriss* IIᵇ, p. 416, 438, 441 (§§ 45 e 46, em contradicta do que eu havia sustentado a p. 213).

2) *Die Kastilier pflegen Erzählung und Prosa, die Portugiesen die Lyrik; sie übersetzen kastilische Prosa.*

3) Ib. p. 439, com nota 3 (cf. 214 nota 5). — Naturalmente os filhos de Pedro o Justiceiro e seus cortesãos liam tambem novellas *francesas.*

4) Vid. E. Monaci: *Fac-simili di Antichi Manoscritti.* Roma 1881 (VI).

5) *Im ersten Drittel des 14. Jahrhunderts wurde der Prosa-Tristan in Kastilien übersetzt und in Portugal gelesen.* A data do primeiro romance original castelhano, o *Cavalleiro Cifar,* é fixada pelo illustre professor entre 1300 e 1349.

6) Juan Ruiz, estr. 1675.

7) *Gleichzeitig entnimmt ihm Juan Manuel einen recht versteckten Namen.* Creio que a derivação do nome *Lucanor,* de *Loqman*, o fabulista arabe, parecerá preferivel a muitos.

8) *Für den Archipreste de Hita war der Prosa-Tristan ein neues Buch und zweifellos ein neues kastilisches.* — Em rigor, quem assim

referencias e allusões a Tristan, Iseu, Artur e Merlim, anteriores a 1330 (p. ex. nas obras de Alfonso X), são meros reflexos da poesia provençal.[1]) As posteriores referem-se ao *Tristan* castelhano.[2]) Da existencia dos lais portugueses, não se póde inferir um conhecimento solido, e muito menos nacionalização das novellas do cyclo bretão em tempo dos trovadores.[3]) Baist considera-os como obra do proprio traductor castelhano, que se cingiu simplesmente á moda do seu tempo, ao escolher para os trechos lyricos o idioma gallego-português.[4]) O *Amadis* data da juventude de D. Pero Lopez de Ayala. O lais de Leonoreta pode ser interpolação tardia e espuria no texto de Montalvo;[5]) mas tambem é possivel que logo o primeiro auctor hespanhol o introduzisse, em meado do sec. XIV, na sua obra, fiel á moda iniciada pelo *Tristan*. Além da evolução geral das duas litteraturas temos a prioridade das citações no Cancioneiro de Baena a authenticar a prioridade das novellas castelhanas. Quanto ao fragmento de *Tristan*, Baist attesta que diverge das redacções francesas, mas não offerece pormenores. Quanto ao resumo posterior,

---

pensa, devia estabelecer que a traducção do *Tristan* ainda não estava concluida quando o Arcipreste o apresentava como vivo, na persuasão que no seculo XIV os leitores peninsulares seguiriam o tragico destino do Namorado com o mesmo interesse vivaz que manifestaram posteriormente ao chorar a morte de Amadis.

1) *Wenn Alfons X einmal Tristan, Iseu und Artus nennt, so ist das nur Reflex der prov. Dichtungen.* — No sec. XII, os trovadores provençaes citavam freqüentemente poemas franceses (principalmente o perdido *Tristan* de Chrétien de Troyes). Pouco mais tarde esses mesmos eram conhecidos e traduzidos na Italia, Allemanha e Noruega. — Por que não em Hespanha e Portugal?

2) *Da der Tristan des Archipreste unzweifelhaft der kastilische ist, werden sich die gleichzeitigen Anspielungen in Portugal doch wohl auf diesen beziehen.* As allusões que o douto historiador tem em mente, são as de D. Denis e Guilhade.

3) *Eine besonders frühzeitige Bekanntschaft Portugals mit der matière de Bretagne darf aus den sogenannten lais des Canç. Vat. nicht gefolgert werden.*

4) *Sie sind, wie ich schon gesagt* (§ 45), *einfach Übersetzungen der lyrischen Einlagen des franz. Tristan, vielleicht von dessen kastilischem Übersetzer gefertigt, da ihr Inhalt die Sprache der Hoflyrik verlangt.*

5) *Grundriss* 441, com nota 4. Da laconica asserção (p. 438): *Auch die im* **CB** *enthaltenen lyrischen Einlagen weisen der franz. Vorlage eine Sonderstellung an,* e da insistencia com que designa os lais como *meras traducções* (ib. e 441) não resulta claramente se Baist reconheceu na obra de Löseth a pista d' esses versos e a seguiu nos codices parisienses, chegando a resultados differentes dos meus.

impresso quatro vezes de 1501 a 1534,[1]) o romance epico-lyrico *Ferido está Don Tristan De una mala lanzada,*[2]) que devemos imaginar derivado da versão mais lida na peninsula, já havia fornecido de ha muito a prova d'esta divergencia.

§ 316. O valor d'estas theses, sensatas e de singeleza seductora, não escapará a ninguem. Com respeito á idade dos lais e da novella em prosa a que pertencem, eu adoptaria de boa mente a data *primeiros decennios do sec. XIV,* isto é o tempo em que o Conde de Barcellos, o Arcipreste, o Infante D. João Manoel, Estêvam da Guarda (vivo em 1347) e o desconhecido jogral Fernand'Esguio conviveram. Bem desejaria considerá-los como remate da época gallaïco-portuguêsa, transição para o periodo dos romances de cavallaria, epilogo (e não falso preambulo) dos cancioneiros trovadorescos. Sómente a cantiguinha de *Amadis*, obra de um Lobeira, oppõe-se a esta concepção, tornando quasi certa a hypothese que espiritos avançados, influenciados pelo contacto directo com auctores franceses, prepararam antecipadamente, no reinado do Bolonhês e do Sabio, o advento do novo gosto por novellas em prosa.

§ 317. Com respeito á linguagem do primeiro *Tristan* peninsular, as minhas objecções cifram-se no seguinte. Falta a analyse do fragmento manuscripto e mesmo a informação se ahi, ou nos impressos, se encontram quaesquer poesias. Nem tão pouco consta por ora se as aventuras a que os lais portugueses se referem, são contadas nestes ou naquelle do mesmo modo como nas rubricas.[3])

---

1) Valladolid 1501, Sevilla 1528, 1533, 1534, todas ellas summamente raras. — Cf. Pascual de Gayangos *Discurso sobre libros de caballerias* em *Bibl. Aut. Esp.*, vol. 40, p. VII, XVI, XIII.

2) *Primavera y Flor de Romanes* N° 146 e 147. — Cf. Milá, 382; Gallardo n° 3619. — *Antologia* X, 362.

3) Segundo a opinião geral, o *Tristan* impresso segue, com alguma liberdade, a versão vulgar. Nas differentes edições ha todavia divergencias. No prologo da edição de 1534 o redactor falla de correcções e addições á cronica antiga que introduziu. — Não me foi dado consultá-las. A meu pedido D. Ramon Menendez Pelayo teve todavia a amabilidade de folhear um exemplar do *Tristan* de 1528, o *Lançarote* na impressão de 1535, e o ms. **Aa 103** da Bibl. Nac. de Madrid, á procura de versos e das scenas resumidas nos Lais de Bretanha.

Quanto a versos, o *Lançarote* não apresenta nenhum. No *Tristan* ha duas cantigas: 1°. No capitulo *De como don Tristan 7 Quedin su cuñado se partieron con brangel en viaje por la mar a causa de una carta que ella truxo dela reyna Yseo la brunda*, se lê na f. 41ª: »dixe la

Não duvido que o Arcipreste lêsse um livro castelhano recentissimo, porque exactamente no tempo de Alfonso XI, o castelhanissimo, a litteratura hespanhola conseguiu libertar-se da supremacia lyrico-romantica do Nordoeste. Mas continuo em duvida sobre se a existencia de um *Tristan* castelhano antes de 1343, e a de um *Amadis* no tempo de Pero Lopes de Ayala, implica necessariamente a não-existencia de um *Tristan* e *Amadis* gallego-português anterior. Se

---

historia que lamarad anduuo tanto fasta que fue noche escura 7 allego a vna yglesia antigua 7 tiro el freno a su cauallo y echolo a pacer por el prado e tirose el yelmo dela cabeça y echose a dormir cabe el altar y estando el assi durmiendo llego ay el buen melianes fijo del rey piolonor 7 quando el vio la yglesia el descaualgo 7 tiro el freno a su cauallo y dexolo enel prado pacer y entro enla yglesia: y echose a dormir cerca de lamarad: y estando ellos assi quel vno no via al otro quando melianes ouo un poco dormido desperto 7 dixo:

Los pensamientos de amor
sofridos de tal figura
al triste que es amador
le saben dar el dolor
dela vida sin ventura
y por mas manzilla fuerte
de penar y de sofrir
que se detenga la muerte
de lastimado biuir.

E quando esto ouo dicho callo un poco y torno a dezir: Ay Dios que yo sea amador de mi señora y que della no puedo auer un semblante de amor ni un dulce fablar (f. 41).«

2°. No ultimo capitulo *De como la reyna yseo y Gorualan y brangel fueron ala yglesia a tener vigilia por la salud de don Tristan*, ha a f. 78ª o trecho seguinte: y fueron sepultados en vna rica sepultura en la qual escriuieron letras que dezian »este es el premio que el amor da a sus seruidores« 7 fizo (el rey) la sepultura cobrir de vnas muy verdes ondas en medio delas quales hizo poner vna pequeña barca sin remos cuyo mastel quebrado tenia y la vela acostada 7 en ella vn titulo que dezia:

Enesta barca de amor
y mar de vana esperança
es el barquero vn dolor
que enel aprieto mayor
al mas peligro se lança
el y (sic) arbol que es la ventura
con vela poco segura
eneste pielago tal
acostado se procura
el cabo de mayor mal.«

O verso 6 talvez dissesse: al arbol que es la ventura? — Quanto ás aventuras, as que se referem á juventude de Tristan e *Morlot* (sic) são narradas (a f. 7) quasi da mesma maneira como nas novellas francesas.

não passou de português a castelhano o *Poema do Salado*, de português foram transpostas a castelhano numerosas poesias lyricas dos epigonos, que encontramos estropeadas nos cancioneiros do sec. XV.

Quanto á intercalação de poesias portuguesas em prosas castelhanas do sec. XIV, por ora faltam exemplos que attestem esse costume.[1] A escolha da poesia de Lobeira implicaria creação *ad hoc* da figura de Leonoreta. A respeito de citações, é sabido que ha um vacuo enorme na litteratura portuguesa de 1350 a 1445, carecendo nós das obras dos epigonos num cancioneiro que irmanasse com o de Baena. E é exactamente nesta compilação que abundam as referencias aos romances bretonicos e ao *Amadis*.[2] A penuria da antiga litteratura portuguesa em obras de prosa é grande; as que ha são pouco artisticas, ninguem o póde negar.[3] Entre as que subsistem, ha traducções. Textos como a *Chronica Geral*, as *Flores de las Leyes*, as *Sete Partidas*, são versões do castelhano, feitas por ordem do neto do auctor. Mas a parte mais importante provém directamente do latim e francês. A par d'essas traducções ha originaes, como a *Conquista do Algarve;* e outros textos, traduzidos ou adaptados unicamente por portugueses (*S. Tello — S. Vicente*), ou em primeiro logar para português, como a *Chronica de Rasis*. Com relação a alguns que possuimos em ambos os idiomas, em redacções coevas, como o *Barlaam e Josaphat*, *Crescencia*, *Santo Aleixo*, a *Visão de Tundalo*, a *Confissão do Amante*, fica por estabelecer, qual das duas nações teve a iniciativa. Entre elles é de importancia especial, porque nos reconduz aos intermezzos lyricos, a *Historia Troyana*.[4] Uma das varias redacções d'esse romance

1) Com relação ao estribilho gallaïco-português mencionado por D. Juan Manuel vid. § 180.

2) Ed. Leipzig vol. I, p. 44, 46, 95, 121, 137, 177, 187, 203, 204, 205, 224, 239, 318, 322; vol. II, p. 30, 107, 270. No *Canc. de Res.* as allusões não são menos numerosas que no *Canc. General*. Ás que se notám nas obras dos quinhentistas e seiscentistas (Cervantes, Tirso, Moreto etc.) correspondem outras tantas de Jorge Ferreira de Vasconcellos, Camões, Moraes, Soropita e outros.

3) Será bem exacto que a minha exposição no *Grundriss* favorece Portugal, em detrimento de Castella (ib. 441)? Eu acho-a incompleta e deficiente, e terei de ampliá-la bastante, citando por ex. varios contos antigos, como o de Salomão e Morolf, — a Dama Pé-de-Cabra — o Coouro de Biscaia, e o do Rei Lear, de origem bretonica.

4) A. de los Rios, *Hist. Lit. Cast.* IV, 344. — A. Mussafia, *Über die spanischen Versionen der Historia Troyana*, Wien 1871. — *Grundriss* II^{b}, 438.

historico existe em gallego e em castelhano, escrita apparentemente pelo mesmo copista (Nicolas Gonzalez) e por ordem do mesmo monarca (Affonso XI) — tarefa que, concluida a 31 de Dez. de 1350, remataria de modo muito caracteristico a primeira época, linguisticamente hybrida da litteratura hespanhola. Mas na realidade, d'esta vez o castelhano tem realmente a precedencia: a prosa gallega é traducção da castelhana e não do original francês, e foi executada no anno 1373 pelo clerigo Fernam Martínez, por ordem de Fernam Perez de Andrade, senhor de Ponte-de-Ume.[1]) Ha todavia outra redacção diversa, tambem do sec. XIV, com varias poesias — *lais* e romances[2]) — que, embora redigidas em castelhano, estão cheias de resaibos trovadorescos e gallaïcos.[3])

§ 318. Termino com duvidas e preguntas. Se entre os poetas lyricos da época gallaïco-portuguesa ha castelhanos, porque não ha de haver portugueses entre os prosadores?[4]) Se foram os gallego-portugueses que exploraram e nacionalizaram as pastorelas, a balleta e os lais lyricos de Bretanha, porque não haviam de explorar e nacionalizar tambem poemas diluidos em prosa? Não poderemos considerar novellas de amor como pertencentes á gaia sciencia?[5])

Se no reinado de Alfonso X e Affonso III, os *cantares de Cornoalha* estavam vulgarizados na peninsula a ponto de um trovador se poder apropriar o seu *son*, sendo imitado neste procedimento por outros, como o mestre cujos *seguires* D. Gonçal' Eannes

---

1) Foi publicada por A. Martinez Salazar, Corunha 1900. — Baist tinha razão portanto chamando ao texto gallego *eine jüngere wörtliche Übersetzung*. No Cap. VII e VIII terei de mencionar Domingo de Troya como supposto auctor de qualquer *Cronica Troyana* ou *Cantar de gesta de Troya*, inspirado antes de 1253 pelo *Roman de Troie* de Benoit de Sainte More.

2) Os mss. de onde derivam são: Escurial L.-II-16. — Bibl. Nac. Ii. 99. — Osuna II, M. 23. — Cf. Paz y Melia, na *Rev. Hisp.* XVII, 62—80.

3) Chamo a attenção para os subst. fem. em *or* (*señor*, *entendedor*), as formulas *mi mesquina*, *por mal de mi*, *yaquanto*, *duc*, *reñichar*, *enxeco*, *mais* e para as rimas *yo veo; yo torneo; bien mantiene*. Nem deixarei de observar que nos poemas publicados por Morel-Fatio na *Romania* XVI e classificados como escriptos em Aragão, o estylo e a linguagem me parecem accusar ainda mais acentuadamente a proveniencia portuguesa. — Cf. *Rev. Lus.* VII, 1—32.

4) Baist reconhece essa possibilidade, mas exige, e com razão, a *prova* em todos os casos que se affastam da regra por elle formulada.

5) O marquês de Santilhana affirma o emprego do idioma português sómente com relação á lyrica, o que seria objecção de peso, se no seu bosquejo tomasse em consideração ficções em prosa como o *Tristan* e o *Amadis*.

do Vinhal agride na cantiga **CV 1007**, não ha motivo para se chamar arrojada a conjectura que no mesmo reinado, litterariamente tão fecundo, houvesse quem juntamente com os sons bretonicos tentasse senhorear-se da *matière de Bretagne,* traduzindo os lais e a novella em prosa — talvez em alguma redacção relativamente curta, intermedia entre a primitiva e a longa vulgata? Perto de 1280, após uso quasi secular, os velhos moldes lyricos estavam sufficientemente gastos, e teriam sido postos de parte, creio eu, se o talento do rei-trovador não lhes tivesse proporcionado nova efflorescencia.

§ 319. Junto traços biographicos dos dois trovadores a que me referi.

D. Gonçal'Eannes do Vinhal pertence ao importante grupo de portugueses de linhagem que se distinguiram na conquista de Sevilha, a ponto de ahi serem *herdados.*[1]) Permanecendo em Castella, recebeu ulteriormente, como vassalo e privado de Alfonso X, o senhorio da villa de Aguilar (port. *Aguiar*).[2]) Neste caso, como em varios outros, a ida para a côrte vizinha fôra uma especie de retrogresso, visto que o bisavô do poeta — Egas do Vinhal[3]) — passára outr'ora de Toledo á Lusitania, com o Conde D. Henrique de Borgonha. Aparentado pelos ascendentes e por irmãos e sobrinhos que ficaram em Portugal,[4]) com os Briteiros, Redondos, Paivas e Limas e com os de Arganil e Zamora, Gonçalo Eannes relacionou-se na nova patria com familias de Aragão, pelo seu casamento com D. Berengueira de Cardona.[5]) Pelejando valorosamente na Veiga de Granada,

1) Espinosa f. 6 s. v. *Gensena o Villa-Hermanos: dio hi a Gonçalo Yañez Vinal cien arançadas, e diez yugadas en Plan.* — *Mon. Lus.* XV, c. 4. — Salazar, *Dignidades,* p. 80.

2) Por isso mesmo é costume chamarem-no *de Aguiar.* Tambem o denominam *o Velho,* para o distinguirem do filho e do neto, que ambos eram homonymos seus (*P. M. H.: Script.* 370). Creio que o Aguilar cujo senhor foi, é o da Andaluzia (Cordova), dicto *de la Frontera.* E' ahi pelo menos que seus descendentes possuiam, em dias de Sancho IV, as villas de Montilla e o Ponton de D. Gonzalo (Salazar l. c.). Em documentos castelhanos figura como Gonçalo Ibañez de Aguilar (Argote, *Nobl. And.* II, c. XXI).

3) O nome *do Vinhal* pode indicar proveniencia da Galliza, onde ha varias povoações assim chamadas. Em Portugal temos *Vinhal Vinhaes.*

4) Um d'elles, Martim Annes do Vinhal, figura como cavalleiro na côrte portuguêsa, em tempo de Affonso III (1277; vid. *Mon. Lus.* XV, c. 42 e 47 e vol. V, *Escrit.* VIII e X) continuando vivo em dias de D. Denis. — (*Mon. Lus.* V., *Escr.* 8). — *P. M. H.: Leges* 723, 728, 729, 732, 736 (de 1271 em deante).

5) Filha do certo Ramon Folch de Cardona que passára de França á Hespanha.

ao lado do Infante D. Sancho, entre cujos privados havia tomado logar, morreu (1280) ainda em vida do Sabio.[1])

Eu colloco duas no anno 1259, que são as mais curiosas das suas poesias. Ambas se referem aos amores do turbulento e aventureiro infante D. Henrique com sua gentilissima madrasta, isto é, ao *Don Arrigo* dos cancioneiros italianos, supposto auctor da canção

Allegremente e con grande baldanza,

e a Jeanne de Ponthieu. *Grande de cuerpo, fermosa ademas, et guisada en todas buenas costumbres,*[2]) a francesa ainda conservaria, perto dos quarenta, após quinze annos de casada com S. Fernando (desde 1237 a 1252) e sete de viuva, se não a frescura da mocidade, pelo menos todas as excellentes qualidades que, segundo o Arcebispo, a haviam tornado *aceita deante de Deus e deante dos homens.*[3]) Apesar d'estes elogios (que datam de 1247), o trovador achou em 1259 ensejo para apontar publica e maliciosamente a rainha-viuva como *entendedor e amiga* do audaz e ambicioso enteado, o qual suspeitado, fugido, rebelde e vencido havia de passar no mesmo anno á Africa,[4]) estabelecendo residencia primeiro em Tunis (até 1266), onde batalhou e cortejou, ganhando corações e haveres.[5]) Não tenho de contar aqui a sua vida, a mudança, como crèdor de Carlos de Anjou, para Roma, onde alcançou o logar supremo de senador; os combates a favor do Hohenstaufen Conradim, em que tomou parte activa, sob pretexto de ser da casa de Suabia por sua mãe D. Beatriz; nem a derrota de Tagliacozzo, nem sua prisão na Apulia.[6]) Apenas direi que quando finalmente regressou á patria, em fins do reinado de Sancho IV (1294), forte, altivo e com o

---

1) *Script.* p. 272. — *Chron. Alf.*, c. 75.

2) *Cron. del santo rey Fernando,* c. 28.

3) *Hœc vero regina pulchritudine, praestantia et modestia sic floruit ut in conspectu viri virtutibus gratiosa, coram Deo et hominibus sit accepta.* Rod. Tol. IX, c. 18.

4) Braga, *Canc. Vat. Rest.* p. LII—LIII. — Lollis, *Stud. Fil. Rom.* IX, 36 e Lang **CD**, p. XL, datam de 1289 o acontecimento e as cantigas, porque pensam em outro *Moron,* em terra aragonesa, onde no anno indicado as mesnadas de D. Alfonso III, irmão da rainha santa, e as de Sancho IV de Castella se encontraram (*Cron. San.*, c. 4). Mas essa lide não chegou a ser ferida. Nenhum dos personagens nomeados nas rubricas tomou parte nos preparativos. E — *last not least* — o proprio poeta estava morto, havia muito, assim como a rainha-viuva, que falleceu em 1278. — Vid. Schirrmacher I, 590.

5) *Cron. Alf.,* c. 8 (cf. c. 4).

6) D'elle me occupo detidamente em outra parte: *Randglosse* XIII.

mesmo genio que o tornára suspeito ao Sabio de Castella, Jeanne de Ponthieu já não vivia. E se vivesse. . .

Os boatos que a respeito dos amores do irmão e da rainha-viuva corriam em 1259 e talvez já anteriormente,[1]) e mais ainda sobre outros planos forjados por D. Arrigo, *em desserviço do reino,*[2]) provocaram as iras de Alfonso X que resolveu prendê-lo. As hostes mandadas contra Lebrija, conquista e residencia do Infante, e capitaneadas por um tio dos dois, o bastardo luso-português D. Rodrigo Affonso, e pelo jóvem D. Nuno Gonçalves de Lara, o Bom, encontraram-se *a par de Moron* com as forças do rebelde, conforme consta das chronicas e do nobiliario.[3]) Vencido, teve de fugir, entrando no reino de Granada, d'onde passou a Aragão.

Em perfeita harmonia com estes factos, as rubricas relativas aos curiosos *cantares de amigo* de D. Gonçal' Eannes do Vinhal, dirigidos ao Infante em nome da rainha-viuva, relatam o seguinte: *Esta cantiga fez don Gonçal' Eannes do Vinhal a don Anrrique en nome da rainha dona Johana, sa madrastra, porque dizian que era seu entendedor, quando lidou em Moron con don Nuno et con D. Rodrigo Affonso que tragia o poder del rey.*[4]) A segunda, que

1) *Cron. Alf.*, c. 8.

2) Só na obra tão mal acreditada de Conde (IV, c. 6) creio ter descoberto uma vaga allusão a estes boatos, onde diz: *este principe Anric tuvo desavenencia con su hermano, hay quien dice que por rivalidad de amores,* allusão repetida modernamente por Del Giudice na monographia *Don Arrigo Infante di Castiglia*, Napoli 1875 (p. 4).

3) *Script.* 363: *E este dom Rodrigo Affonso* (scil. filho do Leonês e da portuguesa Aldonça Martins da Silva) *e dom Nuno o boo que era aimda muy mancebo lidarom ambos com o iffante dom Anrrique e eram ambos cabedees e vençerom no apar de Mouram e dom Nuno esteue com os diamteiros e dom Rodrigo Affomsso aparou a lide e esteue ante os seus mandandoos.* — Cf. ib. p. 370 e 272. — Segundo Mattheus Paris (cf. Schirrmacher, 485), D. Enrique já estivera anteriormente longe da patria, na côrte inglesa, por ter offendido enormemente seu rei e irmão (*offenderat enim regem Hispaniae enormiter*). Documentalmente está provada a seu assistencia em Westminster em Julho de 1259 (Rymer, *Foedera* I, 631, 687). — Na primavera de 1260 estava em Aragão (Zurita III, c. 39). A referencia á batalha de Moron obriga-nos comtudo a pensar no desterro definitivo que o levou a Tunis contra o rei de Marrocos.

4) **CV 999**: Amigas, eu oí dizer
que lidaron os de Mouron
con aquestes del rey, e non
poss'end'a verdade saber:
se é viv'o meu amigo
que troux'a mia touca sigo.

A touca symbolica das viuvas.

repete parte dos mesmos dizeres, accrescenta:[1]) *e esto foy quando el rey don Affonso o pos fóra da terra.*[2])

§ 320. A existencia simultanea na côrte portuguesa, — de 1258 a 1285[3]) — do cavalleiro fidalgo João Lobeira (*miles*),[4]) auctor das poesias **CB 244—249**, entre as quaes se destaca á cantiga de Leonoreta, é um facto incontestavel. Nesse anno, ou pelo menos em 1261, tinha completos os 25 annos que constituiam maior idade.[5])

As terras de Lobeira, de onde provavelmente tirou o apellido, acham-se na provincia gallega de Orense, onde as ruinas de um castello antigo, de renome historico, perduraram durante seculos.[6]) João, o primeiro Lobeira de que ha noticia, era todavia filho de português: bastardo de Pero Soares de Alvim,[7]) e sobrinho de D. Mem Soares de Mello,[8]) um dos validos de Affonso III.[9]) Talvez a mãe fosse da Galliza, parente por ventura do bispo de Lisboa D. Ayres Vaz, oriundo de Orense, o qual protegia o poeta, e lhe

---

1) **CV 1008**: Sei eu, donas, que deitad' é aqui
do reino ja meu amigu' e non sei
como lhi vai, mais quer' ir a el rei.
Chorar-lh'ei muito e direy-lh' assi:
por Deus senhor que vus tan bon rei fez,
perdõad' a meu amigu' esta vez.

2) Em outras cantigas de escarnho (**CV 1000—1007**) Gonçal' Eannes refere-se a jornadas de Alfonso X em que tomou parte (**1001** e **1002**); a albergues e jantares de iufanções; (ib.) a Gaston de Bearn (**1000**) que era um dos vassalos mais influentes de Alfonso e apparece em outra poesia do Cancioneiro; ao jogral alfonsino Pero d'Ambroa e sua verdadeira ou fingida ida para além-mar (1269). Os versos do amigo (*Ind.* 307—813) nada revelam. E' pena que os de amor estejam perdidos (*Ind.* 280—294).

3) Cf. *Grundriss* II^b, p. 189, onde disse ter florescido de 1258—1278, e p. 221 e 222 onde deixei esboçada a sua biographia. Lang (**CD**, p. XXXV) acerta, collocando-o no tempo de Affonso III e ainda no reinado de D. Denis.

4) Cavalleiro-fidalgo, em opposição ao rico-homem de pendão e caldeira.

5) Segundo *Mon. Lus.* XV, c. 46 (p. 253), seu nome apparece nos livros dos registos d'este rei.

6) *Mon. Lus.* XVII, c. 33.

7) Nos Nobiliarios não se falla do bastardo (*Script.* 301, 302 e 356).

8) Primeiramente este fidalgo, da linhagem dos de Riba de Vizella, e aparentado com os Coelhos, Redondos, Barrosos, Gatos e mais linhagens minhotas, usou tambem do apellido de *Alvim.*

9) Em 1254 assignou a doação do Souto da Ribeira ao trovador João Soares Coelho, entitulando-se *Menendus Suerij de Merlo privatus Domini Regis.* Vid. *Mon. Lus.* XV, c. 9. Em 1262 ainda estava vivo. Ib. XVIII e 32, c. 9.

deixou algumas mandas no seu testamento.[1]) Em 1272 (6 de Mayo), pouco antes de morrer, o progenitor fez legitimá-lo, afim d'elle poder herdar todos os seus bens,[2]) acto cujos motivos nos escapam e que surprehende, visto que o filho legitimo, Martim Pires de Alvim, um dos trovadores dionysios,[3]) sobreviveu a Pero Soares.[4]) Ambos os poetas estavam, de resto, addidos como vassallos á casa do segundo-genito do Bolonhês, D. Affonso, senhor de Portalegre e da Lourinhã, como se reconhece de varios documentos, aproveitados pelos auctores da *Monarchia Lusitana.*[5])

Além da *Carta por que el rey D. Affonso* (III) *deu a seu filho D. Affonso a villa da Lourinhãa* (1278),[6]) João Lobeira assignou outras escrituras. Segundo Brandão,[7]) o seu nome, acompanhado do patronymico Pires, figura por baixo do documento, pelo qual o soberano dava a D. João de Aboim licença de reconstruir e povoar o castello de Portel (1261).[8]) O mesmo auctor conta que assistiu ao acto pelo qual *Gil Martins,* mordomo de Affonso III, outorgou foral aos moradores de Terena no Alemtejo (1262).[9]) No texto por elle publicado, e posteriormente por Herculano, acho comtudo o nome Martim Lobeira.[10]) Em 1277 figurou como testemunha em uma das assembleias solemnes, em que o nuncio Frey Nicolau leu ao rei certas intimações do pontifice.[11]) Com os mesmos presen-

---

1) *Item Johanni Lupariae 16 marcas argenti per redditus ecclesiarum de Almadana. Item eidem Johani Lupariae 60 libras* (*Mon. Lus.* XVIII, c. 33 e XV, c. 8). Ignoro se é exacta, ou não, a affirmação de Th. Braga (*Canc. Vat. Rest.* LVI e LXXIV) que Lobeira assignou este testamento. O bispo fôra em 1245 defensor estrenuo de Sancho II no concilio de Leão de França. Fez testamento em 1258 e morreu no anno immediato.

2) *Notum facio quod Petrus Suerii miles dictus de Alvim venit ante me et dixit quod volebat Ioanem Lupariam filium suum naturalem esse in omnibus bonis suis legitimum successorem etc.* — Livro del Rey D. Affonso III, f. 114.

3) **CV 643—649.** Este Martim estava vivo ainda em 1321.

4) *Mon. Lus.* XVIII, c. 33.

5) *Mon. Lus.* XVIII, c. 33 (vol. VI, p. 136).

6) *Hist. Gen.: Provas* I, 62.

7) *Mon. Lus.* XV, c. 36.

8) O facto póde e deve ser verificado na Torre do Tombo no livro dos bens do magnate.

9) *Mon. Lus.* XVIII, c. 32 (VI, (136).

10) *Escrit.* do vol. VI, p. 561. — *P. M. H.: Leges* 700.

11) *Mon. Lus.* XV, c. 41 (vol. IV, 245d. Na lista de nomes exarada a p. 246, não encontro seu nome). Cf. ib. c. 46, p. 253c onde se descreve o brasão dos Lobeiras.

ciou a reconciliação do monarca moribundo com a curia (1279),[1] ao lado de João Soares Coelho, Fernam Fernandes Cogominho, Martim Dade, Martim Annes do Vinhal e outros, designados como *milites* e separados dos barões D. João de Aboim, conde D. Gonçalo Garcia, os de Baião, Briteiros e Valladares. No reinado de D. Denis assigna a composição do monarca com o concelho e povo de Lisboa (1285).[2])

Quanto á sua actividade poetica, direi apenas que a unica cantiga de maldizer que d'elle resta,[3]) de feitio alegre e decente, é seguida das de D. Gonçal' Eannes do Vinhal.[4])

XL. Ayras Moniz, d'Asme.

§ 321. Provavelmente de origem portuguesa. Asme, ou S. Lourenço d'Asme fica ao pé de Ermesinde, na Maia (prov. Minho,[5]) Pertencem-lhe duas cantigas de mèstria (**CB 6—7 = CA 316—317**). Ambas me parecem archaïcas e não correspondem nem pela forma nem pelo espirito aos typos posteriormente fixados. A segunda, curiosa, mas muito obscura, é um dialogo entre o cavalleiro e sua dama. Em que consistiria o *honrar das suas barbas*, que o cavalleiro parece ter ambicionado debalde?[6]) Em aceitar a homenagem do pretendente? No *Indice* de Colocci o nome d'este auctor não se registou. Um Ayras Moniz foi ridicularizado por D. Lopo Liaz na cantiga **CV 955**. Se fosse o senhor d'Asme, e D. Lopo o illustre magnate, dynasta de Biscaia, que batalhou em Navas de Tolosa, ao lado de seu pae, e morreu em 1236, sendo chorado num pranto por Pero da Ponte,[7]) teriamos a quasi certeza de que floresceu no primeiro quartel do sec. XIII.

---

1) Ib. XV, c. 47, p. 255.

2) Ib. XVI, c. 43 (vol. V, f. 104c e *Escrit.* XVIII, f. 315) Th. Braga, *Trovadores*, 209 confunde a era com o anno. No *Canc. Vat. Rest.* repete o mesmo erro, indicando a data 1321.

3) **CV 999**.

4) Este estudo já appareceu em primeira redação (bem defeituosa) na *Revista Lusitana* VI, 1—43. Ahi deixei dicto que devo o conhecimento do importante livro de Löseth á sollicita amizade de Henry R. Lang, que foi o primeiro descobridor dos originaes franceses.

5) Na Galliza ha varias povoações chamadas Asma.

6) **CA 463**.

7) Cf. **CV 1170**, 11 *seer maa barva*.

XLI. Diego Moniz.

§ 322. Seria parente do anterior? Não descobri nem um, nem outro nos cimelios da historia portuguesa. Parecem suas as cantigas 8 e 9 do **CB** (= **CA 318—319**), uma de mèstria, a outra de refram. Na folha immediata do original, hoje perdida, pode ser que houvesse mais poesias do mesmo auctor. No *Indice,* o algarismo 12 que acompanha este nome, não elucida nada.[1]

XLII. Osoir' Eannes.

§ 323. Conheço um unico, tronco dos Condes de Cabreira, cuja filha, D. Sancha Osoires, casou com um descendente de Egas Moniz, chamado Pero Garcia, o Bragançâo.[2] Se realmente se tratasse d'este fidalgo, deviamos collocar a sua actividade perto de 1200, no reinado de Sancho, o Velho, visto que a sua bisneta Aldonça Annes, favorita de Affonso III, casou com o filho do poeta Vasco Gil: Gil Vasques de Soverosa, o Moço, o qual morreu no combate de Gouveia no anno de 1277.[3] As suas cantigas (*Ind.* 37—42 = **CB 10—17**, numeradas de **320—327** no nosso *Appendice* I) não apresentam formas estereotypicas. Todas são de mèstria, menos uma, que já tem feitio de balleta (2 estr.). Algumas distinguem-se pelo sentimento poetico que respiram; e uma, pelo menos, pela forma artistica. A *niña em cabello,* dizendo um *som,* sem ser pastora, merece attenção (**CA 323**).

XLIII. Monio Fernandes, de Mirapeixe.

§ 324. Auctor de uma cantiga de mèstria e de uma *esparsa* (*Ind.* 44—45 = **CB 18—19**): os nossos N^os^ **328** e **329**. Recordarei apenas que ha em Aragão (Lerida) um logar Miralpeix[4] e que um senhor d'esta terra batalhou em 1212 em Navas de Tolosa, ao lado de Rodrigo Dias de los Cameros, Diego Lopes de Haro com Lopo Dias e Pero Dias, seus filhos, os cinco Girones, D. Affonso Telles de Meneses e tantos outros, cujos nomes illustres tivemos

---

1) Cf. Cap. IV, Miscella 2.

2) *P. M. H.: Script.* 176; cf. 197.

3) Vid. *Biogr.* XIII.

4) No Languedoc (Toulouse) ha tambem um logar Mirepoix de onde sahiu o trovador Peire Rogier de Mirepoix. Está claro que procurei povoações Mirapeixe na Galliza antiga de àquem e àlem Minho; por ora sem resultado.

e teremos de registar.[1]) Seria importante provar que realmente se chamava *Monio* (*Muño* = *Nuño*, *Nuno*) Fernandes.

XLIV. Fernau Figueira (ou Figueiróo), de Lemos.

§ 325. Ha varias villas e aldeias d'este nome, que occorre com freqüencia na historia peninsular, tanto em Portugal, como na Galliza (Corunha). Pertencem-lhe as nossas cantigas **330** e **331** (*Ind.* 46—47 = **CB 20—21**). A ultima é um cantar de amigo, fragmentario, provavelmente de refram.

D. Lopo Lias (*Diaz*) a que ainda agora me referi, o guerreiro trovador, riu-se, com insistencia cruel, de quatro cavalleiros, infanções *de Lemos*, todos elles irmãos, um com o nome de Ayras Moniz, os quaes andavam sempre mal guisados; e fez entrar na baila as zebras em que costumavam cavalgar, as sellas rangentes, as esteiras vermelhas que lhes serviam de xairel, um brial de seda, e outras alfaias suas, insolitas ou menos proprias da occasião, alludindo tambem a trovadores, que já se haviam pronunciado no mesmo sentido, e mencionando os sitios historicamente memoraveis de Benavente e Orzelhon[2]) (Galliza e Leão).[3]) Mas qual o meio de provar que o desconhecido Fernam Figueira pertence ao grupo dos motejados *de Lemos*, e que o senhor d'Asme, Ayras Moniz, e Diego Moniz eram parentes d'elle?

XLV. D. Gil Sanches.

§ 326. Trovador pre-alfonsino, de sangue real, que já conhecemos como um dos bastardos de Sancho, o Velho (1154—1211) e da formosa Ribeirinha, a qual vimos celebrada por Pay Velho de Taveirós (**CA 38**). O proprio monarca reconheceu-o e contemplou-o com 8000 maravedis, no seu ultimo testamento.[4]) Segundo o Livro de Obitos de Santa-Cruz de Coimbra, falleceu a 14 de Septembro de 1236.[5]) Devemos mais alguns elemtos biographicos

---

1) Argote, *Nobl. Andal.* I, 79 seguindo P. A. Beuther.

2) Vid. *Esp. Sagr.* XIX, 242, 273; XX, 123, 329.

3) São nada menos de doze poesias de escarnho **CV 945—964**. — Veja-se a Nota ao nosso Nº **463** e *Randglosse* IX.

4) *Hist. Gen.: Provas* I, 17: *et dedi D. Egidio Sancij filio meo quem de illa habeo VIII morabitinos de illis qui sunt in Belver.* — Cf. *Mon. Lus.* XII, c. 35.

5) *Livro d' Obitos: 18 Kal. Oct. Era MCCLXXIIII D. Egidius Sanctij filius inclyti Dom. Sancij Portug. Reg. et D. Mariae Pelagij.* — *Mon. Lus.* XII, c. 21. — *Hist. Gen.* I, 91.

ao benemerito auctor do *Livro Velho* de Linhagens. Segundo elle, D. Gil Sanches era clerigo, o mais honrado que houve em Hespanha[1]), mas viveu, conforme a costumeira do tempo „casado em barregania" com uma fidalga de uma principal casa do reino: Dª. Maria Garces de Sousa, neta do bom Conde (**CA 398**)[2]) Por esta alliança D. Gil Sanches era genro do trovador D. Garcia Mendes de Eixo e cunhado de outro poeta, nosso conhecido, D. Fernam Garcia, Esgaravunha.[3])

Quanto á sua idade exacta, não tenho meio de fixá-la. Os que collocam os ultimos amores del Rei nos derradeiros annos da sua vida, calculam nasceria entre 1205 e 1211;[4]) mas é evidente ser este calculo errado, e que a data é anterior de muito, visto que o bastardo real outorgou aos moradores de Sarzedas uma carta de fóro, segundo o typo da Covilhã, em 1213.[5])

A unica poesia que d'elle temos, apostrophe vivaz e elegante a um mandadeiro que vinha de Montemór, então residencia da sua amada (**CA 232**), póde referir-se portanto ao famigerado cêrco d'aquella villa (1213).[6]) As meias-irmãs do poeta, as Infantas D. Theresa, Sancha e Branca, com as suas damas e partidarios, tanto portugueses como de Leão, esperavam ahi as hostes enemigas de Alfonso II que pretendia expoliá-las da herança paterna, quebrando o juramento prestado ao rei moribundo.[7]) Entre os partidarios principaes de D. Theresa destacava-se a familia das Sousas,

1) *P. M. H.: Script.* 208: *o chus honrado . . . que ouue na Espanha!*

2) Ib. e p. 152, onde se diz que casára com ella. — Cf. § 218, 6m da *Tabella.*

3) Pela sua irmã Theresa Sanches, D. Gil era tambem cunhado de D. Affonso Telles, o Velho. — Vid. **CA 464**.

4) Groeber, *Grundriss* II², 175. Já então teria sido licito affirmar que nascera antes de 1201, por ter no testamento o primeiro logar entre os quatro filhos de D. Maria Paes, sabendo-se que a irmã mais nova nascera no anno de 1204. Que a Ribeirinha era amante de Sancho I em 1200, pode-se provar pela doação das Villas de Parada e Pousadella outorgada na *Era 1238 VIII Kal. Maii anni Regni nostri XV.* — Vid. *Diss. Chron.* III, 200, Nº 657; cf. Nº 722 e 723.

5) *Mon. Lus.* XIII, c. 16.

6) Herc., *Hist. Port.* II, 152—179 e 461.

7) A historia nada diz sobre a parte que Gil Sanches tomou na contenda de Affonso II com as irmãs. E' todavia muito provavel que odiasse e guerreasse o descaroavel rei, tal como D. Martim Sanches, outro meio-irmão dos dois. — Lang, *Mod. Lang. Notes* X, 210 affirma que elle se expatriou em 1211, indo para Leão e tomando o partido das Infantas; não sei com que fundamento. É certo que em 1213 estava na patria.

de sorte que nos é permittido identificar, phantasiando, a dama da cantiga — neta do testamenteiro de Sancho I — com a D. Maria Garces da historia.

A poesia, não menos original pela fórma do que pelo assunto, compõe-se de duas estrophes de refram. O corpo de cada uma é um distico, mas de versos repetidos, de feitio popular, naquelles decasyllabos, amphibrachicamente rhythmados que o povo gallego ainda hoje emprega na *muïnheira.* O refram, pelo contrario, é dos mais complicados e extensos que encontramos nos cancioneiros.

XLVI. Ruy Gomes, o Freire.

§ 327. Não me esquivei ao ingrato dever de procurar entre os numerosos Ruys Gomes (de Trastámar, Briteiros, Azevedo, Basto etc.) este *Freire,* e entre os Freires de Santiago, do Templo, e dos Hospitaleiros um Ruy Gomes; mas sem resultado.[1] Ignoro absolutamente quem foi o auctor das cantigas **333** e **334** (*Ind.* 49 e 50 = **CB 23** e **24**). Pouco vale enunciar a suspeita de que o fidalgo — em quem *Freire* ainda era alcunha significativa — seria um dos senhores do forte castello de Andrada, aos quaes já pertenciam no sec. XIII no norte da Galliza, as villas de Ferrol, Ponte de Eume e Villalva,[2] e de quem descende a illustre geração dos *Freires de Andrada.*[3] Essa deu varias notabilidades a Portugal e Hespanha, e entre ellas mais de um Ruy Gomes e varios freires que esqueceram os solemnes votos feitos ante o altar, deixando fructos dos seus amores.

XLVII. Fernan Rodrigues, de Calheiros.

§ 328. Ha localidades d'este appellido em Portugal e na Galliza (sendo a principal em Lugo). Uma d'ellas deu o nome a uma familia Calheiros, descendente dos Valladares. Não encontrei todavia nenhum Fernam Rodrigues. Pela rubrica que acompanha os seus cantares *de amigo,* e juntamente os de Vasco Praga de

---

1) Tinha esperanças de encontrar nelle um dos templarios que foram em soccorro de Alfonso VIII, capitaneados por Gomes Ramires, os quaes, segundo o chronista *ad proelium tanquam ad epulas properabant;* i. é um contemporaneo dos cavalleiros de Lemos, de Gil Sanches e dos demais heroes que figuram no principio do Cancioneiro.

2) Comarca de Corunha.

3) Em 1220 Nuno Freire, da Ordem de Santiago, era Senhor de Andrada.

Sandim, sabemos que era cavalleiro e porventura relacionado com este poeta. Os seus versos de amor, 10 de mèstria e 12 de refram, que quasi todos são balletas do typo commum, estão entre os de D. Fernam Paes de Tamalancos e os de João Soares de Paiva: *Ind.* 51—52 = **CB 25—46** (os nossos N[os] 335—356). Os seus graciosissimos cantares de amigo (*Ind.* 626—633 = **CV 227—234**) são de uma finura surprehendente: alguns assemelham-se aos que tiveram voga nos sec. XV e XVI entre os lyricos mais apurados. O que principia:

> Madre, passou por aqui um cavalleiro
> e leixou-me namorad' e cá marteiro!
> Ay madre! os seus amores ei! (**CV 233**)

recorda o cossante[1]) de Castillejo *Madre, un caballero,* e outras poesias parecidas que citei, fallando de Pero da Ponte. Outro, composto em disticos de *leixa-prem,* seguidos do estribilho:

> e mia sobervia mi-o tolheu!
> que fiz o que m'el defendeu (**CV 227**),

foi comparado a uma poesia francesa de Richard de Fournival.[2])

Entre os dizeres de escarnho (*Ind.* 1331—1333 = **CV 938—940**) ha uma esparsa pequena em que o auctor se ri, triumphante, de um pretendente, regeitado pela donzella, cujo servidor era. O seu nome Fernam Roiz *Corpo-Delgado* poderia, por acaso, levar á fixação de uma data segura. Por ora tenho apenas vago conhecimento de um Fernam Diaz Corpo-Delgado, cujo filho João Fernandez Delgadiello assignou uma escritura do anno de 1258.[3]) Quem pode, deveria rever no Cancioneiro Colocci-Brancuti se o nome que lá se acha escrito é *roiz* ou *diez.*

---

1) Cf. o francês: *courante, corante,* genero de cantiga de dança, de que havia exemplos na Livraria musical de D. João IV. — Diego Furtado de Mendoza, pae do Marques de Santilhana, chamou *cossante* a uma sua bailada em disticos encadeados (Rios V 203 e Milá p. 324).

2) *Par mon orguel ai mon ami perdu.* Jeanroy, *Origines* 320 e 501.

3) Godoy Alcantara, *Ensayo sobre los apellidos castellanos,* p. 189. — Outro *Fernan Diaz Delgadiello* e outro João Fernandes viviam em 1330, como consta da *Chronica* de Alfonso XI c. 101. Sancha Fernandes Delgadilha surge de vez em quando nos Nobiliarios, p. ex. *P. M. H.: Script.,* 291 e 331. Direi ainda que houve mais de um peninsular a quem o corpo esbelto grangeou a mesma alcunha, ou outras parecidas, lembrando aquelle *Pay Delgado,* instituidor de uma antiga e famosa albergaria, o qual tomára parte na conquista de Lisboa (1147). A formula *Corpo-Delgado* occorre **CV 570**, mas não como alcunha. — Cf. *Biogr.* VI.

A' vista do bello peculio que nos resta de Fernam Rodrigues podemos assentar que não era dos peores, nem dos mais escassos trovadores portugueses.

XLVIII. Pero Garcia d'Ambroa.

§ 329. O poeta de nome Pero Garcia, oriundo, de certo, da villa galliziana de Ambroa, na provincia de Corunha, ou de uma aldeia proxima de nome igual,[1]) apresenta-se-nos muito pobremente, apenas com uma cantiga de amor: *Ind.* 73 = **CB 47**, ou **CA 357**. E esta, defeituosa e muito deturpada pelos copistas, não contém apparentemente revelação alguma sobre o auctor. Ha, porém, entre os poetas do cancioneiro outro, de nome quasi igual, chamado Pero d'Ambroa, com um peculio relativamente grande e suggestivo, que seria bom examinarmos, a ver se por ventura os dois são um só individuo.[2])

Debaixo do nome Pero d'Ambroa conservaram-se 14 composições, não sendo nenhuma de amor, uma só de amigo (*Ind.* 1235 = **CV 480**) e 13 de escarnho (*Ind.* 1572—1578 = **CB 436—442** e *Ind.* 1596—1599 e 1603 = **CV 1128—1131** e **1135**). Mas nem por isso possuimos as suas obras completas. Ao N° 1572 faltam as estrophes iniciaes. Além d'isso, estão perdidas tres cantigas antecedentes (1569—1571) com mais treze: de 1579 a 1591, salvo erro.[3]) Aliás, dispunhamos de tres dezenas de cantigas. Entre as que desappareceram iam provavelmente varias, ás quaes se allude nos cantares do proprio auctor e nos de camaradas seus, como p. ex. uma tenção travada entre elle e João Baveca sobre

---

1) São as unicas localidades peninsulares que conheço com esse nome.

2) Ao fallar de *João de Guilhade* (*Biogr.* XXIV) demonstrei que aquelle trovador, tendo direito aos nomes de *João* e *Garcia*, foi muitas vezes chamado simplesmente João pelos seus collegas, procedimento na verdade de tal modo natural que não carece de documentação. O leitor dos Cancioneiros ou d'este estudo conhece, além do caso citado, muitos outros de denominação dupla.

3) As indicações na Tabella de Colocci estão evidentemente erradas.

1569 }
1596 } pero dambroa,
1592 Diego pezeelho jograr,
1593 pedramigo đ Seuilha,
1599 pero dambroa.

Ao actual possuidor do cancioneiro **CB** incumbe rectificar os erros do humanista e os que ha em meus calculos.

o Gran-Khan e uma supposta ida de romeiros peninsulares a Jerusalem.[1])

Os auctores que fallaram de Pero d'Ambroa, e os versos em que se acham as respectivas referencias, nunca em tom digno e serio de verdadeiros amigos, mas antes a rir, zombando e maldizendo, embora com certa reserva e consideração, — versos a que o aggredido replicou mais de uma vez em tom desbragado — são numerosos. Quatro trovadores de linhagem, dois dos quaes já apresentei ao leitor como herdados de Sevilha: D. Pero Gomes Barroso (**CV 1057**) e Gonçal' Eannes do Vinhal, senhor de Aguilar e nos annos de 1252 a 1259 cantor dos amores da rainha-viuva de Castella, Jeanne de Ponthieu com o Infante D. Henrique (**CV 1004**); um, de que não tardarei a entretê'-lo: Pero Mafaldo (**CB 1514**), e ainda um Vasco Peres Pardal (**CB 1506**) de quem me occupei em outra parte.[2]) Aos outros de somenos categoria social, como Pedr'Amigo de Sevilha (**CV 1195, 1196, 1198, 1199** e talvez **1201**) e João Baveca (**CV 1066, 1067** e **CB 1573**), temos de accrescentar Pero d'Armea, por tambem ter sustentado relações literarias com Pero d'Ambroa, sendo por elle chamado a campo e ridicularizado num dizer do mais cruamente vil realismo (**CV 1135**).[3])

Os assuntos, ventilados nestas escaramuças, em parte joco-serias, em parte meramente obscenas, são as relações intimas do apodado com varias soldadeiras (**CV 1196**); a sua ida verdadeira ou simulada ao Ultramar em companhia d'uma d'ellas (**CV 1004, 1057, 1066, 1195, 1198, 1199**); certas aventuras de um seu antagonista e rival (**CV 1128, 1130**); as façanhas de um fisico da côrte (**CB 1577**) e as empresas literarias de Pero d'Ambroa (**CV 840, 1131, 1572, 1573**).

Passando rapidamente pelos amores baixos, e pela cruzada do curioso par, porque lhes dediquei um estudo especial,[4]) e parando um instante em frente de Maestre Nicolau, que talvez fosse um dos trovadores, cujas obras se perderam, heide tirar d'esses versos alguns dados seguros de chronologia para no fim explicar um pouco mais á larga as contendas profissionaes dos Ambroistas, porque é d'ellas que faiscará alguma luz sobre a identidade de Pero e Pero Garcia.

---

1) Cf. **CV 1198**.

2) *Randglosse* VII.

3) Desconheço certo *Pero Bõo,* senhor de muitos vassallos, cuja doença serve de thema ao escarnho **CB 1574**.

4) *Randglosse* VII.

A soldadeira principal, a cujos encantos o poeta não soube resistir, segundo as affirmações nuas e cruas dos consocios e a sua declaração pessoal „*que ando por ela sandeu*" „*en sa prison and' eu d'ela*"[1]), é a mais notavel das que engalanaram a côrte de Fernando III de Castella e Leão e a de seu filho: a famosissima Balteira que brilhou nos paços de Burgos e Toledo, acompanhou as hostes dos reis á Fronteira[2]) e á Mourama,[3]) e deu que fallar, em paz e na guerra, a quasi uma duzia de poetas aulicos,[4]) incluindo o proprio Sabio. *Marinha Meijouchi,* com a qual Pero d'Ambroa tambem se ligou, era intima da Balteira.[5]) Da terceira que se chamava Mayor Garcia[6]) sabemos apenas, pelos motejos de João Baveca e Pedr' Amigo,[7]) que numa epoca de penuria, foi um clerigo *daian* ou *arcediano*[8]) quem lhe valeu. Parecia-se portanto á Balteira, que acabou a sua carreira nos braços de um escolar, e como amiga e familiar dos monjes de Sobrado.

A sua *cruzada,* ou antes peregrinação, não conduziu o nosso Pero d'Ambroa até á terra santa. Segundo as más linguas, inspiradas pela Marinha, o poeta, receando as traiçoeiras ondas do mar, escondeu-se primeiro em Burgos (**CV 1195**), estacionou longamente em Montpellier (**1195** e **1066**), visitando, quando muito, o santuario de S. Maria de Rocamador (**1066**) e regressou pelo Poio de Roldan, quando viu decorrido o prazo usual das romarias de alémmar. De um documento gallego, relativo á que na casa paterna de D. Pedro João de Guimarães e D. Azenda Pelaez fôra D. Maria Perez e continuou a usar d'este nome durante a sua vida mundana e como externa do convento de Sobrado, deduz-se claramente que essa expedição foi planeada em 1257 (ou antes).[9]) Ignoramos com-

---

1) **CV 1129.** — Cf. **1131**, embora ahi falte o nome *Balteira.*

2) **CB 1574.**

3) **CV 1129.**

4) Alfonso X; Pero Garcia Burgalês; João Baveca, João Vasques [de Talaveira]; Vasco Perez Pardal; Fernam Velho; Pero da Ponte; João Baveca; Pedr' Amigo.

5) **CV 1199.**

6) **CB 1578.**

7) **CV 1064, 1065** e **1205.**

8) Um daião viciosissimo é posto no pelourinho, no mais brutal dos escarnhos de Alfonso X (**CV 76**). Os indicios combinam com os do cyclo balteirista e ambroista.

9) Vid. A. Martinez Salazar, *Una gallega celebre en el siglo XIII*, em *Rev. Crit.* II, 298—304.

tudo quando foi realizada, não pela bella peccadora em pessoa, apesar de effectivamente ella têr tomado a cruz, mas do modo indicado, pela sua substituta e pelo fiel Achates de ambas. Creio todavia ter isso sido pouco depois d'aquella data, entre 1258 e 1260, e não tardiamente em 1269, como pensaram os que antes de mim tentaram resolver o problema, desconhecendo ainda o documento que aproveito.[1] As allusões ao supremo chefe dos Tartaros, na tenção hoje perdida de Baveca e d'Ambroa e na critica com que a Balteira foi amesquinhada por Pedr'Amigo, não podem ser aos acontecimentos de 1241, uma vez que a cruzada da soldadeira e seu companheiro data de 1257. Mas tão pouco devem referir-se aos preludios da empresa peninsular de 1269 cuja alma foi D. Jaime de Aragão, por ser inacreditavel que um voto solemne fosse adiado por doze annos fóra. Refiro-as á queda do califado de Bagdad (1258), á fundação espaventosa do imperio tartaro mongolico na Persia, e ás empresas victoriosas até 1260 contra a Syria que ameaçavam Jerusalem e provocaram depois a ultima cruzada — acontecimentos que occuparam mais de um trovador provençal, como p. ex. Guilhem de Montanhagut num sirventês dedicado a Alfonso X.[2])

Quanto a Pedr'Amigo que se virára repetidas vezes com violencia contra a Balteira e Pero d'Ambroa, ouvimos pelas chacotas d'este que havia tomado um bello dia a resolução de deixar o mundo, vivendo como penitente até o fim dos seus dias em uma ermida velha, pio desejo que brevemente se esvaiu depois de ser effectuado em parte, tão imperfeitamente como a romagem do peregrino, offerecendo a Pero o grato ensejo de dar ao perfido amigo o troco e retruque das suas picuinhas.[3])

Vamos ao Mestre Nicolau, representado pelos inimigos como medico *matante*, de curas maravilhosas, á maneira do *Doctor Eisenbart*, o barba-de-ferro da tradição allemã, interesseiro e ignorante.[4]) Eis como Pero d'Ambroa o pinta:

---

1) Cesare de Lollis, nos *Stud. Fil. Rom.* I, 55 e Henry Lang no **CD** p. XXXIII, n. 5.

2) Diez, *Leben und Werke,* 466.

3) **CV 1128** e **1131** que é posterior.

4) Lembro-me de uma cantiga humoristica que ouvi cantar em pequenina, creio que á minha avó:

Ich bin der Doctor Eisenbart,
kurier' die Leut nach meiner Art:
kann machen, dass die Lahmen sehn
und dass die Blinden wieder gehn.

Sabedes vos: meestre Nicolao
— o que antano min non guareceu,
aquel que dizedes meestre mao —
vedes que fez: per ervas que colheu,
5 do vivo mort' e do cordo sandeu
faz, e o ceg' adestrar pelo pao!
E direi-vos eu d'outra maestria
que aprendeu ogan' en Monpiler:
non ven a el ome con maloutia
10 de que non leve o mais que poder'.
E diz: „amigo, esto t' é mester,
ven a dar mi-algo d'oi a tercer dia,
Ca ben vej' eu ena ta catadura
que es doent' e queria[s] guarir,
15 e aqueste mal que te tanto dura,
ora c[h]o quer(o) eu mui ben departir.
Se d'este vivo mi ás a sair,
ja non guarrás mẽos da caentura.
[*ou:* ja non guariras mais da caentura.]
E outra ren te direi, meu irmão:
20 se meu conselho quiseres creer,
ou se quiseres qu(e) eu ti meta mão,
dá-me quant' ás e poderes aver,
ca des que eu en ti mão meter
serás guarido . . . quando fores são!"
25 E non sabemos dê'-los tempos d'ante
tan bon meestre, pois aqui chegou,
que tan ben leve seu preç' adeante
per maestrias grandes que usou:
faz que non fal' o que nunca falou
30 e faz de manco que se non levante![1])

Não creio que o poeta apostrophe no primeiro verso ao *mestre*, contando-lhe as proezas de outro medico, nem tão pouco que toque nas baldas do proprio Nicolau, como se fosse outra terceira pessoa. Entendo que se dirige aos amigos (o emprego do ind. pres. em logar do imperativo é vulgarissimo), accusando perante elles um joven letrado, ainda inexperiente, a quem o capello, frescamente ganho fóra da terra, insuflara pretenções de sabedoria e certa basofia. A favor d'esta interpretação posso allegar uma composição de Affons' Eannes do Cotom, companheiro mais velho de Pero da Ponte, conforme sabemos, e vivo ainda quando Alfonso X começava a poetar. Este diz, ajuntando outro novo caracteristico aos que já conhecemos,

1) **CB 1577.** — 5. *dounio* — 6. *7 faz orega destra pelo paao* — 9. *nō nē* — 10. *lene.* — 12. *ueā a dnmhalgo doi aterterdia.* Talvez: *vend' a mi* — 13. *Ca bem uieu* — 17. *ſedeſt enũno* — 20. *qeer* — 21. *em ey* — 23. *en enty* — 25. *dañt* — 26. *boō* — 27. *lene seu p̄sadeant* — 30. *lenante o.*

que o mestre, mal-chegado de Montpellier, era logo bem-visto e favorecido pelos magnates e reinantes, graças ao fallecimento opportuno de outro medico da côrte, chamado Andreu.

Meestre Nicolas, a meu cuidar,
é muy bon fisico por non saber
el as suas gentes ben guarecer,
mais vejo-lhi capelo d'ultramar
5 e traj' al uso ben de Monpisler;
e latin, come qual clerigo quer,
entende, mais non-no sabe tornar.
E sabe seus livros sigo trager;
come meestre sabe-os catar
10 e sab' os cadernos [mui] ben cantar;
quisá non sabe por eles leer,
mais ben vos dirá quis quanto custou,
todo per conta, ca el x'os comprou.
Ora veede se á gran saber!
15 E en bon ponto el tan muito leu
ca per o prezan [e] condes e royx,
e sabe contar quatr(o) e cinqu' e seix
per [a]strolomia que aprendeu;
e mais vos quer' end' ora dizer eu:
20 mais van a el que a meestr' And[r]eu . . .
des antano que o outro morreu!
E outras artes sab' el mui melhor
que estas todas de que vos falei:
diz das lũas como vos [eu] direi
25 que x'as fezo todas Nostro Senhor,
e dos [e]stromentos diz tal razon
que muy ben pod' en eles fazer son
todo ome que én seja sab[edor].[1])

Ainda ha outra cantiga, producção tambem de um poeta relacionado com Pero d'Ambroa que muito provavelmente diz respeito ao mesmo fisico, comquanto o mestre nella caracterizado como clinico petulante e infeliz nas suas curas seja innominado. É Gonçal' Eannes do Vinhal que, repetindo os signaes do recem-chegado medico careiro falla assim:[2])

---

1) **CV 1116.** — 1. *incolas* — 2. *boõ* — 3. *ela ſsyas gents* — 5. *ctraieluis o bẽ de chon pis ler* — 6. *ẽl atyco—digo* — 11. *q' coi.* — Cf. 1006, 8 Th. Braga põe: *qual cór,* lição que não dá sentido: *quis oi = quem hoje* obrigaria a entender: *quis oy non sabe por eles leer?* affirmação que de certo não correspondia á realidade. — 13. *elle* — 15. *boõ* — 19. *q̄rea dora* — 20. *meestrandeu* — 21. *morrer* — 23. *eras* — 24. *huãs* — 25. *arõ seno'* — 26. *sto'm̄tos.*

2) **CV 1006.** — 1. *quere* — 4. *edeulus* — 8. *Quyza* — 10. *aq̄* non sabe q̄ possa *saar* — 11. *meꝯ* — 13. *pagon* — 14. *guarecer* — 15. *meꝯ de treminhar* — 17. *qˀs* — 20. *guarrá — ca t' minhou* — 23. *saou.* — Na linha 14 hoje diriamos: *non leixa de guarir.*

Quantos mal an, se queren guarecer,
— se x'agora per eles non ficar' —
venhan este maestre ben pagar
e Deu'-los pode mui ben guarecer,
[*ou:* et el os pode mui ben guarecer,]
5 ca nunca tan mal-doent' ome achou,
nen tan perdudo, des que el chegou,
se lh' algo deu, que non fosse catar!
Quisá no'-no pod' assi guarecer
(que este poder non lho quis Deus dar).
10 E quen non sabe non poder sãar
o doente, mẽos de guarecer?
mais perguntar-lh'-á de que enfermou
come maestr'; e se o ben pagou,
non leixa guarir po'-lo el perguntar.
15 Ca vus non pod' el assi guarecer
o doente, mẽos de terminhar;
mais pois esto for', se quiser' filhar
seu conselho, pode ben guarecer,
[e] se se ben guardar', poi'-lo el catou,
20 ben guar[i]rá do mal qu' aterminhou
e diz o maestre „se lhi non tornar'",
Ca o doente de que el pensou
por un gran tempo, se mui ben sãou,
se mal non ouver'... pod[erá] andar! [1])

Omitto a ultima, (cheia de censuras contra a technica de um *maestre,* tambem sem nome, o qual como trovador se exercitava no genero poetico chamado dos *seguires* e imitava os sons bretonicos de Gonçal' Eannes), porque ella exigiria longos commentarios. Mas sempre direi que, sendo do mesmo auctor e seguindo immediata, podia referir-se a Mestre Nicolau (posto que não conste ter poetado, nem fosse o unico homem de letras apodado pelos trovadores) [2]) uma vez que esse doutor de Montpellier parece ter sido o mais celebre nos circulos trovadorescos, o unico cuja fortuna suscitou inveja, e o unico de quem restam noticias historicas. Como ouviram, elle dissertava sobre instrumentos de musica, e sabia ler nos cadernos de sons.

---

1) Ha nos Cancioneiros mais algumas cantigas de escarnho e mal-dizer, lançadas contra fisicos da idade-media, os quaes eram, como é sabido, freqüentemente clerigos letrados, e não poucas vezes mouros ou judeus. — Vid. Nota seguinte, e **CV 503** e **CB 1505** e **1535**.

2) Maestre Ali (**922**, **923**); Maestre Asenço (**503**); Mestre Joham (**72** e **73**); Mestre Reyner (**1535**); Mestre Andreu (**1116**); Maestre Simion (**1505**) e alguns innominados (**983**, **984**).

Importa estabelecer agora que nas Chronicas dos Reis de Castella se acha registado um Mestre Nicolas, fisico, como privado do Sabio, durante os ultimos tempos do seu reinado.[1]) E continuou no serviço dos successores, pelo menos até 1303.[2]) Esta data seria demasiadamente tardia para combinar com a que apurámos a respeito de Pero d'Ambroa. Ha porém outra nas mesmas fontes[3]), muito mais temporan, relativa a um Mestre Nicolas, provavelmente diverso.[4]) Esse, da criação de Alfonso X, pertence ao numero dos herdados de Sevilha, como Gonçal'Eannes e Pero Gomes Barroso. Sendo mestre em 1253, e já então da casa del rei, é forçoso concluir que viera de Montpellier alguns annos antes, e que as cantigas que visam o novel medico, recem-chegado — *ogano* — *antano* — *pois aqui chegou* — *des que el chegou* — datam, o mais tardar, do anno indicado, mas são com mais probabilidade um pouco anteriores a 1253.

Tudo isso nos obriga a fixar como epoca de Pero d'Ambroa o principio do reinado do Sabio de Castella, e talvez (como acontece com Pero da Ponte, Affons'Eannes do Cotom e Bernaldo de Bonaval)[5]) os ultimos annos do antecessor; como datas determinadas das poesias que examinei, os annos 1253 e 1257—1260; como área da sua actividade, o reino castelhano-leonês, desde a Galliza até á fronteira. Um dos companheiros trata-o uma vez de hespanhol.[6]) O proprio especializa como scena das suas aven-

---

1) *Chron. Alf.* s. a. 1283, p. 72.

2) *Chron. Fern.* IV, p. 130ᵇ.

3) No Livro do Repartimento de Sevilha, Mestre Nicolas surge na lista dos empregados da casa real a par do clerigo Pero Abad, chantre, Nicolas de los Romances e Juan de las Tablas, a f. 10ᵛ da impressão de Pablo de Espinosa. Extrahi esses tres nomes entre muitos outros porque a meu ver representam alguns dos personagens que auxiliaram o monarca nos seus trabalhos litterarios.

4) Mestre Nicolas não era judeu. Todos os *de nação* que tiveram parte na distribuição de Sevilha, distinctos pelos nomes Don Çag, D. Mair, Mosé, Samuel, Abrahan, Salomon, receberam as suas *arançadas* e *jugadas* na aldeia Paterna, desde então denominada *Aldeia dos Judeus*. A parcellação systematica que agrupa os beneficiados segundo a sua nacionalidade, posição social, separando ricos-homens, prelados, cavalleiros de mesnadas, portugueses, gallegos, bèsteiros, criados, judeus, falcoeiros, adalides etc., não deixa duvidas a este respeito.

5) Baveca e Pedr'Amigo parecem ser um pouco mais novos.

6) **CV 1067**.

turas a região de Santiago até San Fagundo[1]) e de San Fagundo até S. Felizes.[2]) Quanto ao grau que lhe competia na escala social parece certo que o campeão da Balteira e Meijouchi, auctor quasi exclusivamente de dizeres de escarnho e de maldizer, de repugnante grosseria, pertenceu á triste caterva dos infimos, incumbidos de truanescamente excitarem o riso dos monarcas e seus proceres com chocarrices apimentadas, quer fosse apontando casos escandalosos veridicos, quer inventando calumnias phantasticas. Tenho-o em conta de *jogral de côrte*, assalariado, de Fernando III e Alfonso X.

Mas nem por isso está decidido que, villão de caracter e costumes, fosse villão de nascimento. É certo que os jograes peninsulares, successores directos dos histriões classicos e na maioria dos casos simples instrumentistas e executantes de composições alheias, eram por tradição antiquissima, individuos não ingenuos, villões, *raffeces*. Mas a regra teve as suas excepções. Como já affirmei a respeito de Pero da Ponte e tornaremos a ver ulteriormente, o jogral *de côrte* era quasi sempre de categoria superior. Como na Provença, tambem na Galliza cavalleiros e escudeiros de poucos ou nenhuns recursos enfileiraram-se nessa classe — assunto que nos occupará no capitulo seguinte. Uma allusão desrespeitosa de Gonçal' Eannes aos progenitores de Pero (**CV 1004**) não nos esclarece sufficientemente.[3]) Nem tão pouco os versos de Pedr' Amigo contra

un cavaleiro fi-de clerigon
que non á en sa terra nulha ren (**CV 1201**),

porque ignoramos, se realmente elles se entendem com o nosso Pero. E ainda menos o titulo de *trovador* que elle se arrogava e outros lhe applicavam, embora não sem restricções nem sem opposição de parte de alguns respeitadores convictos da hierarchia social.

Deixando a decisão para o fim, voltemos finalmente aos versos de amor que, segundo as theorias, asseguravam ao poeta o nome de *trovador*, isto é á cantiga á moda palaciana, impressa no nosso *Appenso* I como obra de *Pero Garcia* a quem este exame se refere. Como o texto está deturpadissimo, só a medo tento interpretá-la.

---

1) **CV 1135** e **1575**, onde com relação aos dominios de Pero Bõo se serve da expressão *toda esta nossa terra*.
2) **CV 1135**.
3) Por costume, o filho de cavalleiro e de *villana* era cavalleiro, mas não era fidalgo. — Vid. Gama Barros I, 419.

Quanto ao conteudo, é banal e convencional como em quasi todas. Timido e triste, de lealdade inquebrantavel, o servidor avassallado jura morrer e viver pela sua senhora e soberana. Quanto á forma, está cheia de desigualdades, obra de um metrificador inexperiente, ou pelo menos não acostumado a entoar canticos de amor. Mas ha composições de outros auctores que não são menos imperfeitas.[1]) O unico traço realmente anormal é chamar *joguete* ás suas declarações de submissão, como se dissesse *brincadeira,* ou peor ainda *escarnho de amor*,[2]) na accepção usual entre os trovadores.[3]) Este traço leva a crêr que Pero Garcia era o proprio Pedro, erigido em *namorado que canta d'amor,* e assignava o respectivo rolo de pergaminho cerimoniaticamente com o seu nome completo, a fingir de grande. Espontaneamente? para satisfazer um capricho da afamada soldadeira á qual servia? ou porque depois de terem ouvido, da bocca d'ella, a confissão de andar sandeu pela Balteira e na sua prisão, os nobres o incitaram a dedicar-lhe cantigas de amor? ou talvez por imposição do monarca? Não o sei. Uma das principaes proezas dos jograes palacianos consistia effectivamente, se não me engano, na grosseira parodia da cortesania. Sob a formula *e queremos rir,* os jograes inhibidos pela sua humilde condição social de levantarem os olhos ás damas da côrte, eram arvorados em paladinos de soldadeiras e obrigados a cortejá'-las com todos os requintes do cerimonial palaciano.

Em todo o caso é incontestavel que Pero d'Ambroa escreveu e *assonou* positivamente um cantar de mèstria como homem que anda *com coita d'amor.* Elle proprio assim o diz no unico cantar de amigo por elle composto que conhecemos e que é, como tantos outros, a réplica ou o invés de uma cantiga de amor. Em nome de D. Maria Perez Balteira, salvo erro, é que cantou o seguinte cantar, talvez pela sua bocca, se ella possuia, como as galleguinhas em geral, a arte de bailar e cantar.

---

1) P. ex. **CA 317** e **326**.

2) A mesma palavra foi empregada por um aggressor de Pero. Numa *caçurria,* Vasco Perez Pardal lança contra a Balteira e seu consorte a imprecação:

> *mais mande Santa Maria*
> *que prenda i mal-joguete*
> *o d'Ambroa . . .* (**CB 1506**).

3) No Cap. V da *Poetica* antiga lemos: *E pero que alguns dizen que á i algũas cantigas de joguete d'arteiro* (*loguete derteiro*) *estas non son mais ca d'escarnho nen an outro entendemento.*

Ay meu amigo, pero vos andades
jurando sempre que mi non queredes
ben, ant' as donas quando as veedes,
entenden elas ca vus perjurades
e que queredes a mi tan gran ben
com' elas queren os que queren ben.
E pero vus ant' elas jurar ides
que non fazedes quanto vus eu mando,
quanto lhis mais ides en min falando,
atant' [en]tenden mais que lhis mentides
e que queredes a mi tan gran ben
com' elas queren os que queren ben.
E andad' ora de camanho preito
vus vos quiserdes andar todavia:
ca *o cantar rosso de maestria*
entenden elas que por min foi feito
e que queredes a mi tan gran ben
com' elas queren os que queren ben (**CV 840**).

Novamente se referiu com vaidade á mesma sua composição de mèstria em outro ensejo, quando arrufado com a Balteira, que se apaixonára pelo seu escolar, a insultava, aconselhando-lhe o exercicio do mester das velhas celestinas e trotaconventos:

Se eu no mundo fiz algun cantar
como faz ome con coita d'amor
e por estar melhor con sa senhor,
acho-m'é[n] mal e quero m'én quitar,
ca ũa dona que sempre loei
en meus cantares e por que trobei,
anda morrendo por un [e]scolar (**CV 1131**).

Esses cantares, no plural, em que *a loou,* não são necessariamente todos d'amor. Mesmo aquelles em que a injuriava ajudavam a espalhar a sua fama.

Nas obras dos companheiros não descobri allusões directas a essas tentativas de Pero d'Ambroa. É todavia pouco provavel que os demais jograes da côrte deixassem escapar tão bella occasião de se divertirem á custa do collega. Um escarnho perdido, quer fosse de Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom, Pero da Ponte, quer antes de João Baveca, Pedr'Amigo ou Pero d'Armea, auctores de variadas e formosas cantigas de amor,[1]) teria talvez como replica o fragmento que diz:

Ca vos non sodes d'amor tan forçado
como dizedes, non vus ar conven
de o seerdes, nen ar é guisado
d'aqueste preito sair-vus a ben,

1) Cf. **CV 694—700** Baveca; **685—688** Pedr'Amigo **669—681** Armea.

nen-no querredes vos muito seguir;
ca d'amar donas, nen de as servir,
non saberedes vos i dar recado.
  Mais dá-lo-edes en panos tomar...[1])
se vo'-los deren... e en vus guardar
e en vendê'-los en aquel mercado (**CB 1572**).

Baveca não acolheu no seu repertorio de trovas alheias os versos de amor de Pero d'Ambroa. Este resentiu-se da exclusão, e d'ella se queixa, amesquinhando as que foram preferidas, na tenção seguinte:[2])

  Joan Baveca, fé que vos devedes,
que me digades ora ũa ren
que eu non sei, e segundo meu sen
tenh' eu de pran de vos que a sabedes,
5 e por aquesto vus vin perguntar:
cantar d'amor de quen non sab'amar
que me digades ¿porquê lh'o dizedes?
  Pero d'Ambroa, vos non m'oir-edes
dizer cantar, esto creede ben,
10 se non ben feit' e igual, e por én
non digu' estes „bõos" que vos fazedes;
ante digo dos que faz trobador
que troba ben e á coita d'amor,
e vos por esto non me vus queixedes!
15 *Joan Baveca,* se vos non queredes
os meus cantares dizer ant' alguen,
direi-vus ora como vus aven,
nunca por én contra min per-dizedes:
Mais lo que sabe molher ben querer,
20 ben quanto sab' o asno de leer,
¿por namorado por que o metedes?
  Pero d'Ambroa, mais non saberedes
de min, do que vos ja dix: o cantar
que eu digo fez quen á grand' amar;
25 mais pois [que sei] que sanha prenderedes,
aqui-ante todos leix' eu a tençon,
ca se quisessedes saber razon,
digu' eu verdad', esto non duvidedes.[3])

Resta-me chamar a attenção para a ultima das cantigas, ligadas ás empresas de Pero d'Ambroa e a elle dedicadas: a de Pero

---

1) Cf. **CV 1031** e **690**.

2) Segundo Pedr' Amigo, numa outra tenção Ambroa e Baveca não se cingiram bem ás regras, sahindo do thema.

3) **CB 1573**. — 10. *beu fey te elgual* — 13. *faz°* — 17. *edirey* — 18. *cout* — 22. *uos mais podeđs saber* — 23. *demȷ̄ doq̄ uos ia dixem os cãtares* — 25. *pendeđs* — 26. *atencõ* — 27. *ça ſſe qⁱſſeſſeds caberirazõ* — 28. *digeu u'dadē esto nõ dinjdeds.*

Mafaldo. Indignados com o arrojo dos jograes da côrte em geral, e em particular do que nos occupa, os trovadores de linhagem resolveram, de combinação com o monarca, pôr-lhe freio, regulando por decretos as attribuições das varias classes de poetas, afim de impedir que os villões continuassem a dar-se ares de fidalgos, compondo trovas de mèstria e chamando-se trovadores, ou ares de segreis, sem terem a sabedoria precisa na arte de trovar e, quanto aos requisitos da verdadeira jograria, na de cantar e citolar. Foi porta-voz de todos o pouco conhecido cavalleiro Pero Mafaldo, que surge no Cancioneiro entre dois trovadores alfonsinos, em que reconheci guerreiros da conquista da Andaluzia: D. Vasco Gil[1]) e Gil Perez Conde.[2]) Eis como communicou comedidamente, embora não sem ironia, ao *mantenedor* da Balteira o novo programma:

Pero d'Ambroa, aver-edes pesar
do que nos ora queremos fazer,
os trobadores: queremos põer
que se non faça tanto mal-cantar,
5 nen ar chamemos, por nenhun amor
que lh' ajamos, nulh' ome *trobador*
se non aquel que souber' [ben] trobar.
E pesará vos muit', eu ben-no sei,
do que vus eu direi, per bõa fé:
10 polo vilão que vilão é,
pon ora assi en seu degred' el rei
que se non chame fidalgo per ren;
se non os dentes lhi quiten por én.
e diz: „assi o escarmentarei"!
15 Ar pesar-á-vo'-lo que vus disser',
— este pesar é pesar con razon —
ca manda el rei que, se demandar' don
o vilão ou se chamar' segrer
20 e jograria non souber' fazer,
que lhi non dé ome [de] seu aver,
mais que lhi filhen todo quant' ouver'.[3])

O *degredo-del rei* lembra naturalmente a decantada legislação trovadoresca de Alfonso X, versificada por En Guiraut Riquier em 1275.[4]) Mas essas ordenações não contém cousa alguma sobre as classes sociaes dos villões e fidalgos, nem sobre as damas que

1) Vid. *Biogr.* XIII.
2) Vid. *Randglosse* VI.
3) **CB 1514.** — 2. *Da que* — 3. *poer* — 4. *chameu9* — 9. boã — 10. *vilano* — 13. *q'n ten.*
4) Vid. *Randglosse* I, 33—35 e p. B. e cf. o nosso Cap. VII.

uns e outros tinham direito de enaltecer.[1]) O reflexo de boatos que cursavam na occasião, podia, em ultimo logar, têr-se condensado na cantiga transcripta — não o nego. Existindo todavia *degredos* de Affonso III de Portugal, exactamente com esse titulo, e sendo elles publicados em 1258, e outros de D. Jaime de Aragão, quasi da mesma epoca, é licito concluir que tambem na côrte de Castella houve outros, um pouco anteriores, isto é do mesmo decennio em que temos de collocar as aventuras da Balteira e de Pero d'Ambroa 1250—1260.

Vou concluir. Trovadores de linhagem e jograes da côrte occuparam-se a miudo do Ambroïno, tratando-o, relativamente, com alguma consideração. *Sub rosa* disseram-lhe que os seus cantares não eram bons (**CB 1514**), que o seu caracter era de villão (ib.), que o seu amor era fingido (**1573**). Creio que se o fosse de nascimento, teria ouvido queixas em outro diapasão. Supponho, como já indiquei mais àcima, que Pero d'Ambroa sahiu voluntariamente da ordem dos cavalleiros,[2]) impellido não por falta de meios (pouco lhe fallaram de *pannos* e *dinheiros*) mas por algum desdouro no brasão dos paes e por certo genio truanesco, herdado talvez da mãe a que Gonçal' Eannes se refere num simile assaz transparente. Um desprestigiado portanto, o qual abandonou o posto que em melhores circumstancias poderia ter occupado na hierarchia social, como tambem fizera a sua parceira e patricia D. Maria Perez, Balteira.

Contra a identificação de Pero e Pero Garcia depoẽ apenas o facto de este ultimo figurar muito a principio no Cancioneiro, entre trovadores pre-alfonsinos, e de linhagem. Quanto á linhagem e á idade disse quanto sei e penso. Deixei de accrescentar *de Portugal,* não só porque é nas partes privativas do **CB** que o Ambroïno surge, mas principalmente porque entre os primeiros dez ou doze poetas, só com relação a um ha certeza, e com relação a dois ou tres, probabilidades de terem nascido em Portugal. A maior parte parece oriunda da Galliza, como ficou exposto.

---

1) Ainda assim, C. de Lollis e Lang relacionaram a poesia de Mafaldo com a supplica do trovador provençal. *Stud. Fil. Rom.* I, 55 e **CD**, p. XXXIII, nota 5.

2) Creio que taes saidas se faziam á capucha e não á moda de Castella onde o homem nobre a quem faltavam os meios de manter o seu estado por ter caido em pobreza, se queria descer á classe de villão, praticava curiosas formalidades dizendo: *deixo nobreza e torno-me villão.* Vid. *Fuero Viejo* 1, 5, 16 apud Gama Barros I, 391.

XLIX. D. Fernan Paes, de Tamalancos.

§ 330. Possuimos oito composições d'este magnate em que, a meu ver, se manifesta um estudo profuno dos modelos estrangeiros e da poesia indigena.[1]) Todas ellas são pouco convencionaes. Não sendo nenhuma *cantar de amigo,* dividem-se em apenas duas categorias.

A primeira metade, conservada no **CB 48—51** (*Ind.* 74—78) e reproduzida no nosso *Appendice* I, com numeração de **358—362**, contém duas *cantigas de amor,* de feitio popular, em disticos e com refram,[2]) e uma balleta (**CA 362**). Esta exhala queixas contra um rei que obrigava o auctor a affastar-se de certa *Marinha,* nome ambiguo que pertence á toponymia e tambem á onomastica da peninsula, deixando-nos indecisos sobre a interpretação que melhor lhe quadra. Podiamos lembrar-nos da praia de *Villamarin* que era dominio dos senhores de Tamalancos. Ou d'uma formosa e malmaridada D. Marinha, por causa da sua leviandade assunto dos motejos do trovador antigo D. Lopo Lias, cujos alegres joguetes nos são apresentados no Cancioneiro immediatamente depois dos versos do nosso auctor (**CV 957**); ou ainda d'uma dona da linhagem dos Marinhos, aparentada no sec. XIII com as de Tamalancos e Villamarim. Mas as duas talvez sejam identicas.

As outras trovas são *de mèstria* (**CA 858—359**). Cheias como estão de despeitosa satira contra uma dona desleal, merecem o nome de despiques ou desquites. Havendo reconhecido o poeta por seu homem e servidor, a innominada ainda assim não regeitou um preito significativo da parte de outro cavalleiro que, no dizer trovadoresco, *entendia em ella.*

No *Cancioneiro de burlas* o Senhor de Tamalancos figura com quatro *dizeres de escarnho* (*Ind.* 1334—1337 = **CV 941—944**). Temos todavia a subtrahir um (**943**), por ser repetição da cantiga de amor contrariado, a que ainda agora me referi (*Ind.* 75). Tambem na immediata (**CV 944**) vitupera a perfida dama que aceitou a offerta de uma cinta, da mão de um estranho, com a differença porém que agora ella nos apparece de cara descoberta — paladinamente —

1) Vejam-se as notas finaes do Vol. I, relativas aos nossos N^os^ **358—362**.
2) **CA 360** e **361**.

na qualidade duplamente estranha de abbadessa do mosteiro de Dormãa[1]) e coirmã do poeta.

Nas restantes (941 e 942) chasqueia de um jogral ignoto, mal-talhado, que só esta vez surge no meio dos trovadores. Quanto a relações pessoaes, não encerram revelação alguma. Além do jogral *Sacco,* apenas se menciona um desconhecido Rodrigo Ayres (CV 941), por ventura o mesmo Rodrigo que apparece aggredido por D. Lopo Lias nos curiosos cantares contra os zevrões de Lemos (CV 951).

Por causa do logar que D. Fernam Paes occupa no Cancioneiro, na proximidade de trovadores primevos, como D. Lopo Lias e João Soares, de Pávia, inclino-me a enfileirá-lo com os trovadores pre-alfonsinos. Os dados biographicos que pude colher, embora insufficientes, não se oppõem.

Tamalancos, ou S^ta^ Maria de Tamalancos,[2]) é uma antiquissima localidade, situada em Bubal, na provincia sudeste da Galliza (Orense). Esta villa, a de Villamarim e a de Plana, com numerosos logares menores adjacentes,[3]) foram dadas de juro e herdade pelo Emperador das Hespanhas D. Alfonso VIII (1158—1214) a certo Fernand' Eannes, bisavô de D. Fernam Paes, provavelmente por serviços prestados ainda no sec. XII contra os Sarracenos. As ultimas

---

1) O mosteiro de S. Christóvam de Dormeá, fundado por D. Lupa Pérez de Trava (c. 1150), pertencia á diocese de Iria (sc. Santiago). A *Terra Dormiana,* situada inter *Ullam et Tamarim,* fôra doada a Santiago pela Rainha D. Urraca no anno 1120. — Cf. *Esp. Sagr.* XX, 304 e 387, 599. *Hist. Sant.* III, *Ap.* XXVI e XXXVII; IV, 255, 266 e *Ap.* XXII.

2) Em castelhano pronunciam *Tamalhancos.* Na Galliza dizem hoje *Tamalancos,* forma que encontramos no *Indice* de Colocci e que emparelha com a *Tamalanca* de Castella, e de Aragão. Parece todavia que tambem existiu a variante *Talamancos,* conforme se lê nas rubricas que acompanham a cantiga 941 no CV e CB. — D'esta metalhese de *l* e *m* nascera por ventura o inexplicado apellativo português *tamanco* (por *taamanco*) com seus derivados, assim como *Tamanqueiro, Tamanqueira* e *Tamanqueirinhas* que occorrem na toponymia de Portugal. — Nos livros de linhagem o nome apparece em formas muito viciadas: nota-se nellas, além da metathese de *l* e *m,* a vulgarissima confusão graphica entre *c* e *t*, queda do til, e accrescento de cedilha em logar improprio. Na edição academica imprimiram ora *Calamanços* (p. 155), ora *Calamacos* (173), e ainda *Tamallanços* (339) e *Camallanços* (341). Em mss. occorre *Calhamaços* e *Calhamanços.*

3) Verifiquei alguns como *Bubal, Padron, Paderne, Cambeo* e *Loureiro* (como supponho devermos lêr em lugar de *Loureyto*). Os descendentes de Fernand' Eannes usaram de varios d'estes nomes de logar como apellido: Tamalancos, Villamarim, Chacim, Loureiro, Gulpilhães, Ruviães.

façanhas d'aquelle batalhador, que devemos suppôr septuagenario, seriam comettidas nas Navas de Tolosa.

A doação das tres villas consta de uma escritura, passada a 3 de Agosto de 1286 em nome del rei D. Sancho IV aos Senhores de Chacim e Villamarim que as haviam herdado. Mas vendo perdido tanto o documento original de outorga como tambem o privilegio de confirmação, datado de 1232 e assignado pelo conquistador de Sevilha, requereram outro novo, allegando a notoriedade do caso. Nesse mesmo documento, explorado por Argote de Molina (mas infelizmente não copiado na integra[1]), vê-se ainda que um rei D. Alfonso concedera o senhorio de mais outra villa (S. Estevam de Quartelas em Asma) ao proprio D. Fernam Paes de Tamalancos *[Fernando Pelagio de Tamallancos]*. Os termos empregados são todavia pouco claros, deixando margem para duvidas sobre se este D. Fernam Paes continuava vivo, quando Sancho IV ia renovar a doação, ou sómente estivera presente, quando Fernando III lhe fez a mesma graça.[2]) No primeiro caso teriamos de procurar o Sabio de Castella no Rei D. Alfonso; pensando no caso segundo, no mesmo monarca, ou em Alfonso IX, o Leonês.

---

1) *Nobl. And.* II, c. 216.

2) Eis os dizeres de Argote de Molina: „*Son los deste linage* (sc. de Chacin) *descendientes de la casa de Villamarin en el Reyno de Galizia en el obispado de Orense, á dos leguas de la ciudad, á la mano derecha del camino que va de Orense á Sanctiago. Es lugar de vasallos y juridicion dada á los deste linage por el Emperador D. Alonso octavo deste nombre como consta por el privilegio que los señores della* (sc. de la casa de Villamarin) *tienen, dado por el Rey D. Sancho el Bravo en tres de Agosto Era de mil y trecientos y veinte y cuatro. Por el cual confirma un privilegio de el Sancto Rey D. Fernando, dado en Oviedo á siete de Junio, Era de mil y dozientos y setenta años. Por el cual haze relacion que por informacion y notoriedad le consta que el serenísimo Emperador de las Españas D. Alonso su revisabuelo dio de juro de heredad á Fernando Joanes, visabuelo de Fernando Pelagio de Tamallancos tres villas, conviene á saber: La villa de Plana con las villas adyacentes Gulpillanes, Pedron y Paderne. La villa de Tamallancos en Bubal con las villas adyacentes Chacin de Boy, Morto, Loreyto y Cambeo. Y la villa de Villamarin en Bubal con las villas adyacentes de Lion, Barbantes y Vinna. Y asi mismo que el ilustrisimo Rey D. Alonso su padre le habia hecho donacion de la villa de San Estevan de Quartelas en Asma con las villas a ella adyacentes de Sancta Cruz, Brucinos y Ruviaes. Y por haberseles perdido las cartas de donacion y por ser notoria la posesion en que el dicho Fernando Pelagio de Tamallancos estava de el Señorio dellas, se las otorgó por juro de heredad!*“

Nos nobiliarios não encontro a genealogia do poeta. De noticias espalhadas pelo Livro Velho e pelo Livro do Conde infere-se unicamente que D. Fernam Paes de Tamalancos era pae de D. Sancha Fernandes, de Tamalancos, casada com D. Fernam Gil Batisella, sobrinho do famigerado esposo da Ribeirinha (pouco depois de 1211) e de Ruy Fernandes o *Codorniz*, em cuja companhia o leitor d'estas notas já se encontrou amiudadas vezes.[1]) Aqui bastará recordar que o Batisella e seus irmãos, tresnetos da Rainha D. Teresa, floresceram nos primeiros decennios do sec. XIII, nos tempos gloriosos de Fernando o Santo.

É pois certo que D. Fernam Paes, coevo d'elles como sôgro do filho de um dos tres, póde muito bem ter recebido mercês regias no anno 1232, sendo improvavel attingisse idade biblica, chegando ao governo de Sancho IV.[2])

Em tal caso, teria convivido na côrte castelhana com o marido de uma sua bisneta, ex-conego de Braga, da estirpe dos Portocarreiros, que, leigando-se, havia emigrado para Castella, onde veio a ser um dos privados do monarca e cavalleiro muito bom,[3]) o que realmente é inacreditavel.

---

1) Vid. *Randglosse* XVI.

2) No acto de escrever o meu escorço de litteratura portuguêsa para o *Grundriss* de Groeber, e ainda quando me occupei do Cancioneiro de D. Denis, eu entendia que o Rei D. Alfonso, nomeado na doação devia ser o Decimo, e que o poeta estava vivo em 1286. — Cf. *Zeitschrift* XIX, 595 e 597. — É de opinião contraria meu amigo H. R. Lang que diz o seguinte numa nota (inedita) do seu estudo sobre o *Descordo em Portugal*: „*Fernam Paez de Tamalancos signs a deed in 1232 (era de 1270) according to Argote de Molina, parte II c. CCXIX (sic), not in 1286, as Mrs. Vasconcellos has it*“ (*Zeitschrift* XIX, p. 595 and 597, note 3). Na realidade, os dizeres de Argote de Molina nem nos auctorizam a dizer que o Senhor de Tamalancos assignou o documento de 1232, nem tão pouco a sustentar, estivesse vivo em 1286. Quem *haze relacion* é Sancho IV. O Emperador era de facto *revisabuelo* d' elle, e não de S. Fernando. Portanto o illustrissimo *Rey D. Alonso su padre* deve ser o Sabio. De onde resulta que o Senhor de Tamalancos (o qual identifico com o nosso poeta, visto não constar a existencia de algum seu homonymo) era no tempo d' aquelle monarca dono das villas em questão — facto este que era notorio em dias do successor.

Parece-me hoje que os notarios de Sancho IV se teriam servido no documento de outro modo de dizer, se o alludido magnate, ascendente de los de Villamarim, que o rei favorecia, lhes fosse pessoalmente conhecido. E concluo que morrera no reinado de Alfonso X, entre 1252 e 1284, herdando aquelles os bens cuja confirmação pediram em 1286.

3) *P. M. H.: Script.* 155: „*E Martin Pires* — bisneto de Mem Pires de Briteiros e filho de D. Pedro Annes de Portocarreiro — *casou com*

Para determinarmos a idade de Fernam Paes ha ainda outro indicio. Um filho da sua filha, chamado João Fernandes, foi morto pelos mouros „*quando mataram o Arcebispo D. Sancho.*"[1]) É sabido que esse memoravel acontecimento succedeu em 21 de Outubro de 1275, durante a ausencia de Alfonso X, e pouco depois do fallecimento de seu primogenito (8 de Agosto).[2]) O arcebispo de Toledo, trucidado pelos mouros insurrectos, perto de Martos, era aquelle filho do Conquistador de Valença, a cuja primeira missa o heroe aragonês assistira em 1268, como deixei contado em outro logar.[3])

Maria Gonçalves, filha de Gonçalo Coronel e de D. Maria Fernandes, filha de D. Fernam Gil e D. Sancha Fernandes de Calamanços." — Cf. 339, e principalmente 341 onde lêmos: „*E Martim Pirez ... foy coonigo de Bragaa e leigou-se e foyse a Castella e foilhe aló muy bem e foy muy boo cavalleyro e foy muy privado delrey dom Sancho e da rrainha dona Maria, e casou com dona Maria Gonçalves (cuja ascendencia é referida ut supra.)*" Segue contando que o filho dos dois, de nome Gonçal' Eannes Coronel, como o avô, foi morto em 1308 na Torre de Lobaton, em presença do Fernando IV de Castella. — Cf. *Cron. Fern.* IV, cap. 15.

1) *P.M.H.: Script.* 173: „*E este Fernão Gil foi casado com D. Sancha Fernandes, filha de D. Fernão Paes de Calamacos* e fege nella Ruy Fernandes e *João Fernandes,* o que matarão os mouros quando matarão o arcebispo D. Sancho."

2) Schirrmacher IV, 574. — Cf. § 282, nota. — Quanto á data, os Annaes e Chronicões antigos não estão de accordo com a *Chron. Alf.* No *Chronicon* de Cardeña lê-se: *Era de MCCCXII (sic) mataron los Moros a D. Nuño en el mes de Set. ... E en êl mes de Oct. adelant otro si mataron los Moros a D. Sancho Arzobispo de Toledo e era fijo del Rey de Aragon* (*Esp. Sagr.* XXIII, 374). No de D. João Manoel o caso se acha relatado do modo seguinte: *Era MCCCXIII in mense ... interfecerunt Sarraceni archiepiscopum Sancium et dominum Nunionem. Et obiit infans dominus Fernandus in Villaregali,* com inversão dos acontecimentos (*Rom. Forsch.* VII, p. 550, onde preenchem a lacuna, intercalando *Madii* II). Segundo a *Chron. Alf.* c. 63 o arcebispo succumbiu em Torre del Campo, perto de Martos, depois da derrota de D. Nuno (Maio) a par de Ecija, mas antes do fallecimento do principe D. Fernando (que é collocado inexactamente em Agosto), sendo vingado no dia immediato por D. Lopo Dias de Biscaia (o de Alfaro, † 1288), o qual recuperou a cruz e o guião do prelado. No cap. 66 vejo nomeado entre os que morreram naquella lide certo *João Fernandes,* senhor de Veleña. Ignoro todavia, se o neto do poeta era proprietario ou tenente d' esse logar. Tão pouco sei se Veleña é identico a Belenha (no **CV 1043**). — Cf. Conde IV, c. 10. — Argote II, c. 5.

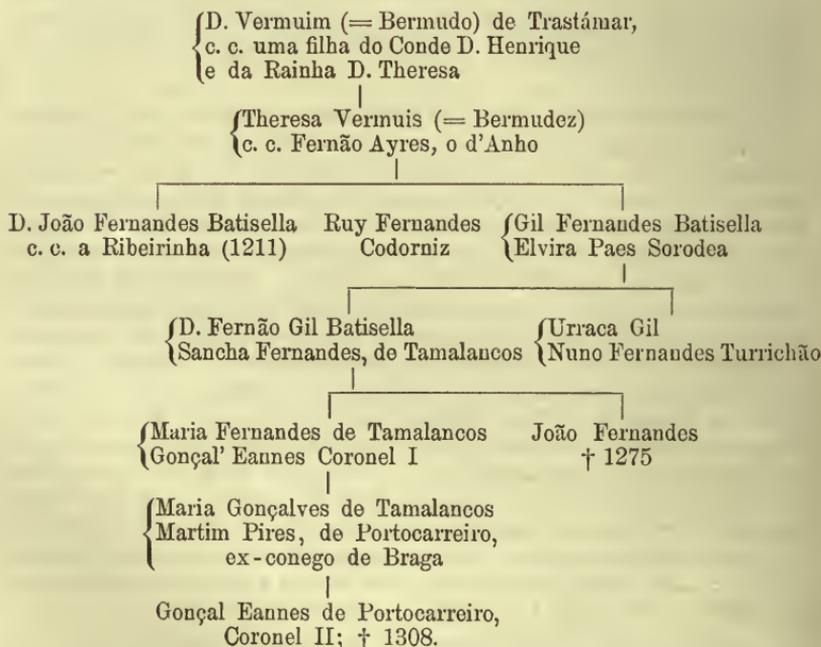
3) *Biogr.* XXXV, nota. — Eis um quadro de filiação em que se vê o parentesco dos personagens apontados:

L. Nun' Eannes, Cerzeo.

§ 331. Não o conheço. Talvez um tonsurado, caso a alcunha seja *cêrceo = circinus,* como penso. Parece ter sido trovador ex-professo, bom conhecedor dos segredos da arte metrica, que diligenciava patentear com engenho e saber, construindo cada uma das suas poesias segundo um eschema novo, e cultivando especies pouco usadas em Portugal, como o *descordo* (**CA 389**).

Possuimos d'elle nove composições, conservadas no **CB 103—111 = CA 383—391**. No *Ind.* (129—139) são-lhe attribuidas mais duas, por erro na contagem ou por haver lacuna entre o Nº 137 e 140.

LI. Pero Velho, de Taveiroos.

§ 332. No *Indice* apparece como auctor de quatro poesias (140—143), mas no texto de **CB** correspondem-lhe apenas tres (112—114): os nossos Nºs **392—394**. A quarta pertence, segundo a epigraphe ahi conservada, a Martim Soares que é auctor da immediata, reapparecendo ainda ao fim das cantigas de Pay Soares, irmão de Pero Velho.

Nuno Fernandes Turrichão, o con-cunhado da filha do poeta, era tio-avô da esposa de Pay Gomes Charinho.

Na biographia (III) d'este — seu collaborador no dialogo **CA 394** — já se acha condensado o que sei a respeito de ambos. Repetirei apenas que Pero Velho, irmão de Pay Soares, é no meu entender igual a Pero Soares, Pero Velho — o Escaldado — irmão de João Pires Redondo — filho de D. Sueir Nunes, bisavô dos trovadores dionysios João Velho de Pedragães e Fernão Velho,[1]) de que já tratei, e tio-avô de Rodrigu'Eannes Redondo. — Numa palavra, um poeta pre-alfonsino.

Não ha razão para presumirmos que a D. Maria, celebrada no cantar de amor (**CA 392**), seja D. Maria Paes Ribeirinha, sua parenta.

LII. D. Fernam Fernandes, Cogominho.[2])

§ 333. „*Este dom Fernam Guedas foy casado com dona Maria Fogaça e fez em ela Fernam Fernandes Cogominho (I) que foy muy boom e muyto honrado. E foi . . . del Rey dom Affonso de Portugal, padre del Rey dom Donis de Portugal. Este dom Fernam Fernandes Cogominho foi casado com dona Johana Diaz, filha de dom Vicente Dias de Combra (sic, por Coimbra) que foy muy rico e muito homrrado, e fez em ella Fernam Fernandes Cogominho (II) que morreo na lide de Chimchilla como muy boo caualleiro; e ouue outro que ouue nome Nuno Fernandes que foy muy boo caualleiro e foy almirante del rrey dom Dinis de Portugal.*" Eis o que nos relata o linhagista no Titulo XXX § 18, dedicado aos Guèdãos,[3]) no qual, de resto, deparamos com muitos mais nomes de trovadores ou agnatos de trovadores, que já conhecemos.[4])

Mas qual dos dois homonymos seria o trovador? aquelle a quem primeiramente foi dada a alcunha Cogominho? ou seu filho? Este ultimo morreu novo, antes de casar e sem deixar signaes multiplos da sua existencia nos archivos do reino. Até hoje não se havia apurado a data exacta da sua morte. Frei Antonio Brandão[5]) ima-

---

1) *Biogr.* XXVIII.

2) Este poeta é um dos poucos de nomeada, cujo nome foi identificado por C. Lopes de Moura.

3) *P. M. H.: Script.* 306. — Cf. 215; e 128, onde se trata dos ascendentes da mulher do poeta, D. Joana Dias, cujo tronco é D. Pero Paes, o alféres de Portugal e de Leão.

4) João Coelho; João Eannes Redondo; João Martins Trovador; Vasco Martins de Resende; Pero Gomes Barroso; D. Pedro de Aragão. Os ultimos dois são aparentados directamente com os Cogominhos.

5) *Mon. Lus.* XV, c. 45.

ginou que a lide de Chinchilla fôra contenda civil entre fidalgos portugueses nos fins do reinado do ambicioso irmão de Sancho Capello, como a de Gouveia, na qual pereceu outro filho de um trovador alfonsino.[1]) Herculano regeita a conjectura,[2]) posto que pelos cavalleiros que entraram no combate caiba dentro da epoca; mas não procedeu a averiguações ulteriores. A meu vêr, trata-se de Chinchilla de Albacete, em Hespanha, nas margens do rio Júcar,[3]) onde o magnate rebelde D. Juan Nuñez de Lara desbaratou com 300 a cavallo todo o poder do formidando Sancho o Bravo, que passava de 1400 homens de armas, ganhando dezasete pendões e signaes que levou a Valencia de Aragão. Entre as mesnadas do rei castelhano iam dois fidalgos trovadores cuja vida já contei: Pay Gomes Charinho e o português D. Estevam Peres Froyam.[4]) Presumo que Fernam Fernandes Cogominho estava com elles. O caso deu-se em 1290, conforme o chronista.[5])

O pae, muito pelo contrario, é dos proceres que permaneceram em Portugal, indo a Castella sómente de longe em longe, com missões politicas. Lado a lado com D. Gonçalo Garcia, D. João de Aboim, Affonso e Diogo Lopes de Baião, Mem e João Rodrigues de Briteiros, vemo'-lo figurar na côrte do Bolonhês, de 1255 a 1274, tomando parte nos actos regios, na qualidade de simples testemunha ou como conselheiro, numa linha com Pedr' Affonso de

---

1) Gil Vasques de Soverosa, o Moço, filho de D. Vasco Gil.

2) *Hist. Port.* III, 150, Nota 2.

3) Em castelhano archaico tambem se dizia Chinchella. — Vid. D. Juan Manuel, *El libro de la Caza*, ed. Baist 68, 19 e 23.

4) Vid. *Biogr.* XXV e XXVII, §§ 265 e 269.

5) *Cron. Sancho* c. VII. — Os hespanhoes chamam aquelle combate tambem de *Cabrera*, aldeola a par de Chinchilla. — Schirrmacher IV, 662s. — No Livro de Linhagens descreve-se a acção bellica em harmonia com o antigo historiador. Ha apenas um pormenor inexacto. Poucas linhas depois de ter nomeado Chinchilla, dá-se ao sitio da batalha outro nome diverso: „E o sobredito Fernam Fernandez Cogominho *o que morreo na lide de Chacim*, nom ouue semel". Chacim, nome de logar português, proverbial por ahi se ter dado em tempos remotos uma famigerada matança, deve ser espurio nos textos muito manuseados do Livro do Conde. *De Chacim* seria nota marginal destinada a seguir o nome Cogominho, visto essa terra ao pé de Chaves ter sido propriedade da familia por doação de D. Affonso III, conforme se vê de documentos authenticos, existentes na Chancellaria d'aquelle rei (Livro I fl. 20 e 79: a primeira doação da herdade regia de Chacim effectuou-se em Montemór-o Novo, a 12 de Fev. de 1295, era de Cesar i. é em 1257). Um copista ignorante, presumindo que a nota se referia á batalha, introduziu posteriormente o passo grifado no texto.

Arganil, Affonso Pires Farinha, Rodrigo Garcia de Paiva, Martim Annes de Vinhal, e o nosso D. João Soares Coelho.[1]) Documentos ha em que apparece, porém, isolado nas immediações do monarca.[2]) Este facto permitte-nos preencher conjecturalmente com a palavra *privado* a lacuna que existe nos assentos do linhagista, transcritos a principio d'este paragrapho.

E a minha conjectura torna-se quasi certeza, em vista das formulas benevolas, empregadas em uma das cartas de doação do Bolonhês com respeito a Fernam Fernandes *seu dilecto e fiel vassallo* e sua esposa, *clientula nostra,* formulas que louvam os grandes serviços prestados por ambos á coroa.[3]) Não andaram enganados os que o designaram como grande valido de D. Affonso III.[4])

§ 334. Entre as cantigas que restam de Fernam Fernandes ha um cantar feminil de feitio popular, em que o amigo ausente é dos *que ora son con el rey* ou dos *que el rey levou sigo* (**CV 305**). Em outra, e essa de amor (**CA 426**), o poeta diz-se doido por sua sobrinha. Sabemos de uma de Cogominho II que certamente se distinguia por encantos peculiares, pois cresceu em honrarias a ponto de consorciar-se com um sobrinho da Rainha Santa, filho d'aquelle D. Pedro de Aragão que temos encontrado, cantando seus *lais* na côrte portuguesa de 1297 em deante.[5]) É porém impossivel que esta Maria Nunes, filha do almirante Nuno Fernandes, esposa de um principe que nasceu depois de 1297, e portanto neta de Cogominho I,[6]) podesse ser celebrada por algum dos dois. O primeiro do nome, pelo seu lado, embora sem irmãos de padre e madre, teve tambem uma sobrinha. É o caso que D. Fernam Guedes

---

1) *P. M. H.: Leges:* 223, 229, 666, 687, 689, 710, 712, 716, 719, 728, 729, 730, 731, 732, 733. — *Hist. Gen.: Provas* I, 64 e VI, 192, 199, 200.

2) *Diss. Chron.* I, 280: *Rege mandante per Fernandum Fernandi Cogominum.*

3) É no documento citado p. 552, Nota 5, que se encontra a citada expressão: *damus et concedimus spontanea voluntate vobis fernando fernandi Cogomino dilecto et fideli uasallo nostro et uestre mulieri Johanne Diaz nostre clientule pro servitio quod nobis fecistis totam nostram hereditatem de Chacim* etc. — Posteriormente, os dois receberam umas casas na freguesia de S. Christovam de Coimbra (Livro I de D. Affonso III f. 59: Coimbra, 3 das callendas de Março de 1300 i é 1262).

4) Correia de Lacerda, *Hist. de Sta. Isabel,* p. 112.

5) Vid. *Biogr.* XVI.

6) Veja-se o quadro genealogico com que termina este paragrapho.

seu pae contrahira segundas nupcias, com D. Mor Martins de Calvelo, da qual nasceu D. Maria Fernandes. Esta meia-irmã do que foi privado do Bolonhês, casada em terra de Chaves com um seu primo Pero Pires de Vides, deu a vida a certa Teresa Pires, dama da qual se sabe apenas que seu esposo Martim do Monte morreu na lide de Poiares. Infelizmente, a data d'esta refrega é desconhecida. Pela chronologia dos factos relacionados com os Cogominhos, apenas posso suppôr que occorreu quando a de Gouvea, em fins do reinado do Bolonhês; não simultaneamente com as do Porto e Grijó, e muito menos em principios do governo de Sancho II; isto é na epoca da lide de Crasconho, em que foi vencido Pero Rodriques de Poiares.[1])

Indicios fracos, de certo, para apoiar a crença de Fernam Fernandes Cogominho I ser auctor das cantigas **CB 305—311** (*Ind.* 361—366^b = **CA 420—426**) e **CV 303—306** (*Ind.* 702—705), mas os unicos de que disponho. Posso accrescentar apenas que em uns versos satiricos de Affonso Mendes de Bèsteiros, os quaes dizem respeito a um Ruy Garcia, provavelmente de Paiva, e neste caso conselheiro do Bolonhês, occorre o nome Cogominho;[2]) e que as poesias d'este vão em ambos os cyclos seguidas de perto das do senhor de Bèsteiros, Rodrigu'Eannes de Vasconcellos, Pero Mafaldo, Fernam Gonçalves de Seabra, e precedidas das de João Lopes de Ulhoa, poetas alfonsinos, conforme o leitor sabe.

Se fôr certa a conjectura, as cinzas do trovador ainda se conservam; ou pelo menos o epitaphio, embora com data deturpada. Quem entrar em Santa Cruz de Coimbra encontrará á mão direita, embutido na parede, um tumulo, com as cinco chaves (de prata) em aspa que formam o brasão dos senhores de Chaves.[3]) A inscripção em gotico quadrado, já mal legivel, communica-nos alguns pormenores novos, rezando assim em vernaculo antigo:

Aqui jaz dom Fernando Ferr̃z Co|gominho senhor de Chaves e | alcaide mor de Coimbra: e Ioana | Dias sva molher, os quaes deixa|ram a este mosteiro o azambujal | e duas mil liuras. O

---

1) *P. M. H.: Script.* 285, 306, 332. — Cf. § 343.

2) **CB 1560 = 433**. — Do pequeno *escarnho*, difficil de interpretar, trato em uma das *Randglossen* (V).

3) Brandão conta uma lenda a respeito d'estas chaves (*Mon. Lus.* XVIII, c. 55), sem informar que já o primeiro Cogominho as havia posto no seu brasão, como alcaide de Chaves.

prior e cõ | vento sam obrigados a dizer | em cada hũu ano dous aniv' | sairos e cada dia hũa missa | pera sempre e por suas al | mas: ela se finov apos elle | no ano do sõr MCCLXXVII.[1])

Em logar de 1377, devemos lêr 1277. Mas neste caso, a data não pode referir-se á esposa, ainda viva em 1278.[2]) Em todo o caso, o fallecimento do privado do Bolonhês verificou-se entre 1274 e 1278. Até 1274 assigna documentos.[3]) Em 1278, o monarca confirma as partilhas combinadas entre a viuva e filhos, filhas e netas do fallecido, cujo representante e tutor era Nuno Martins de Chacim, conforme resulta do documento annexo, extrahido do Livro I da Chancellaria de D. Affonso III (f. 159).

„*Carta per que El Rey cõfirmou a partiçõ que fez doña* (sic) *cõ filhos e netos de ffernã fernãdiz cogomĩo.* Don Affonso, pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. A todos aqueles que esta carta uirẽ faço a saber que *don Nuno martíjz de Chacĩ* da hũa parte por filhos e filhas e por netas de ffernan fernandiz dicto Cogomiõ, marido que foy de Johãna diaz, e essa *Johãna diaz* da outra parte por ssi ueerõ perdante mȷ̃ sobre partiçõesesc e escãbos e auečças e cõtos das herãças e das bõas assi mouijs come de Rayz que os dictos ffernã fernandiz e Johãna diaz em sembra auiã as quaes don Nuno martíjz fezera cõ essa Johãna diaz per rrazõ do poder que lli eu dera de séér Tutor e guardador e partidor polos filhos e polas filhas e polas netas do dicto ffernã fernandiz que nõ erã do Reuora assi come [é] cõteudo en hũa mha carta que lli ende eu dei. E outrosi per procurações abastãtes dos filhos e da filha e das netas do dicto ffernam fernandiz que erã de Reuora as quaes procurações ende mostro [u] perdante mȷ̃ E pediumj ende emsembra cõ essa Johãna diaz que eu emsembra cõ aqueles que eram de meu conselho e cõ meus sobreiuyzes uissemos e catassemos todalas cousas dauandictas en como amdarõ e forõ feytas e os scritos e as cartas e os strumẽtos que ende perdante mȷ̃ mostrarõ e léér fezerõ e que por mercéé e por dereyto se hy algũa cousa era pera correger ou pera tolher ou pera ader que eu que o fezesse. E se peruẽtura

1) É assim que o li, em concordancia com a transcripção impressa em varios Guias de Coimbra, como o de Borges de Figueiredo (p. 52), o de Botelho (ed. Barata, p. 70) e tambem na obra antiga *Os Estrangeiros no Lima* (1785). — Segundo D. Nicolau de Santa Maria, chronista alias muito pouco digno de fé, o tumulo achava-se antigamente na ultima capella do lado da Epistola, feita de novo pelos dois esposos, e foi passado para junto da porta da egreja nova, quando D. Manuel a reconstruiu. Quem sabe se nessa occasião a pedra tumular, gasta e de difficil leitura, foi retocada?

2) D. Joana Dias, antiga dama da Rainha D. Brites, era senhora de largos haveres, descendente dos povoadores francos de Atouguia, mas não por linha directa. Por isso a successão da villa lhe foi disputada pela corôa, apesar de ser muito bem vista pela Rainha Santa. Não faltam documentos sobre este pleito. — Sua irmã D. Mór Dias, foi a primeira fundadora do convento de Sta. Clara de Coimbra, antes de 1258. — Vid. Lacerda p. 111 e 128 e Ribeiro de Vasconcellos, *Rainha Isabel de Aragão,* vol I, 68.

3) *P. M. H.: Leges:* 733.

uisse que todo este feyto bem e derectamēte e lealmēte andara e que de derecto deuia star e ualer que eu que o cōfirmasse e por juyzo lho desse per mhas cartas séeladas de meu séelo das quaes ende hũa tiuesse don Nuno por si e polos filhos e polas filhas e polas netas do dauãdito ffernã fernandiz e a outra a dauãdita Johãna diaz por si en testemoyo pera todo sempre. E eu cō aqueles que erã de meu conselho e cō meus sobreiuyzes fiz catar e léér todalas cartas e todalas procurações e todolos scritos e todolos strumētos das partições assi do poder que don Nuno auia come das partiçoīs e dos cōtos que fezera cōn adauãdicta Johãna diaz. E auudo conselho cō eles sobre las dauãdictas cousas achei que don Nuno bem e dereitamēte andara en todalas cousas dauãdictas e que comprido poder ouuera pera fazer todalas cousas dauãdictas. E de mais achei que filhos e filhas e netas do dicto ffernan fernandiz ficã por deuedores a essa Johãna diaz de li pagar ssas arras e duas mil e trezentas e vijnte libras e quatorze dineyros que ela do seu pagou en deuidas e en mãda do dicto fernan fernãdiz. Unde confirmo todalas cousas dauãdictas. E mãdo e iulgo que seiã stauijs e que valha pera todo sempre. E des aqui a deante mãdo e ponho seēço aas partes e cada hũa delas que nō uenhã en cōtrayro e que agardē e façã guardar todalas partições e todalas outras cousas dauandictas e a cada hũa delas. En testemoyō da qual cousa mandei ende dar duas cartas abertas séeladas do meu séelo hũa ao dicto don Nuno martijz e a filhos e a filhas e a netas do dicto ffernam fernãdiz e a outra áá dicta Johãna diaz que tenha em testemōyo de todas estas cousas dauãdictas. Dada en Lixbōa. Vijnte e hũu dia de março. El Rey o mandou per conselho de sa corte e de seus sobre iuyzes. Martim dominguiz a fez. na.. era. MCCC. . XVj. . ." [1])

Os filhos sobreviventes eram quatro: D. Nuno Fernandes († 1316) almirante-mór de D. Denis e chanceler do primogenito em quanto infante; [2]) Gonçalo Fernandes († 1364) que, apesar de conego em Lisboa, teve descendencia, de uma „boa-dona" da capital; Affonso Fernandes, conego tambem e tesoureiro primeiro ahi mesmo, e depois em Palencia de Castella; e Frei Martim Fernandes, frade de S. Francisco. Ambas as filhas eram monjas nas Cellas de Guimarães. Entre os netos, o que mais se distinguiu como valido e meirinho-mór de D. Affonso IV [3]) foi filho do conego Gonçalo Fernandes. Casado tambem com uma boa-dona em Evora, onde ainda tem sepultura na egreja do convento de S. Francisco, em um notavel sarcophago: Gonçalo Fernandes († 1364) instituiu o celebre morgado da Torre dos Coelheiros, [4]) que permaneceu nas

---

1) Cf. Ayres de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, vol. II, p. IX, Nota 1. Na indicação das datas, imprimiu-se por engano 1265, em vez de 1295.

2) *Mon. Lus.* XVII, c. 28; VIII, c. 55; Ayres de Sá, vol. II, p. 507.

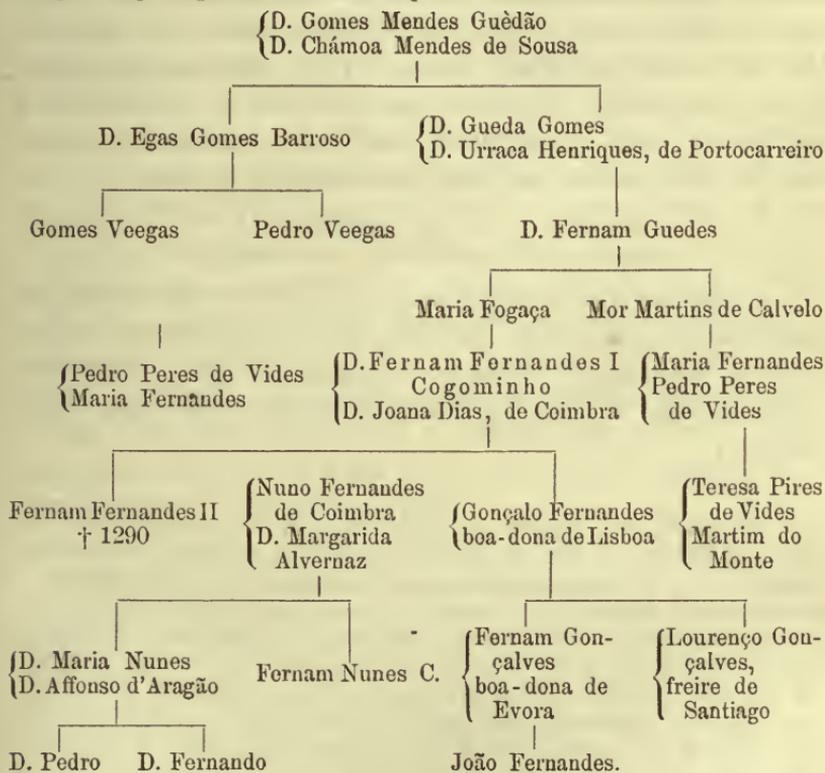
3) *Chron. Pedro*, a. 1354, c. 8.

4) Nas festas do casamento do mallogrado Principe D. Affonso (1490) a Torre dos Coelheiros era a ultima estação de vigias no caminho de Sevilha a Evora, segundo Resende (*Chron. de D. João* II, c. 115). Este monumento ainda existe.

mãos dos descendentes até fins do sec. XVII, sendo agora dos marqueses de Monfalim. Como neta de D. Joana Dias e Fernam Fernandes I conheço apenas a esposa de D. Affonso d'Aragão, a que já me referi.[1])

LIII. Rodrig' Eannes de Vasconcellos.

§ 335. Da sua geração se trata detidamente nos antigos nobiliarios.[2]) Seu pae D. João Pires de Vasconcellos, dito o *Tenreiro* (= *Vitellus*),[3]) descendente de Martim Moniz, isto é do illustre capitão que morreu na entrada de Lisboa (1147), ficou infamado como revel, pela maneira pouco cavalheirosa como se houve num repto

1) Eis um quadro resumido e selecto da filiação, com indicação apenas dos personagens que nos interessam particularmente.

Como se vê, D. Gueda Gomes, avô do poeta, era irmão do avô de Gomes Barroso.

2) *P. M. H.: Script.:* 160, 317, 318, 343, 355. — Cf. 146 e 147. — *Mon. Lus.* X, c. 29.

3) Cf. *Biogr.* LV, n. 12.

por homizio, expondo primeiro o bom nome de um seu proximo parente,[1]) e não apparecendo para se defender quando Sancho II ia solemnemente julgar do caso, em Cabeça de Vide, perto de Alter do Chão.[2]) Posteriormente tomou parte na conquista da Andaluzia, militando no cêrco de Sevilha. Era cunhado de D. João Soares Coelho, havendo casado com D. Maria Soares, de sobrenome Condessa.

De Rodrigu' Eannes, seu terceiro filho,[3]) casado com D. Mecia Rodrigues de Penella, e pae de Mem Rodrigues de Vasconcellos, nada consta, além de noticias genealogicas, que escuso de expôr mais detidamente. Os indicios allegados são sufficientes para o contarmos entre os trovadores alfonsinos.[4])

Como poeta pertence ao grupo de portugueses que se abstiveram da ingloria moda das trovas de maldizer. Tres cantares de amigo (*Ind.* 726—728 = **CV 327—329**) e tres de amor (*Ind.* 367—368^{b} = **CB 312—314** ou **CA 427—429**), eis tudo quanto d'elle conhecemos. A mais curiosa pelo assunto e pela forma é um dialogo entre o cavalleiro e uma freira enclausurada contra vontade, que confessa em phrase ingenuamente heretica:

ca derradeir' é Jesus eno coraçon meu;
trager lhi-ei os panos, mais no coraçon al!

Thema este que se tornou popular ou antes já então era popular nas litteraturas neo-latinas. Os versos epicos (*Langzeilen*) da composição já trouxeram á memoria de Angelo Colocci o versadissimo *debate* siciliano de Cielo (ou Ciullo) d'Alcamo: *Rosa fresca aulentissima.*[5])

---

1) *Script.* 317. Origem do repto fôra a morte violenta de um seu primo Gil Martim, — filho de Martim Paes Ribeira; sobrinho, por tanto, da Ribeirinha, — um dos crimes da epoca tumultuosa com que principiou a menoridade de Sancho II. O criminoso do qual devia tirar e tirou a desforra no mosteiro de Forto-Arcada, chamava-se Ayras Eannes de Freitas, sendo Pedr' Eannes Alvelo o primo-coirmão que levou comsigo, *dizendolhe que avia desafiado por el este Ayras Eannes, e el havia o desafiado por ssi, mais quamto he per Pedre Anes Alvelo, nom.* — Cf. *Biogr.* LVII.

2) *P. M. H.: Script.* 284. *E el rrey pesamdolhe muito e veemdo que nom podia hi al fazer . . . ouue a dar semtemça . . .* — *Mon. Lus.* XV, c. 3. — Herc. *Hist. Port.* II, 483.

3) Um dos filhos, D. Estêvam, era Bispo de Lisboa.

4) Ambas as vezes fica collocado perto do Senhor de Bèsteiros, Pero Mafaldo, Cogominho e Ulhoa.

5) Vejam a Nota á nossa Cantiga 429.

LIV. Pero Mafaldo.

§ 336. O appellido apparece em duas formas: ora como *Mafaldo* (*Maffaldo*),[1]) ora como *Malfaldo* (**CB 1513**) erro, provavelmente, por *Malfado,* lição dos livros de linhagem. Esta ultima talvez seja a primitiva. Ha mesmo treslados que poem *Malfadado*,[2]) alcunha com a qual devemos conferir *Maldonado, Maldõado*[3]) e o archaïco *Avízimaa* (= *avici mala* = *Unglücksvogel*).[4]) Como os assentos relativos aos portadores d'este nome são muito laconicos,[5]) abrangendo só duas gerações, nada mais posso dizer.

Pero Mafaldo agrediu Pero d'Ambroa e a Balteira, devendo ser, por isso mesmo, contado entre os trovadores alfonsinos da côrte castelhana. Uma das suas cantigas, com allusões a um decreto regio sobre a arrogancia dos jograes-villões, com pretensões a segreis e trovadores, copiada mais acima no § 329, talvez se relacione com a famosa *Supplicação,* dirigida por Guiraut Riquier no anno 1274 a Alfonso X.[6]) É porém mais provavel que diga respeito a outro diverso, publicado em 1258 em Portugal em nome do Bolonhês, a que me referi na biographia de Pero d'Ambroa.[7]) Quatro cantigas de amor (**CB 315—318**), seguidas de um sirventês (320) em que, despedindo-se da verdade, o Malfadado jura juntar-se ás phalanges victoriosas dos „mentireiros", a fim de subir em preço e valia; mais dois cantares de amigo (**319** e **329**) e os dois dizeres de escarnho que nos habilitam a fixar o tempo em que poetou — eis todo o seu peculio. O primeiro grupo, bi-partido, tem no original a numeração 369—374 e 383 (= **CB 315—320** e **329**) e vae no nosso *App.* XII de **430** a **435** e **444**. O segundo grupo está no **CB 386—387** (= *Ind.* 1513—1514).

---

1) Deturpado no *Indice* em *Mastaldõ* e *Mastaldo.*

2) Sousa, *Hist. Gen.: Provas* I, 149 escreve *Estevam Malfadado de Beja,* onde na ed. academica imprimiram *Sancho Mafaldo* (p. 145). Mas mesmo nesta encontro *Malfadado* a p. 180.

3) *P. M. H.: Script.:* 149, 167, 378.

4) Usava-se tambem a forma masc. *avizimao;* p. ex. *Script.* 327 e 328 e **CV 1141**, 14. — Conto publicar qualquer dia um estudo etymologico sobre esta formula. — Cf. Cap. I, p. 119.

5) *P. M. H.: Script:* p. 367. (No Tit. 59 dos de Goes.) O pae chamava-se Estevam Mafaldo, a mãe, Senhorinha Gil, os irmãos Estevam e Beatriz. O nosso Pero não deixou geração.

6) *Stud. fil. rom.* I, 55 e Lang, **CD**, XXXIII, n. 5. — Cf. **CV 1024**.

7) *Zeitschrift* XX, p. 177.

O unico nome geographico que notei nos seus versos é *Catalonha,* como destino de viagem do amante que se despede.

LV. D. Affonso Meendes, de Beesteiros.

§ 337. É um dos fidalgos trovadores de que menos vestigios perduraram. Não encontro a sua filiação nos cadastros da aristocracia, nem tão pouco a sua assignatura em diplomas ou documentos. Mesmo a *tenencia* das famosissimas terras lusitanas *de Ballistarios*, de boa memoria viriatica, parece ter sido passageira, sendo incorporada por Affonso III na comarca de Viseu. Ahi subsiste o nome geographico, que designa uma serra e um valle, situado entre as montanhas da Estrella e do Caramulo, assim como varias villas e aldeias.[1]) O antigo castello desappareceu.

Como tenente de *Ballistarios* posso apontar apenas um D. Ferdinandus Eannes em 1235 e 1236,[2]) companheiro dos varios magnates de Sancho II que já conhecemos, e apparentemente o mesmo Fernand' Eannes que figura na menoridade do monarca como porteiro (1224 a 1225) e como *tenens terram de S. Maria*[3]) (1229). Na falta de documentos que nos digam que tambem o poeta governou estas regiões, devemos suppôr que nellas se achava o solar onde nasceu.

D. Affonso Mendes de Bèsteiros[4]) tem o seu logar nos cancioneiros perto de Rodrigu' Eannes de Vasconcellos, Fernam Gonçalves de Seabra e D. Pero Gomes Barroso. A totalidade dos seus versos somma 14, repartidas pelos tres generos consagrados. Temos d' elle oito cantigas de amor (*Ind.* 375 — 382 = **CB 321 — 328**), transcriptas no *Appendice* XII onde as numerei de **436 — 443**; ou

---

1) A respeito de S. Maria de Bèsteiros, hoje Tondella, no valle de Bèsteiros v. *Portugal Ant. e Mod.* IX, 589 e I, 395. Houve todavia outros logares de nome igual, consignados aos bèsteiros lusitanos e gallaïcos, p. ex. no concelho de Paredes, onde ainda hoje ha a villa S. Cosme de Bèsteiros (*Inquirições* 567); e S. Paio de Bèsteiros na região de Entre Homem e Cavado (ib. 19, 73, 177, 221, 426).

2) Herc., *Hist. Port.* II, 495. — *Mon. Lus.* IV, *Escrit.* XIV.

3) *P. M. H.: Leges* 601, 604, 505, 618.

4) O nome, pouco deturpado pelos copistas italianos, apresenta-se no *Indice* com as formas seguintes: *Affonso Meendez Besteyro* (**375**); *Affonso Meendez de beesteyros* (**729**). Falte adiante do Nº **1558**. — No texto lê-se *Affonso meendez đ beesteyros* (**CV 330**); *Affonso Meendez de besteyro* (**CB 321**). Sempre formas com *best* ou *beest.* Não se trata por tanto de nenhum infanção da linhagem dos *Briteiros.* Tambem na prole de D. Mendo não houve nenhum Affonso Mendes. — Cf. *Biogr.* V.

antes nove, porque das tres que andam entre os cantares de amigo (*Ind.* 729—731 = **CV 330—332**) a ultima, deslocada, ainda é de amor.[1]) Finalmente deixou tres dizeres de escarnho (*Ind.* 1558—1560 = **CB 431—433**).

Nas poesias eroticas vemo'-lo chorar e desfallecer, incapaz de encobrir a sua paixão; triste, quando soffre males de ausencia (**CA 463**); pessimista, de humor negro, quando a sua dama leixa o mundo „indo alhur guarir" (**CA 438**); censurado pelos outros trovadores, por se fingir demasiadamente captivo e submisso em seus versos. As *de amigo* apresentam ora a amada, cheia de ciumes porque o galan fallou com uma rival, despedindo-o e aconselhando-lhe, redondamente, que fizesse *capa* de outra[2]) (**CV 330**); ora uma filha a censurar a »desmesura« da mãe que a não deixa compadecer-se de quem morre de amores por sua causa (**331**). As de escarnho desdenham palavradas grosseiras. Como habitualmente, é d'ellas que irradiam debeis clarões sobre factos da vida do auctor.

Na cantiga **CB 1560**, que exigiria um commentario,[3]) temos referencias ás cidades de Leiria e Santarem e ao paço regio, á morte de um D. Martinho,[4]) que não sei identificar; outras a um Cogominho e a certo Roy Garcia. Creio tratar-se do unico rico-homem d'este nome que figurou na côrte do Bolonhês entre os seus conselheiros, ao lado de Fernam Fernandes Cogominho.[5]) Senhor de Paiva e descendente de um dos ricos-homens de Baião, casou com uma dama da Rainha Santa, D. Berengueira Ayres, fundadora do convento de Almoster.[6]) Devem ter sido amores muito serodios, porque já em 1248 vestia o arnês, tomando parte no cêrco de Sevilha.[7])

Em outro dizer de escarnho (**1559**) o poeta moteja de um innominado alcaide português que vendeu vergonhosamente o seu castello na fronteira de Leão, desculpando-se com a falta de mantimentos para a sua gente. Será um dos traidores, vergasteados

1) A meu vêr, o trovador falla nessa cantiga aos seus amigos, doido de amor.

2) Julgo que *capa* tem nesta phrase a moderna significação de *pau de cabelleira* (*paravent, chandelier*). Cf. a poesia **CB 465**, copiada no nosso § 258.

3) Trata-se de um arrais rebelde, mas que em breve voltou á razão, *alinhando* novamente.

4) Será o Bispo de Evora, fallecido em 1266?

5) *P. M. H.: Leges* 710—733, bem uma duzia de vezes.

6) *Mon. Lus.* XV, c. 4.

7) *P. M. H.: Script.* 322 e 352.

vigorosamente no sirventês de Ayres Peres Vuiturom, o acerrimo partidario de Sancho Capello? Ou então o innominado que entregou o castello de Alva aos castelhanos, quer fosse a Fernando III, ou a seu irmão, o Infante de Molina?[1])

Ja lhi nunca pediran
o castel a don foan,
ca non tiinha el de pan . . .
se non quanto queria;
e foi-o vender, de pran . . .
con mingoas que avia.

¿Por que lh'ides culpa põer
[por el fiuza] non tẽer?
ca non tiinha que comer . . .
se non quanto queria;
e foi-o enton vender . . .
con mingoas que avia.

Travan-lhi mui sen razon
a ome de tal coraçon
ena fronteira de Leon.
Diz, con quen-o terria?
e foi-o vender enton . . .
con mingoas que avia.

Dizen que lh' a el mais val
esto que diz, ca non á al
en cabo de Portugal.
Diz con quen-o terria?
e vendeo o enton mal . . .
con mingoas que avia.

A mais curiosa entre as cantigas de D. Affonso Mendes é a 1558ª, na qual escarnece jovialmente, com admiravel agilidade e realismo consolador, que lembra o do Sabio, da cobardia e leviandade de um rico-homem ou infanção português, empregando — caso raro! — tres metaphoras naturalistas, d' aquellas que os aulicos parecem ter cuidadosamente evitado, por demasiado vulgares. Não resisto á tentação de a transcrever:

Don foão[2]) que eu sei
que á preço de livão,
vedes que fez ena guerra
(d'aquesto sõo certão):

---

1) Herc. Il, 347 e 504. — *Mon. Lus.* XIV, c. 16. — *Cron. Sancho* c. 4. — A. de los Rios, IV, 379.

2) Lollis (*Stud. fil. rom.* I, 53) dissera com relação á cantiga **CV 69**: *costui si chiama Don Ioham e indubitatamente è lo stesso a cui alludono la cant. 1055 di Pero Barroso (Chegou aqui don Ioham) e la cant. 1558*

sol que viu os genetes,
come boi que fer tavão
sacudiu-s' e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via
a Portugal!

Don foão que eu sei
que á preço de ligeiro,
vedes que fez ena guerra
(d' aquesto son verdadeiro):
sol que viu os genetes,
come bezerro tenreiro
sacudiu-se e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via
a Portugal!

Don foão que eu sei
que á prez de liveldade,
vedes que fez ena guerra,
(sabede-o por verdade):
sol que viu os genetes,
come can que sal de grade
sacudiu-se e revolveu-se,
alçou rab' e foi sa via
a Portugal![1])

Ei-lo por tanto, concorrendo com D. Pero Gomes Barroso (**CV 1053—1056**), Gil Peres Conde (**CB 1515—1523**) e o proprio Alfonso X de Castella,[2]) na occasião de este apontar como alvo para satiras na sua côrte alguns vassallos e homens d'armas, cuja bravura desfallecera em frente do novo e estranho aspecto dos ginetes

---

C. B. di Affonso Meendez de Besteyros. E Lang, **CD**, p. XXXV, n. 13: „**CB 431** *spottet über denselben D. Joham, der* **V 69** *Alfons dem Gelehrten und* **V 1055** *Pero Barroso zur Zielscheibe dient.*" — Duvido que haja nesses dizeres o nome Ioham. Nó codice escreve-se em todos os casos *f* em logar de *i*: ora *foão* (com valor de 3 syll.), ora *foam* (com valor de 2), i. é *fulano*, com suppresão consciente do nome da pessoa. Escusado é repetir que a forma *João* não existia até o sec. XV e que p. ex. na Cantiga **1055** precisamos de uma palavra, que rime com *vão*. Cf. *Biogr.* XXI, n. 6. — No facto de Affonso Mendes alludir a um português, emquanto o monarca se refere a um seu vassallo, não ha contradição. Se na composição de Barroso *calauera* fôr *Talavera la Real,* ao pé de Badajoz, bem pode ser que tambem o rico-homem tivesse pendão português. Conheço, de resto, e o leitor tambem já conhece um fidalgo *D. Joan,* coevo de Sancho II e Affonso III, que estes versos podiam visar: D. João Peres de Vasconcellos, pae do poeta Rodrigu' Eannes, de quem ainda agora fallámos. A propria alcunha *Tenreiro,* que os amigos lhe davam, talvez derive da cantiga **CV 1558** (v. 15) ou alluda áquella picuinha que as suas qualidades de estouvado lhe haviam acarretado.

1) *Randglosse* VI.
2) **CV 69, 74, 77, 79.**

tosquiados de Abu-Juçuf e seus alfarazes corredores; assim como outros degenerados, cujo vil interesse os conservava afastados dos campos de batalha nas guerras de 1261—1265 contra vassallos mouros insurrectos. Parece mesmo que D. Affonso Mendes assistiu aos factos, cuja authenticidade affiança com tanta insistencia. Julgo que se havia encostado ao defensor do desthronado rei de Portugal, indo com elle ao assedio de Sevilha e ás expedições posteriores contra os sarracenos do Algarve e da Andaluzia. Muito menos provavel é que entrasse nas hostes enviadas por Affonso III em socorro de seu sôgro no anno de 1266. Só antes de 1248, e de 1268 em diante, procuro-o na côrte portuguesa, em Santarem.

* * *

§ 338. Junto algumas notas sobre tres poetas dos mais antigos, cujos versos, hoje perdidos, se achavam incorporados no Cancioneiro-pae, a fol. 12—13, precedendo os de Osoir'Eannes. E são: Pero Rodrigues de Palmeira, auctor das Cant. 23—28; João Soares de Pávia, com as duas immediatas; e D. Rodrigo Dias dos Cameiros, ao qual pertenciam tres numeros (31—33). João Soares e Rodrigo Dias teem importancia superior para a historia da lyrica gallaïco-portuguêsa pela sua antiguidade e por haverem estado, seguramente, em contacto, com trovadores provençaes.

A quem preguntar por que motivo é que o cunhado d'este ultimo magnate, D. Lopo Lias (ou Diaz) de Haro,[1]) falta ao seu lado, surgindo muito depois (*Ind.* 1338—1356), mas ainda assim na vizinhança de alguns dos mesmos poetas que vemos figurar no principio do cancioneiro[2]), posso responder apenas com uma suspeita. O valente, alcunhado de *Cabeça-Brava,* cujo genio folgazão e satirico se manifesta em doze joguetes do cancioneiro de burlas, talvez deixasse de compôr cantigas de amor, faltando por este motivo na primeira Parte.

Dos demais trovadores, inscriptos no *Indice* junto a esses tres,[3]) e que portanto figurariam tambem na miscellanea da Ajuda, não pude descobrir rasto algum.

---

1) A respeito d'este auctor, fallecido em 1236, cf. § 321. Vid. Lang, *The Descort in Old Portuguese and Spanish Poetry,* p. 4—6 e *Randglosse* IX.

2) *Calheiros* (*Ind.* 1331—1333), *Tamalancos* (1334—1337), e *João Soares de Paiva* (1330).

3) *Pero Paes Bazoco; Joan Velaz; D. Juano (sic)* e *Ayras Soares,* com, por junto, dez amostras da sua arte.

LVI. Joan Soares de Pávia[1] (ou Paiva).[2]

§ 339. No supposto Livro do Conde, Titulo dos de Baião, um de seus ascendentes é chamado: *de Paiva e de Riba de Doiro.*[3] É pois certo que o territorio, ao qual João Soares deve o apellido, e cujo senhor seria, era português.[4] Digo isto porque existe na peninsula outro logar do mesmo nome, no reino de Aragão,[5] exactamente nas regiões do Nordeste (Tudela, Pamplona, Estella, Tarrazona, Monzon, Dura e Darra[6]) a que a unica poesia subsistente de João Soares, nos transporta, fazendo-nos scientes do facto importante de que o Senhor de Paiva possuia ahi terras extensas, quer fosse como vassallo do Rei de Navarra, quer (como penso) do Rei de Aragão, estando perfeitamente inteirado dos acontecimentos politicos d'aquelles estados. Essas terras foram um dia invadidas pelas hostes do Navarrês, que as devastaram; e como não lhe fossem concedidas depois as indemnizações a que julgava ter direito, vingou-se num escarnho, de que passo a tratar.[7]

---

1) Não alongo esta biographia, porque noutro logar dediquei um ensaio especial á unica poesia do auctor que conhecemos. — *Randglosse* XI.

2) *Paiva* é a moderna forma portuguesa de *Pávia*, escripta *Pavha* ou *Pauha* no tempo dos trovadores e linhagistas. D'esta graphia archaïca nasceu o erro *Panha* (e tambem *Paulia*), que será bom não repetir por mais tempo.

3) *P. M. H.: Script.* 335.

4) *Castello de Paiva*, na foz do rio Paiva, affluente do Douro, que dividia a Beira Alta da provincia do Doiro. — Paço de Sousa, Varzea e Cette, tres dos conventos mais afamados da provincia de Entre Doiro e Minho, são fundações dos ascendentes do trovador.

5) Provincia de Lérida, a pequena distancia de Cervera, no rio Segre. Pronuncia-se *Pavía*. — Cf. CV **933** onde se trata de uma serra chamada *Pavía*.

6) Desconheço por ora as duas localidades *Dura e Darra*.

7) Parte do »razoamento« que acompanha a cantiga está deturpado. E é exactamente aquella que nos havia de revelar quaes eram os gravames de João Soares de Paiva contra o Rei de Navarra, impellindo-o a desforrar-se por meio de vituperios amargos. E diz litteralmente: *A quyſse começã as cãtigas des camhe de mal dizer. Esta cantiga e de mal dizer e fez e a Johã soarez de panha al rey don sancho de nauarra pʳ q̄lhe troubar tenſsa tirã e no lhi deu el rey en de dereyto.* Presumo que a parte duvidosa significa: *porque lhi troub ost' en ssa terra* (e não: *porque lhi roubar tensa foram*, como se lê na ed. restaurada de Th. Braga). Baseio-me no assunto bellico da poesia e em especial no verso primeiro: *ora faz ost' o senhor de Navarra*, deturpado por Braga em: *ora faz est';* e ainda no verso 18°: *estrẽa* | *el essa ost' e tod' o seu poder.* O suffixo -*ar* costuma escrever-se abreviadamente; por isso não devemos procurar nas

A canção que, pela sua base historica e caracter viril, mas não pela confecção artistica, lembra os sirventeses marciaes de Bertram de Born, occupa o primeiro logar na secção de burlas da compilação gallaïco-portuguêsa (*Ind.* 1330 = **CV** 937), podendo por isso mesmo ser considerada, hypotheticamente, como a mais antiga das que possuimos. Em todo o caso importa fixar a sua data.

Ei-la:

CV f. 242. Aqui se[1] começan as cantigas d' escarnh' e[2] de maldizer. Esta cantiga é de maldizer e feze-a Joan Soarez de Pávha al rey don Sancho de Navarra porque lhi troub' ost' en sa terra[3] e non lhi deu el rey ende dereito.[4]

Ora faz ost' o senhor de Navarra
pois en Proenç' est el rey d'Aragon.
Non lh' a(n) medo de pico nen de marra
Tarraçona, pero vezinhos[5] son;
nen an medo de lhis põer bozon
e riir-s'-an muit' én [en] Dura e Darra.
Mais se Deus trag' o senhor de Monçon,
ben mi cuid' eu que a cunca lhis varra.

Se lh'o bon rey varrê' la escudela
que de Pamplona oïstes nomẽar[6]
mal ficará aquest' outr' en Tudela
que al non á [a] que olhos alçar,
ca verrá i o bon rey sojornar
e destuír-á o[7] burgo d' Estela
e verredes Navarros [l]azerar
e o senhor que os todus caudela.

Quand' el rey sal de Tudela, estrẽa[8]
el essa ost' e tod' o seu poder:
ben soffren i de travalh' e de pẽa,
ca van a furt' e torna[n] s' en correr.
Guarda-s' el rey — come de bon saber —
que o non filhe luz en terra alhẽa;[9]
e onde sal, i s' ar torna jazer
ao jantar,[10] ou se non aa cẽa!

1 *a quyſee* — 2 *descamhe* — 3 *p^r q̄lhi troubar tenſsa tirã* — 4 *en de de^{re}yto* — 5 *veziu^{lh}9* — 6 *q̄ depã polona oystes nomear* — 7 *e deſtruyr aca* — 8 *estreã* — 9 *ẽ tirã alheã* — 10 *ou iamã.*

§ 340. As referencias á reclusão do Navarrês, a mordacidade com que João Soares o increpa veladamente de cobarde, ridicularizando os seus aprestos bellicos, patenteiam bem claro a pessoa

---

letras: *troubartenssa* nenhum infinitivo de 1ª conjug; *tirã* por *terra* é erro de transcripção vulgarissimo. Esperemos que o apographo **CB**, collacionado com o da Vaticana, nos elucide tambem, em breve, sobre este pormenor.

que provocou essas iras. Trata-se do predecessor de Thibaut de Champagne, louvado por uns de *Forte* por causa das provas de arrojo, dadas em Africa e por ter tomado parte gloriosa na acção das Navas; por outros de *Prudente* em não se haver exposto inutilmente a guerras com adversarios mais poderosos, como o Rei de Castella e o de Aragão, que ambos cubiçavam as suas possessões;[1]) mas arguïdo por todos de *Encerrado*, por haver gasto o resto de seus dias inactivo e recolhido na praça bem fortificada de Tudela, em virtude da sua obesidade ou sob o pretexto de uma cruel ferida (doença cancerosa na perna) de que padecia. Esta folga de Sancho Sanches[2]) a que allude o trovador, começou, segundo os historiadores,[3]) logo depois da victoria das Navas, prolongando-se durante vinte annos até a morte do doente. O sirventês deve ser por tanto do periodo de 1212—1234.

Lollis e Lang — os criticos que d'elle se occuparam antes de mim[4]) limitam a data mais, assignando-lhe os annos 1214—1216,[5]) por duas razões.

1°. Dos velhos nobiliarios resulta que João Soares devia ser nesse tempo septuagenario, não havendo prova alguma e pouca probabilidade de que o seu esforço poetico se houvesse prolongado ainda por mais tempo.

2°. O guerreiro que, pela sua ausencia, deu animo ao recluso de Tudela para iniciar qualquer correria, interrompendo o seu fatal repouso, é caracterizado como um Rei de Aragão:

pois en Proenç' est el rei d'Aragon,

cujos feitos gloriosos permittiam que se lhe augurasse triumpho, mal fosse chegado e houvesse desembainhado a espada:

---

1) O trovador falla ironicamente do seu *bom-saber* (v. 19).

2) Na contagem e nos sobrenomes dos ultimos Sanchos de Navarra não ha concordancia. Ha quem designe como VI e *Forte*, o pae do que reinou de 1194—1234 i. é. *Sancho Garces, o Nobre;* e como VII e *Prudente, Sancho Sanches* que, além da alcunha de *Encerrado*, merece o distinctivo inconfundivel de *O das Navas*. D'este ultimo é que tratamos. — Guiraut de Borneilh é um dos poucos trovadores, ou por ventura o unico que o elogiou: na canção *S' ara non poja mos chans* (Bartsch, *Grundriss*, 242, 66) e talvez ainda em outra. Vid. Diez, *Leben und Werke* 113.

3) Schmidt, Aschbach, Schäfer, Rosseeuw-St. Hilaire, Schirrmacher.

4) Lollis, *Stud. fil. rom.* I, 37 n. e Lang **CD**, XXVII (*kurz nach* 1214).

5) Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.*, p. XXVIII—XXIX colloca-a pelos annos de 1200 e 1204.

mais se Deus traj' o senhor de Monçon,
ben mi cuid' eu que a cunca lhes varra![1])

No entender dos dois eruditos, o heroe não pode ser senão o conquistador de Malhorca, Murcia e Valença. E apoiam a conjectura, estabelecendo que D. Jaime permaneceu em Carcassona de 1209—1214, sendo então arrancado ás mãos de Simon de Montfort, jurado rei, mas recluso no castello de Monzon, onde ficou (entregue á tutela do mestre dos Templarios), até sahir em 1216, dando logo provas de granda valentia.

E realmente não haveria motivo para reconsideração, se não fosse a sua extrema juventude — *seis annos* — ao vir da Provença! e *nove* quando abandonou a sua quasi-prisão! E tambem se não fosse a situação penosissima em que encontrou o reino,[2]) dividido em bandos, os disturbios internos, as revoltas que o obrigaram a disputar o throno a seus arrogantes tios D. Fernando e D. Sancho, abafando não só innumeras intrigas mas tambem pretensões de vassallos rebeldes e sugeitando-se a muitas humilhações.[3]) Apesar das brilhantes qualidades de D. Jaime, ninguem — parece-me — se poderia haver lembrado então (e até 1226)[4]) de lhe consagrar elogios ou de lhe augurar venturas.[5]) O contrario é evidente.

---

1) Todos sabem que especie de terra-baixa é a *cunca* ou *escudela* de Pamplona. — Cf. *P.M.H.: Script.* 251, onde se diz de Sancho Abarca que *comquereo toda a Conca de Pampolona e gram peça das montanhas.*

2) Lollis, l. c. 37 imagina têr descoberto allusões á reclusão forçada de D. Jaime em Monçon, e tambem á penuria que ahi soffreu, no verso 21 da cantiga **CV 937**, e ainda em outra poesia (**CV 1158**). Engana-se porém. Demonstro na *Biogr.* XXVII que Pay Gomes Charinho não se referiu (nem podia referir-se) no anno 1216, aos *jantares* de D. Jaime.

3) Basta reler os primeiros capitulos da bella chronica attribuida ao proprio *En Jaime;* ou mesmo qualquer resumo moderno como o de Lafuente (*Livro* II, c. 15) para se adquirir esta convicção.

4) Neste anno, de regresso da conquista de Malhorca, Jaime foi chamado pelo recluso de Navarra, cujos territorios haviam sido invadidos pelo alféres de Fernando III, D. Diego Lopes de Haro, o Moço, por causa das pretensões de Castella ás provincias de Alava e Guipuzcoa, conquistadas por Alfonso VIII durante a estada de Sancho na Africa como alliado do Emir (Schirrmacher 267. — *Rod. Tol.* VII, 32). Foi então que entre o octogenario navarrês e o joven D. Jaime se concertou o curioso pacto de alliança e mutua perfilhação que tendia á união dos dois reinos e se dirigia contra o reino recentemente unido de Castella e Leão. — Schirrmacher 429 s. — *Memorial* I, 302. — Lafuente I, *Apend.* 9.

5) Houve talvez novas idas de D. Jaime ao sul da França antes de 1230, mas não sei de empresas bellicas de Sancho de Navarra.

§ 341. Por isso inclino-me a collocar a cantiga de João Soares ainda no reinado do antecessor, no fatal anno de 1213, pouco antes da inesperada e terrivel derrota de Muret (de Tolosa 13. Sept.) quando os aragoneses julgavam certa uma victoria brilhante e o rapido regresso do seu denodado monarca.[1])

Não será superfluo lembrar que En Peire vivera sempre, de 1195 a 1213, em rivalidade com Sancho de Navarra, ora em guerrilha aberta, ora em litigios, com excepção unicamente do tempo gasto na jornada commum contra os Almohades.[2]) Muitos trovadores provençaes haviam visitado a sua côrte;[3]) outros lhe dirigiam, de longe, versos enthusiasticos. Os seus feitos auctorizavam todos a predizer-lhe novos laureis, embora muitos não aprovassem o favor que dispensava ao Conde de Tolosa e aos herejes Albigenses. Na poesia de João Soares de Paiva não ha uma unica palavra que se opponha á minha interpretação.[4]) Afazendado na fronteira de Aragão e Navarra, elle devia estar bem ao facto das occorrencias.

§ 342. Ignora-se completamente quando, ou por que motivo, o trovador português se ausentou da patria, onde contrahira matrimonio e onde seus filhos permaneceram.[5]) Em tempo de D. Dulce († 1198), irmã de Alfonso II de Aragão e esposa de Sancho o Velho de Portugal? — ou apenas em 1211, quando a desavença do successor com todos os seus consanguineos dividiu a nobreza em bandos e levou á expatriação não só muitos fidalgos, mas tambem os turbulentos infantes D. Fernando e D. Pedro? Este ultimo estabeleceu-se no reino de Aragão, mas muito posteriormente (1228), após longa odysseia em Leão e Marrocos, quando já reinava D. Jaime; casou ahi com Aurembiax de Urgel e trocou mais tarde o condado, que herdára, contra a ilha de Malhorca.[6])

---

1) Lafuente, *Livro* II, c. XIII.

2) Da vida de Sancho, de 1212 em diante, sabe-se muito pouco. Ignoro, se realmente emprehendeu campanha contra D. Jaime.

3) Vid. Milá y Fontanals, *Trovadores* II, § 6, e III, §§ 6 e 7.

4) A phrase *Senhor de Monzon* quadrava a todos os soberanos aragoneses. O titulo de *Bom Rei* foi dado, com justo motivo, ao valente conquistador, pelos historiadores, a começar com o principe dos chronistas peninsulares, *En Ramon Muntaner* (c. 7). Mas anteriormente o mesmo titulo tinha sido dispensado innumeras vezes pelos trovadores a seu avô Alfonso II, e a En Peire (II) seu pae, como se póde verificar no livro de Milá.

5) Uma filha foi monja em Lorvão.

6) Herc. II, 382 ss.

Dos nobiliarios nada consta a este respeito. Elles informam apenas que o trovador nasceu perto de 1140, como filho de D. Soeiro Paes, por alcunha „*o Mouro*“ e D. Urraca Mendes de Bragança, cujo primeiro esposo não voltára da batalha de Ourique.[1]) João Soares casou com uma filha de João Fernandes de Riba de Vizella, neta do Sousão D. Soeiro Mendes, *o Grosso*. No Livro do Conde dá-se-lhe repetidas vezes o nome de *trobador*,[2]) honra, como é sabido, que partilha apenas com cinco ou seis fidalgos e é signal evidente da fama que as suas cantigas lhe haviam proporcionado.

O Marquês de Santilhana lembrava-se, como sabemos, de ter visto o seu nome, e obras suas, no codice de D. Mecia de Cisneros.[3]) Da lenda por elle apontada, segundo a qual João Soares teria morrido na Galliza, de amores por uma infanta de Portugal, nunca se encontrou vestigio comprovativo.[4])

Por motivo da citação do magnate castelhano, o senhor de Paiva tem dado assunto para varias notas em livros que tratam das litteraturas peninsulares.[5])

LVII. Pero Rodrigues, da Palmeira.

§ 343. Seria impossivel decidir qual entre as trinta povoações do reino cuja denominação provém de esbeltas rainhas do deserto, serviu de berço e deu appellido ao poeta D. Pero Rodrigues, se não nos informassem a este respeito os livros de linhagens e alguns documentos, tirados á luz pelos mestres da diplomacia portuguesa. Por

---

1) *P. M. H.: Script.* 336 e 352. — Cf. 297, 201 e 180. O trecho de maior importancia é o que diz: *E esta D. Orraca Meendez ... quando soube que seu marido fora morto na batalha que ellrey D. Affonso o primeyro rey de Portugal ouue com os mouros no campo d' Ourique, nom leixou porem de casar com D. Soeiro Mouro. Este D. Sueiro Mouro ... fez em ella Johan Soarez o trobador.*

2) Ib. 201, 297 e 352.

3) *Carta ao Condestavel* § 15.

4) Parece que confundiu dois trovadores diversos, de nome João Soares. Vid. *Canc. Vat. Rest.*, p. XXIX e a nossa *Biogr.* II. O pae de João Soares, da linhagem de Valladares, que tentei identificar com o nosso *Somesso* casou — como o leitor sabe — em segundas nupcias com uma infanta *de Galliza.* Mas do fadario do filho nada consta.

5) Cf. Cap. I Nº 11. — Sarmento, *Obras posthumas*, p. 204, Nº 566. — Sanchez, *Poesias ant. al siglo XV*, I, 130, § 199. — Diez, *Kunst- und Hofpoesie*, p. 10. — Wolf, *Studien* 705, Anm. — Braga, *Trovadores*, 101—103. — Bellermann, *Liederbücher*, p. 12.

elles sabemos que se trata de S[ta] Eulalia da Palmeira, perto do rio Ave, antiquissima quinta, doada entre 1112 e 1128 pela rainha D. Teresa a D. Gonçalo Rodrigues (filho do Conde de Trastámar D. Rodrigo Frojaz o Velho), o qual entre nós adoptou o titulo *da Palmeira*. Ainda hoje subsistem restos de uma antiga torre que a lenda local designa como „honra" dos Forjazes de Portugal.[1]) O expatriado leonês D. Gonçalo Rodrigues, proximo parente d'aquelle Conde de Trava que apaixonara a Rainha, tendo alargado os seus dominios a ponto de possuir Lanhoso, Basto, Refoios, Baltar e Paiva, doou A Palmeira ao vizinho mosteiro de Landim,[2]) o qual havia coutado anteriormente,[3]) no acto de morrer (ou pouco mais cedo), sendo a doação confirmada em 1177 por quatro filhos seus.[4]) O herdeiro D. Rodrigo Gonçalves, nomeado *da Palmeira* no Livro Velho,[5]) porque lá teria nascido, estabeleceu então o solar na quinta *da Pereira*, situada tambem nas verdes margens do rio Ave; e adoptou o novo titulo que lhe é dado no Livro do Conde.[6]) É o progenitor da nobilissima familia dos Pereiras, cujo brasão, com a cruz floreteada de prata em sangue aberto, foi illustrado em 1340 pelo Prior dos Hospitaleiros, em 1355 pelo Arcebispo de Braga, em 1385 pelo grande Condestavel, e posteriormente por tantos outros heroes.

Contra a patranha que deriva o nome Pereira e a cruz heraldica, da batalha das Navas, já se insurgiu no sec. XVI o poeta-philosopho da Tapada, dizendo a um dos descendentes:[7])

---

1) Carvalho, *Chorographia* I, 330. — Almeida, *Diccionario Chorographico* II, 367. — No *Portugal Antigo e Moderno* falla-se da quinta e torre dos *Forjazes-Palmeiras* no artigo *Palmeira de Faro*.

2) S[ta] Maria de Nandim, como antigamente se dizia, — convento de conegos regrantes de S. Agostinho, perto do rio Ave.

3) É costume dizer que foi Sancho I quem o coutou, mas a chronologia mostra que deve haver engano nisso. Nas *Inquirições* de Affonso III (1258) explica-se claramente o contrario: *Monasterium ipsum est cautatum per patronos a dõna Regina Tarasia filia magni Regis Alfonsi.*

4) Fernandus Gondisalvi — Gondisalvus Gondisalvi — Elvira Gondisalvi — Rodericus Gondisalvi. — *Hist. Eccl. Lusit.* III, 184. — *Nova Malta*, 194. — *Diss. Chron.* III, 164 N° 520. — Anselmo Braamcamp Freire, *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Cintra*, 1899, p. 156.

5) *P. M. H.: Script.* 158.

6) Ib. 223 e 311.

7) Os Pereiras-Marramaques, senhores de Basto, descendiam de D. Vasco Pereira.

Por toda esta grande Hespanha
Froais que soíam chamar
fez em *Pereiras* mudar
não do rei mouro a patranha,
mas vosso antigo solar.[1])

D. Rodrigo, crudelissimo vingador da sua honra, ultrajada pela primeira mulher,[2]) certa D. Ines Sanches, teve da segunda um filho varão, chamado Pero Rodrigues. Este foi acclamado nos seus dias por um feito estrondoso de armas. Na qualidade de campeão do bispo do Porto, D. Martinho Rodrigues, seu primo direito, como logo mostrarei, estrenuo propugnador das regalias clericaes em tempo de Sancho I e Affonso II, mas reconciliado com a coroa desde a concordata de 1222, e alliado aos tutores do jovem Sancho II, Pero Rodrigues combateu os ricos-homens insurrectos de Alem-Doiro, caudilhados por um da familia, seu sobrinho D. Pedro Mendes de Poiares,[3]) e venceu-os numa sanguinolenta briga, travada entre Paço de Sousa e Vallongo. „*E porque D. Pero Rodrigues fez a lide com*

1) Sá de Miranda, *Poesias,* 108, 321; 115, 1—3. Cf. *Canc. Res.* II, 363 onde João Rodrigues de Sá e Meneses repete a velha lenda, fallando da *vera cruz verdadeira — que aparecço ó rey mouro — per milagre na pereira.*

2) *P. M. H.: Script.* 284: „*Ella estando no castello de Lanhoso fez maldade com huum frade de Boyro, e dom Rodrigo Gomçalluez foy desto çerto e chegou hi e cercou as portas do castello e queymou ella e o frade e homeens e molheres e bestas e cãaes e gatos e gallinhas e todas cousas vivas e queimou a camara e panos de vistir e camas e nom leixou cousa movill.*“ etc.

3) Pelo quadro genealogico que junto, resumido como convém, reconhece-se que não são claras nem correctas as indicações de Herculano II, 481ss. sobre o grau de parentesco entre os dois combatentes e o bispo do Porto; nem tão pouco sobre a interpretação que se deve dar ao termo *consobrinus vester,* empregado pelo rei D. Sancho em uma carta ao bispo, relativa ao combate. O bispo era de facto primo do vencedor e tio do vencido, pois Pero Rodrigues de Poiares era bisneto de D. Gonçalo Rodrigues I, o primeiro *Froian* ou *Froiaz* que veio a Portugal, emquanto D. Martinho Rodrigues e Pero Rodrigues I eram netos d'elle. Da alludida carta, infelizmente sem data, em que o soberano se refere ao senhor de Poiares, chamando-o *meus inimicus et attinet se cum meis inimicis qui destruunt mihi meam terram,* não se pode inferir que a morte d'esse adversario temivel da coroa e agressor tambem da cidade do bispo occorresse logo depois, em vida do prelado, mas unicamente que a lide se realizou antes de 1227. Herculano acertou, sem duvida, ao collocá-la na menor idade calamitosa de Sancho Capello, entre 1223 e 1226, rectificando assim um erro evidente dos historiadores antigos que attribuiam a carta a Sancho I. — Vid. *Mon. Lus.* XII, c. 32; Cunha, *Cat. Bisp. Porto* II, c. 8; Herc. II; *Hist.* 481ss.; Braamcamp Freire, *Brasões de Cintra* I, 153.

razom, ajudou-o Deus, e morrerom hi muitos fidalgos de huma e outra parte."[1])

§ 344. Mas este valente, que é costume chamar *de Pereira,* não é o poeta. Casado duas vezes deixou larga prole, na qual avulta o Prior dos Hospitaleiros, Frey D. Gonçalo Pires. O apaixonado trovador, pelo contrario, morreu novo e sem geração: *consumptus amore*, prototypo (conforme já tive occasião de dizer) do amante infeliz[2]) e poeta: o Macías do sec. XIII, mas mais infeliz do que o do sec. XIV, porque d'elle não subsiste verso algum.

Este era filho de uma irmã de D. Rodrigo Gonçalves, a *meana* D. Elvira Rodrigues da Palmeira: a mesma que em 1177 confirmava juntamente com seus tres irmãos a doação de Palmeira ao mosteiro de S. Maria de Nandim. Casada com Rodrigo Martins (ou Nunes) das Asturias,[3]) d'ella nasceram quatro filhos: o herdeiro Gonçalo Rodrigues, senhor de Nomaes, o Bispo D. Martinho, D. Urraca Rodrigues que é a mãe do vencido de Crasconho, e Pero Rodrigues da Palmeira, o nosso poeta, *o que morreo de amor.* É o que lemos no Livro Velho.[4]) No Nobiliario do Conde[5]) dizem-nos incidentalmente quem foi a dama esquiva que não aceitou as suas homenagens apaixonadas. Chamava-se D. Maria Paes, como a favorita de Sancho o Velho, usando além d'isso o apellido nada poetico *de Berredo*,[6]) por causa da ambiguidade, e era filha de Pay Soares de Valladares.[7])

Para fixar o tempo da paixão de Pero Rodrigues não nos faltam indicios: o bispo seu irmão morreu em idade provecta depois de ter governado a sé do Porto durante 35 annos (1192—1227); a mãe era de maior idade em 1177; a lide entre os dois primos deu-se, segundo as apparencias, e na opinião abalizada de Herculano, entre 1223 e 1227. E como se isso não bastasse, sabemos que a inspiradora do trovador casou em segundas nupcias com

---

1) *P. M. H.: Script.* 332; cf. 158, 311, 285. — O logar da refrega sanguinolenta é ahi chamado *Trasconho.* Creio ser erro por *Crasconho* (τ pequeno confundia-se com *c*). E nesse nome reconheço o nome de pessoa *Cresconius,* usual naquelle tempo (*P. M. H.: Dipl. et Ch.* Nº 608 e 613).

2) Cf. § 256 e 277.

3) *Script.* 158 e 284.

4) Ib. 158.

5) Ib. 355 onde ha gravissimos erros. — Cf. 177.

6) Logar ao pé de Lanhoso que talvez lhe fosse dado em dote.

7) Cf. *Biogr.* II, p. 12 e 16.

Martim Paes Ribeiro, irmão da Ribeirinha, a qual antes de 1200 começara a ser amante de Sancho, o Velho. Um dos filhos d'este matrimonio, foi aquelle Gil Martins que morreu ás mãos de Ayres Eannes de Freitas, homicidio que provocou perto de 1245 a vindicta e o desterro de João Pires de Vasconcellos Tenreiro, a que tivemos de referir-nos nas Biographias LIII e LV.[1])

É pois quasi certo que os versos de amor que nos faltam, datavam de 1200, não podendo ser posteriores ao 1° quartel de sec. XIII.[2])

LVIII. D. Rodrigo Diaz de los Cameros.

§ 345. Para dar ideia do poderio d'este magnate castelhano bastarão poucas palavras sobre a sua geração, suas allianças, seus feitos, e as terras que foram propriedade sua.

---

1) D. João foi batalhar na Andaluzia e tomou parte no cerco de Sevilha, onde pode ter-se encontrado com o encanecido esposo de D. Elvira.

2) Eis o quadro genealogico da familia, composto não só sobre os Livros de Linhagem 163, 284ss. 307, 332, mas com ajuda de documentos explorados por A. Braamcamp Freire (151—163).

D. Rodrigo Froyaz [ou Frojães] de Trastámar (v. 1097)

- D. Gonçalo Rodrigues I, 1° Senhor da Palmeira (vindo a Portugal entre 1112 e 1128; m. c. 1177)
  - D. Rodrigo Gonçalves 1° Senhor de Pereira e tronco de familia c. c. Sancha Henriques de Portocarreiro
    - D. Pedro Rodrigues I, 2° S. de Pereira, vencedor do Poiares
      - Conde D. Gonçalo Pereira
        - D. Vasco Pereira
      - Frei Gonçalo Pires, Prior dos Hospitaleiros 1269—1291
        - D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga v. 1320
      - Pero Homem, Pereirão / Teresa Annes Redondo
        - Estêvam Peres, Froyan (1320)
        - D. Sancho, Bispo do Porto (de 1296 a 1300)
  - D. Elvira Rodrigues da Palmeira (maior em 1177) c. c. Rodrigo Nunes das Asturias (v. 1248)
    - Urraca Rodrigues II, c. c. Mem Moniz de Riba do Doiro
      - Pero Mendes de Poiares c. c. uma filha de João Fernandes Cheira
    - Pero Rodrigues II de Palmeira, Poeta
    - D. Martinho, Bispo do Porto 1192—1227

A respeito do Bispo D. Martinho v. Cunha II, c. 8; a respeito de D. Sancho Peres ib. c. 13.

D. Rodrigo (ou Ruy) e D. Alvaro, ambos com o patronymico Diaz, *muy bons fidalgos e muy grandes*, segundo sentença do Livro Velho, tomaram parte proeminente na victoria das Navas de Tolosa, quer fosse guiando troços de estrangeiros (franceses, na maioria) na vanguarda, capitaneada por seu parente, o senhor de Biscaia, En Diego Lopes de Haro, quer batalhando no corpo central sob o mando directo do emperador; ou então como chefe de uma das azes lateraes.[1])

Ambos eram filhos da illustre gallega D. Guiomar Fernandes de Trava e Trastámar e do basco D. Dia Ximenes (Xemenes Xamenes, Examenes)[2]) o qual apparece assignando doações regias no anno 1181.[3])

Ruy Diaz, o primogenito e herdeiro, casou com D. Urraca Diaz, senhora de Canas, filha do já citado En Diego, *o bom*, vencido em Alarcos, mas vencedor na batalha de 1212.[4]) Durante o curto reinado de D. Enrique I ficou fiel á Rainha D. Berenguela, sendo por isso privado dos seus bens.[5]) Rebelde em 1219, teve de entregar ao successor todas as fortalezas de Castella cujo logar-tenente fôra, o que todavia não effectuou sem que lhe fossem pagos 14000 maravedis.[6]) Ignoro a data da sua morte, mas como de 1219 em diante

---

1) Rod. Tol. *De Reb. Hisp.* VIII, c. 9: *collateram habuit Rodericus Didaci de Camberis et Alvarus Didaci frater eius.* — Cf. ib. VIII, c. 3 onde D. Rodrigo figura entre os varões principaes *de seculari militia regni Castellæ.* Considero errada a variante *de Carrione* por *de Camberis.* A respeito da batalha consulte-se Schirrmacher I, 277; Mondejar, *Memorias de Alfonso* VIII, cap. 100 e seg.; Argote, *Nobl. And.* 1, c. 36—40; Lafuente I, 371—374 que todos exploraram conscienciosamente as relações coevas, os *Annaes* e *Chronicões,* assim como as obras do *Arcebispo* e de *Lucas de Tuy.*

2) Argote, *Nobl. And.* II, c. 87. — O avô chamava-se Ximen Fortunes. — *P. M. H.: Script.* 172 e 269.

3) Ib. — Nesse anno fundou o mosteiro de S. Prudencio, no bispado de Osma, onde jaz.

4) *Script.* 167, 197, 269 e 272; Arg. I, c. 45.

5) Vid. Schirrmacher, 325—326, onde *Fernando Ruiz* de los Cameros deve ser lapso por Rodrigo Diaz.

6) Rod. Tol. IX, 11: *Post modicum vero temporis propter iniurias quas Rodericus Didaci de Camberis in terra sibi credita exercebat, licet esset cruce signatus in subsidium terræ sanctæ, Rex Fernandus citavit eum, ut ad curiam veniens satisfaceret de obiectis. Cumque ille ad Vallemoleti curiam advenisset, cum naturaliter iræ inconstantia duceretur, a falsis amicis suasus, inviso et insalutato rege recessit. Rex autem, pro huiusmodi indignatus abstulit ei terram suam. Et cum prædictus Rodericus Didaci nollet restituere munitiones, tandem restituit eo pacto ut Rex daret ei quatuordecemmillia aureorum et cum pecuniam suscepisset, tunc demum reddidit castra Regi.*

não torna a apparecer, é provavel que não sobrevivesse muito á sua desgraça.

D. Alvaro que morreu solteiro, apparece na guerra ao pé do irmão, e tambem entre os magnates que lealmente sustentaram a rainha D. Berenguela na sua lucta contra o ambicioso conde de Lara.[1])

O unico filho de D. Rodrigo, Ximen Rodrigues,[2]) consorciou-se com Sancha Affonso, uma das bastardas do Leonês e da portuguesa Teresa Gil de Soverosa.[3]) A pesar do desagrado em que cahira seu pae, occupou logar privilegiado tanto na côrte de Fernando o Santo como na do successor. O primeiro documento, em que encontro o seu nome é de 1243.[4]) Ao lado de Affonso Telles, Rodrigo Gomes de Trastamar, o alferez Diego Lopes de Haro, assignou em 1250 o foro de Sevilha,[5]) apparecendo em 1253 entre os *Herdados* da cidade, o que prova que tomou parte na conquista. Em 1269 confirma a distribuição de Baeza.[6]) O desenlace foi todavia infeliz. Em 1274 entrou na liga dos rebeldes que, despedindo-se do seu

---

1) Rod. Tol. IX, 2. — Schirrmacher 323 ss.

2) O nome archaïco *Ximen, Ximeno, Xemeno,* muito usado nos paises vascongados, em Navarra e em Aragão, foi freqüentemente deturpado pelos historiadores, que o substituiram por *Simon,* depois de (creio eu) os latinistas, aos quaes repugnava o *X,* terem empregado a forma *Simen, Semen, Semeno.* — É verdade que encontro *Simon Roderici* e *D. Simon Ruiz,* não somente na *Cron. Alf.*, c. 68; em Argote, p. 234 e 286 e Lafuente I, 377, 390, 432, mas tambem em documentos do sec. XIII, publicados por Florez e Risco na *Esp. Sagr.* (XXII, 284 e 302; XXIII, 419; e alhures) e no *Memorial Historico* (passim). Mas quem nos assegura que os originaes offereciam de facto a forma deturpada? O patronymico, esse ficou sempre intacto: *Ximenez,* ou em orthographia modernizada *Gimenez, Jimenez.* Para dar ideia da popularidade do nome no Nordeste da peninsula, bastará estabelecer que entre os lidadores de Alfonso VIII, Sancho de Navarra e D. Pedro de Aragão, se contava no dia das Navas, além do Arcebispo D. Rodrigo Ximenez (de Rada), um D. Fortun Ximenez, D. Ximen Iñiguez, D. Pero Ximenez de Olleta, D. Ximeno de Ayvar, D. Ximeno de Baztan (= Baçan), D. Ximen Dezlor e D. Ximen Coronel.

3) *Script.* 167, 197, 269 e 293. D. Sancha Affonso é irmã de D. Maria Affonso, que ligada com Alfonso X, deu a vida a D. Berenguela. — Cf. § 173, Nota. — O vencedor da lide do Porto D. Martim Gil era tio da mulher de Ximen Rodrigues.

4) Doação de Vilches a Ubeda. — Argote I, c. 105.

5) Lafuente I, *Apend.* 8. — Tambem confirmou o foro de Tuy (*Esp. Sagr.* XXII, 302), e em 1255 o privilegio pelo qual Burgos ficava isento do tributo da *Moeda* (Ib. XXVI, 320). De 1252 até 1270 confirmou numerosos documentos. — Vid. *Memorial Historico* I e II.

6) Argote II, c. 9.

soberano, passaram ao reino de Granada.[1]) Justiçado por Alfonso X, o Inconstante, morreu victima das iras e da ambição de Sancho, o Bravo.[2]) De volta da infructifera expedição a Belcaire, o monarca reconheceu (ou suspeitou pelo menos) que seu proprio irmão D. Fadrique, juntamente com o senhor de Cameros, seguindo o partido dos pequeninos Infantes Lacerda, havia promovido a fuga da Rainha D. Violante e de D. Branca, sua nora, para Aragão — crime que ambos pagaram em 1277 com a vida.[3]) D. Fadrique foi afogado em Burgos; D. Ximeno preso em Logronho e queimado em Trevinho.[4]) Suas terras confiscadas foram entregues ao Infante D. Jaime, passando posteriormente ás mãos de D. Juan Alfonso de Haro,[5]) como sobrinho do justiçado (1277).[6])

§ 346. A região *de los Cameros,* limitrophe de Castella, Aragão e Navarra, occupa dois valles de doze legoas de extensão entre Soria e a Rioja,[7]) não muito longe de Salas, Lara e Barbadillo, isto é do scenario onde se desenvolveu o drama lendario dos *Sete Infantes.*[8]) Os senhores de Cameros eram tambem, ás vezes, senhores de Álava, mas por eleição,[9]) e como vassallos do rei de Castella.

---

1) *Cron. Alf.,* c. 20, 21, 27.

2) É o que affirmam chronistas e linhagistas. Na *Chron. Alf.,* c. 20, *Nuno Ruiz de los Cameros* é lapso por *Ximen,* que occorre nos capitulos 21 e 27. No 20° (p. 16) lê-se *Simon;* no 68° e 76° *Ximon,* sempre com relação ao mesmo personagem.

3) *Chron. Alf.,* c. 68 e 76; Schirrmacher 538ss.; *Anal. Tolet.* III, 419 (*Esp. Sagr.* XXIII); *Anal. Tolet.* III: *1277 Anno Dni MCCLXXVII nobilis rex Alfonsus mediante justitia occidit Dnm Fredicum & Dominum Simonem Roderici de los Cameros.* — Cf. Salazar, *Dignidades* f. 73v.

4) No *Livro Velho,* chamam-no simplemente *o bom fidalgo que mandou queimar el rei D. Affonso, por mao preço que ouve.* — *Script.* 172. — No *Livro do Conde* enuncia-se a opinião que o rei o mandára matar sem merecimento.

5) Este Juan Alfonso, que assigna privilegios de 1286 a 1295, estava casado com D. Mór Affonso, filha de D. Affonso Telles de Meneses (o de Cordova) e de D. Mari' Annes Batisella (Lima), casal português-castelhano, muito nosso conhecido.

6) Morto este, por ordem de Alfonso XI, tambem como traidor, o senhorio foi, não obstante, dado aos irmãos de Juan Alfonso: Alvaro Diaz de Haro e Alfonso Telles. — Cf. *Chron. Alf.* XI, c. 122 e 135; *Chron. D. Pedro,* a. 1354 c. 21. — Argote II, c. 87.

7) É bom ter na mente que a cidade de Haro pertence á Rioja — e que os Haros e os Cameros eram portanto vizinhos.

8) Ramon Menendez Pidal, *Los Infantes de Lara,* p. 198.

9) *Chron. Alf.* XI, c. 96.

§ 347. Quanto aos versos de D. Rodrigo Diaz é realmente pena não os possuirmos, por elle ter sido um dos poucos trovadores gallaïco-portugueses cujas relações com poetas provençaes e protectores de provençaes se podem dizer authenticadas. Não me refiro aos que assistiram á campanha contra El-Nassir, como *Gavaudan* e *Hugo de Mataplana;* nem ao magnifico *Savaric de Mauleon..*[1]) Ulteriormente hei de constituir a lista dos que vieram visitar a côrte de Affonso VIII de Castella (de onde nunca homem algum se afastava triste — *don anc nulhs homs jorn no-s parti marritz*), os paços do Leonês, e os de Alfonso II e En Peire de Aragão.[2]) Aqui basta registar as noticias que fallam a favor de relações directas, intimas e prolongadas do senhor dos Cameros com menestreis viandantes.

1°. Um d'elles, embora dos de menos fama, o jogral viannês *Guilherme Magret,* achou refugio, em principios do sec. XIII, numa propriedade de Ruy Diaz, talvez commenda da Ordem de S. João, ou instituição particular hospitaleira dos de *Cameros.*

É verdade que na biographia d'esse trovador o nome do generoso hospedeiro apparece deturpado em *D. Rodriguez Pedro de los Cameros.*[3]) Mas não havendo noticia senão de um só

1) Este protector de Sordello fez mais de uma viagem através de Hespanha. — Cf. p. 373, nota 1.

2) No Capitulo VII direi alguma cousa das relações entre a peninsula e franceses e provençaes.

3) *En Rois Peire dels Gambiros.* — Na Biographia N° 27, das que foram publicadas por Mahn, lê-se o seguinte: *Pois se rendet en un hospital en Espaigna en la terra d' En Rois Peire dels Gambiros.* — Milá y Fontanals, *Trovadores,* p. 126 n., procura nesse *En Rois Peire* (nome impossivel) um *Pedro Ruiz,* filho ou parente de Rodrigo Diaz. Mas como a existencia de nenhum senhor de Cameros assim chamado esteja authenticada, julgo mais acertado suppôr que o biographo estrangeiro, mal informado, ou conhecendo apenas o prenome, confundiu *Roy* com *Roys* e resolveu mal a abreviatura do patronymico Dz, pondo Peire em logar de Diaz. — Não devo negar comtudo que tambem é desconhecido certo *Guidefre de Gamberes,* mencionado por Ramon Vidal de Bezaudú no poema narrativo *Abril issi e mays intrava,* juntamente com o senhor de Haro, *En Diogo que tan fo pros,* como magnates da côrte do amavel, alegre e liberal rei D. Affonso (Bartsch, *Denkmäler,* 165, 23).

Quanto a *Gambiros, Gamberes,* mal se póde duvidar que representem a forma antiga *Camberos,* a que corresponde em latim o *De Camberis* do Arcebispo e dos Annalistas. A forma com *mb* encontra-se p. ex. no poema de *S. Millan* de Gonçalo de Berceo, estr. 466, onde ouvimos gabados os queijos da serra de Camberos. Na Galliza ha, de resto, varias localidades *Cambeiro.*

D. Rodrigo de los Cameros, supponho tratar-se do nosso poeta, auctor das cantigas 31—33 do codice original, de que Colocci extrahiu o *Indice,* e não de um seu desconhecido parente.

2°. O sôgro de D. Rodrigo, o magnifico senhor de Biscaiá, En Diego Lopes de Haro (Faro) pertencia ao numero dos varões, »amaveis e valentes, de bom juizo e conhecer, audazes e de garbosa parecença«, em cuja companhia mais de um provençal se comprazia de viver. *Peire Vidal,* o estrambotico aventureiro que enaltece a boa terra d'Espanha, no trecho que traduzi, visitou o seu palacio.[1]) *Aimeric de Pegulhan* gaba-o como sabio e nobre e lamenta a sua morte (1214).[2]) *Raimon Vidal de Bezaudú* falla da galhardia de *En Diego que tan fo pros.*[3]) E *Ricardo de Barbezieux* viveu e morreu nas terras do senhor de Haro.[4])

3°. O filho d'este, *D. Lopo Diaz de Haro,* cunhado de Rodrigo Diaz de los Cameros, cujo fallecimento foi, como acima deixei dito, pranteado pelo escudeiro e segrel *Pero da Ponte*[5]) e cujas façanhas foram narradas pelo *Anelier de Toulouse* na chronica rimada da guerra de Navarra,[6]) é por ventura o tantas vezes citado auctor dos cantares de escarnho que se lêem no **CV 945—964**.

Estes tres factos combinados, aos quaes devemos juntar ainda a assistencia de *João Soares de Paiva* perto de Tudela, exactamente no tempo em que aquelles tres valentes se preparavam para a cruzada contra o Mouro, são evidentemente de importancia capital.

Addição.

Emquanto se imprimiam os ultimos paragraphos do immenso Capitulo VI, sahiu a lume uma obra de grande valor[7]), em que nos são offerecidas noticias biographicas, relativas a alguns trovadores

1) Milá, p. 130 e 131: *Mout es bona terr' Espanha.*

2) Na canção: *En aquel temps que'l reis mori Nanfos.* — Milá 136; Diez, *Leben und Werke,* 352s.; Bartsch, *Grundriss* 10, 26.

3) Vid. nota 3 da p. 578. — Diez, *Poesie* 56; Id. *Leben und Werke,* 321.

4) Na sua biographia lêmos: *el s'en anet en Espaigna al valent baron D. Diego. E lai visquet e lai mori;* Diez, *Leben* 432; Milà 126. Na redacção, impressa por Mahn, *Biogr. Troub.* N° 23, não se encontra esse passo final.

5) Vid. *Biogr.* XXXV.

6) *Histoire de la guerre de Navarre,* ed. Fr. Michel, Paris 1856, verso 2051 ss.

7) *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela,* Tomo V, Santiago 1902.

de origem gallega, incontestada ou provavel, da idade aurea de Santiago, colhidas na sua maior parte em documentos.[1])

Fallo do Vol. V da monumental *Historia de Santiago* do conego compostellano D. Antonio Lopez Ferreiro, em cujos primeiros tomos ja eu haurira informações preciosas, especialmente para o Cap. IX, dedicado á civilização da Galliza.

Nem todas as identificações tentadas me convenceram todavia. Continuando a sustentar varios pareceres mais acima emittidos, registo-as apenas como exemplos elucidativos da homonymia freqüentissima entre portugueses e gallegos, a que tanta vez me referi, e como prova para assim dizer da dupla ou incerta nacionalidade de muitos varões, nados nos seculos XI e XII na Galliza septentrional, casados na meridional, e afazendados em uma e outra.

Começo com as que não adopto.

Segundo o auctor (que muito naturalmente procura numerosos compostellanos entre os trovadores), *João Lobeira*, o poeta da cantiga amadisiaca *Leonoreta Fin Roseta* é um conego d'este nome que assistiu ao capitulo celebrado a 13 de Nov. de 1295; filho talvez ou neto de certo João Sanches, juiz de Lobeira pelo arcebispo D. João Aires (Tumbo C. f. 134).[2]) Igualmente *João Velho, o de Taveirós,* seria o conego Juan Perez Velho que apparece numa acta capitular de 2 de Junho de 1295 (Tumbillo, *Concordias,* f. 140); *Abril Perez,* um burguês compostellano, mencionado no testamento de D. Abril Fernandez (1269); *Bernardo de Bonaval,* certo *Bernardo Romanz* que firmou uma avença entre o arcebispo e os concheiros de Compostella no anno 1230 (*App.* V). O juglar *Lourenço* seria um mestre-organista da catedral de Santiago, que recebeu em 1245 em foro a herdade de Sáa, cerca de Cornelhã, em Portugal, de onde, parece, era oriundo. *Mem Rodrigues Tenoiro* seria o varão que designei como II° (neto do I°, que não cita), i. é o que em 1315 era adeantado-mór e fôra enviado em 1309 pelo arcebispo D. Rodrigo del Padron á côrte de Fernando IV com uma queixa contra o concelho compostellano. *Juião,* seu collaborador na tenção ag-

---

1) Vid. Cap. X: *Varones ilustres compostelanos. — Parte que en el origen y desarrollo de los antiguos Cancioneros galaïco-portugueses tuvieron los burgueses y clerigos compostelanos.*

2) Assentando que Lobeiras e Marinhos eram aparentados, pregunta ainda, se no *Donzel do mar,* i. é no proprio *Amadis,* haveria porventura allusões á lenda dos *Marinhos?*

gressiva **CV 13** (e não 110, como se diz na *Hist. Sant.*), é identificado com o famoso D. Juião Martinz de Tudela. Dubitativamente como todos os outros.

A respeito de *Pero da Ponte* e *João Aires* fico suspensa. No primeiro poeta o erudito investigador quer reconhecer certo Pedro Fernandez da Ponte, oriundo de Pontevedra, que foi enviado pelo Sabio de Castella no anno 1253 para juntamente com Pero Nunes de Santiago levar certa informação ao bispo de Astorga (Tumbillo, *Concordias*, f. 59). A esse Pero Nunes, genro de um abbade de Santiago (1230), seriam dedicados os versos **CV 1078** de *João Aires*, o fecundissimo e engraçadissimo burguês de Santiago, coevo de Pero da Ponte e de Pedro Eannes Marinho. Assentando que ha, e houve sempre, em Santiago familias de apellido Aires, crê que o trovador pertenceria á principal, por ella ter sido fecunda em varões illustres; e persuadido de como residiu na côrte de Alfonso X pensa que collaborou no Cancioneiro sagrado do monarca. Não é impossivel. Creio, porém, que D. Antonio confundiu o burguês João Aires com o clerigo *Aires Nunes*, pois é o nome d'este que se acha inscripto no *Cod. Escor.* j-b 2, ao lado da cantiga **CM 223** de Alfonso X.

A hypothese que os trovadores *Pero Velho* e *Pay Soares de Taveirós, Pedro de Ambroa, Pedro de Armea, Pedro Amigo,*[1]) *João Baveca, João de Guilhade* seriam levados a Cordova e Sevilha na hoste do Conde D. Rodrigo Gomes de Trastamara[2]), juntamente com a Balteira e com *Nuno Fernandes de Mirapeixe,* merece applauso, pois se baseia no facto que todos elles eram oriundos de territorios de que D. Rodrigo era senhor ou prestameiro.

Com relação a *Pedro d' Ambroa* é muito bem-vinda a noticia que um D. Pedro Garcia de Ambroa se encontra mencionado numas escrituras de compra do anno 1237, feitas por D. Rodrigo Gomes, e relativas a varios logares na parroquia de S. Tirso de Ambroa (Amberona). Lopes Ferreiro tem-no em conta de pae ou parente do trovador e quer identificar este com certo Pedro Fernandez de Ambroa que firma como testemunha outra escritura do anno 1285 (Tumbo C. f. 308). Á vista do que eu apurei a respeito de *Pedro Garcia de Ambroa,* concluo pelo contrario que era identico ao

1) Observo aqui que o nome *D. Amigo,* e mesmo *D. Amor,* era usado na Galliza antiga e que Pedro Amigo, pode portanto ser equivalente de *Amíguez.*

2) Cf. **CA 394**, assim como a Nota correspondente.

de 1237, verificando-se portanto que temos nelle um jogral ou *segrel* de origem nobre.

Nas mesmas escrituras de 1237 apparece *Nuno Fernandez de Mirapeixe* — facto que registo com prazer, como os que seguem.

Osoir' Eannes, auctor das lindas cantigas **316—319** da nossa edição, pertence apparentemente[1]) á familia dos Marinhos, tão rica de lendas como de poetas. Irmão de *Pedr' Eannes* e de *Martim Eannes,* é mencionado em 1220 no testamento do pae, Joham Frojaz.[2]) Senhor de Valladares e outras terras perto de Noya, Osoir' Eannes estudára em Paris em companhia de um Domingos Fernandez — ao qual deixa um legado no seu proprio testamento outorgado em 1236 (Tumbo C. f. 346) — e pertencia como conego á collegiada de Santiago. Já não me admiro da illustração e do bom-gosto que distingue os seus versos de amor.

O mesmo vale do clerigo *Ruy Fernandez,* se realmente prestou em Sevilha serviços, que lhe renderam o cargo de capellão de Alfonso X e outro mais na Universidade de Salamanca. No seu testamento, escrito a 16 de Dez. de 1273 (Tumbo C. f. 47), mandava que alguns dos seus legados fossem satisfeitos a conta dos salarios que lhe deviam nos Estudos Salmantinos.

Pay da Cana (no Cancioneiro dizem *de Cana*) deve ser um clerigo d'este nome pouco vulgar,[3]) vivo em meado do sec. XIII, filho ou irmão de D. Pedro Arias da Cana, burguês de Santiago. A uns tres kilometros de Santiago ha um logar de nome *Pay da Cana*, o qual tomaria do individuo indicado, ou de outro da mesma familia. Mór da Cana (**CV 1076**) era provavelmente irmã de Pay.

De *João Lopes de Ulhoa* pensa que seria irmão do cavalleiro D. Vasco que testou em 1266. De *Alfons' Eannes do Coton* diz que o apellido é muito conhecido em Santiago, e que a Mari Mateu a que allude na cantiga **CV 1115** é a mesma á qual o conego D. Pelayo Eannes deixou alguma cousa em 1270. Mayor Coton, a que Alfonso X se refere na cantiga **CV 64**, era provavelmente irmã do poeta, ideia já expressa por muitos outros.

1) *Indubitavelmente,* segundo Lopez Ferreiro.

2) No *Canc. da Vat.* e no *Indice* as abreviaturas *p*^{e}*s* e *ire*^{e} estão evidentemente deturpadas.

3) Digo „deve ser", porque julgo que possuimos nas cantigas 924—976 (pelo menos) um cancioneirinho com versos de *clerigos* e *burgueses* gallizianos que floresceram em meado do sec. XIII.

Quanto a *João Vasques* reconhece allusões claras a Compostella na cantiga **CB 418**. A Moeda velha, que eu procurava em Lisboa, achava-se em Santiago effectivamente perto do convento de S. Martinho.

Com relação a *Airas Nunes* o auctor não descobriu novidades, opinando todavia que a romaria a Santiago, á qual allude, é a de S. Fernando (1232), e não alguma das de Sancho IV (1286 e 1291), nem de Sancho II de Portugal (1244). A respeito do Abbade de Valhadolid *D. Gomes Garcia,* notario de Sancho II em 1282, e indigitado para arcebispo de Santiago pelo rei de França, suppõe que era sobrinho do clerigo Nuno Perez Agulha, com testamento de 1253.[1])

Registando ainda que a dama que transformou *Pedro [Rodriguez] de Palmeira* num Macias antecipado, era a seu vêr sobrinha-neta do arcebispo Diego Gelmirez — filha da filha de um dos seus irmãos, a qual casára com Pae Curvo[2]) — creio ter cumprido o dever de completar as *Biographias* e ao mesmo tempo a *Resenha Bibliographica.*

*   *   *

Afim de demonstrar com mais um exemplo a necessidade de nos precavermos contra homonymias casuaes, accrescentarei que um sobrinho do grande prelado, filho do conego Munho, seu irmão, tem o mesmo nome de um dos mais archaïcos trovadores gallaïco-portugueses: *Diego Moniz.* Mas visto que esse varão fez testamento no anno 1151, parece ariscadissimo identificarmo-lo com o auctor das cantigas curiosas **318** e **319** da nossa edição, embora haja a attenuante seguinte. O testamento foi feito no acto em que Diego Moniz ia acompanhar o Emperador Alfonso Raimundez numa expedição contra

1) Vid. p. 253 e 283; *App.* XLII e *Tumbo C,* f. 6^v.

2) Faltam pormenores claros a respeito d'esta genealogia. Das informações, dadas sobre os irmãos do arcebispo (Munho, João, Pedro, e Gundesindo) nos vol. III, 173, 214 e IV, 250, assim como a respeito de Pae Curvo (IV, 122, 150, 152, 190, 228) não resulta que Maria Paes de Valladares, mencionada no Livro das Linhagens como dama do que morreu d'amor, era parenta do grande prelado. Accrescentarei aqui que o poeta Julio Dantas fez da romantica lenda assunto de um drama.

Cordova (*ad exitum meum in hostem contra Cordobam*).[1]) Podia ser portanto que então contasse pouca idade (de 20 a 30), sendo coevo e par do jogral *Palha,*[2]) o qual encontraremos na côrte do mesmo Emperador. Quanto a mim, acho impossivel que entre *Diego Moniz* e *Osoir' Eannes* mediasse quasi um seculo! (de 1150 a 1236).

---

1) *Hist. Sant.* IV, 250.

2) D' esse joglar *Palha* conto fallar nos Cap. VIII e IX. Igualmente dos compostellanos que redigiram obras em latim.

Noções Geraes acêrca dos Trovadores.

§ 348. Em vez de concluir com um breve resumo o laboriosissimo capitulo anterior vou syntetizar um pouco mais á larga as noções nelle esparsas e outras connexas, tirando conclusões sobre:

a extensão da era trovadoresca em Portugal §§ 349—351
os generos cultivados durante a época que nos occupa §§ 352—353
os periodos em que a devemos dividir § 354
as regiões conhecidas aos trovadores § 355
a sua nacionalidade §§ 356—357
as aulas regias onde floresceram § 358
o predominio da Galliza § 359
os idiomas empregados § 360
as camadas sociaes a que os poetas pertenciam §§ 361—362
as differentes classes por elles constituidas §§ 363—366
os principaes requisitos das composições trovadorescas § 367
as *Côrtes* onde essas foram exhibidas § 368

para no fim comparar de fugida a actividade, a condição, as qualidades dos trovadores gallaïco-portugueses com as dos trovadores da Provença, seus mestres e modelos. §§ 369—370.

Sabendo quão arrojada e precaria seria a pretensão de generalizar ao fim de um rapido exame da obra incompleta e em parte deturpada de apenas sessenta auctores[1]) quando a totalidade é de duzentos e tantos, com duas mil canções, tomei para base, além das quinhentas contidas no Volume I, ou copiadas occasionalmente neste Volume, todas as de que dispomos. Se d'este modo introduzo ideias e especies ainda não tratadas e fallo de poetas não representados no Cancioneiro da Ajuda,[2]) sem aqui mesmo

1) Ás 58 biographias numeradas ha que juntar as de *João Lobeira* e *Gonçal' Eannes do Vinhal*, que intercalei no ensaio XXXIX sobre os *Lais de Bretanha.* E ainda a do *Conde de Barcellos* no Cap. IV, embora essa seja susceptivel de grande desenvolvimento.

2) Conto inteirar a serie dos biographados depois da conclusão d'este estudo, talvez como Additamento ás *Notas Marginaes*, mencionadas na Nota que segue.

allegar todas as provas documentaes, remettendo o curioso a outros estudos meus, em via de publicação,[1]) não poderei evitar, por outro lado, a repetição de factos e doutrinas, anteriormente expendidas, quando isso me for preciso para fundamentar melhor theses e hypotheses.

§ 349. *Chronologia.* — A vida, não dos sessenta poetas que apresentei ao leitor, mas de todos aquelles cuja obra tenho analyzado até hoje, estende-se por mais de dois seculos, se a contarmos desde o nascimento do mais antigo até a morte do ultimo; isto é de 1141 — nascimento de *D. João Soares de Paiva* — até 1354, fallecimento do *Conde de Barcellos,* o qual é ao mesmo tempo o supposto compilador do Cancioneiro todo.[2]) Fixando, mais acertadamente, para os nossos fins, como limites extremos os annos em que supponho compostas as mais temporans e as mais serodias das cantigas que realmente possuimos, a época trovadoresca não chega a abranger centuria e meia: de perto de 1200 (talvez mesmo de 1189) a 1334 (ou 1340). Cinco a seis gerações. Em Portugal desde Sancho I até a adolescencia de Pedro o Justiceiro. Em Leão e Castella, de Affonso IX de Leão até a morte de Affonso XI, ou igualmente até a adolescencia de Pedro, o Crú.[3])

Apparentemente o nosso codice abrange quasi a época inteira, o que se explicaria bem, se fosse parte da ultima compilação, isto é do *Livro* das Cantigas colhidas pelo filho de D. Denis. Mas só apparentemente. Incluindo alguns cantares muito archaïcos não encerra nenhum dos ultimos, o que igualmente se comprehende, sendo elle apenas o principio d'um volume chronologicamente ordenado.

Fallemos primeiro das creações tardias.

---

1) Refiro-me ás Notas Marginaes, *Randglossen*, que versam sobre as poesias mais notaveis entre as que exigem commentario. O ms. dos Nos II—XXXVIII acha-se, desde Março de 1900, em Strassburgo para pouco a pouco sahir no vol. XXV e ss. da *Zeitschrift.* — *P. S.* No momento de revêr estas provas — abril de 1903 — estão impressas os estudos II—XIII.

2) Quem discordando da minha exposição, quiser reconhecer em *Mem Rodrigues Tenoiro* a victima de Pedro I de Castella, deve assentar como anno extremo o da sua morte (1360). D. Affonso XI falleceu em 1350. A respeito de *Estêvam da Guarda* vejam as Notas 5 e 6 da p. 588.

3) Incluindo os suppostos alvores da época e o crepusculo nocturno que escapou ao trabalho do colleccionador, as datas extremes seriam 1175 e 1385.

§ 350. As derradeiras poesias, conservadas nos cancioneiros, que me aventuro a datar, além das do proprio *Conde de Barcellos* e de *Estêvam da Guarda* (antigo privado del rei D. Denis, grande valido de D. Affonso IV, e supposto collaborador do Conde), são obra de alguns coevos e apaniguados de ambos, poetas em geral de pouquissima veia e tambem de somenos posição social. Dois escudeiros, *João de Gaia* e *João Fernandes d'Ardeleiro;* um joglar, chamado *João de Leão.*

Do escudeiro *João de Gaia,* que é o melhor dos tres e cujos versos se seguiam immediatamente aos do Conde,[1]) conservou-se, entre varios outros cantares curiosos, um de escarnho,[2]) em que satiriza o fidalgo Fernam Vasques Pimentel,[3]) porque levado pela *auri sacra fames,* mudára tres vezes de senhor no prazo de seis meses, *de Sanhoan a Janeiro,* á caia de mais avultado soldo, vendendo-se *come asno no mercado.* Primeiro foi vassalo do Conde de Barcellos que gozava da fama de pagar, abaixo del rei, as maiores quantias. Em seguida fez-se servidor de um neto de D. Denis, o valente D. João Affonso d'Albuquerque. Finalmente encostou-se ao Infante D. Affonso, filho del rei D. Denis, *que depois foi rei de Portugal.* O adverbio *depois* marca-nos para composição da cantiga

1) **CV 1043—1044** e **1058—1062**. São de escarnho os Nos **1044, 1059, 1060, 1061**; e de amor, dedicados a *bõas-donas,* os Nos **1043, 1058, 1062**. — É muito possivel que o *João de Gaia* que compôs essas cantigas seja o mesmo *Joham da Gaya que foy muy boo trobador e muy saboroso,* assim registado no Livro do Conde (*P. M. H.: Script.* 272), filho de clerigo e neto de outro *Johan [Eannes] da Gaya* que tambem fôra cavalleiro de boa palavra e muito saborosa. — Cf. **CV 917** e Lang **CD**, p. XLI. — Ambos pertencem a uma familia em que a arte do bem-dizer era evidentemente hereditaria. O tio *Martim Martins Alvelo* tambem é designado como *muy boo cavaleiro e muy saboroso.* Se realmente houver identidade, devemos presumir que a melhor parte das obras do novel escudeiro se perdeu, como perdido está tudo quanto seus ascendentes escreveram por ventura. Mas visto que além dos escudeiros, fidalgos por nascimento, como o que figura no nobiliario, havia outros não-nobres, assoldados ou *de contia* e profissão, tambem pode ser que o do Cancioneiro pertença a essa categoria, apesar da observação que com respeito a elles vae no texto mais abaixo (§ 360). Uma das suas poesias, em que chasqueia de um villão nobilitado, é imitação, decalque, parodia ou *seguir* de um verdadeiro cantar de villão. Vid. *Randglosse* XXIV. Em outra, cita igualmente um distico de caracter popular, principio ou refram de bailada: *Vos avede'-los olhos verdes Matar m' edes con eles,* conforme expliquei no § 175.

2) **CV 1058**. — Cf. §§ 175 e 290.

3) *P. M. H.: Script.* 315. Esse fidalgo era aparentado com os *Cogominhos,* com *Pero Rodrigues de Palmeira* e com os *Rèsendes.*

a data *antes de 1325.*[1]) Não póde comtudo ser muito anterior a esse termo, porque o senhor de Albuquerque, filho do bastardo D. Affonso Sanches, não chegou á maior idade em vida do avô.[2])

Outra chufa de *João de Gaia* é de 1333,[3]) ou posterior ainda.[4]) D. Miguel Vívas, mencionado na respectiva rubrica, prelado luso-aragonês que o poeta promette regalar durante a ceia com cantares de *Martim Moxa,* foi eleito para o bispado de Viseu no anno indicado.

D'essa época, pouco mais ou menos (1333—1338), deve ser um apodo ao mesmo ecclesiastico,[5]) composto por *Estêvam da Guarda.*[6])

De *João de Leão* possuimos um insulso e banalissimo pranto sobre a morte de D. Denis (1325)[7]) e umas rimas toscas[8]) que já explorei nas paginas dedicadas ao Conde de Barcellos.[9]) Nellas celebra tres principes: o proprio Conde; o meio-irmão d'elle, D. Affonso IV; e o primogenito d'esse monarca, o futuro Justiceiro, cuja força herculea exalta, affirmando *que s'aventura a um grand' usso matar.* Nascido em 1320, devemos calcular que o herdeiro do throno contasse entre quatorze e vinte annos, quando assim merecia e estimava louvores das suas proezas cynegeticas.[10])

---

1) A rubrica do cantar de escarnho **CV 1058** é a unica cujo teor podia levar a crer que a modificaram em transcripção posterior a 1357. Entre 1325 e 1357, teriam dito com mais acerto de um vivo *que agora é rei.* Mas talvez esta minha interpretação seja demasiadamente subtil? visto que ao nome de um morto teriam juntado a formula *a que deus perdoe?*

2) O casamento do pae com D. Teresa Martins foi em 1308, conforme a inscripção tumular no convento de S^ta^ Clara de Villa do Conde.

3) **CV 1062.** — Cf. *Biogr.* XXXVII.

4) Quanto ao seguir **CV 1043** do mesmo, teremos de marcar-lhe data bastante anterior. O bispo de Lisboa, D. Domingos Annes Jardo, successor de D. Durando Paes, citado na rubrica, governou a sé da capital de 1289 até 16 de Dez. de 1293, data da sua morte. Foi portanto nesse lustro que D. Denis nobilitou, a instancias do prelado, o seu trinchante e ex-alfaiate, o villão Vicente Domingues.

5) **CV 927.** — Cf. p. 469.

6) Este continuou vivo até 1347, segundo Santarem, *Corpo Diplomatico* I, 293. — Cf. §§ 174 e 294.

7) **CV 708.**

8) **CV 707.**

9) Cf. Cap. IV, § 173.

10) A montaria ao urso era o *sport* mais util dos valentões medievaes da peninsula. Um infante leonês, filho de Fernando II e de D. Urraca Lopes de Haro, tio portanto do trovador *D. Lopo Dias, Cabeça-Brava,* fôra victima d'este exercicio no anno 1219 em Mont'Aragão, num sitio

Pelo estylo vulgar que os assemelha aos de *João de Leão* e por empregar enfeites que ficaram em moda durante a segunda época lyrica,[1]) os cantares do escudeiro *João Fernandes d'Ardeleiro,* intercalados entre o Livro das Damas e o Cancioneiro de Burlas, ao lado dos versos de *Estêvam da Guarda,* devem tambem ser dos ultimos arrancos da arte trovadoresca. Quanto a Pero Coelho, de quem falla em um dos seus dizeres,[2]) não concordo com Th. Braga que o identifica com o culpado na morte de D. Inês de Castro, descobrindo allusões ás conseqüencias do cruento drama de 1355. Foi como *britador de caminhos*[3]) que o malfeitor de linhagem, a que o trovador se refere, era expulso de Portugal. E seus paes choravam esta vergonha com particular amargura por elle ser filho unico: *Mais de seu padr' ei gran doo* | *Non á mais de un filho soo.* O justiçado de 1360, pelo contrario, tinha tres ou quatro irmãos, conforme mostrei no quadro genealogico que acompanha a biographia de *D. João Soares Coelho.*[4]) Além d'isso, o foragido da cantiga **CV 935** escondera-se em aldeolas gallegas (Coira e França), emquanto o algoz de D. Inês de Castro, seguindo o conselho de D. Affonso IV, incapaz de o proteger contra o odio do vingador, se refugiára em Castella com seus cumplices, sendo bem acolhido por D. Pedro, o Crú.[5])

Com relação a *Estêvam Coelho,* auctor de um lindissimo cantar de amigo,[6]) tanto é possivel tratar-se do primeiro d'este nome, i. é do neto de *D. João Soares Coelho,* como do segundo, seu bisneto, e irmão do justiçado. Não ha meio de fixar a época d'aquella

---

chamado Canhameiro. — Vid. *Esp. Sagr.* XXIII, 323; *P. M. H.: Script.* 266; Schirrmacher, IV, 341 e 416.

1) **CV 1147.** Ainda terei de fallar das rimas *de macho e femea,* variante das *grammaticaes* e *derivativas* dos limosines.

2) **CV 935.**

3) Creio que o termo designava o *roubador de caminho,* do qual se trata a miudo na legislação portuguesa e castelhana, p. ex. no *Espejo* II, 14, 4.

4) *Biogr.* XV.

5) Nem posso convencer-me de que um humilde auctor, de estylo tão pouco cuidado, tivesse a coragem moral de indispôr-se com o futuro reinante, apiedando-se de um criminoso politico como Pero Coelho. Posteriormente o nome tornou-se vulgar. Em cancioneiros castelhanos do sec. XV ha versos de um homonymo, subdito de D. Affonso V de Aragão e Napoles, o qual, creio, nada tem com os Coelhos de Portugal. — Vid. Amador de los Rios VI, 457; *Canc. Gomes Nieva* fl. 79.

6) **CV 255.**

sua unica composição. Voto todavia pelo rico-homem mais velho, por analogia com as datas apuradas nos demais casos.

A unica canção de *D. Affonso XI* que subsiste,[1]) podia ser posterior a todas quantas mencionei até aqui. Nascido em 1311, apaixonado desde os dezoito, e continuando com os mesmos amores até o fim prematuro dos seus dias (27 de Março de 1350), o soberano deve ter escrito os versos da *nobre rosa* entre 1329 e 1350. Acho ainda neste caso verosimil uma data mediana, proxima dos principios das suas relações com D. Leonor de Guzman.[2])

§ 350. D'esses e d'outros epigonos, repito-o, nem um só figura no **CA**. Abstrahindo do problematico Methusalem luso-aragonês *Martim Moxa,* não ha entre os individuos de que tratei senão dois cuja vida ultrapassa o anno 1300. Ha, isso sim, pelo menos dois trovadores, que alcançaram o reinado de D. Denis e morreram no derradeiro decennio do sec. XIII; e varios, vivos quando o regio trovador ia empunhar o sceptro. Mas veteranos então, difficilmente se achariam aptos e dispostos a contribuir, cantando e trovando, ao solaz do reinante e seus cortesãos.

D. Estêvam Peres Froiam (XXV) é o que encontramos vivo em 1304; *Rodrigu' Eannes Redondo* (XVI), no anno immediato. *Pay Gomes Charinho* (XXVII), e *Mem Rodrigues Tenoiro* (XXIII) falleceram em 1295, sendo o primeiro de avançada idade. *D. João de Aboim* viveu até 1287.

Vinte e dois trovadores do **CA** floresceram nos primeiros decennios do sec. XIII e formam a vanguarda em todas as compilações.[3])

---

1) **CV 209.**

2) Vid. § 173 e *Randglosse* XXIII.

3) São os nossos Nos I—VIII; XL—XLVII e XLIX; L—LV; LVI—LVIII, i. é *Vasco Praga de Sandim, João Soares Somesso, Pay Soares, Martim Soares, Roy Gomes de Briteiros, Ayras Corpancho, Nuno Rodrigues de Candarey; Ayras Moniz d'Asme, Diego Moniz, Osoir' Eannes, Monio Fernandes de Mirapeixe, Fernam Figueira de Lemos, D. Gil Sanches, Ruy Gomes, o Freire; Fernam Rodrigues de Calheiros, D. Fernam Paes de Tamalancos; Nun' Eannes Cerzeo, Pero Velho de Taveiroos; D. João Soares de Paiva, Pero Rodrigues de Palmeira, D. Rodrigo Diaz dos Cameiros.* Do **CV** e **CB** ha que juntar o *Velho de Lumiares* que morreu, cheio de annos, em vida de Sancho II (1245), *Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom,* mestres e guias de *Pero da Ponte,* o qual já os havia supplantado antes de 1236, *Ayras Peres Vuiturom* e *D. Lopo Dias.* A memoria e as obras de outros como *D. Juano, João Velaz, Pero Paes Bazoco, Ayras Soares, Martim Alvites,* estão perdidas.

Cerca de trinta poetaram de 1245 a 1284.[1]) Perto do Bolonhês os senhores de *Aboim, Baião, Bèsteiros, Briteiros*, os *Coelhos, Cogominhos, Sousas, Vasconcellos*.[2]) Perto do Sabio outros tantos, ou mais ainda: *Pero Gomes Barroso, D. Vasco Gil, Fernam Velho, Gonçal' Eannes do Vinhal, João Vasques, Pay Gomes Charinho, Ruy Paes de Ribela, Pero da Ponte, Pero Garcia d'Ambroa, Bonifacio Calvo, Pero Garcia, Burgalês.* Varios entre elles — *Barroso, D. Vasco Gil, Charinho, Pero da Ponte, D'Ambroa*, e tambem *Affons' Eannes do Cotom, Bernaldo de Bonaval, Pedr' Amigo, Vasco Peres Pardal* assistiram na Andaluzia á tomada de Jaen e Sevilha.[3]) Haviam portanto começado a poetar, provavelmente, antes de 1252, sendo do numero d'aquelles homens de côrte em cujos cantares Fernando III se deliciava; e do circulo de letrados que chamou para a cidade reconquistada, na qual fixou residencia,[4]) e onde o successor instituiu uma universidade arabo-latina.[5]) Alguns poetas alfonsinos como *Ruy Queimado, João Garcia de Guilhade, Martim Soares, Redondo* e provavelmente o *Burgalês* e *Charinho* poetaram em ambos os reinos. Mas isso entra no paragrapho sobre a nacionalidade dos trovadores e suas viagens.

Dos poetas de que conhecemos apenas os nomes, ignorando todas as circumstancias da sua vida, alguns hão de pertencer tambem ao meado do seculo, ou mesmo ao quarto e quinto decennio.[6])

Em todo o caso julgo ter demonstrado a these que *as poesias contidas no* **CA** *são na maioria, senão na sua totalidade, obra de trovadores alfonsinos e pre-alfonsinos.*

§ 351. Ao grupo importantissimo dos pre-alfonsinos pertence um neto de D. Affonso Henriques: *D. Gil Sanches*, filho da Ribeirinha e de Sancho I, auctor de versos, relativos, na minha opinião, ao cerco de Montemór (1211).[7]) Igualmente *D. João Soares de Paiva,*

---

1) Nos IX—XXXVIII; LII—LV.
2) De *Pero Mafaldo* não o posso affirmar.
3) Vid. mais abaixo a lista dos portugueses *herdados* em Sevilha.
4) *Chron. Ferdinandi*, § 116: *litteratos etiam et doctos viros invitans*, apud Schirrmacher I, 420, 3. — Cf. §§ 234, 254, 269, Nota. — No Cap. seguinte contarei uma anecdota sobre a parte que um dos seus jograes teve nessa resolução.
5) *Memorial Historico* I, 54 (1254).
6) *Corpancho, Nuno Porco, Solaz.*
7) **CA** 382.

a quem devemos o sirventês em que moteja de Sancho Sanches, o Forte, de Navarra, sua reclusão em Tudela, após o heroico esforço das Navas, e das guerrilhas então por elle iniciadas contra o aragonês En Peire II (1213).[1]) É verdade que ambos figuram apenas entre os poetas dos *Appendices*.

No proprio **CA** existe todavia uma poesia que considero mais archaïca ainda e colloco nos dias de Sancho, o Velho.[2]) É a enygmatica cantiga da *guarvaya* (de *Pay Soares*, irmão de *Pedro Velho de Taveirós*) a qual se refere á imminente exaltação da Ribeirinha, favorita declarada do rei de Portugal e quasi-rainha.[3])

Fallando d'ella na *Biographia* III (§§ 213 e 214) e na XLV[a] (§ 326) mostrei que o primeiro filho dos dois, o nosso trovador *D. Gil Sanches*, já apparecia em 1213 publicamente, como de maioridade e calculei com circumspecção que o principio das relações intimas da filha de Pay Moniz com o monarca devia ser *anterior a 1200.* Agora posso indicar data mais precisa, bastante anterior. A mais importante de todas as opimas doações de terras privilegiadas, concedidas por Sancho I á Ribeirinha, de juro e herdade, podendo ella administrar justiça, pôr officiaes e usar de todas as prerogativas e isenções admittidas pelo direito d'aquelle tempo[4]), é de 1189.[5]) Foi portanto neste anno, ou antes, que a

---

1) **CV 937.** Ha treslado na *Biogr.* LVI.

2) **CA 33.** Será bom relêrem o que digo a p. 318 e 320 d'este Volume, nas Notas do Vol. I e na *Randglosse* XIV.

3) Quanto ás cantigas do *Desconhecido* V (**CA 278—280**) não creio que se baseiem em recordações de alguma das empresas dos mouros contra Santarem (1171 e 1184) e muito menos da primeira conquista (1147), mas antes em acontecimentos pessoaes que se haviam desenrolado nos bairros de Alfange, Sesserigo e Senterigo, no reinado de Alfonso II, ou posteriormente.

4) Rectifique-se neste sentido o que deixei dito a p. 319, e na Nota 2 da p. 321.

5) A doação e a data constam do foral manuelino de Villa do Conde (passado em Lisboa aos 10 de Set. de 1517), de que existe treslado coevo na Camara d'essa villa, escrito em pergaminho, por mão de Ferrnão de Pina. Nelle se lê a f. 1—2 „Mostra-sse pollo dito foral [o foral velho] que as rendas do dito logar [Villa do Conde] foram dadas por El Rey dom Sancho, o primeiro deste nome e segundo Rey destes Regnos, a *Dona Maria Paez Rybeira* e a seus filhos que d'ella ouvera, de juro e herdade, pera todo sempre, dos quaes vieram despois as ditas Rendas per doação ao Moesteiro de sancta Crara ..." E logo a f. 13[v]: „Assy o seram as Villas e lugares de guymaraães e a çidade deuora e valença a que foy dado privillegio de nam pagarem adita portajem, ante da *era de mil e dusentos e*

jóvem, proprietaria de Villa do Conde, Pousada, Paradella, Pereiro, partes de Lavra e Avelleda, entrou nos paços del Rei, podendo desde então favorecer os da sua linhagem, e galardoar um *Pay Soares* e *Pero Velho de Taveirós*, concedendo-lhes o uso de roupagens de escarlata, como a poetas regios.

Ha porém mais ainda. O proprio rei *D. Sancho* parece ter composto versos. Se não me engano, possuimos uma composição sua, provavelmente inspirada pela Ribeirinha, e por ella entoada durante a ausencia do regio amante: um ligeiro cantar de amigo, que é o que ha de mais singelo e popular! Quanto ao pensamento, lamentos da mulher cujo amigo se demora, tão naturaes na boca de uma pastora como na de uma quasi-rainha. Quanto á forma, dois disticos parallelos (ou antes um só, repetido em dicção levemente variada, por forma que apparece com toante nova), acompanhados de um refram tambem de dois versos, e que igualmente varia levemente, sem distincção de rima. Tudo, no ritmo irregular chamado geralmente da *muinheira* (i. é em versos bipartidos, de 8 a 11 syllabas arithmeticas: 5 + 4, 5 + 5, 6 + 5, 5 + 3).[1]) Num *som* talvez preexistente, liturgico e popular?

Ay eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo
  que ei alongado! muito me tarda
  o meu amigo na Guarda!

---

vinte e sete annos, na qual foy dada a dita villa e os direitos reaaes della aa dita dona maria paez e seus sobcessores, donde veo ao dito moesteiro."

Embora hoje nos pareçam inverosimeis as aventuras de D. Maria Paes, depois do fallecimento do monarca (tendo ella então pelo menos 35 annos, se realmente era concubina de Sancho I em 1189), mal se pode duvidar da exactidão de noticias, exaradas claramente num documento de tanta monta como o foral de Villa do Conde. Tive conhecimento d'ellas por um estudo de José Caldas, pertencente á valiosa publicação: *A Arte e a Natureza em Portugal* (Porto 1902, Fasc. 16). O auctor teve a bondade de ministrar-me em seguida todas as explicações que lhe pedi. A então escura povoação na foz do rio Ave fôra entregue pelo Conde D. Henrique ao nobre português, Conde D. Meem Paaez, Rofinho ou Bofinho, filho de D. Paay Godins, da geração de D. Godinho Veegas, fundador do convento de Villar de Frades que lhe deu nome. — Cf. *P. M. H.: Script.* 353 e 354 e *Inquis.* p. 475s., 480, 482. Como feudo amissivel teve de voltar á coroa por morte de D. Mendo, lá perto de 1189.

1) Confiram-se os versos de Bernaldo de Bonaval, mencionados mais acima a p. 460, n. 1.

Ay eu coitada como vivo
en gran desejo por meu amigo
que tarda e non veio! muito me tarda
o meu amigo na Guarda![1])

O direito de atribuir essa cantiga ao amante da Ribeirinha, colho-o, combinando as allusões á Guarda com a rubrica em prosa que a acompanha no **CB**.

Esta, simples nota de registo, de mão e letra de Colocci como quasi todas, acha-se anteposta á cantiga e inscripta na margem inferior da folha antecedente (100ᵛ), a qual está em branco.[2]) E diz, tresladada, sem duvida alguma, de fonte tão velha e boa como todas as com que o douto humanista enriqueceu os treslados dos seus amanuenses:

R° outro R° das Cantigas q̄ fez o mui nob' Rey don Sancho de poit (che) e diz ai eu coitada como uiue. Leio: *Registo: outro Rolo* (i. é rotulo, ou folha membranacea enrolada) *das Cantigas que fez o mui nobre rey don Sancho de Portugal.*[3])

Verdade é que a folha immediata, cujo texto principia positivamente com a cantiga: *ai eu coitada,* vem encabeçada, em contradicta com este assento, pelo proprio humanista com o nome de outro auctor diverso: *El Rey don affonso de Leon.*[4])

---

1) **CB 456**. Admira que o segundo distico não apresente rima nova, rezando:

Ay eu coitada como ando
en gran desejo por meu amado.

Mas pelos annos 1200, esse requinte artistico talvez ainda não estivesse inventado. — Um *ay, e,* ou *que* no começo do segundo hemistichio dos versos 3 e 7 soava melhor.

2) A folha 100 e o verso da 99ª talvez estejam em branco porque ahi acabava um caderno de papel no treslado, e outro de pergaminho no original repartido entre diversos copistas. Cf. Cap. IV. — Neste caso o intervallo pode todavia ter significação ainda de mais peso. Com a cantiga antecedente (**CB 455**) findava, a meu vêr, o Cancioneiro primordial, alfonsino. O que segue e forma a ultima parte do Cancioneiro de Amor, consta de obras varias, attribuidas a reis peninsulares (de Leão, Castella e Portugal), seguidas de algumas de Estevam da Guarda, Pero d' Ornellas, e do Conde de Barcellos e foi colleccionada a meu ver por este, posteriormente e a custo.

3) Considero *de poit* como treslado erroneo de *de port' = de Portugal* (cf. **CV 919**); e *de ponit.* no *Indice* como accrescento ou interpretação arbitraria de alguem que se lembrava de Sancho II, *o deposto.* Em todo o caso, mesmo esse vocabulo attesta que a letra primeira é um *p,* o que alias é posto fóra de duvida pela nota: *alia lectio: ī portugal.*

4) A nota de Colocci, relativa ao rei Alfonso e que diz „*Bembo dice di Ragona figlio di Berenghieri,*" prova apenas que entre os reis peninsulares que poetaram, Alfonso II de Aragão era o que lograra mais renome.

Sem proceder á identificação d'este D. Affonso, i. é sem examinar se devemos referí-lo ao Leonês (coevo, genro e inimigo figadal de Sancho) ou ao Sabio de Castella[1]) cujos versos se seguem logo depois, e tambem sem primeiro entrar em pormenores sobre as demais cantigas difficillimas, contidas nas ff. 101 a 103[2]) e sua distribuição entre Sancho e os Alfonsos, direi simplesmente que o rei de Portugal, Sancho o Velho, é o unico rei-trovador cuja estancia na Guarda portuguesa posso provar, assim como o seu particularissimo interesse por esta cidade — situada numa das cordilheiras da Serra da Estrella, em altura tal que descobre um vasto horizonte de quinze a vinte leguas — forte, fria, feia, mas fidalga e fiel, segundo o dictame popular que a trata de cidade dos quatro ou dos cinco ff.

Foi no anno 1199 que Sancho I deu em Coimbra foral á *Guarda*, que acabava de fundar e povoar como que em resposta á fundação leonesa de Ciudad-Rodrigo — outorgando-lhe todas as regalias exigidas pela sua situação no meio da longa linha de castellos que haviam de proteger o reino contra invasões de inimigos, quer christãos, quer musulmanos.[3])

Neste mesmo anno, ou durante os trabalhos da fundação, creio foi escrito pelo filho de Affonso Henriques o mais antigo entre todos os *cantares de amigo* em disticos parallelos, ainda imperfeitamente harmonizados, que posso apontar nos nossos cancioneiros, o qual é ao mesmo tempo uma das mais archaïcas poesias portuguesas.

§ 352. *Generos cultivados pelos poetas do* **CA**. Creio ter demonstrado igualmente que ao periodo proto-historico e prehistorico pertence a creação, respectivamente a intro-

---

1) Inclino-me a crêr que temos ahi poesias de Sancho, no *verso* da folha algumas de Alfonso IX de Leão, seguindo-se depois as do Sabio de Castella, de Nº **465** em deante.

2) Algumas são cynegeticas e humoristicas. A **457**ª é um joguete ligeiro mas engraçado, no qual um rei caçador moteja da mofina de certo D. Gil, e mais dos podengos de riba Sil (riacho que nasce nas Montanhas de Leão e desagua no Minho, na Galliza). A **458**ª contém a descripção burlesca de certa Sanch' Anes, gorda e enroupada, a ponto que a cavallo semelhava uma gavela enorme de trigo. A **459**ª trata de um cão chamado *Alvôr*. Ao leitor lembro que, *Alcôr* é uma povoação do Algarve, conquistada por Sancho I em 1189, com ajuda de cruzados estrangeiros. Mas ... Alvôr não é Alcôr.

3) Vid. *P. M. H.: Leges* 508; Herc. II, 96; *Elucidario* 3; *v. Garda.* — Tão importante era essa fundação que a vemos mencionada na *Cronica General* f. 370.

ducção de todos os generos poeticos e quasi todas as especies cultivadas pelos trovadores peninsulares, com assombrosa elegancia, unidade de linguagem e esmerada versificação. Comquanto o **CA** seja um Cancioneiro de Amor, uma parte importante do Livro das Donas e do Cancioneiro de Burlas é obra d'esses mesmos vates alfonsinos e pre-alfonsinos, v. g. *Sancho I, D. Gil Sanches, João Soares de Paiva* e os *Velhos.* Por outra, os trovadores da côrte do Bolonhês e seus antecessores, e tambem os portugueses e gallegos residentes em Castella, exercitavam-se nos tres generos consagrados e em quasi todas as variedades de que resta noticia.

Excepcionalmente houve na época toda — já o narrei no Cap. IV — alguns magnates que, desprezando os outros dois ramos, escreveram apenas canções de amor, ou satiras, exclusivamente; e bastantes jograes que não se apegaram senão ás diversas categorias de cantares de amigo, ou a esses e ás parodias burlescas, pelo motivo imperioso que num dos paragraphos seguintes hei de tornar a memorar.[1]) No espaço de tempo que o **CA** abrange, temos como exemplo de tal exclusivismo, no campo satirico a *Ayras Peres Vuiturom, D. Lopo Dias, Pero Garcia d'Ambroa* e por ventura a *Alfonso IX;* no campo erotico a *João Soares Somesso.* Entre as composições dos trovadores satiricos alfonsinos de Castella são dignas de menção as chufas de *Gil Peres Conde.*[2]) Entre as dionysiacas as de *Estêvam da Guarda.*[3])

§ 353. Deixando o exame minucioso dos generos para outro logar assentarei provisoriamente os topicos seguintes. Entre os compositores mais archaïcos alguns nunca empregaram o *refram,* ou só por excepção, como o poeta *Osoir' Eannes.* Exactamente d'esses mesmos não conhecemos cantâres de amigo.[4]) As suas canções de amor ainda não mostram o convencionalismo de ideias nem as formas estereotypicas da idade aurea,[5]) e aproximam-se mais um tanto

1) Entre os aristocratas, não houve, parece, um unico que assim procedesse.

2) Vid. *Randglosse* V.

3) Vid. Cap. IV, p. 212, Nota.

4) Trovadores houve que por capricho vestiram senhorilmente os seus cantares de amigo, transformando-os em obra de mèstria, em decasyllabos e estrophes de seis versos ou mais. Lembrem-se de *João de Guilhade.*

5) Vid. **CA 316—318**; **320—325**; **328**, **330**, **333**, **339**, **357** de *Airas Moniz, Diego Moniz, Osoir' Eannes, Nuno Fernandes de Mirapeixe* etc.

das creações aulicas dos trovadores da Provença. Pelo contrario, os que se esmeraram nos generos singelos e populares, adoptaram o *refram* tambem para algumas das suas cantigas de amor e de escarnho; mas a principio só de longe em longe. São dignos de reparo os exemplos fornecidos por *Sancho I* (respectivamente por *Alfonso IX*). Vimos como *Alfonso X*, que emprega o estribilho em todos os seus Hymnos e Milagres Marianos e em varios sirventeses, collocando-o sempre á frente, como verdadeira cabeça e thema da poesia, desapprovava ainda assim certos generos typicos da Galliza ou certas particularidades de metrificação, usados por *Bernaldo de Bonaval* e *Pero da Ponte,* como indignas de figurarem na côrte em criações palacianas. A conclusão que *cantigas de refram* e *cantares de amigo* nunca foram equivalentes, embora os ultimos entrassem quasi sempre na categoria das primeiras, parece-me segura. E tambem que muitas obras de jograes de côrte, não obstante o seu caracter e feitio popular, estavam, desde o principio, impregnadas do ar da côrte quanto ás ideias e quanto á metrificação. Só os soberanos — *Sancho I* e *D. Gil Sanches* — podiam usar afoitamente o distico popular, de medição irregular. Menos seguras são as outras conclusões que os cantares de amigo ainda não haviam conseguido entrada franca nos paços *castelhanos* com todas as suas variações: *cantos de romaria, bailadas, cantigas de vilão,* em disticos encadeados e de repetição, quando, antes ou pouco depois de subir ao throno, *Alfonso X* motejava do estylo d'aquelles dois segreis gallegos — estylo que, de resto, o proprio rei imitou quanto á versificação nos Hymnos e Louvores, e mesmo em varios Milagres narrativos e que alguns dos seus trovadores tentaram aclimar em versos profanos nessas salas onde os artistas da Provença costumavam fazer ouvir as suas canções cultas e complicadas. O proprio rei . . . ou os clerigos gallizianos que poetavam segundo as suas indicações. Tão pouco posso decidir se esses innovadores precederam a *Fernam Figueira de Lemos, Pay Soares* e os cavalleiros de *Calheiros* e de *Sandim* que occupam o logar primazial no Livro das Donas.[1]) Creio, porém, que não; o ramo galliziano arraigou apparentemente primeiro na côrte de Sancho I de Portugal[2]) [e na de Alfonso IX de Leão], sendo levado para Castella por luso-gallegos um tanto posteriores, como *Bernardo*

---

1) Vid. Cap. IV, § 159.
2) Cf. § 386.

de Bonaval, Pero da Ponte, Pero Gomes Barroso, Pay Gomes Charinho.

Com relação aos dizeres de escarnho, em parte repugnantes pela excessiva rudeza, em parte surprehendentes pelo humor viril e pelo desempeno da phraseologia, mostrei que mais de um magnate português se absteve de os compôr. Entre os que brandiram o facho e latego juvenalesco, alguns como *Vuiturom,* o grande Abutre, e o senhor de *Baião,* não desceram ao nivel baixo dos histriões, nem nunca se mediram com os infimos freqüentadores de tabernas e casas de tavolagem no campo defeso da calumnia e maledicencia, obscenidades, caçurrias e palavrões, guardando, pelo contrario, as regras da cortesania tanto na escolha dos assuntos como na linguagem circumspecta de que se serviram.[1]) De Sancho I, ou digamos do auctor das cantigas **CB 455—464**, póde dizer-se o mesmo. Pelo outro lado, tive de notar que dos paços do Sabio de Castella e do seu proprio „varoneu"[2]) sahiram os mais envenenados libellos, as mais dissolutas pasquinadas carnavalescas. Basta citar mais uma vez a Balteira, a Meijouchi, e *tutte-quante,* as suas relações com Pero d'Ambroa, Pero d'Armea, Pedr'Amigo de Sevilha, Bernaldo de Bonaval, Affons'Eannes do Cotom. Este facto levou-me a suspeitar que o exemplo do mais erudito e genial, mas ao mesmo tempo do mais »problematico« entre os monarcas do sec. XIII, foi neste campo tão pernicioso como fôra benefico em muitos outros.

As cantigas de amor, todas — *não sómente as do nosso* **CA**, *como é costume asseverar* — são de enorme monotonia, pobreza e convencionalismo quanto ás ideias, ás expressões e ás formas metricas. *As mais antigas — como agora mesmo estabeleci — ainda assim não teem feições byzantinamente immoveis, nem vivem de repetições, como as dos poetas alfonsinos e dionysiacos.*

Uma pequena minoria de homens de talento, poetas de profissão, como logo hei de expôr, que estudaram mais a fundo a litteratura provençal e a francesa, esforçavam-se evidentemente a tornar mais variadas as suas obras pelo menos formalmente, empregando

---

1) Do senhor de Biscaia podemos dizer o mesmo. As suas cantigas de escarnho são burlas inoffensivas, sem peçonha nem villania. Igualmente as de *Gil Peres Conde.*

2) Desculpem o neologismo, que é traducção de ἀνδρών = *Männergemach, sala de homens,* e formada sobre *gyneceu, lyceu, museu.*

processos difficultosos como o do *leixaprem*[1]) da *canção redonda,*[2]) o *rondel,*[3]) as *rimas grammaticaes.*[4]) Ao mesmo tempo tentaram introduzir especies novas como pastorelas,[5]) descordos,[6]) prantos,[7]) gestas jocosas[8]) ou, com intenção moralizadora, sirventeses criticos, amorosos, historicos.[9]) Taes innovadores trabalharam na era alfonsina, e alguns ainda anteriormente na de Fernando III: perto de 1250 Martim Soares, Vuiturom, D. Lopo Dias, Pero da Ponte, o cavalleiro Sueir'Eannes;[10]) de 1250 em deante Pedr'Amigo de Sevilha, o senhor de Baião, Coelho, Aboim e os tres insignes compostelanos João Ayras, Ruy Fernandes e Ayras Nunes. Do confronto exacto das obras de poetas castelhanos com as de portugueses, apurar-se-ha talvez no futuro, quanto mais intensamente os primeiros se penetraram da arte provençal.

O lais, introduzido não sabemos por quem, se por Gonçal' Eannes do Vinhal ou João Lobeira, se depois de 1297 por D. Pedro de Aragão, ou por outrem; e o romance historico, de que apenas se conservou um especimen,[11]) relativo a acontecimentos de 1295,[12]) obra do clerigo de Santiago que citei mais acima, são os unicos generos de que não se pode provar o terem existido antes de D. Denis.

§ 354. *Periodização.* — O codice membranaceo da Ajuda deu-nos 310 composições, *todas de amor.* De 157, pouquissimas das quaes não cabem bem nesse campo, coordenei os *Appensos.* Para possuirmos completo o Cancioneiro de Amor dos poetas alfonsinos e pre-alfonsinos faltam, parece, umas trinta a cincoenta, o que

---

1) **CA 290.**
2) **CV 650** de *João Ayres* e **685** de *Pedr' Amigo.*
3) **CA 292.**
4) **CA 289, 304; CV 681** e **689** *Pedr' Amigo*; **CV 867** *Lourenço.*
5) **CV 278** *D. João de Aboim*; **CV 451** *Ayras Nunes.*
6) **CV 963** *D. Lopo Dias;* **CB 470** *Alfonso X;* **CA 389** *Nun' Eanes Cerzeo;* **CV 487** *Martim Moxa.*
7) **CA 460—465** *Pero da Ponte.*
8) **CV 1080** *Affonso Lopes de Baião.*
9) **CV 1088** *Ayras Peres Vuiturom.*
10) Vid. **CV 965, 1117, 1170, 1179, 1181** e **CB 143.**
11) **CV 466.**
12) Vid. *Randglosse* X.

elevaria a somma a quinhentos, pouco mais ou menos.[1]) Sendo de 744 a totalidade, conforme deixei exposto no Cap. IV, a época de D. Denis e dos epigonos teria ministrado apenas mais um terço.[2]) E d'esse terço, a melhor parte é obra do proprio rei (76 composições). Tal proporção, a ser exacta, obriga evidentemente a considerar como idade mais fertil da arte trovadoresca, ou pelo menos da canção palaciana de amor, a idade alfonsina de 1245 a 1280 (respectivamente de 1252 a 1284), e não os annos de 1280 a 1350 (respectivamente 1325).

Embora D. Denis seja de facto, individualmente, o mais fecundo entre todos os trovadores de amor[3]) — e quasi o unico cujo nome, com o de seus bastardos, a historia havia perpetuado —, a pleiada de fidalgos que o circumda, incluindo os jograes que affluiam á sua côrte, é muito menos numerosa e nem de longe possue o brilho, a originalidade, o viço e fervor da que poetou em volta de Affonso III, e principalmente junto ao Sabio de Castella.

Reservo para o futuro averiguar, se as mesmas proporções são validas com relação ás outras duas partes do Cancioneiro Geral. Do Cancioneiro de Burlas creio poder desde já affirmar que sim. Quanto aos Livro das Donas, o contrario seria possivel. Antes de nos pronunciarmos seria, comtudo, preciso apurar a chronologia dos muitos jograes obscuros, os quaes com exclusão dos demais generos, cultivaram o cantar de amigo, por forma que vissemos quantos foram realmente coevos de D. Denis.[4])

---

1) As de *Gonçal' Eannes do Vinhal, João Lobeira, Ayras Nunes, João Ayres* e mais algumas. — Cf. Cap. IV, § 161. Conto publicá-las logo que esta obra tenha sahido a lume.

2) Cf. Cap. IV, § 161. Se circumscrevermos a epoca historica ou documentada da arte trovadoresca pelas datas 1200 a 1334, caberiam aos decennios predionysiacos 6 a 7 cantigas de amor por anno, e aos dionysiacos e post-dionysiacos apenas 3 a 4, e isso apesar de as producções do proprio rei se haverem conservado mais completas. Se incluissemos na conta as Cantigas Marianas de *Alfonso X*, a proporção sahiria ainda muito mais desfavoravel para os circulos de D. Denis.

3) É muito possivel que a abundancia da colheita regia e a exiguidade da colheita dos demais trovadores tenha a sua explicação no maior cuidado com que aquella foi arrecadada; e que a mesma interpretação valha para os versos religiosos de Alfonso X.

4) Lang tem-os em conta de trovadores dionysiacos, conforme deixei dicto nos §§ 99 e 107 da *Resenha Bibliographica.* Assim tambem Menendez y Pelayo (*Antologia* III, p. XVII). Eu inclinei-me a pensar do mesmo modo. Julgando dever vindicar para o rei-trovador uma innovação qualquer que explicasse o seu fervor poetico e o renome que alcançou, imaginei que in-

A concepção que reputa idade aurea o tempo de D. Denis, era naturalissima e justificavel quando os romanistas começaram a occupar-se da irradiação da moderna poesia lyrica até ao extremo occidente da Europa. Sabiam que *D. Denis,* discipulo de Aymeric de Cahors, fôra o primeiro rei de Portugal com educação litteraria e afrancesada e que esta innovação era resultante da prolongada estancia do filho segundo de D. Affonso II, em companhia de alguns aristocratas e mais pessoal português, na brilhante e alegre côrte de São Luis, e em Bolonha (de França) onde se havia acostumado a apreciar a arte de trovar. Conheciam o Cancioneiro de D. Denis (na edição de Lopes de Moura), as Trovas anonymas do Cancioneiro da Ajuda, attribuidas ao filho do monarca nas impressões de Lord Stuart e Varnhagen, mas não dispunham senão de noticias vagas sobre o conteudo do apographo vaticano e das Cantigas de Santa Maria. Não admira portanto que, considerando apenas *Alfonso X* e alguns cortesãos do que fôra Conde de Bolonha como precursores de *D. Denis,* collocassem o desabrochar da arte lyrica peninsular na segunda metade do sec. XIII, e o seu apogeo em 1325, fazendo dos paços do português o verdadeiro berço e ninho de onde ella tomou o voo, propagando-se pela peninsula inteira.[1])

A attribuição dos cantares anonymos do **CA** ao filho do mesmo rei, se de um lado é fruto d'aquella concepção, contribuiu, pelo outro, para fomentar essa theoria, e actuou mesmo nos criticos, aos quaes a opinião de Varnhagen não merecia fé.[2]) É verdade que essa erronea e incompleta comprehensão se foi modificando desde que a publicação dos apographos italianos levou a um estudo

---

troduziu o cantar de amigo entre os generos trovadorescos (*Zeitschrift* XIX). Hoje, porém, estou certa que, embora de facto cultivasse com particular graça e predilecção pronunciada esse genero de origem popular, não foi D. Denis quem lhe deu fóros de palaciano.

1) Veja-se por exemplo Diez, *Kunst- und Hofpoesie,* p. 1: *gegen Ende des 13. Jahrhunderts;* Milá y Fontanals, *Trovadores,* p. 528 e ss.; Bartsch, *Grundriss,* 44; Bellermann, *Die alten Liederbücher,* 8—9; F. Wolf, *Studien*, 705 e 715; Paul Meyer, *Romania* I, 120 e V 265.

2) Torno a recordar ao leitor que na opinião primitiva de Varnhagen, a qual prevaleceu de 1849 a 1870, as cantigas do **CA** seriam escritas entre 1325 e 1350 por um auctor nascido perto de 1290, em louvor de uma dama que vira a luz do mundo em 1313. Sendo neta do rei-trovador D. Denis, essa casou em 1328 com outro neto do mesmo monarca — o ultimo dos trovadores, D. Affonso XI —, enviuvou em 1350 e falleceu ao cabo de mais sete annos.

mais aprofundado da época, conforme historiei na ementa bibliographica da *Primeira Parte*. Monaci reconheceu que muitas cantigas eram da primeira metade, ou mesmo de principios do sec. XIII.[1]) Lang estabeleceu que a arte palaciana deve ter começado no ultimo quartel do sec. XII, e culminado de 1245 em deante, uma vez que as antigas canções gallaïco-portuguesas hoje subsistentes datam na sua maioria dos principios do sec. XIII.[2]) Eu, que datei essas canções, defendi a mesma these desde 1892.[3]) Menendez y Pelayo a final chegou independentemente a encarar a perfeição da linguagem e dos ritmos como indicio claro de uma elaboração poetica muito anterior, cujos monumentos primevos teriam perecido.[4])

Não será fóra de proposito lembrar agora que o cavalleiro pobre João Garcia de Guilhade já lamentava, em meado do sec. XIII, a decadencia das duas artes palacianas: a de trovar e a de amar.[5])

Mas estas theses que escorei e ampliei pelas notas sobre Sancho I e a Ribeirinha, longe de andarem vulgarizadas, ainda não tiveram applauso algum. Estrangeiros e nacionaes continuam a propagar opiniões inadequadas.[6]) Em Portugal, apresentam-nas sob um aspecto peculiar, perniciosamente influenciadas como vão por um elemento espurio: a supersticiosa e secular fé naquellas apregoadas reliquias apocryphas do tempo dos Affonsinhos, que alguns patriotas pouco escrupulosos forjaram na época calamitosa de 1580 a 1640, e que eu desadoro e renego com todo o vigor da minha consciencia de philologa. E como as datas, em parte correctas, em parte inexactas, fixadas nos trabalhos de Th. Braga, o qual, infelizmente, ainda não se resolveu a engeitar decididamente aquellas mystificações, deixam na mente dos leitores uma miragem extremamente confusa da evolução da arte trovadoresca, ainda hoje Portugal affirma e ensina ás novas gerações, talqual nos tempos do phantasioso Faria e Sousa, que os portugueses já trovavam á provençalesca no reinado do primeiro rei, sendo um dos cultores

---

1) *Circa il cominciare del sec. XIII.* — **CV**, p. V.
2) **CD**, p. LXXX e XXXI.
3) *Grundriss* II^b, § 173ss. e *Zeitschrift* XIX, 593ss.
4) *Antologia* III, 10, e 17—18.
5) **CV 370.**
6) O proprio Menendez y Pelayo repete as datas 1252—1357 (*Antologia* III, 47); e Jeanroy, *Origines*, 337s. colloca os principios da arte gallaïco-portuguesa no segundo terço do sec. XIII.

da arte — e cultor requintadissimo — o seu aio, o legendario Egas Moniz, ou um sobrinho d'elle, mas que a maior e melhor parte dos *innumeraveis* poetas que o Portugal Antigo produziu, superiores a todos os do estrangeiro, pertence ao cyclo dionysiaco.[1]) *O que é duas ou tres vezes falso.*

Num quadro representativo da arte trovadoresca, como a entendo, a época toda deve ir dividida em seis partes:

o alvorejar — até 1188: periodo prehistorico,
a madrugada — até 1245: periodo protohistorico,
o meio-dia — até 1280: *idade aurea, alfonsina,*
a tarde — até 1300: periodo dionysiaco,
o crepusculo — até 1350: tempo dos epigonos,
a noite — de 1350 em deante: interregno poetico, ou tempo de transição para a época segunda.

A manhã foi incerta e turva; o sol do meio-dia, esplendido; a longa tarde, de um encanto particular. Creio, de resto, que D. Denis desenvolveu a sua principal actividade poetica nos primeiros decennios da sua maior-idade, dos dezasete aos quarenta, i. é desde o anno em que, concluida a sua educação por Aymeric e seus adlatos franceses, ou afrancesados como D. Domingos Jardo, o progenitor lhe estabeleceu casa, addindo-lhe fidalgos-trovadores juvenis, escolhidos nas familias dos *Velhos, Redondos, Coelhos, Briteiros,* assim como *João Lobeira,* e pelo menos um veterano da era bolonhesa em *D. João de Aboim.*[2]) De 1300 em deante entrevejo um rapido decahir que os bastardos, o chanceler, o cunhado, e alguns filhos e netos de trovadores afamados não souberam sustar, nem tão pouco os jograes acorridos de toda a parte. Do tempo de D. Pedro I e D. Fernando, o formoso namorado, nem uma só poesia authentica de auctor português se conservou, visto como o auctor do bilingüe lamento satirico sobre D. Leonor Telles de Meneses, a *flor de altura,* está desconhecido.[3]) Apenas no horizonte, da banda da Galliza,

---

1) Veja-se p. ex. o *Manual de Litteratura portuguesa* de Mendes dos Remedios, Coimbra 1898, §§ 5, 6 e 9. — Felizmente, começa a fazer-se luz entre os que directamente estudam documentos archaïcos. — Vid. Ayres de Sá, *Gonçalo Velho* II, 362.

2) Com relação a Alfonso X estou igualmente persuadida, como já frisei em mais de uma occasião, que este genio phenomenal principiou a poetar muito antes de, aos trinta e tanto, subir ao throno do pae, em cuja côrte a musica e a poesia, exercidas por trovadores peninsulares e occitanicos, já haviam logrado favor e brilho. — Cf. mais acima p. 461.

3) Pode ser, fosse o proprio *D. Lourenço da Cunha* a quem, no dizer do vulgo, D. Leonor posera *cuernos de oro;* ou *D. Affonso XI,* i. é aquelle que lh'os pos. — Cf. Cap. V, § 196.

algumas estrellas fulgiam, como a de *Macias,* o Namorado, morto de paixão. Do lado do oriente, clarores cada vez mais vivos annunciavam uma nova alvorada. No centro, as fanfarras estridulas e joviaes do genial Arcipreste de Fita já haviam proclamado a independencia e o viço das musas castelhanas, tambem no campo lyrico.

§ 355. *Regiões conhecidas dos trovadores.* — Um mappa em que se inscrevessem todas as terras, paises, provincias, cidades, aldeias, villas, castellos, casaes, herdades, serras, rios que apparecem nomeados como logar de nascimento, propriedade, tenencia, ou residencia de trovadores, e igualmente as localidades que serviram de scenario ás suas cantigas ou nellas apparecem citadas de passagem, apresentaria um numero consideravel de verbetes. A maior parte pertencia ás regiões da Galliza leonesa e da portuguesa, aquém e além Minho, ou digamos do mar até ao Doiro e Mondego. Depois viriam Castella a Velha, e Leão. E são exactamente estes ultimos que se repetem mais vezes. Em seguida, a Estremadura e Beira portuguesa, a Estremadura leonesa e a Andaluzia. Não ficavam em branco o Alemtejo, o Algarve, Murcia. Nem mesmo Aragão, Catalunha e Valencia, Navarra e Biscaia. Surprehende não haver nos Cancioneiros, além de *Asturias* (*Esturas*) e *esturiano, asturão,* um unico nome geographico das regiões cantabricas, tanto mais que certos versos populares que persistem tradicionalmente, como a canção. *Ay un galan d'esta villa* e *Ay Juana cuerpo garrido,* estão intimamente ligados pela forma e pela essencia, ás bailadas e aos cantares em disticos encadeados da época gallaïco-portuguesa. Seria a elaboração de cantares de gesta que occupava os poetas d'aquella provincia? e a recitação d'elles, i. é o *rezar de romances,* alternada com a preleição de historias de grandes feitos de armas, nas salas de jantar dos cavalleiros, a especialidade de jograes asturianos?[1]) Dominaria já então no Norte o gosto por episodios epicos cultos de historia nacional — narrações das façanhas do Cid, Conde Fernam Gonçalves, Infantes de Lara e Bernardo del

---

P.S. O pequeno problema foi ultimamente ventilado por Menendez y Pelayo na *Antologia* X, 304, por Lang no seu *Cancioneiro Gallego-Castelhano* (1902) e poeticamente resolvido por Th. Braga, no Poema Epico dos *Doze de Inglaterra* (1902).

1) Cf. *Siete Part.* II, — 20—21. D. Juan Manuel, *Libro de los Estados,* Cap. LIX e LXVII.

Carpio, que pouco a pouco se foram desagregando das gestas, ganhando independencia e vida propria, no centro da monarquia?

Do mundo extra-peninsular algumas noticias se filtraram, naturalmente nos circulos mais cultos. A maior parte é relativa á França e Bretanha, Italia e Terra Santa; Paris e Montpellier como universidades; Ruão, Chartes, Cambray, Arras, Marselha e Montpellier como emporios commerciaes; o *Puy de Roland* e Roncesvalles como sitios do principal cyclo epico; Rocamador como santuario de fama; a Borgonha e Bolonha por causa de allianças dynasticas de Portugal; Marrocos, Roma, Meca, Jerusalem, os Tartaros, pela sua importancia universal. Naturalmente esses nomes não occorrem nas canções de amor, mas apenas nos sirventeses historicos, nas satiras e tenções, e nas narrativas milagreiras de Alfonso X.

Provisoriamente vou intercalar aqui a lista alphabetica dos nomes geographicos que extractei dos textos, incluindo os *Cantares de Santa Maria,* mas com omissão de todos os pormenores sobre a sua freqüencia, os factos alludidos, as cantigas onde occorrem. Os que resaltam da linha typographica são os que fazem parte de nomes de trovadores;[1]) os extra-peninsulares vão *em grifo.*

Achelas
Acre
Africa
Aguadalfaiara
Aguadalquivir
Aivar
Alamanha
Alanquer (Alenquer)
Albuquerque
Alcalá
Alcantara
Alcaria
Alem-Douro
Alem-Mar
Alfanx
Algarve
Alhariz
Alicante
Alvim
Amarante
Ambia
Ambroa
Andaluzia
Anha
Aragon
Arcos
Ardeleiro
Ardon
Armea
Armenteira
Arnado
Aronches
Arouca
Arras
Asme
Asturão
Axamor
Badalhouce
Baguin
Baião
Barcellos
Barreto (?)
Bearn
Beira
Beja
Beleen
Belenha
Benamarin
Benavente
Beote
Beesteiros
Biscaia
Blandiz
Bolonha
Bonaval
Borgonha
Braga
Bretanha
Briteiros
Bugia
Burgos Burgalês
Cabreira
Çacadeven (?)

1) Desejei juntar a este volume o mappa geographico organizado para o meu uso. Desisti comtudo, em vista das justas reclamações do editor. Fica reservado para outra publicação menos dispendiosa.

Pedregaes
Peiteus (Poitou)
Penacova
Pisa
Poio de Roldan (Puy de R.)
Ponte de Limia
Ponte (A)
Porto
Porto de S. Maria
Portocarreiro
Portugal
Prazença
Pulha (A)
Proença, proençal
Quinhones
Redondela
Requeixo
Requena
Riba de Limia
Ribela
Roan
Rocafiel
Rocamador
Roma
Ronçasvales
Ronda
Runa
Salamanca
Saldanha
Salerno
Sande
Sandin Sendin
Sansonha
Santaren
Santiago
Santa Cecilia
S. Clemenço
S. Clemente
San Fagundo
San Felizes
S. Juião
S. Leuter
S. Marcos
S. Maria de Faro
S. Maria das Leiras
S. Maria de Leça
S. Maria do Lago
S. Marta
S. Martinho
S. Mamede
S. Nicolao
S. Ovaya
S. Pedro
S. Simão
S. Treeçon
S. Salvador
S. Salvador da Torre
S. Servando
Sar
Sarria
Sẽa (vid. Cea)
Seabra
Segonça (Sigüenza)
Segovia
Sentirigo
Sesserigo
Seixons (*Soissons*)
Sevilha
Sicilia
Silves
Sintra (vid. Cintra)
Sortelha
Sousa
Sousela
Soveral
Talamancos
Talaveira
Tamariz
Tarazona
Tarifa
Taveiroos
Telha
Tenoiro
Terena
Tocha
Toledo
Tolosa
Tortosa
Touro
Trancoso
Tudia
Tuy
Ucres
Ulhoa
Ultramar
Ulveira
Val de Prados
Valadares
Valença
Valongo
Valhadolid
Vasconcellos
Veer
Vigo
Vila Real
Vilasirga
Vinhal (O)
Viseu
Vitoria
Viviães
Xerez

§ 356. *Nacionalidade dos trovadores.* — Quanto á sua proveniencia acentuei a miudo e de proposito dois factos diversos. É o primeiro que os principes e magnates da peninsula inteira, ligados por innumeros laços de parentesco entre si e com as casas reinantes, formaram, até a constituição definitiva das monarquias hespanholas, uma só e grande communidade, muito embora ella poucas vezes andasse fraternalmente unida. Brigas de familia, ou entre familias rivaes, revoltas contra os soberanos, ateadas com freqüencia pelos bastardos das casas reaes ou pelos esposos das bastardas, mas tambem pelos filhos legitimos; desterros, desnaturações voluntarias eram

acontecimentos vulgares nos seculos XII, XIII e XIV. Leoneses e gallegos, castelhanos e aragoneses refugiaram-se em Portugal, em exilio forçado ou voluntario, e isso não só emquanto a questão da independencia do novo reino e dos limítes continuava sendo um problema. Tuy, Toronho etc. fizeram freqüentemente parte de Portugal. D. Affonso Henriques foi durante annos senhor de Astorga e Çamora. Um rei de Leão dominava em Toledo de 1162—1174. Muitos gallegos possuiam herdades do lado sul do Minho; muitos portugueses, na margem opposta. Portugueses expatriados apparecem até 1230 na qualidade de vassallos dos reis de Galliza e Leão,[1]) e posteriormente na côrte de Fernando III, Alfonso X e os successores immediatos. Em 1211 foram os partidarios das Infantas, adversos a D. Affonso II, que sahiram do reino e se ligaram ao Leonês. No cerco de Almeria, nas Navas de Tolosa, em todas as empresas grandes contra os Infieis, houve guerreiros de Portugal. Principalmente no quarto e quinto decennio os commettimentos emprehendidos para reconquista da Andaluzia impelliram barões, cavalleiros e aventureiros a seguir o pendão de São Fernando e seu filho, batalhando em Cordova, Jaen, Martos, Sevilha, na Veiga de Granada e em Murcia. De 1245 a 1248 um punhado de amigos de Sancho Capello acompanharam-no a Toledo, conservando-se, com mais ou menos demora, ao lado do Infante D. Alfonso, protector do destronado, e de D. Mecia, sua viuva. Não admira se com elles e atrás d'elles foram trovadores e jograes da Galliza e de Portugal, dispostos a tentarem fortuna na côrte magnifica do bibliophilo coroado que protegia as letras e as artes efficazmente, como nunca monarca algum. O proprio mester exigia que andassem terras para se inteirarem das ultimas novidades, augmentando o seu repertorio e travando relações com mestres conspicuos e Mecenas opulentos e liberaes.

§ 357. O segundo ponto que frisei é que as poesias do **CA** são na maioria obra de portugueses. Nas parcellas conservadas no codice membranaceo são nobres de cá os que signalizei como cortesãos do Bolonhês: os senhores de *Aboim, Baião, Briteiros,* os *Sousas, Redondos, Velhos, Coelhos,* e em Hespanha *D. Vasco Gil, Pero Gomes Barroso, D. Estêvam Peres Froiam.* Entre os que

---

1) Veja-se mais abaixo o § 380.

suspeito figurassem outr'ora no codice, antes d'elle ter sido saqueado: *D. Gil Sanches, Pero Mafaldo, Fernam Fernandes Cogominho,* os senhores de *Bèsteiros, Palmeira* e *Paiva.* Por junto dezoito, ou vinte, se contarmos os gallego-portugueses *João Lobeira* e *Gonçal' Eannes do Vinhal.*

Reconheci gallegos illustres em *Charinho, Ulhoa, Tenoiro, Seabra, Tamalancos;* outros, de menos categoria, no *Camanês* e em *João Garcia de Guilhade:* uns nove portanto. Castelhanos, ou vassalos del rei de Castella, surgiram apenas no senhor de Biscaia *D. Lopo Dias,* que não entrou na **CA** por ser auctor apenas de versos de escarnho; e no senhor de Cameiros, *D. Rodrigo Dias,* cujas obras estão perdidas. Além d'isso no *Burgalês.* Os aragoneses tambem são poucos e vieram tarde,[1] no sequito da rainha D. Isabel (1282) ou com o meio-irmão d'ella (1297), *D. Pedro d'Aragão,* do qual não possuimos legado algum poetico assignado.[2] A este numero pertence, quanto a mim, certo *Caldeirom,* auctor do curioso sirventês que principia:

Os d'Aragon que soen donear,
(e) catalães con eles a perfia,
leixados son por donas a lidar;
van-s acordando que era folia.[3]

Por isso, nenhum figura na nossa collecção, salvo *Martim Moxa,* cujo estado, nacionalidade e chronologia é problematica, como o leitor sabe, mas que supponho clerigo e suppus um dia addido á casa do luso-aragonês D. Miguel Vívas.[4] A razão por que *Pedr' Amigo* se chamou *de Sevilha* é desconhecida. Julgo quasi impossivel que lá *nascesse* um poeta do cyclo alfonsino.[5] De fóra-parte veio um

---

1) Entre os que vieram com Dona Dulce, não descobri nenhum que tenha interesse para os nossos fins.

2) O leitor sabe qual o tenue fundamento da supposição de os *Lais de Bretanha* serem obra sua.

3) **CV 1157.** — A jovialidade dos Catalães já era proverbial em principios do sec. XIII. O mesmo grave auctor que gaba a loquela dos Gallegos, a eloquencia dos Leoneses e a musica dos Bretões, menciona *Cathalanos in laetitia.* — Cf. Milá, *Trovadores* 61, Nota 61. — O emperador Frederico I, Barbarossa, só havia gabado a sua belleza: *a dona catalana* e *o corpo aragonês.*

4) Quanto a N. F. de Mirapeixe, parece mais natural ser da Galliza. A respeito de alguns que não teem logar no **CA**, veja-se o Post-Scriptum que acompanha o Cap. VI.

5) Em 1266 e 1277 havia na Galliza um clerigo *Pedr' Amigo,* citado na *Rev. Crit.* II, 233, conforme deixei indicado mais acima. Das velleïdades

illustre poeta de Genova, *Bonifacio Calvo*, e talvez *Picandom*, emissario do Mantuano *En-Sordello*, eminente trovador italo-provençal, cujas canções eram conhecidas a *D. João Soares Coelho*. Mas *Picandom* mal podia ser de grande fidalguia; quando muito escudeiro-segrel.

Dos clerigos e escudeiros, burgueses e villãos, que apresentei como poetas avantajados, a maior parte tem origem gallega, no sentido lato da palavra.[1]) Basta nomear novamente *Martim Soares*, o de Riba de Lima; os tres compostellanos *Ruy Fernandes, João Ayres, Ayras Nunes; Pero da Ponte* e *Pero Garcia d'Ambroa*. Elles predominam no Livro das Donas, conforme anteriormente indiquei. Tambem no Cancioneiro de Burlas. E posto que neste ultimo compita o primeiro logar a Alfonso X e subditos d'elle, cujo berço desconheço, como *Gil Peres Conde* e *Vasco Peres Pardal*,[2]) logo depois vem os gallegos *Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom, Pero d'Ambroa, Pero d'Armea, João Baveca, Pero da Ponte.*

§ 357. *Côrtes regias onde poetaram.* — A parte que cabe aos hispanos κατ' ἐξοχήν na poesia amorosa é restricta, de onde concluiremos que os castelhanos antigos ligaram diminuta importancia aos generos lyricos. Mas isso não estorvou de modo algum que tanto os trovadores da Provença como os peninsulares jornadeassem de preferencia no territorio castelhano-leonês, com demora mais ou menos prolongada tambem no reino catalano-aragonês e em Navarra. Dos da Provença hei-de tratar no Capitulo seguinte. De poucos, oriundos de Castella, consta viessem a Portugal com o intuito de se dedicarem á arte. Creio estar neste caso, durante a era de D. Affonso III, sómente o Burgalês, e certo *Alvelo* cujos

---

religiosas do poeta do **CV**, que se metteu ermitão, tive a dizer duas palavras na Biographia do seu collega *Pero Garcia d'Ambroa*.

1) De passagem seja notada a natural propensão de escritores modernos, oriundos da Galliza, para reivindicarem para a sua patria todos os trovadores e jograes com nomes e appellidos que de facto nella occorrem ou pelo menos ahi podiam muito bem ter havido curso. Neste empenho esquecem-se das innumeras concordancias na toponymia e no onomastico da Galliza de aquém e de além Minho. E esquecem que para cada um dos casos é preciso proceder a um inquerito especial, examinando nobiliarios, chronicas, documentos; e ponderar as revelações contidas no proprio cancioneiro. — Cf. Cap. I, Nos 75 e 77.

2) Logares de honra são devidos a um gallego-luso *Ayras Peres Vuiturom*, ao portuguesissimo senhor de *Baião* e ao biscaio-castelhano *D. Lopo Dias*.

versos estão perdidos.[1]) Subdito do Sabio, mas gallego de nascimento, era tambem *Pay Gomes Charinho,* mas pouco sabemos das suas viagens. Entre não-nobres ou de pequena fidalguia, considero trovadores de profissão, que naturalmente jornadeavam muito, *Pero da Ponte, Bernal de Bonaval*, *Pero Garcia d'Ambroa.* Só ao declinar do gosto trovadoresco não só na Provença e no reino cis-pyrenaïco de lengua-d'oc mas tambem nas Hespanhas, é que os ultimos cultores da lyrica archaïca affluiram á ultima Thule, encostando-se a D. Denis e seus filhos bastardos para em breve, depois do sol-posto, refluirem desilludidos para a côrte dos netos: Alfonso XI de Castella e D. Maria de Portugal, onde já então o Arcipreste começava a fazer espalhar cantigas em castelhano castiço. A este numero pertencem *Caldeirom,* o aragonês já citado; o joglar *João,* morador em *Leão;* o gallego *João Fernandes d'Ardeleiro.*[2]) O fecundo burguês de Compostella *João Ayres* veio, calculo eu, no primeiro tempo de D. Denis, i. é ainda em fins do reinado do pae.[3])

Entre os muitos principes e nobres que então, e anteriormente nos tempos alfonsinos e pre-alfonsinos, se internaram cá, por motivos politicos ou familiaes, a sorte quis que fosse poeta apenas *Mem Rodrigues Tenoiro,* acompanhado por-ventura do seu jogral *Juião Bolseiro.*[4])

---

1) Na cantiga **CV 64** Alfonso X refere-se a *Alvelo que andou em Portugal,* mas sem allusão á sua eventual actividade poetica. Pode ser fosse o mesmo *Martim Alvelo* que figura no processo da ama (*Randglosse* I, 55), e tambem, que pertença á familia de *João de Gaia.* Vid. p. 587 Nota 1; cf. **CV 1025, 1079, 1092.**

2) **CV 934.** As cantigas **CV 597, 609** e **638** são provas da sua residencia numa côrte.

3) Ouvimo'-lo implorar protecção a um rei de Castella contra um seu rival. No fim da cantiga exclama:

> *se justiça non mi val*
> *contra rei tan justiceiro,*
> *ir-m'ei ao de Portugal* (**CV 563**).

Mais tarde elle informa-nos pela boca de uma *fremosinha* de que realmente para lá fôra, e allude a *dõas de Portugal,* trazidas *de cas del rei* (**631**). O epitheto *justiceiro,* que alguns incautos poderiam achar-se dispostos a referir a D. Pedro I, foi applicado indistinctamente a varios, quando não a todos os reis peninsulares, p. ex. a Alfonso XI (vid. Menendez Pidal, *Cronicas Generales,* c. 19) e a D. Jaime I de Malhorca (vid. D. Juan Manuel, *Libro del Escudero,* p. 444 da ed. Rivadeneyra). No tempo do Sabio o vocabulo era tão usado, que por contraposição, o proprio rei inventou e utilizou *torticeiro* nas Cantigas de S. Maria. A uma cantiga de João Aires (**CV 594**) respondeu Pedr' Annes Marinho (**CV 523**).

4) **CV 786.**

Os poetas portugueses, pelo contrario, afastaram-se freqüentes vezes da côrte a que pertenciam por nascimento. Fica, porém, duvidoso se deveremos reconhecer nessa tendencia as primeiras manifestações do estrangeirismo e cosmopolitismo dos habitantes da costa, ou antes a grande força de attracção, exercida pelo vasto, expansivo e esplendoroso reino central que nos seculos XII e XIII, principalmente de 1212 em deante, continuava a actuar com intensidade sobre peninsulares outr' ora unidos a Leão, especialmente no tempo em que o liberalissimo rei-musagete soube chamar para Toledo, Burgos, Valhadolid, Carrion, Palencia e Castrojeriz e premiar com prodigalidade trovadores occitanicos e gallaïcos.

Entre os barões portugueses que haviam emigrado em 1211 com os Infantes D. Pedro e D. Fernando, ha dois ou tres trovadores, pelo menos: *D. Garcia Mendes d' Eixó*, e seus filhos *Mem Garcia* e *Fernam Garcia*(?), da familia dos Sousas. No meio dos que sahiram do reino por occasião dos disturbios de 1245 achava-se provavelmente *Ayras Peres Vuiturom*, um dos mais energicos partidarios de Sancho II, fosse ou não filho de gallego.[1]) Entre os conquistadores da Andaluzia que batalharam sob o balsão do Infante D. Pedro ou sob o guião do Mestre Pay Peres Correia, temos *D. Vasco Gil*, *D. Affonso Lopes de Baião*, *Pero Barroso*, *Gonçal' Eannes do Vinhal*, *D. João* e *Gonçal' Eannes*, e os *Redondos*.[2]) Como embaixador esteve

---

1) Cf. p. 623 Nota 6.

2) Eis a lista dos que vejo mencionados no *Livro do Repartimento de Sevilha*. Precedido só da rainha-viuva Jeanne de Ponthieu, dos Infantes e do alferes-mór, apparece o Infante D. Pedro de Portugal. *Diol Marcaloba a que puso el rey nombre Barcelona o Bacalona que es termino de Alcala del Rio y ha en ella 10 000 pies de olivar e de figueral e por medida 160 arançadas. E diol veinte yugadas de heredad para pan año y vez en Chorã que es en termino de Hazn-alcasan e fue dada por 200 arançadas.* — En Gensena o Villa-Hermanos receberam territorios *Gonçalo Yañez Vinhal* e o Mestre *D. Pelai Perez*. — Gelmus, nomeada de ahi em deante *La Portogalesa*, em termo de Tejada, com 50 000 pés de oliveira e figueira em 1220 arançadas, foi distribuida entre os seguintes cavalleiros, cujos nomes estão deturpados em varios casos:

Martim Gil Claraes (sic) com 60 arançadas e 6 jugadas,
D. Blasco Gil (sic) 60 e 8,
Manrique Gil 50 e 6,
Juan Gil 50 e 6,
D. Juan Redondo 50 e 6,
Gonçal' Ibañes
Martim Çote
Pero Belo (sic, por *Velho*),

em relações com o filho de *D. Lopo Dias*, em vida de Sancho Capello, o Sousão *D. Fernam Garcia Esgaravunha,* e depois da sua morte, o privado do Bolonhês, *D. João d'Aboim. João Velho* teve de ir a Aragão no reinado do successor. *Martim Soares* e *D. João Soares Coelho* realizaram, creio eu, espontaneamente e só por amor á arte o plano de andarem terras e medir-se nos paços de São Fernando e Alfonso X com poetas estrangeiros.[1]) Outras viagens ha, cujo motivo está occulto. Nestas condições especializei a ida de *D. João Soares de Paiva,* o qual vimos residir em 1213 no Nordeste da peninsula, em terras limitrophes de Aragão, Navarra e Castella; na vizinhança portanto de trovadores de lingua d'oc e guerreiros notaveis que haviam tomado parte na acção das Navas de Tolosa e estavam relacionados com poetas provençaes. Mais longe foi *Pero da Ponte* que surgiu em Navarra, e talvez continuasse até Valencia.[2]) Os Pyreneos foram transpostos por alguns partidarios do Bolonhês. De *Ruy Gomes de Briteiros* sabe-se que esteve em França (Lyon e Paris), embora pouco tempo. *D. João de Aboim*

Pero Bravo,
Pai Correa,
Ruy Martinez,
Gonçalo Ibañez de Portocarrero,
Blasco Gomes Cagonga,
Egas Martin,
Ruy Martinez de Cumanes,
Pedro Home,
Martin Petera (irmão do anterior),
Lopo Armillez,
Ruy Garcia de Pania (i. é *Pauia = Paiva*),
Lorenzo Paes de Alvarenga,
Rodrigo Abre (sic, por *Abreu?*),
Duran Flores,
Gonçalo Nuñez,
Fernan Rodriguez.

Cada um com 40 arançadas e 6 jugadas. Como Gallegos são nomeados, além do Conde D. Rodrigo Gomez, de Traba: *Pay de Mera, Fernan Varela, Juan Redondo, Pero Barroso.* Áparte, sem indicação da nacionalidade, *Alfonso Lopes de Bayan,* conforme expliquei mais acima. — Ignoro quem acompanhou a Murcia o Infante D. Fernando de Serpa, *nos seus feitos de armas.*

1) **CV 786** *Joan Soares, de pran, as melhores | Terras andastes que eu nunca vi.*

2) Do trovador *Rodrigu' Eannes,* nomeado na cantiga **CV 562** e **1032**, nada sei de seguro. — Cf. p. 615 Nota 4.

demorou-se longamente em Boulogne e Paris.[1]) Com relação ao auctor da cantiga *Quantos aqui d' Espanha son*[2]) é duvidoso, se a escreveu em Portugal, em Catalunha, na Galliza, ou em um pais extra-peninsular, uma vez que a palavra *Espanha* tinha na epoca trovadoresca dois sentidos, conforme lembrei,[3]) o mais lato para a peninsula inteira, o mais restricto para Castella e Leão. *Pero d'Ambroa*, esse estacionou em Montpellier onde alguns doutores como *Mestre Nicolas* foram estudar, e peregrinou até S. Maria de Rocamador, santuario muito visitado por devotos peninsulares.

§ 359. O notavel facto de terem sido gallegos os melhores jograes de côrte leva a presumir em vigor, desde os dias de Alfonso Raimundez VII, a tradição de reis e nobres chamarem das terras, e escolas cultas de Santiago não só escrivães, e illuminadores, instrumentistas e cantores para o serviço das igrejas, mas tambem cantadores, cantadeiras e bailadeiras, para solaz dos grandes nas festas palacianas. Como ainda terei de fallar da importancia de Santiago, baste aqui esta fugitiva indicação.

§ 360. Quanto á lingua, tão pouco é este o logar de nos occuparmos d'ella. O leitor não pode esquecer, e isto basta por ora, que todos os trovadores se serviam do idioma gallego-português. Apenas dois reis de Leão e Castella, *Alfonso X* e *XI*, recorreram ao castelhano. De cada um resta uma unica poesia.[4]) Ha, ainda, tentativas do rei Sabio em provençal em tenção com um desconhecido *D. Arnaldo*,[5]) que provavelmente era provençal. Além d'isso apenas as do clerigo illustrado *Ayras Nunes de Santiago*[6]) e do português *D. Garcia Mendes d' Eixo*.[7]) Em francês só temos os

---

1) As familias dos Cunhas e Pereiras que acompanharam Alfonso III em todas as suas acções, não produziram trovadores.

2) **CA 33**.

3) Vid. § 210 e entre as *Annotações* do Vol. I a que diz respeito á cantiga **33**.

4) **CB 471** e **CV 209**.

5) **CB 477**. — De Narbonne?

6) **CV 460** e **461**.

7) Cantiga **CB 454**, dirigida a *Roy de Spanha*, nome que recorda o de tres trovadores provençaes, de origem peninsular, a que terei de referirme mais tarde. O sentido do resto da notula de Colocci escapa-me. As letras dizen: *a mō fal Vro cō condado.*

dois versos de *D. Fernam Garcia Esgaravunha.*[1]) Varias citações em latim, de textos biblicos e juridicos.[2])

§ 361. *Camadas sociaes de que sahiram os trovadores.* Não foi possivel apurar notas e datas a respeito de todos. De alguns, nem mesmo o nome é conhecido.[3]) Em outros casos a attribuição que tentei, fica em controversia.[4]) Com relação aos de baixa posição, cujo nome se conservou sem mais pormenores, quasi sempre ficou baldado o empenho de pelo menos estabelecer com exactidão a idade, proveniencia e estado social. São meramente hypotheticas algumas das minhas lucubrações.[5]) Entre os não-nobres, ou de pequena fidalguia, apenas uma minoria avantajada por dotes naturaes, e que por isso vivia á sombra dos palacios, em contacto com magnates e ricas-donas, soube introduzir nos seus versos referencias a personagens e acontecimentos que permittem fixar com precisão o tempo e o meio onde floresceu. Estão neste caso *Martim Soares, Martim Moxa, Pero da Ponte, Pero Garcia d'Ambroa,* e entre os que citei de passagem *Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom, Pedr' Amigo de Sevilha, João Baveca, Lourenço, Juião, João de Leão, João Fernandes d'Ardeleiro.*

Tratando-se de senhores de alta gerarquia, alguma coisa pude colher nos Nobiliarios, em Annaes e Chronicas, nas Leis e Inquirições, em Cartas, Diplomas e Escrituras de doação, venda, casamento, testação. E visto que a nobreza, incluindo os reinantes, foi a classe que ministrou maior contingente de poetas, se bem que todas tomaram parte no cultivo da arte trovadoresca, não fomos ainda assim muito infelizes nas nossas investigações biographicas.

São justificadissimas a pesar d'isso as duvidas do leitor sobre se todos os trovadores que tentei identificar serão realmente os personagens de nome igual que occorrem nas provas da idade-media, ou apenas homonymos. Bem pode ser que errasse aqui ou acolá. Mas como não me tenho restringido á simples procura de nomes, inter-

---

1) **CA** 126.
2) **CV** 1088, 1183, 73 etc.
3) *Desconhecido* II, III, IV, V.
4) *Desconhecido* I, em quem tentei reconhecer *Ruy Gomes de Briteiros; Desconhecido VI,* em quem julgo ter descoberto a *Martim Moxa* (vid. Cap. IV, Misc. 74); *Rodrigu' Eannes Redondo* (ib. Misc. 49); *Mem Rodrigues Tenoiro* ou *Cobolilha* (ib. Misc. 60).
5) *Torneol, Camanês, Padron, Solaz, Pardal, Cerzeo.*

pretando, pelo contrario, as allusões a logares, individuos, successos, instituições, e como os resultados combinam assaz bem, e estão em harmonia com factos incontestaveis: creio que no conjuncto não terei desacertado. 1)

§ 362. Entre os poetas de linhagem de que resta memoria, tive de mencionar quatro ou cinco monarcas: *Alfonso X,* o unico auctor de versos sacros, *Alfonso XI* com só um cantar de amor, ambos de Castella e Leão; *Sancho I de Portugal,* e seu bisneto *D. Denis,* que foi entre os auctores de versos profanos o que maior numero de obras nos legou. Quanto a *Affonso IX,* o Leonês, até hoje não cheguei a convicção alguma. Vimos em seguida varios bastardos regios: *D. Gil Sanches,* filho da Ribeirinha e de Sancho I o Velho, de Portugal; *D. Affonso Sanches* e o *Conde de Barcellos,* ambos elles prole de D. Denis, e ainda *D. Pedro do Aragão,* bastardo de En-Peire III e meio-irmão da Rainha Santa. 2) A elles estendem a mão irmanalmente magnates de estirpe antiga, aparentados com a casa real, por descerem de infantas illegitimas, ou por casamento com ellas. 3) Estão neste caso *D. Abril Pires de Lumiares,* neto de D. Affonso Henriques; o *Conde D. Gonçalo Garcia,* genro de Affonso III; *D. Lopo Dias,* sogro de Sancho II por D. Mencia de Haro 4) e sobrinho da terceira esposa de Fernando II de Leão.

---

1) P. S. Das paginas, dedicadas pelo erudito auctor da *Historia de Santiago* a alguns trovadores que tem na conta de compostelanos, resulta que por causa de homonymia pode haver duvidas a respeito de *Abril Pires, Juião, Osoir' Eannes, João Lobeira, Men Rodrigues Tenoiro, Lourenço, João Velho.*

2) Certo *Sancho Sanches,* auctor da cantiga **CV 4** podia, pelo nome, ser filho de um reinante. Mas na falta do titulo de *Dom* e de toda a nota explicativa seria mais prudente considerarmo'-lo como pequeno fidalgo ou burguês, ainda que nada mais soubessemos d' elle. Encontrando, porém, um auctor de cantares de amigo de nome igual, documentado como *clerigo* pela rubrica respectiva (**CV 524**), torna-se muito provavel que se trate de um e o mesmo individuo.

3) Creio que a essas competia a fórma feminina, correspondente ao antigo titulo nobiliarchico *dom,* i. é o archaïsmo *minhana* de *miana, meana* por *miona mcona < meadom' na,* que occorre nos Nobiliarios e nas Cartas. Bastará citar a minhana visigotica *Mumadona*, a qual terei de apresentar brevemente ao leitor.

4) Os coevos, especialmente os de Hespanha, consideravam-na e trataram-na officialmente de *Rainha.* — Vid. *Memorial Historico* I, 64 e 277, III, p. XVII; Herculano II, *App.* 28; Padre Fidel Fita no *Boletin Real Acad. Hist.* XXXIII, fasc. de Julho a Set. do anno de 1893.

A' primeira ordem da nobreza pertencem, além d'esses acostados da casa real, varios chefes de linhagem, grandes senhores de vassalos e terras privilegiadas em que não entravam officiaes del rei. Vimo'-los dar leis e fóros, e confirmar escrituras de toda a especie como privados e conselheiros do monarca; como *tenentes* incumbidos da administração militar de districtos; investidos nos cargos mais elevados da curia, na qualidade de mordomos-móres, chanceleres, alferes.

Eis a lista dos trovadores ricos-homens que usavam do titulo *Dom,* em signal do sangue azul mais puramente gotico ou franco que os distinguia do vulgo mozarabe.

D. Abril Pires [de Lumiares],
D. Affonso Lopes de Baião,
D. Arnaldo . . . . . **CB 477**,
D. Estêvam Peres, Froiam (de Trastámar),
D. Fernam Fernandes, *Cogominho,*
D. Fernam Garcia [de Sousa], *Esgaravunha,*
D. Fernam Paes, de Tamalancos,
D. Garcia Mendes, d' Eixo,
D. Garcia Martins,
D. Gomes Garcia, abbade de Valhadolid.
D. Gonçalo Garcia [de Sousa],
D. João Lopes, d' Ulhoa,
D. João Mendes, de Briteiros [ou Bèsteiros?],
D. João Peres, d'Aboim,
D. João Soares, Coelho,
D. Juano . . . .
D. Mem Gomes, de Briteiros,
D. Per' Eannes, *Marinho,*
D. Pero Gomes, *Barroso,*
D. Rodrigo Dias, dos Cameiros,
D. Roy Gomes, de Briteiros,
D. Roy Gomes, *o Freire,*
D. Vasco Gil [de Soverosa][1]).

---

1) Como se vê, o nome dos Grandes compõe-se, por via de regra, de quatro elementos: do titulo de *Dom,* de um prenome, do patronymico, e do appellido que é geographico e só excepcionalmente alcunha, fundada em patranhas heraldicas (como no caso dos *Marinhos,* que derivam de uma *Sereia*), quando não em particularidades individuaes (*Cogominho, Esgaravunha, Coelho, Barroso*), ou na posição social (*o Freire*). Os nomes geographicos (de terras) denotam senhorio, e *ipso facto* nobreza. Na hierarchia moderna esses grandes proprietarios seriam titulares. Mesmo antigamente chamavam-se freqüentemente *Condes* (como p. ex. o proprietario de Villa do Conde, e os grandes da Galliza).

D. Jusep era provavelmente um financeiro Judeu. Sem o titulo de *Dom* apparecem outros importantes senhores de terrras:

Affonso Mendes, de Bèsteiros,
Ayras Moniz, d'Asme,
*Estevam Annes, de Valladares,
Fernam Figueira, de Lemos,
Fernam Gonçalves, de Seabra,
Fernam Rodrigues, de Calheiros,
Fernam Soares, de Quinhones,
*Gonçal' Eannes, do Vinhal,
*João Soares, de Paiva,
João Vasques, de Talaveira,
*Martim Eannes, Marinho,
Mem Rodrigues, [de] Tenoiro,
Mem Vasques, [de] Folhete,
Nuno Fernandes, de Mirapeixe,
Nuno Rodrigues, de Candarey,
Pae Soares, de Taveiroos,
Pero Gonçalves, de Portocarreiro,
Pero Mendes, da Fonseca,
*Pero Rodrigues, da Palmeira,
Pero Velho, de Taveiroos,
Rodrigu' Eannes, de Vasconcellos,
Ruy Martins, do Casal,
Ruy Martins (?), d' Ulveira,
Ruy Paes, de Ribela,
Vasco Praga, de Sandim,
Vasco Rodrigues, de Calvelo.[1])

* * *

1) Ainda aqui o nome geographico indica senhorio, salvo erro. Mas nem por isso contém informações absolutamente seguras, por causa da freqüente homonymia entre logares das diversas provincias hispanicas, e tambem por causa das allianças de familia e da instabilidade das fronteiras, em virtude das quaes fidalgos portugueses possuiam dominios em Hespanha e fidalgos hespanhoes terrenos em Portugal. Os senhores de Seabra, Calheiros, Sandim, Candarey, Ribela, e entre os não-nobres os poetas oriundos de Ponte, Requeixo, Cangas tanto podem ter nascido àquém como àlém-Minho. A mesma incerteza subsiste a respeito de alguns filhos d' algo ou burgueses, individualizados apenas pelo sobrenome: *Somesso, Corpancho, Cerzeo, Torneol, Queimado, Solaz, Pardal, Barreto.* — A differença dialectal dos nomes geographicos e de pessoa não era respeitada. Era uso da epoca nacionalizar tudo — procedimento ainda hoje observado entre os Gallegos, mais ainda do que em Portugal (aqui mesmo repare-se na pronuncia dos nomes germanicos *Keil, Mayer, Cohn, Vanzeller, Von Hafe*). Em Castella chamavam p. ex. *Senabria, Tenorio, Florianes, Ibañez, Blasco* os que no occidente eram denominados *Seabra, Tenoiro, Frojães, Eannes, Vaasco;* e viceversa. Se lá fallavam como cá de *San Fagundo, Belforado* etc. é porque eram essas as formas do antigo castelhano, que só posteriormente evolucionaram, passando a ser *Sahagun Velorado.*

Ayras Peres, *Vuiturom*[1])
Estevam Fernandes, *Barreto*,[2])
Fernam Rodrigues, *Redondo,*
Fernam Velho,
Gil Peres Conde,
João Lobeira,
João Soares, *Somesso,*
Martim Annes, *Marinho,*
Martim Peres [de] Alvim,
Pay Gomes, *Charinho,*
Pero Mafaldo,
Rodrigu' Eannes, *Redondo,*
Vasco Peres, *Pardal.*

Com relação a varios, o titulo de *Dom* falta nas rubricas do cancioneiro apenas por descuido.[3]) A maioria porém forma, quanto a mim, a segunda ordem da nobreza, a dos *infanções*: aristocratas de illustre origem, mas que pouco figuram em monumentos de legislação, por não terem estado em posse das mais altas funcções publicas, quer fosse por falta de idade, quer por falta de meios ou influencia, como succedera a *João Peres d'Aboim* e *Ruy Gomes de Briteiros* até, entre 1245 e 1248, receberem das mãos do Bolonhês com terrenos importantes as insignias do rico-homem: *pendão e caldeira para armar e criar vassallos.*[4])

---

1) Na poesia **CV 1023** appellidam-no *Don Buituron.* Talvez ironicamente, por causa da sua sobranceria? Mais abaixo indico a possibilidade de elle ser filho de um *magister* gallego.

2) *Barreto* póde ser alcunha, ou nome de logar gallego. Neste caso falta-lhe a preposição *de.*

3) Marquei com asterisco os que estão, quanto a mim, nestas condições.

4) Quanto á formação da palavra deve-se ter em vista que o suffixo *-on,* hoje de valor augmentativo, teve na linguagem archaïca certo travo depreciativo — vid. *escudeiron, jograron, citolon,* talqual *-az* em *ricomaz, escudeiraz, frocaz, fumaz, ricaz, prumaz, falpaz.* É possivel que originariamente se desse o titulo de *infanções* apenas aos filhos dos ricos-homens (*divites homines*), como o de *infantes* se reservava aos filhos dos reis. Mas a hypothese carece de prova. De 1093 em deante até 1300 e tantos, o termo, cahido posteriormente em desuso e substituido por *fidalgo,* designava o homem nobre por linhagem, de categoria inferior ao rico-homem, mas acima do que era simplesmente cavalleiro: *milites non infimis parentibus ortus, sed nobiles genere necnon et potestate.* — Cf. *Partida* II, 1, 13: *E como quier que estos vengan antiguamente de buen linaje e ayan grandes eredamientos, pero no son en cuenta destos grandes señores* (scil. dos Condes, Duques etc.). *E por ende non pueden nin deven usar de poder, nin de señorio, en las tierras que han, fueras ende en tanto quanto les fuere otorgado por los privillejos de los emperadores e de los reyes.* —

Alguns da minha ementa entrariam mesmo por *nefas* na lista dos grandes e pertencerão ao terceiro grau da nobreza: *cavalleiros* (de linhagem, ou de espora dourada), uns de grande estado e poderio com pretenção a infanções,[1]) como os de *Calheiros, Sandim, Calvelo, Lobeira;* outros com medianos haveres, ou mesmo reduzidos pelos vaivens da fortuna a um só escudo e uma só lança, como por ventura *João Garcia de Guilhade, Ruy Queimado, Nuno Fernandes Torneol, Nun' Eannes Cerzeo, Nuno Peres Sandeu.*[2])

Chegados a essa categoria defrontamos com serias difficuldades. Não soffre duvida que do terceiro grau da nobreza, e do quarto dos *escudeiros,* sahiu um nucleo de poetas, muito distinctos por talento natural, saber e arte e pelo sincero esforço de criarem obras de valor. São exactamente esses cavalleiros e esses escudeiros de pobre geração (juntamente com alguns burgueses afazendados, alguns clerigos, meia duzia de populares, e um ou outro homem de linhagem) que constituem a confraria dos verdadeiros privilegiados, e criaram as melhores obras. D' esses, documento algum falla, a não ser por excepção; as rubricas elucidativas pouco dizem, e não são infalliveis as conclusões que tiro das poesias subsistentes, da composição dos nomes de auctor, e suas relações sociaes. Marcar a

---

Esp. Sagr. XXXVI, *App.* 37, p. LXXXI; *P. M. H.: Leges:* 202, 203, 204, 290; J. P. Ribeiro, *Observações Diplomaticas,* p. 86; Severim de Faria; *Portugal, Discurso* III, § 22; Brito, *Mon. Lus.* IX, c. 13; R. Menendez Pidal, *Infantes de Lara,* p. 442; Gama Barros, *Hist. da Administr.* I, 398 ss.

No Cancioneiro *infançon,* com o fem. *infançoa* (**CV 1024**), occorre muito a miudo, com maior freqüencia ainda do que *ricome* (*ricomaz*), com o fem. *ricadona* (**CV 1024**). — Temos *ricome* nas cantigas **CV 365, 912, 979, 1027, 1047, 1053, 1054, 1079, 1082, 1167, 1174, 1177, 1204; CB 461, 464, 1516, 1531.** *Infançon,* as mais das vezes com relação a Castella, occorre nas cantigas **CV 946, 947, 948, 957, 963, 985, 1001, 1002, 1024, 1029, 1031, 1103, 1163, 1166, 1168, 1170; CB 376, 1525, 1531, 1552, 1556.**

1) Na cantiga **CV 1002** falla-se de um cavalleiro *que se ten por infançon;* na **945ª** a mesma pessoa é tratada ora de *cavalleiro,* ora de *infançon.*

2) Nos textos vemos especificados como *cavalleiros*-trovadores apenas, entre os do **CA**, ao senhor de *Calheiros* e o de *Sandim* (**CV 227**); e entre os demais a *Pero Goterres* (ib. 509), *Affonso Fernandes Cobolilha* (**CV 1143**) respectivamente *Cubel,* e *Sueir' Eannes* (**965**), cujos versos estão infelizmente perdidos. Vid. mais abaixo. Muito possivel é que, além dos citados no texto, fossem cavalleiros ou infanções ainda *Ayras Soares, Osoir' Eannes, Estêvam Reimondo, Estêvam Travanca, Fernand' Eannes, Reimondo Gonçalves, João Garcia Sobrinho;* e mesmo *Pero d' Ornellas, Ayras Vaaz, Fernam Padrom,* que mais abaixo conto entre os não-nobres.

cada um com precisão o seu posto na hierarchia social é portanto impossivel.

Se os fidalgos pobres, para os quaes o sustento de cavallos e armas era um dispendio excessivo e os que cometttiam acções indecorosas, deixavam de ser nobres,[1]) seus filhos (moços ou donzeis até aos quatorze, e escudeiros em seguida) gozavam de menos credito ainda, no caso de, chegados á idade competente de vinte e cinco (resp. 21), não poderem entrar na ordem dos cavalleiros,[2]) por escassez de fortuna ou por desdouro no brasão.[3]) Não faltam dizeres de escarnho que respirem profundo desdem por nobres envilecidos.[4]) Verdade é que, além dos cavalleiros e escudeiros de linhagem, havia outros de origem plebeia — villões cuja importancia e cujos bens lhes permittiam ter armas e cavallos, e que sujeitos a serviço militar de cavallaria nos fossados annuaes e por isso isentos de certos tributos, eram considerados como aristocracia popular.[5]) Mas como formam excepção, e como as ambições d'esses *equites a plebe* deviam ser bem diversos, sómente criticos muito escrupulosos poderão ficar indecisos sobre a categoria dos que apparecem designados com o simples titulo de *escudeiro.*[6])

E são: *Pero da Ponte,* o corcunda de intelligencia aguda; *João de Gaia,* filho de clerigo; e *João Fernandes d'Ardeleiro.* Tenho na mesma conta a *Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom, João Baveca, Pero Garcia d'Ambroa,* no qual me inclinei a reconhecer tambem a prole de algum clerigo de boa familia, e *Pedr' Amigo*

---

1) Segundo Herculano, nem mesmo o cavalleiro de um só escudo e uma só lança era nobre. *Hist. Port.* IV, 327 e 401. Gama Barros não estabelece tal differença. Nem tão pouco o velho linhagista. — Vid. *Script.* 345.

2) A respeito dos *escudeiros* consulte-se Gama Barros I, 402 e 406; *Leges* 203.

3) Para subir á categoria de cavalleiro, exigia-se fidalguia de linhagem conhecida até os bisavós. — Gama Barros I, 400.

4) **CV 961** *a um escudeiro que non era ben fidalgo e queria ser cavaleiro;* **968** *a un escudeiro de pequeno logo.* — Com respeito a *cavalleiros* vid. ainda **CV 909, 910, 945, 967, 994, 998, 1093, 1098, 1143, 1164**; com respeito a *escudeiros* **CV 417, 468, 556, 708, 919, 921, 933, 968, 970, 1043, 1058, 1061** etc.

5) Nos Nobiliarios apparece um, rico e poderoso, casado com uma fidalga (*Script.* 333). No Cancioneiro temos outro (**CV 927**).

6) A *escudeiros* e *cavalleiros-villões* referem-se as cantigas **CV 1043, 1141, 1164**; cf. Gama Barros I, 400, 495 e 504.

de Sevilha. Com relação a este, tenho duvidas. Não é impossivel que fosse frade-apostata, sahido de qualquer ordem religiosa.[1])

O clero não deu numerosos auctores de versos de amor, embora naquella era as guerras continuas não os eximissem de serviços militares e o casamento lhes estivesse permittido, ou pelo menos usual a ponto de as *barraganas de clerigos* formarem casta especial. Tive de enfileirar entre os trovadores de linhagem apenas quatro prelados: *D. Gil Sanches*, o mais honrado clerigo do seu tempo; *D. Vasco Gil,* que fôra d'epistola; *D. Ruy Gomes, o Freire,* não sei se *Templario* ou *Hospitaleiro; D. Gomes Garcia,* abbade de Valhadolid e valido de D. Sancho IV de Castella. Simples clerigos não faltam. Fica todavia duvidoso se todos haviam tomado ordens, ou se *clerigo* (*clerc*) tem apenas o sentido de *letrado* ou *escolar,* i. é pessoa secular com aprendizagem theologica e literaria, mais ou menos extensa, que costumava ajudar á missa, em habito-talar.[2]) Os que são expressamente designados como clerigos, são *Ruy Fernandes, de Santiago* (CV 514); *Ayras Nunes,* tambem *de Santiago* (CV 454); *Pay de Cana* (ib. 521) e *Sancho Sanches* (524). Creio devemos juntar-lhes o nome de *Martim Moxa*, um dos pensadores mais letrados da época; *Nun' Eannes Cerzeo* (< *cercinus* = tonsurado); *Pero Moogo,* jogral-monge, se a minha suspeita de *Móogo,* provir de *móago* < *monăchus* fôr justificada;[3]) talvez *Pero Martins*;[4]) e *Martim Alvites d'Alemquer,* auctor durante algum tempo de jogos de escarnho e em seguida de cantares devotos, segundo affirma Alfonso X.[5]) É verdade que a *jograria* e *tafuraria* era defesa aos ecclesiasticos,[6]) mas não menos verdade que as leis, os cancioneiros,

---

1) Acêrca de *Pedr' Amigo* veja-se p. 609 a Nota 5. — Cf. **CV 913** *e o que se sal da orden, chaman-lhe apostata.*

2) Como objecto de maledicencia surgem naturalmente mais alguns ecclesiasticos, p. ex. um arcebispo de Tuy (**CV 468**), outro de Braga (**CV 1088**) o de Viseu (**1062**), um bispo de Conca (**1193**), um prior, e varios commendadores dos Hospitaleiros (**1120**). Mas só o de Viseu é figurado como amigo não direi da arte de trovar, mas pelo menos de certas trovas de folgar, aptas a serem cantadas *inter pocula.*

3) Na *Rev. Crit.* I, 348 ha noticia de um Pedro Moogo, clerigo de Sanfiiz (S. Felix, hoje Sanfins), vivo no anno 1271. — Cf. *Inquirições* I, 46; *Nova Malta* I, § 103 e II, 220 (*Payo Moogo*). A repetição do vocabulo como distinctivo podia, de resto, indicar que de alcunha já passara a appellido.

4) **CV 1020.** — Vid. *Randglosse* III.

5) **CM 316.** — Vid. mais abaixo no § 397 os trechos das *Sete Partidas,* relativos aos clerigos tafues.

6) **CV 928** e **931.**

os concilios, as constituições dos bispados, os livros de linhagem e muitos documentos de legitimação fornecem provas abundantes da relaxação dos costumes do clero e dos religiosos.[1] No tempo trovadoresco tomava-se e largava-se o habito com facilidade extrema: prohibições sob comminação de penas rigorosas succederam-se até meado do sec. XV, sem resultado sensivel.[2] Para o nosso fim bastará evocar mais uma vez a curiosa figura do que no seculo XIV foi o typo consummado do clerigo-jogral, especie de goliardo hispanico ou mozarabe, escolar noctivago, sempre namorado, freqüentador de tabernas, incansavel tangedor de toda a casta de instrumentos, poeta de grande facilidade e talento: o genial auctor do *Libro de buen amor,* repleto de fabulas e patranhas, e de mais de dez folhas de trovas lyricas, sagradas e profanas, infelizmente perdidas: serranilhas realisticas, endechas, bailadas, louvores da virgem, chançonetas, rondas de tunantes, trotalhas, versos caçurros, cantigas para namoradas christans, judias e moras, prantos e endechas.[3]

Escolares de Santiago, Toledo, Palencia e Salamanca, doutores de Montpellier, mestres em leis ou theologia, formados em Bolonha e em Paris, surgem a miudo na galeria dos typos desenhados.[4] Mas só um pode ser contado entre os trovadores, e isso apenas conjecturalmente, entre aquelles cujas obras se perderam: *Mestre Nicolas,* um dos fisicos de Alfonso X.[5] Quanto ao muito instruido e engenhoso *Ayras Peres Vuiturom,* suspeito ser filho de um *Magister.*[6]

---

1) Cf. Herc. II, 380, Nota II onde cita as queixas de S. Bernardo sobre a insolencia dos clerigos e a negligencia dos bispos. Além das cantigas citadas a p. 613 Nota 2, vejam-se as cantigas **CV 14, 455, 978, 1005, 1048, 1111, 1133, 1136, 1137.**

2) *Part.* I, 6, 34. — Em 1317 no Concilio de Talavera resolveram o seguinte: *moneantur* [clerigo] *quod nec tafurarias exerceant . . . sive juglares, mimi* etc. Em 1352 Affonso IV de Portugal dirigiu-se aos prelados, exhortando-os a refrearem os clerigos devassos. Numa carta, baseada nas Decretaes Clementinas, recommenda entre outras cousas importantes que os clerigos não exercessem officios torpes e ignominiosos, vendendo carne na praça, funccionando como taverneiros, onzeneiros, jograes, bufões, tafues publicos. (Vid. Figueiredo, *Synopsis Chronologica* I, 10). Nas *Ord. Affons.* III, 15, 18, identicas recommendações foram repetidas. — De cartas regias de D. Denis, escritas no mesmo sentido, nada sei.

3) Arc. Fita, estr. 1513 e 1514 da ed. Du Camin.

4) P. ex. nas cantigas **CV 908, 910, 913, 932, 1096; CM 291, 316.**

5) **CV 1007.** — Vid. *Biogr.* XLVIII.

6) Penso no *Archidiaconus Magister Petrus Arie Vuyto* (sic), em honra do qual foi instituido em 1230 em uma das igrejas de Lugo um anniversario *per decretum et decretales eius* (Villa-Amil, *Los codices de*

Passemos aos cidadãos e burgueses. Tive de citar a *Martim Soares de Riba de Lima*, seu irmão *Garci Soares*, *João Ayres de Santiago* (**CV 530**) — abstracção feita dos clerigos *Ruy Fernandes* e *Ayras Nunes*, tambem de Compostella. E tenho de juntar, se os nomes não enganam, a *Estevam Fernandes, d'Elvas; Affonso Paes, de Braga* (**CV 439**); *João Romeu, de Lugo; João Vasques, de Talaveira.* Talvez tambem devesse figurar aqui o problematico *Pedr' Amigo, de Sevilha,* fulano *Fernandes, de Galisteu,*[1] *Pero Garcia, o Burgalês; João Nunes, Camanês.*[2]

Não esqueçamos *Vidal, o Judeu d'Elvas,* posto que nada saibamos da sua posição social.[3] Elle é quasi o unico entre os trovadores que utilizou reminiscencias biblicas, em cantares de amor.[4]

Agora os plebeus, cujo nome official na idade-media era *vilão* (pl. *vilãos*), de *vila* = casa de campo.[5] Por via de regra, os populares de humilde e em parte infima extracção — gente sem outras letras nem mais trato cortesão do que aquelle que adquiriam como serventes em mosteiros e igrejas e escolas, ou em casa de letrados e gentilhomens — esses escolhiam, quando dotados de intelligencia e talento musical, a carreira de *joculator* i.é de musico ex-officio. Independentes nas praças e estradas, dependentes nas igrejas e nos palacios, eram executantes, emissarios e de vez quando em secretarios dos magnates. Propagadores de versos alheios, populares e palacianos, compunham ás vezes outros novos. Em geral para seus pares e iguaes. Excepcional-

---

Galicia, Madrid 1874, p. 40). Faltam-me porém os meios de provar que Ayras Peres era filho de Pedro Ayres. Nem mesmo é certo *Vuyto* ser deturpação de *Vuytre, Vuyturon* ou *Vuyturinho.*

1) No cancioneiro lê-se *Galisteu Fernandes.* Comtudo é provavel que o nome esteja deturpado e tivesse originariamente a fórma que lhe dou no texto. Pelo menos, não me lembra ter encontrado o prenome *Galisteu.* Apenas a cidade leonesa.

2) Como se vê, os cidadãos e burgueses juntavam, como os filhos d'algo, o patronymico ao prenome, seguido da indicação da cidade ou do burgo de onde eram oriundos e vizinhos.

3) O simile do cervo que brama pelas aguas (**CV 1138** e **1139**).

4) Outro Judeu, de Leiria, de nome *Samuel,* com o distinctivo *Trobador,* apparece em documentos do sec. XIII, conforme já deixei dicto no § 146, em Nota. — *Don Jusep* que ouvimos tençoar com *Estêvam da Guarda* pertencia á aristocracia financeira de D. Denis. Por isso já figurou na lista dos ricos-homens.

5) Não de *vil* (*vilis*), de onde proveio o augmentativo bisyllabico *vilão* (ant. *vilon*). Hoje *villão* e *vilão* estão confundidos num só termo, de valor depreciactivo. Lembrem-se do proverbio: *Não é vilão o da villa, senão o que faz vilania.*

mente para a côrte.[1]) A sua acanhada condição, o costume tradicional e, quando tentavam transpôr essas barreiras, a sobranceria dos trovadores, seus superiores, tolhia-lhes o dirigir-se ás *ricas-donas* e *infançõas*[2]) em cantares de amor, e mesmo o versificar á maneira palaciana, em coplas de mèstria,[3]) nem que fosse em louvor ou deslouvor de filhas do povo, *vilãas* ou *coteifas,* suas namoradas.[4]) Só por excepção, alguns de talento superior, homens que vivendo na proximidade de reis, magnates, prelados, letrados, poetas de profissão, tiveram ensejo de descobrir e cultivar as suas aptidões, e de apropriar-se do saber technico preciso, arrogaram a si aquella liberdade, ganhando então um logar no Cancioneiro de Amor, que virtualmente lhes era vedado. Pode ser que alguns poetassem em nome e por ordem dos seus senhores.

No fragmentario **CA**, nem um só auctor apparece que sem hesitação possamos tratar de *villão.* Nenhum tem a marca de *joglar* nas epigraphes do colleccionador, ou em cantigas que a elle se refiram. Nem mesmo *Pero Garcia d'Ambroa* que pelo seu caracter e modo de vida semelha ser villão. Nas partes do cancioneiro geral que estão conservadas unicamente nos apographos italianos, aprendemos porém a conhecer, intromettidas entre os cantares de amigo e de escarnho, conforme anteriormente expliquei, cantigas de amor de uns dez a doze populares.[5]) Isso obriga-nos a assentar como possivel ou mesmo provavel duas cousas. Primeiro, que nas partes perdidas do **CA**, no fim do volume, figurasse um ou outro representante da joglaria; e em segundo logar que alguns se escondam entre os auctores difficeis de classificar (fallo dos que, não sendo evidentemente ricos-homens nem infanções, nem cavalleiros de linhagem, tão pouco são qualificados de escudeiros, burgueses, ou

1) Dos villãos que trovavam, falla Rodrigu' Eannes na canção **CV 1032**: *Lourenço, nas terras u eu andei Non vi vilão tan mal departir* e João Soares Coelho na 1024ª, no verso varias vezes citado: *e o vilão que trobar souber.* — Cf. **965**: dos *sarilhos* [ou corrilhos?] *sodes vos trobador.* — O villão alfaiate, citado na cantiga **CV 1034**, não era poeta.

2) Ainda occorre outra designação de damas: a de *bõa-dona* **CV 663, 786, 826.** Não me parece ser synonyma de *infançõa* ou *rica-dona.* Deve ser a mulher do cavalleiro para a qual, sem isso, não haveria designação peculiar. Ou antes a do homem-bom, i. é do cidadão rico e poderoso. O Livro do Conde parece confirmar esta interpretação. Leiam p. ex. *Script.* 306 e 341.

3) Vid. *Biogr.* XLVIII e *Randglosse* I, 33 ss., assim como **CV 1024** e **1573.**

4) Vid. **CV 840, 663, 1024.** — Os nobres servem-se ás vezes de outros termos mais rudes e baixos (*cochõas* e *maladas*).

5) Vid. Cap. IV, p. 215 Nota 3 e 4.

clerigos).[1]) Para a primeira eventualidade penso em *Ayras Veaz* (*Vaaz, Vaz*), *Pero Viviães, Ayras o Engeitado, Pero Larouco, Pero d' Ornellas (?).* Para a segunda, em *Pero Garcia d' Ambroa, Pedr' Annes Solaz, Nuno Porco, Ayras Corpancho, Fernam Padrom.* Hesito todavia em todos os casos. Os nomes podiam ser incompletos.[2]) O logar que occupam no cancioneiro não é decisivo. O facto de não figurarem nos Nobiliarios apenas prova não serem filhos-d'algo. Com relação a *Solaz*, as formas estrophicas por elle empregadas são importantes; com relação a *Porco* e *Corpancho*, a sua collaboração no Cancioneiro das Donas.

Quanto aos demais achamos expressamente designados como jograes nas epigraphes do **CV** e **CB**, e por conseguinte no *Indice*, apenas uns seis auctores: *Alvaro* (A°) *Gomes de Sarria* (**CV 470**); *Ayras Paes* (**691**); *Lourenço* (**693**, **865**, **1033**, **CB 1493**); *Lopo* (**703**); *João* (**706** e **707**); *Diego Pezelho* (**1124**). Mas evidentemente ha muitos mais.[3])

---

1) Seriam fidalgos desprestigiados? cavalleiros-villões? ou simples villões? artistas manuaes? lavradores? serventes? ou servos?

2) A maior parte dos jograes usavam exclusivamente do seu nome de pia: *João, Juião, Lourenço, Lopo, Martim,* ou em forma deminutiva: *Meendinho;* ou de sobrenome: *Cítola, Golparro* (= Raposo), *Sacco, Caldeiron, Picandon* (?) Em documentos juridicos vemos comprovado esse uso, como o leitor poderá verificar, recorrendo aos documentos utilizados na *Rev. Lus.* V, 119 e 129 e na *Rev. Crit.* I, 230 e 374, os quaes já deixei explorados de passagem no Cap. IV, § 146, Nota 2. — Outras vezes, a alcunha anda unida ao nome: *João Sacco; Ayras, o Engeitado; Diego Pezelho, Fernand' Esguio* ou *Esquio, João Zorro, Juião Bolseiro, Martim das Donas, Martim Gallo, Pero Moogo, Pay Calvo, Pero Larouco, Pero Bico, Martim Codax, Pero Corcova* e, se o nome não me illude, *Nuno Porco, Fernam Padrom, João Baveca.* Diversos juntavam ao pre-nome a indicação da terra natal como distinctivo: *Pero de Veer, Pero de Dardia, João de Cangas, Martim de Caldas, João de Requeixo, Martim de Ginzó, Martim de Pedrozellos, Pero d' Ornellas, Pero de Viviães, Martim de Campinha.* Neste sentido *Pero da Ponte, Bernaldo de Bonaval, João de Gaia, Pero d' Ambroa, Pero d' Armea* — poetas das côrtes que pretendiam para si um nome áparte, como explicarei no paragrapho immediato, porque se consideravam como aristocratas da *joglaria* — não se differençam dos infimos da confraria. Ainda outros usavam de patronymico, á moda dos burgueses e fidalgos. Sirvam d' exemplo *Ayras Paes, Ayras Vaz, João Servando (?), Martim Vasques,* o estrelleiro e agoureiro (**CV 928**, **931**, **1042**; cf. **410**). Ou ao patronymico, respectivamente á alcunha, juntavam indicação da terra natal, como *Alvaro Gomes, de Sarria,* exactamente como fizeram o escudeiro e jogral de côrte *Affons' Eannes, do Cotom,* o clerigo *Martim Alvites, d' Alemquer* e *Pedr' Amigo, de Sevilha.*

3) Os trovadores servem-se do vocabulo *jograr* bastas vezes. Na maioria dos casos, as allusões ou referencias directas visam um dos seis

Reservo para o futuro o estabelecer o numero exacto e a quantidade de composições de que lhes somos devedores no Cancioneiro de Amor; no Livro das Donas onde sobresahem espontaneamente, por gosto e costume tradicional; e no Cancioneiro de Burlas, para o qual contribuiram amplamente, uns tambem por inclinação, outros, parece, por imposição superior, como serventes de palacianos. Não é possivel consignar por ora — de novo o confirmo — quaes são os que pertencem á era alfonsina, quaes á era de D. Denis, e quaes aos tempos pre-alfonsinos.

Provisoriamente podem servir as indicações seguintes, extractadas do *Excurso* que acompanha em nota os nossos paragraphos 153 e 154.[1])

Entre os vinte e nove poetas que nos legaram exclusivamente canções de amor, ha dois ou tres que creio foram villões: *Ayras o Engeitado; Ayras Vaz* e *Fernam Padrom.* — Entre os vinte e seis que escreveram exclusivamente cantares de amigo, quatorze são populares: *Meendinho, João Zorro*, *Martim Campina,* ou *de Campinha*; *Pero Moogo, Martim de Caldas, Pero de Dardia, Nuno Peres* (ou *Fernandes*), *Pay Calvo, Golparro, Martim de Ginzó* (*Gijon* ou *Grijó*), *João de Cangas, Martim Codax, Fernam do Lago, João de Requeixo.* E talvez mais ainda. — Entre os dezanove cujas composições são escarnhos, tres ou quatro são filhos do povo: *Diego Pezelho, João, Alvaro Gomes,* e *Picandom (?).* — São auctores de versos de amor e d'amigo uns nove: *Pedr' Annes Solaz*, *Ayras Corpancho, Nuno Porco, Martim de Pedrozellos* (852, 843—851), *Ayras Paes* (691—692; 891—892); *Lopo* (703—705; 853—860); *Pedro de Veer* (650—652, 722—725); *Pero d' Ornellas* (226, 363); *Juião Bolseiro* (667—668; 772).[2]) É auctor de uma canção de amor e de um dizer de escarnho apenas *Pero Larouco* (214—215); de cantares de amigo e dizeres de escarnho *Fernand' Esquio* ou *Esguio* (899—903;

---

poetas citados: *Lourenço* nas cantigas **CV 1104** e **1105**; *Lopo* **CV 971**, **973**, **974**; **CV 1021** *jograria,* com respeito a *Picandon.* Outras vezes trata-se de artistas desconhecidos, ficando incerto se eram musicos ou tambem poetas: *Martim jograr* **CV 1102**; *Martim Vasques* **CV 928—931**, **1042** e **410**; artistas innominados **CV 708, 911, 941, 942, 1009, 1018, 1117**; **CB 1515**; **CM 172, 194, 238, 259, 281, 291** etc.

1) Ahi marquei com asterisco os que supponho *jograes do povo;* e com o signal da cruz os *jograes da côrte.*

2) Um cantar do mesmo (*Indice* 1675), hoje perdido, era provavelmente de escarnho.

1136—1137). Nos tres generos consagrados ensaiaram-se: *Lourenço*, o melhor de todos (693 e 706; 865—871; 1010, 1022, 1032—1036, 1104—1105, 1500); *João Servando* (664—667, 734—750; 1028); *Pero Viviães* (336, 337, 1151). Tudo isto com inclusão dos duvidosos, mas com exclusão dos clerigos e dos escudeiros que mostraram pretensões a *trovadores*, por causa da sua grande habilidade, do seu nascimento, da sua posição privilegiada na côrte. Se esses entrassem em conta — fallo bem se vê, de *João Fernandes d'Ardeleiro, João de Gaia, Pero da Ponte, Bonaval, Cotom, D'Ambroa, D'Armea, Baveca* e *Pedr' Amigo de Sevilha* — ainda assim a totalidade não chegava a meio-cento (44), com um conjuncto de perto de trezentas obras, quando muito.

Os sete que nomeei em ultimo logar, os duvidosos do **CA**, e além d'isso os jograes *Lourenço, Juião, Picandom*, pertencem á era alfonsina. *Lopo* era pre-alfonsino. Ácerca dos demais, a questão fica em aberto. O facto de o fundador da Guarda haver provavelmente composto antes de 1199 um cantar de amigo, em estylo popular ou jogralesco, merece a mais seria attenção.

§ 363. *Classes de poetas.* — São tres as que tenho apresentado ao leitor: *trobadores, segreres, jograres*[1]) ou *juglares*, ou em dicção moderna *trovadores, segreis, jograes.*

Segundo a theoria sustentada pela classe privilegiada, *trobador* era quem cultivava a poesia e a musica, creando ou inventando obras novas, como *dilettante*, i. é com inteira independencia; por gosto, sem ideia alguma de lucro. Se fazia da arte de trovar uma profissão, aceitando paga pelas suas composições, chamava-se *segrer.* E *jograr*, se o seu officio consistia em tanger varios instrumentos de musica e em cantar versos alheios, tendo-lhe este *mester*[2])

1) São estas as formas archaïcas que encontro em cancioneiros, livros de linhagem, documentos legislativos. Onde no *Canc. Vat. Rest.* (ou antes por restaurar) e no **CB** se lê *trovador, jogral, segrel* é preciso restituirmos a lição primitiva, tanto no meio do verso (**CV 1021**, 10 e **556**, 21), como no fim (**CB 1514**, 17, em rima com *souber' disser'*).

2) *Mester* pl. *mesteres* — *Gewerbe, Handwerk* é o termo empregado no cancioneiro; p. ex. **CV 908, 1104, 1105, 1033, 1085.** Os castelhanos tambem fallam sempre do *mester de ioglaria* (Berceo). Nos Saraos e Rimances dos poetas romanticos do meado do seculo XIX, o trovador apparece freqüentemente com o nome francês de *menestrel* (engl. *minstrel*, lat. medievico *ministralis ministrellus*), vibrando as cordas da lyra ou do mimoso arrabil. Mas na realidade, esse vocabulo antigamente não teve curso em Portugal.

servido de ponto de partida para tambem inventar sons novos e lavrar cantigas novas.

O *trovador* era homem de côrte, filho d'algo. O *jogral*, villão de nascimento. O *segrel* ou jogral de côrte era, na maioria dos casos, um dos nobres des-qualificados, de que fallei.

Na praxe, não vemos sempre acatadas essas distincções. Como *trobar* era o unico termo technico, simples, que caracteriza o trabalho mental do poeta e compositor,[1]) e *troba* nome generico da criação poetica,[2]) o titulo *trobador* competia em boa logica, e por isso applicava-se commummente, a todos quantos de facto *trobavam*, aceitassem ou não o premio do seu saber, fossem de que nascimento fossem, e produzissem obras imperfeitas á maneira popular, ou magistraes, segundo todas as prescripções.[3]) No velho manual poetico não occorre senão esse termo. O collecionador das poesias chama *trobador* a *Bernaldo de Bonaval* (CV 653). Os proprios barões, emquanto se mantinham despreoccupados, não negavam o titulo aos menos graduados. Mesmo fallando de villões, cuja arrogancia condemna, o rico-homem D. João Soares Coelho adopta o vocabulo. Primeiro diz:

e troben os melhores trobadores
polas mais altas donas e melhores.

Um instante depois dirige-se aos infimos da arte, sahidos do vulgo ignoto e ignaro, especificando a soldadesca mais baixa, e continua:

Mesteiral (*mesteral*), isso sim, mas sómente no sentido geral de artista mecanico sem applicação ao jogral. No *Canc. General* Nº 1018 occorre um *menestril*, de vestido variegado como outros da Provença (de traje *verts o vars*).

1) São muito numerosos os trechos em que os poetas fallam da arte, ou mais precisamente da sabedoria de *trobar* — porque *arte* no sentido de bella arte era concepção desconhecida então. — Cf. o *gay saber* e *gaya ciencia* dos limosines. Vid. p. ex. as cantigas **CV 1184, 1023, 1024, 1007, 965, 917, 914, 830, 786, 708, 663, 553, 496, 456**; *trobar d'escarnho, trobar d'amor* **1007**.

2) *Troba* occorre uma só vez no cancioneiro (**CV 387**). Mas temos o mesmo vocabulo num documento da igreja de Sevilha, relativo a *Domingo Abad*, o *de los Romances*, destinando-se-lhe premio por *las trovas que fizo para cantar en la fiesta de San Clemente e San Leandro* (Wolf, *Studien*, 402, Nota). O Arcipreste tambem chama *trovas* a todos os cantares lyricos por elle compostos (estr. 93, 104, 112, 1487). No *Canc. de Baena, Canc. Gen.*, e no de *Resende* etc. elle repete-se constantemente.

3) *Trobador* emprega-se mais de 50 vezes nos cancioneiros; *jograr* perto de 20; *segrer* apenas em seis composições de que faço relação no § 365.

e o coteife que for *trobador,*
trobe, mas cham' a coteifa senhor.[1])

Os villões, está claro, reclamavam o titulo de *trobador* para si, mal tivessem subido de simples instrumentistas ou cantadores a compositores de versos e sons. Ouvimos que o judeu *Samuel* assignava *Trobador. Lourenço,* aggredido pelos amos que servira, ouviu, quando se metteu a metrificar,[2]) da parte de *D. João d' Aboim,* as amabilidades seguintes, que treslado por serem typicas:

Lourenço, soías tu guarecer
como podias por teu citolon,
ou ben ou mal, non ti digu' eu de non;
e vejo-te de trobar trameter!
5 E quero-te d'esto desenganar:
ben tanto sabes tu que é trobar,
ben quanto sab' o asno de leer![3])

Lourenço replica:

„*Joan d' Avoin,* ja me cometer
vẽeron muitos por esta razon,
10 que mi dizian — se Deus mi perdon —
que non sabia 'n trobar entender.
E vẽeron por én (co) migu' entençar!
E fígi-os eu vençudos ficar!
E cuido-vus d' este preito vencer!"

E continuam:

Lourenço, serias mui sabedor
se me vencesses de trobar nen d' al,
ca ben sei eu quen troba ben ou mal,
que non sabe mais nenhun trobador.
E por aquesto te desenganei.
20 E ves, Lourenço, onde ch' o direi:
quita-te sempre do que teu non for.
„*Joan d'Avoin,* par Nostro Senhor,
por quê leixarei eu trobar atal
que mui ben faç' e que muito mi val?
25 Des-i ar gra(n)dece-mi-o mia senhor
porque o faç'; e pois eu tod' est' ei,
o trobar, nunca eu [o] leixarei,
poi'-lo ben faç' e [én] ei gran sabor."[4])

Não contente com este desafogo, o mesmo artista popular, conscio do seu valor, defende-se num curioso cantar de amigo, e vindica resolutamente para si as honras de trovador, e bom trovador:

---

1) **CV 1024.** Tratei de *coteife* e *coteifa* na *Randglosse* I, 13—14.
2) **CV 1009, 1011, 1022, 1024.**
3) Cf. p. 635 Nota 3.
4) **CV 1010.** — 2. *cicolon* — 19. *te' te.*

Assaz é meu amigo trobador!
ca nunca-ss' ome defendeu melhor
— quando se toma en trobar —
do que s' el defende por meu amor
5 dos que van con el ençar!

* * *

Pero o muitos vẽen cometer,
tan ben se sab' a todos defender
en seu trobar, per bõa fé,
que nunca-o trobadores vencer
10 poderon, tan trobador é!

* * *

Muitos cantares á fei[to] por mi,
mais o que lh' eu sempre mais gradeci
é como se ben defendeu:
nas entenções que eu d' el oï
15 sempre por meu amor venceu!

* * *

E aquesto non [o] sei eu per mi
se non porque o diz quen-quer assi
quen o en trobar cometeu![1])

A pessima fama dos musicos e cantadores viandantes, vilipendiados durante seculos por theologos e legistas como continuadores de sacrilegios e usos idolatricos, e juntamente o brio nobiliarchico dos poetas de linhagem levou estes a insistirem na distincção, e a requererem para si exclusivamente um titulo peculiar. E sendo entre elles costume o dividirem a nação inteira em só duas metades, nobres e não-nobres, ou filhos d' algo e villões,[2]) *ingenuos* e servos, pretenderam dividir os poetas tambem em só duas classes: *trovadores* e *jograes,* que eram respectivamente 1°. cultores desinteressados de uma arte liberal ou de uma sciencia cortesan: *freie Kunstdichter,* 2°. praticantes pagos de um mester essencialmente manual, isto é de uma industria popular: *Lohndichter.* Ligando a maxima importancia á remuneração — *ao preço que lhes dan* — dissociaram-se tambem por completo do grupo numericamente pequeno, intermedio e hybrido dos segreis ou jograes de côrte, cuja importancia superior lhes escapava, e enfileiraram esses na categoria inferior, por causa dos *dons* que aceitavam. Ponto de vista esse, que vemos occupado por *Alfonso X* nas *Sete Partidas*[3]) e nas celebres *Ordenações* em verso provençal, destinadas a actuarem no mundo romanico inteiro.

1) CV 868. — 3. *quantofse* — 11. *a fey p' mi* — 13. *de comofse* — 18. *q̄ o.*

2) CV 1183.

3) *Partida* VII, 6, 4. — Cf. VI, 7, 5 e I, 6, 34 e 36.

§ 364. *Trovadores.* — O facto de os privilegiados da nação terem considerado e cultivado a arte de trovar como sciencia cortesã, galanteria de bom tom, uma das *boas manhas* apreciaveis do gentilhomem,[1]) e isso muito antes da momentosa fundação dos *Estudos Geraes* por D. Denis, a qual constitue época na vida social dos portugueses, está apparentemente em desharmonia com o que sabemos ou julgamos saber da deficientissima instrucção publica e particular nos primeiros seculos da monarchia.

Seculos de ignorancia, na opinião de todos, a qual se resume na famosa sentença do classico reformador quinhentista:

dizem dos nossos passados
que os mais não sabiam ler;
eram bons, eram ousados . . .
eu não gabo o não-saber.

E realmente na idade-media a penuria de obras litterarias e scientificas, produzidas por portugueses, é estupenda. Nos documentos em prosa ostenteia-se um latim estremamente barbaro, ou de 1192 em deante, um português alatinado, de orthographia cahotica, de syntaxe horrivelmente desconjunctada e vocabulos de feitio hybrido que querendo passar por latim são romanço. Só de 1255 para cá um vernaculo muito hesitante e irregular.

Noticias escassas, raramente autenticadas por escrituras originaes, fallam de algumas collegiadas para escolares, destinados ao serviço da egreja, e d'algumas livrarias com obras liturgicas e patristicas. Ambas essas instituições beneficas ora junto ás cathedraes, ora em alguns dos melhores mosteiros da ordem de Cister, e desde o segundo terço do sec. XIII nos conventos de frades-

---

1) Sobre o ideal do cavalleiro peninsular nos seculos XII a XIV ha noções preciosas dispersas nas prosas de Alfonso X, de D. Juan Manuel, do Conde de Barcellos, nos Chronistas, nos poemas epicos, nos foraes, nas Leis (p. ex. *Partida* II, 5, 18; II, 21, 9; II, 21, 21—22). Mas em parte alguma se exige que elle soubesse trovar. No *Libro de los Estados* I, 5 e 82 apenas se liga importancia á arte de *escrever* e *cantar.* No Livro de linhagens menciona-se de longe em longe com elogios que fulano fôra cavalleiro de *boa palavra e saborosa* (*Script.* 272, 387 etc.), ou com desdem que fôra *louco nas palavras* (ib. 284). Outros traços, como o de um cavalleiro ter invocado nas lides campaes o nome da sua amada para redobrar de animo, são attestados nas prosas allegadas, e tambem em certas cantigas. Veja-se p. ex. **CV 354**.

el andou por mi muito trobando
e quant' avia por mi o foi dando
e nas lides me ia enmentando.

Trata-se de *João Garcia de Guilhade.*

prègadores (dominicanos) e frades-menores (franciscanos). Em Guimarães no sec. X, antes da separação do reino asturo leonês, a fundação notavel da *minhana* visigotica D. Mumadona.[1]) Em Coimbra, a do bispo D. Paterno (1082—1087). Ahi mesmo o primeiro mestre-escola de Portugal, D. João Peculiar.[2]) Acabando a sua collegiada, a utilissima instituição do mosteiro de S. Cruz (1130), pelos ultimos tres conegos d'aquella. Em Alcobaça, fundação em 1139 de escolas e de um escritorio de alguma importancia para commercio de livros. Em 1269 apparece pela primeira vez a clausula, de as aulas de grammatica, logica, e theologia estarem abertas não só aos monjes *ad communem utilitatem monachorum nostrorum,* mas a todos quantos quisessem illustrar-se: *omnium appetentium incomparabilem scientiae margaritam.* Em 1286, a transformação, por um dos preceptores de D. Denis, do Hospital de S. Paulo de Lisboa em um collegio dos Santos Paulo, Eloy e Clemente.[3]) Eis tudo; e o penultimo facto que citei já é da alçada do Bolonhês, cuja era de remanso e paz foi evidentemente um tempo de grande progresso na cultura intellectual. Em vista d'isso seria difficil comprehender como, durante a época da reconquista, o donzel nobre que mostrava aptidões para artes e letras seria doutrinado, se não soubessemos, de um lado da cultura muito mais antiga e desenvolvida da Galliza leonesa além Minho, e do outro lado da origem franca da primeira dynastia portuguesa, das suas relações intimas com as côrtes forasteiras, do costume de chamar

---

1) *P. M. H. Chartae* I, Nº 76, p. 44. Os vinte volumes com 35 obras diversas ecclesiasticas, especificadas no *Testamentum quod fecit domna muma de suas villas ad cisterio Vimaranes* (a. 959) merecem confrontação com os que foram doados, com menos generosidade, a conventos e igrejas de Cardenha, Ceia, Celanova, Chantada, Curtis, Eslonza, S. Pedro de Leon, Montes, Montesacro, Onha, Samos, Sahagun, Scalis, Sobrado nos sec. X e XI. — D' aquelle Indice e dos demais livros citados em doações portuguesas (*Chartae* 18, 19, 36, 67, 250, 554; *Dis. Chron.* I, 200, 216; V, 885) podia-se compôr um alias muito modesto supplemento aos bellos trabalhos de Villa-Amil, *Los codices de las iglesias de Galicia,* 1874, e de R. Beer, *Handschriftenschätze Spaniens* (Wien 1894).

2) Os encargos mais honorificos do que reaes do conego *Mestrescola* são conhecidos: no côro, um preceptor ensinava em seu nome os meninos e os clerigos; na secretaria carimbava documentos, como chanceler do capitulo, assignava cartas e fixava a lição das matinas.

3) Vid. J. Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Scient. Litt. e Art. de Portugal,* Vol. I, Lisb. 1871; Th. Braga, *Hist. da Universidade de Coimbra,* Vol. I, Lisb. 1892, Cap. II; Leite de Vasconcellos, *Philologia Portuguesa,* 1888, p. 23ss.

para cá legistas, prelados, clerigos, escrivães, trovadores, jograes, *mimos* exoticos, e do de mandarem os espiritos curiosos adestrar-se além dos Pyreneos. Largo o assumpto porque nos ha de occupar nos Capitulos seguintes. Por ora baste dizer que não havendo collegios para o ensino dos leigos nobres, devemos imaginar que aprendiam os rudimentos das letras do mesmo modo como se acostumavam a montar, manejar armas, *bafordar*,[1] lançar a tavoado (*tavlado*),[2] caçar o urso,[3] tourear,[4] e a ser bons falcoeiros,[5] isto é pelo exemplo e pela propria experiencia em companhia de sabedores.

Em duas vinhetas do **CA** estão representados moços pequenos, de saia e manto, no acto de cantar, acompanhados de um jogral instrumentista, e em presença de um mestre. Quer figurem mocinhos[6] leigos, quer *mocinhos* de igreja (*monginhos*, *monaguillos* em castelhano), o que estudariam elles? Naquella hora, uma cantiga nova. Mas simultanemente, a theoria e pratica do bel-canto, a arte de tanger e compôr um som, a metrificação, a lingua materna, o francês e o provençal nas obras-primas de trovadores e troveiros, e talvez algumas regras de cortesania: o *donear,* incluindo a obrigação de fallar saborosamente e com mesura um *português illustre,* sempre e em toda a parte, mas especialmente nas salas entre damas.[7] E onde? Em casa dos paes, sob direcção de

---

1) *Bafordar* i. é tirar lanças por alto, jogando. **CV 63, 955, 355, 309**; *Script.* 349. — Cast. *bofordar bohordar,* franc. *bohorder.* A etymologia é escura. — Vid. Körting 4058.

2) Na cantiga **CV 63**, citada na Nota antecedente, lê-se *lançar a tavolado,* mas o verso exige que se pronuncie *tavlado,* á moda hespanhola. Em vulgar português deviamos ter *tavoado* (cf. *taboada*), mas a verdade é que ainda hoje está em uso *tavolagem,* e tambem que no sec. XVI se empregava o hispanismo *tablado,* na accepção de andaime scenico. *Lançar a tavlado, ferir, britar, quebrantar tavlado* significava derribar um andaime atirando lanças, geralmente a cavallo. Este exercicio e o do bafordo, duas das *boas manhas que pertencem a fidalgo,* eram praticadas em todos os regozijos publicos, especialmente em bodas principescas. Nas nupcias de suas filhas, o Cid Campeador mandou construir sete tablados que foram quebrantados antes do jantar, segundo a lenda registada no *Poema del Cid* v. 1602 e 2249. Cf. *Alex.* 1799; *Fernan Gonzalez* 682.

3) **CV 707.**

4) Vid. Cap. VIII, § 396.

5) **CB 457** e **459**. Cf. Don Juan Manuel, *Libro de la Caza,* Ed. Baist 2, 14.

6) Na cantiga **CV 985** vejo estabelecidas para o fidalgo tres idades consecutivas: a de *moço-pastor; escudeiro; infançon.*

7) Cf. *Partida* II, 21, 22.

qualquer clerigo, capellão, secretario, notario, cantor instruido — vindo de fora-parte e conhecedor da joglaria palaciana?[1]) *Ou em cas del rey,* onde os auctores e actores de nota se reuniam e travavam torneios? Nas salas de trovadores insignes como *D. João de Aboim, D. João Soares Coelho*, *João Garcia de Guilhade?* Ou em escolas para o ensino da arte, fundadas por estrangeiros ou com auxilio d'elles?

Nada consta a este respeito, mas é justo suppôr que existissem, embora rudimentares. Certas oscillações na terminologia technica e divergencias numerosas entre as regras formuladas no velho *Manual Poetico* e os exemplos offerecidos nos cantares não vão contra a hypothese. A unidade de linguagem e a admiravel orthographia systematica do **CA** obrigam a acreditar na fixação de padrões-estandartes, acatados por todos quantos se dedicavam á arte.[2]) Nem todos os que a cultivaram, sabiam de resto *ler.*[3]) Mais raros ainda eram os que *escreviam.*[4])

Além dos aristocratas tinham jus ao titulo de *trovador* os cidadãos e burgueses abastados quando, seguindo o mesmo systema da arte pela arte, se tornavam notaveis pelas suas obras.[5]) Vimos

1) Cf. mais abaixo uma Nota sobre os *ovençaes.*

2) Cf. § 399.

3) Não contando a cantiga **CV 1116**, em que João de Guilhado finge crer que Mestre Nicolas não lia os grandes cartapacios que ostensivamente sobraçava e abria, posso apontar apenas quatro referencias a esta sabedoria. *Pero Martins,* talvez algum clerigo jogral, gaba-se numa tenção de maldizer, affirmando: *ei sis' e sei trobar e leo ben* (**CV 1020**). Em outra, ouvimos que o simples jogral Lourenço passava por homem *mui comprido de sen* e *bon meestr' e que sabe leer* (ib. **1032**). Duas vezes encontro censuras do analphabetismo de um jogral:

Ben tanto sabes tu que é trobar,
ben quanto sab' o asno de leer (**CV 1010**);

e na cantiga **CB 1573**:

mais lo que sabe molher ben querer,
ben quanto sab' o asno de leer,
por namorado por quê o metedes?

Expressão proverbial, ou plagiato, o simile parece demonstrar certa vulgarização da arte de ler entre os jograes da côrte. Pela cantiga **CV 1116** consta que qualquer clerigo sabia latim.

4) Não existem referencias a esta prenda.

5) *João de Leão* cita juntamente *cavaleiros e cidadãos* (**CV 708**). A pragmatica de D. Affonso IV faz distincção entre cidadãos cujas posses não chegassem a 5000 libras, e os que tivessem mais ainda. Os mais ricos, com relação ao vestuario são collocados em uma linha com os cavalleiros. Cf. Gama Barros I, 535. Nos Livros de Linhagem acho registado mais de um, por causa de allianças matrimoniaes com a nobreza.

o tantas vezes citado *Martim Soares, de Riba de Lima,* tratado como par e igual pelo senhor de *Taveirós* e por *Pay Soares,* irmão d'elle. Ouvimos mesmo que este fôra geralmente considerado como o melhor de todos os trovadores do seu tempo, sem que por isso deixasse de dirigir escarnhos desapiedados a alguns ricos-homens dos mais grados e a trovadores que não achava á altura da arte.[1]) Não conheço todavia exemplo algum de que um saber notorio e talento excepcional nobilitasse de facto,[2]) como posteriormente o doutorado em leis, e em tempo de D. Manoel o exercicio da arte typographica,[3]) embora tal costume tivesse estado em harmonia não só com a praxe de um feito heroico de armas elevar o villão á dignidade de cavalleiro, mas tambem com o uso provençal. Apenas posso recordar que o filho de *Martim Soares* foi nobilitado e usava officialmente do distinctivo *Trobador,* o que parece indicar que se ufanava da causa efficiente da sua elevação.

Mais uma vez repito que o genero predilecto dos trovadores de linhagem, e theoricamente o unico que merecia applauso, era a canção de amor. *Homem de côrte — namorado, que canta d'amor* — e *trovador* são synonymos.[4]) Mas nem por isso os trovadores deixaram na realidade de cultivar todos os generos, até os mais desbragados.

§ 365. *Joglares.*[5]) — Parece-me ocioso entrar em pormenores sobre a evolução da palavra semi-classica *joculator* (de *joculus,* deminutivo de *jocus* = coisa de riso que provoca alegria e prazer)[6]) e suas diversas accepções, dentro e fóra da peninsula.[7]) Todos sabem, que a *joglaria* é muito mais velha que a arte trovadoresca,

---

1) **CA 398. — CV 965.**

2) *Partida* II, 21, 2 e 12.

3) Gama Barros I, 391, 400, 609.

4) **CV 708.** — Cf. *Canc. Baena* Nº 255.

Quien Amor sirve, cortês deve ser
asi en decir como en facer.

5) Temos *jograr* nas cantigas **CV 911, 917, 937, 957, 958, 964, 965, 968, 1009, 1117, CB 1514, 1515**; *jograron* em sentido depreciativo nas cantigas **CV 971, 974, 976.**

6) Em sentido figurado *jograria* significava *brinco, brincadeira* **CV 976** e **1121.** Em sentido real occorre nas cantigas **CV 928, 1021** e **CB 1514.**

7) Veja-se Diez, *Poesie,* 12—18, 25—45, 62, 68 e 222ss. — Milá y Fontanals, *Trovadores* I, 4 p. 28ss. — E. Freymond, *Jongleurs und Menestrels,* Halle 1883. — W. Hertz, *Spielmannsbuch,* Stuttgart 1886. — A. Tobler, *Spielmannsleben im alten Frankreich.* Leipzig 1875. — G. Paris, *Littérature française au moyen-âge,* § 20.

e que mesmo não ha solução de continuidade entre os histriões, mimos e *scurræ* da antiguidade e os *joculatores* da idade-media. Todos estão lembrados de que, sendo a musica o mester principal dos jograes, eram-lhes indispensaveis para agradar ao povo variadissimas habilidades de bufão, trageitador,[1]) *moharrache*, saltimbanco, e que por causa d'estas artes *corporaes* a igreja os combateu e fulminou durante seculos como seductores vis e inimigos temiveis: *pravos*, *fatuos, turpissimosque et vanissimos qui sæpe mentiuntur magis studio delectandi quam voluntate decipiendi.*[2]) E ninguem ignora como, desde o desabrochar da moderna poesia epica em romanço, mercê da recitação de cantares de gesta,[3]) novellas, *fablaux,* e ulteriormente de canções e sirventeses, a missão dos jograes se tornou mais nobre e de vasto alcance civilizador, por forma que o mais antigo historiador e legislador trovadoresco da peninsula pôde esboçar o seguinte quadro risonho: „Por homens instruidos e de algum saber foi primeiramente achada a joglaria, para que mettesse os bons na via da honra e da alegre galantaria. Depois vieram os trovadores e narraram feitos gloriosos, louvando e incitando os valentes a grandes empresas. Desde então cada homem de pró quis ter o seu jogral, e ainda hoje por dever os grandes senhores os conservam na sua companhia.“ [4])

per qu' el pros de primier
volgron joglar aver,
et enquar per dever
n' an tug li gran senhor.

---

1) Vid. *Randglosse* II em *Zeitschrift* XXV.

2) Cf. Du Cange, Glossarium s. v. *Joculator.* Milá y Fontanals nota judiciosamente, que a classe dos *joculatores* do baixo imperio foi ennobrecida com a herança dos cantores de lingua germanica ou melhor com a substituição de uns por outros.

3) Vid. *Cron. Gen.* f. 227v: *maguer que los juglares cantan en sus cantares e dicen en sus fablas que Carlos el emperador conquisto en Espanna muchos castellos.* O trecho refere-se, seguramente, a artistas franceses.

4) É um fragmento da nomeada *Suplicatió que fes Guiraut Riquier al rey de Castela* (Milá, p. 234):

Car per homes senatz,
sertz de calque saber,
fo trobada per ver
de primier joglaria
per metr' els bos en via
d' alegrier e d' onor . . . etc.

Na peninsula como nos outros paises o jogral já era, antes da época trovadoresca, figura obrigatoria nos regozijos publicos,[1]) principalmente em casamentos de principes, recepções solemnes, coroações de reis.[2]) Os que, seguindo a moda antiga, exhibiam no sec. XIII publicamente, *na praça*, as suas habilidades, jogando a bola, a espada, paus e pratos, saltando por arcos, andando na corda bamba, fazendo dançar macaquinhos,[3]) imitando, convenientemente mascarados, as vozes de animaes, tocando instrumentos rusticos, bailando e cantando, com o eterno refram: „*Datz, Datz! que joglar sui!*" eram desprezados pela inferioridade das suas artes e licenciosidade da sua vida. Gozavam de mais estima aquelles cujo mester principal era tanger instrumentos de sala — harpa, rota, guitarra, viola, psalterio, orgão, laúde — executando composições artisticas de trovadores e servindo a esses de secretarios e emissarios, em contacto continuo com homens de bem no paço e nas casas dos grandes. E isso no povo todo, com excepção apenas dos proprios trovadores, cujos serventes eram; porque esses eram seus detractores naturaes, conforme mostrei.

Otrosi son enfamados los juglares (variante: *los que facen juegos*) *e los remedadores e los facedores de zaharrones que publicamente ante el pueblo cantan e bailan e facen juego por precio que les den* (variante: *esto es porque se envilecen ante otros por aquel precio que les dan*). *Mas los que tañeren estrumentos o cantasen por facer solaz a si mesmos, o por facer placer a sus amigos o dar solaz a los reyes o a los otros señores, non serian por ende enfamados.*[4])

---

1) No tempo do D. Affonso II de Aragão (1180) a Aljama dos sarracenos de Tortosa queixava-se porque os jograes, acompanhados de cantadeiras, invadiam todas as casas onde se celebrava algum casamento, quer de ricos quer de pobres, exigindo no fim a paga dos seus serviços. — *Andan de boda en boda clerigos e juglares.* E o Arcipreste quem o disse, ainda em meado do sec. XIV (estr. 1289).

2) Dos casamentos das filhas do Cid e de Alfonso VI terei de fallar no Cap. VIII.

3) Cf. *Poema de Alex.* 1789 *otros que menavan symios, e xafarrones.* Sobre a significação de *xafarron* e *zaharron;* vid. Dozy-Engelmann s. v. *mascara.*

4) Partida VII, 6, 4. Cf. VII, 6 e 5: *Joglar se faciendo alguno contra voluntat de su padre, es otra razon porque el padre pueda desherdar al hijo; pero si el padre fuesse joglar, non podrie esto facer.*

Especialistas não faltavam, nem entre os jograes do povo, nem entre os da côrte. Os de talento mimico, chamados *remedadores* ideavam jogos de escarnho, *remedilhos* ou *arremedilhos* representando com attitudes, gestos e momices, estatuas conhecidas, quadros, personagens vivos. Os de voz avantajada primavam como cantadores.[1]) Alguns eram eximios num só instrumento: viola (*violeiros*),[2]) cedra (*cedreiros*),[3]) tromba (*trombeiros*),[4]) atambores.[5]) Mas o costume exigia que o jogral consummado tocasse varios, de sopro, de percussão, e de corda.[6]) Nem o mais entendido podia comtudo tanger todos aquelles que se usavam em Hespanha; tal era a profusão das especies, de proveniencia pre-romana, latina, germanica, arabe. Era a viola de arco e de *pennula* (< pinnŭla cast. *pendola peñola*), a guitarra morisca, a guitarra latina, a harpa, o psalterio, a rota, o laude, a giga, o rabé ou arrabil, a cedra, cítola e citara. Era a sinfonia, a mandurria (ou bandurria), a duçaina (duçema), a flauta, a gaita, a exabeba (axebeba) o odrezinho, o albogue e albogon, o caramillo, a sanfonha (zampoña, symphonia), a baldosa, o cano inteiro, o meio-cano, o orgão. Era o atambor e tamborete, cuja voga foi sempre grande na peninsula,[7]) o cymbalo (cemble, sembre), o pandeiro, o nacar, as sonajas de azofar; a adedura albardana (?), o galipe francisco. Eram trombas, anafis, atabaes (atambaes). Nas poucas vinhetas que restam do **CA** apparece apenas, conforme apontei, a harpa, o psalterio, a guitarra de feitios variados, o pandeiro, e as castanholas.[8]) Nas cantigas, só de passagem se nomeia um ou

---

1) **CV 1202**; Fita 873. Varias vezes deixei dicto que Alfonso X conta no *Setenario* como seu pae se pagava de *omes cantadores* (Terreros, *Paleografia* 80, e Milá, *Poesia Heroico-Popular* 412. — *Cantor* (**CV 410**) designava, quanto a mim, o cantador de igreja. Na cantiga **CV 642** a leitura é duvidosa: *fruitoso cãto* pode ser nome proprio (*Fruitoso Canton?*).

2) *Poema de Fernan Gonzalez* 682.

3) Berceo, *San Domingos* 701; *Duelo* 176, *Poema de Alecandre* 1383.

4) **CV 1175.**

5) **CV 1175.**

6) O trovador provençal Guiraut de Calanson queria que o jogral fosse pratico em nove instrumentos diversos, sabendo *taboreiar* (tocar o tambor); *tauleiar* (bater as tablas ou tavoas i. é as castanholas); *far brugir la semfonia; sitolar; mandurcar; arpar; tocar o monocordio, o psalterio, a sedra, rota, gigua, estivas, lyras* e o *temple* (*timpano*). Outros mencionam *trompas, corns* (buzinas) o *grailles* (cornetas).

7) Fita estr. 1186—1187; 1202—1208 e 1487: *Poema de Alfonso XI*, estr. 1184. — *Chron. En Ramon Muntaner* (Stuttg. 1844), p. 175, 540, 542, 544, 549 etc.

8) Vid. § 137.

outro *estormento* ou *estromento*[1]) como o adufe,[2]) as trombas, os atambores e atabaes.[3]) Mas as miniaturas dos codices alfonsinos e outros, e as estatuetas do Portico da Gloria na cathedral de Santiago de Compostella completam o nosso saber.[4])

Entre todos, o mais importante, verdadeiramente popular no territorio gallaïco-português, e que por isso mesmo é mencionado a miudo,[5]) era a *cítola, cítula* (de *cithăra*), especie de guitarra,[6]) ou *guiterna,* parecida á viola de arco, a *Fiedel* dos germanos.[7]) Esse era typico de modo tal que deu nome a um executante, do serviço del rei D. Alfonso X.[8]) De *cítola* tambem foi derivado o verbo *citolar,*[9]) para designar o mester principal dos jograes em geral, e especialmente de alguns nossos conhecidos como *Lourenço, Lopo, Juião, Picandom.*[10])

---

1) **CV 1116**; *Poema de Alfonso XI,* estr. 407, 410 etc.

2) **CV 883**. — A p. 162 Nota 1 ha erro de imprensa (838).

3) **CV 965**.

4) Nas *Notes on early spanish music* de Riaño (1887, Fig. 40ss), vêmos algumas variedades não citadas pelos poetas, como a gaita de folle, o tintinnabulo, a flauta, os pratos. — PS. Emquanto corrigi estas provas chegou-me ás mãos o excellente tratado de *Organografia Musical Antigua Española,* de Felipe Pedrell (1901). A elle deverá recorrer d' oravante quem desejar instruir-se a fundo sobre os instrumentos musicaes usados no sec. XIII na peninsula. Ahi vejo citado outro trabalho, do Enrique Serrano Fatigati, *Miniaturas de Codices Españoles,* que desconheço. Pena foi que o auctor não explorasse os codices alfonsinos.

5) **CV 971—976, 1009, 1104—1107, 1202**.

6) Nos textos castelhanos a *cítola* apparece tambem; mas a *viola* é citada com mais freqüencia como instrumento favorito de jograes e jugaresas (*Apollonio* 426, *Fernan Gonzalez* 682). O Arcipreste caracteriza a *citola* como impropria para cantigas arabigas; propria apenas para musicas de taberna, troteras, saltos de velhacos (*sotar con bellaco*), concertos de pastores, bailadas de serranas (estr. 1186—1187, 1490 e 993). Nas prosas latinas da Galliza do sec. XI (1105, 1122, 1144, 1169), a *citara* tão pouco é citada com freqüencia; algumas vezes como de obra grega (grezisca, grizisca). Cf. Cap. VIII, § 381.

7) O *arco* (ou *arçon*), recurvo, como o de tirar dos bèsteiros, não é mencionado nos cancioneiros. Apenas se falla do *arção* da sella (**CV 74** e **547**: *arções de faya*).

8) É o proprio rei quem nos informa das queixas levantadas pelo seu jogral *Citola,* por não lhe pagarem devidamente as suas soldadas:

> *Cítola vi andar-se queixando,*
> *de que lhi non dan sas quitações* (**CV 71**).

9) **CV 1009, 1104, 1105, 1202**. Em Castella vejo mais usado o verbo *violar,* tanto pelos poetas epicos (*Apoll.* 426) como por Alfonso X (**CM 8**), em harmonia com o uso provençal, e com a popularidade da *viola.*

10) Ao trovador nobre applicavam o verbo *tanger.*

Dos que para solaz dos reinantes e seus vassalos estavam addidos á côrte, sabemos que recebiam soldada fixa[1]) e ração de vinho e cevada[2]), como os mais *ovençaes:*[3]) *„pois seu officio dá alegria, a qual os principes muito devem desejar e com decoro conservar, de modo que por ella tristeza e ira deitem fóra e em todo tempo se mostrem graciosos.“*[4]) Na côrte de Affonso III de Portugal havia jograes, „até tres“, segundo o Regimento do anno de 1261.[5]) D. Jaime I de Aragão pensou em mantêr um unico, em 1234, antes da conquista de Valencia.[6]) Ulteriormente seus netos

---

1) Vid. p. 640 Nota 8.

2) **CV 1105.** Ainda no sec. XVI as quantias pagas aos *Moradores* da côrte iam sob a rubrica *cevada e vinho.*

3) Em parte alguma encontro em leis palatinas um paragrapho consagrado especialmente a trovadores, prova de que o seu officio não era de funcções determinadas na casa real. — Th. Braga lembrou-se todavia de metter um trovador entre o pessoal administrativo da côrte, lendo na cantiga **CV 1106**: *o trobador que trobou d' ovençal.* Se existisse, *podia* ter sido jogral ou segrel. Mas o exemplo é incerto. O apographo italiano traz *do uineal.* Não comprehendendo o verso, não me aventuro a emendá-lo. Apenas sei que a rima, a ser pura, exigia uma palavra em *-ar.* Talvez um nome proprio. Na segunda epoca lyrica os magnates de Castella gostavam, de facto, de ter trovadores ao seu serviço. É pelo menos o que concluo da famosa *Carta-Proemio* do Marquês de Santillana, § XIX.

4) *En les cases dels princeps juglars degudament poden esser car lur offici dona alegria la qual los princeps molt deven desijar et ab honestat servar, per tal que per aquella tristitia e ira fora giten e tots temps se mostren graciosos. — Ordenações* (ou *Leges Palatinae*) de En Peire III de Aragão. MS. Paris., apud Ochoa, *Catalogo,* p. 227. Em redacção latina nos *Act. Bolland,* Junii III, segundo um MS. de Bruxellas, extractado por Riaño p. 131 e Du Cange s. v. *Tabelerius: In domibus principum ut tradit antiquitas mimi seu joculatores licite possunt esse: nam illorum officium tribuit laetitiam quam principes debent summe appetere et cum honestate servare ut per eam tristitiem et iram abjiciant et omnibus se exhibeant gratiores.* — Vid. as Notas seguintes. Alfonso X tambem circumscreve a missão de jogral nas palavras *fazer alegria e solaz.* Um seculo depois — no tempo da revivescencia dos cantares de gesta — D. Juan Manuel (*Bibl. Aut. Esp.* LI, p. 311) emprega os mesmos termos, exigindo que para esse fim os jograes tangessem instrumentos em presença dos monarcas, saltando e brincando e cantando *buenos cantares* et dissessem e lessem *buenas razones de caballeria et de buenos fechos que muevan los talantes de los que los oyeren para facer bien.*

5) *P. M. H.: Leges:* 199, Degredo 12: *El Rey aia tres jograres em sa casa e nom mais.* Parece que anteriormente os reis de Portugal tinham maior numero; ou mesmo um numero excessivo.

6) *Constit. pacis et treguæ,* outorgadas por En Jaime em Tarragona, apud Milá, *Trovadores* 263. Por serem tão curiosas copiarei aqui as resoluções do cap. VII e um pouco mais abaixo as do cap. X. *Item statuimus*

queriam que á capella regia pertencessem quatro ou cinco.[1]) A respeito das suas funcções foram-nos transmittidas nas Leis Palatinas, promulgadas por D. Pedro IV, o Cerimonioso (1336—1387) mas talvez decretadas já por um dos predecessores — D. Jaime II (1291—1327), ou En Peire III[2]) (1276—1285) — algumas notas preciosas, completadas pelas narrações do notabilissimo chronista En Ramon Muntaner. Todos elles eram musicos. Dois, tocadores de trompas ou trombetas (*trompadors*); um, tocador de *atabaes* (*tabaler*). Os restantes haviam de ser practicos em varios instrumentos. Aos *tubicinatores* e ao tympanista[3]) incumbia tocar no fim e no principio do jantar solemne del rei.[4]) Os outros eram actores e cantores e haviam de tanger (*sonare*) sempre que o rei o exigisse, especialmente em dias de festa: *alii vero duo mimi sint qui sciant instrumenta sonare et isti tam diebus festivis quam aliis, prout opportunum fuerit, instrumenta sua sonare debeant coram nobis.* Em tempo de guerra todos, menos aquelles cujos instrumentos não fossem aptos para tal fim, haviam de acompanhar o soberano. Provavelmente os que chama *mimos,* tangiam instrumentos suaves,

---

quod nos nec aliquis alius homo nec domina demus aliquid alicui joculatori vel joculatrici, sive solidatariæ, sive militi salvatge; sed nos vel alius nobilis possit eligere et habere ac ducere secum unum joculatorem et dare sibi quod voluerit.

1) As noticias sobre a data e sobre o auctor das Ordenações palacianas, citadas já, são contradictorias. O texto latino, embora datado de 1337, é attribuido a En Jaime II (*the third,* no livro de Riaño, é lapso), e o texto catalão a En Peire. Este acha-se impresso nos *Doc. Ined. del Archivo general de la corona de Aragon,* de que ha varios treslados, segundo Morel-Fatio, *Catalogue,* p. 14—15. Aquelle trata, no cap. 28 *De Mimis et Joculatoribus,* de cinco jograes de côrte; este de quatro, o ultimo dos quaes havia de ser *trombeta.*

2) É Pedrell (a p. 119 da obra citada) quem remette o leitor ás *Ordenanzas dels jutglars* de En Peire III: *dos sien toompadors e lo terç sia tabaler, el quart sia de trompeta.* — Sancho IV de Castella pagava numerosos musicos, como se vê dos seus livros de *Cuenta de entrada y gasto.* Entre elles quinze eram *omes dos atambores;* quatro, *trompeiros;* dois, mouros, eram *saltadores*; varios tocavam *tamborete, axabeba, añafil, rota* e *orgão.* Não faltavam *juglaresas.* — Vid. Am. de los Rios, *Lit. Esp.* Vol. IV, p. 542.

3) Fita, estr. 1069.

4) Lendo os respectivos passos, e olhando para as compridas tubas dos musicos regios no fac-simile de Riaño, p. 132, e tambem para a Fig. 42, proveniente dos *Cantares de S. Maria,* todo o português se lembrará das *longas de prata* dos trombeteiros de Pedro I de Portugal, ao som das quaes não só o povo dançava em volta do monarca, mas ás vezes o proprio rei deante do seu povo.

cantando trovas e recitando poesias narrativas, então em uso em Catalunha.[1]) O chronista nomeia certo *En Romaset*, *En Comí*, a mais bella vez do reino, e o joglar *En Novellet*, porque todos os tres executaram, na coroação de Alfonso IV (1327), um sirventês[2]) e novas rimadas, da lavra do Infante D. Pedro,[3]) o qual durante o jantar, havia entoado pessoalmente com dois nobres da sua confiança *bailadas* (danças) por elle compostas.[4])

D. Denis e Alfonso X mal se contentariam com tres ou cinco jograes. Para que fossem escritas, ensoadas, decoradas e executadas as numerosas canções de amor e de amigo do primeiro, e os numerosissimos versos sacros do outro, ambos haviam de sustentar uma phalange de instrumentistas, cantadores, cantadeiras, bailadeiras, e um *scriptorium* inteiro de copistas e pintores, tão povoado como o que vemos nas miniaturas dos codices alfonsinos. O proprio sabio manifesta mais de uma vez a sua tenção de fazer espalhar pelo reino fóra, as suas composições: *et d'esto cantar fezemos que cantassen os iograres.*[5])

Quanto a cantadeiras (*cantatrices*), bailadeiras (*ballatrices*) *juglaras* ou *juglaresas* (*joculatrices* ex officio) de passagem seja dicto que nenhum d'esses vocabulos se emprega nos cancioneiros, nem no regimento português. Só nas vinhetas do **CA** ha raparigiuinhas que cantam e bailam, tocando pandeiro ou castanholas, evocando a lembrança da que a cantiga **CV 883** introduz *a tanger adufe.* Do mesmo modo, nas illuminuras do **CM**. Mas vendo-as citadas tanto nas *Sete Partidas*[6]) (com a nota de infames e vis) como nos poemas epicos[7]) nos Livros de Contas de Sancho IV, nas *Ordenações* ara-

---

1) Ha na *Chronica de Muntaner* (175, 537, 540, 542, 544, 549) varias passagens que nos mostram que os reinantes dispunham de muitos jograes com instrumentos variados.

2) Da predilecção d'este monarca, apellidado o Benigno, pela musica ha documentos curiosos, p. ex. uma carta de 19 de Oct. de 1329, na qual, convalescente, pede a um almoxarife que para o seu solaz lhe enviasse „aquellos joglares del rey de Castiella que era en Taraçona, el uno que tocaba la *xabeba,* et el otro el *meo canon.*" Pedrell, p. 54. Do mesmo modo Pedro IV, o Cerimonioso, requereu um dia (1337) a presença de *Halezigua, moro juglar, tocador de raben* (ib. p. 55.).

3) Muntaner, Cap. 298.

4) Ib. Cap. 297.

5) **CM 172**.

6) *Partida* IV, 14, 3.

7) Apollonio 426ss.; 490 etc.

gonesas,[1]) nos cantares do Arcipreste[2]) e posteriormente no Cancioneiro de Baena;[3]) sendo além d'isso importantissima a parte que o sexo feminino tomou sempre e ainda hoje toma em terras gallizianas no exercicio das principaes artes de joglaria: mal se pode duvidar da sua existencia.[4]) De mais a mais temos num documento gallego do anno 1228 a assignatura de uma Maior Peres, *cantatrix.*[5]) A mulher do jogral, suas filhas, suas amazias, — i. é as *soldadeiras* que lhes vemos associadas com tanta freqüencia nas cantigas,[6]) e que juntamente com elles entravam na casa real e na dos cavalleiros como vendilhonas do amor, tambem para solaz dos privilegiados[7]) — seriam quasi sempre executantes; raras vezes *trobatrizes.* As primeiras e verdadeiras *bailhadeiras* (Bajaderen!)[8])

Em casa de reis, magnates e cavalleiros-trovadores a posição dos jograes era um pouco diversa da que occupavam junto de soberanos e barões que não poetavam.[9]) Estudar as obras compostas

---

1) Vid. cap. X das Constituições de Tarragona: *Item statuimus quod nullus joculator nec joculatrix nec soldataria presentes nec futuri nec illa quæ olim fuerit soldataria, sedeant ad mensam militis nec dominæ alicuius nec ad gausape eorundem nec jaceant cum aliqua dominarum in uno loco vel in una domo nec osculentur aliquem eorundem.*

2) Fita, estr. 870.

3) Baena, Nº 555.

4) Na *Col. de doc. ined. del Archivo general de Aragon* vol. XI encontra-se citado a. p. 362 *P. joculator et Marquesia uxor ejus;* a p. 499. *G. de Avinione joculator et uxor Guascheta,* certamente porque tambem exerciam a profissão dos maridos. — Em documentos gallegos temos varias. Vid. *Rev. Crit.* I, 373 s.

5) *Rev. Crit.* I, 375. — P.S. Na *Rev. Lus.* VIII vae sahir um documento português de 1299, com menção de uma *D. Tareja, a Jograressa.*

6) Além do que sabemos da Balteira, podem colher-se noticias sobre *soldadeiras* na cantiga **CV 1173** que trata da mulher do instrumentista *Pedr' Agudo,* desacreditadissima pela sua vida dissoluta; **1101** e **1102** onde a de *Martim Jograr* é posta no pelourinho como tendo no colo o filho d'outro homem; **911**, **1086**, **1175**, onde se trata das relações de *Bernaldo de Bonaval* com as mais indignas do sexo fraco.

7) Cf. p. 640 Nota 6. *P. M. H.: Leges* 199, Degredo 11. *Soldadeiras nom andem em casa del Rey . . . e se vierem soldadeiras a casa del Rey non estem hi senom per tres dias; e se lhes el Rey quizer dar algo, dêlho, senon vaão-se.* — Ib. 207: *E se ssoldadeira for conuydada* (NB. *por el rei*) *nom leue comssigó manceba nem outro homem hu for el Rey.* — No paragrapho 368 o leitor encontrará referencias a uma soldadeira provençal, casada com um trovador conhecido.

8) *Bajadere* é um dos poucos termos portugueses que passaram para a lingua alleman. Cf. *Auto da fé — Botocudo — Chamada — Feitiço — Casta — Mandarim — Rugemuge.*

9) Lourenço apparece, como o leitor sabe, em discussão com *D. João Soares Coelho* (**CV 1022**), *João Garcia de Guilhade* (**1104**, **1024**, **1105**),

pelo seu senhor, cantá-las e tangê-las, primeiro entre-muros, em seguida em casa de outros nobres amadores e no paço real, eis a sua principal funcção.[1]) Para os admittir como familiares, os trovadores, desejosos de verem não só postas bem em evidencia as bellezas ritmicas e musicaes das suas obras, mas tambem corrigidas no acto da execução certas desigualdades de que uma ou outra padecesse, exigiam dos jograes conhecimentos theoricos e practicos não só nos ramos todos da joglaria, mas tambem na arte de trovar. Numa cantiga, um dos adversarios de *Lourenço* resume os principaes requisitos ou as sabedorias necessarias ao jogral afim de *guarecer com el rei,* nos tres verbos: *trobar, cantar, citolar.*[2]) Em outra, as qualidades do perfeito executante chamam-se *dõair', e voz e aprenderdes ben* i. é graça nas maneiras, voz e boa memoria.[3]) Em outra, terceira que vou copiar, *Lourenço* increpa animosamente o trovador *João Garcia de Guilhade,* que o havia desloado, replicando que nos versos d'elle (Guilhade) havia *muito que corrigir.*

Lourenço jograr, ás mui gran sabor
de *citolares;* ar queres *cantar;*
des i ar filhas-te log' a *trobar*
e tẽes-t' ora já por *trobador!*
5 E por tod' est(o) ũa ren ti direi:
Deus me cofonda, se oj' eu i sei
d'estes mesteres, qual fazes melhor!
„*Joan Garcia,* sõo sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
10 e vos andades por mi-os desloar;
pero non sodes tan desloador

Pero Garcia (**1034**), *D. João d'Aboim* (**1011**); *Juião* em trato com *D. João Soares Coelho* (**786**) e *Mem Rodrigues Tenoiro* (**13**); *Picandom* em conversa com *Coelho* (**1021**); *Pero Martins* com *D. Vasco Gil* (**1020**). Ignoramos todavia se essas tenções e as que se movem entre ricos-homens e segreis, foram inventadas em casa d'esses fidalgos, ou na côrte (não creio que cada um escreveu a sua parte isoladamente no seu gabinete). Na primeira eventualidade o paço de D. João Soares era o centro mais movimentado. Mas como este barão tambem viajasse muito e a propria côrte mudasse freqüentemente de uma a outra cidade, talvez seja mais acertado considerar as tenções todas como executadas em presença dos reinantes.

1) Na cantiga **CV 1117** falla-se de um jogral que executava as composições do cavalleiro *Sueir' Eannes.* Na **974**[a], o jogral *Sacco* vae cantar a casa de um infanção. Na **1106**[a] *D. João Soãres* invectiva *Lourenço,* deprecia o seu saber, e resume o seu desprezo na intimativa cortês: *rogo-te que nunca digas meu son.*

2) **CV 1202.**

3) **CB 1505.** — Vid. a transcripção no § 365.

que con verdade possades dizer
que meus mesteres non sei ben fazer;
mais vos non sodes i conhocedor.“
15 *Lourenço*, vejo-t' agora queixar
pola verdade que quero dizer:
metes-me ja por de mal-conhocer,
mais eu non quero tigo pelejar;
e teus mesteres conhecer-t' os ei
20 e dos mesteres verdade direi:
ess' é que foi con os lobos arar[1])
„*Joan Garcia*, no vosso trobar
acharedes muito que correger.
E leixade-mi que sei ben fazer
25 estes mesteres que fui começar;
ca no vosso trobar sei-m' eu com' é:
i á de correger, per bõa fé,
mais que nos meus en que m'ides travar.“
Ves, Lourenço, ora m' assanhar-ei,
pois mal i entenças,[2]) e te farei
o citolon na cabeça quebrar.
„Joan Garcia, se Deus mi perdon,
mui gran verdade digu' eu na tençon
e vos fazed'o que vus semelhar“ (**CV 1104**).

Erros que os entendidos notassem nas obras de um trovador, quando tangidas e cantadas pelo seu jogral, esses eram pelo auctor attribuidos impreterivelmente ao servente. Ameaçado do pau,[3]) de pontapés,[4]) de lhe quebrarem a cítola na cabeça,[5]) ou de lhe diminuirem a ração de vinho e cevada, o executante era então tratado de pessimo artista, de *jograron,* deturpador do texto e da melodia. Não decorava como devia; não temprava bem a viola;[6]) em logar de tanger suavemente, rascava no cepo, e bradava em vez de cantar,[7]) tendo perdido a bella voz que Deus lhe dera — voz de cabeça á maneira arabe, bem se vê — por excessos bacchicos

1) Não percebo este verso. Faz lembrar o adagio *com os lobos uivar* e muito mais o outro: *Dou ó demo a todos disse o que araba cos lobos.*

2) Parece que *Lourenço* se enganou na rima *e*, respondendo em *é* a *ei,* como o leitor terá, de certo, reconhecido. Veja-se a cantiga **CV 1039**, onde o accusam de rimar mal. Mas como defeitos iguaes se repetem em varias outras tenções (**CV 1020** e **1021**), é possivel que a desigualdade notada chegasse a ser tolerada, por facilitar a tarefa dos tençoantes.

3) **CV 1105.**

4) **CV 974.**

5) **CV 973.**

6) **CV 971.**

7) **CV 971, 974, 976** (*jograron*); **973, 1106** (*rascar*); **1106** (*cepo*); **971** (*bradador*); **973** (*garganton*); **972, 973, 1010, 1107, 1109** (*citolon*).

e libidinosos a que, de certo, se entregava.[1]) Á cantiga acontecia como sempre e em toda a parte acontece á obra do roupeiro, que foi talhada pelo mestre-alfaiate, quando applaudida, e pelo official, quando imperfeita, segundo o adagio antigo.

Eis uma amostra do genero.

Muito te vejo, *Lourenço*, queixar
pola cevada e polo bever
que t' o non mando dar a teu prazer,
mais eu t' o quero fazer melhorar:
5 pois que t' agora citolar oí
e cantar, mando que t' o den assi,
ben como o tu sabes merecer.
„*Joan Garcia,* se vus én pesar
de que me queix[o] en vosso poder,
10 o melhor que podedes i fazer:
non mi mandedes a cevada dar
mal, nen o vinho que mi non dan i
tan ben com' eu [o] sempre mereci,
ca vus seria grave de fazer.“
15 *Lourenço,* a min grave non será
de te pagar, tanto que mi quiser;
pois ante mi fezisti teu mester
mui ben, entendo e ben vejo ja
como se pagu'; e log(o) o mandarei
20 pagar a [un] gran vilão que ei . . .
se un bon pao na mão tever!
„*Joan Garcia,* tal pag(a) achará
en vos o jograr quand' a vos vẽer,
mais outr[en a quen meu] mester fezer,
25 que me entenda, mui ben [me] fará;
que panos ou algo merecer-ei;
e vossa paga ben-a leixarei;
e pagad'[a] outro jograr qualquer.“
Pois, *Lourenço*, cala-t' e calar-m' ei,
30 e todavia tigo mi-o averei,
e do meu filha quanto chi m' eu der.
„*Joan Garcia,* non vus filhar ei
algo, e mui ben vus citolarei.
e conhosco-[me] mui ben [a] trobar.“
35 „A mofar, Don Lourenç(o) [e a] chufar“ (**CV 1105**).[2])

Lourenço parece fazer aqui o papel de adventicio, hospedado de passagem em casa de *João Garcia.* — Afim de propagar as canções

1) **CV 1107** e **985**.

2) Os ultimos versos estão infelizmente muito deteriorados. 1. *lourenço* — 8. *eu pesar* — 9. *q̄ixen* — 10. *melh9* — 20. *pagara grã uilaõ q̄ ey* — 23. *ueher* — 24. *mays out' q̄ mest' fezer* — 25. *q̄ meu entenda mui ben fara* — 30. *au'ey* — 33. *algue* — 34. *e conhosco mui bẽ trobar* — 35. *am far don lourenzo chufar.*

do trovador, seu amo, é que naturalmente o jogral viajava freqüentemente, ora no sequito d' elle,[1]) ora independentemente, posto que por ordem alheia,[2]) ora por conta e risco proprio. Nessa vida aventureira, tangia um dia em salas principescas cantares de mèstria, outro dia psalmos e hymnos sacros na capella; hoje trovas de folgar na praça publica, nas tafurarias e tabernas; àmanhã no adro da igreja, em terreiro de romaria, ou nas eiras dos grandes lavradores, chacotas, bailadas e cantigas de villão, para em seguida deleitar pastoras-serranas ao passar das cordilheiras. Hoje lautamente agasalhado, àmanhã em cabanas sobre cama de palha, ou ao relento; bem galardoado ás vezes,[3]) outras vezes sem um dinheiro na algibeira; a pé, em besta ou a cavallo,[4]) segundo as suas posses, — verdadeiro bohemio e vagabundo. Os seus detractores pintam-no como taful, arlote, bebado, jogador de dados, brigão, agoureiro, chufador e devasso (em dicção crua do tempo), achegado á mais baixa ralé.[5]) Mas como esses amesquinham tambem com notavel azedume tanto a vida, como a habilidade technica dos instrumentistas e as qualidades artisticas de alguns cujo talento nos é dado avaliar,[6]) está claro que não devemos jurar nas suas palavras, nem aceitar como caracteristico de todos o que era pecha de alguns. A inveja e o ciume dictaram muitas vezes censuras injustas aos poetas de linhagem, sempre dispostos a *tolher o trobar*[7]) ao pobre jogral, logo que, passando de reproductor a inventor, elle lhes desse ensejo de gritar com sobranceria: *ne sutor ultra crepidam.*[8])

---

1) Já dei a ementa dos que *andaram terras,* remettendo então ás cantigas **CV 64, 562, 786, 1009** e **1032.**

2) Conhecemos *Picandom,* enviado por *En Sordell.*

3) **CV 1105, 708, 1031.** Mais abaixo terei de dizer quaes os dons que os palacianos costumavam distribuir entre os jograes que tangiam e cantavam a seu sabor.

4) O jogral *Martim Gallo* apresenta-se ricamente vestido e a cavallo (**CV 1095**). — Alfonso X conta a historia de um, vindo montado da Catalunha, *que ben cantava | andando pelas cortes | fazendo ben sa besonha* (**CM 294**).

5) **CV 911, 1009, 1020.** — Cf. **1086, 1175.** — Alfonso X narra villanias de um jogral-tafur de Guimarães na cantiga **CM 238**, da qual ainda tornarei a fallar.

6) **CV 971, 972, 973, 974, 1009, 1106, 1107.**

7) **CV 830.**

8) Já mostrei que na cantiga **CV 1104** *Lourenço* é censurado por *D. João Soares Coelho* por se *filhar a trobar;* na **1010**ª por *D. João d'Aboim,* por *se trameter a trobar.* Cf. **1105, 1106, 1107.**

De balde, está bem visto. Villão por nascimento, e segundo a pragmatica dos homens de côrte, simples mesteiral, mais de um era artista pela graça de Deus, e tentou erguer o vôo depois de alguma pratica de côrte. Os mais conspicuos, fartos de obedecerem aos grandes, poetando em nome alheio, ou de divertirem os convidados á laia de bobos, com chufas, parodias, arremedilhos, grossarias carnavalescas, largavam o traje garrido de menestrel servente, vestiam saia e manto e começavam a redigir livremente versos de toda a qualidade: dizeres de escarnho e maldizer, mais ou menos agudos, como *Pero d'Ambroa;* sirventeses e tenções, como *Lourenço;* cantares de amigo, de singeleza deliciosa, inspirados por sentimentos puros e em dicção saborosa, ao alcance da nação inteira, como *João Zorro, João Servando, Pero Moogo;* canções de amor, que imitavam perfeitamente o estylo palaciano, como *Pero de Veer, Juião, Alvaro Gomes de Sarria* e os demais que deixei citados em paragraphos anteriores.[1] E apesar de os cortesãos lh'as *desloarem* (ou *desfazerem*), travando-lhes descaroavelmente,[2] muitas das suas obras foram acolhidas em casa del rei[3] e actuaram beneficamente sobre os trovadores aulicos, levando-os a variarem o seu estylo monotono e a aperfeiçoarem o gosto popular. Escuso repetir que, segundo as apparencias, Sancho I de Portugal, escreveu antes de 1200, versos jogralescos em estylo popular.

§ 366. *Segreis.*[4] — A hybrida classe dos segreis ou *omes de segre,* se interpreto correctamente um *hapax-legómenon* do codice vaticano[5] — participa naturalmente de certos caracteris-

---

1) Entre os villões de cuja existencia sabemos exclusivamente pelos trovadores, e tambem entre os que apparecem em documentos gallegos, havia de haver, por certo, meros instrumentistas ou cantadores, como o *Pero Bodinho* e *Pero Sem* da cantiga **CV 1202**, mas tambem alguns que trovavam. A respeito de jograes-trovadores em Hespanha vid. Berceo, *S. Domingos* 775.

2) **CV 823** estr. 2; **1117, 1104, 1184, 1031.** Com relação a Lourenço, typo do jogral-trovador, é preciso comparar as cantigas **CV 1202, 1107, 1106, 1105, 1035, 1034, 1032, 1022, 1011, 1010** e talvez **1009.**

3) *Rodrigu' Eannes* dizia, ameaçando *Lourenço,* que os seus cantares não teriam entrada no paço, o que é prova certa de que tal distincção já fôra concedida a outras composições joglarescas (**CV 1032**).

4) Já fallei d' elles mais acima, a p. 454, nota 2.

5) É na cantiga **CV 1021**, 25 (a qual o leitor encontra mais abaixo em lição restituida) que existe, quanto a mim, a variante notavel *ome de segre.* A ser exacta, não mais se deverá derivar *segriers* do verbo *segre* < *sequi*

ticos dos trovadores de linhagem, e tem outros em commum com os jograes. Homens de genio emprehendedor e temperamento artistico, nobres de origem, de certa educação palaciana, mas de ascendentes pouco illustres ou desprestigiados, e sem bens de fortuna, de modo que não podiam entrar na ordem de cavallaria, ou a terem entrado, não se sustentavam nella, alguns membros do terceiro e quarto grau da nobreza serviam-se do seu saber artistico para ganhar o sustento. Podiamos chamá-los *joglares-fidalgos* (*adelige Lohndichter*), ou trovadores pagos (*bezahlte Hofdichter*). A definição *joglares de côrte* não é correcta, porque embora de facto *guarecessem per côrte*[1], igual titulo competia a muitos simples *vilãos* assalariados, de que tratei no paragrapho anterior (os *trompadors* e *tabalers* de En Peire IV, o *Citola* de Alfonso X). A definição *trovadores de todas as côrtes* convém melhor, visto que esses poetas-nómadas viajavam realmente de côrte em côrte, sem se fixarem em nenhuma. Proveniente da Provença com os seus numerosos centros artisticos, mas alhi pouco usada, passou para Hespanha, onde arraigou e foi sanccionada por Guiraut Riquier, nas Ordenações trovadorescas tantas vezes citadas do *Sabio*. Julgando digna de louvor a nomenclatura mais variada da peninsula, e desejando transmittí-la á Provença, onde então estavam em vigor costumes diversos que não lhe agradavam,[2] o monarca e seu secretario resolveram applicar o titulo *joglar* apenas ao instrumentista e o de *segrier* ao trovador que andava por todas as côrtes:

> *hom apela joglars*
> *totz sels dels esturmens*
> — — — — — —
> *e ditz als trobadors*
> *segriers per totas cortz.*[3])

---

por *sequi*, mas antes do substantivo *segre* < *saeculum* = tempo, mundo, vida mundana, quer fosse porque clerigos *seculares* foram os primeiros que adoptaram o costume de caminhar de côrte em côrte; quer porque o cavalleiro andante era mais mundano de costumes do que os trovadores nobres e villões — o typo perfeito do *aventureiro*, publico e devasso.

1) **CV 1021** e **1015**.

2)
> *Pero tug son joglar*
> *apelat en Proensa,*
> *e sembla-nos falhensa*
> *grans de tot lo lenguatge* (103—106).

3) *Declaratió* v. 83—88. — Milá y Fontanals, *Trovadores* 231 traduz inexactamente *segun el uso de todas las cortes.* Diez, *Poesie* 67 com maior propriedade *die Troubadours an allen Höfen heissen segriers.* Ambos desconheciam os textos portugueses. Por isso Milá acompanhou o vocabulo

No Regimento do Bolonhês identificam-no ao *joglar d'outra terra*, que vinha a cavallo para a côrte.[1]) O segrel chama *joglaria* a sua arte.[2])

Quantos e quaes dos nossos conhecidos devem entrar na conta, não posso dizê-lo. Os principaes são os escudeiros que citei: *Pero da Ponte, Bernaldo de Bonaval, Affons' Eannes do Cotom*, e *Picandom*. E são esses que nos hão de servir de guia e modelo. Alguns traços serão tirados da physiognomia de *Pedr' Amigo de Sevilha, João Baveca*, o problematico *Pero Garcia d'Ambroa, Ruy Queimado*, o qual vemos, montado em cavalgadura de pouco preço, pedir hospedagem a um cavalleiro (**CV 944**). Tambem hão de ministrar-nos alguns materiaes *Rodrigu' Eannes*, tratado por *Lourenço* de trobador de corrilhos (= conventiculos) ou de sarilhos (**CV 1032**), incapaz de compôr um cantar d'amor ou d'amigo; *João Garcia de Guilhade*, menoscabado pelo rico-homem *D. João Soares Coelho*, com insinuações sobre a categoria das damas a que prestava homenagem e sobre as prendas que fingia repartir (**CV 1024** Cf. 663); e ainda aquelle *Sueir' Eannes* de cujas obras perdidas temos noticia por uma serie de escarnhos.[3]) A este ultimo ou a um desconhecido cavalleiro-segrel se dirigem as ironias do burguês *Martim Soares*, a que alludi no § 215 e que passo a transcrever no estado imperfeito em que chegaram ás nossas mãos. Emendo apenas as desigualdades orthographicas:

Cavalleiro, con vossos cantares
mal avil[t]astes os trobadores,
e pois assi per vos son vençudos,
busquen per al servir sas senhores;
5 ca vus vej' eu mais das gentes gãar
de vosso bando, por vosso trobar,
ca non eles, que son *trobadores*.
Os aldeãos e os concelhos
todo'-los avedes por pagados;
10 tan ben se chaman por vossos quites
como se fossem vossos comprados
por estes cantares que fazedes d'amor,
en que lhis achan os filhos sabor
e os mancebos que tẽen soldados.

---

de um signal de interrogação. O mesmo fez Herculano, no trecho das *Leges* 199 de que mais adeante dou a transcripção.

1) Vejam o Degredo 12.

2) **CV 1021**.

3) **CV 1117, 1170, 1179, 1184, CB 143** (= **CA 395**). Na cantiga **1170** podemos observar como *Sueir'-Eannes* (a quem ninguem trata de *segrel*) entra em casa de um *infançon* para lá jantar, e em seguida lhe dá a paga em coplas satiricas contra a sua mesquinhez.

15 Ben-quisto sodes dos alfaiates,
dos peliteiros e dos m[o]edores (?);
do vosso bando son os trompeiros
e os jograres dos atambores
porque lhis cabe nas trombas vosso son;
20 pera atambores ar dizen que non
achan no mund' outros sões melhores.
Os trobadores e as molheres
de vossos cantares son nojados —
.... por que eu pouco daria
25 pois mi dos outros fossen loados —
ca eles non saben que xi van fazer:
queren bon son e bõo de dizer,
e os cantares fremosos e rimados.
E tod' aquesto é mao de fazer...
a quen os sol fazer desiguados.[1])

Entre os que citei, *Pero Garcia d' Ambroa* parece ser segrel, descido a jogral; *Lourenço* um jogral com pretensões a segrel. De *Picandom* vale o mesmo. De *Pero Martins,* o sabedor, repito que supponho fosse clerigo taful, quer jogral, quer segrel. *Guilhade, Queimado,* e talvez ainda *Torneol,* cavalleiros que, segundo as apparencias, andavam terras sem precisarem de paga alguma da sua arte, assim como *Martim Soares,* distribuindo pelo contrario seus haveres e as prendas que lhes eram offertadas, eram trovadores, na sua propria avaliação; mas ainda assim eram tratados de mercenarios por alguns collegas de grande prosapia ou profunda enveja. Como *En Sordello* poderiam ter dicto d' esses mal-querentes: „Sem razão é que me denomina jogral — nome que a elle compete, pois vae atras de outrem, emquanto outrem vae atras de mim. Elle recebe sem dar, guardando quantos presentes lhe fazem; eu dou e não recebo. Elle sujeita-se ao primeiro que queira pagá-lo; eu nunca aceito coisa que possa envergonhar-me.

---

1) **CV 965.** — 4. *busqueu* — 5. *mays mays* — *gaar* — 8. *aldeyaos* — 14. *teẽ* — 16. *e dꝯ medor̃s* — 17. *da* — 20. *atãbores.* — Caso se trate de um instrumento, diverso dos já citados nas linhas 18 e 19, a emenda *atambores* (com *or* em vez *a*) apresenta-se naturalmente. A variante *atambaes* por *atabaes* é documentada (Fita 1208). Mas como o verso 19 está logicamente ligado ao 17°, o 18° podia ligar com o 20° — 24. *ahuã.* — Um substantivo como *anoio* = *anojo* servia bem. — 25. *nã.* — A respeito de *atabaes* e *atambores* veja-se Pedrell, p. 50.

Os ultimos versos trazem á memoria as queixas levantadas contra *Lourenço.* — Mas este jogral não era, seguramente, o unico a desacertar na medição dos versos, nas rimas, e na composição musical (se por acaso *desiguado* tambem se refere ao *som*).

Vivo dos meus rendimentos, e não quero galardão, a não ser d'amor.“ [1])

Os trechos em que vemos positivamente empregado o vocabulo *segrer* são tão poucos, e por isso mesmo tão importantes que decidi coordená-los todos. Começo por duas composições inteiras.

Na côrte de Alfonso X, *Gil Peres Conde* deu conselhos ironicos a um artista, chegado de fóra-parte, mas tão pouco habil ou tão temivel que os trovadores se colligaram para apeá-lo do pedestal. Ignoro se o incriminado era o nosso *Lourenço*, deitado de Portugal, ou outro desconhecido:

> Jograr, tres cousas avedes mester
> para cantar, de que se paguen én:
> dõair' e voz e aprenderdes ben,
> que de voss' o non podedes aver,
> 5 nen emprestado, nen end' o poder
> non á de dar vo'-l' ome nen molher.
> Sen ũa d' estas nunca *bon segrer*
> vimos en Spanha, nen d'alhur non ven,
> e sen outra que a todos conven:
> 10 seer . . . ., jograr, trager
> non vus vej' est'; e comprar non vender
> non o pod' ome, pero xe quiser.
> Buscade per, u, com(o) ou ondequer
> ajades est'; e jograr, se vus ten
> 15 prol de trobar, terria-vus por sen
> furtarde'-l' a quen-no sabe fazer.
> D'esto podedes guaanhar . . ou perder . .
> tanto que x' om(e) a verdade souber.[2])

Na mesma côrte, brigaram o enviado de Sordello, e o mais activo rico-homem trovador de Portugal:

> Vedes *Picandon*, son maravilhado
> eu d'En Sordel [de] que ouç(o) entenções
> muitas e bõas e mui bõos sões[3])
> como fui en teu preito tan errado.

1) Vid. Lollis, *Vita e Poesie de Sordello*, p. 158 Nº VII, ou mais acima a p. 371 o texto provençal, acompanhado de outra versão.

2) **CB 1515.** — 3. *E doayre uoz* — Talvez: *é dõayr* — 5. *endou poder* — 9. *le huã* — *segrel* — 8. *en espanha* — 10. *Seer sẽ nois uos iogr̄ traier.* Talvez: *sen noj', e vos, jograr* i. é desenojado, desenjoado, alegre, folgazão? — 15: *terriau9* — 16. *furcar del aq̄no s. f.*

3) Lollis (l. c. 28, 2) prefere a leitura *que ouço en tenções* | *muytas e boas e en mui boos sões.* — Comprehendendo *én* < *inde* i. é d'elle, de Sordello, o sentido sahe igual ao que penso dever marcar com a minha emenda. *Fui* por *foi,* e *vus* por *vos* são archaïsmos, em que não temos o direito de tocar: sempre de novo o digo.

5 Pois non sabe(de)s *jograria faxer*
por que vus fez *per corte guarecer?*
Ou vos, ou el, dad' ende bon recado![1])
„*Joan Soares,* logo vus é dado
e mostrar-vo'-l'ei en poucas razões:
10 gran dereit' ei de gãar [ricos] dões
e de seer en corte tan preçado
como *segrel* que diga mui ben, vês,
ençõ es (e) cobras e sirventês
o que seja de falimen(to) guardado.“
15 *Picandon,* por vos vus muito loardes
non vo'-lo cataran por cortesia
nen por entrardes na tafularia,
nen por beverdes, nen por pelejardes;
o se vus esto contaren por prez,
20 nunca Nostro Senhor tan cortês fez
como vos sodes, se o ben catardes.
„*Joan Soares,* por me dẽostardes
non perç' eu por esso mia *jograria;*
e a vos, senhor, melhor estaria
25 d' a tod' *ome de segre* ben buscardes,
ca (eu) *sei cançon muita* e *canto ben*
e guardo-me de todo falimen,
e cantar-ei cada que me mandardes.“
Sinher, conhosco-mi-vus, Picandon;
30 e do que dixi peço-vus perdon
e gracir-vo'-l'-ei, se mi perdõardes!
„*Joan Soares,* mui de coraçon
vus perdõar-ei que mi dedes don
e mi busquedes prol per u andardes.[2])

Foi lá que *Affons' Eannes de Cotom,* rebatendo o orgulho de *Pero da Ponte,* o qual andava soberbo e honrado, como se fosse trovador, lhe fez a objecção rebarbativa:

a todo escudeiro que pede don
as mais das gentes o chaman segrer (**CV 556**).

Lá tambem que o proprio *Pero da Ponte* pôs a descoberto a devassidão do seu companheiro mais velho, *Bernaldo de Bonaval,* um dos mais habeis, mas tambem dos mais viciosos, empregando o termo technico, se bem que acompanhado de um epitheto laudatorio:

vos que tod' entendedes
quant' entende bon segrer (**CV 1175**).

---

1) Já o transcrevi mais acima, a p. 371.
2) **CV 1021**. — 1. *picandou* — 2. *ouçõe tençoes* — 3. *boas ey mui boos soes* — 10. *deytei de gaar doẽs* — 11. *tã p̄iado* — 13. *en canzoẽs e cobras e fuẽtes* — 15. *Picandou* — 17. *rafularia* — 25. *de seȳ* — 26. *ca eu sey cãçoẽs muytas e cãto bẽ.*

E fallando paladinamente das pechas do mesmo bohemio, o sarcastico *Ayras Peres Vuiturom* lhe disse, pouco mais ou menos:

> *ca escarnh' é pera muy bon segrer*
> *se lh' assi van travar ena molher* (**CV 1086**).[1])

Com sobrecenho, mas com maior delicadeza, o velho *Abril Peres de Lumiares* alludiu aos amores ordinarios de *Bernaldo,* depois de terem discutido juntos certas theorias eroticas:

> *ca ben sabemos, Don Bernaldo, qual*
> *senhor sol sempre a seguir segrer* (**CV 663**).[2])

Creio que este ultimo caso se deu em Portugal, porque nada consta a respeito de uma sahida do reino de *Abril Peres.* Mas o contrario tambem é muito possivel, neste como nos demais casos que me resta apontar.

Martim Soares e *Pay Soares* fingiram ignorar, se um executante sem talento que havia provocado as suas iras, era villão ou escudeiro, exclamando:

> *cofonda Deus quen te deu este don*
> *e quen te fezo jograr nen segrer!* (**CB 144**).

E *Pero d'Ambroa,* alludindo a decretos, verbaes ou escritos, quer do Bolonhês, quer do Sabio, iguaes ou parecidos aos que conhecemos, apoia-os e sancciona-os, apregoando:

> *ca manda el rei que, se demandar' don*
> *o vilão e se chamar' segrer*
> *e jograria non souber' fazer,*
> *que lhe non dé ome de seu aver* (**CB 1514**).

Ambos talvez simultaneamente com *Gil Peres Conde,* e cheios de raiva contra *Lourenço?*[3])

Tirando conclusões d'estes cantares devemos lembrar-nos das demais censuras e calumnias, brandidas sem indicação da sua categoria social contra *Pero da Ponte, Bernaldo de Bonaval* e *Affons' Eannes do Cotom,* motivadas em parte — forçoso é pensar

---

1) Substitui um verbo obsceno por outro muito usado nas brigas dos trovadores.

2) Em tom de chacota dava-se ás vezes o titulo nobiliarchico ao escudeiro-segrel, e ao jogral que ostentava ares de trovador. *Pero da Ponte* foi apostrophado *Don Pero* pelo rei de Castella (**CV 68**), conforme indiquei a p. 458, Nota 2; *Bonaval* nos versos do Senhor de Lumiares, citados no texto e a p. 459 N. 2; *Pero d'Armea* na cantiga **CV 1135**; *Lourenço* **CV 1034**, por um *Pero Garcia*, que pela sua parte é tratado ahi mesmo de *Don Pedro.* Ignoro, se o visado é o *Burgalês* ou o *d'Ambroa.*

3) Veja-se a nota anterior sobre relações eventuaes entre *Lourenço* e *Pero d'Ambroa.*

assim — pelos reprehensiveis desmandos a que a sua vida de vagamundo os arrastava, em parte originadas por inimizades, ciumes, invejas, quando não são meras chufas para rir. São de gravidade os horrores que o proprio rei de Castella disse de *Pero da Ponte*, tratando-o de jogador,[1]) bebado, ladrão,[2]) traedor, assassino;[3]); os vituperios com que *Martim Soares* vergastou *Affons' Eannes do Cotom* (**CV 663**); e o que sabemos das relações de *Pero d'Ambroa* e *Pedr' Amigo* com a Balteira.

Montado e armado é que o segrel de Hespanha ia de côrte em côrte, através da peninsula,[4]) prompto para entrar em lides contra os mouros da fronteira, se a occasião assim o exigisse,[5]) mas em geral muito mais disposto a encontrar no seu caminho boa guarida, no paço de um Mecenas ou Amphitrião, e depois no convivio com elle assunto para novas poesias, e premio condigno das suas obras. Só em conjuncturas arduas procurava agasalho nas albergarias e hospitaes. Para as salas regias é que levava cantigas mais vezes de mèstria do que de refram. Hoje enaltecia os feitos gloriosos de personagens de primeira plana (reis como Fernando III e En Jaime);[6]) amanhã pranteava a morte de algum proeminente barão.[7]) Um dia ventilava questões de cortesania e de amor com os senhores que o interpellavam;[8]) outras vezes ridiculizava as fraquezas do proximo, desde o taful até ao rico-homem;[9]) freqüentemente

---

1) De dados, bem se vê e d' outros jogos de tavolagem de que tratou *Mestre Roldan*, por ordem de Alfonso X.

2) De furtos de poesias falla-se em varias cantigas.

3) **CV 68** e **70**.

4) Não sei de nenhum que transposesse os Pyreneos, a não ser *Pero Garcia d'Ambroa* na sua romagem a Rocamador, com demora em Montpellier.

5) *Pero da Ponte,* o mal-talhado, não tinha ambições marciaes. *Affons' Eannes de Cotom,* seu collega mais velho, que devemos imaginar de mais gentil presença, gabava-se, pelo contrario, de ganhar nas lides mais ainda do que nas justas poeticas (**CV 566**). Mas os adversarios encarregavam-se logo de interpretar o dicto a seu modo, collocando essas lides nas tabernas e tafularias (**CV 966**). *João Baveca* allude a aventuras eventuaes, fronteiriças, de Bernaldo de Bonaval, o *doneador*, dizendo:

ca se vus Deus·en armas ben fezer'
se vus con mouros lid' acaecer . . . **CV 1063**.

6) **CA 460** e **466**.

7) **CA 461—464**.

8) **CV 663** (cf. **826**).

9) **CV 1112, 1116, 1117—1123, 1128, 1160—1205**.

dedicava canções de amor ou de amigo ás damas da côrte,[1]) tentando sempre exceder os demais poetas pelo seu espirito, suas aptidões variadas e novidades que ensaiava. Poucos eram os que preferiam a sociedade burguesa ou se achavam mais a vontade no meio da arraia miuda dos mesteiraes, como o apodado por *Martim Soares,* no qual suspeito *Sueir' Eannes.* Só nas côrtes e nos castellos dos barões é que podiam grangear donativos de vulto: ouro até cem maravedis,[2]) cavallos e armas, de principes e barões opulentos e liberaes como os senhores de Haro e de Cameiros.[3]) Arreios completos, sellas e freios,[4]) cendaes, cisclatones, pannos aureos, pennasveiras[5]) nas côrtes dos conquistadores de Sevilha e Valencia, e ulteriormente na do Sabio coroado, que sempre recebia com mãos abertas os cultores da arte, pelo menos os que vinham de fóra-parte, no dizer de ciumentos subditos seus. Não faltavam comtudo occasiões em que, mal hospedados por infanções ou cavalleiros tacanhos, sem brio, os jornadeantes, tidos em pouca conta, haviam de contentar-se com dons menos valiosos, recebendo pannos[6]) baratos ou apenas a sua ração[7]), talqual os jograes. Acontecia mesmo baterem á porta de algum, completamente desmusico, sendo rudemente des-

---

1) **CA 288—292; CV 653—662.**

2) Leges 199, Degredo 12: *e o jogral que veher de cavalo d'outra terra ou segrel dê-lhe el rey ataa cem . . . ao que chus der.* — O nome da moeda falta. *Maravedi* é hypothese plausivel de Herculano, aprovada por Th. Braga. No Cancioneiro os poetas tanto empregam *maravedis* como *dinheiros* (vid. p. ex. **CB 1524**). Outros fallam vagamente de *algo* (**CV 1105** e **1194**) ou de *aver* (**CV 708, CB 1514**), palavra que occorre no mesmo sentido em textos provençaes e catalães, p. ex. no decreto de Alfonso II de Aragão (Milá, *Trovadores* 262).

3) **CA 463.**

4) Alfonso X desenha um simples jogral-remedador a quem davam *panos et selas et frẽos* (**CM 243**). Na *Chron. Gen.* f. 303v diz-se que recebiam *panos, sellas, guarnimentos nobres.*

5) *Cendales* e *cisclatones* (*Alex.* 1798), *draps d' aur ab penes-vaires* (Muntaner, 537; cf. 539, 548) só eram distribuidos em occasiões extraordinarias, como a coroação de um rei. — No Cancioneiro não se especifica a qualidade dos pannos distribuidos. Mas a colheita era ás vezes tão abundante que o segrel repartia com o jogral (**CV 1031**) ou a mandava vender no mercado (**CB 1572**). Na cantiga **CV 690** *Pedr' Amigo* falla de *penas-veiras,* por elle recebidas mas cobiçadas por um cavalleiro-trovador de cujas pretensões faz escarnho.

6) **CV 1031, 1105, 1514, 1572, 1573.** — Pannos tinha, de resto, duas accepções diversas: a de vestuario completo, composto de manto, pelote e saia; e a de fazenda para estas mesmas peças. — Cf. Gama Barros I, 533ss.

7) **CV 1105.** — Cf. Canc. Baena Nº 54.

pedidos, açulados por cães ou hypocritamente encommendados á protecção de Nossa Senhora ou de San Julião, o Hospitaleiro.[1]) Casos estes em que naturalmente tiravam a desforra, vibrando escarnhos mais ou menos chistosos contra os avaros.

Com relação á actividade do segrel vimos que os magnates exigiam que tivesse, como o jogral-villão, uma voz cultivada, trazendo igualmente bem decorado grande numero de cantares, esmerando-se em não commetter erros, e além d'isso que mostrasse garbo no porte, nos gestos, e no modo de dizer,[2]) e indole alegre, sem exquisitices importunas de pedante.[3]) Nenhum apparece sobraçando a *citola*; nunca se emprega o termo *citolar* com respeito a elles.[4]) Nem mesmo com relação a *Picandom,* o qual ouvimos dizer ao seu senhor apenas: *eu cantarei cada que vos mandardes.* Mas ainda assim não me parece muito provavel que das artes e partes da joglaria exercesse apenas as duas mais nobres: *trobar* e *cantar.*[5]) Quanto ás composições que sabia de cor e cantava, é certo que além das que eram propriamente suas, fazia ouvir as alheias que o Mecenas indicasse. *Pero da Ponte* executava p. ex. as de *Sueir' Eannes,* embora não desconhecesse seu fraco merito (**CV 1179**); e *João Baveca* entoava versos de amor de um trovador que não enchia as medidas a *Pero d'Ambroa* (**CB 1573**).

A maneira como contam as suas aventuras e as dos companheiros, e o proposito dos magnates-trovadores de confundirem as outras duas categorias,[6]) mostram que o modo de vida e a posição social do segrel não era muito diversa da do jogral. Na consciencia de ser igual ou superior a muitos fidalgos em dotes naturaes, saber,

---

1) **CV 994, 1001, 1002.**

2) *Dizer* era ás vezes synonymo de *cantar.* Temos *dizer un cantar* (**1117**), *dizer un son* (**1106**), *dizer son e citolar* (**1009, 1021**), *bon son e bõo de dizer* (**965** e **971**). Para significar a simples recitação empregavam a expressão *dizer fallando* (Muntaner, c. 298 *dix en parlant*) ou *rezar* (Cf. *Apollonio* 427).

3) Vid. mais acima a cantiga **CB 1515.**

4) Nem mesmo *tanger.* Cf. p. 659 Nota 7.

5) *Picandom* falla indecisamente da sua *joglaria.* O *Arcipreste*, esse era, como se sabe, pratico em todos os instrumentos (cf. estr. 1463 onde affirma saber todo a *jugleria*). — Mas anteriormente, no reinado de San Fernando, parece com efeito, que o segrel só cantava e trovava. Seu filho distingue no passo muito citado do *Setenario* entre *omes de corte que sabien bien trobar et cantar* e *joglares que sopiesen bien tocar estrumentos.*

6) **CV 1021,** **CB 144, 1514, 1515.**

engenho, arte, e distincto dos villões não só por nascimento e criação, mas tambem como auctor habilitado por lei e costume para cultivar os generos todos, palacianos e rusticos, incluindo a canção de amor,[1]) e ainda por ser, para assim dizer, actor em primeiro logar de obras propriamente suas e de composições alheias só em segundo logar, o segrel bem reclamava para si o titulo nobiliarchico de *trovador*. Em vão. Para a multidão obscura dos executantes assalariados e dos bohemios vagabundos, repelliam-no os barões e partidarios do protocollo, exigindo que a lei definisse como mester mecanico e aviltante, cujo exercicio degradava o filho d'algo, o tanger e cantar por preço, mesmo quando as palavras e o som eram invenção sua. Já o deixei dicto mais acima.[2]) Não havia balda nem vicio de que não o accusassem: elle era chufador[3]) e gabarola;[4]) elle, amigo desleal; doneador, dissoluto, amigo de Baccho, taful, furtador de versos[5]); quasi quasi o retrato ou prototypo d'aquelle escudeiro *Don Furon* que o Arcipreste pintou com mão de mestre:

apostado donzel —
se non por catorze cosas, nunca vi mejor que el!
Era mintroso, bebdo, ladron e mesturero,
tafur, peleador, goloso, refertero,
reñidor et adevino, suzio et agorero[6])
nescio, perezoso — tal es mi escudero.[7])

---

1) *Servir damas, ser sabedor da cortesania, pedir* ou *demandar dom* (**CV 556** e **CB 1514**) em logar de esperar que lh'o dessem, eram, parece, as prendas e prerogativas que elevavam o segrel àcima do jogral. Os que eram cavalleiros tomavam parte no *sport* do bofordo e tavolado (**CV 354** e **355**) e recebiam prendas de damas da côrte (**CV 346—348**).

2) „Em Portugal era principio reconhecido que o homem nobre por linhagem perdia as immunidades inherentes á nobreza, se deixava de fazer vida de fidalgo; isto é, se exercia officio mecanico para occorrer á sua sustentação, ou lavrava por salario propriedade alheia.“ Gama Barros I, 392.

3) **CV 1032.**

4) **CV 1011, 1020, 1021, 1032, 1034.** — Essa balda era, de resto, commum a todos os poetas, fossem trovadores como o senhor *d'Aboim* e *Coelho*, jograes como *Lourenço* e *Picandom*, ou segreis letrados como *Pero Martins*.

5) **CV 64, 1022, CB 1515.**

6) Lembrem-se de *Martim Vasques*, jogral citado nas cantigas **CV 928—931** e **1042.**

7) Estr. 1594. — Pouco a pouco esses escudeiros desceram a criados graves de casas fidalgas. Para historiar a evolução do typo, haveriamos de colher noticias nas *Chronicas* antigas, a começar com a de D. Pedro I (em que surgem alguns que tangiam e cantavam muito bem), nos Autos de Gil Vicente, nos de Camões e do Chiado, nas prosas de Francisco de Moraes e D. Francisco Manoel de Mello, etc.

Accrescentemos que o rapaz assim pintado sabia ler *tarde, pouco e por mal cabo*, mas que apenas lhe dissessem um cantar novo, lá ia habilitado a ensiná-lo por todo o mercado a quantos quisessem aprendê-lo. Artista da gemma.

§ 367. *Requisitos da boa composição trovadoresca.* — Uma cantiga considerada digna de applauso devia ter em primeiro logar um assunto aceitavel: *bõa razon* (**CV 1009**) ou *summa de razon* (ib.); segundo, estar bem rimada[1]), tendo consonancias puras e não meros assoantes como a trova popular; terceiro, não ser *desigual* ou *desiguada*. Nesta expressão vaga[2]) condensa-se, a meu vêr, a não observação das regras que o uso, o exemplo e o ensino dos mestres havia sanccionada, mais tarde formuladas na *Poetica*. P. ex. a de se evitar todo o cacophaton[3]) e palavras feias, o hiato entre

---

1) **CV 1022, 1034, 1035, 965.** — Veja-se a nota immediata.

2) Na cantiga **CV 1022** ha as seguintes explicações:

E tu que dizes que entençõcs faes,
mais pois non riman e son desiguaes
sei-m' eu que ch' as faz Joan de Guilhade
— — — — — — — — — — —
tençon desigual e que non rimava
— — — — — — — — — — —
ca non cuidei que entençon soubesses
tan desigual fazer — — —
fiz eu entençon e ben a iguava

Na **1034ª**: *e dizen esses con que vos trobades,*
que de trobar nulha ren non sabedes,
nen rimades nen sabedes iguar
— — — — — — — — —
mais quen non rima nen sabe iguar
se eu juízo dou, queixar-vus-edes.

Na **1035ª**: *mais di-me ti que trobas desigual,*
se te deitan por én de Portugal?
— — — *mais vin aqui*
por gãar algo, pois sei iguar ben
con o trobar vosso — — —

Na **965ª**: *Queren bon son e bõo de dizer*
e os cantares fremosos e rimados
e tod' aquesto é mao de fazer
a quen os sol a fazer desiguados.

Vid. *Randglosse* I, 73. Na primeira d'essas tres cantigas, as regras estabelecidas e as tachas censuradas referem-se ás *tenções* de Lourenço e talvez a alguns seguires. — Cf. *Poetica,* Tit. IV, cap. 9.

3) Tit. VI, cap. 2: *erro acharon os trobadores que era ũa palavra a que chamaron caçefeton que se non deve meter na cantiga que é tanto*

vogaes identicas[1]), chamadas *ditongo* no sec. XIV pelos cultores da gaia sciencia,[2]) a collocação de versos brancos[3]) e de rimas agudas e graves no seu justo logar, i. é. em todas as estrophes no mesmo verso;[4]) guardar os tempos;[5]) rimar a *finda* com a ultima estrophe;[6]) etc. etc. Desgraçadamente, a exigencia de o assunto ser novo, e nova a forma estrophica — duas das principaes condições da esthetica provençal — não era *conditio sine qua non.*

Da composição musical exigiam que fosse cantavel, facil de aprender. Nenhuma alcançava fóros de privilegiada a não ser *bõa de dizer.*[7]) Só então era *mui cantada* ou *mui dita*[8]) e acolhida *en cas del rei.*

O proprio trovador era quem inventava a melodia, *o som*[9]) para o seu texto, ou, na dicção de então, para as suas *palavras.*[10])

---

como palavra fea e sõa mal na boca, e algũas vezes tange en ela ca[çorria] ou lixo, o que non conven de seer metudo en bõa cantiga. — Cf. *Canc. Baena* Nº 209, 223 etc.

1) Tit. VI, cap. 1: *Outrosi erro é meter a palavra vogal depos vogal. Non entendades que se entende vogal apos vogal se as vogaes son de senhas naturas; mais non se deve meter duas vezes ũa apos outra.*

2) *Canc. Baena,* Nº 209 e 223.

3) O verso sem rima chamava-se *palavra perduda.* — *E esta palavra pode meter o trobador no começo ou no meio ou na cima da cobra en qual logar quiser, pero onde a meter en ũa cobra deve a meter nas outras en cada ũa d'elas en aquel logar.* Tit. IV, 2.

4) Tit. V, cap. 2: *conven que o trobador, se começa en longas ou per curtas silabas que por elas acabe, pero que pode meter na cobra das ũas e das outras se quiser, a tanto que por qualquer guisa as meter en ũa cobra, que por tal guisa as meta nas outras; pero conven que como as meter que assi as faça rimar: longas con longas, e curtas con curtas.*

5) Começando no presente, não era admittido passar para o preterito ou o futuro. Tit. V, cap. 1.

6) Tit. V, cap. 4. *E se for a cantiga de meestria deve a fĩida rimar con a prestumeira cobra. E se for de refran deve de rimar con o refran.*

7) **CV 965.**

8) **CV 1179.**

9) Temos *son* nas cantigas **CV 965, 971, 1009, 1021, 1106**; e *asson* na *Poetica*, Tit. III, cap. 9. O plural *sões*, autenticado pela rima, parece-me attestar a origem estrangeira do termo. Na rubrica da cantiga **CV 965**, *sôos* deve portanto ser modificado em *sões*, o que não quer dizer que na camada popular da linguagem não existisse *sõo, sõos*, com a significação geral de *sonido.*

10) **CV 361**: *Fez meu amig(o), amigas, seu cantar*
per bõa fé, en mui bõa razon,
e sen enfinta, e fez-lhi bon son.

O facto de as duas sabedorias, a poetica e a musical, irem juntas por via de regra, explica a falta de nomes especiaes para o compositor. Naturalmente, havia porém poetas desmusicos. Estes podiam usar de dois expedientes. Escreviam simples *seguires,* i. é. escolhiam uma melodia já existente de outro trovador; e ao redigir nova razão, cingiam-se ás exigencias estrophicas, rhytmicas e mesmo de rima, impostas pelo modelo. Ou sabendo que não era bem-visto esse processo, preferiam associar a si como jogral-servente um bom musico para lhes *assõar* os versos,[1]) aquelle mesmo que depois ficava incumbido de executar e propagar a invenção commum. Por isso temos, além do termo generico *trovar*, alguns especiaes. Com relação a taes seguires dizia-se *fazer un cantar en un son* (CV 1007); ou *en son de un descor[do]* (963); *en son de XX.*;[2]) *filhar o son a alguen* (1007); *seguir outros sões* (949); *trobar en bon son* (1179). Com relação só ao texto: *fazer cobras* (947, 1160, 1170); com relação só á musica *fazer un son* (965, 1116, 1170, 361). Do trabalho conjugado de um só auctor: *fazer un cantar* (1009, 1032, 1097), *fazer cantigas* (CM 316 e 400), *fazer cantares e sões* (CM, Titulo e Epilogo), *fazer cobras e son* (CM 293) ou *cobras e sões* (CV 1160, 1170).

§ 368. *Côrtes de amor.* — Supponhamos que em dias de grande gala i. é. nas principaes datas do calendario — Pascoa, Pentecostes, S. João, Santiago, Natal, Festa das cruzes — em festejos familiares dos dynastas e em reuniões politicas, costumava haver, como hoje, uma parte literaria: *justas poeticas* (*Sängerfeste*). — Não se trata de academias, nem de um tribunal composto de varios juizes, para darem sentença em forma; e muito menos de damas reunidas para votar e

1) O proprio Alfonso X ás vezes procedia assim, conforme confessa em declarações que acompanham algumas poesias. Vid. *fiz cantiga nova con son meu, ca non allẽo* CM 347.

2) A cantiga 949 principia:

En este son de Negrada
farei un cantar.

Não é possivel considerar *denegrada* como adjectivo. Confesso todavia ignorar quem fosse este *Negrada.* — Lembrarei apenas os versos de *Guilherme de Berguedan:*

chanson ai comensada
que será loing chantada
en est son veill antic
que fez Not de Moncada

e os outros que dizem:

En son de Gui Nantull (Guido de Nanteuil)
faray un bell sermó.

(Milá, *Trovadores,* p. 501).

julgar sobre questões de casuistica amorosa.[1]) Das escassas indicações que se colhem nos Cancioneiros resulta apenas que, tendo um trovador proposto a qualquer collega ou inferior, um problema mais ou menos intrincado para materia de discussão, o principal interessado recorria ás vezes a um personagem altamente collocado, rei de Portugal, rei de Castella, ou trovador de renome, pedindo-lhe, dirimisse a contenda. Podia ser que as festividades mais brilhantes em que os trovadores exhibiam canções novas, improvisavam tenções, ou recitavam outras previamente redigidas,[2]) se realizassem quando para côrtes politicas se achavam reunidos, em volta do monarca, os vassallos portugueses com toda a sua comitiva de cavalleiros; mas a conformidade com a terminologia provençal e francesa leva a pôr de lado a hypothese. Este acôrdo e as phrases *fazer côrte* ou *côrtes*, *burlar côrte*[3]) tornam provavel que se trata de conciliabulos festivos de trovadores palacianos, independentes de trabalhos legislativos, no mesmo gosto em que eram celebrados fóra da peninsula.[4]) Em geral em presença dos monarcas.

Eis o que os trovadores relatam a respeito das decisões d' essas côrtes mundanas. *João Ayres de Santiago* — servindo-se de uma *fremosinha* como *medio* e vozeiro seu — informa-nos como, na certeza de el rei celebrar côrtes em breve, elle se ia preparando com novos cantares de amor:

O meu amigo novas sabe ja.
d' aquestas cortes que s' ora faran;
ricas e nobres dizen que seran,
e meu amigo ben sei que fará
5 un cantar en que dirá de mi[n] ben;
ou [o] fará, ou ja o feito ten.
Loar mi-á muit(o) e chamar mi-á senhor,
ca muit' á gran sabor de me loar;
a muitas donas fará gran pesar,
10 mais el fará, com' é mui trobador,
un cantar en que dirá de min ben;
ou o fará, ou ja o feito ten.

---

1) Com relação ás legendarias *Côrtes de Amor* dos Provençaes, vid. Diez, *Über die Minnehöfe* 1825 e *Poesie*, p. 21—25; Gaston Paris, *Journal des Savants* 1888, p. 664—675 e 727—736; Pio Rajna, *Le Corti d'Amore*, Milano 1890; Milá y Fontanals, *Trovadores*, p. 31.

2) **CV 1022**. — Vid. *Randglosse* XXXVI: *Das Streitgedicht im Portugiesischen.*

3) **CV 1001.**

4) *Randglosse* I, 28—29. — A expressão *Côrtes plenarias* (*cours plenières*) usada em França, não era corrente na peninsula. — Cf. Th. Braga, *Gil Vicente* 32 com citações de De Cuvillers, *Des Comédiens et du Clergé.*

En aquestas cortes que faz el rei
loará min, e meu [bon] parecer,
15 e dirá quanto ben poder' dizer
de min, amigas; e fará, ben sei,
un cantar en que dirá de min ben;
ou [o] fará, ou ja o feito ten,

Ca o viran cuidar, e sei eu ben
20 que non cuidava ja en outra ren (**CV 597**).

Mais tarde, vendo-se ameaçado pelo esposo da mesma dama, recem-maridada (ou de outra a quem havia anteriormente dedicado versos de amor), o Compostellano fez querela, appellando para a protecção do monarca castelhano, e caso este lhe negasse o seu amparo, para o rei de Portugal:

Meu senhor rei de Castela,
venho-me vus querelar:
eu amei ũa donzela
por que m' ouvistes trobar;
5 e con quen se foi casar,
por quant' eu d' ela ben-dixi,
quer m' ora por én matar.
Fi[a]dor para direito
i quix per ante vos dar,
10 el ouve de min despeito
e mandou-me desafiar;
non lh' ousei alá morar,
venh' a vos que m' emparedes
ca non ei quen m' emparar'.
15 Senhor, par sancta Maria,
mandad' ante vos chamar
ela e min algun dia;
mandade-nos razõar,
se s' ela de min queixar'
20 de nulha ren que dissesse,
eu sa prison quer' entrar.
Se mi justiça non val
ante rei tan justiceiro,
ir-m' ei ao de Portugal[1]) (**CV 553**).

Est' ultimo pode ser D. Affonso III. ou D. Denis. Quanto ao *justiceiro* de Castella, não ha certeza.[2])

Perto do Sabio é que *João Baveca* discutiu com *Pedr' Amigo* num jogo-partido burlesco — parodia das tenções amorosas dos provençaes — sobre qual era o namorado que procedia com mais acerto:

---

1) 12. *nõ lheu sey.*
2) Vid. p. 611, Nota 3.

o rafeç' ome que vai ben querer
muy bõa dona de que nunca ben
atende ja,

ou então

o bõo que quer
outrossi ben, muy rafece molher,
pero que lh' esta queira fazer ben.

No fim, depois de ter proposto que acabassem, o parceiro consente, terminando: *e julguen-nos da tençon por aqui* (CV 826).

Ahi mesmo, ou no paço de Fernando III., *Pero da Ponte* ventilou com um *D. Garcia Martins,* que não sei identificar, a questão se o amador, morrendo por descobrir o seu coração á bem-amada, deve resistir ou ceder á tentação. *Da Ponte* toma o partido do discreto que guarda silencio e se fia na intervenção de um amigo. *D. Garcia* prefere manifestar as suas magoas, embora com risco de perder o beneficio de a vêr e de lhe fallar. Ambos sollicitam o beneplacito del rei.[1])

Ao compôr e recitar o seu sirventês sobre o caracter de Alfonso X., *Pay Gomes Charinho* dirigia-se aos companheiros, convidando-os a julgarem a sua obra:

e contar-vus-ei
ainda mais, e judgade-m' enton.[2])

Perto do Bolonhês encontramos *João de Guilhade* a zombar de um infanção avarento que, interpretando os decretos da pragmatica palaciana a seu bel-prazer, fazia durar a sua capa muito além do tempo minimo prescripto; e quanto aos gastos de mesa, nunca attingia o maximo permittido de duas carnes:

E fará el rei corte este mes
e mandaran-vus, infançon, chamar
e vos querredes a capa levar;
e provar-vus-an, pero que vus pes,
da vossa cap' e vosso gardacos
en cas del rei vus provaremos nos
que an quatr' anos, e passa por tres (CV 1103).

O cavalleiro *Pero Goterres* requer pronuncia do monarca contra uma donzella que, não obstante elle se ter portado como amador leal, lhe mostrava sanha e mal-talante.

---

1) **CV 1186** v. 24: *E d' esto julgue nos el rey;* ib. 25: *Pero da Ponte julgar-m' ei ant' el rei vosqu'* etc.; ib. 37: *Pero da Ponte, se m' ampar Deus, praz-mi que nos julgu' el rei.* — Cf. § 286. — O segrel alludo ainda em outro sitio a uma scena que se passou ant' el rei com *Sueir' Eannes* (**CV 1184**), mas sem fallar de côrtes nem de julgamentos.

2) **CA 256**, 14.

E, senhor rei de Portugal, aqui
julgad' ora, se eu, amand' assi,
dev' a seer desamado por-én (CV 509).

Lourenço escolhe para arbitro entre si e os trovadores cortesãos que iam praguejando dos seus versos, ao senhor *Pero Garcia*, o qual, depois de pedir que o dispensassem de julgar, aceita, prevenindo: *se eu juízo dou, queixar-vus-edes* (CV 1034). *Don Vuiturom* foi indigitado para resolver o famoso processo da ama (CV 1023 e 1092) — escolha que incommodou de veras o senhor *D. João Soares Coelho.*[1]) Nada mais descobri.

§ 369. *Os trovadores da Provença.* — Se no fim d'este summario ponho, fugitivamente, em parallelo com os usos e costumes hispanicos os que vigoravam no centro de onde irradiou o lyrismo da idade-media, creio prestar ao leitor português um duplo serviço. Mostrando-lhe até que ponto a arte trovadoresca de cá é um simples reflexo, nitido ou amortecido, da luz que primeiramente illuminou os paises de *lingua d'oc,* além e aquém dos Pyreneos, do outro lado expôr-lhe-hei, quaes as divergencias, motivadas pelas differentes condições mesologicas.

A razão porque no sec. XI, quando do culto da Virgem ia desentranhar-se o culto cavalheiresco da mulher em geral, essa paixão ideal e civilizadora começou a expandir-se em canções de amor, no Sul da França — na antiga *Provincia Romana* —, repousa, na opinião de todos os criticos, na excepcional prosperidade em que ahi, durante dois seculos de paz e num clima glorioso, habitado por um povo alegre e exuberante, os representantes de uma nobreza abastada, repartida por muitas côrtes pequenas, podiam dedicar-se á cultura do espirito e ao gozo da vida.[2]) Culminando antes de 1200 e já então diffuso por quasi todos os povos da Europa, o lyrismo provençal abrange a época inteira das cruzadas (1095—1291). A decadencia começou quando a guerra feroz contra os Albigenses devastou e revolucionou a Provença, progrediu

---

1) *Randglosse* I, 16.

2) Por tres motivos escuso fallar aqui dos troveiros da França do Norte, embora não sejam de menor importancia. Como auctores de canções lyricas de amor, em gosto palaciano, são discipulos doceis dos provençaes, posto que se lhes deva conceder uma parte notavel de independencia e originalidade. A respeito de suas *Vidas* ha menos elementos de informação. E o pouco que consta, não apresenta particularidades importantes para o nosso fim. No Capitulo seguinte conto referir-me a elles.

com a Inquisição (1233) de S. Domingos, e completou-se pouco depois da incorporação da Provença no dominio francês por Carlos de Anjou. O enthusiasmo e fervor com que no sec. XII toda a nação participava no cultivo da arte cortesan, baseada provavelmente em singelos canticos religiosos e profanos, familiares ao povo todo, é superior ao que manifestavam as nações imitadoras. Desde *Guilherme, Conde de Poitou e Aquitania* (1087—1127), considerado como o primeiro trovador, passando por barões eminentes *„a cui la lingua, lancia e spada fu sempre e scudo ed elmo"*, até ao pobre filho das hervas, o arguto *Marcabrun*; ou de *Ricardo I.* de Inglaterra, Cór-de-leão, bisneto do Conde, até aquelle profundo e honesto *Guiraut de Bornelh,* de quem veladamente se indica ter sido de infima extracção (*de bas afar*), é preciso, lá como cá, percorrer toda a escala social para formar ideia aproximada das condições e das indoles desencontradas dos trovadores.[1])

---

1) As fontes do nosso saber sobre os trovadores da Provença correm parelhas com as que informam sobre peninsulares, sendo todavia mais abundantes e variadas. Lá como cá as poesias dos proprios occupam o primeiro logar, i. é tenções e sirventeses. Entre os ultimos avultam duas satiras de *Peire d' Alvernhe* e do *Monge de Montaudon* com siluetas de 10 e 17 trovadores. Em segundo logar temos rubricas e razões (*razós*) que as acompanham nos cancioneiros, ás vezes muito mais minuciosas do que as portuguesas, e provenientes de cancioneirinhos joglarescos. Depois, chronicas e documentos historicos. Mas a tudo isso tem de se juntar cento e oito biographias que, embora seja preciso aproveitá-las com reserva, são um auxilio muito importante. Escritas igualmente por jograes do sec. XIII, como *Ue de Saint-Circ* e *Miguel de la Tor,* dezenas de annos depois dos acontecimentos que narram, dão conta das apreciações correntes entre os coevos, e reproduzem (sem critica, bem se vê) quantas anecdotas, novelletas, lendas, a tradição já então havia ligado ao nome de varões celebres por aventuras bellicas e eroticas. Grandes partes d' estes materiaes já fôram conscienciosamente exploradas por investigadores allemães, franceses, italianos, hespanhoes em uma longa serie de monographias, e estudos sobre diversos generos poeticos, posteriores á obra fundamental de Diez. Tenho-os presentes quasi todos. Os titulos anteriores a 1893 estão consignados no Summario de litteratura provençal, escripto por *A. Stimming* para a Encyclopedia de Groeber, *Grundriss* II^{b}, p. 1 ss. Quanto aos mais recentes é preciso consultar a obra *Kritischer Jahresbericht* I—V. Se não as allego, a não ser por excepção, é unicamente para não dar extensão insolita a este paragrapho. A popularização da vasta materie, tentada pelo Norte-Americano Justin H. Smith, *The Troubadours at Home, their Lives and Personalities, their Songs and their World,* 2 voll. com 178 illustrações preciosas (New-York & London 1899), poderá prestar serviços valiosos aos que não puderem recorrer ás obras dispersas de allemães, franceses e italianos.

Nas biographias de que dispomos, ou se podem construir por meio de documentos e monumentos historicos — favorecidos assim existem cento e tantos trovadores entre os 412, cujas obras se perpetuaram [1]) — estão consignados traços da vida de 40 representantes da primeira nobreza: 4 reis, 2 principes, 10 condes, 5 marqueses, 5 viscondes, 6 barões (*gentils bars, et autz et rics — onratz baros* etc.), 9 senhores de castellos (*gentils castellás — rics castellás*). São nobres, mas não titulares, uns 13 cavalleiros opulentos, 5 gentis-homens sem categoria, e mais 9 de familia pobre, incluindo alguns que tendo estudado funccionaram como juizes, conegos, monges, clerigos. Entre quinze burgueses de nomeada, cinco são negociantes ou filhos de negociantes, mais ou menos abastados; outros tantos eram escrivães (*clercs*) e artistas mecanicos. Um d'esses é o ourives e pintor d'armas *Elias Cairel* (42 e 68); [2]) outro o alfaiate *Guilhem Figueira* (35). [3]) O terceiro que é o extravagantissimo *Peire Vidal* (10), o Don Quixote da poesia trovadoresca, no dizer de um sabio hespanhol, era filho de peliteiro. Em *Perdigon* temos o filho de um pescador (21 e 93). *Bernart de Ventadorn* (9 e 48), um dos mais suaves cantores de amor e dos cortesãos mais apurados, teve por pae um humilde servente, incumbido de acender os fornos no castello dos seus senhores. *Albertet* (52) e *Elias Fonsalada* (69) descendiam de jograes. Ao obscuro nascimento de *Marcabrun* e *Guiraut de Bornelh* (1) já alludi. De uns vinte consta apenas que faziam vida de *joculatores*, [4]) sem indicação ulterior das

1) Ha mais 70 auctores, de que conhecemos apenas o nome, segundo o calculo de Stimming. No *Indice alphabetico* de Bartsch (*Grundriss*), figuram 460 com 2089 poesias, (incluidas umas 251 composições anonymas).

2) Os algarismos entre parentheses remettem á edição primordial das cento e tantas *Biographias*, a qual devemos a Mahn: *Biographien der Troubadours*, Berlin 1853. A segunda foi publicada por Chabaneau, *Biographies des Troubadours*, Paris 1883.

3) Não adopto o systema de Milá y Fontanals de nacionalizar o prenome. Na orthographia, em que infelizmente nem todos seguem o mesmo plano (vid. *Maruelh, Marueil, Marveil, Maroill, Maruoill, Marolh*) encosto-me aos biographos modernos e na falta d'elles ao *Indice* de Bartsch. A nenhum português pode ser difficil reconhecer em *Guilhem, Guilherme;* em *Peire, Pero, Pedro;* em *Arnaut Guiraut*, *Arnaldo Giraldo;* em *Uc, Hugo.* E que utilidade tem transformarmos p. ex. Folquet em *Folquete* (ou *Folqueto*), *Gaucelm* em *Gaucelme* (ou *Gaucelmo*), *Lanfranc* em *Lanfranco* etc. fingindo uma realidade que nunca existiu?

4) Quanto aos nomes, o dominutivo *Albertet* recorda na formação o *Mendinho* dos portugueses. *Mauret, Perdigon* e *Cerca(l)mon* o nosso *Cítola, Picandom. Guilhem Magret* e *Albertet Calha* lembram o nosso *João Sacco.*

suas origens.[1]) Entre os conegos, monges e clerigos de linhagem, mais de um poetava, sem mesmo despir as vestes ecclesiasticas, como *Gui d'Uissel* (27) e o *Monge de Montaudon* (13). Outros, quer nobres, quer burgueses, apostataram, trocando o habito, primeiro pela saia curta do jogral e posteriormente pelo arnês de segrel-viajante. Nomeio *Peire Rogier* (26), *Peire Cardinal* (96), *Peire d'Alvernhe* (4),[2]) *Aimeric de Belenoi* (14), *Uc Brunet* ou *Brunenc* (28), *Gausbert de Poi-Sibol* (38), *Peire de Bussinac* (37), *Uc de Saint-Circ* (20).

As ricas-donas e damas burguesas que poetaram, por junto umas 19 *trovatrices* ou *trobairitz*, constituem uma differença sensivel entre a França e Portugal.[3]) Conseqüencia inevitavel da condição desigual, concedida cá e lá ao elemento feminino, e que se manifesta em muitos pormenores. Familias houve, em ambos os paises, em que o talento artistico era hereditario.[4]) E lá tambem a pleiade indigena foi augmentada não só por numerosos catalães[5]) (que estão com relação á Provença como os portugueses com relação á Galliza), mas tambem por varios italianos como os Genoveses *Bonifacio Calvo* e *Lanfranc Cigala* (40), o veneziano *Bertomoleo Zorgi* (41), o mantuano *Sordello* (107),[6]) e por rarissimos franceses do Norte,[7])

Na maioria dos casos temos um prenome e o logar da terra onde nasceram: *Folquet de Rotmans, Guiraut de Calanson, Guiraut de Salaignac, Guilhem de la Tor, Uc de la Bacalaria, Peire de Valeria.*

1) Das Biographias numeradas de I a CVIII, mas que são CX, pois em duas se falla conjuntamente de dois cavalleiros, temos de abater sete repetições. Descontando ainda oito damas, dos 95 restantes, 41 dizem respeito a trovadores de grande linhagem e 48 a trovadores profissionaes. Uns seis são incertos. Na ultima phase, de 1250 em deante, não illustrada pelos biographos, esta proporção modifica-se no sentido de o elemento burguês ainda se tornar muito mais preponderante.

2) Vid. R. Zencker, *Peire von Auvergne,* Erlangen 1900.

3) Vid. R. Schultz, *Die provenzalischen Dichterinnen,* Altenburg 1888. Cf. *Biogr.* 24, 56, 64, 90, 91, 108.

4) Além dos jograes que eram filhos de jograes temos p. ex. *Bertran de Born*, pae e filho, *Blacatz* e *Blacassetz.*

5) D'elles trata a obra de Milá y Fontanals, citada no Cap. I, á qual tive e terei de remetter o leitor, a miudo.

6) A. Thomas, *Francesco da Barberino et la littérature provençale en Italie au moyen-âge,* Paris 1884; O. Schultz, *Die Lebensverhältnisse der italienischen Troubadours,* em *Zeitschrift* VII e VIII.

7) Provam a residencia de franceses septentrionaes nas côrtes do Sul um jogo-partido em lingua-d'oïl entre certo *Andrieu* e um rei d'Aragão (Raynaud, Nº 1187 e *Archiv* XLII, p. 329), assim como uma canção anonyma (ib. 743), dirigida igualmente a um rei d'Aragão.

e uns tres ou quatro hespanhoes, se os nomes não me enganam. Tenho na mente *Bernart Espanhol, Guiraut d'Espaigna,* auctor de um numero consideravel de lindas balletas em estylo popular, *Peire Espaignol,* auctor de uma *alba* discutidissima, e talvez certo *Rodrigo*, pouco conhecido.[1])

Entre os magnates não falta quem brilhe pelo seu talento, como o elegante mas licencioso *Conde de Poitou; Bertran de Born* (34) o brioso castellão de Autafort, *cantor das armas,* que se esmerou em sirventeses politicos de uma vehemencia empolgante; o alegre e chistoso, embora viciosissimo *Guilhem de Berguedan* (82). Em geral, porém, os reis de França, Inglaterra, Aragão[2]); os Condes de Bretanha, da Normandia e Champagne; os de Barcelona, da Provença, Tolosa, Rodes, Montpellier; os marqueses de Este e Montferrat, os viscondes de Marselha, Narbonne, Beziers, e magnates como *Savaric de Mauléon* (106) e *En Blacatz* (47) poetavam só por desenfado. Como os reis e barões de Leão, Castella e Portugal, preferiam proteger e impulsionar a arte como fautores liberalissimos e faziam da sua côrte um centro artistico, attrahindo propagadores da sua fama, inspirando cantigas, sirventeses e tenções; honrando, enaltecendo, galardoando com gentileza e á grande. Na esperança da gloria com que o poeta os ia aureolar, esqueciam o seu orgulho nativo e tratavam os melhores poetas de modo amicissimo, como verdadeiros privados, sem se importarem com questiunculas sobre as suas origens. Neste empenho foram secundados efficazmente

---

1) Suspeito de peninsular tambem o jogral *Guossalbo Roitz* (*Gonçalvo Roiz* ou *Rodrigues*), ridicularizado por Peire d'Alvernhe XII, 12.

2) O peculio poetico dos reis d'Aragão é pequenissimo, como o de Ricardo, Cor-de-Leão, e do Emperador Frederico II. Mesmo a respeito das amostras que subsistem ha controversia. De En Peire III subsiste uma só (Milá 413; Bartsch, Nº 325). Ha duas de En Peire II, se elle for o rei que collaborou com Andrieu, na tenção mencionada na p. 669: *Bien uos pairt, andreus, ne laissies mie,* ou antes *Un jeu vos part,* e com Guiraut de Bornelh na que principia: *Be-m plairia, seigner reis* (Bartsch 324; Milá 355). No caso contrario, nenhuma. E este caso é o mais provavel. Como Milá, Chabaneau, Kolsen, P. Meyer, contra Bartsch e Jeanroy, attribuo-as a Alfonso II, por motivos intrinsecos e extrinsecos. Entre os ultimos avulta o facto de que na pequena *Biogr. Prov.* Nº XLV Alfonso é designado, com exclusão tacita do successor, como *aquel que trobet.* Embora poetasse, segundo indicios contidos em canções alheias, de 1170 a 1183 (ou 1186) pelo menos, não sobrenada d'elle, além das duas tenções, senão uma unica canção graciosa e esbelta: *Per mantas guisas m'es datz* (Milá 268; Bartsch, Nº 23; Mahn, *Werke* I, 126). — Cf. mais acima p. 380, Nota 1.

pelo bello sexo. Cada dama valente queria ter o seu trovador, *envejosa de pretz e donor.* Basta citar Eleonor (Aliénor) de Poitou, neta do primeiro Conde-trovador; Maria de Champagne, filha d'ella; a viscondessa Ermengarda de Narbonne e Maria de Ventadorn, entre duzias de inspiradoras, conhecidas tambem como protectoras, de mãos sempre abertas.

Na intimidade á qual chegou um trovador como *Bertran de Born,* junto ao rei Henrique II de Inglaterra e seus filhos, o cavalleiro *Raimundo de Miraval* (3) no paço do Conde de Tolosa, *Uc de Saint Circ,* filho de um modesto valvassor, junto aos Condes de Rodes e Tolosa e na côrte de Savaric de Mauléon; nos favores outorgados pela condessa de *Burlat* ao clerigo de pobre geração que se chamava *Arnaut de Maruelh* (11), por Alamanda de Estancs a *Guiraut de Bornelh,* ou por Maria de Ventadorn ao humilde filho do seu forneiro; na estima dispensada por todos os barões entendidos e todas as donas ao mesmo *Guiraut,* ha, sem duvida, graduações, mas as differenças não são fundamentaes. A mais de um gentilhomem pobre foi facultada a ordem de cavallaria, como p. ex. ao aventuroso *Gausbert de Poi-Sibot.*[1])

Mesmo plebeus foram assim elevados, e receberam terras e rendas: exemplo *Raimbaut de Vaqueiras* (22) e *Perdigon.* — *Peire d'Alvernia,* filho de burguês e conego apostata, alcançou fama de ser o melhor trovador do mundo[2]), tal era a excellencia e novidade dos seus versos e sons, pelo menos até á vinda do pobre *Guiraut* que recebeu e conservou o titulo de *mestre dos trovadores.*[3]) Do *Dalfím* (Dauphin) *de Alvernhe* (36) o biographo assevera que gastou metade dos seus haveres em premiar cantadores e trovadores.

Deante de tal veneração das musas, tal valorização de louvores poeticos, vendo cada artista superior francamente acolhido

---

1) Entrou muito novo em um mosteiro; apostatou por causa de uns amores; fez-se jogral e andou côrtes; agradou ao senhor de Mauleon que o fez cavalleiro e proprietario; mas abandonando a mulher fidalga a quem devia essas graças, continuou a correr aventuras.

2) *E fo lo premiers bon trobaire que fos el mon.* Assim num ms. (E). Nos demais lê-se *que fo outramon* ou *que fos en aquel tems otrals mon. Et era tengutz per lo meillor trobador del mon entro que uenc Girautz de borneill.*

3) *E fo meiller trobaire que neguns daquels que eron estat denant lui ni que foron apres lui per quel fo apellatz maestre dels trobadors et es ancaras per totz aquels que ben entendion sotils ditz ni ben pausatz d'amor ni de sen.*

entre a boa gente, e favorecido pelas damas — *grazitz, honratz, tenguiz en car, amatz, volgutz* — não admira que sem pejo se resolvessem a escolher a carreira de poeta-servente tantos fidalgos e burguêses sem recursos, se dispunham de gentil presença, bella voz e aptidões musicaes, tantos ecclesiasticos sem vocação, tantos letrados a que o seu saber não proporcionava senão escasso sustento, emquanto na nova profissão o conhecimento de sciencias, linguas e letras, e a arte da escrita quasi que lhes garantiam serias vantagens. Nem admira que a maior percentagem em poesias notaveis caiba, como em Portugal, a esses mal-sortidos da fortuna. Para conseguir logar conspicuo no banquete da vida, esses empregavam esforços descommunaes. De *Uc de Saint-Circ* referem, como mandado pelos irmãos á escola de Montpellier, em vez de estudar medicina ou theologia, aprendia canções e versos, sirventeses, tenções e coplas, os feitos dos homens valentes e os dictos de coevos e antepassados, *enjoglarando-se* de caso pensado.[1]) *Bornelh,* o profundo e consciencioso idealista, ainda depois de ter attingido as culminancias da arte, seqüestrava-se no inverno, afim de augmentar os seus conhecimentos (*que tot linuern estaua en escola et aprendia letras*). Entre os trovadores provençaes que o Dante e o Petrarca enalteceram como typos mais salientes, dois sahiram das camadas inferiores da sociedade: *Arnaut Daniel* (2 e 54), o poeta d'amor,[2]) *gran maestro d'amore*[3]) e *Guiraut*, o cantor da rectidão ou honestidade. O terceiro é *Bertran de Born,* o das armas. Aquelle que a critica moderna considera, com justa razão, não só como superior aos tres, mas como ingenio merecedor de caminhar, de braço dado, com os maximos poetas lyricos de todos os tempos e todas as nações, é filho do que aquentava o forno para cozer o pão dos senhores de Ventadorn.[4])

Ainda assim são rarissimos os cavalleiros sujeitos ás leis da ordem de cavallaria que resolveram ganhar a vida como jograes. Tres ou quatro apenas: *Arnaut Daniel, Peirol* (19)[5]), *Guilhem Ade-*

---

1) *Et ab aqest saber el senioglaric. Uc de Pena* era douto em genealogias: *e sabia molt las generacios dels grans homes daquellas encontradas.*

2) *De Vulg. Eloq.* II, 2.

3) *Trionfo d' Amore* IV, 40—41. Ambos elogiam ainda varios outros trovadores.

4) Suchier, no *Jahrbuch* XIV, 123.

5) *E quan Peirols vi que non se poc mantener per cavalier el se fe joglar et anet per cortz.*

mar[1]) e *Elias* (variante: *Grimoart*) *Gausmar* (se este nome não for deturpação do anterior), todos elles censurados por esse motivo por *Peire d'Alvernia.*[2]) A maioria esforçava-se por poetar, conservando a sua independencia, o que não quer dizer que recusasse soccorros, obsequios, regalos da parte de suseranos e barões amigos, como fez *Raimundo de Miraval, Peire de Maensac* (13), *Berenguier de Palazol* (58), *Gaubert Amiel* (75), *Peire Bremon*[3]) (95). Numerosos são tambem aqui os filhos de cavalleiros pobres, ou seja *gentis-homens.* Eu pelo menos creio dever equiparar aos *escudeiros* peninsulares os que vejo designados com este titulo.[4]) E são *Cadenet* (18), que andou terras, com um pseudonymo, caminhando a pé, como simples jogral, executante de canções alheias, prosperando depois de se ter estreado como auctor; *Raimbaut de Vaqueiras* o qual, mais feliz ou mais habil, começou logo a »guarecer por côrte«; *Guiraudon lo Ros* (39) que principiou como cantador, mas apaixonado pela filha do seu senhor, se transformou em poeta; *Uc de Saint-Circ* a cujos inicios já me referi e cujas extensas viagens ainda nos occuparão. Entre os burgueses abastados destacam-se *Peire Raimon de Tolosa* (25), *Aimeric de Sarlat* (33) e aquelle curioso *Gaucelm Faidit* (7 e 76) que perdeu a fortuna no jogo e em comesainas, andou mais de

1) *Non poc mantener cavalaria e fes se joglars.*

2) Vid. Zencker, *Die provenzalische Tenzone*, p. 34 e *Peire von Auvergne* p. 700 e 848ss. Ahi vejo emittido e fundamentado solidamente a conjectura que o nome *Gausmar* será solução erronea e voluntariosa da abreviatura *g. aymar* = *guilhem açemar*, e a estrophe toda, mera interpolação. Os versos significativos dizem:

> *E' l seizes Grimoartz Gausmars*
> *qu' es cavayers e vai joglars*
> *e fai o mal qui loi cossen*
> *ni-l dona vestirs vertz ni vars;*
> *que tals er adobatz sem pars,*
> *qu' enjoglarit s' en seran cen* (XII, 7, p. 765).

Ou variando:

> *El seises Guillems Ademars*
> *g'anc no fo plus malvatz joglars*
> *et a pres maint veill vestimen;*
> *e fai de tal loc sos chantars*
> *don non es sols ab trenta pars,*
> *e vei-l ades paubr' e sufren.*

3) Vid. Zencker p. 851 e Lollis p. 45ss.

4) Ou será dislate vêr em *gentils hom* o fidalgo-moço na flor da juventude, e aspirante a cavalleiro? (2, 13, 26, 37, 38, 40, 41, 54). Só num caso (12) é que se diz expressamente *gentils hom fills de cauallier*). Na *Biogr.* 15 o termo é applicado ao principe de Blaia.

vinte annos pelo mundo fóra, sem que as suas canções achassem louvadores, mas deu com protectores ao levar comsigo (*per cortz*) uma soldadeira bella e bem ensinada, com a qual casou. Eram filhos de negociantes ricos o famigerado *Folquet de Marselha* (6); *Salh de Scola* (44), *Aimeric de Pegulhan* (17). Este subiu de cantador mediocre a poeta pelos mesmos motivos como *lo Ros*, com a unica differença que a sua namorada era simples burguesa e sua vizinha (49); *Elias de Barjol* (69), *Uc de la Pena* (88)[1]. Dos clerigos letrados como *Arnaut de Maruelh* (11) já dei a lista. —

Em perfeita harmonia com o grande apreço, dado á cultura superior do espirito, está a maneira como na Provença distribuiam os titulos de *trovador* e *joglar.*

O nome *trobaire* (cas. obl. *trobador*)[2]) era generico para todos quantos se dedicavam á lyrica palaciana, fosse qual fosse a sua categoria social; não só na theoria como em Portugal, mas igualmente na pratica.[3]) O nome *joglar*[4]) designava, como aqui, aquelle para quem as artes de joglaria palaciana (todas, ou duas, ou uma só, conforme os seus dotes naturaes e a sua instrucção) constituiam uma fonte de receita. Mas como tradicionalmente o velho titulo havia servido tambem para denominar o praticante de jogos de destreza corporal, o farçante e pantomineiro,

— pero tug son joglar
apelat en Proensa —

joglar teve a principio, e tornou a adquirir no fim da época o mesmo resaibo de vileza que lhe era proprio na peninsula, em quanto o de *trobaire* dava sombras de nobreza. Nos tempos aureos porém, durante todo o sec. XII, em que tanto popular humilde se transfigurou em homem de côrte, tanto filho de cavalleiro escolheu viver como jogral, o alto valor dado á arte, o procedimento digno não de todos, mas do maior numero, nobilitou o termo.

---

1) A expressão *fetz se ioglars* vem empregada nas *Biogr.* 7 (e 76), 12, 14, 18, 22, 26, 28, 35, 44. — Cf. 17, onde com relação a um protector de *Gaubert* se affirma *et el lo arnesquet a iotglar;* 38 e 20 onde se narra como *Saint Circ s' enjoglarou.*

2) Cf. *amaire amador; iogaire iogador; donaire donador; dompnejaire dompnejador; cantaire cantador; servire servidor.*

3) Tanto nas poesias como nas biographias vemo'-lo dado a poetas de linhagem e a plebeus. Vid. *Biogr.* 1, 4, 23, 30, 37, 60, 66, 69, 73, 74, 75, 80, 84, 95, 100.

4) É digno de nota que a forma *ioglar* prevaleceu sobre *ioglaire ioglador.*

Certo é que ao rei, principe, barão, conde, castellão nunca ninguem chamou *joglar*; certo, que os poetas preferiam sempre que os tratassem por trobadores e revoltavam-se, como *Sordello,* quando os queriam confundir com os infimos da côrte; mas os biographos dão indistinctamente ao cavalleiro, gentilhomem, burguês e mesteiral que andava de côrte em côrte, um ou outro nome, sem o minimo intuito de melindre. E mais nenhum. O vocabulo *segrier* não occorre nas biographias, nem é registado pelos historiadores da literatura.[1]) Quando muito, seria adoptado pelos provençaes, quando chegados a terras de Hespanha, reconheciam a necessidade de se differençarem tambem nas exterioridades, do commum dos jograes á moda antiga que por ahi andavam: meros instrumentistas, auctores de singelas coplas populares, homens de maneiras rusticas em traje de villão, e não ensinados e cultos,[2]) letrados e sabios, bem arnesados e montados á laia de cortesãos.[3])

A formula *andar de côrte em côrte* — *anar per cortz* — exacta com respeito a quantos percorriam o Sul da França, o Norte da Italia, o Norte da França e, attrahidos pelas maravilhas da Hespanha mozarabe, um a cinco reinos peninsulares — formula que caracteriza o *segrel*, segundo *Riquier* e os trovadores e legisladores portuguesos — é, pelo contrario, empregada em numerosas biographias.[4])

---

1) Vid. p. ex. Stimming, *Prov. Litt.* § 17.

2) A sciencia de muitos provençaes é gabada nas biographias: *emparet ben letras* (2, 28, 54); *sap be letras* (68); *saup ben letras* (38); *savis de letras* (26); *savis hom fo e ben letratz* (4, 41); *sotils hom de letras e de sen natural* (28); *hom fo de letras e de sen natural* (1). De mais de um se diz expressamente que entendia e observava as leis da cortesania sendo *cortes hom et auinens de la persona.* A expressão *enseignatz* ou *ben enseignatz* não é em geral relativa aos conhecimentos, mas antes ás finas maneiras, como se conhece da constante juncção com o adjectivo *cortês* em que a encontramos (*Biogr.* 9). Equivalia portanto a bem-educado. Veja-se p. ex. na *Biogr.* 48 a expressão *e uenc cortes e enseignatz,* referida a um homem de humildes principios que se desenvolveu em cortesão muito apresentavel, merecedor de apparecer *ab la bona gen* (69, 73).

3) *Cadenet* e *Faidit* andaram a pé, nos seus principios, emquanto a miseria os perseguia.

4) Eis alguns exemplos: *Girautz de Borneill . . . tot lestiu anaua per cortz* (1); *Peirols . . . si fo uns paubres caualier e non se poc mantener per caualaria et esdeuenc joglars et anet per cortz e receup dels barons draps e deniers e cauals* (19); *Cadenetz anet per cortz . . . lonc temps anet a pe desastrucs per lo mon* (18); *Rambaut de Vaqueiras . . . anaua per cortz de reis e de gentils barons* (96); *Faidits . . . pres per moller una soudadiera qel menet ab se lonc temps per cortz* (7); *Pistoleta . . . laisset danar per cortz* (100). — Cf. 11, 25, 26, 39, 52, 72, 107.

Em varias são descritas um pouco mais detidamente as longas viagens dos profissionaes, em expressões genericas, ou com especificação dos pontos visitados. De *Elias Cairel* ouvimos que percorreu quasi todo o mundo conhecido; *Cercamon* recebeu essa alcunha por identicas circumstancias. O itinerario de *Peire Rogier* abrange a Alvernia, Narbonna, Orange, Aragão, Tolosa. O de *Uc de Saint-Circ,* Montpellier, Rodes, a Torena, Benauges, Mauléon do Poitou, a Catalunha, Aragão, Castella, a Provença, Lombardia, e a Marca Trevisana.[1]) A convicção que não pode ser illustre nem esperto quem não sae da sua terra, tornou-se axiomatica:

Jes gran saber
non potz aver
si fors non ieis de ta rejon.

Por isso o biographo deriva o escasso merito do jogral *Uc de la Bacalaria* (87), da sua vida sedentaria — *joglars fo de pauvre valor e pauc ault* — e menciona como coisa de espanto que outro, diverso, nunca deixou a terra onde nascera (*Albertet Calha* 50). Nem com menos surpresa aponta como inaudito o procedimento de *Guilherme Figueira,* o qual fugia, de caso pensado, do convivio com homens de côrte, sentindo-se á vontade apenas em tabernas e casas de tavolagem, sempre empenhado em agradar ao povileu: *mas mout se fetz grazir als arlotz et a las putans et als ostes et als taverniers,* exactamente como o nosso *Sueir' Eannes* ou *Pero Garcia d'Ambroa.*

Dois, que em Portugal teriam sido vilipendiados como villões, *Guilherme Magret* (83) e *Uc de Pena,* gastavam tudo quanto ganhavam, barateando, no jogo, nas tavernas e em bordeis. Sempre sem vintem, sempre mal-vestidos, sem arnês, como o gordo *Faidit*, casado com a grossa e bella soldadeira Guilherma Monja, eram a pesar d'isso honrados e bem-vistos de cavalleiros e damas, cada vez que apresentavam canções e melodias de gosto apurado. Caso raro foi o de *Pistoleta* (100) que, após largos annos e successos de côrte, voltou á vida pacata de burguês, casando, negociando, enriquecendo. Quanto ao destino dado aos bens adquiridos,[2]) é tambem pouco vulgar o proceder de *Guiraldo de Bornelh* que distribuiu tudo entre parentes pobres e a igreja da villa natal; e o do *Monge* e Prior *de Montaudon* — desenhado em miniaturas a cavallo com um *esparvel* em punho. Este empregou os seus ren-

1) De todos esses tornarei a fallar no Capitulo immediato.
2) Ao numero dos que enriqueceram pertencem *Peire Vidal* e *Albertet.*

dimentos em beneficio do priorado. Extraordinario é o ultimo acto da vida de *Folquet de Marselha*, o qual, depois de se recolher com mulher e filhos ao convento, chegou a ser abade e bispo, se realmente o fanatico e feroz prelado perseguidor dos Albigenses, beatificado depois, for identico ao trovador[1]), e não seu homonymo. — Á paz de casas religiosas de Cistercienses, Benedictinos, Cartuxos, e mais variedades, recolheram-se cansados, doentes ou desilludidos, além de *Folquet*, varios poetas de renome, não só dos que na juventude de lá haviam fugido, como *Peire d'Alvernia (fetz penedensa)*, *Cadenet*, *Perdigon*, *Peire Rogier*, *Guilherme Ademar*, *Magret* etc., magoados pela morte da amada como *Elias Barjol* ou por ella cruelmente despedido, como aconteceu a *Uc Brunet* (*Brunenc*) ou abandonados pelos fautores (*Bernart de Ventadorn*).[2]) Alguns falleceram no estrangeiro: *Aimeric de Pegulhan* na Lombardia, *Jaufre Rudel* no Ultramar. Ahi mesmo *Pons de Capduoilh* (5) que se *cruzára*, depois da perda da esposa bem-querida. Dos que encontraram abrigo em terras hespanholas, conto dizer duas palavras no Capitulo immediato. *Elias Cairel* (92 e 68) regressou á terra onde nascera. Um, endoideceu com paixão pela morte da dona que amára e esposára (*Guilherme de la Tor*). *Salh de Scola* nunca mais cantou depois de ver finar-se a sua. *Gui d'Uissel* desistiu por mandado do papa. Outros interrompiam pelo menos passageiramente, durante um anno ou annos seguidos, a sua actividade poetica, por causa de catastrophes e abalos profundos da sua sensibilidade, recomeçando ao sentirem rejuvenescer o coração, movidos por novos amores, ou a pedido de amigos e admiradores. Em geral era na primavera, no mes de maio, mes de amores, que o poeta começava a jubilar, sahindo de casa e poetando. A convenção e a tradição popular, não poucas vezes impugnada por trovadores independentes, assim o exigiam.

Nos casos citados, quando o amor transformava em poeta um simples reproductor, ou quando a morte de um ente querido o fazia emmudecer e esconder-se no silencio do claustro, *como cervo*

1) Os romanistas em geral acreditam na identidade do trovador com o bispo. O ultimo biographo de Folquet duvida d' ella. —Vid. Hugo Pratsch, *Biographie des Troubadours Folquet von Marseille,* Berlin 1878. Cf. Paul Meyer, *Romania* XIX, 4.

2) Nem mesmo os grandes senhores subtrahiram-se a este pendor da epoca. — *Raimon de Miraval* e *Bertran de Born* p. ex. realizaram o mesmo plano.

ferido, não ha que duvidar da sinceridade do amor. Versos ha que são effusões singelas e bellissimas de um coração apaixonado.[1]) Os sentimentos ostentados em muitos são todavia ficticios. Pela banalidade das ideias e o artificio das formas conhece-se que o amor de que rezam é só de cabeça (*de sen*),[2]) que o auctor os martellou a frio, apenas como homenagem literaria, devida a damas a que interesses muito positivos o ligavam, ou com o intuito de pela excellencia da execução divertir os confrades em *gay saber,* ganhando o applauso dos entendedores. Das sentidas novellas ligadas a nomes trovadorescos, — de ciumes, vinganças, villanias, amores ora castos e platonicos, ora sensuaes, e mesmo criminosos, historias de amantes fieis, libertinos don-juanescos, damas ora crueis,[3]) ora livianas,[4]) ou ambiciosas — muitas são tambem puras ficções que se desvanecem deante do exame perscrutador da critica.[5]) Lembremos a poetica lenda do coração de *Guilhem de Cabestaing* (8)[6]) e o bello romance de *Jaufre Rudel* (15) que amou sem ver e expirou, fulminado no momento em que o seu sonho se realizava,[7]) ou como disse o Petrarca, aquelle que *usó la vela e'l remo a cercar la sua morte.*[8])

Em these, o amor do trovador era uma virtude que o incitava a todas as outras, especialmente ás virtudes sociaes. O representante ideal da classe havia de ser por isso galhardo, bom cavalleiro d'armas, fino galanteador (*dompnejaire*), eloqüente (*gen parlans*), franco (*donaire d'aver*).

Quanto á sua actividade, testemunhos não contados documentam que a maior parte inventava não só o texto, mas tambem a

---

1) Nesses casos o biographo serve-se da ingenua classificação: *amava per amor* p. ex. nas biographias 8, 9, 19, 22, 33, 39.

2) Vid. *Biogr.* 20 e 58. As cantigas de *Daude de Pradas* não agradavam, por não serem movidas de amor. De *San Circ,* o proprio biographo affirma que se fingia namorado.

3) Não são raras formulas como: *não foi crido que a dona lhe fizesse prazer d' amor* (*non fo crezut quez anc la domna li fezes plazer en dreich damor* 2, 23 etc.) e *não pode achar mercê* (*non poc trobar merce*).

4) *E si fon crezut quel agues ioi damor della* (26, 11).

5) Alludo a *Richart de Barbezieu* (vid. *Romania* XXI, 48—81 e em *Peire Vidal.* — Vid. *Biogr.* 8, 15, 16, 38, 85. — Historias de raptos e violencias, tão vulgares em Portugal, são raras na Provença.

6) Patzig, *Zur Geschichte der Herzmäre,* Berlin 1891.

7) G. Paris, *Jaufre Rudel,* em *Revue Hist.* vol. LIII, 1893.

8) *Trionfo d' Amore* IV, 52—53.

musica das suas canções: *mot e sô* (*Wort und Wîse*).[1]) A fama de alguns deriva até especialmente das melodias que compunham. *Peire d'Alvernia* p. ex. foi *aquell que fes li meilhors sons de vers que anc fosson faichs.*[2]) E como rara excepção vemos citados os que não possuiam este saber (verbigracia *Uc Brunet*).[3])

A maioria cantava tambem.[4]) Entre todas as vozes, a melhor era a de *Peire Vidal* (*cantaua meills dome del mon*). Os poetas que tocavam instrumentos (*viola*) parece, comtudo, que não eram muito numerosos.[5]) Para essa arte, lá estavam os jograes-serventes.[6]) Os que caminhavam de côrte em côrte associavam-se freqüentemente com outros menos adiantados como inventores, mas avantajados como executantes. *Guiraut*, physicamente mal dotado, levava comsigo dois cantadores (*tot lestiu anaua per cortz e menaua II chantadors que chantauont las soas chansons*). *Peire Cardenal* contentava-se com um só (*et anaua per cortz de reis e de gentils barons menan ab si son ioglar que cantaua sos siruentes*). *Arnaut de Maruoilh* servia-se do jogral *Pistoleta*. Alguns eram estimados apesar de cantarem, trobarem e tangerem mal, fallando ainda peor, unicamente por saberem escrever bem as palavras e os sons, como *Elias Cairel.*[7]) Ainda assim, tambem na Provença os exemplares escritos das canções, embora muito mais numerosos do que na peninsula, não eram vulgares. Os jograes aprendiam em geral de ouvido, o que deu motivo a repetidas recommendações, na clausula final das canções, para que não deturpassem (*desfazer*) as obras dos mestres. Sem boa memoria pouco conseguiam. Só os

---

1) Sabemo'-lo de *Jaufre Rudel* (*fets ... mains bons vers et ab bons sons*); *Richart de Barbezieu* (*trobaua auinens motz e sons*); *Faidit* (*fetz mout bons sos e bons motz*); *Peire de Maensac* (*fez auinenz cansos de sons e de motz*); *Pistolcta* (*fez cansos c auinens sons*).

2) *Albertetz si fez assatz de cansos que aguen bons sons e motz de pauca ualensa.*

3) *... mas non fetz sons.*

4) *Ponz de Capduoilh ... sabia ben trobar e uiular e cantar; Folquetz ... mout trobaua e chantaua ben; Richartz de Berbesiu ... ben cantaua e dizia sons; Peire Rotgiers ... cantaua ben; Gui d'Uissel ... per lui laisset lo chantar el trobar.* — Cf. *Biogr.* 35, 38, 39, 40.

5) Nas Biographias não se especializa instrumento algum. Mesmo *viular* occorre raras vezes (*Biogr.* 5, 21, 42, 93).

6) *Aimeric de Pegulhan* foi acolhido por *Guilhem de Berguedan; Savaric de Mauleon* deu amparo a muitos.

7) Vid. *Biogr.* 42 e cf. 11, 14, 71, 96.

que sabiam muitas canções eram bem acreditados.[1]) Reproduzindo a obra alheia, e escutando as producções dos companheiros é que os principiantes se senhoreavam pouco a pouco dos segredos da composição, ás vezes após longos annos de miseria.[2]) De um só entre os que de cantadores subiram a trovadores se conta, que em tarde *ensinava gostosamente os principiantes*;[3]) mas é justo suppôr seguida que outros seguissem o exemplo.

Ramon de Miraval, mandando um seu emissario a Aragão com as suas obras artisticas escreveu cantares burlescos em estylo de jogral, para elle (*Bayona*) os exhibir como invenção sua, propria. *Guiraut de Bornelh* enviou pela mesma via a certo *Perrin; Guiraut de Calansó* a *Fadet*; *Bertran de Born*, o Moço, a *Hugonet,* do mesmo modo, penso eu, como *En Sordello* confiava a *Picandom* as canções de que *D. João Soares Coelho* fez assunto de uma tenção.

Com relação á fecundidade dos trovadores vê-se que em geral cada um inventava por anno um só cantar, ou dois ou tres.[4]) Quanto ao tempo propriamente gasto no lavor, ha uma anecdota, em que a dois contendores é concedido o prazo de dez dias, para em clausura redigirem uma canção completa.[5]) O peculio só de uns quinze a vinte trovadores é superior a trinta composições, mas sobe em alguns casos a noventa e tantos. De *Guiraut de Bornelh* possuimos oitenta.

Como balda de um aponta-se a particularidade de, antes de principiar o canto, ter habitualmente recitado um longo razoamento.[6]) Como pecha de varios, a sua nimia vaidade.[7])

---

1) *Biogr.* 17, 20, 49.

2) *Biogr.* 18.

3) *Biogr.* 20.

4) *Bernart Martí, o Pintor,* um dos antagonistas de Peire d'Alvernia, replicando aos gabos d' este, que sustentava ser o primeiro auctor de versos perfeitos (*vers entiers*), dizia:

> D'entier vers far ieu non pes
> (não penso em fazer versos perfeitos)
> chi ges de fragz non faria
> (nem mesmo em os fazer quebrados)
> e si fatz vers tota via
> (mas todavia componho versos):
> *en l'an un o dos o tres*
> (um ou dois ou tres cada anno).

5) *Biogr.* 54.

6) *Biogr.* 86.

7) *Peire Vidal* e *Peire d'Alvernia* foram dos mais convictos louvadores da sua arte. Aos olhos dos nobres essa fraqueza era indicio de villania. *Bernart Martí* diz na satira a que ainda agora me referi:

§ 370. A differença principal entre o trovador provençal e o gallaïco-português cifra-se, salvo erro, não no maior talento natural d'aquelle, nem num sentimento mais profundo, mas antes no nivel superior da cultura no Sul da França. Collocado num ponto de vista mais alto, abrangendo horizonte mais vasto, dispondo de um saber muito mais extenso, os impulsos que o levavam a poetar deviam necessariamente ser mais variados. Se muitos versificavam para solaz seu e alheio, ou por galanteria e amor, outros eram inspirados por interesses publicos, violentas contendas feudaes, motivos politicos, religiosos e sociaes, como as perniciosas hostilidades contra os Albigenses, a guerra entre Franceses e Ingleses, a cruzada contra os Mouros de Hespanha, a reconquista da Terra Santa. O enthusiasmo excitado pelas predicas de Bernardo de Claraval foi secundado vigorosamente pelos canticos de trovadores como *Marcabrun, Pons de Capduoilh* e *Peirol.* Por isso as physiognomias dos auctores são mais caracteristicas. As obras, menos monotonas e singelas, despertam maior interesse. Sem querer de modo algum menoscabar das poesias do senhor de *Baião, Ayres Peres Vuiturom, Ayres Nunes, João Ayres, João de Guilhade, Martim Soares, Pay Gomes Charinho, Moxa* e *Da Ponte,* onde ha entre os peninsulares um de indole tão heroica e aggressiva como *Bertran de Born?* um de tal rectidão moral como *Guiraut de Bornelh* e *Peire Cardenal?* um pensador tão profundo como *Arnaut Daniel?* um democrata de acerada vehemencia como *Guilherme Figueira?* ou de graça tão picante como o *Monge* e *Prior de Montaudon?* um amador tão terno e inspirado como *Bernart de Ventadorn*? Onde estão os que pelas suas trovas foram premiados com honrarias? os que eram estimados por todos os barões?

Por isso mesmo os trovadores de profissão, notaveis por artes e letras, são lá mais numerosos que entre nós, e menos mal vistos os que de cavalleiros passaram a jograes. Aceitar donativos não era acção indigna, desculpavel apenas num plebeu.[1]) Nem preponderam

fols vanars es pagezes,
e grans laus es pagezia,
e fols mentirs es bauzia,
et hom de dir ufanes
es plus vilas que pages
segon romans e clercia.
E selh no par ges cortes
qui-s auza ni-s glorifia etc.

1) As dadivas que era costume offerecer aos trovadores além de bens ideaes — *pretz e onor* — são, como na peninsula: cavallos (*destriers,*

tanto os reis e barões. É a somma de talento e o uso que d'elle se faz, e não exclusivamente a linhagem, o sangue, o haver que determina a posição social, emquanto cá o menosprezo do trabalho pago e de toda a manipulação technica, o culto excessivo de mãos de anneis, de meras ociosidades e de brincos inuteis, impediu esforços pertinazes, tanto da parte dos homens de humilde proveniencia, como dos privilegiados.

Ainda outras differenças são resultantes das mesmas causas. O grau mais subido da cultura dava á mulher francesa posição mais livre e maior influencia. Na Provença temos, além de inspiradoras, bastantes protectoras e poetisas. Todas as de alta categoria, já o disse, queriam ter o seu trovador, o seu romance de amor: *não é dama quem não ama.* Pelo menos todas as casadas.[1]) Em Portugal são, pelo contrario, meninas em cabello as que os peninsulares celebram nos seus versos de amor ou introduzem como figuras dramaticas nos cantares de amigo. Por isso são tratadas com muito mais ceremonia, pudor e recato.[2]) Tambem lá não é só o fidalgo quem ama e venera princesas e ricas-donas. Mesmo o mais humilde jogral lhes tributa homenagem nas suas canções, ás vezes abertamente, outras vezes a furto, envolvendo os affectos, quando puros e vaporosos, occultos no fundo da alma, em uma linguagem mystica, para salvaguardar a honra da amada por meio de cryptonomos poeticos. Este ponto de partida tão differente dá naturalmente um caracter *sui generis,* ás canções de amor de uma e outra nação. Não

---

cavals, palafrés), armas, pannos, dinheiros. Vid. *Biogr.* 3 e 104 *cavals, draps, armas;* 17 e 49 *aver, arnes, onor;* 11 *arnês;* 18 *arnes e onor; gran ben e onor;* 19 *cavals e armas, draps, deniers e cauals;* 20 *raubas e arnes;* 76 *raubas, arnes e pres.* Nas poesias ha referencias ao vestuario garrido dos trovadores. — Vestidos velhos representavam donativos de escarnho, cuja aceitação aviltava. Sahindo da côrte de um magnate generoso, trovadores e jograes iam ás vezes com bagagem tão tentadoramente fornecida, que os cobiçosos não resistiam ao desejo de se apossar d'ella. Alfonso X conta historias de roubos (**CM 194**) em prejuizo do trovadores.

1) Essas relações eram na Provença a tal ponto usuaes que o biographo achou digno de reparo o facto de *Gaubert Amiel* (75) nunca ter posto a sua *intenção* ou de nunca ter *entendido* em dona mais gentil do que elle. Igualmente reparou na exquisitice de *Aimeric de Pegulhan* e *Hugo Brunet* se terem namorado de simples burguesas.

2) Cf. Stimming § 26: „Ninguem estranhava essas relações. Mais de uma vez o proprio marido ou o irmão de uma dama, incitava um trovador a fazer-lhe a côrte, visto que era honra e gloria contar entre os seus adoradores um poeta de renome."

tenho, porém, de tratar aqui das *poesias*. Conferidas com as gallaïco-portuguesas, cuja pobreza de ideias e de adornos é tão saliente, as dos trovadores provençaes são deslumbrantes de brilho poetico, complicadas, ricas, artisticas na forma, visto que inventar novidades era a regra. Nuuca canto algum foi de valor, nem bom, se era semelhante á canção de outrem:

qu' anc chans no fo valens ni bos
que resembles autrui chansos.

Num ponto, os de Portugal talvez lhes levem vantagem: na sinceridade dos sentimentos e na ingenuidade com que os expoem. Mas de que vale isso, se esses sentimentos são sempre os mesmos, de uma delicadeza e mesura tão perfeita que chega a desesperar? [1]) De que vale, se não souberam ataviar as verdades de modo tão gentil como os provençaes as suas mentiras graciosas?

Nos dizeres de escarnho, porventura a palma deva ser conferida aos peninsulares. E igualmente nos cantares de amigo, de caracter popular, que constituem o seu mais valioso patrimonio. Nesse campo, porém, não é a França meridional, mas sim a do Norte que foi a verdadeira concorrente, e até certo ponto mestra e guia.

---

1) Remettendo o leitor para os Capitulos ulteriores apenas direi que *abraços* e *beijos* são demonstrações d' affecto desconhecidas aos trovadores portugueses.

Relações de Portugal e Hespanha com os paises de lingua d'oc e d'oïl.

§ 371. Disseminadas pelos capitulos antecedentes o leitor encontrou numerosas informações sobre contactos de portugueses, gallegos, leoneses e castelhanos não só com a Catalunha e Provença, mas tambem com a França do Norte, e demais paises neo-latinos.[1])

Vimos um principe-trovador, transferido de Barcelona para o reino occidental, onde continuou a trovar e cantar;[2]) encontrámos reis e nobres nacionaes em viagem para o Norte e Nordeste; trovadores portugueses ahi residentes;[3]) jograes e segreis da Galliza, em jornada até Valença, Navarra (Aybar) e Montpellier.[4])

Tres lais de Bretanha, traduzidos de originaes franceses;[5]) a intercalação de um distico em lingua d'oïl numa cantiga de amor, composta por um rico-homem de Portugal que florescia em 1245;[6]) a parodia de uma das scenas typicas dos cantares de gesta, com reminiscencias do *Roland*, feita por outro nobre da côrte de Affonso III;[7]) allusões a figuras typicas da literatura francesa, como Merlim, Tristão e Iseu, Flores e Brancaflor[8]) serviram-nos de testemunhos directos e irrefragaveis da influencia exercida pelos poetas da Gallia septentrional nos que durante o sec. XIII versificavam d'este lado dos Pyreneos.

Uma referencia isolada ao trovador occitanico *Sordello de Mantua* foi apontada como indicio que documenta, de modo seguro, o em-

---

1) Vejam-se em especial as Biographias de *Esgaravunha*, *Aboim*, *Coelho*, *Calvo* e § 357.

2) Vid. § 195, 238 e 247.

3) *Randglosse* XI: *Im Nordosten der Halbinsel.*

4) *Pero da Ponte; Pero Garcia d'Ambroa.*

5) Vid. § 295 ss.

6) Vid. §§ 232 e 332.

7) Vid. §§ 222 e 256 ss.

8) Vid. § 299.

penho dos de cá de imitarem a poesia lyrica do meio-dia da França.[1])

Ha todavia documentos ainda mais decisivos do intercurso intellectual entre portugueses e representantes das duas literaturas. Sem meter em conta a dupla declaração del rei D. Denis:

quer' eu en maneira de proençal
fazer agora un cantar d' amor[2])

e outra vez:

proençaes soen mui ben trobar
e dizen eles que é con amor,[3])

por ser tardia e muito surprehendente após um seculo inteiro de imitação constante d'esses mesmos provençaes,[4]) pude assignalar mais alguns indicios. Nas poesias de Alfonso X, accusações indignadas contra um segrel gallego, por elle não ter versificado *come proençal*;[5]) varias tentativas de peninsulares em lingua d'oc, deturpadissimas embora;[6]) alguns ensaios em gallaïco-português, tentados por provençaes e catalães; esses principalmente com o fim de authenticar a existencia de uma poesia lyrica palaciana nas Hespanhas, antes de 1209;[7]) trovadores da Provença, recolhidos em hospitaes de magnates da Biscaia: os Haros e Cameiros, que teem logar entre os fautores dos poetas do Sul da França e ao mesmo tempo entre os cultores da lyrica nacional.[8])

Não com menos precisão fallam a favor de um estudo intenso e de imitação consciente, ora da obra dos trovadores, ora da poesia dos troveiros, certos generos artisticos, como *lais, descordos, pastorelas, tenções, sirventeses; rondeis* e *balletas.*

A estructura das cantigas de mèstria, isto é a sua composição em tres, quatro ou mais estrophes *tripartidas,*[9]) de dois pés

---

1) Vid. mais acima p. 403 e 413.
2) **CV 123** ou **CD 43**.
3) **CV 127** ou **CD 47**.
4) Creio que o rei-trovador, depois de ter escrito uma serie de cantigas faceis e ligeiras em estylo popular, resolveu um dia mudar de maneira, compondo cantigas de mèstria, e annunciou esta resolução aos seus aulicos.
5) **CV 70**. — Vid. mais acima p. 458.
6) **CB 454**, **470**, **466** e **461**. — Cf. § 359 e *Randglosse* X e XXVI. A mais antiga parece ser a de *D. Garcia Mendes de Sousa,* da qual tratei a p. 357.
7) Vid. mais abaixo § 384; *Randglosse* X e XXVI e *Grundriss* II^{b}, 173.
8) Cf. §§ 369 e 386.
9) *Tripartido* é termo classico. Paul Meyer quer que se substitua por *bipartido,* visto que a primeira e a segunda parte são homogeneas, tambem musicalmente. — Cf. *Grundriss* II^{a}, 667.

iguaes (*pedes*) com duas consonancias, e uma cauda diversa (*syrma*), acompanhadas de um desfecho mais curto (*finda*); a preferencia dada ao metro de dez syllabas com ritmo ascendente (*jambico*); a repetição das mesmas consonancias em todas as estrophes, ou pelo menos em duas; a regularidade com que rimas agudas e graves alternam de modo identico em todas; a terminologia technica da arte de trovar; designações como *jogral, segrel, trobador, cobra, palavras* e *son*; a saturação da linguagem poetica de provençalismos e gallicismos, principalmente nos versos palacianos de amor, eis outras tantas provas que não admittem duvidas.[1])

E depois d'esses importantissimos caracteristicos formaes, temos o espirito urbano e cavalheiresco das canções sentimentaes, a quasi divinização do Amor como inspirador de todas as virtudes, a apparatosa veneração da mulher como »senhora e soberana« dos trovadores que, em opposição tacita contra os rudes costumes do seu barbaro tempo, se declaram vassalos, *omes-liges*, servos devotissimos das suas damas.

§ 372. Por todos esses motivos, cuja evidencia se impõe, nunca houve investigador que não ficasse desde logo convencido que franceses e provençaes foram para os hispanos o que haviam sido para toda a Europa civilizada.[2]) Iniciadores no culto galante da mulher e na demais arte da cortesania (*courtoisie*). Mestres e modelos na mais completa e intensiva manifestação literaria d'esse culto.

Nem era de esperar outra coisa, visto como os cancioneiros gallaïco-portugueses sahiram á luz na época fecunda dos estudos comparados das linguas e literaturas romanicas, quando já estava geralmente reconhecida a origem commum da poesia de amor moderna, o seu desabrochar no meio-dia da França e a sua rapida propagação não só pelos paises immediatos, mas tambem em regiões afastadas. Seculos antes, auctores velhos como Duarte Nunes de Leão, Ferreira, Miranda, Bembo, Colocci e o Marquês de Santilhana já haviam descoberto essas fontes de inspiração!

Na *Resenha Bibliographica* contei quaes os philologos que, estudando mais ou menos profundamente, partes dos cancioneiros,

1) Cf. o Cap. XI.

2) Parte das provas documentaes, allegadas no § anterior, encontram-se no **CA** e **CD**. Ficaram portanto patentes muito cedo nas publicações de Lord Stuart, Varnhagen, Lopes de Moura.

começaram a ensartar, em documentação da these, num rosario cada vez mais extenso, os logares communs mais salientes que lhes pareciam hauridos pelos poetas peninsulares em modelos estrangeiros, e a apontar imitações de determinadas obras de troveiros e trovadores.[1]) Esses exemplos que deixei registados nas Notas do Vol. I, e neste tomo, hão de ser, provavelmente, multiplicados no futuro. Mas muito embora a empresa falhasse, deixando-nos estacionarios no ponto onde hoje nos encontramos, o impulso inicial da Provença e a capitalissima influencia, geral e social, exercida nas Hespanhas pela civilização superior da França, são verdades adquiridas, incontroversas, amplamente demonstradas.

§ 373. O que por ora não está bem definido é o seguinte: 1°. A via ou antes as vias, pelas quaes a arte de trovar entrou na peninsula. 2°. A parte que na iniciação cabe aos provençaes, e a que foi desempenhada pelos franceses do Norte; 3°. As datas e as occasiões em que as sementes exoticas foram cá lançadas; 4°. O primeiro foco ou os primeiros focos de elaboração; 5°. A razão porque todos os auctores de versos lyricos peninsulares — *qualesquier decidores e trovadores . . . agora fuesen castellanos, andaluces o de la Estremadura* — poetaram não em provençal (como aconteceu na Catalunha e na Italia do Norte), nem em castelhano ou leonês, mas antes no dialecto das antigas provincias occidentaes: *Gallaecia* (et Asturia); *Lusitania* (et Vettonia). 6°. A influencia exercida por ventura por uma archaica poesia popular, preexistente, quer puramente indigena, quer commum ao mundo romanico, tendo não só fortes raizes mas tambem florescencia e fructo abundante no solo francês.

Aos problemas 1 a 4 dedico este Capitulo. Aos dois: restantes os Capitulos IX e X.

Estorva muito a sua solução a falta de textos não só d'essa supposta poesia do povo como tambem a de textos primevos da arte palaciana, tanto em lingua d'oïl como em português e provençal. Não menos contribuem a complicá-los as tendencias peculiares da arte em Portugal que, de acordo com a indole ethnica, adversa a tudo quanto é escuro, difficil, complicado, transcendental, favorece a clareza, singeleza e ligeireza dos generos populares — ten-

---

1) Nos Titulos 22, 23, 33, 60, 62, 64, 66, 67 do Cap. I ha indicações exactas a este respeito.

dencias que inconscientemente e cada vez mais afastaram os poetas, dos modelos apresentados pelos seus primeiros mestres da Provença, e os aproximaram dos que simultanea e posteriormente vieram de França. Com respeito ao segundo problema accresce ainda, que por ora estão insufficientemente estudadas as relações de dependencia entre a literatura do Norte da França e a provençal[1]), se bem que esteja averiguado que a lyrica palaciana fôra transplantada das côrtes meridionaes ao centro (Poitou, cujos condes eram senhores de territorios limosinos) e de lá para o norte, em meado do sec. XII, pelo impulso da neta do Conde Guilherme (IX) da Aquitania e (VII) do Poitou (já mencionado como o mais antigo trovador conhecido), tomando ahi um desenvolvimento pasmoso.

§ 374. *Vias de communicação entre a peninsula e as Gallias.* — Á procura dos canaes por onde a civilização das Gallias derivou até ás praias atlanticas das Hespanhas, os meus predecessores deixaram traçadas com firmeza as linhas principaes.[2]) Todos consideram como causa efficiente a florescencia temporã e viçosa da lyrica trovadoresca na Catalunha (i. é. dentro da propria peninsula) e na mesma lingua dos inventores — um provençal ou limosino illustre, ligeiramente diverso das fallas naturaes das camadas cultas do povo.[3])

---

1) As principaes obras de consulta são: A. Jeanroy, *De nostratibus medii ævi poetis qui primum lyrica Aquitaniæ carmina imitati sunt,* 1879; Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge,* §§ 116—130; Paul Meyer, em *Romania* V e XIX, *Des rapports de la poésie des trouvères avec celle des troubadours.*

2) Diez, Milá, Lang.

3) Quanto aos nomes diversos com que era uso designar na idade-media a nacionalidade e o *romanço* (romans) dos trovadores, consulte-se Diez, *Poesie* 4—10 e *Gramm.* Iª, 102s; Milá, *Trovadores,* 13s.; J. Smith II, 175 e 411. — Recordarei apenas tres factos: 1º. O trovador *Albertet,* de Sesteron, repartia os habitantes da França em franceses e catalães, cantando:

Monges, digatz segon vostra sciensa
qual valon mais: catalan o frances;
e met de sai Guascuenha o Proensa
e Limosin, Alvernh' e Vianes:
e de lai met la terra dels dos reis.

2º. Em terras de Hespanha os termos *provençal* e *Provença* (ant. port. *proençal,* e *Proença,* no onomastico e na toponymia) eram usuaes já em principios do sec. XIII. Assim o parecem indicar os elogios tributados em 1218 pelo chanceler de Castella, Diego de Campo, ao arcebispo de Toledo, no trecho muito citado do seu »Planeta«: *Emendas gallæcos in loquela; legionenses in eloquentia; cathalanos in lætitia, brictones in instrumentis; provinciales in rithmis.* Alfonso X seguiu o exemplo,

Dos paises cis-pyrenaïcos de lingua d'oc,[1]) sob a egide de soberanos illustrados que governavam simultaneamente a Provença e o condado de Barcelona e cingiram posteriormente a corôa de Aragão, é que, na opinião dos romanistas, proveio o gosto e interesse pela poesia palaciana, que se communicaram primeiro a Navarra e Castella, depois a Leão, para finalmente attingirem, á ultima hora, a nova monarchia portuguesa, desagregada do reino gallego-leonês nos ultimos annos do sec. XI. Para a implantação e propagação contribuiram, além das relações de parentesco entre reis hispanicos e principes de lingua d'oc e lingua d'oïl, as vindas repetidas ao centro, nos seculos XI a XIII, de guerreiros *cruce-signati* de origem franca, gallica, anglo-normanda, flamenga, para a santa, lucrativa e romantica guerra contra o Mouro; a escolha de prelados tambem francos, gallicos, anglo-normandos e flamengos para as cathedraes das cidades reconquistadas; a introducção das civilizadoras ordens monasticas de S. Bernardo, Cluny, Cister, Rocamador, e das ordens militares do Templo, Hospital e Sepulcro; a vinda de colonos para repovoação de terrenos devastados; romarias de peregrinos ao santuario de Santiago de Compostella pelo *caminho francês;* emfim, visitas freqüentes de trovadores e jograes, ora a uma, ora a algumas das côrtes de Hespanha e a solares de ricos-homens, iguaes em poder e nobreza, e não inferiores em liberalidade, aos duques, condes e pares de Provença e França.

---

dado, de resto, muito antes pelo emperador Barba-roxa, quando gaba *lo cantar provenzalês,* se a anecdota propagada por Nostradamus for verdadeira. 3°. Chamando *proençaes* aos poetas do sul da França e não *limosinos,* como fôra proposto por Ramon Vidal, em principios do sec. XIII, no seu doutrinario, o rei de Portugal encontrava-se com o seu genial coevo, o auctor da *Divina Comedia.* De passagem direi que o grande florentino allude vagamente a D. Denis — *quel di Portogallo* — no *Parad.* XIX, 139, pouco depois de haver censurado *la lussuria e il viver molle di quel di Spagna* (ib. 124), isto é de Fernando IV († em 1312), ou antes a meu vêr de Alfonso XI, o amador da *nobre rosa.*

1) É curioso que o Dante, grande apreciador dos trovadores, contasse erroneamente toda a peninsula (*Hispanos omnes*) entre os povos de lingua d'oc. Vid. o tratado *De Vulg. Eloquentia, per cura di Pio Rajna* (ed. minor p. 15), VIII, 5—6: *nam alii oc, alii oïl, alii si affirmando locuntur, ut puta Yspani, Franci et Latini.* Ignorava portanto a existencia da lyrica gallego-portuguesa e a parte que nella coube a *D. Denis,* ao contrario de Jofre de Foxa, auctor das *Regras de trobar* (§ 11) que entre 1286 e 1327 citava o gallego a par do siciliano, francês e provençal. — Vid. *Romania* IX, p. 53 e 58.

Quanto a Portugal, separado pouco a pouco das monarchias antigas, justamente quando todos esses factores estavam em pleno vigor (1097, 1109, 1112, 1139), é costume acentuar, além da origem dos dynastas, a estada de Alfonso III na côrte de S. Luis e a sua longa demora em Bolonha (Boulogne), assim como a educação de D. Denis por Aiméric d'Ebrard, de Cahors. Os primeiros investigadores que trataram dos cancioneiros ligaram mesmo importancia excessiva a esses dois successos, levados, conforme notei, da supposição falsa que a lyrica gallaïco-portuguesa se desenvolvêra muito tarde: na segunda metade ou em fins do sec. XIII.

Habilitados hoje a datarem algumas poesias de cerca de 1200 (1189, 1199, 1211, 1213) e a collocarem os alvores da poesia aristocratica portuguesa no derradeiro quartel do sec. XII; postulando, além d'isso, como muito provavel a pre-existencia de uma poesia nacional rustica, sacra e profana, especialmente na Galliza, é que tanto a auctora d'este livro como o editor critico do Cancioneiro de D. Denis reconheceram que para o problema das origens, os contactos de representantes das diversas nações neo-latinas com a Galliza de àquém e àlém Minho, e com o reino asturico-leonês nos seculos XI e XII (digamos até 1213), são de valia incomparavelmente superior aos que tiveram logar nos seculos XIII e XIV.

Nesta convicção vou occupar-me principalmente dos primeiros reinantes luso-borgonheses, o Conde D. Henrique, Affonso Henriques, Sancho I — o curto reinado do successor Affonso II equivale a uma pausa — e dos luso-castelhanos: Alfonso Raimundez VII de Castella e Leão, Alfonso VIII de Castella; Fernando II e Alfonso IX de Leão. Foi no tempo d'elles, entre 1150 e 1213, que a arte provençal, attingindo o seu auge, se expandiu nas côrtes directamente vizinhas da Catalunha, Italia, Norte da França e de lá na Allemanha, Inglaterra, Sicilia, e no nosso Portugal, fructificando em toda a parte na segunda geração, a contar de 1175.

Vou todavia distribuir a luz de modo diverso do dos meus predecessores. Apesar de o illustre cathedratico de New-Haven affirmar que são muito poucas as occasiões sabidas em que os portugueses devem ter chegado a conhecer a poesia lyrica da França do Norte,[1]) tento provar o contrario. Distingo tanto quanto me for possivel entre

---

1) *Mod. Lang. Notes* X, 212.

a via terrestre e a maritima. Ligo importancia capital a essa ultima que trazia do Norte (da Normandia francesa e inglesa e dos condâdos de Flandres, Picardia, Artois, Champagne, Alsacia) gente, mercadorias e ideias, estabelecendo communicação directa e continua entre francos e portugueses. Mostro que as relações com as Gallias (incluindo Inglaterra e Flandres) principiaram, com efeito, exactamente como as de Castella e Leão, mas que em virtude da posição geographica de Portugal, aberto do lado do oceano, essas influencias sobrepujaram em breve as da Provença, emquanto os habitantes da costa oriental austral da Hespanha se aproximavam cada vez mais do Sul da França e Italia, tanto em sciencias e artes como no commercio e nas industrias. Evito formular a hypothese que a antipathia natural do reino emancipado contra Leão e mais ainda contra o centro que final e fatalmente se apossou do predominio, contribuiria para este resultado e desenvolveria a predilecção natural dos gallego-portugueses pelo estylo simples, claro, corrente dos franceses e pelas coisas ternas, meigas e melancolicas, porque seria difficil torná-la provavel.

Não deixo, porém, de tocar nos acontecimentos ulteriores, relativos de um lado a Sancho II, Affonso III, D. Denis, e do outro lado a Fernando III, Alfonso X, Jaime X e En Peire III, porque graças a elles houve no sec. XIII um recrudescimento fortissimo do antigo influxo francês em Portugal. Ao ambicioso empenho do Bolonhês de altear o nivel intellectual da sua côrte, igualando-a á de Luis IX, Alfonso X e Jaime o Conquistador; e ao desejo de D. Denis de ser o Thibaut — o melhor poeta d'amor — da peninsula, devemos, sem duvida alguma, a dilatada e luminosa tarde da arte trovadoresca, da qual tratei nos Capitulos anteriores.

§ 375. Nada de novo tenho a dizer àcerca dos primeiros reinos christãos reconquistados depois do cataclysmo de 711. O Nordeste esteve, por via terrestre, em contacto tanto material como espiritual com o vizinho francês, desde os dias de Carlomagno e a famigerada expedição que terminou nos barrancos de Roncesvalles (15 de Ag. de 778). O Norte e Nordoeste seguiram-se pouco depois. Da parte importante que tiveram nessas relações as romarias de Santiago, hei de fallar ainda. Alfonso II p. ex. (fall. 824) collocou os seus estados sob o amparo do velho emperador *à la barbe fleurie.* Como „rei da Galliza e das Asturias" remettia-lhe presentes significativos e men-

sagens relativas ás empresas contra o Sarraceno.[1]) Mas só do sec. XI em deante, o prestigio da *terra maior* — *France la loée, France la garnie,* como se diz nos poemas epicos do cyclo carolingio — actuou de modo verdadeiramente sensivel nos reinos christãos. Alfonso VI (1065—1109) que deslocou o centro de gravidade para Toledo, deu provas multiplas da sua predilecção pelos Francos. Dos principes na maior parte borgonheses que o haviam ajudado nas suas memoraveis cruzadas, tanto na momentosa conquista da capital visigotica, onde entrou como *Imperator* a 25 de Maio 1085, como na terrivel derrota de Zalaca (1095), o valente e muito politico filho de Fernando, o Magno, e suzerano do Cid, soube fixar não poucos nos seus territorios. Para esposa havia escolhido primeiro uma princesa da Aquitania (Inês, 1080); depois, outra de Borgonha (Constança, † 1093). Posteriormente casou as herdeiras com principes d'aquella nação:

el conde Don Anrrich e el conde Don Remond,[2])

filhos não só espirituaes dos monges de Cluny, mas positivamente aparentados com aquelle santo abbade Hugo que então governava a utilissima ordem, »cabeça de toda a monastica religião.« Urraca, a herdeira legitima, uniu-se a D. Raimundo, ao qual fora confiada a administração do condado da Galliza; Teresa, illegitima[3]), a um primo d'este, senhor de Besançon, a favor do qual foi criado, na parte sul da Galliza, entre o Minho e o Mondego, o condado portugalense. A terceira, Elvira, casou com Raimundo de S. Gilles de Tolosa.[4]) Para primeiro bispo da sé restaurada de Toledo, Alfonso VI elegeu um dos monges de Cluny (Bernardo). Outros bispados foram providos em franceses de solida instrucção e santos costumes. No dominio portugalense, Braga coube a um ecclesiastico de Moissac (S. Giraldo 1109), e Coimbra a um de Limoges (Bernardo). Em Leão e Castella, a sé de Salamanca a um de Perigord; Segovia a um de Agen (Pedro); Osma a um de Bourges (Pedro). Do mesmo modo Sigüenza e Santiago.[5]) Graças a estes prelados e a outros

---

1) Dozy, *Recherches* I, 136; Schäfer, *Geschichte Spaniens* I, 394.
2) *Poema del Cid.* v. 3000. Cf. 3035—3036, 3135, 3496.
3) Á nobre mae, Ximena Nunez, dedico mais abaixo uma notula.
4) Vid. A. Lopes Ferreiro, *Historia de Santiago* II, 174 e 194, com retratos phantasiados dos principes, tirados do Tombo de Santiago; Gama Barros, *Hist. da Administr.* I, 360—384.
5) *Hist. Sant.* 314, 433, 520; Herc. I, 238 e 260; Milá, *Trovadores* 69.

nacionaes, educados em França, logo no primeiro concilio de Leão (1090) o ritual gotico ou mozarabico foi abolido, e substituido pelo gallicano ou romano (já em vigor em algumas igrejas christans da Galliza desde 1078).[1] A escrita em minusculo francês substituiu o maiusculo gotico. Com ella vieram um pouco depois, signaes novos, indispensaveis para a representação graphica do romance vulgar, levantado a lingua escrita. A graphia *ch* veio do Norte; *nh* e *lh* vieram da Provença (ambos em concorrencia com *nn ll; gn gl; yn yl; ny ly*).[2] A historiographia começou a desenvolver-se; a principio em latim, já se vê; primeiro na Galliza, depois em Leão, finalmente em Castella, seguida ou precedida ahi mesmo pela elaboração de cantares de gesta, em versos alexandrinos á moda de França. A *Historia Compostellana,* escrita na sua maior parte por dois franceses,[3] mas principiada por um gallego;[4] o *Liber Jacobi* com o discutidissimo Pseudo-Turpim (c. 1140); o *Chronicon Mundi* do arcebispo Lucas de Tuy (até 1236); depois a *Chronica* do arcebispo Rodrigo de Toledo, o castelhanissimo (até 1243); o *Poema del Cid;*[5] o *Alexandre,* e as diversas narrativas sacras de Gonçalo de Berceo, lá estão para comprovar o asserto.[6]

Antes de passar a Portugal lembremos mais dois enlaces, importantissimos a meu vêr. O de Alfonso VII, Raimundez, o semi-franco, com Berenguela, de Provença e Aragão (1128—1149), a nobre irmã d'aquelle Raimundo Berenguer VI que protegia os melhores trovadores. E tambem o do neto, Alfonso VIII, com Leonor de

1) Lopes Ferreiro, *Hist. Sant.* II, 553 e III 8 e 165.

2) No sequito de *ch nh lh* tivemos em Portugal *mh bh vh dh th* nos sec. XIII a XV.

3) Hugo († 1136) e seu continuador Giraldo (— 1139). — Cf. *Grundriss* II^a, 289 e 317 e II^b 386; *Hist. Sant.* II, 444, 436; IV, 11, 44, 170, 193; 436, 507. É possivel que um quarto collaborador, anonymo, escrevesse as ultimos paginas.

4) Munho Alfonso, de Mondonhedo, escreveu o Livro I que vae até 1112. — *Hist. Sant.* IV, 170.

5) Foi composto provavelmente entre 1157 e 1188. O texto que possuimos foi, segundo as apparencias, trasladado por um leonês no seculo XIV. Portanto, o nome *Per Abbat* não pode designar o chantre d' este nome, mencionado no *Repartimento de Sevilha* entre os clerigos-criados del rei D. Alfonso que haviam recebido herdades. Só se a nota final do Poema fosse copia de outra mais antiga, pondo o escrevente por engano 1307, em vez de 1207.

6) Quanto á parte litteraria veja-se Baist no *Grundriss* II^b, 386. — Cfr. Milá, *Trovadores;* Helfferich, *Fueros Francos,* Berlin 1860; Dozy II, 392.

7) Nasceu no anno 1161. Contava por tanto nove annos quando a desposaram com Alfonso, e quinze quando o matrimonio foi consummado

Inglaterra (v. 1170—1214),[7]) filha d'aquell' outra Aliénor que de Poitou levára a arte palaciana á côrte de Luis VII, de França, e á de Henrique II de Inglaterra (Plantagenet).[1]) Ambos os successos, com o objectivo de assentar provisoriamente que a estas princesas, vindas de paises de lingua d'oc, se ligam as mais antigas noticias authenticas sobre a actividade de jograes nas côrtes hispanicas.

§ 376. No occidente, onde o *Comes Portucalensis* sacudira o jugo leonês, logo á morte do suzerano (1109), alicerçando a independencia dos seus territorios, os acontecimentos desenrolaram-se *paripassu.*[2]) Cavalleiros francos estabeleceram-se na região de Entre-Minho-e-Doiro[3]) durante o governo de D. Henrique. No desejo natural de rodear-se de gente patricia em Guimarães, então sua residencia habitual, o borgonhês concedeu a francos (que já então viviam na villa,[4]) enchendo uma rua inteira) um bairro contiguo aos paços reaes para casas de habitação, capella, jazigo (1112).[5])

(1176), depois de o jovem monarca (n. 1155) se ter libertado dos laços e braços da formosa e lendaria Judia de Toledo. — Vid. Schirrmacher IV, 686. De passagem lembro que ella introduziu o culto de S. Thomas de Canterbury.

1) Mesmo como mulher de Henrique II, a herdeira do Poitou e da Aquitania continuou a viver na França do Sul, dominada pelos Plantagenets.

2) Pelas noticias dadas no texto reconhece-se que andam enganados os que affirmam que não houve colonias francas de importancia em Portugal, com o intuito erroneo de demonstrar a preponderancia de influxos provençaes em Portugal. P. ex. G. Baist no *Grundriss* II^b, 389: *In Gallizien-Portugal spielten die Franken als Einwanderer keine erweisbare Rolle.*

3) A villa de Francos foi fundada em 1094. (Helfferich p. 42.) Certo *Guterre* fundou Povoa de Varzim.

4) O nome *francos* abrange certamente tambem alguns aquitanos. Mas em geral os documentos latino-portugueses da época distinguem entre *francos* (de onde o nome proprio e o adjectivo *francisco*, p. ex. *palatium franciscum, scutum franciscum, saia francisca, galipe francisco, caminho francisco*) e *gállicos gállecos.* Com o primeiro termo designam franceses do Norte, *ex partibus Galliæ* ou *ex finibus Galliæ,* de lingua d'oïl, incluindo Normandos e Flamengos; com o segundo os do Sul, de *lingua d' oc.* Veja-se p. ex. *P. M. H.: Leges* 448 e 576; *Script.* I, 14; *Mon Lus.* V, c. 25; *Escrit.* XXV. Ahi se diz: *erat enim hoc vocabulum commune omnibus qui de finibus Galliarum aderant.* O antigo sentido lato que abrangia, além das populações de toda a França actual, grande parte da Allemanha, já não estava então em voga, dentro da peninsula. Escuso lembrar que o nome gentilico *franco,* com os derivados *franqueza, franquia, franquear,* passou a designar a ideia de *liberalidade, liberdade, isenção, privilegio.*

5) Helfferich, p. 42; Figueiredo, *Nova Malta* I, 16; Gama Barros II, 148; Ribeiro, *Dissert. Chronol.* I, 173; Herculano, *Hist. Port.* I, 221 e III, 216; Santarem, *Quadro* III, 1. Eis o trecho mais significativo da carta: *facimus kartam donationis . . uobis . . Amberto Tibaldi et omnibus fra-*

Não faltam indicios de outros colonos.[1]) Nem tão pouco carecemos de nomes de nobres estrangeiros, revestidos de cargos publicos. Basta lembrar o *Gualter Burgundiensis* que assigna documentos de 1139 e 1147.[2])

O filho e neto seguiram o exemplo. Cada vez que estendiam o dominio portugalense para o sul, arrancando na Estremadura e no Alemtejo tratos de terra aos Sarracenos, Affonso Henriques e Sancho I favoreciam a immigração de gente de àlém dos Pyreneos.[3]) O prestigio crescente de Ibn-Errik, conquistador de Santarem, Lisboa, Sintra, Palmella, Almada, e dos seus aguerridos subditos facilitou esse intento de boa politica.[4]) Se nos seculos anteriores

---

tribus uestris .. nec non etiam omnibus francigenis in villa de Vimaranis nunc commorantibus .. pro multo bono seruicio quod nobis fecistis et facitis et quare elegistis nobiscum in terra nostra commorari. Quanto aos terrenos doados falla *de ipso campo quem habemus in villa de Vimaranis et iacet iuxta palacium nostrum regale .. et uadit directe ad ruam de francis et terminatur in eadem rua.*

1) Considero como taes as differentes villas e aldeias chamadas *Francos* que existem no Minho e Doiro. E tambem o *palatium franciscum,* casa de campo de algum aventureiro em S. Marta de Penaguião, mencionado no *Elucidario* I, 193, 339 e II, 91.

2) *Elucidario* II, 156. Em 1147 assignava uma carta-patente pela qual D. Affonso Henriques concedia aos Templarios todo o ecclesiastico de Santarem. Outros nomes de francos investidos em cargos publicos são: Ebraldo (no foral de Azurara e Coimbra 1102 e 1111); Gomes de Rochela (1220), Ruberto de Lila, Bernaldo, Ro[de]lin, Johannes Tibaldiz, Menéndus Franco, Johannes Frison; Gilberto, Amberto, Gualter, Arnulfo etc.

3) Vid. Gama Barros, Vol. II, Cap. VIII *Colonias estrangeiras.*

4) Da fama crescente de Portugal (*Portogal, Portegal, Portigal, Portingal,* e com deturpação *Patrigal Patrigalt,* em textos estrangeiros) ha documentos interessantes em varias literaturas. Vejam o *Poema del Cid* onde *portogaleses* apparecem juntos a *galizianos* (2970), contando-se outras vezes entre elles; a *Cronica rimada* (772, 696, 700, 1030); o romance anglo-normando *Torrent of Portingal* (mas não Méraugis de *Portlesguez* de Raul de Houdan, posto que assim se affirme na *Bibl. Critica,* p. 143); a *Kudrun* germanica (a. 1190—1200); II, 119, 237, 1008; III, 480; o *Parcival* de Wolfram von Eschenbach II, 119, 222, 240, 1008. Curioso é que ainda no sec. XV um homem que esteve na peninsula se servisse da forma *Portigal.* Fallo do poeta tirolês Oswald von Wolkenstein, servidor do emperador Segismundo, que teve parte na tomada de Ceuta. O lindo nome de *tierra gensor,* dado a Portugal nos cantares de gesta (*Cron. Rim.* v. 776), comparativo de *gens,* deve referir-se ao positivo *la gentil,* applicado por costume a Castella (Cid v. 672 e 829). O nome de *portucalenses, portogalenses, portogaleses* serviu naturalmente muito antes de 1097, para designação não só dos habitantes da verdadeira cidade de Porto-Cale, na foz do Douro, mas tambem d'aquella parte da Galliza que se compunha dos territorios durienses; parém só no tempo do Conde D. Henrique começou

a costa fôra infestada continuamente por aggressões de piratas „normandos“ — Vikinger da Noruega, das ilhas Orcadas, da Dacia, Frisia [1]) — os seculos XI e XII, tempo do maior fervor das cruzadas, viram numerosas frotas de guerreiros e romeiros, acompanhadas de naus de mercadores, as quaes, vindas da Inglaterra, de França, de Flandres e das provincias rhenanas e procurando o Oriente pelo Mediterraneo, faziam escala em portos gallegos e lusitanos. Primeiro naturalmente na foz do Douro,

> *. . . . lá na leal cidade donde teve*
> *origem, como é fama, o nome eterno*
> *de Portugal.* [2])

Posteriormente, de 1147 em deante, na bacia do Tejo. Mais de uma vez os reinantes aproveitaram esses ensejos para dirigirem o zelo bellico e o fanatismo religioso d'esses aventureiros contra os Infieis europeus. Em 1142 e novamente em 1147 noruegueses, ingleses, normandos, flamengos e aquitanos auxiliaram D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa; [3]) nos annos 1151 e 1157 a 1158,

---

soar como nome gentilico do territorio separado da Galliza. Vid. *Diss. Chron.* IV, 20—28. Nem vale a pena combater a phantasiosa e ironica etymologia de *Portugal* > *Portus Galliae:* „por ter sido em tempos antigos uma especie de succursal da Gallia: *non alia de causa . . . nisi quod Portus Galliæ esse antiquo tempore solebat*“, propagada em fins do sec. XV por estrangeiros, em homenagem aos reis de França. Etymologia baseada, de certo, na forma barbara *Portugalia, Portugallia,* empregada innumeras vezes por escritores medievaes por analogia com Hispania, Gallia, Italia, Germania.

1) Dozy, *Recherches* Vol. II, 256—372: *Les Normands en Espagne.* Tambem na Galliza àquém e além Minho ha vestigios da presença de Normandos (Lormanos), já o disse alhures, citando o nome Ufo Belfaguer (Wulf Harfager).

2) *Lusiadas* VI, 52.

3) Vid. Meyer, *Annales Rer. Flandr.* ed. 1561 f. 45r; Wauters, *Dipl. belges* II, 286. — A respeito da tomada de Lisboa, hoje não se deve lêr apenas a exposição de Herculano I, 369 ss. e 528 ss., mas tambem a dissertação de Ulrich Cosack, *Die Eroberung von Lissabon im Jahre 1147,* Halle 1875. Baseando-se no relatorio de um anonymo allemão, de Colonia, segundo as apparencias desconhecido ao illustre historiador, rectifica-o em mais de um ponto. A respeito da primeira tentativa baldada cita as referencias de Osbern a Normandos *qui ante hoc quinquennium urbem Ulyxbonam obsidendam convenerant.* A frota para a segunda expedição partiu d'Inglaterra a 12 de Abril de 1147 e chegou ao Porto em 28 de Junho. Das 163 velas que a compunham, parte trazia guerreiros allemães das margens do Rheno, commandados por Arnulfo de Areschott (cf. a lenda de Henrique de Bonn); parte, flamengos, sob Christiano de Gistell; e a maioria, ingleses, francos e aquitanos sob quatro condestaveis. Outro troço da esquadra arribara na costa da Galliza e fôra a Santiago. — Cf. Santarem,

na de Alcacer.[1]) Gente da Frisia e Dacia tomou parte na cruenta empresa de Alcor;[2]) no mesmo anno (1189) belgas, allemães e francos intervieram na conquista de Silves.[3]) Na nova tentativa contra Alcacer (1217) hollandeses e francos em caminho para a quinta cruzada, ajudaram igualmente.[4]) Tambem aqui mais de um chefe, de raça latina, como é natural e se prova pelos nomes,[5]) resolveu fixar-se com clientela mais ou menos vasta, nos ferteis mas despovoados terrenos reconquistados, e mandou vir da sua patria colonos para os arrotearem, accedendo a propostas certamente vantajosas dos principes semi-francos.[6])

Em 1158 D. Affonso Henriques fazia doação de Atouguia a Guilherme Des Cornes.[7]) O logar de Villaverde foi doado em 1160

Quadro III, 2—3 e XIV; Reiffenberg, *Coup-d'œil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal* 1841 em *Mémoires Nouvelles de l'Académie de Bruxelles,* Tom. XIV p. 6; Fr. Michel, *Portugais en France et Français en Portugal* p. 3; Dozy II, 228.

1) Herc. I, 411s. Tambem d'esta vez a primeira tentativa frustrou-se. Para ella haviam sido alistados guerrreiros da Gran-Bretanha por Gilberto, bispo de Lisboa, inglês de nação. Cf. Santarem, *Quadro* III, 3 e XIV, 178s.; *Chronic. Lusit.* em *P. M. H.: Script.* I. Certo Rodrigo escreveu, no anno immediato á tomada de Alcacer, uma carta a Luis de França, contando-lhe como fôra cumulado de honras e riquezas por D. Affonso Henriques.

2) Vid. Luciano Cordeiro, *Portuguezes fora de Portugal,* Lisb. 1892, p. 29.

3) Santarem, *Quadro* III, 4; Meyer 56ᵛ. — Reiffenberg funda-se, com respeito á conquista de Silves, num relatorio coevo, publicado nas Memorias Academicas de Turim pelo abbade Gazzera em 1840, relatorio que logo foi traduzido para português (1844). D'este trabalho falla como de uma novidade certo O L. Godin, em *Princes e princesses de la famille royale de Portugal, ayant par leurs alliances régné sur la Flandre,* obra publicada em 1892 pela Soc. de Geogr. de Lisboa, por occasião do congresso dos Orientalistas. Admira que uma corporação scientifica aceitasse e recomendasse um estudo que é mero plagiato da *Memoria* de Reiffenberg, ampliada apenas de longe em longe com alguns accrescentos. Até hoje ninguem descobriu a burla, que eu saiba. Da frota de Ricardo Cor-de-Leão, em caminho para a segunda cruzada, outro troço arribou a Portugal (1189—1190), sendo bem acolhido por Sancho I. Cf. mais abaixo. Esse mesmo, ou outro, composto de 63 naus inglesas, suscitou graves disturbios em Lisboa, sem prestar serviços dignos de menção. Santarem, *Quadro* XIV, 2.

4) Santarem, *Quadro* XIV, 6. — Wauters, *Dipl. belges* III, 485.

5) D. Ligel em Lisboa (*Mon. Lus.* III, 336).

6) Além do capitulo já citado da *Hist. da Adm.* de Gama Barros, veja-se Herc. IV, 446—462, conferindo I, 385ss.; II, 93s.; III, 216; e *Mon. Lus.* X. c. 26. Em Lang **CD**, XX—XXIV ha um resumo bem feito; outro, só relativo á Hespanha, na obra de Milá 68—69.

7) *P. M. H.: Leges* 450; *Script.* 380.

a certo Alardo;[1]) a Lourinhã a um Jordan (ou Jourdain), em data incerta.[2]) E essas Villas-Francas prosperavam — francas mesmo quando parte da população era gallica (*gálleca*, nos textos portuguezes) — povoando-se tão apressadamente que o successor decidiu outorgar aos *Francigenas* ahi residentes, novas herdades, perto da margem direita do Tejo (Pontevel, 1195).[3])

Achando prestimosissimos, mas ainda insufficientes os colonos que o pae attrahira, obrigado de mais a mais a consolidar os territorios ermos que então constituiam a fronteira sul do reino, Sancho I enviou agentes a diligenciarem em França e Inglaterra a vinda de mais forasteiros.[4]) A esses foram concedidos terrenos nas incultas mas productivas lezirias alemtejanas, entre Santarem e Alemquer.[5]) Como chefe principal veio (1199) certo Rolim (Raolino), erigido em alcaide-mór da nova Villa-Franca, cujo nome foi posteriormente mudado em Azambuja.[6]) Tal foi tambem d'esta vez a affluencia de colonos que o rei teve de distribuir-lhes mais campos, entre Tejo e Caia, em Montalvo (no sitio hoje denominado Ponte de Sor).[7]) Nos annos immediatos novos advenas vieram fixar-se em Cezimbra, perto da foz do Sado.[8])

De fundações ulteriores, nada consta. Para a povoação do Algarve, até a foz do Guadiana, com o seu clima quasi africano, Affonso III, tendo de disputar a sua posse incondicional longamente a seu sogro castelhano, não chamou homens do Norte.

§ 377. Os casamentos dos primeiros reis de Portugal e de sua prole, as viagens emprehendidas ora por causa d'esses enlaces,[9])

---

1) *Mon. Lus.* III, 237; Gama Barros II, 146.
2) *Leges* 447.
3) *Leges* 490; Herc. II, 68; Gama Barros II, 146.
4) Herc. II, 93ss. Sancho I falla no respectivo documento de »estes francos que vieram habitar em terra portuguesa para utilidade d'elle rei, dos seus successores e do reino«.
5) *Leziras* ou *Liziras* no texto latino não é nome de logar, como pensaram alguns estrangeiros. O vocabulo, de origem arabe (*aljazure, aljaziras = ilhas*) designava a principio os innumeros ilheus que os canaes do Tejo formam nos ferteis terrenos do Ribatejo. — Cf. David Lopes, em *Rev. Hisp.* IX, 48.
6) Santarem, *Quadro* III, 8. Em 1221 ainda vivia.
7) *Leges* 515; *Diss. Chron.* I, 262; Santarem, *Quadro* I, 58; III, 6
8) Ib.; cf. Fr. Michel, p. 5.
9) Em harmonia com o caracter puramente politico dos casamentos entre principes, a noiva era em geral enviada ao desconhecido desposado,

ora por causa de allianças de paz e guerra, as expatriações de principes e nobres por opposição á corôa, quando não por mero espirito de cavallaria, quasi sempre em direcção ás varias côrtes occitanicas e oïtanicas,[1]) afiguram-se-me tão significativas como as dos dynastas borgonheses de Castella e Leão, embora pouco ou nada positivo saibamos naturalmente àcerca das impressões e ideias novas, colhidas lá fora pelos viajantes, e trazidas ao reino por estrangeiros.[2])

A maneira como foram contratados e realizados em 1146 os desposorios de D. Affonso Henriques com Mafalda de Saboia e Mauriana é desconhecida.[3]) Presume-se porém, que elles se effectuaram em conseqüencia de relações antigas, não interrompidas, da casa de Borgonha com a de Saboia,[4]) pais occitanico cujos regentes figuram entre os protectores da arte e vemos elogiados e citados a miudo.[5])

Pouco depois a politica levou Portugal a aproximar-se dos estados catalano-aragoneses, os quaes tiveram de lutar, como elle, pela sua independencia, contra a acção absorvente da monarchia central. O conde de Barcelona, Raimundo Berenguer IV (1131—1162), fundador do reino unido pelo seu enlace com Petronila de Aragão, e entre os reinantes peninsulares o mais antigo fautor das

---

freqüentemente em idade infantil. Dou como exemplo a *Puella de Portugal,* as infantas portuguesas casadas com dinamarqueses; Berenguela, Leonor de Inglaterra, Christina de Noruega, Maria de Brienne, Eudoxia. Todavia alguns principes iam vêr e receber a noiva na sua patria. No texto fallo de Luis IX de França e de Jean de Brienne.

1) Peço venia para introduzir na lingua portuguesa o termo *oïtanico,* destinado a qualificar paises, dialectos e personagens de lingua *d'oïl* (*oï, oui*). Formado por analogia com o usadissimo adjectivo *occitanico* é, creio eu, corrente na Italia e em Hespanha.

2) Menendez y Pelayo não liga importancia aos contactos *directos,* vindicando-a toda ás *obras.* Mas . . . sem a vinda de romeiros e colonos francos o viçoso desenvolvimento talvez não se houvesse effectuado.

3) Herc. I, 359. — Vid. *Art. de Vérifier les Dates* 1092s. — Mahalda (de onde Mafalda) de *Mahalt* (*Mahaut*), de *Machtalda, Maechtilde, Mateldc,* de onde *Matilde Matille* (*Maticlla* em cast.), nome agora novamente introduzido na casa de Saboia. A Mauriana é parte da Saboia. Os condes de Mauriana passaram no sec. XI a ser condes de Saboia.

4) A antiga *Sabaudia* fazia parte da Borgonha. Amadeu II, pae de Mafalda, era filho de Gisela de Borgonha, a qual era neta de Guilherme, o grande. Pela mãe, Mafalda era aparentada com os condes de Barcelona.

5) Deixei dicto no Cap. I que Th. Braga lavra em erro ao considerar a antiga *Sabaudia* como provincia onde *il si suona.* Nos mappas do *Grundriss* de Groeber, Vol. I, podia ter visto que pertence como a Borgonha, da qual fizera parte em tempos remotos, ao grupo franco-provençal.

musas, veio encontrar-se com o novel mas intrepido rei de Portugal na fronteira gallego-portuguesa (Tuy) a 30 de Janeiro de 1160, afim de ajustar um pacto de alliança, estribado no casamento de duas crianças:[1]) seu herdeiro Alfonso II (1162—92) e uma das filhas do português.[2]) Se então a projectada união luso-aragonesa não se effectuou, por causa da morte da noiva, a pequenina Mafalda (c. 1164),[3]) ella foi contrahida por outra fórma, tres lustros mais tarde. Em 1174 o successor de Affonso Henriques casava com D. Dulce,[4]) irmã do já citado primeiro rei catalano-aragonês que, tendo passado largos tempos no meio-dia da França, surge eminente entre os peninsulares que se ensaiaram como poetas, tanto em limosino, como em francês,[5]) e talvez fosse um dos primeiros que mandaram colleccionar cancioneiros de poesias provençaes.[6]) A sua côrte era a Mecca dos trovadores e jograes. Ha numerosas canções a elle relativas, cheias de louvor, e outras cheias de vituperio.[7])

Antes de o seculo XII findar, esse mesmo soberano, ou com mais probabilidade seu cavalheiroso filho En Peire II, amigo enthusiastico da arte, e talvez trovador como o pae,[8]) veio ao coração

---

1) Alfonso II contava oito annos; a princesa Mafalda menos ainda (Milá 265). Petronila tambem fôra desposada no berço com Raimundo Berenguer; Leonor de Inglaterra contava nove annos quando a levaram a Castella; Maria de Montpellier casou aos dez; Beatriz de Guzman foi „criada“ pelo esposo etc. etc., o que não admira, visto como todos esses casamentos eram dictados por conveniencias politicas.

2) *Hist. Gen.: Provas* I, 195; *Mon. Lus.* X, c. 41; Santarem, *Quadro* I, 98; Herc. I, 418.

3) Herc. I, 453.

4) Herc. I., 444; Santarem I, 44; Figanière, *Rainhas de Portugal* 59 ss.; Benavides, *Rainhas de Portugal* I, 99.

5) Cf. Cap. VII, Nota 320 e 322.

6) Segundo Nostradamus, o Monge Hermenterio do Convento de St. Honorat foi encarregado por Alfonso II de colleccionar um cancioneiro de obras trovadorescas. E apesar da pouca confiança que esse auctor inspira, a critica em geral tem por digna de credito esta indicação. — Cf. *Jahrbuch* I, 436; XIII, 2 e 15 ss.; Kolsen, *Guiraut de Bornelh,* p. 58.

7) Cf. Milá, *Trovadores* 83—115 e 261 ss.

8) Cf. Milá 133 e 354, e o nosso Cap. VII, p. 670, Nota 2; *Chron. Conimbr.* em *P. M. H.: Script.* 3; Herc. II, 70 e 73; Santarem, *Quadro* III, 100; *Mon. Lus.* XII, c. 19. — Como no Livro da Noa de S. Cruz fallam de um *Rex Arag.,* muitos historiadores (como Schirrmacher IV, 257 e J. Smith II, 457) pensam que seria Alfonso II e mesmo affirmam que elle morreu em Portugal. Esqueceram que neste pais todos os filhos legitimos dos monarcas se chamavam reis, e as filhas *rainhas,* sendo por isso natural que applicassem o costume nacional ao principe que vinha visitá-los.

mesmo de Portugal, á cidade do Mondego que principiava a disputar a Guimarães o fôro de capital (1196).[1]) O intuito politico da entrevista era congraçar o rei de Portugal com o de Leão, e ambos com o de Castella e Navarra, no momento em que a tremenda derrota de Alarcos (1195), devida á lastimavel desunião dos cinco monarcas hispanicos, punha em risco toda a christandade e exaltava o espirito religioso-politico dos trovadores[2]) e dos reis que os patrocinavam.

Voltemo-nos para as pequenas côrtes de lingua d'oïl, onde a arte lyrica se estava desenvolvendo com grande viço. A politica acentuadamente unitaria de Felipe Augusto impellia-as (como Castella aos aragoneses e portugueses) a procurarem vinculos de parentesco e allianças de paz e guerra com dynastas poderosos. E Portugal, já o sabemos, entrára no numero dos estados cujo futuro parecia lisongeiro.

É costume affirmar que ainda em vida de D. Affonso Henriques, um principe, poeta, valente cruzado e desvelado fomentador dos troveiros, estivera em Lisboa. Fallo de Felipe de Alsacia, conde de Flandres, filho d'aquelle Thierry que em 1158 havia procurado abrigo na costa de Portugal, como commandante da frota auxiliadora de Affonso Henriques numa das empresas contra Alcacer,[3]) e cunhado de Felipe Augusto por ter casado em primeiras nupcias com sua irmã Matilde. Uma lenda romanesca, que tem as suas raizes em Flandres, relata que esse espirito gentil conhecêra a bella e energica filha de Affonso e Mafalda,[4]) na sua romagem a Santiago (1172) ou na volta da viagem á Palestina (1174—1178). Namorado de Teresa-Mafalda,[5]) teria mandado em seguida successivas embaixadas ao futuro sogro até este consentir na separação da filha predilecta.[6]) A historia, porém, regista unicamente o

---

1) O casamento de Teresa de Portugal com Alfonso IX ainda fôra celebrado em Guimarães. Na *Cron. Gen.* f. 370^v Alfonso X diz de Coimbra que era *tenida estonces por çibdad real en Portogal.*

2) Mais abaixo terei de fallar de um sirventês de Folquet de Marselha, composto entre 1195 e 1212.

3) Thierry e Felipe eram aparentados com a dynastia portuguesa. Uma filha de Thierry tambem esteve casada com Humberto II de Saboia, i. é com o irmão da primeira rainha de Portugal.

4) Teresa em Portugal; Mafalda ou antes Matilde em Flandres.

5) Reiffenberg 7—8; Dozy, *Recherches*, vol. II, p. CIXss.; Santarem XIV, p. 2.

6) Reiffenberg l. c.; Santarem XIV, VIII; Fr. Michel, p. 6; Herc. I, 454.

casamento da que chama *puella de Portugal*, notando que foi tratado pelo rei d'Inglaterra Henrique II [1]) e realizado com grande pompa em Bruges, no anno 1184. E conta mais que a noiva, enviada por mar ao esposo, teve viagem accidentadissima. [2])

Quando esse Conde de Flandres e Alsacia se finou, na Terra Santa (1191), de peste durante o sitio de Acre, deixando apenas uma filhinha que pouco viveu, Teresa-Mafalda (regente durante a ausencia do esposo) viu-se envolvida em graves discordias sobre a divisão dos riquissimos estados do marido, ambicionados pela corôa francesa, mas exigidos com as armas na mão pelos legitimos herdeiros, os intelligentes e energicos Balduinos da Hannonia (Hainaut). Defendeu então com orgulho e vigor os seus interesses pessoaes (questões de dotes e arrhas). [3]) Nem se descuidou da familia que deixára na patria. Após a morte de todos os herdeiros varões, [4]) conseguiu que as successoras do ultimo Balduino (VI ou IX), duas filhinhas, Jeanne e Marguerite fossem confiadas á sua guarda. Tendo de conduzí-las, com ou sem connivencia do tutor Felipe de Namur, á côrte de França, por exigencias do suzerano, soube promover ahi o enlace da mais velha com um de seus sobrinhos de Portugal, parece que novamente sob o patrocinio do rei de Inglaterra. [5]) O esposo escolhido para a poderora herdeira de Flandres, Alsacia e do Hainaut, a famigerada *Jeanne de Constantinople* [6]) — Balduino fôra emperador coroado desde 1204 — era o Infante D. Fernando, filho de Sancho I.

---

1) Santarem l. c.; Dozy l. c.; Meyer, *Annales* 54^{v}.

2) Piratas agrediram no mar do Norte a nau da princesa, que navegava do Porto a Lecluse, e roubaram-lhe as suas joias.

3) As discordias foram compostas, graças aos bons cuidados do papa, por um tratado entre os Balduinos e Felipe Augusto. — Vid. Reiffenberg e Godin p. 11.

4) Um filho do primeiro matrimonio do Conde Felipe de Flandres, educado na côrte de França, fallecera cêdo. — Balduino V (= VIII), viuvo de Margarida d'Alsacia e Flandres, irmã do conde (f. em 1194) que tomára conta dos estados, morreu um anno depois da esposa no Oriente. O herdeiro de ambos Balduino VI (= IX), finou-se ahi mesmo em 1205.

5) Alguns historiadores creem no consenso de Affonso II de Portugal, embora não possa ser documentado.

6) Vid. Le Glay, *Histoire de Jeanne de Constantinople* 1841, assim como os *Annal. Flandr.*

É opinião geral que este infante sahiu do reino na mesma occasião em que seu irrquieto irmão D. Pedro, o dos martyres de Marrocos, celebre em Leão, Malhorca e Urgel, começou sua vida de aventureiro;[1]) i. é quando, á morte de Sancho o Velho, um extraordinario movimento de revolta contra a politica centralizadora do successor[2]) lançou na emigração — como sabemos — muitos personagens importantes, filhos, bastardos, genros e partidarios do defuncto. Se D. Fernando foi, porém, directamente a Flandres, munido de um salvo-conducto do rei de Inglaterra para o tutor de Jeanne,[3]) e de lá a Paris,[4]) *levado por respeitos e esperanças da Condessa Teresa-Mafalda,*[5]) é muito possivel que o casamento, realizado meses depois da sua chegada á côrte de Felipe Augusto, já tivesse sido contratado em vida de Sancho I.[6]) Mesmo, se a data das nupcias fôr 1212, como penso, e não 1211.

Lá o luso-flamengo teve ensejo de combinar sem demora outro enlace vantajoso: o de sua irmã mais nova, Berengaria, com o rei da Dinamarca, Waldemar II, irmão da rainha de França (aquella Ingeborg que Felipe Augusto, apaixonado por Inês de Meran, havia desprezado durante longos annos, restituindo-a finalmente, constran-

---

1) Já me occupei em varias notas d' este principe aventureiro, que trouxe (ou fez trazer) a Coimbra as cinzas dos cinco franciscanos martyrizados em Marrocos: conquistador de Merida (Herc. II, 305) em serviço do Leonês; Conde de Urgel desde 1229 por casamento com Aurembiax; senhor da ilha de Malhorca por troca; em 1248 um dos conquistadores de Sevilha, e quatro annos depois um dos que ahi receberam ricas herdades (Espinosa). Vid. p. 385.

2) Contei como, cioso da sua herança, comprehendendo quo o pequeno reino paterno não devia ser retalhado, reclamava para si as boas terras de Montemór, Alemquer etc. quo o prolifico Povoador destinára no seu testamento aos filhos legitimos que deixára.

3) Francisque Michel p. 6 remette aos *Rot. liter. patentium* I, 39 col. 2.

4) As bodas celebraram-se em Paris. Vid. Meyer, *Annales* 64ᵛ: *Magnaque pompa impendio Flandriæ atque Hannoniæ celebratæ ibi nuptiæ.*

5) Casada em segundas nupcias com um seu primo de Borgonha, Eudes III, mas d' elle separada breve, com o pretexto usual da consanguinidade, Teresa-Mafalda falleceu em 1218 (não em 1210, como se diz na *Memoria* de Reiffenberg), desastrosamente. O seu carro de viagem virou-se em terreno pantanoso.

6) Luciano Cordeiro affirma-o, sem apresentar as provas. Um plano de enlace entre João-sem-Terra, o fraco successor de Ricardo Cor-de-Leão, e uma das filhas de Sancho I (1199) não se realizou. — Vid. Santarem, *Quadro* XIV, 3—4, 10—11, 180; Luciano Cordeiro, p. 33.

gido, nos seus direitos).[1]) O momento de gloria do novo Conde de Flandres foi todavia muito curto. O astuto soberano francês deteve os recem-casados até vêr-se em posse effectiva de certos logares de Flandres, conquistados pelos Balduinos no tempo das desavenças. Ferido no seu brio e nas suas ambições, D. Fernando, que era de genio bravo e violento,[2]) colligou-se sem tardar com inimigos exteriores e vassalos revoltados de Felipe Augusto: o emperador Otto IV, o rei de Inglaterra, o conde Reinaldo de Dammartin e Bolonha, e outros. Mal a guerra se ateára comtudo, quando, derrotado na celebre batalha de Bovines (perto de Lille, a 27 de Julho de 1214), foi preso apesar da sua feroz resistencia. Conduzido a Paris, viu-se vilmente escarnecido pelo povileu.[3]) Encerrado na torre do Louvre, emquanto clerigos cantavam hymnos de graças ao Altissimo que dera a victoria a seu rei, livrando-o de um tal enemigo,[4]) lá ficou durante treze annos.[5]) Solto em fins de 1226, ou principios de 1227) — por um elevadissimo preço de resgate — quando já era regente de França D. Branca de Castella, a nobre mãe de S. Luis, cunhada do irmão do Infante, o já fallecido Affonso II,[6]) — *D. Ferrant de Portugal* regressou aos

---

1) É do duplo consorcio das infantas portuguesas Berenguela e Leonor com os reis da Dinamarca Waldemaro II e III, que Luciano Cordeiro se occupa no estudo acima citado.

2) Afim de illustrar com mais um traço o contraste entre o ideal dos poetas e a rudeza da vida real, lembro o facto seguinte: meses depois de casado, o filho de Sancho I maltratava a esposa quando ella o vencia no jogo do xadrez: *pro ludo scaccorum quo eum ipsa uxor saepe mataverat ipsam verberaverat et inhoneste tractaverat* (*Chron. Senoniensis*, apud Herc. II, 149). Confira-se o procedimento de Alfonso I o Batalhador, para com Urraca de Castella, a qual, é preciso confessá-lo, lhe dava justos motivos para uma seria desintellegencia.

3) Luciano Cordeiro falla de cantigas de escarnho, em que o povo o insultára. Nas *Chron. de Saint-Denis,* encontro apenas a affirmação seguinte: *Li vilain, les vieilles et li enfant n' avoient pas honte de lu moquier et escharnir.*

4) Na obra illustrada de Paul Lacroix: *Vie militaire et religieuse au moyen-âge* (1873) encontro a p. 23 uma representação do caso, tirada das *Chron. Hannon.;* e outra a p. 18 em que figura Jeanne em companhia do segundo esposo.

5) No meio-tempo a esposa teve de defender-se contra as intrigas do falso Balduino.

6) A rainha-regente de França e Urraca, esposa de Affonso II de Portugal, eram filhas de Alfonso VIII de Castella e Leão e de Leonor de Inglaterra, irmans portanto de Berenguela que, como esposa do Leonês, deu a vida a Fernando III.

seus estados de Flandres,[1]) onde reinou até fallecer em 1233.[2]) Como acontecera á tia, deixou apenas uma filhita, que pouco viveu.[3])

Á hora em que expirava esse desgraçado principe português, mal-visto do povo flamengo como o fôra Teresa-Mafalda,[4]) um seu sobrinho de Portugal, o futuro Affonso III, já residia na côrte francesa, efficazmente patrocinado pela rainha-mãe. Sob os auspicios d'essa franco-castelhana foi negociado em Paris, se as apparencias não enganam, primeiro o casamento de D. Leonor de Portugal (irmã de Sancho II, de Affonso III e de D. Fernando de Serpa) com o enteado de Berengaria, Waldemar III, sobrinho da rainha Ingeborg;[5]) e um decennio depois (1238) o do proprio infante com Matilde de Bolonha e Dammartin, filha unica e herdeira de Ida de

---

1) A affirmação de Lang, que o faz regressar *a Portugal* no anno 1226, não é exacta. — *Mod. Lang. Notes* X, 212.

2) Depois da morte de *Ferrant de Portugal* (que teve mausoleu em Noyon, com estatua jazente e inscripção latina) Jeanne casou com Thomas de Saboia († 1259), filho de Thomas I (1177—1233), parente afastado do primeiro marido. — Vid. *Art de vérifier les dates* c. 1091.

3) Vid. Reiffenberg, p. 24.

4) Os flamengos não perdoaram á que se entitulava *rainha,* segundo a moda da sua terra, e fizera a sua entrada com grande apparato — *regio apparatu et ambitione* — a sua sobranceria nem o seu luxo desenfreado, nem as contribuições pesadas que impôs ao povo durante a sua regencia. Além d'isso consideraram-na muito supersticiosa e *agoureira* (como a Ribeirinha e as gallegas em geral). Por estes motivos receberam friamente em 1211 o consorte da nova governadora e nunca se lhe afeiçoaram, comquanto reconhecessem as suas qualidades bellicas. Calumniaram-no como *servo do rei de França.* Certos maldizentes nem mesmo se pejaram de espalhar a calumnia que Fernando não era sobrinho, mas sim um filho illegitimo ou ante-nupcial da Condessa e de Felipe d'Alsacia, interpretando malevolamente o amor dedicado da *Puella de Portugal* pelos consanguineos. O eco d'essas maledicencias passou á posteridade na *Chronique Rimée* de Philippe Mousket.

5) A data em que Affonso III sahiu da patria não está documentalmente estabelecida. Suppõe-se apenas que, exactamente como em 1211 fizera seu tio, elle acompanhára a irmã, dirigindo-se em seguida a Paris, levado como outr'ora D. Fernando por desejos e esperanças da influente e poderosa tia. Comtudo parece que D. Leonor foi conduzida por mar de Portugal á Dinamarca, sob a escolta do bispo Gunnar, comquanto o documento mais importante àcerca d'este consorcio, realizado em Ripen a 23 de Junho de 1229, exista no Archivo de França.

Bolonha e d'aquelle Reinaldo que em 1214 fôra um dos alliados de D. Fernando, na guerra contra a coroa.[1])

A residencia de Affonso III em paises de lingua d'oïl, com numerosa comitiva de nobres e por longos annos, primeiro em Paris ao lado d'aquella mesma D. Branca que foi inspiradora de Thibaut de Champagne, o melhor troveiro da epoca, e em seguida quasi durante um decennio na região que de ha muito era sede principal da poesia lyrica do Norte, é realmente um facto de grande peso.[2]) Longe de o querer depreciar pondero que o Bolonhês, ao contrario de D. Fernando e D. Pedro, regressou á patria onde, sentado no throno mais de trinta annos, introduziu, como arbitro supremo das elegancias, instituções novas, leis sumptuarias e um regimento aulico á moda francesa, fixando jograes no seu paço, e reunindo em volta de si os melhores trovadores nacionaes. Mas não entro em pormenores pois ninguem contesta essa importancia, e já apresentei o seu reinado como o tempo da maior efflorescencia da arte lyrica. Repito apenas que quando elle e seus companheiros se familiarizaram em Paris e em Bolonha com a lyrica dos troveiros,[3]) as sementes lançadas no sec. XII, durante a idade aurea da antiga França literaria, já haviam abundantemente fructificado no fertil solo gallego-português.[4])

---

1) Matilde de Bolonha era nora de Felipe Augusto, pois estivera casada até 1234 com Felipe Hurepel (fructo das relações do monarca com Inês de Meran). — Na *Gazette des Beaux Arts*, Vol. XIII, p. 734 (1876) ha um retrato de Matilde (de 1239), copia de um seu sello, guardado no Archivo Nacional. — Abandonada por D. Affonso que em 1253 se desposou com D. Beatriz de Guzman, menina de então nove annos, a qual criou no seu paço até contrahir o matrimonio perto de 1260, Matilde viveu até 1259.

2) Em 1241 Affonso de Portugal assistia em Paris a uma composição entre Luis IX e os Condes de Flandres. No anno seguinte tomava parte gloriosa com os seus portugueses na victoria de Saintes, combatendo a favor da França contra as hostes inglesas; em 1244 acompanhou a familia real numa peregrinação ao Limousin, servindo D. Branca num banquete festivo (*Hist. Franc.* XX, 206 e XXI, 766 B.). De 1245 em deante sua attenção convergia toda para a patria. Perante dezasete testemunhas prestou então juramento como regente futuro de Portugal. Vid. Herc. IV, 300 e 406; Santarem, *Quadro* III, 12; Fr. Michel, p. 101.

3) Paris, centro scientifico, não era centro lyrico no periodo de que nos occupamos.

4) Para facilitar a synthese, junto em tabellas a successão principal e as allianças dos reis de Portugal, dos de Castella e Leão, e dos de Catalunha e Aragão:

I. Portugal.

Henrique, o Borgonhês, Senhor de Besançon; gov. 1097—1112
Teresa Nunes, de Leão e Castella, illeg.; gov. 1112—1128

Affonso I Henriques (n. 1109) gov. 1128—1185
Mafalda de Saboia e Mauriana, filha de Amadeu III,
e bisneta de Raimundo Berenguer, o Velho

Pedro, Grão Mestre de Avis
† 1169 ou 1175

Sancho I (n. 1154);
gov. 1185—1211
Dulce de Aragão (1175)

Mafalda † 1164
desp. Raimundo Berenguer
de Aragão

Urraca
Fernando II de Leão

Teresa Mafalda
1°. Felipe de Flandres
2°. Eudo de Borgonha

Pedro Affonso,
Grão-Mestre de Rhodes
† 1207

Affonso II (n. c. 1185);
gov. 1211—1223
Urraca de Castella (1198 ou 1201)

Mafalda † 1256
Enrique I de Castella
† 1217

D. Pedro
Aurembriax de Urgel
† 1258

D. Fernando † 1233
Juana de Flandres

Berenguela
Waldemar II
de Dinamarca

Teresa
Alfonso IX de Leão

Sancho II, Capello (n. c. 1202);
gov. 1223—1245; fall. 1248
Mecia Lopes de Haro

Affonso III (n. 1211); gov. 1245—1279
1° Matilde de Boulogne (f. 1259)
2° Brites de Guzman, f. de Alfonso X

Fernando de Serpa

Leonor
Waldemar III de Dinamarca

D. Denis (n. 1261); gov. 1279—1325
Isabel de Aragão, f. de En Peire III

Affonso IV (n. 1291); gov. 1325—1357
Brites de Castella, f. de Sancho IV

Constança
Fernando IV de Castella

Pedro I (n. 1320); gov. 1357—1367
1° Constança de Castella, f. do Infante D. João Manoel
2° Inês de Castro

Maria
Alfonso XI de Castella

Pedro Affonso,
Conde de Barcellos.

II. Leão e Castella.

Fernando I 1037—1067

Garcia

Sancho

Alfonso VI, de Leão desde 1067; de Castella de 1073 a 1109
1º. Inês de Aquitania; 2º. Constança de Borgonha; 3º. Zaida; 4º. Ximena Nunes

Alfonso VII Raimundez (n. 1106) gov. 1126—1157
Berenguela de Aragão, irmã de Raimundo Berenguer IV ← Urraca gov. 1109—1126
1º. Raimundo de Tolosa f. 1107
2º. Alfonso II de Aragão

Sancho f. 1105

Teresa de Portugal
Conde Henrique

Elvira
Ramon de S. Gilles de Tolosa

Alfonso Jordan 1128—1149

Sancho III de Castella (n. c. 1130); gov. 1157/58
Branca de Navarra († 1158)

Constança
Luis VII de França

Urraca
Garcia de Navarra

Fernando II de Leão;
gov. 1157—1188
1º. Urraca de Portugal → Alfonso IX de Leão (n. 1171);
gov. 1188—1230
1º. Teresa de Portugal
2º. Berenguela de Castella,
f. de Alfonso VIII
2º. Teresa
3º. Urraca Lopez de Haro

Alfonso VIII de Castella (n. 1155) rein. 1158—1214; gov. de 1170
Leonor de Inglaterra (desp. em 1174; matr. 1176)

Branca
Sancho III de Castella

Fernando III

Enrique I 1214—1217 s. h.
Mafalda de Portugal, f. de Sancho I

Berenguela
Alfonso IX de Leão

Branca
Luis VIII de França

Urraca
Affonso II de Portugal

Alfonso X (n. 1221);
gov. (n. 1252—1284);
Violante de Aragão,
f. de Jaime I ← Fernando III (n. 1199); gov. Castella
desde 1217; Leão de 1230—1252
1º Beatriz de Suabia
2º Jeanne de Ponthieu

Alfonso de Molina
Mor Telles de Meneses

Maria de Molina
Sancho IV

Berenguela
Jaime I de Aragão

Fernando Lacerda † 1275
Branca de França, f. de Luis IX

Sancho IV
Maria de Molina

Fernando IV
Constança de Portugal, f. de D. Denis

Brites
Affonso IV de Portugal

Alfonso XI (n. 1311); gov. 1312—1350
Maria de Portugal, f. de Affonso IV

Leonor
Alfonso IV de Aragão.

Pedro I 1350—1369
Branca de França, f. do o duque de Bourbon.

III. Catalunha e Aragão.

§ 378. Nestas alturas julgo conveniente indicar mais alguns enlaces, realizados no reino vizinho, em tempo do Leonês e de seu filho, o conquistador de Sevilha, porque levaram á Galliza e ao centro dois reinantes franceses que poetavam em lingua d'oïl, e uma princesa da mesma nação, celebrada não só em canções de troveiros, mas tambem por trovistas gallego-portugueses.

Em 1224 Jean de Brienne, rei titular de Jerusalem,[1]) (João de Brena ou Brenha, rei de Acre, no dizer dos peninsulares) sahira do Oriente, em peregrinação a Santiago, com o intuito de conciliar com o emperador Frederico II as coroas de França e Inglaterra, afim de juntos emprehenderem nova cruzada. De volta da piedosa romagem casou em Toledo com Berengüela, irmã de Fernando III.[2]) Um decennio depois um parente proximo tomou posse do throno de Navarra, como genro e successor de Sancho VII: Thibaut de Champagne (r. 1234—1253), celebre como o melhor e mais fecundo troveiro do seu tempo, apaixonado pela rainha de França, conforme já lembrei, e realmente poeta pela graça de Deus.[3])

Devolvidos mais tres annos, uma prima de D. Branca, tambem de sangue real, dotada d'aquelle fino gosto e indole de poeta que tanto distinguiu os descendentes e afins de Alienor de Poitou, veio presidir ás côrtes de Castella e Leão, já então unidas, e para sempre, debaixo do sceptro de S. Fernando, que enviuvára de Beatriz de Suabia.[4]) A nova rainha, *Jeanne de Ponthieu e Montreuil,* insigne em formosura e bons costumes, não só segundo o arcebispo D. Rodrigo e o auctor do *Chronicon Ferdinandi,* mas tambem no dizer do inspirader da *Cronica General,*[5]) era (por seu pae Simão de

---

1) Por casamento (1209) com a herdeira do throno, Maria de Montferrat. — Vid. *L'Art de vérifier les dates,* c. 706.

2) Vid. *Anal. Tolet.* II (*Esp. Sagr.* XXIII, 406): *Vino el rey de Acre dalent del mar pora Toledo. . . . Desi fuese a Sant Yago e de su venida casó con la hermana del Rey de Castella.* — Schirrmacher IV, 349.

3) De Thibaut (Tibaud, Thiebaut, Theobaldo IV) de Champagne, 1201—1253, possuimos perto de 60 canções, quasi todas de amor, publicadas por Tarbé na collecção *Les Chansonniers de Champagne,* 1850—1852. — Cfr. G. Paris, *Litt. Franç. au moyen-âge,* §§ 113—125 e 127—129, Groeber, *Franz. Litt.* 672, 682.

4) Foi provavelmente a sempre sollícita mãe de S. Fernando quem combinára este enlace com sua irmã, i. é com a mãe de S. Luis de França.

5) Ha treslado dos trechos na *Randglosse* XIII que trata de D. Juana, como madrasta de D. Arrigo e assunto de cantares de escarnho do trovador *Gonçal' Eannes do Vinhal.*

Dammartin, irmão de Reinaldo) prima da esposa do Bolonhês[1]), e da parte de Maria de Ponthieu, sua mãe, prima de S. Luis de França, o que quer dizer que fôra educada entre troveiros.[2])

Creio escusado ir mais longe no empenho de patentear ensejos para um commercio literario entre peninsulares. Alias podia fallar dos casamentos dos filhos e das filhas de Alfonso X (o primogenito, Fernando Lacerda, com Branca de França, filha de Luis IX, uma infanta com o Marquês de Monferrant; outra com Thomas de Saboia); das suas pretensões á posse da Gasconha; da affluencia de barões franceses e provençaes á sua côrte.[3])

§ 379. Antes de registar nomes de jograes, troveiros e trovadores e obras literarias dedicadas a personagens até aqui citados, ou por elles inspirados, offereço mais um punhado de notas soltas sobre viagens de principes aventureiros, por ora não nomeados; gerações de Portugal de origem francesa; prelados, clerigos, monges d'aquella nação que se tornaram preclaros entre nós; communicações commerciaes entre Portugal e os condados de Flandres, Inglaterra e o Norte da França[4]) e sobre relações com a Italia.

Pedro, ou Pedro Affonso († 1179), filho do conde borgonhês,[5]) e de 1162 em deante mestre da ordem de Avis, novamente fundada, viveu longo tempo, segundo se diz, na côrte de Luis VII, sendo ahi considerado e tratado como par dos pares.[6]) Um seu homonymo e sobrinho, filho do primeiro rei, morreu no anno 1207 como grão-mestre de Rhodes.[7])

---

1) Confiram p. ex. o resumo genealogico que juntei ao § 389.

2) Vid. § 389.

3) Vid. § 389.

4) De todos estes assuntos occuparam-se Santarem, Reiffenberg (Godin), Fr. Michel, Luciano Cordeiro nas obras que citei, e Bernardes Branco, tumultuariamente, nos volumes entitulados *Portugal e os Estrangeiros*, Lisb. 1879 e 1895.

5) *Hist. Gen.* I, 40 e *Provas* I, 42; Brito, *Chron. Cist.* V, c. 11; Schäfer I, 86; Fr. Michel, p. 5. Se lhe tivessem dado o nome Pedro Henriques, a nossa confiança nas notas dos historiadores seria maior. Por causa do patronymico Affonso (que pode designar o avô), muitos confundiram-no com o filho do primeiro rei.

6) É assim que tento explicar a formula *Petrus, proles regis, par Francorum, et magister novæ militiæ*, empregada nos Estatutos da Ordem de Avis, lembrando-me do titulo *par de emperador* que occorre nos *Livros de Linhagem* e alhures com relação a varios reis de Castella e Leão.

7) *Hist. Gen.* I, 61. — Cf. *L'Art de vérifier les dates*, c. 779. Ahi se indica o anno 1202 e o nome Alfonso. Mais tarde Fernando de Serpa,

Nos nobiliarios antigos falla-se de consorcios de mulheres nobres indigenas com estrangeiros,[1]) e freqüentemente de aventuras de amor, occorridas no *caminho francês.* Entre as cinco gerações „de onde vém os bons fidalgos de Portugal", duas pelo menos têm chefes de além dos Pyreneos, já o sabemos. E são os de Baião, descendentes de certo Arnaldo, e os de Riba Doiro, cujo tronco foi certo Gasco (de Gasconha).[2])

Depois dos prelados forasteiros do tempo de Alfonso VI, que citei, houve outros igualmente notaveis no sec. XII. Nomeei como um dos auctores da *Historia Compostellana* o francês Hugo que de arcediago da sé de Compostella passou em 1113 a bispo do Porto († 1136).[3]) Gilberto, inglês de nação, foi elevado a bispo, certo Arnulfo a archidiacono de Lisboa, Guilherme a deão.[4]) Nicolau de Flandres, governou Silves.[5]) Presbiteros com nomes como Gualter (de Tournay), Arnaldo, Giraldo, Alberto, Raimundo, Guilherme, esses então são numerosissimos.

Dos romeiros de Santiago fallarei mais tarde.[6]) Entre os santuarios transpyrenaïcos, visitados por peninsulares, nenhum se pode comparar a Rocamador (Tolosa),[7]) de uma ordem de hospitaleiros, introduzida em Portugal em 1189, á qual foram dispensados largos favores pelos monarcas luso-borgonheses.[8])

O commercio maritimo de Portugal era importante, desde que, logo no principio da monarchia, os principaes portos, tornados christãos,

---

irmão de Sancho II e Affonso III (n. depois de 1217), sahiu da patria. As suas façanhas são todavia muito pouco conhecidas. Sabe-se apenas que havia commetido na patria actos taes de prepotencia contra o clero, que vindo a Roma para implorar o perdão do papa Gregorio IX (1239), teve de expiar os seus crimes, submettendo-se a praticas humilhantes. Cf. Herc. II, 360. Posteriormente batalhou com valentia contra os mouros da Estremadura e Murcia, e casou em Castella.

1) *P. M. H.: Script.* 177.

2) Ufo Belfaguer, citado como tronco dos Sousas, lembra Wulf Harfagr o Normando, já o assentei.

3) Herc. I, 238, 261; II, 450; Gama Barros I, 221. Cf. *Diss. Chron.* IV, 2 p. 45—65.

4) Herc. IV, 227.

5) Ib. II, 50.

6) **CV 689**.

7) Vejam-se os testamentos dos monarcas e das rainhas.

8) Entre os restantes santuarios nacionaes, os mais afamados eram o de Terena, em territorio português (vid. **CM 197, 198, 213, 224, 228, 319, 333, 334**) e o de Vila-Sirgo perto de Carrion, freqüentado por muitos dos francos que visitavam Santiago (**CM 253, 268, 278** etc). De 1264 em deante ganhou renome o de S. Maria del Puerto na costa meridional.

estavam abertos tanto ás frotas de romeiros e ás esquadras que vogavam á conquista do sepulcro santo — á sombra do estandarte da fé, mas tambem com a mira no roubo, movidos pelo *amor auri et argenti et pulcherrimarum foeminarum voluptas,* no sentir de S. Bernardo[1]) — como aos mercadores que os acompanhavam, seguindo depois para os principaes emporios do Mediterraneo (Marselha, Genova, a Sicilia, Veneza, o Egypto, a Asia Menor). — Todo esse commercio movia-se „no mar-grande", mas costeiro, com nações de lingua-d'oïl, incluindo os Anglo-normandos. Aventuras de mercadores de entre Doiro e Minho que em naus veleiras, galeões ou durmões de transporte, iam a Flandres, vender mel, amendoas, passas, azeite, sal e farinha e comprar pannos, sedás e sirgarias, deram assunto para varias composições attribuidas a Alfonso X.[2]) Os portos d'onde costumavam sahir e por onde reentravam, são designados mas não especificados nas leis como *illos portos per quos veniunt panni de Francia.*[3]) Numa importante tabella de preços, elaborada por ordem do Bolonhês em 1253[4]) e que constitue a melhor fonte do nosso saber sobre o commercio português, registam-se muitos artigos de importação, de origem inglesa: pannos fortes (de Londres e Stamforte) e escarlatas; outros do sul da França (sirgarias de Montpellier e Marselha), mas principalmente fazendas da Gallia septentrional, Normandia, Picardia, Artois e Flandres: pannos finos e outros estófos de lã e linho de variadissimas qualidades[5]) (Chartes, Ruão, Le Crottoy, Abouville, Arras, Cambray, Saint Omer, Lille, Valenciennes, Bruges, Gant, Tournay, Ipre, Grisay, Lavantona, La Rochelle etc.[6])

§ 380. *Relações com a Italia.* — A Italia como terra onde *il dolce sí suona,* não nos devia occupar. Mas visto como contribuiu *duplamente* para a expansão da arte trovadoresca — á maneira da Catalunha com obras em *lingua-d'oc*, graças á actividade de trova-

1) A marinha portuguesa do sec. XII não era de guerra. As 40 galés, mandadas á conquista de Silves, de conserva com a armada dos cruzados, eram de transporte e carga. Assim o sustenta Ayres de Sá no seu *Frei Gonçalo Velho* contra Herculano (II, 506) e Oliveira Martins (*Portugal nos Mares*). — Cf. *Randglosse* V.

2) **CM 267** e **373.**

3) *P. M. H.: Leges* 253.

4) Ib. 193.

5) As cambraias verdes estavam no sec. XIII muito em voga entre as damas da aristocracia.

6) Cf. *Diss. Chron.* III, 2 p. 60 ss.; Santarem, *Quadro* III, p. XIX, 13, 18 e 58; XIV, 7; Godin 21; Fr. Michel 167; Rymer, *Foedera* 128 e 150.

dores de Genova, Veneza, Mantua etc.;[1]) e á maneira de Portugal, com uma florescente lyrica nacional, graças á actividade de poetas sicilianos ou residentes em Palermo na côrte de Frederico II[2]) — lembremos rapidamente as relações constantes com a curia, as universidades de Bolonha[3]) e Salerno, banqueiros da Lombardia, marinheiros de Genova,[4]) constructores de Pisa,[5]) negociantes de Genova, Pisa, Florença, Veneza e da Sicilia.[6]) — Já fallei de Sordello e Bonifacio Calvo; mencionei uns versos italianos[7]) muito semelhantes a uma composição de Roy Fernandes.[8])

Por terra as caravanas de romeiros tambem iam sempre acompanhadas de mercadores (*mercatorii cursorii*). Essas moviam-se na estrada real de Bruges a Bordeus, que é principio ou continuação do *caminho francês*, i. é no *grooten heerveghe van Spaignen*, cujas principaes estações mencionarei no capitulo relativo a Santiago.[9])

---

1) O. Schultz, *Die Lebensverhältnisse der italienischen Trobadors* em *Zeitschrift* VII, 177—235; VIII, 116—135, 406—407; A. Thomas, *Francesco da Barberino et la littérature provençale en Italie au moyen-âge,* Paris 1884.

2) A. Gaspary, *Die sizilianische Dichterschule,* Berlin 1878; G. A. Cesareo, *La poesia siciliana sotto gli Svevi,* Catania 1894.

3) Já mencionei Mestre Julião, o chanceler de Sancho I, e o português *Pedro Hispano* († 1277) i. é o Papa João XXI *„lo qual giú luce in dodici libelli"* (Parad. XII, 135).

4) Muito anteriormente aos almirantes Pezzagno (Pessanha), Benedetto Zacaria e o controvertido Ramon Bonifazio, os marinheiros de Genova haviam prestado serviços aos peninsulares. A p. 429, Nota 2 fallei do mestre genovês (Augerio ou Eugerio) e dos artistas de Pisa que, chamados a S. Iria por Diego Gelmirez no anno 1115 ahi construiram duas galeras. Bem armadas á custa d'elle essas naus combateram em 1120 victoriosamente os piratas sarracenos que, bloqueando a costa e saqueando não só os portos mas tambem castellos, interrompiam o commercio com os paises de Norte. Um anno depois o arcebispo contratou um piloto de Pisa para novamente defender a marinha em uma galera, construida em Iria. — *Hist. Sant.* III, 439; IV, 20 e 68.

5) Na tomada de Lisboa gente de Pisa construiu uma torre (a torre dos Pisanos). — Cf. Herc. I, 386.

6) Alfonso X falla d'elles com freqüencia. Na cantiga **CM 169** apparecem romeiros de Genova, Pisa e da Sicilia, vindos para na arreixaca de Murcia adorarem uma imagem de N. S.

7) Vid. p. 478.

8) As obras principaes que se referem ás relações de Hespanha e Portugal com a Italia são as seguintes: Benedetto Croce, *Primi Contatti fra Spagna e Italia.* Napoli 1893. — Arturo Farinelli em *Giornale Storico della Letteratura Italiana,* Vol. XXIV, p. 202 (1894) e M. Menendez y Pelayo em *Revista de España,* Vol. LXV (1894).

9) Vid. E. Cantineau, *Origine des relations commerciales entre la Flandre et le Portugal,* 1901 (*Bol. Soc. Geogr. Lisb.*).

§ 381. Eis agora as referencias a jograes e trovadores, ao serviço de personagens nacionaes, estrangeiros, ou semi-francos, residentes em Portugal e Hespanha, que encontrei em textos coevos.

Jograes, não digo bem, jograes e joglaresas, musicalmente adestradas, pertenciam á casa da emperatriz D. Berenguela (c. 1128), a qual da Provença viera por mar, desembarcando na costa galliziana. Quando no anno 1139 os Sarracenos cercavam Oreja e Toledo ella appareceu a Texfim, na cidade imperial, entre as ameias do alcaçar, no meio de um côro feminil que cantava ao som de alaudes, cítaras, atabaes e pandeiros. É o auctor do *Chronicon Aldephonsi,* quem o narra.[1]) Nas bodas solemnes de Urraca, filha predilecta, illegitima, de Affonso Raimundez com Garcia de Navarra (1144), jograes e joglaresas entoaram, em volta do talamo, hymeneos com musica de flautas, cítaras, psalterios e harpas.[2]) D'esta vez succedeu isso em Leão, cidade então de grande importancia, que o emperador, designado freqüentemente como *Rex Legionis,* havia favorecido e onde celebrára em 1135 a sua coroação, rodeado de vassalos, em parte nacionaes, em parte limosinos e francos.[3]) Um decennio depois, o proprio rei da França lá appareceu, para contrahir matrimonio com uma filha do semi-franco e de Constança de Borgonha,[4]) depois de ter repudiado, em conseqüencia da segunda cruzada, a galante Alienor de Poitou. Em seguida acompanhou Constança-Isabel em pia romagem a Compostella.[5]) Não consta todavia se nesses ensejos festivos e em outros semelhantes, como as bodas de D. Branca com Sancho III de Castella[6]), as de Sancha de

---

1) *Chron. Aldephonsi* § 69 em *Esp. Sagr.* XXI, p. 346, 377; Groeber, *Lat. Litt.*, p. 316. — Cf. Schirrmacher IV, p. 119; Milá p. 71; Am de los Rios. II, 231: *In solio regali . . . et ornatam tamquam uxorem Imperatoris et in circuitu eius magna turba honestarum mulierum cantantes in tympanis et cytharis et cymbalis et psalteriis.*

2) Ib. 333 e 354 (§ 37); Schirrmacher IV, 116, Milá p. 71; Rios II, 229: *Thalamus vero conlocatus in palatiis regalibus quae sunt in Sancto Pelagio ab Infante domna Sancha; et in circuitu thalami maxima turba histrionum et mulierum et puellarum canentium in organis et tibiis et citaris et psalteriis et omni genere musicorum.*

3) Ib. 354; Schirrmacher IV, p. 93; Schack, *Dram.* I, p. 109; Milá p. 72.

4) Ib. 346; Schirrmacher IV, p. 166.

5) O casamento celebrou-se em 1154; a peregrinação no anno immediato. A respeito de ambas as viagens tiveram curso lendas romanticas. — Schirrmacher l. c. e Milá p. 71.

6) Schirrmacher p. 165.

Castella com o primeiro rei-trovador de Aragão (1174), e a vinda da pequenina Leonor de Inglaterra (1170)[1]) ao pais onde seu avô, Guilherme X de Poitou, expirara (1137), não consta, digo, se instrumentistas, cantores e joglaresas se fizeram ouvir. Mas não repugna admittí-lo, embora fiquemos na duvida — nestes como nos demais casos — se os artistas cantaram hymnos religiosos ou profanos, em latim ou em qualquer dialecto de oc, ou se recitaram cantares de gesta[2]) em vernaculo, como ultima novidade.

O nome do mais antigo jogral de estimação, addido á côrte castelhana, acha-se em documentos do reinado de Alfonso VII.[3]) E o que é mais caracteristico ainda, num documento passado a favor de colonos, vindos de além dos Pyreneos. É no *Fuero de los Francos,* outorgado em Burgos a 8 das Calendas de Maio de 1136, e posteriormente num privilegio do anno 1145, que entre os confirmantes apparece certo *Palha* (*Palea juglar conf.*).[4])

Muito mais tarde, é que surgem em Hespanha com funcções iguaes um *Gomez trovador* (1197) e um *Gilberto Poeta*[5]) (1203).

---

1) Contava nove annos, conforme referi, quando a desposaram com Alfonso VIII.

2) No Poema sobre a tomada de Almeria, composto c. de 1150, ha allusões a cantares del Cid.

3) Omitto de proposito o escolar (= grammatico) *Alfon[so]*, auctor pouco depois de 1100, de quatro epitaphios para a sepultura de Constança de Borgonha, porque se serviu do idioma erudito e não ha motivo para o designarmos como jogral. Cf. Am. de los Rios. II, p. 234 e 341; Ticknor-Gayangos I, p. 492; Groeber, *Grundriss* II, p. 346.

4) Vid. Ticknor-Gayangos I, p. 492, onde se cita a *Paleografia* do Pe Terreros; Milá, *Trovadores,* p. 540; Balaguer, *Trovadores,* p. 50. — Martinez Salazar engana-se, creio eu, ao procurar referencias a este *Palha* na *Cron. General.* Confunde-o (*Rev. Crit.* I, p. 233) com um seu homonymo e descendente que em 1248 dava conselhos ao conquistador de Sevilha sobre a melhor maneira de conservar a cidade. Cfr. Ramon Menendez Pidal, *Cronicas,* p. 96 e 117 e *Col. Doc. Ined.* vol. CVI, p. 6. — P.S. Graças ás investigações do auctor da *Hist. de Santiago* sabemos hoje que o jogral do emperador D. Alfonso VII era de origem gallega e de muito boa familia burguesa, afazendada em Santiago de Compostella. Antes de 1149 Palea vendeu uma casa solarenga na Rua Nova ao conego D. Pay Cresconiz. No anno 1154 foi nomeado testamenteiro do Arcebispo D. Pay Camundez. — Vid. vol. IV, 241, 259, 303 e no Apend. XXIII. Uma vez o erudito presbytero chama-o *João Palha;* ignoro se em vista de algum documento ou por confusão com *Juan Perez Palha,* conego da igreja de Santiago em meado do sec. XIII, no qual quer reconhecer o jogral da côrte de S. Fernando. No Livro de Linhagens apparece um Pedro Migueis Palha, burguês compostellano (princ. do sec. XIV).

5) Ticknor-Gayangos I, p. 492.

Não esqueço que vemos jograes (anonymos) citados com data muito anterior, como se houvessem trabalhado no ultimo decennio do sec. XI. Segundo a *Cronica General* e a *Cronica del Cid,* varios figuraram nas bodas e tornabodas das filhas do Campeador com Ramiro de Navarra e Raimundo Berenguer de Barcelona,[1]) e tambem quando Alfonso VI casou as herdeiras com os condes de Borgonha e Tolosa (1093 e 1096).[2]) Recompensados com pannos, sellas e ricos »guarnimentos« apparecem classificados como jograes *de boca* e *de peñola*; i. é. a meu vêr, como recitadores (respectivamente: cantores) e instrumentistas (= tocadores de guitarra *de peñola*); e não, conforme entendem outros, como *decidores repentistas* e *escritores.*[3]) Mas que valor documental podem ter affirmações posteriores aos acontecimentos de seculo e meio, quando trovadores e jograes *á moda provençalesca já eram tradicionaes?*

§ 382. Não concordo, portanto, com os que, fiando-se nesses assentos tardios e phantasiosos, affirmam que os cortesãos portugaleses e gallizianos tiveram azo de escutar cantares epicos á moda de França e versos lyricos á maneira de provençal, emquanto os territorios de Entre Minho e Doiro ainda formavam parte do reino gallego-leonês.[4]) E se acredito que na epoca da separação, entre 1090 e 1139, e anteriormente, *joculatores,* vindos de Santiago, Leão, ou Burgos se albergariam em Guimarães, penso em artistas viandantes á moda antiga, *musicos*, pantomineiros, saltimbancos e propagadores de poesias populares, mas não em jograes segundo o novo estylo i. é propagadores de canções lyricas palacianas, e inventores de outras, como talvez fosse o *Palha,*[5]) o *Gomez*, o *Gilberto*; e mesmo o *Bonamis* que breve veremos surgir na côrte do segundo rei de Portugal.

---

1) *Cron. Cid.* c. 228; *Cronica General,* f. 343 e *Cronica General de 1344,* apud Am. de los Rios II, p. 228.

2) *Cron. Gen.*, f. 358.

3) A. de los Rios II, p. 226, 228, 229; Ticknor-Gayangos I, p. 491; Braga, *Hist. Poes. Pop.* ed. 1902, p. 3; Milá, *Poesia Heroico Popular,* p. 411. Todos elles separam *joglares de boca* „que repetem oralmente cantos lyricos" e *joglares de penhola* „que passam essas composições á escrita." Melhor fôra dizer jograes populares e eruditos. O facto que posteriormente *pendolista* chegou a designar o *escrevente*, não pode influir sobre a decisão.

4) Lang, **CD**, XXIV acha licito suppôrmos a vinda de trovadores com o conde borgonhês; mas não a affirma, como parece resultar da transcripção livre do trecho na obra de Justin Smith I, p. 241.

5) P. S. Lopes Ferreiro crê que a actividade do jogral Palha se cifrava na composição de hymnos latinos. — *Hist. Sant.* I, p. 208 e IV, p. 303.

Do sexto decennio em deante é que, augmentada com as aguas caudalosas do Norte, a torrente da lyrica trovadoresca estava apta para, sahindo fóra do seu leito, attingir a costa occidental das Hespanhas pelas duas vias, as ondas do Oceano e o caminho francês,[1]) cujo ponto mais importante era a cidade de Leão.

Além d'isso pode-se admittir em theoria que das relações de parentesco entre dynastas peninsulares e franceses resultasse, igualmente no sec. XII, o conhecimento de algumas extensas obras-primas, em poesia e prosa, provençaes e franceses. Especialmente d'aquellas a que estão ligados, de qualquer forma, os nomes de Felipe de Flandres, Ferrant de Portugal, os Balduinos da Hannonia, de Leonor de Inglaterra, os Condes de Poitou, os de Saboia,[2]) Ponthieu, Dammartin e Bolonha etc.

§ 383. Principío com obras da França do Norte. A Alienor de Poitou foi dedicado perto de 1160 pelo celebre Benoit de Sainte-More o *Roman de Troie*[3]), fonte das peninsulares *Historias de Troia*, a mais velha das quaes talvez se elaborasse no tempo do Sabio,[4]) antes de 1253. Sua filha, Maria de Champagne, transmittiu ao grande *Chrestien de Troyes*, um dos mais antigos e illustres troveiros, o assunto do *Lancelot* (c. 1170), por ella colhido na Inglaterra.[5]) Sob os auspicios de Felipe de Flandres, marido de Teresa de Portugal, começou o mesmo auctor o seu *Parcival*, i. é o melhor poema do cyclo do *Graal*, hoje perdido.[6]) Esse mesmo poema foi acabado, a pedido de sua sobrinha-neta, Jeanne de Constantinopla, esposa de Ferrant de Portugal, por certo *Mennes*-

---

1) O facto que Alfonso II de Aragão (1162—1196) poetava não só em provençal mas tambem em *francês*, tençoando com certo *Andrieu*, como igualmente Ricardo Cor-de-Leão († 1199), parece-me assaz demonstrativo. Das duas canções do rei d'Inglaterra que se conservaram, uma existe apenas em redacção francesa (*Dalfin ieus voill deresnier*), a outra tambem em provençal (*Ja nuls hom pres no dirá sa razó*), mas a lição em lingua d'oil é a mais completa. — Cf. Cap. VII, p. 670 Nota 2.

2) O Conde Thomas I de Saboia fora amicissimo da arte. O jogral *Pistoleta* que o elogiou (*epistoleta* = *cartinha*, no sentido de correio) estava em relações com os reis d'Aragão. — Cf. *Romania* XIX, 43.

3) G. Paris, §§ 45 e 46; Groeber, *Franz. Litt.*, p. 487, 583, 693.

4) Lembrem-se do escrivão Domingo *de Troya*, da criação de S. Fernando e Alfonso X e um dos *herdados* de Sevilha, conforme indico numa Nota.

5) G. Paris, § 57; Groeber, *Franz. Lit.*, p. 503.

6) G. Paris, §§ 57 e 59; Groeber, l. c., p. 676. Felipe de Flandres estivera pessoalmente na Inglaterra, perto de 1172.

sier (c. 1220).[1]) Da *Puella de Portugal* e do vencido de Bovines occupou-se longamente o chronista *Philippe Mousket* na sua immensa historia versificada da França, que vae da guerra de Troia até 1242,[2]) e regista os boatos malevolos a que mais àcima alludi numa nota.[3])

Na epoca da assistencia de Affonso III na côrte de França, foi escrito (c. de 1237) por *Guillaume de Lorris*, para o circulo brillante de mundanos que faziam a côrte á regente D. Branca de Castella, a Parte Primeira do afamado *Conte de la Rose*, allegoria cheia de espirito, influenciada pelos classicos latinos e em especial pela arte de amar de Ovidio, abundante de cantarzinhos[4]) em lingua d'oïl.

Simultaneamente talvez fosse levado á côrte de S. Fernando pela filha de Simão de Dammartin, i. é pela prima directa de Matilde de Bolonha, um livro de importancia capital para a poesia lyrica neo-latina, por nelle se encontrarem, como no *Romance da Rosa* e no de *Guillaume de Dole*, numerosissimas cantigas, tanto em francês como em provençal: aquelles lindos *refrains* da Provença, Alvernhe e Gasconha, chamados *sons poitevins* desde que Aliénor de Poitou os tornára conhecidos na capital da França. Offerecido aos paes de Jeanne de Ponthieu, antes de 1220, por *Gerbert de Montreuil*, subdito d'elles, esse *Conte de la Violette*, uma das mais bonitas novellas versificadas do cyclo byzantino,[5]) devia ser familiar á rainha de Castella e Leão. Nem será demasiadamente

1) G. Paris, §§ 57 e 59. Quanto á *materia de Bretanha* e especialmente ao Graal, não deixa de ser curioso que só em Portugal se conservasse o appellativo *gral*. Hoje designa o almofariz dos boticarios; antigamente *graal* era qualquer cuvilete. Veja-se p. ex. o testamento de Sancha Pires (1287) no *Elucidario* de S. Rosa de Viterbo, onde porém imprimiram *georaal*.

2) Groeber, *Franz. Lit.*, p. 762. Publicada por Reiffenberg.

3) Ainda não foram definidas as relações de dependencia em que estão para com aquella obra, com as *Chronicas da Hannonia* e com a *Historia dos Balduinos* (começada em principios do sec. XIII pelo pae de Jeanne, e continuada por seu neto *Balduino d'Avesnes*) outros escritos que fallam de Fernando, como p. ex. o historico „*Livre de Baudouyn de Flandres et de Ferrant, filz du roy de Portugal*", composto no sec. XV pelo clerigo Gilet, na prisão de Troyes. — Acerca do prestigio literario dos Balduinos veja-se Diez, *Leben*, p. 486; G. Paris, §§ 87, 94, 95, 96; Groeber, *Franz. Lit.*, p. 487, 529s., 988. O ultimo da dynastia fora possuidor de um *Turpim*.

4) G. Paris, §§ 111—115; Groeber, *Franz. Lit.*, p. 659, 661, 663.

5) G. Paris, §§ 51 e 59; Groeber, l. c., p. 487, 532, 661, 662.

aventurada a hypothese que a obra se tornasse familiar tambem aos filhos e cortesãos do esposo que, fiel ao costume dos tres ou quatro Alfonsos que o haviam precedido, tinha em alto apreço a musica, a arte de trovar e seus cultores.[1]) Escuso repetir que, quando viuva, Jeanne de Ponthieu veio ser em Hespanha alvo dos maldizentes que zombaram em cantares de escarnho da sua predilecção pelo infante D. Henrique, seu enteado.[2]) Repatriada[3]) depois de 1259 ainda encontrou no troveiro *Thomas Erier* quem lhe prestasse homenagens lyricas[4]), conhecidas provavelmente a seus filhos.

Com relação a canções palacianas de outros troveiros de fama, ainda notarei que Felipe de Flandres recebeu uma de *Gautier d'Espinaus.*[5]) Ao pae de Matilde de Boulogne, tio de Jeanne de Ponthieu, companheiro d'armas de Ferrant de Portugal e preso em Bovines como elle, fora enviada outra,[6]) pouco antes da batalha, por *Pierron Moniot,* d'Arras, o qual era intimo de *Jean de Brienne,*[7]) e gozava de fama tal que versos seus andam no Romance da Violeta. *Conon* ou *Quenon de Bethunes* (d'Artois, † 1224), um dos nobres que tomaram parte na terceira e quarta cruzada, teve um irmão que batalhou longo tempo contra os Infieis, ao lado do Infante de Portugal D. Pedro, o de Marrocos.[8])

---

1) O leitor conhece os dizeres expressivos de seu filho.

2) Vid. *Randglosse* XIII.

3) Não é exacto que a rainha-viuva sahisse logo depois do fallecimento de Fernando III, da côrte do Sabio, afim de tomar posse dos estados paternos de que sua filha Leonor era herdeira declarada. Já demonstrei na *Randglosse* que Juana de Ponthieu permaneceu em Castella até 1259. É possivel, retirasse então, por motivo dos acontecimentos que levaram á expatriação dos infantes D. Arrigo e D. Fadrique. — A filha Leonor, casada com Duarte (I) de Inglaterra (desde 1254), confiou á mãe o primeiro fructo d'esse matrimonio — uma filha que ella educou até 1278, morrendo no anno immediato.

4) Groeber, *Franz. Lit.,* p. 950.

5) Ib. 676 e 962.

6) Ib. 672, 662 e 680. Este engraçado poeta morreu em 1224.

7) Em serviço de um dos filhos d'este rei de Jerusalem e da esposa castelhana — Alfonso, Conde d'Eu — é que o continuador do *Roman de la Rose,* mestre Jean (Clopinel) de Meun, traduziu a obra classica de Vegecio (de 1268 a 1271).

8) Uma lenda evidentemente desnaturada na sua ultima parte, mas de base historica, narrada por Jacques de Guise e nos *Annales Hannoniae* (vid. Reiffenberg, p. 22) conta que vinte e oito flamengos aventureiros, antigos camaradas do ultimo Balduino, e partidarios de Teresa-Mafalda de Portugal, acompanharam o Infante D. Pedro a Marrocos. Entusiasmando-se ahi pelo procedimento dos frades menores, martyrizados, tomaram em Lisboa o habito

Thibaut de Blaison († 1229) combateu igualmente contra os Mouros, na acção das Navas.[1] E se entre os capitães que no tempo da 2ª e 3ª cruzada desembarcaram em Portugal, estacionando na côrte com mais ou menos demora, não conheço nenhum cultor da arte,[2] ha pelo menos entre elles apellidos de familias, illustres na historia da archaica literatura francesa, especialmente no periodo aureo (1150—1240). P. ex. de Flandres, de Nesle, d'Avesnes,[3] de Condé.

Blondel de Nesle, o afamado companheiro de Ricardo Cor-de-Leão, Conon de Bethunes, Thomas Erier, Baudouin de Condé, Pierron Moniot pertencem ao grupo de poetas que teem sido apontados como modelos de trovadores portugueses.[4]

Essas noticias, parcas embora, ainda assim podem servir de amostra e medida do que seriam as relações literarias dos peninsulares com a França.[5]

---

de S. Francisco (juntamente com o Infante!). Finalmente ajudaram Jeanne de Constantinopla a desmascarar o falso Balduino, obtendo d'este modo a sua protecção e a de Ferrant de Portugal para a ordem de S. Francisco.

1) Vid. Groeber l. c., p. 665 e 671; Bartsch, *Grundriss* s. v. *Blizon*. Nos textos peninsulares o nome está deturpado ás vezes em *Tibaut de Blascon*.

2) Tem-se affirmado em muito bons livros portugueses (p. ex. no *Quadro* de Santarem) que Ricardo Cor-de-Leão, o cavalheiroso filho de Alienor, veio pessoalmente a Portugal, por occasião da cruzada, sendo bem recebido por Sancho I. A noticia carece todavia de fundamento. Atravessando seus dominios franceses Ricardo foi por terra a Marselha onde se reuniam as galés aquitanas. Sómente os troços da frota que levavam gente do Norte, navegaram pelo mar grande, fazendo escala em Lisboa e Silves.

3) Jacques d'Avesnes, marechal de Brabante, foi (segundo Reiffenberg p. 13 e 16) um dos que estiveram em Silves. — Dos dois filhos que teve, Gautier e Bouchard, o segundo casou (1212) com Margarida da Hannonia, irmã de Jeanne de Flandres e Constantinopla, e sua successora. D'este matrimonio nasceram Jean e Baudouin, o chronista († 1289). — Vid. G. Paris, § 95. — Jean tomou em 1256 o partido de Ricardo de Cornwallis contra Alfonso X (Schirrmacher IV, 453).

4) Por Henry R. Lang. Cf. § 392.

5) Eis em resumo as datas genealogicas de maior importancia para a literatura peninsular.

Alienor, filha unica e herdeira de Guilherme X de Poitou († 1137) e neta do mais antigo trovador conhecido, esteve casada 1°) com Luis VII de França, de 1137 a 1152 — o qual, divorciado depois da segunda cruzada a que se liga a lenda dos galanteios da esposa com o sultão Saladim, se uniu a Constança de Castella, e em terceiras nupcias a Alix de Champagne († 1206) —; 2°) semanas depois do divorcio casou com Henrique II d'Anjou, que em 1154 subiu a rei de Inglaterra (Plantagenet). Com este procreou Ricardo Cor-de-Leão e Leonor de Inglaterra. Essa, nascida em 1161, foi desposada com Alfonso VIII em tenra idade e matrimoniada quando contava quatorze annos, e o castelhano vinte e um.

§ 384. E os trovadores de lingua-d'oc? Já lhes dediquei um paragrapho. É geralmente sabido, quantos d'esses artistas estacionaram, durante curto ou largo espaço de tempo, em Castella e Leão, e quantos intervinham de longe na politica peninsular, excitando sentimentos patrioticos, adulando, censurando, aconselhando os monarcas e barões ou enunciando simples notas, ora commovidas, ora malevolas a respeito de personagens e successos magnos que iam provocando jubilo ou lamento em toda a christandade.[1]) Mas sempre será bom repetir que esta influencia foi exercida de 1135 em deante: desde os dias do semi-borgonhês D. Alfonso Raimundez e de Berenguela, sua esposa provençal-aragonesa. Já os caracterizei a ambos como protectores da musica e talvez da poesia limosina. Fallei do coro feminil que prestava homenagem ás musas; do jogral *Palha;* dos magnates de Gasconha que em Leão e Toledo circumdavam o Emperador. Entre elles convém especializar agora pelo menos dois, ambos gallicos, conhecidos como protectores da arte: *Alfonso Jordan de Tolosa* (1112—1148), primo d'elle como filho de Ramon de S. Gilles († 1105 no Oriente) e de Elvira de Castella e Leão,[2]) e *Guilherme de Montpellier.*[3])

Do matrimonio de Alienor com Luis VII nasceram: Marie de France, desde 1164 esposa de Henrique I de Champagne, e Aelis, casada com um irmão d'esse, Thibaut V de Blois († 1191).

Fructo do matrimonio de Luis VII e Alix de Champagne foi Felipe Augusto (n. 1165) e outra Alix, dicta *de France* († 1206), a qual casou primeiro com Ricardo Cor-de-Leão, e em seguida com Guilherme de Ponthieu (*Art de vérifier*, p. 904 e 883). Filha d'estes dois é Maria de Ponthieu e Montreuil (1221—1251), desde 1208 esposa de Simão de Dammartin (e depois do seu fallecimento (1239), de Matthieu de Montmorency). Tiveram uma unica filha, Jeanne de Ponthieu, que residiu em Castella de 1237 a 1259 pelo menos. Sua filha Leonor veio ser rainha de Inglaterra (1254) por casamento com Duarte I.

Filha de Marie de France († 1198) e de Henrique de Champagne († 1182) foi outra Maria (de Champagne) que se matrimoniou com Balduino VI da Hannonia († 1205). Este é o pae de Jeanne de Constantinople, e de Margarida da Hannonia, herdeira de Flandres depois da morte da irmã mais velha; casou com Bouchard d'Avesnes (1212).

1) Já citei o livro de Milá y Fontanals, como fonte de informações abundantissimas. Mais explicita mas menos isenta de erros é a obra de Victor Balaguer: *Historia politica y literaria de los Trovadores,* Madrid 1877—1880 6 Voll. Quem se contentar com um resumo concentrado pode ler o *Discurso Academico* (de recepção) do mesmo (25 de Dez. de 1883).

2) *Romania* VI, 128. O Conde Ramon esteve no Oriente de 1096 a 1105.

3) Este principe, amigo enthusiasta da arte trovadoresca, foi protector de Arnaut de Maruelh e Aimeric de Sarlat (cf. Milá, p. 112; Diez, p. 108).

Da vinda de trovadores a Guimarães, Porto, Coimbra, Lisboa, Santarem, nada positivo consta todavia, apesar das relações de parentesco, das allianças, da influença das colonias francas, quer antes, quer depois de 1200. Nas biographias dos trovadores não se pronuncia o nome de *Portugal.*[1]) Os documentos são igualmente mudos. Os historiadores não tratam de assunto para elles de tão pouca monta. Nem sequer nas canções provençaes ha allusões precisas. Apenas duas ou tres, extremamente vagas.[2])

Visto como o renome dos valentes de Ibn-Errik salvou os limites da patria, espalhando-se por mar e terra e encontrando eco lá fóra, conforme indiquei e vou provar agora mais amplamente, é comtudo licito suppôr a vinda tambem ao quinto reino peninsular, de alguns trovadores e segreis e de jograes numerosos que, seduzidos pela magnificencia e franqueza dos meridionaes e pelo luxo semi-oriental das côrtes *d' outra' l mon,*[3]) emprehenderam o acostumado giro *de Hespanha,*[4]) parando em Tudela, Barcelona, Valencia, Toledo, Burgos, Segovia, Palencia, Valhadolid e Leão, ou ondequer as côrtes se achassem.

Mas quem? Na falta de factos, forçoso é recorrermos a hypotheses.

Em primeiro logar, os auctores que ganharam renome pela extensão das suas viagens. Não no primeiro periodo da lyrica

---

Rambaut de Vaqueiras fallou d' elle desfavoravelmente (Milá p. 85). Em 1174 casou com Eudoxia, filha do Emperador Manuel, a qual vinda á Provença como desposada de Alfonso II de Aragão, o encontrou casado com Sancha I de Castella. — Milá (p. 72) menciona um seu sello onde, em logar do tradicional cavalleiro armado, figura um homem sentado, a tocar harpa. A data 1135 parece-me errada. — Cfr. Schäfer, *Gesch. Span.* III, 51 e Schirrmacher IV, p. 216.

1) Vid. Cap. VII, p. 667, Nota 1 e 668, Nota 2.

2) Só possuimos restos da literatura trovadoresca. As biographias são pouco explicitas, e muita vez um mero mosaïco, composto de bocados de canções arbitrariamente interpretadas. No nome *Hespanha* ou *Hespanhas* pode estar englobada a costa occidental, toda.

3) *Outra' l mon* ou *outra' l port* são os termos usuaes, com que os provençaes se referem ao *tour d' Espagne.*

4) Tambem esse termo era tradicional. *Guiraut de Bornelh,* fallando de viagens projectadas, empregava a expressão *al torn qu' ieu farai d'Espaigna;* o *Monge de Montaudon* menciona o *anar d' Espaigna.* Um dos fautores de *Uc de San Circ,* o visconde de Turena, diz-lhe em uma das suas tenções, descontente: „Deus me castigue se, quando chegaste ao meu castello, eu não teria preferido que fosses para Hespanha.“ Bartsch, *Grundriss,* 457, 33.

trovadoresca, mas no momento de transição para o segundo[1]), o qual coincide com os esplendorosos feitos de Alfonso Raimundez e Affonso Henriques, coadjuvados ambos por francos e aquitanos. Podiamos imaginar que então viesse á ultima Thule (*Finis-terræ*) aquelle *Cercalmon* que deve o nome ás suas peregrinações através do mundo todo „onde se pode andar.“ [2]) É realmente digno de nota que a unica das poucas canções dataveis que d'elle restam,[3]) composta no mês de Abril do anno 1137, se refira a um acontecimento occorrido em Compostella, na propria sé, durante os officios divinos, em frente do altar do Apostolo Santiago, e por isso mesmo muito commentado pelos coevos: a môrte do tantas vezes citado Conde de Poitou Guilherme X.[4])

Pouco depois cavalgava por regiões hispanicas um dos mais afamados successores de Cercalmon. Aquelle *Peire de Alvernhe,* protegido por Alfonso II, enaltecido não só pelos coevos, mas tambem por Dante e Petrarca, tratado expressamente pelo biographo de primeiro trovador de merito que transpôs os Pyreneos,[5]) e que se chamava a si proprio *mestre de todos,* com justificada philaucia.[6]) Esse attingiu com certeza a côrte do rei de Leão, o qual invoca, cheio de saudades pelo glorioso „Emperador.“ [7]) Talvez lá pelos annos de 1157; talvez perto de 1169[8]), pois instiga num curioso sirventês o filho

---

1) É costume dividir a lyrica dos provençaes em tres periodos: de 1090 a 1140 o amanhecer; de 1140 a 1250 o meio-dia, aureo tempo da fecunda expansão; 1250—1290 a tarde, visto como depois de 1250 o Norte primava em todos os ramos do saber.

2) Mahn, *Biogr.* LXV: *e cerquet tot lo mon sai on poc anar.*

3) As pastorelas por elle compostas, á maneira antiga, estão perdidas.

4) Vid. *Romania* VI, 115—119.

5) Ed. Mahn IV: *E fo lo primiers bons trobaire que fo outra mon* (Chabaneau, p. 53). Vid. p. 667 e 671, Nota 2. — Fica-se em duvida, se o antigo auctor da biographia — *Uc de San Circ* — ignorava as viagens de *Marcabrun,* que fôra mestre de Peire de Alvernhe, e a supposta ida de *Cercalmon,* que pela sua vez fôra mestre de Marcabrun, ou se não os considerava como bons trovadores, querendo dar a palma a Peire.

6) As suas canções costumam occupar um dos quatro logares primaciaes nos cancioneiros do sec. XIII.

7) *Bel m'es quan la rosa floriz,* No X da edição de R. Zenker, citada a p. 669. Aproveito a primeira impressão em *Romanische Forschungen* XII.

8) O mais prudente será dizer: entre 1157 e 1169. O editor e biographo mencionado na nota antecedente estabelece (a p. 676) a data 1157, de acordo com os predecessores. Pensa em Sancho III, o nobre herdeiro de Castella, primogenito de Alfonso Raimundez, cujo reinado durou apenas

e successor a dirigir as suas forças contra os pagãos de Badajoz [1]) e em seguida contra as hostes formidandas dos berberes africanos. Algo depois, mas ainda no sec. XIII (1199), viria o *Monge de Montaudon,* egresso muito entretido e tão bem humorado que „todos os reis e barões de Hespanha o agasalharam e honraram".[2])

---

meses, de 15 de Augusto de 1157 a 31 de Augusto de 1158. Eu acho justo referir a allocução do poeta

Reis, per Crist, ja nos falh lo ris,
quar Masmut nos fon sobransa

ao filho segundo do emperador — Fernando II, seu successor em Leão — em cujo reinado (1157—1188) recahem numerosas correrias até Sevilha, repetidas invasões dos almohades de Marrocos, e a conquista definitiva de Badajoz (1169). As palavras de saudade, dedicadas a Alfonso Raimundez, tanto podem mostrar dôr recente, como dôr renovada á vista da funesta desunião dos successores, provocada pela divisão dos estados. Vejam o § 389.

1) *Per l' emperador me dol*
qu' a moutas gens fai fraitura ...
Sobre pagans, gen tafura
cavalgatz senes duptansa.
Premiers penretz Labadol,
e si anatz a dreitura
tro a Marroc, feiran lais.

Como se vê, na canção ha *Labadol* (em rima com *dol*, *rossinhol* etc.), nome que ninguem foi capaz de identificar, a tal ponto sahiu deturpado dos labios do estrangeiro. A conjectura *Badajoz* é de Zenker, e parece-me plausivel. Talvez *Badaçol,* uma vez que a rima não permitte pôrmos *Badaiot Badaiost* (como se lê no Pseudo-Turpino), nem *Badalioth* (*Esp.Sagr.*XX) ou *Badalhouce Badalhouz* (**CB 319** e **CM 199**), i. é o *Vadalozum Badallocium* dos textos latinos. — Cf. *Cron. Gen.*, c. 7 onde ha uma curiosa etymologia popular de *Badalhoce: Balha-doce!* — Em todo o caso, foi o filho segundo do emperador quem realizou a tomada da antiga capital do Algarve, chave tanto da Estremadura como do reino de Sevilha, ambicionada á compita por castelhanos, portugueses e leoneses. Sitiada em 1169 pelo primeiro rei de Portugal com exito tão infeliz que, ferido na perna, cahiu em poder do genro, a cidade coube a este valentissimo monarca. Com medo de Ibn-Errik, o rei de Badajoz havia-se constituido, de resto, já em 1158 vassallo e tributario de Fernando II, „usurpador" da conquista da Estremadura, como diziam em Castella. — Cf. Luc. Tud. 107; Rod. Tol. VII, 23; Schirrmacher IV, 176 e 199; Herc. I, 433.

2) Mahn, *Biogr.* XIII. *E pois el s' en anet en Espaigna e fo li faitz grans honors e grans plazers per totz los reis e per totz los barós e' ls valens homes d' Espaigna.* — Chabaneau, p. 51: »estet lonc temps con el [Savaric de Mauleon] en Peitius & e en las [soas] encontradas, pois en Cataloigna & en Aragon & en Espaigna con lo bon rei Anfos e con lo rei Anfos de Leon e con lo rei Peire d'Aragon.« Cfr. Philipsohn, *Der Mönch von von Montaudon,* 1873. — Na canção XII *L' autrier fui en paradis,* é que o trovador falla de suas jornadas projectadas: *l' anar d' Espaigna.* Na Esparsa XXI cita um *reis Nanfos.*

E depois, o culto *Uc de San-Circ,* visitador (antes de 1214) de pelo menos tres côrtes peninsulares.[1]) Emfim *Elias Cairel,* que rivalizando com Cercalmon percorreu „a maior parte da terra habitada" [2]) e foi bem acolhido em Leão, a concluir dos encomios com que distingue o reinante, »franco e liberalissimo como uma fonte de aguas inexgotaveis[3]), mantenedor de alegria e solaz, de cortesia e bel-canto,[4]) e incapaz de cometer acções indignas de um valente.« [5])

Um segundo grupo é constituido pelos que, sem entrarem na primeira categoria dos viajantes, postos em destaque em biographias, visitaram côrtes de Hespanha e enalteceram especialmente soberanos de Leão, antes de 1200. D' esses merece menção *Peire Vidal* (fl. 1175—1215), o poeta muito aventuroso e phantastico que lá pelos annos 1187 dava conselhos aos reis de Hespanha,[6]) elogiava as

---

1) Mahn, *Biogr.* XX *e pois estet en cataloigna et en aragon et en espaigna ab lo bon reis amfos.*

2) *Biogr.* LXVIII: *serquet la maior part de terra habitzada.* — Cf. p. 676.

3) Os versos: *Lo bon rei de Leon prezan*
am ses engan
qu' el a usatge de la fon
don no vei negun folion

fazem parte da canção que principia *Si com cel que ses compaignos* (Bartsch 133, 12).

4) É na canção *Abril ni mai non aten* (Bartsch, 133, 1) que se acham os versos:

Al rey prezan de Leon suy viatz
quar ioys e chan e cortezia' l platz
ni anc no fetz contra valor traversa.

Os criticos estrangeiros — O. Schultz em *Zeitschrift* VII, 10 e Lang **CD** p. XXX, 1 — referem esses encomios a S. Fernando que reinava em Leão desde 1230, porque a unica canção de Cairel, a que até hoje se tem fixado data, é de 1224. Os nacionaes (Milá 153; Balaguer 60) referem-n'os a Alfonso IX que occupava o throno desde 1188, estabelecendo que as viagens á peninsula precederam as que levaram o poeta ao Oriente.

5) De *Gaucelm Faiditz* (*Biogr.* VII) conta-se que andou terras durante vinte annos sem lograr fama nem riquezas. Nestas circumstancias parece acertado procurarmos o campo das suas inglorias tentativas perto da sua terra natal.

6) *Als quatre reis d' Espaign' estai mout mal*
quar no volon aver patz entre lor,
car autremen son ilh de gran valor,
adreg, e franc, e cortes e leial.

Da canção *Plus que' l paubres que jai el ric ostal* (Bartsch 364, 36). Creio que o auctor se referia a Alfonso VIII de Castella, Alfonso IX de Leão, Alfonso II de Aragão, entre 1188 e 1196. Quanto ao quarto rei parece-me mais natural que excluisse o Português do que o Navarrês, cujas contendas

suas terras,[1]) e gabava particularmente a cortesia e liberalidade de um Leonês.[2]) Não menos a merece o opulento *grand-seigneur* anjoino *Savaric de Mauléon,* uma vez que, depois de ter assombrado com o seu luxo os proceres da côrte de Alfonso VIII, tomou parte em 1217 numa expedição bellica, essencialmente leonesa.[3])

Em terceiro logar, e ainda com maior direito, pode-se admittir, pisassem o solo lusitano e vissem Affonso Henriques e Sancho I trovadores provençaes que pronunciaram o nome *Portugal* em suas poesias.[4]) São dois apenas: *Marcabrun*, de Gasconha, e *Gavaudan,* o Velho, antigos ambos, e ambos auctores de vigorosos sirventeses religioso-politicos, vibrados com o fim de impellir á guerra santa na peninsula todos os reinantes e barões cis e trans-pyrenaïcos. A importancia do facto exige que entre em alguns pormenores.[5])

---

com os paises vizinhos estavam bem patentes aos olhos dos provençaes. — Vid. Milá, p. 106 (onde por engano se falla de Ramon Vidal); Diez, *Leben,* p. 134; Balaguer 59. Cfr. mais abaixo a nota relativa a *Peire Guilhem.*

1) *Mout es bona terr' Espaigna*
e' ls reis que senhor en son,
dous e car e franc e bo
e de corteza compaigna (Bartsch 364, 28).

2) Numa das canções que lhe dedicou (*Barós Jezus qu' en crotz fo mes;* Bartsch, 364, 8, Milá 153) declara que deve recolher honroso galardão quem como o Leonês semeia em pousio bem adubado e tratado com amor:

Rei de Leon, senes mentir,
devetz honrat pretz recolhir,
cum cel que semena en garag,
temprat d' amor ab dous complag.

Em outra occasião compara um conde, seu bemfeitor, ao dadivoso monarca de Leão:

e sembl' a mi de domnejar
e' l rei de Leon de donar.

(*Neus ni gels ni ploja,* Bartsch 364, 30; Milá, p. 153).

3) A p. 373 tresladei metade de um passo dos *Annal. Tolet.* (*Esp. Sagr.* XXIII, 400; cf. 406) que lhe diz respeito, embora os nomes appareçam deturpados como de costume: *Ficieron cruzada los freyres de las Ordenes de España con las gientes del Rey de Castiella e del Rey de Leon e de los otros regnos quantos quisieron venir, e de Savaric de Mallen con muchas gientes de Gascoña e fueron cercar Cancies.*

4) *Portegal, Portigal, Portingal,* conforme deixei dicto. Mas tambem *Portogual,* como resulta dos textos transcritos.

5) Varios eruditos estão persuadidos da vinda de Marcabrun a Portugal; p. ex. Fauriel, *Histoire de la poésie provençale* II, 6; Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.* p. XXVI s.; Lang, **CD** p. CXIV e *Mod. Lang. Notes* X, 209. Note-se todavia que o professor de New-Haven não se adeanta até asseverar que o velho jogral de Gasconha viesse no sequito de Mafalda de Saboia (a. 1146), conforme parece resultar da exposição brilhante mas phantasiosa de J. Smith I, 241 a que me referi ha pouco (p. 717, 4).

§ 385. *Marcabrun,* qualificado num cancioneiro como o mais antigo trovador conhecido[1]) — com exagero, pois fôra discipulo de *Cercalmon*[2]) que pela sua vez é posterior a *Guilherme IX de Poitou* (r. 1087—1127) — era um pobre engeitado, conforme contei, pensador de forte inspiração religiosa, sempre moralizador e bem intencionado, mas duro e violento nas censuras que vibrava contra os grandes da terra, quando antepunham os seus interesses, as suas cobiças, invejas e commodidades aos deveres cavalheirescos dos verdadeiros cruzados. Dirigia então os seus olhares para Barcelona, Navarra, Portugal, Castella e Leão, e isso já antes de seu protector Guilherme X de Poitou fallecer onde e quando sabemos; descontente porventura com outro principe patrio que o havia favorecido: o Alfonso Jordan de Tolosa, filho de Elvira de Castella, que temos encontrado na côrte do Emperador.[3])

Numa poesia gaba *o valor de Portugal,* desejoso de ver os seus nobres aguerridos acudir a Toledo, juntamente com os de Navarra e Barcelona, para que em acção commum com o *Imperator Hispaniarum,* suzerano de todos, desbaratassem os pagãos da Andaluzia, expulsando-os da Europa:

Ab la valor de Portegal
e del rei navar atretal,
ab sol que Barsalona s vir
ves Toleta l' emperial,
segur poirem cridar „reial",[4])
e paiana gen desconfir.[5])

---

1) *Marcabrú qui fo lo premier trobador que anc fos* (Milá 75).

2) Peire de Alvernhe nomeia Cercalmon, como mestre seu, na canção-sirventês àcima aproveitada: *Bel m' es quan la roza floris.*

3) Vid. p. 722.

4) É sabido que esse antigo grito de guerra dos reis peninsulares se perpetuou em Portugal, como acclamação dos reinantes, enthronados de novo.

5) Faz parte do sirventês

Emperaire per mi mezeis
sai quant vostra proeza creis

(Bartsch 293, 23; Milá 79), composto na côrte de Alfonso Raimundez, em vista de alguma das expedições contra Cordova, como concluo da estrophe:

si no fosson tan gran li riu
als Amoravís fora esquiu . . .
e s' atendon lo recaliu
e de Castella 'l seignoriu
Cordoail farem magrezir.

Noutra composição[1]) declara que nunca antes fôra enviada mensagem alguma a Portugal (e talvez tão pouco a Castella?):

en Castella e vas Portegau
on anc no fo trames salutz,

e pede a Deus que os salve: *mas Deus los sal.*[2])

Esta singela homenagem parece ser a mais antiga. O motivo para a prestar e para enviar emissarios á côrte de Affonso Henriques, primeiro com o sirventês *Al prim comens de l'ivernaill* e depois com o que diz *Emperaire, per mi mezeis,* deve ter sido forte, partindo de quem venerava Alfonso Raimundez. Qual? O tratado de Tuy (1137) em que os dois primos semifrancos, primos tambem de Alfonso Jordan, esquecendo rivalidades e dissensões, haviam convencionado uma alliança e paz eterna, concedendo-se ao primeiro certa independencia com o titulo de *principe?*[3]) Ou antes a batalha d' Ourique, no proprio anno em que as hostes do Alfonso Raimundez conquistaram Oreja e repelliram os sarracenos de Toledo, na presença de Berenguela e seu coro feminil? Ou então, de 1146 a 1147, a brilhante tomada de Santarem, Lisboa, Palmella, Sintra, exactamente quando os castelhanos se apossavam da opulenta Almeria, e quando S. Bernardo pregava, e Luis VII emprehendia a segunda cruzada.

Desde os tempos de Diez, fôra costume fixar essa ultima data (1146—1147) para os mais antigos sirventeses de Marcabrun, compostos na côrte hespanhola, ou relativos a ella. Fallo do afamado

1) *Al prim comens del ivernaill* (Bartsch 293, 4; Mahn, *Gedichte* 277; Milá 64).

2) O trecho é discutido porque offerece variantes. Para o nosso fim, pouco importa, qual a lição preferivel; se a que diz „a Castella e a Portugal não enviarei estas saudações, comquanto rogue a Deus que os salve":

En Castella et en Portegal (var. *Portugal*)
non trametrai (var. *trametré*) *aquestas salutz*
mas Dieus (var. *Deus*) *los sal!*

ou:

En Castella et en Portugal,
non trametrai autras salutz etc.

ou ainda:

En Castella et vas Portegau
on anc no fo trames salutz
e Dieus los sau.

Cf. Milá 64; *Romania* VI, 123; *Jahrbuch* XIV, 156ss.

3) A respeito das relações de Affonso Henriques com Affonso Raimundez, seu primo, e Fernando II, seu sobrinho e genro, antes de 1139 e depois, veja-se Herc. I, 166 e 338 e Schirrmacher IV, 102.

Vers del lavador: Pax in nomine Domini[1]) e do que principia *Emperaire per mi mezeis*[2]) — e o anno 1180 para o mais recente: *Aujatz de chan, com' enans' e meillura.*[3]) Um sabio, que os analyzou ultimamente,[4]) propõe todavia chronologia diversa, estabelecendo como limites extremos 1135 e 1147 e mostrando que já antes de Alfonso Raimundez ter cingido em Leão a coroa de Emperador na forma indicada, o velho jogral de Gasconha era conhecedor da sua liberalidade (por experiencia propria? ou por fama?) e tratava de ganhar as suas boas graças.[5])

Fallando de um dos seus melhores fautores patrios, o já citado conde de Tolosa,[6]) tão bem acreditado na côrte do senhor de Castella e Leão, Marcabrun dizia; „se este Alfonso [Jourdain] me fizer boa cara e não se mostrar mesquinho, conto ter a meu favor outro [sc. Alfonso, o Raimundez] de boa raça, franco, cortês e dadivoso, lá para as bandas de Leão.“[7])

---

1) Bartsch 293, 35; Milá, p. 72—81, especialmente 75; Suchier em *Jahrbuch* XIV, p. 156. — Neste canto symbolico em que a *Piscina* é o emblema da guerra santa, na qual os valentes se purificam de pecados, não havia motivo para apellar a Portugal, pois era destinado a levantar o espirito dos barões franceses, instigando-os a tomarem parte nas empresas de Alfonso Raimundez.

2) Vid. p. 728, Nota 5.

3) Bartsch, *Grundriss*, p. 293, 9.

4) Paul Meyer, em *Romania* VI, 125—129. — Não cheguei a ver dois trabalhos recentes que se occupam do *Vers del Lavador:* Crescini, *Per il vers del lavador,* Padova 1900; Id., *Testo critico e illustrazione d' uno de' più solenni canti di Marcabruno trovatore,* 1900.

5) Eis a ordem fixada por P. Meyer. O sirventês *Aujatz de chan com' enans' e meillura* foi composto em vida de Guilherme X de Poitou († 1137), do emperador Lothario († 1138), de Alfonso Jordan de Tolosa († 1148) e de Alfonso Raimundez de Castella e Leão, mas antes d' este ultimo ser emperador — portanto antes de 1135. — *Al prim comens del ivernaill* foi escrito apos o fallecimento de G. de Poitou, pouco antes de Marcabrun começar o giro de Hespanha. — *Pax in nomine Domini* já na côrte do emperador, mas pouco depois de 1137, visto como falla da morte do conde e do luto do Poitou. Em Castella dirigiu directamente ao seu fautor (além do canto *Emperaire per vostre pretz,* em que procura lisongeá-lo) a canção *Emperaire per mi mezeis,* em que diz que pessoalmente vê crescer o seu valor e preço de dia em dia — isso entre 1137 e 1152, emquanto França e Poitou obedeciam a um só senhor. Vid. p. 731 Nota 2. De 1147 são *Cortezamen voill comensar* e *A la fontana del vergier.* A primeira canção é dirigida a Jaufre Rudel no ultramar; a ultima allude á cruzada de Luis VII.

6) O leitor lembra-se por certo da morte de Guilherme X do Poitou, seu protector.

7) É assim que interpreto as palavras:

Segundo o meu parecer, estas datas são as verdadeiras.[1]) Aceitando-as — *1137 ou 1139 como anno da primeira obra provençal que encerra saudações a Portugal* (*Al prim comens*), e c. *1146—1147 para a segunda* (*Emperaire per mi mezeis*)[2]) — temos ganho pontos de partida seguros e muito caracteristicos para a entrada de canções trovadorescas na côrte portuguesa.[3]) Note-se que Marcabrun emprega de resto, ainda em outra parte, o nome Portugal — na expressão vaga *de Portogual tro en Frisa.*[4]) O sentido de *sai* = *àquem,* obriga a imaginar que Marcabrun estacionava então d'este lado dos Pyreneos.

§ 386. Quanto a *Gavaudan* [Guevaudan], o Velho, ou antes o prematuramente encanecido, por desgostos de amor, as probabilidades que visitasse Portugal, são menores. Nem mesmo se sabe ao certo se esteve em qualquer côrte peninsular e se, ao pronunciar a palavra *Portugal,* pensava com respeitosa sympathia no triumpho de Affonso Henriques sobre Abu-Jacub (1184 em Santarem) e nos feitos de Sancho I contra os exercitos de Abu-Jucuf

---

S' aquest NAnfos fai contenensa pura
ni envas mi fai semblan de frachura
sai vas Leo en sai un de bon aire,
franc de razo, cortês e larc donaire.

1) Ainda assim devo fazer algumas objecções ás investigações do erudito romanista. 1°) O emperador elogiado e visitado por Marcabrun é Alfonso VII (e não VIII; engano reproduzido por Zenker a p. 842, posto que Lang já o tivesse rectificado). 2°) Este monarca mostrou, de facto, certa predilecção por Leão, a antiga capital do seu reino, conforme narrei fallando da sua coroação e do casamento de Sancha. 3°) Não creio que a estrophe transcrita no texto contenha amoestações e ameaças; pelo contrario, inclino-me a procurar nella louvores e esperanças, como se vê da minha versão. Alfonso Jordan de Tolosa pode muito bem ter sido introductor do poeta na côrte de seu primo e suzerano. 4°) Alfonso Raimundez fez hoste contra Cordova nos annos 1143, 1144 e 1146 (Schirrmacher IV, 124ss). É portanto neste periodo que julgo composta a canção *Emperaire per mi mezeis.* 5°) Se a canção-sirventês de Peire d'Alvernhe *Bel m' es quan la roza floris,* composta entre 1157 e 1169, for realmente imitação de *Aujatz,* a data 1180 seria insustentavel, mesmo sem as excellentes razões allegadas por Paul Meyer.

2) Pelas notas anteriores sabemos que em *Emperaire* ha allusões a uma das varias expedições a Cordova. Combinando-as com a allocução ao rei de França a quem instiga a ir servir a Deus numa cruzada, resulta como provavel a data 1146, quando estavam em preparação as varias empresas do anno seguinte.

3) Ourique e Lisboa!

4) Canção X, 23.

que o levaram a entitular-se rei de Portugal e do Algarve, i. é na invasão de Sevilha e conquista de Silves; ou recordava com indignação e azedume a insufficiencia de todos esses esforços (1195) e a continuação das arrogantes ameaças dos Almohades contra os Francos, considerando-as como productos das perniciosas rivalidades entre os reinantes peninsulares. O expressivo canto de cruzada, em que conjura o emperador allemão, o rei de França e de Inglaterra a unirem-se ao rei de Hespanha, contra o de Marrocos, e exhorta os povos peninsulares a pôrem de parte os odios antigos, unico que d'elle se conservou[1]), admitte interpretação diversa. „Estribados na excelsa lei [de Christo], não abandonemos as nossas herdades a esses negros perros de Ultramar. Debellemos o perigo antes que o mal nos toque de perto. Por barreira já lhes havemos opposto Portugueses, Gallegos, Castelhanos, Navarra, Aragão, . . ." E continua „estes os humilharam e venceram" — ou mais provavelmente „mas estes foram por elles derrotados e ultrajados." [2]) No fim prophetiza que a seita de Mafoma seria expulsa da Europa, se os barões estrangeiros das margens do Rheno, do Tamesis, do Sena, e os de Provença, Cambray e Anjou acudissem em bloco (*en un floc*). Essas indicações são chronologicamente tão pouco precisas que levaram alguns modernos a tratar Gavaudan de propheta falso, pensando na derrota de Alarcos (1195)[3]), e outros a exaltá-lo como bom agoureiro, referindo os seus dictos á victoria das Navas (1212)[4]), para a qual effectivamente se poseram em marcha reis e barões de àquem e álem dos Pyreneos, que haviam abandonado Alfonso VIII de Castella na primeira empresa contra Abu-Jucuf.[5])

1) *Senhors, per los nostres peccatz* (Bartsch 174, 10).

2) *Portogals, Gallicx, Castellás,*
Navars, Aragones, Ferrás (?)
lur avem en barra gequitz
qu' els an rahuzatz et aunitz.

Vejam as traduções divergentes de Diez, Milá e Braga (*Canc. Vat. Rest.*, p. XXXII).

3) Diez, *Leben*, p. 423, Schirrmacher, IV, p. 204.

4) Milá, p. 128; Balaguer, p. 17 e 58.

5) Creio ser acertada a collocação do canto de Gavaudan entre aquella desgraça, em que o Castelhano se viu só em campo contra os almohades — desgraça que os posteros trataram de castigo de Deus pelas sacrilegas relações de Alfonso VIII com a lendaria Judia de Toledo — e a desforra tirada nas Navas. No mesmo periodo *Folquet de Marselha* invocava, cheio de confiança, apenas a Deus e ao soberano aragonês, seu protector. (*Oimais no i conosc razo*).

Eis tudo. Ha, na verdade, mais alguns trechos laudatorios, por ventura relativos a Portugal — trechos em que se falla de quatro reis de Hespanha,[1]) ou de cinco.[2]) E ha outros de censura, allusivos a *renegados*, que os historiadores da literatura provençal applicam a Sancho I de Portugal e seu filho Affonso II.[3]) Mas a interpretação é problematica. E mesmo a ser certeira, não obriga a suppôr que os respectivos auctores conhecessem *de visu* dynastas ou nobres portugueses, e muito menos, terras lusitanas.

---

1) Vid. p. 726 Nota 6.

2) É *Peire Guilhem* quem falla dos cinco reinos (*V regesmes d'Espanha*). Vid. Milá 197 s.; *Lex. Rom.* I, 408; P. Meyer, *Derniers Troubadours* XXX, 279 n. 4; Lollis, *Sordello*, p. 26.

3) São dois os que entram em questão: o jogral *Perdigon* e mestre *Guilhem de Tudela*. Quanto ao primeiro, cujas canções politicas (a favor da França, e contra os albigenses e En Peire d'Aragão) estão perdidas, Diez (*Leben* 140) affirma que visava Sancho I de Portugal hostilmente na canção *Entr' amor e pensamen* (Bartsch 370, 5). Se assim for, essas censuras eram resultado de calumnias malevolas, propagadas em Castella com o fim de justificar certas empresas de Alfonso VIII contra Portugal, Leão, Navarra. — Cf. Mahn, *Biogr.* XXI e Milá, p. 150.

Quanto a Guilhem de Tudela, parece certo que ergueu a voz contra Affonso II de Portugal e Alfonso IX de Leão, tratando-os de bribões insensatos que não valiam um botão, na Cronica Rimada da Cruzada contra os Albigenses (v. 857). Assim o creem Fauriel III, 369 e Braga, *Canc. Vat. Rest.* XXXII. Cf. Milá, p. 360. Contra o português, porque em vez de tomar parte pessoalmente na magna luta contra o inimigo commum, movia guerra ao vizinho e ás proprias irmãs. Contra o leonês, porque *in odium Castellæ* se havia ligado positivamente com os Sarracenos, aproveitando os ensejos dos annos 1195 e 1211. Cf. Schirrmacher IV, 253, 260 ss. e **CM** 228 onde Alfonso X, seu neto, falla do tempo:

quando el rey D. Alffonso
de Leon aduss' acá
mouros por roubar Castella.

Comtudo não devemos esquecer tres coisas. *Perdigon* e *Mestre Guilhem* parecem conhecer Portugal apenas de nome e fama. — Boatos iguaes circulavam a respeito de Sancho VII de Navarra e com muito mais solidos fundamentos. (Vid. Schirrmacher IV, 267 e *Randglosse* VII.) — A classe dos reis, infantes, barões *renegados* ou *mulladies* era muito numerosa, se tal nome compete a todos quantos batalharam como alliados de algum rei mouro da Andaluzia ou Mauritania, contra qualquer principe christão. Bastará citar: Alfonso VI, o Cid, *Rex Lupus*, Rui Fernandez de Castro, D. Pedro Fernandez, seu filho, D. Diego Lopez de Haro, os Infantes D. Arrigo e D. Fadrique. — Á mesma classe havia-se referido o trovador Gavaudan, dizendo: *ab lui* (= com Deus)

venseretz totz los cás
cui Bafometz a escarnitz
e' ls renegatz e' ls assalhitz (?).

§ 387. O quarto e ultimo grupo dos que talvez estivessem neste caso, compõe-se de dois trovadores que florescendo entre 1175 e 1215 empregaram em rimas suas o idioma gallaïco-português, pondo assim em destaque que esse era então o vehiculo dos poetas lyricos da peninsula: *Raimon Vidal de Bezaudun* ou *Besalú,*[1]) e *Rambaut de Vaqueiras.* Vidal, um dos artistas mais interessantes e instruidos, auctor da obra doutrinal sobre a *Dreita maneira de trobar,* traça nas suas Novellas versificadas[2]) quadros completos do acolhimento bizarro que a musa provençal logrou nas côrtes de Alfonso II, de En Peire de Aragão,[3]) e de Alfonso VIII de Castella, o esposo de Leonor de Inglaterra. E cita alguns versos, concebidos a meu vêr em português, embora, em harmonia com factos reaes, elle os attribua a um trovador castelhano de nação.[4])

1) Besalú, no Norte da Catalunha. Jaime o Conquistador menciona na sua *Chronica* certo Bernardo Vidal, de Besalú (Bisuldunum).

2) Existem tres. 1°) A do ciumento castigado — *Castia-Gilos.* — Principia: *Unas novas vos vuelh contar.* Foi impressa por Raynouard, *Choix* III, 398—413; Bartsch, *Lesebuch,* 29—34; Mahn, *Werke* III, 226—236. Cf. Milá, p. 132. 2°) A das *Cortes de Amor.* Principia: *So fo el temps c'om era jays* ou *En aquel temps.* Impressa em Mahn, *Gedichte* p. 341; e por Max Conicelius, Berlin 1888; parcialmente por Bartsch, *Chrestomathie,* 213—224. Cf. Milá, p. 328. 3°) A do *Juglar* (didactica). Principia: *Abril issi' e mays entrava.* Impressa por Bartsch, *Denkmäler,* 144—192; Mahn, *Werke* I, 250ss.; e recentemente em *Romanische Forschungen,* vol. XV por Wilhelm Bohs; excerptos em Raynouard V, 342—348 e Milá, p. 341. As ultimas duas contém muitas citações colhidas nas canções dos trovadores provençaes; a primeira serviu de divertimento a Leonor de Inglaterra e suas damas. — Vid. Groeber, *Grundriss* II^b, p. 12; Bartsch, *Grundriss,* p. 21; Milá, p. 335—354; 132 e 328, 538.

3) Na terceira Novela ha referencias a Alfonso II, a En Peire, a numerosos magnates de Catalunha, a D. Diego Lopez de Haro, e a um dos Cameiros; na primeira elogios fervorosos a Alfonso VIII e Leonor. A segunda contém um panegyrico a Hugo de Mataplana, amigo e protector de Raimon Vidal. Não creio que Milá (335) tivesse em mente Leão e Portugal quando affirmava que Raimon Vidal visitou todas as côrtes de Hespanha.

4) No ms. da 2° Novella que serviu a Mahn, esses versos teem feitio mais português do que castelhano:

tal dona non quero servir
per me non si denhe preiar
ja non queron lo sieu prendir.

No outro, de Perpignan, aproveitado na *Revue des langues romanes* IV, 233, apparecem castelhanizados, o que deu em resultado que uns os attribuissem a este, outros a aquelle idioma. Estribada nos factos historicos que exponho nesta obra, dou a preferencia á lição (restaurada) portuguesa:

tal dona non quero servir
que por mi non denhe pregar [ou rogar],
ja non quero o seu pedir

Rambaut de Vaqueiras fez mais. E isso com bastante antecedencia. Num *descordo*, escrito entre 1195 e 1202[1]) na côrte visitadissima de Bonifacio II de Montferrat[2]), em cinco idiomas neo-latinos, o gallego-português como lingua dos trovadores peninsulares caminha de mãos dadas com o provençal, o francês, o italiano (genovês ou toscano).[3]) Como esses, enche uma estrophe e uma parte da *tornada* polyglotta. O curioso especime que reproduzo em nota,[4]) como o de Vidal, hoje geralmente considerado como um dos mais antigos

---

ou:

tal dona non quero dizer
que por mi non queira pregar [ou rogar]
nen lhi quero o seu prender.

á castelhana:

tal dona no quiero dezir
que por mi no quiera rogar
nol [ou: nil] quiero lo suyo pedir.

Cf. Milá 542; *Grundriss* II^b, 173 e 379—380; *Zeitschrift* XXVI, 75; *Randglosse* X; Lang, *Mod. Lang Notes* X, 209. Eis como se expressa este erudito „Ramon Vidal, again, quotes in one of his poems a few lines which he attributes to a Castilian trobador. As we know that the Castilian trobadores of the time used the Galician dialect for their lyric compositions and a portion of the passage in question has every appearance of belonging to that idiom, we are justified in assuming that these lines were meant to be Galician rather than Castilian."

1) *Aras quan vei verdejar,* Bartsch 392, 4;. Mahn, *Werke* I, 371; P. Meyer, *Recueil d'anciens textes bas-latins provençaux et français,* p. 89—91; C. Appel, *Provenzalische Chrestomathie* 1895, p. 77. — Cfr. Smith I, 414.

2) Vid. O. Schultz, *Die Briefe des Trobadors Raimbaut de Vaqueiras,* p. 119—120.

3) A respeito do quinto idioma empregado por Raimbaut subsistem duvidas. — Considerado genovês por uns, gascão por outros, talvez seja siciliano?

4) Mas[1] tan temo vostro pleito.[2]
Todo'n soi escarmentado.[3]
Por[4] vos ei[5] pen' e maltreito
é meu[6] corpo lazerado.
A[7] noite[8] quando[9] jazc'[10] en meu[11] leito
sou[12] muita vez[13] espertado[14];
por vos, creio, non por feito[15]
falir[16] ei[17] en meu cuidado.
— — — — — —
meu[18] coraçon[19] m'avedes treito,[20]
mui docemente furtado.[21]

1 *Car* . . . — 2 *pleydo* — 3 *Don soi escaramentado* — 4 *per* — 5 *ai* — 6 *E mei, E mio, E mon, El meo* — 7 *La* — 8 *not, nueyt, nueit, nueg, neit* — 9 *cant* — 10 *jatz, soy* — 11 *en mey, en meu, en mo, el*

que possuimos,[1]) é mais um testemunho seguro de que já antes de 1194 o gallego-português havia alcançado foros de linguagem lyrica, mesmo nas côrtes hespanholas. Prova tambem quasi certa de que o seu auctor visitou a peninsula, embora o biographo coevo o ignore e os seus versos não contenham senão alguma vaga allusão ao Aragonês.[2])

Bonifacio Calvo, de Genova, o terceiro entre os trovadores estrangeiros que empregaram o idioma occidental, pertence a um periodo demasiado tardio para merecer attenção neste logar. De mais a mais na sua biographia já ficou assentado,[3]) que esteve na côrte de Alfonso X, e não em Portugal nem em Leão.

Raimon de Miraval foi, ha pouco, junto ao pequeno grupo. Mas *por nefas.*[4])

§ 388. Em todo o caso, devemos confessar uma coisa. Se *Cercalmon, Peire de Alvernhe*, o *Monge de Montaudon, Uc de San Circ* e *Elias Cairel, Peire Vidal* e *Savaric de Mauléon, Marcabrun* e *Gavaudan, Raimon Vidal de Besalú* e *Rambaut de Vaqueiras* entraram nos paços de Affonso Henriques, depois de conhecerem Valencia e Barcelona, Toledo, Burgos e Leão, não colheram ahi impressões bastante originaes, intensas, e agradaveis para mais tarde

---

mio — 12 *soi, sos, so* — 13 *mochas vetz, moitas vetz, mochas fes, motas vetz* — 14 *reparado, espessado, espnado, resperado* — 15 *Por vos era non porfeito, Por vos cre e non proferto, Pro vos ero non perferto, Pro vos era non pro feito, Car non clamey profeito, Qar noca m' a porferto* — 16 *faillit, failliz, falit, falhit* — 17 *soi, ai, ei* — 18 *mon mei.* — O verso 9 *mais que faillir non cuide io* — falta num ms. E de facto sobeja, visto como as quatro estrophes antecedentes constam apenas de oito (*abababab*) — 19 *mon, lo* — 20 *corasso* — 21 *traito-touto* — 22 *e mot gen favlan, e mout dossament.* Juntei as variantes dos seis mss. aproveitados por P. Meyer.

1) Diez (*Leben* 237), Milá (132); Balaguer p. 60 consideraram Vaqueiras como auctor dos versos mais antigos que em linguagem *castelhana* (imperfeita ou estropiada) conhecemos. — Cf. *Grundriss* II^{b}, 173 e 379. — Lang, *Mod. Lang, Notes* X, 209 aceitou o meu alvitre: „*As one of the five languages which Rambaut de Vagueiras employed in the descort written between 1195—1202 at the court of Boniface I, was in all probability intended to be Portuguese, he must have been in contact with Gallego Portuguese poets previous to 1194.*" Por igual J. Smith I, 42 e 414.

2) Mahn, *Biogr.* XXII.

3) Vid. mais àcima a sua *Biographia* e *Randglosse* IX.

4) J. Smith I, 482: *Miraval understood Portuguese and wrote a little in that tongue.* Confundiu evidentemente notas manuscriptas, relativas a Raimon Vidal, com outras que diziam respeito a Raimon de Miraval.

compensarem com elogios pomposos ou delicadas homenagens poeticas os favores recebidos. No pequeno e novel reino, sem residencia fixa, não havia côrte luxuosa com salas esplendorosas, nem festas brilhantes com barões faustosos que podessem repartir entre os cultores da arte dadivas de preço. Mesmo os auctores de cantos bellicos — com excepção dos dois que nomeei — não contavam com os *monarcas* lusitanos para acções communs contra os Infieis do Oriente, sabendo-os em constante lucta sangrenta com os Mouros, e bastas vezes com os vizinhos que não queriam reconhecer a sua independencia.

§ 389. *Portuguêses e Provençaes encontram-se em Leão.* Essa penuria de noticias precisas e de allusões directas, ainda assim não póde servir de prova que, de facto, mais nenhum trovador visitasse a costa occidental. Nem tão pouco de que português algum peregrinasse até ás côrtes de lingua-d'oc. Bem o sei. O contrario é mais provavel. Mas aceitando ambas as hypotheses como seguras, suppondo mesmo que nem um só jogral, da infinidade de desconhecidos que enxameavam através do mundo neo-latino, levando de mar a mar os versos dos mestres, espalhasse na beiramar pelo menos as canções expressamente dedicadas a successos e personagens peninsulares — como os cantos de cruzada de *Marcabrun, Gavaudan, Peire de Alvernhe, Folquet de Marselha* — ainda assim portugaleses e gallizianos teriam logrado faceis occasiões de entrar em commercio pessoal com trovadores e troveiros, transformando-se em discipulos e imitadores.

De longe em longe, nas acções communs contra o islamismo; e ininterruptamente, em tempos de paz, como hospedes ou residentes nas quatro côrtes mais antigas, especialmente na mais vizinha e mais antiga, i. é no reino gallego-leonês, ou asturico-gallego-leonês.

Em acções communs contra o islamismo. A pesar da desconfiança do estrangeiro e embora os reinantes nunca tomassem parte pessoalmente nas grandes empresas contra Almoravides e Almohades (ora para demonstrar a sua autonomia, ora por ter de isoladamente mover guerra ao Mouro, dentro dos seus territorios, ora por causa de contendas civis), até 1340 nunca faltaram nos campos de batalha infantes, condes, homens de guerra de Portugal, e cavalleiros das ordens militares, como o insigne Pae Peres Correia.

Em Zalaca e Alarcos, no cerco de Almeria, nas Navas de Tolosa, tão pouco como deante de Sevilha e Jaen, em Murcia, e ao pé do Salado.[1])

Sem interrupção em tempos de paz. Como hospedes residentes nas quatro côrtes mais antigas, especialmente na mais vizinha e mais antiga, i. é no reino gallego-leonês, ou asturico-gallego-leonês, com o qual os paises de Entre-Doiro e Minho, ou mesmo Minho e Mondego, formavam ethnicamente e linguisticamente uma unidade. É facto que as relações do reino-pae com o novo estado nem sempre eram pacificas. A questão da independencia, e depois a dos limites no norte e leste, causou freqüentes hostilidades e guerra aberta. Bastará lembrar o feito lendario de Egas Moniz, a desgraça de Badajoz, e os actos de Alfonso Raimundez, que ao dividir os estados, segundo o exemplo funesto dos antecessores, deixou a parte gallego-leonesa, incluindo o Portugal, ao filho segundo, Fernando II — *residuum versus mare et Portugalliam.* Temos depois o plano combinado em Sahagun (1158) entre o Leonês e seu irmão Sancho III de Castella, de juntos aniquilarem o reino de Affonso Henriques; a animosidade com que depois da môrte do Castelhano na minoridade do successor esse Fernando II effectivamente tentou reconquistar, só, a metade-sul da Galliza.[2]) Mas apesar d'este antagonismo politico, as origens communs e interesses seculares, fomentados pelo *odium Castellae,* conduziam os dynastas e os nobres de ambos os paises sempre de novo a alliarem-se por consorcios e pactos, assunto que creio ter amplamente demonstrado.[3]) Accrescento apenas que uma filha do vencedor de Ourique casou com o proprio Fernando II, tendo de regressar á patria (1175), após dez annos de matrimonio, repudiada sob pretexto de consanguinidade, mas na verdade por causa de instigações castelhanas e de justas queixas do Leonês contra o alteroso e ingrato sogro que,

---

1) No sitio de Almeria figuraram gallegos sob D. Fernando de Lima. Na sanguinolenta batalha de Alarcos morreu D. Rodrigo Sanches, governador de Silves (Herc. II, 49 e 71). Quanto ás Navas de Tolosa — Ubeda, no dizer dos coevos — basta lembrar as palavras de Rod. Tol.: *convenerunt etiam ad eandem urbem plerique milites partibus Portugaliæ, peditum vero copiosa multitudo qui mira agilitate expeditionis onera facile sustinebant.* Cf. Herc. II, 77, 157 e 159. Lá se encontraram mecenates e trovadores como D. Rodrigo Diaz de los Cameros, D. Lopo Diaz de Haro (Cabeça Brava) com Hugo de Mataplana, Thibaut de Blaison, Aimeric de Pegulhan, mais uma vez o refiro.

2) Rod. Tol. VII, 7; Schirrmacher IV, 170 e 175; Herc. I, p. 414ss.

3) Nas *Biographias* e nas *Randglossen.*

vencido, ferido e aprisionado ao pé de Badajoz, mas tratado por Fernando com nobre isenção, nem por isso deixou de lhe mover guerra. Do mesmo modo, o filho de Urraca e Fernando, o tantas vezes citado Alfonso IX, o Leonês por excellencia, deu a mão de esposo a uma de suas primas portuguesas, bella e energica prole de Sancho I como Teresa-Mafalda. E tanta afeição conservou a essa Teresa de Portugal, que um decennio depois do anullamento tambem d'este matrimonio, igualmente por interdicto do papa, pegou em armas para lhe prestar soccorro quando Affonso II tentou espoliá-la, a ella e as outras irmans, dos bens que lhes haviam sido legados por Sancho I. (Montemór, Alemquer etc.) Mesmo pensou em deixar (em 1230) o reino ás filhas de Teresa (Dulce e Sancha).[1])

Quanto a expatriados que passaram a Leão, já fallei d'elles com proposito diverso. O leitor sabe que foi especialmente nessa epoca anarchica de 1211 a 1216 que nobres, adversos á politica egoista ou centralizadora de Affonso II, se refugiaram á côrte de Alfonso IX. Alguns como os Mendes de Sousa reconciliaram-se, logo que viram resolvidas satisfactoriamente as contendas (1216). Outros deixaram-se estar, como D. Martim Sanches, governador de Toronho e Lima,[2]) um dos meios-irmãos de Affonso II, e como o Infante D. Pedro.[3])

Depois,[4]) e antes, outras discordias produziram efeitos parecidos. Foi p. ex. por conselho de um expatriado português — *qui a rege Portugalliæ læsus effugerat* — que Fernando II fundou e fortificou na fronteira, não tanto contra os Mouros como contra os portugueses, Ledesma e Ciudad-Rodrigo, *ex qua intulit multa mala Portugalliæ.*[5]) Foi tambem emquanto D. Teresa occupava o throno de Leão e em vida da rainha D. Urraca, a qual regressou novamente a esse reino no acto de seu filho empunhar o sceptro, e ainda anteriormente, não nos dias inquietos das filhas afrancesadas de

1) Só em 1228, dois annos antes da assimilação completa de Leão, é que Teresa se recolheu a um mosteiro.

2) De 1219 a 1222. Vid. Herc. II, 148, 224; Gama Barros I, 127 e 129. Numa bulla de Innocencio III do anno 1212 falla-se d'esses nobres adversos ao rei *qui de regno expulsi fuerant.*

3) Herc. II, 148; Gama Barros l. c.; *Esp. Sagr.* XXII, 103 e 284. — Cf. mais àcima §§ 237 e 247.

4) De 1223 a 1229, e de 1245 a 1248 houve novas desnaturações, conforme indiquei ao fallar de Affonso III, Fernando de Serpa etc.

5) Rod. Tol. VII, 119; Schirrmacher 199. — Cf. o que contei da fundação da *Guarda.*

Alfonso VI, mas depois de o grande e bom Emperador (1125) ter sido coroado em Leão, que intimas e constantes communicações entre os dois paises ministraram ensejo para que enviados e familiares dos reis de Portugal assistissem a festas e recepções na côrte de Leão e vissem e ouvissem trovadores preclaros, àcima mencionados, e outros muitos, de que logo hei de fallar.

§ 390. Auctores estrangeiros inclinam-se a referir todos os encomios trovadorescos, tributados a um *rei de Leão,* a monarcas que governaram juntamente os dois reinos centraes, entendendo ora Alfonso VII, ora Fernando III, ora Alfonso X; e os dictos relativos a dois reis, sendo um de nome Alfonso e o outro Fernando, a Alfonso IX e Fernando III. Deixando em vacuo a geração intermedia,[1]) collocam no periodo tardio de 1217 a 1230 obras que porventura recaiam no de 1158 a 1188, isto é no periodo em que Alfonso VIII reinava em Castella e Fernando II em Leão.[2])

Segundo esses calculos erroneos haviamos de suppôr que as visitas lucrativas e já tradicionaes á côrte de Leão, iniciadas em 1135, ficaram supprimidas depois da morte de Alfonso Raimundez — o que custa admittir. Se a gloria de Fernando II e de seu filho Alfonso IX se offuscou na memoria dos posteros, deante dos vultos brilhantes do vencedor de Ubeda e conquistador de Sevilha, e se a somenos importancia de Leão e da Galliza *desde 1230* levou historiadores que não se occupam ex-officio da peninsula, a olhar de soslaio para as duas provincias, o caso era bem diverso, emquanto os dois monarcas viviam.[3])

Aproveitando-se tanto do fim prematuro de Sancho, seu nobre irmão, cujas virtudes, enaltecidas por *Peire de Alvernhe,* brilharam

---

1) Considero como um dos erros mais graves do livro de Milá y Fontanals a completa ommissão de Fernando II. Encontro-o mencionado apenas de passagem a p. 152, Nota, com relação a *Guilhem Ademar.*

2) Não admira que houvesse e ainda haja duvidas a este respeito, sempre quando á difficuldade geral que ha em assignar datas a poesias lyricas, tendo por unico ponto de apoio um nome proprio ou uma allusão mal definida, accresce a tarefa melindrosa de identificar os diversos Alfonsos, Fernandos, Sanchos, reis de Castella ou reis de Leão.

3) É p. ex. costume tratar de lisongeiro para com leoneses e gallizianos os auctores da *Cron. Comp.* e a Lucas de Tuy (não sem razão) e de, injustamente, não abater nada dos elogios que Rodrigo de Toledo distribue a Castelhanos.

no throno de Castella apenas durante um anno,[1]) como da longa minor-idade de Alfonso VIII (n. em 1155), o valente Fernando II esforçou-se em reduzir a vassallo seu, não só o português, mas tambem o castelhano.[2]) Como conquistador da Estremadura arrancou aos Mouros Alcántara e Caceres, onde fundou a ordem militar de Santiago;[3]) derrotou o sogro, sempre adverso, deante de Badajoz; avançou até Sevilha; entrou victorioso em Toledo (1162); sustentou a sua posse durante doze annos, e tomou o titulo de *Rex Hispaniarum* que não largou até morrer.

Só depois do seu repentino finamento (1188) é que a aguia castelhana pôde começar a erguer o voo, cada vez mais alto, até ganhar a preponderancia sobre Leão em 1212, que, tornada definitiva depois do fallecimento de Alfonso IX, se manteve para sempre.

Nem devemos esquecer que esse Fernando II, que os historiadors desenham, de resto, como homem de genio folgazão, bondoso e nada escasso, *pius et hilaris*,[4]) tambem era filho do semi-franco Alfonso Raimundez e de Berenguela, a aragonesa. Nem tão pouco deve ficar excluido dos nossos calculos o enorme prestigio de que muito naturalmente gozava a cidade de Leão *[Legione]*. Após Oviedo que fôra capital nos seculos VIII e IX, ella havia sido cabeça unica dos reinos reconquistados, com inclusão de Castella, desde que Fernando I, o Magno, fôra solemnemente ungido e consagrado dentro dos seus muros (1037).[5]) Depois da morte de Alfonso VI, de 1157 a 1230, precisamente durante as duas largas gerações que nos occupam, tornou a ser cabeça de um reino independente que se dilatava das costas cantabricas e gallegas até aos extremos confins

---

1) Com os elogios de *Peire d' Alvernhe* confira-se o panegyrico de Rod. Tol. VII, 12; *Col. Doc. Ined.*, Vol. CV, p. 437; e Schirrmacher IV, 179.

2) *Rod. Tol.* VII, 14—19; Schirrmacher IV, 199s.; *Hist. Sant.* IV, 297.

3) Fundada antes de 1166 por Fernando II de Leão como ordem de Alcántara, com sede principal em Caceres (*fratres de Caceres*), e confirmada em 1175, passou mais tarde para Castella.

4) Lucas Tuy, p. 106. — Cf. Rod. Tol. VII, 13 (*pius misericors et benignus*).

5) A literatura medievica está cheia de testemunhos da gloria de Leão. Onde quer que se falla da cidade que *jaz ao pee da montanha das esturas* entitulam-na *cabeça de todos los reinados.* — Vid. *Cronica Rimada* 190, 259 etc.; *Chron. Geral* c. 198: *„e porque em esta cidade morauam os rreys daly adiante mais que em outra foy chamada cabeça do rreyno.“*

da Estremadura (com Merida e Badajoz) e ameaçava levar o melhor sobre Castella.[1]) Mesmo no meio-tempo, quando Toledo lhe disputava a residencia e parte do carinho dos reinantes do imperio unido, Leão teve privilegios importantes. Era cidade dos concilios (1012, 1020, 1090, 1114 etc.) e cidade do *Fuero Juzgo* ou *Libro de Leon*, depois que Alfonso V, *el de los buenos fueros*, instituiu em 1020 as leis gothicas reformadas que na sua ideia haviam de reger perpetuamente em Leão, Asturias e Galliza até a consummação dos seculos — *usque iste mundus finiatur* — e de facto sobreviveram longamente ao direito de Castella, expresso no *Fuero Real, Espejo de las Leyes* e *Siete Partidas* do Sabio.[2]) Cidade principal entre todas as do caminho francês, rodeada de castellos fortes como Luna, Gordon, Alba, Ardon, Roda[3]) e de aprazíveis quintas de recreio, ufanava-se de possuir uma formosa catedral, numerosas igrejas, mosteiros, hospitaes, os paços de Sampaio, os despojos do doutor hispalense Santo Isidoro na mesma basilica que encerrava como Pantheon os restos mortaes dos dynastas dos seculos X e XI. A sua fama secular repercutiu-se naturalmente além dos Pyreneos. Todos os que visitavam o sepulcro do Apostolo lá entravam, como entravam no santuario de Vila-Sirgo. O mesmo vale de grande parte dos que faziam o giro artistico de Hespanha. A época mais pacifica e afortunada de Leão foi exactamente o reinado do protector dos francos, a favor dos quaes não menos do que em beneficio dos seus vassallos Alfonso VI supprimiu a portagem de Valcarcel. Como apogeu da grandeza da capital leonesa podemos considerar o dia tantas vezes memorado da coroação de Alfonso Raimundez na catedral (26 de Maio Pentecostes, de 1135), em presença de barões e vassallos francos como Guilhem de Montpellier e Alfonso Jordan de Tolosa; ou melhor, toda a ultima metade do seu reinado, em que recahem as varias

---

1) Ordonho I, que a repovoara (855) depois da destrucção de 846, fundou o paço; Alfonso I ainda repartia a sua residencia entre Leão e Oviedo; Ordonho II transformou-a em côrte. Depois de novamento devastada por Almanzor, foi resuscitada das ruinas por Alfonso *[qui populavit Legionem post destructionem Almanzoris et dedit ei bonos foros]*. Cfr. Dozy, *Recherches* I, 140ss.

2) De 1230 em deante ficou com a honra de possuir um tribunal de appellação para pleitos e querelas do antigo reino gallego-português, segundo as leis do *Fuero Juzgo*, chamado em geral o *Libro*. O tribunal reunia-se no portico da catedral [*locus appellationis*].

3) Vid. mais àcima p. 474.

festas já referidas, e ainda as da nova consagração da basilica[1]) de Santo Isidoro, celebradas a 6 de Março de 1149.

Durante o governo de Fernando II e Alfonso IX, Leão não decahiu. Até a consummação do matrimonio de Alfonso VIII com Leonor de Inglaterra, devia mesmo offerecer attractivos maiores do que a côrte castelhana, onde Haros e Castros se disputavam a tutela do rei-niño (*assoltainin* = *o pequeno sultão,* no dizer dos arabes).

Não admira por isso se a monarcas que de facto governavam em ambos os reinos era dado de preferencia o titulo restricto de rei *de Leão,* não só por trovadores forasteiros[2]) mas por igual em obras nacionaes como o *Poema del Cid,*[3]) e mesmo em documentos officiaes. Ainda no ultimo terço do sec. XIII Alfonso X foi designado por muitos como *el reys cuy es Leós* — *que rey es de Leó* — *el reis NAnfos Castellás cui Leos es* — *Reis de Leó qu'es senhor de Castelás.*[4]) No anno 1325 o jogral João, morador em Leão, ao lamentar a morte de D. Denis, fallava da antiga capital como se continuasse a ser um centro onde se reuniam trovadores (CV 708).[5])

Creio que já agora não hão de achar inteiramente gratuita a dupla hypothese que no periodo aureo trovadores, cujo fadario os levava a *andar terras,* se albergassem temporariamente em Leão: *Marcabrum* nos dias de Alfonso VII; *Peire d'Alvernhe*, *Peire Vidal,* o *Monge de Montaudon* no de Fernando II; *Cercalmon, Elias Cairel, Savaric de Mauléon, Rambaut de Vaqueiras, Raimon Vidal de Besalú, Uc de San-Circ* no longo reinado de Alfonso IX, e que foi lá que tiveram logar, senão os primeiros contactos com portugueses, pelo menos freqüentes entrevistas. Especialmente se mais uma vez ponho em destaque que lá viveu entre outros portugueses expatriados um *D. Garcia Mendes d' Eixo* († 1237), casado com uma

---

1) A memoria de *Sant Esidro, el de Leon,* é evocada p. ex. no Poema del Cid. v. 1867.

2) De Alfonso VII ouvimos dizer ao trovador *Marcabrum,* antes da coroação: *Sai vas Leo en sai un de bon aire, franc de razo, cortes e larc donaire.* — Cfr. *Romania* VI, p. 129 e *Rod. Tol.* VII, p. 19.

3) Alfonso VI, ahi designado por via de regra como *el Castellano,* apparece como *el de Leon* nos versos 1927, 3534, 3536, 3718 (ed. Pidal). Alfonso VII é *Rex Legionis* na *Cron. Ald.* (§ 25).

4) Cf. Milá, *passim* (218, 221, 223 etc.); Diez, *Leben,* 437.

5) Fernando II tambem foi chorado em verso por algum dos seus letrados, em latim embora. Vid. Delisle em *Ann. Bull.* 1885, N. 129, e Groeber, *Lat. Litt.*, p. 346.

gallego-leonesa,[1]) ou seja o auctor dos versos *em provençal* em que, longe da sua terra, manifesta desejos saudosos de revêr o lar paterno, no logar de Sousa; [2]) e se repito que o proprio Alfonso IX de Leão talvez pertença ao numero dos reis que poetavam. [3])

§ 391. Segundo a opinião geral veio a Leão, além dos já citados mestres, o fecundo e honesto *Guiraut de Bornelh,* principe dos trovadores no parecer de muitos. [4]) Em uma composição diz a um seu mensageiro que por ordem sua estava na peninsula: „com bom agouro sahirás de Hespanha" (*a bos agurs eissiras d'Espaigna*).[5]) Em outra refere-se á jornada que pessoalmente ia emprehender: *al torn qu'ieu farai d' Espaigna.* [6]) Noutra invoca conjuntamente a um rei Fernando e outro rei Alfonso:

> *pero ben vuoill qu' el rei Ferrans*
> *auia mon vers e'l rei NAnfos.* [7])

Era costume inferir d'esta allusão a data 1217, em que Fernando III começou a reinar em Castella. Mas mesmo assim ella é extremamente tardia para um poeta afamado em 1175. Sanamos o anachronismo, [8]) entendendo Fernando II de Leão e Alfonso VIII de Castella, do qual recebeu valiosos presentes. [9])

A um Alfonso, temido dos Mahometanos, dirigiu-se um dos cavalleiros pobres que faziam vida de segrel, instigando-o a nova-

1) Herc. II, p. 226; *Mon. Lus.* XIV, c. 5; *Hist. Gen.: Provas* I, 62 e 159.

2) **CB 454**. Já disse a p. 327 que a rubrica relativa a esta composição estropiada „*Esta cantiga foy feita a Roy de Spanha a m̄o fal Vro con condado*" talvez se refira a algum poeta provençal, oriundo de Hespanha, que então residia em Leão e poetava e que na lista de Bartsch ha um *Rodrigo,* sem mais. O leitor encontra os nomes dos demais hespanhoes que procederam do mesmo modo, a p. 670 d' este Vol. Cfr. p. 614, Nota 7.

3) A parte dos leoneses na elaboração da poesia epica peninsular ainda não foi assunto de discussão. A julgar da linguagem dos textos conhecidos, não foi pequena.

4) Vid. p. 680, Nota 7 e p. 675, Nota 4.

5) Cf. Herrig's *Archiv.* XXXIV, 400.

6) Bartsch 242, 70.

7) Bartsch 242, 37: *Gcs de sobrevoler nom toill.* — Cf. Diez 113; Milá p. 155; Lang, *Mod. Lang. Not.* X, p. 209—210.

8) O biographo, mencionado na Nota immediata deve concordar com a minha interpretação, pois é de parecer que a actividade poetica de *Guiraut* começou perto de 1165 e findou antes de 1200. Reconhece no rei de Aragão, com o qual tençoava, Alfonso II, em cuja côrte esteve desde o Natal de 1168, e no rei de Navarra ao qual allude, Sancho VI (1150—1194) e não o successor.

9) Vid. A. Kolsen, *Guiraut von Bornelh, Der Meister der Trobadors,* 1894, p. 56.

mente combater os Mouros, e confessando (por signal com cynica franqueza) que assim o desejava, afim de ver afastado o marido da dama que servia.[1]) Em outra occasião esse mesmo *Guilhem Ademar* despede-se de um rei Fernando, não por cobiçar donativos mais esplendidos do que os recebidos d'elle e de seus cortesãos, mas tambem unicamente por causa de uma dama.[2]) Neste caso trata-se provavelmente de Alfonso IX, cuja liberalidade ouvimos gabada com fervoroso enthusiasmo por *Peire Vidal*, *Elias Cairel*, e indirectamente por um inimigo de *Sordello* e de Fernando III.[3]) Das censuras com que o Mantuano fazia troça (c. 1240) do respeitoso acatamento com que Fernando III escutava os conselhos de sua preclara mãe, recommendando-lhe comesse duas porções do coração de Blacatz para deixar de ser descorçoado, já me occupei.[4]) Figuras novas surgem com *Ademar lo Negro*, o qual o havia saudado, emquanto infante, como jóvem de qualidades incomparaveis[5]), e com *Elias de Barjols* que o saudou logo depois de 1230.[6])

Paro aqui, reiterando que desde o momento quando Fernando III cingiu a coroa do reino paterno, Leão ficou privada das prerogativas de côrte, para sempre.

Viremo-nos para o centro e Nordeste.

§ 392. *Trovadores provençaes em Castella.* — A magnificencia e heroicidade de Alfonso VIII impressionava não só os trovadores já nomeados — *Bornelh, Vaqueiras, Vidal de Besalú, Savaric, San-Circ* e talvez *Gavaudan* — mas muitos outros, afamadissimos, oriundos de Catalunha e Provença.[7]) Os portugueses e gallizianos que o

---

1) *Sil rei NAnfos cui doptan li Masmut*
e'l meillor coms de la crestiantat
mandesson ost sobr' ls Paians sarrazins
trahidor, non a peccat non lur fos perdonat.

Pertence á poesia *Non pot esser sofert ni atendut,* attribuida de resto tambem a *Perdigon.* — Cf. Milá, p. 152; Balaguer, p. 60. O Conde podia ser Cabeça Brava.

2) *Per lieys*, segundo Milá, p. 155.

3) *Peire Bremon Ricas Novas* (Balaguer, p. 62) conta-nos que Sordello passou bem em Leão, partindo todavia agastado porque o reinante não lhe deu a *mula* que cobiçava.

4) Vid. mais àcima § 243 p. 373.

5) *Aram vai meills que no sol,* Bartsch, 3, 2. Cf. Mahn, *Biogr.* LVII.

6) Cf. Diez, *Leben,* p. 436. — Na canção: *Amors be-m platz e-m sap.* no *Parn. Occit.* p. 96.

7) Vid. Milá, p. 152—155; Lang, *Mod. Lang. Notes* X, p. 209—210; Balaguer, p. 59—61.

visitaram, lá se encontravam com *Guilherme de Cabestanh,* de romantica memoria;[1]) com o erudito *Peire Rogier de Alvernhe;*[2]) e com o don-juanesco gentilhomem *Guilherme de Berguedan*[3]) que sahiu da patria cerca de 1176, dizedor mais procaz ainda do que o Conde Guilherme IX de Poitou. Da boca de jograes ouviam os sirventeses viris de *Bertran de Born,* enviados ao valente rei de Castella, cunhado de Ricardo Cór-de-Leão, mas que nem por isso eram sempre testemunhos de sympathia.[4]) Verdade é — digna de nota para comprehensão dos meus calculos — que a maior parte veio tarde, entre 1195 e 1217. Assim *Folquet de Marselha,* auctor de uma energica proclamação a favor do vencido de Alarcos;[5]) *Uc de Mataplana* que desde 1207 batalhou na Andaluzia e tomou parte na grande acção das Navas, morrendo no anno immediato, na derrota dos Albigenses, ao lado de seu senhor natural, En-Peire II;[6]) *Aimeric de Pegulhan*[7]) o qual, apresentado pelo senhor de Berguedan,[8]) e grato aos muitos favores que recebia em Castella, dedicou ao monarca e aos barões encomios distinctos,[9]) chorando a prematura morte do infante D. Fernando (14 de Out. 1211), a do valente

---

1) Mahn, *Biogr.* VIII; F. Hueffer, *Der Trobador Guilhem de Cabestanh* 1869; E. Beschnidt, *Die Biographie des Trobadors Guillem de Capestaing und ihr historischer Wert,* Marburg 1879.

2) Mahn, *Biogr.* XXVI: *Anet s'en en Espanha ab lo bon rei NAnfos de Castella* (*daragon* segundo alguns mss.) — Cf. Appel, *Peire Rogier, sein Leben und seine Lieder,* 1882.

3) Mahn, *Biogr.* LXXXII; Milá, p. 284ss.

4) *Biogr.* XXXIV; Albert Stimming, *Bertran de Born, sein Leben und seine Werke*, Halle 1879; Milá, p. 89ss., 94 e 112. Não consta que estivesse em Castella.

5) *Hueymais no i conosc razó.* — Cf. Mahn, *Biogr.* VI. Milá, p. 118 transcreve outra *Biogr.* que contém uma extensa nota sobre a derrota de Alarcos e Alfonso VIII, e a affirmação que Folquet era „molt amics del rei de Castella"; Diez, p. 205 e 249; Hugo Pratsch, *Folquet von Marseille,* 1878.

6) Milá, p. 322ss.

7) *Biogr.* XVII e XLIX. — No *Grundriss* II[b], p. 174, onde tive de condensar em poucas linhas os meus materiaes, commetti o erro de collocar este trovador — que floresceu, segundo dizem, de 1205 a 1270 — na côrte de Alfonso VII.

8) *En Guillems de Berguedan sil acuillic et enausset lui e son trobar en la primeira chansson qel auia faita tant qel li donet son pafre e son uestir el presentet al rei amfos de castella lo qals lo crec dauer e darnes e donor et estet en aqellas encontradas lonc temps.*

9) Veja-se p. ex. a expressiva tornada da canção *Destreitz cochatz,* transcrita por Milá a p. 131.

En Diego Lopez de Haro, assim como o finamento do proprio monarca „que não tinha par entre reis e emperadores“.[1]) Do mesmo modo procedeu *Guiraut de Calanson*, gabando as suas virtudes e lamentando a desgraça que o feriu.[2])

Talvez lá avistariam tambem a *Ricardo de Barbesieux* (ou seja *Rigaud de Berbeziu* fl. 1200—1210), a quem o senhor de Biscaia deu refugio;[3]) e jograes da laia d'aquelle *Guilhem Magret* que morreu num hospicio hespanhol, nas terras dos Cameiros.[4])

§ 393. No ultimo periodo da lyrica provençal, desde que a guerra contra os »herejes« albigenses (1213), a Inquisição de S. Domingos de Guzman (1233), e a dura dominação de Carlos de Anjou (1245)[5]) iam excercendo a sua acção deprimente sobre os espiritos, o numero dos que cultivaram o *andar de Espanha*, persuadidos que a decidida protecção dos reis e barões peninsulares faria reflorir a arte, foi augmentando visivelmente. O brilho das gloriosas conquistas de S. Fernando, combinado com as graças de Jeanne de Ponthieu, assim como o amor pelas letras, sciencias e artes, documentado muito cedo por Alfonso, o Sabio, (e porventura pelos Infantes D. Fadrique e D. Arrigo), chamava de 1237 em deante, sabedores de todas as nações, não só aos paços de Toledo e Burgos, já antes d'isso visitadissimos, mas tambem a Sevilha, onde Fernando III permanecera até morrer,[6]) rodeado, mais uma vez o digo,

---

1) *Per* (ou *En*) *aquelh temps qu'el reis mori NAnfos*
e sos belhs filhs qera plazens e pros
el reis Peire de cui fon Aragos
e En Diego qu'era sabis e pros etc.

Bartsch, 10, 26.

2) Na canção: *Bel senher dieus quo pot esser sufritz* falla das saudades amargas que tinha:

del filh del rey de Castella prezan
don anc nulhs homs jorn no-s parti marritz.

Milá, p. 123; *Biogr.* LXXVII.

3) *Biogr.* XXIII: *El s'en anet en Espaigna al valent baron Don Diego e lai visquet e lai mori.*

4) *Biogr.* LXXXIII: *pois se rendet en un hospital en Espaingna en la terra den roiz peire dels Gambiros.* — Cfr. mais acima p. 578.

5) Troveiro, ainda assim como tantas outras testas coroadas! — Vid. *Randglosse* XIII.

6) No Cap. CCXXXVI da *Cron. Gen.* de 1344: *Del consejo que dio el juglar que avia nombre Paja al rey don Fernando sobre la partida de Sevilla*, impresso na *Col. Doc. Ined.* tomo CVI, p. 6, conta-se o seguinte: *acaescio que avia en Castilla un juglar a quien decian Paja e escuchavanle todos lo que decia e facia, ca todas las cosas facia el e decia con que*

de homens de côrte que soubessem trovar e cantar bem,[1]) e onde o successor instituiu uma como universidade ou academia.[2])

Nenhum monarca deu mais franco acolhimento aos trovadores do que Alfonso X, o Sabio, o liberalissimo, o poeta, o pretendente ao dominio da Gasconha, Eleito dos Romãos, procurado como em tempos Alfonso VII por principes e barões do Sul da França e Norte da Italia, seus vassallos e genros.[3]) A nenhum foram tecidos elogios tão enthusiasticos e tão numerosos em lingua d'oïl e d'oc e em italiano:

al bon rey qu'es rey de pretz car
reys de Castell' e de Leó . . .
reys de aculhir e reys d' onrar,
reys de rendre bon guiardo,
reys de valor e reys de cortezia,
reys a cuy platz joys e solatz tot l'an
quar el ten cort on fadiar
nos pot nulhs hom bos en son dó.

Claro está que parte importante cabia aos seus magnates e cavalleiros:

cort ses erguelh e cort ses vilania,
e cort on a cent donadors que fan
d'aitan ricx dos mantas vetz ses deman,
cum de tals reys qu'ieu sai quil lor queria.[4])

Eis a lista dos que positivamente foram hospedes seus e festejaram acções e qualidades suas: *Aimeric de Belenoi*[5]) que lá fora se lembrava com saudades do bello tempo passado na companhia d'aquelle que amava bons ditos e boas façanhas;[6]) *Arnaut Plagues* que via

---

tomasen placer, e este nunca se partia del rey don Fernando como se pagava del." — Este Paja levou o monarca ás torres mais altas de Sevilha para que se inteirasse tanto da formosura e enorme extensão dos dominios conquistados, como da insufficiencia dos povoadores novos e da necessidade de a côrte se fixar ahi durante annos.

1) Já aproveitei a p. 372, 461 e 658 os passos indicados da *Cronica* e do *Setenario*.

2) *Mem. Hist.* I, p. 54.

3) Além dos filhos de Jeanne de Ponthieu, meios-irmãos do reinante (Luis e Fernando), e dos tres herdeiros de Jean de Brienne e de D. Berenguela (Alfonso Conde d'Eu (*Do*), D. Luis, Conde de Belmont, D. João, Conde de Monfort) os que figuravam na sua côrte de 1257 a 1275 são: Hugo Duque de Borgonha; Gui Conde de Flandres; Henrique Duque de Lorena; o Visconde de Bearn, o Visconde de Limoges. *Mem. Hist.* I, p. 182, 185 etc. — Depois do seu regresso á França o Conde de Monforte ainda voltou como enviado de Luis IX em 1276 por causa da successão dos Lacerdas.

4) Bartsch, 154, 1.

5) Mahn, *Biogr.* XIV; Milá, p. 195.

6) *Ailas, porque viu lonjamen ni dura* (Bartsch, 9, 1).

em Alfonso o remediador nato dos danos causados á arte por ricos avarentos;[1]) *Bertran Carbonel, de Marselha;*[2]) *Bertran de Lamanon,* um dos que imitaram o famoso sirventês de Sordello;[3]) *Bonifacio Calvo,* já muito nosso conhecido;[4]) *Folquet de Lunel,* auctor dos elogios ainda agora transcritos;[5]) *Gauceran de San Didier* (ou *Leidier*);[6]) *Guilhem de Montanhagot,* e não *Montanhagut,*[7]) apreciador, como os demais, da liberalidade maravilhosa do rei-trovador *„ao qual agrada mais dar que prender,*[8]) mas que nem por isso deixou de censurar a sua morosidade em senhorear-se da coroa imperial, transformando assim em esperança bretonica (*atendemen . . de bretó*) os desejos de seus admiradores;[9]) *Nat* (i. é. *En At*) *de Mons, de Tolosa,* erudito que propunha ao astrologo preguntas scientificas, recebendo d'elle respostas, de resto muito escuras.[10]) Mas taes assuntos certamente despertariam a attenção dos nossos trovadores de amor e d'escarnho muito menos do que a famosa *Supplicação,* já repetidas vezes citada, pela qual *Guiraut Riquier de Narbona* provocou o decreto sobre a nomenclatura das varias castas de artistas,[11]) e menos do que as homenagens sinceras por esse, durante um decennio, tributadas exclusivamente ao monarca.

Entre os que, embora nunca o visitassem, tentaram de longe ganhar as suas boas graças, ou impellí-lo a cuidar do Imperio e de seu irmão vencido em Tagliacozzo, não passariam despercebidos *Bartolomeo Zorzi de Veneza, Paulet de Marselha, Raimon de la Tor,*[12]) nem tão pouco *Raimon de Castelnau, Peire Guilhen, Calega Panza,* nem aquelle *Bernart de Maensac* (Ravenhac, Rovenac) que desenhava

---

1) *Be volgra mi dons saubes* (Bartsch, 32, 1).

2) Cf. Diez, *Leben,* p. 474; Milá, p. 195.

3) *Biogr.* LIX. — *Lo segle m'es camjatz* (Bartsch, 76, 11).

4) Vid. p. 441 (a nossa *Biogr.* XXIX).

5) F. Eichelkraut, *Der Troubadour Folquet de Lunel,* 1872.

6) Não *Guilhem* (fl. 1180—1200), seu avô, como Lang imprimiu por engano. — Vid. Mahn, *Biogr.* XXXIII e LXXXV; Diez, *Leben,* p. 261.

7) *Muntaner,* ed. Stuttgart, p. 67. — O trovador recebeu herdades no repartimento de Valença, segundo o ultimo biographo de G. de M. (Jules Coulet, 1898).

8) ... *a qui plai mais donar qu'aisel que pren* (da poesia *Nuls hom no val,* Bartsch, 225, 10).

9) *Per lo mon fan l'us dels autres rancura,* Bartsch, 225, 12 (a 1258).

10) W. Bernhardt, *Die Werke des Trobadors NAT de Mons,* 1887.

11) Vid. mais àcima p. 637.

12) Vid. *Randglosse* XIII.

Alfonso como principe de mãos abertas, o qual, deixando a cobiça aos demais reinantes, reservava largueza para si só.[1])

§ 394. *Trovadores provençaes em Catalunha.* Ha provençaes com quem outros peregrinos de arte, vindos da Galliza e de Portugal, poderiam ter travado conhecimento nos estados catalães em tempo do rei-poeta Alfonso II (— 1196)[2]) e de seu filho En Peire II (— 1213) o qual, se não poetou tambem,[3]) protegia os poetas. Entre elles distinguirei apenas o nobre pensador *Ponz de Capduoill* (1180—1191)[4]), *Arnaut de Maruoil*[5]) e *Ramon de Miraval* (1190 — 1213). A familiaridade d'este ultimo com o regio protector permittia-lhe enviar por intervenção de jograes, e em nome d'elles, versos ligeiros e burlescos, como:

nostre reis aragonês
que val mais de tots los pros.[6])

Outros poetas de menos valor são *Gui d'Uisel, Uc Brunet, Guilhem Rainol, Guiraut de Luc.*

Quasi todos os trovadores que visitaram Alfonso X demoraram-se tambem na côrte de Jaime, seu sogro (1213 — 1276)[7]). Posteriormente na do successor En Peire III (1276 — 1285)[8]), adversario

---

1) *Lo reis NAnfos a laissat cobezeza*
als autres reis . . .
et a sa part elh a preza largueza

(da poesia *D'un sirventes m'es grans volontatz preza,* Bartsch, 66, 2). — Cf. Diez, p. 460; Milá, p. 180.

2) Vid. mais àcima p. 669, 670, 718.

3) Embora a tenção com Guiraut de Bornelh *Be-m plairia,* que lhe foi attribuida, seja obra do pae (vid. Kolsen 56) e posto que nas *Biographias* figure apenas Alfonso II (XLV), é bem provavel que tambem versificasse.

4) *Biogr.* V; Max von Napolski, *Leben und Werke des Trobadors Ponz de Capduoill* 1819 e 1880. — Na canção XIII *So c'om plus vol e plus es volontos* (Bartsch, 375, 22) diz p. ex.

Reis d'Aragon, francs, humils, de bon aire,
vos serves Deu de bon cor humilmen
el si' ab vos. . .

5) *Biogr.* XI.

6) *Biogr.* III e CIV; Milá 113. — Isto é, abstrahindo de Aimeric de Pegulhan, Azemar lo Negre, Bertran de Born, Guilhem de Berguedan, Guilhem Magret, Guiraut de Bornelh, Guiraut de Calanson, Peire Rogier, Peire Vidal, Raimbaut de Vaqueiras, Uc de San Circ. — Vid. Milá, p. 83 — 115 e 133 — 151.

7) Milá, p. 156 — 193 trata de Aimeric de Belenoi, Arnaldo Plagues, Bernardo Sicart, Elias Cairel, Gualberto de Puegsibot, Nat de Mons, Guiraut Riquier, Peire Cardenal.

8) Milá, p. 184: Folquet de Lunel, Guiraut Riquier, Paulet de Marselha, Paulo Laufranc de Pistoia.

temivel da casa de Anjou, conquistador da Sicilia, e poeta como os antepassados.[1]) Tratado nos primeiros tempos com pouca benevolencia, quando não com virulenta injustiça, pelos que haviam admirado a actividade prodigiosa do vencido de Muret e desejavam que o filho tambem se intromettesse nas discordias politicas da Gallia meridional (p. ex. *Bertran de Maensac, Bertran de Born, o Moço, Bonifacio de Castelhana* e *Sordello*), o conquistador de Malhorca e de Valencia viu posteriormente enaltecidos os seus feitos e a sua liberalidade por vates de lingua d'oc, mas tambem por gallego-portugueses como Pero da Ponte.[2])

De passagem seja memorado um poeta italiano que o visitou em 1260; pois posto que não viesse por amor á arte, mas antes como enviado de Manfredo, para contratar as bodas de Constança de Sicilia com En Peire III,[3]) não deixaria por ventura de tornar conhecidas em Barcelona as suas proprias obras e as dos seus mais afamados collegas da escola siciliana.

§ 395. Virando-me finalmente para o segundo problema, não o dou por resolvido. Pouco mais posso fazer do que repetir os topicos enunciados no fim do Capitulo VII e em principios d'este. Os factos historicos allegados por mim, e as illações conjecturaes que d'elles tirei, são insufficientes para estabelecer, se as relações com a França ou as com a Provença foram mais estreitas. Se os documentos que attestam um commercio pessoal entre peninsulares e trovadores são bastante numerosos, e poucos, pelo contrario, os relativos a troveiros vindos a Castella, Leão e Portugal ou que se occuparam lá fora de *coisas de Hespanha,* os cautos concluirão apenas que o interesse dos paises d'oïl pela politica dos Alfonsos era puramente platonico, em regra, comparado com o que inspirava nos paises vizinhos de lingua d'oc. E não deixarão de accrescentar que trato pessoal e commercio literario são duas coisas bem diversas.

Do conhecimento e da imitação propositada da obra tanto de troveiros como de trovadores, flagrante no conjunto, na parte technica

1) Não desdenhou tençoar com um seu servidor, *Peire Salvatje,* nas composições *Seigner reis qu'enamoratz par* (Bartsch, 357, 1) e *Peire Salvatg' en greu pesar* (Bartsch, p. 325, 1); Milá, p. 396, Diez, p. 480.

2) CA 466.

3) Zurita I, p. 172. — Chamava-se *Jacopo Mostazzo* ou *Mostacci*, de Pisa e era falcoeiro do monarca. — Cf. T. Casini, *Ital. Litt.*, p. 17.

e na mira ideal, nunca resultaram decalcos servis. Não ha producções gallaïco-portuguesas que possamos derivar inteiras de outras determinadas de trovadores ou troveiros. Ha, isso sim, concordancias de expressões, vocabulos, artificios metricos, motivos, generos, trechos soltos, ideias, espirito; ou digamos dos logares communs que formam a trama e urdidura da lyrica medieval toda, provençal e francesa. Em numero tal que a obra dos poetas peninsulares se compõe d'ellas e resume n'ellas.

Diez, e com muito maior desenvolvimento o editor das cantigas de D. Denis, apontou como modelos imitados poesias de amor dos trovadores: *Aimeric de Pegulhan, Arnaut de Maruoill, Bernart de Ventadorn, Bertran de Lamanon, Gaucelm Faidit, Guilhem de Montanhagol, Guiraut de Bornelh, Guiraut Riquier, Peire d'Alvernhe, Peire Cardenal, Peire Vidal, Perdigon, Ricart de Barbezieux, Rambaut d'Aurenga, Uc Brunet, Uc de San-Circ,* muitos dos quaes estiveram na peninsula entre 1150 e 1250, conforme contei. Eu, juntei mais alguns exemplos.[1]

Parallelamente, Lang e Jeanroy indicaram concordancias com poesias de troveiros, pertencentes ao ultimo terço de sec. XII e primeiro do sec. XIII.[2] Creio mesmo que, sommando os trechos até hoje colhidos nas obras não só de *Quenon de Bethune, Gautier d'Espinaus, Thomas Eriers, Jehan Erars, Thibaut de Blaison, Thibaut de Champagne* — isso é de poetas franceses de qualquer modo relacionados com Portugal, Castella, Navarra — mas tambem em canções de *Gautier de Dargies, Jacques de Cambray, Aubouin de Sezane, Adam de la Hale, Baudouin de Condé, Blondel de Nesle,* o *Chatelain de Coucy, Eustache de Rheims, Gace Brulé, Raoul de Soissons, Richard de Fournival,* a somma sahiria superior á das amostras extrahidas de cancioneiros provençaes.

1) Disse p. ex. que o pranto, vertido por occasião da morte de En Jaime por Matieus de Quercy, *Tant sui marritz que nom puesc alegrar*, talvez não passasse despercebido a Pero da Ponte e João de Leão. O exemplo de um Peire Busc (ou Basc), alias pouco conhecido, auctor de uns versos satiricos sobre as leis sumptuarias de 1234, levou porventura alguns portugueses a ridicularizarem os Regimentos de Alfonso III. Em outro logar fallei da Fabula da Chuva de Maio, contada por Peire Cardenal no sec. XIII, e no XVI por um poeta classico de Portugal, conhecido de Bembo, e que soube, parece, da actividade poetica dos provençaes e de D. Denis.

2) O proprio mestre havia reconhecido que os imitadores de cá tratavam as literaturas provençal e francesa como unidade inseparavel. *Denn französisch ist hier von provenzalisch nicht zu trennen.*

Os originaes de tres lais, que dei a conhecer, tambem são franceses, e esses foram *traduzidos*, linha por linha, não o devemos esquecer. Nem é indigno de nota o facto que muitos dos troveiros que estiveram pessoalmente na peninsula ou lá tiveram representantes como *Jean de Brienne, Thibaut de Champagne, Thibaut de Blaison, Quenon de Bethune,* cultivaram com espirito e graça, a *Pastorela,* tão aceita em França, e os generos de *refram.*[1])

Mas tudo isso são por ora casos isolados. Precisamos do estudo comparado, prometido por Lang. Sem elle, ficará em aberto o debate, se provençaes ou franceses actuaram mais directa e profundamente nos gallaïco-portugueses, ou se a influencia do sul foi mais sensivel na côrte castelhana, e a francesa na de Portugal. Embora esse resultado estivesse em harmonia com o que tenho exposto sobre as communicações politicas, dynasticas e commerciaes, não creio que tal separação seja exequivel. Antes sou de opinião que não iremos mais além do resultado geral: que a peninsula toda deve á Provença o impulso inicial para o cultivo da arte nos paços e tambem o primeiro ensino technico; mas que o influxo da França a desbancou tambem no campo lyrico, desde o dia em que o exemplo das pequenas côrtes meridionaes desencadeou no Norte aquella productividade espantosamente fertil — *effroyablement féconde* — a que me tenho referido, caudalosa e communicativa a ponto tal que ao cabo de um seculo a adaptação prevalecia em toda a linha, mesmo na Provença.

Não desdiz o que notei mais àcima com respeito á maneira dos trovistas mais antigos de Portugal. Esses cingiram-se um pouco mais de perto ás regras de arte dos provençaes do que os posteriores. Adoptaram uma concepção da vida mais ideal e cavalheiresca. O *protocollo* da *mesura* ainda não era no tempo de Sancho I regulador supremo da conducta do bom cortesão. Não fixaram desde logo como parca medida normal da canção de amor, quatro ou tres estrophes,[2]) nem como medida das *cobras,* meros sete versos. Nem

---

1) Vid. Cap. I, p. 70—80. — É obvio que eu não podia emprehender um trabalho, já meio-executado por um amigo e confrade, de competencia tal que o seu livro sobre os Trovadores gallego-portugueses — é justo augurá-lo — ha de correr parelhas com os escritos fundamentaes de Gaspary, Cesareo e Gorra sobre a escola siciliana.

2) Na cantiga **CV 1170**, o auctor designa como medida normal *tres ou quatro cobras.*

tão pouco introduziram immediatamente na cantiga de mèstria o caracteristico da lyrica indigena popular, de o pensamento enunciado na estrophe inicial ser repetido em todas as seguintes. Por terem aceitado essas e outras peculiaridades da casta e virginal musa gallego-portuguesa é que os trovistas aristocraticos, pertencentes ao reinado do Bolonhês, pouco letrados, amigos da clareza, favorecedores de generos simples, planos, declarados, faceis de fazer e faceis de entender, parecem e são troveiros á moda francesa, mais do que trovadores feudaes da Provença.

Se a França do Sul havia prestado á civilização o serviço de criar as formas artisticas, em que o moderno espirito lyrico havia de vasar as suas concepções, envolvendo em um nymbo de affectuosidade e ternura piedosa os impulsos sexuaes, se ella deu assim cunho artistico e de intellectualidade á vida das altas classes sociaes, a França do Norte prestou outro quasi tão grande, generalizando-o, i. é transmittindo ao mundo culto não só, como até ahi, o saber scientifico, theologal e philosophico da idade-media, a materia epica, e com ella o espirito de cavallaria, mas tambem instituições palacianas, regras de cortesia, a theoria do amor que nobilita, e com o culto das virtudes urbanizantes do bello sexo, o gosto da arte de trovar. O mundo já preparado para este fim, esse ... *prenait le beau français à pleines mains.* A elegancia francesa (*elegantia francica*)[1]) era proverbial desde fins do sec. XI. Quanto vinha de Paris era *de bel air.* A lingua d'oil tornou-se corrente entre os principes desde a epoca das cruzadas, um verdadeiro idioma internacional, *franco,* das côrtes. Todos a gabam como polida e clara: *la plus delitable a lire et a oir.*[2]) O seu vulgarismo aprazivel — *facilior ac delectabilior vulgaritas* — [3]) era bem acolhido *pour ce que la parleüre françoise est la plus gracieuse et delictable de tous les autres*[4]) *languages et par conséquent la plus commune entre tous les princes chrétiens.* Na peninsula os dynastas, filhos e netos do *Conde Don Anrric e Conde Don Ramon,* fallavam francês sem duvida alguma, e entendiam o sufficiente das linguas d'oc para

---

1) Groeber, *Lat. Litt.*, p. 184.

2) P. ex. Martim de Canale, chronista veneziano do sec. XIV.

3) É o Dante quem o diz.

4) Ou: *plus delitable, plus aornée et plus commune à toutes gens,* no dizer de Brunetto Latini.

apreciarem a obra dos trovadores.[1]) Nas suas entrevistas com chefes dos cruzados de 1147 a 1217, e com reinantes de Aragão em 1160 e 1196, empregariam uma ou outra, conforme as circumstancias — já ficou dicto que Alfonso II de Aragão e Ricardo Cor de Leão poetavam em francês. Muitos dos cortesãos peninsulares, quando não todos, seguiriam o exemplo. Quero dizer que todos fallavam, com mais ou menos correcção a lingua d'oil, emquanto da lingua d'oc, illustre ou classica, faziam objecto de estudo apenas os que queriam ser cultores da arte trovadoresca.

§ 396. O *problema chronologico*, esse ficou satisfactoriamente resolvido. Os cimelios da lyrica, hoje subsistentes, são de perto de 1200: datei a mais archaïca de 1189; outra de 1199; mais outra de 1211. No ultimo decennio do seculo, dois provençaes haviam empregado a falla gallego-portuguesa, como linguagem typica da lyrica palaciana dos peninsulares, naturalmente em tentativas imperfeitas.[2]) Entre 1210 e 1214 ella dispunha de cultores esmerados muito longe da raia e do centro, em Biscaia e Navarra. Foi portanto no ultimo quartel do sec. XII que a arte trovadoresca começou a dar os primeiros frutos, de sementes lançadas de 1158, ou mesmo de 1135 em deante. Isto é, quando em Portugal reinava Sancho I; em Castella, Alfonso VIII; em Leão, Fernando II. Esse meio-tempo, uma idade de homem, creio-o sufficiente para preparo de um terreno, bom e fertil em si, e provavelmente já cheio de espontanea vegetação rustica, em versos sacros e profanos. Imitar leva menos tempo do que inventar, e os portugueses teem fama de insignes imitadores e faceis aceitadores de novidades.

De Fernando II de Leão e de Alfonso VIII de Castella, — supposto amante da Judia de Toledo, e de 1176 em deante cunhado de Ricardo Cor de Leão — já dei algumas informações. Devo agora

1) Não é ociosa a pregunta, qual seria o romanço fallado por D. Affonso Henriques. A Borgonha, patria do Conde, seu pae, e de muitos dos aventureiros que o acompanharam ou sobrevieram posteriormente, pertencia aos paises franco-provençaes; a Saboia, patria da mulher, aos de lingua d'oc. Em todo o caso, o conhecimento de qualquer dialecto francês habilitava para a comprehensão de ambas as linguagens lyricas. Quanto ao idioma que tinha em mente o auctor da *Chron. Goth.* (*P. M. H. Script.*) quando o chamou *lingua eruditus*, creio ser o do seu povo, visto que o aio, o famigerado Egas Moniz, era portuguesissimo.

2) É inacreditavel que estrangeiros dessem o exemplo. Empregando nas côrtes de Hespanha e no Norte da Italia o idioma gallego-português, seguiam apenas um uso já sanccionado.

caracterizar o monarca português a quem devemos, parece, a introducção da poesia de amor e de escarnho nas aulas regias.

O pae, Ibn-Errik, pode ter ouvido e ouviu provavelmente o eco das vozes de *Marcabrum* e *Peire de Alvernhe*, exactamente como o primo Alfonso Raimundez. No seu longo reinado e mesmo no do Conde borgonhês viu, de certo, jograes de côrte, vindos para fazer alegria e solaz, mas á moda antiga, i. é tangedores de instrumentos, saltimbancos e gymnastas. Occupado com a libertação e engrandecimento do pais, em constante lucta sangrenta contra o Mouro, contra o suzerano leonês, contra os condes gallizianos e contra a propria mãe, não lhe sobejavam horas de ocio.

Sancho I tambem era guerreiro estrenuo e infatigavel, tão feliz nas suas conquistas que chegou a intitular-se rei de Portugal e do Algarve. Ainda assim teve periodos em que pôde respirar e folgar, maugrado a luta acerrima que moveu contra a igreja, e apesar das pestes e fomes que assolaram Portugal.[1]) O seu reinado é o unico da época trovadoresca em que não se ateou guerra civil nem houve expatriações. Do cuidado que lhe mereceu o bem-estar do povo dá prova o honroso sobrenome de *Povoador* ou *Lavrador*. Em todos os seus actos politicos documentou o alto apreço em que tinha a civilização dos seus maiores. Satisfeito com a influencia dos colonos e prelados francos, chamados por elle e pelo pae, enviava ecclesiasticos nacionaes á Italia, para em Bolonha estudarem direito (vg. Mestre Julião, seu chanceler), medicina em Montpellier (vg. Mestre Nicolau), theologia em Paris. Existe uma carta de (14 de Set. de 1192), pela qual Sancho outorga ao Mosteiro de S. Cruz 400 morabitinos para sustentação de cruzios em França.[2]) De dois estudantes em viagem para lá consta que seus haveres haviam sido presa de piratas ingleses e que, reclamando o seu

---

1) Os chronistas registam grandes fomes occorridas no lustro de 1202 a 1207 (*magna fames qualis non fuit ab initio mundi*).

2) *Ad sustentationem canonicorum eiusdem monasterii qui in partibus Galliæ studiorum causa commorantur.* Vid. Silvestre Ribeiro, *Estabelecimentos Scientificos de Portugal* (Lisb. 1871) vol. I, p. 11. Infelizmente, a fonte onde hauriu a noticia (a *Chronica dos Conegos Reinantes* por D. Nicolau de S. Maria, Parte II, Livro VII, cap. 15), não é muito boa. É costume affirmar ainda, com esse mesmo historiador, que desde a fundação do Mosteiro de S. Cruz havia vigorado a pratica de alguns conegos irem estudar em França. Nomeia-se mesmo um D. Mendo Dias que não só cursou theologia mas tambem medicina, sciencias que depois ensinou a S. Frei Gil, o Fausto português.

peculio, foram indemnizados por Henrique III. Mas isso no reinado do successor (1225).[1]

Quanto á indole e aos habitos do reinante, os documentos mostram que, adaptando-se aos costumes nacionaes, toureava e entrava em corridas de cavallos,[2] sendo além d'isso amicissimo da falcoaria.[3] De grande emotividade erotica, pagou farto tributo á galantaria do seu tempo. O leitor conhece duas das barraganas, por elle introduzidas no talamo regio, em vida de Dulce de Aragão († em 1198, a 1 de Set)[4]: D. Maria Ayres de Fornellos e D. Maria Paes Ribeira, assim como a preclara prole de ambas, reconhecida em vida e na hora da morte por fartas doações.[5] A ultima amiga logrou ascendente tão extraordinario e prolongado sobre o genio

1) Vid. Fr. Michel, *Les Portugais en France*, p. 101.

2) *Solebat mactare suos tauros et currere caballos et ambulare et ludere.* Inquir. de 1258, Livro III (inedito) f. 127. — Cf. Herc. III, p. 381 Nota 1; Gama Barros I, p. 425.

3) Numa das suas Epistolas, relativas ás violencias praticadas por Sancho I em desfavor do clero (Livro XIV Epist. 8), o Papa Innocencio censura o facto de el rei haver injustamente obrigado os clerigos a sustentarem-lhe cães e aves de cetraria (açores, gaviões e falcões). Vid. Herc. II, p. 135. Esta censura provocou a provisão impressa em *P. M. H., Leges* (p. 162). Outra do successor ordena que os mesquinhos não dem aljavas para os falcões reaes.

4) A respeito de D. Dulce e do genio impetuoso e ciumento de Sancho I corre uma anecdota, assente, em vida do monarca, por Walter Mapes, curiosa, posto que talvez seja mero eco de uma lenda. No livro *De Nugis Curialium Distinctiones quinque* (publ. pelo unico ms. da Livr. Bodleiana, em Oxford, por Thomas Wright, em serviço da *Camden Society* no anno 1850) o sabio inglês conta no cap. XII: *De rege Portingalensi,* como Sancho fora induzido por alguns dos seus familiares, cheios de inveja e raiva contra um valido formosissimo e valente, a suspeitar da fidelidade d'esse e da rainha, e a cevar o seu odio em ambos de um modo feroz, ficando inconsolavel ao reconhecer a innocencia dos dois e a perversidade dos calumniadores.

5) Vid. mais àcima p. 527 e 592 ss. Não entro em pormenores sobre leis e ordenações relativas ás *barraganas.* Quem queira conhecer os casos apontados nos nobiliarios encontra a lista dos principaes na obra de Gama Barros I, p. 417—419. Apraz-me registar apenas o formoso e altivo epitaphio em que Ximena Nunez, barragana de Alfonso VI, fallecida em 1128 e enterrada no mosteiro de S. Andres de Espinareda (no *Bierzo de León*), mãe das Infantas Teresa e Elvira, avó portanto de Affonso Henriques e Alfonso Jordão de Tolosa, confessa e cohonesta o ardente amor que o regio amante lhe inspirou, alludindo á viuvez do monarca e ás suas virtudes:

Alfonsi vidui regis amica fui.
copia, forma, genus, dos, morum cultus amoenus
me regnatoris prostituere thoris.

É pena que no convento do Bouro (a meio caminho de Braga ao Gerez), onde jaz a Ribeirinha, não haja inscripção que se lhe possa comparar.

impetuoso do envelhecido monarca (de 1189 a 1211) que os bispos do Porto e de Coimbra, por elle perseguidos, considerando-o perigoso e heretico, levantaram celeuma. Aos ouvidos do papa chegou a queixa que uma feiticeira ou agoureira — *pythonissa* no latim curial — era quotidianamente consultada pelo rei de Portugal.[1]) Essa feiticeira, „branca e vermelha" na pobre descripção d'aquelle poeta aulico que pretendia obter vestes de escarlata, como distinctivo da sua posição privilegiada, é, conforme tenho narrado, não só mãe do trovador *D. Gil Sanches* que já poetava em 1211 (**CA 392**), mas tambem inspiradora das mais antigas composições gallego-portuguesas que me atrevi a datar: **CA 38** e 37 de *Pay Soares,* do anno 1189; **CB 454**, do proprio *Sancho o Velho,* do anno 1199, se a rubrica, mal copiada por Colocci, e a interpretação que lhe dei, merecerem fé.

Quer fosse poeta, quer não, Sancho gostava de rir das truanices com que o entretinham mimos, mómaros[2]) ou histriões da sua côrte, no periodo em que *Pay Soares* já funccionava como poeta regio. Temos testemunho d'isso e de como recompensava generosamente as habilidades musicaes, gymnasticas e mimicas de jograes.[3]) Foi no anno 1193 que o rei, com sua mulher e filhos, fez doação de um casal em Canellas (de Poiares do Douro), de quatro que ahi possuia, a dois artistas de origem gallica, a julgar dos nomes *Bonamis* e *Acompanhado* (*Aconpanniado*), para elles e seus descendentes.[4])

---

1) Na bulla *Si diligenter,* de 23 de Fev. de 1211, o papa Innocencio, referindo-se ás queixas do bispo de Coimbra diz: *ceterum in animæ tuæ periculum detinens phitonissam excommunicatos defendis usurarios atque ecclesiæ inimicos* etc. Mais abaixo diz que o bispo de Coimbra o admoestara a elle rei *ut dimitteres phitonissam quam quotidie consulebas.* Gama Barros I, 431, ao citar os dois passos accrescenta: „talvez que a supposta feiticeira fosse a amasia do rei, Maria Paes, cuja preponderancia no animo de Sancho desagradasse ao prelado queixoso", opinião que faço minha.

2) *Mómaros* é nome que ainda hoje dão na Galliza a certos pantomineiros tradicionaes de feira, os quaes costumam apresentar-se juntamente com os afamados *xigantones.*

3) Figueiredo, *Nova Malta* I, p. 294; *Doc. Hist. Port.* Nº 229 e 262; Amaral, *Mem. da Acad. Hist.* VI, 2, p. 149, Nota 1; S. Rosa de Viterbo, *Elucidario* s. v. *arremedilho;* Gama Barros I, p. 56, 425, 430; Th. Braga, Gil Vicente, p. 11 e 59 da ed. de 1898.

4) A doação foi confirmada em 1220 por Alfonso II a Bonamis e seus sobrinhos, filhos de Acompanhado. Muito mais tarde, em 1290 *„o casal do jograr que avia nome Bonamis,"* foi mencionado nas Inquirições de D. Denis.

Pela confirmação (robora) do respectivo documento[1]) os artistas haviam de pagar ao rei seu senhor, como novo documento do seu saber, um jogo de escarnho, entrudada, folia, entremês, farça ou pantominice, emfim um *arremedilho,* como então se dizia:[2]) *Nos mimi supranominati debemus domino nostro regi pro roboratione unum arremedillum.*

§ 397. Abro parenthese para algumas observações a respeito do genero. A julgar pelo nome[3]) e pelas informações ministradas pelo Sabio de Castella em tres das suas obras, a parte mais importante do *arremedilho* era mimica. Pelo outro lado parece que esse mal teria logrado a honra de ser registado num documento da chancelaria regia, se fosse simples imitação caricaturesca, sem musica, dança, nem palavras, inventadas *de novo* e assentadas por escrito. Talvez algum dialogo burlesco entre os dois farçantes, destinado a caracterizar mais perfeitamente as figuras representadas.[4])

Vejamos os trechos a que alludi.

---

1) Se ao fallar das vestes de escarlata, ambicionadas por *Pay Soares,* me lembrei das vestes de pelle, dadas de presente, a 12 de Nov. de 1203, em Zeißelmauer sobre o Danubio, ao grande e pobre *Walther von der Vogelweide,* a generosidade de Sancho I recorda a acção praticada pelo emperador Frederico II, preclaro protector das musas sicilianas, a favor do mesmo insigne poeta de amor da Germania medievica. E tambem o grito de jubilo com que elle acolheu a pequena *herdade* de Würzburg: *Ich hab' ein Lehen! alle Welt, ich hab' ein Lehen!* — Alfonso X tambem premiou de modo identico alguns dos seus poetas. No Repartimento de Sevilha couberam casaes a varios literatos da sua casa, cujos nomes por certo significativos, deram, dão e darão margem a supposições aventuradas. Com proposito diverso contei que lá figuram, entre os clerigos e criados del rei, o chantre *Pero Abad;* o escrivão Nicolas *de los Romances;* Domingo *de Troya;* Maestro Nicolas; e Juan *de las Tablas!* — Cf. p. 538, 629 e 718.

2) A robora usual consistia em carneiros (de 1 a 11), cavallos e esporas, ou em dinheiro (5 a 11 morabitinos). Vid. Gama Barros I, 56.

3) *Arremedilho* vem de *ar-remedar* > *re-imitare.* — Cf. **CM 293**, rubrica e estr. 2 e 3. No refram da mesma cantiga *remedar* é substituido por *contrafazer.*

4) Não me parece ter base alguma a supposição de Schack (I, p. 105) que em taes representações primitivas um jogral recitasse um romance, ou coisa parecida, emquanto outro ou outros representavam a acção descrita no texto. Acerca dos *mômos,* que tambem eram representações mimicas, acompanhadas de dança figurada e algumas vezes de palavras apropriadas ao caracter das pessoas representadas, veja-se Th. Braga, *Gil Vicente,* p. 58ss.

1°. Varias vezes tive de fallar da contestação, promulgada em nome do Castelhano, á supplica de *Guiraut Riquier* (1275), e relativa aos diversos titulos, indistinctamente dados na Provença e Hespanha ás variadissimas castas de *joculatores* do sec. XIII.[1]) Alfonso decidiu que lá fóra fossem chamados *histriones*, todos os tocadores de instrumentos musicos;[2]) *inventores*, aquelles que poetavam; *joculatores*, os saltimbancos e tregeitadores; *bufones*, os infimos que entretinham o povileu. Ao mesmo tempo referia e louvava o costume peninsular, segundo o qual competia o nome de *juglar* ao musico em geral; o de *segrel* ao trovador que peregrinava de côrte em côrte; o de *remedador* ao que contrafazia:

> — *et als contrafazens*
> *ditz homs reme(n)dador* —[3])

e *cazurro* ao pultriqueiro que vil e deshonestamente exercia o seu mester, i. é ganhando dinheiro, pouco e mal, nas praças e tabernas, fazendo saltar macaquinhos, cabritos, perros, representando com titeres, remedando vozes de passaros, e dizendo disparates com palavrões para regozijo da arraia miuda.

2°. Numa das suas *Cantigas*,[4]) o rei-poeta (ou algum dos seus collaboradores) conta-nos a historia de um jogral-remedador, *buffo* da Lombardia que exercitava o seu mester, imitando na perfeição pessoas vivas, e recebia do publico, certamente aristocratico, deante do qual representava, dadivas de alto preço:

> *que atan ben remedava*
> *que avian én sabor*
> *todos quantos lo viian*
> *et davan-lhe con amor*
> *panos et selas et frẽos*
> *et outro muito bon don* (**CM 293**).

Enfatuado por estes favores, lembrou-se um dia de, impudente, contrafazer na attitude do corpo e pela expressão do rosto — pro-

---

1) Vid. p. ex. p. 472, 637 e 650. Cfr. Milá p. 230 ss.; Diez, *Poesie*, p. 304.

2) Creio que o levava a falsa ideia de *histriones* e *instrumentos* serem afins, etymologicamente.

3) A variante equivoca *remendador* tem a predilecção de Th. Braga, que a repete a miudo. Vid. *Gil Vicente*, p. 25.

4) **CM 293**. — Cf. *Contest.* v. 134—135.

> *hom los apel bufos*
> *co fa en Lombardia* . . .

vavelmente byzantinamente toscas — uma imagem da Virgem com seu filho nos braços. Sacrilegio, em castigo do qual Santa Maria lhe torceu a boca e o braço.[1])

3°. Como legislador o Sabio tratou dos *remedadores* nas *Sete Partidas.*[2]) Distinguindo entre *remedadores e facedores de zaharrones* de um lado, os quaes publicamente andam pelo povo, cantando e bailando ou fazendo jogos por dinheiro, e do outro lado musicos que tangem instrumentos e cantam para solaz seu e dos amigos ou dos reinantes e outros grandes senhores, declara vil e infame o mester dos primeiros, exactamente como na Contestação.[3])

Em vista d'isso, e como entre os dizeres de escarnho, conservados nos Cancioneiros, não ha um unico que possamos imaginar acompanhado de momices, concluo que *Bonamis*[4]) e *Acompanhado* não eram auctores de cantigas trovadorescas, mas actores e musicos executantes: jograes pelo estylo velho, que acompanhavam quando muito os seus *arremedilhos* com dictos burlescos *em prosa,* ás vezes improvisados, ás vezes combinados com antecedencia.[5])

---

1) Na estrophe 3ª designa pelo subst. *remedilho* (*fazer remedilho*) a acção escarnicadora por elle praticada.

2) *Part.* VII, 6. 4. Confiram-se os trechos da *Part.* I Tit. 6, § 34 onde se prohibe que os clerigos sejam „fazedores de jogos de escarnho" e I, 6, 36 dirigido contra os clerigos e outros homens que *remedam* religiosos, e fazem jogos de escarnho em habito de monje.

Eis o primeiro: „[Clerigos] non deven jugar dados nin tablas nin embolver-se con tafures nin atener-se a ellos, nin deven ser fazedores de juegos de escarnio porque los vengan a ver las gentes como se fazen. E si otros omes los fizieren, non deven los clerigos y venir, porque fazen y muchas villanias y desaposturas. Nen deven otrosi estas cosas fazer en las eglesias; antes dezimos que los deven echar d'ellas deshonradamente a los que lo fizieren ca la eglesia de dios es fecha para orar e non para fazer escarnio en ellas. Pero representacion yaque pueden los clerigos fazer: *Nascencia, Tres Reyes Magos, Resurreccion*".

3) Cfr. Schack, *Dram. Litt.*, vol. I, p. 95, 105, 109; Menendez y Pelayo, *Antologia* VII, p. 78 e 261; Am. de los Rios IV, p. 560 e 561.

4) Alfonso X teve um escrivão de nome igual: *Bonamic* (forma limosina). Mas esse era cavalleiro. Por ventura sobrinho e afilhado do luso-franco? — Vid. **CM 375**: *Como Santa Maria do Porto guariu un cavalo d'un escribano del Rei.* — Para completar uma Nota anterior direi ainda que a outro dos seus escrivães, habil miniaturista, que pintava livros e *lia aginha,* o rei prometteu uma herdade. E não lha deu, unicamente porque Pedro Lourenço preferiu um posto lucrativo em Vila-Real.

5) A moda dos *arremedilhos* perdurou. No sec. XV eram acompanhados de texto. Subsiste uma carta de perdão de D. João II, datada de 23 de abril de 1482, a favor de um goliardo (estudante prêgador, ou escolar em artes) que preso por qualquer delito, *por espaçar* havia inventado e representado

§ 398. Fechando o parenthese, darei a conhecer algumas historietas relativas a jograes e, em parte, simultaneamente a Sancho de Portugal, narradas pelo rei de Castella.[1]) Infelizmente nenhum traço ajuda a determinar seguramente, se pensava em Sancho I, como creio, ou em Sancho Capello.[2])

A primeira trata de um jogral-tafur, mao e rafece, que em Guimarães jogava os dados, perdeu, e descreu por isso de Deus, arrenegando de S. Maria.[3])

Assunto da segunda é o procedimento do clerigo-trovador português, de Alemquer, valido del rei D. Sancho, que mencionei mais àcima.[4]) Esse havia composto na sua juventade versos de amor e coplas de maldizer, mas posteriormente transformou-se em jogral de Deus e de S. Maria, escrevendo canticos religiosos, exactamente como o proprio Sabio de Castella e tantos clerigos-jograes da Provença. Esse ecclesiastico:

> *que sas cantigas fazia*
> *d'escarn[n]o mais ca d'amor*
> *et era d'aquela vila*
> *d'ũa eigreia prior:*
> *et Martin Alvitez nome*
> *avia, se Deus m'ampar,*[5])

fez incendiar uma capellinha, mais visitada por romeiros do que a sua, *porque da sua eigreia perdia a oblaçon.* Castigado com

---

algumas graças (escarnhos e despreços á santa madre igreja e aos officios divinos), prègando como italiano, dizendo a paixão de um frade e uma freira, e remedando Judeus. No ultimo arremedo, elle como unico actor fallando *em som de missa,* havia imitado, varios personagens: um capellão, um rabbi, um juiz, uns tabelliães, e o alcaide. Vid. Th. Braga, *Gil Vicente,* p. 35 ss.

1) Alfonso occupou-se tambem de trovadores e jograes da Provença. P. ex. de um trovador de Gasconha que motejava de todo o mundo. Preso por Simão de Montfort promette trovar exclusivamente versos sacros, em louvor da Virgem (**CM 363**). Já fallei de *Pedro de Sigrar,* jogral devoto de S. Maria de Rocamador, a qual fez descer uma candeia (= vela) sobre a sua viola por elle tocar e cantar lais (**CM 8**) deante da sua imagem, com entranhada afeição.

2) É d'este, neto do Velho, que Alfonso X trata na cantiga **CM 235**.

3) **CM 238.** — Cf. **CM 291** onde se encontra repetida a mesma rubrica, por engano. Os reinantes do sec. XII e XIII tiveram de promulgar mais de uma vez leis e decretos contra jograes, histriões e mimos e contra os que arrenegavam de Deus.

4) Cap. VII, p. 622.

5) **CM 316.**

ceguoira, arrependeu-se, reconstruiu a ermida, recobrou a vista, e jurou então á Virgem que não mais trovaria versos profanos:

Sennor, eu fol
fui de que trobei por outra
dona, ca niũa prol
non ouv' i aa mia coita;
por en te venno iurar
que enquant' eu vivo seia
nunca por outra moller
trobe nen cantares faça
oymais, ca non m' á mester,
mais por ti direi de grado
quanto ben dizer poder
e de aqui adeante
quero ia por ti trobar.

Essas duas historietas não estão aqui fóra de proposito, nem são estereis para os nossos fins, como se verá no paragrapho immediato.

Para findar com o problema chronologico lembro que as datas, fixadas para o desenvolvimento da arte trovadoresca no extremo occidente, coincidem com as que a critica assignou ao desensolvimente da mesma no extremo sul da peninsula italica.[1]) O parallelismo vae todavia mais longe. Essa lyrica que desabrochou perto de 1190[2]), e teve o seu centro em Palermo, na côrte igualmente semi-oriental do Emperador Frederico[3]), tambem não empregava a lingua-d'oc, mas exclusivamente o romanço nacional da Sicilia. O Emperador, casado como Sancho I com uma princesa da casa de Aragão (Constança),[4]) deleitava-se como elle na composição de versos de amor.

---

1) Vid. A. Gaspary, *Die sizilianische Dichterschule des 13. Jahrhunderts,* Berlin 1878, Trad. ital. de S. Friedmann, Livorno 1882; G. A. Cesareo, *La poesia siciliana sotto gli Svevi,* Catania 1894; T. Casini, *Lett. Ital.* em Groeber, *Grundriss* II[a], p. 14ss.

2) Cesareo crê composta em 1205 certa canção de um dos mais archaïcos poetas aulicos. E embora a sua exposição não fosse geralmente applaudida, foi aceita a these generica de as poesias do segundo decennio do sec. XIII revelarem firmeza tal no ritmo, nas rimas cultas e na esbeltez da feitura que devemos acreditar numa longa preparação anterior.

3) Do interesse do emperador pela sciencia arabica dá prova a sua correspondencia com Ibn-Sabin de Murcia. Cfr. Schack, *Poesie und Kunst der Araber* II, p. 151ss.

4) Primo direito de Beatriz da Suabia, Frederico nasceu 1194 em Jesi (patria de Colocci), foi coroado como rei da Sicilia em 1195 e em 1220 como emperador, eleito em 1215. Regressando no anno 1220 á Italia tentou transformá-la numa unidade ghibellina, provocando assim o odio implacavel da curia.

Scribere et cantare sciebat et cantilenas et cantiones invenire.[1]) Como na peninsula, refulgiam nos circulos que o secundavam, não só filhos seus, *Enzo* ou *Enzio* e *Frederico*[2]) e primeiros funccionarios do estado (o chanceler *Pier delle Vigna,* o notario *Giacomo da Lentino*) e magnates nacionaes, mas tambem artistas vindos de terras não sicilianas — Pisa, Roma, Siena, Arezzo —[3]) de sorte que o Dante pôde dizer da mais antiga lyrica italiana pouco mais ou menos o que o marquês de Santilhana disse dos dizedores e trovadores peninsulares. Se este affirmava que os poetas hispanicos se serviam do idioma gallego-português, comquanto fossem leoneses, castelhanos da Estremadura ou da Andaluzia, aquelle escrevia: *quia regale solium erat Sicilia, factum est ut quidquid nostri prædecessores vulgariter protulerunt, sicilianum vocetur.*[4])

§ 399. O quarto problema — quaes os focos ou o foco onde a poesia palaciana desabrochou primeiro — tambem parece de facil resolução. Se a Galliza do Norte não constituia um reino independente com monarcas seus e côrte sua, mais infeliz que a Galliza do Sul que se tornára autonoma; se o idioma unico da lyrica peninsular era o gallego-português; e se as poesias mais antigas a que nos é dado assignar data aprossimativa, se referem a personagens de Portugal e são obra de portugueses, esse foco foi naturalmente a côrte portuguesa.

A essa conclusão, logica na apparencia, podem todavia ser feitas objecções graves. 1°. Gallizianos e Portogaleses são o mesmo povo, ethnica e lingüisticamente; só politicamente a Galliza pertencia ao reino asturico-leonês. 2°. Portugal não era a principio outra cousa senão a metade-sul dos condados gallizianos e gravitava naturalmente em assuntos ethicos e estethicos para o reino-pae. 3°. A capital d'este, centro de cultura secular — cuja importancia tenho posto em devido destaque — era visitadissima por Francos e Aquitanos, magnates e trovadores, emquanto Portugal, em cuja independencia definitiva poucos acreditariam no sec. XII, e mesmo no XIII, não tinha residencia fixa, nem attrahia artistas.[5])

1) Salimbene de Parma, *Cron.*, p. 166 (Groeber, *Lat. Litt.,* p. 297).
2) Vid. § 373.
3) Vid. *Randglosse* XIII.
4) *De Vulg. Eloq.* I, p. 12.
5) O titulo *el rei* ainda hoje documenta essa origem historica, a pesar de todas as tentativas de bons patriotas de o explicar phoneticamente.

D'ahi a suspeita natural, por mim formulada, ha tempos, no meu primeiro escorço de literatura portuguesa,[1]) que a côrte de Alfonso IX e Fernando II, cuja liberalidade e animo galhofeiro vimos louvar por historiadores patrios e trovadores provençaes, fosse o primeiro centro de arte palaciana e que portugueses, aparentados com dynastas e magnates leoneses, refugiados ou amicalmente hospedados em Leão, occupando ás vezes os primeiros postos aulicos e na administração, aprendessem ahi a arte de trovar, em contacto directo com trovadores e jograes da Provença. Não esqueçamos o adagio sobre Mahomet e a montanha.[2])

Se realmente fossem obra de Alfonso IX (n. 1171), como então pensava, algumas das alegres cantiguinhas cynegeticas, com tão pouca clareza attribuidas a *El Rey Don Affonso de Leon,* e tão insufficientemente separadas das de Sancho I de Portugal que as precedem e das de Alfonso X que se lhes seguem, a minha hypothese, aceita por uns e rebatida por outros, seria justificada.[3]) Os resultados novos a respeito da cantiga da guarvaya, sollicitada da favorita de Sancho I, e a respeito d'essas mesmas cantiguinhas cynegeticas,[4]) e do cantar de amigo, mandado por Sancho I da Guarda á Ribeirinha, e principalmente o genero e a forma popular d'este curioso especimen, tão differente das canções aristocraticas dos trovadores provençaes, levam-me a hoje preferir o alvitre igualmente natural que ondas de poesia popular, sahidas do coração palpitante da Galliza, haviam attingido ao mesmo tempo o sul (Portugal) e o leste (Leão), despertando em ambos os reinos o proposito de, procedendo como provençaes, catalães e franceses, darem á vida aulica um nimbo poetico de intellectualidade e de arte por meio da cultura da poesia, da musica e da dança, aperfeiçoada segundo o gosto então dominante dos provençaes.

Os fraquissimos indicios, colhidos em cantigas de Alfonso X (**CM 238** e **316**), dão-me alento para imaginar que, dentro dos limites

1) *Grundriss* II^{b}, p. 174.

2) Veja-se na *Quarta Parta* da *Cronica General* (*Principio del señorio de Portogal*) a insistencia com que se conta como o Conde e sua gente devia ir a *hueste e a corte al rey de Leon asi como les era mandado* (f. 370^{v}), e como os bispos de Viseo, Lamego, Porto e o arcebispo de Braga eram consagrados pelo primaz de Toledo.

3) Baist ib., p. 388 regeitou o alvitre; Lang e J. Smith aceitaram-no.

4) O sobrescrito da cantiga **456** falla do *Rol das Cantigas que fez o mui nobre rey don Sancho de Portugal.* Portanto deviamos attribuir-lhe pelo menos, além da **456^{a}**, a **457^{a}**. Cf. p. 595.

portugueses, *Guimarães* seria o primeiro centro d'arte. Depois Alemquer. E além d'ellas, a farta e cavalheirosa *Santarem*. Em todas tres, a côrte encontrava colonias importantes de francos e aquitanos.[1]) Todas eram residencias favoritas de reis, rainhas e infantas, antes que Lisboa viesse a ser, no tempo do Bolonhês, o coração do reino.

Em Guimarães, decantado berço da monarquia, foram celebradas ainda em 1191 as bodas da Infanta D. Teresa com Alfonso IX de Leão.

Santarem, heroicamente defendida em 1184 por Sancho I, então infante, contra a ultima aggressão do Miramamolin, e onde passou os ultimos annos da vida o terceiro rei, era evidentemente terra predilecta da côrte, da nobreza e dos trovadores patrios. *Quen oi fosse en Santaren!* exclama um personagem, nos Milagres de Alfonso X (**CM** 369). Lá estava a côrte quando o auctor da nossa cantiga **CA 279** dizia, cheio de saudade:

pero eu vejo aqui trobadores
. . . .
que troban d'amor por sas senhores,
non vej' eu aqui trobador, par Deus,
que m'og' entenda o por que digo;
al é Alfanx' e al Seserigo.[2])

No Beote (?) cabo Santarem é que se discutiu o processo da *ama* (**CV 1092**). Na fresca Alemquer, terra de uma das filhas de Sancho I (Sancha), residia o clerigo-jogral Martim Alvites.[3])

O influxo dos chefes, cavalleiros, aventureiros, bispos, monges, presbiteros e colonos francos, de illustração certamente superior á dos mozarabes que se deixaram estar nos seus casaes ou acorriam

---

1) Mais acima fallei dos francos de Guimarães, e da colonia estabelecida nas ferteis lezirias, entre Alemquer e Santarem, perto das colonias de Villaverde, Azambuja etc. Quanto a Coimbra, designada como *cidade real* por Alfonso X (*Cron. Gen.*), não ha indicios que levem á mesma supponsão.

2) **CA 279** e **280**; **CV 1014, 1088, 1060, 1062.** — Cf. mais àcima p. 436, 445. Pedro A. d'Azevedo, auctor de um artigo publicado na *Rev. Lus.*, V, p. 136, vê em Santarem um centro de um partido civilizador, com tendencias anti-clericaes, as quaes o Bolonhês explorou, contrapondo-as ás exigencias da grande massa ecclesiastica, avida do premio do seu proceder desleal contra Sancho II. Na segunda epoca da poesia portuguesa, o Ribatejo continuou a ser terra predilecta dos trovadores. No *Canc. Geral* de Resende ha mais de uma poesia cheia de lembranças dos deleitosos campos de Santarem (p. ex. I, p. 320). — Quanto á sua situação privilegiada veja-se a *Chron. Ger.*, cap. 37.

3) **CV 1050, CM 271.** — Cf. Herc. II, 147.

de outras terras, devia ser consideravel, exercendo-se, bem se vê, exactamente no campo dos habitos, posto que, longe da patria, elles fossem perdendo pouco a pouco a sua lingua e os caracteres nacionaes. Assim o creem espiritos despreoccupados, alheios a estudos de historia literaria.[1]) Nas villas francas da Estremadura e de Entre Doiro e Minho, não poucos nacionaes aprenderiam, de 1158 a 1185, o sufficiente das linguas d'oïl e d'oc para com musicas trazidas de França repetir os textos que ouviam, facilitando assim indirectamente o favor que a musa francesa havia de em breve encontrar entre os cortesãos.

Em geral, será todavia mais acertado dizer que os verdadeiros centros d'arte eram os paços regios, ondequer que a côrte se achasse, tanto em Portugal, como no reino de Leão, e pouco depois tambem em Castella — na cidade de S. Isidoro, em Valhadolid, Carrion, Palencia, Burgos, Toledo e posteriormente em Sevilha.

Quanto a escolas para ensino da arte musical, da poetica e de linguas, em succursaes das cadeiras de grammatica, fundadas por estrangeiros, ou com auxilio d'elles, é justo suppôr que existissem, primeiro em Santiago, depois em Leão e Guimarães; mais tarde em Coimbra e Toledo[2]); e finalmente em Palencia[3]), primeira universi-

---

1) Herculano, Gama Barros. — Guilherme Des Cornes, Jourdain, Allard etc., cujas relações com o poder central tinham naturalmente caracter peculiar, deram ás suas municipalidades leis em que se reflectem os vestigios do regime feudal francês. Na Atouguia p. ex., onde de resto entre uma maioria de gallo-meridionaes havia um diminuto nucleo de guerreiros francos, o alcaide era um verdadeiro senhor feudal que ainda nos seculos seguintes se intitulava *alcaide pela graça de Deus* (Herc. IV, p. 453). Outros logares onde os estrangeiros estavam na minoria, receberam foros de typo peninsular (Cezimbra p. ex. recebeu o de Evora). No direito consuetudinario tambem ha vestigios francos. Um eco de um costume barbaro da Lourinhã, a punição atroz do homicidio pelo enterro do criminoso, vivo, sobre o cadaver do morto, penetrou mesmo no Cancioneiro. Vid. **CV 1076** e cf. Herc. IV, p. 461; I, p. 403 e *P. M. H.: Leges*, p. 448.

2) As escolas de Toledo, fundadas perto de 1150 pelo arcebispo Raimundo, eram freqüentadas por sabios que desejavam aprender o arabe (p. ex. Geraldo de Cremona) e por estudantes que pretendiam saber artes occultas, segundo o dicto de Helinard (1229): *ecce quærunt clerici Parisii artes liberales . . . Bononiæ codices, Salerni pyxides, Toleti daemones et nusquam mores.* — Cf. *Hist. Litt. de la France*, vol. XVIII, p. 95.

3) Vid. *Cron. Gen.* f. 394. „Este rey enbio por todas las tierras por maestros de todas artes 7 fizo escuelas en Palençia muy buenas 7 muy ricas 7 daua las soldadas compridamente a los maestros porque los que quisiesen aprender nõ le dexassen por mẽgua de maestros.“ Segundo

dade peninsular, fundada em 1208 por Alfonso VIII com ajuda de mestres forasteiros. Ainda aqui carecemos todavia de documentos, conforme expliquei (§ 364).

Nem sequer ha noticia da existencia de cancioneiros e tratados provençaes sobre a arte de trovar,[1]) em antigas bibliothecas portuguesas ou hespanholas (não fallo do reino catalano-aragonês). Ainda assim, mal se pode duvidar que Alfonso X, o Bolonhês e D. Denis possuissem alguns, parciaes e geraes, e modelassem sobre elles a execução dos Livros de cantigas peninsulares,[2]) quer copias do cancioneiro que o Aragonês havia encommendado ao monge de St. Honorat, quer collecções independentes, encommendadas ou compradas a clerigos-jograes. Em meado do sec. XIII Thibaut de Champagne faria presente dos seus versos não só a En Jaime, mas tambem ao Sabio. Anteriormente presumo que ricos-homens trovadores, como D. Garcia Mendes d'Eixo, D. Fernão Garcia de Sousa, D. João d'Aboim, D. Lopo Diaz de Haro, D. Affonso Lopes de Baião, D. João Soares Coelho, e os melhores segreis como Martim Soares, Da Ponte, Ayras Nunes, Cotom, fariam collecção de rotulos (*breves*) de pergaminho, modesta embora.[3])

Ximenes de Rada, *De Rebus Hisp.* VII, p. 34, esses mestres vieram da França e da Italia: „*Sapientes e Gallia et Italia convocavit.*" Provavelmente de Paris e Montpellier, Bolonha e Salerno. Não tenho de contar aqui como, ao cabo de breve prazo, Palencia teve de ceder o passo a Salamanca, chamada *legum nutrix* nos estatutos da Universidade catalã de Lerida.

1) O auctor do Manual poetico português devia conhecer o *Donatus provincialis* de Uc Faidit, e as *Rasos de trobar* de Raimon Vidal.

2) D. João I de Portugal, ao redigir perto de 1400 o seu tratado de Monteria (inedito), sabia de alguns que se trabalhavam de fazer livros de cantigas e de falcoaria (Gama Barros I, p. 426). No reinado de D. João III, foram concertados certos *livros de cantoria*, custodiados na Torre do Tombo. (*Rev. Lus.*, V, p. 137). É impossivel adivinhar o que fossem. Mas como não aproveitei os dois trechos no Capitulo III quis deixá-los registados aqui.

3) Don Juan Manuel conhecia anecdotas de trovadores. Além das provas que dei até aqui, podia mencionar o caso do cavalleiro de Perpignan, narrado no Prologo Geral das suas *Obras*.

A Galliza, centro de cultura peninsular de 800 a 1135.[1]
Santiago de Compostella, foco onde desabrochou o lyrismo gallego-português.

§ 400. Voltando-nos finalmente para os ultimos problemas propostos no § 379, procuremos os motivos por que o idioma gallego-português foi geralmente adoptado pelos peninsulares como instrumento do lyrismo nascente, — trovadoresco ou provençalesco — em todas as suas multiplas manifestações de amor e de odio, de patriotismo e de fervor religioso. E isso em contraste saliente com dois factos importantes, expostos mais àcima: a falta quasi completa de provas que attestem a vinda de trovadores e troveiros profissionaes ao Noroeste; e a falta de uma côrte permanente na Galliza, i. é do meio mais vivaz de elaboração literaria medieval, profana.[2])

A Galliza não foi reino, a não ser muito de passagem. Politicamente fazia parte, primeiro da monarquia asturiana; depois, no tempo das origens lyricas, da asturico-leonesa; afinal, dos reinos unidos de Castella e Leão.[3]) Administrativamente era composta de condados, com senhores de pendão e caldeira, forca e cutelo, mas

---

1) Digo 1135, data da coroação de Alfonso Raimundez em Toledo. Podia pôr tambem 1157: data da morte d'este monarca, galliziano e semi-franco, porque o seu reinado foi época de transição.

2) Lugo e Tuy foram residencia de reis da primeira dynastia, mas muito passageiramente. Em fins do sec. XI e principio do XII, o Conde D. Raimundo de Borgonha viveu largo tempo em suas villas gallegas. Os successores visitaram freqüentemente a Galliza. Muitos passaram lá a meninice. E os solares dos Condes gallizianos eram pequenas côrtes. Mas em geral pode-se dizer que o centro politico dos reinos reconquistados passou de Oviedo a Leão, perto de 909, e de Leão a Toledo.

3) Vid. § 405.

submettidos ao soberano; amoviveis, e de facto innumeras vezes amovidos[1]) em conseqüencia do seu espirito rebelde, avido de independencia. Esses *Comites* ou *Consules* gallizianos e portogaleses, de origem neo-goda, de sangue azul purissimo, sahiam sempre de umas mesmas familias indigenas, muitas vezes alliadas por casamento com a primeira e segunda dynastia reinante.[2])

Esta pureza de sangue, que originou o orgulho nobiliarchico de condes, infanções e cavalleiros, é resultado da situação da Galliza no canto noroeste da peninsula. Essa transformou o pais em ultimo refugio do imperio visigodo, e deu-lhe a prioridade na reconquista. Invadida em 711 pelas hordas africanas de Taric (ou Habib), vencedoras no Guadalete, mas não avassalada tão completamente como as regiões meridionaes e centraes,[3]) a Galliza conseguiu libertar-se ao cabo de apenas quarenta annos.[4]) D'ahi um sossego e uma paz relativa. Quando não nas classes governantes, continuamente sacudidas por tormentas politicas, pelo menos entre a gente rustica, absorvida[5]) pela vida pastoral e agricola. D'ahi a prosperidade temporã de numerosos mosteiros que constituiam outros tantos nucleos de cultura, onde as letras e artes encontravam agasalho e ambiente propicio. Mas d'ahi tambem a notavel

---

1) Vid. Gama Barros, *Hist. da Administr.* I, p. 108s.

2) Citarei tres exemplos. Ordonho II, o primeiro bibliophilo coroado hespanhol, casou com Aragunte de Galicia, repudiada, de resto, após breve prazo. Alfonso V, o restaurador de Leão, deu mão de esposo á filha do Conde Mem Gonzalez, seu tutor. Outro Conde D. Mendo, tronco dos Mendez, Frojaz, Marinhos etc. casára com uma irmã de Alfonso I, o Catholico.

3) Dozy abstrahe de toda a comparação onde diz que fôra „assaz solidamente implantada" a dominação arabe na Galliza (*Recherches* I, p. 118).

4) Uma insurreição dos berberes contra os altivos arabes de Muza, seus oppressores, combinada com uma terrivel fome que despovoou o pais durante cinco annos, foi o ensejo aproveitado pelos gallizianos para expulsarem os agarenos. — Vid. Dozy, *Recherches* I, p. 116, 132.

5) „Não obstante o continuo e incessante redemoinho das classes governantes, como as gerações da gente rustica — *villãos, villanos, de villa* — se succediam segundo a ordem natural, os processos culturaes, os encargos e a situação social de cada um transmittiam-se tambem tradicionalmente. Através dos documentos vê-se com a maior claridade esta antithese, que é de todos os tempos, d'hontem e d'hoje, o tumulto e as convulsões em cima, a paz e o sossego na vida do povo. Fixado dentro das villas, elle continuava, apesar das tormentas politicas, no percurso das suas occupações ordinarias, apenas com as differenças trazidas de vagar pela lentidão dos annos." É o melhor conhecedor da historia da vida agricola no Norte de Portugal quem o diz: Alberto Sampaio, na obra intitulada *As Villas do Norte de Portugal*, em *Portugalia* III, p. 571.

persistencia de innumeros mythos, tradições, crenças, superstições, usos archaïcos, costumeiras de origem pagã.[1]) — Isolada do resto da peninsula pela dominação sueva, nem mesmo tempo houvera para que fossem varridas da memoria do povo ou transformadas ao contacto da civilização mozarabica.[2])

Considero tambem como causado por essa posição avantajada o successo que ao cabo de meio-seculo de vida restauradora deu á terra galliziana importancia e esplendor incomparaveis: o glorioso descobrimento, verdadeiro ou fingido, do sepulcro do apostolo Santiago, quando a indignação religiosa e o espirito cavalheiresco impulsionavam energicamente á reconquista todos os povos peninsulares, quer já libertados, quer ainda sujeitos ao jugo musulmano.

Foi a Galliza que impôs a toda a nação o padroeiro *matamouros* de que então carecia: um quasi Deus das batalhas e da victoria.[3]) Especie de Wuotan-Odin, o Apostolo *Boan-erges — filius tonitrui,* — intervinha nas guerras contra o islamismo como capitão-mór, armado. Em cima de um formoso »alfaraz« branco, attributo peculiar da entidade mythologica citada, brandia ora a sua lança ou o seu montante luminoso, ora hasteava o estandarte da cruz.[4]) Em seguida levava as almas dos valentes, seus devotos, mortos no campo de honra, ao Elysio pela *via lactea,* o caminho-francês celeste.[5])

---

1) Quanto ao apego tenaz com que ambas as Gallizas, além e aquém Minho, conservam habitos e mythos, crenças e tradições, veja-se o estudo de F. A. Coelho: *De algumas tradições de Hispanha e Portugal,* 1900 (*Rev. Hisp.* VII). Da forte tendencia para doutrinas não-orthodoxas, com reminiscencias magicas e idolatricas, que se manifestou nos primeiros seculos da christianização — devida ao isolamento da Galliza do resto da peninsula durante a dominação sueva — terei logo de dizer duas palavras.

2) O dominio dos musulmanos, com guarnições relativamente fracas nos pontos fortificados e colonos menos numerosos do que nas regiões meridionaes, não exerceu nenhum influxo social ou ethnico na Galliza. — Ainda assim a memoria d'esse tempo calamitoso perdurou. Na mente dos populares todos os vestigios dos antepassados — castros, antas, idolos, menhirs, dolmens, pedras oscillantes — datam do tempo dos Mouros. E ao tempo dos Mouros refere-se grande parte das lendas e tradições.

3) Vid. C. M. de Vasconcellos, *Estantiga* (*Replica*) na *Rev. Hisp.* VII, p. 15.

4) O cavallo figura p. ex. no milagre de Clavijo, e no de Coimbra (Fernando I). Plasticamente, o santo a cavallo acha-se numa formosa janella da basilica compostellana.

5) A estrada celeste de Santiago compõe-se das almas dos que combateram contra a morisma ou, na evolução posterior da lenda, d'aquelles que tendo feito a romaria subiam ao ceo.

Mercê da concorrencia periodica de romeiros de todas as nações, mas em especial do commercio ininterrupto com os francos, iniciado nos dias de Carlos-Magno, a nova terra santa, tão visitada como a cidade de S. Pedro e S. Paulo e como Jerusalem, transformou-se num centro de cultura ecclesiastica e foco de actividade poetica.[1])

O espirito devotamente romanesco que emocionava as legiões peregrinantes; a hymnologia especial a que o culto de Santiago e as romarias deram origem; as invocações do orago bellico[2]) nos campos de batalha e na perigosa travessia do caminho francês, resoando no grito de *Sant' Iague! Sant' Iague!*[3]) ou *Jacobe, iuva;*[4]) os celebres votos „nacionaes", pagos, segundo a lenda, desde a primeira mediação efficaz do athleta christão no dia de Clavijo; a somma de milagres, realizados a favor dos seus devotos e registados num livro avidamente lido em toda a parte; as aventuras multicores cujo theatro foram as estradas que levavam ao santuario, e o proprio santuario; as obras de arte que se accumulavam na basilica compostellana; as festas commemorativas, habilmente distribuidas pelo calendario, de sorte que cahissem em datas importantes do calendario pagão, de regozijo geral desde tempos immemoriaes, tudo isso devia necessariamente despertar e estimular as aptidões artisticas de um povo meridional, cuja indole meiga, sentimentalidade delicada, emotividade intensa e imaginação sonhadora, cedo se tornaram proverbiaes.

Á musica sacra, ás bailadas liturgicas, aos canticos em latim mais ou menos classico, forçosamente haviam de juntar-se, na boca do povo gallego, já entre 800 e 1100, textos vulgares em latim romançado, mais tarde em romanço latinado, e finalmente em romanço puro. A hymnologia em si tem muitos traços vulgares, quanto á essencia e quanto á forma. É isso um facto já incontestavel. Nas cantilenas internacionaes dos peregrinos, chamadas

---

1) O proprio nome *romeiro* e *romaria* (*romeu, rominha*) indica que a peregrinação a Santiago era equivalente á visita da Cidade Eterna.

2) Mesmo onde Santiago é representado como peregrino, o seu chapeu parece um casco — chapeu que, de passagem seja dicto, é insignia e *orago* dos chapeleiros.

3) No *Poema del Cid,* temos *Santiago* de Compostella nos versos 2950 e 2977; *Santiague* como titulo do santo invocado, nos versos 731 e 1690. Em tempos posteriores: *Santiago, Cierra España!*

4) *Dieu, saint Jacques á mon secours — Deus adjuva, sancte Jacobe — Dios ayuda y Santiago* tambem eram devisas ou santo e senha dos peregrinos. — Vid. Camille Caux, *Pèlerinages de Saint Jacques,* e cf. § 412.

de ultreia, ha mesmo trechos em vulgar, como mostrarei. É verdade que não subsiste nenhuma com parcellas em gallego. Mas como o compilador do codice chamado de Calixto II, em que ellas se acham, era francês e escrevia para francos (e flamengos), esta prova negativa não tem valor decisivo.

Até este ponto chegaremos no Capitulo IX.

A existencia, pelo contrario de uma poesia singela, vulgar, nascida no Noroeste,[1] sob os influxos indicados, propagada pelos romeiros hispanicos, introduzida nos paços regios e senhoris, primeiro dentro da Galliza, depois fóra d'ella, antes que a difficil lyrica trovadoresca conseguisse conquistar as côrtes de Leão, de Portugal e de Castella, comquanto não seja documentada por monumentos que por qualquer circumstancia se conservassem, torna-se verosimil por tres ordens de provas indirectas que formarão o assunto do Capitulo X. Duas são geraes; a ultima é particular.

1°. É a primeira prova a lucta da igreja medievica, secundada pelos poderes civis, contra toda a casta de cantigas e bailadas profanas (não-religiosas), de amor e de escarnho, consideradas como vestigios de um passado pagão, execraveis e fulminadas porque o povo, i. é. seculares e principalmente o mundo feminil, canonicamente excluido do canto-chão, havia nellas parte preponderante.

2°. Considero prova segunda os *cantares de amigo* dos Cancioneiros, imitações cultas, attribuidas ao mundo feminil, ou a elle destinadas, que se destacam das artificiosas composições trovadorescas, masculinas e palacianas, pelos assuntos (romarias, danças primaveris ao ar livre, entrevistas ao pé da fonte etc.), pela singeleza da forma estrophica, e pela metrificação; i. é pelo seu feitio popular, especificamente hispanico e archaïco.

3°. Constituem a prova terceira algumas, poucas, poesias populares, que são analogas aos *cantares de amigo* quanto aos assuntos, ao espirito e á metrificação, cantadas por coros de mulheres nos seculos XV a XIX, ou hoje existentes.

O caracter grave, mesurado e casto, um tanto molle das bailadas e de toda a poesia de amor dos gallizianos, sem nenhuma das licenciosidades e »caçurrias« que podiamos prevêr, e que por certo existiram, explica-se talvez pelo influxo da igreja compostellana

---

1) A arte de cantar e dançar existia naturalmente tambem nos territorios centraes e meridionaes. Mas os moldes neo-latinos dos textos desenvolveram-se naturalmente mais cedo nas regiões mais cedo reconquistadas.

que, transigindo com as manifestações de caracter religioso dos tempos antigos, nunca varridas da memoria do povo, as transformou hieratica ou liturgicamente.

Os resultados colhidos autorizam a suppôr que a verdadeira e unica razão porque a lingua gallego-portuguesa veio a ser, nos sec. XII a XV, o vehiculo da poesia palaciana de toda a Hespanha, é a preexistencia d'essa arte popular, sacra e profana, que abrangia os tres elementos constitutivos da lyrica primitiva: *dança, musica, poesia;* ou em terminologia antiga: *bailada, som, palavra.*

O favor alcançado no occidente pela literatura aristocratica da Provença não é portanto devido á absoluta falta de productividade indigena. Nem suffocou por completo as vozes ingenuas da nação, embora lhes fossem contrapostas, de 1175 em deante, outras novas, estrangeiradas, pautadas por imposição auctoritaria: canções de amor em versos *de mèstria* a syllabas contadas, em estrophes tripartidas com duas rimas ou mais. Os nacionaes, pelo contrario, rhytmicos, assonantados, em disticos ou tristicos com refram, modificaram aquellas, communicando-lhes o seu feitio despretencioso e o systema das *repetições,* porque haviam tido, no meio essencialmente democratico da peninsula, entrada muito mais franca nos paços regios e senhoris e repercussão mais sympathica do que na Provença. Mercê talvez das romarias populares, a que todas as classes concorriam.

Causa da expansão das bailadas gallizianas, sem que a linguagem se modificasse de terra em terra, é o predominio intellectual e artistico, exercido então pelo reino asturico-gallego-leonês. Coadjuvante, a grande affinidade dos dialectos do Noroeste e Norte entre si e com o castelhano, nos inicios do romanço vulgar, quando ainda nenhuma falla tinha preferencia ás outras como linguagem literaria e palaciana.

Os factores diversos que contribuiram para que a arte lyrica, a principio até certo ponto liturgica ou cultual, i. é ligada a procissões, romarias em dias santos e festivos, assignalados nos factos pagãos e no calendario christianizado, florescesse na sociedade gallega mais cedo do que nos outros paises hispanicos, devem ser, já o disse, a indole sentimental, resultante em parte da diversa caldeação ethnica (infiltração maior de elementos celticos e germanicos no substrato gallaïco-lusitano segundo uns, ou persistencia d'esse, segundo outros) mas tambem a situação geographica, fronteira ao oceano que envolve a physis e a psyche nacional em vagos ne-

voeiros — as afamadas *brétemas.* Mas principalmente a evolução da igreja de Santiago, engrandecida, no ultimo quartel do sec. XI e no primeiro do sec. XII, pela habil politica dos bispos,[1]) sob o patrocinio de tres monarcas afrancesados: Fernando I, Alfonso VI, Alfonso Raimundez.

A mais pronta formação do romanço, que muitos consideram como causa verdadeira da prematura florescencia[2]) da escola poetica galliziana, é, a meu ver, apenas um facto concomitante. Formação, bem se vê, no sentido de *Ausbildung* (desenvolvimento) e não no de *Entstehung* (nascimento). D'ella diremos alguma cousa no Capitulo XI. (Vol. IV).

Se á Galliza faltavam paços regios e uma verdadeira capital, a curia de um dos maiores santuarios da christandade era centro não menos propicio por ser estavel, illustrado, attrahente, e visitado por estrangeiros muito mais do que a côrte dos primeiros monarcas asturico-leoneses. Centro de mais a mais accessivel ao povo todo, sem exclusão de classes e individuos. Centro saturado de elementos poeticos, graças aos factos alludidos e ao rito hispanico de origem syrio-grega (ulteriormente chamado gotico ou mozarabe) vigente na Galliza durante cinco a seis seculos (até 1078, ou 1090).

Se poucos trovadores e troveiros profissionaes se juntaram ás caravanas de romeiros, por razões que são obvias, ainda assim houve entre os proprios jacobitas cultores e fautores da arte, já nossos conhecidos. Nem se pode duvidar que jograes anonymos, de todos os estylos, mas especialmente os de arte velha e singela, commum aos grandes povos neo-latinos e sempre grata ao vulgo, iriam no sequito de personagens em expedições de 800 a 1150 (e posteriormente), como iam nas cruzadas ao Oriente — avidos de ver e dispostos a entreterem não só a não-pequena percentagem de peregrinos mundanos e extravagantes, mas tambem os povos por onde transitavam, com musicas, bailadas, representações mimicas e todas as mais habilidades histrionicas.

Não podendo fundamentar a these, a meu ver erronea, de Th. Braga, Menendez y Pelayo e Lopez Ferreiro que tambem a poesia trovadoresca propriamente dicta foi imitada em primeiro logar na Galliza, passando de lá para Portugal, Leão e Castella, pugno

---

1) Os creadores da igreja compostellana são: Theodomiro, o »inventor« da arca marmorica, o francês Dalmacio, e Diego Gelmirez.

2) Vid. Milá y Fontanals, *Trovadores,* p. 522.

apenas pela ideia que a poesia popular, sahida de sementes celto-romanas (ou porventura de cepas pre-celticas), mas fecundada pelo contacto com os francos, floresceu na Galliza inteira, além e aquém Minho, antes que o *Bom Amis* de Sancho I, ou outros como elle, começassem em Leão e Guimarães a imitar os provençaes. Penso que o Cancioneiro de amor é provençalesco. Creio que nas balletas, pastorelas e redondelas se reconhece influencia francesa. Mas opino que os cantares de amigo, em disticos ou tristicos, os cantos de romaria e as bailadas primaveris, accusam feições gallizianas.

Expondo essas ideias não esqueço que, além do foco principal de cultura, em Santiago de Compostella (com prelados illustrados, em parte franceses, e um clero notavel e numeroso, não menos afrancesado que a côrte, com uma burguesia rica e privilegiada, e assistencia de representantes de todas as nações europeias), e além de infinidade de conventos de frades e freiras, bem dotados de livros, havia na Galliza villas de recreio e caldas com paços regios (verbigracia: *Caldas de Rey*) onde os soberanos costumavam folgar. Havia tambem, como na Provença, numerosas pequenas côrtes principescas: os solares e castellos dos condes gallizianos, onde eram criados os reis asturico-leoneses. E mesmo alguns dos que cingiram a coroa de Castella. O unico documento que podiamos offerecer a favor da cultura da arte nesses centros é todavia de época relativamente tardia. O leitor já o conhece (pois é a cantiga **114** do Cancioneiro Colocci-Brancuti, reproduzida no nosso *Appendice* III, Nº **394**). Por elle sabemos que o Conde D. Rodrigo Gomes de Trastámara, descendente do grande D. Pedro Froilaz[1]) que fôra regente da Galliza na menor-idade de Alfonso Raimundez, albergava ou recebia no seu solar ou nos castellos que administrava entre 1215 e 1228, trovadores de vulto como *Pero Velho,* o de Taveirós, e *Pay Soares,* seu irmão.[2])

§ 401. Tratados em todo o seu desenvolvimento, taes themas davam um livro.[3]) Como porém este volume já engrossou exces-

---

1) Divergindo do que assentei no § 211, o illustre auctor da *Hist. Sant.* V, p. 371 diz que D. Rodrigo era filho do Conde D. Gomes, neto do Conde D. Gonzalo, bisneto de D. Fernando e tataraneto de D. Pedro Froilaz. A p. 218 lembra a sua assistencia gloriosa na tomada de Sevilha.

2) Cf. § 211 e *Randglosse* XIV.

3) Na *Resenha Bibliographica* o leitor poderá verificar com facilidade, quaes os investigadores modernos que elucidaram essas questões. O principal — após Menendez y Pelayo — é Henry R. Lang. Se o primeiro definiu rapidamente, mas com mão de mestre, o papel importante represen-

sivamente, darei apenas as indicações que se me afiguram mais precisas. Para principiar transcrevo um periodo do mais douto e perspicaz investigador da lyrica peninsular, a despeito de divergir em alguns pontos das suas opiniões, não sómente para dar o logar de honra a quem compete, mas tambem com o proposito de registar a voz de pelo menos um castelhano justiceiro que não contesta ao occidente da peninsula a parte importante que teve na civilização hispanica.[1])

No Prologo do Tomo III da *Antologia* Menendez y Pelayo diz o seguinte: „Não é possivel aventurar conjecturas de grande força sobre tempos tão remotos e escuros como aquelles em que a poesia das linguas vulgares começou a emancipar-se da latina; cremos todavia que o despertar poetico da Galliza houve de coincidir com aquelle breve periodo de esplendor que desde os fins do sec. XI até a metade do sec. XII pareceu que ia dar á raça habitadora do Noroeste da peninsula o predominio e a hegemonia sobre as demais gentes d'ella. Durante os reinados de Alfonso VI, de D. Urraca e do emperador Alfonso VII, o espirito gallego, encarnado na colossal figura do arcebispo Gelmirez — personificação ao mesmo tempo da Igreja feudal — levanta-se com incontrastavel vigor e desempenha-se ao seu modo de uma obra civilizadora, accelerando a aproximação da Hespanha ao movimento geral da Europa.“ . . .[2])
„O grande feito da peregrinação compostellana é o que dá mais luz sobre as origens da poesia nova, e não os indicios relativamente pequenos que os criticos portugueses tanto costumam encarecer, taes como a viagem de Marcabrum e algum outro trovador á côrte do nascente reino de Affonso Henriques, ou as freqüentes relações d'este com exercitos de cruzados, com os quaes se suppõe, gratuita embora não inverosimilmente que viessem alguns cultores da poesia

---

tado por Santiago de Compostella na civilização peninsular, o segundo alicerçou solidamente os conceitos do predecessor, recorrendo ás fontes medievaes e á poesia popular. — Accuso-me de ter excluido da *Resenha Bibl.* os auctores gallegos que se occuparam dos Cancioneiros e divulgaram as mais bellas e melhor conservadas composições archaïcas. Para sanar a omissão, não inteiramente justificada pelo caracter pouco scientifico de alguns, nem pela sua dependencia de Th. Braga, vou citá-los neste capitulo. Provisoriamente. De futuro, conto fallar nas *Notas Marginaes* do curioso renascimento lyrico da Galliza, promovido pelo apparecimento do *Cancioneiro da Vaticana*.

1) Já o resumi no § 76. Victor Balaguer, muito afeiçoado á Galliza, era catalão, e regionalista.

2) *Antologia* III, p. X.

provençal . . . Foi disposição providencial . . . que . . . incessantes ondas de peregrinos, vindos de todas as regiões de Centro e Norte da Europa, trouxessem a Santiago, ao som do *canto de ultreya*, os germens da sciencia juridica e escolastica e as sementes da poesia nova." [1])

§ 402. Entrando na demonstração devo dizer em que sentido emprego os termos *Galliza* e *galliziano*, e com que direito os troco a miudo com o vocabulo *gallego-português* (ou gallaïco-lusitano), uma vez que esses nomes geographicos teem significação variada segundo as épocas e conforme o ponto de vista do investigador.

Tratando do berço da lyrica medieval peninsular, está claro que não posso referí-los á região restricta, occupada pela provincia actual, do mar até as margens direitas do Minho. É a Galliza maior e antiga que tenho em mente, tal como existia nos principios da vida historica da Hespanha moderna, e havia existido durante o imperio visigodo, na dominação sueva,[2]) e no imperio romano.[3]) Embora com fronteiras fluctuantes do lado sul e nascente,[4]) essa estendia-se até ao Doiro logo em vida de Alfonso I, o Catholico.[5]) Um seculo depois, o reino asturico-gallego incluia as terras de S. Maria até á foz do Vouga. No reinado glorioso de Fernando I chegava

---

1) *Antologia* III, p. XII.

2) O reino suevo abrangia, além da Galliza, as Asturias, as actuaes provincias de Tras-os-Montes e Entre Doiro e Minho, e boa parte do reino de Leão e de Castella, a Velha.

3) Originariamente as tribus callaïcas haviam (parece) occupado apenas uma pequena região vizinha da dos Astures. No tempo de Strabão pelo menos foi a Lusitania que tinha o Oceano por limite septentrional e occidental, ao Nascente a terra dos Callaïcos, Carpetanos, Vacceos e Vettões e ao Sul o Tejo. Posteriormente, a partir da segunda divisão official da Iberia em provincias romanas, o titulo de *Gallaecia* (*et Asturia*) coube ao canto noroeste, chamando-se *Lusitania* só a provincia que ficava entre a Betica e o Doiro. — Vid. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. I, p. XXIss.; id. *Rev. Lus.* III, p. 28.

4) Fluctuantes ainda nos seculos XI e XII. Já tive occasião de lembrar que as cidades de Tuy, Toronho, Lima, Vigo; Zamora e Salamanca; Toro e mesmo Astorga, Palencia e Valhadolide pertenceram ora aos gallego-portugueses, ora aos leoneses emquanto duravam as luctas fratricidas entre as herdeiras de Alfonso VI e seus esposos, amantes, filhos e netos, de 1109 a 1157.

5) Alfonso I occupou a cidade do Porto (perto de 820); Bermudo II conquistou-a definitivamente (997); Fernando I senhoreou-se da Beira com Lamego, Viseu, Coimbra; Alfonso VI avançou até Lisboa, Sintra, Santarem, que todavia recahiram em poder dos Mouros.

aos campos de Hercules com a cidade de Coimbra, repovoada como as demais com gente gallega.[1]) De 750 a 1059 houve novas invasões e reconquistas sarracenas,[2]) aggressões e depredações de piratas (berberescos e normandos),[3]) batalhas desastrosas, districtos devastados, cidades incineradas, tanto aquém como além Doiro e Minho; mas nunca mais os Infieis poderam fixar-se pacificamente ao norte do *Durius*. Mesmo entre este rio e o Mondego os vestigios mouros apagaram-se quasi por completo, de sorte que podemos considerar taes regiões como continuação da Galliza.[4]) Ou seja, como parte da Hespanha romano-gothica.[5])

Nessa verdadeira Galliza medieval[6]), quer comprehenda apenas a orla maritima da peninsula até ao Porto, quer se estenda até ao Vouga, ou mesmo até Coimbra) entra sempre o nucleo fundamental de Portugal: *o condado portucalense* que vimos desagregado dos condados septentrionaes em 1097 por circumstancias tão fortuitas como o plano politico de Alfonso VI de enfraquecer o espirito rebelde dos Gallizianos, plano que combinava com o seu desejo de bem dotar a filha querida de Ximena Nunes, galardoando ainda pelo mesmo acto serviços prestados por um principe estrangeiro (que havia de gerar o herdeiro da monarquia). Ou, se quiserem: os condados portucalense e conimbricense.

Esta fragmentação da Galliza em duas metades, occorrida exactamente no momento psychologico da primeira florescencia da supposta poesia popular, obriga-nos a empregar o termo composto *gallego-português.*

---

1) *P. M. H.*: *Script.* I, p. 9.

2) As primeiras foram realizadas entre 795 e 816 por Hicam I e seu filho Abulcarim, a ultima por Almanzor (997). Vid. Dozy, *Recherches* II, p. 127—139 e III, p. 228—237.

3) Ib. II, p. 250—271.

4) Em Portugal como na Galliza o povo indouto attribue ainda assim aos Mouros todos os monumentos prehistoricos e archeologicos. Do ponto de vista da civilização peninsular a divisão da Hespanha em uma metade romano-gothica e outra romano-arabica, adoptada por Alb. Sampaio no estudo citado, parece-me justificada.

5) Adoptando outro modo de encarar os problemas anthropologicos, geographicos e historicos, podiamos fallar de uma *Hispania callaïco-lusitana* ou occidental, em contraposição á *Hispania iberica*, ou oriental.

6) Creio inutil provar que para os historiadores gregos e romanos a Galliza e o Norte de Portugal eram um povo só. Basta remetter o leitor aos auctores já citadas por Lang: Ptolom., *Geogr.* II, p. 6; Strabo, *Geogr.* III, 3, p. 3 e 7; Plin., *Hist. Nat.* IV, p. 21—22 e XXV, p. 17.

Ao tocar em assuntos anthropologicos, ethnologicos, lingüisticos e folkloricos cumpre todavia alargar ainda mais a vista até abranger em direcção leste as Asturias,[1] o viridente Bierzo,[2] e a planicie de Leão. Em direcção sul devemos então incluir as regiões lusitanas, ou romano-arabicas, além do Mondego, reconquistadas pelos portugueses depois da separação: Estremadura, Alemtejo, Algarve e tambem as comarcas montanhosas da Beira, um dos focos de resistencia dos antigos lusitanos nas guerras contra Roma.[3]

Assim integrado com sangue mozarabico,[4] Portugal, gallego-português nas suas origens, viu formar-se lentamente uma nacionalidade nova,[5] com genio seu e missão individual, á qual a sciencia concede o nome ponderativo e um tanto pomposo de *lusa* ou *lusitana,* sem se importar com a opposição dos que tenderam e tendem a estabelecer a unidade de todos os povos hispanicos.[6]

Tal estensão de sentido justifica-se pela uniformidade da lingua desde o extremo da Galliza até o extremo do Algarve, apenas com

---

1) *Talis ergo est vita montanorum eorum qui septentrionale Hispaniæ latus terminant Gallaicorum et Asturum et Cantabrorum usque ad Vascones et Pyrenem. Omnes enim eodem vivunt modo* (Strab.). *Cantabri et Astures Galleciae provinciae portio sunt.* Orosio VI, c. 21.

2) A comarca de *Bergidum* tambem formava parte da *Gallaecia.*

3) Os lusitanos, os braccaros, e os callaïcos deixaram na historia a mesma fama de povos barbaros, amantes da independencia, de bravura extrema, habitadores de um pais montanhoso, coberto de florestas. O proprio Augusto dirigiu as operações militares contra o Noroeste, conquistado após longas e graves guerras. Por causa da sua condição geographica e historica, a Beira montanhosa é considerada como nodulo da patria — quasi livre de mistura estrangeira, conservadora e reconstituidora tenaz de todas as instituições consuetudinarias, nos momentos de crise. Alguns mythographos, capitaneados por Th. Braga, até fazem da Beira o centro de uma elaboração *epica,* mozarabica, que é imaginaria.

4) A definição do termo como christãos vivendo no meio de arabes e arabizados até certo ponto, ja não é duvidosa.

5) Por conveniencia pratica emprego o termo *nacionalidade* sem desconhecer que nos primeiros seculos da reconquista uma nacionalidade gallega existia tão pouco como uma nacionalidade lusitana. Apenas aquelle ar de nacionalidade gallego-lusitana, produzido pela affinidade de sentimentos e unidade moral baseada no territorio, no clima, na lingua e religião, nas leis e usanças. — Fallando de *raça* só posso pensar como todos, na resultante final da fusão dos diversos elementos constitutivos da povoação portuguesa — nucleo ibero, ao qual se sobrepuseram ligures, celtas, romanos, germanos, arabes, berberes, francos; e no littoral gregos, phenicios, normannos.

6) Os modernos estudos anthropologicos e ethnologicos demonstram que o lusismo tem base segura e não é producto illusorio da vaidade patrioteira dos eruditos da Renascença.

algumas variantes provinciaes, dentro de um typo commum; e tambem pela grande semelhança nos modos de viver, sentir, pensar, poetar — uniformidade e semelhança que fallam eloqüentemente a favor da affinidade primitiva de lusitanos e gallaïcos.[1])

Quanto á inclusão do Bierzo, de Leão e das Asturias, não é ocioso notar que desde a Beira até o Algarve a passagem de Portugal para Hespanha se faz sentir notavelmente, ao passo que no Minho, Tras-os-Montes e na Galliza nem os costumes nem a linguagem fazem alterações sensiveis de ambos os lados da fronteira.

Fique entendido, portanto, que são sobretudo as terras bracarenses e portucalenses (o Minho, e Tras-os-Montes) e em escala menor as conimbricenses (a Beira maritima), que participam com a verdadeira Galliza, com as Asturias e com partes de Leão, quanto á lingua não só de certos distinctivos mas tambem da toponymia preromana, e quanto á civilização dos monumentos megalithicos, a mencionada riqueza em mythos, tradições, superstições, costumeiras de origem remota, pagã, ligadas aos *castros*, ás *antas*, ás *fontes*, ás *pedras*, aos montes sacros onde os devotos offereciam em romaria ás divindades os seus ex-votos. Vestigios um tanto obliterados nos territorios que já designei como Hespanha occidental, romano-arabe.[2])

§ 403. A discussão da complexa e duvidosa ethnogenia do povo português levar-nos-hia muito longe. Quanto ás theorias modernas, sustentadas por F. Martins Sarmento,[3]) que se inspirou em sabios estrangeiros,[4]) aceitas e desenvolvidas pelo auctor da *Historia*

---

1) Attendendo a que, com excepção de um pequeno territorio betïco no Alemtejo, o conjuncto dos dois paises que nos occupam, teve em diversas épocas o nome de *Lusitania* e que varios auctores antigos chamam *lusitanas* as tribus nomeadas por Strabão, alguns eruditos servem-se d'este nome para designar de modo geral a união antiga de ambos. P. ex. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*. Por isso mesmo fallam ora dos caracteres lusitanicos dos gallegos, ora do caracter gallaïco dos lusitanos, ás vezes sem a necessaria distincção entre os tempos archaïcos e as condições historicas, medievaes e modernas.

2) Na legislação portuguesa, quer civil, quer ecclesiastica, relativa a superstições e costumes gentilicos, noto sempre referencia especial á provincia de Entre Doiro e Minho, mas tambem a Tras-os-Montes (Riba de Coa) e ás comarcas da Beira. — Vid. p. ex. *Ord. Man.* V, p. 45.

3) Vid. *Os Argonautas* 1887; *Lusitanos, Ligures e Celtas* 1891—1893; *Ora Maritima* 1896.

4) Belloguet, Reinach etc. — Cfr. *Revista de Archivos* VII, p. 213.

da Poesia Popular Portuguesa[1]) e por adeptos seus,[2]) apenas assentarei em que se cifram, sem porém querer significar com isto que as aceito. Na substituição do dogma celtico de Baret, Nigra, Jeanroy, Coelho, pelo *ligurico* — isto é no ligurismo dos lusos (incluindo o ramo gallaïco) e tambem dos cambrios e demais povos, commummente considerados como celtas ou descendentes de povos celtizados — e no germanismo dos chamados celtas historicos que estavam na peninsula no seculo V *a. Ch.* Tudo quanto até hoje os ethnologos portugueses e hespanhoes haviam attribuido a estes — os monumentos megalithicos, o druidismo(?), o pantheon, a toponymia, as instituições — é devido aos ligures. Foram esses immigrantes proto-arias que, oito seculos antes da chegada dos celtas, inundaram o occidente e se sobreposeram em partes da peninsula (como em partes da França, Italia e Bretanha) á raça iberica, autochthone ou vinda outrora da Asia pela Africa onde deixara os berberes. Offuscando com a sua civilização superior (de bronze), identica á dos primitivos gregos (Mycenas) e dos primitivos romanos, a civilização rudimentar do povo preexistente, deram a sua lingua aos lusitanos. Lingua indo-europeia, bem se vê, que defenderam, victoriosos, como defenderam a sua liberdade, o seu typo e genio contra todas as aggressões — lingua, de resto, de affinidade tal com a dos italiotas que possibilitou ou facilitou a creação no futuro das linguas neo-latinas. Esta civilização ligurica, aperfeiçoada pelos romanos, nada deve aos povos semitas; nem tão pouco aos povos septentrionaes invasores, conhecidos primeiro pelo nome de celtas e no sec. V *p. Ch.* pelo de germanos. Vencedores pelas armas, esses barbaros igualmente foram vencidos pela civilização superior ligurica e liguro-romana, aceitando-lhe a organização social e a lingua. Todas essas invasões septentrionaes, anteriores e posteriores á era christã, com um intervallo de doze seculos são nada mais do que phases successivas de um unico e formidavel duello entre o Norte e o Sul. Entre os agigantados homens de pelle branca, cabello ruivo, olhos azues, e os homunculos trigueiros, brachycephalos, de pequena estatura (typificados por poetas modernos na figura lendaria do rei Laurim, o do vergel de rosas).

1) Segunda ed., Porto 1902.

2) Marques Braga, no *Ensaio sobre a psychologia do povo português*, 1901—1902 (*Instituto,* Vol. 48, 2 a 49, 12). Depois de ter propagado o dogma da origem celtica do português, retracta-se num Post-Scriptum, em que declara: »Onde escrevi *celta,* leia-se *liguro.*«

Encantado com syntheses tão »claras e faceis«, unidades tão grandiosas, Theophilo Braga, erguendo-se a um ponto de vista de onde aos olhos necessariamente myopes dos philologos tudo apparece vago e indistincto, ampliou a these da continuidade e quasi inalterabilidade das qualidades de raça, tanto physicas como psychicas, estendendo-a ao campo folklorico e literario. No *substrato* ligurico encontra o elemento unificador do lyrismo peninsular da Galliza, das Asturias, (e tambem da Estremadura e Andaluzia), e a explicação da semelhança notada entre essa poesia (alias entre a poesia do Noroeste da peninsula) e a do Norte da Italia e da Aquitania. Quero dizer que procura as origens da poesia popular, considerada em geral como celto-romana, na remota era ligurica — persuadido que não só crenças e costumes, tradicionaes, mas tambem typos e themas poeticos, ligados a phenomenos naturaes, e mesmo cadencias, estribilhos e rhythmos, persistiram através da infiltração celtica, da completa assimilação romana, das invasões sueva e visigotica, da conquista arabe e reconquista christã!

Dos cantos uivados e passos batidos de dança dos antigos callaïcos, descriptos por Silio Italico,[1] *barbara nunc patriis ululantem carmina linguis*, deriva os passos da muïnheira e da dança-prima, o *alalála* e *atruxo* do Noroeste; o *relinchido* e *ixuxú* dos asturianos.

Mais ainda. Com a lingua, a raça luso-ligurica transmittiu aos posteros a sua versificação e as formas lyricas.

Doutrinas arrojadissimas e mal-alicerçadas que nas suas ramificações mirobolantes, de certo, estontearão as cabeças mais solidas.

§ 404. A violenta e arbitraria divisão de povos, ethnicamente affins e lingüisticamente unos, pouco depois da transferencia da capital da Hespanha christã de Leão a Toledo, a qual symboliza o predominio do centro, redundou a principio em bem para a Galliza do Norte. Dando-lhe certa autonomia e proporcionando-lhe um curto periodo de paz externa e interna,[2] debaixo da tutela de um estrangeiro illustrado e bondoso (1088—1109), com prelados francos

---

1) Cf. § 411.

2) Paz relativa, bem se vè. Os Condes não se submetteram logo: e o primo de Portugal altercou com o Conde da Galliza, a cuja auctoridade ficára sujeito a principio. — Vid. Lopez Ferreiro, *Historia de Santiago* III, p. 175 e 194.

nas principaes sés, incluindo a de Santiago e a de Braga,[1]) a alludida transformação num unico condado preparou uma idade aurea, de grandes aspirações politicas, seguidas de expansão literaria.

Mas na essencia a desmembração de Portugal significava incorporação no reino de Leão, e d'este na monarquia central; annullação da vitalidade popular, quebra das tendencias separatistas dos nobres godos, comquanto a resistencia d'estes se prolongasse por seculos, sendo precisa toda a energia dos reis catholicos para a extirpar. Significava reducção á posição subalterna de provincia. E significava ainda, apesar de Santiago, transferencia gradual dos pequenos focos de cultura mundana para o sul: Guimarães, Coimbra, Leiria, Lisboa, Santarem, Evora i. é. para *Portugal.*

Este condado, reino desde 1139,[2]) conseguiu pelo contrario, tornar-se independente dos hespanhoes, não sem luctas e guerras. Segundo uns, graças apenas ao merito pessoal do longevo Conde D. Henrique de Borgonha e seus successores. Segundo outros, porque assim o exigiam o territorio, a raça, um ideal commum e uma vontade collectiva, apesar da não-existencia de fronteiras naturaes[3]) e da semelhança de clima, raça, lingua, leis, costumes e caracter. A meu ver, graças principalmente á possibilidade de se dilatar por conta propria e direito de conquista, em guerra contra o Islamismo, até occupar toda essa orla atlantica. Attrahido pouco depois pela immensidade fluctuante do mar, de modo diverso dos Gallegos do Norte, Portugal levou a termo a sua missão historica com heroica audacia, chegando a uma grandeza surprehendente na era dos descobrimentos maritimos (já preludiados no reinado de Affonso IV e principiados com a tomada de Ceuta) e das conquistas ultramarinas.

O idioma separou-se e nobilitou-se, *pari passu*, como direi mais tarde.

§ 405. Ainda em outro sentido a divisão da Galliza em dois condados redundou em menoscabo da metade septentrional. Na avaliação que dos gallegos fazem os demais povos peninsulares e forasteiros.

---

1) Cf. Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 372; Camille Caux, *Pèlerinages de Saint Jacques*, p. 104—107.

2) Um seculo depois de Castella (1035).

3) Vid. Leite de Vasconcellos, *Numismatica Nacional*, 1888, p. 16—24. A respeito de fronteiras naturaes é bom ler e meditar o que das condições geologicas diz Christovam Ayres na sua *Patria*, 1903 (p. 83), citando auctores hespanhoes.

O que deixei dicto do reino leonês, tem applicação ao Noroeste. Apesar da attracção extraordinaria, exercida pelo santuario compostellano, a preponderancia que na unificação dos pequenos estados hispanos coube naturalmente ao reino central, levou os historiadores, pelo menos desde a era de Fernando e Isabel, a pôrem em foco exclusivamente personagens e successos castelhanos, obliterando a dolente e laboriosa terra de Santiago, cahida pouco a pouco em docil e submissa resignação.

O papel importante da antiga Galliza como Poitou peninsular, foi igualmente esquecido,[1]) não obstante as revindicações de Santilhana e do Padre Sarmiento, até a data recente da publicação dos cancioneiros. Todos haviam annuido ao dicto de Lope de Vega que a chamára *nunca fertil em poetas*,[2]) concedendo-lhe apenas a gloria de ter criado nos seus condes a fina flor da aristocracia neo-goda: *Para noble nacimiento Galicia, Vizcaya, Asturias.*

A situação dubia em que o Noroeste ficou, suspenso entre dois polos de attracção, provocou malevolencia de ambas as partes. Castella, considerando Portugal como um fragmento ficado *por nefas* fóra da nacionalidade hespanhola, nunca viu com bons olhos os hespanhoes da Galliza, atreitos á lingua do bello mas perfido reino vizinho que se havia subtrahido á soberania de Leão. Portugal, por sua vez, considerava e considera a Galliza como um „territorio que ethnicamente lhe pertence," „fragmento ficado *por nefas* fóra da nacionalidade lusitana." Por isso mostra ora afeição ostensiva,[3]) ora desprezo aos que, irmãos seus pelo sangue e pela lingua, lhe eram politicamente adversos e se deixaram immobilizar pela absorpção castelhana.

Nas duas côrtes, castelhana e portuguesa, desenvolveu-se por isso mesmo, desde a constituição definitiva das nacionalidades peninsulares, a tendencia de ridicularizar tanto a falla gallega como o typo gallego, exagerando as suas qualidades e as suas fraquezas.

Sob este ponto de vista a historia da alma gallega — completada pelos reflexos da personalidade portuguesa na literatura castelhana — é psychologicamente muito curiosa. Tratado exacta-

1) Esquecido ou contestado, p. ex. por Sanchez, o primeiro e benemerito editor dos poemas epicos castelhanos.

2) Dicto comprehensivel nos seculos estereis (XVI a XVIII).

3) Congressos de operarios gallaïco-portugueses e de estudantes de ambas as nações estão hoje na moda.

mente como o grego tratava o beocio,[1] e o francês o alvernio (*auvergnat*),[2] o gallego, *crasso sub aëre natus,*[3]) passou a ser figura comica de theatro em Hespanha e Portugal: a imbecillidade personificada. Tosco, lorpa, boçal, bronco, excitou em farças, autos e comedias a hilaridade de gerações com as parovïces e grossarias que dizia e praticava. Em contos, coplas, dictados, proverbios, ambos os paises chasqueavam á compita da rudeza, ingenuidade e villania do gallego.[4] E faziam troça em anecdotas e monologos da *morrinha* e *suïdade* nostalgica dos pobres que, sentindo-se expatriados onde-quer — em Castella e na America do Sul — vivem melancolicos e reconcentrados, interesseiros e cobiçosos de ganho, só para poderem voltar cedo á *terrunha,* á patria pequena.

Essa accepção pejorativa de *labrego, miseravel, ruim, pouco esperto* que o nome de gallego tomou, originou-se não dos que ficam dentro do pais, mas conforme indiquei, d'essa infinidade de emigrantes de pouquissima illustração que a necessidade levava e leva ás cidades grandes (Porto, Lisboa, Madrid, Buenos Aires), onde exercem trabalhos rudes, ingratos, meramente braçaes. A injuria visa, de resto, tambem a plebe do Minho e de Tras-os Montes, em prova de que subsiste na tradição o justo conceito ethnographico que reconhece gallaïcos nos portugueses ao Norte do Mondego.

Para completar o quadro direi, sem prejuizo de insistir neste ponto quando fallar da poesia popular, que a nota injuriosa não é.

---

1) *Omnes enim Beotii magis firmitati corporis quam ingenii acumini inserviunt* (Corn. Nep., *Alcib. 11*). — *Namque illi genti plus inest virium quam ingenii* (Id. *Epam.* 3).

2) A comparação presta, porque a Alvernia fôra tambem, em tempos antigos, um dos centros de elaboração lyrica.

3) Horat. Epist. II, 1, 244.

4) Sirvam de exemplo os dictados 1) *Ni perro negro ni mozo gallego.* — 2) *Cincoenta gallegos não fazem um homem;* var. *Duzentos gallegos não fazem um homem.* — 3) *Gallegos são más fatias.* — 4) *Gallegos nunca em al fallam senão em comer e beber.* — 5) *O aldeão gallego, por uma cunca de leite, quer outra de azeite.* — 6) *Guar-te do cão preso e do moço gallego.* — 7) *Ni perro, ni negro, ni mozo gallego.* — 8) *A gallego pedidor, castelhano tenedor.* — 9) *Villano y gallego.* — 10) *Gallego malo, villano,* glosado por varios poetas peninsulares. — Tambem: *A pesar de gallegos* é phrase de contradicção acirrada, ironica que, de resto, lembra a formula epica do cyclo carolingio e do Cid: *a pesar de francos los puertos de Aspa pasó.* — Ainda ha outros que o leitor pode ver na revista *Portugalia* II, p. 489 e na *Rev. Lus.* II, p. 68.

todavia a unica que se espalhou pelo pais fóra. Outra ha, sympathica e sonora, muito importante para os nossos fins, pois proclama a sentimentalidade erotica, o talento lyrico e musical da raça gallega, seu gosto pela dança[1]) e pelo canto, e ao mesmo tempo o feitio popular e archaïco, ingenuamente rustico, das suas bailadas e melodias.

Omittindo numerosas allusões á indole do português — açucarado, derretido, sempre namorado e triste, mas tambem fanfarrão, com velleïdades de fidalgo, a sentimentalidade erotica e patrioteira personalizada[2]) — porque já me referi a ellas em outro logar — chamo a attenção para os *Vilhancicos*,[3]) cultivados com singular enthusiasmo por compositores e auctores gallego-portugueses.[4]) Posto-que a idade aurea d'esse genero semi-sacro, mas em que entraram abundantes elementos profanos, assim como a sua independencia como genero musical despontasse muito tarde — na epoca felipina e mais ainda com o advento dos Braganças ao throno português,[5]) quando o idioma castelhano imperava na literatura de Portugal[6]) — já elle havia florescido abundantemente em português no seculo XVI,[7])

1) Ainda não está escrita a bem curiosa *Historia das danças peninsulares.*

2) No theatro castelhano este typo que falla em geral um português mascavadissimo, provocou muita gargalhada ironica.

3) Falta igualmente a *Historia do Vilhancico.* Ha todavia informações preciosas nas obras de Joaquim de Vasconcellos, *Os musicos portugueses* (Porto 1873), *Ensaio sobre o Catalogo de D. João IV* (Porto 1874).

4) Frei Francisco de Santiago é auctor de 574 Vilhancicos.

5) São d' esta epoca: a *Primeira* e a *Segunda Parte de Villancicos y Romances a la Natividad del Niño Jesus, Nuestra Señora y varios santos* compuestos por *Manuel de Pinho*, Ministril de su Magestad (Felipe IV) en su real capilla, Lisboa, Craesbeeck 1615 e 1618 — cinco volumes de *Villancicos* (contendo 842 composições), cantados na capella real de Lisboa e na ducal de Villaviçosa desde 1637 a 1722.

6) O português Manuel de Pinho desculpa-se na *2ª Parte* por ter admittido na *Primeira* alguma letra portuguesa, allegando o exemplo de A. de Ledesma, Juan de Luque, Matheo Fernandez, os quaes, embora castelhanos, haviam procedido do mesmo modo. Na *2ª Parte* ha varios.

7) Num dos *Autos del siglo XVI,* magistralmente editados por Léo Rouanet (vol. III p. 456), certo personagem (o Vicio vestido de charlatão) gaba-se de gentil tañedor, e diz entre outras cousas:

canto letras y canciones,
villancicos portugueses,
con setenta y tantos sones.

Valdivielso (p. 45) tambem se refere a elles: *y es portuguesa la danza con sonajas y tejuelas.*

e por certo anteriormente em gallego, fazendo parte integrante primeiro das *Representações sacras* (introduzidas com o rito romano e citadas por Alfonso X) e depois, dos Autos que d'elles derivam. Na scena final dos Autos do Natal, dia de reis, festas da Virgem e anniversarios de Santos e Santas, surgem pastores da serra — Serra de Sintra ou da Estrella e Montanhas de Leão — levando as suas prendas rusticas ao Menino-Deus ou á Virgem, e entoando singelas *cantigas de vilão,* que constam originariamente de um distico com um só verso de refram (*Raa* ou *aaR*) — forma que ulteriormente (no sec. XV) serviu de *Mote* a uma copla explicativa, ou a varias[1]) (*bccbaaR*).

Quando os *Vilancetes* ou *Vilhancicos* chegaram a constituir um genero musical independente (especie de opereta sacra), esses mesmos cantares de gaita gallega, danças gallegas, musicas portuguesas, executadas como d'antes por humildes serranos, com acompanhamento de gaita de folles, pandeiro, tambor,[2]) chocalho, flauta, churumbelas, serviam-lhe de remate typico. Nessa epoca, as composições em que o povo festeja o divino Manoel e a Virge-Maria, tratando-os a ambos muita vez com familiaridade galanteadora como conterraneos seus[3]), vão ás vezes em quadras, forma typica da poesia

---

1) É curioso ver e comparar os differentes typos de Vilhancicos nos Autos citados na Nota anterior.

2) No *Catalogo da Livraria de Musica de D. João IV* contei 37 Vilhancicos com bailadas portuguesas, e 36 com outras gallegas.

3) Manuel de Pinho refere-se a este traço curioso como a um modo gentil de galantear „porque bem se sabe que Christo Nosso Senhor nem foi português nem castelhano.“ As explicações dadas nos proprios Vilhancicos são de ingenuidade e do vulgarismo encantadores. *Deus é gallego que nace entre bois. Deus é gallego, que se chama Manoel* (Manuel e Maria são, como todo o mundo sabe, os nomes typicos do homem e da mulher gallego-portuguesa). — Em Portugal accrescentam que *Deus é gallego pois nasce em Belem,* ao passo que na Galliza affirmam ouvir no balido das ovelhas e dos chibinhos o grito *belém belém!* Tambem nestas curiosas particularidades, Galliza e Portugal caminham de mãos dadas. Ha Vilhancicos (*Cat.* p. 308) em que o Menino-Deus é chamado *„portuguesinho galante“.* Num que principia *Muito quero aquel menino,* notei o refram:

Tão garridinho
tão tenrozinho
Ay Amor! que é português!

Ha outros dirigidos *„ao galleguinho que é filho de Deus* (p. 257), ou que affirmam *„Galleguinho nasce o menino“* (p. 252). Conheço um, português, em que o *cortixo* em que nasceu é desenhado como vindo da Galliza: *porque tudos* (sic) *vexo juntos os Christianos con as bestas.*

popular na sua segunda phase, ás vezes em disticos em estylo archaïco, que recorda as bailadas de 1200.

Eis um exemplo de cada um.

I. Ay! se nosso Deus galego se faze
vamos a cantar á chozinha en que nace.
Ay se sua may é de Compostela,
vamos a cantar fermosa *galega*.

Todo galeguinho toque churumbela
que o menino bello é da nossa terra.
Façamos-lhe todos a dança galega
que está desnudinho, e chora e tembra (ou: trema).

Pois nace em Galiza á falda da serra,
Galego se faze, é da nossa terra![1])

II. ¿Meu menino diamante, quem vos deu tam dura cama?
Os moradores da terra, que a isto vem quem bem ama.

Meu menino diamante, quem vos deu tantos rigores?
Os moradores da terra que aqui me tem por amores.

Meu menino diamante, quem vos deu tanta má vida?
Os moradores da terra que a graça tem perdida.

Meu menino diamante, quem vos tem posto em pobreza?
Os moradores da terra que aqui me tem por vileza.

Meu menino diamante, quem vos deu frio no rosto?
Os moradores da terra que em Belem me tem posto.[2])

Entre verso e verso como refram a interjecção *ay ay ay*.

Fechando o pequeno excurso, continuo com o thema. Ao desprezo, e ás zombarias do castelhano, o gallego, postoque resignado de facto, dá naturalmente a réplica, ora em ais dolorosos, ora em humoradas violentas e amargas que parecem denotar, além de pruridos de independencia ainda não apagados, uma profunda antipathia contra o reino central ou pelo menos contra a capital, uniformadora e centralizadora, a tyranna parlamentaria e burocratica, que tão dura e descaroavelmente avassallou os cantigos organismos provinciaes, privando-os de toda a iniciativa e funcções proprias.

Repetindo sempre de novo que algo de irreductivel o separa do resto da nação e que o seu genio é inconfundivel com o genio castelhano,[3]) o gallego exhala as suas magoas em coplas como as seguintes:

---

1) Cantado em Villaviçosa no Natal do anno 1637.
2) Cantado na mesma occasião.
3) Aos escritores estrangeiros não passa despercebido esse antagonismo. Um d'elles disse ha pouco que „*les Gallegos ne se considéraient pas comme*

I. *Castelhanos de Castella* (ou *Castilha*),
tratade ben os (ou: *aos*) *galegos!*
Cando van, van (ou: *son*) *como rosas,*
cando ven, ven como negros.[1])

II. *¿Que mal vos fan os galegos,*
malucos de castelhanos?
¿Que mal vos fan os galegos
pra que os trateis com' escravos?

Essa dôr exacerbou-se extraordinariamente, nos circulos literarios pelo menos, desde que os cancioneiros revelaram o glorioso passado lyrico da Galliza,[2]) ministrando a prova das affirmações tão discutidas do Marquês de Santilhana, Duarte Nunes de Leão e Sarmiento. Exacerbou-se e provocou uma reacção natural e salutar, pois instigou os letrados a colleccionarem o folklore,[3]) a tirar dos archivos documentos vetustos;[4]) a estudar a historia politica[5]) e literaria,[6]) a novamente cultivarem a falla materna que nos seculos

---

de España. C' étaient tellement deux peuples distincts que dans maintes relations ... on disait Hispania et Gallaecia." (C. Caux, *Pèlerinages*, p. 223.

1) A Glosa da grande poetisa Rosalia de Castro, em que occorre a quadra:
Castelhanos de Castilha,
tendes corazon d' aceiro,
alma como as penas dura
e sin entranhas o peito,
está popularizada. Ouvi-a mais de uma vez. Cf. Inzenga, *Cantos y Bailes de Galicia*, Canto XXI.

2) Antes de 1870 apenas havia preludios. A creadora da moderna poesia gallega, como se se tratasse de symbolizar o caracter feminino d'essa lyrica feita de vaguidão nostalgica, enervante languidez, tristonha e mimosa dulcidão, escassa de energia mas nem por isso privada de notas alegres, picarescas, epigrammaticas — D. Rosalia de Castro y Murguia — havia preludiado esse movimento de renascença nos seus *Cantares Gallegos*, 1863. — Os *Ensayos poeticos en dialecto berciano* até são de 1861.

3) Milá y Fontanals, *De la poesia popular gallega* (*Romania* VI, 1877, e *Obras* V, 1893). — E. Pardo Bazan, *Folklore gallego* (vol. IV da Biblioteca folklorica, Madrid 1880). — J. Perez Ballesteros, *Cancionero popular gallego* (3 Vol. Madr. 1885—1886. — M. Nuñez Gonzalez, *Monografia sobre la poesia popular gallega* (1894).

4) Na *Galicia Historica*, revista ed. por A. Lopez Ferreiro (Santiago 1901); *Galicia Diplomatica* ed. Benito Vicetto (Santiago 1882—1889) e tambem no *Bol. de la Acad. de Historia.*

5) Benito Vicetto, *Historia de Galicia*, Ferrol 1865—1873; Florencio Vaamonde, *Resume da Hist. da Galicia*, Cruña 1899; Justo E. Areal, *Fragmento de Hist. Gal.*, Vigo 1900; M. Murguia, *Hist. de Galicia*, 2ª ed. Coruña 1901; Id. *Galicia em España, sus Monumentos y artes, su Naturaleza e Historia* (1889); Padin, *Hist. pol. rel. y descritiva de Galicia.*

6) Murguia, *Diccionario de escritores gallegos*, Vigo 1867; Leandro de Saralegui y Medina, *Galicia y sus Poetas*, Ferrol 1886; Augusto

XII e XIII havia florescido com tanto viço para depois ficar reduzido a dialecto caseiro;[1] e isso não só poetando[2] mas tambem por meio de obras em prosa,[3] estudos grammaticaes,[4] trabalhos lexicographicos.[5] Desencadeou numa palavra o movimento regionalista que o mundo official observa com sentimentos contradictorios.[6] Ainda hoje, como no sec. XIII, as manifestações do genio galliziano melhor acolhidas são as musicaes e lyricas.[7]

§ 406. Regressemos aos tempos em que nem *gallego* nem *galliziano* era nome injurioso, mas antes titulo de honra.[8] Houve uma era em que *Gallaecia* era nome generico da Hespanha christã,

---

G. Besada *Hist. de la Lit. Gall.*, Coruña 1887; Eugenio Carré Aldao, *La literatura gallega en el siglo XIX*, Coruña 1903; José Posse Villalga, *Literatura gallega* na *Revista Contemporanea* (Fev. 1903); Marques de Figueroa, *Renacimiento literario y artistico en Galicia*, em *España Moderna* 1889 e 1890. Contribuições de valor scientifico, não as ha, a não serem os excellentes estudos de A. Martinez Salazar, *Jograes gallegos* (*Rev. Crit.* I, p. 232); *Monjes de Galicia* (ib. I., p. 345) e a ed. da *Cronica Troyana* (1900); assim como a *Historia de Santiago* de Lopez Ferreiro (desde 1898 até 1903 sahiram 5 volumes).

1) Os seculos XVI a XVIII foram de completo mutismo literario. Sómente Vilhancicos, cantos e bailes attestavam a fecundidade da antiga musa popular da Galliza.

2) Omittindo o catalogo das poesias, remetto o leitor á obra citada de Carré Aldao. A *Biblioteca Gallega* compõe-se de 40 voll.

3) Algumas das *Historias*, acima citadas, estão escritas em gallego. Entre as novellas, merece menção *A tecedeira de Bonaval* de Lopez Ferreiro.

4) R. Alvarez de la Brana, *Vocabulario e Grammatica* 1863; J. Cuveiro Pinhol, *El habla gallega* (1868). Saco Arce, *Grammatica* (1868); A. M. de la Iglesia, *El Idioma gallego* (1886, 3 vol.); E. Alvarez Gimenez, *Defectos de lenguaje en Galicia* (1890).

5) Ha tres *Diccionarios gallego-castelhanos:* de J. Cuveiro Pinhol, 1876; F. J. Rodriguez, 1863; Marcial Valladares, 1884.

6) Relativos ao regionalismo ha innumeros artigos de jornaes e revistas, e varias conferencias. Entre os periodicos dedicados ao movimento, o mais importante é a *Revista Gallega* que já anda no Anno IX.

7) Vid. Adalid, *Coleccion de cantares viejos;* Inzenga, *Cantos y bailes de Galicia.* O Orfeon Corunhês, sob a direcção do Maestro Veiga, ganhou em Paris (1889) a medalha de Ouro. Ondequer que em Portugal alguma artista galliziana cante sentidas melodias da sua terra, pode registar triumphos.

8) O nome vulgar era *galliziano* antes do sec. XIII. Sómente auctores eruditos fallavam de *gallaecos.* Onde encontrarmos o primeiro, como p. ex. nos hymnos de Santiago e nas prosas compiladas no Codice chamado de Calixto II, havemos de suppôr influencia directa, indigena. Alfonso X preferiu o termo erudito e deu-lhe curso (Vid. **CM 354**).

ao passo que *Hispania* designava a *Mouraria.*[1]) O curto periodo em que S. Salvador de Oviedo fôra capital dos territorios reconquistados não teve eco na memoria dos povos. O immediato, pelo contrario, em que as Asturias e a Galliza formaram uma unidade, dentro em pouco augmentada pela planicie de Leão, repercutiu-se longe, espalhando todavia exclusivamente a fama das terras gallizianas, ou antes da *terra de Santiago* — pois fôra o descobrimento do sepulcro do Apostolo que lhe deu brilho e renome superior. Ha provas d'isso na poesia epica dos germanos,[2]) nas sagas escandinavas,[3]) nos historiadores flamengos,[4]) nos cantares de gesta da França,[5]) na poesia popular inglesa,[6]) nas obras dos trova-

1) *Galitzenland*, *Mohrland* ou *Spanland* e mais tarde *Jakobsland* em textos germanicos. — Vid. Dozy, *Recherches* I, p. 89—115 e II, p. 116, 132, 323. Na bocca dos auctores arabes *Galliza* teve naturalmente sentidos variados. Como *Francos* designava no Oriente todo o Occidente europeio, assim Galliza designava todos os reinos christãos peninsulares. Outras vezes denominava apenas o conjuncto dos condados galizianos e portugaleses; posteriormente só a Galliza propriamente dicta; mas tambem o Portugal, ou partes d'elle como a Beira, vizinha então do dominio arabe. — Cf. Dozy, *Histoire des Musulmans d'Espagne* III, p. 230.

2) Ainda não existe, que eu saiba, um ensaio dedicado a *Santiago no estrangeiro*. Creio ter já fallado da parte que a aristocratica Galliza e Portugal tem na *Gudrun* (composta c. 1200). Vid. v. 1008:

ouch was ir einen drunder von Galitzenland
die hete ir ungelücke von Portugal gesant . . .
Hildeburc diu edele von Galizenlande (v. 1196).

Em Wolfram von Eschenbach tambem ha referencias.

3) Acerca das expedições escandinavas ao Noroeste (*Galizuland* ou *Jakobsland*) — a duvidosa de Olaf (*Galizu-Ulf* ou *Ulvo Gallicianus* 1014) e a de Sigurd (1107) — vid. Coelho *Rev. Crit.* II, p. 58; Farinelli (ib. III p. 7); Adam Kristoffer Fabricius, *La connaissance de la Péninsule Espagnole par les hommes du Nord,* Lisb. 1892; Dozy, *Recherches* II, p. 314, 323, 326).

4) Vid. E. Cantineau, *Origine des relations commerciales entre la Flandre et le Portugal,* Lisb. 1901; Dozy II, l. c.

5) Mais abaixo terei de alludir á parte que Santiago de Compostella tem no cyclo carolingio, tanto nos poemas dedicados á grande expedição de Hespanha como nas prosas em que apparece transformada em romaria: — *L'entrée en Espagne* e *Le Pèlerinage de Charlemagne,* como podiamos dizer, aproveitando titulos conhecidos, mas originariamente com applicação diversa.

6) A mais antiga ballada inglesa que se conhece, citada por todos quantos se occuparam de „Viagens e Viajantes em Hespanha e Portugal;" principia:

Men may leave all games
that sailen to Saint James.

A Allemanha tambem possue uma bailada muito popular nos seculos XIV a XVI, não só nas verdadeiras irmandades de Santiago (*Jacobsbrüder*). Vid. Uhland, Nº 302; *Wunderhorn* ed. Erck I, p. 338. Essa ballada, chamada *Sanct-Jacobi-Dantz,* começa com a descripção dos perigos que ameaçavam o romeiro:

dores,[1]) nos poetas da Italia,[2]) nos auctores arabes.[3]) Tambem na peninsula *galizianos e portogaleses* tiveram então altissima cotação. Os poemas do *Cid* e do *Fernan Gonzalez,* as chronicas e os livros de linhagem estão cheios de lendas e anecdotas genealogicas, relativas aos Condes.[4]) A formula *Galicia onde los cavalleros son* occorre ahi com freqüencia,[5]) emparelhando com a denominação consagrada de Portugal como *tierra gençor,* ou *terra viçosa*, a qual já conhecemos. »Infanções de Galliza« ou »Condes galizianos« distinguem-se não só em todas as magnas acções bellicas,[6]) mas tambem nas côrtes, nos paços regios onde muitos d'elles foram criados,[7]) quasi sempre em companhia de cavalleiros e condes de Portugal.[8]) Ora como impavidos campeões contra o Islamismo e os invasores nordicos;[9]) ora arvorando o estandarte da rebellião contra os sobera-

---

Wer das elend bawen wel
der heb sich auf und sei mein gsel
wol auf sankt Jakobs-strafsen.

1) Pastorelas de *Guiraut Riquier,* canções de *Peire Vidal* etc.

2) Sem fallar das suppostas viagens a Santiago de Sordello, Guinicelli, Cavalcanti, citarei o verso de Dante sobre *il barone Per cui laggiù si visita Galizia* (Parad. XXV).

3) O *Rex Gallaeciae et Asturiae* que vimos subordinar-se aos Francos no sec. IX, depois de o Emperador haver auxiliado os christãos da Catalunha, era, aos olhos dos Arabes, um simples *Rex Gallaeciae.* As montanhas que haviam sido refugio dos vencidos e principio dos estados de Pelaio são *montanhas da Galliza;* os reis de Castella, descendentes de uma geração galliziana: *Beni Alphonsos da Galliza.* Mesmo ao surgir do novo reino gallego-português Ibn Henric recebeu d'elles o titulo *Rex Gallaeciae.* Vid. Dozy, *Recherches* II, p. 323; I, p. 92; Lopez Ferreiro, *Hist. Sant.* II, p. 477.

4) Encontramos tanto na *Cronica Rimada* como na *Cronica Geral* o Conde D. Osorio e Nuno Alvares da Maia como genros do rei de Leão, sendo o ultimo, além d'isso, sogro de Diego Lainez e portanto ascendente do Cid Campeador.

5) P. ex. na *Cronica Rimada*, v. 761 e 762.

6) Na tomada de Almeria surgem D. Fernam Perez de Traba e D. Fernand'Eannes de Lima. *Hist. Sant.* III, p. 234.

7) Em documentos regios a favor dos Condes nota-se freqüentemente a expressão *quem ego ut filium nutrieram et honore et munere ditaveram. Hist. Sant.* III, p. 155. Cf. ib. p. 322 e Apend. XXVIII onde D. Urraca diz de D. Pedro Froilaz: *pater meus rex dominus Alfonsus vos criavit et nutrivit.*

8) Os poetas em geral fazem ir juntos *portogaleses con galizianos*, e afim de formarem grupos parallelos, *leoneses con asturianos; castellanos con estremadanos; biscainos con guipuzcoanos;* os da *Montanha con alaveses.* Vid. p. ex. *Cron. Rim.*, v. 696, 700, 1030; *Poema del Cid* 2978; *Poema de Alfonso XI,* estr. 1750.

9) *Hist. Sant.* II, p. 474; Dozy, *Recherches* II, p. 250—372.

nos;[1]) não poucas vezes alliados dos Mouros; envolvidos em renhidas pendencias com os prelados ou irmandades de burgueses e campesinos — mas sempre *nobres de pró* — documentando além de tendencias auctoritarias, separatistas, e ambição insofrida, aquella energia feroz, necessaria numa época em que a guerra era o estado normal dos povos peninsulares.[2])

Se envenenaram Sancho o Gordo, não obedeceram a Ramiro III, levantaram ao throno como anti-rei a Bermudo III, negaram obediencia a Fernando I, assassinaram o bispo Gudesteo, e auxiliaram Almanzor nas suas empresas,[3]) foi um d'elles que defendeu Leão contra o mesmo Almanzor, morrendo na brecha; foram elles e prelados sahidos das mesmas familias, que criaram e educaram os soberanos mais distinctos da primeira e segunda dynastia; e mais de uma vez deram ao seu pais independencia, embora passageira.[4])

---

1) Desisto de organizar a lista completa das sublevações e conspirações. Lá vão alguns exemplos colhidos ao acaso nos Chronicões e Annaes. Fruela I (p. 757—768): *Gallaeciae populos contra se rebellantes ... devastavit* (*Esp. Sagr.* XIII *Ap.* p. 483). Silo (774—783): *Populos Gallaeciae contra se rebellantes in monte Cuperio bello superavit et suo imperio subjugavit* (*Esp. Sagr.* XIII, *Ap.* 356 e 361). Alfonso III (886) doa á igreja de Santiago as salinas que o Conde Ermigildo e sua mulher perderam *ob rebellionis crimen;* Alfonso VI (1088) beus do Conde Rodrigo Ovequiz á Sé de Lugo porque se havia rebellado: *contra me rebellis extitit.* Bermudo III refere-se num privilegio ao tempo em que Bermudo II veio á Galliza (986) castigar revoltosos: *In tempore avii nostri Veremundi rebellaverant illi Comites Gallecie Suarius Gundemariz ceterique comites eius cumplices. Pro tali facto exercitu aggregato venit in isto opido Luco ubi multis diebus commoravit quousque Domini misericordia multis bellis peregit et provincia ipsa Galletie humiliatos iure suo reduxit . . . iussit omnes castros qui fuerint in superbia fabricatos ad terram redigere et in plano fecit omnes habitare . . .*

2) São os traços que mais distinguem esses facciosos aristocratas, adversos a submetterem-se por muito tempo ao mesmo senhor, avidos de pelo menos documentarem a sua liberdade, mudando a cada passo de senhor. *Habent pro summa libertate alternare dominos et dominis suis esse rebelles.* É um estrangeiro domiciliado em Compostella quem o diz, depois de os ter caracterizado como inconstantes nas suas aspirações: *fortunae comites extolluntur in prosperis; franguntur in adversis. Levis aura quovis eos impellit.* — *Hist. Comp.* I, c. 109.

3) *Hist. Sant.* II, p. 406ss. Quando no anno 986 a sublevação dos magnates mencionados na Nota supra, foi reprimida, alguns dos vencidos refugiaram-se á côrte de Almanzor.

4) Houve duas vezes independencia por revolta, e outras duas, por divisão do reino. Fazendo parte do reino asturico-leonês sob Alfonso I (genro de Pelaio e descendente do Godo Recaredo), o qual já reinava nas Asturias e na Cantabria, a Galliza revindicou a sua liberdade sob Fruela I (757—768).

A historia menciona com louvores subidos o Conde Mem Gonzalez. Defensor da patria nas guerras contra Almanzor[1]), fôra aio e tutor de Alfonso V (r. 999—1028) e regente durante a longa menor-idade d'este primeiro entre os muitos reis-*niños* que cingiram a coroa hespanhola. Fernando I, o par de emperador, casado com uma neta d'este D. Mendo,[2]) teve por aio ao Conde D. Osorio.[3]) Garcia, o filho menor, ao qual destinava a Galliza, foi educado pelo bispo D. Cresconio (desde 1053) que era parente de Mem Gonzalez.[4]) O Conde D. Raimundo que residia de preferencia nas villas do seu condado, entregou o herdeiro aos cuidados do Conde D. Pedro

---

Envolvida numa unidade com Leão e partes de Castella a Velha por Alfonso III, o Magno, coube em herança a Ordonho II. Por morte de seu irmão Garcia de Leão, este apressou-se a refundir os dois reinos (914), passando-os ao cabo de um decennio ao ultimo filho do Alfonso III, Fruela II das Asturias. Em meado do seculo principiou nova lucta separatista que se prolongou por tres reinados (Ordonho III em 955; Sancho I, em 956; Ramiro III em 984). Os Condes collocaram no throno Bermudo II. Mas como este succedesse pouco depois em Leão, uniu mais uma vez os estados christãos. A Galliza continuou absorvida no tempo de Alfonso V e Bermudo III, ultimo vastago da primeira dynastia († 1037) e no de Fernando I, não sem conspirações repetidas. Morrendo repartiu os estados pelos herdeiros, deixando a Galliza a Garcia. Mas tambem d'esta vez a independencia foi transitoria. Guerreado pelos irmãos, Garcia procurou um refugio entre os mouros de Zaragoza; regressou quando Sancho de Castella foi matado no cerco de Zamora, sendo todavia encerrado por Alfonso VI de Leão, no castello de Luna, onde morreu (1090). Esta quinta e definitiva incorporação (1072) foi todavia annullada até certo ponto pelo monarca, pois dividiu, como sabemos, a Galliza em dois condados, a favor dos condes borgonheses, Raimundo e Henrique.

1) Dozy, *Recherches* I, p. 101 e 102; *Hist. Sant.* II, p. 375, 421 e III, p. 322. Não é provavel que o afamado Conde D. Mendo (Linh., Tit. VII), activo pelo menos desde 985, seja identico ao *M^m Gos o portogalês de pro*, mencionado na *Cronica Rimada* como um dos companheiros do successor. Os prenomes e patronymicos repetiam-se naturalmente tanto nas familias aristocraticas como nas plebeias, em consequencia do costume peninsular de o avô ser padrinho do primeiro neto. Muito havia que dizer a este respeito. Restrinjo-me a registar os prenomes mais usados dos Condes: Alvaro, Arias, Bermudo (Veremundo), Dia, Fernando, Froila, Gonzalo, Guterre, Menendo, Munio, Ordonho, Osorio, Oveco, Pelaio, Rodrigo, Sancho, Velasco, Ximen. Os patronymicos correspondem-lhes.

2) Bermudo III, com cuja irmã Fernando I casou, era neto do Conde D. Mendo, conforme disse na Nota supra.

3) Vid. *Cron. Rim.*, v. 358: *el conde don Ossorio amo del rey don Fernando;* e 411: *el conde don Ossoryo el amo quel crio.* Cf. v. 772. — Ignoro se este é o Osorio Gutierrez que mereceu o titulo de Conde Santo.

4) *Esp. Sagr.* XXXV, p. 65 e II, p. 473; *Hist. Sant.* III, p. 518, 522, 554.

Froyaz (Froilaz) de Trava († 1155) em quem-se cifrava todo o honor e toda a grandeza de Galliza.[1]) Tutor e aio do pequeno Alfonso Raimundez — *assolaitin,* como os arabes o denominavam, — de 1108 até a morte de D. Urraca, serviu-o e protegeu-o com toda a lealdade e firmeza contra as sublevações de revoltosos e especialmente contra as maquinações da inconstante e apaixonada mãe. Fernando II passou a mocidade em casa do filho d'esse magnate.[2]) Fallo do ambicioso D. Fernando Perez de Trava que viveu maritalmente com a Rainha D. Teresa, viuva do Conde D. Henrique, e tentou alçar-se com o senhorio de Portugal, sendo derrotado (em 1128) por Alfonso Henriques.[3]) Um genro do Conde, esposo de sua filha Urraca Fernandez de Trava (D. João Aires de nome) criou Alfonso IX, o Leonês.[4]) Mesmo o monarca que uniu para sempre o Noroeste ao centro, Fernando III o Santo, passou o primeiro lustro da sua vida na Galliza.[5]) Nem falta quem affirme a mesma circumstancia com relação a Alfonso X.[6]) Não vejo todavia razão sufficiente para dar fé á supposição que sua mãe, herdeira de Castella, se cingisse a um uso tradicional, já não justificado, quando em dia de S. Clemente do anno 1223 lhe nasceu o neto. A idade aurea da Galliza já lá ia. Só o prestigio da lyrica galliziana perdurava, sempre com maior ascendente; e o do santuario de Compostella, conduzindo constantemente pelo caminho francês legiões de

1) Não está provado que D. Pedro Froilaz fosse descendente de Mem Gonzalez, mas é muito provavel. — Cf. *Hist. Sant.* III, p. 293, 297, 322—329, 331.

2) Alfonso VII nasceu provavelmente em Caldas de Rey (1105), ou em outra qualquer das villas do Conde Raimundo (*Hist. Sant.* III, p. 268—288). Foi baptizado em Santiago (*Rod. Tol.* VI, c. 34), ahi mesmo coroado em 1110, e armado cavalleiro em 1124. Na Galliza permaneceu arrinconado emquanto a mãe o guerreava. Cf. *Hist. Sant.* III e IV e Lopez Ferreiro, *Alfonso VII, Rey de Galicia y su ayo el Conde de Traba.*

3) *Hist. Sant.* IV, p. 268s. e 284.

4) *Hist. Sant.* IV, p. 268 e 343; V, p. 23. Talvez sob os auspicios do bispo D. Pedro Gudesteiz.

5) *Hist. Sant.* V, p. 42. O proprio filho attesta essa estada na Galliza até os sete annos na Cantiga **CM 221**, em que diz com referencia a Alfonso VIII e sua incursão na Gasconha no anno 1206:

seu avoo quando reynou
de Galliza o fezera vĩir.

6) Velazquez, seguindo Papebrochio, affirma, que Alfonso X foi criado em Galliza, sem documentação, influido talvez pela mestria com que Alfonso X se serviu do idioma gallego nas *Cantigas de S. Maria.*

peregrinos *desde los puertos de Aspa fasta en Santiago*[1]) e novamente *De San Jacme a Narbona.*[2]) E a ambos os ascendentes — o religioso e o lyrico — o Sabio tributou, como legislador e como poeta, homenagens ainda mais expressivas do que os predecessores que nomeei.

§ 407. É tempo de entrarmos na cidade de Santiago, pisando o *Campus stellae,* coração palpitantissimo da Galliza, cuja posse equivalia, no religioso e patriotico sentir medieval, ao predominio sobre toda a Hespanha christã.[3]) A tradição da vinda a Hespanha e da predicação de Santiago Maior[4]) já era secular, sempre constante e nunca interrompida, conforme o ultimo erudito historiador da igreja,[5]) quando em principios do seculo IX, no reinado de Alfonso II,[6])

---

1) *Poema del Cid 755.* Cf. 219 e 1113 *desde Roma fasta Santiago.* A cidade de Compostella figura ainda em muitas expressões semelhantes, embora de menos vastidão: *de Santiago fasta San Fagundo,* respectivamente *Onha, Logronho* etc.

2) Guiraut Riquier.

3) Assim o entendiam todos os monarcas da reconquista. E assim o proclamou um dos mais energicos fautores da igreja de Santiago e dos jacobitas. No decreto importante de 15 de Dez de 1072 (isenção dos peregrinos da portagem de Valcarcel) que logo terei de mencionar, Alfonso VI empregou a formula: *Sancto Jacobo Apostolo in cuius ditione terra vel regimen consistit totius Hispaniae.* Assim o assentou tambem o compilador do celebre Codice de Calixto II, contando no *Pseudo-Turpim* que Carlos Magno, no concilio por elle convocado a Compostella, submetteu á dicta igreja toda a terra hispanica e galliziana e lha deu em dote.

4) Os proprios escritores hespanhoes confessam que a vinda do Apostolo não é de historica evidencia, como a de S. Paulo. Registam todavia como antiga a piedosa tradição que, evangelizando pelos ambitos hespericos, Santiago tivera nas margens do Ebro a apparição sobre *o Pilar* que deu origem ao primeiro santuario da Virgem Immaculada (Zaragoza). Vid. Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 46.

5) D. Antonio Lopez Ferreiro, cuja volumosa *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostello* já tenho citado a miudo. Confira-se a obra do mesmo e do P. F. Fita, *Monumentos antiguos de la Iglesia, Compostelana,* Madr. 1882; o tratado de D. Miguel de Erce Ximenez, *Prova evidente de la predicacion del apostolo Santiago el Mayor en los reinos de España,* Madrid 1648; Simonet, *El Apostolo Santiago y los autores arabigos,* Madrid 1881 (em *Ilustracion Catolica*); Dozy, *Recherches* II, p. 398 ss.

6) É costume indicar o anno 808 ou 812 (respectivamente 813). Mas como não ha senão lendas e documentos tardios, em parte apocryphos, não se conhece a data precisa do „descobrimento.“ A *Hist. Comp.* diz com a devida circumspecção que foi no tempo de Alfonso II, o Casto (791—842) e de Carlos Magno.

succedeu na terra ameia o achado milagroso dos restos mortaes do mais fogoso entre os dois irmãos *boan-erges,* apostolos predilectos do Salvador, cujo espirito energico, pronto a fazer descer do ceo os raios e coriscos da ira divina sobre os Infieis,[1]) parecia predestinado a actuar — *postfestum* — no meio mahometizado em que a tradição o colloca.

Este acontecimento importantissimo, façanha pia e gloriosa de Theodomiro, o então bispo de Iria, transmittida ao papa Leão III, e por elle participada solemnemente a todo o orbe catholico,[2]) transformou o canto noroeste — *terra de Santiago* — *terra beati Jacobi* — *terra regis de Sancto Jacobo* — em centro de attracção e concorrencia para todo o mundo culto.

As romarias, os milagres, as aventuras romanticas, a crystallização de lendas sacras e profanas, os votos e donativos, fundações pias de oratorios, hospicios e outras instituições de beneficencia começaram breve. Em volta do primitivo monumento funebre nasceu um burgo que rapidamente se tornou povoação rica, com igrejas, paços episcopaes, collegiadas, mosteiros, albergues, hospitaes, casa de moeda, logar para cambistas e mercadores, tendas para concheiros que no agro do *Paraiso*, contiguo ao *campus-stellae*, vendiam aos devotos a insignia distinctiva do jacobita, a *vieira* ou *venera* (*pecten jacobaeus*), tão abundante nas costas da Galliza.[3]) Os bispos de Iria, suffraganeos de Braga antes da dominação arabe e depois, mudaram a sua residencia habitual para Santiago, tomando com ambiciosa presunção o titulo de *Iriensis Sedis Episcopus Apostolicae Sedis.* Antes de o seculo findar o modesto templo, erigido sobre a *arca marmorica* que resguardava os suppostos restos, incorruptos, do protomartyr[4]), dotada apenas com o passal obrigatorio

---

1) *Evang. S. Marco* III, 17.

2) *Esp. Sagr.* III, *Ap.* IX.

3) Attributo apropriado de um apostolo que fôra pescador na Galilea e foi navegante em vida e depois da sua morte. Os falsos romeiros receberam em França o nome de *coquillards.* A respeito das restantes insignias dos romeiros (o bordão, a cabaça, a esclavina — capinha-*romeira* —, o chapeu de sol, guarnecido de conchas no regresso) veja-se C. Caux, *Pèlerinage à Santiago* p. 158 e 300.

4) Todo o mundo conhece a lenda. Os despojos do apostolo degollado no anno 44 *p. Ch.* (*Act. Apost.* 12) como transgressor das leis judaicas e reo de lesa-nação — cabeça e tronco portanto — não-sepultados, expostos á voracidade das feras, foram por alguns adeptos levados a furto a Jafa. D'ahi judeus christianizados da Galliza os levaram numa nau veleira; logo após

(*dextrum*),[1]) foi, graças á munificencia de Alfonso III, o Magno, substituida por uma formosa basilica, consagrada em 899, á qual succedeu, ao cabo de dois seculos, após a invasão das hordas de Almanzor que a destruiram, levando a Cordova os sinos e as portas,[2]) a construcção sumptuosa que actualmente existe e é uma das obras-primas do estylo romanico em Hespanha.[3])

No anno 829 o Apostolo já era padroeiro e senhor das Hespanhas[4]) e recebia tributos e homenagens de toda a especie, materiaes e espirituaes, de patriotas e forasteiros. As visões, visitas e doações de Carlos Magno[5]) são invenção poetica, ideada por monjes[6])

o martyrio, segundo uns, no sec. VII segundo outros. Gastando apenas os sete dias tradicionaes ou convencionaes dos cantares de gesta e dos romances, a nau entrou no porto gallaïco de Iria, que foi assignalado d'esta forma pela divina providencia como um dos centros principaes da actividade missionaria do Apostolo. Ahi foi provisoriamente depositado numa penha á beiramar que se cavou espontaneamente no sitio onde em epoca que se ignora foi fundada a igreja commemorativa de *Santiago del Padron.* Segundo uma versão poetica da lenda foi uma rocha de marmore que servira de barca ao corpo santo. *E sopra l'onde d'Esperia trasportare il fece a un natante marmo.* (Boccaccio, *Filocopo*). Posteriormente uma rica-dona gallega, D. Lupa, fez doação aos christãos jacobitas de um campo perto de Iria, nas margens do Sar, com annuencia do prefeito romano, onde vencendo-se innumeras difficuldades de modo sobrehumano, foi afinal construido o primeiro monumento funebre do Apostolo: *donum de Lupa — liberum donum — arca marmorica.* Desde que a presença de um corpo santo fôra annunciado ao bispo de Iria por luzes e canticos angelicaes, o terreno recebeu o nome *campus stellae: Compostella.* — Vid. *Acta Sanctorum* VI, 32ss.; Murguia, *Galicia,* cap. IV, p. 415—430; *Rev. de España* VII, p. 161—198; C. Caux, *Pèlerinage* p. 159; Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 46ss.; *Hist. Comp.* I, c. 1 (*Esp. Sagr.* XIX, p. 64 e 329; XX, p. 8 e 601); Schäfer, *Geschichte Spaniens* I, p. 399; Lopez Ferreiro, *Hist. Sant.* I; Lipsius, *Die apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden,* Braunschweig 1884.

1) *Hist. Sant.* I, p. 287 e II, p. 27ss.

2) Ib. II, 183ss.

3) Ib. III, p. 19—151. Foi começada em tempo do bispo D. Diego Pelaez, reinando Alfonso VI (entre 1070 e 1080).

4) Num documento de 4 de Set. de 829 (*Esp. Sagr.* XIX, *Ap.* 1) é que Santiago apparece claramente designado como *patronus et dominus totius Hispaniae.* Ha propugnadores da these que os christãos nunca esqueceram o caminho do tumulo e que o apostolo já era padroeiro do reino no tempo de Recaredo. Vid. C. Caux, p. 233.

5) Vid. Gaston Paris, *Histoire poëtique de Charlemagne* (Paris 1863); Id. *Histoire Littéraire du Moyen Age* §§ 32, 34, 94; Ceruti, *Il viaggio di Carlo Magno in Ispagna per conquistare il cammino di San Giacomo,* Imola 1871.

6) Os cinco primeiros capitulos da historia fabulosa de Carlos-Magno, attribuido a Turpin, são apparentemente obra de um auctor diverso do Aimeric Picaud que escreveu o resto.

que, por meio da transformação da entrada bellica de 778 em piedosa peregrinação, desejavam enaltecer a gloria do Apostolo e estreitar os laços entre o maior santuario europeio e a igreja principal de França, afeiçoadissimos de ambas.[1]) Os principios dos votos nacionaes, estabelecidos como se crê depois do milagre de Clavijo (844), são escuros.[2]) Certo é porém, que em meado do seculo o sepulcro já era procurado por personagens acorridos de longe: Normannos e Arabes da Andaluzia.[3]) Não menos certo, que Alfonso II, o Casto, não havia tardado em visitar e favorecer a igreja por elle fundada e em outorgar franquias positivas e privilegios sociaes aos peregrinos que affluiam de todas as partes. Os successores seguiram esse exemplo, peregrinando em pessoa a Compostella, tomando as armas de cavalleiro, celebrando a sua coroação, fazendo baptizar seus filhos per ante o altar do santo e escolhendo a sua igreja para ahi dormir o ultimo somno.[4]) Todos quiseram que o santo advogado das empresas bellicas participasse dos despojos de cada victoria tanto sobre os sarracenos como

---

1) Aimeric Picaud, o supposto auctor principal do Pseudo-Turpin e compilador do debatidissimo Codice de Calixto II, dá prova d' este affecto e d'esta tentativa de approximação em dois trechos parallelos que vou trasladar: 1°) „*Tunc in eodem concilio* [o compostellano a que já alludi] *subiugavit Rex* [Karolus] *eidem ecclesiæ totam terram hispanicam et galecianam deditque ei in dote, praecipiens ut unusquisque possessor uniuscuius que domus totius Hispaniæ et Galeciæ quatuor nummos annuatim ex debito daret et ab omni servitute, rege præcipiente, liberi essent et constituitur die illo ut illa ecclesia amplius vocitetur sedes apostolica, eo quod ibi apostolus Jacobus requiescat, et in ea episcoporum totius Hispaniae crebra concilia teneantur, et virgae episcopales et regales coronae per manus episcopi eiusdem urbis ad decus Apostoli Domini praebeantur.*" 2°) „*Tunc adunato concilio ... in basilica sancti Dionysii ... omnem Franciam ecclesiae eius in praedio dedit ... et praecepit ut omnes Franciae reges et episcopi essent obedientes in Christo, nec reges sine eius consilio essent coronati nec episcopi ordinati ... Rursum post plurima dona praecepit ut eidem ecclesiae unusquisque possessor uniuscuiusque domus totius Galliae quatuor nummos annuatim ad aedificandam ecclesiam daret ...*"

2) *Pro liberatione terrae et conservatione Christianitatis cum consensu omnium populorum.* — *Hist. Sant.* II, cap. IV e V, especialmente p. 98.

3) No anno 850 o poeta e diplomata Jahya Ben-Alhacam Algacel estacionava dois meses em Santiago juntamente com embaixadores do rei dos Normannos. — Vid. Dozy, *Recherches* II, p. 277; *Hist. Sant.* II, p. 70.

4) Sancho Ordonhez fez coroar-se em Santiago (926). Lá tiveram sepultura o Conde Raimundo, a esposa de Alfonso VII, Sancha sua irmã, Fernando II, Alfonso IX. Já fallei do baptizado e da coroação de Alfonso VII assim como da ordem de cavallaria que lá tomou este rei e Alfonso XI.

sobre traidores e rebeldes,[1] e assignavam-lhe villas, campos, castellos, logares, em commemoração d'esses e d'outros factos memoraveis.[2] Todos protegeram com sollicitude tanto as instituições compostellanas, como a vida e os bens dos romeiros. Os reinantes mais poderosos e mais felizes foram naturalmente os mais generosos: Alfonso III o Magno; Ordonho II, o bibliophilo coroado; Bermudo III, Alfonso V e Fernando I, este devotissimo do mosteiro de Cluny, fundador de hospicios para os peregrinos pobres[3] e creador do *Psalterio* artisticamente illuminado que se conserva com o seu nome. Alfonso VI, seu filho predilecto, foi o que inaugurou (1072) a era das maiores prosperidades da igreja de Santiago.

Este principe, a que é costume dar o titulo de primeiro monarca afrancesado das Hespanhas, honroso no sentido medieval de amante e propagador da mais fina cultura occidental; seu genro o Conde Raimundo, *natus ex stirpe francorum;* e o gallizianissimo semifranco que foi filho d'elle e de D. Urraca, são os que a conduziram ao apogeu da sua gloria. Elles, e o prelado extraordinario que regeu a igreja de 1100 a 1140, depois de já ter exercido influencia benefica durante o pontificado do monje cluniacense D. Dalmacio, como vicario da igreja e regente espiritual da Galliza (1093 e 1095), mas tambem como secretario, confessor e notario do Conde D. Raimundo.[4] Parte da gloria cabe, porém, ao valente tutor, D. Pedro Froilaz de Trava. Este foi na menor-idade do seu pupilo o verdadeiro governador do pais, militar e administrativo, num tempo politicamente calamitoso, quando as luctas de D. Urraca contra sua irmã, rainha de Portugal, contra o Aragonês, seu consorte, e contra o proprio filho convulsionavam o pais.

Triumphante sobre os irmãos, em posse do reino todo do pae desde o momento em que viu morto em Zamora a Sancho de Castella, atravessado pelo punhal de Vellido Dolfos, e encerrado no

---

1) Segundo as leis goticas o crime de revelia era castigado com a confiscação dos bens.

2) *Hist. Sant.* II, p. 174. Os *Apendices* d'esta obra compõe-se de documentos de doação, de 851 em deante, outorgados *pro amore — ob amorem — in decus — in honorem beati Jacobi — quoniam ad tumulum bmi Jacobi multae virtutes fiunt — ob amorem gloriosissimi patroni nostri.*

3) *Amabat pauperes peregrinos et in eis suscipiendis magnam habebat curam. — Esp. Sagr.* XVII Ap.

4) Murguia, *Diego Gelmirez*, Corunha 1898. — Vid. *Hist. Sant.* III, p. 255 e Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 373.

castello de Luna o irmão que fôra rei da Galliza, Alfonso VI resolveu captar a benevolencia do apostolo-adalid nas acções contra os Agarenos, e apaziguar ao mesmo tempo os espiritos indignados dos condes gallizianos que não se resignavam a abandonar seu rei legitimo. Com este fim aboliu a onerosa contribuição de Valcarcel,[1]) paga até então na fronteira da Galliza por todos os peregrinos, indigenas ou estrangeiros.[2]) Raimundo de Borgonha confirmou, renovando-o, o antigo foral de Santiago, attribuido a Ordonho I (915), tornando livres e ingenuos, verdadeiros burgueses, isentos de serviços pessoaes, os moradores, no proprio anno em que lhe nasceu o herdeiro. O bispo Dalmacio já conseguira anteriormente de Urbano II a transferencia definitiva (1093) da sede episcopal de Iria a Santiago, assim como o privilegio de a nova sede ficar sujeita apenas ao pontifice romano (1095) — compensações valiosas do rigor com que o bispo Cresconho fôra excomulgado no concilio de Rheims (1049) por não largar o titulo de *apostolico*, como se assim houvesse tentado quebrar os vinculos que ligavam a igreja de Santiago á Santa Sé. Eleito no anno 1100, Diego Gelmirez requereu e obteve, auxiliado pelos votos ardentes do abbade de Cluny, dos Condes de Borgonha e de Guido, arcebispo de Vianna de Aquitania (irmão de D. Raimundo), uma longa serie de favores ainda maiores. Primeiro de Pascal II, depois do proprio Guido, quando, tomando o nome de Calixto II, cingiu a tiara (1119—1124). Auctorização para nomear cardeaes; transferencia da sede archiepiscopal de Merida a Compostella, a qual em theoria pertencia á rival Toledo; o cargo de legado apostolico nas provincias de Merida e Braga; a dignidade de metropolitano; as honras de arcebispo (1120); a investidura solemne com o Pallio; o valor da romaria de Santiago igualado ao da peregrinação a Roma e Jerusalem;[3]) o *grande perdão* e o *jubileu* (1122);[4]) a *porta santa*, aberta apenas nessa occasião;

1) *Porto*, barranco, desfiladeiro e cume de um monte na entrada da Galliza, entre os rios Burbia e Valboa. A villa ahi situada que constituia a undecima estação na romagem, chamava-se *Villafranca del Bierzo, in* (ou *de*) *bucca Vallis Carceris; Villafranca de Balcarcer* na *Historia do Abbade D. João.* Os peregrinos que precisassem transitar por terras alheias pagavam outros tributos: os italianos na fronteira provençal, os de Flandres e Allemanha na fronteira franceza.

2) Em paga d'esse beneficio toda a christandade contribuiu com donativos e esmolas á reedificação do templo destruido pelos arabes.

3) Vid. Caux, *Pèlerinage*, p. 94; *Hist. Sant.* V, Ap. p. 74.

4) Celebrado sempre que o dia de Santiago cahisse num domingo.

sete cardeaes (como em Roma) para celebração da missa no altar do santo;[1]) finalmente a Paz de Deus.[2]) Tudo isto a despeito da opposição levantada por Braga e Toledo.[3]) Só quando aspirou ao primado, que fôra concedido em 1088 ao arcebispo D. Bernardo de Toledo, argumentando que tal dignidade pertencia de direito á igreja que de facto era a mais abastada e poderosa, a mais venerada e visitada das Hespanhas, o astuto e sagaz prelado ficou vencido.[4])

Alfonso VII nunca esqueceu a patria pequena ao dilatar os seus dominios das praias do Atlantico até o Rhodano, embora se indisposesse ás vezes com Gelmires, tomando o partido de Toledo contra Santiago e recorrendo com violencia aos tesouros accumulados da igreja.

Os successores immediatos no reino de Leão provaram o seu affecto por doações e privilegios importantes. Fernando II como instituidor do *Portico da Gloria*[5]) e da ordem militar de Santiago; Alfonso IX, promulgando decretos a favor dos peregrinos, fazendo consagrar de novo a igreja (21 de Abril de 1211), varias vezes violada nas guerras civis e por refregas entre os devotos, e instituindo por este motivo uma nova festa primaveril.[6]) Fernando III, pela reconducção de Cordova dos sinos e das portas antigas da basilica; Alfonso X por actos legislatorios no *Fuero Real* e *Siete Partidas;*[7]) Sancho IV, peregrinando duas vezes ao tumulo do Apostolo; Alfonso XI armando-se cavalleiro no seu altar (1330).[8])

Os principes, leigos e ecclesiasticos, os papas e as ordens monasticas acompanharam os reinantes no empenho de engrandecer o santuario e as romarias. Uns fundavam oratorios e hospicios

---

1) *Hist. Sant.* IV, Ap. IV.

2) A promulgação da *Paz de Deus* nos dias santos maiores *quæ apud romanos et francos et alias fideles nationes observatur* em 1114 foi uma das innovações uteis da era de Diego Gelmires. — *Hist. Sant.* IV, Ap. X.

3) Com relação ás Indulgencias concedidas aos peregrinos vid. *Hist. Sant.* V, Ap. XXVIII; Murguia, *Galicia,* p. 428.

4) Os emulos accusavam-no de varias prepotencias como p. ex. de usar de praticas papaes no recebimento dos peregrinos.

5) Lopez Ferreiro, *El Portico de la Gloria* 1889; *Hist. Sant.,* vol. III; Murguia, *Galicia,* p. 369 e 514.

6) *Hist. Sant.* IV, p. 53 e *Ap.* I—XV, especialmente XIV e V.

7) *Fuero Real* IV, 24, 2—4; *Partida* VI, l. 31; I, 24, 1—2: elles (os romeiros) et sus compannas et las sus cosas vayan et vengan salvos et seguros.

8) *Su espada fue tomar En Santiago de Espanna.* — *Poema de Alf.* XI, Estr. 389.

ao longo do caminho e dentro da cidade. Outros trataram de melhorar os caminhos. Sancho Maior de Navarra († 1035) p. ex. abriu um, desde o alto dos Pyreneos até Náxera, e arrancou aos sarracenos os terrenos limitrophes, estabelecendo assim uma zona segura onde os peregrinos podessem circular sem perigo. Irmandades e confrarias construiam pontes e concertavam estradas. Veadores incumbidos de vigiarem pela reparação do caminho francês percorriam a Europa, a recolher donativos destinados a este fim. Sabe-se de dois que gastaram um biennio só na Apulia e Sicilia.[1])

§ 408. No livro da civilização medieval, a historia das peregrinações e do culto de Santiago constitue um capitulo muito interessante, ainda por escrever no seu conjuncto, comquanto já haja publicações modernas com materiaes preciosos.[2]) Freqüentes nos seculos IX e X, conforme se vê de numerosas doações de peninsulares, com referencias a peregrinos vindos por mar[3]) e por terra,[4]) as romarias multiplicaram-se, principalmente após a dissi-

---

1) Os annos 1123 e 1124. Vid. *Hist. Sant.* IV, p. 75 e 81.

2) J. Villaamil y Castro, *La peregrinacion a Santiago de Galicia* em *Revista de España* VII, p. 161—198 (1869) e *Revista Critica* II, p. 107ss., 388ss. e III, p. 21 (1897—1898); Abbé Pardiac, *Histoire de S. Jacques le Majeur et du pèlerinage de Compostelle,* Bordeaux 1863; L. Duchesne, *Saint Jacques en Galice* (*Annales du Midi,* Vol. XII); J. Fuentes Noya, *Las peregrinaciones a Santiago* (Compostella 1898); Alex. Nicolai, *Monsieur St. Jacques de Compostelle,* Bordeaux 1897; Konrad Haebler, *Das Wallfahrtsbuch des Hermannus Künig von Vach und die Pilgerreisen der Deutschen nach Santiago de C.*, Strassburg 1899. — Id. *Die Wallfahrten im Mittelalter und ihr Einfluss auf die Kultur,* 1898 (*Neue Jahrb. für klassisches Altertum* I); Röhricht, *Deutsche Pilgerreisen nach dem heiligen Lande,* Innsbruck 1900; José Cornide, *Noticia de los peregrinos que vinieron a Santiago en romeria desde Inglaterra* (vid. *Rev. Crit.* II, p. 388); E. Brambilla, *Il pellegrinaggio a San Jacopo di Guido Cavalcanti e di Dante Alighieri* (1899). Além d'isso ha noticias numerosas sobre o assunto em estudos bibliographicos a respeito de *Viagens e viajantes por Hespanha e Portugal* (Wien 1894), como: R. Foulché Delbosc, *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal* (1896), Coelho em *Rev. Crit.* II, p. 60, Farinelli, *Rev. Crit.* III, 1898 e *Rev. de Archivos* V (1901) e VI (1902).

3) Os Ingleses p. ex. vinham a principio por mar. Por terra só quando, divorciada de Luis VII, Alienor de Poitou e Aquitania levou em dote a Henrique II de Inglaterra as duas provincias, provocando assim as guerras seculares entre França e Inglaterra. — Cfr. *Hist. Sant.* IV, p. 307. — Do mesmo modo os Dacios, Frisos, Escandinavos e tambem alguns Franceses e Flamengos.

4) Por terra pelo *caminho real francês* vinha a maioria dos peregrinos. Por isso havia tambem do outro lado dos Pyreneos estradas (quatro) — deno-

pação dos terrores do millenio, nos seculos XI, XII e XIII, e attingiram o seu apogeo no seculo XIV. Então os historiadores arabes comparavam o santuario compostellano á Caaba de Meca, pelo enxame de devotos[1]) que se acumulavam no *Paraiso urbano.*

Já contei que o vulgo peninsular ia mais longe, identificando essas legiões de romeiros que o zelo religioso levava a tributar homenagem ao Apostolo, ás legiões de estrellas da via lactea.[2]) Se essa se chamava *estrada de Santiago, caminho* ou *carreiro de Santiago*[3]), a formosa constellação do Orion representava o proprio

---

minadas *chemins roumieux, cami romiu, viae Sancti Jacobi, viae jacobitae, chemins de Saint Jacques* (Vid. C. Caux, *Pèlerinage*, p. 133) — de Paris a Bordeaux ou ao porto de Aspa. A que conduzia de Bruges de Flandres á fronteira (Bapaume) chamavam-na *den grooten heervegh van Spangnien ende Sinte Jans in Galisse* (vid. E. Cantineau, p. 21 s.). A propria Allemanha possuia o seu *Jacobsweg* (Grimm, *Mythologie* I, p. 296; III, p. 106).

1) Acerca dos nomes diversos, dados aos devotos que de longe acorriam ao santuario e que são: *peregrino, romero* (ou *romeu* f. *rominha*), *jacobipeta* ou *jacobita*, *sancta limina petens* vid. *Partida* I, 24, 1; Dante, *Vita Nuova*, § 41; Villaamil em *Rev. Crit.* III, p. 21. O sentido original de *romeiro*, e sua derivação evidente de *Roma*, conservou-se naturalmente na memoria do povo. Vejam p. ex. nos cantares de *dança-prima* das Asturias as expressões parallelas:

ay fuese a la romeria!
ay fuese a la roma santa!

ou ainda:

un viene a la romeria,
un viene a la roma santa.

2) O vocabulo grego *galaxias*, confundido com *gallaecia* por etymologia popular, contribuiu para a formação da lenda astronomica, no sentir de alguns philologos. — Outros pensam que a transferencia do caminho de Santiago ao firmamento se deve simplesmente ao auctor do Pseudo-Turpin que ideou, como sabemos, uma visão nocturna em que Carlos-Magno viu traçado no ceo a estrada que conduzia ao tumulo. Cf. C. Caux, p. 147. — É mais provavel porém que se trate de uma creação popular, ligada a restos de mythologia germanica, visto que outros povos, com crença semelhante, consideram a via lactea como caminho de deuses, espiritos, ou almas. Cf. Grimm, *Mythologie* l. c. e Tylor I, p. 412. De uma das canções francesas de romagem destaco os versos:

Et c'est par ce pèlerinage
qu'on peut aller au firmament.

3) No sec. XVI essa crença como todas as concepções populares, era attribuida ás velhas. Jorge Ferreira de Vasconcellos, no Prologo da sua *Eufrosina*, falla dos celicolas que trilham a via lactea „a que as velhas chamão caminho de Santiago".

athleta christão, adalid de espada cinta contra a morisma[1]), ou peregrino celeste de baculo em punho. Cada peninsular, quando não todo christão orthodoxo, havia de fazer a pia romagem pelo menos uma vez na vida. Quem não comprisse o preceito, tinha de satisfazê-lo depois de morto.[2])

O povo conta a origem da romaria ao seu modo. „Deus mandou a Santiago que fosse prègar á Galliza. Mas elle dizia que lá era uma terra muito remota, onde ninguem o iria vêr. Deus disse então que sempre fosse, que todos o haviam de ir visitar, mortos ou vivos.“ Ás romarias de vivos juntavam-se por isso as de defuntos.[3]) Ainda hoje lá vão as alminhas, mesmo por terra, sósinhas,[4]) ou em procissão, ora espectralmente como *estantiga*,[5]) ora em forma de reptis. As sardoniscas e lagartixas que o caminhante encontra nas estradas proximas de Santiago, perto de Santo André de Teixido, são alminhas que correm esse fadario. Por isso, ninguem as mata.[6]) No caixão dos mortos, os crentes mettiam e mettem o obulo (dinheiro de cruzes) que ha de lhes ser preciso para a ponte, ou para a barca de Santiago — nova barca de Caronte[7]) — especialmente aos que vindos do Sul, tem de atravessar os rios Doiro e Minho, ou Leça e Minho, os ultimos dois

---

1) As tres estrellas que formam o cinto de Orion, denominadas communmente pelo vulgo *as tres Marias*, chamam-se tambem *bago* (= *bagoo baculo*) *de Santiago* (*Jakobsstab* na Allemanha, segundo Grimm, *Mythologie*, p. 606).

2) Não faltam allusões a esta crença em auctores quinhentistas. Recordo-me de uma nos *Vilhalpandos* de Sá de Miranda.

3) Conforme uma lenda popular, ha em Compostella um buraco pelo qual todo a gente ha de passar, em vida ou em morte.

4) *En camino de Santiago Iba un alma peregrina.* É principio de um romance asturiano. (Menendez y Pidal Nº 66).

5) Ha um artigo meu, publicado com esse titulo na *Tradição* I. Cfr. Braga, *Povo Português*, vol. I, p. 205.

6) O santuario d'esse logar goza da mesma fama como o do Apostolo. Um proverbio gallego lá o diz: „*A San Andrés de Teixido ou morto ou vivo.*“

7) Quanto á *barca* e á *ponte* ha grande confusão nas concepções populares. Segundo uns, a ponte é a via lactea, que por isso chamam tambem *ponte de Santiago*; outros dizem *ponte de Nossa Senhora* „porque Nossa Senhora subiu ao ceo pela ponte de estrellas feita por Santiago.“ Ha quem procure a *barca*, *barquinha*, ou *barca da vida* (sc. da vida eterna) na constellação da Ursa, denominada com mais freqüencia *carro* ou *carreta*. Em *Barca David* ou *de David* temos provavelmente derivação hybrida da *barca da vida*, confundida com a *arca de Noé*, outro nome popular da Ursa.

equiparados á ribeira Léthea.[1]) De aventuras, façanhas, burlas, e de crimes commetidos no caminho real francês, dos graves perigos que ameaçavam os peregrinos, apesar da protecção que lhes era garantida por leis, canones, decretos e foros, e do agasalho que encontravam em albergues e hospitaes, dão amostra todas as literaturas medievaes em contos, fablaux, romances, dramas, poemas, novellas, chronicas, cantilenas.[2]) No folklore conservaram-se proverbios como: *em caminho francês, vende-se gato por res* e o que diz *No caminho de Santiago tanto anda* (var. *corre*) *o coxo como o são.* O nome de *moeda de Santiago* (ou *de Judas*), dado ás membranas finas do fructo oblongo da *viola biennis*, tão vulgar no Noroeste, allude ironicamente aos dinheiros, tantas vezes deteriorados e falsificados que a gente recebia e gastava no *Paraiso* de Santiago de Compostella.[3])

§ 409. Todas as terras europeias tomavam parte no culto do santo milagroso

qui facit in Gallecia
miraculorum milia.

Logo no primitivo guia pratico, composto em latim para uso dos peregrinos, na primeira metade do sec. XI, por um francês ao qual breve me hei de referir, vemos enumeradas setenta e cinco nações como useiras e vezeiras nessa devoção. No cantico do bispo Fulberto de Chartres (1020) a que pertencem os versos agora mesmo citados, leio:

Ad templum cuius splendidum
cunctorum cosmi climatum
occurrunt omnes populi
narrantes laudes Domini.

---

1) *Rev. de Guimarães* XVI, p. 45 e cf. ib. XIII, p. 156. Castiglione falla em uma carta á marquesa de Mantua (1525) da *moneta in tasca* para o *viaggio a S. Giacomo.* Ignoro se as bruxas que mandam „passar Doiro e Minho tres vezes“ para conseguir certos beneficios, se referem ás lendas de Santiago.

2) Quasi não ha obra de primeira plana em que não se possam colher elementos para a historia das peregrinações, a começar com o *Roman de Roncevaux* e a *Cronica General.* No *Romanceiro* peninsular ha numerosas allusões a aventuras occorridas no caminho de Santiago. Vid. *Antologia* vol. X, *Rom.* 11, 12, 13, 25. O drastico rifão *romeira, rameira* mostra qual a opinião que o povo formava das mulheres amigas de romarias.

3) Ácerca da casa da moeda de Santiago, e dos direitos pouco a pouco ampliados de ahi cunharem dinheiro, consulte-se a *Hist. Sant.,* p. ex. vol. III. Ap. XXIII.

Armeni, Greci, Apuli,
Angli, Galli, Daci, Frisi,
cuncte gentes, lingue, tribus,
illuc pergunt muneribus.[1])

Ad quod orandum de universis terrarum partibus universe conveniunt nationes. Foi um monarca leonês que o disse.[2]) *Nec est sanctus aliquis cuius sepulchrum hodie ita solemniter ab omni parte fidelium visitetur.* Affirmação de um historiador francês.[3]) Assim, por este teor, podia allegar duzias de testemunhos.

Os francos, como vizinhos immediatos neo-latinos, foram os que em primeiro logar e com mais fervor e assiduidade se encarregaram da glorificação de Santiago,[4]) visitando o santuario e beneficiando-o, fundando na sua patria igrejas, capellas, hospicios, irmandades, confrarias de *Monseigneur le baron Saint Jacques*[5]) e espalhando a fama do valente thaumaturgo em prosa e em verso.

Afoitamente póde dizer-se que tanto a immigração de colonos, monjes, clerigos e prelados francos como as relações commerciaes com a França e tambem com a Inglaterra, Flandres, Allemanha e Italia de que ja temos fallado[6]), foram conseqüencia das peregrinações.[7]) O caminho francês foi realmente „o traço de união"

---

1) *Hist. Sant.* I, p. 419. Os dois versos sublinhados repetem-se em outros canticos. Cfr. ib. p. 211.

2) Ib. p. 304.

3) Matth. Paris.

4) Note-se que na Galliza não distinguiam como em Portugal entre *francos* e *gallicos.* Vejo utilizado apenas o substantivo *francigena* e o adjectivo *franciscus.*

5) Havia centros importantes d'este culto p. ex. em Paris, onde uma confraria foi organizada em 1295; na região de Poitiers, em Moissac do Quercy, e em Tolosa. — Cf. C. Caux, *Le Pèlerinage à Compostelle et la Confrèrie des Pèlerins de Monseigneur Saint Jacques le Majeur de Moissac en Quercy,* Montauban 1899; H. Bordier, *La confrérie des pèlerins de S. Jacques,* em *Mém. de la Société de l'Histoire de Paris,* vol. I e II.

6) Não conheço escritos especiaes sobre os jacobitas italianos, nem referencias anteriores ás de Dante e Boccaccio. Os auctores que se occuparam das relações entre Hespanha e Italia, citam apenas uma oração de peregrinos, tardia (pois é do sec. XV) ao *Apostol de Gallicia | che firmasti la justicia | per le terre di ponente | et per quelle d'oltremar,* abstrahindo, bem se vê, da lenda de Carlos-Magno, tão grata aos poetas italianos e das suppostas viagens de Sordello, Guinicelli e Cavalcanti. — Cf. *Revista de Archivos* V, p. 14s.

7) E. Cantineau, l. c. e Finot, *Relations commerciales de la France et de l'Espagne* em *Annales du Bulletin de l'Acad. Roy. de Belg.*, t. XXVIII.

entre a peninsula e os paises transpyrenaïcos.[1]) Os romeiros jacobitas, propagadores de ideias literarias, artisticas, philosophicas, mas tambem de melodias, foram os que transformaram Santiago se não no centro, com toda a certeza em um dos centros vivazes do commercio material e intellectual entre a Hespanha e o estrangeiro.

É significativo o facto que numas velhas instrucções consuetudinarias com destino para os guardas do tumulo, do altar e da arca das *ofreções*, se conservassem trechos só em francês, em italiano e em castelhano, um tanto agallegado, phrases alias deturpadissimas, recitadas para instrucção dos devotos.[2])

Mais significativo ainda é o nome tradicional, tantas vezes citado, da estrada[3]) que dos Pyreneos levava as caravanas em quatorze jornadas a Santiago[4]), ou pelo menos até ao *Mons Gaudii*, do alto do qual se avistavam as torres da basilica.[5]) Estrada que em parte era romana.

Á entrada da cidade temos a porta *francigena*, tambem chamada dos *Francos* ou do *caminho*.[6]) Perto da cathedral, a rua dos Francos (*via francigena*).[7]) Dentro d'ella um recinto chamado *del rei de França*, onde os peregrinos se confessavam, cada um na sua lingua.[8]) No

---

1) Jeanroy, *Origines*, p. 125: „Depuis la fin du 11e s. nos soldats, nos marins, nos pèlerins, nos marchands avaient porté dans toutes les directions les moeurs, les coutumes, la poésie de leur patrie."

2) A redacção é de meados do sec. XIII. Trata-se todavia de *consuetudines quas custodes arche operis bti Jacobi consueverunt observare.* O trecho destinado aos francos diz, na transcripção de Lopez Ferreiro: *Zee l'archa de lobra mon senor . . . samanin. Zee lobra de lagresa.* O dirigido a lombardos e toscanos: *O micer lombardo queste larcha de la lauoree de micer Saiacome. Questo uaya la gage fayr. Hist. Sant.* V, p. 65.

3) Escuso dizer que temos ecos da fama do caminho francês — *caminus franciscus* — em numerosissimos trechos medievaes. Cito apenas **CV** 278; o *Poema de Fern. Gonzalez*, estr. 636; um privilegio de Alfonso IX (*Hist. Sant.* V, Ap. XIV); um documento castelhano de 1173 (Merino, *Escuela Paleografica*, p. 171).

4) As treze estações do caminho, para aquelles que atravessando os Pyreneos pelo formidando *Portus Ciserae* (ou pelo *Portus Asperi*), descansando no admiravel hospicio de Roncesvalles, haviam feito as suas despedidas ao *doux pays de France*, são as seguintes: Biscarret, Pamplona, Estella, Najera, Burgos, Fromesta, Sahagun, Leon, Rabanal, Valcarcel, Triacastella, Palaz del Rey, Santiago.

5) Quem as descobria primeiro, era rei dos peregrinos.

6) *Hist. Sant.* III, Ap. 8.

7) Ib. p. 13.

8) Havia capellães *linguajeiros* para este fim. Provavelmente um francês e um italiano. O peregrino germanico não encontrava quem o en-

tesouro obras de ourivesaria, de grande valor positivo e artistico, doadas por franceses.[1]) Na bibliotheca capitular, o importantissimo Codice chamado de Calixto II, attribuido a esse papa borgonhês de origem, e doado ao santuario perto de 1140.[2])

A predilecção pela civilização francesa, documentada pelos monarcas especialmente afeiçoados a Santiago, já nos occupou. De Fernando I sabemos que pagava um censo a Cluny. De Alfonso VI que, casado com francesas, teve numerosos estrangeiros ao seu serviço, e promoveu a vinda de principes, escolares, artistas, colonos, mas principalmente de prelados e monjes cluniacenses.[3]) Dissemos que graças á influencia d'estes ultimos, secundados por Gregorio VII e pelo arcebispo de Toledo (que era francês e cluniacense), o veneravel rito hispanico foi substituido como heterodoxo pelo gallo-romano, e a escrita gotica pelo gotico francês.[4]) Accrescentemos que Alfonso auxiliou o santo abbade Hugo na construcção da basilica de Cluny (1088) e que os architectos Rotberto e Bernardo, que principiaram no tempo d'elle a cathedral compostellana, eram franceses, a julgar dos nomes.[5]) O bispo Dalmacio que governava Santiago no tempo

---

tendesse. Lá o diz a cantiga do *Wunderhorn: Er findt keinen deutschen Priester*. O nome del rei de França foi, de resto, dado tarde (1417) á capella do Salvador.

1) *Hist. Sant.* passim.

2) Pelos milagres contados no *Liber Jacobi* que faz parte d'essa compilação, reconhece-se que do Norte da França foi que sahia o maior numero de devotos, pelo menos de 1070 a 1140. „L'esprit en est français et il y est beaucoup question de la France“ (Delisle). „Das *Liber Jacobi* zeigt vorwiegenden Zufluss von Nordfranzosen zu dem Heiltum. Gleichwertige Hinweise auf die Provence fehlen, wenn diese auch nicht unbeteiligt bleibt“ (Baist). O mesmo Livro, confirmado por documentos historicos, prova todavia que das regiões franco-provençaes, da Gasconha e da Provença propriamente dicta tambem acorriam numerosos *sen-jaques* ou *sen-jacaires*: principes e prelados em viagem individual; populares em expedição commum.

3) *Hist. Sant.* III, p. 279; Menendez y Pelayo, *Heterodoxos, Preambulo do Livro* I; Dozy, *Recherches* II, p. 392; Baist, *Span. Lit.* p. 386; C. Caux, *Pèlerinage*, p. 104ss.

4) Na Galliza a substituição começou no pontificado de D. Diego Pelaez entre 1071 e 1090 (*Hist. Sant.* II, p. 209 e 553ss.; III, p. 165). Os canones do concilio de Leão confirmaram apenas a decisão já tomada por Alfonso VI e por Bernardo de Toledo.

5) Em Julho de 1078, segundo uma inscripção coeva. *Didascali lapicidae qui prius bti Jacobi basilicam aedificaverunt nominabantur Dominus Bernardus senex mirabilis magister et Rotbertus cum caeteris lapicidibus circiter quinquaginta* (Cod. p. 59). Com relação á grande semelhança entre a igreja de Santiago e a de San Saturnino de Tolosa (Saint Sernin) vid. *Hist. Sant.* III, *App.* XXXVIII e Murguia, *Galicia*, p. 503.

de Raimundo de Borgonha era cluniacense († 1095). Franceses eram os principaes collaboradores de Diego Gelmires, tanto no engrandecimento da igreja como na reforma do clero e na sua instrucção; tanto aquelle Hugo (depois, bispo do Porto) como aquelle Gerardo que composeram a *Historia Compostellana*[1]) por incumbencia do illustre prelado. Este embebido na cultura francesa e empenhado em propagá-la,[2]) embora educado na patria em casa de um bispo galliziano, D. Diego Pelaez,[3]) mandava vir mestres e artistas do estrangeiro[4]) e enviava beneficiados a Paris,[5]) não sei se seguindo um costume tradicional ou por iniciativa propria.[6]) Francês era provavelmente o auctor dos Officios novos, introduzidos perto de 1120 na igreja de Santiago, em substituição do antigo ritual.[7]) Franceses são os auctores dos melhores hymnos que elle encerra[8]) e tambem das melhores cantilenas dos peregrinos jacobitas.[9]) Franceses, os que escreveram as outras partes do Codice Calixtino: o *Liber Jacobi*, o *Pseudo-Turpim* e o *Itinerario* para peregrinos, i. é os tres escritos mais importantes para a propagação do culto de Santiago.

Entre os artistas menores cujo nome se conservou ha um *Aeimar, campanario* (1134 *Hist. Comp.* II, c. 77), provavelmente o francês mandado vir por Diego Gelmires em 1117. Alfonso X falla de um ourives de França, residente em Leão (**CM 362**).

1) Repito que um escritor nacional, Munio Alfonso de Mondonhedo († 1126), principiou a obra levando-a até o cap. 83 do Livro I (a. 1113). O francês Hugo a conduziu até 1136 (anno do seu fallecimento). A Gerardo deve-se o resto até 1139. Vid. Am. de los Rios I, p. 171; Groeber, *Lat. Lit.*, p. 290; *Hist. Sant.* IV, p. 170. Cf. § 410, Nota.

2) *Hist. Comp.* I, c. 5 *hic sedem quasi incultam reperiens vineam* etc. *applicuit animum ut consuetudines ecclesiae Franciae ibi plantaret*, ib. 253.

3) *Eruditus litteris in Ecclesia bti Jacobi.* — Vid. *Hist. Sant.* III, p. 172 e 214; IV, p. 250.

4) Além do sineiro e dos marinheiros e engenheiros de Pisa e Genova a que alludi, mandou vir um medico de Salerno. *Hist. Comp.* II, p. 8; *Hist. Sant.* V, p. 203 e Ap. 113. — Cfr. § 410.

5) Entre elles um seu sobrinho. — Vid. *Hist. Sant.* IV, p. 40, 73, 291 312; V, p. 48 e 354. Os conegos Hugo e Gerardo tiveram de emprehender viagens repetidas a Roma e Cluny, ás vezes accidentadissimas.

6) Veja-se o testamento outorgado pelo conego Nuno Fernandes antes de ir estudar a Paris: *iturus Parisiis more scolastico.* — *Hist. Sant.* IV, p. 48.

7) Logo no Excurso sobre o Cod. Calixt. terei de fallar d' elles.

8) Tenho em mente os do bispo Fulberto de Chartres (princ. do sec. XI) e os de Guilherme, patriarca de Jerusalem (1130—1145). Cf. § 412.

9) As de Aimeric Picaud.

§ 409[b]. Por causa da importancia do debatidissimo Codice de Calixto II intercalo aqui um breve excurso.[1]) Muitos dos problemas que a elle se ligam estão por resolver. Calligraphicamente uma obra-prima com illuminuras curiosas, o volume escrito por varias mãos do sec. XII, compõe-se de cinco *Livros*, em cuja authenticidade os coevos se fiaram piamente.[2])

O *Livro I* contém os *Officios de Santiago* com mais quatro sermões panegyricos, attribuidos a Calixto II numas cartas que lhe servem de prologo. Apocryphas na opinião dos criticos mais auctorizadas são authenticas na dos crentes. Esses pensam que o pontifice mandou os Officios ao arcebispo Gelmires entre 1121 e 1124, em substituição dos antigos mozarabes, definitivamente abolidos no Concilio de Leão. Todavia reconhecem que não possuimos o original e que o treslado não está isento de addições. Em todo o caso o proprio Dozy não nega redondamente todo o fundamento á attribuição. „S'il y a effectivement quelque chose de Calixte dans le Ms. c'est dans le 1° livre que cela doit se trouver.“ [3]) Foi impresso por Lopez Ferreiro na *Historia de Santiago* I, p. 412ss.

O *Livro II*, collecção de Milagres que é costume chamar *Liber Jacobi*, publicado nos *Acta Sanctorum* e pelo Pe Fidel Fita, mal pode ser de Calixto, em vista dos assuntos, do espirito, do estylo; mas principalmente por contêr casos acontecidos nos annos 1125, 1131, 1135. Um milagre do anno 1139 acha-se lançado num supplemento, no fim do Codice.

O *Livro III* trata da translação do corpo santo.

O *Livro IV*, desglosado do Codice, talvez no seculo XVI, mas reencontrado pelo Padre Fidel Fita na Bibliotheca do Capitulo, é a celeberrima historia fabulosa de Carlos-Magno, mixto de invenções livres, reminiscencias dos cantares de gesta, e de lendas ecclesiasticas, colhidas em grande parte na propria Compostella, mas que teve voga enorme na idade-media como o provam os treslados e as traducções antigas. Esse *Pseudo-Turpim*, mas tambem o Livro dos Milagres, „on se les arrachait pour les transcrire.“ Os primeiros capitulos (cinco), impressos por Dozy no Appendice das *Recherches*, destinados unicamente á glorificação do Apostolo e de Compostella, são anteriores ao resto, que, destinado aos Francos, se occupa particularmente do cyclo carolingio e finge ser obra do arcebispo de Reims. Ainda assim

---

1) O leitor pode consultar as obras seguintes: Victor Le Clerc, *Aimeric Picaudi de Parthenai cantiques et itinéraire des pèlerins de Saint Jacques de Compostelle*, em *Hist. Litt. de la France* XXI, p. 272—292 (1847), a conferir com Vol. X, p. 505ss. — Ulysse Robert, *Étude sur les actes du pape Calixte II*, Paris 1874; Léopold Delisle, *Note sur le recueil intitulé De Miraculis sancti Jacobi*, Paris 1878; Pe F. Fita e Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, *Recuerdos de un viaje a Santiago de Galicia*, Madrid 1880 (ou *Ilustracion Católica* de 1880, con *Rectificaciones y replicas*, ib. 1881); Dozy, *Recherches* (3ª ed. 1891 Vol. II, p. 372—431 e Ap. XXXVII); Pe F. Fita et Jules Vinson, *Le Codex de Saint Jacques de Compostelle*, Libre IV, Paris 1882; Pe F. Fita e Lopez Ferreiro, *Monumentos antigos de la iglesia compostelana*, Madrid 1883; Lopez Ferreiro, *Hist. Sant.* vol. I, p. 412ss; vol. II, p. 242; vol. III, p. 37 e Ap. II, vol. IV, p. 243ss.

2) Vejam a Carta do Monje de Ripoll que os copiou no anno 1173, em Beer, *Handschriftenschätze Spaniens*, p. 413ss.

3) *Recherches* II, p. 415 e 425.

contém tambem um capitulo (o 20°), inspirado de certo pelo clero de Compostella, em que o auctor tende a justificar e estribar as aspirações exorbitantes do arcebispo ao primado de Hespanha. Foi impresso por Castets, *Turpini Historia Karoli Magni*, Paris 1881; e anteriormente nos annos 1566, 1584, 1822, 1836.

O *Livro V* (o algarismo foi emendado em IV, na epoca em que o Pseudo-Turpim andava extraviado) é uma miscellanea, contendo o velho Itinerario para os peregrinos, com um capitulo curioso sobre os Bascos; uma descripção da cidade (os cap. 9—11 acham-se na obra de Lopez Ferreiro); hymnos compostos por Aimeric Picaud; a narração do Milagre acontecido em 1139 em Vezelai, i. é na patria do francês Olivier de Iscano, o qual com sua mulher Gilberga ou Gilberta de Flandres é citado na bulla authenticadora de Innocencio II († 1143) como socio de Aimeric Picaud, de Parthenay le Vieux, na offerta do Codice á Igreja de Santiago. Essa bulla, viciada, ou mais provavelmente inventada, traz a assignatura de muitos prelados, o primeiro dos quaes é outro Aimeric, chanceler de Calixto II, Honorio II e Innocencio II, sendo o ultimo o abbade de Vezelai († 1147) a quem se refere o milagre supplementar.

Esse *Aimericus Picaudi* ou *Pictavensis*, *presbyter de Partiniaco Veteri* é tido hoje geralmente em conta de compilador do Codice, auctor principal dos Livros IV e V, inventor das pseudo-cartas de Calixto e da pseudo-bulla de Innocencio em que o Codice é classificado como sendo obra do papa conhecido no seculo XII como maior bemfeitor da Igreja da Santiago; e tambem em conta de retocador dos Livros I, II e III. O seu nome apparece não só na dicta bulla, mas tambem em algumas epigraphes dos hymnos de romaria e de um capitulo do Livro V. Além d'isso está estabelecido que o seu intento era, conforme já deixei dicto, aproximar os fieis de Hespanha dos de França e beneficiar a Igreja de Santiago, a de S. Denis e a de Vianna de Aquitania. Com esse intuito é que transformou Carlos-Magno em primeiro dos Jacobitas.[1])

* * *

Regresso ás influencias da nação francesa. A ella pertenciam tambem os protectores de Alfonso Raimundez na sua lucta contra a Rainha D. Urraca e o Batalhador aragonês. Além do proprio Calixto II, Guilherme, 9° Duque de Aquitania e 7° Conde de Poitou[2]) e a Condessa de Flandres.

Entre os francigenas de alta categoria que visitaram o sepulcro na época que nos occupa, citemos o santo abbade Hugo de Cluny,[3]) embora a sua vinda no anno 1090 seja tão pouco docu-

---

1) Vid. Gaston Paris, *De Pseudo-Turpino*, Paris 1865. — Id. *Histoire Poétique de Charlemagne*, Paris 1865. — Cfr. *Romania* XI, p. 422 e *Zeitschrift* V, p. 422.

2) *Hist. Comp.* II, c. 34; *Hist. Sant.* IV, p. 31.

3) Ib. III, p. 167, 188 e 271. Apenas consta que esteve em Leão a 21 de Abril do anno indicado (*Aguirre* V, p. 4) a cinco jornadas de Compostella.

mentada como a de Calixto (em 1108);[1]) o arcebispo Hugo de Leão (1095);[2]) o abbade de S. Jean d' Angely;[3]) o nobre borgonhês Roberto Francisco, cunhado de Calixto e de Raimundo de Borgonha.[4]) E muito particularmente quatro personagens que o leitor conhece como protectores de trovadores e troveiros: Affonso Jordão de Tolosa; Luis VII de França;[5]) Guilherme de Poitou que nomeei ainda agora; e seu successor Guilherme X (fall. em 1137).[6])

§ 410. Tambem é fóra de discussão que essa influencia francesa alteou o nivel da cultura do clero em geral e em especial do povo galliziano,[7]) pelo menos no ultimo quartel do sec. XI, e no principio do XII,[8]) actuando em todas as espheras e manifestações da vida social. Pelos livros que eram propriedade de mosteiros e collegiadas, e por alguns documentos conhece-se comtudo que tambem nesses centros de saber medieval, os estudiosos não haviam ficado, nos seculos anteriores,[9]) alheios ao movimento literario da época. Muitos

---

1) Certo é que logo depois do fallecimento do Conde, o arcebispo seu irmão veio á côrte de Leão (*Hist. Comp.* II, c. 96, 209 e 211). Falta todavia prova directa de que então, ou em outra qualquer conjunctura, fosse em peregrinação a Compostella. Quanto á sua devoção pelo padroeiro de Hespanha, é innegavel que protegeu carinhosamente seu sobrinho, o futuro Emperador; foi o fautor mais energico da igreja de Santiago, e documentou em cartas a sua afeição por Gelmires, com o qual se havia encontrado em Roma no anno 1104. Contra a supposta romagem depõe o silencio guardado pelos documentos. A favor, a formula: *olim siquidem ecclesiam bti Jacobi et praedictum eius episcopum paterno dilectionis affectu amplexatus sum* (*Hist. Comp.* II, c. 11; *Hist. Sant.* III, p. 297) formula que os duvidosos entendem metaphoricamente e os crentes, em sentido real.

2) *Hist. Sant.* III, p. 188.

3) Ib. Saint Jean de Angely era estação no caminho dos Jacobitas vindos de Paris.

4) *Hist. Comp.* III, c. 9; *Hist.* Sant. III, p. 511 e 513.

5) Ib. IV, p. 31 e 329.

6) Cf. Milá, *Trovadores*, p. 72; Herc. I, p. 333.

7) O proprio Menendez y Pelayo, apesar de defender com vehemencia patriotica o clero hespanhol da accusação de ignorante e schismatico, não nega o alargamento do horizonte intellectual dos letrados graças aos bispos, escolares e leigos que inundaram a peninsula naquelle periodo.

8) A influencia dos cluniacenses começou em Navarra no anno 1022 pela fundação de Leyre. Bem podia portanto ter attingido a Galliza em meado do seculo.

9) Na Galliza do Norte, especialmente, os mosteiros de Atan, Barreto, Bobadilha, Celanova, Chantada, Curtis, Lalim, Lorenzana, S. Pedro de Eslonza, S. Pedro de Montes, Samos, Sobrado. Vid. J. Villa-Amil y Castro,

possuiam bibliothecas, escolas monacaes[1]) e escritorios. O admiravel *Psalterio* de Fernando I, illuminado por um pintor nacional, se o nome *Fritoso* (Fructuosus) não enganar,[2]) serve de amostra do grao de desenvolvimento attingido em 1155, não se vê bem, se como primeira manifestação do influxo dos cluniacenses, ou antes que elle principiasse. Natural é que a igreja de Santiago primasse entre as outras.[3]) O facto que os chanceleres e notarios dos reis de Leão sahiram por costume do Capitulo Compostellano confirma a suspeita,[4]) embora houvesse periodos de decadencia.[5]) Em meado do sec. XI Cresconho (1037—1066) e Diego Pelaez (1011—1090) tiveram de reorganizar a economia da igreja[6]) antes que Dalmacio e Gelmires reformassem as instituições, o culto, a disciplina e o ensino.[7]) Fomentando o estudo das letras latinas pela creação de uma cadeira de logica e oratoria,[8]) o primeiro arcebispo contribuiu poderosamente para que os gallizianos ganhassem fama de

---

Los Codices de las Iglesias de Galicia en la Edad-Media, Madrid 1874; Rudolf Beer, *Handschriftenschätze Spaniens*, Wien 1894. Já fallei de Mumadona de Guimarães e da cultura na Galliza meridional.

1) De certo privilegio de Alfonso V ao mosteiro de S. Pedro de Rocas deprehende-se que por descuido de rapazes ahi educados houvera incendio no tempo de Alfonso III: *per negligentiam puerorum qui ibi in schola adhuc degentes litteras legebant domus ipsa ab igne nocte est succensa.* Vid. Am. de los Rios II, p. 237.

2) A inscripção do Codice conservado na Bibliotheca da Universidade de Santiago diz:

Era millena novies
dena quoque terna
Petrus erat Scriptor
Frictosus denique pictor.

Cfr. Villa-Amil p. 16; Beer, p. 133; Riaño, *Early Spanish Music*, p. 27; *Hist. Sant.* II, p. 525.

3) O Capitulo Compostellano compunha-se nos tempos de gloria de setenta e dois conegos, cada um dos quaes tinha em sua casa como familiar pelo menos um jovem que educava e sustentava, se era de familia pobre. Esses constituiam a corporação dos clerigos do côro. *Hist. Sant.* III, p. 255.

4) *Hist. Sant.* II, p. 522 e III, p. 256.

5) Ib. II, p. 433, 437, 465; III, p. 11 e 218.

6) *Hist. Comp.* I, c. 3; III, c. 36. — Nos annos 1050 (Coyanza) 1060 e 1063 (Compostella) houve, de resto, concilios importantes *ad restaurationem christianitatis.*

7) *Hist. Comp.* I, c. 20.

8) *Clericos . . . alios a diversis partibus colligens locato de doctrina eloquentiæ magistro et de ea quae discernendi facultatem plenius administrat . . .*

eloquentes[1]), começassam a usar na redacção dos diplomas o estylo rhythmico da curia, e podessem executar obras da importancia da *Historia Compostellana*[2]), do *Chronicon Mundi*[3]) e do *Chronicon Aldephonsi*.

§ 411. A quem, apesar de tudo isso, estranhar a ideia de Santiago de Compostella ter sido não só centro de cultura ecclesiastica erudita,[4]) mas tambem foco de irradiação de uma poesia profana, em latim e romanço, lembro o seguinte. 1°) O Apostolo não era apenas o advogado bellico das hostes que combatiam a Morisma. Os rusticos veneravam-no como protector das messes veranis e do gado serranil. 2°) A população densa, privilegiada por fóros especiaes,[5]) e saturada de elementos adventicios de toda a casta, era ávida de novidades, desordeira, e sublevava-se a cada pouco contra o senhorio dos bispos — embora em tempos de paz e dias de festa, clero e povo andassem de mãos dadas. 3°) Em conseqüencia de revoltas populares e sublevações aristocraticas, guerras civis, invasões de sarracenos e normandos, os costumes e as maneiras dos ecclesiasticos, na maioria aparentados com os Condes, haviam-se secularizado abusivamente. Acostumados á atmosphera das conspirações e mesmo ao acre cheiro das carnificinas, ostentavam modos mais proprios de *condottieri* ou de *Raubritter*. O proverbio: *bispo de Santiago, ballista e bago*[6]) depõe neste sentido. Reïteradamente foi preciso ordenar nos concilios citados, e ainda durante o pontificiado de Gelmires, que não mais os conegos

1) Foi Diego de Campo, chanceler de Fernando III, quem na carta dedicatoria ao Arcebispo de Toledo D. Rodrigo, que acompanhava o seu *Planeta*, gabou a *loquela* dos Gallegos e a eloqüencia dos Leoneses. O Conde D. Pedro Froilaz e a Rainha D. Urraca participavam d'este dom natural e cultivado, a concluir de varias scenas contadas na *Historia Compostellana*.

2) Munio Alfonso havia recebido a sua educação literaria em casa de Diego Gelmirez, não se sabe se d'elle ou de mestres estrangeiros. O trecho citado a p. 815 na Nota 8 continua *ut nos ab infantiae subtraheret rudimentis suo nos commendavit imperio*.

3) Pelayo falla com desdem da rhetorica ampulosa da *Hist. Comp.* Mas naquelle tempo, essa rhetorica era um verdadeiro progresso. Quanto ao *Chronicon Aldephonsi*, proximo, se não contemporaneo do reinado, o auctor é desconhecido.

4) Os mais distinctos auctores sagrados compostellanos pertencem ao sec. XIII. São *Bernardo, o Velho* († 1232) e *Bernardo, o Moço* (fl. 1260).

5) Vid. Lopez Ferreiro, *Fueros municipales de Santiago y de su tierra*, 1885—1886.

6) Var.: *De Santiago bispo, baculo e ballista*, ou *El obispo de Santiago, ora la espada, ora el blago.*

apparecessem no côro *á cavalheira — ad modum equitum* — com esporas nos çapatos, sem capa coral nem sobrepelliz, quando não com capa rota e de côres variegadas[1]) ou com vestes seculares, armados, sem barba nem tonsura feita. Estes abusos contra a disciplina, outros contra o decalogo se haviam introduzido: fraudes e violencias, excessos e vicios de toda a casta. A era das maiores aspirações foi exactamente a dos piores desmandos e de verdadeiras atrocidades. Bastará lembrar a maneira como a Rainha D. Urraca foi tratada na catedral e nas ruas de Santiago. 4°) Nem de longe os estrangeiros todos que peregrinavam á *arca marmorica,* demorando-se em Santiago durante semanas, meses ou annos, realizavam actos meritorios de piedade, sincera e espontaneamente ou por voto e promessa. Bastantes eram criminosos e cumpriam, constrangidos, penas e penitencias impostas pela igreja ou pelos tribunaes do seu pais, expiando delitos mais ou menos graves. A essas duas categorias juntavam-se romeiros „extravagantes“: jograes e aventureiros desejosos de fazerem segura e commodamente o giro de Hespanha; especuladores que visavam a melhorar de condição social, conseguindo a isenção de certos tributos. Esses falsos romeiros[2]) eram amigos da *galhofa.*[3]) Além d'isso os que expiavam crimes, os que desejavam passar regaladamente uma temporada, mas tambem os verdadeiros devotos iam ás vezes em circumstancias particulares de mortificação e davam ás romarias feições altamente dramaticas ou romanticas. Mais de um pensador chegou a censurar as peregrinações como demonstrações pouco salutares, de devoção mais apparente do que real.[4])

1) *Hist. Sant.* II, Ap. 231 e 240; III, p. 11 e 255. — Do Conc. Comp. de 1060 destaquemos os paragraphos que dizem: *nec ullus minister ecclesiae arma* (var. *vestes*) *saeculares portet . . . et omnis canonicus detonso desuper capite circulo coronae incedat ne comas supra dorsum dimittat et abscissas habeat barbas.*

2) São os *coquillards,* caracterizados como *fripons, voleurs, ivrognes.* No *Roman de Flamenca* temos além d'isso o romeiro portador de cartinhas de amor.

3) *Galli-offa* — como se todos os romeiros fossem francos.

4) Em um sermão do anno 1305 Frá Giordano da Pisa dizia: „Simigliantemente de' pellegrinaggi che pare così grande fatto, di quelli che vanno a Galizia, a S. Jacopo. Oh come par grande opera questa! e di gran fatica cotal viaggio grande! . . . Questo andare ne' viaggi . . . io l'ho per neente e poche persone ne consiglierei . . . chè l'uomo cade molte volte in peccato, ed hacci molti pericoli, trovano molti scandali nella via e non hanno pazienzia; e tra loro molte volte si tencionano e adiransi e coll' oste e co' compagni e talvolta hanno micidio e inganni e fornicazione! — Vid. *Rev. de Arch.* V, p. 15.

É facil concluir que a affluencia de aventureiros e jograes seria um elemento de perturbação para os compostellanos. Perturbação que devia actuar de modo diverso nas aptidões artisticas da mocidade, amiga de galas, regozijos e entretenimentos prohibidos, e inimiga da disciplina escolar na Galliza como alhures. Os jovens clerigos de talento não davam todos boa conta de si. Ao lado de ecclesiasticos exemplares, e escritores eruditos em assuntos sacros, auctores de canticos pios e *Milagres* no genero dos de Alfonso X, houve seguramente outros de caracter mundano, da especie do Arcipreste de Fita: nigromantes, sortilegos, agoureiros, bufões, goliardos, jograes, tafues, sempre prontos para comporem cantares de escarnho, perseguidos por tantissimas leis e ordenações. E ainda outros, que cedendo ao temperamento erotico da raça, ora sensual e grosseiro, ora delicado e „diaphano como o azul do firmamento", compunham cantigas de amor.

Ultimamente aventou-se a hypothese que certo *Adam clericus,* auctor de uma satira virulenta contra as mulheres,[1]) e de outra sobre as virtudes do dinheiro[2]), seria um arcediano de Santiago, *Adam Fernandez* († 1232). D'esse consta que esteve em Paris, levando vida airada, de modo tal que houve de empenhar os seus livros em casa de Simão Flamengo afim de poder regressar á patria.[3]) *Ayras Nunez, Roy Fernandez, Sancho Sanchez, Pae de Cana* depõem a favor da hypothese geral e da especial. Igualmente o joglar *Palha,* este mais antigo artista compostellano que conhecemos nominalmente, embora não saibamos se na côrte de Alfonso Raimundez era simples *maître de plaisir,* auctor e executante de musicas e representações mimicas, sacras e profanas, ou tambem poeta. E nesse caso, se compunha apenas em latim? ou tambem em romanço, *coisas de folgar?*[4])

O conceito que o historiador da Igreja do Santiago faz dos principios da arte vulgar é assaz correcto: „Por muito tempo o

---

1) Conservada num ms. do sec. XIII, foi imitada com freqüencia. Mesmo a rima do principio:

Arbore sub quadam
dictavit clericus Adam

foi repetida. Vid. Am. de los Rios II, p. 356; Groeber, *Lat. Litt.*, p. 380.

2) *In terra summus Rex est hoc tempore nummus.* Vid. Am. de los Rios II, p. 355.

3) *Hist. Sant.* V, p. 366 e 354.

4) Lopez Ferreiro dá-lhe o titulo *de trovador.* Sem motivo justificado.

refeitorio e o dormitorio do Capitulo, e depois o proprio claustro da catedral, assim como as ruas e lojas que a rodeavam, eram uma especie de academia popular, em que entravam em emulação e se punham á prova a agudeza do ingenho, a inventiva e a travessura dos concorrentes, gente moça em geral, inquieta, buliçosa, não-illetrada, pouco preoccupada com o sustento de cada dia, estimulada pelo fervor natural do sangue e pelo fogo das paixões. Ahi se commentavam os successos e as anecdotas de peregrinos, ora franceses e italianos, ora ingleses e allemães, ora eslavos e do Oriente. Ahi se contavam e expunham as novidades occorridas em Paris, Bolonha e Roma. Do contacto intimo e freqüente de tantas ideias ás vezes seductoras, e de tantos sentimentos e tantas emoções, não é de estranhar que brotassem conceitos harmoniosos, expressados em forma apropriada á condição dos turbulentos academicos . . . As festas mesmo e as não interrompidas vigilias, celebradas na catedral com todo aquelle abigarrado concurso de gente desconhecida, possuida de affectos tão diversos e desencontrados, de dôr, alegria, ternura, emulação, com todas aquellas variadissimas musicas, hymnos e canções, pronunciadas em linguas tão peregrinas,[1]) eram, por certo, incentivo poderoso e foco de inspiração, no qual devia incendiar-se o peito mais refractario.“ [2])

„Se a população de Santiago e o seu celebre santuario lhe valeram o ser cantados *em todos os idiomas e dialectos*,[3]) se os peregrinos faziam ressoar debaixo das abobadas da basilica de Compostella melodias e hymnos *de tantas e tão afastadas nações*, como é que os compostellanos haviam de permanecer frios e insensiveis per ante taes explosões de enthusiasmo?“

Assim pregunta o mesmo historiador. Em seguida passa a fallar dos trovadores oriundos de Santiago, na supposição que a arte que se desenvolveu neste convivio e de lá irradiou foi a provençalesca. Opinião que não sigo. Mas isso fica para depois.

---

1) Creio que a ideia de Lopez Ferreiro é igual á que o collecionador dos versos jacobitas em lingua francêsa, o benemerito missionario e historiographo de Montauban, faz dos cantos em latim, dizendo que os peregrinos de cada nação os *adaptavam* á sua lingua.

2) *Hist. Sant.* V, 367. — Cfr. Murguia, *Galicia*, p. 360s.

3) Novamente lembro a curiosa cantilena germanica: *St. Jakobs Pilgerlied.* Vid. *Des Knaben Wunderhorn*, p. 524 da ed. de Reclam.

§ 412. Vejamos primeiro esses canticos e esses hymnos. As amostras que se conservaram dos seculos XII, ou de tempos anteriores, tanto dos verdadeiros hymnos de igreja, pertencentes aos Officios canonicos, como de cantilenas de peregrinação, estão redigidas todas em latim, e tem caracter espiritual. De peregrinação ha umas nove, em lingua francesa, de feitio muito mais popular, mas essas são de epoca bem posterior, comquanto derivem provavelmente de textos antigos.[1])

Reunidos em caravana ao sul de Pamplona (em *Puente la Reina*), os peregrinos estrangeiros, chegados de ondequer que fosse em grupos e por diversas vias, costumavam seguir juntos, entoando em côro *magna vociferatione* ladainhas, psalmos, orações.

Audi nos, Rex Christe,
Audi nos, Domine
et viam nostram dirige.[2])

Mas tambem „odas pneumaticas“ feitas *ad hoc,* em louvor do santo e do santuario.[3]) Compostas por clerigos sobre melodias faceis, preexistentes, profanas ou liturgicas, conhecidas a toda a

---

1) Vid. C. Caux, *Les Chansons des Pèlerins de Saint Jacques* (paroles, musique et Introd.), Montauban 1899.

2) Édelstand Du Meril, *Poésies populaires latines du Moyen-âge,* Paris 1847, p. 56.

3) De uma das canções francesas, chamada *la grande chanson,* na qual se enumeram as principaes estações do *camí romio* e do *caminho francês,* com as occorrencias e cousas memorandas que mais impressionavam o peregrino, vou extrair alguns versos para d'elles inferir que os peregrinos nem mesmo desdenhavam musicas e cantos de folgar:

Parmi les monts et prairie
nous chantions la litanie
ou quelque bonne chanson
et racontions à l'envie
ce que nous savions de bon.

Os prototypos, pelo menos, pelos quaes os cantos latinos populares eram transpostos ao *divino,* eram ás vezes bem vulgares e profanos. *J'aimerai toujours le bon vin* veio a ser *J'aimerai toujours mon Jésus* (*Chansons,* p. 14; cfr. J. M. Neale, *Sequentiae ex Missalibus,* § 18). Mas não sómente os prototypos. Ouçamos a canção:

Ma calebasse, ma compagne;
mon bourdon, mon compagnon;
La taverne me gouverne,
L'hôpital c'est ma maison.

Pelo outro lado, certas melodias dos jacobitas haviam-se popularizado a ponto tal que textos novos eram escritos para a mesma musica: *sur l'air des Pèlerins — Sur l'air de Saint Jacques.*

grei catholica, essas manifestações adaptadas ao gosto popular, animavam os frouxos, entretinham os aborrecidos, proporcionavam aos noveis uma serie de noções uteis, e despertavam a attenção dos povos proximos ao caminho francês.[1]) Acorrendo com esmolas, navarros, castelhanos, leoneses, gallegos acompanhavam o canto ou pelo menos as acclamações do Santo e os gritos typicos de exhortação, entoados como *cri de marche* no fim das estrophes. Essas acclamações, os jacobitas tinham-nas de commum com os guerreiros peninsulares,[2]) e os seus gritos não só com os palmeiros e cruzados do Oriente[3]) mas talvez tambem com os que procuravam Roma.[4]) O brado mais caracteristico e mais usado por todos os peregrinos, ponto de partida do genero popular,[5]) deu a esses cantos o nome de *Cantilenas de Ultreia Ultreia,*[6]) o que não pode admirar, se nos recordarmos que as primeiras *seqüencias* da igreja christã haviam sido um mero *Hallellujah.*[7]) Ao grito *Ultreia Ultreia* ou *Eultreja,*

---

1) Á mesma poesia pertencem as estrophes seguintes:

Quand nous fûmes dedans la ville
nommée Léon
nous chantâmes tous ensemble
cette chanson.
Les dames sortaient des maisons
en abondance
pour voir chanter les pèlerins
les enfants de France.

Ou ainda:

Les hommes, femmes et filles
de toutes parts nous suivoient
pour entendre la mélodie
de ces bons pèlerins françois.

Pèlerinage, p. 138 ss.; *Chansons,* p. 22 ss. e 12.

2) Já conhecemos os mais usados: *Sancte Jacobe, adjuva nos. — Jacobe iuva — Sancte Jacobe, Deus adjuva — Deus adjuva nos.* — «Le refrain repris en chœur rappelait les chants patriotiques et religieux des guerres saintes.»

3) Diz-se que os companheiros de Godfredo de Bouillon cantavam em barbaro latim afrancesado: *Ultre eja Ultreja! Ultre mare, Deo lo volt.*

4) Cantico tradicional dos verdadeiros romeiros era o bello hymno: *Oh Roma Nobilis orbis es domina.* Vid. Schlosser, *Die Kirche in ihren Liedern,* Bd. I, p. 118 e 419.

5) Incerto fica, se foram cruzados francos, jacobitas francos, ou romeiros francos que se lembraram, inspirados pelo termo *Ultre mare*, de cantar *Ultre eja!* modulando-o talvez sobre uma phrase melodica antiga. *Hallellejuh? Kyrie? eleyson?.*

6) Vid. Ducange s. v.

7) Vid. Bartsch, *Die lateinischen Sequenzen des Mittelalters,* Rostock 1868.

equivalente a *àvante, àdeante!* juntava-se (em ascensões difficeis?) o de *Suseja* ou *Esuseja,* equivalente a *àrriba!, excelsior!, ora sus! eia sus!* [1])

São tres os cantos dos jacobitas em que encontramos um e outro: dois de peregrinação, attribuidos a *Aimeric Picaud,* outro de igreja, contido tambem no Codice Calixtino. Neste ultimo lemos:

cunctae gentes, linguae, tribus
illuc vunt (sic) clamantes
sus eja, ultreja. [2])

Na cantilena *Dum pater familias,* que vae acompanhada do refram

Primus ex apostolis
martir Jerosolimis
Jacobus egregio
sacer est martirio,

acha-se uma só vez no meio de uma estrophe bilingue, que parece ser juncção de quatro estribilhos:

---

1) O francês latinizado *Ultreia* passa hoje por ser um substantivo derivado de *ultra. Oltrée oultrée outrée,* de *ultrata.* E sobre esta formação se teria calcado *susée susata.* Vid. *Romania* V, p. 232; IX, p. 44; XXXI, p. 416. Pela minha parte inclino-me a ver em *ultreja* e *suseja* formulas compostas do adverbio *ultra,* seguido da interjecção *eia;* e em *esuseja eultreja* formulas compostas de interjecção, adverbio e interjecção — etymologia que já foi proposta por Du Cange, Milá y Fontanals e pelo musicographo Pedrell (*Organografia,* p. 121). Por muitos motivos. 1°) Ao lado de *ultreja suseja* falta por completo a forma *ultrea,* a despeito de o *i* euphonico ser estranhavel em representantes antigos de *ée* > *ata.* 2°) Para incutir animo, serve mil vezes melhor uma dupla ou triplice exhortação por meio de ejaculatorias do que um substantivo. 3°) Não devemos deixar desatendido o facto que ao lado de *ultreia suseia* se acha escrito *ultre eja, sus eja.* 4°) *Eia sus* ainda hoje se ouve em Portugal. 5°) O simples *eja,* era usadissimo na poesia ecclesiastica e profana medieval, quer isolado — como nos hymnos *Ave summe presulum Eja* (Bartsch); *Imperio Eja; Venereo Eja;* (Nisard, *Chants,* pop. I, p. 16); no *Carmen* do Cid Campeador e na mais antiga bailada provençal *A l'entrada del tems clar eya!* (cfr. p. 72 d'este volume), quer acompanhado de um imperativo, optativo ou infinitivo com caracter imperativo. Por exemplo: *Eja jubilemus* (de Notker), vid. Bartsch; *Eja vigila* no canto bellico de Modena (Ebert III, p. 175); *Eya velar* no cantico dos Judeos de Berceo. 6°) Quanto a *Ultra* bastará citar o *Plus ultra* ou *Ultra,* opposto por Carlos Quinto ao classico *Non* ou *Nec plus ultra.* 7°) Mesmo a repetição do termo indica o seu caracter exclamativo: *cantilenam de Ultreia Ultreia cantare* (vid. Ducange), de onde o francês *crier outrée; chanter outrée.*

2) *Hist. Sant.* I, p. 211s. *Prosa sancti Jacobi latinis graecis et ebraicis verbis a domino papa Calixto abreviata,* publicada pela primeira vez nos *Analecta Hymnica medii aevi* de Dreves, vol. XVII.

Herru Sanctiagu!
Got Sanctiagu!
E ultreja! e suseja!
Deus adiuva nos.

É de crêr, porém, que os flamengos a repetissem no fim de cada quadra de refram, ou em substituição d'ella.[1])

No hymno muito popular e cantavel que principia:

Ad honorem regis summi
Qui condidit omnia
Venerantes jubilemus
Jacobi magnalia,

segue-se a cada uma das quadras, outra dizendo:

Fiat amen; alleluia
Dicamus solemniter;
E ultreja e suseja
decantemus jugiter (var. *pariter*).[2])

Pelas amostras parece que os córos enthusiasmados dos peregrinos intercalavam de vez em quando no idioma internacional trechos da sua falla vulgar. Assim como os flamengos exclamavam *Groot Sanctiago!* (grande S.) ou *Got Sanctiagu!* (bondoso Santiago), os francos e provençaes talvez supplicariam *Deus, aïe; Dieu, saint Jacques à mon secours!*[3]) ou affirmariam como no Oriente: *Deo lo volt* (*Dieus lo vuelt*).[4])

As mesmas formulas de invocação,[5]) ou outras parecidas, repetiam-se por certo nas ruas, no Paraiso e na basilica de Santiago,

1) Vid. *Hist. Litt. de la France* XXI, p. 276; Am. de los Rios II, p. 206 e IV, p. 131; Fidel Fita, *Recuerdos,* p. 45; C. Caux, *Pèlerinage,* p. 186 e *Chansons,* p. 8; *Hist. Sant.* I, p. 211 onde é designado como *Hymno flamengo,* por causa dos bocados em vulgar.

2) Vid. Am. de los Rios II, p. 206, e as mesmas obras, citadas na Nota antecedente.

3) C. Caux menciona esta expressão como *mot de passe* dos peregrinos francos e *Dios ayuda y Sant' Iago* como devisa dos jacobitas francos.

4) No Ultramar os Ingleses não usavam do seu *signum* geral (*Regale!* que passou a Portugal, juntamente com o grito *San Jorge*), nem os francos, do de *Meum gaudium* (*Monjoi e Saint Denis*). O grito dos primeiros era o citado no texto; o dos segundos *Deus aïue;* o dos Allemães *Allellujah.*

5) Não será ocioso conferí-las com os trechos extra-peninsulares relativos a *Ultreia.* Todos menos um occorrem em textos franceses. Relativo aos habitantes de Milão, que haviam sido os primeiros a entoar um Hymno de Santo Ambrioso, a forma latina occorre na *Hist. Mediol.*, no cap. 2 de Landulfo, o Moço († 1137) relativo ao anno 1095: *praemonuit praeelectam juventutem Mediolanensem cruces suscipere et cantilenam de Ultreia Ultreia cantare . . . cruces susceperunt et eandem cantilenam de Ultreia Ultreia cantaverunt.*

soltas, ou no meio das prosas, seqüencias, antiphonas e cantilenas que compunham o Officio mozarabe[1]) e posteriormente o romano-gallicano.[2]) Além da „prosa“ já citada ha outra com o refram *Jacobe iuva,* repetido entre verso e verso,[3]) ou entre distico e distico.

Nesta segunda ordem de hymnos de Santiago, muito mais vasta e variada do que as especies cultivadas pelos peregrinos,[4]) obra de anonymos hespanhoes, mas tambem de prelados illustres de origem francesa (como Fulberto de Chartres, o patriarca Guilherme de Jerusalem, e talvez Calixto II), ha algumas de caracter bellico,[5])

Groeber, *Lat. Litt.*, p. 281 e 474. *Oltree* apparece: 1º) num dos mais archaïcos cantares de gesta, (meado do sec. XI), o da famosa Peregrinação de Carlos Magno a Jerusalem v. 243 (Vid. *Romania* IX, p. 44 s. e ed. Voretzsch, 1903). 2º) Numa canção mulheril ou *rotrouenge,* inspirada por alguma das expedições ao santo sepulcro, a dama de Faïel do Castelão de Coucy, reza pelos peregrinos:

Dieus quant crieront outrée,
Sire, aidiés au pelerin.

Vid. *Romania* IX, p. 44 e VIII, p. 360; Groeber, *Franz. Litt.*, p. 682. 3º) Guillaume de Saint Pair, chronista do convento de Mont S. Michel (1170) descreve o enthusiasmo de romeiros a cantarem psalmos e hymnos, e accrescenta:

qui plus ne puet, si chante outrée,
Deus aïe ou asusée (Groeber, *Franz. Litt.*, p. 765).

1) É estranhavel que entre os 185 cantos do *Hymnario* mozarabe de Toledo só um seja dedicado a Santiago: No 25 *O Dei verbum patris ore proditum*, publicado por Florez na *Esp. Sagr.* III. — Cfr. Am. de los Rios I, p. 471 ss., 493. — Lopez Ferreiro inclina-se a attribui-lo a S. Martim Dumiense (*Hist. Sant.* I, p. 407 s).

2) A maior parte dos que existem entrou nos *Officios* chamados calixtinos. Outros constam do já citado *Catalogo de Musica* (p. 361, 377, 440).

3) *Hist. Sant.* I, p. 438, numa composição do patriarca Guilherme de Jerusalem (1130—1145), o qual, se não conhecia pessoalmente o caminho francês, por certo se havia encontrado no Orièute com muitos jacobitas.

4) Na *Historia de Santiago* encontra-se boa parte d'essa hymnologia (vol. I, p. 208—212 e 407, 419, 421, 423, 425, 438, 446, 447—449). Mas de modo algum tudo quanto existe. Lembro o hymno de certo Recesvinto, impresso nos *Poet. Carol.* III, p. 148 (Groeber, *Lat. Litt.* § 55); o *Carm. Compost.* em disticos rimados á maneira neo-latina:

Gratulantes celebremus festum
diem luce divina honestum.

(*Anal. Hymn.* XVII, p. 208 e Hanssen, *Lateinische und romanische Metrik*, p. 43, 1901); assim como os hymnos bellicos, que hei de citar na Nota immediata.

5) *Vindex iberi nomine,* na *Hymnodia Hispanica* de Arevalo, 1786. Cfr. Am. de los Rios I, p. 474. — A supposição que as hostes christans, achando insufficiente a simples acclamação *Sanct Yague! Cierra España!* entoassem na marcha e nos campos de batalha cantos de guerra é plausibilissima, embora não subsistam indicios certos. No *Catalogo* das Musicas

outras festivas, varias panegyricas, não sendo poucas as que prosodicamente estão em relação intima com obras de trovadores provençaes e peninsulares.[1])

§ 413. No acto de passar aos indicios que documentam a existencia de uma poesia popular antiga, florescente antes do desabrochar da poesia aulica, a ponto de a ter alimentado com ondas caudalosas, não será inutil lembrar que o Cancioneiro religioso de Alfonso X, comquanto nos obrigue a presuppôr uma abundante e desenvolvida hymnologia sagrada em vulgar, em que *Santiago* devia ter magna parte, não contém especime algum a elle relativo, quer de igreja, quer de peregrinação.

---

colleccionadas por D. João IV de Portugal, ha muitos *Vilhancicos* a Santiago. Uns quatro tem o estribilho significativo: *Guerra! Guerra!* São os que principiam: *Con los mejores Leoneses* — *El ardimiento mayor* — *Pues que Dios es tu patron* (p. 297 e 298). Outro principia *Celestial artilleria* (p. 330). — Temos ainda *Ilustre ciudad que deves,* e *Santiago vienen diciendo.* Talvez fossem cantilenas de romeiros.

1) Tenho em mente hymnos como aquelle *Jocundetur* em que se lê:

In hac die
in qua pie
melodie
reddunt laudes debitas,
celebretur,
decantetur,
sublimetur
Jacobi festivitas,

ou a prosa:

Gratulemur
et laetemur
summa cum laetitia.

porque o rhythmo lembra com singular insistencia a cantiga satirica de Alfonso X:

O genete
pois remete
e acomete
o alfarax corredor;

os versos de Lobeira:

Leonoreta
fin roseta
non me meta
en tal coita vosso amor,

a canção de Guilherme de Berguedan:

Un trichaire
preste laire
vul que chan
pus suy chantaire

e duzias de imitações contidas no Cancioneiro de Baena (*discores*).

Nos cancioneiros gallaïco-portugueses, profanos e aulicos, nesses ha alguns, semi-sacros, de devoção individual. São poucos comtudo. Tres apenas entre oitenta e tantas canções de romaria, de feitio popular, relativas a diversos santuarios gallizianos de muito menor monta e fama meramente local.[1]) Ecos perdidos dos concertos multisonos, outr' ora executados em honra do Apostolo. Todos os tres em boca de galleguinhas namoradas.

Uma d' ellas invoca a protecção do advogado bellico a favor do amado, ausente, em guerra santa contra os Mouros de Jaen. É o singelo cantar de amigo, composto pelo almirante galliziano *Pae Gomes Charinho* de que já fallei.

Ai Santiago, padron sabido,
vos mi-adugades o meu amigo!
Sobre mar ven quen frores d' amor ten!
Mirarei, madre, as torres de Geen!

Ai Santiago, padron provado,
vos mi-adugades o meu amado!
Sobre mar ven quen frores d' amor ten!
Mirarei, madre, as torres de Geen![2])

Outra menina, amada de um jogral, que se acha tambem representado com algumas obras no Cancioneiro da Ajuda — quer pre-alfonsino, quer alfonsino — expõe a sua resolução de ir a Compostella, devotamente, mas só com o fim de ahi se encontrar com o amigo:

Por fazer romaria pug' en meu coraçon
a Santiag' un dia ir fazer oraçon,
e por veer meu amigo logu' i.
E se fezer [bon] tempo, e mia madre non for,
querrei andar mui leda por parecer melhor
e por veer meu amigo logu' i.
Quer' eu ora mui cedo provar se poderei
ir queimar mias candeas con gran coita que ei
e por veer meu amigo logu' i.[3])

A terceira, moradora na cidade do Apostolo, congratula-se, na esperança de presenciar a peregrinação do rei de Hespanha, e de ver ao mesmo tempo o bem-querido em companhia d' elle:

---

1) Vid. *Rev. Lus.* III, p. 347, e p. 607 d'este Volume.
2) **CV 429**. Já o transcrevi na *Biogr.* XXVII, a p. 268.
3) **CV 265** de *Aires Corpancho.*

A Santiagu' en romaria ven
el rei, madr', e praz-me de coraçon
por duas cousas, se Deus me perdon,
en que tenho que me faz Deus gran ben:
ca veer-ei el rei, que nunca vi,
e meu amigo que ven con el i.[1])

Do sec. XV subsistem restos de um cantico em honra do Apostolo, curioso por ser tambem cantado por mulheres e por provar a continuidade da devoção pelo Apostolo *tutor patriae* e *matamouros,* mesmo em Portugal.[2]) O fragmento diz:

Apostolo Santiago
cavaleiro muito honrado,
antre os mouros
muy esforçado....[3])

Entre as modernas coplas populares deve haver bastantes, relativas ao Santo e ao seu santuario principal. Mas ainda não

---

1) **CV 458** de *Airas Nunez.* Cfr. p. 563 d'este Volume. — Em outra cantiga, o mesmo clerigo-jogral, de grandes aptidões artisticas, falla da cidade do Apostolo com ironia, pela sua falta de moralidade (**CV 455**). — Temos, além d'isso o estribilho:

O amor que eu levei de Santiag' a Lugo
esse me adusse e esse mi adugo

na cantiga **CV 903**; allusões a agoureiros em **CV 1078**, a vinhos **CV 1182**; e no **CB 1575** a formula *de Santiago ata San Fagundo.*

2) A batalha de Ourique foi em dia de Santiago. Mas depois de Aljubarrota, S. Jorge veio substituir o Apostolo. Posteriormente outros santos se sobreposeram a Santiago e S. Jorge. No sec. XVII S. Ignacio e S. Francisco Xavier. Isso reconhece-se claramente pelo *Catalogo de musica de D. João IV.*

3) Conservado num ms. do cartorio da Ordem de Santiago, anterior ao anno 1484, faz parte de uma redacção tardia do conhecido Milagre do Bispo, que o *Liber Jacobi* (cap. XIX) havia collocado no anno da tomada de Coimbra por Fernando I (1064), mas que o contista lusitano, sem se importar com o anachronismo evidente, transferiu aos tempos de D. Alfonso IV, assediador da cidade nas lutas contra o filho rebelde. Vid. *Rev. Lus.* V, p. 232 e *Hist. Sant.* II, p. 487 ss. Aqui lembrarei um *vilancete* do sec. XV, feito por Pero de Sousa, futuro Conde do Prado, para um momo singular, representado em Santos, quando el rei D. João II veio de Santiago «o qual vilancete os romeiros iam cantando deante de um *entremês e carro em que hya Santiaguo.*» O mote dizia:

Alta rraynha senhora
Santyaguo por nos ora

Seguem quatro estrophes pelo typo archaïco *bbbAA,* tão freqüente nas seqüencias latinas e muito usado no sec. XV. Vid. *Canc. Res.* III, p. 395; cfr. II, p. 448.

foram colleccionadas, que eu saiba. Entre as que recolhi em Portugal,[1]) as mais curiosas dizem:

1°) *Se vaes a Santiago,*
compra-me um Santiaguinho;
não mo compres grande,
seja pequenino.[2])
2°) *Santiago de Galiza,*
vos sondes tão intresseiro:
ou em morte ou em vida
hei d' ir ao vosso mosteiro.[3])
3°) *Santiago de Galiza*
é um cavalleiro forte.
Quem lá não fôre em vida
ha d' ir lá depois da morte.[4])

---

1) Algumas foram colhidas por Leite de Vasconcellos no Porto (*Annuario,* p. 37 e 38); outras da Galliza estão registadas no *Cancionero popular gallego* de Ballesteros I, p. 74, 122, 127; II, p. 151; III, p. 137, 159, 275. Um pelo menos refere-se ao caracter bellico do santo:

Santiago de Galiza,
espelho de Portugal,
acudade-me a vencer
esta batalha real.

Verdade é que é *cliché* com diversas applicações. Uma diz:

Santo Antonio milagroso,
amparo de Portugal,
ajudae-me a vencer
esta batalha real.

Parece ser a primitiva.

2) Cf. Milá y Fontanals, *Romania* VI, p. 64 Nº 104 (cfr. Nº 15 e 76). Tambem é *cliché* applicado tambem a S. Gonçalo e a outros santos.

3) Vid. Leite de Vasconcellos, *Tradições*, § 40. — Th. Braga, no Poema dos *Doze de Inglaterra,* repertorio vasto de lendas patrioticas, dá-nos a descripção phantasiosa de uma peregrinação do Porto a Santiago.

4) Relativas á crença de que fallei no § 408. — Ignoro por que motivo Santiago é mencionado em *Janeirinhas* ou *Reisadas*, em ensalmos e orações como as seguintes:

1°) *Levante-se d' ahi, senhora,*
d' esse seu estrado doirado,
venha-nos dar os reis-santos
em louvor de Santiago.
2°) *Bolborinho do pecado,*
vae-te, com Santiago,
Bolborinho do demonho,
vae-te, com Sant' Antonho.

Só se fôr, como em orações que terminam *em louvor de Santiago* ou *pelo poder de Deus e do Senhor Santiago*, por causa da consonancia em **á-o**. O estrambote dos cantares de *dança-prima* tambem acaba com o nome de qualquer santo, cujo nome seja assonante da rima geral do romance. — Costuma-se dizer *Santiaste* (em logar de Santiago) na imprecação *a pesar de Santiaste* (Canc. Musical Nº 383).

§ 414. Os dias de festa em honra e commemoração do Apostolo, celebrados solemne e esplendorosamente, com musicas, canticos, bailados populares são o anniversario da sua paixão,[1] a 25 de Julho, considerado como um Natal ou como uma pascoa;[2] o da trasladação e enterro, importantissimo para Compostella, a 30 de Dezembro; e a festa do thaumaturgo, a 3 de Outubro. Havia porém mais *dias de Santiago,* mesmo sem contarmos os da chegada de peregrinos ou de personagens illustres, pois esses eram notaveis só para Compostella.

Além do filho de Zebedeo, ha outros dois evangelizadores e martyres de nome Santiago: o filho de Alpheo, chamado *o Menor* (*Ev. Marc.* III 18), muito venerado na Galliza, desde que a Rainha D. Urraca fizera doação da sua cabeça á basilica de Compostella (1112); e Santiago, o Justo, irmão de Jesus (*Ev. Matth.* XIII. 55; *Ev. Marc.* III 18) e bispo de Jerusalem.[3] Este é confundido a miudo pelo povo e pelos artistas com o protomartyr, e sobretudo com Santiago menor.[4] A elle são dedicados os dias 9 de Outubro e 28 de Dezembro. A aquelle, juntamente com S. Felipe, o dia 1 de Maio.

A *kalenda maia, festa de II apostols cardinals,*[5] celebrada, „quando o sangue novo atiça“, *Santiago, o Verde,* na dicção peninsular, era por isso mesmo uma das festas mais alegres e ruidosas de todo o anno, desde tempos immemoriaes; o verdadeiro carnaval da mocidade, especialmente do mundo feminil. Continuação das

---

1) Na Galliza é costume designar como pascoa os dias santos maiores da christandade. Temos *pascoa de resurreição; pascoa florida* = domingo de ramos; *pascoa de maio* ou *pascoa rosada* = pentecostes; *pascoa de natividade* = natal; *pascoa de S. João* e *pascoa de Santiago.* Confiram as expressões *alegre como uma pascoa; ter cara de pascoa.*

2) O Apostolo fôra martyrizado pouco antes da pascoa do anno 44. Por isso a principio commemorava-se o seu Natal a 25 de Março. A inhumação na Galliza, realizada conforme a lenda a 25 de Julho, celebrava-se nessa mesma data. Considerando improprio o tempo da Paixão para festa qualquer não relacionada directamente com Jesus-Christo, a Igreja modificou todavia as datas. Vid. *Hist. Sant.*, Cap. VII e C. Caux, *Pèlerinage,* p. 276.

3) Cfr. *Hist. Sant.* III, 462 s.

4) Está claro que a Igreja não protegeu esta confusão. Não faltam hymnos por ella consagrados *in diem Sancti Jacobi fratris domini.* Vid. Nº 23 do Hymnario mozarabe: *Clara sanctorum una Iherusalem.* — Outro, em honra de Santiago e S. Felipe, é citado no *Cat. de Mus. de D. João IV,* p. 377: *Domine ostende.*

5) *Roman de Flamenca* v. 2798 (ed. de P. Meyer).

antigas *Floralias,* consagradas a Venus e Baccho, o mês das aves cantadeiras[1]) era tambem, como sabemos, o tempo da maior actividade dos trovadores provençaes, pois começavam a cantar „no tempo da flor", e foi escolhido mais tarde para os jogos floraes dos epigonos. Mês das rosas, mês dos amores[2]) mês das bodas,[3]) mês dos touros, mês das romarias, mês das danças e de jogos de donzellas ao ar livre, á sombra de arvores floridas[4]) ou em volta de um Maio, armado de proposito em sitio espaçoso;[5]) mês das

---

1) Rouxinoes, calandrias, melros etc. Mas tambem mês do cuco zombeteiro, cuja significação symbolica originou tantos dictados e tantas coplas picarescas.

2) Na *Randglosse* XXVIII (inedita) trato de *Maios* e *Maias* e do *Maio,* publicando uma longa serie de poesias populares ou artisticas em estylo popular, as quaes caracterizam o primeiro mês quente do anno como tempo de amores, variando o thema conhecido:

> *Mês de Maio, mês de Maio*
> *cuando los toritos bravos,*
> *cuando los recios calores,*
> *cuando los enamorados*
> *van a servir sus amores.*

Cf. *Zeitschrift* XIX, p. 607.

3) Vid. *Poema de Alex:* estr. 1788ss. — Um casamento de Maio, de que tornarei a fallar no Capitulo immediato, foi o de D. João I. Em geral os casamentos de Maio, i. é. os da gente moça e namorada, preferidos pelo povo, eram mal-vistos pelo clero, precisamente por elle os considerar como originados de desejos carnaes, pagãos, e tambem por causa dos numerosos ritos e usos gentilicos que os distinguiam. Vid. Boehme, *Geschichte des Tanzes in Deutschland,* Leipzig 1886. Vol. I, p. 150—158. Para completar a Nota, digamos que o povo considera o mês de fevereiro i. é. o do entrudo, como proprio para casamentos de velhas e velhos, aos quaes gosta de dar *matinadas*, perseguindo-os com ditos apimentados.

4) *Pinho florido; melgrada* (= romanzeira), *avelleira,* nos Cancioneiros; mas na realidade dos tempos modernos tambem *castanheiro, amieiro, vidoeiro, alamo, macieira, laranjeira, oliveira* etc.

5) Este *maio* ora é uma arvore transplantada, ora uma estaca revestida de verduras e flores. De ahi a dupla comparação: *teso como um maio* e *florido como um maio.* A bailada *parallelistica* de Diego Furtado de Mendoza:

> *Aquel arbol del bel mirar*
> *Façe de manyera flores quiere dar,*
> *Aquel arbol del bel veyer*
> *Faze de manyera quiere florecer* (Am. de los Rios V, 293s.)

que acaba com as palavras:

> *vengan las damas las froitas cortar,*

talvez se refira ao costume popular, transferido para os salões das classes privilegiadas. Podiamos pensar num maio enfeitado de frutos d'ouro, ou dourados, como os dos pinheiros do Natal.

virgens, transformado em mês da Virgem pela Igreja, logo quando reconheceu a sua impotencia de extirpar festas seculares, inscenadas pela propria natureza com as suas melhores galas.

Numerosas, comquanto pouco variadas, são as praticas seculares, cheias de poesia primaveril, que se ligam ao ultimo de Abril e aos primeiros dias de Maio. Temos na vespera de Santiago e no proprio dia: a benção das searas,[1]) precedida de procissão nocturna de fogachos ou fogareos, com recitação de versos archaïcos;[2]) a benção do gado; cruzeiros de pedra cercados de guirlandas; altares, casas, e curraes,[3]) campos de linho e nabaes enfeitados de hervas cheirosas e de flores; ramos de giesta collocados na janella ou á porta da amada pelo seu pretendente.[4]) Bandos de crianças estendem pratos e salvas com petalas de rosas, e pedem as *maias* (pilongas = castanhas piladas, e amendoas), ou modernamente, cinco-reisinhos (em Hespanha *un ochavito*) ora para S. Felipe e Santiago, ora para a santa cruz de Maio, ora para a Virgem de Maio (dia 2 e 3). Um rapazinho, engalanado e coroado de flores — o *Maio,* o *Mainho,* o *Maio-Moço,* o *Maio-pequenino, el Mayito*[5]) — segurando ás vezes uma cruz de rosas, em logar do caduceo de Baccho, está dentro de uma carroça puchada por oito crianças e é levado em triumpho

---

1) Uma cantiga popular diz:

El primer dia de Mayo
en punto de medio dia
a visitar los sembrados
salen Jesus y Maria.

Não me parecem populares os versos:

Aprontai pastores
ramos e flores
que a cruz de maio
nos chama já,

citados por Leite de Vasconcellos e Th. Braga. Nem creio que no refram *Florindinha Que bella está* haja reminiscencias directas dos *Floralia* romanas. Em Braga, onde os ouvi, diziam de resto *Floridinha, que bella está!* referindo-se, salvo erro, á cruz, em volta da qual a pequenada dançava e cantava.

2) Vid. Murguia, *Galicia,* p. 181.

3) O gado não *maiado* é exposto aos estragos que o mês tantas vezes traiçoeiro costuma causar.

4) D. Francisco de Portugal refere-se a certa *Inês, moça de cantaro, a cuja porta nunca faltou Maio florido en dia de Santiago.*

5) Em algumas terras, não ha *Maios* mas antes *Maias,* ricamente vestidas com enfeites, joias e flores. As garridas *majas* da Andaluzia que são senão Maias? Em Portugal pelo menos diz-se das moças bem postas que andam *garridas como uma maia.*

numa especie de throno fixo ou portatil sobre os hombros de companheiros.[1]) Estes cantam jubilosos em côro quaesquer versinhos tradicionaes, precedidos de um refram:

Lá vem o Maio, vestido de verde (var. *de branco, de rosas, de flores, de giesta*).
Lá vem o Maio car'gado de rosas (var. *Este é o M.*[2]).
Aqui vem o Maio e trage estas flores.
Aqui vem o Maio, dono das flores.
Aqui vem o Maio, das flores senhor.

Ou então:

Est' é o Maio, o Mainho,
est' é o Maio que já anda de pé.[3])

Ou:

Vedes o Maio, Maio, mocinhas,
vamos á caixa das castanhinhas.[4])

Ou ainda em dialogo com o que faz de Maio:

O meu Maio-moço,
vestido de branco,
elle além vem
que parece bem.
Maio: *Cantarão o Maio.*
Coro: *E mais bem cantado.*[5])

Ou:

Maio: *Entra Maio e sae Abril.*
Coro: *Tão garridinho o vejo vir.*[6])

---

1) Sitios ha em que as crianças fazem uma cabana de giesta. Dentro d'ella collocam o que canta; os outros vão ao redor, e acompanham o canto golpeando o chão com estacas (*Romania* VI, p. 52).

2) Milá regista a lição:

Velay o Mayo
car'gado de rosas!
Velay o Mayo
que las trae hermosas.

Conferindo este *Velay* com a copla 10, por elle recolhida, e que diz *Velay ven o nosso rey*, creio que não se trata do imperativo de *velar,* mas antes de uma contracção de *Ve-lo-ahi.* Em Gil Vicente III, p. 283 lemos:

Este é o Maio, o Maio é este,
este é o Maio e florece.

3) Nos *Cantos y bailes populares de España,* de Inzenga, ha a variante plebeia: *que mexa de pé.*

4) Castanhas em maio, são uma gulodice.

5) Inzenga, p 74; Milá y Fontanals, *Romania* VI, p. 52.

6) Assim o ouvi em Braga. Cfr. Barbieri, *Canc. Mus.* No 61.

Entra Mayo y sale Abril,
tan garridico le vi venir.

Entra Mayo con sus flores,
sale Abril con sus amores
y los dulces amadores
comienzan a bien servir.

Em seguida entoam coplas, chamadas *ladainhas de Maio.*[1]) Caracteristico é tambem o costume de as raparigas namoradas e os rapazes iniciarem nesse dia as suas danças e os seus jogos ao ar livre.[2]) As donzellas, o jogo gymnastico da pella, o do pucaro e jogos de roda como o da condessa, que ás vezes são pequenos dramas, cantados e bailados. Os rapazes preferem correr, lutar, saltar, ou jogar a bola,[3]) a pelota, o fitelho, ensaiando-se em todas as artes com que hão de brilhar nas festas de Santo Antonio, S. João, S. Pedro, Santiago e nas romarias locaes a que contam concorrer.[4])

Cumpre registar ainda, que no primeiro de Maio a catedral de Santiago veste de gala o seu gaiteiro e tamborileiro, e junca de espadanas, funcho e mentrasto o pavimento de suas naves.[5])

As ceremonias do dia 25 de Julho, essas tem caracter não menos lyrico, e solemne. Precedida de um dia de jejum, a festa do *tutor patriae* pertence á categoria das festas grandes, „de seis capas", segundo o velho rito hispanico, «juncada» desde a reforma do rito. Ha colchas de côr nas paredes da basilica compostellana e em todas as demais igrejas de Santiago, flores nos altares, hervas cheirosas no chão e nas ruas por onde passa a procissão, e nessa como elemento caracteristico cavallos ricamente enjaezados.[6]) Nos adros das

1) O leitor encontra algumas d'essas coplas na obra de Inzenga; outras no *Povo Português* de Th. Braga, vol. II, p. 281 e na *Poesia Pop. Port.*, do mesmo, p. 414ss., 454, 460; outras ha nas publicações de Leite de Vasconcellos, p. ex. no *Annuario*, p. 77.

2) Isso, na Galliza, no Minho e Doiro, e na Beira. Em regiões mais meridionaes principiam no domingo de Pasçoa, durando apenas „os quarenta dias", i. é. da Pascoa ao Espirito Santo. Depois „o calor aperta demasiado."

3) Lembro o distico:

Viva o maio carambola
que elle vae jogando a bola.

4) Veja-se o Cap. immediato.

5) Inzenga l. c. p. 79.

6) Os torneios medievaes, iniciados em geral na Pentecostes, eram na peninsula celebrados de preferencia no mês de Santiago. O afamado *Passo honroso* de Suero de Quinhones (de Leão) começou quinze dias antes de Santiago durando até nove de Agosto. Quando os torneios já não estavam de moda, cavalhadas com jogos de canas eram celebradas na alvorada de S. João, S. Pedro e Santiago. Vid. *Rev. Lus.* V, p. 153ss. e Th. Braga, *O Povo Português* II, p. 301 e 309. Finalmente refugiaram-se nas procissões. Em Portugal hoje ha apenas uma procissão em que entram cavallos, a de S. Jorge com o seu estado maior, na procissão do *Corpus-Christi*, i. é. o santo que desde o dia de Aljubarrota ficou sendo rival e substituto de Santiago.

igrejas de Santiago, onde ha arraial, veem-se mesas com offerendas rusticas da gente devota. Entre ellas avultam peras e os primeiros cachos de uvas, devidos á protecção do santo.[1]) *Santiago pinta o bago.*[2]) Santiago amadurece tambem as searas. Como padroeiro das ceifas e dos rebanhos, advogado dos pastores, e santo principal do *messidor,* é festejado especialmente pelos serranos com fogueiras e danças; sobretudo nas alturas, onde a vida pastoril começa no dia de S. João, em annos quentes, e em annos frios em Julho. Faltam-me por ora os elementos para ligar bailadas e serranilhas peninsulares a essas vigilias de Santiago Maior.[3]) Apenas posso registar o facto que lá fora, p. ex. na Suissa, cujas valentes e varonis pastoras (*Sennerinnen*) se parecem estranhamente com as que foram desenhadas pelo Arcipreste de Fita, o Marquês de Santilhana e seus imitadores, essas fazem então (no Rigi-Scheideck) rogações pela saude das manadas, festejando o Santo com bailadas peculiares, tanto nos proprios dias 24 e 25 como no domingo immediato (*Jacobi-Sonntag*), ao som da guitarra alpina (*Zither* = cithara). Nos Alpes do Tyrol e da Baviera, cujas quadras populares (as *Schnadahüpferl*) tambem se parecem muito com as coplas peninsulares, a dança-de-Santiago das pastoras, chamada *Almen-kirta,* constitue um genero peculiar, differente da já citada cantilena dos romeiros (*Sanct-Jakobi-Dantz* ou *Sanct Jakobs Pilgerlied*).[4])

Em todo o caso, na faixa occidental da peninsula o povo tambem praticava certas brincadeiras na vigilia.[5]) *Pelo Santiago*

---

1) Na Sé do Porto (e em muitas outras igrejas) venera-se todavia, apesar do que digo na Nota anterior, uma imagem milagrosa de Santiago. E um dos mais pingues rendimentos do seu culto consistia, até ha pouco, no producto da venda das gaipinhas offerecidas no dia 25 de Julho pelas devotas.

2) É proverbio português (var. *Pelo Santiago Na vinha pinta o bago* ou *Em dia de Santiago Vae a vinha acharás bago; Se não for maduro, será inchado*), mas existe tambem na Galliza.

3) Tenho em mente composições de Gil Vicente, bailadas e cantadas por serranas de Sintra. — F. A. Coelho nos seus *Materiaes para o estudo das festas, crenças e costumes populares portuguezes* (Rev. d'Ethnologia), Leite de Vasconcellos nas *Tradições populares,* e Th. Braga no *Povo Português* dão noticias, mas escassas, sobre o culto de Santiago. — Nem tão pouco se encontram abundantes nas publicações folkloricas da Galliza.

4) Vid. Boehme, *Geschichte des Tanzes in Deutschland* I, p. 59, 173 e 189.

5) Os auctores, acima citados, referem uma pratica singular relativa ao *Santiago das bichas.*

Cada pinga vale um cruzado.[1]) Para bátegas de chuva cairem em abundancia, fazendo entumecer os bagos, os rapazes enchiam d'agua a cabacinha que pertence ao vestuario do Apostolo-peregrino.[2]) No dia 25 destapavam-lh'a, cantando *Santiago, Santiago, Faz crescer o bago!* e outros versos parecidos. Quando o outono surgia pouco chuvoso ou dava pouco vinho, diziam que *Santiago não despejou de todo a cabacinha.* A moda de lhe enfeitarem o chapeu-sombreiro passou a varias romarias veranis. Cada romeira costuma ainda hoje guarnecer dois enormes chapeus de feitio braguês, um para ella, outro para o amigo, de maneira muito pitoresca, com espelhos, medalhas, figurinhas, botões, fivellas, laços e flores.[3])

Paremos aqui. As *romarias* occupar-nos-hão no capitulo seguinte.

---

1) Leite de Vasconcellos refere o dictado ao dia 6 de Agosto, sem indicações ulteriores. Confesso não saber qual dos tres Santiagos é festejado nessa data. Em todo o caso, em Portugal já apparecem uvas maduras em Julho.

2) Cf. Herculano, *Opusculos* VI, p. 52.

3) Do chapeu fallo no texto; o mantelete, ou seja a romeira, passou a designar peça correspondente do vestuario feminino. A concha-*venera,* trazida ostensivamente do lado do coração, denomina a insignia dos condecorados com qualquer grau de uma Ordem militar, assim como a insignia de qualquer romeiro. *Quales las romarias, tales son las veneras.*

Vestigios de poesia popular gallego-portuguesa archaïca.

Sua semelhança com as modernas cantigas do povo. Seu influxo provavel na poesia trovadoresca.

---

§ 415. *Cantica vulgus habet.* Assim o affirmava no sec. VII, pensando, por certo, na Hespanha inteira, um bispo peninsular,[1]) precedido de alguns[2]) e seguido de outros auctores.

D' esses canticos, em latim do vulgo, transmittidos oralmente de geração em geração, nada se conservou escrito. Nem podiam subsistir restos inalterados na boca do povo.

Visto isso, o unico processo possivel na comprovação da existencia da poesia popular medieval, de origem pagã, em linguagem que evolucionava constantemente para romanço,[3]) e da sua continuidade ininterrupta, consiste: a) na procura de outras referencias, quer affirmativas em textos literarios,[4]) quer prohibitivas na legislação civil[5]) e em codigos disciplinares da Igreja catholica, i. é nas actas

---

1) S. Eugenio († 657). Vid. Am. de los Rios, *Hist. Lit.* I, p. 455; Groeber, *Lat. Litt.*, § 17, 18 etc.

2) Nomeemos S. Isidoro. — Em outros paises S. Ambrosio, Chrysostomo, Basilio, Agostinho, Cesario de Arles. Este ultimo censurou num dos seus Sermões certa cantiga do vulgo *quam multi rustici quam multae rusticae mulieres ore decantant.* — Vid. Groeber, *Franz. Lit.*, §§ 8 e 28; Boehme, *Geschichte des Tanzes in Deutschland,* Leipzig 1886, Bd. I p. 10 e 93.

3) Baeda, *De Arte Metrica* falla dos versos rhythmicos *ut sunt carmina vulgarium poetarum.*

4) Especialmente nas obras patristicas (S. Isidoro, S. Martinho Dumiense, S. Eugenio etc).

5) Nas Capitulares de Carlo Magno; com relação á peninsula, no *Fuero Juzgo*, no *Fuero Real*, nas *Siete Partidas*, no *Espejo de las Leis* de Alfonso,

de concilios[1]) e nas constituições synodaes; b) na fixação dos elementos caracteristicos ahi denunciados;[2]) c) na documentação por meio d'esses elementos, e de ecos e imitações de estados archaïcos na poesia posterior e actual dos povos hispanicos.

Vasto trabalho de exploração, superior ás forças de um unico investigador.[3])

Graças á sua realização successiva pelos romanistas e folkloristas do sec. XIX chegou-se todavia a resultados que parecem seguros.[4])

1°) Depois da christianização official dos paises neo-latinos e das nações germanicas, a Igreja teve de combater sem cessar crenças idolatricas, ritos gentilicos, costumes pagãos, conservados com inconsciencia obstinada, sobretudo entre a gente do campo —

---

o Sabio; nas *Ordenações Alfonsinas* (1446), *Manoelinas* (1514), *Philippinas* (1595); nas *Posturas municipaes* de Coimbra, Evora etc.; e nos *Processos da Inquisição.*

1) *Collectio Maxima Conciliorum* publ. por Mansi (Flor. 1759—1767 e Veneza 1769—1768); e *Collectio Conciliorum Hispan.*, Madrid 1603; Roma 1759 ed. Aguirre; ou Madrid 1781.

2) Os corpos de legislação ecclesiastica do sec. XVI (impressos e reproduzidos no sec. XVIII) não são mais do que refundições de constituições manuscriptas, muito mais antigas. Vid. *Bol. Soc. Geogr. Lisb.*, Vol. IV da Serie II a. 1881, e Borges de Figueiredo no Vol. I da *Rev. Archeologica.* Terei de citar a miudo as do Arcebispado de Lisboa, decretadas entre 1402 e 1414, de grande interesse para a historia da civilização portuguesa.

3) Num estudo pormenorizado haviam de figurar jogos e parlendas infantis (em geral antiquissimas), os versos que fazem parte dos contos populares, ensalmos, orações, esconjuros, proverbios. Aqui porém, devo restringir-me ás composições lyricas.

4) Ha indicações preciosas geraes nas obras já citadas de G. Groeber: *Franz. Litt.*, § 8, 28 e 105; *Lat. Litt.*, § 17—18 e *Zur Volkskunde aus Concilbeschlüssen und Capitularien*, 1893. Quanto á peninsula os melhores livros de consulta são Menendez y Pelayo, *Heterodoxos*, Vol. I; Am. de los Rios, *Hist. Lit. Esp.* I, Ilustr.; IV, Cap. XXIII; VII, Cap. XXII; M. Murguia, *Galicia*, passim; Lopez Ferreiro, *Hist. Sant.*, passim; F. A. Coelho, *Revista d'Ethnographia;* Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza* 1880 e *Tradições Populares Portuguezas* 1882; Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal* 1882, *Ensaios Ethnographicos* 1896 e innumeros artigos soltos em Revistas e Jornaes; Th. Braga, *O Povo Português* (1886), e *Poesia Popular Portuguesa* (1867 e 1903); Pedro d'Azevedo na *Rev. Lus.*; Martins Sarmento, na *Revista de Guimarães;* Roxa Peixoto, em *Portugalia;* Ballesteros, *Cancionero Popular Gallego*, 1886. Em geral póde-se dizer que o campo das superstições e dos costumes está bem explorado. Mas ainda não ha obra especial sobre as artes lyricas na vida do povo português. Só notas dispersas. Quanto á dança e á musica dos seculos XIV a XIX são preciosos os estudos de Sousa Viterbo, insertos na obra *Artes e Artistas em Portugal*, Lisboa 1892.

os verdadeiros pagãos — mas tambem nas classes privilegiadas.[1]) O theatro e o amphitheatro eram naturalmente considerados pelos ascetas medievaes como prostibulo execrando. Juntamente com toda a qualidade de espectaculos scenicos e jogos circenses, elles fulminaram incondicionalmente no mesmo anathema toda a casta de danças e canções, musica e letra, tanto de amor como de escarnho, propagadas pela classe histrionica, quer ellas se ligassem a actos publicos cultuaes, com invocações de qualquer divindade gentilica, quer fizessem parte tradicional de reuniões de familia, em bodas, enterros, banquetes. Os nomes ou epithetos com que vemos estygmatizadas danças, canções, e representações scenicas, são expressivos na sua emphase. Todos os canticos não-sacros (*cantica saecularia*), todos os bailes, todos os jogos e momos são actos de torpeza. Indecorosos, luxuriosos, irreverentes. Sacrilegios e meras obscenidades. Coisas diabolicas.

Cantica amatoria et turpia — cantica turpia atque luxuriosa — cantica diabolica — diabolica carmina — turpica carmina — inhonestae cantationes — cantationes sacrilegae — turpia quidem et obscoena cantica — cantationes et carmina jocaque turpia — lusa diabolica — spectacula et diabolica figmenta — obscoenae jocationes — scurrilitates stultiloquia et histrionum turpiloquia — diabolico more saltare et balare vallationes (balationes) — ballimanthiae — saltationes — choraulae — caraulae — choreae — diabolica carmina joca et saltationes quae pagani diabolo docente adinvenerunt.

A mais pregnante d' essas expressões, redigida por Santo Agostinho, e que designa as rondas em que entra o sexo feminino como «circulos» em cujo centro está o demonio — *chorea est circulus cuius centrum est diabolus*[2]) — foi repetida e variada até o infinito pelos seculos adeante por todos os legisladores e philosophos

1) Ao condemnar costumes que julgava derivados de praticas polytheicas, a Igreja empregava os termos: *traditiones gentilium — observationes paganorum — ad gentilium ritum tendentia — ad simititudinem paganorum — more paganorum — paganorum ritu — paganorum consuetudine — ritu gentilium* etc. Nos textos vulgares de 1385 e posteriores falla-se dos *costumes danados dos gentios.*

2) Serm. 8. — Ahi mesmo se acha outro passo muito citado e glosado: *Praestat arare vel fodere die dominica quam choreas ducere. O mores! o tempora! quod officium psaltriarum et impudicarum fuerat, canere videlicet ad lyram ac psallere, nunc virginalis matronalisque pudor christianarum in laudibus ducit magistrosque ejus adhibent artis.* Cfr. *ista consuetudo balandi de paganorum observatione remansit* (Serm. p. 215).

de aspirações pias e sentir verdadeiramente[1]) religioso, a ponto que tornavam odioso o vocabulo *choreia*.[2])

2°) Essa luta constante não deu resultado. As crenças e superstições seculares, as praticas inveteradas dos gentios resistiram a todas as prohibições.[3]) Provenientes de antigas concepções mythologicas e em grande parte profundamente humanas, estavam ligadas (como as festas solsticiaes, as maias e as janeiras) a phenomenos que annualmente se renovam, e aos actos mais solemnes da vida familiar. Chegaram portanto viçosas á epoca trovadoresca em todos os paises sujeitos á influencia romana, e mesmo aos tempos modernos. Comquanto exteriormente fossem um tanto christianizados, e seguissem em cada pais trilho especial, conforme a indole nacional e os modos de vida de cada terra, na essencia conservaram e conservam o mesmo caracter que haviam apresentado na antiguidade e principios da idade-media. Se fogueiras solsticiaes, candeias nos altares, momos e pulhas carnevalescas, februas, janeiras, maias derivam directamente dos tempos gentilicos, é de suppôr que tambem bailadas e cantigas usuaes nessas festas não sofressem solução de continuidade, passando apenas por evoluções successivas.

3°) Após longas experiencias, a Igreja transigiu, conscia da impossibilidade de extirpar a mais antiga das artes mimicas e sua irmã-gemea, a suavissima costumeira de cantar, a cuja acção nenhuma nação, idade ou classe social se subtrae.[4]) — Reconhecendo de quanto lhe podiam valer as forças attractivas da musica,[5]) da poesia e da dança, tentou então encaminhar as sobrevivencias gentilicas pelo encalço christão, ideal, sacro, religioso. Tanto

---

1) Ha variantes medievaes do thema em Am. de los Rios I, p. 529 e VII, p. 431; Boehme I, p. 81 e 103.

2) Na peninsula é costume chamar simplesmente *coréa* á doença convulsiva que em outros paises é *chorea S. Viti.*

3) Um *Indiculus Superstitionum paganarum* — lista das crenças e praticas hoje vigentes na Galliza e em Portugal, ainda que fosse elaborado sómente com aproveitamento de todos os elementos colhidos pelos auctores acima nomeados — iria muito além d'aquelle antigo que se acha no Sermão de Santo Eloy do anno 743. Vid. D'Achery, *Spicilegium* V, p. 215; Grimm, *Mythologie* III, p. 401; Groeber, *Zur Volkskunde,* § 29.

4) *Nulla aetas quae expers sit delectatione dulcis cantilenae.* Dicto de Regin. de Prum († 915). Vid. Groeber, *Franz. Litt.,* § 8.

5) Os efeitos beneficos da boa musica foram geralmente reconhecidos. Apenas a que „move a gente a prazeres e deleites corporaes" foi condenada antes e depois que Gregorio († 604), o grande organizador da igreja medieval, houvesse fundado em Roma a escola de musica sacra.

mais assim porque os primeiros christãos orientaes, inscientes dos perigos romanos, *não* haviam prescindido d'ellas.[1]) Do mesmo modo que os Pontifices collocaram nos altares, em logar de idolos, santos milagreiros, substituiram holocaustos cruentos pela eucharistia, saturnaes por agapes, faculas por cirios, e christianizaram o calendario romano, fazendo p. ex. (como se disse no Capitulo anterior) do mês de Venus o mês da Virgem, do solsticio estival o dia de S. João,[2]) do solsticio invernal o Nascimento de Christo, do mesmo modo admittiram que Nossa Senhora e o Salvador, na enorme variedade das funcções bemfazejas de ambos, e todos os santos e martyres fossem festejados em vigilias asceticas e por meio de romarias devotas com procissões, ex-votos, candeias. Purificando de elementos idolatricos o fundo tradicional das artes lyricas e immoraes, os Santos Padres tambem modificaram cantos e jogos profanos, danças e representações scenicas. Pelo processo da sagração nasceram representações dramaticas, danças hieraticas, canticos espirituaes. Isto é pelo inverso da *parodiação,* com a qual a plebe rapidamente deu a replica aos poderes ecclesiasticos.[3])

A principio insistiram comtudo em não admittir na *liturgia* senão psalmos e canticos *biblicos,* em prosa parallelistica, recitada psalmodiando á maneira hebraïca.[4]) Breve condescenderam todavia tambem nesses ramos, approvando creações novas, compostas e can-

---

1) Acerca das choreas dançadas em volta dos tumulos dos martyres, á moda do Oriente, vid. Boehme I, p. 16.

2) Na Revista *Portugalia* III, p. 624 ha algumas notas sobre a substituição ecclesiastica das Lupercalias e Ambarvalias por rogações, clamores e procissões de fogachos. Cfr. *Heterodoxos* I, p. 360 e 387; Am. de los Rios I, p. 453, IV, 527; Groeber, *Zur Volkskunde,* § 63.

3) Vid. Novati, *La parodia sacra nelle letterature moderne* em *Studi critici e letterari,* Torino 1889. — Além das parodias poeticas e festas de burla como a dos bobos e a missa do asno, temos de resto parodias em obras de pedra e de talha, scenas humoristicas, eroticas e mesmo obscenas, dentro das proprias catedraes.

4) Não são poucos os trechos literarios em que poetas demophilos, profundamente humanos, confessam a sua antipathia contra *prosas, salmos* e *aleluias* e a sua predilecção por folias e chacotas. Baste citarmos o incomparavel Gil Vicente, *Templo d'Apolo* II, p. 392:

> Yo no soi nada de prosas,
> ni salmos, ni aleluias;
> agradan-me las folias
> y bailes; y otras cosas
> saltaderas son las mias.

tadas ao modo grego-syrio (Antiochia), por verdadeiros crentes, bem se vê (ᾠδαὶ πνευματικαί).[1])

Nessas odes, prosas, antiphonas, nesses hymnos, responsorios e canticos latinos em louvor do Padre, do Filho, do Espirito Santo, da Virgem, dos Santos e Martyres, destinados a toda a christandade, a Igreja, embora visasse ás vezes a imitação da poesia senhorilmente majestatica de gregos e romanos, teve de trocar pouco a pouco a phraseologia e syntaxe classicas e os metros demasiadamente difficeis pelo estylo chão e versificação acentuada e rimada d'aquella propria abominavel poesia profana em latim vulgar e romanço que condemnara. Igualmente aproveitou as melodias predilectas, então correntes entre os povos, para mais facilmente fazer cursar os textos novos ao divino.[2]) Com o mesmo fim as massas foram chamadas a tomar parte, domingos e dias santificados, na execução d'esses generos sacro-populares, em todas as phases da liturgia onde coubesse o canto coral.

Fóra dos textos de igreja, foram dados ainda ao povo hymnos para actos publicos como coroações e anniversarios de reis, expedições bellicas, victorias, derrotas, peste, innundações, fomes, peregrinações. Nem faltaram moldes para os actos solemnes da vida familiar.[3])

Assim o elemento profano, vulgar, pagão, ligado a festas religiosas, tinha assegurada a sua existencia.

Se as primeiras igrejas orientaes que haviam admittido liberalmente composições não-biblicas na liturgia, como elemento esthetico de attracção para as massas mal-christianizadas, não escaparam á sorte de serem perseguidas como sectarias, o mesmo aconteceu posteriormente a todas aquellas que se afastavam do usual.

---

1) Vid. Ebert, *Geschichte der christlich-lateinischen Litteratur* 1874, Vol. I, p. 164 ss. e 168; Mone, *Lateinische und griechische Messen* 1855; Bartsch, *Die lateinischen Sequenzen des Mittelalters* 1868; Probst, *Liturgie der drei ersten christlichen Jahrhunderte* 1870; Beck, *Geschichte des katholischen Kirchenliedes* 1878.

2) Vid. Coussemaker, Fétis, Felix Clément, Restori. Os mais recentes estudos musicaes conduziram á persuasão que a Igreja introduziu na liturgia cantos populares, ou sobre melodias do povo, e que a arte lyrico-musical dos trovadores e dos troveiros tambem se aproveitou d'ellas.

3) Com relação á peninsula já mencionei o Hymnario toledano, escrito em caracteres goticos, e portanto anterior ás reformas dos cluniacenses, remettendo o leitor ao capitulo que lhe dedicou Am. de los Rios. Para épocas posteriores ha collecções de motetes, rogativas, invitatorios, ladainhas, responsorios, ladainhas, seqüencias, registadas no *Catalogo da Bibl. de Musica de D. João IV.*

No seculo IV o Occidente orthodoxo aceitou, como antidoto contra a heretica hymnologia vinda do Oriente, as obras-primas de Ambrosio e Prudencio.[1])

Quanto á peninsula, todos estão de accordo em que o seu rito, tão impropriamente chamado *mozarabe* ou *gotico,* deriva do syrio-grego, era especialmente rico de elementos dramaticos,[2]) e sempre ostentou traços mundanamente affectivos.[3]) D'ahi essa fama de schismatica da parte dos defensores da unidade catholica, de que fallei. No Capitulo anterior contei como violentamente combatido, o rito hispanico com a sua hymnologia especial teve de ceder em fins do seculo XI ao impulso reunido de um pontifice de origem francesa, de prelados franceses e de Alfonso VI, o afrancesado, originando ou popularizando o proverbio *Quo volunt reges Vadunt leges.* A poesia popular da rua e das festas, já vigorosa então, pronta a entrar na phase francamente neo-latina, não podia ser desarraigada, porém, por decretos regios nem por regimentos ecclesiasticos.

Na Galliza, separada do resto dos territorios ibericos pela dominação sueva, devem notar-se traços mais significativos ainda. As doutrinas heterodoxas do facundo Priscilliano († 385) dominaram durante seculos naquella sua patria.[4]) Doutrinas que, pelos seus resaibos magicos e astrologicos, denunciam o forte pendor do Noroeste maritimo para superstições sideraes, auspicios, agouros, escantações, sortilegios, amuletos, saltações e cantações divinatorias.[5]) A grande influencia que á secta concedia á mulher, no culto, na prédica e no ensino, assim como os seus numerosos hymnos peculiares, cantados em reuniões nocturnas, dão igualmente prova

---

1) É sabido que Milão foi a primeira cidade occidental onde se cantou um hymno de arte nova, o de Ambrosio, no memoravel cerco da cidade. *Tunc* (a. 387) *hymni et psalmi ut canerentur secundum morem orientalium partium ne populus moeroris taedio contabesceret institutum est* (palavras de S. Agostinho).

2) Vid. Lang, **CD 89**; Schack, *Dram. Lit.* I, 74ss.

3) Vid. Groeber, *Lat. Lit.* § 17 e 18.

4) Officialmente vencidas em 561, as doutrinas de Priscilliano continuaram occultas até á invasão dos arabes, na opinião dos principaes investigadores. Vid. Menendez Pelayo, *Heterodoxos,* Vol. I cap. III e IV e p. 663; Lopez Ferreiro, *Estudo historico-critico sobre el priscillianismo,* Santiago 1878.

5) São em geral os povos maritimos os mais useiros e vezeiros em agouros pelo voo e canto das aves.

da indole do povo galliziano, e da sua grande afeição pela musica, pela dança e pelo canto. Paixão ou mesmo mania, attestada (como veremos) por escritores diversos, pelos seculos adeante desde que Silio Italico desenhou a mocidade gallaïca a bater o chão em movimentos cadenciados emquanto em alta voz entoavam na sua linguagem barbara cantos uivados:

barbara nunc patriis ululantem carmina linguis
nunc pedis alterne percussa verbere terra
ad numerum resonas gaudentem plaudere cetras.[1])

A hymnologia priscilliana, não-consagrada — „profana, plebeia, idiomatica" no dizer de canones antigos colligidos por S. Martinho Dumiense — pereceu naturalmente. Num fragmento conservado notemos todavia o verso talvez feminino: *Cantare volo Saltate cuncti.*[2]) O grande favor que alcançára,[3]) explica porque é que o segundo apostolo da Galliza, cujo nome acabo de citar, se insurgiu no Concilio I de Braga e no de Lugo, 561 a 571, não só contra os innumeros errores gentilicos que grassavam entre a sua grei,[4]) mas tambem contra a admissão dos incomparaveis hymnos de Ambrosio, já introduzidos nas outras provincias. Pela sua ordem, coisa alguma havia de cantar-se nas igrejas gallizianas além dos psalmos e canticos do Velho e do Novo Testamento. *Placuit patribus ut extra psalmos vel canonicarum scripturas novi et veteris testamenti nihil poetice compositum in ecclesia psallatur* (Braga).[5]) *Non oportet psalmos*

1) *Sec. Bell. Pun.* III, 347.

2) *Heterodoxos* I, p. 133s. — O hymno enygmatico, chamado de Argirio, parece aproximar-se formalmente dos primeiros canticos espirituaes da christandade, escritos em versos parallelisticos e psalmodiados á maneira hebraïca, conforme já se disse no texto.

3) A Galliza inteira commungava nas ideias e praticas priscillianistas, como se prova pela eleição quasi unanime de bispos sectarios pelo povo. Vid. *Heterodoxos* I, p. 119: *totius Galiciae plebium multitudo.*

4) A campanha do prelado reformador dirigia-se em geral contra todas as idolatrias, cultos demoniacos, costumes polytheicos (como a inextirpavel observação dos ocios da quinta-feira), augurios e auspicios, artes magicas, sortilegios, invocações de deuses e deusas gentilicas (Minerva, oraga das tecedeiras). Em especial condemnava o culto de fontes, pedras, arvores; prohibia sacrificios e offertas; a veneração do trivio, logar predilecto de feiticeiros; a adivinhação por espelhos e esternutações; a observação de ratos, traças e outros animalejos daninhos em principio de anno, como prenunciadores de fartura; assim como maleficios praticados com hervas; festas nas calendas. Vid. Caspari, *Martin von Bragas's Schrift De correctione rusticorum* 1883, obra que devia ter citado ao fallar da civilização galliziana; *España Sagr.* XV, p. 425; Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 242—262 e 142ss.

5) *Coll. Max. Conc.* IX, p. 778. — *Hist. Sant.* I, p. 411.

compositos et vulgares in ecclesia dicere (Lugo).[1]) Apparentemente com alguma efficacia. No Concilio IV de Toledo (632), S. Isidoro pôde uniformar o rito de todas as igrejas hispanicas, incluindo as da Galliza.[2]) Com a pena de excommunhão foram então comminados os que de ahi em deante pretendessem excluir dos Officios a hymnologia superiormente approvada: *excommunione plectendi qui hymnos rejicere fuerint ausi.*[3])

Apesar d'isso, as circumstancias especiaes da Galliza e da igreja de Santiago — as velleïdades de independencia em tempos de gloria, a anarchia em periodos de decadencia — o caracter de *caravansérail* que lhe davam as peregrinações, fizeram que o clero compostellano, afastado de Roma e em rivalidade com Toledo e Braga, nem sempre se conformasse com as determinações vindas d'esses centros.[4]) Os concilios posteriores tiveram de insistir em que no Nordoeste nenhum clerigo fosse ordenado sem saber de cór, além do psalterio, os canticos e hymnos mais usados.[5]) Ao mesmo tempo lá tiveram de reiterar sempre de novo as prohibições de usos gentilicos.[6]) Especialmente as artes goëticas não queriam morrer.[7]) Escuso mencionar mais uma vez os clerigos compostellanos que se distinguiram como trovadores e as freqüentes allusões a agouros nas suas composições.[8])

---

1) *Coll. Max. Conc.* IX, p. 857.

2) *Heterodoxos* I, p. 366: Nenhum de vos ouse reprovar os hymnos compostos em louvor de Deus (*Can.* 13).

3) Ib. I, p. 200 e 366; Am. de los Rios I, p. 376, 454 e 488.

4) Cf. § 424. A recommendação que todos os clerigos cantassem com regularidade os hymnos canonicos teve de ser reiterada ainda no sec. XI, p. ex. no Conc. Compost. de 1060: *omnes hymnos cantent omnibus diebus dominicis.*

5) Vid. p. ex. o Canon 8 do Conc. VIII de Toledo (a. 653) . . . *totum psalterium vel canticorum usualium et hymnorum.*

6) Nos Concilios Compostellanos de 1031, 1056, 1060 repetem-se prohibições como a seguinte: *Item interdicimus ut nullus christianus auguria et incantationes faciat nec lunae prosemina nec animalia immunda nec mulierculas ad telaria suspendere quae omnia cuncta idolatria est* (Aguirre IV, p. 396).

7) Está claro que as artes goëticas não eram privativas da Galliza. Vemo-las mencionadas ainda no Conc. Complutense de 1335 (con. XVI). O rei Sabio, como protector da astrologia e de encantações bem-intencionadas, havia deixado aberto o caminho a muitos abusos. (*Part.* VII, p. 23, 13.) Mas em parte alguma ellas mostraram tenacidade tal como na Galliza.

8) Creio que nenhuma literatura provençalesca possue cantigas relativas a agouros, que possa pôr ao lado das gallego-portuguesas: **CV, 601, 1077, 1078, 1087, 1197.**

§ 416. Nas ordenações e prohibições, emanadas de concilios nacionaes (Lugo, Braga, Compostella) não se faz menção de canções profanas nem de bailadas do vulgo, ligadas a festas e cerimonias tradicionaes, com tanta freqüencia como na Italia, França e Germania, nas Capitulares de Carlos Magno (789) e nas actas de concilios celebrados além dos Pyreneos entre 542 e 1153. Nem uma só vez vemos ahi especificados córos e choreias de donas e donzellas: *psalmos plebeios e vulgares; cantilenas seculares; cantigas rusticas e ineptas; córos de seculares.*

A não ser mero acaso,[1]) como supponho, em vista dos factos registados, teremos de suppôr que o movimento artistico era muito mais intenso entre os povos transpyrenaïcos. Ou então a Igreja teve de transigir com a sociedade mozarabica, mais completamente do que nos outros paises, com as inclinações da fogosa e expansiva nação, afeiçoadissima á musica e á dança, e conservadora tenacissima de costumes e de objectos antigos que correspondiam ás suas necessidades materiaes e ideaes.[2]) Podiamos imaginar tambem, que apenas a Igreja de Santiago tomaria a supposta liberdade excepcional, por causa do intimo contacto existente entre o clero e o povo galliziano — contacto que havia espiritualizado parte da poesia popular, á medida que essa havia secularizado a da igreja.[3]) O facto que os primeiros córos mulheris, com que defrontaremos na historia da literatura gallaïco-portuguesa no seculo XI, entoavam musicas sacras nas ruas „psalmodiando segundo o costume da Galliza" — *choros psallentium mulierum . . . ex consuetudine Gallaeciae* — combinado com a continuação d'esse mesmo costume até o nosso tempo,[4]) depõe a favor da ultima hypothese. E não menos

1) Póde ser tambem que as fontes estejam menos bem exploradas.

2) Não tenho de fallar aqui de objectos romanos e pre-romanos, em uso até o dia de hoje — carro de bois, palhoça, candeia, amphora, banca de carpinteiro etc.

3) Lang, **CD**, p. XC, tirou da *Hist. Comp.* varios trechos, afim de comprovar esta intimidade, a qual de resto não pode surprehender num centro ecclesiastico, tão freqüentado por multidões de devotos e aventureiros estrangeiros e peninsulares.

4) No Norte de Portugal não é raro ouvir raparigas a cantar em côro nas ruas ladainhas em latim, acompanhando a Eucharistia — o Santissimo. — Cantadeiras rusticas conservam da sua collaboração em procissões e festas de igreja o costume de entoar hymnos e lamentações. Uma criada de Tras-os Montes (Urros) tive, que cantava menos mal: *O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.* Cfr. § 430.

o caracter geralmente grave e comedido, um tanto hieratico, de quasi todos os *cantares de amigo* dos Cancioneiros, a que já tanta vez me referi.

Seja, porém, como fôr, allusões a canticos do vulgo peninsular não faltam totalmente. Em geral, os restos gentilicos e costumes domesticos eram parecidos em todo o mundo sujeito ao imperio romano, conforme já observei. As novas praticas com que a Igreja catholica os supplantou, eram tambem semelhantes (incluindo o canto gregoriano). Por isso não é illicito recorrer a canones de concilios ecumenicos ou italianos, franceses e germanicos, onde as fontes hispanicas falharem.[1])

§ 417. Quanto á parte importante que o clero tomava em todos os paises, não só em representações sacras, manifestações politicas, reuniões conventuaes e festas de familia, mas tambem em folguedos populares da rua, e em festejos burlescos celebrados nas igrejas,[2]) ora como simples espectador, ora como *actor et auctor,* a pesar das prohibições terminantes promulgadas pelas auctoridades civis e ecclesiasticas, já disse o preciso ao fallar de clerigos-jograes e trovadores[3]) e de prelados amigos de trovas de folgar *inter pocula.*[4]) Citei as leis de Alfonso X contra ecclesiasticos fazedores de jogos de escarnho e *zaharrones;*[5]) os decretos promulgados no Concilio de Talavera (1317);[6]) as decretaes de Affonso IV de Portugal contra os que apparecessem em praça como tafues e feiticeiros.[7]) De tempos posteriores data a Ordenação que todo o clerigo-jogral que tivesse por officio tanger em festas, não principalmente ecclesiasticas, e como tregeitador fizesse ajuntamento de povo por dinheiro, assim como o goliardo que bebesse na taberna e o que em figura de bufão ambulante vendesse bugigangas, houvesse de perder, segundo

---

1) Procedem assim todos os que se occupam do folklore medieval, se bem que naturalmente explorem sempre, em primeiro logar, as fontes nacionaes.

2) A festa dos bobos, a missa do asno eram acompanhadas de canções burlescas e tabernarias, baseadas em prosas e seqüencias.

3) Vid. § 365 e 397 d' este Volume.

4) Cf. *Biogr.* XXXVII e p. 622 d' este Volume.

5) *Part.* I, 6, 34 e 36; VII, 6, 4, trechos citados e glosados por quantos se occuparam do drama peninsular; p. ex. por Am. de los Rios IV, p. 560, Schack I, p. 112; Baist, *Span. Litt.* § 19 e 63.

6) Vid. p. 623.

7) Ib.

costume antigo, os privilegios de classe, ficando sujeito á jurisdicção secular.[1]) Em Constituições Synodaes, anteriores e posteriores ao Concilio Tridentino[2]) e ainda nas Leis Extravagantes de D. Sebastião, foi prohibida a representação por clerigos e seculares de coisas profanas e de mascaradas nas igrejas.[3]) Factos que o leitor comprehenderá melhor depois de inteirado das noticias que colligi a respeito de bodas, enterros, romarias, vigilias, procissões, onde ecclesiasticos-jograes surgem a cada pouco, ficando então certo de que não foi por falta de ensejo que os Concilios occidentaes deixaram de providenciar a miudo na idade-media sobre cantigas profanas, cantadas por clerigos ou na sua presença pelo vulgo.

Quanto ás representações da *Paixão*, do *Natal*, *Dia de reis* e *Resurreição*, é provavel que viessem ainda no seculo XI, com o rito francês. Mas isso não inhibe a existencia previa de representações essencialmente mimicas, nem de jogos com danças e cantigas lyricas.[4])

§ 418. Dei amostras dos termos com que legisladores, padres santos e philosophos profligaram os divertimentos populares afim de os abolir, tratando-os de impuros, irreverentes, mundanos, grosseiros, lascivos.

Os principaes actos de que elles se compunham eram os seguintes: passeio em procissão pelas aldeias (*ambulare per villas;*)[5])

---

1) *Ord. Affons.* III, 15, 18.

2) Mais abaixo hei de transcrever algumas disposições das *Const. de Evora* (1534) e outras das *Const. Port.* (1585).

3) *Leis Extr.* IV, 17, 20; 20, 17, 4.

4) Em concilios extra-peninsulares ha varios canones determinando que os jograes não fossem admittidos para exhibição das suas habilidades em conventos e casas de ecclesiasticos: *ut episcopi abbates et abbatissae non habeant joculatores* (789). — Cfr. Conc. Rheims a. 813: *ut episcopi et abbates ante se joca turpia facere non permittant.* — Conc. Tours a. 813: *sacerdotes . . . histrionum quoque turpium et obscoenorum insolentias jocorum . . . animo effugere debent.* — Conc. Paris. a. 829: *Neque enim decet aut fas est oculos sacerdotum Domini spectaculis foedari.* — Conc. Later. a. 1215: *ut clerici mimis joculatoribus et histrionibus non intendant.* — Conc. Trever. a. 1227: *non permittant truhanos et alios vagos scholares aut goliardos cantare versus in missa.* — Conc. Raven. a. 1288: *ne clerici joculatores vel histriones a laicis transmissos recipiant.* — a. 1289: *Quod clerici non sint joculatores gothardi (sic) seu bufones.* — Cfr. Groeber, *Zur Volkskunde* § 58—60; 62—65. Em Portugal havemos de encontrar determinações parecidas relativas a conventos de freiras, ainda no sec. XVII.

5) As *ruadas* da Galliza, ás quaes hei de dedicar uma Nota, podem ser reminiscencias d' esses passeios.

danças e bailes (*ballare et saltare*) com acompanhamento de instrumentos musicos (*choreas facere*); cantar coisas não-religiosas ou ante-religiosas (*cantare, decantare, ore decantare, verba turpia decantare, cantationes sacrilegas celebrare*), geralmente em côro ou em dois córos (*choros tenere, choros ducere, cantiones et choros ducere*);[1]) dar vivas (*acclamationes celebrare*);[2]) comer e beber pantagruelicamente (*convivia, cenas, prandia praeparare; mensas dapibus onerare*).

Interessados principaes são: a arraia miuda, povo, ou plebe em geral (*populus, vulgus, plebeii*); os leigos (*saeculares*); mulheres e donzellas (*mulieres, puellae*), especialmente gente do campo (*rustici et rusticae*). Das intimações allegadas e de outras que seguem, vê-se claramente que o clero não se abstinha nem retraía dos festejos profanos.

Sitio predilecto onde o povo dançava, bailava e brincava, depois das cerimonias religiosas, ou nos intervallos das funcções, era a propria igreja (*in ecclesia, in ecclesiis*). Com mais freqüencia escolhiam comtudo locaes ao ar livre, perto da igreja: um *terreiro* ou *corro* contiguo (*in atrio ecclesiae; circa ecclesiae; juxta ecclesiam*); o adro ou passal que em muitos casos servia tambem de cemiterio (*in ecclesiis vel coemeteriis*), mas tambem ruas e praças (*per plateas; per vicos et plateas*). Recintos especiaes fechados, preparados para esse fim, não eram vulgares (*in domibus; in domibus propriis*).[3])

As occasiões, nocturnas e diurnas (*die vel nocte, nocturnis horis; in vigiliis*) eram proporcionadas pelas festas maiores do anno, Natividade, Pascoa, Espirito Santo, mas tambem pelos dias commemorativos de santos e martyres, quer de fama geral, quer de fama meramente local; e pela sagração de igrejas (*sacris diebus atque sanctorum natalitiis — in sanctorum solemniis — in festivitates sanctorum —*

---

1) A definição medieval de *chorus* é *multitudo canentium* (Isid. *Etymol.*; cfr. Du Cange s. v.).

2) Hoje ainda temos *Vivas* rimados em Janeiras e Maias, em bodas, vigilias e romarias.

3) Allusões ás casas dos *corros*, chamadas *casas do Amor*, não são vulgares. Lembrarei uma num *cantar de amigo* del rei D. Denis:

> Vou-m' la bailada
> que fazen en casa
> do Amor etc.
> Que fazen en casa
> do que eu muit' amava,
> do Amor (**CD**, **116**).

E uma menina bailadeira que assim canta.

per sanctorum solemnitates — festivitate S. Joannis vel quibuslibet sanctorum solemnitatibus — in festis ac sacris diebus atque sanctorum natalitiis; per dedicationes basilicarum aut festivitates martyrum; dias santos de que alguns recahiam naturalmente nas calendas: S. Silvestre nas vesperas de Janeiro, Santiago em vesperas de Maio, S. Nicolau em Dezembro, e eram festejados ruidosamente ao modo antigo (*observationes dierum kalendarum, kalendis Januarii, quando kalendae intrant*). . . . A maior parte era dominical.[1]) Além d'isso havia regozijo em convivios por occasião de bodas e enterros (*in nuptiis — in cenis vel nuptiis — super mortuos*).

Se abstrahirmos de ensalmos e de versos d'encantação e esconjuro que pelo seu caracter se subtrahiam á publicidade,[2]) assim como de parlendas infantis e de curtas expansões individuaes em volta do lar (cantos de *nina-nana*), ou em pequenos conventiculos nas fainas campestres,[3]) temos de distinguir quatro typos de divertimentos populares, de origem gentilica, combatidos pela Igreja, em que entravam momos, representações, danças, musicas e poesias tradicionaes, entoadas e bailadas em côro e em concelho (paladinamente), quer independentes, quer ligados a jogos de sociedade. E são: I *bodas,* com cantilenas (*hymeneos*); II *enterros* con carmes funebres (*endechas, prantos*); III *calendas primaveris* ou hibernaes (*maias, janeiras, februas* etc.) com bailadas em parte festivas, em parte satiricas; IV *vigilias, romarias, feiras* em dias santos, com invocações de santos e santuarios, quer serias, quer zombeteiras.

Os dois typos primeiros, restrictos em geral a um circulo relativamente pequeno de pessoas, constavam por via de regra de improvisos ou de composições de interesse passageiro. Os ultimos, pelo contrario, ligados a cerimonias religiosas geraes, repetiam-se

---

1) Está claro que não faltam prescripções relativas a esses, nem prohibições de jogos nos dias de sueto. Ainda em 1521 nas *Ord. Manoelinas* (IV, 4, 1) se defende o jogo da bola tanto ao domingo e dias santos antes da missa como pela semana.

2) Vid. Groeber, *Zur Volkskunde* § 19, 30, 32, respectivos a mulheres *incantatrices et auguriatrices.*

3) Nada mais primitivamente vulgar do que p. ex. o canto das mulheres de Orense quando maçam o linho:

Est' é o tempo do tróupele tróupele,
Est' é o tempo do troupelear,
Est' é o tempo de maçar o linho,
Est' é o tempo do linho maçar.
(*Inzenga* No. XXX.)

periodicamente onde quer, pelo pais fóra; tiveram por isso uma vitalidade, expansão e persistencia muito maior, e desdobraram-se em especies muito variadas.[1])

§ 419. *Bodas.* — Já no sec. VI S. Martinho Dumiense havia publicado, entre varias resoluções synodaes, relativas a usos gentilicos, a que alludi, uma que prohibe aos clerigos a assistencia á parte espectaculosa das festas nupciaes: *Non liceat sacerdotibus vel clericis aliqua spectacula in nuptiis vel conviviis spectare* (Aguirre III 218).[2]) Santo Isidoro, ao referir-se a hymeneos cantados por escolares em louvor de noivos — *carmina nubentium quae cantantur a scholasticis in honorem sponsi et sponsae* —,[3]) pensava por certo em substituições ecclesiasticas dos canticos vulgares já então tentados. Incerto é se o Marquês de Santilhana tinha em mente uns ou outras, ao referir-se na Carta ao Condestavel (§ 6) aos *cantares que en loor de los novios en las bodas se cantan* [var. *cantavan*]. Certo é, pelo contrario, que clerigos e jograes iam de boda em boda,[4]) de braço dado. Por via de regra, acompanhados de cantadeiras as quaes, para completar o escandalo, muitas vezes eram judias e mouras. Assim o documenta uma ordenação de D. João I, relativa a trebelhos e jogos com que a gente «de nação» alegrava bodas e festas, especialmente no segundo periodo da civilização portuguesa.[5]) Quando esse monarca casou em Maio de 1385 no Porto, os regozijos populares, descritos pitores-

---

1) É evidente que não posso tratar aqui de costumes ligados a esses divertimentos populares mas que não se relacionem directamente com as artes lyricas, como foguetes, fogueiras, candeias, luminarias, ex-votos, trigo deitado em bodas etc. — Apenas vou indicar algumas prohibições em corpos de legislação peninsular, religiosa e civil, quer anteriores á epoca trovadoresca, quer simultaneas ou posteriores, juntando varias referencias, ou exemplificações, colhidas em textos literarios e allusão concisa a tradições que perduram. Em nota, como material indispensavel de comparação remetto a decretos estrangeiros.

2) Cf. Boehme I, p. 181; Conc. Laodic. a. 363 can. 53: *Ne clerici ludicris spectaculis intersint in scenis vel nuptiis, sed ante discedant quam thymelici veniant,* repetida no Conc. Aquisgran. a. 816 can. 83; *Hadriani Epist.* cap. 53 (a. 773).

3) *Etymol.* VI, c. 18.

4) Fita, Estr. 1289. Cf. p. 638 d'este Volume, Nota 1.

5) Inserta nas *Ord. Aff. II* 75 e 117. Ha allusões nas obras do Arcipreste e no Cancioneiro de Baena que confirmam o facto. No texto vae outra, posterior.

camente no estylo elegante de Fernão Lopes, eram de alegria exuberante. No cortejo de D. Felipa iam não só raparigas do povo mas tambem burguesas e fidalgas cantando em côro *„como é costume de bodas.“* Depois do banquete os convidados regios dançaram todos, as donas á parte *em seu bando, cantando arredor com grande prazer.*[1]) Um seculo depois, nas incomparaveis festas de Evora (1471) pelos esponsaes do herdeiro de D. João II, o mal-logrado principe D. Affonso, com a filha dos reis catholicos, — outro marco miliario na historia da civilização portuguesa, — os reinantes haviam mandado vir de perto e de longe mancebos gentis e moças formosas *que soubessem cantar, tanger e bailar para bailos e folias.* E de todas as mourarias accorriam os que mais se distinguiam nessas artas.[2]) Do mesmo modo em 1521 na solemnização do terceiro casamento de D. Manoel.[3])

Em Castella especializemos as bodas do Condestavel Lucas de Iranzo (1471), festejadas com *danzas y cantos en cossante* ou *danzas de dueñas y donzellas* no patio do seu paço;[4]) e entre os escritores que fallam de jograes e tangedores para honrar bodas principescas, a Alonso de Madrigal.[5])

Quanto a bodas populares, Gil Vicente apresenta algumas na sua obra admiravel, abundantissima de materiaes folkloricos e de restos de poesia archaïca. Em todas ha danças, cantadas de terreiro, ora por moços (II 103), ora por moças e mancebos, tres por tres (III 146). Outro exemplo mais caracteristico é-nos offerecido por Castillejo, cuja veia, tambem profundamente nacional, escuso de encarecer. Num dos seus poemetos introduziu dois córos de raparigas da aldeia, as quaes em dia de Santiago, o Verde, numas bodas de maio, i. é de amor, entre gente moça, conforme expliquei no Capitulo antecedente,[6]) cantam versos archaïcos, á moda

---

1) *Chronica*, Parte II, cap. 96.

2) Garcia de Resende, *Vida e Feytos de D. João II,* Cap. 115, 117, 121.

3) Freire de Oliveira, *Municipio de Lisboa* I, p. 516.

4) Am. de los Rios VII, p. 430.

5) *Eusebio de los Tiempos*, Cap. 502. Vid. Am. de los Rios VII, p. 429 textos que, embora muito curiosos, não elucidam o problema que aqui tratamos.

6) Disse que Fevereiro, o mês do entrudo, era e é entre a gente rustica mês apropriado para casamentos de velhas, emquanto Maio o era e é da gente moça. — A prohibição de tocar adufe em Fevereiro (*Elucidario* s. v. *tamo* e *achacar*) talvez se refira a troças, pandeiradas e matinadas em louvor ou escarnho das velhas cujas preces haviam sido ouvidas por S. Gonçalo,

de Villamayor (da Galliza) em honra dos noivos. Versos que — antecipadamente o digo — lembram pelo parallelismo de duas versões, de assonancias variadas, e pelo feitio dramatico, os cantares de *dança-prima* dos asturianos, as folias e serranilhas de Gil Vicente, um *cossante* do seculo XIV e as bailadas, cantos de romaria, alvoradas, barcarolas, marinhas, dos cancioneiros medievaes.

Madre, un caballero que estaba en este corro
a cada vuelta haciame del ojo.
Madre, un escudero que estaba en esta baila
a cada vuelta asiame de la manga.[1])

Simão Machado, esse apresenta-nos em um dos seus dramas uma amostra das felicitações usadas entre o vulgo do seculo XVI. É uma singela triada, do feitio das que do sec. XV em deante serviam de Mote a Vilancetes (*Xaa*):

Com muitos contentamentos
muitos annos melhorados
se logrem os esposados![2])

Das cantigas modernas de noivados, poucas foram colhidas na boca do povo. Como são meras coplas de occasião sem valor artistico,[3])

---

seu casamenteiro tradicional (no Minho), ou por Santo Esteve de Paleo (na Galliza). — Ha uma infinidade de cantigas grotescas aos casamentos de velhas e de velhos (Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop.* § 333ᵛ, Ballesteros I, 56 e 107; II, 78ss.; III, 60 e 116) mas tambem aos de gente moça, muito pobre.

1) *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. 32, p. 114. *A un amigo suyo pidiendole consejo en unos amores aldeanos:*

Vila por desdicha mia
el dia de Santiago
que aunque es santisimo dia,
segun yo peno, diria
que fue para mí aciago.
Un corro de mozas bellas
(y esta traidora con ellas)
bailaban en unas bodas.
— — — — — — — —
Bailaba con gran primor
cantando con gentil arte
sus cantares a sabor,
a fuer de Villamayor,
seis a seis de cada parte.

2) *Comedias portuguezas*, p. 182. Ha janeiras antigas em dialogo que dizem:

„Anno bueno! Anno bueno" (sic)
„Deus lh' os dê melhorados!"

3) Cf. Th. Braga, *O Povo Português* Vol. I, p. 228ss; Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal* § 338 e *Rev. Lus. II*, p. 103; ib. VI, p. 244 e 251.

não despertam a attenção dos folkloristas. Consistem como o que acabo de citar, em brindes aos noivos e sua parentela;[1]) em conselhos[2]) e felicitações.[3]) E são cantadas ou recitadas por amigas que entregam ramos ou doces.[4]) Em todo o caso documentam que ainda hoje é válida a primeira parte do adagio antigo: *Nem boda sem canto; nem morte sem pranto.*[5])

No Cancioneiro medieval ha apenas dois cantares relativos a bodas. Mas nenhum é hymeneo. Antes são lamentos de pastoras. Uma, desprezada, chora:

So-lo ramo verde florido
vodas fazen ao meu amigo.
E choran olhos d' amor (CV, 454).

Outra, liviana, refere-se a esponsaes mal-logrados por sua culpa:

O anel do meu amigo,
perdi-o so-lo verde pino
E chor' eu, bela.

---

1) Eis um exemplo:

Esta casa está juncada
de junquilhos da ribeira.
Viva o noivo! mai'-la noiva!
mai'-la sua parentela.

2)
Senhor noivo, eu lhe peço
que a noiva não trate mal.
Ella sabe o que deixou,
não sabe o que vae buscar.

3)
Vou-te dar os parabens:
queira deus que p'ra bem seja
da rosa que arrecebeste
hoje á face da igreja.

4) Em algumas regiões é a noiva que numa roda dançada (especie de *Jungfernkranz*) canta quadras, repartindo entre as amigas flores do seu ramo (respectivamente da sua coroa). A uma variante d' esse uso allude a quadra que diz:

Quem quiser comprar, eu vendo
um ramo que estou guardando,
o estado de solteira,
para mim stá-se acabando.

Na Galliza os cantadores e as cantadeiras da povoação reunem-se á porta dos noivos e improvisam cumprimentos, ao desafio, disputando entre si o doce premio (*regueifa;* em Portugal *fogaça*) que é uso dar a quem mais se distingue pelo chiste das suas quadras.

5) O que diz *Não ha boda sem tornaboda* refere-se ao costume já pouco usado de fazer durar as festas do noivado varios dias, primeiro em casa dos paes da noiva e depois na dos paes do noivo. Aos excessivos gastos feitos nessas occasiões e ás desordens que muitas vezes resultavam dos festejos referem-se as *Ord. Man.* V, p. 45, prohibindo bodas e baptizados de fogaças ou dinheiro.

O anel do meu amado
perdi-o so-lo verde ramo
E chor' eu, bela (**CV** 507).[1])

Além d'isso, só allusões a trebelhos usados em bodas principescas: bofordo e lançar a tavlado[2]) (**CV** 355).

§ 420. *Enterros.* — Sem recorrer a auctores classicos que fallam de *nenias iberas e* de *tripudios hispanicos,*[3]) notemos que não foi no Concilio de Lugo,[4]) mas sim no importantissimo de Toledo (a. 589), em que os visigodos abjuraram o arrianismo, que a igreja orthodoxa começou o exterminio dos cantos funebres, prantos e *endechas* do vulgo: *Cum psalmis tantummodo psallentium vocibus debere ad sepulcra deferri. Nam funebre carmen quod vulgo defunctis cantari solet . . . omnino prohibemus.*[5]) Pelas constituições posteriores conhece-se que tambem esses ritos pagãos continuaram. A prohibição foi reiterada em Valença (1255), em Toledo (1323), em Alcalá (1335). *Illum igitur execrabilem abusum ut cum aliquis moritur, homines et mulieres ululando per vicos et plateas incedant, voces horribiles in ecclesias et alibi emittant ac quaedam alia indecentia faciant ad gentilium ritum tendentia . . . penitus reprobamus* (Aguirre IV 255). Alfonso X tambem combateu os prantos excessivos, ordenando aos clerigos que se retirassem dos enterros „quando ouvissem que faziam ruido, dando vozes por um homem ou *endechando.*"[6]) Tudo de balde. Santilhana, depois de fallar dos metros elegiacos dos antigos ás cinzas e defuncções dos mortos, affirma que com titulo de *endechas* ainda no seu tempo subsistiam em algumas partes.[7]) Em Portugal, na occasião do

---

1) A pastorinha que se lamenta nesse cantar de amigo é *dona d'algo* = fidalga.

2) **CV** 355. — Vid. p. 634, Nota 2. Na cantiga **CV** 358 falla-se *do pan da boda.* Será por ventura a *regueifa* ou *fogaça?* Um adagio antigo, citado no sec. XIII por Berceo (*Oria* estr. 19) diz: *Essas laudes tanjemos cujas bodas comemos.*

3) Vid. Th. Braga, *O povo portuguès*, vol. I, p. 385 Leite de Vasconcellos, *Tradições*, § 342.

4) No concilio lucense apenas se prohibiu o uso de levar comidas aos tumulos. *Non liceat christianis prandia ad defunctorum sepulchra deferre* (Aguirre III, p. 219.

5) Aguirre III, p. 233. — Cfr. *Homil. Leonis* IV, a. 847: *carmina diabolica quae nocturnis horis super mortuos vulgus facere solet* (apud Groeber, *Zur Volkskunde* § 66).

6) *Part.* I, 4, 98 a 100.

7) Carta ao Condestavel § 6: *e aun agora en algunas partes tura, los quales son llamados endechas.*

cerco de Lisboa pelos castelhanos, a camara, disposta a combater todos os restos gentilicos afim de conciliar a misericordia divina, prohibiu o carpir, depenar e bradar sobre os finados como „costume que descende dos gentios e é uma especie de idolatria.“ [1])

Apesar d'essas disposições terem sido repetidas nas *Constituições* de Lisboa de 1403 [2]) e nas *Ordenações Affonsinas* no fim do seculo XV, o pranto nacional pelo proprio herdeiro da coroa, cujas bodas haviam sido, oito meses antes, ensejo de jubilo geral, foi de exuberancia igualmente demonstrativa. Se então toda a côrte havia dançado e cantado, agora todos choravam e gritavam dando em si „muitas bofetadas, depenando muitas e mui honradas barbas e cabellos, e as mulheres desferindo com suas mãos a formosura de seus rostos, que lhe corriam em sangue.“ [3]) Mesmo depois da acção incisiva do Santo Officio e do Concilio Tridentino, Felipe II teve de promulgar em Portugal leis sobre abusos nos enterros, entre outras coisas contra as comesainas dentro do corpo das igrejas.[4]) Nem hoje taes usos estão de todo extirpados.[5]) Quem quer pode assistir, na provincia e mesmo nas cidades, a carpidos e brados que lembram scenas como a que vemos descripta por Garcia de Resende, ou como aquella que admiramos toscamente insculpida em Paço de Sousa no tumulo de Egas Moniz. Banquetes nos cimeterios ha-os no dia de todos os defuntos.[6])

---

1) Oliveira, *Municipio de Lisboa* I, p. 266—275.

2) *Constituições do Arcebispado de Lisboa*, publ. por Borges de Figueiredo, na *Rev. Arch.* Vol. I. O § 30 trata do *Carpido dos mortos.*

3) Garcia de Resende, *Vida e feytos*, Cap. 132.

4) *Ord. Felip.*, Livro V, Tit. 5 relativo a Bodos — vigilias — dormir comer e beber nas igrejas. Cfr. *Rev. Lus.* VI, p. 246.

5) Th. Braga, *O Povo Portugues* I, p. 195ss. Id. *Poesia Pop. Port.*, p. 269ss. e p. 456; Am. de los Rios I, p. 452; II, p. 211 e IV, p. 523ss.; Menendez y Pelayo, *Heterodoxos* I, p. 598. Já não ha *carpideiras* (*choradeiras, prangideiras; pranxideiras* na Galliza) pagas, como d'antes. Mas o povo lamenta os seus mortos em altos gritos.

6) *Fazer o pranto — domingo de bradar* — são expressões muito usadas da literatura popular. — Vid. Leite de Vasconcellos, *Tradições* § 342; *Rev. Lus.* I p. 95; II, p. 305; IV, p. 297; VI, p. 234 e 145 e *Rev. do Minho* p. 45, 58 e 61. Na composição gallega a que hei de referir-me nas *Notas* immediatas, o *brado* de algumas pobres peixeiras na morte de uma sua tia ó descrito do modo seguinte:

crebaba o curazon en cen anacos
ver chorar as sobrinhas; os seus fracos
corpos de bimbia en forza de delor
retorcian-se loucos, y os seus berros
samellaban aquelles qu' os becerros
botan ó ir pra feira no calor.

Na Galliza essas praticas persistem nas aldeias. Outra ha, muito mais estranha, comprehensivel só como resto de algum culto animista. Emquanto a familia enlutada vela o defunto rezando e bradando, os amigos, comendo e bebendo, divertem-se *cal se fora unha festa* com jogos de prendas. Esses culminam na seguinte cerimonia, chamada do *abelhão* (*avellon*).[1] Todos os assistentes de mãos dadas giram na camara funeraria em volta do caixão, e fungam baixinho entre os dentes, imitando o zunir do *abelharuco.*[2]

Com relação a amostras, não estamos bem.[3] O Arcipreste foi auctor de uma endecha a D. Garoza, a monja amadora. Perdeu-se porém. Outra d'elle subsiste: o pranto extenso á Trota-conventos. Mas esse, redigido em cincoenta e cinco versos de quaderna-via, (estr. 1520—1575) é talhado por moldes literarios. Nem podem servir de typo os versos cantados pelo povo de Lisboa sobre a sepultura do Santo Condestavel[4] por serem apocryphos, a meu vêr.[5] De Gil Vicente possuimos o pranto goliardesco da Maria Parda, e o literario del rei D. Manuel.[6] Resto de um verdadeiro pranto nacional podia por ventura ser o estribilho *guayado* que acompanha o Romance do principe D. Alfonso:

Ay ay ay que fuertes penas! ay ay ay que fuerte mal![7]

O povo, esse improvisa sempre as suas despedidas, exactamente como os versos de noivados, cingindo-se a padrões velhos. Ais sentidos, um adeus lacrimoso, queixas amargas, louvores singelos.

---

1) *Rev. Gallega* Nº 152 e 260.

2) É crença que o defunto esquece no ceo e maldiz os que se esquecem d'elle nessa sua ultima festa:

Non hay festa sin gaita nin foguetes,
nin capa velha que non tenha setes,
nin morto sin enterro ni àvellon.

3) Vid. estr. 1507.

4) Vid. Th. Braga, *Cancioneiro Popular*, p. 9 e 203.

5) Vid. *Grundriss* II, p. 234, Nº 4 e Leite des Vasconcellos, *Dialectologie Portugaise* § 15.

6) Vol. III, p. 348. Cfr. I, p. 304 e 321.

7) *Romania* I, p. 373: *Hablando estaba la Reina.* — No sec. XVI. Juan de Mal-Lara affirmava que os prantos cantados pelas endechaderas nos enterros de fidalgos, eram uma maneira de *romances* em que se referiam largamente os feitos do respectivo procer. Assim será! Mas não ha exemplo, nem mesmo descripção que authentique o dicto muito repetido. A do enterro de Alfonso VI, o tantas vezes citado, não pode ser allegada como tal. Ahi ha allusões ás pranteadeiras que carpiam os rostos, segundo o rito antigo — *rupta facie mulierum* — e tambem a louvores e hymnos; mas esses eram canto-chão entoado pelo alto e baixo clero.

Em geral emprega prosa poetica como a que ouvi ha annos: „Ai meu rico paesinho! que sempre fostes tão bom para mim! Nunca mais heide te beijar a mão. Nunca mais me darás a benção. Adeus, meu rico paesinho. Adeus.“ 1) Um poeta gallego que, ao descrever o *abelhão* imita a realidade em toda a sua crueza, ou mesmo com grossaria intencionalmente exagerada, (como é costume dos modernos *regionalistas*), attribue a umas raparigas o pranto que vou transcrever:

„Adios, tia Sabela — lhe dician
a tempo que na cara as maus batian —
Adios, minha vidinha! adios, meu ben!
Ay adios para sempre, minha tia!
Xa s' acabou a tua romeria!
Xa nunca peixe levarás p' ro tren.“ 2)

Ambas essas amostras vivas lembram sem querer as famigeradas exclamações patheticas em gallego, attribuidas ao conquistador de Toledo na morte prematura do seu herdeiro (1110): „Ay meu filho! Ay meu filho, alegria de meu coraçon et lume de meus olhos, solaz de mia velhece! Ay meu espelho em que me soia veer e con que tomaba gran prazer! Ay meu herdeiro mor! — Cavaleiros ¿u me lo leixastes? Dade-me meu filho, Condes.“ 3)

Nos Cancioneiros populares de Portugal, da Galliza e de Castella encontram-se, nas partes que mereciam o titulo de *Cancioneiro das Donas,* quadras e romances pequenos com pedidos e recommendações da moribunda ao namorado sobrevivente, pelo padrão seguinte:

Se passares pelo adro no dia do meu enterro,
pede á terra que não coma a trança dos meus cabellos.

Se eu morrer em tua casa enterra-me a um cantinho,
deixa-me a boca de fóra para te dar um beijinho; 4)

---

1) Palavras textuaes de uma rapariguinha de nove a dez annos que ouvi.

2) *Rev. Gall.* Nº 152.

3) Nas *Investigações Lingüisticas* hei de fallar d' este trecho. Tambem ha prantos humoristicos:

Minha sogra morreu hontem, enterrei-a no palheiro!
deixei-lhe uma mão de fóra, para tocar o pandeiro.

4) *Zeitschrift* XVI, p. 426. Em cemiterios de aldeia recolhi quadras inscriptas em lousas sepulcraes que parecem prantos. Eis dois exemplos:

1º) *Adeus adeus Adelininha! Adeus para nunca mais!*
Lá no ceu como anjinho roga a Deus pelos teus paes.
Adeus, meu bem! adeus!

2º) *Adeus querida filhinha! adeus meu terno amor!*
Já es um anjo no ceu! nascestes para o Senhor.

Quasi sempre são porém os mortos que fallam aos sobreviventes pelo typo seguinte:

Adeus pai e adeus mãi! Adeus povo de Villarinho!
Adeus manos, adeus manas! Adeus madrinha e padrinho!

Se eu morrer, enterrar me hão na cova onde eu disser:
deixai-me um braço de fora pra abraçar quem eu quiser.

Nha madrinha, si me morro, non m' enterren en sagrado
enterren-me en campo verde ond' a pacer vai o gado.

Minha nai, cando m' eu morra,
se morrere en Pontevedra
medraran rosas na cova.

Pranto nenhum, pelo motivo exposto. O conhecido fado ou pranto da Severa *Chorae fadistas chorae* não é obra do povo. Nem tão pouco o *da Virgem.*[1])

Nos cancioneiros medievaes temos quatro prantos trovadorescos, todos de mèstria. Tres são obras de *Pero da Ponte;*[2]) a ultima é de *João de Leão,* á morte de D. Denis.[3]) O leitor conhece-as todas.

§ 421. *Calendas: maias e janeiras.* — Foi tambem cedo, no memoravel Concilio de Lugo, que a Igreja protestou contra a observação na peninsula das *Calendas* segundo o rito pagão: *Non liceat iniquas observationes agere kalendarum neque lauro aut viriditate cingere domos.*[4]) Na propria Roma, no seculo VIII, o papa Leão teve de condemná-la referindo-se a danças e cantigas. *Affirmant se vidisse annis singulis quando kalendae Januarii intrant, paganorum consuetudine choros ducere et cantationes sacrilegas celebrare per plateas et acclamationes ritu gentilium.*[5]) Quando no anno do cerco a camara de Lisboa pensou em reformar os costumes, tratou não só de enterros mas tambem da celebração tradicional de *Janeiras* e *Maias.*[6]) „Consirando os sobreditos em como os costumes dos gentios . . . se usavam em [des]contento de Deus e da sua madre, principalmente em estes taes tempos e dias, convem a saber primeiro dia de Janeiro e primeiro dia de Maio (sc. dia de Santiago e Filipe e dia de Santa Cruz) . . . stabelecem e ordinham que cada ano para sempre por aquelles taes dias e tempos se façam . . . pro-

---

1) Vid. Th. Braga, *Canc. pop.*, p. 140 e *Poesia Pop.*, p. 455.
2) **CA 460—464.**
3) **CV 708.**
4) Aguirre III, p. 219. — Cfr. em Groeber, *Zur Volkskunde* os §§ 4, 9 e 10, com disposições tomadas nos annos 714, 741 e 743.
5) Groeber, l. c. § 21 (a. 847).
6) Essas Posturas de 1385 acham-se impressas nas *Memorias de D. João I* por J. Soares da Silva, Vol. IV, p. 360; nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa* de E. Freire d' Oliveira, Vol. I, p. 277 e 307, e parcialmente num artigo de F. A. Coelho sobre *Costumes e Crenças populares* no *Bol. da Soc. de Geogr.* de 1881. — Cfr. *Reflexões Historicas* No XI.

cissões solenes devotamente: a primeira por dia de Janeiro . . .[1]) a segunda se faça por dia de Santiago e de S. Felipe, eno qual se acustumava de fazer e onrar a Maia;[2]) e esta se faça em onrra e reverença da virgem Maria".

A substituição ecclesiastica vingou neste caso, mas, está visto, sem acabar no seio do povo com as praticas gentilicas. Ainda hoje se cantam e festejam *Janeiras* e *Maias* em todo o Occidente, incluindo as Ilhas e as colonias, conforme expus mais acima.[3]) Accrescentemos aqui que no proprio Brasil em Sergipe se repete annualmente uma costumeira, certamente vetusta. Os rapazes pedem as janeiras (*strenas*) em figura de boi.[4]) Infringem assim um decreto promulgado ha treze seculos, no Concilio de Auxerre,[5]) contra mascaras de vitellos e veadinhos, usados no principio do anno.[6])

Vingou em varios sentidos. Exigindo tenazmente o cumprimento dos mandamentos de 1385,[7]) já formulados de resto muito antes pela Igreja, o Estado conseguiu que nos santuarios fosse celebrado

---

1) Não ha motivo para eu fallar aqui, com relação ao trecho que omitto, de praticas usadas no dia de Jano (como p. ex. a de lançar cal ás paredes), pois nada têm com as artes lyricas.

2) Creio que se trata da arvore de Maio, da qual fallei no Cap. anterior, embora não saiba de *arvores-maias*, dedicadas á Virgem. Só de flores no seu altar, e de arvores ou mastros com verdura e disticos, erigidos nos adros nos dias de santos e martyres.

3) Cfr. p. 831. A respeito de *Maias* vid. Herculano, *Monge de Cister*, Cap. IV e Castilho, *Lisboa Antiga* VII, p. 232. Quanto ás *Janeiras* vid. Coelho, *Rev. d' Ethnographia* Vol. I; Th. Braga, *O Povo Português* Vol. II e *Cancioneiro Popular*, p. 153—158.

4) Trataram de *Bumba, meu boi* Sylvio Romero, nos *Cant. Pop. Bras.* No. 72; e Th. Braga no *Povo Port.* II, 257; id. na *Poesia Pop.* p. 266.

5) Entre 573 e 603: *Non licet kalendas Januarii vetolo aut cervolo facere.* Cfr. *Acta Sanct. Belg.* III, p. 245 e Groeber, *Zur Volkskunde* § 4.

6) Quer-me parecer que bois e vitellos, cervos e gamos figuram em festas de Baccho e Venus como animaes de armação, i. é com significação symbolica, exactamente como o *nabo* e a *bexiga* figuram no entrudo, como symbolos phallicos. São substituidos de resto, em muitos versos populares pelo *cuco*, a ave de Maio. — Quanto a *cuco*, *gamo* e *cervo* vid. Gil. Vicente III, p. 159. — Com relação ao cervo confira-se tambem **CV 791. 792. 793. 797.** — Por euphemismo é que *cervo* foi substituido na linguagem literaria de Portugal por *veado*, do mesmo modo como *porco* foi substituido por *cevado*, e *corno* por *ponta*, *armação* etc.

7) Tambem essas prohibições foram repetidas nas *Constituições* de 1403 e nas *Ordenações Affonsinas* III, 4—5. Nem faltam provas folkloricas do empenho da Igreja de christianizar as Maias. Veja-se p. ex. a respeito da lenda da fugida do Egypto *Albano Bellino*, *Archeologia christã* p. 5 e Braga, *Poesia Pop.* p. 414.

o mês de Maria. Em muitas partes, as esmolas entregues ao *Maio-Moço* ou á *Rainha-Maia* são levadas espontaneamente aos altares da Virgem. É assim que entendo a quadra gallega:

O nosso Maio, anque pequenino,
dá de comer á Virgem do Camino.

As crianças que acompanham o *Maio* e a *Maia* vão ás vezes em trajes de anjo e entoam versos sacros como os seguintes:

Angeles somos, del cielo venimos;
si nos dais licença, á la Reina le pedimos.
Angeles somos, del cielo baixamos;
si nos dais licença, á la Reina le cantamos.

Mas estas transformações são tardias, e privativas de algumas localidades da Galliza castelhanizada.[1]) Outra ha que um inquerito superficial lhe podia attribuir, mas que na realidade é muito anterior a 1385: a transformação do tom licencioso com que casadas e solteiras, passageira e carnavalescamente emancipadas da tutela do marido ou da mãe, nos jogos floraes da Venus pagan, folgavam e bravateavam nos domingos e dias santos do mês da Maia, com impudencia e impudor, com certeza na França,[2]) mas provavelmente em todos os paises neo-latinos.

Nos Cancioneiros archaïcos, pelo menos, não ha vestigios d'estas saturnaes feminis. A julgar por elles, já no sec. XIII a rainha da festa era virgem nas terras de Santiago; o seu sequito compunha-se exclusivamente de solteirinhas namoradas, as quaes chamava a dançarem com ella, cheia de alegria franca, sem allusão alguma ao marido villão e ciumento.[3])

Logo voltarei a este ponto capital. Por ora continuemos com as *Maias*.

As allusões directas na poesia trovadoresca são poucas. Além do cantico espiritual *Ben venhas, Maio*[4]) que comprova o que deixei dicto, o rei Sabio legou-nos uma satira em que um guerreiro, chegado tarde á hoste ou ao alardo de maio, é apodado com o estribilho *Non ven al Maio.*[5]) Um poeta seu coevo, seguindo-lhe

1) Mais abaixo terei de fallar da divinização da dança chamada *pella* ou *penla*, effectuada tambem na Galliza.

2) Veja-se a p. 72 d' este Vol. a maia provençal:
A l'entrada del tems clar
e a francesa *Tout cil qui sont enamourat.*

3) A p. 68 e 73 citei as bailadas portuguesas *Bailemos agora, por Deus, ay velidas.*

4) **CM** vol. II, p. 599.

5) **CV 79.**

as pisadas, recebeu o mesmo retardatario, ou outro parecido, com a chacota:

Demos-lhi nos ũa Maia das que fazemos no Maio.[1])

Pela allusão á *flor do pinho* creio que se relaciona igualmente com as campanhas de maio o lindo cantar de amigo del rei D. Denis:

Amad' e meu amigo,
valha Deus,
vede-la frol do pinho
e guisade d'andar!
Amigu' e meu amado
valha Deus,
vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

O thema continua:

Vede-la frol do pinho, etc. selad' o baiosinho etc.
Vede-la frol do ramo, etc. selad' o bel cavalo etc.
Selad' o baiosinho, etc. treide-vos, ai amigo etc.
Selad' o bel cavalo, etc. treide-vos, ai amado etc.[2])

Relativa ás chufas e mentiras usadas na vespera de Janeiro ha uma só allusão de que tomei nota, numa cantiga de difficil comprehensão.[3])

§ 422. *Vigilias: santos e santuarios, romarias, procissões, feiras.* — Peço venia para ser um pouco extensa. O assunto dava para um volume. As danças e as cantigas devotas, semi-devotas e completamente profanas, pertencentes a esse typo, tiveram e tem maxima vitalidade, em virtude de não estarem ligadas a uma só mas a muitas duzias de alegres festas annuaes. Veremos que, em volta dos verdadeiros e primitivos cantos de romaria, se conglobaram quasi todas as inspirações lyricas da alma popular, *cantigas de mil ralés,* no dizer de Gil Vicente.

Santuarios, romagens, feiras — não sou a primeira a dizê-lo[4]) — são em paises de pequenos agricultores, dispersos em casaes como a Galliza e o Norte de Portugal, o centro principal e quasi unico de grandes reuniões festivas de gente de todas as classes, com predominio da arraia miuda. Ahi em plena natureza é que

---

1) **CV 1055**.
2) **CV 173** (= **CD 94**).
3) **CV 919**. — Ha allusão ao banquete pascoal na cantiga **CV 73** (*como en dia de Pascoa, queria ben comer*).
4) Vid. Menendez y Pelayo, *Antologia* III, p. XVIII.

a alma ingenua e rude do povo manifesta as suas tendencias e aspirações. Tanto as ideaes e christans como as materiaes e pagans. O romeiro typico vae unindo o fandango á devoção.[1]) Presta culto primeiro, com fervor religioso, em praticas devotas, ao divino, e logo depois, em divertimentos profanos ao Amor e ao mundo, „repulhando chançonetas, urdindo remoquetes, fazendo sonsonetes, saltando zapatetas,“ hoje como no tempo de Gil Vicente e Juan del Encina.

Abstrahindo das festas de Maio, do Natal e do Entrudo — Santo Entrudo, no dizer popular — é ahi que a mocidade de ambos os sexos conversa e namora com maior liberdade, consagrada pela tradição. Ahi é que, na excitação nervosa da festa, desagrega da sua insciencia e inconsciencia creações novas, imagens felizes, dictos agudos. „Nosso Senhor (respectivamente Nossa Senhora, S. João, Santo Antonio, S. Pedro) não quer ver a gente triste nos seus dias de festa;“ „domingos e dias santos foram feitos para a gente folgar“, gozar, rir namorar, brincar. „Caminho do santuario, caminho foliadeiro“.[2]) Com taes reflexões justificam o desejo naturalissimo de no fato domingueiro (de ver a Deus) esquecerem por completo a ardua faina, a falta de asseio, as tristezas do labutar semanal.[3]) As *folias* dos dias santos são folias permittidas, quasi obrigatorias[4]):

---

1) Dicto conhecido de Nicolas Tolentino, relativo á desenvoltura com que as saloias de Friellas, Arruda, Vialonga e as moças do Sardoal dançavam nas procissões do sec. XVIII.

2) Proverbio gallego. — Em Gil. Vic. II, p. 347 ha um passo em que um frade revela a Cupido os seus instinctos alegres dizendo:

parece-me bem bailar
e andar n' ũa folia,
ir a cada romaria
com mancebos a folgar.

O folião do Chiado tambem confessa o mesmo:

que nos dias festivaes
cuidou não havia mais
se não foliar sem fim.

3) Um grande poeta allemão, fino conhocedor dos povos neo-latinos, ao fallar dos folguedos domingueiros do povo italiano, ainda disse ha pouco:

Des dumpfen Alltags Not und Leid
umfängt sie wieder bald genug.
Am Sonntag denken sie mit Fug
„wir dienen Gott in Fröhlichkeit.“

4) Folia (*fulia fuliada*), equivalente de *loucura, doidice,* passou a ser nome generico de danças ruidosas, executadas por romeiros e romeiras,

Vou a tocar coa minha gaitinha,
vou a tocar un fandango muy bô,
vou a tocar a muïnheira das festas,
vou a fazer foliada de Dios.

É o typico gaiteiro que o proclama.[1])
A cantadeira do Minho, pelo seu lado, confessa:

Nunca á romaria vou,
minha garganta de neve,
nunca á romaria vou,
garganta, que não te leve.

Mesmo os zoilos, que olham de soslaio para as bulhas e rixas, os bailaricos e namoricos, as freqüentes libações a Baccho e as estadulhadas inseparaveis das romarias — e ha-os literarios e populares — confirmam o facto. Ora assentam com sobrecenho:

Os que á romaria vão
poderão ir mal ou bem.
Elles lá o saberão.
Não sei se tem devoção,
mas . . . gaita de folles sem.[2])

Ora recommendam ao povo, como certos confessores medievaes de que vou fallar:

Non cantés cantigas loucas
porque é mui grande pecado.
Cantái boas cantiguinhas
a Cristo crucificado!

A tentativa de privar os povos peninsulares d' esses seus principaes divertimentos tradicionaes[3]) não podia surtir efeito. De

---

serranos e serranas (Gil. Vic. I, p. 183; III, p. 347, 392, 447), especialmente nas festas do Espirito Santo. Os executantes são *foliões* (ib. II, p. 443) e *foliadores* (ib. III, p. 273). — O mesmo nome designa bandas de musicos e bailadores profissionaes nas aldeias e cidades, chamados innumeras vezes á côrte para exhibirem as suas artes em festas palacianas e nacionaes, e obrigados a tomarem parte nas procissões de grande apparato. Em algumas partes o chefe da *folia* chamava-se rei dos foliões. Vid. Ayres do Campo, *Synopse* p. 108.

1) Gaiteiro que lembra, pela intenção, o jogral lendario da época trovadoresca que candidamente fazia por devoção proezas gymnasticas perante o altar de Nossa Senhora. — Vid. Gaston Paris, *Littérature française au Moyen-Âge,* § 143.

2) São versos de Miguel do Couto Guerreiro. Está claro que ha outros muitos de auctores diversos, mas pelo mesmo teor.

3) Não digo unicos, pensando nas *touradas* e nos divertimentos oceanicos.

balde a Igreja começou a campanha no Concilio de Toledo determinando *quod ballimathiae et turpica cantica prohibenda sunt.*[1]) *Exterminanda omnino est irreligiosa consuetudo quam vulgus per sanctorum solemnitates agere consuevit ut populi qui debent officia divina attendere, saltationibus et turpibus invigilent canticis.*[2]) De balde recommendou sete seculos depois aos festeiros que não tivessem comportamento deshonesto, dançando nas igrejas e nos cimeterios: *illi qui veniunt ad vigilias ecclesiarum caute et honeste se habeant nec permittant choreas facere in ecclesiis vel coemeteriis.*[3]) De balde prescreveu aos confessores em tratados religiosos, tambem do sec. XIII, que indagassem de cada peccador, se cantou textos luxuriosos em vigilias ou se os ouvia de boa mente.[4]) De balde citou em outros escritos doutrinarios, exemplos intimidativos, p. ex. o de uma mulher, vinda do outro mundo afim de declarar que não teve entrada no paraiso por uma vez ter escutado com deleite musicas prohibidas, *canticos de cazurria,* no entender do pio referente.[5]) No seculo XIV o aristocratico auctor do *Conde Lucanor* registou a impressão pessoal que romeiros foliões lhe produziam: „os primeiros a ordenar que se fizessem vigilias, fizeram-no para que os povos indo aos santuarios houvessem devoção, e ahi velassem, rogando a Deus que lhes perdoasse os seus peccados e os endereçasse para salvarem as almas e os corpos. . . Mas nas vigilias que agora se fazem, ahi se dizem cantares e tangem-se instrumentos, e pronunciam-se palavras, e põe-se posturas que são o contrario d'aquillo para que as vigilias foram ordenadas."[6])

Nas citadas *Constituições* de Lisboa ha instrucções mandando que o povileu não mais bailasse, nem cantasse, nem trebelhasse

---

1) Canon 23. — Variantes: *valemathiae, vallematia, valemanthiae, ballimanthiae.* — Neste passo o vocabulo *ballimantiae* parece equivaler a *ballationes, saltationes,* i. é a *bailaricos, danças de ronda, choreas.* Primitivamente *balli-mantia* talvez significasse adivinhação ou agouro por meio de saltos, ou danças saltadas, com que encantadeiras, agoureiras, feiticeiras acompanhavam as suas praticas supersticiosas? ou prognosticos inferidos das evoluções do jogo da pella? Pellotiquices, chocarrices, joglarices? — Vid. Du Cange s. v. *balare* (I, p. 547).

2) Aguirre III, 234.

3) Ib. IV, 201. — Cfr. Groeber, *Zur Volkskunde* § 3 e Du Cange s. v. *Vigiliae.*

4) *Romania* XVI, p. 379.

5) Cap. 21 do *Speculum laïcorum.* Vid. Am. de los Rios IV, p. 529.

6) *Libro de los Estados,* Cap. 52.

nos dias santos, *dentro dos recintos sagrados*, nem tão pouco fizesse fóra d'elles, nas feiras e romarias, jogos ou bailados indecorosos.[1])

D. Duarte, o piedoso, ouvindo, em 1430 e tantos, como em algumas partes do seu reino, em igrejas e ermidas, oratorios e lugares deputados para oração se faziam autos não licitos e jogos, tangeres e cantigas, as quaes não tão sómente eram pouco prazentes a Deus mas ainda turvavam o officio divino e as orações d'alguns bons christãos que ahi estavam em paz e pacificamente para orar e pedir perdoação ao Senhor Deus, lembrou-se de como Nosso Senhor Jesu Christo derribou as mesas e deitou os cambadores e outros negociadores fóra do templo e decretou então o seguinte, comminando com penas severas os contrafeitores.

„Porque achamos que esto procedia d'aquelles que fazem vigilias e romagens aos ditos lugares, e dormem em ellas e por instigação diabolica assi de dia como de noite trasmudam as orações que haviam de fazer a Deus em blasphemias e cantigas e autos, porém ordenamos e defendemos que d'aqui em diante nenhum homem nem mulher não faça vigilias nem vá dormir á Igreja nem moesteiro nem ermida nem oratorio; e se voto tem feito a ir a algum d'estes logares, que lhe cumpra seu voto e romaria em tal guisa que de dia somente estê em qualquer d'estes ditos logares e então reze e ore . . . sem fazer outros jogos nem cantares nem tangeres que a Deus não são prazentes. E os que assi forem de dia cantar, e tanger quiserem e filhar prazer, que o façam fóra da igreja . . . e tanto alongado que não façam torvamento a aquelles que quiserem orar.“ [2]) Quando o cardeal d'Alpedrinha, arcebispo de Lisboa, procedeu no anno 1467 ás suas visitas pastoraes, encontrou, todavia, por ensejo de vigilias e romarias, folguedos taes, p. ex. na igreja de S. João do Mocharro d'Obidos, que se viu obrigado a mais uma vez condemnar as extravagancias do povo.[3]) E se posteriormente nas *Ordenações Manoelinas* e *Felipinas* já não se pormenoriza o assunto, prohibindo-se apenas que os romeiros se servissem das igrejas como de dormitorios e refectorios,[4]) foi porque

---

1) Cap. 32, *Das danças nas igrejas;* Cap. 33. *Das feiras em certos dias santificados.* — Cfr. Elucidario s. v. *trebelhos.*

2) Vid. *Documentos Eborenses* I, p. 54. Cfr. II, 159.

3) Vid. *Rev. Archeol.* Vol. I.

4) *Manoelinas* V, 33, 5; *Felipinas* Livro V, lei 5.

as Constituições dos bispados haviam tomado sobre si esse encargo. Nas de Evora lê-se:

„Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e seculares, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas igrejas nem bebam, com mesas nem sem mesas; nem cantem nem bailem em ellas, nem em seus adros; nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro d'ellas sobre cousas profanas; nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em vigilia de santos ou d'alguma festa, nem representações, ainda que sejam da Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo ou da sua Resurrecção ou Nascença, sem nossa especial licença . . .[1])

Nas do Porto (1585) ha prescripção um tanto divergente; „E porque não é decente interromper o Santo Sacrificio da Missa e deixar de cantar o que a Igreja nelle tem ordenado se cante, por intrometter nelle *chançonetas* e *vilhancicos,* ainda que sejam pios e devotos . . . nem emquanto se disser alguma missa se consinta cantar cantigas profanas, nem festas, danças, autos, colloquios, posto que sejam sagrados . . ." [2])

O expediente de transferir as danças ruidosas, banidas da igreja, para as procissões falhou como havia falhado a divinização de autos e vilhancicos. As procissões chegaram a ser pantomimas decameronianas.[3]) E umas e outras reintraram sempre de novo nos recintos vedados.[4])

Entre duzias de festas estrondosas processionaes da época felipina,[5]) sirva-nos de exemplo a que foi offerecida por *Miguel*

1) *Const. Ebor.* de 1534 X, 15. — A respeito das da Guarda (1500) vid. Gama Barros I, p. 529.

2) Livro II. Tit. I, Const. 7. Cfr. IV, 9, 6 e *Conc. Tol.* de 1565, Cap. 221.

3) Vid. *Ord. Man.* I, 78; e Carta Regia de 23 de Maio de 1516, em *Synopse Chronologica* I, p. 204.

4) Ha numerosas *Relações* tanto de festas celebradas quer por ordens religiosas em honra de santos canonizados de novo, quer por particulares, em honra de reliquias conduzidas ao seu destino, como de solemnidades principescas. Em geral as descripções tem caracter solemne. Mas a nota popular não falta a nenhuma, por mais enroupada que a apresentem. — Accidentalmente encontram-se indicações curiosas em obras onde ninguem as procura, p. ex. na *Hist. Trag. Maritima* (I, p. 312) àcerca da festa de S. Pedro Gonzalez, celebrada pelos marinheiros da Nao S. Maria da Barca (a. 1559). Nem faltam testemunhos de viajantes estrangeiros àcerca de danças portuguesas. — Vid. Sousa Viterbo, *Artes e Artistas,* Cap. 10, p. 221—274.

5) Nessa época havia na capital nada menos de 14 escolas publicas de dança e 70 mestres de cantar. — Os de lêr eram apenas 60.

Leitão d'Andrada, em harmonia com uma promessa que fizera estando captivo em Fez, depois da catastrophe de Alcacer-Quebir. É typico o luxo extraordinario e o mixto bizarro de elementos sacros e profanos, christãos e gentilicos, literarios e populares, que esse fidalgo português — cingindo-se ao gosto e uso do tempo — inscenou na sua terra. Durante quatro dias consecutivos houve mascaradas, touros, jogos de cana e argolinha, entremeses, comedias hespanholas, arraial com premios de belleza, pelotiquices de saltimbancos, musicas e danças sacras e profanas. Não só no theatro e na procissão espectaculosissima, que servia de pretexto a todos esses divertimentos, mas tambem como preludio e epilogo da funcção d'igreja.[1]) Devo contentar-me com dizer que, logo depois da missa (com sermão) e da communhão eucharistica, um volteador e tregeitador fez maravilhas *no meio do cruzeiro da igreja,* e que em seguida todos os ranchos de meninas que haviam bailado e cantado as suas folias, chacotas, pélas no meio da rua, cortejaram a imagem nova de Nossa Senhora (dom do devoto empresario) e defilaram juntas per ante o seu altar, onde acto continuo cada donzella dançava *per si.* O auctor falla expressamente de *folias* ou *choreyas,* identificando portanto as *folias* do seu tempo com as antiquadas *choreyas,* perseguidas pela Igreja medieval.

Nem são menos expressivos varios *Regimentos*[2]) da mais brilhante entre as procissões religiosas, a do Corpo de Deus.[3]) Os dos annos 1517, (Coimbra) 1560, 1621 (Porto) eram destinados em theoria a exterminar abusos e escandalos, solturas e deshonestidades, provocadas pelos demasiados desenfadamentos e distrahimentos

---

1) Vid. *Dialogo* 11 e 12 da *Miscellanea,* especialmente p. 217, 236 e 239.

2) Os *Regimentos* que conheço são 1°) o da *Cidade* de Coimbra, publicado no anno 1517, e reimpresso nas *Diss. Chron.* IV, p. 241, no *Antiquario Conimbricense* p. 30, e no *Summario* de Ribeiro Guimarães Vol. IV, p. 5 ss. (e I, p. 91); cfr. Gama Barros I, p. 529; Freire d'Oliveira I, p. 417 ss. e VI, p. 599 ss.; 2°) as *Cartas Regias* de 1560, dirigidas á Cidade do Porto; e 3°) o *Regimento portuense* de 1621 (*Diss. Chron.* IV, p. 196, 199 e 214).

3) A respeito da idade das Procissões do Corpo de Deus em Portugal, veja-se Ribeiro-Guimarães, *Summario* I. No tempo de D. João I, isto é na 2ª epoca da historia e da literatura nacional, já ellas estavam em voga. Talvez fossem instituidas em 1385, entrando na serie de medidas legislativas, por meio das quaes o senado da capital e o arcebispo tentaram desarraigar ritos e costumes de procedencia polytheica.

que a Igreja havia proporcionado ao Zé-Povinho[1]) na profusão e no esplendor das figuras allegoricas e danças symbolicas que fôra acolhendo com liberalidade pasmosa.[2]) D'elles resulta que ainda depois da reforma, na vespera do Corpo de Deus, todas as agremiações tanto masculinas como femininas que no dia seguinte haviam de incorporar-se no cortejo, entravam com suas folias, com estandartes e insignias e os reis ou imperadores d'ellas, dentro da Sé do Porto, fazendo ahi *charola.*[3])

Do claustro da mesma cathedral, theatro typico de scenas muito gentilicas, foi expulsa ainda não ha muitos decennios, uma d'essas danças vulgares atavicas: a das regateiras, executadas por occasião da festa de S. Gonçalo, o patusco casamenteiro das velhas.

---

1) Um dos abusos consistia no seguinte. A Camara Portuense obrigava as moças que mais lhe agradassem (filhas de officiaes mecanicos) a figurarem no cortejo (representando S. Maria, S. Catarina, S. Madalena, S. Clara ou a Dama do Dragão de S. Jorge etc.). — Outro, que indignava a população, era que muitos „mouros" iam com elas e lhes diziam quantas „deshonestidades" quisessem (*Diss. Chron.* IV, p. 196 e 199).

2) Pelo Regimento de 1621, decretado porque nas procissões anteriores foram apresentados „*jogos e danças não decentes ao tempo, pela sua muita antiguidade*" aprendemos que no cortejo *reformado* só em danças haviam de ir: S. Jorge com o seu estado maior, o drago, a dama e pessoa que com ella dançasse, depois da sua libertação; uma mourisca de quarenta homens, cantando a seis vozes, com alaudes e pandeiros; uma dança de ciganas; uma chacota, com toadas ao moderno; duas danças de espada; uma de bugios; a do rei David com doze pagens; duas folias de doze vozes e canto d'orgão; a dança das velhas, executada por gente moça; a dos pastores; a dos instrumentos; a da retorta; e duas *pélas* de que ainda terei de fallar no texto. — Até á reforma de D. João V, a procissão do Corpo de Deus continuou a ser esse mesmo composto bizarro de exhibições, mais ou menos ridiculas. Depois, a moda decretou coisas diversas, não menos curiosas, p. ex. o costume dos *outeiros*, transplantados do convento para a rua. Na vespera — porque o Corpo de Deus tinha vespera como as grandes solemnidades — damas galantes em exposição nas janellas deitavam *motes* aos peraltas, que os glosavam. — Sabido é de resto que o Rei David e a dança dos pastores ainda figuram hoje na funcção do S. João de Braga. — Em certos logares da provincia (p. ex. em Penafiel) a vespera do Corpo de Deus ó festa de folgares e de festins, com acepipes consuetudinarios, exactamente como o Entrudo, a Pascoa e o Natal.

3) *Charola* é *choraula*, *caraula.* A procissão de Corpo do Deus, por ser a mais mundana de todas, serviu de modelo ás que posteriormente foram instituidas em Portugal em commemoração de factos notaveis, como o cerco de Lisboa, a batalha de Aljubarrota, a batalha de Toro, o livramento da capital da peste etc. Vid. *Diss. Chron.* IV, p. 171. — Por isso mesmo, as procissões de Portugal tinham renome. Felipe II p. ex. gaba-as nas cartas familiares a suas filhas. Uma vez escreve: *en algunas cosas hazen grandes ventajas . . . a las de ahi.* Em outra occasião menciona figuras grotescas:

Uma subsiste ainda hoje, tanto no Norte de Portugal como na Galliza.[1]) *A do menino-Jesus* ou *dos Innocentes.* No dia 25 de Dezembro, de manhã, raparigu inhas, cheias da graça hesitante propria da idade de 8 a 12 annos, dançam ao som da gaita pastoril, sacudindo pandeiretas.[2]) Resto gentil dos *Vilhancicos* e *Autos* do Natal, outr' ora tão cultivadas neste nosso meio.[3]) Esse resistiu evidentemente por ser inoffensivo na sua ingenuidade e alegria infantil.

Eis duas amostras, cantadas nessa occasião nas igrejas de Santiago de Compostella e repetidas nas ruas:

1°) *Vamos cantand' e bailando na milhor festa que hay*
o nascimento do neno qu' está nos braços da nai.
2°) *Sacudide-vos rapazes* (*meninas*) *qu' o objeto que nos trai*
é festexar o nacido que tanto favor nos fai.

§ 423. Fallemos das *romarias* (*cirios* ou *votos* na região de Lisboa).[4]) Não ha peninsular nem hispanophilo que não saiba o que são, quer por ter assistido a qualquer, quer pela leitura de romances, novellas ou estudos criticos em que pennas autorizadas intercalaram descripções pitorescas.[5]) Aqui só posso tentar um esboço em duas pennadas afim de tornar plausivel a these que

---

unos diablos que parecian a las pinturas de Hieronimo Bosc. Vid. Gachard, *Lettres de Philippe* II, No. XXIV, XXV e VII.

1) P. ex. na igreja do Carmo, do Porto, e na catedral de Compostella.

2) Num trabalho especial devia fallar de consoadas, de cantigas do Natal, da Missa do Gallo, e das diversas brincadeiras que era praxe realizar nessa festa nocturna.

3) São obra de um poeta moderno gallego, Alberto Camino, que as escreveu no hospicio de Santiago entre 1848 e 1850. — Vid. Inzenga No XIX e cfr. XVIII. — Popularizaram-se todavia.

4) A Galliza e o Norte de Portugal são a terra classica das romarias. Como o castelhano, o português ao Sul do Mondego prefere em geral a tourada á romaria. Como fallei do apreço que Felipe II dava ás procissões portuguesas, não quero deixar de assentar que as touradas de cá não lhe agradavam.

5) Entre os romancistas basta citar os nomes de Camillo Castello-Branco, Gomes de Amorim, Julio Diniz, Trindade Coelho, Fialho d'Almeida, (*Atalaya*, no volume *A Esquina* 1903). Entre os folkloristas Th. Braga, *O povo português* Vol. II, Cap. V (*Calendario Popular*); Sousa Viterbo, *Fastos Religiosos* (*Rev. Lus.* V, p. 148, 181, 221 e VI, p. 139); Leite de Vasconcellos, no *Annuario* p. 1—17. — Com relação ao pais vizinho consulte-se um estudo de Jovellanos (Carta VIII a D. Antonio Ponz) sobre as romarias de Asturias (*Obras,* Vol. II, p. 299 da edição Rivadeneyra) e Francisco Portela Perez, *As Romarias*, *notas descriptivas*, Pontevedra 1889 e 1891.

ellas ainda são hoje o que eram na idade-media. Restos de paganismo que ficaram na ascetica religião christã como „remendos de purpura em fato de burel", para empregar a imagem de uma gentil escritora portuguesa.[1]) Arraiaes ruidosos que pela intensidade da vida animal lembram *kermesses* hollandesas em telas de grandes pintores, amenizadas embora tanto pela formosura, graça e vivacidade airosa das moreninhas meridionaes e pela eloqüencia peculiar de guitarras, gaita de folles e castanholas,[2]) como pelo apparato esplendoroso desenvolvido nas praticas devotas e pelo brilho ardente do sol num ceo apaixonadamente azul.

Pelas estradas poeirentas[3]) que conduzem ao santuario, ruge na vespera e nos dias de festa, na extensão de kilometros, aquelle fremito de enthusiasmo que só despertam ideaes que estão bem dentro da alma e dos costumes d'um povo. Bandadas de romeiros caminham ao seu destino[4]) entre gritos alacres e apostrophes chocarreiras e brincalhonas. Os rapazes tocam guitarra, viola e ferrinhos; as moças, garridamente enfeitadas, avançam dançando e

---

1) D. Anna de Castro Osorio (*Ambições,* 1903). Entre os numerosos jornalistas que annualmente se occupam de festas populares em folhetins interessantes destacam-se, com relação ao sul, L. A. Moraes (*Diario de Noticias*) e com relação ao Norte o Padre F. J. Patricio (*Commercio do Porto*) que por occasião das celebrações actuaes costuma lembrar as antigas do Porto e dos seus arredores: a de Santiago e a de S. Gonçalo na Sé do Porto; a romaria de Sant' Anna em Oliveira do Douro que tornou tão celebradas as chamadas furias do rio; o arraial do Senhor da Boa Nova em que os festeiros se agrupavam no monte da Torre da Marca onde hoje é o Palacio de Crystal; a festa de S. Pedro de Miragaya com apparatoso fogo de artificio no areal onde está construida a Alfandega; S. João da Lapa, *obrigado mais que todos os outros a descantes populares*, na quinta (de saudosa memoria) dos Pamplonas e Figueiroas; o S. João de Cedofeita com o passeio aos campos circumvizinhos; a festa do Senhor dos Peixeiros com a sua animada feira na Cordoaria; a romagem de Campanhã; a de S. Bento de Rio-Tinto; a Senhora da Hora; o Senhor da Pedra, o Senhor de Mattosinhos etc. Pessoalmente ando, de ha muito, colhendo noticias que hão de ser talvez condensadas mais tarde numa *Randglosse.*

2) O perfil do *gaiteiro das romarias* gallizianas e o de seu ajudante indispensavel, o tamborileiro — *virtuoses* nos seus instrumentos rusticos — tem sido desenhado muita vez. P. ex. por D. Fernando Fulgosio e Antonio Neira. Vid. Inzenga p. 58.

3) Ha romarias de inverno (p. ex. a de S. Gonçalo, a 10 de Janeiro). Mas as verdadeiras são as veranis, de maio a setembro. Como as touradas, para serem boas, ellas requerem „sol, poeira e moscas."

4) Com os modernos meios de locomoção, e com os novos artefactos pyrotechnicos as romarias perderam um pouco do seu antigo caracter popular.

cantando sem parar,[1]) emquanto aos lados mendigos, horrivelmente aleijados, choram as suas desgraças, implorando a caridade, cujo obulo os foliões não lhe negam.

No terreiro, ao pé da igreja ou ermida, onde ás vezes se ergue um mastro revestido de verdura e enfeitado de disticos em louvor do santo, os romeiros ficam estendidos em grupos pelo chão a dormir, a comer ou a chalacear afim de espantar o somno, emquanto não estralarem foguetes de dynamite, annunciando o principio da festa. Barracas de ourivesaria e quinquilharia; outras com louça de barro, de gosto primitivo, ou com instrumentos rusticos de musica, além dos objectos caracteristicos da feira local; carros de bois com pipas enramalhetadas; outros com melancias e melões; vendedores ambulantes que apregoam uns agua fresca, outros a imagem do santo em estampas de caracter archaïco,[2]) e ainda outros, bonecas de pão, cravos e botões de rosa[3]) com versinhos de amor, convidam e entretem os festeiros. Por entre a multidão surgem crianças, amortalhadas de branco. Penitentes com velas bentas na mão, acesas ou apagadas, sobem de joelhos ou de costas os degraus do escadorio que leva ao templo. Dentro d'elle os ex-votos e donativos dos restabelecidos patenteiam-se em volta do altar. Paineis, representando o milagre que os salvou,[4]) mortalhas, tranças de cabello, braços, pernas, seios de cera, mesas com offertas de azeite e pão attestam a piedade de devotos passados e presentes. O murmurio dos que rezam e choram, pedindo, promettendo, agradecendo, confunde-se com as vozes de fóra.

---

1) O Padre Sarmiento, apaixonadissimo por todas as manifestações sinceras da alma popular já registou, em meado do sec. XVIII, esse mesmo costume (*Memorias,* p. 35): „Aun hoy ejecutan lo mismo aquellos naturales, cuando van a algun santuario ó romeria. Siempre van en tropel hombres y mujeres, estas cantando coplas al asunto y tocando un pandero, uno de los hombres tañendo flauta y otro ú otros danzando continuamente delante, hasta cansar." Em Portugal, o discreto oratoriano Padre Manuel Bernardes, auctor da *Floresta,* encarava as festarolas com menos sympathia, por as ver perturbadas com profanidades taes „que só podem ser aceites a Venus e a Baccho" (II, p. 1).

2) É costume chamá-las *registros.* No tempo de gloria p. ex. do Senhor de Mattosinhos vendiam-se ahi annualmente 20000 estampas, além de milhares de fitas de seda, medidas pela cabeça, pelos braços, pelas pernas da imagem venerada, conforme o desejo do comprador.

3) Flores que symbolizam o amor dos Manoeis e das Marias.

4) Só em santuarios muito grandes ha casa especial para esses quadros.

Logo ao amanhecer o santo é saudado com descantes de alvorada. Mas só depois da funcção religiosa é que principiam os folguedos[1]): a feira do leilão das offertas de pão doce (fogaças), vivorios, novo foguetorio e fogo preso, comesainas, jogos, danças e cantorias, *esturdias* e *descantes*.

Está claro que neste ultimo e principal acto da festa predominam musicas e cantigas alegres. Os instinctos sociaes não admittem coisas tristes — tão pouco nas festas geraes de S. João, Santo Antonio, S. Pedro — como nas romarias a Nosso Senhor ou Nossa Senhora d'essa ou d'aquella invocação. Entoam-se muitas quadras profanas relativas ao santo, bastante licenciosas em parte, como logo se verá. A ellas succedem versos de amor, outros de alegre chalaça ou de escarnho apimentado. Quando o bom vinho português aquenta o cerebro e transtorna o juizo, passa-se mesmo, freqüentemente, a satiras grotescas — phases actuaes das torpezas ou caçurrias antigas, prohibidas de balde de seculo em seculo, conforme vimos.[2])

Em geral pode-se dizer que nas romarias se cantam versos de toda a qualidade: quadras ingenuamente devotas, regozijadas e travessas, levantadas e eloqüentes, sentimentaes e nostalgicas, revoltosas e picarescas, hoje como nos dias de Gil Vicente, o qual fazendo de louvaminheiro dos alegres e gloriosos tempos passados dizia:

> *Mas aquelles que folgavam*
> *nas villas e nas aldeas,*
> *quando as festas se ajuntavam,*
> *cantigas de mil raleas*
> *d'este compasso cantavam ..*[3])

e no *Auto da Feira*:

> *Eu não vejo aqui cantar*
> *nem gaita nem tamboril*
> *e outros folgares mil*
> *que nas feiras soem d'estar.*

1) Já alludi ás leis e aos habitos que não permittiam jogos de adultos ao ar livre senão nos dias santos depois da missa. — *Leis Extr.* IV, 41; IV, 17—20 e IV, 5 e 10.

2) O trecho em prosa do sec. XIII a que me referi mais acima, recommenda ao confessor preguntas ao peccador sobre „se cantou cantares luxuriosos em vigilias" e „se ouve de boa mente a outros homens que dizem palavras feias," porque „os pecadores aborrecem-se de ouvir a missa e a palavra de Deus, mas não lhe aborrecem cantares de cazurrias." Nas poesias condemnadas pela Igreja entravam, bem se vê, todos os versos profanos.

3) *Obras* II, p. 448. — *Ser de feira* já então significava: ter voga entre o povo.

4) Ib. I, p. 176.

Nos *desafios* minhotos entre cantadores e cantadeiras profissionaes, e nas *ruadas* da Galliza[1]) desabrocham de vez em quando versos que são maravilhas de delicadeza ou de malicia, comquanto em regra as novidades de hoje sejam calcadas sobre padrões velhos, muito conhecidos, e constituam meras variantes.[2])

Antes de citar alguns exemplos typicos, notemos certos dizeres de poetas antigos, inspirados seguramente nos costumes do seu tempo. Gonzalo de Berceo, ao descrever uma vigilia — triste e solemne por signal, pois foi a da primeira Pascoa de Resurreição — desenhou os seus protagonistas entretidos á maneira de romeiros truães. Tangendo instrumentos triscavam e cantavam controvaduras picarescas, com o fim de espantar o somno — *truferias, cosas muy desapuestas, grandes alevosias*[3]) — em disticos singelos de estylo popular e parallelismo imperfeito.

Alfonso X que logo depois esboçou o quadro de uma romaria d'Agosto,[4]) nomeia, além de lutas e corridas de vacas, como divertimento principal dos festeiros, a troca de chalaças:

et quen soube chacotares
bõos y os foi dizer.[5])

---

1) As *ruadas* consistem no seguinte. Logo que a noite sobrevem cada *galan* estende o seu capote sobre a cabeça e cobre com elle uma moça ou duas moças que escolhe por terem fama de *joglaresas,* digo de *cantadeiras.* Assim abraçados passeiam pelo campo da festa, rua acima e rua abaixo, e cantam trovas velhas ou improvisações novas, chamando para as escutar o publico feminino que no futuro ha de espalhar pelo pais fóra as que mais lhe agradarem:

Vinde nenas, vinde nenas
arredor do meu capote etc.

Vid. Inzenga p. 54 e § 426 d' este Volume.

2) Em geral as triadas e as quadras gallegas modernas são mais desbragadas e de grossaria mais rude do que as portuguesas, verdadeiramente populares. Quem quiser convencer-se d' isso abra a *Rev. Lus.* Vol. VII, Fasc. 3 ou os volumes de Ballesteros. Mesmo o costume de *deitar pulhas* e equivocos é em Portugal prerogativa de arrieiros e pastores, a não ser no Carnaval. Cfr. Coelho na *Rev. d' Ethn.* p. 57; e *Rev. Lus.* IV, p. 276. Está visto que não me refiro aqui ao *Fado* lisbonense que logo nos occupará.

3) Berceo, *Duelo de la Virgen,* p. 172—191. O exemplo por elle apresentado e que a critica considera como fragmento de alguma representação sacra, compõe-se de disticos, acompanhados do refram typico dos cantos de romarias ou *de ultreia: Eya velar.* Ainda terei de fallar d'elle no fim d'este capitulo.

4) A d'Aconada ao pé de Palencia.

5) **CM 351.**

Pode ser que o mesmo monarca tentasse modificar esse uso não só theoricamente como legislador mas tambem praticamente. Por ordem sua, ou de S. Fernando, foram compostas trovas para a festa de S. Clemente e San Leandro por um dos seus jograes ou escrivães, o debatido Domingo Abad, o *de los Romances*[1]), talvez no estylo dos *Cantares de S. Maria.*

D. Pedro Gonzalez de Mendoza, um dos poucos magnates que na época dos epigonos trovadorescos não menosprezavam o estylo popular nem tão pouco o idioma gallego-português, gaba, mascarado de campesino, perante uma pastora-serrana as habilidades domingueiras mais apreciadas: correr, lutar e saltar,[2]) e accrescenta:

las mozuelas en el corro
pagan-se del mi sotar;
D'esto todo bien me acorro
e aun mejor de chicotar.[3])

Leitão d'Andrada tão pouco esquece de narrar que na sua festa houve mil ditos chistosos e mil trovas divertidas, „para todos de muito riso."

Fiel aos exemplos tradicionaes, o povo de hoje continua na firme persuasão, a que já alludi, que mesmo os santos são amigos de folias. Por isso festeja-os com acclamações e provocações e troça-os de mil modos, promettendo-lhes coisas bonitas, e ameaçando-os de castigos, se não ouvirem as suas orações, nem agradecerem a rude ingenuidade dos seus holocaustos e das suas homenagens.[4])

1) Vid. p. 629 Nota 2.

2) Cfr. *Canc. Mus.* Nº 371 e 373 onde temos pastores-serranos que correm, lutam e não deixam de bailar a *çapateta;* ib. 346, 350, 380 onde apparecem pastoras-serranas a cantar e bailar.

3) *Canc. de Baena* Nº 252. *Chicotar checotar chacotar,* do mesmo radical (*ciccus cicculus*) de que provém *chicote.* Parece mesmo que houve em tempos de Gil Vicente um instrumento, chamado *chacota,* não me atrevo a dizer *instrumento de musica.* É o que resulta do trecho final do *Dialogo sobre a resurreição* em que um Judeu chama os companheiros para bailarem com elle.

Ordenemos festa com algum cantar
— — — — — — — —
Chacota na mão, fender os ouvidos
a quem nos ouvir!

Talvez uma especie de *Narren-Pritsche* (sceptro de taboinhas).

4) As raparigas do campo, e tambem os pescadores e outros artistas analphabetos, batem os seus santinhos, põe-nos de mergulho num copo de agua ou num poço, partem-nos em pedaços, ou enforcam-nos, se não cumprem os seus desejos. — Cfr. *Ord. Man.* V, p. 33, 3: „Outros levam as

§ 424. Eis um punhado de padrões, directamente relativos a santos e santuarios: uns da Galliza;[1]) outros, portugueses;[2]) alguns cheios de piedosa gratidão, outros de malicia mais ou menos candorosa.

I. A Virxe da Pastoriza alabado sea ela!
ela é minha madrinha, eu sou afilhado d'ela.

Fun ó Santo San Andrés aló no cabo do mundo,
solo por te ver meu santo, tres dias ha que non durmo.

Fun ó Santo San Andres, fun coa minha empanada;
anq' o santo é milagroso, é amigo da fuliada.

Nossa Senhora da Guia é guia dos marinheiros;
guie-me a minha cadrilha, qu' ela é de moços solteiros.

Nossa Senhora de Abades ¿que ha de dar ôs seus romeiros?
auguinha da sua fonte; sombra dos seus castinheiros.

Meu Senhor San Andresinho qu' está na alta montanha,
este ano vin solteira; pro que ven, venha casada!

Senhor Sant' Amaro d'Oira, feito de pau d' amieiro,
irman das minhas chanquinhas, criado no meu lameiro.

Toda-las mozas solteiras pidiron-lh'a Sant Antonio
que lhes desse casamento, qu' estaban no purgatorio.

II. Sam João por ver as moças fez uma fonte de prata,
as moças não vão a ella, Sam João todo se mata.

Sam João, olhai que as moças não vos accendem fogueiras
porque vos não as tirais do estado de solteiras.

O Sam João de brejeiro já passou a tratantinho;
diz que se péla por moças d'aquelas que tem bucinho.

Sam João adormeceu nas escadinhas do côro;
deram as freiras com elle, depenicaram-no todo.

Oh meu rico Sam João ¿que dais a quem por vos chama?
Ás solteiras bom marido, ás casadas boa fama.

Oh Sam João ¿donde vindes pela calma sem chapeu?
Venho de ver as fogueiras que me fizeram no ceo.[3])

---

imagens de alguns santos acerca d'agua e ali fingem que os querem lançar em ella, e tomam fiadores que se até certo tempo o dito Santo lhes nom der agoa, ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agua."

1) Colhidos da boca do povo. A maior parte acha-se todavia impressa, com leves variantes, no *Cancioneiro Popular Gallego* de Ballesteros Vol. I, p. 194—202; II, p. 287—293; III, p. 273—278. Cfr. Milá, *Romania* VI, p. 56ss.

2) Th. Braga, *Canc. Pop.*; Cesar das Neves e Gualdino de Campos, *Cancioneiro de Musicas Populares; Rev. Lus.* etc.

3) Gil Vicente já apresentava em 1500 serranas e serranos de Sintra a cantarem S. João, o Verde (III, p. 491). Abstrahindo do Natal e da Pascoa, a vespera do Santo Precursor é a mais antiga (como se vê da legislação ecclesiastica) e a mais festejada de todas. „*Mesmo os Moiros da Moirama*

Sant'Antonio tem um menino... não porque seja casado:
foi um menino que achou nas ondas do mar salgado.
[var. no portal do seminario].

Sant'Antonio é o santo que mais pancadas deve levar
por não fazer o milagre pr'as raparigas casar.

Sant'Antonio, Sant'Antonio, ás moças estende a mão;
corram moças, vam de pressa, façam-lhe uma petição!

Sant'Antonio bendito, dade-me un home,
anque me mate, anque m'esfole.

Oh meu padre Sant'Antonio, oh meu santo milagroso,
eu adoro a Sant'Antonio por ser bonito e formoso.

Sant'Antonio é brejeiro e alguma coisa mais,
faz chorar as raparigas e andar sempre aos ais.

Sam Gonçalo já é velho, é velho e maganão,
quando passa pelas moças, arrefia, aperta a mão.

Sam Gonçalo me chamou pela porta da cozinha
que fosse jantar com elle recheado de gallinha.

Sam Bento de Riotinto, aqui tendes as solteiras:
se não quiserdes casá-las, nem por isso serão freiras.

Quadras soltas em versos de redondilha (*xaxa*) e consoantes perfeitos. No canto são alargadas ás vezes, quer pela repetição de versos inteiros ou de hemistichios, quer pela intercalação de estribilhos (completos ou fragmentarios) no fim de cada verso ou de cada hemistichio, e tambem pela seriação arbitraria de varias coplas que versam sobre o mesmo assunto e são cantadas pela mesma melodia. Quadras soltas, a forma typica e quasi unica do lyrismo popular da peninsula no seu segundo periodo, desde o seculo XV,[1]) mas de que infelizmente não ha exemplos autenticos anteriores ao seculo XVI.[2])

Festejam o Sam João". Na noite de 23 a 24 de Junho, ainda ha pouco todo o mundo se conservava a pé para ver bailar o sol, ter parte nas virtudes das aguas, dos orvalhos e das hervas, colhidas a meia-noite ou ao nascer o sol, e para se entreter com feitiçarias recreativas. Ha cantigas nos mananciaes citados, e na *Rev. Lus.* IV, p. 5, 50, 190 etc.

1) Vid. *Grundriss* II^{b}, *Portug. Litt.*, §§ 18—20.

2) Ha algumas intercaladas como centões nas obras dos Quinhentistas, e que hoje ainda correm de boca em boca. Sirva de exemplo nas Redondilhas de Camões a que principia:

Coitadinho do que morre,
se ao paraiso não vai.

Ouvi-a cantar em Ponte de Lima com a continuação vulgar:

O que fica logo come
e da magoa se desfai.

Depois verifiquei a sua existencia no *Canc. Gallego*, ao qual pertence.

§ 425. Em alguns recantos afastados do Norte de Portugal, nos districtos de Moncorvo e Bragança (Tras-os-Montes), riquissimas minas de antiguidades, é que se conservam todavia exemplares de outro typo e estylo evidentemente archaïco. Pela semelhança da sua estructura — que logo nos ha de occupar — com a dos cantares menos palacianos dos Cancioneiros medievaes conhece-se que derivam do primeiro periodo, cujos inicios se perdem na noite dos tempos, mas que durou viçoso até ao seculo XIV. Córos de räparigas cantam-os em toadas velhas nas fainas campestres (segas e mondas), mas tambem ao sahir da missa no terreiro da igreja. Entre quatro especimes, colhidos em 1882,[1]) ha um que directamente se refere a uma ermida do santo-casamenteiro das moças. Os córos entoam juntos o refram. Os disticos, que compõe duas versões entrelaçadas e parallelas do mesmo thema (*A* e *B*) são cantados alternadamente, verso a verso, e interrompidos pelo Refram.[2])
E diz:

$\mathbf{R}^1$ *Santo Antonio, quero te eu adorar*
^{2} *pois os meus amores querem me deixar,*[3])

Voz $\mathbf{A}^1$ *Santo Antonio d'aqui d'esta villa*
$\mathbf{B}^1$ *Santo Antonio d'aqui d'esta praça*

$\mathbf{A}^2$ *quer que lhe pintem a sua ermida*
$\mathbf{B}^2$ *quer que lhe pintem a sua oraga*

$\mathbf{A}^3$ *de ũa pinturinha mui linda*
$\mathbf{B}^3$ *de ũa pinturinha mui clara,*

— thema que constitue uma simples *triada* como as dos cantares de pandeiro, e aproxima-se da dança-prima pela recitação monosticha, mas que é facil transpôr em disticos:

$\mathbf{A}^1$ { *Santo Antonio d'aqui d'esta villa*
quer que lhe pintem a sua ermida

$\mathbf{B}^1$ { *Santo Antonio d'aqui d'esta praça*
quer que lhe pintem a sua oraga

---

1) Cf. § 67 d'este Volume.

2) Na transcripção publicada por Leite de Vasconcellos, segundo informações de um amigo (*Annuario*, p. 19ss.), $\mathbf{R}^2$ é repetido depois de $\mathbf{A}^1$ $\mathbf{A}^2$ $\mathbf{B}^2$ $\mathbf{B}^3$ e $\mathbf{R}^1$ e ^{2} depois de $\mathbf{B}^1$ e $\mathbf{A}^3$. Mas como a contextura do canto não é facil de apanhar de ouvido, principalmente para quem desconhece os typos medievaes, não estando versado em musica, é bem possivel que a indicação seja inexacta e que o refram inteiro seja repetido depois de $\mathbf{B}^1$, ^{2} e ^{3}. — Cfr. Th. Braga, *Poesia Popular,* 2ª ed. p. 171 e Ballesteros, Vol. I, p. XXIXs. O assunto requer nova investigação *in loco.*

3) Não sei se me engano, reconhecendo nelle lamentos abafados e promessas encobertas de raparigas que receiam abandono do namorado desleal.

A² { *Quer que lhe pintem a sua ermida*
de ũa pinturinha mui linda

B¹ { *Quer que lhe pintem a sna oraga*
de ũa pinturinha mui clara.

Entre outros sete cantares, recentemente colhidos em Parada (Bragança) pelo benemerito investigador Dr. Leite de Vasconcellos, e ainda ineditos, ha um de serranas, tambem sobre assunto sacro. Principia:

R¹ *Naquela serra, nace uma estrela*
² *Oh minha mãe, deixae-me ir a vê-la.*

Voz A¹ *Naquela serra erguida*
estava a Virgem Maria,
B¹ *Naquela serra alçada*
estava a Virgem sagrada, etc.[1])

Logo voltarei a ella. — Á epoca de transição do primeiro periodo ao segundo talvez pertença uma amostra conservada por acaso num manuscripto do sec. XVII. A meu ver, ella reune os caracteristicos de ambas. Composto de quadras communs, á moderna (*xaxa*), esse canto de romaria a Nossa Senhora do Porto (Braga), proprio para ser cantado no caminho por ranchos de devotos foliadeiros — como verdadeiro *canto de ultreia* — consta, como o de Rebordainhos, de duas versões encadeadas e de refram, á moda antiga:

Minha Senhora do Porto, dizem as vossas amigas
que vades pera mais longe, e irão lá todos os dias.

Minha Senhora do Porto, dizem as vossas devotas
que vades pera mais longe, e irão lá todas as horas.[2])

E assim por deante, em mais duas vezes duas coplas,[3]) acompanhadas do estribilho:

Senhora do Porto, tão bem estreada,
posta de mais longe, tem graça dobrada.[4])

---

1) Mais abaixo citarei exemplos que não são de romaria.

2) É ironia. O afamado logar de romaria, muito visitado nos dias 6 e 7 de Agosto, por gente não só da vizinha Braga mas tambem de Guimarães, Vizella, Santo Thyrso, dista bastante d'estes ultimos logares, de sorte que os festeiros chegariam estafados ao seu destino, se não fosse o enthusiasmo. *Quem corre por gosto, não cansa.*

3) Em logar das toantes em *ó-a* temos uma vez *é-a*, irregularidade que, longe de surprehender, é naturalissima em creações populares e se dá em muitos *cantares de amigo* do Cancioneiro.

4) *Rev. Lus.* VI, p. 383s.

Com esse cantico devemos conferir algumas series vivas de coplas dedicadas a N. S. do Couto,[1]) N. S. da Lomba,[2]) e ao Senhor do Calvario.[3]) Posto que não constem de versões parallelas, são d'aquellas que pelo emprego do facillimo e rudimentar systema das repetições, regulares ou irregulares, se desdobram de simples quadra em canção.[4])

Na obra de Gil Vicente ha, além de numerosissimas allusões a romarias e feiras, muitos cantares em estylo popular do primeiro periodo. O mais caracteristico, por ser positivamente cantado com devoção por dois córos de moças serranas,[5]) para dar fim a uma *Feira* imaginaria, é uma *folia* de Nossa Senhora.

R[1] *Branca estais [e] colorada,*
R[2] *Virgem Sagrada.*[6])

Côro A. *Em Belem, villa do amor,*
da rosa nasceo a flor,
Virgem sagrada.

Côro B. *Em Belem, villa do amar,*[7])
nasceo a rosa do rosal,
Virgem sagrada.

Côro A. *Da rosa nasceo a flor,*
Jesus,[8]) *nosso Salvador*
Virgem Sagrada.

Côro B. *Nasceo a rosa do rosal,*
Deos e homem natural
Virgem sagrada.

§ 426. Vejamos agora os cantos de romaria dos Cancioneiros medievaes. Dos dezanove grupos de poesias que merecem esse nome,[9]) cada um é obra individual de um auctor determinado.

1) *Rev. Lus.* VI, p. 255; umas nove quadras.

2) Ib. VI, p. 257.

3) Ib. VI, p. 258.

4) Excluo de proposito a canção de *N. S. do Desterro,* na Serra da Estrella, communicada primeiro por A. Pimentel em *A Musa das Revoluções* (1885) e ultimamente por Th. Braga na *Poesia Pop.,* p. 258, porque, cheia de reminiscencias viriaticas, tem todos os visos de invenção literaria moderna. Parece-me ser irmã-gemea e rival do apócrypho *Romance do Monte-Medulio,* considerado pelos gallegos como padrão de gloria antiga. Cfr. Leite de Vasconcellos, *Poesia Amorosa,* p. 77.

5) As moças do monte — creio que da Serra da Estrella (vid. Gil Vic. II, p. 177) — são nove (p. 176). Mas como apparecem na companhia de tres mancebos, pode ser que um côro fosse de nove e o outro de tres vozes.

6) Na impressão de Hamburgo, o primeiro côro canta o Refram e o 1° distico. É mais provavel que o Refram pertença a todos.

7) *Amor* na ed. de Hamb.

8) *Pera* na ed. de Hamb.

9) Nome especial não existe, provavelmente porque entre os cantos relativos a santos e santuarios, e as alvoradas, barcarolas, marinhas, bai-

Pre-alfonsino, alfonsino ou dionysiaco.[1]) Nem uma só das cincoenta a sessenta cantigas que os constituem,[2]) é anonyma, como as verdadeiras poesias populares.[3])

---

ladas e mais generos de *sons d'amor*, não ha limites fixos, conforme tenho exposto na *Rev. Lus.* III, p. 347 e V, p. 55, e na *Port. Litt.*, p. 153. Nos artigos citados regeitei a denominação *canto de ledino*, inferida de um passo deturpado do *Crisfal*, e relativo a um cantar de romaria do sec. XV, apesar de ella ser muito do agrado de Th. Braga, Monaci e Menendez y Pelayo.

1) Pre-alfonsino, do tempo de Fernando III, é p. ex. o jogral *Lopo*, conforme deixei dicto a p. 628. Na cantiga **CV 854**, esse auctor falla do monarca, conquistador da peninsula „de mar a mar", em cuja casa andava. Alfonsinos são os dois magnates citados no texto (comquanto ambos tivessem começado a distinguir-se perto de 1245) e talvez *João Zorro* que vivia na côrte de Alfonso III, assim como *Ayres Corpancho, Nuno Fernandes Torneol* e *Pedr' Annes Solaz*, auctores de lindissimas alvoradas e barcarolas, conforme se disse nas suas Biographias. Dos poetas do **CA** são auctores de cantos de romaria, além dos dois magnates, apenas *Ayres Corpancho* e *Nuno Fernandes*. Quanto a cantares de amigo em geral, já expliquei no Capitulo VII que não sabemos por ora, quaes pertencem á era de D. Denis; mas como o proprio monarca cultivou com predilecção generos *rusticos*, incluindo a bailada, é provavel que outros seguiriam o mesmo rumo. Tomemos nota de que Th. Braga defende ainda hoje a ideia (tambem por mim patrocinada em tempos, mas de ha muito abandonada) que os cantares de feitio popular pertencem *todos* ao reinado de D. Denis e significam reacção contra os artificios esgotados da escola provençalesca. Á vista dos resultados novos a que cheguei, essa concepção é insustentavel.

2) São mais, ou são menos, conforme a maneira de encarar a questão. A invocação de um santo, como a de Santiago (**CV 429**), a citação de terras gallizianas, a visita de igrejas e ermidas pode ser independente de romarias; e pelo contrario ha cantos de romaria sem esse distinctivo usual. Na lista que se segue, ponho os duvidosos entre parentheses.

3) Neste caso estão apenas alguns dos *cantarcillos* intercalados em pastorelas ou empregados como mote ou refram de bailadas. Na pastorela **CV 454** ha dois:

1°) *So-lo ramo verde florido*
vodas fazen ao meu amigo;
e choran olhos d' amor.

2°) *Ay estorninho do avelanedo,*
cantades vos, e moir' eu e peno,
d' amores ei mal.

Em **CV 457** 3°) *Venhan as barcas pelo rio a sabor.*

A estes ha que juntar os seguintes:

4°) *Deus, ora vẽesse o meu amigo*
e averia gran prazer comigo (**CV 278**).

5°) *Nunca molher crea per amigo*
pois s'o meu foi e non falou migo (**CV 278**).

6°) *Ay Amor! leixedes m' oje de so-lo ramo folgar*
e depois treides vos migo meu amigo demandar (**CV 751**).

7°) *O pee d' ũa torre*
baila corpo lijoo: (?)
vede-lo cos, ay cavaleiro (**CV 1043**).

A. Cantos de romaria.

I. Aires Corpancho.

CV 265* Por fazer romaria pug'en meu coraçon
ir a *Santiagu'* un dia por fazer oraçon
e por veer meu amigo logu'i (vid. p. 826 deste Vol.).

II. Pero Viviães.

CV 336 Pois nossas madres van a *San Simon*
de Val de Prados candeas queimar,
nos, as meninhas, punhemos d'andar
com nossas madres, e elas enton
queimen candeas por nos e por si,
e nos meninhas bailaremos i.

III. D. Affonso Lopes de Baião.

CV 339 Fui eu, fremosa, fazer oraçon
non por mia alma, mais que viss'eu i
o meu amigo, e poi'-lo non vi,
vedes amigas, se deus mi perdon,
gran dereit' é de lazerar por en
pois el non vẽo, nen a ver meu ben.

CV 341* Ir quer' og' eu, fremosa, de coraçon
por fazer romaria e oraçon
a *Santa Maria das Leiras,*
pois meu amigo i ven.

CV 342* Disseron-m' ũas novas de que m'é mui gran ben:
ca chegou meu amigo, e se el ali ven,
a *Santa Maria das Leiras*
irei, velida, se i ven meu amigo.

IV. Pay Gomes Charinho.

CV 429* Ay *Santiago,* padron sabido,
vos mi adugades o meu amigo! (vid. p. 268 e 826.)

V. Mendinho.

CV 438* Sedia-m'eu na ermida de *San Simion*
e cercaron-mi-as ondas que grandes son,
eu atendend' o meu amigo!
eu atendend' o meu amigo!

VI. Pero de Dardia.

CV 709 Sanhudo m'é meu amigu' e non sei ...
— — — — — — —
Quando m'el vir en *Santa Marta* estar
mui fremosa, meu amigo ben leu
querrá falar migo ...

8°) *Vos avede-los olhos verdes*
et matar-m' iades con eles (**CV 1062**).
4—5 parecem palacianas. Mesmo nos casos restantes a falta do nome do auctor não prova origem popular. Na pastorela **CV 454** ha dois *cantarcillos* intercalados de auctores conhecidos (**CV 245** de *Nuno Fernandes Torneol,* e **CV 757** de *João Zorro*).

CV 710 Jurava-m' o meu amigo . . .
Foi un dia polo veer
a *Santa Marta* e mãer (ou: eno ler)
u m'el jurou que morria
por mi, mais non mi queria
tan gran ben como dizia.

CV 712 Assanhou-s' o meu amigo . . .
Enviar quer' eu, velida,
a meu amigo que seja
en *Santa Marta* na ermida
migo led' e i me veja
se quiser; e se non, ande
sanhud' e non me demande!

VII. Pero de Veer.

CV 722* A *Santa Maria* fiz ir meu amigo
e non lh' atendi eu o que pos comigo!
Con el me perdi
porque lhi menti! (Cfr. 721 *Santa Maria* 720 *Juilhan.*)

CV 723* Do meu amig' o que eu quero ben,
guardan-me d'el e non ouso per ren
a *Santa Maria* ir.

VIII. Bernal de Bonaval.

CV 731* Diss' a fremosa en Bonaval assi:
„ay deus u é meu amigo d'aqui
de Bonaval?"
Cuid' eu coitad' eno meu coraçon
porque non foi migo na *sagraçon*
de Bonaval (cfr. 732. 733).

IX. Joan Servando.

CV 734 Quand' eu a *San Servando* fui un dia d'aqui
fazê'-la *romaria* e meu amigu' i vi etc.

CV 735 Ir-se quer o meu amigo, non me sei eu d'el vingar.
— — — — — — — — —
Foi el fazer noutro dia oraçon a *San Servando.*

CV 736* A *San Servand'* en oraçon
foi meu amigu' e porque non
fui eu, choraron des enton
estes meus olhos con pesar.

CV 737* A *San Servando* foi meu amigo
e porque non vẽo falar migo,
direi-o a Deus
e chorarei dos olhos meus.

CV 738 Ora van a *San Servando* donas fazer *romaria.*

CV 739 A *San Servand'* u ora van todas orar,
madre velida, por Deus vin vo'-lo rogar
que me leixedes alá ir etc.

CV 740* Se meu amigo a *San Servando* for
e lh' o Deus aguisa polo seu amor,
i'-lo quer' eu, madre, veer.

CV 741* Mia madre velida, e non me guardedes
d'ir a *San Servando,* ca se o fazedes,
morrerei d'amores.

CV 742* Trist' and' eu, velida, e ben vo'-lo digo
porque mi non leixan veer meu amigo;
poden m'ora guardar,
mais non me partiran de o amar.

CV 744* Fui eu a *San Servando* por veer meu amigo
e non o vi na ermida, nen falou el comigo,
namorada! (cfr. **743**, **744**, **748** *Par San Servando.*)

CV 747 Disseron-mi ca se queria ir
o meu amigo porque me ferir
quiso mia madre ...
A *San Servando* foi en oraçon
en que o viss' e non foi el enton ... (cfr. **746**).

CV 749 Donas van a *San Servando* muitas og'en romaria.

CV 750 Ir vus queredes, amigo ...
A *San Servand'* irei dizer
que me mostre de vos prazer.

X. Nuno Fernandes (Torneol).

CV 805 Desquando vos fostes d'aqui ...
E fui eu fazer oraçon
a *San Clemenç'* e non vus vi

CV 806* *San Clemenço* do mar,
se mi d'el non vingar,
non dormirei.

CV 807* Non vou eu a *San Clemenço* orar e faço gran razon
ca el non mi tolhe a coita que trago no meu coraçon,
nen m'aduz o meu amigo,
pero lh' o rogu' e lh'o digo.

CV 808 Estava-m'en *San Clemenço* u fora fazer oraçon
e disse mi-o mandadeiro que mi prougue de coraçon:
agora verrá 'qui voss' amigo.

XI. Martin Pedrozellos.

CV 848 Por Deus que vos non pes,
mia madr' e mia senhor,
d'ir a *San Salvador,*
ca se oj' i van tres
fremosas, eu serei
a ũa, ben o sei (cfr. **CV 844** e **847** *Valongo;* **845** e **850** *San Salvador;* **846** *San Salvador de Valongo*).

CV 851* Id', ai meu amigo, led' a *San Salvador,*
eu vosqu' i irei leda, e pois eu vosco for,
mui leda irei, amigo,
e vos ledo comigo.

XII. Lopo jograr.

CV 858 Por Deus vos rogo, madre, que mi digades
que vus mereci que mi tanto guardades
d'ir a *San Leuter* falar con meu amigo (cfr. **857**, **859**, **860**).

XIII. Golparro.

CV 872 Mal faç' eu, velida, que ora non vou
veer meu amigo, pois que me mandou
que foss' eu con el ena *sagraçon*
fazer oraçon a *San Treeçon;* (?)
d'ir ei coraçon
a San Treeçon.

XIV. Joan de Cangas.

CV 873 En *San Mamed'* u sabedes
que viste'-lo meu amigo,
oj' ouvera seer migo!
Mia madre, fé que devedes,
leixedes-mi-o ir veer.

CV 874 Fui eu, madr' a *San Mamed'* u me cuidei
que vẽess' o meu amigu' e non foi i.

CV 875 Amigo, se mi gran ben queredes,
id'-a *San Mamed'* e veer-m' edes;
oje non mi mençades, amigo.

XV. Martin de Giizo (?)

CV 877 Se vus prouguer, madr', oj' este dia
irei oj' eu fazer oraçon
e chorar muit' en *Sancta Cecilia*
d'estes olhos meus e de coraçon.

CV 878 Treydes, ay mia madr', en romaria
orar u chaman *Sancta Cecilia,*
e louçana irei,
ca ja i est o que namorei
e louçana irei.

CV 879* Non poss' eu, madre, ir a *Sancta Cecilia*
ca me guardades a noit' e o dia
do meu amigo.

CV 880 Ay vertudes de *Sancta Cecilia.*

CV 881 Non mi digades, madre, mal se irei
vee'-lo sen verdade que namorei
na ermida do *Soveral.*

CV 882 Nunca eu vi melhor ermida nen mais sancta.

XVI. Martin Codax.

CV 886* Mia irmana fremosa, treides comigo
a la igreja de *Vigo* u é o mar salido,
e miraremo'-las ondas (cfr. **884**—**888** e **890**).

CV 889 Eno sagrad' en *Vigo*
bailava corpo velido;
Amor ei.

XVII. Ayras Paes.

CV 891 Quer' ir a *Sancta Maria de Leça,* e irmanas, treides migo!
e verrá o namorado de bon grado falar migo:
quer'ir a Sancta Maria de Leça.

CV 892 Por ve'-lo namorado que muit' á que eu non vi
irmana, treides comigo, ca me dizen que ven i
a *Sancta Maria de Leça.*

XVIII. Fernan do Lago.

CV 893 D'ir a *Sancta Maria do Lago* ei gran sabor
e pero non irei alá, se ant' i non for,
irmana, o meu amigo.

XIX. Joan de Requeixo.

CV 894 Fui eu, madr', en romaria a *Faro* con meu amigo
e venho del namorada por quanto falou comigo,
ca mi jurou que morria
por mi, tal ben mi queria.

CV 895 A *Far'* un dia irei, madre, se vus prouguer.

CV 896 Pois vos, filha, queredes mui gran ben
voss' amigo, mando-vo'-l'ir veer;
pero fazede por mi ũa ren
que aja sempre que vus gradecer:
non vus entendan per ren que seja
que vus eu mand'ir u vus el veja (*Faro* na estr. 2ª).

CV 897 Atender quer' eu mandado que m' enviou meu amigo
que verrá en romaria a *Far'* e veer-s'á migo.

CV 898 Amiga, quen oje soubesse ...
E foi mig' outra vegada.
Atende'-lo ei, velida,
fermosa e ben talhada
en *Far'* ena ermida.

Cfr. Jeanroy, p. 159ss., 326. O cantar que principia: *Quand' eu un dia fui en Compostela | En romaria, vi ũa pastor* é pastorela, á maneira de França, e não canto de romaria. A distancia de uma a outra não é, todavia muito grande.

B. Bailadas.

CV 161 Bailemos agora por deus, ay velidas

CV 462 Bailemos nos ja todas tres, ay amigas

CV 195 Mia madre velida,
vou-m'a la bailia
do amor

CV 464 Bailade oj', ay filha, que prazer vejades.

Cf. **CV 796, 336.**

Os auctores principaes são todavia, como se vê, homens do povo galliziano. Ao lado de um *Lopo, Golparro,*[1] *Martim Codax,*

1) De *Golpe* < *vulpis.*

João de Cangas, evidentemente de origem humilde, figuram apenas dois nobres, já nossos conhecidos: o almirante da Galliza *Pay Gomes Charinho,* e o magnate português *D. Affonso Lopes*, de Baião, no Baixo-Douro. Todos tributam homenagem só a um santo, como se por costume e patriotismo local concorressem todos os annos ao mesmo santuario. É mesmo o nome do santo, do santuario, ou da terra onde o veneravam, acompanhado do vocabulo *romaria,*[1] *sagraçon,*[2] *sagrado,*[3] *igreja,*[4] *ermida,*[5] que serve de distinctivo ao genero. Está claro que os nomes geographicos são da terra classica das romarias, a Galliza, na lata accepção archaïca do termo: villas e aldeolas ao Norte do Minho, como Vigo, Faro, Soveral, Bonaval; ou na provincia de Entre Doiro e Minho, como Vallongo, S. Maria das Leiras, S. Maria de Leça.[6] Santuarios de fama meramente local, como ás das quadras gallegas que transcrevi mais àcima.

Com relação ao conteudo, as cantigas medievaes divergem das modernas. Nenhuma se refere ao S. João ou a outras festas religiosas geraes como as portuguesas que apresentei. Nenhuma é propria para ser cantada na igreja, no adro ou na estrada por córos de peregrinantes, como os cantos de *ultreia,* os versos de Nossa Senhora do Porto, e tantas modernas quadras festivas. Nenhuma exhala fervor religioso, puro e desinteressado. Nem tão pouco as ha simplesmente escarnecedoras ou torpes.

Os costumes que retratam, são ignaes aos de hoje com pequenas differenças. Ha orações, lagrimas, ais, promessas e offertas de velas (candeias).[7] Fim principal da romaria, objectivo de todas as

---

1) **CV 265, 341, 734, 741, 841, 878, 879, 894; 738, 739** e **749** (romaria de donas). Não me refiro ás canções de escarnho relativas a romarias ao Ultramar e a Rocamador, nem ás que apenas alludem a Compostella como **CV 689.**

2) **CV 731** e **872.**

3) **CV 889.**

4) **CV 886.**

5) **CV 712, 744, 880, 881, 883, 894.**

6) Sómente Val de Prados, com a ermida de San Simão parece ser uma localidade ao pé de Segovia, ou em Tras-os-Montes.

7) *Queimar candeias,* como acto de devoção occorre nos cantos **CV 265, 336, 339, 807, 808, 877.** — Vid. Sousa Viterbo, *As Candeias em Portugal,* em *Portugalia II.* Está claro que as *candeias,* levadas aos santuarios por peregrinas medievaes, eram verdadeiras *candelas* de cera, e não luzernas de azeite. As *candeias* substituem as *faculae* dos cultos antigos, nem é preciso lembrá-lo.

demonstrações devotas é a entrevista dos namorados.[1]) O santo, comquanto não seja S. João, nem S. Antonio, nem S. Gonçalo, parece não ter outro mester senão o de favorecer os namorados, fazendo-os vir no prazo concertado.[2])

É typica a galleguinha que já apresentei ao leitor por duas vezes, no acto de implorar o santo de Compostella:

Ay Santiago, padron sabido,
vos mi-adugades o meu amigo![3]) (CV 429).

Outra lisonjeia S. Clemenço:

ca se el m' adussesse
o que me faz pẽad' andar,
nunca tantos estadaes[4])
arderam ant' o seu altar (CV 807).

Ainda outra confessa ingenuamente que não reza, nem queima cirios com a mira na sua propria salvação:

Fui eu, fremosa, fazer oraçon
non por mia alma, mais que viss' eu i
o meu amigo . . . (CV 339).

A festa é boa, a romeira volta alegre e grata, sómente se o namorado a acompanhou,[5]) se se lhe juntou no caminho, ou surgiu no santuario, tendo os dois então ensejo de mutuamente descobrirem todo o seu coração. Nesse caso ella traz que contar á mãe, ás manas e amigas. Por muito tempo anda *leda dos amores! leda and' eu!*[6])

1) Pretexto é o cumprimento de deveres religiosos: as romeiras pretendem *ir orar* (739, 807); *veer* o santo (841); *fazer oraçon* (339, 341, 735, 805, 808, 872, 877, 896); *ir en oraçon* (736, 747). Escuso repetir que *igreja* e *adro* não são os unicos logares de entrevista. Temos outros ao pé da fonte (790), no monte (791), na ribeira do rio (760), na praia por occasião do banho (719), no prado sob arvores floridas, mas tambem longe da vila (728), em geral em sitios de antigos cultos (*designata loca gentilium*). A entrevista mais significativa, solemne por ser publica, era e é todavia a dos dias santos.

2) Temos *aduzir, aduzer* nos cantos CV 339, 807, 878, 887. Cfr. 631.

3) Quem o detem é em geral, el-rei.

4) *Estadaes;* e não *estandaes* nem *estendaes,* como alguns editores imprimiram. *Estadal* é equivalente do moderno *bitola.* Trata-se portanto de *cirios,* do tamanho maximo que era fabricado nos tempos antigos.

5) Vid. CV 734.

Quando eu a San Servando fui un dia d' aqui,
que bõa romaria con meu amigo fix' i.

Cfr. 894 e 339.

6) A palavra *leda* é freqüente nos cantos de romaria (vid. p. ex. CV 339, 731, 734, 739, 851, 878, 894), mas de modo algum caracteristica ou privativa. Derivar d'ella o titulo de *cantos de ledino* é procedimento inaceitavel.

Se houver contratempos, se o santo não for complacente, faz queixa a Deus, (**CV 737**), geme e chora:

> *Fui eu a San Servando por veer meu amigo*
> *e non o vi na ermida, nen falou el comigo. Namorada!* (**CV 744**).

Despeitada jura vingar-se, nem ella sabe bem se do amante ou do intermediario:

> *San Clemenço do mar,*
> *se mi del non vingar',*
> *non dormirei.*
> *San Clemenço senhor,*
> *se vingada non for,*
> *non dormirei* (**CV 806**).

As promessas transformam-se em ameaças e bravatas como a seguinte:

> *Non vou eu a San Clemenço*
> *orar, e faço gran razon,*
> *ca el non mi tolhe a coita*
> *que trago no meu coraçon,*
> *nen m' aduz o meu amigo* (**CV 807**).

As numerosas cantigas em que a namorada se dirige, não ao santo nem ao amigo, mas á mãe ou ás amigas e *irmanas,*[1]) e ora lhes conta occorrencias e expõe projectos, ora pede licença para ir á igreja, quer com a mãe,[2]) quer em companhia de outras donas e donzelas, ora se queixa do zelo importuno com que é retida e presa em casa, ou duramente castigada,[3]) ora promette ser no futuro docil e obediente — essas aproximam-se muito dos restantes cantares d' amigo, ou *sons d'amor,* em que a entrevista não é official e domingueira.

O mesmo vale das jaculatorias em que, em soliloquio, lamenta crueldades da mãe, ou deslealdades do amante, se arrepende de, por amuo caprichoso, ter faltado a uma entrevista, ou recorda scenas que a impressionaram profundamente. Eis uma das mais bellas, amostra unica do talento do jogral *Mendinho.* A namorada está sentada ao pé d'uma capellinha sobre um rochedo isolado á beiramar:

---

1) Vid. p. ex. **CV 339, 709—712, 722, 744, 805.**

2) Ouçamos apenas a freqüentadora de São Simão de Val de Prados:

> *Se vus prouguer, madre, d' esta guisa*
> *irei alá mias candeas queimar*
> *eno meu mant' e na mia camisa*
> *a Santa Cecilia ant' o seu altar.*

3) *Ferida, mal-ferida, malhada,* conforme explico em outro lugar.

Sedia-m' eu[1]) *na ermida de San Simion*
e cercaron-mi as ondas que grandes son;
eu atendend'' o meu amigo
eu atendend' o meu amigo.

Estando[2]) *na ermida ant' o altar,*
cercaron-mi-as ondas grandes do mar;
eu atendend' o meu amigo
eu atendend' o meu amigo.

E cercaron mi-as ondas que grandes son,
e non ei barqueiro nen remador.

Cercaron mi-as ondas do alto mar,
e non ei barqueiro nen sei remar.

Non ei barqueiro nen remador,
e morrer ei, fremosa, no mar maior.

Non ei barqueiro nen sei remar,
e morrerei, fremosa, no alto mar.

Jeanroy ao ouvir essa poetica confissão, julgou estar em frente de um sonho phantastico, cheio de vago mysterio, superior á bitola poetica do povo. „Perdues dans une contemplation extatique elles rêvent qu' elles sont entraînées par le flot.“[3]) Se elle conhecesse na costa portuguesa ermidas verdadeiras em rochedos alcantilados como o Senhor da Pedra, entre Valladares e Granja; se soubesse que essa romaria é no domingo depois do Espirito Santo uma das mais concorridas, caracteristicas e populares dos suburbios do Porto,[4]) e que o santuario é visitado durante todo o verão por devotos enthusiasticos do mar; se lá estivesse uma vez, como estive, esquecendo-me da jusante, enlevada no espectaculo grandioso do oceano, e ficando positivamente cercada das ondas, como a galleguinha de ha oito seculos; se de mais a mais reflectisse que a cada Senhor da Pedra, digo que a cada ermida em rochedo á beiramar pertence um altar de Simão-Pedro, talvez então adoptasse a opinião que tambem nesse caso a vida real foi inspiradora de poesia.

§ 427. Poucos são os cantos de festa em que é thema unico a dança primaveril de meninas namoradas. Ainda assim, ha alguns

1) *Seria,* não me pareco popular. — O parallelismo da estrophe 2ª exige o verbo *seder,* forma gallego-castelhana do português *seer.* Cfr. **CV 321:** *Sedia a fremosa, seu fuso torcendo.*

2) Supponho que o original diria: *estava* — e depois: *e cercaron.*

3) Ha *sonhos* e visões bellas tanto no Cancioneiro medieval como nos populares. Mas sempre são claramente caracterizados como taes, e o assunto do sonho é mais realistico.

4) Os chapeus dos romeiros, enfeitados com ramos de camarinhas, dão-lhe feição especial e sabor agreste.

em que ellas surgem, festivamente trajadas, e largam os mantos afim de bailarem em presença dos amigos, apparecendo em corpinho em toda a sua graça juvenil.[1])

Uma formosinha, que deseja ir á festa de San Simão de Val de Prados, proclama os seus planos de folga, cantando:

Nossos amigos iran por cousir
como bailamos, e poden veer
bailar moças de mui bon parecer.
E nossas madres pois lá queren ir
queimen candeas por nos e por si
e nos, meninhas, bailaremos i (CV 336).

Outra lembra-se do seu baile primeiro no dia em que se namorou:

Eno sagrad' en Vigo
bailava corpo velido.
Amor ei!
Em Vigo no sagrado
bailava corpo delgado.
Amor ei! (CV 889).

Outra, mais desenvolta, por ter respirado o ar da côrte dionysiaca, entrega-se de ante-mão, mentalmente, ao prazer da dança:

Mia madre velida,
vou-m' a la bailia
do amor;
Mia madre loada,
vou-m' a la bailada
do amor! (CV 195)[2])

Filhas levianas são reprehendidas porque se enfeitaram e foram á festa, sem auctorização da mãe e voltaram desgraçadas:

Fostes, filha eno bailar
e rompestes i o brial
— — — — —
que fizestes a meu pesar (CV 796).

Uma mãe, satisfeita com a escolha, pensa em prender o pretendente com laços sensuaes e recommenda á sua prole:

Bailade oj', ay filha, que prazer vejades,
ant' o vosso amigo que vos muit' amades;
Por Deus, ay mia filha, fazed' a bailada
ant' o vosso amigo de so-la mil-granada! (CV 464).[3])

---

1) *En cos* (CV 336 v. 9, onde Th. Braga, deturpando a medida e o sentido, põe *sós* ou *en saia* (CA 38 e 62).

2) CD Nº CXVI.

3) Nestes ultimos tres casos, não ha allusão alguma á festa celebrada. Vejam-se tambem as cantigas CV 1043 e 1062. A bailada dos *olhos verdes*

Mais raras ainda são as verdadeiras bailadas, em que uma namorada chama as irmans, ou as amigas e companheiras, para irem começar a festa. Possuimos duas, cujo ritmo revela o seu destino. Versões diversas de um mesmo original, são as mais importantes de todas as cantigas, consideradas como creação popular por quasi todos os investigadores.[1] O jogral *Zorro* apresenta o texto mais curto: só dois disticos parallelos, como nas folias de Gil Vicente e como ainda hoje é uso em muitas muinheiras:

Bailemos agora por Deus, ay velidas,
so aquestas avelaneiras frolidas!
E quen for velida, como nos velidas,
se amigo amar',
so aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.
Bailemos agora por Deus, ay loadas,
so aquestas avelaneiras granadas!
E quen for loada como nos loadas,
se amigo amar'
so aquestas avelaneiras granadas
verrá bailar (**CV 761**).

Ao illustrado clerigo *Ayras Nunes* é attribuida a redacção mais extensa e mais cuidada, para não dizer mais palaciana. Em logar de duas variações, elle apresenta tres que pelas rimas se destacam intencionalmente do refram:

Bailemos nos ja todas tres,[2] *ay amigas,*
so aquestas avelaneiras frolidas.
Bailemos nos ja todas tres, ay irmanas,
so aqueste ramo d'estas avelanas.
Por Deus, ay amigas mentr' al non fazemos,[3]
so aqueste ramo frolido bailemos (**CV 462**).

O refram é o mesmo de Zorro. Na variação segunda temos *louçanas louçana.* A terceira muda para o teor seguinte:

---

em que não occorre allusão á dança, podia fazer suppôr que *bailada* era designação de todas as poesias em disticos assonantados.

1) Se assim fosse, haviamos de considerá-las como versões do canto tradicional mais bello, usual no sec. XIII nas danças primaveris, retocado por isso mesmo por dois poetas que documentaram a sua individualidade artistica principalmonte na parte musical.

2) No **CV** ha abreviatura: *ts.* A solução *todas,* admittida por todos os meus predecessores, parece-me inadmissivel. A lição do **CB** talvez resolva a questão.

3) Allusão a jogos tradicionaes, cujo preludio a ronda das namoradas era?

E quen ben parecer como nos parecemos,
se amigo amar',
so aqueste ramo so-lo que nos bailemos,[1]
verrá bailar![2]

§ 428. Os caracteristicos principaes dos cantos de romaria e das bailadas primaveris não lhes são privativas. Compartilham-os com as alvoradas, barcarolas, marinhas, serranas, pastorelas e em geral com os *sons d'amor* feminino, ou *cantares d'amigo* na terminologia antiga, os quaes constituem a Segunda Parte do Cancioneiro medieval, por mim chamada *Cancioneiro das Donas.* Pelos assuntos e pelo espirito, todos os cantares em que *ellas* fallam *d'elles* ou a *elles,* são mais ou menos populares. Pelas fórmas, só uma parte: a dos cantares de repetição em disticos (Cfr. § 430).

De ideias, todos são pobres. Themas simplicissimos, subordinados provavelmente á toada musical. Tão simples que nunca chegam a encher seis versos, e muita vez estão condensados em um só. Um pensamento, uma sensação d'amor, inspirada pelo espectaculo da natureza ou pela vida real dentro d'ella, pastoril ou maritima, é quanto enunciam. A aurora a despontar, aves que voam, cantam, pousam em ramos, refrescam o ardor da sua paixão amorosa; cervos do monte matando a sua sede, ou perseguidos pelos monteiros del rei; barcas a vogar no rio forte; navios que vão e vem; as ondas do oceano, tão proprias a symbolizarem as palpitações do coração humano, ora pulsando em rhythmo calmo, ora revolto com violencia pelas tormentas do ciume ou da ira, eis as inspiradoras da alma popular.

Como scenario: as ribas de um lago, uma ribeira, prados ou bosques.[3] Tudo isso desenhado a dois traços, repetidos com a suave e insistente monotonia da poesia primitiva. Arvores[4] e

1) Este subjunctivo não tem caracter popular.

2) O refram, extenso e meliodoso como poucos, tambem deve suscitar duvidas a respeito da origem rustica. Temos comtudo o expediente, licito, de o considerarmos como velho cantar, independente. Exactamente como muitos dos que hoje ouvimos cantar ora como estribilho de muinheiras e seguidilhas, ora como texto solto. Exactamente tambem como os *refrains* franceses, tão proficuamente examinados por Jeanroy.

3) Vergeis, laranjedos, rosaes com pastoras entretidas a colher flores ou a tecer grinaldas, *não* figuram em composições em estylo popular do sec. XIII. Apenas nas pastorelas artisticas de *D. Denis*, *D. João d'Aboim,* e do clerigo *Ayras Nunes* (**CV 454, 456, 150, 137, 102**).

4) Raras vezes a especie é designada. Apenas se falla de arvores rusticas como pinheiro, avelleira, romeira (*pino, avelaneira, milgrada*); e em passaros como rouxinol, estorninho e papagaio.

ramos, prados e hervas são sempre *verdes*, ou *floridas*. As *fontanas* são frias como as *manhanas;* o mar é alto, os cervos sedentos.

Como protagonistas temos personagens do povo, ou nobres em disfarce popular.[1]) Na primeira plana está a solteirinha namorada; só, ou em pequenos grupos de tres ou quatro.[2]) Um seu nome muito usado é *pastor*.[3]) Ao levar da alva — *quando saia l'albor* — *quando saia la raia do sol nas ribas do Sar* é que lava e estende as suas roupagens; mergulha nas aguas da incomporavel ria de Vigo ou na Foz do Douro;[4]) espalha ao sol as ondas do seu cabello sombrio; adormece sonhadora ao marulhar do Atlantico; vae á fonte buscar agua; torce o fuso; apascenta o gado; procura e encontra o amado longe da vila; baila no sagrado, *em cas* do amor, ou so-lo ramo verde florido; chora sepultada entre flores ou encostada ao pinheiro; canta ondequer que appareça: *d'amor, d'amor, d'amor, d'amor!*

Ao desabafar o seu jubilo — *leda dos amores* — ou das sus tristezas, saudades, iras e desillusões — *d'amores moir' eu* — dirige-se ás amigas ou á mãe; mas tambem ha companheiras mudas das suas expansões: cervas do monte, aves canoras, arvores floridas.

Não é cruel, orgulhosa, mesurada, intangivel e inattingivel como a *senhor* da canção aristocratica. A galleguinha dos cantares de amigo favorece o pretendente, faz-lhe bem, auctoriza-o a aproximar-

---

1) Mais de uma namorada é tratada de *dona d' algo* e de *senhor*; mais de uma usa de brial de seda, ata os cabellos com fio de *ouro*, ou de *sirgo*, senta-se no estrado, envia mandadeiros ao amado, promette aos santos velas luxuosas (candeas de Paris; *lume de Bogia*) e passeia nos vergeis de que fallei na nota supra.

2) Amigas ou irmãs.

3) As que os poetas apellidam *pastor* não são necessariamente guarda-cabras e filhas do povo. O facto que esse nome bucolico passou, na terra classica da poesia pastoril, a designar em linguagem poetica a moça namorada (respectivamente tambem o moço, cf. *zagal*) é em todo o caso demonstrativo da grande importancia que a vida pastoril teve nos tempos medievaes nas terras de Entre-Doiro-e-Minho e Além-Minho.

4) Banhos de mar eram o segundo genero de folguedos veranis em que a mocidade dos dois sexos e de todas as classes sociaes se reunia. Está claro que tambem foram combatidos pela Igreja. Cfr. Groeber, *Zur Volkskunde*, § 70: *ut viri cum mulieribus balneum non celebrent;* § 72: *ut viri cum mulieribus non laventur,* determinações que talvez se refiram ás estufas italianas, mas que tambem teriam applicação aos banhos nos rios e no Oceano. Ha indicios para crer que lhes davam o nome de *banhos do Amor* (em harmonia com *casa do Amor, bailia do Amor; arvore do Amor*).

se d'ella, a nomeá-la nas suas canções. Apesar d'este procedimento anti-palaciano, é em geral casta, recatada, virginal, contentando-se com o gosto de ver o seu amigo e de lhe fallar, ou quando muito de bailar e cantar em sua presença.[1])

Está claro que tambem ha verdadeiras amantes, apaixonadas, que acordam o amigo ao levar da alba,[2]) choram arrependidas,[3]) e gemem saudosas em noites de solidão.[4]) Nem tão pouco faltam perversas, de ingenuidade fingida; nem soberbas que amuam e de soqueixo levantado se vingam do conversado que faltou a uma entrevista combinada ou dirigiu fallas a outra. Mas a typica namorada do povo é virginal, meiga, doce, bemfazeja.

Atrás das solteirinhas estão as mães, rigorosas por obrigação natural e tradicional. O seu officio é guardar, precaver, admoestar, castigar quando as filhas se demoram na fonte ou na igreja, teimam em ir á romaria, ou voltam do bailado com o brial roto. Compassivas e favorecedoras do amante só por excepção e cálculo, mostram-se ciumentas e rivaes das filhas de longe em longe. O homem surge nessas poesias femininas apenas como amante.

§ 429. É essencial o traço que só o sexo feminino dançava e cantava em côro ao ar livre versos de amor nos dias festivos do mês dedicado a Venus e posteriormente a Virgem.[5]) Bem se vê,

---

1) É digno de nota que não só as canções senhoris mas tambem os dizeres de escarnho e os cantares de amigo parecem ignorar a existencia de beijos. Onde surgem primeiro na literatura peninsular, é na lyrica castelhana dos seculos XV e XVI. Da genese do costume — de modo algum tão generalizado e antigo como parece — não devo fallar aqui. Apenas lembrarei que em Castella diziam que a moda do beijo viera de França (Gallardo, *Ensayo* IV, c. 925); e que ainda hoje o povo occidental ora zomba de taes demonstrações affectivas, ora se indigna contra ellas.

2) Vid. **CV 242.**

3) **CV 760.** *Pela ribeira do rio salido*
trebelhei, madre, con meu amigo.
Pela ribeira do rio levado
trebelhei, madre, con meu amado.

O refram, talvez anteriormente cantar independente, diz:

Amor ei migo | que non ouvesse!
Fiz por amig' | o que non fezesse!

Cfr. **CV 796** e **507.**

4) **CV 771, 772, 782, 415.**

5) Quanto a essas, o povo diz:
Se cantar (respectivamente: *Se o bailar*) *fizer perder,*
toda a moça está perdida.

nem todas as mulheres, mas exclusivamente virgens namoradas, nos adros ou em volta de arvores floridas.[1]) Elle explica o empenho da Igreja em abolir bailadas e cantigas e em transformá-las em pavanas sacras, mudando-as para o interior de recintos sagrados;[2]) ou em semi-sacras entoadas em procissão através de praças e ruas, sob a tutela do clero[3]) em festas religiosas ou nacionaes. Pode mesmo dizer-se que as prohibições visavam a parte tomada pelo sexo feminino nos folguedos publicos.[4])

Eis duas das mais notaveis confirmações do papel preponderante da sexo feminino nas romarias: *Sunt quidam et maxime mulieres*[5]) *qui festis ac sacris diebus atque sanctorum natalitiis . . . ballando, verba turpia decantando, choros tenendo ac ducendo ad similitudinem paganorum peragendo, non solum se perdunt, sed etiam alios deprimere attendunt.*[6]) — *Omnibus noscitur esse indecorum quod per dedicationes basilicarum aut festivitates martyrum ad ipsa solemnia confluentes chorus foemineus turpia quidem et obscoena cantica decantare videtur.*[7])

---

1) Acêrca d'este ponto incontroverso vid. Jeanroy, p. 445. — Não devemos esquecer todavia as danças bellicas (de espadas, paus, paulitos, como a *dança-prima* e a dos Mirandeses) usadas entre os peninsulares e alhures, nem os cantos varonis que os acompanhavam, antiquissimos, como se vê das referencias de Silio Italico.

2) Como exemplo da bailada sacra peninsular aceitemos uma de *Alfonso X* (No 86 do Cod. Flor. dos *Cantares de Maria*), já por mim citada a p. 65 d'este Vol.:

Cantando e con dança seja por nos loada
a virgen corõada que é nossa esperança.

3) Como exemplos de bailada official em honra de heroes victoriosos só podia apontar o Lais de Marot e o de Lançarote (**CB 2** e **5** transcritos no Vol. I Nº 312 e 315). Com toda a reserva, bem se vê, visto que muito provavelmente se trata de traducções literarias de originaes franceses. Veja-se no texto o louvor de Alfonso XI.

4) Os divertimentos exclusivos do sexo forte — correr, lutar, tourear, bofordar etc. — não foram condemnados assim.

5) Os textos latinos empregam em geral o vocabulo *mulieres,* ou derivados de *foemina*, mas tambem *puellae.* Creio que sempre temos de entender meninas solteirinhas.

6) *Conc. Rom.* a. 820 c. 35. — Groeber, *Zur Volkskunde*, § 67; Gorra, *Origini della poesia lirica del Medio Evo*, p. 95.

7) *Conc. Rom.* a 853. Quasi o mesmo teor tem o c. 19 do Conc. de Chalons (639—654). Ha outros parecidos nos Canones do Conc. de Auxerre 573—603); Lept. (743); Paris. (829); allusões e reflexões nas *Homilias* de Leão IV (847); nos *Sermões* de Cesario de Arles; nos escritos de Ivo de Chartres († 1116) e Hildeberto de Tours († 1133); na *Vida* de Thomas Becket, etc. etc. — Cfr. Groeber, *Zur Volkskunde,* §§ 55, 56, 57, 66; Gorra,

Com relação á Galliza e á peninsula em geral, tambem d'esta vez faltam decisões neste sentido. Temos comtudo as reminiscencias priscillianas; temos os costumes modernos e nos tempos intermedios uma serie importante de factos historicos e de ecos literarios, em testemunho do facto que mulheres de todas as classes dançavam e cantavam em publico, por costume antigo e com verdadeira devoção: lavradeiras e pastoras-serranas, burguesas e fidalgas de alta categoria; de modo algum apenas as vilipendiadas juglaresas de profissão, consideradas como despreziveis mesmo quando não eram mouras, judias, ciganas, pretas.[1]) O auctor do *Livro de Linhagens* não desdenhou assignalar que uma dama nobre bailava especialmente bem.[2])

Saltando de seculo em seculo vamos juntar alguns documentos além dos já registados.

As primeiras allusões á musica como elemento de festividades patrioticas occorrem naturalmente na *Historia Compostellana*. Na primeira coroação do pequeno Affonso Raimundez (a. 1111) o dia todo passou-se entre hymnos de gozo.[3]) Certamente hymnos em latim, sanccionados pela Igreja.[4]) Na ruidosa recepção que o clero, o povo fizeram ao arcebispo Diego Gelmirez, depois de o haverem libertado da prisão em que insurgentes o haviam encerrado, a multidão ia ao seu encontro extra-muros, acompanhando-o á igreja ao som festivo de instrumentos musicos (a. 1111).[5]) Mas não se falla em mulheres. Surgem porém ao cabo de um lustro

---

Origini, p. 95; Boehme I, p. 1—7; Groeber, *Franz. Litt.*, p. 444 e 476; Id. *Lat. Litt.*, p. 189, 190, 204, 205, 416; Du Cange s. v. *ballare*.

1) Cf. p. 644. — Alfonso X, o Rei-trovador declarava-as vis, sem vergonha nem lei, indignas mesmo de serem barraganas de um homem de bem como servas, taberneiras e regateiras.

2) *P. M. H.: Script.*, p. 344. — Por signal, essa dama bailadeira é mãe d'aquelle *D. João Simão* (ou *Simião*, á antiga), privado del rei D. Denis, que foi por elle apodado na cantiga **CB 415** (Lang, **CD** Nº CXXXVIII).

3) *Dies illa in hymnis jubilationis et canticorum canticis peracta transiit. Hist. Comp.*, c. 66. — Cfr. *Hist. Sant.* III, p. 361; Am. de los Rios II, p. 229.

4) Mesmo cantos bellicos eram, de resto, do agrado do mundo feminil. A cantilena de S. Faro em que os francos celebravam a victoria de Clotario II sobre os Saxões, era cantada em toda a França por coros mulheris.

5) *Hist. Comp.* I, c. 61: *Omnis compostellanorum turba cum timpanis et citharis et diversis musicarum instrumentis cantantes . . . ei obviam exivit* etc. . . . *usque ad compostellanam ecclesiam cum eo cantando perveniunt.* Vid. *Hist. Sant.* III, p. 356; Am. de los Rios II, p. 231.

como cultoras da arte. Quando o rei moço fez a sua entrada solemne em Santiago, ellas felicitaram-no, psalmodiando (não sei se vestidas de branco) por certo modo que já então era typico na Galliza: *ex consuetudine Gallaeciae.*[1]) Provavelmente com bailadas como *pellas, folias, chacotas.* Depois, reapparecem em Leão, Toledo, e em Saragoça (a. 1134, 1137, 1138) na côrte do mesmo monarca semi-gallego, em volta da Imperatriz.[2]) Nas coroações posteriores, córos de donzellas exerciam as suas artes dentro da cathedral, cantando, bailando e tocando varios instrumentos, quer em Toledo, ou Burgos, quer em Leão ou Santiago. Certamente córos de virgens fidalgas, como as damas de D. Berenguela.[3])

No *Poema de Alfonso XI,* são expressamente designadas como nobres as que festejaram o dia em que o monarca se armou cavalleiro nas Huelgas:

ricas-duennas fazian dança
a muy gran placer cantando.[4])
E yvan les rrespondiendo
donzellas de gran altura,
el buen rrey enobleciendo,
sennor de buena ventura.
Cantando a gran sabor,
decian en ssu cantar:
„Loado el gran sennor
que tan buen rrey nos fue dar" ...[5])
Estas palabras decian
donzellas en sus cantares;
los estormentos tannian
por las Huelgas los jograles.[6])

Fernão Lopes, o eximio chronista de D. João I, menciona freqüentes vezes cantos e bailes feminis, tanto de mulheres do povo como de fidalgas e burguesas ricas. Ellas lá estavam todas

1) *Hist. Comp.* II, p. 211: *Regi puero ingredienti civitatem occurrit universus populus civitatis cum summa laetitia, et eum salutantes ex consuetudine Gallaeciae ipsius adventui congratulantur ... Tunc ... choreas psallentium videre mulierum satis iucundum erat.*— Cfr. *Hist. Sant.* III, p. 452.

2) *Chron. Aldefonsi,* § 25, 37, 69, 72. — Cfr. 57, 58, 71 e 79 onde se falla de hymnos entoados pelas hostes victoriosas do emperador no regresso dos campos de Almonte, na tomada de Aurelia e na de Almodovar.

3) Vid. Am. de los Rios IV, p. 543 s. Num ms. illustrado do reinado de S. Fernando, falla-se de donzellas „que sabian cantar et cantavan una cantiga et fazian sus trebejos" dentro de la igreja.

4) Expressões tradicionaes. — Cfr. **CB** 2 e 5; e Fern. Lopes (*Chron. de D. João I*) II, c. 96.

5) Estr. 400—406.

6) Seguem tres quadras de louvores, tal vez typicos.

nas ruas do Porto, quando o monarca fez a sua entrada, em maio de 1385. „As mulheres fizeram *pellas,* muito bem corregidas, as quaes acompanhavam com muitas cantigas, d'ellas feitas em louvor del rei,[1]) e outras acostumadas. Não sòmente as de meão estado e condição, mas muitas das boas da cidade andavam com ellas por honra da festa.“[2]) Lá estavam tambem quando el-rei fez bodas com sua mulher, na mesma „real cidade que o Douro rega,“ conforme já acima contei.[3])

Um seculo depois, no momento em que as forças vivas da nação attingiam o seu auge, as mesmas scenas se repetiram com variantes. No dia em que D. João II recebeu noticia de que o Principe seu filho fôra recebido em Sevilha como esposo da herdeira dos reis catholicos, não só as moças, mas tambem muitos velhos e mesmo velhas honradas „com o sobejo prazer foram juntos cantar e bailar diante del-rey e a rainha.“ Isso dentro do paço.[4]) Ao regresso da sé, no dia seguinte, sahiu á rua, ao encontro do monarca, certa D. Briolanja Anriquez, dona muito honrada, mulher de Aires de Miranda, cantando com um pandeiro na mão. „E el-rei com prazer a tomou nas ancas da mula e a levou assi com muita honra onde a Rainha estava.“[5]) Linda scena democraticamente peninsular! — Para a recepção solemne dos noivos vieram por ordem regia de todas as mourarias do pais, mouros e mouras que sabiam bailar, tanger e cantar; e das aldeias mancebos gentis e moças formosas, praticas em *folias.*[6])

Valor igual tem um documento em que D. João II transmitte instrucções á camara de Lisboa sobre a maneira como os habitantes

---

1) *D'elas* quer dizer *umas, algumas.* E não *por elas feitas.* Mas nem por isso deixa de ser provavel que entre as trovas então inventadas, ou adaptadas *ad hoc*, houvesse algumas das proprias executantes. As outras „acostumadas“ devem ser tradicionaes, pre-existentes.

2) Parte II, c. 9. — As festas divergiam das actuaes apenas no enthusiasmo sincero e geral das massas, e na ingenuidade democratica dos reinantes. — O dia era de folga; naus e barcas estavam embandeiradas e enramadas; os remadores traziam sombreiros de rosas; havia ruas juncadas e defumadas; ás janellas engrinaldadas, de onde pendiam colchas, estavam formosas damas em traje de festa, que deitavam petalas de rosas; em certos logares havia bandos de mulheres que cantavam e dançavam.

3) Parte II, c. 96. — Ás notas, insertas no § 419, junte-se mais uma: as damas arremessavam das janellas milho e trigo, além de rosas e flores.

4) Resende, *Chronica*, c. 115.

5) Id. ib.

6) Id. Cap. 117; cfr. c. 121, 123 e 131.

haviam de demonstrar alegria publica pela eleição de Maximiliano ao Imperio, mandando á rua mouros e judeus, homens e mulheres „de sorte para *folias.*"[1]) Quando D. Manoel e D. Leonor de Austria, sua terceira esposa, fizeram a sua entrada solemne em Lisboa, houve além de trinta homens, vinte e quatro moças de Abrantes e da Castanheira que dançaram nas ruas.[2])

Era o tempo feliz, em que em Portugal havia:

em cada casa pandeiro
e gaita em cada palheiro . . .
a cada porta um *terreiro,*
cada aldea dez *folias,*
cada casa atabaqueiro . . .
tambor em cada moinho
— — — — — —
cantigas de mil raleas.[3])

Em abono d'esses louvores e outros que-taes, tributados á alacridade exuberante dos coevos, aos innumeros bailadores e cantadores e ás bailadeiras e cantadeiras do antigo Portugal,[4]) Gil Vicente conservou-nos amostras deliciosas dos diversos generos em estylo popular. O desempeno com que faz entrar nos paços regios chacotas, folias, pellas, bailos da Beira,[5]) bailias de terreiro, bailos de villão com força de çapatetas, demonstram claro que ahi estavam de facto em terreno muito seu conhecido[6]) tanto serranas e serranos de Coimbra,[7]) de Sintra,[8]) da Serra da Estrella[9]) como as moças do Sardoal[10]), e prova que banidas da côrte, e ahi substituidas por modas novas, vindas de Castella, França, Italia, as composições antiquadas continuavam na provincia a sua vida secular.

Verdade é que ao mesmo tempo o Plauto português lamenta a tristeza soturna que invadia a nação no reinado do fanatico D. João III.

Ainda assim, apesar da actividade feroz da Inquisição e dos Jesuitas, a arte lyrica nacional não morreu nos seculos XVI a XVIII.

1) Oliveira, *Municipio de Lisboa,* vol. I, p. 356.
2) Ib. I, p. 516.
3) Gil Vic. II, p. 447s.
4) Gil Vic. I, p. 353; II, p. 347, 392, 419, 439. Acho significativa a creação dos typos do *Amador triste* e *Bailador alegre* no Auto do *Juiz da Beira,* Gil Vic. III, p. 183, 187.
5) *Obras* I, p. 131.
6) Ib. I, p. 183; II, p. 48, 57, 443; III, p. 71, 285, 291.
7) Ib. I, p. 190; II, p. 494.
8) Ib. I, p. 42; III, p. 191.
9) Ib. II, p. 423, 425, 427, 432, 434, 445, 459.
10) Ib. II, p. 443, 444.

D. Francisco Manoel de Mello ainda encontrou motivo sufficiente para se pronunciar contra o costume de as mulheres trazerem castanholas na algibeira, instrumento hespanhol que havia invadido a costa occidental no periodo felipino. Novamente refugiadas á sombra da Igreja, que mais uma vez as refundiu, as bailadas subsistiram. Acho typica a evolução da *pella.* O nome indica derivação do principal entre os antigos jogos com que o sexo feminino de todas as nações europeias se entretinha ao ar livre nos cincoenta dias da Pascoa ao Espirito Santo.[1]) No tempo do Arcipreste de Fita ainda estava em voga;[2]) no de Fernão Lopes[3]) — i. é em principios do segundo periodo lyrico — o nome *pella* já havia passado a designar uma bailada popular, certamente symbolica, em que uma rapariguita, vibrando castanholas, em pé nos hombros de uma[4]) mocetona robusta, cujos passos de dança repetia agilmente, servia de *pella* a essa.[5]) Ignacio de Moraes descreveu-a, na segunda metade do sec. XVI, no seu *Encomio de Coimbra.*[6]) Pouco depois um viajante estrangeiro ficou surprehendido, vendo moças alemtejanas bailá-la em traje mourisco, evolucionando com graça e desenvoltura com o seu cargo gentil. Em Coimbra e no Porto fazia já então parte de diversas procissões festivas, e seguramente tambem na capital. Na do Corpo de Deus eram as

---

1) *Von Stanheim, Minnesinger* allemão, desenha em uma das suas poesias um grupo de meninas germanicas, caminhando a cantar ao terreiro onde haviam de iniciar os tradicionaes jogos da *pella,* capitaneadas pela *Maia.* (Hagen, *Minnesinger* II, p. 78; cfr. Boehme I, p. 229, 226, 181 s.) Note-se aqui que em allemão *Ball* tem, além da significação de *bola de jogar,* a de *bailado,* exactamente como *pella* em português. — Cfr. Boehme I, p. 229.

2) No *Livro de Amor,* Juan Ruiz fazia votos para que a sua obra andasse de mão em mão: *como pella a las dueñas tome-lo quien podiere* (estr. 1629; cfr. 672.)

3) *Cronica* II, c. 9 e 96. — Gil Vic. III, p. 273 menciona essas *pellas.*

4) Está claro que nem por isso, o jogo da pella desappareceu, posto que hoje esteja pouco popular (nas aldeias a *pella* é substituida pelo *pucaro* e por laranjas). Num Diccionario historico as definições deviam ser registadas pela ordem seguinte: *pella* ou *péla* (gall. *penla,* do lat. *pilula*) 1°) bóla de jogar; 2°) (em sentido derivado) rapariguinha que baila em pé nos hombros de outra maior, repetindo as mesmas cadencias que essa faz; 3°) (em sent. figurado) joguete, ludibrio. Derivações além de *pèleira, pelota, pelotica, pelotiqueiro, pelotiquices* (= jogralices, chocarrices).

5) *Saltatorum humeris nixae sua membra puellae flectebant crotali gestu imitante sonos.*

6) Herculano, *Opusculos* VI, p. 52: *Viagem do Cardeal Alexandrino.* Cfr. Duarte Nunes do Leão, *Origens,* f. 39.

corporações femininas — regateiras, peixeiras, padeiras — que contribuiam por dever de officio ao festejo com *pellas* (duas) bem corregidas e louçãs. Ao som da campestre gaita gallega e do tamboril doze moças com pandeiros e adufes cantavam então „toadas ao antigo,“ a dois córos.[1])

Hoje esta *pella* está quasi extincta. Nos logarejos onde perdura, p. ex. em Puente-Areas da Galliza, está divinizada e virilizada por completo. São rapagões os que a dançam, servindo de peanha a meninos que vestidos de archanjos vão ao rhythmo de um cantar brandindo espadas, como se defendessem o mysterio da hostia.[2])

As executantes das *pellas* portuguesas deviam ser, forçosamente, cantadeiras e bailadeiras industriaes, d'aquellas „non-nobres, facientes roydo e corrientes por las calles“ que vimos censuradas pelo auctor do *Espelho dos Leigos* por excitarem a prazeres carnaes.[3])

Já as conhecemos, pelas miniaturas do **CA**; e como companheiras dos jograes instrumentistas em bodas e festas por documentos aragoneses e gallegos,[4]) dos annos 1180, 1228, 1299.[5]) Accrescentarei que ha vagos vestigios da sua actividade perturbadora nas mais antigas *Ordenações regias* de Portugal que subsistem. — Cingindo-se por certo a um costume tradicional, é que o Bolonhês determinou que as mulheres fossem admittidas como testemunhas em processos relativos tanto a trabalhos de agricultura e domesti-

---

1) Citei o titulo dos respectivos *Regimentos* a p. 867 s. Com as *Diss. Chron.* IV, p. 196, 199, 214 confiram-se os *Dialogos* 11 e 12 da *Miscellanea* de Leitão d'Andrada.

2) *Rev. Gallega* Nº 150; Inzenga p. 70. Ahi a péla (com a estrambotica derivação de „*penla*, voz puramente galaica, de *perla*“) é subordinada á musica e ao texto da dança do *Manéo* Nº XLII. (*Manéo* = *Meneio*). A quadra:

Baila nena, baila nena, e non pares de bailar
que as estrellas tamen bailan sin perder seu alumar,

assim como o estribilho duplo:

Como se colean as troitas na auga
asi se manea teu corpo salado.

Como se colean as troitas no rio
asi se manea teu corpo frolido

bem poderian ter acompanhado as evoluções habeis da *péla* mundana d'outr'ora. Mas difficilmente poderão ser dirigidos aos archanjos, seus substitutos modernos divinizados.

3) Cap. 21. — Vid. Am. de los Rios IV, p. 512.

4) Vid. p. 638, 643 ss. d'este Volume.

5) Cfr. *Rev. Crit.* I, p. 375.

cos como a danças e bailadas feminis.[1]) O Arcipreste tambem as desenha como buliçosas:

Desque la cantadera dixe el cantar primero
siempre le bullen los pies, et mal para el pandero.[2])

Texedor et cantadera nunca tienen los pies quedos
en el telar e en la danza siempre bullen los dedos.[3])

El cantar que non sabes oi-lo a cantaderas.[4])

Das que deram brado em seculos ulteriores, lembremos apenas a moça de Alemquer que bailando encantou o velho Vasco Abul, a ponto de elle lhe dar uma corrente de oiro que arrependido quis depois rehaver por demanda judicial.[5])

§ 430. Todas essas allusões antigas se referem á execução. Nenhuma, nem mesmo a de Fernão Lopes, trata as cantadeiras e bailadeiras de inventoras das palavras, do som e da parte choreographica das bailadas. — Esta questão essencial fica portanto sem resposta. Tambem com relação a ella, apenas se pode inferir alguma coisa dos costumes actuaes, da analogia com outras nações, e dos testemunhos de varios precursores dos folkloristas modernos que notaram a vocação nacional para a musica e o caracter feminino da lyrica popular gallego-portuguesa, sem todavia suspeitarem da antiguidade e continuidade da tradição.

Um de Entre Doiro e Minho dizia no seculo XVII a respeito d'essa sua patria pequena e das minhotas: „Con gran destreza se exercita la musica, que es tan natural en sus moradores esta arte que sucede muchas vezes a los forasteros que passan por las calles particularmente en las tardes del verano, parar y suspender-se escuchando los tonos que a coros cantan con fugas y repeticiones las moçuelas que para exercitar la labor de que viven, les es permitido, por tomar el fresco, hazerla en la calle.“[6])

Outro, da Galliza, cujo testemunho a respeito de romarias já invoquei, gaba de modo mais extensivo as faculdades artisticas das mulheres portuguesas, attribuindo-lhes forças creadoras. „En Portugal es tan natural la poesia . . que cada pastor es poeta y *cada*

1) *P. M. H.: Leges*, p. 297.
2) Estr. 470.
3) Estr. 471.
4) Estr. 1513.
5) *Canc. Ger.* II, p. 523 ss.
6) Marquês de Montebello, Felix Machado de Silva Castro e Vasconcellos, *Vida de Manuel Machado*, p. 44 (1660).

moza de cantaro, poetisa. Esto, comun en toda Espãna, es mas particular en Portugal y Galicia . . . Ademas de esto he observado que en Galicia las mugeres no solo son poetisas sino tambien musicas naturales . . . En la mayor parte de las coplas hablan las mugeres con los hombres; y es porque *son las que componen las coplas* sin artificio alguno; *y ellas mismas inventan los tonos* o aires a que las han de cantar, sin tener idea del arte musico." [1]) „No hay acto de la vida vulgar que no tenga sus coplas; las mugeres principalmente parecen haber inventado este medio de dar a conocer sus sentimientos."

Em terceiro logar invoco o testemunho do Asturiano erudito cujos dizeres alleguei na mesma occasião. Ao fallar das romarias de Asturias e da dança-prima, Jovellanos dizia: „Supongo que para estas composiciones no se valen nuestras mozas de ajena habilidad. *Ellas son las poetisas, asi como las compositoras de los tonos;* y en uno y otro genero suele su ingenio, aunque rudo y sin cultivo, producir cosas que no carecen de numen y de gracia." [2])

A experiencia de hoje confirma estes pareceres. Além de algumas poetisas e compositoras de renome, sahidas das classes privilegiadas, com fina educação litteraria, [3]) ha numerosas *dilettantes* que „deitam coplas" com grande facilidade, occasionalmente, quando qualquer sensação violenta — alacridade exuberante, rancor, ciumes ou paixão amorosa — as exalta e põe em brio. Mas tambem ha verdadeiras poetisas profissionaes do povo: lavradeiras, pastoras, costureiritas, que exhibem a sua arte em publico, nas festas e romarias, quer independentes, quer *em desafio* com outra cantadeira ou com algum cantador. [4]) E note-se bem

---

1) O Padre Sarmiento nas *Memorias*, p. 238, citadas infinitas vezes. Vid. *Grundriss* II, *Port. Lit.* p. 152 Nota II; *Antologia* III, p. XIV.

2) Ed. Ribadeneyra II, p. 299; cfr. *Antologia* X, p. 79 e p. 9ss.

3) Occupei-me das principaes num estudo sobre o *„Movimento Feminista em Portugal,* publicado no *Handbuch der Frauenbewegung,* Berlin 1901.

4) Já disse que se as superstições, crenças e praticas gentilicas estão bem estudadas, não se pode dizer o mesmo da arte popular e especialmente da poesia e dança na vida do povo português. A este respeito não existe estudo algum sufficiente. Apenas notas soltas nas obras de Th. Braga, F. A. Coelho, Leite de Vasconcellos etc. e artigos em Revistas como a *Lusitana,* a *Tradição* etc. O trabalho mais importante em que se trata das *cantadeiras* do povo é e *Poesia Amorosa do Povo Portugues* de Leite de Vasconcellos, p. 19 e 21 (cfr. *Annuario,* p. 404). — Com relação ao typo das cantadeiras veja-se tambem o *Canc. gallego* I, p. 48ss., 81ss. e III, p. 58.

q'ie conservaram o singelo nome antigo de *cantadeira* que vimos dado em 1228 a *Maior Petri*, e cerca de 1340 pelo Arcipreste ás artistas do seu tempo, attestando assim que derivam d'ellas sem solução de continuidade. Embora analphabetas quasi sempre,[1]) aquellas a que o fado deu o condão da arte, são não só executantes, conservadoras e propagadoras das mais bellas trovas anonymas preexistentes, de que tem a memoria cheia, mas principalmente creadoras repentistas. As quadras que redigem sob o applauso ou as invectivas do publico são, na maioria dos casos, concepções banaes, relativas ora á emula ou ao emulo com que se batem em duello de palavras, ora a personagens presentes que dão na vista por qualquer particularidade, ora a acontecimentos fallados, ou, quando sentimentaes, meras variantes de padrões conhecidos, freqüentemente de factura tosca e incorrecta.[2]) Para facilitar a improvisação e a metrificação servem-se mesmo nos desafios e despiques, chamados *cantos á desgarrada*, e nas *regueifas* de bodas, do artificio do *leixa-pren*, principiando a quadra nova com o ultimo verso da anterior.[3])

Isso não tira todavia que de longe em longe surjam cantadeiras de levantado estro poetico, de cujos labios brotam em momentos inspirados, disticos, triadas e quadras gentilissimas, de genial verdade, conceitos agudos, imagens e expressões surprehendentes pela sua novidade e pela perfeição da factura. E mesmo quando as coplas saem deficientes, as ondas do tempo encarregam-se de as puir e arredondar pouco a pouco, rolando-as de boca em boca „até que as obras-primas de auctoras anonymas que a si proprio se ignoram estejam prontas."

§ 430ᵇ. Passando do campo e das serras ás cidades, especialmente á capital lusitana, é que esses talentos se transformam naturalmente. Nos antros do vicio, agglomerados nas viellas do bairro de Alfama (Mouraria), os representantes da arte apollinea fizeram-se tabernarios. O cantador e o guitarrista, a cantadeira e bailadeira da capital tem

---

1) Está claro que algumas sabem ler e ampliam o seu repertorio não só de ouvido. Vid. Leite de Vasconcellos, *Philologia Mirandesa* II, p. 322 s.

2) Esta é a minha impressão. Outros observadores chegariam, de resto, a identico resultado.

3) No Capitulo sobre a technica terei de voltar a este assunto. Do antiquissimo costume, que entrou na poesia trovadoresca, deriva o vocabulo *deixa* = *Stichwort*.

além d' esses titulos antigos, o generico de *fadistas*. *Afadistaram-se* é synonymo moderno de *enjoglararam-se*. O temperamento aventureiro, folgazão, insinuante, namorado da raça dá naquelle meio em desordeiro, valentão, devasso. A *navalha* é companheira da *guitarra* (viola, banza). Mesmo a mulher trá-la comsigo, na liga ou na faixa. As bailadas são uma especie de fandango, *o fado batido*,[1]) executado por ambos os sexos com tregeitos e meneios indecorosos; a guitarra carpideira tem uma afinação especial; as vozes são soluçantes e requebradas; as musicas, plangentes; os desafios entre cantadeiras[2]) são *cantos a atirar*, no calão baixamente expressivo do fadistorio.[3]) No vasto repertorio geral da musa popular escolhem para thema e modelo com preferencia as quadras mais sensuaes e licenciosas, apaixonadas, e dolentemente provocadoras[4]) — excluindo a franca e ingenua alegria da mocidade do campo.[5]) A dança e a musica — muito mais do que a letra do *fado* (de *fatum*) — presta voz nos seus momentos de inspiração ora á sina negregada dos infelizes e das desgraçadas, ora aos momentos de gozo ineffavel, em que as almas dos amantes, incluindo os de baixa escala „descem sobre seus labios e antes de remontarem ao ceo deteem o voo num beijo dulcissimo.“[6]) Mesmo quando assim

1) Batido, de coxa a coxa. Vid. Pinto de Carvalho, Lisboa 1903. *Hist. do Fado*, p. 252.

2) Ib. p. 179.

3) Lembremo-nos das *cazurrias* e *palavras devedadas*. Quem estudasse o calão dos fadistas e certos dizeres das cantigas de escarnho e do Cancioneiro de Burlas, encontrava provavelmente surprehendentes analogias.

4) O verdadeiro povo e o verdadeiro artista só admitte e reconhece essa fórma. Os *cantadores* que preferem empregar a quarteta apenas como thema (*Mote*), sobre o qual paraphraseiam decimas palavrosas (1 a 4), *têm literatura*, embora sejam analphabetos. Durante algum tempo, no setimo decennio do sec. XIX, essas *Glosas* tiveram grande voga, mas felizmente hoje predomina de novo a singela e malleavel copla popular (*xaxa*). Não sem que alguns poetas se abalancem a innovações. Vid. *Fado*, p. 261 e 172).

5) Como na sua fórma, o fado é na sua essencia nada mais do que a canção *tristemente* amorosa do povo lusitano. *Tristes* de Portugal como *Tristes do Peru*. A genuina e primitiva quadra-*fado* será talvez aquella em que occorre a palavra *fado*. Nesse caso estão mais de meio-cento das que conheço. Outro grupo é formado pelas que são dirigidas á *guitarra*.

6) Na *Hist. do Fado* acha-se intercalado um *Livro de Fados*, p. 104—148 com umas quinhentas amostras, que o auctor chama *antigas*, entendendo comtudo: da 2ª metade do sec. XIX. Seria facil provar-lhe, com o intuito de authenticar a these contida na Nota antecedente, que muitas das trovas que elle proclama *originaes* de cantadores e cantadeiras recentes, já eram corriqueiras no tempo de Camões. Estão neste caso as quadras seguintes:

interpretam e provocam, como philtos aphrodisiacos, extases amorosos e saturnaes de impudor, os *fados* desprendem de si uma essencia de amargura em que se presentem lagrimas e ais. O principal entre os *fados* das cantadeiras, o que principia:

Quem tiver filhas no mundo não fale das desgraçadas
porque as filhas da desgraça tambem nasceram honradas.

tem o nome de *Choradinho.* E bem o merece.[1])

Não é todavia para o caracterizar que fallo do *fado* português, mas unicamente para apontar certos factos que combinam com as minhas notas a respeito da antiga arte jogralesca, e da popular. Em geral o cantador é acompanhado do guitarrista. Do mesmo modo a cantadeira. Ha todavia fadistas que se acompanham a si mesmos com admiravel destreza. A maioria d'elles é trovadora de musicas e letras (*tem obra*). Os que se prezam, até cantam exclusivamente producções originaes.[2]) As cantadeiras que saibam trovar são mais raras.[3]) Em compensação costumam conservar armazenadas na memoria centenas de quadras suggestivas que lhes brotam espontaneas dos labios em occasião opportuna, com variantes intencionaes ou sem ellas.[4]) Por habito cada uma tem o seu *cantador* ou o seu poeta culto que escreve versos para ella, considerados como propriedade sua.[5]) Esses versos fingem não sempre, mas com freqüencia, sahir immediatos de um coração feminino. Por excepção, certos cantadores entoam essas trovas de marca mulheril.[6])

1º) *Coitadinho do que morre, que* (Err. por *se*) *ao paraiso não vae;*
quem cá fica come e bebe e a paixão logo se desvae (p. 219)

(vid. p. 876 d'este Vol.) de que ha lições variadas;

2º) *Ja não posso ser contente, tenho a esperança perdida;*
ando perdida entre a gente, não morro nem tenho vida (p. 147),

cuja historia já esbocei;

3º) *Toma lá meu coração e a chave de o abrir;*
não tenho mais que te dar nem tu mais que me pedir,

quadra de que conto occupar-me qualquer dia.

1) *Chorar o fado,* é expressão muito usada.

2) *Fado,* p. 155 e 172.

3) Veja-se todavia o que Carvalho Pinto conta da Severa (p. 67), da Custodia (p. 154) e da Cacilda (p. 220).

4) Ib. p. 175.

5) Cantar o fado de outra era crime de plagiato que conduzia a duellos.

6) *Fado,* p. 63, 157, 171, 190. Houve cantadeiras de versos politicos e patrioticos.

O fado vulgar conservou-se obscuro e desattentido até 1840.[1]) Na era do romanticismo (ahi por 1870) teve a sua epoca aurea, por ter encarnado viçosissimo em algumas figuras de vulto. Em volta da Custodia, da Cesaria e principalmente da Severa, protegida pelo *Conde de Vimioso*, adensaram-se lendas de colorido vivissimo.[2]) Com elle, outros aristocratas de sangue e de talento musical e poetico desceram, em Lisboa, Coimbra, e no Porto, a esses abjectos e melancolicos baixios onde descobriram flores de estranho e penetrante perfume. Maestros laureados como Marques Pinto (1870), Rey Collaço, Vianna da Motta (1890), poetas como Anthero de Quental, Fernandes Costa, Alberto d'Oliveira, estudantes como o Hilario, imprimiram ao fado feições delicadas e artisticas e levaram-no triumphante ás salas e ao theatro.[3]) Raras são na geração actual as meninas da boa sociedade que não cantem (ao piano) o fado afidalgado, não saibam de cor e não inscrevam no seu *Album de Poesias* fados e quadras com idealidades subtis ou singelas, que em parte são creações anonymas com seculos de existencia, em parte foram compostas por vates cultos, contemporaneos, em estylo popular. Algumas d'essas ultimas obras, o povo consagrou-as, aceitando-as e vulgarizando-as.

1) Applicado a uma especie da poesia popular — lamentação em que um marinheiro, uma freira, um soldado, um cego, ou em parodias um cãozinho etc. chorava as magoas da sua existencia — o nome caracteristico de *fado* já existia no sec. XVI, e talvez muito antes. — Vid. *Port. Lit.*, p. 149 e 234 e *Randglosse* XXXIII (*ined.*). Na *Historia do Fado* onde o interessado encontra informações e apreciações abundantes, Pinto de Carvalho lembra esses exemplos antigos, para os quaes eu havia chamado a attenção, mas sem dizer que pertencendo a outra época, constam, não de quadras, mas de estrophes de tres versos e meio (quebrado), o que os aproxima de *seqüencias* latinas, lamentações musicaes, e das triadas populares da Galliza. O auctor, phantasiando-lhe origem maritima, nascimento a bordo, produz a este respeito algumas affirmações muito aventuradas.

2) O fado da *Severa*, o do *Conde de Vimioso*, e o *Choradinho*, todos elles compostos de quadras soltas, em numero arbitrario, foram os primeiros fados modernos que ganharam renome.

3) No *Ditoso Fado*, representado em 1869 no theatro da Trindade, Rosa Damasceno dizia:

Quando pego na guitarra sinto logo o quer que é
que me fala ao coração e me faz pular o pé.

Ao que o Taborda replicava:

Eu p'lo fado sou lamecha, não está na minha mão,
quisera ouvi-lo cantar a toda a lusa nação.

A estes e outros louvores literarios da canção popular, deram resposta os cantadores, dizendo:

Se isto assim continua, onde irá parar não sei!
veremos ainda pela rua de guitarra o proprio rei.

Graças a esta evolução feliz, a fadistagem da capital, já sensivelmente abalada pelos progressos da civilização, que policiando mesmo as Mourarias lhe restringem o campo, vae decahindo. Pelo outro lado, a musa popular recebe pelas obras-primas de poetas de categoria, incitamentos preciosos, não só nas cidades mas tambem nas serras por occasião das romarias. O fado do Hilario p. ex. canta-se onde-quer. Assim lindas trovas de auctores de renome juntam-se aos tesouros seculares, servindo de norma a imitadores.

Poetas moços houve e ha, de resto, que não desdenharam contribuir para o Cancioneiro Popular de modo mais directo, entrando em folguedos de romaria e em festas de lavoura (como descamisadas de milho). Da boca de *Anthero de Quental* ouvi como elle se sentiu e revelou poeta numa reunião popular, improvisando trovas para raparigas da sua terra.

Emfim, de todos os informadores consultados, historiadores do Fado ou da Poesia Popular em geral, colleccionadores de cantigas, poetas cultos e cantadores indoutos, nenhum põe a menor duvida em que o Cancioneiro Popular é obra em parte de auctores anonymos e analphabetos, em parte de poetas cultos; mas que numerosissimas exhalações espontaneas de almas moças, entre as que apparentam ser obra feminina e pelo conteudo são apropriadas só para labios femininos, são de facto producções de cantadeiras rusticas e de ingenuas namoradas do campo.[1]) As trovas que estão neste caso constituem mais de um terço do Cancioneiro do Povo.[2]) Mesmo sem distinctivo exterior, quantas não serão expansões d'esses entes de sensibilidade extrema que na sua insciencia e inconsciencia, sem vaidades de pensamento, communicam intimamente com as vozes da natureza e com a alma mysteriosa do universo.

Ainda hontem á noite (9 Set. de 1903) passou ao pé de mim na estrada de S. Lourenço d'Asme, uma pobre boieira descalça, a cantar sentidamente, embora com voz desentoada e rouca, talvez de chorar:

Pobres boizinhos meus, se o meu cuidado
como pesa na yalma pesa no carro![3])

---

1) Veja-se o que a este respeito e sobre quadras populares de poetas cultos diz *Alberto d' Oliveira* no *Prefacio* eloqüente que acompanha um milheiro selecto, colhido em Portugal por elle e Agostinho de Campos, editado com o titulo de *Mil Trovas* (Lisboa, 1903).

2) Outro terço é obra de namorados. No ultimo, de conteudo vario, patriotico, religioso, picaresco, e que podiamos chamar neutro, por dizer bem (ou mal) em todas as bocas, creio que os dois sexos tem parte.

3) Bem sei que não se trata de nenhum original; já conhecia a linda quadra por andar no *Cancioneiro gallego* de Ballesteros (com a var. *Pobres*

§ 431. Applicando o resultado não aos Cancioneiros trovadorescos, mas por ora só aos suppostos Cancioneiros populares, synchronos e precedentes, creio justo assentar, sem mais uma vez entrar na definição do que seja poesia popular e sem novamente alludir ás vetustas benzedeiras, ensalmadeiras e mulheres de virtude como cultoras primitivas da arte,[1]) que quanto mais nos aproximamos do desabrochar da arte lyrica moderna, tanto maior deve ser a parte nella tomada pelo sexo feminino. Na peninsula, como em toda a parte. O que sabemos da historia da civilização e da vida dos povos primitivos e selvagens auctoriza esta conclusão.[2]) Traço distinctivo da região gallego-portuguesa é apenas a conservação tenaz do costume antigo, e a verdadeira paixão com que o povo dançava e dança.[3])

No seculo XIII, como hoje, indoutas cantadeiras improvisariam versos incorrectos, mas muita vez impregnados de poesia. Cantariam outras composições, escritas no mesmo estylo, posto que mais correctas e aperfeiçoadas, de poetas profissionaes, de categoria igual á sua ou superior: jograes, clerigos, trovadores. Lembremonos do cavalleiro (*Sueir' Eannes?*), ironizado por *Martim Soares,* porque os seus versos agradavam á arraia miuda, mas não ás mulheres, cujo sentimento esthetico é por elle collocado em uma linha com o dos trovadores.[4]) Recordemos que o Arcipreste escreveu muitas cantigas de dança, e *troteras*:

> *para judias et moras et para entendederas*
> *para en instrumento*s *de comunales maneras.*[5])

vaquinhas mías). Mas o modo de dizer parece todo feminino e popular na sua ingenuidade.

1) As escantações e invocações, destinadas á cura de doenças, esconjuro de chuvas e trovões, occupam largo espaço nos *Processos* do Santo Officio. Em comedias e novellas peninsulares não faltam *velhas* occupadas d'esse mester.

2) Tenho em mente o livro de Lorenz von Steinen sobre o interior do Brasil, a *Germania* de Tacito (c. 8), a *Historia* do mesmo (IV, 61 e 65; V, 22, 24), a *Hist. Rom.* de Mommsen I, c. 15: *Zaubergesang und Totenlied gehören ihnen.*

3) Não alludi por ora ao monarca português que vive na memoria do povo como apaixonado bailarino e amante de D. Inês de Castro. Quando regressava dos seus passeios fluviaos á outra banda, os bons burgueses de Lisboa iam recebê-lo á praça com os seus trebelhos e danças e elle mettia-se familiarmente na *coreia,* dançando folgazonamente como um rei David. E quando a insomnia o perseguia, levantava-se, chamava os trombeteiros, e ei-lo pelos ruas, dançando ao som das *longas* de prata como numa *kermesse* extravagante. — Cfr. Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro,* cap. 14.

4) **CV 965.**

5) Fita, estr. 1487.

Nem esqueçamos que em fins do sec. XIV e principios do XV. *Garci-Fernandez de Gerena* compunha estribotes para juglaresas. E á procura de artistas feminis das classes mais cultas, estabeleçamos que mesmo dentro dos conventos, freiras e abbadessas estavam freqüentemente em contacto intimo, illicito, com trovadores muito mundanos[1]) e com numerosas filhas d'Eva, enclausuradas por motivos nada santos e devotos. Predecessoras de alguma apaixonada *Soror Marianna,* sentenciosa *Joanna da Gama,* desenvolta *Feliciana de Milão,* ou piedosa *Felipa de Lencastre,* escreveriam tambem trovas feminis, por encommenda, ou espontaneas, avidamente acolhidas pelas cantadeiras e bailadeiras que viviam da sua voz argentina e da agilidade do seu corpo garrido, sem terem talento de composição. — Os *cantares de amigo* que possuimos são porém, todos ou quasi todos, dos que foram compostos por jograes e trovadores da côrte em nome das amadas.

§ 432. Cumpre-me lembrar aqui uma coïncidencia notavel. A existencia nos tempos de Carlos-Magno entre os francos da Germania, de uma lyrica amorosa mulheril, anterior portanto aos influxos neo-latinos, está provada. Abbadessas e monjas de fino intellecto e gosto apurado, d'aquellas que sahiam de vez em quando da clausura ou admittiam á sua presença jograes e histriões, escreviam por costume trovas feminis.[2]) E essas trovas tinham um titulo que corresponde exactamente ao que vemos usado pelos jograes gallego-portugueses.

Wine-leod, Wine-lied, Wine-liedel quer dizer *cantar de amigo* ou *cantarzinho de amigo.*[3]) O genero conservou-se, sem mudar de nome, até o tempo dos trovadores pelo menos. No sec. XIII o *Minnesinger Neidhart* menciona-o varias vezes.[4]) Num manu-

---

1) **CV 943** e **944**.

2) É na mesma *Capitular* I, 63 (a. 789) que se encontra a affirmação do talento poetico e da mundanidade de abbadessas e monjas: *Abbatissae monasterio sine regis permissione non exeant; et earum claustra sint bene firmata; et nullatenus ibi wineleodes scribere vel mittere praesumant.* — Vid. Du Cange VI, p. 919; Groeber, *Zur Volkskunde,* § 60; Gorra, *Origini,* p. 25 e 31; Boehme, *Tanz* I, p. 23, 26, 320. Venancio Fortunato (c. 600) havia mencionado apenas *leodes barbaros,* sem especificar o *Mädchenlied.*

3) *Wîne* é amigo e companheiro = *Freund, Geselle; leod* é *cantar* = *Lied; liedel* = *cantarcillo.*

4) Neidhart, Ed. Benecke, p. 415, 6 e 391, 10. Em ambos os passos, introduz todavia rapazes do povo no acto de cantarem *in hoher wîse* em caminho ao terreiro, colhendo flores para grinaldas e coroas.

scripto coevo, que nos transmittiu as mais lindas poesias goliardescas da epoca, os celebres *Carmina Burana*, conservaram-se duas amostras em vulgar.[1]

Ambas tem, na forma e na essencia, pontos de contacto tanto com as curtas inspirações hodiernas da musa popular gallego-portuguesa (e da alpina)[2] como tambem com os cantares archaïcos dos Cancioneiros medievaes e com as chançonetas da França do Norte. É a namorada que falla. O appello ao amigo — *geselle mîn* ou *mîn geselle* — é o seu caracteristico. A repetição é a sua alma. Formalmente constam de versos de redondilha, em disticos. Repetidos com inversão no primeiro exemplo são acompanhados de refram no segundo, semelhantes portanto ás balletas de typo francês.

Um dos dois contém gritos e suspiros de saudade. No outro a namorada chama o amigo ao terreiro das bailias do Amor.

A differença consiste em que na Germania já então os dois sexos dançavam juntos. E tambem em que o beijo já faz parte do terno appello:

I. *Kume, kum, geselle mîn,*
ih enbîte harte dîn,
ih enbîte harte dîn,
kume, kum, geselle mîn.
Süezer rôsen-varwer munt
kum und mache mich gesunt.
Kum und mache mich gesunt,
süezer rôsen-varwer munt.

II. *Ich wil trûren varen lân,*
ûf die heide sul wir gân,
ir vil liebe gespilen mîn,
da seh wir der bluomen schîn,
ich sage dir, ich sage dir
mîn geselle, kum mit mir.
Süeze minne, râme mîn,
mache mir ein krenzelîn,
daz sol tragen ein stolzer man
der wol wîben dienen kan:
ich sage dir, ich sage dir
mîn geselle, kum mit mir.

I. Vem oh vem, amigo meu,
com ansia chamo por ti,
com ansia chamo por ti,
vem oh vem, amigo meu.
Rosea boca appetecida,
vem dá-me saude e vida!
Vem dá-me saude e vida,
rosea boca appetecida.[3]

II. Quero livrar-me de dores,
vamos ás verdes campinas,
minhas formosas amigas,
para colher lindas flores.
Por ti chamo, vem comigo,
meu amado, meu amigo!
Amor, quero-te pedir
uma grinalda virente.
Dá-la-hei a um homem valente
que saiba as donas servir.
Por ti chamo, vem comigo,
meu amado, meu amigo![4]

---

1) Ms. de Blaubäuren. Vid. Ed. Schmeller, p. 208 e 213; e Boehme II, Nos 5 e 6.

2) Os *Schnadahüpferl* da Baviera.

3) *Minnesinger,* Ed. Hagen II, p. 78. O schema é: 1221, 3443.

4) *Minnesinger-Frühling,* Ed. Benecke 391 e 415. Schema: $2\times(4+2)$, ou antes *aabbCC* e *bbaaCC*.

O contacto com as *rondas, carolas, maieroles, reverdies* e os *refrains* dos Francos da França e de outros povos neo-latinos devia ser naturalmente mais intimo e directo do que com os germanicos. Este ponto não merece nova discussão. Bastará indicar um traço commum. Se a allocução *amigo* e *amado* emparelha com *mîn geselle, geselle mîn* no *Wine-lied,* o appello ás *amigas* e *irmãs* namoradas, expresso nas formulas *se amigo amar* e *quantas sabedes amar amigo,*[1]) corresponde ao refram da ronda francesa que transcrevi mais acima:[2])

> *Tuit cil qui sunt enamourat*
> *viegnent dançar, li autre non;*[3])

ao que diz:

> *Vos ne vendrez mie, dames, caroler*
> *que vos n'amez mie,*[4])

e a muitos outros semelhantes que se conservam intercalados em pastorelas, romances e novelas[5]) ou subsistem independentes.[6]) Na Italia ainda temos no sec. XV reminiscencias dos tempos antigos em ballatas artisticas em gosto popular, como p. ex. na de Alberti *Venite in danza gente amorosa* e na de Lourenço, o Magnifico: *Chi non é innamorato.*[7]) Nas lyricas latinas da idade-media, attribuidas a goliardos de varias nações, tão pouco faltam referencias a virgens em dança ao ar livre, em festas primaveris. Eis uma:

> Ludunt super gramina virgines decorae
> quarum nova carmina dulce sonant ore.

Das serias e sacras lembremos a de Abélard:[8])

---

1) **CV 885.** É uma namorada que assim chama pelas amigas para a acompanharem aos banhos de amor.

2) Vid. p. 53 d'este Vol.; Lang, **CD**, p. LXXVIII e LXXXII. — Cfr. Herrig, *Archiv* XLII, p. 383; *Motets* I, p. 151.

3) Ronda da *bella Aélis* (restituida por Jeanroy). Cfr. Bartsch, *Romanzen und Pastourellen* II, p. 89. *Motets* I, p. 151.

4) Jeanroy, p. 344.

5) P. ex. *Traies vos la qui n'ames mie por amors* (Raynaud et Lavoix, *Motets* I, p. 171). *Ensi va qui bien aime, ensi va* (*Roman de la Violette,* p. 38; cfr. Gil Vic. II, p. 462). *Tout ainsi vait qui aimet jolietement. — Voi-t-en lai qui n'aime mie, voi-t'en lá. — N'en nostre compaignie ne soit nus s'il n'est amans.*

6) A mais antiga dança francesa que subsiste (musica e letra), em texto vulgar e com redacção ecclesiastica, foi impressa por Coussemaker, *Histoire de l'harmonie,* pl. 26; cfr. Boehme II, p. 41, Nº 80.

7) Cfr. Fr. Flamini, *Per la storia d'alcune antiche forme poetiche italiane e romanze,* Livorno 1895.

8) *Carmina Burana,* p. 191. — Cfr. 195.

Ad festae choreas coelibes
ex more venite virgines.[1])

Quanto ás chronicas de conventos de freiras e ás paginas escandalosissimas nellas inscritas no sec. XIII por mais de uma fidalga aparentada com trovadores, e posteriormente por uma D. Felipa d'Eça, D. Paula e Feliciana de Milão, a tentativa de as caracterizar levar-me-hia muito longe. Para o leitor acreditar na hypothese de freiras e abadessas se terem deleitado na execução e composição de trovas d'amor, nada mais farei do que citar uma lei exarada no sec. XVII a respeito de um dos conventos mais pobres e mais austeros da capital: „Mandamos, em virtude da santa obediencia e privação do seu officio, á Madre Abbadessa que não permitta ás suas subditas nenhum genero de entremês, comedia, baile ou qualquer outra similhante representação; e ás religiosas se manda com o mesmo preceito não entrem em similhantes divertimentos tão alheios de virtude e perfeição christã.[2])"

§ 433. Afim de tornar mais seguras as conclusões finaes registarei agora alguns caracteres genuinamente nacionaes da poesia feminil archaïca, persistentes tanto na poesia do povo actual, como naquellas preciosas reliquias dos tempos intermedios que nos foram transmittidas em obras literarias dos seculos XV (fim) a XVII e constituem o elo ligador entre o periodo primeiro e o moderno.

Os mananciaes mais ricos de taes poesias archaïcas, chamadas *cantar velho, cantar viejo,* são o riquissimo *Cancioneiro Musical* do tempo dos reis catholicos, publicado por Barbieri; os *Villancicos y Canciones* de Juan Vazquez; o *Libro de Musica de Vihuela* de Pisador; o *Catalogo de Musica* de D. João IV; os *Autos* de Gil Vicente; as obras lyricas e dramaticas de quinhentistas portugueses como Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda, Bernardes, Caminha, Camões, Rodrigues Lobo, e castelhanos como Castillejo, Valdivielso, pois todos esses demophilos gostavam de recolher no meio da rua dos labios de raparigas do povo, monostichos, distichos, triadas e quadras,[3]) para que lhes servissem de mote ou thema (*Leitmotiv*) para voltas e glosas palacianas, destinadas ás damas da côrte, suas namoradas.

1) Canto 3°: *Planctus virginum Israelis super filia Jephtae Galaditae.*
2) Sousa Viterbo, *Artes e Artistas*, p. 187.
3) A maior parte das quadras populares em redondilha menor (*xaxa*) equivale a disticos em versos longos, bipartidos.

Em certas regiões do Norte de Portugal — S. João da Madeira, Mesquitela (Celorico), Villarandello, Valpassos, Parada, Rebordaïnhos, Urros[1]) — e provavelmente alhures, ha ainda hoje danças e jogos em que entram exclusivamente moças namoradas.[2]) O atrevimento de qualquer rapaz que de espectador queira passar a participante é repellido com indignação.[3]) Com remoques afastam igualmente tanto aquellas solteirinhas, que ainda não têm namorado, como as »filhas da desgraça«, que já não merecem o titulo tradicional de donas-virgens.

O papel que no sentir do vulgo compete nos divertimentos publicos aos dois sexos, transparece vagamente de algumas composições gallegas:

1°) As nenas son pera ver,
os galans pera mirar.[4])
2°) O cantar é pera todos,
o bailar dos namorados.[5])
3°) Cante quen tuvere amores.
4°) O pandeiro toca ben,
as ferrinhas fan-lhe o son:
vivan os que amores ten.

No afamado baile de Asturias, chamado *dança-prima,* grande chorea circular dupla, uma cerrada de homens, outra aberta (?) de mulheres, são essas que, em occasiões de festas e romarias, cantam em côro o romance tradicional em estylo antigo: *Ay el galan d'esta villa, Ay el galan d'esta casa,* vetusta ruina desmembrada, de

---

1) Os logares citados são aquelles cujo repertorio lyrico conheço, mais ou menos, pessoalmente ou por informação directa de raparigas, ahi nadas e criadas. Rebordaïnhos e Parada, apenas pelas indicações que devo ao benemerito auctor da *Philologia Mirandesa.*

2) Escuso de dizer que em Portugal, como em todas as partes, ha, ao par de danças mulheris, outras em que a mocidade de ambos os sexos se move em circulos concentricos, em fileiras, ou aos pares. Pode-se mesmo dizer que as danças puladas aos pares prevalecem hoje. As outras são antigualhas quasi extinctas.

3) Não posso esquecer a sobranceria com que uma mocetona repellia a irmã mais moça: *tu não pertences ao nosso bando,* nem a exaltação com que outra contava á companheira: *Oh Maria, um homem quis meter-se na nossa dança.* Numa ronda de maio, citada por Jeanroy, dá se expressão parecida á mesma ideia: *ne nus homs ne s'i acompaigne* (p. 391).

4) Var. port: *As moças são para ver, Os moços para mirar.*

5) Continua: *A alegria dos solteiros, A tristeza dos casados.* — Var. *O cantar é dom dos anjos.* — Outro dicto, relativo ás artes lyricas e indicativo do conceito em que o povo tem essas artes lyricas, reza: *O cantar quer vir de graça, O bailar quer s'aprender.*

tempos immemoriaes, que conserva os caracteristicos dos cantares de amigo. Mas não vejo notado por nenhum observador o facto de todas as cantadeiras serem solteirinhas namoradas.[1])

No Cancioneiro actual do povo gallego e português, ellas são protagonistas principaes como nos cantares dramaticos dos cancioneiros musicaes e lyricos, e na idade-media.[2])

Quasi sempre os disticos e tristicos dos *cantares velhos*, e freqüentemente as quadras de hoje são dirigidas á mãe, figura muda em geral; ou então ha dialogo entre mãe e filha; raras vezes entre mãe e filho.[3])

O pandeiro e o adufe, o qual vimos figurar na mão de moças, tanto em miniaturas do Cancioneiro da Ajuda[4]) como em poesias medievaes,[5]) e no meio da rua em casamentos e procis-

1) As duplas versões do canto parecem reclamar dois coros. Pelas descripções, insufficientes, que conheço, calculo que a primeira versão é cantada pelas vozes mais bellas (as precantoras) e a segunda pelas restantes. Duran, *Romancero* I, p. LXVI dá-lhe o titulo de *Romance que cantan las aldeanas de Asturias siempre que bailan la danza del pais.* Jovellanos, que devia conhecê-la *de visu* é muito pouco claro, pois falla de *coplas* e de um estribilho (Ed. Ribadeneyra II, p. 299). O passo mais importante para nós diz: „Llevan la voz de ordinario tres o quatro mozas de las de mas gallarda voz y figura, colocadas a la frente del corro y las otras van repitiendo ya la mitad de la copla, ya el estribillo, a cuyo compas giran todas sin interrupcion sobre un mismo circulo, pero con lentos, uniformes y bien acordados pasos."

2) Conheço poucas trovas caracterizadas expressamente como obra, verdadeira ou fingida, de mulheres casadas (se abstrahirmos dos versos de embalar). Eis dois padrões:

1°) *Quando era solteirinha trazia fitas e laços,*
agora que sou casada trago meus filhos nos braços.
Var.: *usava fitas aos molhos ... uso lagrimas nos olhos,*
ou: *usava zapato branco ... nem zapato nem tamanco.*
2°) *Meninas, não se admirem de eu cantar e ser casada,*
(var. fronteiriça *Muchachas*)
eu canto com a alegria de me ver bem amparada.

3) Passam de meio-cento os archaïcos cantares palacianos em estylo popular, dirigidos por uma menina e moça á mãe, que juntei e conto publicar. E não são menos os populares em cujo verso primeiro temos a allocução tradicional *minha mãe* (port.); *miña nai, miña naïnha* (gall.); *madre; mi madre; la mi madre; madre mia;* ou *madre la mi madre* (*hesp.*) como na conhecidissima cantiga:

Madre, la mi madre, guardas me poneis,
si yo no me guardo, no me guardareis.

4) Cfr. § 137 e 165.

5) **CV 883**: *A do mui bon parecer*
mandou o adufe tanger:
louçana, d'amores moir' eu!

sões,[1]) serve ainda hoje em todas as danças feminis do povo.[2]) Sobretudo acompanha as bailadeiras da Galliza nas graciosas evoluções em volta do gaiteiro de que se compõem as *ruadas* e *foliadas*,[3]) generos que terminam em geral com um *atruxo* (nas Asturias com um *ixuxú*) do instrumentista — especie de *Juchzer*, muito mais agudo, mas menos prolongado do que o *Jodler* dos tiroleses. Sá de Miranda escreveu umas voltas *a este cantar velho das moças ao adufe* ou *a esta cantiga que cantam polas ruas em dialogo:*[4])

Naquela serra quero ir a morar:
quem me bem quiser, lá me irá buscar[5])

e paraphraseou o bonito rifão:

Taño-os yo, mi pandero,
taño-os y pienso en al.[6])

A moda das galleguinhas de cantarem em coros, attestada na *Historia Compostellana* e indirectamente pela textura de todos os velhos cantares de repetição, continuou, conforme vimos tanto pelos dizeres de Gil Vicente, Fernão Lopes, Castillejo, como nos Regimentos das procissões, na *Miscellanea* de Leitão de Andrada, nos assentos do Marquês de Montebello, Padre Sarmiento e Jovellanos, e subsiste em Parada e Rebordaïnhos.

Themas, typos, scenarios, ecos da vida real, reflexos da natureza, de caracter bucolico e maritimo, são em grande parte no segundo periodo os mesmos que haviam prevalecido no primeiro.[7])

A do mui bon semelhar
mandou o adufe sõar:
louçana, d'amores moir' eu!

1) P. ex. no casamento de D. João I. e na procissão do Corpo de Deus de Coimbra e do Porto, conforme mostrei.

2) Pandeiro ou adufe com soalhas (cast. *sonajas* = *guisos*) e castanholas são os instrumentos typicos da mulher do povo, como gaita e tamboril os dos musicos communs ruraes, e a guitarra a dos mais aperfeiçoados.

3) Por isso muitos gallizianos dão o titulo de *cantares de pandeiro* ás archaïcas triadas de que consta a letra das *ruadas* e *foliadas*.

4) *Poesias*, Ed. de C. M. de Vasconcellos, Nº 114. O mesmo cantar foi aproveitado por Frei Agostinho da Cruz, *Rimas*, p. 156 e por Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Ulysipo*, p. 245.

5) Outros quinhentistas fallam de *trovas que as moças cantam em coro*, ou *trovas que dizem as mulheres*.

6) *Poesias*, Nº 195. Está claro que ha muita copla, muita ruada, muita muïnheira, relativa ao pandeiro. P. ex. *Romania* VI Nº 97 e 114.

7) Aos themas velhos e virginaes juntaram-se posteriormente muitos novos, vindos de França. P. ex. o da *mal-casada*, do *velho mau*, da *freira arrependida*.

Além de santos e santuarios,[1]) e dos appetecidos divertimentos oceanicos com barcas e navios, banhos e ondas, em sentido real e figurado,[2]) temos como d'antes aves a cantar *pela ribeira do rio*; arvores floridas, especialmente o *pinheiro,* tão freqüente na beiramar occidental.[3]) Em seu tronco alto e direito é que a namorada gosta de se encostar; á sua sombra densa e firme recorre de preferencia como ao symbolo da força, persistencia, lealdade. As protagonistas continuam a ser pastoras da serra, lavadeiras requestadas por escudeiros e cavalleiros; filhas desobedientes á mãe, não só guardadas por causa da sua leviandade, mas tambem feridas e presas; ou então namoradas fogosas que *ao levar da alba* acordam pesarosas o amante ou se queixam em soliloquio das noites *longas como as d'advento,* quando as passam em solidão.[4]) Da parte d'essas, a mesma paixão ardente é revelada com ingenuidade, ás vezes assombrosa. Da parte das solteirinhas typicas, o mesmo melindre virginal que notámos nos cantares de amigo.[5]) Nada mais ambicionam do que vêr e

---

1) Mesmo os cantos narrativos de romaria, dos seculos XV e XVI, apresentam no primeiro distico o nome d'um santuario, exactamente como os que analyzei no § 400. Com o cantar **CV 894**: *Fui eu, madr', en romaria A Faro con meu amigo* confira-se: *Yo me iba, la mi madre, A Santa Maria del Pino* (*Crisfal*, Estr. 42; *Canc. Mus.* Nº 380, 350, 346); *Yo me iba, la mi madre, a Ciudad Reale* (Valdivielso, p. 269); *Yo me iba, mi madre, a Villareal* (Am. de los Rios II, p. 462 e 612). Estão todavia influenciados, e fortemente, por pastorelas e serranilhas artisticas, não só quanto ao espirito bastante frivolo que os anima, mas tambem na particularidade de sahirem de boca masculina e nararem aventuras de amor. — Vid. *Canc. Mus.*, p. 402: *Yo me iba, mi madre, a la romeria; Gil Vic.* II, p. 452: *El mozo y la moza van en romeria;* e tambem J. Vazquez, Gallardo, *Ensayo* IV, c. 924.

2) As cantigas **CV 322**, **858**, **885** devem comparar-se com as do *Canc. Mus.* Nº 101, J. Vazquez (Gallardo IV, c. 928) e Pisador (Gall. III, c. 1237).

3) Está claro que tambem aqui o horizonte dos poetas se alargou consideravelmente. Ao rustico pinheiro, á symbolica romanzeira e á avelleira de bom agouro juntaram-se oliveiras, laranjeiras, limoeiros e macieiras.

4) Compare-se o cantar Nº 258 do *Canc. Mus.*: *Estas noches atan largas* com **CV 772** *Da noite d'eyri poderan fazer Grandes tres noites*, e **CV 771**.

5) A ideia enunciada por Jeanroy, que esse recato e pudor não seja popular, mas apenas uma mascara poetica, está em contradicção com a justissima noção, por elle mesmo sustentada, que toda a verdadeira poesia popular é casta. O temperamento fogoso da raça peninsular exige cautelas e reservas desnecessarias no Norte. Aqui a opinião geral considera indecorosas muitas praticas correntes entre povos germanicos. A sabedoria do povo não assentou sem razão o preceito rigoroso: *Entre santa e santo, parede de cal e canto.*

fallar, jubilosas quando podem mostrar a sua graça juvenil ao pé da fonte, no lavadoiro, na praia, no terreiro dos bailados.

Exemplifiquemos, escolhendo algumas quadras relativas ao mar (I), ao pinheiro (II), ao recato virginal das raparigas de aldeia (III).[1]

I. 1°) *Oh mar alto, oh mar alto, oh mar alto, não tens fundo:*
antes andar no mar alto do que nas bocas do mundo.
2°) *Miña nai é mui bravia, fai como as olas do mar:*
as olinhas sempre abrandam y ela non quer abrandar[2] (gall.).
3°) *Todas las mañanas voy á la orillita del rio*
a preguntar a las olas si han visto al cariño mio (gall.).
4°) *Fui-me deitar a dormir ao pé do rio que corre,*
e a agua me respondeu: quem tem amores não dorme.[3]
5°) *Quem se embarca? quem se embarca? quem vem comigo? quem vem?*
Quem se embarca no meu peito, que linda maré que tem![4]
6°) *Meus olhos van pelo mare*
buscando van Portugale.[5]

Este ultimo é um fragmento conservado no *Cancioneiro Musical* de 1500 e tantos.

II. 1°) *Alto pino, alto pino, ao ceo chega a rama;*[6]
debaixo do alto pino façamos, amor, a cama.[7]
2°) *Oh José, pinheiro alto, sombra de todo o verão!*
todo o amor se me rende, só o teu, oh José, não.
3°) *Não vos encosteis ao alamo, que alamo é mudança;*
encostai-vos ao pinheiro, que o pinheiro é constança.[8]

---

1) Colhidas da tradição oral. Muitas, e talvez todas, figuram todavia, com variantes, ou sem ellas, em collecções impressas.

2) Nas obras de Gil Vicente e Juan del Encina surge a miudo a menina *sanhosa como o mar.*

3) Este proverbio é remate de muitas cantigas. — Var. *da agua que corre.*

4) Ha canções relativas ao mar, com reminiscencias populares, nas Redondilhas de Camões, no Canc. de Zaragoza (*Jahrbuch* III, p. 131), nos *Villancicos* de Vazquez (Gall. IV, p. 924); no *Labirinto Amoroso* N° 45; no *Canc. de Napoles* (Homenaje II, p. 464); nas *Rimas de Castillejo* (p. 209 da *Bibl. de Aut. Esp.* Vol. 51) — Cfr. **CV 246, 424, 429, 438, 488, 719, 753—758, 791, 874, 875, 886.**

5) A segunda versão talvez dissesse:
Meus olhos van pelo rio,
buscando van Doiro e Minho.

6) Var.: *Non me derrames o pino, que me derramas a alma.* — Cfr. *Romania* VI, p. 58 N° 27.

7) Var.: *Façamos, meninas, a cama;* ou *tinha meu amor a cama.* É credo popular que a sombra do pinheiro, especialmente do pinheiro manso (parasol), faz bem ás creanças enfezadas e ás pessoas anemicas, emquanto a de arvores de folha caduca (como a figueira) lhes faz mal.

8) Var.: *que dá as pinhas na França.*

4°) *Yo me arrimé a un pino verde por ver si me consolaba*
y el pino como era verde de verme llorar lloraba (cast.).
5°) *Oh que pinheiro tão alto, oh que pinhas tão doiradas!*
não ha vida tão feliz como a das moças amadas.[1])
6°) *Quem tem pinheiros tem pinhas, quem tem pinhas tem pinhões!*
Quem tem amores tem zelos, quem tem zelos tem paixões.[2])

Tambem aqui sei indicar umas „*coplas antigas de Espanha*", que principiavam:

Oh pino, oh pino, oh pino florido!

Foi Arias Montano quem alludiu a ellas, sem dizer se esse *cantar de amigo* era do tempo de D. Denis, ou conservado na tradição oral.[3])

III. 1°) *Antoninho, meu Anton,*
falar e rir está ben;
poñer-m'a man, eso non (gall.).
2°) *Quero-vos muito, amigo, da raiz do coração:*
mas nem rindo nem brincando me haveis de pôr a mão.[4])
3°) *Não poñas o pé no meu, nin a man na miña saia,*
que anque son moza solteira, espero de ser casada (gall.).
4°) *Tire-lá a mão da saia, diga de longe o que quer:*
não perde você que é homem, perco eu que sou mulher.
5°) *Não prantes o pé no meu, tira a mão da minha cinta,*
que tem um crime de morte, quem com amor d'outrem brinca.
6°) *Não me ponha a mão na cinta, não me ponha a mão no peito:*
atrás da sua vem outra, assim se perde o respeito.

Em varias das reliquias palacianas em estylo popular a que alludi, a menina e moça conserva inalterado o seu archaïco nome de *virgo* ou *dona-virgo*,[5]) transposto em castelhano para *niña-virgo, moza-virgo.* A semelhança vae até o ponto d'esse vocabulo alternar

---

1) Var.: *casadas.*

2) Ha mais cantigas relativas a pinheiros e pinheiraes na collecção de Ballesteros I, p. 76, 176; II, p. 24, 26, 142; III, p. 170, 223 e nas *Mil Trovas,* Nº 131 e 174. Da importancia do pinheiro na vida do povo peninsular, dão prova convincente as significações figuradas e as varias derivações de *pino.* — Vid. *Randglosse* XIX.

3) *Panegirico por la Poesia,* p. 34.

4) Cfr. Ballesteros III, p. 15, 33, 73, 83, 89, 243 e Gil Vic. II, p. 443: *E se ponerei la mano en vos, Garrido amor,* refram de um cantar que mais abaixo terei de transcrever.

5) **CV 507, 757, 759.** — É possivel que esse nominativo latino provenha da linguagem da Igreja (como *Deus, Jesus* etc.). Além d'esse titulo bem expressivo, reservado por ventura pelos poetas para as solteirinhas de alta categoria, e do bucolico nome de *pastor,* os trovadores empregam ainda os vocabulos *menina (meninha), moça, dona, donzela.* Ou mais familiarmente *bela, fremosa, fremosinha, delgada, garrida, louçana, velida. Poncela* apenas nos versos de um afrancesado (**CV 796**).

em repetições parallelisticas com *niña-d'algo*, exactamente como nos tempos de Alfonso X e D. Denis com *dona-d'algo.*[1]) É d'um coevo dos dois monarcas o seguinte cantarzinho d'amigo, já mais àcima citado, acompanhado do refram: *E chor' eu bela.*

1°) *O anel do meu amigo*
perdi-o so-lo verde pino,
3°) *Perdi-o so-lo verde pino,*
por én chor' eu dona-virgo.

2°) *O anel do meu amado,*
perdi-o so-lo verde ramo,
4°) *Perdi-o so-lo verde ramo,*
por én chor' eu dona-d'algo (CV 507).

Um compositor do tempo dos reis catholicos ensoou o texto:

1°) *Por vos niña-virgo*
prendio-me el merino.
3°) *Prendio-me el merino,*
trae-me mal-herido.

2°) *Por vos niña-d'algo*
prendio-me el jurado.
4°) *Prendio-me el jurado,*
ha-me lastimado.

Pertence-lhe o refram:

Por vos mal me viene,
niña, y atended-me.[2])

Gil Vicente pela sua vez cantava:

1°) *Por la ribera del rio*
limones coge la virgo.
3°) *Limones coge la virgo*
para dar a su amigo.
5°) *Para dar a su amigo*
en un sombrero de sirgo.

2°) *Por la ribera del alto*
limones coge la d'algo.
4°) *Limones coge la d'algo*
para dar a su amado.
6°) *Para dar a su amado*
en un sombrero de grana.[3])

Esses versos, e os mais antigos:

1°) *Pela ribeira do rio*
cantando ia la virgo — d'amor.

2°) *Pela ribeira do alto*
cantando ia la d'algo — d'amor.[4])

combinam igualmente com outros que um compositor distincto ensoou no sec. XVI:

---

1) *Dona d'algo*, feminino de *rico homem*, conforme já deixei dicto. Não pode haver prova mais evidente do destino d'essas composições.

2) *Canc. Mus.* Nº 245. O *y* interjeccional do ultimo verso tambem é successor legitimo do *e* galliziano.

3) Gil Vic. I, p. 83. Na versão em **á-o**, omittida na transcripção e que tentei restaurar, a ultima palavra não satisfaz. O refram parece ter sido originariamente um cantar independente:

En la huerta nace la rosa,
quiero-me ir allá
por mirar al ruiseñor
como cantaba. (Cfr. § 434 Nota 4.)

4) **CV 757.** — Cfr. **759.**

El rei arma navio
pera levar a virgo.

El rei arma barco
pera levar a d'algo.

Ribera de um rio
vi moça-virgo,
niña en cabello.[1])

O synonymo apposto aqui ao titulo usual, com allusão ao symbolo juridico do cabello desatado das solteirinhas (*filia in capillo, mulier in capillo*),[2]) em opposição ao atado, velado e toucado de casadas e viuvas, prevalece na poesia popular. Em composições trovadorescas ha apenas referencias vagas. Uma cortesã desillusionada ou receosa exclama, imaginemos que mirando-se ao espelho, o pente de ouro na mão:

Meus cabelos, com sirgo eu non vos liarei;
mias toucas de Estela, eu non vos tragerei.[3])

Outra designa o amante (respectivamente el rei, que casava os moradores da sua côrte) como senhor dos seus cabellos.[4]) Seculos depois, Andrade Caminha e Vazquez glosaram a letrilha:

Vos me habeis muerto,
niña en cabello,
vos me habeis muerto.[5])

Hoje como primitivamente a musa popular prefere os nomes singelos de *menina, menina solteira, moça solteira, nena solteira*[6]) á expressão juridica *moça* ou *manceba em cabello*,[7]) comquanto se occupe a miudo do symbolo:

---

1) J. Vazquez (Gall. IV, c. 924). Numa das composições do *Libro de Vihuela* de Pisador temos num unico verso *virgo* e *vigilia*, não sei se vigilia nupcial ou de romaria:

Como al caballero no le di herida,
ansi vaya, madre, virgo a la capilla.

2) Th. Braga, *A poesia no direito;* id. *Poesia Pop. Port.* p. 374 e 87; Grimm, *Deutsche Rechtsaltertümer,* p. 433; cfr. Rodrigo Soarez, *Proemio de la Ley* II, Tit. I (*De los Casamentos*, Libro III del Fuero Real): *quae caput nondum velavit more conjugatorum sed soluta et aperta coma puellarum more adhuc incedit quae proprie est domicella;* e *Espejo de las Leyes* I, 36, 64, 65, 67.

3) **CV 505**. — Cfr. **689**.

4) **CV 291**. — Cfr. **756** e **794**.

5) Lição de Andrade Caminha, *Poesias Ineditas* Nº 390. J. Vazquez dizia: *Vos me matastes.*

6) Vejam os exemplos citados. Temos mais um na quadra portuguesa:

A maçã da macieira não se quer abocanhada:
é como a moça solteira que espera de ser casada.

e outro numa muïnheira gallega:

Ai has de cantar, mininha solteira,
ai has de cantar alá na ribeira.

7) Essa, continúa viva em alguns proverbios, como:

1°) *Menina, ate o cabello, que atado está-lhe bem;*
se não tem fita para elle, o salgueiro verga tem.
2°) *Menina, ate o cabello, não o traga desatado;*
dê o desengano ao moço, não o traga enganado.
3°) *Hei de atar o meu cabello e virá-lo para tras*
com uma fitinha vermelha que me deu o meu rapaz.
4°) *Ayer estaba soltera con el cabello tendido,*
hoy estoy prisionerina ya al lado de mi marido (astur.).

Outras formulas descriptivas, destinadas a idealizar as namoradas, foram transmittidas de seculo em seculo. Estão neste caso a metaphora predilecta dos poetas aulicos: *lume d' estes olhos meus* e a paraphrase *a rem do mundo que eu mais queria,* modernizadas para *vista dos meus olhos* [1]) e *las cosas que yo mas queria,* [2]) mas sobretudo *corpo velido;* [3]) *corpo lozano;* [4]) *corpo loado;* [5]) *corpo delgado;* [6]) *corpo garrido; corpo galano; corpo florido.* [7])

Lembro as rimas gallegas que acompanham a dança do *maneo* ou da *pella*:

1°) *Como se colean as troitas na auga*
assi se manea teu corpo salado. [8])
2°) *Como se colean as troitas no rio*
assi se manea teu corpo florido.

Um notavel cantar asturiano, de que infelizmente só restam fragmentos, mas que estou disposta a juntar ás *muïnheiras* gallegas, começa:

Ay Juana cuerpo garrido! Ay Juana cuerpo galano!

Da epoca intermedia é o mote utilizado por Pisador:

Si te vas a bañar, Juanica,
di-me á que baños vas,
Juanica, cuerpo garrido. [9])

Mais vale velha com dinheiro que moça em cabello.
Moça em cabello, não m'a louves, companheiro.

Na linguagem familiar *em cabello* significa hoje *com a cabeça descoberta, sem chapeu, manta ou lenço.*

1) *Romania* VI, p. 59 Nº 30.
2) *Canc. Mus.* Nº 95 (cf. 334 e 324); Wolf, *Prager Sammlung,* p. 60 e 62.
3) **CV 889, 170.**
4) **CV 170.**
5) **CV 401.**
6) **CV 889, 938, 570.**
7) *Canc. Mus.* 437. Tudo isso com relação a meninas. Com relação a homens temos igualmente *cuerpo garrido* em Gall. IV, c. 924 e no Romance de Gerineldo, *Antologia* X, p. 161; *cuerpo galano* em outro *Rom.* de *Gerineldo, Duran,* Nº 320 e freqüentemente nos cantares de gesta.
8) Moderno, em logar de *louçano.*
9) Gallardo III, c. 1237.

Os synonymos *amigo* e *amado*, juntos, repetem-se constantemente, e designam o amante.[1]) Temo-los p. ex. num *Auto* religioso attribuido a Lope de Rueda,[2]) onde formam um intermezzo lyrico notavel, apesar da incongruencia entre texto e estribilho:[3])

Mimbrereta, amigo,
so-la mimbrereta.

Y los dos amigos	*Y los dos amados*
idos se son, idos	*idos se son, idos*
so-los verdes pinos.	*so-los verdes prados.*[4])

Apparecem tambem nas *rimas* de Eugenio de Salazar como estribilho de uma canção artistica:

Ay, como tardas, amigo,
Ay, como tardas, amado;[5])

numa composição feminil de Pisador: *Como no venis, amigo;*[6]) na muïnheira asturiana da Juana garrida:

Donde le dexas a tu buen amigo?
Donde le dexas a tu buen amado?

e não falta na *dança-prima:*

Ay que su amigo la cita,
ay que su amado l'aguarda . . .

e em muitos outros textos quer em disticos, quer á maneira do cantar da mimbrereta, no genero das seqüencias de igreja.[7])

Entre os restantes vocabulos, utilizados em cantares de amigo como rima distinctiva de cada uma das versões parallelas, cantadas por dois coros ou duas vozes, vejo muitos dos que foram typicos no seculo XIII continuarem a sê-lo pelos seculos adeante, e que ainda se repetem hoje em identicas circumstancias.

Nos exemplos allegados neste capitulo e no anterior temos *dona-virgo, dona-d'algo* (respectivamente *niña-virgo, niña d'algo,* ou sómente *a virgo, a d'algo*); *garrido galano; pino ramo; rio alto;*

---

1) *Amante* é termo literario, mal acreditado entre os populares; *entendedor* desappareceu; *drudo,* na mesma; *conversado* é familiar, mas muito usado com relação á gente do povo.

2) L. Rouanet, *Autos,* vol. II, p. 504 e 507; Cotarelo, *Estudios de Hist. Lit.,* Madrid 1901, p. 288s.

3) Talvez as triadas fossem cantadas »ao som de *Mimbrereta amigo*«?

4) Talvez deturpação de *ramos.*

5) Gallardo IV, c. 925.

6) Ib. III, c. 1235.

7) *Amigo* só p. ex. no *Canc. Mus.* 6, 85, 143, 175, 236; Gil Vic. II, p. 413.

vivo sano; villa casa (ou *praça*); *bailia bailada.* Nos que ainda hei de transcrever figuram: *florido granado; queria amaba; camisa delgada; siia pousava; venia llegaba.*

§ 434. Esta ultima observação diz respeito á importantissima parte technica, da qual terei de occupar-me explicitamente em outro capitulo. Graças aos numerosos especimes com que, de caso pensado, tenho ido illustrando a minha argumentação[1]), posso ser breve agora. O leitor já conhece as qualidades communs que formalmente distinguem e destacam dos generos artisticos, os suppostos da poesia popular, vigentes no primeiro periodo, que serviram de fonte de inspiração aos imitadores palacianos e se perpetuaram na memoria do povo até o dia de hoje nalguns recantos de Tras-os-Montes, na Galliza e em Asturias, maugrado a acção dominadora das quartetas octosyllabas. A unidade do typo resalta dos traços seguintes:

1°) As estrophes são distichos, na maioria dos casos; por excepção monóstichos,[2]) ou tristichos.[3]) Teem portanto as mais primitivas das estructuras possiveis.

2°) Antigamente iam acompanhados de um refram curto e singelo que rematava cada estrophe,[4]) ou se repetia de verso em verso,[5]) inteiro, em partes, ou só pela sua ultima palavra. Como

---

1) Intercalei nos §§ 418, 419 e 427 cantares de amigo de D. Denis; outros medievaes nos §§ 425 e 427; um de Gil Vicente no § 425, dois modernos ahi mesmo.

2) Nos Cancioneiros palacianos não ha exemplos. Entre os modernos, o leitor conhece o Santo Antonio de Rebordaïnhos, a *dança-prima* e a *Juana garrida.* Vestigios do systema monosticho ha-os talvez na cantiga senhoril de Amor **CA 332.**

3) Exemplos, o de Lope de Rueda e *Canc. Mus.* 17; este vivo na tradição, como terei de registar mais abaixo. Entre os *cantares* artisticos vejam **CA 218** e **32, 63, 65.** Cfr. **CA 56, 62.**

4) O refram é onomatopaïco: *leliadoura* (**CV 415**); *laliloré* (cant. pop.); consta de uma só palavra exclamatoria como *Delgada! louçana! velida!* ou de duas: *Bela frol! Meu amigo! Moir' eu!* ou de um verso inteiro independente: *Leda m' and eu! Sanhuda lh' and' eu! Morrerei d' amores! D' amores moir' eu! E moirome d' amor! Ay madre, moiro d' amor! Ay madre, seus amores ei! D' amores ei mal! E vou namorada! E chor' eu bela! E choran olhos d' amor!* etc. Muitas vezes completa todavia o sentido do texto. Não faltam exemplos em que, constando de 2 a 4 versos, o refram, anteriormente isolado, representaria uma cançãozinha completa (**CV 760**, Gil. Vic. I, p. 83).

5) **CV 415.** — Entre os romances portugueses que ouvi cantar, alguns eram interrompidos de verso a verso por exclamações; p. ex. *A Nau Caterineta* por *Valha-me Deus!* O *lavrador da arada* por *Ay Jesus!*

thema e elemento distinctivo musical era ás vezes anteposto á poesia,[1]) servindo-lhe de cabeça e pé.[2]) Nas canções modernas falta a miudo, pelo menos nas redacções escritas.[3])

3°) A redacção inicial é repetida em outra parallela, muito semelhante, com divergencia apenas na palavra ou na formula rimante.[4])

4°) Essas duas versões parallelas alternam, ora de distico em distico, ora de verso em verso, de tres em tres, ou de quatro em quatro,[5]) o que indica distribuição entre dois coros, duas vozes.

5°) Para constituir canção parallelistica de repetição bastam $2 \times (2 + 1)$ versos; $2 \times (3 + 1)$; $2 \times (4 + 1)$.[6]) O typo perfeito, pelo menos na boca de jograes palacianos e de trovadores e tambem na das cantadeiras modernas, exige comtudo que o thema abranja tres, quatro ou cinco disticos de modo tal que, graças ás repetições, resultem estrophes $3 \times (2 + 1)$, $4 \times (2 + 1)$, $5 \times (2 + 1)$.

6°) Nesse estado a poesia é duplamente encadeada, pois a estrophe 2ª de cada versão principia repetindo o ultimo verso da estrophe 1ª. Este systema de *leixa-prem,* ainda hoje em voga, tanto entre as cantadeiras; em *despiques, descantes* e cantos á *desgarrada,* como entre os fadistas, facilita o trabalho dos que trovam. E tambem o dos restauradores, quando nas transcripções falta algum elo,[7]) ou mesmo quando carecemos de toda a redacção derivada[8]) — caso nada raro tanto na literatura dramatica, como em cancioneiros musicaes, cujos col-

---

1) **CA 198.**

2) Vid. Nº XI do nosso mostruario.

3) Nas muïnheiras, o refram é improvisado a capricho. Entendo que o pre-cantor ou a pre-cantora junta arbitrariamente ao texto qualquer dos refrans tradicionaes (verbi-gratia, o ditado infantil: *Isca d'ahi galinha ladrona*). Quanto á dança-prima já deixei dicto que Jovellanos falla de *estribilhos.* Os restantes informadores referem-se apenas a gritos como *Viva Pravia y muera Piloña!* dados quando no fim do bailado principiam rixas e batalhas.

4) Em muïnheiras e rimas infantis temos ás vezes tres ou quatro redacções, mas sempre de uma só estrophe. Em composições de varias estrophes não ha exemplo de tal ampliação.

5) Gil. Vic. III, p. 270. — Tambem nesse caso podia apontar uma cantiga de amor, que por ventura se cinge a moldes populares.

6) **CV 429, 462, 757, 758, 760, 761, 792, 890** etc. — Cfr. os nossos Nos II e VII, VIII, X.

7) Gil Vic. II, p. 444.

8) Gil Vic. II, p. 425, 427, 432, 434, 445, 452.

leccionadores ligavam mais interesse á parte musical do que á letra.[1])

7°) O refram tambem offerece ás vezes duas redacções parallelas.[2])

8°) As rimas não são consoantes *inteiros* ou *verdadeiros,* para empregar a terminologia de Juan del Encina. As *assonancias* (toantes) predominam.[3])

9°) O vocabulario encerra formas não usadas nas canções provençalescas, termos archaïcos que já haviam desapparecido da linguagem normal. P. ex. *ler* (synonymo de *mar* ou *beiramar*); *virgo* por *virgem;* as formas verbaes *trei* < *trahi* e *treide treides* > *trahite trahitis,* porventura provincialismos gallegos. A esta ultima categoria per-

---

1) *Canc. Mus.* Nº 48, 53, 85, 98, 103, 143, 236, 237, 263, 400, 403, 427, 434. — Entram nessa categoria os cantares velhos empregados como *Mote* ou *letrilha* pelos quinhentistas. Raras vezes elles assentaram completa a cantiguinha popular que iam glosar. Vid. Caminha Nº 398:

Quien piensa que tiene amiga
tiene una higa.

Quien piensa que tiene amada
no tiene nada.

As voltas do paraphraseador terminam em *-iga* e *-ada.*

2) Tenho em mente a bailada **CV 764**, **CV 759**. *Canc. Mus.* 17, 259; Gil Vic.: *Dentro del vergel, moriré. . . Dentro en el rosal matar-m'an;* e com relação ás muïnheiras a famosa parelha:

Isca d' ahi, galinha ladrona,
isca d' ahi pra cas de tua dona.

Isca d' ahi, galinha maldita,
isca d' ahi, amai-la tua pita.
(ou *non me mate-la pita*)

e *Ay vida minha Ay vida da yalma* (*Inzenga,* p. 60).

3) Na sua *Arte de Poesia Castellana,* no Cap. VII, dedicado ás estrophes, Encina, depois de fallar de monostichos (Motes), distichos (motes, vilhancicos, letras), tristichos (vilhancicos, letras), nota que ha *algunos* — entenda-se *Motes* — *del tiempo antiguo de dos pies y de tres que no van en consonante porque entonces no guardavan tan estrechamente las observaciones del trovar.* Baist, *Span. Lit.* § 4 reconhece neste dicto referencias ás rimas toantes dos primitivos cantares do povo. Creio quo ha na verdade referencia a esses cantares, mas ás especies que effectivamente não tinham rima alguma. Eis quatro exemplos (tres de Caminha; a ultima de Gil Vic. II, p. 401):

1°) Veo que todos se quexan,
yo callando moriré.
2°) Tango-os yo mi pandero,
tango-os y pienso en al.
3°) Allá miran ojos
ado quieren bien.
4°) Niña, erguedme los ojos
que a mi namorado m'an.

Na continuação é que Encina caracteriza as toantes dos romances castelhanos como consoantes não verdadeiros.

tencem certos hispanismos ou castelhanismos que muito cedo haviam invadido os fallares da Galliza do Norte, mas que destoam das feições castiças do *português illustre* dos trovadores.[1]) Na lyrica dos seculos posteriores ha igualmente palavras antiquadas, conforme já indiquei (*virgo*) e synonymos aos pares.[2])

10°) O metro não é uniforme. Ha cantares em versos de arte commum, de oito syllabas e seu quebrado.[3]) Mas os que prevalecem são os mais extensos, bipartidos (4 + 5; 5 + 5; 4 + 6; 6 + 4; 5 + 6; 6 + 6), metros que ainda exigem estudo, como se vê dos nomes diversos com que foram e são designados: nonarios; decasyllabos ou hendecasyllabos de gaita gallega; decasyllabos anapesticos; versos de muïnheira; versos de arte maior.[4])

§ 435. Exemplos escolhidos valem mais do que as melhores definições.[5]) Apresento uns vinte: quatro do seculo XIII (No I e II

---

1) Nas *Investigações lingüisticas* é que terei de tratar d'este importante problema. Cfr. *Zeitschrift* XIX, p. 601 onde se pode ver que hesitei. Os hispanismos principaes são: formações com *d, l, n* intervocalico (p. ex. em *sedia; salido, colorado; arena amena mano pino irmana louçana manhana manzana avelana avelanedo avelaneira granado venia*); os pronomes e artigos definidos, simples ou compostos com as preposições *de a*, isto é *el del al; la(s) de la(s) a la(s); lo(s) de lo(s) a lo(s).* Além d'isso *placer facer vayamos.* E poucas mais.

2) Os mais notaveis entre os grupetos em **í-o á-o** são os seguintes: *amigo amado; baiozinho cavalo* (mod. *rocino*); *cinjo trago; digo falo; ferido fossado; florido granado* (mod. *salado*); *garrido louçano* (mod. *galano*); *marido velado* (mod.); *mentido jurado; merino jurado* (mod.); *navio barco; pino ramo; rio alto; rio vado; sabido provado; salido levado; salido passado; velido loado* (ou *louçano*); *virgo d'algo; vivo sano; vivo bravo.* Em **í-a á-a**: *amiga amada; bailia bailada; bevian, banhavan; camisa delgada; dizian cantavan* ou *enmentavan; envia manda; ermida oraga* (mod.); *ferida malhada; ira sanha; queria amava; siia(n) pousava(n); villa casa (praça); velida loada (louçana).* Em **ê-á**: *viver andar; atender aguardar; dizer cantar; ler mar; lezer vagar; parecer semelhar; seer pousar* (*morar*); *tanger sõar; ver mirar; ver falar.*

3) Considero os de redondilha menor como hemistichios.

4) Não é este o logar para discutir a genese do verso de arte maior. Baste a indicação que me inclino a classificá-lo de creação nacional e popular, pertencente a um periodo essencialmente musical em que ainda não imperavam os metros a syllabas contadas, mas antes a rhythmica medição a compassos ou pés, indispensavel em verdadeiras bailadas.

5) Ha-as, de resto, e muito boas em Storck, *Vida e Obras de Luis de Camões*, § 37; Th. Braga, *Poesia Pop. Port.* 2ª ed. p. 144, 153, 161, 179, 293, 354, 402, 405; id. *Canc. Gallego* I, p. XIII; Quadrado, *Asturias y Leon*, p. 355; Menendez Pelayo, *Antologia* III, p. XVIIss. e X, p. 82;

de *Martim Codax,* de Vigo; III e IV de *João Zorro*;[1]) um do sec. XIV que é o *cossante* tantas vezes mencionado do almirante *Diego Furtado de Mendoza,* dançado provavelmente em alguma festa palaciana em volta de uma arvore enfeitada; tres do sec. XV, producções anonymas, que parecem populares, armazenadas no precioso *Cancioneiro Musical* (VI—VIII); quatro do grande Gil Vicente, incomparavel amador e imitador do lyrismo rustico (IX—XII).[2])
Perduraram até este seculo as duas antigualhas asturianas, cujo valor se duplica quando as consideramos nas suas intimas relações com a arte lyrica gallego-portuguesa (XIII e XIV); uns versos infantis da Galliza (XV); duas das apregoadas muïnheiras (XVI e XVII); de Portugal, tambem umas rimas infantis (XVIII); um cantar de berço (XIX); o principio de um cantar colhido em Parada (XX) que classifico de muïnheira; outro de Miranda do Doiro, que está nas mesmas condições (XXI); e para findar mais um dos cantares de Rebordaïnhos (XXII).

I.

1. Quantas sabedes amar amigo,
treides comig' ao mar de Vigo[3])
e banhar-nos-emos nas ondas.

2. Quantas sabedes amar amado,
treides-vus mig' ao mar levado
e banhar-nos-emos nas ondas.

3. Treides comig' ao mar de Vigo
e veeremo'-lo meu amigo
e banhar-nos-emos nas ondas.

4. Treides migo ao mar levado
e veeremo'-lo meu amado
e banhar-nos-emos nas ondas.
(**CV** 888).

II.

1. Ay ondas que eu vin veer,
se mi saberedes dizer
porque tarda meu amigo?[4])

2. Ay ondas que eu vin mirar
se mi saberedes contar
porque tarda meu amigo (**CV** 890)?

Jeanroy, *Origines*, p. 338; Lang, **CD**, p. XCIX ss.; C. M. de Vasconcellos, *Port. Lit.*, p. 150; *Randglosse* XVIII, XIX, XXI, XXII, XXIII; **CA**, Vol. I, p. 557.

1) **CV 168—173, 192, 195, 242, 243, 245, 246, 250, 321, 368, 401, 414, 415, 429, 438, 462, 507, 691, 719, 726, 728, 753, 754, 755, 757, 758, 759, 760, 761, 765, 792—794, 796, 797, 876, 878, 879, 881, 883—890, 902**. São 54, de 19 auctores; 40 apresentam o typo na sua pureza definitiva; 14 afastam-se d'ella (cfr. **CV** 824 e 825); 22 têm a consonancia *ío-áo;* 16 d'esses encerram o appello ao *amigo* o *amado.* — Cf. **CA** 281.

2) Castillejo, Lope de Rueda, Sá de Miranda, Ferreira de Vasconcellos, Frei Agostinho da Cruz, Caminha, Vazquez, Pisador já nos ministraram varias contribuições. Muitas mais podiam sahir das *Rimas* dos mesmos, e das de Valdivielso. Em San Juan de la Cruz, (Ed. Storck, p. 31) ha a divinização livre de uma poesia popular que talvez tivesse semelhança com certo cantar de Parada que principia: *Eu ben sei quen no mar anda.*

3) *Sic.* Eu proponho *salido* como synonymo usual de *levado* (**CV** 760).

4) O refram continuava: *sen mi* . . .

João Zorro.

III.

1. Jus'a lo mar e o rio
 eu namorada irei;
u el rei arma [o] navio,
 Amores, convusco m'irei.

2. Jus' a lo mar e o alto
 eu namorada irei;
u el rei arma o barco,
 Amores, convusco m'irei:

3. U el rei arma o navio
 eu namorada irei;
pera levar[des] a virgo,
 Amores, convusco-m'irei.

4. U el rei arma o barco
 eu namorada irei;
para levar[des] a d'algo,
 Amores convusco m'irei (**CV 759**).

IV.

1. Per ribeira do rio
vi remar o navio
 e sabor ei da ribeira.

2. Per ribeira do alto
vi remar o barco
 e sabor ei da ribeira.

3. Vi remar o navio
u vai o meu amigo
 e sabor ei da ribeira.

4. Vi remar o barco
u vai o meu amado
 e sabor ei da ribeira.

4. U vai o meu amigo,
quer-me levar consigo
 e sabor ei da ribeira.

6. U vai o meu amado,
quer-me levar de grado
 e sabor ei da ribeira (**CV 753**).[1]

Sec. XIV.

Diego Furtado de Mendoza.

V.

A aquel arbol que mueve la foxa
algo se le antoxa.

1. Aquel arbol del bel mirar
faça de manyera flores quiere dar:
 algo se le antoxa.

2. Aquel arbol del bel veyer
faça de manyera quiere florecer:
 algo se le antoxa.

3. Façe de manyera flores quiere dar
ya se demuestra, salidlas mirar:
 algo se le antoxa.

4. Façe de manyera quiere florecer,
ya se demuestra, salidlas a veer:
 algo se le antoxa.

5. Ya se demuestra, salidlas mirar,
vengan las damas las frutas cortar:
 algo se le antoxa.

6. Ya se demuestra, salidlas a veer,
vengan las damas las frutas coger:
 algo se le antoxa (*Canc.* X[1] f. 6).

---

1) Tem o seu logar aqui (em Nota pelo menos) uma referencia ao Cantar dos Judeus, intercalado por Gonçalo de Berceo no *Duelo de la Virgen*, (Estr. 178—191), e considerado pela critica como fragmento de alguma representação pascoal. Nos seus treze distichos, acompanhados do refram *Eya velar!* que é, conforme mostrei, typico dos cantos de vigilias *de romarias*, ha por ventura restos de versões imperfeitamente parallelas. Distingo quatro grupos, formados pelas estrophes 180, 185, 186 (**á-o**), 181 e 183 (**é-o**); 182 e 184 (**é-a**); 187 e 189 (**é-o**).

Sec. XV.

Anonymos.

VI.

Al alba venid, buen amigo,
al alba venid.

1. Amigo el que yo mas queria,
venid a la luz[1]) del dia.

2. Amigo el que yo mas amaba,
venid a la luz del alba.

3. Venid a la luz del dia,
non trayais compañia.

4) Venid a la luz del alba,
non trayais gran compaña.

(*Canc. Mus.* Nº 6).[2])

VII.

Meu amor, dixestes ay
venho a ver como vos vay.

Meu amor tan garrido,
feriu-vos vosso marido:
venho a ver como vos vay.

Meu amor tan louçano,
feriu-vos vosso velado:
venho a ver como vos vay.

(*Canc. Mus.* Nº 50).[3])

VIII.

Meu naranjedo non ten
fruto, mas agora ven:
no-me le toque ninguen.

Meu naranjedo florido
el fruto non lh'è vĩido;
mas agora ven,
no-me le toque ninguen.

Meu naranjedo granado
el fruto non lh'ó chegado;
mas agora ven,
no-me le toque ninguen.

(*Canc. Mus.* Nº 437).[4])

Sec. XVI.

Gil Vicente.

IX.

E se ponerei la mano em vos,
garrido amor?

1. Um amigo que eu havia[5])
mançanas d'ouro m'envia:
garrido amor.

2. Um amigo que eu amava:
mançanas d'ouro me manda,
garrido amor.

3. Mançanas d'ouro m'envia,
a melhor era partida:
garrido amor.

4. Mançanas d'ouro me manda,
a melhor era quebrada:
garrido amor (II, p. 443).[6])

---

1) No original: *al alba.* — l. 10: *traigais.*

2) Cfr. Baist, *Span. Lit.,* p. 424; Hanssen, *Zur Span. und Port. Metrik,* p. 5; Lang, *Canc. Gall. Castelhano,* Nº LXXI, em versão gallega.

3) Lang, Nº LXXII deixou inalterado o vulgarismo: *minno.*

4) Lang LXXIII.

5) Talvez: *que eu queria?*

6) *Cantado e bailado pelo moço Lopo que arremeda os da serra.* Cfr. II, p. 425:

Dois açores que eu havia
aqui andam nesta bailia:
um d'elles morirá d'amores.

Cantado por uma pastora da serra.

X.

.Donde vindes, filha
branca e colorida?

1. De lá venho, madre, de ribas de um rio:
achei meus amores num rosal florido!
Florido, mia[1]) filha
branca e colorida.

2. De lá venho, madre, de ribas de um alto:
achei meus amores num rosal granado!
granado, mia filha
branca e colorida (III, p. 270).

XI.

Del rosal vengo, mi madre,
vengo del rosale.

1. A riberas de aquel vado
viera estar rosal granado:
vengo del rosale.

2. A riberas de aquel rio
viera estar rosal florido:
vengo del rosale.

3. Viera estar rosal granado,
cogi rosas con cuidado:
vengo del rosale.

4. Viera estar rosal florido,
cogi rosas con sospiro:
vengo del rosale.

Del rosal vengo, mi madre,
vengo del rosale (II, p. 481).[2])

XII.

1. A serra é alta, fria e nevosa,
vi venir serrana, gentil graciosa.

2. [A serra é alta, nevosa e fria,
vi venir serrana, graciosa garrida,

3. Vi venir serrana, gentil graciosa,
[cheguei-me pera ella com voz maviosa

4. vi venir serrana, graciosa garrida].
cheguei-me pera ella com gran cortesia.

5. Cheguei-me pera ella, com voz maviosa
disse-lhe: ¿quereis companhia amorosa?

6. Cheguei-me pera ella com gran cortesia,
disse-lhe: senhora ¿quereis companhia?

7. Disse-lhe: ¿quereis companhia amorosa?
disse-me: escudeiro, segui a via vossa].

8. [Disse-lhe: senhora ¿quereis companhia?
disse-me: escudeiro, seguide vossa via!] (III, 214.)

Da Tradição oral.

XIII.

Ay [probe] Xuana, [de] cuerpo garrido
ay [probe] Xuana [de] cuerpo galano,
donde le dexas a[l] tu buen amigo?
donde le dexas a[l] tu buen amado?
Muerto le dexo á la orilla del rio
muerto le dexo[3]) á la orilla del vado?
Cuanto me das (y) volveré-telo vivo
cuanto me das (y) volveré-telo sano?
Doyte las armas y doyte el rocino,
doyte las armas y doyte el caballo.

1) No original *enha* que deve ser, aqui e sempre, o monosyllabo *'nha* (abreviatura de *minha,* ou erro por *mha,* ant. orth. de *mia*). — Incompleta, como se vê.

2) Cfr. II, p. 445.

3) Var.: *Dexole muerto.*

No he menester	ni armas ni rocino
no he menester	ni armas ni caballo.[1])

XIV.

„Ay! un galan d'esta villa	ay! un galan d'esta casa
ay! el por aqui venia;	ay! el por aqui llegaba;
ay! diga lo que queria.	ay! diga lo que buscaba.
„Ay! busco la blanca niña,	ay! busco la niña blanca,
la que el cabello tejia,	la que el cabello trenzaba,
que tiene voz delgadita.	que tiene la voz delgada.[2])

XV.

Lagartinho, vai ó furadinho,	Lagartinho, vai ó portelo,
que ven tua nai coa cunca de vinho.	que ven tua nai coa cunca de grelo.[3])

---

1) Vid. Quadrado, *Asturias y Leon*, p. 354; Duran, *Romancero* I, p. LXVI; Milá y Fontanals, *Obras* V, p. 339; *Antologia* X, p. 141. Nesta publicação figura entre os romances castelhanos, como exemplo unico de uma especie em hendecasyllabos de gaita gallega.

2) Dos noventa e seis versos duplos de que consta este mais famoso e popular „romance“ de Asturias na lição ultimamente publicada por Menendez y Pelayo, transcrevo apenas meia-duzia, para que se veja a sua construcção, em mais de um ponto divergente dos outros cantares parallelisticos. A continuação, cheia de phrases e de rimas typicas, é tão desconnexa, „*retahila* que nunca he podido entender“ no dizer de Jovellanos — que o povo derivou do verso inicial o verbo *estavillar* (em sentido real: cantar as trovas da dança-prima; em sentido figurado: fallar desconnexamente, sem coherencia) e chama *trovas* ou *cantigas d'estavillar* a todas as lenga-lengas de disparates. Embora pela extensão e pelo metro o texto mereça figurar nos Romanceiros, não lhe quadra o nome de *romance* porque, na falta dos versos impares sem rima, não é possivel construir os versos longos que caracterizam o genero epico e epico-lyrico. A letra encontra-se em Quadrado, *Asturias y Leon*, p. 355; Duran, *Romancero*, vol. I p. LXVI; Am. de los Rios, *Jahrbuch* III, p. 274; Wolf, *Studien*, p. 240; Menendez Pidal, *Coleccion de Viejos Romances;* Menendez y Pelayo, *Antologia* X, p. 79. Ignoro se a musica foi publicada e não conheço um opusculo de D. José Ortiz, entitulado *El Galan d'esta Villa* (folha volante s. a.). — Ha todavia em verdadeiros romances, vestigios de versões parallelisticas, como já deixei dicto na *Zeitschrift* XIX, p. 610 e na *Rev. Lus.* II, p. 215. — Cfr. Lang, **CD**, p. CXXXVIII. — Exemplos novos andam na *Antologia* X, p. 199:

1°. Santa Catalina, cabellos de oro,	2°. Santa Catalina, cabellos de plata
mataste a tu padre porque era moro.	mataste á tu madre porque era falsa.

e ib. a p. 335:

Mostradme bolisa por donde es el camino?	Mostradme bolisa por donde dó el paso.
Yo os daré a vos anillo de oro fino.	Yo os daré a vos anillo de oro en mano.

3) Basta dizer versos d'esta laia a crianças medianamente espertas para logo acudirem com novas variantes como *~á porta, lá vem teu mano de regar a horta: ~á janela, lá vem tua mana lavar a panela* etc. — Cfr. o ditado português:

Grillinho grillão, sae do buracão!
grillão grillinho, sae do buraquinho!

XVI.

Cando te vexo na beira do rio,
queda o meu corpo tembrando de frio.

Cando te vexo do monte n'altura,
a todo o meu corpo lhe dá calentura.[1])

XVII.

Has de cantar á veira do rio
ó son das olinhas do campo frolido.

Has de cantar á veira do mar
ó son das olinhas que soben e van.

Has de cantar á veira da fonte
que ch'ei de dar peros cozidos no pote.

Has de cantar que ch'ei de dar zonchos,
Has de cantar que ch'ei de dar moitos.

Ay has de cantar, mininha solteira,
ay has de cantar alá na ribeira.[2])

XVIII.

1. Arre burrinho para Samartinho,
carregado de pão e vinho.

2. Arre burrinho para Santo Adrião,
carregado de azeite e pão.

3. Arre burrinho para Santo Aleijo,
carregado de pão e queijo.

4. Arre burrinho para a Mealhada,
sete vintens de levar a carrada.

5. Arre burrinho para Azeitão,
que os meninos já lá vão. Etc.

6. Arre burrinho para Santa Marinha,
carregadinho de boa farinha. Etc.[3])

XIX.

1. O meu menino tem sono,
tem sono e quer dormir;
venham os anjos do ceu
ajudá-lo a cobrir.

2. O meu menino tem sono,
tem sono e quer nanar;
venham os anjos do ceo
ajudá-lo a embalar.

XX.

1. O perdigão pela madrugada
pousa na flor que na rama não pousava.

2. O perdigão pela manhãzinha
pousa na flor que na rama não podia.[4])

XXI.

Bi benir la gaita al cimo del lhugar,
pousei la mie roca i pus-m'a beilar.

Tanto beilei ala porta del forno
tanto beilei que me derũ ũ bolho.

---

1) *Romania* VI, p. 65 Nº 115. — Cfr. Nº 116, 120, 125, 130.

2) Uma galleguinha que em Vigo me cantou os dois distichos primeiros d'esta muïnheira, juntava-lhes o refram: *cantigas d'amor*.

3) Canta-os, ou recita-os cadenciadamente, quem batendo o pé baloiça uma criancinha a cavallo nos seus joelhos.

4) *Podia* deve ser deturpação de *siia*.

Tanto beilei cula gaita galhega,
tanto beilei que me namorei d'eilha.[1])

XXII.

Na ribeirinha ribeira
naquella ribeira.

1. Anda lá um peixinho vivo
naquella ribeira
na ribeirinha ribeira
naquella ribeira.

2. Anda lá um peixinho bravo
naquella ribeira
na ribeirinha ribeira
naquella ribeira.

3. Vamo'-lo caçar, meu amigo,
or' lá na ribeira.

4. Vamo'-lo caçar, meu amado,
or' lá na ribeira.

5. Comeremo'-lo cozido
or lá na ribeira etc.

6. Comeremo'-lo assado
or lá na ribeira etc.

(*Annuario*, p. 22).

Não é verdade que todos estes cantares irmanam com os medievaes, embora lhes falte a concatenação por meio do leixaprem e ás vezes mesmo o refram, e comquanto em parte pertençam a uma esphera intellectual mais baixa, sendo menos lindas de conceito e menos acabadas de expressão?

Para tres pontos, por ora só registados, chamo a attenção dos que se interessam pelo assunto.

As amostras XV, XVIII, XIX são typicas. Não creio que exista alguem que nunca se tenha prestado a entretêr algum innocentinho e a despertar o seu sentimento musical e rhythmico, improvisando variantes d'essas rimas infantis e de outras congeneres como o *cuco da ramalheira*, interrogado por solteiras, casadas e viuvas; as *orvalhadas* de S. João, entoadas por ranchos de romeiras; o *tirolico tico tico;* o *tão balalão morreu o Simão;* o preto-mulato, a vassoirinha, e outros jogos parecidos. Pode dizer-se que quasi não ha rimas genuinamente populares de que exista só uma unica versão.[2])

O segundo ponto é a existencia de *muinheiras* fóra da Galliza, posto que sem este titulo, cuja antiguidade está de resto por provar.[3])

1) Leite de Vasconcellos, *Philologia Mirandesa* II, p. 330s. onde estão impressas em forma de quartetas. É costume dizê-las ás crianças „quando começam a andar". Talvez fazendo-as saltar e pular ou ensinando-lhes algum passo de dança? — Ha muitas variantes gallegas.

2) Todas as collecções de quadras contêm numerosos exemplos. (*Romania* VI, p. 63. No 96, 97 e 98, 125.)

3) As mais antigas que conheço são as que formam um rustico *intermezzo* lyrico na comedia *Mari-Fernandez, la Gallega* de Tirso de Molina, cantado e bailado por serranos e serranas. Mas mesmo lá os seis disticos soltos e sem refram que acompanham a dança — por signal de rudeza bem gallegamente popular — vão sem nome. Quanto ás musicas, por ora não conheço nenhuma que tenha caracter archaïco.

Communiquei a de Miranda do Doiro[1]) e posso apontar mais algumas. Em Tras-os-Montes, tanto em Parada como em Villarandello as raparigas cantam, além do No XX, a moda: *Tres varas tem a minha saia nova* (com variantes notaveis). — A pastoras de Urros ouvi varias das mais picarescas:

Graças a Deus que hoje cozemos:
sete pães fizemos e treze devemos.

Meu maridinho foi-se por prove,
deixou um filho, topou dezanove.
Graças a Deus e a todo-los santos
nem sequer dixo de quem eram tantos.

Vende-me os bois e vende-me as vacas,
mas não me vendas o pote das papas.
Vende-me a cunca e mai-lo cuqueiro,
não me venda-lo meu tabaqueiro.

E as rimas infantis que são senão muinheiras? Em que se differençam do typo?

A ultima e a mais importante das minhas descobertas é que entre as antigualhas de Parada ha uma, intimamente aparentada com um dos cantares antigos de Hespanha, contidos no *Cancionero Musical.*[2]) Quanto ao grau de parentesco é cedo para o estabelecer. Ambas as composições são anonymas e populares; e ambas estão deturpadas; a moderna mais do que a antiga.

Esta ultima diz:

Tres morillas me enamoran
en Jaen
Axa, y Fatima y Marion.

1. Tres morillas tan garridas
iban a coger olivas
y hallabanlas cogidas.

2. Tres morillas tan lozanas[3])
iban a coger manzanas
[y hallabanlas apañadas.]

3. Y hallabanlas cogidas
y tornaban desmaidas
y las colores perdidas.

4. [Y hallabanlas apañadas
y tornaban desmaiadas
y las colores apagadas.][4])

De estribilho servem os ultimos dois versos do refram.

1) Cfr. *Romania* VI, p. 65 No 116 e 117. Ballesteros II, p. 210.
2) No 17.
3) O colleccionador, pouco cuidadoso no que diz respeito á letra das musicas, repetiu este verso, e omittiu o ultimo do tristicho.
4) Tentativa de reconstrucção, minha, que não satisfaz e que dou apenas para completar o eschema.

Em Parada, o primeiro tristicho, unico cujo teor conheço por ora, diz:

As meninas todas tres Marias
foram a colher andrinas,
quando lá chegaram, acharam-nas colhidas.

Creio ser communicação *contada*, e não cantada. A lição *e acharam-nas colhidas* impõe-se; a do 1° verso mal pode ser adivinhada. Será *tres meninas, todas tres Marias?* — Urge reverificar o teor, assentar a melodia, o refram e a continuação. Apenas sei que as tres moças proseguem no seu passeio e chegam sequiosas a uma fonte, *fria e clara* como todas as da poesia, fonte que, de resto, entra numa refundição artistica, arquitectada sobre a base da melodia e do mote popular, e recolhida tambem no *Cancionero Musical.*[1])

Outra modinha, tambem de Parada, pertence ao typo serranil que já citei, por ter sido apanhado por Sá de Miranda, Frei Agostinho da Cruz e Jorge Ferreira de Vasconcellos nas ruas de alguma cidade ou villa minhota, a raparigas que a cantavam em dialogo ou a dois coros com acompanhamento de adufe. E esse typo tem igualmente um representante no *Canc. Mus.*, posto que um pouco afastado. Já conhecemos a letra, aproveitada pelo eremita da Tapada. Em Tras-os-Montes tem caracter sacro pois principia:

Naquella serra nasce uma estrella,
óh minha mãe, deixai-me ir a vê-la.

1. *Naquella serra erguida*
estava a Virge-Maria.

2. *Naquella serra alçada*
estava a Virgem sagrada.[2])

No *Canc. Mus.* é, pelo contrario, mundana:

Gritos daban en aquella sierra
ay madre, quiero-m' ir a ella.

1. *En aquella sierra erguida*
gritos daban a Catalina.[3])

---

1) Nº 18 de *Dº Fernandez.* Ha muito que respigar ahi. O Mote ou thema é identico ao do Nº 17. As seis voltas pertencem a duas paraphrases diversas. As duas primeiras cingem-se ao eschema original (*aaaRR*). As ultimas quatro perfazem uma composição independente, com pretensões artisticas: *abbaaRR*. As rimas *Jaen Marien, bien, dicien, parecien, ver[i]en* devem merecer a attenção de F. Hanssen, na sua empresa de provar a pronuncia *ié*.

2) Desconheço o resto.

3) Nº 401. Creio ter-me encontrado com outras versões, mas não sei dizer onde. Algumas ha que se lhes parecem apenas pelo motivo serranil e pela allocução á mãe; p. ex. a de Pisador:

Aquellas sierras, madre, altas son de subir,
corrian los caños, daban en el torongil.

Madre, aquellas sierras llenas son de flores,
encima d' ellas tengo mis amores.

Deixando assim provada a popularidade de certas composições, em estylo antigo, incluidas na publicação de Barbieri, ponho fim ao exame sobre vestigios de poesia popular gallego-portuguesa archaïca, já tão extenso e ainda tão incompleto.

§ 436. Resumamos o seu conteudo. Provei a continuidade da tradição. — Mostrei quão profundamente enraizados estão os divertimentos lyricos nos costumes d'esta raça conservadora; sobretudo as bailadas de festas e romarias. — Da poesia actual do povo português, gallego e asturiano, tirei argumentos que me parecem decisivos a favor da these que na arte primitiva preponderava o elemento e gosto feminil. — Julgo ter tornado provavel o seu viçoso desabrochar em romanço, nas ribas do Sar, e na bucolica paisagem de Entre Doiro e Minho[1]), — região classica das *pastoraes* ainda na segunda epoca — antes que no ultimo terço do sec. XII a arte provençalesca attingisse a côrte dos monarcas luso-borgonheses. O phenomeno notavel de trovadores aristocraticos e jograes aulicos terem escrito nos seculos XIII e XIV em estylo popular singelissimos cantares em distichos, tristichos (e quadras), que aparentam ser obra de solteirinhas namoradas, expliquei-o pelo favor de que já então fruiam, em todas as camadas sociaes — da rainha até a pastora — os cantos mulheris, em latim e romanço, entoados em festas de igreja e festas profanas por solteirinhas namoradas: cantadeiras profissionaes, damas da aristocracia e burguesia, e raparigas de aldeia, cada uma no seu meio.

Nas imitações palacianas apontei tantos traços, ecos e reflexos da vida peninsular, um cunho tão genuinamente nacional, e feitio tão archaïco, que não creio facil a negação da sua relativa originalidade. Essa parte mais linda do Livro das Donas, comparavel e já comparada pela pureza das linhas e pelo vago da inspiração a composições gregas e germanicas, conservou-se — não sòmente aos meus olhos — quasi livre de influencias provençalescas e francesas.[2])

---

1) Vid. Lang, *Cancioneiro Gallego-Castelhano*, p. 198.

2) Quasi. — A entrada na côrte do jograes gallizianos do superior talento musical e poetico, quer leigos como João Zorro, Lopo, Martim Codax, quer clerigos como Ayras Nunos, explica de um lado o prestigio de que a sua arte chegou a gozar entre os palacianos, e torna comprehensiveis pelo outro lado, certos laivos de cortesania que se notam em algumas das suas composições.

Ellas são transuntos mais ou menos „acicalados" de cantos do povo, no dizer de (Menendez y Pelayo); typos populares, desenvolvidos litterariamente (Braga); imitações artisticas de canções indigenas (Lang),[1] ampliações retocadas de esboços populares,[2] cançonetas ligeiras e graciosas que nada mais devem aos generos provençaes, do que o beneficio de lhes ter aberto o caminho do paço (P. Meyer.[3])

Tanto na outra metade do Livro das Donas, que consta de balletas á francesa, como no Cancioneiro de burlas picarescas e de maldizer, em que todos os moldes se misturaram, e mesmo no Cancioneiro de Amor com as suas canções »em maneira de proençal«, os trovadores e jograes não se subtrahiram por completo á influencia da lyrica popular. Na facil repetição thematica da mesma ideia em todas as estrophes da mesma composição, e no papel preponderante que tambem ahi tem a menina solteira, ha vestigios do costume e gosto gallego-português.

As concordancias de certos themas populares com outros estrangeiros, notadas por Jeanroy, explicam-se pelas origens communs das civilizações neo-latinas, e em parte tambem pela identidade das influencias ecclesiasticas; as divergencias, pela evolução diversa de cada povo, em conformidade com a sua indole e os seus costumes. O mesmo vale das formações rhythmicas e estrophicas. Verdade é que nem mesmo as cantigas em distichos e tristichos com repetições e concatenação de duas versões parallelas, são privativas da Galliza. Ha vestigios isolados do systema na França,[4] na Italia[5] e na Catalunha;[6] semelhanças, muito ao longe, entre Malayos e Chineses.[7] Mesmo o parallelismo de hymnos espirituaes vindos do oriente e psalmodiados nas primitivas igrejas christãs á maneira dos modelos hebraïcos, offerece pontos de contacto, dignos de estudo.

---

1) *Künstlerische Nachbildungen heimischer Volkslieder.*

2) *Verfeinerte Ausgestaltungen volkstümlicher Skizzen* (C. M. de V.).

3) Cfr. Lang, **CD**, p. CXLIV: „O serviço que os Provençaes prestaram a Portugal resume-se no exemplo que deram, abrindo caminho á lyrica popular pelo acto de penetrarem nas aulas regias. . . Só sobre a base ampla de uma lyrica nacional, e graças ao talento poetico e á indole sentimental dos gallegos e portugueses é que a lyrica palaciana provençalesca pôde desenvolver-se viçosa e com aquella originalidade e graça que lhe assegura um logar á parte na historia da poesia medieval".

4) Jeanroy, *Origines*, p. 422.

5) Storck, *Camões*, § 37; Id. *Hundert altportugiesische Lieder*, p. 117—124.

6) *Parnaso Portuguez*, p. 279; *Curso*, p. 83.

7) Th. Braga, *Canc. Vat. Rest.*, p. CI; Lang, **CD**, p. CXLII, Storck, l. c.

Em parte alguma as cantigas parallelisticas tomaram todavia no seio do povo um desenvolvimento robusto como aqui. E o que importa mais é que em parte alguma as creações rusticas entraram nos paços del rei, desassombradas, na sua desataviada elegancia, servindo ahi de modelos a reis, filhos de reis, magnates, e a enxames de poetas de categoria menor.

No penultimo anno do seculo XII el rei D. Sancho I de Portugal enviava, conforme contei, á Ribeirinha, sua amante, o cantar de amigo:

> Ay eu coitada! como vivo
> en gran cuidado por meu amigo.[1])

Ao cabo de alguns lustros, D. Gil Sanches, filho dos dois, cantava no mesmo estylo:

> Tu que ora vẽes de Montemayor,
> tu que ora vẽes de Montemayor,
> digas-me mandado de mia senhor,
> digas-me mandado de mia senhor.[2])

As artificiosas, convencionaes e frias canções, senhorilmente aristocraticas, do Cancioneiro da Ajuda, a cuja elucidação destinei esta obra, aceitas embora como preito e homenagem pelas damas da côrte, não lhes mereciam, por certo, a honra de serem ditas e reditas. Para que esta ambição suprema dos poetas lyricos se realizasse é que elles beberam avidos o nectar aromatico das flores agrestes — creação espontanea das charnecas e das serras patrias.[3])

1) Cfr. p. 593, 628 e 756ss.

2) **CA 332.** — Cfr. p. 528 d'esto Vol.

3) Ondequer que os trovadores introduzem nas suas obras meninas a cantar, os versos que entoam são lindos sons d'amor, do espirito e de forma popular. A p. 880 citei incompletamente os que se acham intercalados em pastorelas artisticas:

1°) So-lo ramo verde frolido
vodas fazen ao meu amigo:
e choran olhos d'amor (**CV 454**).

2°) Ay estorninho do avelanedo,
cantades vos e moir' eu e peno:
d'amores ei mal (ib.).

3°) Que coita ei tan grande de sofrer
amar amigu' e non o ousar veer:
e pousarei so-l'avelanal (ib.)

4°) Pela ribeira do rio
cantando ia la virgo
d'amor:
Quen amores á
¿como dormirá?
ay bela flor.

5°) Venhan as barcas
pelo rio a sabor (**CV 757**).

Do Cancioneiro das Donas alguns reflexos curiosos irradiaram para as paginas aridas do nosso Cancioneiro de Amor. Além das que sahiram da familia reinante, ha quatro do jogral Pedr' Annes Solaz. Uma d'ellas, neutra, cheia de despeito ironico, bem apropriada para ser repetida por labios mulheris, é a que diz:

1. Eu soi la dona velida
que a torto foi ferida ...
ca non ama.

2. Eu sei la dona loada
que a torto foi malhada ...
ca non ama etc.[1])

O distincto investigador francês que tentou derivar todos os cantares com caracter popular de modelos franceses, hoje perdidos, mas por elle engenhosamente reconstruidos por deducção das cantigas portuguesas, conheceu insufficientemente a raça peninsular, a historia da sua civilização, os seus costumes, sua indole, suas cantigas e bailadas. Como nos Cancioneiros modernos da Galliza e de Portugal se lhe deparassem muitissimas banalidades e grossarias, sem vislumbres de poesia, as quaes comparou com a assombrosa fecundidade e ligeireza da musa gaulesa, não quis acreditar que, outr' ora opulenta e inspirada, a musa indigena podesse ter actuado nos poetas cultos, proporcionando-lhes typos, moldes e modelos.

Argumentando assim esqueceu porém que, segundo as suas proprias theorias, a poesia popular archaïca era da nação inteira, tinha collaboradores em todas as classes. Nem considerou que ao par das muitas chatezas metrificadas ha nos Cancioneiros populares poesias de factura delicada e concepção idealmente poetica. Tão pouco metteu em conta os *cantares velhos* dos seculos XV e XVI (motes, letrilhas, *vilancetes*), de um só verso, de dois ou tres. E deixou de calcular que os typos imitados por trovadores e jograes deviam ser os mais gentis: a verdadeira selecta da antiga poesia lyrica nacional. A entrada em *cas del rey* e a acolhida de obras poeticas no repertorio dos artistas aulicos, era franqueada provavelmente só aos melhores compositores e ás suas obras-primas, e não a qualquer cantador da rua.

E disse que algumas são de auctor conhecido: o Nº 3 de *Nuno Fernandes Torneol* (**CV 245**); Nº 4 de *João Zorro* (**CV 757**). Mas isso até condiz bem com as minhas ideias. — Em outras composições falla-se de cantigas d'amigo, cantadas por moças namoradas, vagamente, sem exemplificação. Vid. **CV 321, 867, 868, 866**. Cfr. 278, 751, 757.

1) **CA 281**. — Cfr. 282 – 284.

Índice de Capítulos.

Parte I. Investigações bibliográficas.

Capítulo I.

Pag.

Resenha bibliográfica de escritos relativos aos cancioneiros galego-portugueses, publicados no século XIX, (1818 a 1899) 1

Parte II. Investigações paleográficas a respeito do Códice da Ajuda.

Capítulo II.

História do Códice.

Capítulo III.

Descripção do Codice.

Capítulo IV.

Relações do Cancioneiro da Ajuda com os apógrafos italianos.

Capítulo V.

Os compiladores. — Lista dos Cancioneiros galego-portugueses.

Parte III. Investigações biográficas, históricas e literárias. Os Poetas do Cancioneiro da Ajuda.

Capítulo VI.

Notas biográficas.

Capítulo VII.

Capítulo VIII.

Relações de Portugal e Hespanha com os paises de língua d'óc e língua d'oïl.

Capítulo IX.

A Galiza, centro de cultura peninsular de 800 a 1135. Santiago de Compostela, foco onde desabrochou o lirismo popular galego-português. 769

Pag.

Capítulo X.

Vestíjios de poesia popular galego-portuguesa arcáïca. Sua semelhança com as modernas cantigas do povo. Seu influeso provável na poesia trovadoresca.

Índice alfabético remissivo, acompanhado de algumas notas adicionaes.(*)

Pag.

*Esqueci memorar a escena característica em que Lazarilho de Tormes assiste inopinadamente a um enterro, e ouve uma viuva acompanhar o préstito fúnebre do marido, gritando a vozes: „Marido y señor mio! adonde os me llevan? Á la casa triste y desdichada! á la casa lóbrega y obscura! a la casa donde nunca comen ni beben“ (p. 46 da ed. de 1900). — Cfr. Covarrubias, ed. 1610 s. v.; J. de Castilho, *Lisboa Antiga* VII, p. 233; Freire de Oliveira, *Municipio de Lisboa* I, p. 307; Joaquin Costa, *Poesia Popular Española y Mitologia y literatura celto-hispánica*, p. 281.

* Vid. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos* II 186
e *As Maias, Costumes populares portugueses* 2ª ed. 1904.
Nunca vi a pequenissima edição 1ª (de 1882).

* *Manceba en cabello* ocorre p. ex. nas leis decretadas nas
Côrtes de Valhodolide em 1258 (§ 14).

*Nos *Ensaios Ethnográphicos* de Leite de Vasconcellos
(vol. II 262s.) ha uma duzia de coplas relativas ao mar.

Indice alfabético das cantigas galego-portuguesas integralmente impressas neste Volume*

*Tresladei além d'isso numerosas poesias populares, cantares de amigo e paralelísticos, assim como composições em linguas estranjeiras a p. 484. 486. 517. 789. 790. 831. 832. 849. 852. 853. 857. 862. 863. 869. 875. 876. 901. 906. 907. 908. 911. 914. 915. 918. 919. 920.

Erratas e Retoques.*

Deixo desatendidas as desigualdades tipográficas e ortográficas que não podem causar confusão.

Pagina	Linha	Erros	Correcções
10	30	Tendo se	Tendo-se
11	21	Leon	Leão
11	39	* Ficam reservados para o Vol. III os *Documentos* citados aqui e a p. 100, 3, assim como as Anotações finaes relativas ao Vol. I, e tambem a lista das obras citadas abreviadamente.	
12	16	Neves Portugal	Neves Carvalho Portugal
24	27	traçou	Milá y Fontanals traçou
25	38	Saint-Cire	Saint-Circ
32	31	Varnhagen) . . . restituida	Varnhagen . . . restituida).
	36	Manual	Manuel
49	19	(*aggiunte*)	(*aggiunte*)[2])
51	21	do **CB** do quer	do **CB**, quer
52	16	**CA**;[6]) **189**	**CA**; **189**[6])
	40	Faltam os Nos 138 e 139.	Faltam os algarismos 138 e 139.
53	4	Mas de	De
55	9	palavrus	palavras
58	17	costumeiras	costumeiras,
	18	poesias	poesia
	19	reduzida e baralhada	reduzida, baralhada
65	33	virgem	virgen
68	21	**CV 455**	**CV 466**
80	24	Bertrand	Bertran
82	36	Dias	Diaz
84	25	Fernam Velho	Fernam Velho (p. 123)
88	30	Cathedralico	Cathedratico
	38	do metro ê da	do metro, a da
89	28	*Zum Spanischen und Portugiesischen*	*Zur spanischen und portugiesischen Metrik*
90	10	frances	francês
	20	falha	falta
92	35	no Cap. IX d'este Vol.	no Vol. III
93	28	*Na serra de Siutra a par d'esta terra*	*Na terra de Sintra apar d'esta serra*
	29	(**CV 410**)	(**CV 410**).
97	10	§ 97	§ 97[c].
109	22	como	com o
	14	são nos	são-nos

Pagina	Linha	Erros	Correcções
112	4	§ 110	§ 110[b]
114	17	Brido	Brito
131	27	Nota 154	Nota 1
	30	apartadas	apartados
132	41	organizado	organizado?
134	31	Na falta e prova	Na falta de prova
157	16	§ 136	§ 136[b]
158	34	no Cap. IX	no Vol. III
162	29	**CV 838**	**CV 883**
164	24	como.	como
	25	etc.	etc.,
	26	com o qual	com a qual
181	36	*Quanto a outro jogral *Palha,* anterior de um século, veja-se o Índice remissivo.	
203	19	Erros d'estes	Erros de numeração
206	7	metteu	metteu-o
	12	com a **CA**	com o **CA**
207	31	encerrass	encerrasse
209	17	houve	havia
212	21	na *Livro*	no *Livro*
214	6	accrescentassem	accrescentasse
215	29	(se lhe	(1697, se lhe
	34	coplas do amor	coplas de amor
224	35	A razão	Razão
225	11	emquanto que	emquanto
236	39	p. 32.	p. 23
238	11	chamavam	chamariam
	38	Capítulo IX	Vol. III
	41	o gasto dos imitadores	o gasto de exemplares da parte dos imitadores
241	33	allá	alá
244	15	frandulentamente	fraudulentamente
249	37	*Randglosse XXIV*	*Randglosse XXIII*
252	37	abaexo	abaixo
254	12	Sevilla	Sevilha
261	5	gallaïco-português	gallaïco-português,
262	13	Juan (I)	Juan (1),
270	15	antes	antes,
	19	X. O Cancioneiro achado em Roma.	XII. O Cancioneiro achado em Roma
273	3	XI	XIII
274	18	XII	XIV
278	15	annotava	annotava,
282	1	e Estevam	e temos Estevam
284	17	influença	influencia
291	15	Moniz	Monio
294	18	depara-se-nos com um	depara-se-nos um
302	20	peninsulares	peninsulares,
303	1	Aestamento	testamento
	32	so	só
305	36	já enviuvára	enviuvára

Pagina	Linha	Erros	Correcções
313	7	Os do Portugal	As de Portugal
318	31	patrimonio seu	patrimonio d'ella.
320	18	palacianas	palacianos
324	2	Notas do Vol. I	Notas relativas ao Vol. I
331	4	ou dos	dos
333	33	levaram	levou
346	20	D. João	João
354	38	*A Nota seguirá no Vol. III.	
360	31	Co el mai	Con el mui
363	17	*do rei*	do rei,
	29	em deante	em deante«
370	3	**CV 1501**	**CB 1501**
372	24	conhecida da *Cronica General:*	conhecida:
373	30	Gascoña fueran	Gascoña . . . fueron
376	22	1211²)	1211
	25	mostrei	mostrei.²)
377	12	data anterior	data, anterior,
388	35	monacaes,	monacaes
397	27	Sevilha:	Sevilha;
399	8	Leão o e	Leão e
401	3	comarco	comarca
	4	reinada	reinado
407	31	amor (**CV 667—668**)	amor **CV 667—668**
408	7	velando-o	velando esse nome
419	37	Sic!	Sic.
421	3	devia.	devia (**CB 1550**).
423	24	codice	codice,
436	1	trovador	trovador¹)
441	8	escripta	escripta,
451	15	incitasse,	incitasse
458	43	**CA 10326—10328**	**CA** 10326—10328
463	26	**1258**	1258
467	27	estê]	s'é]
		Tudense l. c. 112	Tudense l. c. 114.
478	7	positivas	positivas,
	23	male	male (**CV 488**)
	39	**CV 491**	**CV 491**;
479	16	qual	e qual
481	23	Marõot	Maroõt
492	4	ilha do Saint Samson	ilha de Saint-Samson
	21	*mehaignie*⁷	mehaignie⁷) —
	27	Galaaz)	Galaaz,
495	8	*Vetula*	*Vetula,*
	18	*lidiça*⁴) *isle de joie,*	*lidiça*⁴) = *isle de joie.*
503	26	trova	trovas
504	2	1217. Ou	1217 — ou
	4	soberano,	soberano
505	16	hispanicas¹)	hispanicas¹),
507	8	este ultimo	Galaaz
513	1	Mem Garcia	D. Garcia Méndez
513	24	Lancelot	Lancelot,

Pagina	Linha	Erros	Correcções
516	26	Gayangos	Gayangos,
	34	Menendez Pelayo	Menendez Pidal
521	3	duas no anno 1259	no anno 1259 duas
526	36	povoações	povoações, chamadas
527	29	elemtos	elementos
528	17	**CA 232**	**CA 332**
	29	Já então	Já quando redigi e trabalho citado
	34	VIII Kal.	VIIII Kal.
529	12	Ruys	Ruy
544	14	se o fosse	se fosse plebeio
545	3	profuno	profundo
556	27	(1316)	(1316),
573	40	p. 12 e 16	p. 306 e 318
594	3	veio	vejo
595	28	Sancho	Sancho;
	39	*Elucidario* 3; v.	*Elucidario* s. v.
603	42	Alfonso XI	Fernando
604	23	canção.	canção:
614	13	terras,	terras
624	21	de vez quando em	de vez em quando
	34 e 35	*As Notas 3 e 4 estão invertidas	
628	36	Saraos	Solaos
641	46	*Trovadores* 263	*Trovadores* p. 263 e Sempere, *Hist. del Luxo*, Cap. VI
642	32	toompadors	trompadors
643	26	epicos [7])	epicos, [7])
645	14	terceira	terceira,
646	10	arar [1])	arar [1]).
	22	tençon	tençon,
653	21	e comprar non vender	e comprar nen vender
656	23	bem se vê	bem se vê,
657	17	pannos [6]) baratos	pannos baratos [6])
659	5	suas	suas,
		agorero [6])	agorero, [6])
660	12	sanccionada	sanccionado
	34	*e os cantares*	*e (os) cantares*
662	35	*chanson*	*Chanson*
664	19	ben-dixi,	*ben-díxi,*
668	32	Não adopto	Em theoria, não adopto
669	31	Zencker	Zenker
673	7	Gaubert	Gausbert
673	22 e 40	Zencker	Zenker
	43	cauallier).	cauallier.
678	37	em	a
680	5 e 6	em tarde	em seguida
	7	seguida que	que
685	20	Biscaia, os Haros	Biscaia, vg. de Haros
696	18	soar	a soar
	25	medievaes	medievaes e modernos
697	26-27	publicado	publicado em 1840.

Pagina	Linha	Erros	Correcções
711	7	Luis IX,	Luis IX;
712	38	*As Notas 6. 7. 8. estão invertidas (7. 8. 6)	
714	10-14	*O trecho está fóra do seu lugar. Pertence á p. 713 onde devia formar o fim do § 379.	
715	33	Sancha	Sanctia
716	30	com um	com o
727	12	cis	cis-
729	21	cruzada	cruzada?
731	17	Abu-Jucuf	Abu-Juçuf
732	26	Abu-Jucuf	Abu-Juçuf
738	15	Temos depois	Temos
744	26	poetava	poetava,
749	6	Montanhagot e não	Montanhagol
	25	Guilhen	Guilhem
766	35	Santarem	Santarem, conforme contei a p. 448,
775	11	Vol. IV	Vol. III
779	13	Coimbra)	Coimbra),
781	15	civilização	civilização,
784	5	incorporação	incorporação da Galliza do Norte
789	32	cantigos	antigos
799	25	annunciado	annunciada
813	23	Igreja da Santiago	Igreja de Santiago
823	41	Ambrioso	Ambrosio
826	38	a p. 268	a p. 268 e 424
833	27	quarenta	cincoenta
836	17	S. Eugenio († 657)	S. Eugenio († 657). *Opera* I 60.
839	2	tornavam	tornaram
841	9	difficeis	difficeis,
848	41	E	É
849	13	parlendas	parlendas e jogos com rimas
850	13	tentados	tentadas
851	13	artas	artes
854	33	3) Vid.	3) Livio XXV, 17. Vid.
862	36	conhocedor	conhecedor
872	31	d'estar.	d'estar.⁴)
886	23	ignaes	iguaes
890	39	sós	sós)
891	42	ronda	*ronda*
895	10	da sexo	do sexo
896	34	*transiit*	*pertransiit*
906	3	presentem	pressentem
909	35	Não alludi por ora	Já alludi a p. 642

Buchdruckerei des Waisenhauses in Halle a. S.